



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
JÚLIO DE MESQUITA FILHO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS  
CAMPUS ARARAQUARA

LETÍCIA NATALY ALMEIDA

**A RECEPÇÃO DO TEXTO CLÁSSICO  
LATINO NO SÉCULO XIX:  
*As Metamorfoses* de Ovídio por António Feliciano de  
Castilho**

ARARAQUARA – S.P.  
2021

LETÍCIA NATALY ALMEIDA

A RECEPÇÃO DO TEXTO CLÁSSICO LATINO  
NO SÉCULO XIX:

*As Metamorfoses* de Ovídio por António Feliciano de  
Castilho

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de mestre em Estudos Literários.

**Linha de pesquisa:** Relações Intersemióticas

**Orientador:** Prof. Dr. Brunno V. G. Vieira

**Bolsa:** CNPq

ARARAQUARA – S.P.

2021

A447r Almeida, Letícia Nataly  
A recepção do texto clássico latino no século XIX : as  
Metamorfoses de Ovídio por António Feliciano de  
Castilho / Letícia Nataly Almeida. -- Araraquara, 2021  
762 f. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientador: Brunno Vinícius Gonçalves Vieira

1. Literatura clássica. 2. Recepção de textos antigos. 3.  
Tradução poética. 4. Metamorfoses de Ovídio. 5. António  
Feliciano de Castilho. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LETÍCIA NATALY ALMEIDA

**A RECEPÇÃO DO TEXTO CLÁSSICO LATINO NO  
SÉCULO XIX:**

*As Metamorfoses* de Ovídio por António Feliciano de  
Castilho

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

**Linha de pesquisa:** Relações Intersemióticas

**Orientador:** Brunno Vinícius Gonçalves Vieira

**Bolsa:** CNPq

Data da defesa: 23/07/2021

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Brunno Vinícius Gonçalves Vieira  
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto  
USP – Universidade de São Paulo

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho  
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

---

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

Aos meus pais Márcia e José  
Ao meu irmão Douglas

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo apoio financeiro concedido à esta pesquisa e às anteriores, de Iniciação Científica, que foram fundamentais para a minha formação.

À instituição UNESP e aos funcionários do campus de Araraquara, sem os quais esse caminho seria muito mais custoso. Agradeço o suporte e atenção, por sempre estarem dispostos a ajudar com solicitude e sorrisos sinceros.

Ao Prof. Dr. Brunno Vieira, orientador desde o segundo ano de graduação, por todo o suporte durante esses anos de pesquisa. Agradeço por ter me apresentado a essa importante área dos estudos da tradução que é a recepção tradutória, por ter me apresentado Castilho José e a sua *Farsália* e, sobretudo, por ter confiado a mim este tesouro que é o manuscrito da tradução de Castilho António para as *Metamorfoses*. Sou grata por todo o incentivo e reconhecimento.

Ao Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto, banca de qualificação, pelo entusiasmo mostrado durante o exame e pela atenciosa leitura deste trabalho, cujos apontamentos foram fundamentais para a elaboração desta versão final.

Ao Prof. Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos, banca de qualificação, pela valiosa contribuição acerca do Romantismo Português, que pôde elucidar diversos pontos do gesto tradutório de Castilho.

Ao Prof. Dr. Emerson Cerdas, por ser sempre tão solícito e ter demonstrado tanta boa vontade em me ajudar nos momentos de ansiedade e preocupação. Sou grata por cada leitura e contribuição.

Aos professores João Batista, Leandro Cardoso e Márcio Thamos, docentes de Língua e Literatura Latinas, que tanto me ensinaram nessa jornada e que puderam transformar a minha inocente curiosidade de graduanda pelos estudos clássicos em paixão.

À Ana Carolina Lemes, maior presente da universidade e que levarei para o resto da vida. Sou grata por todos os trabalhos em conjunto, todas as conversas, todas as risadas, todas as cervejas e cafés – quando ainda era possível – e, enfim, por todas as trocas. Acompanhar o seu voo me alegra muito e que ele seja cada vez mais alto!

À Bianca Leite, Caroline Chel e Luiz Ribeiro, amigos de longa data, por esse reencontro que me fez e faz tanto bem em tempos tão difíceis. Vocês, para mim, são presente, passado e futuro! Que possamos seguir caminhando juntos e criando boas memórias, com essa leveza e solidariedade de sempre.

A toda a minha família e, em especial, aos meus pais Márcia e José, pelo amor e apoio incondicionais. A vocês dedico todas as minhas conquistas, pois sem essa base tão sólida de um amor sem limites, nada disso seria possível. Vocês são inspiração, são exemplo e, por isso e todo o resto, sou e sempre serei grata.

Ao meu irmão Douglas, a pessoa mais racional que conheço, por essa conexão que extrapola nós dois. Por ser sempre essa presença que ilumina os caminhos e torna tudo mais familiar. Por ter me aguentado desesperada com prazos e perda em leituras e, mesmo assim, sempre conseguir me arrancar boas risadas.

Ao Luiz Zague, companheiro de vida e de projetos, por ser esse pleno e constante ponto de paz. Por sempre me ouvir e me incentivar, por estar sempre disposto a me apoiar de todas as formas possíveis, por ter me ensinado tanto sobre a vida e sobre a beleza de caminhar de mãos dadas em uma mesma direção. Com você tudo fica mais leve e mais calmo.

A todos os ouvintes do Ágora Mitológica, esse projeto que muito me orgulha, por terem fornecido, a cada play e a cada comentário de reconhecimento, o gás que às vezes me faltava.

Enfim, a todos com quem pude me conectar durante essa jornada. Se é verdade que sempre deixamos um pouco de nós com os que cruzam o nosso caminho, tive a sorte de deixar muito de mim por aí e a recompensa de carregar cada pessoa especial, cada troca, comigo.

## **ERRÂNCIA**

Só porque  
erro  
encontro  
o que não se procura

só porque  
erro  
invento  
o labirinto

a busca  
a coisa  
a causa da procura

só porque  
erro  
acerto: me  
construo.

Margem de  
erro: margem  
de liberdade.



## RESUMO

Poema em quinze livros, as *Metamorfoses*, de Ovídio, é uma obra de grande unicidade no paradigma da poesia épica da Antiguidade. Levando em conta sua autenticidade e a sua importância para a literatura clássica latina, esta obra possui diversas traduções em língua portuguesa, sendo a mais conhecida, ainda que parcial, aquela feita por Bocage. Sabendo que António Feliciano de Castilho considerava Bocage um importante predecessor e mestre no empenho de traduzir a obra ovidiana – fato que é indicado pela incorporação dos fragmentos traduzidos por Bocage em sua própria tradução integral –, é possível enquadrar sua obra junto àquelas que seguiam a vertente tradutória *elmanista*, termo cunhado no meio acadêmico em alusão ao pseudônimo árcade de Bocage. Esta versão castilhiana da obra de Ovídio atinge alta qualidade literária e foi parcialmente editada em 1841 pela Imprensa Nacional de Lisboa, tendo os cinco primeiros livros publicados em um primeiro Tomo. A continuação da obra foi tida por muito tempo como perdida. Preservada em manuscritos encontrados na Biblioteca da Torre do Tombo, a tradução, ainda inédita após tanto tempo, é o objeto de pesquisa deste projeto, que pretende prover um estudo contextual acerca da recepção da obra latina por Castilho, seguido da transcrição dos livros, abrangendo os já publicados e os ainda inéditos por meio de princípios e métodos de crítica textual e ecdótica. A escolha pela forma de edição fez-se pensando no público-alvo e, por isso, optamos por apresentar o texto editado de duas maneiras diferentes, ou seja, em versão diplomática (com aparato genético integrado) e atualizada conforme o estágio atual da língua portuguesa. Embora já tenha existido em sua completude – Castilho revela, no prefácio da edição publicada, tê-la finalizado em 9 de setembro de 1833 –, a tradução que nos chega em mãos apresenta significativas lacunas nos quatro últimos livros, decorrentes de um Tomo manuscrito desaparecido. No entanto, como afirma Júlio de Castilho, editor prévio do manuscrito que compõe o nosso *corpus*, trata-se de um trabalho “tão importante, que faz quase esquecer as lacunas” (CASTILHO, 1907, fl.09).

## ABSTRACT

Poem in fifteen books, the *Metamorphoses*, by Ovid, is a work of great uniqueness in the Latin epic poetry paradigm. Considering its authenticity and its importance for classical Latin literature, this book has several translations in Portuguese, and the best known, albeit partial, is the one made by Bocage. Knowing that António Feliciano de Castilho considered Bocage an important predecessor and master in the effort to translate this Ovidian work – a fact that is indicated by the incorporation of Bocage’s fragments in his own full translation –, it is possible to frame his work with those that followed the “elmanista” translation strand, a term coined in the academic world in reference to Bocage’s pseudonym. This version of the Ovidian work by Castilho achieves high literary quality and was partially edited in 1841 by the Lisbon National Press, with the first five books published in a first volume. The continuation of the work was considered for a long time to be lost. Preserved in manuscripts found in the Torre do Tombo Library, the translation, still unpublished after so long, is this project’s research object, which aims to provide a contextual study about the Latin book’s reception by Castilho, followed by the transcription of the books, covering those already published and those still unpublished through Textual Criticism and Ecdotic principles and methods. The choice for the editing form was made with the target audience in mind and, therefore, we chose to present the edited text in two different ways, that is, in a diplomatic version (with integrated genetic apparatus) and an updated one according to the Portuguese language current stage. Although it already existed in its entirety – Castilho reveals in the published edition’s preface that he had finished it on September 9, 1833 –, the translation that arrives in our hands presents gaps in the last four books, on account of a missing manuscript. However, as stated by Júlio de Castilho, pre-editor of the manuscript that makes up our corpus, it is a work “so important, that it almost forget the gaps” (CASTILHO, 1907, fl.09).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>I.</b>	
<b>ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO: O AUTOR, O TRADUTOR E PROCEDIMENTOS TRADUTÓRIOS</b>	<b>22</b>
<b>I. 1. CASTILHO: UMA CRONOLOGIA LITERÁRIA</b>	<b>23</b>
<b>I. 2. AS VERTENTES TRADUTÓRIAS DO SÉCULO XIX</b>	<b>39</b>
<b>I. 3. A VISÃO CASTILHIANA ACERCA DA TRADUÇÃO</b>	<b>46</b>
<b>I. 4. ENFIM, “A NATUREZA E O FADO” DE CASTILHO</b>	<b>60</b>
<b>II.</b>	
<b>AS <i>METAMORFOSES</i> E A <i>METAMORFOSE</i> CASTILHIANA: O ORIGINAL E A TRADUÇÃO</b>	<b>63</b>
<b>II. 1. APONTAMENTOS INICIAIS</b>	<b>64</b>
<b>II. 1.1. DA ELEGIA À ÉPICA: A CARREIRA LITERÁRIA DE OVÍDIO</b>	<b>66</b>
<b>II. 1.2. UM ÉPICO <i>SUI GENERIS</i>: A CONSTRUÇÃO DA UNICIDADE DAS <i>METAMORFOSES</i></b>	<b>70</b>
<b>II. 2. APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO</b>	<b>78</b>
<b>II. 2.1. IMITAÇÃO OU REVERÊNCIA? O PROCEDIMENTO DE COLAGEM DOS VERSOS BOCAGIANOS</b>	<b>89</b>
<b>II. 3. O GESTO TRADUTÓRIO DE CASTILHO: ANÁLISE DE TRÊS MITOS</b>	<b>98</b>
<b>II. 3.1. O MITO DE DAFNE E APOLO: RUPTURA ELEGÍACA</b>	<b>98</b>
<b>II. 3.2. O MITO DE NARCISO: A PRESENÇA DA ELEGIA</b>	<b>107</b>
<b>II. 3.3. O MITO DE ÁRACNE: A TRAMA DO <i>CARMEN PERPETUUM</i></b>	<b>119</b>
<b>II. 4. A TRADUÇÃO COMO <i>METAMORFOSE</i></b>	<b>132</b>
<b>III.</b>	
<b>CRÍTICA TEXTUAL: DEFINIÇÃO, MÉTODOS E CRITÉRIOS PARA A EDIÇÃO DO MANUSCRITO DA TRADUÇÃO CASTILHIANA PARA AS <i>METAMORFOSES</i> DE OVÍDIO</b>	<b>135</b>
<b>III. 1. A CRÍTICA TEXTUAL</b>	<b>136</b>
<b>III. 1.1. O QUE É A CRÍTICA TEXTUAL? APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS</b>	<b>136</b>
<b>III. 2. A CRÍTICA TEXTUAL NA HISTÓRIA E SEUS MÉTODOS</b>	<b>143</b>
<b>III. 3. O TRATAMENTO DO MANUSCRITO DAS <i>METAMORFOSES</i>, DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO</b>	<b>149</b>
<b>III. 3.1. APRESENTAÇÃO DO MANUSCRITO</b>	<b>149</b>
<b>III. 3.2. CRITÉRIOS DE EDIÇÃO</b>	<b>153</b>

<b>III. 3.3. DESCRIÇÃO DO MANUSCRITO</b>	<b>161</b>
<b>III. 3.4. MAPEAMENTO DE ANOTAÇÕES MARGINAIS</b>	<b>168</b>
<b>IV.</b>	
<b>TRANSCRIÇÃO DO MANUSCRITO</b>	<b>173</b>
AS METAMORPHOSES DE PUBLIO OVIDIO NASÃO: POEMA EM QUINZE LIVROS VERTIDO EM VERSO PORTUGUEZ POR ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.	174
ADVERTÊNCIA DOS EDITORES	175
LIVRO I	183
LIVRO II	228
LIVRO III	279
LIVRO IV	329
LIVRO V	397
LIVRO VI	444
LIVRO VII	481
LIVRO VIII	526
LIVRO IX	573
LIVRO X	615
LIVRO XI	651
LIVRO XII	692
LIVRO XIII	704
LIVRO XIV	718
LIVRO XV	736
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>751</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por um de seus objetivos somar com as pesquisas na área da recepção de textos clássicos latinos por autores portugueses do século XIX. A pesquisa, que vem sendo desenvolvida desde a Iniciação Científica<sup>1</sup>, pôde demonstrar a importância da releitura destas traduções para a consolidação de uma teoria e tradição tradutórias em língua portuguesa, bem como a decisiva relevância do contexto, não apenas para a sua produção, mas também para a recepção dos textos clássicos traduzidos. Além disso, o trabalho presta-se à finalidade de elaborar uma edição da tradução de António Feliciano de Castilho para as *Metamorfoses* de Ovídio, obra ainda parcialmente inédita e conservada em manuscritos na coleção de Júlio de Castilho, na Torre do Tombo, em Lisboa (Cx 35 M.1 N.1). Trata-se de um projeto que se situa, assim, no limiar entre os estudos literários clássicos, os estudos filológicos e a teoria da tradução.

Desta maneira, na primeira parte deste trabalho, nos ocuparemos do essencial resgate dos textos traduzidos nos séculos passados, hoje menos revisitados e pouco acessíveis, por se tratar de uma preocupação fundamental para a área de pesquisa em tradução. Esse resgate, ainda que pouco abrangente e bastante esparso em língua portuguesa, não é de hoje: tem sido feito gradualmente ao longo da nossa tão menosprezada história da tradução em língua portuguesa. Já em 1862, Marquês de Resende, em nota à tradução de António Feliciano de Castilho para os *Fastos* ovidianos, afirma a necessidade de que “se publique pela nossa prensa, hoje tão melhorada, uma coleção completa dos autores clássicos, na qual os originais sejam corretos, e as versões em português fiéis e acompanhadas de notas instrutivas” (RESENDE *apud* CASTILHO, 1862, p.496), similares àquelas francesas como a Panchoucke e Didot, bastante disseminadas na época. Do enorme inventário feito por Resende acerca das traduções clássicas levadas a cabo, até então, em língua portuguesa, encontra-se a tradução integral das *Metamorfoses* por António Feliciano de Castilho, apenas parcialmente publicada em 1841 pela Imprensa Nacional de Lisboa.

Passados mais de cem anos da constatação do Marquês de Resende, quando a tradução e a sua história começam a se delinear como disciplina, José Paulo Paes reconhece, em seu

---

<sup>1</sup> Na Iniciação Científica, com fomento do CNPq, trabalhamos com o manuscrito da tradução de José Feliciano de Castilho para a *Farsalia* de Lucano, depositado na biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. No decorrer de dois projetos, foram feitas as transcrições fac-similares e diplomáticas, bem como estudos tradutórios acerca dos Cantos I e VI.

capítulo “A tradução literária no Brasil”, que as dificuldades para a criação desta “coleção completa dos autores clássicos” em língua portuguesa permaneciam, ainda, as mesmas, pois

[...] o reduzido número de bibliotecas públicas existentes entre nós, a par da pobreza de seus acervos e da deficiente catalogação deles, são limitações por demais conhecidas para que seja preciso insistir no assunto. Basta lembrar que tais limitações se agravam no caso do livro traduzido, comparativamente ao livro de autor nacional. É fácil compreender que seja dada a este maior atenção do que àquele e [...] não tenho notícia de nenhum levantamento histórico, abrangente e seletivo, das traduções literárias publicadas no país. (1990, p.9)

Se essa falta reputada em 1862 se manteve até 1990, é nítido que, contemporaneamente, passados 30 anos, houve certo aumento tanto da preocupação com o resgate dos acervos de traduções antigas para a constituição de uma história da tradução, como das reedições desses textos traduzidos. Nesse ínterim, há diversos trabalhos dignos de nota, que ilustram de maneira bastante evidente o crescente interesse por traduções antigas e sua recepção na contemporaneidade. Esse é o caso da obra *Lírica e Lugar-comum*, de Francisco Achcar, que traz diversas traduções de autores antigos, como Filinto Elísio, Almeida Garret e André Falcão; da reedição da tradução bocagiana das *Metamorfoses* pela editora Hedra em 2000, prefaciada por João Angelo Oliva Neto, tão bem recebida que foi brindada com uma segunda edição em 2007; deste mesmo autor, destaca-se a obra *O Livro de Catulo*, que traz, além de um primoroso trabalho tradutório, uma antologia de traduções dos poemas de Catulo feitas por Garrett, Castilho, Fernando Pessoa, Francisco Achcar, entre outros; e a tradução das *Bucólicas* por Raimundo de Carvalho, que traz apontamentos acerca da tradução de Odorico Mendes. Poderíamos citar ainda mais iniciativas de resgate a traduções antigas, mas, para esta introdução, estas bastam.

Mesmo levando em conta a expressiva melhora no trato desse acervo de traduções antigas e as reedições de textos clássicos, há ainda importantes lacunas a serem preenchidas. Suprir uma dessas faltas é o que pretendemos empreender: se a tradução integral das *Metamorfoses* ovidianas, feita por um dos grandes nomes da tradução no contexto do romantismo português, permanece inédita após 187 anos (sabe-se que a tradução foi finalizada em 9 de setembro de 1833), é forçoso revisitá-la e trazê-la à luz. António Feliciano de Castilho, ademais de ser autor de vasta e reconhecida obra – com algumas ressalvas, que se explicitarão no decorrer deste trabalho –, foi também de extrema importância para a tradução da literatura clássica em seu tempo. Apesar disso, tanto suas traduções como suas obras autorais foram sendo esquecidas com o passar dos anos por conta das violentas críticas que sofreu com a chegada de novas estéticas literárias em Portugal. Teófilo Braga – importante nome não apenas do cenário literário português, como também no meio político – afirma que

A reputação do Sr. Castilho acaba com a sua vida; é a luz que se apaga consigo; nenhum dos seus livros vai à posteridade, porque a posteridade, sempre impassível, aceita somente o que exerceu uma influência sobre uma época. (BRAGA *apud* FERREIRA&MARINHO, 1985, p.340)

Introduzir este trabalho, fruto de tantas horas de dedicação, com uma crítica tão dura a Castilho pode parecer desacertado, mas tem suas razões de ser. Este apontamento foi publicado em uma intervenção de título “As Teocracias Literárias: Relance sobre o Estado Atual da Literatura Portuguesa”, no jornal lisboense *Tipografia Universal* em novembro de 1865. O próprio título da intervenção já diz muito: define-se como teocracia a uma sociedade governada por um líder religioso, tido como representante de deus. O cenário literário oficial desta época era, também, governado por um líder que, ainda que não religioso, acumulava tanto poder que ditava as regras do que era aceito como “bom-gosto literário”. Este quase-deus era António Feliciano de Castilho, que, quando o artigo foi publicado, já contava com 65 anos de idade. Trata-se de apenas uma de muitas intervenções críticas à atuação de Castilho no cenário das letras e, apesar de bastante crua e violenta, compartilha de uma opinião defendida por muitos dos autores que surgiam e se consolidavam na época. Não nos esqueçamos de que o ano de 1865 é marcado pela efervescência da Questão Coimbrã, que acirrou as discussões acerca da poesia da época e de seus futuros caminhos.

A ausência de suas obras nas estantes contemporâneas é prova suficiente de que esse esquecimento previsto por Teófilo Braga, se já era verdadeiro – ao menos em parte – em sua época, continua sendo atualmente, após dois séculos de separação. No entanto, contrariamente ao que afirma a ferrenha crítica do autor da *Visão dos Tempos*, não se pode negar que a obra castilhiana, antes do marco dessa grande batalha literária que foi a Questão Coimbrã, teve grande influência nos autores de seu tempo. Herculano, um dos mais importantes nomes do romantismo lusitano, considera Castilho “o maior poeta português dos nossos dias” (HERCULANO, 1986, p.193). Mudanças tão abruptas na apreciação da obra literária de Castilho é que tornam tão custoso entender o que relegou um autor, antes tão renomado, ao quase desaparecimento e esquecimento no cenário dos estudos literários de nossos tempos. Salgado Júnior, ao refletir sobre o poeta, exprime com estranheza a sua situação:

Creio que será difícil encontrar em qualquer época da história literária portuguesa, ou mesmo de outra nação, um caso tão estranho como é este de Castilho. Uma longa série de equívocos, próprios ou alheios, se estende em cadeia sem fim [...]. Anda nisto tudo uma espécie de comédia dos enganos, que cada vez se embrulha mais, até chegar a situações absolutamente paradoxais. E o pior é que tal comédia se não desenrola na lógica do cómico para chegar a um remate feliz. Não: só aparentemente é que é comédia, – pois que se pode descobrir que, enquanto a comédia dos enganos se desdobra, há um personagem que está, sem disso ter consciência, a desenvolver um papel

trágico, – e essa personagem é sempre Castilho. [...] Se isto não é, de facto, uma farsada trágica, não sei que nome dar às vidas que se erram (SALGADO JÚNIOR, 1947, p. 52-53).

E o que seria essa “comédia de enganos” se não a reputada teocracia literária – para usar o termo cunhado por Teófilo Braga – na qual Castilho figurou, conscientemente, como chefe? Conscientemente porque, como apresentaremos mais detidamente no decorrer deste trabalho, Castilho tinha em mente a criação de uma escola clássica, afastada das exagerações do romantismo sentimental e da politização do romantismo social, que vinha se formando paulatinamente já há algum tempo. Sua obra, apesar de ter parecido e ainda parecer extemporânea<sup>2</sup>, visava à manutenção dos pressupostos neoclássicos e, conseqüentemente, da dicção da Antiguidade Clássica. Trata-se, acima de tudo, de uma tentativa infrutífera para a renovação de um estilo que já se encontrava em vias de dissolução, sobrevivendo apenas academicamente graças aos prolongamentos levados a cabo por ele e seus partidários para a renovação da arte clássica<sup>3</sup>.

O tradutor das *Metamorfoses* parece, então, ter mergulhado em uma espécie de “exaltação egolátrica” que o fez “imaginar-se o Papa das Letras” (FERREIRA, 1985, p.83). Paradoxalmente, é a sua posição de destaque no seio da literatura oficial a responsável por seu trágico esquecimento: sendo ele um nome influente no cenário acadêmico, bem como um ferrenho crítico da “nova geração” de escritores que surgiam no enalço de Antero de Quental, tê-lo na mesma mira dos ataques revolucionários que fervilhavam na literatura portuguesa da época significa atacar, de uma só vez, todo um grupo de autores que defendiam a conservação de um estilo e dicção clássicos na poesia. Cabe ressaltar que não era, no entanto, Castilho e seu classicismo que estavam em pauta, mas o que ele representava, ou seja, uma sociedade na qual os escritores, dominados pelas exigências da literatura oficial e acadêmica, tinham de trocar a sua independência de criação e de crítica pela palma da burguesia.

Para o entendimento da recepção da literatura clássica latina por Castilho, apresentamos um estudo detido e abrangente acerca da sua produção e do seu contexto. Seu percurso autoral

---

<sup>2</sup> O termo é utilizado por Castelo Branco Chaves, em seus *Cadernos da Seara Nova*: “na história do pensamento democrático em Portugal, cabe um lugar a Castilho. Sua extemporaneidade arcaica é um “caso de sensibilidade estética” e não um “caso de retrogradamento ou ausência de ideias”. Nele são as preferências literárias que são obsoletas e o que o divorcia da sua época não é o pensamento nem a ideologia, mas a sua incompreensão e inadaptação ao Romantismo” (CHAVES, 1935, p.25-26).

<sup>3</sup> “[...] o estilo corresponde apenas à infrutífera tentativa de renovar um significante em vias de dissolução ou já absolutamente esgotado. Estão nesse caso as literaturas academizadas, quer estas se inspirem nos modelos clássicos, quer estas adiram ao novo conteúdo romântico. [...] A sobrevivência acadêmica do estilo observar-se-á também nos prolongamentos inúteis ou estéreis da renovação da arte clássica, de que é exemplo frisante a obra de Castilho” (FERREIRA, 1985, p.21-22).



– seja literário, prefacial, crítico, jornalístico ou pedagógico – pode oferecer importantes pistas para a compreensão de seu gesto tradutório.

Reduzindo-nos, por hora, apenas ao âmbito literário, observa-se que em suas primeiras criações autorais, há nítidas reminiscências do neoclassicismo: são obras que, pautadas na máxima neoclássica de “cortar o inútil” (*inutilia truncat*), prezavam pela simplicidade e pelo equilíbrio. Mais tarde, buscando enquadrar-se à estética que tomava corpo na produção portuguesa e influenciado por Herculano – com quem, até então, mantinha relações amistosas –, dá a lume as obras *A Noite do Castelo* e *Os Ciúmes do Bardo*, em 1836, com o objetivo de imitação da corrente herculaniana do ultrarromantismo. No entanto, sua adesão à estética do romantismo não se sustenta para além destas duas obras e, a partir de 1841, Castilho assume uma postura cada vez mais reservada em relação a este romantismo sentimental. Isso explica o porquê de, apesar de ser considerado como um dos precursores e mais importantes nomes do romantismo português, não haver nenhum historiador da literatura portuguesa que “[...] ao ter de situar Castilho num dos grandes grupos designados por Classicismo e Romantismo, não hesite, não tergiverse ao classificá-lo. Em boa verdade, a estética de Castilho não foi nem clássica nem romântica, mas sim um ponto de contato entre o post-classicismo e o romantismo”. (CHAVES, 1935, p.41).

É neste mesmo ano que começam a se evidenciar os seus esforços em direção à uma meta clássica, e, então, passa a dedicar-se à tradução de autores clássicos. Sua primeira empreitada é esta grandiosa tradução, objeto primeiro deste trabalho: publica, em 1841, o primeiro tomo – que acabou por ser o único publicado – de sua tradução para as *Metamorfoses*, contendo os cinco primeiros livros ovidianos vertidos em decassílabos. Sua escolha métrica, para além de revelar respeito à tradição épica nacional – os *Lusíadas* camonianos são escritos em decassílabos –, dá-se também por sua ânsia de levar a cabo a tradução episódica feita por Bocage, que incorpora em sua tradução integral. A presença deste poeta árcade em sua tradução nos revela muitos aspectos a respeito de suas concepções de linguagem e tradução, elucidadas na seção 2 do capítulo “As *Metamorfoses* e a metamorfose castilhiana: o original e a tradução”.

Nesse sentido, pode-se recorrer às reflexões acerca da retradução propostas por Berman, ainda que seu estudo seja posterior à atividade de Castilho. Em artigo publicado na revista *Palimpsestes* em 1990 – denominado “A Retradução como Espaço da Tradução”<sup>4</sup> – Berman aborda a problemática da retradução a partir de dois aspectos fundamentais: a insuficiência e o

---

<sup>4</sup> *La retraduction comme espace de la traduction*. In: *Palimpsestes*. N. 4. Presses Sorbonne Nouvelle, Paris: 1990. Disponível em: <<http://palimpsestes.revues.org/596>>.

*kairós*. Sabendo que a insuficiência é definida a partir da incapacidade e da resistência ao traduzir, é nas primeiras traduções de determinada obra que a insuficiência está em seu grau máximo. Castilho parece ter consciência disso ao discorrer, no longo prólogo da edição de 1841, acerca das traduções anteriores à sua, apontando as suas falhas e faltas. Bocage é o único autor em língua portuguesa que, em seu projeto tradutório para a obra ovidiana, ainda que episódico e parcial, não recebe críticas de Castilho. Ao expor estas limitações, o nosso tradutor parece colocar-se na posição de mitigá-las por meio de uma nova tradução: sabendo que o que impede a tradução bocagiana de constituir-se como uma “grande tradução” – no dizer bermaniano (BERMAN, 2017, p.266) – é o fato de ela não ser integral, Castilho apropria-se deste projeto precedente para concluí-lo. Se em toda retradução bem sucedida domina certa abundância – “riqueza de língua, extensiva ou intensiva, riqueza da relação com a língua do original, riqueza textual, riqueza de significante, etc” (*Ibidem*) – Castilho parece ter atingido o sucesso, como buscaremos elucidar no decorrer deste trabalho.

O segundo aspecto fundamental da retradução é o *kairós*, o momento favorável. Sendo uma categoria temporal, está intimamente relacionado com a história, mas também mantém forte vínculo com o impulso tradutor. Não se pode esquecer que, para compreender o *kairós* de uma tradução, não pode haver uma limitação apenas a determinações literárias e socioculturais de superfície (*Ibidem*, p.267). Trata-se de um aspecto bem mais profundo: não podemos afirmar que a tradução de Castilho para as *Metamorfoses* respondia a uma necessidade histórica do Portugal do século XIX que, neste momento, estava no auge do romantismo. Mas, se refletirmos sobre a formulação de seu estilo, observaremos que a tradução obedecia à sua determinação pelo resgate da dicção clássica por intermédio das grandes obras da Antiguidade. Além disso, Portugal passava pelo processo de instauração liberalista, que fez com que o espaço cultural português fosse dominado pelo pensamento francófilo. Surgiram, então, diversas manifestações que iam ao encontro da valorização nacional, em que diversos autores se debruçaram na problemática da tradução. Nesse ínterim, as traduções de Castilho não eram consideradas como meras transposições idiomáticas, mas como criações que poderiam se sobrepor aos originais e, mais ainda, restaurar a pureza da língua portuguesa frente aos volumosos galicismos que se instauravam no vocabulário da época. Lembremos que, em sua época, a tradução era considerada como um gênero literário independente e original e, por isso, ao abordarmos sua atividade tradutória, buscamos utilizar teorias contemporâneas a sua atividade<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Castelo Branco Chaves afirma que: “pobre de imaginação, quer quanto à psicologia, quer quanto à ação, o nosso Romantismo peca, afinal, pelo mesmo que este artista tão rico em dotes expressivos, mas tão pobre de imaginação e fantasia. Daí o êxito, voga e até triunfo das suas traduções, não consideradas como simples transposições

Há indícios de que esta tradução foi esperada em sua época: em abril de 1841, em um texto não assinado da revista *O Panorama* de título “Tradução das Metamorfoses pelo Sr. Castilho”, Herculano nomeia, dentre os autores clássicos que devem ser relidos e traduzidos, o nome de Ovídio, “o mais perfeito modelo da poesia romana” (p.128) e afirma que “o seu tradutor [é] o poeta que melhor pode entender não só a língua, o que é o menos, mas o pensamento, mas a forma, mas a cor do original” (*Ibidem*). Ademais, de acordo com Júlio de Castilho, a publicação dos cinco primeiros livros de sua tradução “figuraram, no dizer dos entendidos, puristas e latinistas (ainda os havia), como indiscutível obra-prima. Fidelidade, elegância, altiloquia, estilo, opulência de linguagem, têm tudo” (CASTILHO, 1907, fl.5). No entanto, a publicação da tradução integral nunca aconteceu, apesar de Castilho ter revelado, no prefácio de sua tradução para os *Fastos* ovidianos, que “há vinte e um anos se deram à estampa os primeiros cinco livros, vão agora entrar incessantemente na forja para saírem completas de uma vez” (CASTILHO, 1862, p.LII). Isso de fato se deu: Júlio de Castilho aponta, em sua “Advertência” à compilação do manuscrito da tradução de seu pai, que um ano após esta declaração, de 30 de junho a 5 de julho de 1863, Castilho tornou a emendar e enriquecer o manuscrito da tradução do livro sexto, porém, deixou-o inédito como o restante.

Restam, então, os manuscritos. O que nos chega em mãos é uma reprodução fac-similar do caderno que contém a tradução dos quinze livros das *Metamorfoses*. Apesar de manuscrito, o texto já se apresenta em uma edição prévia – que chamaremos, neste trabalho, de “pré-edição” –, feita pelo editor Júlio de Castilho (1840-1919), jornalista, poeta e escritor português, filho do autor da tradução, António Feliciano de Castilho. Este é o encarregado da compilação e das apresentações (advertências) das *Obras Completas* em 80 volumes, publicadas entre 1903-1914 (SANTOS, 1980, p.249). Entende-se, portanto, que as emendas e correções apresentadas no manuscrito não são autógrafas e representam as operações de reescrita elaboradas pela leitura e entendimento do editor, e não do autor. É importante ressaltar que a pré-edição de Júlio, finalizada em 1907, não necessariamente indica a pretensão de dar à luz, finalmente, essa tão esperada obra, mas sim a intenção de organizá-la. Na “Advertência dos Editores”, conhecemos como se conservavam os trabalhos tradutórios de Castilho:

Num livro em branco, e não em folhas soltas, se ia lançando tudo quanto Castilho ditava, original ou tradução. Logo de manhã, ao começar a tarefa, escrevia-se à margem a data do dia, e arquivavam-se, com altibaixos, indecisões, e emendas, os versos que o poeta ia compondo sentado na sua poltrona, deitado no seu sofá, ou passeando de canto a canto. [...] Se o espírito

---

idiomáticas mas como criações sobrepostas aos originais, o que levava os seus admiradores a escreverem que Castilho nos dava um Tartufo português, uns *Fastos* portugueses e nacionalizava as obras primas que traduzia. Era ainda a tradução considerada como um gênero literário independente e original.” (CHAVES, 1935, p.43-44)

de Castilho variava de obra, declarava-se no ponto da interrupção. Segue a diante na página tantas. Assim, cada volume destes apresentava num seguimento cronológico o registo fiel da produção, e a sua diversidade de assuntos, conforme as veleidades ou o estado d'alma do autor. (CASTILHO, 1907, fl.2)

Este método gerava volumes antológicos e desorganizados. Destes “armazéns de matéria prima” – como é referido pelo editor – refundiram-se diversas obras, incluindo as *Escavações Poéticas* (1844) e a sua tradução parafrástica para os *Amores* ovidianos (1858). Em 1853, José Feliciano de Castilho, em uma breve estadia por Lisboa, planejou uma edição completa das obras de seu irmão e, para tal finalidade, trouxe para o Brasil alguns tomos desses manuscritos. Neste extravio, perdeu-se um dos volumes que continham trechos de sua tradução ovidiana, sem os quais a obra ficou lacunar em importantes passagens dos três últimos livros das *Metamorfoses*. Porém, é certo que a obra existiu em sua completude: Castilho revela tê-la concluído em 9 de setembro de 1833. O próprio Inocêncio Francisco da Silva, em seu monumental *Dicionário Bibliográfico Português*, testemunha o seu conhecimento da finalização da tradução, ainda inédita, nestes termos: “constando que existe o manuscrito dos dez restantes livros em poder do Sr. Castilho (José) no Rio de Janeiro” (1972, p. 132). Porém, também é certo que a obra já não existia completa em agosto de 1856, quando se fizeram, no Rio de Janeiro, as cópias para a organização deste material. O editor revela que “de tão colossal cometimento literário, uma das obras primicias de Castilho, eis pois o que sobrenadou neste temporal desfeito; é tão importante, que faz quase esquecer as lacunas. Imprimi-lo é dever, e alto serviço à Literatura da nossa terra. Cumprimo-lo” (CASTILHO, 1907, fl.9).

Ainda que tardiamente, podemos dizer que o objetivo do presente trabalho é cumprir esse “alto serviço à Literatura” há tanto esperado. Para tal, foi fundamental um estudo abrangente sobre as disciplinas da Crítica Textual e da Edótica. Levando em conta o fato de não haver tanto prestígio na tradição, em língua portuguesa, de publicar trabalhos teóricos neste domínio, optamos por oferecer um breve estudo acerca da história da Crítica Textual e seus métodos na terceira parte deste trabalho, para que, assim, ele possa ser útil para novas empreitadas de recepção de textos latino-portugueses que se utilizem da Crítica Textual como metodologia. Além disso, apresentamos nesta mesma parte a descrição exaustiva da nossa fonte primária e dos nossos critérios de edição.

Desta forma, diante do exposto, esta dissertação divide-se em quatro partes. Na primeira delas, apresentamos: 1) aspectos da cronologia literária de Castilho, que pôde oferecer pistas para o entendimento de suas empreitadas tradutórias; 2) dados contextuais sobre a tradução no

século XIX, enquadrando Castilho e sua vertente tradutória em contraste com o que se entendia por tradução em sua época; e 3) a visão castilhana acerca da tradução.

A segunda parte abrange estudos acerca das particularidades do original latino e as opções tomadas pelo tradutor para mantê-las – ou não – em sua tradução. Neste capítulo, expomos: 1) alguns breves apontamentos sobre a carreira literária de Ovídio e sobre as *Metamorfoses*; 2) apresentação da tradução de Castilho com o respaldo de alguns trechos significativos; 3) apontamentos sobre o procedimento de colagem da tradução episódica de Bocage na tradução integral castilhana como uma forma de homenagem ao seu predecessor e 4) estudo sobre os episódios de Apolo e Dafne (Ov. *Met.* I, 452-567), Narciso e Eco (Ov. *Met.* III, 339-510) e Aracne (*Met.* VI, 1-145) com o objetivo de oferecer alguns elementos da vasta fortuna crítica referente às *Metamorfoses* simultaneamente ao estudo de alguns aspectos da tradução de Castilho.

A terceira parte compreende estudos a respeito da crítica textual, englobando: 1) apontamentos introdutórios sobre a área de atuação da crítica textual e da edótica; 2) a história da consolidação desta área de conhecimento como disciplina e a evolução de seus métodos; 3) a descrição do códice da tradução das *Metamorfoses* e os nossos critérios de edição; e 4) um mapeamento das anotações marginais encontradas ao longo de todo o códice.

Finalmente, a quarta parte do trabalho corresponde à apresentação de nossas transcrições – diplomática e atualizada – para todos os livros ovidianos traduzidos por Castilho, incluindo a “Advertência dos Editores” que figura no início do manuscrito e as notas de compreensão, de autoria de Castilho António e presentes nos cinco primeiros livros.

**I.**

**ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO: O AUTOR, O TRADUTOR E  
PROCEDIMENTOS TRADUTÓRIOS**

## ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO: O AUTOR, O TRADUTOR E PROCEDIMENTOS TRADUTÓRIOS

Mas não acabo eu de cometer uma grande imprudência, fazendo vibrar a corda do amor perto de homens que pretendem dormir na falsa segurança do ódio? Sim, mas tal é a natureza e o fado do Poeta: independente, conservando alguma cousa de sua altiveza silvestre e primitiva, prefere divagar pelos rochedos ermos e à beira dos precipícios a curvar-se na planície para colher alguns frutos por baixo de plantas rasteiras.

(CASTILHO, 1847, p.264)<sup>6</sup>

### I.1. CASTILHO: UMA CRONOLOGIA LITERÁRIA

António Feliciano de Castilho – também conhecido como Castilho António e Visconde de Castilho – nasceu em Lisboa no despontar do século XIX, no dia 26 de janeiro de 1800. Demonstrava, desde muito cedo, interesse pela leitura e pela escrita, principalmente pelas letras eruditas. Uma fatalidade, entretanto, o acomete aos seis anos de idade: um ataque de sarampo o deixa cego. A despeito disso, aos dezesseis anos de idade, alcançou certa notoriedade com a publicação de um *Epicédio na Morte da Augustíssima Senhora D. Maria I Rainha Fidelíssima* e, também aos dezoito, com o poema *A Faustíssima Aclamação de S. M. o S. D. João VI ao Trono*. Com a ajuda do irmão Augusto Frederico de Castilho, quase da mesma idade, forma-se em Cânones pela Universidade de Coimbra<sup>7</sup>, de onde datam as suas primeiras experiências literárias em moldes arcádicos<sup>8</sup>. Autor de uma vasta e variada obra, Castilho publicou seus poemas dos 16 aos 63 anos de idade e, com seus versos, recebeu reconhecimento como um dos mais importantes poetas de seus dias<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Optamos por atualizar a ortografia das citações aqui apresentadas com o fim de aproximar o autor do público contemporâneo.

<sup>7</sup> Nos primórdios da existência da Universidade de Coimbra, eram lecionadas as faculdades de Direito Civil, Direito Canónico, Gramática, Lógica, Filosofia Natural e Medicina. Segundo arquivos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, “o magistério do direito, segundo os “Estatutos Velhos”, dividia-se entre as duas Faculdades jurídicas existentes: a de Cânones, onde se dava a conhecer o *Corpus Iuris Canonici*, e a de Leis, onde se explicavam os preceitos contidos no *Corpus Iuris Civilis*. A Faculdade de Cânones compreendia sete cadeiras que faziam ressaltar a importância atribuída ao estudo das Decretais. Na Faculdade de Leis, o elenco das oito cadeiras professadas constituía uma projeção exata das diferentes partes em que a Escola dos Glosadores sistematizara a compilação justinianeia”. Mais tarde, foi extinta a Faculdade de Cânones, passando a Faculdade de Leis a designar-se Faculdade de Direito.

(Disponível em: < [https://www.uc.pt/fduc/faculdade/a\\_nossa\\_historia/historia\\_2](https://www.uc.pt/fduc/faculdade/a_nossa_historia/historia_2)>)

<sup>8</sup> Estas, juntamente com outras experiências literárias, foram publicadas posteriormente em sua coletânea *Novas Escavações Poéticas*, de 1844.

<sup>9</sup> Alexandre Herculano, em sua apreciação da segunda edição da obra *A Primavera*, afirma que “quando as vagas dos séculos tiverem passado muitas vezes por cima dos sepulcros da geração que ora vive: quando a posteridade tiver feito inteira justiça ao maior poeta português de nossos dias, darão as duas *Primaveras* argumento para o julgar” (HERCULANO, 1986, p.193).

A primeira fase de sua produção literária, como acima mencionado, enquadra-se no movimento neoclássico. Sobre este movimento literário, é importante ressaltar dois aspectos: o primeiro deles é o fato de que os artistas desta época eram nitidamente influenciados pelo ideário iluminista; o segundo é o fato de que este movimento literário apresenta certas particularidades bastante significativas no contexto português, especialmente em seu momento de transição à estética romântica. Isso porque, em Portugal, a nova tendência romântica – tanto estética como filosófica – encontrou dificuldades ao se deparar com um ensino exclusivo e bastante difundido da doutrina neoclássica<sup>10</sup>. De acordo com Luís Maffei:

O neoclassicismo em Portugal, é sabido, tem no híbrido Bocage o nome de referência. Se o poeta mais importante da transição portuguesa do neoclassicismo ao romantismo é neoclássico e romântico, posso supor que o século XIX em Portugal não escapa de ao menos uma característica muito bem-vinda: em Portugal, talvez tenha sido, em parte graças à herança bocagiana, mais difícil que noutros lugares do mundo, Brasil inclusive, ser-se romântico sem certo tom clássico e vice-versa. (MAFFEI, 2014, p.41)

Outro nome bastante importante neste cenário de transição entre o Neoclassicismo e o Romantismo é Filinto Elísio, considerado por muitos como o liquidador do último classicismo português (MEDINA RODRIGUES, 1977, p.18-19). Nesta época, o impulso renovador do autor, ou seja, a libertação do verso estritamente clássico, influenciou grandes precursores românticos – como, por exemplo, Almeida Garret –, bem como foi alvo de ferrenhas críticas, como é o caso de Castilho<sup>11</sup>, sobre o que discutiremos mais detidamente na seção 3 (Cf. p.45-59) deste capítulo.

A obra castilhiana, nesse momento, prezava pela simplicidade e pelo equilíbrio, pautando-se na máxima neoclássica *inutilia truncat* (“corta o inútil”). Nestes moldes literários, publica as *Cartas de Eco e Narciso* (1821), obra que serviu como um introito à sua consagração acadêmica; *A Primavera* (1822), que traz em seu prólogo a revelação de ter sido escrita tendo em mente seu “bom amigo Ovídio” e *Amor e Melancolia* (1828). Nesta época, para além do

<sup>10</sup> “A força da lei instituída “oficializou”, mediante a importância dada à Retórica e a extensão de sua imposição no ensino, a mesma orientação que, três anos antes, a Arcádia Lusitana escolheu para emblema: *inutilia truncat*. [...] toda a fundamentação dessas teorias assenta numa base clássica” (ROCHA, 2013, p.20). Tâmara Kovacs Rocha é uma referência com a qual dialogamos, porque seu excelente estudo sobre a recepção da *Iliada* no oitocentismo português, orientado por João Angelo Oliva Neto, possui intersecções relevantes com algumas de nossas reflexões sobre o contexto literário e sobre as próprias estratégias tradutórias do período.

<sup>11</sup> “Filinto conseguiu, com seu horacianismo e seu vigoroso cultivo da língua, e sobretudo com seu exílio irônico e voluntário, cativar a mocidade romântica. Sua poética, obsessivamente voltada para a pesquisa de uma nova dicção, representa o ponto de inflexão do classicismo português, provocado primeiramente no seio do comodismo arcadizante para irromper em paródia da escola elmanica, cuja produção daria o norte a todo o artificioso romantismo arcadizante que reassomaria com Castilho, por oposição ao de Garrett, de confessada filiação filintista. Filintismo e elmanismo, garrettismo e castilhismo não seriam senão os efeitos homólogos e antagônicos de uma mesma crise ideológica [...]” (MEDINA RODRIGUES, 1977, p.19).



molde nitidamente clássico e de inspiração greco-romana de sua produção, funda a *Sociedade dos Amigos da Primavera* – também chamada *Sociedade dos Amigos das Letras* –, uma espécie de arcádia estudantil destinada a divulgar esta estética literária.

Pouco tempo mais tarde, durante uma estadia em Lisboa, conhece a nova tendência literária que surgia, aos poucos, em Portugal: o Romantismo. Em termos gerais, o movimento romântico constituiu-se como movimento literário autônomo por decorrência da conjuntura social e política que se desenvolvia em toda a Europa ocidental<sup>12</sup>. Ele surge de uma situação revolucionária provocada pela rebelião da burguesia e das classes baixas contra a ordem política que os regia – o sistema monárquico-feudal – e, ainda, pela revolta resultante da ausência de resultados advindos de revoluções burguesas. Em Portugal, consolida-se como movimento literário autônomo por volta de 1834, quando da vitória da burguesia sobre as instituições monárquico-feudais, e pode ser dividido em três momentos: o primeiro deles desenvolve-se entre os anos de 1820 e 1840; o segundo, entre 1840 e 1860; e o terceiro desenvolve-se paralelamente com o realismo e não apresenta uma data de término fixada. É importante ressaltar que, antes de ser formalizado e teorizado, o movimento romântico manifesta-se, em partes, espontaneamente, em razão do fato de ser fruto de uma situação histórica. E é por isso que há, em sua primeira fase, autores que combinam aspectos clássicos com as novas formas advindas do romantismo, sem haver, portanto, um programa definido ou um esquema rígido e previamente elaborado.

Tal fato desfaz a recorrente oposição entre a literatura clássica e a romântica, já que não houve – não apenas em Portugal, mas em toda a Europa ocidental – um romantismo completamente contrário ao classicismo. Isto porque, dentre os precursores do novo movimento, há escritores de nítida adesão iluminista, como é o caso de Garrett, Herculano e Castilho, e esta adesão é tida como o principal aspecto a partir do qual se definem os clássicos. Estes três autores, responsáveis pelas primeiras manifestações do romantismo em terras lusas, não pautavam sua produção apenas na publicação de obras características do movimento, mas também na tentativa de educar as massas burguesas<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Tâmara Kovacs Rocha aponta a importância das traduções de obras europeias para a consolidação do romantismo em Portugal: “Com as lutas liberais do princípio do século XIX inicia-se uma mudança social, cultural e literária em Portugal. Conceitos e práticas românticos se encorpam cada vez mais por meio de traduções e adaptações das principais obras europeias da época, que terão circulado em exemplares ilegalmente importados por muito tempo, e o salão da Marquesa de Alorna, juntamente com os artigos do periódico *O Investigador Portuguez* em Inglaterra, teriam sido participantes nessa transição, apesar de, para Saraiva, ser Bocage o melhor representante da crise do estilo e gosto arcádicos” (ROCHA, 2013, p.22-23).

<sup>13</sup> “As primeiras manifestações do movimento romântico encontramos-as em duas ordens de fatos: na publicação de obras características desse movimento, e na tentativa de educar as massas burguesas e de formar os quadros de elite. Garrett situou-se particularmente no campo da educação estética consagrando-se à criação duma elite

O que surge é uma espécie de arte iluminista revolucionária que buscava dissolver alguns valores clássicos tradicionais para alcançar uma nova fase literária que, a princípio, se concretizou em uma forma de neoclassicismo para, posteriormente, transformar-se e constituir os pressupostos do primeiro romantismo. Sendo, então, ambos os movimentos fruto da mentalidade iluminista, o que ocorre é uma espécie de mediação, uma capacidade dos autores em selecionar aspectos importantes do passado para dar cabo da revolução literária que começava a se esboçar<sup>14</sup>. Um importante ponto de contato entre as ideias neoclássicas – já pré-românticas – e a nova doutrina estética que ganhava corpo em Portugal diz respeito ao tratamento dado aos afetos. De acordo com Tâmara Kovacs Rocha (2013):

Ao determinar as finalidades da eloquência, os teorizadores eram unânimes em salientar que o *movere* se revestia do maior relevo para a transformação dos afetos, cujo tratamento constitui um dos mais fortes e interessantes traços de união entre certos aspectos do Seiscentismo e os valores que, aceitos e respeitados pelo pré-romantismo, constituirão as linhas essenciais do desenvolvimento do Oitocentismo, sobretudo depois que a difusão das leituras francesas começou a divulgar a progressiva valorização do sentimento (p.22).

Delinea-se, paulatinamente, uma maior valorização dos afetos “de modo a destinar o discurso menos a ensinar (*docere*), do que a comover (*mouere*)”, o que se constitui como “um contributo de inegável importância para a renovação trazida pelo pré-romantismo que se aproxima” (*Ibidem*). Isso desfaz mais uma recorrente oposição que se coloca entre clássicos e românticos, qual seja, a prevalência do sentimento sobre a razão, a rebeldia contra o racionalismo clássico estritamente organizado. Embora tenha de fato ocorrido uma reação contra a estética clássica e suas regras, não é isso o que define a arte romântica. Ao menos em sua primeira fase, observa-se que há um reaproveitamento de certas doutrinas para a formação de uma arte nova, não mais aristocrática – como ocorria no classicismo – mas burguesa e, como tal, refletora dos valores desta classe.

Apesar disso, não será essa linha estética pautada no reaproveitamento do ideal iluminista a corrente romântica predominante em Portugal em seu momento de consolidação, mas sim aquela teorizada por Herculano e comumente referida como a segunda fase romântica

---

intelectual (Conservatório, Teatro Nacional). Herculano pugnou pela instrução popular (de composição burguesa) e pela formação dum jornalismo enciclopedista que fornecesse à opinião pública (aos que liam, já se vê) os instrumentos necessários para a compreensão dos problemas artísticos, políticos e sociais. Nesta última instância se irá também destacar António Feliciano de Castilho. O papel deste escritor terá muito mais significado no campo pedagógico e jornalístico do que propriamente no desenvolvimento da arte romântica” (FERREIRA, 1985, p.20-21).

<sup>14</sup> [...] no movimento romântico distinguem-se duas atitudes em relação à fase anterior, correspondente à cristalização do classicismo, que praticamente começa na primeira metade do século XVII e alcança o seu apogeu em meados do século XVIII. Na verdade, alguns românticos realizam o hábil aproveitamento das concepções impostas pelo iluminismo e fazem-no movidos por determinações ideológicas. (FERREIRA, 1971, p.10)

ou ultrarromantismo. Aqui, é nítida a valorização dos afetos e o repúdio dos elementos doutrinários em que se pautava o romantismo iluminista de Garrett: enquanto os iluministas revolucionários procuravam conservar alguns valores aristocráticos e situá-los à nova época, os subjetivistas românticos negam toda a objetividade; perde-se aquele caráter racional – herdado dos filósofos das Luzes – e adere-se àquela visão de mundo pautada pelo apelo ao passado e ao lirismo contemplativo, sob a influência irracionalista da literatura alemã, por vezes, denominada de ultrarromantismo.<sup>15</sup>

Castilho experimenta, então, seus versos nesta nova estética e dá a lume *A Noite do Castelo* e *Os Ciúmes do Bardo*, em 1836. Foi considerado, graças a estas obras, um dos precursores do romantismo e um dos mais importantes nomes de sua primeira fase, juntamente com Almeida Garrett (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1877). A linha herculaniana de inspiração alemã é bastante evidente tanto nos poemas como em seus prefácios, e o objetivo de imitação romântica é explicitamente declarado no prólogo. Porém, Castilho o faz “sem abjurar do clássico” e afirma que “ama e venera os clássicos com que se criou”<sup>16</sup>, colocando-se, assim, em uma posição neutra em relação à antinomia entre clássicos e românticos.

Essa neutralidade castilhiana é, apesar de não o aparentar, uma afirmação bastante romântica, já que reforça a prerrogativa da independência na criação literária. Para o autor de *A Noite do Castelo*, a qualidade e a adequação de uma obra literária residem nos sujeitos e em suas genialidades, para além de apenas levar a cabo o cumprimento dos pressupostos de uma estética literária. Cabe ressaltar, entretanto, que a atuação e influência de Castilho para a consolidação deste romantismo é bastante variável e contraditória, pois sua criação literária concentrava-se, em geral, na conservação do classicismo, e os aspectos fantasmagóricos do

---

<sup>15</sup> “Cumpro, enfim, interrogar os fundamentos ideológicos desta predisposição egotista, sentimental e contemplativa da arte romântica que antecede (e influi) o surto do romantismo social cuja afirmação mais típica se verificará na geração de 1869/65. Ao que me parece é lícito agora concluir que o que se designa por ultrarromantismo corresponde ao repúdio dos elementos doutrinários, estéticos e morais que vigoraram no romantismo iluminista de Garret e de seus predecessores” (*Ibidem*, p.92).

<sup>16</sup> “Amo, e venero os clássicos, com quem me criei: aprazem-me, e maravilham-me algumas das obras românticas: aqui há porventura mais natureza, lá porventura mais arte; aqui mais ousadia, e lá mais delicadeza; lá mais esmero e lustre, e cá enfim mais desenvoltura e arrojo [...]. Cometi sim compor um poema romântico, mas não abjurei o clássico. Não sou trãsfuga dos velhos para os novos arraiais; mais depressa como explorador os entrei. Verdadeiramente não sou eu hoje nem de uns, nem de outros; e isto por duas razões: a primeira por amar em tudo minha independência; a outra por me não ter a natureza dotado com as forças grandíssimas, que se requerem para militar constante e vitorioso, quer nestas quer naquelas falanges. Neutral sou: com romanos e gregos palestros, se me apraz; se mais me contenta, visto as armas, e debaixo das ameias feudais venho como desta vez tentar fortuna; se me ela desamparar, não volverei a campo, e não serei o primeiro nem o último, a quem sua confiança haja burlado. Misto portanto de um e outro é o estilo; a frase, as imagens, as comparações já de um, já de outro dão ares: a nenhum invoquei; só ouvi o meu particular gosto: pude talvez a espaços pisar alheios vestígios, porém me preso de ter sido sempre eu mesmo e não outrem” (CASTILHO, 1847, p.X).

romantismo foram explorados apenas nestas duas obras. Segundo Alberto Ferreira, não se pode deixar de notar

a influência de Alexandre Herculano na breve adesão romântica de Castilho. Se é verdade que os *Ciúmes do Bardo* podem representar o resultado duma experiência sentimental diretamente observada e sentida pelo poeta, o mais certo, porém, é esse livro, com *A Noite do Castelo* (de tema artificial e artificioso, separado duma temática vivida), constituir uma tentativa de imitação das correntes que Herculano defendia e que largamente praticou em *A Harpa do Crente* (publicado dois anos depois, em 1838). (1985, p.69)

Seus versos românticos e ultrarromânticos, como bem afirma Alberto Ferreira, diferenciam-se daqueles dos outros dois precursores: Castilho não produz versos patrióticos, capazes de refletir politicamente a sociedade da época por não acreditar ser “possível arrastar multidões com poesia” (CRUZ, 2017, p.115). É por isso que, um ano mais tarde – em 1837 – em pleno cenário romântico, publica uma segunda edição de *A Primavera*, que contava com diversos paratextos<sup>17</sup> para justificar a escolha por temas como a exaltação da natureza e o amor. Sabe-se que os paratextos, principalmente os prólogos e prefácios, constituem-se em um lugar privilegiado para uma estratégia de ação sobre o público, já que pode conduzir o leitor a uma melhor e mais direcionada recepção do texto ao qual se prende (GENETTE, 2009, p.10). Desta maneira, levando em conta que o autor revela estar ciente da inadequação da reimpressão de uma de suas primeiras obras autorais no cenário romântico que se impunha no Portugal da época<sup>18</sup>, Castilho discorre longamente acerca de sua escolha, demonstrando estrategicamente que a sua posição neutra acerca da querela entre clássicos e românticos – expressa já no prefácio de *A Noite do Castelo* e *Os Ciúmes do Bardo*, um ano antes dessa reimpressão – começava a ceder à preferência pelo clássico. Em tom angustiado, logo nas primeiras páginas, questiona-se: “[...] quando poderão os dois monstros, em cujas garras inespertamente caí, quando poderão Política e Romantismo dar-me um longe, uma sombra, dos interiores cômodos que me lá ficaram com a poesia natural e singela?” (CASTILHO, 1903, p.18).

Além disso, sendo o seu objetivo uma tomada de posição, que marca a sua luta pela prevalência das estéticas clássicas sobre as românticas, Castilho expõe de maneira bastante

---

<sup>17</sup> A terminologia genettiana é definida como a relação que “o texto propriamente dito mantém com o que se pode nomear simplesmente seu paratexto: título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; release, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende” (GENETTE, 2010, p.15).

<sup>18</sup> “Sai pois o presente livro por todos os modos extemporâneo, já porque a estação nem é deles nem para eles, já porque lhe faleceram dias para amadurecer e sazonar, e já porque dos que lhe tomarem o sabor, uns o taxarão de temporão, outros de serôdio, sendo que uma e outra coisa é ele, e demais a mais peço, segundo a planta que se criou” (CASTILHO, 1903, p.27)

explícita a sua preferência por essa obra em detrimento de seus experimentos românticos, chegando a afirmar que “se tivesse filhos e filhas a quem dar criação, sei que enquanto não pudessem ler Gessner, e seus bons imitadores estrangeiros, lhes daria *A Primavera*; e já não digo o mesmo das *Cartas de Eco*, e muito menos da *Noite do Castelo* e *Ciúmes do Bardo*” (*Ibidem*, p.51). Observa-se, então, que o poeta nunca deixou de ser influenciado pela literatura clássica greco-latina, fato indicado tanto em suas reedições como no grande volume de traduções clássicas por ele assinadas no decorrer de sua vida. Esta prevalência dos clássicos, todavia, não é exclusiva da obra de Castilho, já que, como afirma Tâmara Rocha,

a despeito da clara adesão ao romantismo, abundam traduções e artigos críticos acerca de clássicos greco-romanos e arcades, e poemas nos quais predomina a estética neoclássica, dentre eles as traduções dos clássicos greco-latinos. É patente que, independentemente de estarem conectados com a produção contemporânea, [os autores] estavam ainda bastante interessados em traduzir poemas latinos, dedicar encômios aos poetas clássicos, e estudar poetas da corrente neoclássica, que também se dedicaram aos clássicos greco-latinos (ROCHA, 2013, p.293).

Castilho assume, a partir de 1841, uma postura cada vez mais reservada em relação a este romantismo sentimental. É neste ano que se evidenciam os seus esforços em direção à uma meta clássica, o seu regresso à educação greco-latina e arcádica e, enfim, o fim de sua breve adesão à corrente seguida pela nova geração sob influência de Herculano<sup>19</sup>. No prefácio da sua tradução para as *Metamorfoses* ovidianas, dada a lume neste mesmo ano, o autor apresenta-se explicitamente como amante e seguidor dos pressupostos da literatura clássica greco-latina e afirma que “muitos, vendo-me sair em 1841 com uma obra desta nas mãos, pararão, a olhar com estranheza [...] perguntar-me-ão se não sei que já o Mundo velho se acabou” (CASTILHO, 1841, p.XXXI). Algumas linhas à frente, ele mesmo desfaz este estranhamento ao afirmar que “ainda as pazes solenes se não pregoaram no Mundo literário; mas, a grande guerra entre Clássicos e Românticos, acabou” (*Ibidem*). Observa-se que é a partir deste momento que o posicionamento de Castilho passa a uma total – e explícita – fidelidade à literatura romana e à neoclássica tradicional. Examinando a dissonância de Castilho e a sua evolução artística e intelectual após a publicação de *A Noite do Castelo* e *Os Ciúmes do Bardo*, pode-se concluir que não foi ele o mestre do sentimentalismo exacerbado que será criticado, posteriormente, pelos jovens escritores coimbrãos de 1865.

<sup>19</sup> “Nesse ano de 1841 Castilho governava-se com decisão para a meta clássica, revertia à sua educação latina e arcádica, afastava-se, aos poucos, dos caminhos seguidos pela nova geração influída por Herculano, Lamartine e Victor Hugo, Byron, Schiller, Klopstock, Tieck ou Schlegel” (FERREIRA, 1985, p.73).

Inicia-se, em 1842, uma nova fase na cronologia de Castilho: trata-se de um período de engajamento social, na qual o poeta opta por uma espécie de pausa na sua produção poética inédita. Porém, cabe ressaltar que a sua influência no campo cultural e popular tem início muito antes, desde a sua atuação na “Sociedade dos Amigos da Primavera” em 1822 e no Conservatório, ao lado de Garrett e Herculano, em 1838. Neste ano, funda e assume a direção da *Revista Universal Lisboense*, uma das mais importantes da época e, por isso, um veículo de extrema importância para a influência de suas ideias. A imprensa tem, para Castilho, a missão de divulgar a “boa literatura” – entende-se: aquela escrita em moldes clássicos e nacionais – para o grande público que não tinha acesso aos livros, aspirando à valorização da literatura nacional perante a francesa. É nesta época que publica, também, as obras *Quadros Históricos de Portugal* (saída na imprensa em 1838 e em livro em 1847) e *Escavações Poéticas* (1844). Esta última, na qual Castilho reconhecia a inadequação com o que se produzia até então, serviu para marcar sua posição de transição entre duas épocas poéticas. Segundo Eduardo da Cruz,

[...] É na *Revista Universal Lisbonense* [...] que ele pretende marcar definitivamente sua posição na ligação entre duas épocas poéticas, sendo ele próprio ponto de virada. No campo arruinado pela nova literatura que começa a criar uma relva florida, Castilho coloca-se como aquele que ajudou a destruir o que foi, salvou algumas ruínas e adubou as novas flores. (2017, p.116)

Tendo deixado a direção da *Revista*, que chefiou de janeiro de 1842 a junho de 1845, Castilho, aos 53 anos de idade, publica duas coletâneas pedagógicas: a *Felicidade pela Agricultura* (1849) e a *Felicidade pela Instrução* (1854). A primeira delas, com a função didática de valorização das atividades agrícolas, constitui-se como um compilado dos artigos publicados no periódico *O Agricultor Michaelense*, no qual Castilho defendia a opinião de que Portugal cresceria – moral e economicamente – com a modernização e valorização das práticas agrícolas (CRUZ, 2014, p.95). Ademais, esta obra mostra uma visão bastante idealizada do mundo rural que parece ter sido influenciada por autores clássicos como Virgílio, Horácio e Ovídio<sup>20</sup>. Já a segunda coletânea pedagógica demonstra que as preocupações de Castilho extrapolavam a dimensão do ensino aplicado nas escolas: aqui Castilho demonstra que, antes de haver um método de ensino eficiente, é necessário que haja as condições necessárias para a sua aplicação. Define a sua obra, no prólogo, como

Uma coleção de apontamentos de fatos, lembranças e conselhos, ou uma espécie de índice dos pontos que ao assunto da instrução popular merecem considerados; é o seguimento, e não sei, se a conclusão de aquele outro meu livro intitulado “Felicidade pela Agricultura” [...] O saber que é o sol do mundo moral, a alma da alma, um reverbero do espírito sumo, uma revelação,

<sup>20</sup> Um estudo bastante completo acerca das influências clássicas na visão de Castilho sobre o campo pode ser encontrado em Toipa (2005).

uma explicação, e um antegosto da bem-aventurança. (CASTILHO, 1854, [Prólogo]).

Nesta mesma época, depois de uma estadia nos Açores – em 1846 –, Castilho acirra, cada vez mais, seus projetos direcionados à instauração de escolas normais de instrução primária<sup>21</sup>. Tendo passado a dirigir seu olhar quase que exclusivamente à simplificação do ensino básico, deu a lume a obra *Leitura Repentina*, que ficou conhecida por *Método Castilho* e, a partir de 1850, dedica-se à sua defesa<sup>22</sup>. Até o ano de 1856, quando escreve a *Resposta aos Novíssimos Impugnadores do Método Repentino*, luta uma longa e persistente batalha pela adoção de seu método.

Em seu último volume de poemas, intitulado *Outono* e publicado em março de 1863, encontra-se uma gama de assuntos variados: trata-se de uma seleta de versos – alguns traduzidos de outras línguas, outros já publicados em periódicos, mas nunca apresentados em um livro –, bem como quadros históricos. Porém, o mais importante desta obra são os muitos versos dedicados a monarcas portugueses e brasileiros, com a intenção de defender e instaurar o seu *Método* nos dois países. Buscando um tom modesto, afirma em seu prólogo:

Defendendo, portanto, o *Método Português*, criado com tanto amor, e tão escrupulosa probidade, nenhum homem de juízo são e honesto dirá que advogo uma glória minha, mas sim uma herança pátria, em que eu suei, calejei, e envelheci, no meio dos cantares e das alegrias dos meus imberbes e inumeráveis cooperários (CASTILHO, 1863, p.15).

Observa-se, portanto, que a produção castilhiana deste momento busca ressaltar uma preocupação com o humano e, principalmente, com a instrução<sup>23</sup>. Trata-se do ideal iluminista de fornecer à massa popular as “luzes” necessárias para promover o conhecimento dos fundamentos morais para que, posteriormente, seja possível remontar às noções sociais. Nesse sentido, é relevante tomar nota de que as ideias literárias chegaram em Portugal acompanhando muitos dos aspectos do Iluminismo europeu e, portanto, Luis Antonio Verney, com seu *O*

<sup>21</sup> Funda, neste ano, a *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes de São Miguel*, em alusão à sua *Sociedade dos Amigos das Letras* de 1822, com o objetivo de divulgar conhecimentos e manter os cursos de alfabetização da região.

<sup>22</sup> Em 1854, publica o *Ajuste de Contas com os Adversários do Método Português*, no qual debate quarenta e oito críticas feitas ao seu método, defendendo-o de maneira bastante ferrenha, clara e objetiva.

<sup>23</sup> “Um progresso essencial falta contudo entre tantos progressos; um progresso que a todos os outros duplicaria a alma e criaria asas é o ensino elementar *gratuito e obrigatório*; esse princípio sacrossanto, hoje pregado ao mundo pelo autor do evangelho social, intitulado *Os Miseráveis*, mas já antes dele anunciado e servido de alma e coração neste pobre canto da terra pelo obscuro autor das presentes linhas. E mais pedia este e pede, suplicava e suplica, propunha e propõe, para o alumiarmento do povo, criança adulta de hoje, e da puerícia, que há de ser nação amanhã: queria e quer, que a escola, além de *obrigatória e gratuita*, seja também simpática pela caridade das doutrinas, atrativa pelo natural e aprazível do métodos, maternal pela completa abstenção de rigores escusados e contraproducentes; que ali se desenvolvam a par as forças e destreza do corpo, as faculdades do espírito e as boas disposições morais, até agora atrofiadas e pervertidas pela ignara brutalidade do pseudo-ensino, ímpia e descarada mentira de tantos séculos” (CASTILHO, 1868, p. LXIII-LXIV)

*verdadeiro método de estudar*, de 1746<sup>24</sup>, apresenta discussões fundamentais para as ideias de sua época e, também, para os seus desdobramentos nos românticos iluministas do século XIX, no qual se inclui Castilho. Na sétima carta desta obra, em que apresenta o programa que estruturou para o estudo de poesia, Verney discorre acerca da necessidade de elaborar um tratado de regras para a poesia em língua portuguesa, justificando-a por efeito de que “os que se metem a compor, não sabem que coisa é compor; onde, quando muito são Versificadores, mas não Poetas. E disto não queira V.P. melhor prova que ver, que nenhum até aqui se resolveu a escrever, uma boa Arte Poética Portuguesa (VERNEY, 1746, v.1, p.216).

Tal ideia parece ter encontrado solo fértil nesta fase da produção castilhiana. Apesar de não levar a cabo um projeto para a criação desta Arte Poética Portuguesa, o criador do *Método Repentino*, em 1851, publica o *Tratado de Metrificação Portuguesa para em pouco tempo e até sem mestre, se aprenderem a fazer versos de todas as medidas e composições*, preocupado não somente com a instrução do fazer literário, mas também com a apreciação e crítica das obras<sup>25</sup>. As principais noções abordadas por Castilho – como a questão da língua, linguagem, literatura e poesia – faziam-se em consonância com um pensamento fortemente classicizante e formalista, presente desde os iluministas do século XVIII. Nesta obra, temos

claramente demarcado o *magistério do arcade póstumo* [...]. Que tal empenho coincida com uma vocação classicizante e com o acento nos aspectos formais não o torna contextualmente estranho nem aos debates que em Portugal então se travavam, nem à prática e às preocupações então recorrentes entre os homens cultos voltados às letras, mesmo entre alguns de seus opositores (RICIERI, 2014, p.68).

Apesar de estar alheia ao partidarismo da política portuguesa da época – Castilho parece aceitá-lo sem críticas<sup>26</sup> – sua obra luta pela transformação social, seja pela agricultura, seja pelas reformas educacionais que buscou implementar. Não é de surpreender, portanto, o ataque de Castilho aos temas desmoralizantes do romantismo sentimental exacerbado: sua nítida formação iluminista o faz defensor da função morigeradora da arte. Como bem aponta Eduardo

<sup>24</sup> Trata-se de um conjunto de dezesseis cartas enviadas por Barbadinho a um fictício doutor da universidade de Coimbra (indicado como V.P., ou “Vossa Paternidade”). Nelas, discorre-se sobre diversos métodos de estudo para as mais diversas áreas de conhecimento, incluindo a poesia.

<sup>25</sup> No prólogo da primeira edição, afirma: “Tenho eu que a matéria que nele se ensina não é só útil para os que aspiram a fazer versos; entendo que em toda e qualquer educação liberal deve entrar infalivelmente como elemento [...] Se o fazer versos é para poucos, o entender de versos, o poder avaliá-los com exação e recitá-los com justeza, é para um e para outro sexo uma prenda de manifesta vantagem” (CASTILHO, 1851, p.VII)

<sup>26</sup> “A vitória da facção liberal em 1834 evitou, porventura, que o seu conservantismo se reforçasse. Simpatizante dum iluminismo rural, herdeiro dos aspectos formais do arcadismo, de formação católica tradicionalista, adaptou-se pacificamente à vitória das forças democráticas. [...] A sua pena vai habituando-se às frases feitas do convencionalismo literário – embora não despenhe dos poetas inconformistas de formação iluminista como Bocage, Tolentino ou Filinto” (FERREIRA, 1985, p.68-68)



da Cruz, a obra de Castilho afirma-se em “uma constante luta entre o poeta, o político e o produtor cultural” (2017, p.119).

Neste momento, o romantismo sentimentalista começava a mostrar seus primeiros indícios de decadência. Surge, no trânsito para a segunda metade do século, uma vertente de escritores progressistas – autointitulados “Geração Nova” – como consequência do processo histórico que afetou toda a Europa: as revoluções de 1848, em razão do choque ideológico que reverberou nos escritores europeus, pôde transformar as literaturas nacionais. No entanto, o entusiasmo político que decorreu deste surto ideológico dura apenas alguns escassos anos: o pessimismo herculiano seguirá inspirando os escritores românticos, fato que reforça a descrença na realização da justiça social almejada pela geração nova.

Após alguns anos de constitucionalismo ordeiro, surgem, por volta de 1860, manifestações de uma nova reação quase idêntica à precedente (FERREIRA, 1985, p.117). O anseio de alterar as dinâmicas de poder na esfera literária e a consciência progressista volta a ter lugar na mentalidade dos escritores portugueses. Antero de Quental, em sua *Nota* sobre a missão revolucionária da poesia que acompanhava suas *Odes Modernas* (1865), começava a traçar as diretrizes que orientariam o terceiro romantismo, paralelamente desenvolvido com as escolas realista e naturalista. Aqui, o que está em pauta não é a rejeição do romantismo, mas uma tomada de posição política na esfera da arte. Pode-se dizer, aliás, que esta obra marca o início de uma nova época poética, já longe do que se chamava “musa constitucional”. Neste ínterim, Castilho intentava criar escola e ser seu principal porta-voz, aproveitando-se de sua posição influente no cenário literário: a disciplina clássica, desde sempre defendida pelo autor, converteu-se em um instrumento de persuasão contra a inovação.

É durante a última fase de sua produção que vêm a lume suas traduções em verso de obras da Antiguidade clássica<sup>27</sup>. Observa-se em suas escolhas uma nítida predileção por Ovídio, expressa em todos os prefácios de suas traduções ovidianas. Em tom bastante elogioso, afirma que “pregoar que Ovídio foi, porventura, o mais cabal poeta da Antiguidade; e o poema das *Metamorfoses*, o mais admirável dos seus poemas seria repetir o que todos os lidos sabem, o que nenhum ignorante deixaria já de ouvir, e o que nenhum parvo foi ainda contestado” (CASTILHO, 1841, p. 16). E, ainda, acredita que

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo e todos excelentes. Épico, didático, descritivo, trágico, filosófico, erótico, elegíaco, não houve gênero em que não provasse a mão com admirável felicidade. A sua mesma vida e a sua morte, o mistério do seu desterro e o perdimento do seu sepulcro em terra de bárbaros são poemas que per si se fazem na imaginação (CASTILHO, 1858, p.25)

<sup>27</sup> Um estudo bastante completo sobre a tradução dos clássicos por Castilho pode ser encontrado em Nobre (2015).

Publica, então, em 1841, o primeiro tomo de sua tradução integral para as *Metamorfoses*; em 1858, sua tradução dos *Amores*; em 1862, a *Arte de Amar* e a paráfrase do *Remédio do Amor*; e, também neste ano, os *Fastos*. No prólogo desta última tradução, deixa entrever um projeto pessoal para a tradução de toda a obra ovidiana, que, como sabemos, não se concluiu. Diz ele, frente às traduções que já levava a cabo, “oxalá que a vida ou a saúde não me faltem para o que ainda resta” (CASTILHO, 1862, p.LI-LII). Logo em seguida, faz um levantamento de toda a obra ovidiana que foi traduzida e publicada por ele até então, indicando quais seriam as suas próximas empreitadas tradutórias:

A minha versão parafrástica e lírica dos *Amores*, impressa no Rio de Janeiro em 1858, e seguida de preciosos e amplos comentários por meu irmão o dr. José Feliciano de Castilho, está pelas bibliotecas dos curiosos.

Brevemente sairão dos excelentes prelos do sr. Laemmert, na mesma cidade, a minha tradução, verso por verso, da *Arte de Amar* e a parafrástica e lírica do *Remedio do Amor*, obras ambas findas há já muito, e ambas enriquecidas também pelo mesmo diligentíssimo e elegante anotador.

As *Metamorfoses*, de que há vinte e um anos se deram à estampa os primeiros cinco livros, vão agora entrar incessantemente na forja para saírem completas de uma vez.

Às *Metamorfoses*, seguir-se-ão as *Heroides*; às *Heroides* as *Tristezas*, o *Ponto* e os mais escritos e fragmentos que de tão fecunda e gentil musa subsistem” (CASTILHO, 1862, p.LII).

Além de Ovídio, traduz também em 1866, a *Lírica de Anacreonte* e, em 1867, as *Geórgicas* virgilianas. Seu objetivo, como ele mesmo afirma na já mencionada carta ao editor Pereira, é a publicação de uma biblioteca com traduções dos autores antigos<sup>28</sup> que sirva como modelo de emulação para novos poetas. Afirma Castilho:

[...] Que mancebo haveria aí tão desatinado e tão empedernido no pecar contra a razão e o gosto, que, medindo os seus improvisos por aquela poesia meditada, se não corresse de salutar vergonha e não pusesse desde logo peito a mudar de vida e de caminho? (CASTILHO, 1865, p.200)

Para além das traduções de autores clássicos, sua atividade intelectual também se pautava em um grande volume de elogios prefaciais. Castilho folgava com um nome reconhecido e respeitado no cenário literário oficial de Portugal e escolhera apartar-se da grande polêmica social e política da época, “colhendo os louros do estilo acadêmico, alcançando notoriedade pública à custa duma pragmática de duvidosos resultados no campo estético, mas suficiente para o consagrar como mestre de noviços e como glória do regime” (FERREIRA, 1985, p.131-132). Castilho – o guardião da moral e legislador dos moldes literários a serem

<sup>28</sup> “transladem-se os eternos exemplares da Grécia antiga e da antiga Roma para a linguagem hodierna com o desvelo e respeito que merecem” (CASTILHO, 1865, p.196)

seguidos – passou a distribuir prefácios protetores àqueles que almejavam o aplauso da burguesia lírica portuguesa<sup>29</sup>.

De acordo com a definição genettiana, a condição pragmática de um elemento paratextual, como o prefácio, define-se pela “natureza do destinador, do destinatário, grau de autoridade e de responsabilidade do primeiro [e] força ilocutória de sua mensagem [...]” (GENETTE, 2009, p.15). Apresentando o típico vocabulário de seus escritos – rico e adornado, repleto de metáforas e hipérboles, persuasivo e retórico – Castilho utiliza este elemento textual para revelar sua intenção e interpretação acerca das obras protegidas. Entendem-se, portanto, as intenções de Castilho com seus prefácios protetores: sendo ele um autor em evidência no cenário intelectual oficial, elabora uma estratégia cujo objetivo é fazer prevalecer nas letras lusas a estética de caráter clássico por ele defendida há muito tempo. Este primado da voz clássica castilhiana, no entanto, não passará impune por seus impugnadores. A primeira reação contra a supremacia artística de Castilho deu-se em 1862, com a publicação de *D. Jaime*, de Tomás Ribeiro. O poema contava com um grande prefácio, denominado “Conversação Preambular” e nesta época já se sabia que a assinatura de Castilho era sinônimo de aprovação literária<sup>30</sup>.

Este “selo de aprovação” conferido a Tomás Ribeiro rendeu reações que podem ser consideradas antecedentes de uma grande polêmica que estava às vésperas de eclosão: o romancista Teixeira Vasconcelos publica uma série de folhetins que resumem as questões controversas da “Conversação” (publicados entre seis de agosto de 1862 e dez de outubro deste mesmo ano) e Pereira de Castro antecede e prepara terreno para o posicionamento de Antero de Quental acerca da liberdade dos escritores. Surgia, cada vez mais forte, um grupo de escritores que vociferavam contra a poesia e a crítica alinhadas pela chamada “musa constitucional” e defendidas pelo julgamento acadêmico, pois entendia-se que

o elogio mútuo não era tão desinteressado como à simples vista se poderia prever. Levantavam-se pedestais, amparados por sonoras frases que acabavam por se anichar nas orelhas receptivas do público e, por tabela, nas dos senhores deputados, conselheiros e ministros decididos a protegerem as clientelas, com vela acesa no jornalismo (FERREIRA, 1985, p.139)

---

<sup>29</sup> “A verdade é que Antônio Feliciano, guardião da moral vigente, decretante do bom-gosto literário, chancelara a moda dos prefácios protetores. Brilhante no improviso, de verbo quinhentista e abundante, os seus discursos prefaciais eram disputados pelos estagiários da “glória poética” – eufemismo que significava comezinhamente o aplauso guloso da nossa burguesia lírica. [...] O poema *D. Jaime* foi autenticado com uma longa carta preambular, escrita pelo punho do Mestre” (FERREIRA, 1985, p.133).

<sup>30</sup> É por isso que António Feliciano de Castilho e outros escritores românticos, cuja prática de elogiar uns aos outros em prefácios era bastante comum, ficaram conhecidos como a “Escola do elogio mútuo” – alcunha esta de responsabilidade de Antero de Quental.

No entanto, não foi este texto o causador da grande polémica que parece ser a responsável pelo esquecimento do autor de *A Primavera*. Em 1865, tem início o que se convencionou chamar Questão Coimbrã. Castilho escreve, em 27 de setembro de 1865, a *Carta do Ill.mo e Ex.mo Sr. António Feliciano de Castilho ao Editor*, que se destinava à A. M. Pereira, editor do *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas – este, também, romântico. Trata-se de um posfácio bastante elogioso no qual Castilho, para louvar a escrita romântica, censura a nova estética seguida pelos jovens da Escola de Coimbra, acusando-os de obscuridade, afetação, exibicionismo e falta de bom senso e bom gosto. A resposta não tardaria a chegar e seu autor foi Antero de Quental, precisamente no dia 14 de novembro deste mesmo ano. Em uma carta intitulada *Bom-senso e Bom-gosto. Carta ao Excelentíssimo Senhor António Feliciano de Castilho* – que rendeu uma das alcunhas desta polémica –, Quental reafirma a intenção inovadora dos estudantes da Escola de Coimbra, rejeitando uma produção literária baseada em fórmulas estanques. Na concepção desta nova geração de escritores, a literatura deveria refletir o seu tempo e, ademais, ser recebida por seus leitores como um produto da época em questão<sup>31</sup>. Sabe-se que estas viriam a ser as premissas seguidas pelos escritores realistas da geração de 70, incluindo importantes nomes como Eça de Queiros, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão.

A famosa controvérsia, relacionada com a explosão ideológica de 1850, apressa – no plano artístico – a dissolução do ultrarromantismo e a implementação do romantismo social. O que estava em pauta na crítica dos dissidentes de Coimbra era a falta de espontaneidade do que se produzia até então, a ausência daquela inquietação social que sempre inspirara a juventude inconformista. Porém, a crise ultrapassava o cenário artístico: era um conflito de caráter ideológico e moral que prezava pela reivindicação da continuidade do espírito crítico desenvolvido no enalço do Iluminismo revolucionário do século XVIII que, em meio aos exageros do romantismo sentimental, parecia estar esquecido. Lavravam os campos literários o romantismo piegas e a lírica retórica<sup>32</sup> de inspiração clássica. A este respeito, Júlio de Castilho, filho de António Feliciano de Castilho, descreve de maneira bastante eficiente o que levou a literatura romântica a uma espécie de regresso ao neoclassicismo:

---

<sup>31</sup> Castilho, apesar de ser um escritor bastante político – como se demonstra em suas diversas iniciativas sociais –, não busca refletir seus ideais em versos, mas em periódicos ou produções em prosa. Aos seus versos, em grande maioria, dedica a temática do amor.

<sup>32</sup> Por “lírica retórica” entende-se o conjunto de regras de composição poética que pautava esta criação artística de veia classicizante desde o auge neoclássico. Assim, de acordo com Tâmara Kovacs Rocha, “para atingir a tão almejada perfeição do *bom-gosto* julgou-se [...] que o segredo estava em submeter severamente a composição poética a um código de como escrever poesia ou prosa. Este caráter rigidamente normativo determinou a defesa acérrima da Retórica contra os ataques de quantos, revoltados contra o seu dogmatismo e norteados pelas ideias da liberdade natural, o julgavam não apenas inútil, mas prejudicial para a boa eloquência” (ROCHA, 2013, p.21).

O papel distribuído pela Providência ao visconde de Almeida Garrett foi, depois das suas primeiras tentativas clássicas, o de instaurador; a Castilho, o de conciliador. Com Almeida Garrett nasceu o sentimento, a naturalidade, a graça, o arrojo; com António de Castilho feneceu o elmanismo vicioso, nasceu a língua, corrigiu-se o gosto, e levantou-se a Musa desgrenhada do romanticismo com a pujança e majestade de Érato clássica. Estava preenchido o fim de ambos. (CASTILHO, 1866, p.17-18)

Sendo o pressuposto da nova literatura o retrato da realidade social e política da época, a Questão Coimbrã marca uma oposição ao neoclassicismo e à própria Antiguidade, tão defendidos por Castilho. A maioria de seus textos – e, também, de seus tão protegidos partidários – apresentavam explicitamente as reminiscências clássicas: seguiam as leis de metrificacão e de gramática, faziam uso de grandes hipérboles, utilizavam uma linguagem rebuscada e “inteligível, fluente, conchegada com a nossa índole, com a nossa criação, com os nossos hábitos e com os nossos interesses” (CASTILHO, 1865, p.186). Opunham-se a estes valores os dissidentes de Coimbra, os quais prezavam em seu realismo pela naturalidade da expressão, pelos modos simples – e, por isso, compreensíveis e claros – do falar e do escrever. Apesar disso, o surgimento deste novo modo de criação literária não pode ser visto como o marco do fim absoluto do espírito clássico, pois ele

conservar-se-á no seio da Academia e no estilo de seus sócios. Estes, tão acadêmicos e classicizantes como ele, prolongarão os persistentes defeitos dessa velhice literária. A Universidade e as instituições de cultura, conservadas, vigiadas e governadas pelas minorias instaladas no poder, foram e serão os instrumentos culturais e ideológicos das classes ou grupos econômicos ou politicamente prevaletentes. (FERREIRA, 1985, p.165).

Desta forma, lutava-se, por meio da insubordinação aos critérios literários vigentes, pela liberdade de criação dos escritores – liberdade esta que estava vinculada à aprovação dos escritores oficiais da Academia, ou seja, estava dependente do já mencionado elogio mútuo. Para estes novos autores, a criação literária deveria atingir até as camadas mais baixas da sociedade, para que, desta forma, fosse alcançada uma igualdade cultural e intelectual. Embora este posicionamento estivesse, também, presente na mente iluminista de Castilho, Antero e os dissidentes de Coimbra enxergavam no realismo castilhiano uma “forma demissionária de consciência intelectual” (FERREIRA, 1971, p.251). Isso porque Castilho e sua corte, domesticados e acríticos, estavam empenhados em satisfazer a burguesia imobilista da época com suas obras: haviam se conformado com os moldes literários em uso desde 1840 e, para além da ausência da ânsia pela novidade, a recusa da criação de novos moldes vinha acompanhada de ataques frontais àqueles que almejavam a inovação.

Não é de surpreender, portanto, que Castilho – o arquétipo do escritor disciplinado e influente – fosse escolhido como alvo da crítica da nova geração. O formalismo conservador castilhiano se opunha à necessidade de análise sociológica da sociedade portuguesa pregada pelos escritores do romantismo social e os discursos contra a inovação denunciavam o que Antero caracterizava como a esclerose da cultura portuguesa. Não era, no entanto, Castilho e seu neoclassicismo que estavam em pauta, mas o que ele representava, ou seja, uma sociedade na qual os escritores, dominados pelas exigências oficiais, tinham de trocar a sua independência de criação e de crítica pela palma da burguesia<sup>33</sup>.

Observa-se, portanto, que apesar da figura de Castilho estar sempre ligada ao romantismo, o autor foi, acima de tudo, um defensor dos valores clássicos, cujo maior desejo era “classicizar” a literatura oficial. Castilho, que nesta época folgava com uma posição bastante segura e influente no cenário das Letras portuguesas, utilizou o regresso ao clássico como uma espécie de homenagem e glorificação, pois, para ele, a retomada dos clássicos poderia brindar os novos escritores com os moldes universais e eternos de bom-senso e bom-gosto literários. Segundo Júlio de Castilho, o autor de *A Primavera* “acompanhou desde 1820 o espírito moderno, ajudou-o de 1828 até 1834, depois cantou-o sempre, e antecipou-o muita vez. Vive todo com o coração no passado *belo*, mas com a mente no futuro *bom*, no futuro ideal que só os grandes poetas como ele vaticinam” (CASTILHO, 1866, p.31). Este “futuro bom” de inspiração romana se manifesta tanto em traduções como em sua obra autoral. É por isso que José Augusto França, buscando explicar o esquecimento do poeta e sua definição no contexto literário português, afirma que

sua carreira cabe inteiramente entre dois mal-entendidos, um que o fez subir às nuvens, em 1844, outro que o abateu, vinte anos depois... Nos dois casos era-lhe atribuído um papel que em nada se lhe ajustava: o de primeiro dos românticos ou o de último poeta desta espécie. Castilho, pretexto para a expressão de duas gerações sucessivas, não era, na realidade, mais do que o “Memnide Eginense” da Arcádia de Roma – e era esse talvez o título que ele mais amava, no fundo da sua alma ovidiana... Porque, no fim de contas, este título mantinha-se à margem do mundo “gótico”, onde havia demasiadas tempestades e demasiados cadáveres (FRANÇA, 1993, p.207).

É a respeito deste Castilho-tradutor e defensor do Clássico que os outros tópicos deste capítulo se destinarão: primeiramente, elucidando as vertentes tradutórias existentes no contexto em que iniciou suas versões e, posteriormente, explicitando sua visão acerca do

---

<sup>33</sup> “Neste contexto ideológico e moral, a liberdade, palavra-chave de toda a controvérsia, apresenta-se com sentidos diversos. Para os que se colocam ao lado do constitucionalismo a liberdade é o instrumento predileto da demagogia, em seu nome se encobria a ilegalidade e a prepotência. Os que combatem o regime insistem no caráter emancipador da liberdade; para estes cumpria fundar uma sociedade em que os desprotegidos dos bens, da fortuna, da cultura, pudessem chegar ao nível dos prevalecentes” (FERREIRA, 1971, p.257-258).

procedimento tradutório levando em conta como se conceituava o ato de traduzir no século XIX.

## I.2. AS VERTENTES TRADUTÓRIAS DO SÉCULO XIX

Desde muito tempo discute-se acerca de possíveis formas para se executar uma tradução literária. Desde a Antiguidade clássica este tema é recorrente em alguns autores, como, para citar alguns exemplos latinos, Cícero – em seu *De optimo genere oratorum* –, Quintiliano – em seu *Institutio Oratoria* – e Horácio – em sua *Ars Poetica*. Convém lembrar que, na época destes autores, a tradução seguia o ideal de *Latinitas*, ou seja, o aperfeiçoamento da língua e literatura latinas por meio da tradução dos clássicos gregos, apesar do bilinguismo quase total dos escritores romanos (FURLAN, 2010, p.81). Isto fez com que fosse performada a *aemulatio*, a “reprodução competitiva” (*Ibidem*, p.84) no ato de traduzir.

Para compreender este conceito, faz-se necessário um breve parêntese acerca dos aspectos genéricos da literatura clássica. A classificação de uma obra poética clássica – seja grega, seja romana – dependia de como ela articulava elementos primários e secundários de um determinado gênero poético (ACHCAR, 1994, p.28-29). Aqueles dizem respeito às pessoas, à situação de enunciação, à função da obra e aos elementos comunicativos necessários para o gênero; estes, à combinação e seleção dos “lugares comuns” (os *topoi*) que variam de texto para texto. Paradoxalmente, são estes *topoi* que apontam as particularidades autorais de cada obra poética. Segundo Francisco Achcar,

De fato, ao contrário do que à primeira vista pode parecer, é sobretudo na utilização dos *topoi* que se revela a originalidade do poeta: a seleção, a expressão e a combinação deles oferecem possibilidades inesgotáveis de soluções imprevistas dentro do uso tradicional, chegando até a transgressões desse uso. A *aemulatio* (*zélolis*), sempre associada à *imitatio* (*mimesis*), é mais forte nas poéticas que recorrem a *topoi* do que nas de criação por “inspiração direta”; a advertência de Quintiliano, segundo a qual *imitatio per se ipsa non sufficit*, corresponde a uma exigência de originalidade. (ACHCAR, 1994, p.29)

Isto significa que a tradução das obras gregas, neste momento, prezava pela superação do texto de partida e era vista como um estímulo para a potencialização expressiva da língua da chegada (VIEIRA, 2006, p.32), ou seja, poderia contribuir para o desenvolvimento e fixação de uma expressividade literária própria, além de abrir grande espaço para a originalidade autoral. E, então, “uma vez reconhecida a excelência da expressão literária grega, coube ao romano imitá-la e traduzi-la, até que construísse sobre as pegadas dos colossos helênicos uma tradição literária latina” (*Ibidem*, p.23).

António Feliciano de Castilho parece compartilhar de uma visão semelhante acerca da tradução. Ele, além de escritor romântico, foi também um grande e influente tradutor, bem como um dos maiores críticos tradutórios da língua portuguesa (CHAVES, 1935, p.7). Apesar de não existir uma obra em que o autor fale diretamente sobre seus projetos tradutórios, descrevia com bastante precisão os procedimentos feitos para suas traduções em seus prefácios e em suas resenhas acerca de traduções contemporâneas à sua produção. O estudo destes prefácios pôde oferecer uma visão bastante ampla acerca das discussões tradutórias constantes no século XIX, incluindo as duas doutrinas de tradução – e, conseqüentemente, as duas diferentes visões de linguagem que lhe são basilares – que circulavam entre as discussões literárias e acadêmicas. Neste ponto do capítulo, pretende-se discorrer acerca da tradução neste contexto, apresentando, também, críticas tradutórias levadas a cabo por Castilho a outras formas de traduzir.

Antes de adentrar no âmbito das diferentes visões acerca da tradução literária, convém apresentar alguns aspectos contextuais desta época. Com a abertura de Portugal ao exterior trazida pela instauração do Liberalismo no século XIX, a tradução das línguas europeias modernas ganha grande importância e, conseqüentemente, o mesmo ocorre com as concepções que estavam por trás destes trabalhos tradutórios. Como bem aponta Jorge Bastos da Silva,

após o aceso dos conflitos civis em 1832-34, é progressivamente firmada uma ordem político-institucional que vigora durante décadas. Surge uma nova elite dominante, cultivam-se novas formas de sociabilidade e certa abertura ao exterior (que a experiência do exílio, vivida por muitos dos novos detentores do poder, tornou inevitável), assiste-se ao desenvolvimento de um espaço público de cariz burguês e moderno, com a dinamização, a uma escala nunca antes conhecida, da imprensa e do comércio livreiro, o retomar de temporadas dramáticas regulares e outros aspectos de normalidade e de modernidade da vida cívica e da cultura (SILVA, 2015, p.12).

Como consequência de esta expansão do contato com o estrangeiro coincidir historicamente com o movimento romântico, nota-se a presença de tendências opostas que apontam para o sentido da valorização nacional motivada por um forte sentimento de nacionalismo. Estas tendências dizem respeito tanto à criação autoral como ao trabalho tradutório: no Oitocentos, a discussão sobre a utilização da linguagem literária é bastante recorrente em publicações periódicas e prefácios de obras. Discutia-se acerca da pureza da língua portuguesa e, por oposição, acerca da entrada de vocábulos estrangeiros, principalmente advindos das línguas clássicas e da língua francesa. Desta maneira, “assim como os manifestos estéticos são motivados por rupturas de gosto e de estilo, muitos programas tradutórios nascem do embate de diferentes posições teóricas acerca da tradução” (VIEIRA, 2015, p.168).



Estas duas visões acerca da entrada de obras literárias vindas do exterior – quais sejam, a adesão de vocábulos e estéticas estrangeiras na literatura nacional e a postura protetora que pauta o nacionalismo literário e o português puro – irão permear o pensamento e a criação artística do século XIX: entre a crença na potencialidade do estranho como um meio para a regeneração das forças nacionais e o medo de descaracterização pátria, os autores-tradutores dividem-se em diferentes vertentes estilísticas, cada uma das quais com sua doutrina própria. Nosso tradutor, nas notas da terceira edição de sua obra *A Primavera* (1903), discorre acerca das “seitas de escrever” que circulavam entre os cultores das Belas Letras da Universidade de Coimbra no tempo em que ainda cursava seus estudos. Diz ele que

duas seitas de escrever se contavam; a cada uma das quais não faltavam admiradores, apóstolos e evangelistas, assim como, por isso mesmo, inimigos, escarnecedores e parodiadores. Os livros em que uma juramentava os seus adeptos eram Gessner e Bocage; Filinto era o Alcorão da outra. (CASTILHO, 1903, p.132)

Estas duas vertentes estilísticas foram cunhadas no meio acadêmico em alusão a dois importantes nomes no âmbito não apenas da literatura, mas também da tradução em contexto lusófono: o Elmanismo – em alusão ao pseudônimo árcade de Manuel Maria Barbosa du Bocage, Elmano Sadino – e o Filintismo – em alusão ao pseudônimo árcade de Francisco Manuel do Nascimento, Filinto Elísio (VIEIRA, 2015). Assim, elas representam “escolas” estilísticas que os autores do século XIX tinham como modelo ao elaborar um projeto para uma dada obra. Apesar de estes termos serem predominantemente relacionados com questões de estilo e dicção poética, suas formulações podem dizer respeito, também, às práticas tradutórias levadas a cabo por esses dois autores e seus discípulos. Isso porque Bocage e Filinto Elísio ocuparam uma posição central no cenário da tradução entre os séculos XVIII e XIX<sup>34</sup>.

Castelo Branco Chaves, em uma visão retrospectiva sobre a época, afirma que estes dois autores se debruçaram em obras alheias em busca de um conteúdo que pudesse dar pretexto às suas manifestações artísticas e poéticas à conta de que foram limitados pela própria época literária em que se inseriam, que, por ser um período de preparação de uma nova estética, não suscitava criações originais (CHAVES, 1935, p.39)<sup>35</sup>. Por isso, devido a esta voga que a

---

<sup>34</sup> “É preciso explorar as vertentes estilísticas do elmanismo e do filintismo em tradução. Há, nos estudos de História da Tradução, uma certa timidez em incorporá-las na sistematização e delimitação de diferentes práticas transláticas por elas bem representadas. Tais termos são predominantemente aludidos quanto a questões de estilo e dicção poética de época, e muito pouco relacionados às concepções e práticas tradutórias de Elmano Sadino (Manuel Maria de Barbosa du Bocage) e Filinto Elísio (Padre Joaquim Manoel do Nascimento), que ocupam posição central nos modos de traduzir que têm lugar no Brasil e em Portugal em fins do século XVIII e boa parte do século XIX” (VIEIRA, 2017, p.15).

<sup>35</sup> “Incapacitados Bocage e Filinto pela falta de gênio criador e original, limitados pela sua própria época literária que, sendo época de preparação de uma nova idade estética, não permitia nem suscitava as fortes e originais

tradução teve na época, estas escolas estilísticas constituíram-se, também, como escolas tradutórias e, baseados em seus pressupostos de estilo e dicção, os discípulos de Bocage e Filinto pautavam seus projetos tradutórios em uma vertente mais “domesticadora” ou mais “estrangeirizante” respectivamente.

Desta forma, os filintistas representam aquela vertente tradutória que causa o estranhamento pelo desejo de apresentar a obra em sua diferença, ou seja, pelo desejo de levar o leitor ao encontro do autor, e não o contrário, como bem define Schleiermacher em seu clássico texto *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução* (2010, p.57). Filinto e seus adeptos, portanto, prezam por estrangeirismos por acreditarem que

O modo de aperfeiçoar a língua materna é enxertando nela o precioso das outras. Temos o exemplo antigo da língua romana, que se fez abastada com as riquezas que tirou da grega; e desta conta Xenofonte que dentre os proveitos, e vantagens que da força marítima tiravam os atenienses, era um, e grande, o de ouvirem falar toda a casta de línguas, e tornarem desta uma frase, daquela um termo enérgico, etc., etc. de sorte, que enquanto o restante dos gregos conservaram o seu peculiar idioma... os atenienses, do que mais apurado viram entre os gregos e entre os bárbaros, compuseram uma língua farta e suave pela acertada mistura. E ora se a língua grega, a mais bela das línguas europeias, a mais louvada dos romanos, senhores do mundo, se enriquecia com o trato e comércio de outras, quanta riqueza não requer que a língua lusa tire da grega e da latina, e ainda de outras, assinalando-as com o seu cunho, e dando-lhes Carta e Provisão de naturalizadas! (ELÍSIO, 1836, p.99).

Esta busca por palavras novas e novos conceitos deu a Filinto os louros por uma espécie de libertação de estruturas e estéticas consideradas “sagradas” por conta da crença de serem incorruptíveis, o que pôde promover a dessacralização e consequente iluminação da língua (MEDINA RODRIGUES, 1977, p.21). Com isso, a dicção clássica camoniana deixou de ser enciclopédica e atingiu o *status* de uma espécie de acervo de meios expressivos possíveis – e não mais impostos – para o exercício poético. É neste autor e em sua escola que começa a surgir um impulso extremamente racional na linguagem, pois

[...] Filinto propugna pelo “conceito inédito”, pela “forma valente da frase” e pela “concisão sublime” e sempre as neologias de boa cunhagem [...] “uma frase concisa e culta” vem a “ferir na alma, o ouvido amaciando”, pois uma palavra nova ou renovada “desperta o ouvido, o saudável toque convida à preguiça e ao desalento” (*Ibidem*).

Isso que Antônio Medina Rodrigues denomina “neologias de boa cunhagem” evidencia que a dicção tradutória que conta com termos retirados diretamente da língua-fonte é uma

---

criações, um e outro buscam em obras alheias um conteúdo que dê pretexto à manifestação da sua virtuosidade de escritores e de versificadores e documentem os seus novos e ainda muito balbuciantes ideais”.

herança da “escola latina” iniciada por Filinto Elísio em terras portuguesas<sup>36</sup>. Portanto, é de sua atividade tradutória que os tradutores do século XIX herdaram esse procedimento de uso de neologismos greco-latinos para a tradução dos grandes clássicos. Além disso, a chamada “concisão sublime” é também um dado de grande importância para os tradutores filintistas, já que, de acordo com Tâmara Kovacs Rocha, “está patente um valor que é geralmente implícito, mas que guia a poética de diversos tradutores no século XIX – do qual Odorico Mendes é exemplo gritante – a brevidade latina era ideal a ser seguido na poesia em português” (ROCHA, 2013, p.69).

Para além da concepção de tradução pautada por empréstimos da língua fonte, os filintistas também prezavam pela utilização de expressões arcaicas advindas dos clássicos portugueses para a representação do estilo e linguagem de poetas primitivos – como os latinos e gregos, acima citados pelas palavras de Filinto (VIEIRA, 2015, p.173). Com isso, logrou-se a redescoberta de vocábulos pátrios, por vezes, esquecidos, que puderam ser postos novamente em circulação por meio da tradução.

Os elmanistas, por outro lado, representam aquela vertente tradutória que preza pela domesticação do estrangeiro aos costumes da língua de chegada, ou seja, pela nacionalização da obra na tradução. O objetivo destes tradutores é fazer com que a obra estrangeira seja recebida com a mesma naturalidade de uma obra nacional, priorizando a dicção do texto de partida no texto de chegada por meio de adaptações dos costumes e tradições estrangeiros para os de sua própria língua. Nesta visão, as traduções não devem ser consideradas como simples transposições idiomáticas, mas como criações capazes de se sobrepor às – bem como rivalizar com – obras originais nas línguas-fonte<sup>37</sup>. Sendo, por vezes, um fiel discípulo das ideias de Bocage, António Feliciano de Castilho busca aplicar esse viés em suas empreitadas tradutórias e, tal como observa Chaves:

[...] quer traduzindo Ovídio, quer traduzindo Goethe ou Molière, as suas traduções consistiram sempre em principalmente naturalizar alheias obras vestindo-as e ordenando-as à moda e gosto da nossa terra sem transtornar essencialmente pensamentos e afetos. Neste “vestir e ornar”, na originalidade do estilo e na “cor local” consistia, para ele, o trabalho propriamente original do tradutor e a missão elevada do género. [...] Atingiu Castilho o que pretendia: as suas traduções, pela forma, pelo verso, pelo estilo, rivalizam com

<sup>36</sup> “Fica evidente que a elocução intrincada e repleta de termos retirados diretamente do latim, ou construídos a partir de verbetes greco-latinos, é herança da “escola latina” iniciada por Francisco Manuel do Nascimento, muito mais conhecido por Filinto Elísio (1734-1819), ele mesmo tradutor de poesia latina. [...] É notório o debate poético de Francisco Manuel do Nascimento com Bocage, isto é, entre Filinto Elísio e os filintistas contra Elmano Sadino e os elmanistas” (ROCHA, 2013, p.46-47).

<sup>37</sup> “[...] Daí o êxito, voga e até triunfo das suas traduções, não consideradas como simples transposições idiomáticas mas como criações sobrepostas aos originais [...]. Era ainda a tradução considerada como um género literário independente e original” (CHAVES, 1935, p.43-44).

os originais e são, sob este aspecto, verdadeiras e admiráveis criações. (CHAVES, 1935, p.47)

Percebe-se, assim, a adequação desta doutrina tradutória lusófona às ideias das *Belles Infidèles*, produtos da época pré-romântica francesa (séc. XVII - XVIII). Trata-se de uma época marcada pela consolidação dos estados nacionais e, conseqüentemente, uma época de afirmação das línguas nacionais. Esta vertente tradutória vê a tradução como um ato de nacionalismo, no qual o trabalho do tradutor consistiria em embelezar o modelo, suplantando-o e substituindo-o – no sentido pregado por Aristóteles e Cícero. O foco da tradução destes autores é, portanto, a recepção do texto: ele deve agradar aos leitores para além de manter uma total fidelidade ao texto original. Contrastando com o estilo estrangeirizante da escola de Filinto, o estilo e a dicção de Bocage propõem a acomodação do caráter estrangeiro de uma obra no procedimento tradutório e, portanto, pode-se conjecturar que esta vertente tradutória advém da herança da “escola francesa”, em oposição à “escola latina” de Filinto<sup>38</sup>.

Nessa doutrina, faz-se fundamental a diferença entre a *versão* e a *tradução*<sup>39</sup>: enquanto aquela deve conservar algumas marcas da língua original, esta deve ser vista como “um transporte que decorre de competências mais profundas, capazes de realizar a perfeita acomodação do texto à língua de chegada, a sua plena domesticação” (SILVA, 2015, p.87). E é nesta acomodação que consiste o verdadeiro trabalho tradutório para os elmanistas, pois, como afirma José Feliciano de Castilho, só aos sumos tradutores é “dado conceder carta de naturalização” a obras estrangeiras, pois apenas estes conhecem os meios para se fugir da “fidelidade infiel, que, prendendo-se ao vocábulo literal, olvida ser a ideia que se traduz” (CASTILHO, 1858, p.180-181).

Por mais que este tipo de tradução possa se revelar arbitrário no que tange a integridade do texto original, ela manifesta uma intenção bastante reveladora perante o contexto português da época. Isso porque, no enalço do romantismo, o sujeito individual – ou seja, o autor – passou

<sup>38</sup> “Se o estilo de Francisco é estrangeirizante, o estilo de Bocage [...] não o é; algo facilmente verificável em sua obra. Se nossos autores estão corretos e Bocage realmente se inspirou nos franceses, é de crer que essa tendência estrangeirizante não tenha sido herdada deles” (ROCHA, 2013, p.289).

<sup>39</sup> No *Diccionario Encyclopedico* de José Maria de Almeida e Araújo Correia de Lacerda, publicado no século XIX, há a seguinte entrada para o termo “tradução”: “[...] de ambos estes modos se traslada de uma língua para outra, porém a *versão* é mais literal, mais limitada aos giros próprios da língua original, e mais sujeita em seus meios às regras da construção analítica; a tradução refere-se mais particularmente ao fundo dos pensamentos, com mais atenção a apresentá-los debaixo da forma que melhor convém em a nova língua, e mais esmerada nas expressões, frase e idiotismo desta. A arte de *traduzir* supõe a de *verter*. A *versão* deve ser fiel e clara, conservando alguns vestígios da língua original; a *tradução* deve ter mais facilidade, mais correção, e o tom próprio da matéria de que se trata, em completa conformidade com a índole do novo idioma. Para fazer uma *versão* exata é necessário saber a significação das palavras da língua que se *verte* a outra; para fazer uma boa *tradução* é necessário saber a fundo a índole das línguas” (*apud* SILVA, 2015, p.87).

a ter uma posição privilegiada. É dessa estética literária que advém o conceito de “gênio” como um elemento indissociável da criação poética<sup>40</sup>. Com isso, passamos a entender os desvios de um trabalho tradutório como marcas não apenas de contexto, mas também de autoria, pois

[...] o desvio – e sobretudo a necessidade do desvio – são dados sintomáticos, do ponto de vista do tradutor como intelectual interveniente no processo cultural do seu país e do seu tempo. Ou seja, à parte os casos em que há manifesta incompetência dos tradutores, é produtivo encarar a prática da tradução-adaptação como uma forma consequente e deliberada de intervenção no meio cultural oitocentista (SILVA, 2015, p.28).

É dos poetas-tradutores românticos, sejam eles elmanistas ou filintistas, esse desejo de imprimir o dado da autoria nas traduções, já que – como bem aponta Silva – eles atuaram intelectualmente no processo cultural de seu tempo<sup>41</sup>. O grande volume de traduções de autores clássicos produzidos nessa época é prova disso e, apesar da distância temporal e de os preceitos românticos já vigorarem, os tradutores deixavam nas obras as marcas de seu tempo. Walter Benjamin, importante autor para a teoria da tradução, afirma que os tradutores românticos

possuíram, antes de outros, uma consciência da vida das obras, cujo mais alto testemunho é dado pela tradução. Sem dúvida, eles praticamente não a reconheciam enquanto tal, dirigindo toda a sua atenção à crítica literária, a qual também representa um momento, ainda que menor, na pervivência das obras. Embora sua teoria praticamente não tenha se dirigido à tradução, sua grande obra de tradutores implicava um sentimento da essência e da dignidade dessa forma. (BENJAMIN, 2010, p.215-217. Trad. Susana Kampf Lages).

Apesar de essa afirmação tomar por base os poetas/tradutores românticos alemães, é possível estendê-la *mutatis mutandis* aos poetas portugueses que consideramos aqui. Essa consideração romântica da tradução oferece uma ligação entre essas duas formas que tinham como base as doutrinas estilísticas de Filinto e Bocage: ambas representam produtivamente as marcas de autoria presentes em toda e qualquer tradução, com a diferença de que se pautavam por diferentes formas de enxergar o estrangeiro das obras no ato de traduzir. É importante ressaltar, além do que aqui já foi apresentado, que as diferenças entre estas duas vertentes estéticas não residem, todavia, somente na oposição entre estranhamento e nacionalização. Há também uma questão mais técnica acerca dos produtos poéticos que delas resultavam: a

---

<sup>40</sup> “O pensamento do século XIX, que junto de outros fatores, na literatura produziu o Romantismo, privilegiou a posição do sujeito individual, já não como *autoridade poética*, que podia ser respeitada, como foi até o século XVIII, mas como *autor* que, pessoa que é, é insubstituível. Assim, advém a noção de “gênio”, de “antena de raça” (tão cara aos poetas de então e até a alguns de hoje) como elemento indissociável, já não da *composição*, mas da *criação poética*” (ROCHA, 2013, p.145).

<sup>41</sup> Cabe aqui a ressalva de Tâmara Kovacs Rocha: “Acreditamos que todo tradutor, de todas as épocas, sempre possuiu algo de autor, pois ele é o autor do texto na língua a que traduziu, mas, como aponta Benjamin, os românticos perceberam *produtivamente* que há no ato de traduzir um espaço que se pode ocupar de modo subjetivo e autoral” (ROCHA, 2013, p.146).

metrificação. A metrificação de Filinto apresentava-se, por vezes, com um ritmo bastante duro e desarmônico, enquanto Bocage parecia privilegiar a harmonia em seus versos<sup>42</sup>.

Uma importante obra para o entendimento das doutrinas poéticas da época é *Lírica de João Mínimo*, de Almeida Garrett, publicada pela primeira vez em 1829, durante o segundo exílio do poeta. Nela, tem-se uma coletânea de poesias líricas de estilo neoclássico (ou arcádico) introduzida por um interessante prefácio em que o narrador finge uma conversa com o poeta João Mínimo, espécie de duplo de si mesmo, mediante o qual revela seu “credo poético nacional”. Este compartilha a mesma opinião de Bocage ao pregar que, para a produção de versos portugueses, deve-se recorrer aos grandes clássicos, porém sem imitá-los cegamente. E, quanto aos estrangeiros em tradução, afirma que “convém estudá-los, convém imitá-los no que é imitável, nacionalizando-o”. (GARRETT, 1829, p.XL). Apesar do nítido enquadramento aos ideais elmânicos, diverge, entretanto, do grande nome desta escola ao afirmar, algumas linhas à frente, que a divisão do trabalho poético em diferentes doutrinas infesta e infecta a literatura portuguesa.<sup>43</sup> De acordo com a sua visão, portanto, é necessário que se enquadre cada uma das estéticas ao tema a ser trabalhado, podendo um poeta encontrar um equilíbrio entre ambas, mesmo que sejam estas muito diferentes em suas máximas.

### I.3. A VISÃO CASTILHIANA ACERCA DA TRADUÇÃO

No prólogo à tradução de *O Judeu Errante*, Castilho apresenta o que constitui, em sua concepção de tradução, as três verdades capitais de todo e qualquer procedimento tradutório. A primeira delas afirma que a boa tradução de um original não deve desonrar, mas ilustrar as intenções de seu autor; a segunda delas diz respeito à ideia de que, para que uma tradução seja considerada boa, deve ser escrupulosa, exata e pura em sua linguagem; a terceira, essencialmente elmanista, afirma que a tradução deve vestir e ornar a obra original completamente à moda e gosto da terra em que se presente naturalizar, porém sem transtornar

<sup>42</sup> Uma análise do ritmo na metrificação de Bocage e Filinto para a tradução de Lucano pode ser encontrada em Vieira (2015)

<sup>43</sup> “[...] Mas fiz sempre por fugir do vício das *escolas*: nem sempre o consegui; mas geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer Horacianos, Filintistas, Elmanistas, e agora ultimamente Clássicos e Românticos? Quer dizer tolíce e asneira sistemática debaixo de diversos nomes. Pois quando quero fazer uma ode *genial* – ou elegante de qualquer gênero simples e natural, não é o estilo, a maneira de Horácio o melhor modelo? – Se faço um soneto ou um epigrama porque não hei de tomar Bocage por meu exemplar? – Se se trata de sublimes raptos líricos – quem chegará tão alto como Francisco Manuel? – Se o meu assunto é clássico, se o talho e adorno do gênero grego ou romano, se invoco sua elegante mitologia, por que não hei de ser eu clássico, por que não hei de afinar a minha lira pela dos sublimes cantores que tão extremados a tocaram? – Mas se escolho assunto moderno, nacional, que precisa um *maravilhoso* nacional, moderno, em vez da lira dos vates, tomo o ataúde do menestral ou a harpa do bardo, como posso então deixar de ser romântico?” (GARRETT, 1829, p.XL-XLI).

aquilo que é substancial nos pensamentos e afetos de um autor (CASTILHO, 1844, p.73)<sup>44</sup>. Para sustentar seu terceiro axioma, problemático tanto em seu tempo como, ainda, nos dias de hoje, o autor cita como exemplo de autoridade alguns escritores clássicos que também se utilizavam desta postura de suplantar a obra original por meio da tradução. Diz Castilho que tal verdade foi posta em prática por

já antes de Voltaire, Rollin; antes de Rollin, Quintiliano; dois mestres sumos de toda a arte de escrever; e antes deles o Virgílio da prosa, aquele imortal Cícero, que também foi tradutor, e também deu com os exemplos as regras de traduzir, haviam apregoado e mantido a liberdade no transplantar de Língua para Língua, e insistindo naquilo mesmo em que nós sempre insistiremos: que entre a paráfrase e a cópia é que está a verdadeira tradução, aquela que descobre, patenteia, e exalça, ao mesmo tempo, dois autores (*Ibidem*, 73-74).

Como a própria citação já ilustra, a concepção de tradução castilhiana vai ao encontro daquela proposta pelo grande orador romano Cícero, o primeiro autor latino a fornecer delimitações sobre o procedimento tradutório, incluindo os “procedimentos de transposição; lugar do texto original; lugar da tradução, e considerações sobre o contexto de recepção de traduções em sua época” (VIEIRA, 2006, p.28). Em seu texto *De optimo genere oratorum* (“sobre o melhor gênero de Oradores”), caracterizam-se duas posturas distintas no ato da tradução: aquela feita como um orador e aquela feita como um tradutor<sup>45</sup>. Nesta, o produto é um texto bastante literal, reproduzindo os vocábulos até mesmo no mesmo número em que se encontravam no original. Naquela, o produto é um texto que conserva o mesmo gênero, formas e figuras do texto fonte, porém com palavras adequadas ao costume da língua alvo. Cícero afirma que é necessário que a tradução seja feita de maneira retórica, adaptando e adequando aquilo que é traduzido, vertendo o gênero e a força expressiva para além de uma transposição *uerbum pro uerbo* de uma língua a outra<sup>46</sup>. Este ponto de vista ciceroniano acerca da tradução

<sup>44</sup> “No que acaba de se ler [Monsieur La Harpe, tratando das traduções de Vaugelas, de d’Ablancourt, e de Tournell] se cifram três verdades capitais, que hoje, mais que nunca, se deveriam de contínuo repetir:

1<sup>a</sup> – que a versão boa de um bom original não desonra, senão que ilustra, mas que seja a um talento abalizado;

2<sup>a</sup> – que, para que a versão seja boa, há de ser escrupulosa, exata, e puríssima na Linguagem;

3<sup>a</sup> – que deve, sem transtornar o substancial do pensamento e afetos do autor, vesti-lo e orná-lo completamente à moda e gosto da terra em que se pretende naturalizar”.

<sup>45</sup> [...] *nec conuertit ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad mostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui. Non enim ea me annumerare lectori putauit oportere, sed tamquam appendere* (Cic. *Opt. Gen.* V. 14). “[...] E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las” (trad. Brunno Vieira e Pedro Zoppi).

<sup>46</sup> “Cícero condena a pretensa fidelidade do palavra por palavra, pensando a tradução em segmentos discursivos maiores, tais como as *sententiae*, “idéias”, sem nunca perder de vista a expressividade do texto oratório, que presume excelência dos enunciados tanto na forma, quanto no conteúdo” (VIEIRA, 2006, p.29-30).

– que, como podemos constatar, é interpretado e recebido por Castilho de acordo com os gostos e costumes do contexto oitocentista – define que o objetivo último de um ato tradutório é a reinvenção da fonte, ou seja, a produção de um novo texto que seja capaz de substituir o original de modo que o autor, se fosse da mesma nacionalidade do tradutor, produziria um texto em consonância com a reelaboração deste último.

No seu prefácio à tradução de *Tartufo*, de Molière, Castilho deixa bastante clara a sua intenção de produzir um texto que seja capaz de suplantar o original francês ao apresentar a ideia de que, ao traduzir, deve-se transportar o autor original aos costumes da língua de chegada – ideia esta que é recorrente em quase todos os prefácios e ensaios aqui analisados:

Molière supôs na sua terra a fábula cujo era criador; se houvesse nascido em Castela, tê-la-ia suposto castelhana, italiana na Itália, e em Portugal portuguesa; pois isso que ele houvera feito sem nenhuma dúvida, foi o que nós fizemos, nacionalizando-o; e não serão por certo os nossos conterrâneos, que nos levem a mal o termos temperado ao seu paladar a substância deste acepipe tão saudável.” (CASTILHO, 1870, p.10)

Diz, ainda, no prólogo a *O Novo Amigo dos Meninos*, de Berquin:

Fiel pois ao pensamento, o intérprete português soltou-se, desde os primeiros passos, de uma literalidade servil, cuja primeira consequência haveria sido malograr todo o seu trabalho, pelo tédio ou repugnância que forçosamente viria a causar a quem quer que encetasse, ou, por acaso, folheasse os seus volumes. Disse em si o que todo o tradutor deveria sempre dizer antes de pegar na pena: - “Conheço o meu autor: estou inteirado do que pretende e compenetrado da sua índole; resta-me fazê-lo falar, como de próprio falar, se escrevesse na minha língua.” (CASTILHO, 2000 (1854), p.132)

Esta ideia de “soltar-se de uma literalidade servil” de maneira a criar o mesmo efeito da recepção do original no texto traduzido está de acordo com a ideia castilhiana de que a maior e pior das infidelidades é a fidelidade servil, aquela que deixa ininteligível o autor original fez para ser compreendido, pois este se utilizou de vocábulos e frases que, em sua língua, foram capazes de lograr este fim<sup>47</sup> (CASTILHO, 1841, p.19-20). Levando em conta esta visão tradutória, Castilho afirma, até mesmo, a não-obrigatoriedade do tradutor, dadas certas circunstâncias, de conhecer a língua de uma obra original para vertê-la à sua própria<sup>48</sup>: o que

<sup>47</sup> Este posicionamento acerca da linguagem em tradução é recorrente em diversos autores. Para citar um breve exemplo, Correia Garção afirma em sua *Dissertação Terceira*: “Devemos imitar e seguir os Antigos: assim no-lo ensina Horácio, no-lo dita a razão, e o confessa todo o mundo literário. Mas esta doutrina, este bom conselho, devem abraçá-lo e segui-lo de modo que mais pareça que o rejeitamos, isto é, imitando e não traduzindo. Os poetas devem ser imitados nas fábulas, nas imagens, nos pensamentos, no estilo; mas quem imita deve fazer seu o que imita. [...] Se imito o estilo, não devo servir-me da palavra dos antigos, mas achar na linguagem portuguesa termos equivalentes, enérgicos e majestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos” (GARÇÃO, 1982, p.134-135).

<sup>48</sup> “[...] dadas certas circunstâncias pode um poeta de consciência verter a obra de outro sem aliás lhe conhecer a língua” (CASTILHO *apud* PAIS, 2000, p.205).



importa é se as ideias e afetos do autor foram bem expressas na língua alvo, ou seja, com clareza, fluência, elegância e vernaculidade.

Apesar do nítido enquadramento de Castilho aos ideais de nacionalização na tradução, esta filiação ao projeto domesticador não se encontra na totalidade de sua produção. António José Viale, em sua *Miscellanea Hellenico Litteraria* (1868), divide os sistemas de versão poética adotadas pelos tradutores do século XIX em três – e não mais em duas – classes distintas, relativizando as escolas Elmanista e Filintista. São estas formadas por: *fidelistas*, *parafrastas* e *semi-fidelistas semi-parafrastas* (1868, p.145). Viale afirma que “os termos para serem entendidos do leitor estudioso não hão mister definidos” (*Ibidem*) e, por isso, cita alguns exemplos de traduções – não apenas portuguesas, mas também francesas, italianas e castelhanas – para ilustrar os sistemas de tradução por ele propostos.

Desta forma, por *fidelista*, entende-se um sistema de rigorosa e escrupulosa fidelidade. Viale utiliza, para exemplificar um caso de exageração da vertente, o projeto tradutório do francês Leconte de l’Isle em sua tradução da *Ilíada* homérica: “quanto mais a obra de arte trasladada de uma língua para outra revela uma civilização diferente, tanto a fidelidade deve ser mais escrupulosa, tanto a cor local deve ser mais respeitada nos seus mais delicados matizes” (*Ibidem*, p.146). Nesse sentido, é fundamental para este sistema tradutório que a obra de arte, sendo estranha aos falantes da língua alvo, seja recebida como tal.

Por *parafrasta*, entende-se um sistema que tem por objetivo domesticar tudo aquilo que pode ser recebido com estranheza na nova língua. Com isso, tem-se a criação de um novo texto já, de certa forma, distante do original em tudo aquilo que diz respeito ao seu caráter estrangeiro. São, portanto, traduções que visam a uma recepção mais clara do conteúdo do texto por meio de sua nacionalização extensiva.

Por *semi-fidelista semi-parafrasta* entende-se um sistema tradutório que se encontra ao meio termo dos sistemas precedentes, ou seja, um que se proponha a domesticar apenas o que se faz extremamente necessário para o entendimento do texto traduzido. Seguindo esta classificação, Viale afirma que o projeto tradutório de Castilho para as obras ovidianas – tanto as *Metamorfoses* como os *Fastos*, com exceção da obra *Amores*, que é exclusivamente parafrasta – enquadra-se naquilo que denomina semi-fidelista semi-parafrasta, “porém mais chegado aos fidelistas que aos parafrastas” (*Ibidem*).

Alguns breves exemplos podem comprovar a maior inclinação à vertente fidelista em muitos pontos de sua tradução das *Metamorfoses*<sup>49</sup>. No episódio em que Acteão vislumbra a

---

<sup>49</sup> Demonstraremos algumas passagens de inclinação parafrasta no próximo capítulo.

deusa Diana sem seus trajes e é metamorfoseado em veado (Ov. *Met.* 3.138-252), Castilho afirma ter conservado até mesmo as quantidades silábicas do original ao traduzir os nomes dos cães (CASTILHO, 1841, p.19). Disso resultaram nomes advindos de decalques, que expressam de maneira bastante nítida o caráter estrangeiro do original: *Ichnobates* (v.208) aparece como “Ichnóbate” (v.256); *Nebrophonos* (v.211) aparece como “Nebróphono” (v.261); *Hyelaus* (v.213) aparece como “Hyleu” (v.263); e *Lycisce* (v.220) aparece como “Lycisca” (v.271).

Além disso, outro fator, mais geral, que indica certo caráter fidelista à sua tradução é o extenso volume de notas explicativas ao final de cada um dos livros já publicados: as notas dizem respeito a questões culturais, que foram mantidas – em vez de nacionalizadas – em sua obra. Castilho justifica, em seu prefácio, que um dos fatores que ditou a necessidade de cometer alguns desvios do texto original foi a presença dos adjetivos patronímicos. Afirma que os traduziu literalmente na maior parte das vezes, mas que, em alguns casos que poderiam causar prejuízos ao entendimento, utilizou outros recursos – como o acrescento de versos ou de notas – para desfazer a possível dúvida.<sup>50</sup> A título de exemplo, Castilho, no longo episódio de Jasão e Medeia (Ov. *Met.* 7. 1-393), ao traduzir o verso *iba ad antiquas Hecates Perseidos aras* (v.74), emprega a denominação “Hécate Perseida” (*vai de Hécate Perseida às priscas aras*, v.119), um estrangeirismo advindo de um decalque do adjetivo patronímico, bastante comuns no decorrer das *Metamorfoses* ovidianas. Uma postura mais domesticadora traduziria este elemento, que é estranho à língua portuguesa, com uma ampliação deste adjetivo (“filha de Perses”, por exemplo).

Uma postura semelhante àquela acima mencionada também pode ser encontrada nos *Fastos* vertidos por Castilho. Em seu prólogo, afirma que o tradutor forcejou por fazê-la fiel, “sem exageração de escrúpulos e, quanto em nós coubesse, clara e elegante, que não deslustrasse muito o autor” (CASTILHO, 1862, vol.1, p.XLVI). Porém, reconhece que, em muitos pontos, uma fidelidade total ao original poderia acarretar dificuldades na compreensão do texto:

---

<sup>50</sup> “Um aparente defeito, que muitos leitores taxarão neste Poema (assim como em quase todos os antigos), é a escusável escuridade que provêm de muitas vezes se não designarem os personagens pelos seus nomes próprios, mas pelos possessivos de seus pais, avós, e mais remotos ascendentes; pelos de suas terras, ou rios; e, alguma vez, pelos de suas façanhas, ou algumas outras circunstâncias pessoais [...] Este antigo costume, mui conforme com o espírito indubitavelmente aristocrático desses tempos e sem nenhum inconveniente para então, pois que todas estas histórias e fábulas que hoje temos nos dicionários como museus, andavam vivas e correntes, na notícia de todos, requer hoje ao tradutor sumo tento e discrição no seu uso; pois que a primeira obrigação, de quem escreve, é fazer-se entender; e dos leitores não se há de exigir nem esperar mais do que eles têm ou podem ter. Entendi, portanto, que era dever meu fazer o mesmo que o meu Autor, sem nenhuma falta, haveria feito se em meu lugar e tempo houvera escrito. Traduzi-o, quanto soube, literalmente nessa maneira de particularizar os sujeitos ou terras; mas, em todos os lances em que se me antolhou que um curioso de meia leitura poderia ficar embaraçado, ora ladeei, e me desviei, sem fugir, ora acrescentei uma penada que desfizesse a dúvida” (CASTILHO, 1841, p. 19-20).

[...] ocorreram-nos em realidade algumas dificuldades não pequenas, quando houvermos de verter razões etimológicas, e outros pormenores propriamente da linguagem latina, para que não havia termos equivalentes em nossa língua. Nesses casos, muito frequentes, procuramos o remédio: ora em derivações, mais ou menos achegadas, ora em analogias entre os dois idiomas, ora num pouco de desenvolvimento e explicação, arteiramente insinuado na redação da nossa frase. Não afirmaremos que nos saíssemos sempre bem; mas afirmáramos, se preciso fosse, que o procuramos bem deveras. Dita nos foi ainda assim o sermos portugueses; é uma língua esta para muitíssimo, se não é para tudo (*Ibidem*).

Observa-se, portanto, que o objetivo de ser fiel em sua tradução não anula a máxima castilhana de que a tradução deve soar portuguesa, ou seja, utilizar palavras que são naturais aos falantes da língua alvo. Entretanto, nosso tradutor utiliza muitos decalques latinos e neologismos no decorrer de sua tradução ovidiana. No livro I, por exemplo, traduz o sintagma *anni tacite labentis origo* (Ov. *Fast.* 1. 65) por “eterna origem dos anos tacitíflios” (CASTILHO, 1862, vol.1, p.9), unindo o genitivo *labentis* com o advérbio *tacite* – referentes ao substantivo *anni* – para a criação de um neologismo, “tacitíflios”.

Além disso, assim como nas *Metamorfoses*, nesta obra o nosso tradutor também opta pela utilização de estrangeirismos advindos de patronímicos em prol de uma ampliação adjetiva. Logo no início do livro V, ao invocar a inspiração das musas nos versos *dicite, quae fontes Aganippidos Hippocrenes, / grata Medusaei signa, tenetis, equi* (Ov. *Fast.* 5. v.7-8), o sintagma *Aganippidos Hippocrenes* – referente a *fontes* – é traduzido por “a fonte da Hippocrenia Agannipe” (CASTILHO, 1862, vol.3, p.5). Logo no verso seguinte, a palavra *medusaei*, referente a *equi*, é traduzida por “meduseo corcel” (*Ibidem*).

Há, também, um extenso volume de notas explicativas<sup>51</sup> nos três tomos dos *Fastos* castilhanos. Estas notas teriam uma dupla finalidade: elucidar o poema e despertar nos leitores o gosto pelo antigo. O tradutor justifica esta ampla anotação no prólogo da obra, afirmando que

Compôs Ovídio o seu poema quando as coisas de que ele havia de ser cheio eram vivas, eram presentes, eram familiares aos leitores a quem o destinava, e em cuja língua, que era a sua própria, ele o escrevia. O tradutor laborava aqui uma extraordinária desvantagem, que tornava desigualíssimo o duelo; (toda a tradução é um verdadeiro duelo). Se completasse o que no original só vinha acenado, seria parafrasta, e não era esse o seu propósito; se deixasse tudo ao desenvolvimento, à completação mental dos leitores pressupondo-os todos antiquários, enganar-se-ia estranhamente, e pagaria caro o erro. Que

---

<sup>51</sup> Como o próprio título de sua obra já deixa entrever (“Os fastos de Publio Ovídio Nasão com tradução em verso português por António Feliciano de Castilho seguidos de copiosas anotações por quase todos os escritores portugueses contemporâneos”), além de ser extenso o volume das notas, é também extenso o número de autores delas. É interessante notar que, dentre os diversos anotadores, há um grande número de mulheres, fato que mostra que Castilho incentivou a participação feminina na literatura portuguesa de sua época. Um estudo mais detalhado acerca da presença de escritoras portuguesas no seu projeto tradutório para os *Fastos* pode ser encontrado em Cruz (2017)

arbítrio lhe restava então? Confiar o complemento do texto a comentários (CASTILHO, 1862, p. XLVII).

Por outro lado, sua tradução dos *Amores* de Ovídio aponta, desde o título, que se trata de uma paráfrase<sup>52</sup>. O conceito de paráfrase, neste período, é apropriado por Castilho nesta que é uma das suas primeiras traduções ovidianas a serem publicadas, o que o tornou mentor deste tipo de trabalho tradutório<sup>53</sup>. A escolha pela paráfrase pode ser facilmente compreendida se levarmos em conta a visão morigeradora que Castilho concede à poesia: sendo os *Amores* ovidianos carregados de certo erotismo, nosso tradutor se propõe a atenuá-lo “com o véu da linguagem figurada” (CASTILHO, 1858, p.31), o que resultou em uma tradução que se afasta tanto do original que se constituiu como uma nova obra. José Feliciano de Castilho – autor dos comentários da *Grinalda Ovidiana*, que sucede à tradução dos *Amores* – afirma que o poeta português compreendeu, “com seu apurado gosto, que obras tais como as *Metamorfoses* e *Fastos* devem ser traduzidas, e as como *Os Amores* parafraseadas” (CASTILHO, 1858, p.11-12).

Outro fator que mostra a postura mais parafrástica de Castilho para esta obra ovidiana é o excessivo aumento de versos em sua tradução, que excede em 3199 versos o original ovidiano. Lembremos que, ao longo do século XIX – como já foi discutido na seção 2 deste capítulo (Cf. p. 37-45) –, muitas vezes se associava o processo de tradução com o fenômeno de nacionalização para cumprir o objetivo de paramentar um texto estrangeiro aos modos portugueses. Nosso tradutor parece, portanto, levar ao máximo a sua postura de privilegiar a recepção do texto na tradução desta obra ovidiana, dando às terras lusas mais do que uma tradução: deu-lhes *Amores* portugueses<sup>54</sup>.

Cabe ressaltar, ademais, que a escolha pelo metro também pode revelar o fio parafrástico que conduz este trabalho tradutório: Castilho transforma em gênero lírico o que, no original, apresenta-se como elegia<sup>55</sup>. Isto se comprova pela opção do tradutor por uma variação métrica no decorrer dos poemas da obra, escolha esta que não se faz no original latino por questões de

<sup>52</sup> Inscreve-se na capa: “*Os Amores* de P. Ovídio Nasão. Paráfrase por António Feliciano de Castilho; seguida pela *Grinalda Ovidiana*, por José Feliciano de Castilho”.

<sup>53</sup> Talvez a conceituação de Viale em sua *Miscellanea Hellenico Literária* possa ter se valido das próprias ideias castilhianas apresentadas em seus prólogos.

<sup>54</sup> Castilho diz, no prólogo do tradutor: “pelo que respeita ao metro, não só empreguei todos os possíveis, desde os microscópicos dissílabos até aos majestosos (e nunca assaz recomendados) alexandrinos, senão que procurei combiná-los e intertecê-los, para dar às estrofes a máxima variedade. [...] Menos me importou o como Ovídio tinha concebido e expresso os seus amores, do que o como os expressaria, se a nossa fora a sua língua, e os usos e gosto literário de então, os mesmos que são hoje” (CASTILHO, 1858, p.33)

<sup>55</sup> Um estudo bastante completo acerca da tradução parafrástica de Castilho para os *Amores* pode ser visto em Duarte (2019a).

gênero, já que as elegias eram sempre escritas em dísticos elegíacos enquanto as variações polimétricas se destinavam à produção lírica. Em seu prólogo, afirma que

Tradutor fiel e conciso nas *Metamorfoses* e nos *Fastos*, preferi ser parafrasta nos *Amores*. A índole desta obra estava pedindo, na nossa língua, a forma lírica, a metrificacão multicolor e cintilante, mimos e graças do dizer, a que o grave e heroico decassílabo se recusa. Pradarias esmaltadas de flores, e matizes de arco-íris, não se debuxam com traços de lápis; exigem palheta bem provida. (CASTILHO, 1858 p.32)

O próprio Castilho afirma, em diversas obras, que seus projetos tradutórios se encontram no meio termo entre a domesticação e o estranhamento: afirma ele que as traduções devem “[...] nem tanto pospor a harmonia e clareza à brevidade, como Filinto; nem tanto sacrificar o entendimento ao ouvido como Elmano” (CASTILHO, 1903, p.44) e, ainda, que “[...] nem Bocage, nem Filinto, eram para modelos absolutos; e que tão desacordado andava quem não consentia um verso que grave não fosse, como quem esdruxulava por vida e fora daqueles casos, em que o esdruxular traz em si mesmo a desculpa e o louvor” (*Ibidem*, p.162), referindo-se ao modo de arranjar as palavras em fim de verso comuns a esses dois autores.

Apesar do posicionamento flexível acerca das vertentes tradutórias de sua época, Castilho afirma diversas vezes que as traduções fidelistas, que prezam por empréstimos da língua fonte para a sua construção, são as responsáveis pelo empobrecimento da língua pátria. As traduções por ele criticadas em seus prefácios são, em sua grande maioria, aquelas de obras francesas, as quais utilizam estrangeirismos e galicismos para a sua constituição em prol da utilização de palavras lusas<sup>56</sup>.

Se tivermos em mente o contexto de instauração liberalista pelo qual Portugal passava na época, pode-se entender o porquê do extenso volume de críticas a respeito das traduções de obras francesas: o espaço cultural luso do século XIX foi dominado pelo pensamento francófilo e, por isso, surgiram diversas manifestações que iam de encontro à valorização nacional. Muitos dos intelectuais da época se preocupavam com o futuro da língua portuguesa – o que abrangia a sua defesa perante as influências exteriores e a manutenção dos usos e costumes nacionais – e, como resultado, a pureza do idioma passou a ser discussão constante. Defendia-se o português puro e protestava-se por ele, ou seja, aquele de boa dicção e sem a presença de galicismos ou estrangeirismos de qualquer outra espécie.

Neste ínterim, o aparecimento de expressões de galofobia fomentadas pelo sentimento de nacionalismo linguístico é constante até mesmo nos mais relevantes escritores da época.

---

<sup>56</sup> Além do excerto acima citado, Castilho cita as traduções francesas em diversos dos prefácios aqui analisados: nas notas à terceira edição de *A Primavera* (1903), no seu ensaio *A Língua Portuguesa* (1842), no prólogo à tradução de *O Judeu Errante* (1844) e na carta ao editor Pereira (1865).

Herculano, em um artigo sobre galicismos publicado em sua revista *O Panorama* em 1837, revela que “sendo a nossa língua abundantíssima, e escassa a francesa a muitos respeitos, pela falta de conservar os escritores nacionais encurtamos e empobrecemos as formas e os elementos do discurso” (HERCULANO, 1837, p.52). Castilho, na *Conversação Preliminar a Confissão de Amélia*, afirma que

As traduções de língua francesa a que pouco há atribuí parte da culpa no estrago do nosso idioma [...] por duas vias danarão a sincera e nativa pureza de nossa língua; já cobrindo-a com o voraz e feio musgo de estranhos vocábulos e frases, já principalmente quebrando-lhe o estilo próprio, a interior contextura, e desgastando-lhe, sem o cuidarem, a vida e o espírito semi-romano, com que tão fera e poderosa andou sempre entre as de Europa. (CASTILHO, 1836, p.176)

Por este motivo, acredita que, se foram as traduções responsáveis pelo empobrecimento da língua portuguesa, também serão elas as capazes de reparar o destruído: se as traduções francesas não o podem fazer, afirma que cabe às traduções latinas reestabelecer a pureza da língua pátria. Esta ideia não é pioneira em Castilho: já Filinto Elísio, em sua *Carta ao senhor F. J. M. de B.* – espécie de arte poética filintista –, pregava esta mesma ideia ao discorrer sobre os ganhos que a língua grega obteve do trato com idiomas estrangeiros e propor que a língua portuguesa poderia lograr o mesmo por intermédio das traduções (Cf. p.41). Nuno Álvares Pereira Pato Moniz (1781-1826), seguidor da escola filintista, afirma em seu artigo *Biografia – Francisco Manuel do Nascimento*:

[...] queria restituir à língua portuguesa aquela elegante concisão, eufonia e pureza verdadeiramente latinas, que tinham brilhado em seus antigos clássicos. [...] lia [os clássicos] com a pena na mão, cuidadosamente notando aqueles helenismos e latinismos elegantes, que per si se identificavam e enxertavam com perfeita graça no gênio particular do idioma. Querendo com o exemplo daqueles grandes homens acrescentar inda esta grande massa de riquezas latinas; introduziu expressões novas e escrupulosamente derivadas da língua romana; tornava a pôr em uso antigas formas de dizer consagradas outrora em escritos célebres e depois obsoletadas; porém um gosto delicado presidia a esta extração do oiro mais puro. Nunca o melhor vinha corromper o bom. Aspirava a falar a verdadeira língua portuguesa, que não reconhecia nas eunucas produções de seus contemporâneos e suas fadigas tendiam mais a reformar e conservar do que a inovar. [...] graciosamente ousado, cria novas expressões e frases, porém sempre com bom gosto, sem neologismo inútil ou extravagante; com um ar livre e fácil e consagrando sempre pelo cunho particular, que lhe imprime as felizes inovações, que se permite (MONIZ *apud* ROCHA, 2013, p.68-69).

Trata-se, portanto, de um ponto de contato entre as ideias tradutórias de Castilho e aquelas pressupostas pelo filintismo. Segundo Castilho, o reparo da língua portuguesa poderá ser feito por meio do emprego de uma língua pura em traduções de obras latinas – ou seja, uma língua mais próxima deste “espírito semi-romano” existente no português. Em *Camões*, afirma:

Se ambicionardes deixar à posteridade coisa que lhe mereça aplausos de clássica, se quereis sacar maravilhas desta mal avaliada harpa chamada *Língua portuguesa*, que meia dúzia de velhacos afrancesados nos trazem tão destemperada, se quereis que o nosso povo readquirira, e melhorado, o que maus administradores lhe tem perdido por incúria, e se lhe restaure um pouco de brio fecundo, e amor da Pátria ao verem por documentos irrefragáveis, que o francês não é, como ele blasona, nem mais claro, nem tão claro, e que, pelo contrário, o português é no seu colocar e frasear, dez vezes, cem vezes, mais lógico, mais retórico, mais poético, e mais músico, que o francês; se nos importa em suma (e deve-nos importar) o sermos portugueses, tornemo-nos ao latim.

O Português está no Latim e o Latim no Português (CASTILHO, 1849, p.253-254)

Se, por um lado, os neologismos advindos do francês são vistos como uma forma de corrupção da pureza da linguagem para os autores da época, aqueles advindos do latim poderiam ser uma forma de opulentar o idioma. Essa ideia de que a importação de latinismos é bem-vinda para o enriquecimento da língua portuguesa é relativamente comum no oitocentismo e, mais ainda, não era restrita ao meio poético. Como afirma Tâmara Kovacs Rocha, “a cunhagem de palavras ao modo latino, como ‘muri-cercada’, e a introdução das próprias palavras latinas, como ‘conviva’, eram consideradas um fator enriquecedor da língua de todos os falantes, não apenas dos poetas” (ROCHA, 2013, p.290-291). Isso porque, como explicita Castilho, “o português está no latim e latim no português”, ou seja, o empréstimo da língua latina não poderia atentar contra a pureza da linguagem, já que o latim faz parte do que se chamava “gênio da língua” portuguesa<sup>57</sup> e os neologismos latinos, por isso, não deturpariam a sonoridade natural do idioma. Assim, para Castilho, a língua latina não era estrangeira: o latim seria um português nativo, a origem mesma da língua portuguesa, cuja inerência consiste em ser latina, não francesa.

Para além do constante trato com a língua e literatura latinas, Castilho também defende a ideia de que, diante de um mercado editorial inundado de traduções ruins, que corrompem o idioma ao introduzirem nele “barbarismos” e galicismos, é necessário examinar obras que se escreveram em português puro. É por isso que busca levar às suas versões um vocabulário revisitado dos grandes clássicos nacionais, o que dá às suas criações um aspecto antigo e, ao mesmo tempo, o tão buscado português puro, afastado dos empréstimos linguísticos tão

---

<sup>57</sup> “[...] está presente no período também o conceito de “linguagem pura”, ou “norma purista” da linguagem. Os literatos preocupam-se ininterruptamente com a absorção de palavras e idiotismos estrangeiros pelo vocabulário português, principalmente galicismos e anglicismos, considerados as mais das vezes “conspirações” da língua portuguesa pura – daí serem chamados “barbarismos”. Ora, para os literatos não era o mesmo a absorção de vocábulos do latim e do grego, e a do francês, ou inglês. Pelo que pudemos depreender, tomar empréstimos do latim era considerado “construção do português”, desde que atentasse para o respeito ao “gênio da língua” portuguesa, enquanto que a utilização de termos de línguas “modernas”, ou “vulgares”, como também as chamam, era invasão de barbarismos, pois eram completamente alheios ao “gênio” do português” (*Ibidem*).

criticados por ele nas traduções fidelistas. Isso quer dizer muito, também, sobre a criação de neologismos advindos do latim: Camões, maior representante dos autores clássicos nacionais, adotou amplamente a estratégia de importar latinismos para o português, ideia tão presente entre os autores do século XIX. Se o maior nome do Classicismo lusitano, modelo de dicção para o que se entendia como “português puro”, empregou vocábulos latinos em suas obras, entende-se o motivo de os empréstimos de línguas antigas serem tão valorizados, a despeito daqueles advindos de línguas modernas serem tidos como poluição do idioma<sup>58</sup>. Sobre isso, Castilho afirma que

Quando quem não cura da pureza de sua Língua, cura ao menos de lhe não deitar remendo de pano estranho ou novo que não seja vistoso e garrido, quando o que se não preza de ser limpa e castamente, ao menos timbra no exprimir com viveza não vulgar, com certo matiz, com certa novidade, algum passe mais se lhe pode conceder. (CASTILHO, 1903, p.41)

Se esta visão positiva acerca dos empréstimos linguísticos derivados do latim e do vocabulário revisitado dos grandes clássicos portugueses se constituem como um ponto de contato entre Castilho e os ideais seguidos pelos filintistas, esse assunto nem sempre foi bem acordado pelas duas estéticas tradutórias. Em sua defesa pela pureza de linguagem, o nosso tradutor adepto da escola elmânica gerou grande atrito com o principal nome da escola filintista por meio dos injuriosos versos abaixo transcritos:

I  
Amigo, estou tão poeta,  
Que em versos consumo o dia,  
Tomara achar um remédio  
Que me curasse a mania.

Se queres gelar o estro  
Isso está na tua mão,  
Lê as odes do Filinto,  
E os sonetos do Garção.

II  
Brevemente sai à luz,  
Obra de um gênio distinto,  
Uma versão portuguesa  
D’*opera omnia* de Filinto.

<sup>58</sup> Essa ideia está presente, também, entre autores brasileiros. Américo Elísio, pseudônimo árcade de José Bonifácio de Andrada e Silva, também era adepto da adoção de neologismos latinos. Afirma, em sua introdução a Píndaro: “[...] se por fatalidade nossa o imortal Camões, que tanto tirou do latim e italiano, não ignorasse o grego, certo teria dado ao seu poema maior força e laconismo, e à língua portuguesa maior ênfase e riqueza. Nós já temos muitos vocábulos compostos tirados do latim, e porque não faremos, e adotaremos muitos outros, tanto ou mais necessários em poesia, como por exemplo: *auricómada*, *roxicómada*, *boquirubra*, *braccirósea*, *olhinegra*, *olhiamorosa*, *argentípede*, *tranciloira*, *docirisonha*, *docifalante*, etc., etc.? Ousem, pois os futuros engenhos brasileiros, agora que se abre nova época no vasto e nascente Império do Brasil à língua portuguesa, dar este nobre exemplo; e fico, que apesar de franzirem o beijo puristas acanhados, chegará o português, já belo e rico agora, a rivalizar em ardimento e concisão com a língua latina, de que traz a origem” (SILVA *apud* ROCHA, 2013, p.95).



## III

Amigo, tive esta noite  
 Negro, horrível pesadelo;  
 Ainda ao lembrar-me dele  
 Se me arrepiava o cabelo.

Deus te livre, e livre a todos  
 De sentir o que ainda sinto:  
 Pois não sonhei que me liam  
 Três páginas do Filinto? (CASTILHO, 1844, p.116)

Estes epigramas críticos e, até mesmo, desrespeitosos, mostram a visão de Castilho acerca das escolhas de Filinto em suas traduções: o primeiro epigrama busca evidenciar a falta de poeticidade nos versos de Elísio; o segundo afirma ser necessária uma espécie de “tradução da tradução” para o entendimento das escolhas feitas pelo poeta que, como se sabe, são permeadas de empréstimos; o terceiro evidencia a obra do poeta como um pesadelo. Retirados do texto *O seu a seu dono*, publicado em 1844, Castilho parece retomar os ofensivos versos escritos há vinte anos para se redimir: reconhece em Filinto a façanha de ter salvado a língua portuguesa dos “afrontosos transe em que a França de nossos dias a traz metida” (*Ibidem*, p.118) por meio da retomada de vocábulos portugueses antigos, já fora de circulação. Esta retomada fez com que muitas das “antigualhas” linguísticas – termo este usado por Castilho – voltassem às bocas portuguesas, tanto na literatura como na fala cotidiana.

Essa necessária retomada dos clássicos nacionais para a tradução de obras estrangeiras antigas é, assim, um importante ponto de contato entre as ideias de Castilho e as de Filinto, visto que ambos afirmam que a leitura dos clássicos lusos é capaz de purificar a língua portuguesa e evidenciar as suas riquezas<sup>59</sup>. A distinção entre a abordagem dos clássicos por Filinto e por Castilho na tradução de obras latinas dá-se na aplicação desta retomada: enquanto este aposta em certa exageração na pureza da linguagem e abundância nacional na forma, aquele opta por uma forma que se aproxima do original e, quando utiliza vocábulos dos grandes clássicos lusos, utiliza-os não apenas com fins de manter uma pureza linguística, mas com o objetivo de manter o mesmo tom arcaizante e o mesmo estilo do poeta primitivo das obras da

---

<sup>59</sup> “[...] há um uso lícito, antes louvável [dos clássicos], contra o qual é nada menos que vergonhoso o vociferar: este uso é preciso defini-lo claramente. – Consiste ele em duas partes – na construção do período; e na escolha das palavras, frases e dizeres. – Quanto à construção do período é evidente para todos os que sabem português, quanto do francês difere o nosso essencialmente; e com grande melhoria, acrescentaremos nós, e o provaríamos, se para isso houvera campo. – Quanto à escolha de termos, entendemos, que se muitos dos antigos foram bem supridos por equivalentes, muitos outros, que se aposentaram sem culpa, nem sucessores, é serviço, e grandíssimo, o forcejar pelos repor em exercício: o que tanto não é impossível que muitos pudéramos nós inventariar ressuscitados nestes últimos anos, remoçados, louções, e correntes: e que maravilha! Pois pegam palavras que nunca foram de cá, e não haviam de pegar as que já com as nossas conviveram tão fraternalmente?” (CASTILHO, 1842, p.450).

antiguidade. A utilização de neologismos derivados do latim é, também, uma diferença de abordagem: apesar de estarem presentes em ambas as estéticas tradutórias, o seu emprego por Filinto e seus adeptos é muito mais recorrente e volumoso do que a aplicação que encontramos em tradutores elmanistas. Em outras palavras: o uso dos clássicos, nacionais ou latinos, está presente nos dois ideários, mas a sua aplicação por Filinto é tão recorrente que se passa por latinizante, e é por isso que foi vítima das críticas – ainda que, pouco depois, redimidas – de Castilho.

Observa-se então que, apesar de adotar uma postura bastante purista para com a língua portuguesa, Castilho reconhece que a entrada de palavras estrangeiras – bem como palavras portuguesas fora de circulação – ao vocabulário pátrio é inevitável e admite, também, que em certas obras os empréstimos e estrangeirismos podem ser de grande utilidade quando não prejudicam a pureza do todo, condenando, todavia, uma linguagem que não se enquadre àquela pretendida pelo autor original, denominando tal falha como *desleixo de frase*. Afirma, portanto, que a entrada de palavras estrangeiras, tanto na tradução como na linguagem do dia a dia, deve ser verificada de maneira bastante rigorosa, pois seria inaceitável a substituição por um vocábulo estrangeiro de uma palavra portuguesa que serve perfeitamente aos seus propósitos. Diz o autor, no ensaio *Língua portuguesa*, publicado na *Revista Universal Lisbonense*:

venham com as coisas peregrinas os peregrinos vocábulos, e ainda em parte a construção e estilo, que o consenso dos sábios do mundo mostrou ser mais adequado na matéria, a que os tais vocábulos pertencem: venha tudo isso, e nas boas horas venha. Mas haja aí verificadores de *alfândega* de olho aberto, e mãos limpas e zelosas, que não só não deixem passar de envolta escusados e danados contrabandos, mas as mesmas fazendas de lei as não deixem correr sem demonstrada necessidade. (CASTILHO, 1842, p.449)

Estes “verificadores de alfândega” seriam a proteção de nossa língua contra a entrada de todo e qualquer vocábulo forasteiro ou novo posto em lugar de um português bom e suficiente, pois isso, na visão de Castilho, constituiria um erro ou um vício. A criação de novas palavras, bem como a adoção e perfilhação de um vocábulo estrangeiro ou antigo, quando bem gravados modernamente, expressivos e carregados de ideias, merecem ser recebidos e fixados no nosso idioma: o escritor que isto faz – desde que seja necessário e significativo – faz aquilo que os clássicos de qualquer idioma fizeram (*Ibidem*, p.79-80). Para afirmar esta ideia, Castilho cria uma metáfora bastante significativa, na qual compara o retorno de certas modas com o regresso de palavras em desuso no vocabulário pátrio:

se ainda não usamos das gorras e dos gibões, mil outras modas dos tempos passados se têm visto ressuscitar; e, se isto é nos trajos, e muitas vezes sem necessidade, e contragosto, como o não seria nas palavras, de que já Horácio disse – *Multa renascentur, quae iam cecidere...* e que, em tornarem a servir,

nos aumentam, incontestavelmente, as faculdades poéticas e oratória. (*Ibidem*, p.462)

Essas “palavras renascidas”, termo horaciano trazido por Castilho na citação, para que possam prover à linguagem um caráter puro, sem que se necessite um tradutor ou notas explicativas para compreendê-las, devem ser mescladas com palavras mais modernas para que, assim, seja possível criar versos realmente portugueses. A cura para a doença que, segundo Castilho, estaria sondando a poesia de seu tempo consiste em se “trazerem outra vez para a mesa literária os alimentos substanciais, símplices, e sadios que nos deixaram as idades antigas reputadas por mestras, e por mestras confirmadas do gosto universal, que isso e nenhuma outra coisa quer dizer *clássicas*”. (CASTILHO, 1865, p.196).

A tão buscada pureza na linguagem, encontrou-a em Bocage, que, segundo Castilho, a utiliza de forma limpa, sem os remendos de línguas estrangeiras que se podiam observar em seus contemporâneos. Se levarmos em conta a nítida formação neoclássica e iluminista de Castilho, observa-se que os dois autores partilhavam de muitas opiniões acerca da literatura clássica e da dignificação do trabalho tradutório. Esse engrandecimento da tradução era defendido pelos autores da Arcádia a pretexto de ressignificar o Clássico – tanto a Antiguidade Clássica como o Classicismo português – para a criação de uma dicção puramente portuguesa. Esta mesma ideia é ressonante na obra castilhiana que, como vimos, era marcada pela intenção de traduzir integralmente obras clássicas latinas com a utilização de um vocabulário revisitado dos grandes clássicos lusos. Castilho afirma que “[...] em nenhum escritor, antigo nem moderno, aparece a Língua portuguesa mais senhoril e polida, mais igual e ao meio entre o usual e o sublime, entre a penúria e a prodigalidade” (CASTILHO, 1903, p.137-8).

Por esse enquadramento do projeto tradutório de Bocage às ideias de linguagem e pureza que detinha Castilho, este opta por incorporar os fragmentos traduzidos por Bocage em sua própria tradução das *Metamorfoses* ovidianas, apresentando, ao final de cada um dos livros já publicados em 1841<sup>60</sup>, um “acerto de contas” com o poeta, no qual apresenta o que a ele pertence, bem como as emendas que seus versos sofreram ao adentrar a tradução castilhiana:

Tomei-me, pausadamente, o pulso a mim mesmo e reconhecendo que para o igualar me faleciam inegavelmente as forças. Assentei em tomar dele, quanto era feito e, dando um documento não duvidoso, de sincera humildade, incorporá-lo na minha obra. E assim o fiz: não foi contudo a reverência do seu nome tão poderosa para comigo que, onde entendi carecer de emenda, não lha desse (1841, p.30-31).

---

<sup>60</sup> Os livros não publicados na edição de 1841 não apresentam, no manuscrito, a seção de notas e, conseqüentemente, o “acerto de contas” com Bocage.

Esta comum preocupação com a linguagem presente nos dois autores é o que Castilho coloca como fundamental em sua tradução para as *Metamorfoses*. Diz que não pretende fazer uma tradução parecida com aquelas das novelas francesas que estavam sendo feitas no século XIX, qualificando aqueles trabalhos tradutórios como babélicos por apresentarem-se repletos de decalques e estrangeirismos advindos do francês. O desejo de Castilho, ao contrário, é trazer na tradução a mais pura língua portuguesa, pois acredita que “podemos transladar para ela, sem quebra nem enfraquecimento, tudo quanto ressoa entre gabos e aplausos nos mais bem dotados idiomas peregrinos” (CASTILHO, 1863, p.XXXV). Porém, reconhece que “onde não se pode ou não se sabe dar inteira e pontual correspondência, se desconte e escureça a falta do nosso idioma com outras riquezas que ele mesmo para isso nos subministra; assim que entre o tradutor e o autor se dá uma contínua luta” (CASTILHO, 1841, p.XVII). Por isso, em sua tradução para as *Metamorfoses*, diz que:

À linguagem consagrei particularmente um grande esmero; e tanto maior quanto mais desamparada, mendiga e esfarrapadinha a vemos hoje correr por toda a parte, à vergonha ou sem vergonha de seus naturais. Grande sandice e mímica seria se, trasladando um monumento clássico e latino, o convertesse na mascavada aravia e babel dos tradutores de novelas francesas e outros quejandos; [...] [estes tradutores] nem por erro acertam jamais de escrever frase, que em ouvido português não destoe, e o não martirize” (CASTILHO, 1841, p.22).

A linguagem, portanto, é vista por Castilho e Bocage como um meio que pode ser dissociado do conteúdo: o que importa é manter o mesmo efeito da obra original. Desta forma, a tradução é vista como a transplantação de um modo de ser a outro, recriando o texto original à moda e clima do país de chegada: onde não se pode dar uma completa correspondência, a falta da língua-alvo deve ser compensada por outras riquezas. Com essas ideias em mente, na tradução das *Metamorfoses*, Castilho, com o respaldo de Bocage, obteve a tão desejada pureza de linguagem, visto que quando um povo lê na sua língua, exige que os hábitos recebidos desde o berço não sejam quebrados pois, fora deles, apesar de poder haver verdade, não haverá verossimilhança. (CASTILHO, 1904, p.81-82). No próximo capítulo, apresentaremos alguns aspectos dessa tradução e, também, explicitaremos a presença e influência de Bocage nas *Metamorfoses* castilhianas.

#### **I.4. ENFIM, “A NATUREZA E O FADO” DE CASTILHO**

Com este breve percurso – exposto na seção 1 deste capítulo – das produções literárias e instrutivas de Castilho, buscou-se evidenciar a sua completa e explícita adesão à disciplina

clássica, não apenas nas referências diretas que se podem apreender de sua produção, como também na sua atuação pela instrução popular por intermédio de ideias advindas das reverberações do ideal iluminista em Portugal. Com isso, não é de surpreender o volume de traduções da Antiguidade clássica assinadas por ele: tendo por objetivo a criação de uma biblioteca de erudição clássica em língua portuguesa – dando especial atenção ao acervo ovidiano – que ditasse os moldes estéticos da literatura nacional e o “bom-gosto” literário, nosso tradutor dedicou muitos anos de sua produção na recriação deste acervo.

No contexto de sua atividade como tradutor, havia (como ainda o há nos dias de hoje) correntes de distintas abordagens para o ato tradutório – expostas na seção 2 deste capítulo – e, por discuti-las em seus diversos prefácios, Castilho tornou-se, ademais de um dos mais importantes tradutores portugueses do século XIX, um importante crítico de tradução. Apesar de ter alcançado a fama duradoura de “árcade póstumo” – após os conflitos que manteve com a nova geração de escritores que defendiam o romantismo social e o realismo – Castilho expõe pontos de vista bastante modernos ao definir o trabalho de tradução como criação, para além de uma mera transposição de uma língua a outra.

Em seu trabalho como tradutor – ou, se pudermos dar à sua atuação no campo um nome mais condizente, como “tradutor-criador” – lutou pela manutenção das riquezas da língua portuguesa e defendeu a utilização dela em sua forma mais pura, ou seja, afastada de estrangeirismos – ideias expostas na seção 3 deste capítulo. Não se tratou de uma luta travada apenas com palavras, mas também com ações: suas traduções puderam criar escola e demonstrar, de maneira prática, como levar a cabo uma tradução que, ademais de brindar a língua portuguesa com obras estrangeiras nacionalizadas, pudesse ao mesmo tempo enriquecer a língua pátria e manter a sua pureza. É isso o que tencionara fazer em suas *Metamorfoses* ovidianas: dar à língua portuguesa, de forma integral, nacional e pura, essa obra que, para ele, era “alguma coisa mais do que um livro”: era “uma relíquia, de pessoa e tempo” (CASTILHO, 1841, p.XII).

Uma obra de tamanha grandiosidade, como é o caso das *Metamorfoses* ovidianas, necessitava do trabalho de um grande tradutor, como é o caso de Antônio Feliciano de Castilho. Sabendo que a sua publicação seria extemporânea no contexto de Portugal – era o auge do romantismo –, o tradutor se justifica apontando que, em meio a uma época em que a literatura romântica está se difundindo em diversos âmbitos (como um dia o fez a literatura clássica), apresentar uma tradução da obra latina é trazer, diante do leitor, outro conceito de literatura, já talvez esquecido. Essa obra não traria “mais do mesmo”, mas algo visto como novo apesar de

pertencente ao mundo antigo. Essa obra levaria os leitores a fugir do automatismo que o movimento literário em voga traz<sup>61</sup>.

Para finalizar este capítulo, fiquemos com uma reflexão de Castilho acerca do caráter da obra por ele traduzida:

A ideia de Metamorfose, pode, à primeira vista, parecer extravagante, e desnatural; mas, não é preciso pensar muito, para entender, o como ela agrada a todos, e em todos os povos tem sido parte, assim dos contos populares, como das crenças religiosas; porque a ideia de transformação é, a que mais constante, e até demasiadamente, se repete, e renova, em quantos objetos a Natureza produz. As transformações são quase o único objeto de todas as penas, prazeres, da vida, de todas as saudades, de todas as esperanças, de todos os temores. Mas insistir-se-á, que é, pelo menos, monótono, que em um ramal de centenas de aventuras, que abrange desde o princípio do Mundo até o tempo do Poeta, não haja uma, que assim não desfeche: eis aí, precisamente, a principal excelência deste Poema, e o maior documento da engenhosa fecundidade de Ovídio, que no mesmo, continuamente repetido, soube continuamente transformar-se; e, com uma admirável felicidade, variou com coisas, sobre curiosas, e instrutivas, amenas, e ameníssimas, todos os intervalos de catástrofe a catástrofe: todos os medos havei, se quiserdes, menos o de monotonia, na conversação de tal Autor (*Ibidem*, p.XXXIX).

Não poderíamos dizer o mesmo de Castilho? As transformações estão nitidamente presentes em seu campo de atuação: de clássico a romântico, de romântico novamente a clássico, de poeta a tradutor-poeta, de artista a ativista pela instrução popular. Muitos dos seus contemporâneos consideraram estas transformações conservadoras e pedantes, mas não há quem possa negar que sua carreira se firmou longe da monotonia. Tanto que, ainda hoje, mais de dois séculos depois, ainda há muito o que se discutir acerca deste esquecido escritor.

Na próxima parte deste trabalho, nós nos dedicaremos a demonstrar a originalidade da tradução castilhiana por meio da apresentação de algumas importantes passagens desta grande empresa tradutória. Apontando alguns aspectos do original ovidiano em contraste com as escolhas de Castilho, será possível identificar os pontos em que nosso tradutor opta por uma postura mais fidelista ou parafrasta (segundo a classificação de Viale) e, também, as formas com que imprime autoria em uma obra que lhe é alheia. Além disso, buscaremos elucidar como se dá a presença dos versos de Bocage na tradução integral castilhiana, bem como a sua proporção em relação ao total de versos de cada um dos livros das *Metamorfoses*.

---

<sup>61</sup> “Se a Literatura chamada romântica é tão moda, que já tem inçado tudo, como dantes o fazia a chamada clássica; segue-se, que mais efeito deve hoje produzir um grande poeta clássico, como aquele, que, para regalo, vem trazer ao banquete, não os frutos da estação presente, que todos têm diante de si; mas um, saboroso, e perfeitamente conservado, de outra quadra; e quanto ao terror, oferecendo ele neste mesmo fruto doçura a paladares, requeimados de drogas, e especiarias, mal pode temer, não ser bem-vindo” (*Ibidem*, p. XXXVI-XXXVII).

## **II.**

### ***AS METAMORPHOSES* E A METAMORFOSE CASTILHIANA: O ORIGINAL E A TRADUÇÃO**

## **AS *METAMORPHOSES* E A *METAMORFOSE* CASTILHIANA: O ORIGINAL E A TRADUÇÃO**

A reconciliação e o restaurar convivência sincera com os grandes poetas antigos é, portanto, ou muito nos enganamos, senão uma necessidade absoluta, uma grandíssima conveniência. (CASTILHO, 1858, p.22)

### **II. 1. APONTAMENTOS INICIAIS**

Apresentado o tradutor António Feliciano de Castilho, seu contexto de atuação e suas concepções de língua e tradução, neste capítulo nos dedicaremos a esboçar alguns aspectos do original em contraposição com as escolhas tradutórias de Castilho. Levando em conta que a fortuna crítica que trata sobre aspectos formais desta obra ovidiana é bastante extensa e que o nosso propósito, com este trabalho, é lidar com a recepção das *Metamorfoses* por Castilho, não nos estenderemos na apresentação deste que é um dos épicos mais originais da literatura clássica latina. No entanto, algumas considerações iniciais são necessárias para que seja viável compreender as escolhas castilhianas em sua recepção.

Desta forma, apresentaremos primeiramente um breve panorama do autor – Ovídio – e da obra – *Metamorfoses* –, levando em conta as particularidades das concepções de gênero na antiguidade clássica e a definição desta obra no cenário da literatura latina. Em seguida, avançaremos para uma introdução da tradução de Castilho, apontando passagens em que se ressaltam sua força poética e sua manipulação com os gêneros, bem como elucidando a presença de Bocage em sua tradução.

Para o panorama sobre o autor, convém uma breve ressalva sobre a carreira literária ovidiana. Muito se discutiu – e ainda se discute – acerca dos aspectos biográficos da obra de Ovídio: teria o seu exílio ocorrido de fato? Seria a Corina dos *Amores* uma criação literária? Esses questionamentos dividiram a crítica em duas posturas, aquela que faz uma abordagem biografista da carreira literária ovidiana e aquela que preza pelo apagamento do autor, encarando os dados pessoais apresentados no decorrer dos seus versos como uma total ficção literária. Repudiamos, de fato, a postura da crítica tradicional que resume a obra de Ovídio apenas aos dados biográficos, como se fossem eles o aspecto mais importante dos versos de Ovídio e relegando toda a sua riqueza poética a uma análise bastante restrita. Entretanto, também não se pode deixar de lado o contexto histórico de sua criação literária e os dados apresentados como biográficos em sua obra, já que não há mostras contundentes que apontem para um ou outro lado.



Levando em conta que esta não é a questão central do nosso trabalho e, também, a vasta produção crítica que se debruçou no estudo da carreira literária ovidiana<sup>62</sup>, optamos apenas por considerar os dados biográficos que Ovídio nos relewa em seus poemas como relevantes para entender sua criação. Admitimos, no entanto, que sua veracidade pode ser apenas literária, já que “não há possibilidade de se retirar da obra de um poeta uma biografia que não seja a biografia ficcional que ele mesmo tenha criado, e que seja condizente com o contexto interno de sua obra, e não com o contexto externo de sua realidade, e de seu tempo histórico” (BENITES, 2008, p.49). Assim, mesmo que ficcionais, os dados biográficos que Ovídio nos apresenta em seus versos não perdem validade, ainda que restrita à totalidade da criação literária do autor e não à realidade externa de sua produção.

Feita a ressalva, após a apresentação do original e da tradução, por intermédio de alguns importantes apontamentos da fortuna crítica das *Metamorfoses* ovidianas, prosseguiremos para a exposição de três passagens da obra original juntamente com os respectivos versos da tradução de Castilho. Sendo uma análise completa de sua tradução inexequível, por causa de sua extensão, para uma dissertação de mestrado, escolhemos apenas alguns excertos para compor este capítulo.

Nossa análise se concentrará, então, em alguns dos mitos apresentados neste grande épico. A seleção é fruto de preferências pessoais, mas, também, considerando a presença de elementos capazes de definir – na prática – alguns dos procedimentos mais marcantes da dicção ovidiana nas *Metamorfoses*. Isso não implica, contudo, a ausência de outros episódios neste capítulo. Focaremos nossos estudos em alguns excertos de maior fôlego, utilizando episódios mais curtos no decorrer do capítulo como forma de ampliar nossos apontamentos. Os episódios escolhidos como centro de nossas análises foram:

- a) O mito de Dafne e Apolo (*Met.* I, 452-567) – mais especificamente, o diálogo entre Apolo e Cupido –, por marcar a primeira aparição do motivo poético mais recorrente em toda a obra, qual seja, o amor e o erotismo, funcionando como uma espécie de ruptura elegíaca do poema;
- b) O mito de Narciso (*Met.* III, 339-510) – mais especificamente, o seu lamento –, por apresentar uma nítida relação com o gênero elegíaco – em especial as elegias de Propércio e as do próprio Ovídio –, denotando, então, uma mistura de gêneros que é recorrente em todo o poema;

---

<sup>62</sup> BENITES (2008) traz um vasto levantamento sobre a abordagem biografista da crítica tradicional e sobre o posicionamento da crítica moderna em relação à carreira literária ovidiana.

- c) O mito de Aracne (*Met.* VI, 1-145) – mais especificamente, as descrições das obras de Aracne e Palas Atena –, por definir-se como um reflexo da construção das *Metamorfoses* em um *carmen perpetuum* mediante a apresentação das descrições ecfrásticas das tecelagens de Aracne e Atena;

Em suma, pretendemos, com este capítulo, oferecer alguns elementos da vasta fortuna crítica referente às *Metamorfoses* simultaneamente ao estudo de alguns aspectos da tradução de Castilho. Assim, é possível definir a ambos, autor e tradutor, de maneira dialógica.

### II. 1.1. DA ELEGIA À ÉPICA: A CARREIRA LITERÁRIA DE OVÍDIO

Ovídio, ou Publius Ovidius Naso, nasceu em 43 a.C., em Sulmo (atual Sulmona, província da região de Abruzzo, na Itália), e morreu entre 17 e 18 d.C. O período em que vive, então, compreende a época do grande imperador Augusto, que contava com uma abordagem de governo que investia no fomento da poesia por enxergar, na criação artística, uma forma de suporte às suas reformas por meio do potencial de apelo intelectual e emocional que as artes podem conferir a uma nação<sup>63</sup>. Roma, na época de Ovídio, contava com um vasto grupo de importantes figuras literárias, com os quais se juntou no “Círculo de Messala”, fundado pelo general romano Marco Valério Messala Corvino (64 a.C.–8 d.C.), que reunia em torno de si um grupo de artistas que mantiveram, inclusive, semelhanças temáticas em suas obras – principalmente elegíacas.

Seu pertencimento à ordem aristocrática de Roma – sua família era da classe dos *equites* – favoreceu que seu contato com a literatura, tanto a romana como a grega, começasse desde cedo, mesmo contra a vontade familiar (se admitirmos como um dado biográfico o que compõe em *Tristia*, IV, 10, 21-26).

Suas primeiras publicações tratam, em sua grande maioria, de assuntos amorosos e são escritas em dísticos elegíacos: *Heroides* (19 a.C.), sua obra de estreia, traz um conjunto de poemas epistolares que retratam a correspondência de heroínas greco-romanas com seus pares; *Amores* (16 a.C.) traz um conjunto de elegias eróticas; *Ars Amatoria* (2 d.C.) é um tratado sobre a arte da sedução; e *Remedia Amoris*<sup>64</sup> traz estratégias para lidar com o amor. Segundo Otis Brooks,

<sup>63</sup> “[...] sua patronagem [Augusto] dos grandes escritores da época, buscada e subsidiada por Mecenas, seu ministro da cultura, reforçava seus novos programas por meio da literatura” ([...] his [Augustus] patronagem of the great writers of the day, sought out and subsidized through Maecenas, his cultural minister, reinforced his new programs through literature.) (GILLINGHAM, 1969, p.VII. Trad nossa.)

<sup>64</sup> Deste período, constam ainda as obras *Medicamina Faciei Femineae*, um poema didático sobre o uso de cosméticos para mulheres, sem data precisa de publicação, e a tragédia *Medea*, hoje perdida.

a elegia de Ovídio foi, por assim dizer, a conclusão augustana da revolução poética que associamos aos "poetas novos" ou "neotéricos" da República tardia – com os nomes de Cina, Calvo e Catulo. Essa revolução, por sua vez, foi a continuação romana de uma revolução poética anterior que ocorrera na Alexandria do século III a. C. Em cada lugar, tanto em Roma quanto em Alexandria, um pequeno grupo de poetas rompeu com um classicismo arraigado e defendeu e praticou novas formas e estilos (1966, p.4. Trad. nossa).<sup>65</sup>

Nesse sentido, se os poetas de Alexandria (como, para citar alguns, Filetas, Calímaco e Teócrito), conscientes e críticos acerca das concepções poéticas clássicas, rejeitaram uma tentativa – já exaurida – de trazer de volta a poesia do período clássico grego (principalmente a literatura de moldes homéricos), o mesmo se pode observar nos poetas neotéricos romanos: delineia-se uma poesia de excelência, distinta dos moldes do período clássico helênico e de acordo com o caráter de sua própria época.

Depois de *Remedia Amoris*, Ovídio fecha o ciclo elegíaco e passa a se dedicar à pesquisa mitológica. Traz a lume, então, em 8 d.C., a sua grande obra-prima: o poema épico *Metamorfoses*<sup>66</sup>, sua única obra escrita no metro heroico, o hexâmetro datílico. Esta obra marca a metamorfose de Ovídio de poeta elegíaco a poeta épico, já que

havia indubitavelmente um lado de Ovídio que não conseguia encontrar sua verdadeira expressão na elegia. Houve um conflito real entre seu gênero (seu conteúdo e métrica) e seu gênio narrativo. Em outras palavras, a especialização de Ovídio em elegia foi desmentida por seu interesse e domínio da narrativa, seu senso dramático (afinal, *Medeia* foi um sucesso considerável) e sua evidente capacidade para obras de considerável escala e magnitude (BROOKS, 1966, p.43. Trad. nossa).<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> "Ovid's elegy was, so to speak, the Augustan conclusion of the poetical revolution that we associate with the "New Poets" or "neoterics" of the late Republic – with the names of Cinna, Calvus and Catullus. This revolution in its turn was the Roman continuation of a prior poetical revolution that had taken place in third-century Alexandria. In each place, in both Rome and Alexandria, a small group of poets had broken with an entrenched classicism and had advocated and practiced new forms and styles."

<sup>66</sup> Cabe aqui a observação de que, segundo a fortuna crítica ovidiana, as *Metamorfoses* foram publicadas logo após o seu exílio. Segundo Sara Mack, "[...] Ele [Ovídio] trabalhou em seu grandioso poema mitológico, seu único trabalho em hexâmetro datílico, o metro da épica, até 8 d.C., quando foi banido. O poema foi publicado sem as revisões finais do poeta (assim como a *Eneida* também o foi, por diferentes motivos), mas ele está completo, assim como apresentado em quinze livros. Ovídio bem poderia ter polido sua obra aqui e ali, mas não há motivo para supor que teria empreendido grandes alterações" (He worked on his great mythological poem, his only work in dactylic hexameter, the meter of epic, until a.d. 8, when he was banished. The poem was published without the poet's final revisions (just as the Aeneid was, for different reasons), but it is complete as it is in fifteen books. Ovid might well have polished it up here and there, but there is no reason to suppose that he would have made major changes.) (MACK, 1988, p.26-27. Trad. nossa)

<sup>67</sup> "Thus there was indubitably a side of Ovid that could not find its true expression in elegy. There was a real conflict between his genre (its content and metre) and his narrative genius. In other words, Ovid's specialization in elegy was belied by his interest in and command of narrative, his dramatic sense (after all, the *Medea* had been a considerable success), and his evident capacity for works of considerable scale and magnitude."

Sua ambição por um gênero mais elevado que a elegia já se mostrava encenada desde as suas primeiras obras literárias: Ovídio nos revela, em seus *Amores*, uma inclinação para a poesia épica apesar da sua consolidação como poeta elegíaco. Já na elegia que introduz essa obra, o poeta anuncia que, se até agora apenas escreveu no gênero elegíaco – tido como mais baixo –, não é por falta de talento ou por inclinação poética, mas pela influência externa da divindade-menino Cupido, como se pode notar no trecho abaixo, seguido pela tradução parafrástica de Castilho:

<p><i>Arma gravi numero violentaque bella parabam edere, materia conveniente modis. par erat inferior versus — risisse Cupido dicitur atque unum surripuisse pedem.</i></p>	<p>Ser de Homero rival lembro-me um dia; Cantar guerras, heróis; e em nobres voos À grandeza do assunto alçar meus versos. Já na destra o clarim, na frente os louros, Na mente a glória, me ensaiava os cantos. Riu-se Cupido... e rindo-se furtou-me</p>
---	--

(Ov. *Am.* 1.1., v. 1-4)<sup>68</sup>

O laurel, o instrumento;  
De rosas e de murtas  
C'rou-me num momento;  
Pôs-me nas mãos a lira  
Tão cara à mãe de Amor.

(Ov. *Am.* 1.1., v.1-11. Trad. Castilho)

Com esta abordagem bastante lúdica da origem de sua inspiração elegíaca, Ovídio define sua voz poética representando a sua própria transformação, causada por Cupido, de poeta épico em poeta elegíaco. Sua verdadeira ambição, como bem aponta Otis Brooks (1966, p.43), é a elevada poesia épica: por meio de uma clara alusão à *Eneida* logo na primeira palavra de sua elegia – inicia-se com *arma*, assim como o primeiro hexâmetro de Virgílio “*Arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris*” (Virg., *Aen.* 1.1) –, Ovídio aproveita-se da estrutura própria da elegia, ou seja, um hexâmetro seguido por um pentâmetro, para criar uma falsa expectativa de que o poema será épico.

Castilho, em sua paráfrase, parece recuperar esta falsa promessa pelo épico em sua tradução e, ainda, estendê-la: enquanto Ovídio mantém a dicção épica apenas no primeiro hexâmetro do dístico – já que o próximo verso é necessariamente um pentâmetro –, Castilho a

<sup>68</sup> “Me preparava para expor, em grave ritmo, armas e guerras violentas/ com o assunto conveniente ao metro. / O verso seguinte era igual [ao anterior] – diz-se que Cupido riu / e roubou-lhe um pé” (Trad. nossa).

constrói no decorrer de quatro decassílabos, metro épico fixado pela tradição portuguesa desde os *Lusíadas* camonianos. Além disso, enquanto Ovídio afirma ter ouvido dizer (*dicitur*) que cupido roubou uma sílaba de seu hexâmetro (*unum surripuisse pedem*), o cupido de Castilho lhe rouba, diretamente, “o laurel, o instrumento”, coroa-lhe com os símbolos da elegia amorosa – rosas e murtas – e lhe presenteia com uma lira, tudo isso enquanto compõe não mais em decassílabos, mas em versos de seis sílabas métricas. Apesar de perder-se a alusão aos pés métricos latinos – sendo a tradução uma paráfrase cujo objetivo é nacionalizar Ovídio ao costume português, uma discussão acerca da metrificação latina não faria sentido –, Castilho parece sustentar a intenção de Ovídio em afirmar-se, acima de tudo, como um poeta capaz de escrever em gênero elevado.

Essa afirmação se dá, neste poema de abertura dos *Amores*, como uma recusa ao gênero épico – a *recusatio*, curricular no início de obras elegíacas. Porém, por meio de uma criação bastante original – e, pode-se dizer, tipicamente ovidiana –, Ovídio se exime da tradição de declarar uma suposta falta de habilidade para a versificação mais grave e séria exigida pela épica como justificativa para a escrita de uma poesia considerada menos elevada. Através deste relato mítico acerca das origens de sua inspiração elegíaca,

Ovídio alcança um duplo objetivo na definição de sua voz poética. [...] apresentando sua dramática conversão ao verso elegíaco como um encontro fictício com a divindade padroeira do gênero, Cupido, Ovídio impiedosamente expõe o principal quadro de referência que sustenta seu modelo genérico. [...] Ao subverter sutilmente esse *a priori* do gênero, Ovídio se define antes de tudo como poeta (épico). [...] Ovídio resolve o paradoxo entre emoções de seriedade existencial e sua expressão dentro de um meio literário altamente artístico e predefinido, no qual se baseava a elegia amorosa anterior. (GILDENHARD & ZISSOS, 2000, p.72. Trad. nossa)<sup>69</sup>

Se nesta ocasião Cupido arditosamente interveio e redirecionou o poeta da épica para a elegia, a forma hexamétrica das *Metamorfoses* sugere que o poeta, finalmente, atingiu a aspiração que parece ter lhe tocado no início de sua carreira literária. É interessante notar como Ovídio, nesta épica manifestamente não-convencional como sua primeira elegia dos *Amores*, tematiza a sua mudança da elegia para a épica, enquadrando seu projeto atual em conjunto e em relação com o contexto de seus trabalhos elegíacos anteriores. Nosso autor logra, com isso, oferecer uma espécie de guia sobre como sua épica deve ser lida: Ovídio escreve as suas

---

<sup>69</sup> [...] Ovid achieves a twofold purpose in defining his poetic voice. [...] by presenting his dramatic conversion to elegiac verse as a fictive encounter with the genre’s patron deity Cupid, Ovid ruthlessly exposes the primary frame of reference that underpins his generic model. [...] By flippantly subverting this generic *a priori*, Ovid defines himself first and foremost as an (epic) poet. [...] Ovid resolves the paradox between emotions of existential seriousness and their expression within a highly artistic and predefined literary medium on which earlier love elegy was based. (GILDENHARD & ZISSOS, 2000, p.72)

*Metamorfoses* com certo leitor em mente, consciente de que os padrões de gênero, para o próprio poeta, não são estanques e podem estar sujeitos a manipulações bastante lúdicas e originais.

## II. 1.2. UM ÉPICO *SUI GENERIS*: A CONSTRUÇÃO DA UNICIDADE DAS *METAMORFOSES*

Sabemos que o metro utilizado por Ovídio – o hexâmetro datílico – faz com que não haja dúvidas de que suas *Metamorfoses* compõem um épico, ainda que bastante único. Isso porque o metro, para além da temática heroica característica deste tipo de versificação, passa a ser, também, um diferencial de gênero. O hexâmetro datílico tem seu uso teorizado por Aristóteles quanto às qualidades sonoras que fariam dele o metro mais apropriado à épica por proporcionar uma maior fluidez, visto que comporta palavras maiores e mais elevadas<sup>70</sup>. Graças a essa característica do hexâmetro, ocorre uma relação de pertinência deste metro em relação aos outros na construção da épica. O metro passa a carregar o peso do gênero em questão.

Além de Aristóteles, muitos outros autores apresentaram reflexões acerca deste gênero: na *Arte Poética*, Horácio (Hor. *Ars.* 73-4) afirma que a poesia épica trata de “Feitos de reis, de gerais, e tristes guerras,/ mostrou Homero o metro em que se podem escrever” (*res gestae regumque ducumque et tristia bella/ quo scribi possent numero, monstravit Homerus*, Trad. Brunno V. G. Vieira), centrando sua definição no tema e no metro, tal qual o de Homero. Quintiliano, em *Institutio Oratoria* (10.1, 88), inclui Ovídio entre os poetas hexamétricos, mesmo reprovando certa licenciosidade de seus temas: “lascivo, de fato, nos seus versos heroicos, Ovídio, também por demais amante de seu próprio talento, deve ser louvado, contudo, em algumas partes” (*lascivus quidem in herois quoque Ovidius et nimium amator ingenii sui laudandus tamen in partibus*, tradução nossa). Sérvio (Serv. *A.* pr. 65), gramático latino e comentarista de Virgílio, elabora sua definição sobre o gênero épico, tendo como centro, além dos temas, as personagens envolvidas. Para ele, um poema “é heroico por constar de personagens divinos e humanos, contendo coisas verdadeiras junto de fictícias” (*est autem heroicum quod constat ex diuinis humanisque personis, continens vera cum fictis*, Trad. nossa).

Assim, se a poesia épica, elevada e de tema bélico, tinha por objetivo eternizar o louvor dos feitos guerreiros, como na definição de Horácio, ela também, nas *Metamorfoses*, dá lugar a um sem-número de fábulas e ações consumadas pelos mais diversos personagens. A hesitação na classificação deste poema como um épico – *epos* – pode advir do fato de que

<sup>70</sup> “De acordo com a experiência, o metro que se ajusta é o heróico. [...] o heróico é dos metros o mais pausado e amplo; por isso, abriga melhor os termos raros e as metáforas; a imitação narrativa é, assim, mais esmerada que as outras” (Aristóteles, *Poética*. XXVI, 8. Trad. Jaime Bruna).

em nossa língua tais expressões designam poema narrativo cuja matéria é heroica, centrada nas valorosas ações de uma personagem singular, o herói, superior aos demais homens. [...] mas na língua grega do Período Helenístico e também em latim, *epos* nomeava o gênero de poema narrativo composto num metro preciso, o hexâmetro datílico, sobre eventos notáveis, dignos de memória, como, entre outros, uma guerra catastrófica, a origem dos deuses e do mundo, ou o comportamento das estrelas no céu. Para os antigos, portanto, conforme a matéria (restringo-me apenas a estes três casos), um *epos*, isto é, um poema “épico”, podia ser ou heroico ou cosmogônico ou astronômico (OLIVA NETO, 2017, p.16)

Apesar de a própria forma hexamétrica sugerir a sua elevação ao épico, Ovídio ainda reforça o diálogo das *Metamorfoses* com sua obra anterior desde o proêmio. As transformações, desde as primeiras palavras, já estão tomando seu lugar de essência desta grande obra, comprovando que o poema “transforma tudo o que toca – tanto seu conteúdo como sua estrutura” (MACK, 1988, p.99. Trad. nossa)<sup>71</sup>:

<i>In nova fert animus mutatas dicere formas</i>	Força-me o estro a cantar mudadas formas
<i>corpora; di, coeptis (nam vos mutastis et illas)</i>	em novos corpos. Numes, que as mudastes,
<i>adspirate meis primaque ab origine mundi</i>	na empresa me ajudai. Trazei meu canto
<i>ad mea perpetuum deducite tempora carmen!</i>	desde a origem do Mundo aos nossos tempos.
(Ov. <i>Met.</i> I, v.1-4)	(Ov. <i>Met.</i> I, v.1-4. Trad. Castilho)

Anuncia-se, já nos primeiros versos, a magnitude deste poema: serão contadas, desde a origem do mundo (*ab origine mundi*) até os tempos de Ovídio (*ad mea tempora*), as formas mudadas em novos corpos (*mutatas formas in noua corpora*). Realmente trata-se de uma "empresa" colossal: um poema épico que compreende tamanha extensão temporal e, ainda mais, em um “canto contínuo” (*carmen perpetuum*), ou seja, ininterrupto. Talvez, por ter esse pressuposto totalizador, o poema – ao contrário do que preceitua a poética horaciana – não começa *in medias res* (Hor. *Ars* 148), mas em *ab origine* (cf. *ab ouo*, Hor. *Ars* 147), ou seja, a narração tem início juntamente com o surgimento do mundo em que o poeta se encontra.

Logo no segundo verso, Ovídio logra construir uma forte ligação entre suas obras, ainda que sutil em sua recepção. A sentença apresentada entre parêntesis “*nam uos mutastis et illas*” (*Met.* I, 2), pode ser interpretada de duas maneiras: ou o poeta se refere às *mutatas formas* dos seres em novos corpos, ou, através de uma interpretação mais subjetiva e que leva em conta a recorrência do que chamamos contemporaneamente de intertextualidade no conjunto da obra ovidiana, o poeta pode declarar que convocou a ajuda divina devido ao fato de os deuses terem

<sup>71</sup> “[...] transforms everything it touches – both its content and its structure”.

sido os responsáveis por transformar a forma elegíaca de sua poesia em hexâmetros épicos. A tradução de Castilho mantém esta mesma ambiguidade, já que, também em nossa língua, “formas” é um termo que pode manter o sentido de formas poéticas. No entanto, Castilho não traz *perpetuum* em sua tradução, que é um termo de extrema importância para a compreensão da empresa ovidiana para as *Metamorfoses*.

Nesta segunda interpretação, Ovídio anuncia, então, a reversão dos eventos contados na abertura dos *Amores* 1.1, quando Cupido roubou um dos pés de seus hexâmetros. Desta forma, o próêmio, funcionando por meio do contraste com fábula relatada nos *Amores* 1.1, assume por intertexto a estrutura e a função temática de uma *recusatio*, agora, porém, transformada em seu oposto, uma espécie de “*anti-recusatio*” (GILDENHARD & ZISSOS, 2000, p.74). Percebe-se, então, um esforço em escancarar as relações entre sua obra atual e a precedente, o que resulta em uma manipulação bastante original de seu próprio material literário.

Convém, para uma boa compreensão do empreendimento de Ovídio na construção desta obra, conhecer – ainda que brevemente – os seus antecedentes. Nesse sentido, dentro do acervo de poemas – hexamétricos ou não – que Ovídio tinha a sua disposição para a criação desta que é a sua maior e mais ambiciosa obra, é possível identificar dois modelos que parecem ter embasado algumas de suas escolhas. O primeiro deles é o épico mitológico nos moldes de Homero e Virgílio: um poema narrativo longo e de unidade marcada que tem como foco um número limitado de personagens em um período temporal limitado. Dentro deste modelo épico mitológico, é nítida a influência das breves cosmogonias de Hesíodo – a *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* –, de onde Ovídio retira a matéria de quase todo o primeiro livro das *Metamorfoses*.

O segundo deles é o modelo das narrativas coletivas: “uma estrutura solta de contos discretos mantidos juntos, em grande parte, pela personalidade do narrador”<sup>72</sup> (MACK, 1988, p.106-107. Trad nossa), familiar aos romanos pela obra de Calímaco (*Aetia*, uma coleção – hoje fragmentária – de mitos gregos, em versos elegíacos, cujo principal tema são as origens)<sup>73</sup>. A inspiração calimaquiana das *Metamorfoses* de Ovídio é nítida:

quando Calímaco se propôs a contar as origens de costumes e nomes obscuros (*Aetia*), ele aparentemente decidiu não apenas fazer de seu poema um *carmen perpetuum*, ligando as histórias à narrativa, mas se beneficiar de sua grande

<sup>72</sup> “[...] a loose framework of discrete tales held together in large measure by the personality of the narrator.”

<sup>73</sup> Como bem afirma Wilkinson, “as *Metamorfoses* não seriam o que são se não pelo exemplo daquele perverso, mas brilhante, alexandrino que muitos poetas romanos tanto admiraram, Calímaco”. (“[...] the *Metamorphoses* would not have been what they are but for the example of that perverse but brilliant Alexandrian whom most Roman poets admired so much, Callimachus”) (1955, p.152. Trad. nossa).



versatilidade, sustentando o interesse por variações de humor e tom, e por todo tipo de truque e surpresa (WILKINSON, 1955, p.152. Trad. nossa).<sup>74</sup>

É justamente isso o que Ovídio faz em suas *Metamorfoses*: através de variações de humor e tom, bem como – já pudemos comprovar brevemente nos comentários acerca do próêmio – de forma literária, um fio contínuo e ininterrupto une uma ampla gama de histórias com transições bastante engenhosas e, muitas vezes, complexas. O leitor é, então, conduzido por quase doze mil versos que expõem mais de duzentos e cinquenta mitos, grande parte deles etiológicos, ou seja, mitos que narram as origens das mais diversas existências (árvores, rios, pássaros, dentre outras).

Ovídio, contudo, superou seus modelos ao empreender o que jamais havia sido feito antes: escreveu um épico com características homérico-*virgilianas*, uma cosmogonia hesiódica e uma narrativa coletiva calimaquiiana simultaneamente, em uma única obra. A combinação destes modelos, em especial os dois últimos, pôde conferir a Ovídio a extensão pretendida em seu próêmio, já que, como afirma Oliva Neto,

na seção cosmogônica Ovídio narra a origem primeira do mundo e nas etiológicas narra a longa história subsequente. [...] Na etiologia, porém, há uma estratégia narrativa muito interessante, ausente nas cosmogonias: trata-se, com permissão da informalidade, do “aquilo deu nisso”, em que “isso” é o que todos veem, é o que todos já sabem (como, por exemplo, a origem do nome de uma cadeia de montanhas ou o fato de que as amoras são vermelhas) e “aquilo” é sua causa desconhecida, antiga, velada, que o poeta desvela no poema. (2017, p.9)

Como unir, então, essa sucessão de “issos” e “aquilos” – referentes aos mais diversos personagens e lugares, às mais diversas ações – em um único, e contínuo, poema? Claramente, a unidade da obra é diferente daquela presente em uma epopeia heroica nos moldes da *Eneida*, por exemplo. Enquanto a obra *virgiliana* tinha por objetivo justificar o presente e o futuro em termos de um passado lendário a partir das peripécias de um herói, as *Metamorfoses* não apresentam um objetivo tão claro e circunscrito, estando este fato intimamente ligado com a presença quase antológica de personagens ligados pelas transformações que se lhe submeteram.

Ovídio, então, nos dá mostras de sua inegável unicidade ao adotar uma técnica compositiva que multiplica o espaço interior do poema através de fábulas encadeadas umas nas outras, aumentando a sensação de densidade na obra: ela não é construída sistematicamente, mas acumulativamente, contando com variações de perspectiva e mudanças de ritmo (CALVINO, 1993, p.37). Isto gera, nas *Metamorfoses*, além da rapidez na narrativa, a

<sup>74</sup> “When Callimachus set out to tell of the origins of obscure customs and names (Aetia), he apparently decided not only to make his poem a *carmen perpetuum*, by linking the stories with narrative, but to turn his great versatility to account, sustaining the interest by variations of mood and tone, and by every sort of trick and surprise”.

sobreposição de imagens aliadas a este ritmo acelerado, evidenciado pelos verbos no tempo presente em grande parte de seu desenvolvimento.

Isso porque a obra traz consigo, conforme diz o título, a técnica da metamorfose em todo o seu desenvolvimento. Porém, a importância das transformações não se dá apenas pela sua presença, funcionando também como uma estratégia narrativa. Segundo Elaine C. Prado dos Santos,

A presença de uma metamorfose condiciona a integração de uma lenda no percurso da história, ou melhor, da estratégia de estrutura narrativa a ponto de poder registrar a transformação como um mecanismo condutor de interpretação da obra. [...] A metamorfose desempenha um papel regulador estrutural [...], exercendo, na obra, a função de conduzir as fases da narração, sem lhes impor um desenvolvimento particular de tal forma que o poeta coloca as metamorfoses em relevo e concede-lhes um impacto importante sobre determinados acontecimentos. Ressalta-se que atribuir à metamorfose um papel de regulador estrutural das fases da narração é conferir a Ovídio o caráter de genialidade poética (SANTOS, 2017, p.145).

Trata-se de uma técnica que gera certa economia interna, visto que, com a metamorfose, as novas formas recuperam a matéria das velhas e passam a ocupar o seu espaço na narrativa. Essa recuperação é feita pelo poeta através de traços particulares (sejam eles físicos ou espaciais), que são isolados dos objetos em suas descrições. Desta maneira, conhecendo as propriedades distintivas das coisas que existem no mundo, Ovídio realiza as transformações à medida que sabe, antecipadamente, o que estas coisas têm em comum com o homem que, nelas, se metamorfoseará (CHICHEGLÓV, 1979, p.149). É este um modo de estabelecer uma relação harmônica de união e de parentesco que envolve tudo aquilo que existe no mundo que conhecemos, seja esta relação entre seres vivos ou entre coisas.

É interessante notar, também, a manipulação que o autor faz desta técnica compositiva acumulativa – concordando com a observação de Calvino. Um acúmulo tão grande de personagens e histórias poderia conferir à sua obra certa monotonia, não fossem as já mencionadas variações de tom e humor recorrentes em todos os quinze livros. Ovídio, além de se afastar da monotonia com o uso destes recursos, ainda logra gerar expectativas em seus leitores: o fim de uma história raramente coincide com o fim de um livro, chegando ao ponto de, em algumas passagens, até mesmo iniciar uma nova história nos últimos versos. Trata-se de uma forma de “estimular o apetite do leitor para o próximo capítulo; mas é também uma indicação da continuidade da obra, que não deveria ter sido dividida em livros se o seu

comprimento não exigisse um certo número de rolos”<sup>75</sup> (WILKINSON, 1955, p.149. Trad nossa). Isto é comprovado desde o primeiro livro, visto que o mito de Faetonte se inicia nos últimos hexâmetros deste, mas a ação – e a metamorfose –, de fato, só se dá no próximo livro.

A forma como Ovídio trata os assuntos escolhidos para compor este colossal épico é, também, um dos fatores que lhe confere originalidade e genialidade. Quase tudo o que se encontra nas *Metamorfoses* pode ser encontrado em outras obras, mas não existe nenhuma obra como as *Metamorfoses*. Como já mencionamos antes neste trabalho (Cf. p.38), a criação literária desta época era pautada pela *aemulatio* (emulação), ou seja, os autores criavam a sua própria obra a partir da superação de um modelo já existente. Isso porque

os poetas antigos não acreditavam poder criar um feito inaudito a partir do nada, mas supunham que deveria estar chancelado, autorizado, pela prática dos poetas anteriores, que na matéria eram sim “autoridades”. [...] O aparente impasse era então resolvido pela inovadora combinação de procedimentos já realizados antes e, por isso, autorizados. Hesíodo narrou a origem do mundo, do homem e deteve-se nos deuses Olímpicos: Ovídio também o fez, mas fez mais, pois chegou até sua própria época. Calímaco no gênero elegíaco relatou, pelo pouco que sabemos, a causa de nomes, costumes, constelações: Ovídio fez o mesmo, só que em versos hexâmetros do *épos*, nos quais ainda insere as maravilhosas transformações como remate de cada episódio etiológico e, enfim, segundo pensava, superou a todos não só por ter ido mais longe do que eles no mesmo caminho de cada um, mas porque combinou procedimentos que buscou neles que, no entanto, combinados, não compareciam em nenhum (OLIVA NETO, 2017, p.17-18).

A abordagem ovidiana para o seu conteúdo, então, parece ser a de contar uma história de uma maneira que jamais havia sido contada antes, seja por poetas gregos ou romanos, através da combinação das escolhas feitas por seus predecessores. E isso não implica uma apropriação cega ou uma falta de inventividade, mas o seu completo oposto: Ovídio consegue manipular o seu material de maneira original ao mesmo tempo em que deixa, dentro de sua obra, as marcas destes autores que o precederam (para citar alguns, nas *Metamorfoses* há muito de Homero, de Hesíodo, de Virgílio...). Tomemos como um breve exemplo a presença da ninfa Eco no episódio de Narciso. Ovídio é o primeiro autor a unir estas duas personagens<sup>76</sup>, moldando seu material na forma de algo unicamente seu. Prova de seu sucesso é o fato de esta ser a versão mais difundida do mito.

Assim, além da notável habilidade observada no encaixe de um enorme – e eclético – acervo de mitos, Ovídio logra afirmar a sua originalidade na manipulação de histórias já

<sup>75</sup> “[...] to whet the reader’s appetite for the next instalment; but it is also an indication of the continuity of the work, which should not have been divided into books at all were it not that its length necessitated a number of rolls”.

<sup>76</sup> “Ovídio realmente parece ter sido o primeiro a unir as histórias de Eco e Narciso” (PAVLOCK, 2009, p.26. Trad. nossa). (“Ovid indeed appears to have been the first to interweave the stories of Echo and Narcissus”).

contadas por outros poetas, aceitando os seus esboços principais e variando a sua abordagem nos detalhes por ele construídos. De acordo com Brooks,

Ovídio colocou [nas *Metamorfoses*] uma enorme parte da mitologia antiga – os deuses inacreditáveis, semideuses, milagres e variadas maravilhas – e, de alguma forma, os trouxe à vida. Sua fuga das limitações alexandrinhas ou elegíacas para o escopo e a continuidade do épico trouxe à tona uma verve e um poder totalmente novos, uma concepção totalmente nova de narrativa e, acima de tudo, uma capacidade de unir o material mais díspar em uma unidade colossal. Em suma, Ovídio fez todo o passado mitológico viver em sua própria vida augustana – ou ovidiana. É principalmente, de fato, por meio de suas *Metamorfoses* que a mitologia clássica passou para nós (1966, p.2-3. Trad. nossa).<sup>77</sup>

A presença de Ovídio como esse rico acervo mitológico que nos foi legado, como bem afirma Brooks, é bastante clara: basta observarmos a sua influência, tanto em sua época como mais contemporaneamente, e concluiremos que os frutos da recepção ovidiana – sejam eles obras literárias, traduções ou artes visuais – são bastante numerosos. No entanto, a presença de Ovídio não se dá apenas externamente. Ela também é visível dentro das próprias *Metamorfoses*, ainda que seja melhor grafá-lo, nesta segunda presença, como “Ovídio”. Trata-se da presença de um narrador que se posiciona como parte da história que conta, conversando, de maneira ativa, com seus leitores e personagens e, em algumas passagens, chegando até mesmo a identificar-se com estes.

Justamente por essa identidade (pode-se dizer bastante recorrente), é preciso que desconfiemos de suas personagens para que possamos acessá-las de maneira profícua, principalmente aquelas a quem o narrador cede a sua voz (como é o caso, para citar apenas alguns dos mais explícitos, das filhas de Mínia no livro 3, das Piérides e das musas no livro 5, de Orfeu no livro 10, dentre alguns outros). E, sendo esse “Ovídio” (entende-se, esse personagem-narrador) uma presença marcada no decorrer de todos os quinze livros das *Metamorfoses*, não podemos deixar de ouvi-lo (ou melhor, lê-lo) com a devida atenção, pois, como observa Mack,

Ovídio quer que nós também estejamos desconfiados do narrador principal. Ele também é um contador de histórias em grande escala, como Scheherazade, que pode continuar noite após noite para se manter vivo, só que não tira o dia de folga, como ela. O narrador nos lembra sua presença ao longo do poema [...] e ele não perde a chance de nos lembrar que estamos ouvindo ficções em

---

<sup>77</sup> “Ovid put into it a very large part of the ancient mythology – the unbelievable gods, demigods, miracles and variegated wonders – and somehow brought them alive. His escape from Alexandrian or elegiac limitations into the scope and continuity of epic brought out a wholly new verve and power, a quite new conception of narrative and, above all, an ability to unite the most disparate material in one colossal unity. In short, Ovid made the whole mythological past live in its own Augustan – or Ovidian – life. It is mainly, in fact, through his *Metamorphoses* that the ancient mythology has passed to us”.

vez de assistir os acontecimentos se desenrolarem (MACK, 1988, p.135. Trad. nossa)<sup>78</sup>.

Apesar de todas as descontinuidades implicadas na escolha por uma construção narrativa ininterrupta, um *carmen perpetuum*, pode-se dizer que este “Ovídio” (entre aspas por se tratar de um recurso narrativo que o aproxima do estatuto de uma personagem), este personagem-narrador marcado por uma presença constante – e quase transparente em algumas passagens –, é quem une o poema como um todo contínuo. Estamos na presença de um exímio contador de histórias que faz questão que o notemos (raramente podemos esquecer de sua presença), o que confere ao poema “uma relação em constante mudança entre mito, poeta e público” (*Ibidem*, p.115. Trad. nossa)<sup>79</sup>. E esta relação de tamanha proximidade entre esses três fatores (mito, poeta e público) é feita por Ovídio de um modo singularíssimo.

A construção ovidiana para as *Metamorfoses* será explorada mais detidamente no decorrer deste capítulo, quando for apresentado o mito de Aracne, constante no livro VI, que funciona como uma espécie de representação gráfica do canto ininterrupto de Ovídio (Cf. p.118-130). Demonstraremos, também, como se dá a presença de outros gêneros – sobretudo da elegia – e de outros autores dentro de sua obra (Cf. p.97-117), levando em conta o fato de que

num poema universal não bastava comparecer quantos episódios fossem precisos para produzir efeito de totalidade, mas era indispensável que comparecessem, além do *épos*, o maior número possível dos demais gêneros poéticos em que os episódios haviam sido consagrados. Ovídio queria, pois, um poema que fosse a soma de todos os poemas e de todas as poéticas! [...] fez incluir no *épos* os temas mais característicos de outros gêneros poéticos e assim logrou transformar o *épos*, no único metro que lhe é próprio (o hexâmetro datílico), diversos outros gêneros poéticos, alguns dos quais compostos em metros diferentes: assim, as *Metamorfoses* compõem-se também elas de transformações da própria Poesia. (OLIVA NETO, 2017, p.21)

Antônio Feliciano de Castilho, como grande conhecedor da obra de Ovídio, parecia estar consciente do fato de que as *Metamorfoses* se constituem como “a soma de todos os poemas e de todas as poéticas” para a elaboração de sua tradução. Isso porque se nota certo cuidado para a manutenção dos traços característicos de outros gêneros por parte do nosso tradutor, chegando ao ponto de, em algumas passagens, utilizar até mesmo uma mudança de metro para sinalizá-

<sup>78</sup> “Ovid wants us to be wary of the main narrator as well. He is a storyteller, too, on a grand scale, like Scheherazade, who can go on night after night in order to stay alive, except that he does not get the day off, as she does. The narrator reminds us of his presence throughout the poem [...] and he loses no chance to remind us that we are listening to fictions rather than watching events unfold”.

<sup>79</sup> “[...] an ever-changing relationship between myth, poet, and audience”.

los mais explicitamente. No próximo subitem, apresentaremos algumas observações sobre esta e outras particularidades do trabalho tradutório castilhiano.

## II. 2. APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO DE ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO

Como já apontamos longamente na primeira parte deste trabalho, Castilho foi um grande e produtivo tradutor, sobretudo da obra ovidiana. Sua tradução das *Metamorfoses* foi digna de diversos elogios na época em que se publicaram os primeiros cinco livros (1841). Sua influência, porém, se estende até o século XX: Haroldo de Campos, em seu ensaio *Uma Metamorfose* (1994), aponta dois aspectos da obra ovidiana que são fundamentais para desenvolvimentos épicos contemporâneos, visando justificar a sua atualidade: 1) o conceito de um poema sem unidade e, por isso, sem enredo; 2) a linguagem ovidiana, comparada por Campos ao que se diz sobre Gôngora no que tange à sua “recarga de temas de beleza”. O tradutor da *Ilíada*, imbuído dessas duas características, publica, na mesma coluna do jornal *Folha de São Paulo*, sua tradução para o episódio ovidiano da morte de Narciso, buscando oferecer ao leitor uma experiência mais completa da contemporaneidade de Ovídio.

De acordo com o testemunho de Haroldo de Campos, foi utilizada, a fim de cotejo para sua versão dodecassilábica da passagem, a tradução de Antônio Feliciano de Castilho, referenciada por ele como antiga, “mas de boa cepa” (1994, p.3). A se considerar o juízo do poeta paulista, bem como os já mencionados reconhecimentos contemporâneos à publicação do primeiro Tomo<sup>80</sup>, trata-se de um experimento poético ainda útil e válido a futuros tradutores de Ovídio.

Apesar do elogio de Haroldo ser bastante breve, trata-se de uma mostra da extrema importância que reside em disponibilizar este trabalho tradutório de grande força poética em sua – ainda que quase – integralidade. Há, ainda, poucas empreitadas para a tradução poética integral deste poema épico em português. Temos, em língua portuguesa, as traduções parciais de Bocage (1853), de Candido Lusitano (1771)<sup>81</sup> e de Almeno Sadino (1805), das quais falaremos à frente mais detidamente. Recentemente, em 2017, publicaram-se duas traduções integrais, ainda que não versificadas: a reedição pela Editora 34 da tradução de Domingos Lucas Dias, publicada primeiramente em Lisboa pela editora Vega e, além desta, uma tradução

<sup>80</sup> Cf. página 18 deste trabalho: “[...] o seu tradutor [é] o poeta que melhor pode entender não só a língua, o que é o menos, mas o pensamento, mas a forma, mas a cor do original” (HERCULANO, 1841, p.128); “[...] figuraram, no dizer dos entendidos, puristas e latinistas (ainda os havia), como indiscutível obra-prima. Fidelidade, elegância, altiloquia, estilo, opulência de linguagem, têm tudo” (CASTILHO, 1907, fl.5).

<sup>81</sup> A tradução de Candido Lusitano teve sua primeira publicação impressa em 2006, na dissertação de mestrado de Aristóteles Angheben Predebon que propôs a edição do manuscrito do autor.

coletiva da obra organizada por Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes, que contou com 15 tradutores brasileiros, um para cada livro ovidiano. São, pois, retraduições: proposições de novas traduções em contraste – bem como em soma – com as já existentes. Entende-se por retradução

toda reescritura de um texto-fonte, que coexiste e se relaciona com outras reescrituras desse mesmo texto-fonte, estabelecendo com elas uma rede de modos plurais de (re)lê-lo e (re)escrevê-lo, gesto que é, finalmente, uma crítica [...], acréscimo de novos modos de ler e escrever aquele texto no espaço da (re)tradução (FALEIROS&MATTOS, 2014, p.155).

Castilho, em seu prólogo ao primeiro tomo das *Metamorfoses* (publicados pela Imprensa Nacional em 1841), demonstrando uma consciência bastante estudada nos críticos contemporâneos da tradução, apresenta longamente uma série de pareceres sobre as traduções italianas, francesas e portuguesas da obra ovidiana. A adoção dessa postura, não tão comum em sua época, traz um caráter crítico à sua atividade tradutória. Ao apontar as falhas das traduções das *Metamorfoses* em língua portuguesa, sua intenção parece ser a de superar as insuficiências tradutórias que precederam o seu trabalho e, com isso, se coloca em relação às obras prévias. Sobre a tradução de Cândido Lusitano (1771), afirma que “todo o seu merecimento se reduz a uma linguagem mais pura do que rica e a um suficiente conhecimento do latim. Era um homem sabedor e trabalhador incansável, mas não um poeta” (CASTILHO, 1841, p.26). A tradução parcial de Almeno recebe severas críticas em seu prefácio:

é o mais desprezível objeto que jamais existiu, de fama a que eu não sei chamar senão pânica, e de que tantos exemplos cá temos visto. [...] Podia Almeno ser falto das galas do dizer e do talento de versejar agradavelmente, mas o que por modo nenhum devia carecer, o que era rigoroso dever seu possuir em grau iminente, era o conhecimento do latim e o conhecimento do português. Mas o latim frequentes vezes lhe acontece o desentendê-lo; a medição do hexâmetro, ignora-a redondamente, estrocando a cada passo as quantidades dos nomes próprios; e quanto ao português, atropela as mais comuns regras da sua construção e colocação, do que resulta uma tal escuridade que nem sempre com o próprio original diante dos olhos se aclara. (CASTILHO, 1841, p.27)

Finalmente, ao abordar a tradução episódica de Bocage, reconhece que apenas ele foi digno de traduzir este monumento clássico, pois este tradutor “tencionara naturalizar português ao poeta romano por tantos respeitos seu parente e amigo” (*Ibidem*, p.30). É este, também, o objetivo principal de Castilho em seu trabalho tradutório e, sem nenhuma modéstia, afirma que o alcançou logo nas primeiras páginas deste prólogo:

É a presente tradução, a mais rigorosamente fiel, que do latim-latim, para português-português, e de versos-versos, para versos, também versos, se podia fazer; chegando o escrúpulo ao ponto, de, até em nomes próprios de cães, se conservarem as quantidades silábicas do original; salvo nos raríssimos casos,

em que o uso geral, e constante, dos autores, as havia já adulterado em nossa língua (*Ibidem*, p. 19).

Por intermédio dessa abordagem crítica sobre a tradição tradutória das *Metamorfoses* em língua portuguesa, Castilho, apesar de não o afirmar, parece reconhecer a posição crítica privilegiada de sua tradução, já que – havendo possibilidades tradutórias e discursivas historicizadas na língua alvo – a sua (re)tradução da obra ovidiana pôde se constituir em função desse diálogo. O novo texto literário passa, então, a fazer parte da “história da recepção de uma determinada obra no sistema literário de chegada e pode servir tanto para apresentar uma nova abordagem tradutória, como para propor supostas correções a contrassensos, supressões ou acréscimos” (FALEIROS, 2009, p.146-147). Para que essa importante tarefa de retradução continue a surgir, é importante que estejam disponíveis os trabalhos tradutórios antigos que ainda representam lacunas em nossa história da recepção dos clássicos.

Cabe ressaltar, ainda, que é evidente que Castilho, como é bastante típico em sua atividade prefacial, utiliza-se do diálogo com as traduções anteriores não apenas para demonstrar a pluralidade das possibilidades de tradução, mas também para se afirmar como um tradutor digno da obra de Ovídio por apresentar conhecimentos suficientes acerca da linguagem – a latina e, sobretudo, a portuguesa. Além disso, sua afinidade pelo projeto tradutório de Bocage revela a sua intenção, ressonante dos grandes tradutores do arcadismo, de brindar o português com uma “biblioteca clássica” de boas traduções em boa dicção.

Castilho acredita que para se fazer uma boa tradução, além do conhecimento acerca da linguagem, é necessário um vasto saber sobre o autor e a obra traduzida: a soma destes conhecimentos, segundo o ponto de vista castilhiano, é capaz de prover aquilo que ele chamaria de grandes traduções, levando em conta que são necessários grandes tradutores para a tradução de uma grande obra. Nesse sentido, as *Metamorfoses* castilhanas atingiram elevada força poética, já que António Feliciano de Castilho foi um grande conhecedor de Ovídio, como bem afirma José Feliciano de Castilho no prólogo da paráfrase dos *Amores*, publicada em 1858:

Castilho António ama a Ovídio como ao vate mais simpático do grande século – profundo no pensamento; brilhante na dicção; melódico no metro; claro na expressão; vasto no saber; elegante nas formas; puro na linguagem; natural, abundante; alma privilegiada, que toda espontaneamente se desata em Rodanos e catadupas de poesia. Os próprios defeitos daquele portentoso estro nasciam ainda da opulência da sua fecundidade, da exuberância de suas riquezas. Natureza era como a destas morgadas regiões intertropicais, cuja luxuosa vegetação transborda, aviventada e aquecida por um sol sem igual (p.10).

A força poética da tradução de Castilho será demonstrada mais detidamente no decorrer deste capítulo, mas cabem, aqui, algumas breves considerações, principalmente no que diz



respeito à cunhagem de neologismos no decorrer da obra. Castilho demonstra grande conhecimento sobre a língua latina e, também, sobre a obra ovidiana para a recriação dos nomes próprios, dos patronímicos e dos topônimos, muito comuns na literatura antiga, mas causadores de grande estranhamento em língua portuguesa.

No livro IV, na ocasião em que o narrador apresenta uma lista dos nomes dados ao deus Baco, Castilho apresenta uma série de interessantes escolhas tradutórias:

<i>turaque dant Bacchumque vocant Bromiumque Lyaeumque</i>	Entre nuvens de incenso alteiam hinos, em que ao deus com mil títulos ufanam:
<i>ignigenamque satumque iterum solumque bimatem;</i>	Brómio, Lieu, Ignígeno, Bimadre,
<i>additur his Nyseus indetonsusque Thyoneus</i>	Binascido, Niseu, Tioneu intonso,
<i>et cum Lenaeo genialis consitor uvae</i>	Leneu cultor dos folgazões licores,
<i>Nycteliusque Eleleusque parens et Iacchus et Euhan</i>	padre Eleleu, Nictélio, Évan, Iáco, e os mais nomes que, ó Líbero, costumam
<i>et quae praeterea per Graias plurima gentes nomina, Liber, habes. [...]</i>	dar-te profusamente os Gregos povos.

(Ov. *Met.* IV, v.16-23. Trad. Castilho)

(Ov. *Met.* IV, v.11-16)

Nota-se aqui uma notável aproximação da letra do original: Castilho reelabora *Bromiumque* como “Brômio”, *Lyaeumque* como “Lieu”, *ignigenamque* como Ignígeno, *satumque iterum* como “Binascido”, *solumque bimadrem* como “Bimadre”; *Nyseus* como “Niseu”, *indetonsusque Thyoneus* como “Tioneu intonso”, *Lenaeo genialis consitor uvae* como “Leneu cultor dos folgazões licores”, *Nycteliusque* como “Nictélio”, *Eleleusque parens* como “padre Eleleu”, *Iacchus* como “Iáco”, *Euhan* como “Évan” e *Liber* como “Líbero”. Trata-se de escolhas que privilegiam a dicção ovidiana por parte do tradutor, a qual preza pelo acúmulo de nomes e sintagmas a fim de amplificar a representação do poder de Baco.

Nesta mesma passagem, logo após as filhas de Míneas terminarem de contar as suas histórias, Baco decide se vingar pela ausência das jovens nas festividades dedicadas ao seu nome. Castilho, então, adota ainda mais neologismos com que qualifica os instrumentos, por sua forma e qualidades sonoras:

<i>tympana cum subito non adparentia raucis</i>	Rompem súbito estrépito atabales
<i>obstrepuere sonis, et adunco tibia cornu</i>	raucitroantes, curvicórneas gaitas,

*tinnulaque aera sonant; redolent murræque  
crociq̄ue* metais de retintínulos repiques,  
tudo invisível; de açafões, de mirras,  
(Ov. *Met.* IV, v.391-393) nadam no ar suavíssimas fragrâncias

(Ov. *Met.* IV, v.564-568. Trad. Castilho)

Aqui, Castilho cunha três termos que muito se aproximam dos originais latinos: “raucitroantes”, “curvicórneas” e “retintínulos”, reelaborados dos termos latinos *tympana...raucis*, *tibia cornu* e *tinnulaque*, respectivamente. Podemos concluir que são escolhas que se aproximam mais de uma tradução fidelista que parafrasta, se adotarmos os conceitos de Antonio José Viale (1868). Tal fato aponta para o vasto conhecimento que detinha Castilho a respeito da obra de Ovídio, por ele considerada “alguma coisa mais do que um livro; [...] uma relíquia de pessoa, e tempo” (CASTILHO, 1841, p.18).

Para além dos neologismos, outro aspecto que comprova o vasto conhecimento e habilidade de Castilho em seu trabalho tradutório com as *Metamorfoses* é a sua manipulação dos diversos gêneros poéticos inseridos neste grande épico. Nosso tradutor até mesmo afirma, no prefácio de sua paráfrase dos *Amores*, reconhecer e admirar a capacidade ovidiana de transitar entre os mais diversos gêneros: “Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes. Épico, didático, descritivo, trágico, filosófico, erótico, elegíaco, não houve gênero em que não provasse a mão com admirável felicidade” (CASTILHO, 1858, p.25).

Conforme já afirmamos acima, há nas *Metamorfoses* a presença de diversos outros gêneros poéticos, bem como de outros autores. A forma, para Ovídio, não é estanque e está sujeita às mais variadas manipulações, sejam elas mais sérias ou mais lúdicas – como ocorre nos *Amores* 1.1. De acordo com Corte e Llorca, “na verdade, *mutatas formas* se refere a qualquer mudança na forma exterior de qualquer ser, o que pode abarcar, inclusive, a literatura. Ovídio menciona explicitamente que em sua própria obra, em sua trajetória artística, também se está dando nesse momento uma mudança: *nam uos mutastis et illa*” (OVIDIO, 2008, p.35. Trad. nossa)<sup>82</sup>.

Castilho demonstra estar consciente de que a manipulação genérica ovidiana não considera os gêneros poéticos como estanques. Sua tradução das *Metamorfoses* confere atenta precisão na reelaboração de passagens que apresentam traços de outros gêneros poéticos. E ainda mais: em alguns pontos, o tradutor utiliza-se de metros diferentes para evidenciar mais

<sup>82</sup> “en realidad *mutatas formas* se refiere a cualquier cambio en la forma exterior de cualquier ser, por lo que puede abarcar, incluso, la literatura. Ovidio menciona explícitamente que en su propia obra, en su trayectoria artística, también se está dando en ese momento un cambio: *nam uso mutastis et illa*”.

explicitamente essa espécie de “hibridez” que podemos encontrar neste épico<sup>83</sup>. Tendo já traduzido a obra elegíaca de Ovídio e, ademais, sendo extremamente versado no sistema de metrificacão em língua portuguesa, o autor do *Tratado de Metrificacão* (1858) logra ampliar não apenas a manipulacão genérica, mas a força poética destas passagens. Trata-se de uma forma de o tradutor imprimir sua autoria em uma obra alheia.

Apresentaremos mais à frente alguns apontamentos sobre a traduçãõ do lamento de Narciso, do livro III das *Metamorfoses* ovidianas, que apresenta traços tipicamente elegíacos. Neste ponto, convém apresentar algumas passagens em que o tradutor busca evidenciar a mudançã genérica através da mudançã de metro em sua traduçãõ. No livro VII das *Metamorfoses*, há uma longa passagem em que o narrador cede a voz a Céfalõ (v.690-862), que narra uma história sobre sua esposa Prócris. Durante a narraçãõ, Céfalõ reproduz uma cançãõ que costumava cantar (*cantare solebam*, v.813) enquanto esperava pela chegada da aurora todas as manhãs:

*aura petebatur medio mihi lenis in aestu,  
auram exspectabam, requies erat illa labori.  
"aura" (recordor enim), "venias" cantare solebam,  
"meque iuves intresque sinus, gratissima, nostros,  
utque facis, relevare velis, quibus urimur, aestus!"  
forsitan addiderim (sic me mea fata trahebant),  
blanditias plures et "tu mihi magna voluptas"  
dicere sim solitus, "tu me reficisque fovesque,  
tu facis, ut silvas, ut amem loca sola: meoque  
spiritus iste tuus semper captatur ab ore."*

(Ov. *Met.* VII, v.811-820)<sup>84</sup>

Como pois aura branda eu procurasse,  
pelas manhãs de um caloroso estio,  
sentava-me a esperá-la; e meu costume  
era (lembra-me bem) cantar no entanto:  
Aura afável e amorosa,  
vem ligeira, vem piedosa  
deste seio que se inflama  
vem a chama consolar.  
Vivo incêndio me consume;  
vem, segundo o teu costume,  
neste peito mil delícias,  
mil carícias derramar.

Muitas outras, talvez, que me não lembram,  
como estas, frases maviosas, ternas,  
houvesse em meus cantares; tanto e tanto

<sup>83</sup> Para facilitar o cotejo, oferecemos traduções de sentido para os trechos em que Castilho opta por alterações de metro.

<sup>84</sup> “No auge do calor ardente, a amena brisa era procurada por mim./ esperava a brisa, aquela que era o repouso da fadiga./ Costumava cantar, ‘brisa’ (lembro-me seguramente) ‘venhas,/ me ajude e entres em meu peito, caríssima,/ como fazes, e queiras aliviar o calor com que me abraso!’/ Talvez eu acrescentasse (assim meus fados me forçavam)/ as mais numerosas carícias e ‘tu, meu grande prazer’,/ era habitual dizer, ‘tu me reanimas e acalentas,/ tu fazes, como os bosques, que eu ame lugares solitários:/ e esse teu sopro é sempre apanhado por minha boca.’” (Trad. nossa).

me impelia o mau fado ao precipício;  
porém só estas na memória guardo.

Meus suspiros tu desfazes;  
dás-me alento, dás-me vida,  
e almo júbilo me trazes,  
que embriaga o coração.  
É por ti que do meu leito  
me vê longe a madrugada,  
e da relva namorada  
busco a umbrosa solidão.  
O teu hálito amoroso  
a meus lábios anelantes  
vence o néctar mais gostoso  
que nos céus aos numes dão.

(Ov. *Met.* VII, v. 1247-1275. Trad.  
Castilho)

A tradução de Castilho para esta passagem é capaz de evidenciar a presença de outro gênero através da alteração de metro. Enquanto no original ovidiano Céfalo parece apenas reproduzir a letra da canção que cantava durante a sua espera pelo sol, o Céfalo de Castilho realmente canta. Isso porque os versos mais curtos, de sete sílabas poéticas, bem como a presença de um esquema de rimas – em contraposição com os decassílabos brancos utilizados no decorrer do livro –, causam o efeito de uma composição musicada. Castilho, em seu *Tratado de Metrificação*, afirma que

os poemas, de qualquer extensão que sejam, destinados simplesmente a agradar; os que nascem [...] para a música; os que tratam os afetos como simples passatempo; os que, ainda que tendam a instruir e moralizar, empregam como meio a mordacidade e o riso, o namorado, o campestre, o ameno, receberão da rima o realce que uma pequena pintura recebe do verniz. (CASTILHO, 1858, p.105)

Sendo, pois, o poema de Céfalo nascido para a música, ou seja, para ser cantado como um passatempo à sua espera, a escolha de Castilho é bastante eficaz para o efeito poético pretendido por Ovídio. Há aqui mais do que uma tradução: Castilho cria, a partir da intenção sugerida pelo seu original, uma nova composição em outro metro e com outro padrão sonoro. Tal fato é evidenciado tanto pelo nítido aumento do número de versos do original na tradução como pela alteração de tom que os versos de sete sílabas trazem. Essa mudança tonal se dá por

meio da presença das rimas que trazem aos versos um ritmo mais cadenciado e, portanto, mais musical. Estas rimas se aproximam dos versos que se destinam à voz e à música, já que, segundo nosso tradutor, as rimas podem ajudar na memorização – fator necessário para os poemas que pressupõe performances –, “pois, chamando cada desinência pela sua semelhante, mais prontamente suscita a palavra e, com a palavra, vem a frase toda como que apegada” (*Ibidem*, p.104). Além das rimas, há também uma recorrência tônica nas terceiras e sétimas sílabas poéticas, o que convém à leitura um ritmo cadenciado e simétrico, que ressignifica a cadência hexamétrica do texto original.

Este mesmo procedimento de alteração de metro na representação de versos cantados ocorre, também, no livro VIII das *Metamorfoses* ovidianas. Quando Ovídio narra brevemente o nascimento de Meleagro (v.451-455) para apresentar como Alteia causou-lhe a morte, há a presença das Parcas, que afirmam (*dixerunt*) que a vida do mortal duraria o mesmo que um tronco que lançaram ao lume logo após seu nascimento. Castilho, em sua tradução, traduz o verbo *dixerunt* por “cantaram” e, para apresentar os versos das Parcas, procede para a mudança dos versos decassílabos para os de nove sílabas poéticas e um último de três sílabas:

*Stipes erat, quem, cum partus enixa iaceret*

*Thestias, in flammam triplices posuere sorores*

*staminaque inpresso fatalia pollice nentes*

*'tempora' dixerunt 'eadem lignoque tibi que,*

*o modo nate, damus.' [...]*

(Ov. *Met.* VIII, v.451-455)<sup>85</sup>

À hora que em seu leito doloroso

dera à luz Meleagro, as mãos das Parcas

deram ao lume um tronco; e as três, girando

e fiando-lhe em torno, assim cantaram:

“Quanto dures, ó lenho que estalas,

dure o príncipe agora nascido;

se ele morre, estarás consumido;

se és perene, fá-lo-ás imortal.

A ti, homem que encetas a vida,

e a ti, ramo a abrasar começado,

eu te fado, eu te fado, eu te fado,

vida igual.”

(Ov. *Met.* VIII, v.637-648. Trad. Castilho)

<sup>85</sup> “Havia um tronco em que, quando, tendo dado à luz, deitava-se/ a filha de Téstio, as três irmãs puseram fogo/ e, tendo entrelaçado os fios fatais apertados com o polegar,/ ‘os mesmos tempos’ disseram, ‘à madeira e a ti, ó recém-nascido, concedemos’ [...].” (Trad nossa).

Castilho, mais uma vez, amplia largamente o número de versos do original ao verter menos de dois versos em oito. Isso porque opta por dar voz maior às Parcas, fazendo-as cantar em vez de apenas afirmar o destino de Meleágro. Para dar enfoque, então, à musicalidade dos versos das Parcas, Castilho altera os decassílabos para versos de nove sílabas poéticas, definidos por ele em seu *Tratado* como um metro “inquestionavelmente belíssimo” (CASTILHO, 1858, p.34).

Há, novamente, a presença de um esquema de rimas no qual apenas dois dos oito versos de nove sílabas não possuem correspondência de rima, a saber “Quanto dures, ó lenho que estalas” (v.641) e “A ti, homem que encetas a vida” (v.645). Esta manipulação sonora e métrica convém aos versos um ritmo de leitura bastante evidente, reforçando o caráter musical da fala das Parcas e dando à tradução castilhiana maior variedade, tanto métrica como tonal. Por meio desta versificação assaz simétrica e cadenciada, Castilho imprime sua autoria na tradução ao mesmo tempo em que demonstra sua destreza na manipulação dos esquemas métricos da língua portuguesa. Além disso, é notável o cuidado de Castilho ao eleger um ritmo apropriado à situação que está sendo narrada, seja nesta passagem ou na de Céfalos e Prócris, acima citada.

Se estas duas alterações métricas de Castilho decorrem da indicação – no primeiro caso – e da interpretação ou suposição – no segundo caso – do ato de cantar no original ovidiano, a seguir apresentaremos uma variação métrica que decorre de uma alteração genérica explicitamente indicada por Ovídio no texto original. Trata-se do verso que representa a inscrição deixada no templo de Ísis após a deusa efetuar a transformação da bela jovem Ífis em homem a pedido de sua mãe Teletusa. Ovídio refere-se à inscrição como um “pequeno poema” (*breue carmen*, v.793):

[...] *date munera templis,*  
*nec timida gaudete fide! dant munera templis,*  
*addunt et titulum; titulus breue carmen habebat:*  
 DONA : PUER : SOLVIT : QUAE : FEMINA : VOVERAT : IPHIS.

(Ov. *Met.* IX, v.791-794)<sup>86</sup>

Lá voltam, lá tributam dons e graças;  
 e por pia memória, às aras pias  
 esta breve inscrição deixam pendente:  
 “Deusa, dos teus devotos  
 as oblações afaga;  
 de Ífis donzela os votos  
 Ífis mancebo paga.”

(Ov. *Met.* IX. Trad. Castilho)

<sup>86</sup> “Dai presentes aos templos,/ não vos alegrai com tímida fé!” Eles dão presentes aos templos/ e acrescentam uma inscrição; inscrição que guardava um breve poema:/ Ífis, o rapaz, pagou os presentes que, quando era mulher, prometera.” (Trad nossa).

A representação do breve poema de Ífis e Teletusa no templo da deusa Ísis segue, no poema ovidiano, o padrão de escrita típico das inscrições em superfícies perenes: um poema curto escrito em letras maiúsculas com a separação entre as palavras indicada por pontos centrais. Castilho, então, por conta da distância temporal e cultural que separa o seu leitor desses padrões de escrita, opta por apresentar o *breue carmen* em versos de seis sílabas poéticas, mais facilmente reconhecidos e assimilados por seu leitor. Nota-se, novamente, um esquema de rimas bastante evidente – e, pode-se dizer, recorrente – em poemas de língua portuguesa (ABAB), que confere aos seus versos um ritmo marcadamente cadenciado.

É interessante notar, também, a oposição entre os sintagmas “Ífis donzela” e “Ífis mancebo”: Castilho, aqui, constrói um paralelismo que é capaz de acentuar o contraste da metamorfose de Ífis que, apesar de manter o seu nome, tem seu gênero transformado. Esta transformação de gênero de que Ífis é protagonista, em Castilho, também marca uma transformação de gênero poético, já que passamos de decassílabos heroicos para versos de seis sílabas.

Outro aspecto digno de nota é a escolha por traduzir passagens que poderiam ser consideradas obscenas para o decoro e a moralidade de sua época. É o caso da passagem que trata do costume dos homens trácios de se unir amorosamente com adolescentes de seu mesmo sexo, costume este iniciado por Orfeu após a segunda morte de sua amada esposa Eurídice. Tal passagem, que apresenta duas questões bastante problemáticas para a sua época – quais sejam, a homoafetividade e a pedofilia –, não é deixada de lado na tradução de Castilho, que opta por traduzi-la apesar da sua oposição à moralidade oitocentista:

<i>ille etiam Thracum populis fuit auctor amorem</i>	Foi ele, quem primeiro aos Trácios povos
<i>in teneros transferre mares citraque iuuentam</i>	abriu de novo amor não visto exemplo,
<i>aetatis breve uer et primos carpere flores.</i>	que fez o que não fez a Natureza,
(Ov. <i>Met.</i> X, v.83-85) <sup>87</sup>	procurando o prazer, colhendo as flores na primavera de seu próprio sexo.

(Ov. *Met.* X, v.121-125. Trad. Castilho)

---

<sup>87</sup> “Além disso, foi ele o fundador, aos povos da Trácia, / do transferir amor aos rapazes tenros e, antes da juventude da idade, colher a breve primavera e as primeiras flores” (Trad. nossa).

Aqui, percebe-se uma postura bastante recorrente em todas as traduções de Castilho para a obra ovidiana: a utilização da linguagem figurada na tradução de passagens que poderiam ser consideradas imorais ao decoro de sua época. Aplica-se a esta passagem o que afirma ter feito em sua tradução parafrástica das elegias eróticas dos *Amores*: “ousei, portanto, dar completo o meu autor, atenuando, ainda assim, com o véu da linguagem figurada, quanto pude e soube, o excesso das suas desenvolturas. Quem acarear uma cópia com o original, reconhecerá esta verdade” (CASTILHO, 1858, p.31).

De fato, é bastante fácil reconhecer a verdade desta escolha de Castilho. Nosso poeta não traduz o sintagma latino *teneros...iuuentam* (um jovem tenro, delicado, infantil), preferindo estender a metáfora ovidiana da primavera (*uer*) para, como ele mesmo afirma, atenuar seus versos com o véu de sua força e engenho poéticos: colher as flores “na primavera de seu próprio sexo” (v.124-125) é uma forma nitidamente mais sutil de dizer “transferir seu amor para jovens tenros”. Castilho ainda traz, em sua tradução desta passagem, um verso não constante no original para auxiliar em sua intenção de atenuar a imoralidade da passagem. Trata-se do verso “que fez o que não fez a Natureza” (v.123), por meio do qual o tradutor consegue indicar a suposta não-naturalidade do ato que está sendo narrado<sup>88</sup>.

Feita esta breve investigação da tradução de Castilho, no próximo item será explicitada e esquematizada a presença de Bocage em seu trabalho tradutório. Já sabemos que Castilho serviu-se de trechos inteiros da tradução bocagiana em sua própria obra como uma forma de homenagem a seu predecessor:

Tomei-me, pausadamente, o pulso a mim mesmo e reconhecendo que para o igualar me faleciam inegavelmente as forças. Assentei em tomar dele, quanto era feito e, dando um documento não duvidoso, de sincera humildade, incorporá-lo na minha obra. E assim o fiz: não foi contudo a reverência do seu nome tão poderosa para comigo que, onde entendi carecer de emenda, não lha desse (1841, p.30-31).

A seguir, demonstraremos como se dá o procedimento de anexação dos versos alheios à sua obra e, também, a proporção de versos inteiramente pertencentes a Bocage em cada um dos quinze livros ovidianos.

---

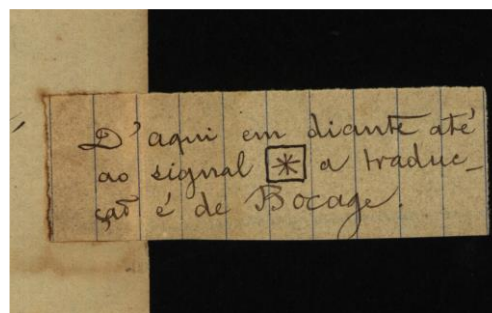
<sup>88</sup> É importante salientar que seria anacrônico exigir de Castilho, um poeta e tradutor que atuou no Oitocentismo português, o entendimento da homoafetividade como uma forma natural de amor.



## II. 2.1. IMITAÇÃO OU REVERÊNCIA? O PROCEDIMENTO DE COLAGEM DOS VERSOS BOCAGIANOS

Castilho tencionara levar a cabo o trabalho fragmentário iniciado por Bocage e, para tal, o utiliza como base para uma nova proposta, mantendo, assim, certo dialogismo com a tradução – e, por que não, com a tradição – bocagiana. É evidente que sua criação se insere no espaço da retradução, mas é interessante notar como Castilho o faz duplamente: ao retraduzir integralmente as *Metamorfoses* ovidianas utilizando como premissa as escolhas e a dicção da tradução de Bocage, Castilho também retraduz a tradução episódica ao brindá-la não apenas com emendas, mas com um espaço no todo da obra ovidiana. Como afirma Samoyault, “retraduzir não é substituir, mas acrescentar”<sup>89</sup> (2010, p.231), e isso fica ainda mais evidente com a presença explícita e manifesta do tradutor árcade em sua tradução. Desta forma, a anexação dos episódios traduzidos por Bocage no projeto tradutório de Castilho consiste em um ato de reverência, de dialogismo com a tradição tradutória, para além de uma mera cópia.

Os excertos tomados de Bocage na tradução castilhiana não são indicados no corpo do texto por meio do uso dos marcadores convencionais – as aspas, os itálicos, a separação do texto citado –, mas através de dois procedimentos diferentes: por meio das notas marginais, nos manuscritos, e de notas ao fim de cada um dos livros, naqueles já publicados no Tomo I. Não fossem estas notas, a incorporação dos trechos bocagianos poderia ser caracterizada como plágio – uma retomada literal, mas não marcada.



Exemplo de nota marginal

O que Castilho faz em sua tradução é, portanto, não um plágio, mas uma colagem que reflete uma espécie de reverência ao trabalho tradutório de Bocage. A colagem consiste em transformar profundamente o texto do outro, deslocando-o e oferecendo-lhe um novo contexto para assim inscrever seu próprio texto em relação. A colagem, assim, permite uma reflexão sobre o texto colocado em uma dupla perspectiva (SAMOYAUULT, 2008, p.67): a relacional –

<sup>89</sup> “Retraduire n’est pas remplacer, mais ajouter”.

que reflete o intercâmbio entre textos – e a transformacional – que reflete a modificação recíproca dos textos que se encontram nesta relação de troca.

Castilho, ao incorporar fragmentos de Bocage em sua própria tradução, oferece aos episódios bocagianos – que antes eram excertos isolados do todo a que pertencem – um lugar na totalidade da obra de Ovídio. Desta forma, os excertos perdem seu caráter independente do todo e passam a integrar, novamente, a totalidade dos episódios mitológicos de que foram retirados. O procedimento de colagem, portanto, deve ser diferenciado daquele da citação: a introdução de um pensamento já formulado de outro, na colagem, não tem mais o valor de reflexo, mas o valor de um ato consciente, “para ir além desse ponto de onde parto, que era o ponto de chegada de um outro” (ARAGON *apud* SAMOYAULT, 2008, p.38).

A presença de Bocage na tradução castilhana não se dá de forma uniforme: há livros que pertencem inteiramente a Castilho – como é o caso do livro VII, por exemplo – e outros em que 60% dos versos são colagens da tradução bocagiana – caso do livro I; há livros em que se percebe um maior número de emendas castilhanas aos trechos de Bocage – caso dos livros I e IV – e outros em que a colagem se dá de forma integral – caso do livro VI. A seguir, apresentamos um quadro com as contagens de versos, livro a livro, para que seja possível observar a proporção da lavra dos dois autores, bem como a relação entre o número de versos do original e da tradução. Para fornecer um panorama inicial do que compreende esta tradução, apresentamos, também, a relação de versos que foram perdidos devido ao já mencionado desaparecimento de um dos volumes da tradução castilhana. Estes dados serão apresentados com maior detalhamento no capítulo seguinte, no qual trataremos dos nossos critérios de edição e da descrição do manuscrito.

<b>Livros</b>	<b>Total de versos (original)</b>	<b>Total de versos (tradução)</b>	<b>Versos de Bocage</b>	<b>Versos de Castilho</b>	<b>% de versos de Bocage</b>
<b>COMPLETOS</b>					
Livro I	779	1095	668	427	60%
Livro II	875	1173	90	1083	≅ 7,6%
Livro III	733	957	-----	957	-----
Livro IV	802	1153	270	883	25%
Livro V	678	985	-----	985	-----
Livro VI	721	1045	453	592	≅ 41%
Livro VII	865	1353	-----	1353	-----

Livro VIII	884	1340	-----	1340	-----
Livro IX	797	1208	-----	1208	-----
Livro X	739	1037	531	506	≅ 42%
Livro XI	795	1160	195	965	≅ 17%
<b>INCOMPLETOS</b>					
<b>Livros</b>	<b>Total de versos (original)</b>	<b>Versos traduzidos do original/Total de versos da tradução</b>	<b>Total de versos (originais) da lacuna</b>	<b>Versos de Bocage</b>	<b>% de versos de Bocage</b>
Livro XII	628	200 primeiros versos / 278	428	-----	-----
Livro XIII	968	170 últimos versos / 331	788	-----	-----
Livro XIV	851	Primeiro trecho: 1-107 / 156 Segundo trecho: 320-434 / 149 Terceiro trecho: 622-720 / 127 Quarto trecho: 805-851 / 56	Primeiro trecho: 212 Segundo trecho: 187 Terceiro trecho: 84	80	≅ 16%
Livro XV	879	Primeiro trecho: 1-59 / 85 Segundo trecho: 342-438 / 141 Terceiro trecho: 479-578 / 152 Quarto trecho: 782-808 / 33	Primeiro trecho: 281 Segundo trecho: 39 Terceiro trecho: 202 Quarto trecho: 71	7	≅ 1,7%

*Quadro 1 (elaboração própria)*

Para exemplificar como o procedimento de colagem levado a cabo por Castilho pode modificar a tradução episódica de Bocage por meio da perspectiva relacional e transformacional – levando em conta o apontamento de Samoyault – pode-se pensar no Livro X das

*Metamorfoses*, no qual Orfeu, a partir do verso 148 do original, toma o lugar de narrador para contar as mais diversas histórias:

Orfeu, sentado em meio, ensaia as cordas;  
sentindo que reinava no instrumento  
entre diversos sons concorde ajuste,  
desferiu neste canto a voz celeste:

\*

Cede todo o Universo às leis de Jove;  
por Jove, ó Musa, ó mãe, comece o canto.  
Seu poder, seu furor, suas vinganças,  
os gigantes em Flegra ardendo em raivas,  
já com plectro maior troei na lira;  
lira pedem mais branda aos versos de hoje:  
quero cantar os moços que de deuses  
foram amados, e protervas moças,  
por defesas paixões sacrificadas.

(Ov. *Met.* X. v.250-262, trad. Castilho)<sup>90</sup>

Destes versos citados até o fim do livro (verso 739 do original e verso 1083 da tradução), Orfeu é quem narra todos os episódios mitológicos: inclui-se em sua narração a história de Ganimedes, a de Jacinto, a dos Cerastas e das Propértides, o mito de Pigmalião, a história de Cíniras e Mirra, o episódio de Vênus e Adônis – bem como sua morte – e a corrida de Hipômenes e Atalanta – na qual Vênus, dentro da narrativa interna de Orfeu, toma o posto de narradora. De todos estes episódios, Bocage traduz apenas a história de Cíniras e Mirra (v.298-502 do original), sem dar a voz de narrador a Orfeu. Lembrando que Bocage traduziu os 82 primeiros hexâmetros do livro X, a colagem deste episódio traduzido elâmico na tradução integral de Castilho, portanto, é capaz de transformar os versos colados na medida em que revela a existência de um narrador interno, não mencionado na tradução do predecessor, mas de grande relevância por revelar Orfeu como uma espécie de substituto do próprio Ovídio: ao enfatizar temas eróticos e incorporar elementos elegíacos ao seu canto, “tanto na forma como

---

<sup>90</sup> *'ab Iove, Musa parens, (cedunt Iovis omnia regno)  
carmina nostra move! Iovis est mihi saepe potestas  
dicta prius: cecini plectro graviore Gigantas  
sparsaque Phlegraeis victricia fulmina campis.  
nunc opus est levioere lyra, puerosque canamus  
dilectos superis inconcessisque puellas  
ignibus attonitas meruisse libidine poenam.*  
(Ov. *Met.* X. v.148-154)

no conteúdo, a música de Orfeu se destaca como um *mise en abyme* das *Metamorfoses*” (PAVLOCK, 2009, p.89. Trad. nossa).

O mesmo ocorre, também, no livro IV, quando o narrador cede a voz às filhas de Mineu, que se entretêm contando histórias enquanto trabalham em suas tecelagens no dia festivo ao deus Baco:

Sós, dentro em casa, de Mineu as filhas,  
 profanam com o trabalho o sacro dia;  
 uma carpeia lãs; outra no fuso  
 vai rodopiando o estame; est’outra tece,  
 e as servas com tarefas afervoram.

\*

Uma dentre as irmãs, puxando o fio,  
 disse às mais:

– Nós agora, enquanto as outras  
 se andam por lá detidas em quimeras,  
 nós, a quem Palas, melhor deusa, ocupa,  
 falemos, que o falar encurta as horas,  
 e ao longo trabalhar dá certo alívio.  
 Deve ir correndo a roda, e cada uma,  
 chegando a sua vez, contar seu conto. –  
 Apraz; mandam-lhe as mais que principie.

(Ov. Met. IV, v.48-61. Trad. Castilho)<sup>91</sup>

Destes citados até o verso 388, todos os episódios mitológicos são narrados pelas filhas do rei Mineu: conta-se a história de Píramo e Tisbe (v.55-166), narra-se brevemente o episódio em que Apolo flagra as relações de Vênus e Marte (v.167-189) para dar pretexto ao mito de Leucótoe e Clície (v.190-273) e o mito de Sálmacis e Hermafrodito (v.276-388). De todos estes episódios, Bocage traduz apenas a história de Píramo e Tisbe, sem indicar que se trata de uma história contada por uma narradora interna. Mais uma vez, observa-se como a colagem do

---

<sup>91</sup> [...] *solae Minyeides intus  
 intempestiva turbantes festa Minerva  
 aut ducunt lanas aut stamina pollice versant  
 aut haerent telae famulasque laboribus urgent.  
 e quibus una levi deducens pollice filum  
 'dum cessant aliae commentaque sacra frequentant,  
 nos quoque, quas Pallas, melior dea, detinet' inquit,  
 'utile opus manuum vario sermone levemus  
 perque vices aliquid, quod tempora longa videri  
 non sinat, in medium vacuas referamus ad aures!'  
 dicta probant primamque iubent narrare sorores.*  
 (Ov. Met. IV, v.32-42)

episódio traduzido por Bocage se transforma ao adentrar a tradução de Castilho, já que este desfaz a mudança introduzida por aquele, relacionando a passagem com o todo do livro IV. Sobre este trecho de narrações internas, Castilho tece interessantes comentários:

Ora entremos ao aposento destas donzelas, que Ovídio, que de todas as casas é conhecido e íntimo, nos está cortesmente abrindo a porta. [...] Encurtam as aproveitadas horas contando novelas, e não outras senão de amores. Não façais ruído, que tão embebidas estão em sua obra, que nem de nós deram fé; e as suas narrações (pois que se cuidam sós, e seguras de ouvidos masculinos) alguma coisa hão de ter para os vossos de apetitoso. Deixemos rir quem ri lá por fora; que, assim como o quieto desta morada requinta a alegria da cidade, também o reboiço da cidade realçará o concheço destes contos; e se alguns forem de lágrimas, mais valiosas as tornará. (CASTILHO, 1907, fl.66-68)

Castilho parece estar ciente, portanto, de que Ovídio, quando cede seu posto de narrador a outros personagens, também altera o tom do que é narrado: sendo as histórias narradas entre irmãs, os relatos ganham intimidade e tem como tema relações amorosas. Nosso tradutor afirma que “a narradora é moça entre moças, e não presume que nós outros, estranhos, devassamos o asilo inviolável da sua casa de labor” (*Ibidem*, fl.73). A escolha de Bocage por uma tradução episódica leva inevitavelmente à perda desta mudança de tom por não atribuir a narração à jovem tecelã, recuperada pelo procedimento de colagem na medida em que confere ao episódio um espaço na totalidade da obra ovidiana.

Agora, para exemplificar como são feitos, por Castilho, os procedimentos de emendas na colagem da tradução bocagiana, podem-se confrontar alguns episódios da maneira como aparecem nas *Obras poéticas de Manuel Maria du Bocage*<sup>92</sup> (1849) e da maneira como aparecem no compilado do manuscrito da tradução castilhiana para as *Metamorfoses* (1907). Os versos abaixo estão citados da maneira como aparecem nas duas obras, ou seja, sem a atualização ortográfica do português do século XIX. À esquerda, encontram-se os versos traduzidos por Bocage; à direita, como eles aparecem na tradução integral de Castilho. Primeiramente, apresentamos um pequeno excerto do episódio de Atlante convertido em monte (Ov. *Met.* IV, v.615-624)<sup>93</sup>:

<sup>92</sup> De acordo com as notas oferecidas pelo editor Júlio de Castilho nos pontos em que identificou a página dos trechos bocagianos, esta parece ser a edição seguida pelo nos procedimentos de colagem.

<sup>93</sup> *viperei referens spoliū memorabile monstri  
aera carpebat tenerum stridentibus alis,  
cumque super Libycas victor penderet harenas,  
Gorgonei capitis guttae cecidere cruentae;  
quas humus exceptas varios animavit in angues,  
unde frequens illa est infestaque terra colubris.  
Inde per inmensum ventis discordibus actus  
nunc huc, nunc illuc exemplo nubis aquosae  
fertur et ex alto seductas aethere longe  
despectat terras totumque supervolat orbem.*

Trazendo espólio do vipéreo monstro,  
 e equilibrado em azas estridentes  
 prêzas aos leves pés, vagava os ares  
 O Argólico Perseo, Prole do Nume  
 Que a Dânae seduzira em aurea chuva.  
 Sobre as crestantes Lybicas areias  
 pendente o vencedor, cahiram n'ellas  
 da Gorgónea cerviz sanguíneas gôttas,  
 e bebendo-as a Terra as faz serpentes.  
 Desde então, de serpentes Lybia abunda.

\*

Logo, agitado por discordes ventos,  
 para aqui, para ali, qual gira a nuvem,  
 descobre o moço errante ao longe as terras,  
 e sobre o vasto glôbo anda voando.

[...]

(Ov. *Met.* IV, v.1-14. Trad. Bocage)

[...]

levando o espólio do vipéreo monstro,  
 e equilibrado em azas estridentes  
 prêzas aos leves pés, vagueia os ares.  
 Sobre as crestantes Lybicas areias  
 pendendo o vencedor, cahiram n'ellas  
 da Gorgónea cerviz sanguíneas gôttas,  
 e bebendo-as o solo as fez serpentes.  
 Desde então, de serpentes Lybia abunda.

\*

Logo, agitado por discordes ventos,  
 para aqui, para ali, qual gira a nuvem,  
 domína o moço errante ao longe as terras,  
 e sobre o vasto glôbo anda voando.

[...]

(Ov. *Met.* IV, v. 877-888. Trad. Castilho)

Observa-se a princípio, a alteração de algumas palavras que não acarretam grandes mudanças de sentido – “trazendo” por “levando”, “vagava” por “vagueia”, “pendente” por “pendendo” e “Terra” por “solo”. A emenda mais marcante, entretanto, dá-se na supressão dos versos “O Argólico Perseo, Prole do Nume/Que a Dânae seduzira em aurea chuva” (“[...] *neque enim Iouis esse putabat / Persea, quem pluuiio Danae conceperat auro*”, v.610-611) na colagem de Castilho. Estes versos parecem ter sido realocados na tradução de Bocage, pois eles aparecem no verso 611 do original, ou seja, quatro versos acima do excerto escolhido por ele para a sua tradução. Por se tratar de uma tradução episódica, Bocage relocou este verso em sua tradução por considerá-lo relevante para o entendimento do mito e, assim, evitar qualquer perda do sentido pretendido pelo autor original. Sendo, por outro lado, a tradução de Castilho integral, a repetição deste mesmo dado genealógico faz-se desnecessária, visto que já aparece nos versos 871-872 de sua tradução (“a seu neto Perseu, filho de Dânae./seduzida por Jove em áurea chuva”), ou seja, seis versos acima da colagem da tradução bocagiana.

O episódio da metamorfose de Io, constante no livro I das *Metamorfoses* ovidianas e traduzido por Bocage, apresenta na tradução de Castilho algumas notáveis emendas, ainda que não haja supressões como no caso acima analisado. Abaixo apresentamos um pequeno trecho (*Ov. Met. I, v.678-694*)<sup>94</sup> para demonstrar como as emendas se dão:

Da nova, doce musica tentado,  
Argos ao Numen diz: “Quem quer que sejas,  
Comigo aqui, Pastor, sentar-te podes.  
Sitio melhor não ha para o rebanho,  
Nem para o guardador, assim na sombra,  
Como em fertilidade. O Deos se assenta,  
E em razões varias, que profere, e escuta,  
Vai-se lhe o dia. Adormecer intenta  
Com a avena os cem lumes veladores,  
Porém repugna o Monstro aos molles somnos;  
E bem que os acolheo parte dos olhos,  
Parte delles vigia. Emfim, porque era  
Da flauta a invenção recente ainda,  
A Mercurio o Pastor pergunta como,  
Por quem fôra inventada. A isto o Nume  
Diz então: “Nas Arcádicas montanhas  
Teve nome entre as Nynfas Nonacrinas,  
Foi entre as Hamadriadas o assombro

Da nova doce musica tentado,  
Argus ao Nume diz:  
“Quem quer que sejas,  
“bem podéras aqui, n’este penhasco,  
“ao-pé de mim desfadigar-te um pouco.  
“Pasto, não n-o ha melhor para um rebanho,  
“nem para um guardador mais bellas sombras.

\*

O Deus se assenta; em práticas prolixas  
consome o dia; adormentar procura  
com a avena os cem lumes veladores;  
porém repugna o monstro aos molles somnos;  
e, bem que os acolheu parte dos olhos,  
parte d’elles vigia. Emfim, porque era  
da flauta a invenção recente ainda,  
a Mercurio o pastor pergunta o como  
se inventára; ao que o Deus d’est’arte acode:  
– “Nos frescos montes Arcades, grão fama

<sup>94</sup> [...] 'at tu,  
*quisquis es, hoc poteris mecum considerare saxo'*  
*Argus ait; 'neque enim pecori fecundior ullo*  
*herba loco est, aptamque vides pastoribus umbram.'*  
*Sedit Atlantiades et euntem multa loquendo*  
*detinuit sermone diem iunctisque canendo*  
*vincere harundinibus servantia lumina temptat.*  
*ille tamen pugnat molles evincere somnos*  
*et, quamvis sopor est oculorum parte receptus,*  
*parte tamen vigilat. quaerit quoque (namque reperta*  
*fistula nuper erat), qua sit ratione reperta.*  
*Tum deus 'Arcadiae gelidis sub montibus' inquit*  
*'inter hamadryadas celeberrima Nonacrinas*  
*naias una fuit: nymphae Syringa vocabant.*  
*non semel et satyros eluserat illa sequentes*  
*et quoscumque deos umbrosa que silva ferax que*  
*rus habet. [...]*



A Náiade Syrins, Syrins, a esquivava.	“teve entre as Hamadryades nonácrias
Aos Sátyros hyrsutos se furtava,	“a Naiade Syrins, Syrins a esquivava.
E aos mais Deoses campestres que a seguião;	“;Quanto seguir de Sátyros protervos
[...]	“não burlou! ;que de audácias namoradas
(Ov. <i>Met.</i> I, v.127-147. Trad. Bocage)	“dos mais Numes do campo e das florestas!
	[...]
	(Ov. <i>Met.</i> I, v.961-981. Trad. Castilho)

Percebe-se, aqui, uma considerável alteração do texto bocagiano, mesmo que seja notável que este seja a fonte da tradução de Castilho para o episódio. As alterações não são motivadas por um deslocamento de versos, como no exemplo anterior, mas apenas por uma reelaboração deles. Nesse sentido, observa-se a presença de algumas alterações lexicais que não acarretam mudanças semânticas, como ocorre na mudança de “razões varias” por “práticas prolixas”, “vai-se lhe o dia” por “consome o dia”, “adormecer intenta” por “adormentar procura”. No entanto, nas falas de Argos e Mercúrio as mudanças são mais evidentes, havendo uma reelaboração quase total das falas: dos cinco versos da fala de Argos, apenas um não é emendado (“Argus ao Nume diz: Quem quer que sejas,”), assim como na fala de Mercúrio – dos seis versos, apenas “a Naiade Syrins, Syrins a esquivava” não apresenta emendas.

As escolhas de Castilho para as emendas na tradução bocagiana expressam mais uma questão de gosto poético que uma diferenciação entre uma vertente fidelista ou parafrasta. Na fala de Argos, por exemplo, o verbo *considerere*, traduzido por Bocage como “sentar-te”, em Castilho aparece com o sentido figurado – admitido para o verbo latino – “desfatigar-te”. A forma com que os dois tradutores reelaboram os versos 679-680 da fala de Argos (*Argus ait: 'neque enim pecori fecundior ullo / herba loco est, aptamque vides pastoribus umbram.'*) também revela uma escolha interessante: enquanto Bocage estende as qualidades da sombra (*umbram*) e da fertilidade (*fecundior*) para tanto os pastores (*pastoribus*) como o rebanho (*pecori*), a tradução de Castilho segue os sintagmas do original e direciona cada uma das qualidades da terra ao seu agente, ou seja, a fecundidade do pasto para o rebanho e as sombras para os guardadores.

As emendas nas falas de Mercúrio, ainda que não acarretem uma drástica mudança no sentido original, também são dignas de nota. Nos versos 691-693 (*non semel et satyros eluserat illa sequentes / et quoscumque deos umbrosa que silva feraxque / rus habet.*), percebe-se que as alterações no texto bocagiano tem a intenção de acrescentar uma singela camada de sentido que

muito contribui para o que está sendo narrado por Ovídio: sabendo que o deus Mercúrio está contando a história da náiade para tentar adormecer os mil olhos de Argos, a alteração de dicção promovida pelas exclamações e pela estrutura dos versos castilhanos colaboram para o *status* do deus como um contador de histórias.

Trata-se de escolhas que, como se pode notar, não acarretam grandes mudanças de sentido, mas trazem uma marca da intervenção – e, portanto, da autoria – de Castilho sobre os versos de Bocage. Alterações dessa natureza são constantes no decorrer de todos os livros em que os versos bocagianos são transcritos no manuscrito<sup>95</sup>. Essa postura talvez responda à pergunta que dá título a este item do capítulo: o procedimento de colagem dos versos bocagianos, por apresentar emendas que vão desde as mais sutis até as mais notáveis, extrapola o lugar da simples imitação.

Feitas estas considerações sobre os procedimentos de colagem dos versos bocagianos, encerramos este tópico. No próximo item deste capítulo, apontaremos alguns trechos de maior fôlego da tradução de Castilho com o respaldo de alguns aspectos da obra original. Desta forma, pretendemos demonstrar como são reelaborados traços importantes das *Metamorfoses* ovidianas nessa tradução digna do – ainda que bastante breve – elogio de Haroldo de Campos, o que pode comprovar a sua riqueza e atualidade.

## **II. 3. O GESTO TRADUTÓRIO DE CASTILHO: ANÁLISE DE TRÊS MITOS**

### **II. 3.1. O MITO DE DAFNE E APOLO: RUPTURA ELEGÍACA**

Após o longo trecho propriamente cosmogônico do primeiro livro das *Metamorfoses* (Ov. *Met.* I, 1-449), Ovídio introduz uma transição bastante sutil para o que, de fato, é um dos temas mais recorrentes – e, por isso, pode-se dizer centrais – de sua obra, qual seja, o amor. A origem do mundo (*origine mundi*, I, v.3), ainda que extensivamente explorada neste primeiro livro, não é o tema principal deste grande épico, mas apenas a delimitação temporal a partir da qual sua narrativa se inicia.

Levando em conta a sua vasta carreira elegíaca e, conseqüentemente, a sua abrangente aproximação da temática amorosa, Ovídio marca desde o primeiro livro este que é o motivo poético mais recorrentemente tratado em toda a sua obra, seja elegíaca ou épica, como demonstraremos neste subitem. É interessante notar, então, como a sua variação de temas e motivos – que se refletem, também, na sua variação de tom e humor – é extremamente

---

<sup>95</sup> Como demonstraremos no próximo capítulo, há algumas passagens em que a tradução de Bocage não é transcrita no manuscrito, apenas indicada para a cópia. Nesse caso, evidentemente, os textos são retirados da forma como aparecem na tradução bocagiana, sem nenhuma emenda.

sofisticada e longe de ser despreziosa. Após o trecho cosmogônico, o tom varia sutilmente e, apesar da sutileza, trata-se de uma mudança bastante drástica no que tange ao tratamento dado ao tema dentro de uma poesia épica. Otis Brooks define brilhantemente estas variações, o que nos permite citá-lo longamente:

[...] no primeiro livro, por exemplo, ele apresenta pela primeira vez o motivo de uma dada virgem cortejada pelo deus apaixonado (Dafne e Apolo). Existem várias repetições desse motivo em todo o poema: na verdade, há uma repetição no próprio livro primeiro, mais duas no segundo livro e no quinto (Aretusa perseguida pela divindade-rio Alfeu) e pelo menos breves alusões ao tema depois disso (por exemplo, no final do Livro XI). É, entretanto, digno de nota que Ovídio não apenas varia seu uso desse motivo, mas o varia de uma maneira sequencialmente significativa. Assim, a história de Júpiter e Io tem uma ênfase bastante diferente da história de Dafne e Apolo que a precede: nesta última, a perseguição é a coisa significativa e a metamorfose é o resultado do desejo de Dafne de escapar da perseguição de Apolo; no [mito de] Júpiter e Io (que o segue imediatamente), a perseguição ou cortejo é reduzido a um âmbito muito pequeno e a ênfase é colocada no ciúme de Juno (da qual a metamorfose de Io é uma consequência). Este novo tema (o ciúme de Juno) também domina a seguinte história de Calisto, mas aqui o lado simplesmente cômico de Juno é muito atenuado. Estamos, portanto, preparados para a violência verdadeiramente selvagem de Juno nos episódios Sêmele e Ino (onde o motivo do cortejo da virgem desapareceu completamente). (BROOKS, 1966, p.78-79. Trad. nossa)<sup>96</sup>.

O que ocorre, portanto, não é uma simples variação de motivos desamparada de uma possível sequenciação da obra como um todo. Os elementos destes motivos poéticos são gradualmente subtraídos ou adicionados, de modo que, finalmente, um motivo chega a ser completamente substituído por outro e, em decorrência, o tom e o clima de sua narrativa também são alterados inteiramente.

Vejamos mais detidamente o caminho narrativo que culmina na história de Apolo e Dafne: nos versos que a precede (ainda pertencentes ao trecho cosmogônico do livro I), conta-se que a terra recém-formada deu origem a um sem-número de espécies e, dentre elas, surge Píton, uma colossal serpente (“*maxime Python*”, v. 438). Este ser monstruoso é derrotado pelas mil flechas de Apolo e, para celebrar seu grande feito, foram criados os jogos píticos (*ludos*

---

<sup>96</sup> “[...] In the first book, for example, he introduces for the first time the motif of the determined virgin courted by the passionate god (Daphne and Apollo). There are several repetitions of this motif in the whole poem: indeed there is one repetition in the first book itself, two more in the second book, and in the fifth (Arethusa pursued by the stream-god Alpheus) and at least brief allusions to the theme thereafter (e.g. at the end of Book XI). It is, however, noteworthy that Ovid not only varies his use of this motif but varies it in a sequentially significant way. Thus the Jupiter-Io story has a quite different emphasis from the Daphne-Apollo story that precedes it: in the latter the chase is the significant thing and the metamorphosis is the result of Daphne’s desire to escape the pursuing Apollo; in the Jupiter-Io (that immediately follows it) the chase or courtship is reduced to a very small compass and the emphasis is put on Juno’s jealousy (of which Io’s metamorphosis is a consequence). This new theme (Juno’s jealousy) also dominates the following Callisto story, but here the simply comic side of Juno is much toned down. We are thus prepared for the truly savage violence of Juno in the Semele and Ino episodes (where the virgin-courtship motif has quite disappeared)”.

*Pythia*, v.446-447). Os jovens que triunfassem nestes jogos seriam celebrados com uma coroa de carvalho, já que, neste recente mundo, ainda não existia o louro que tipicamente cinge as frentes dos vencedores. Assim,

para fazer a emenda sem mostrá-la, Ovídio serve-se do tema “Apolo”, que é o elemento mais amplo que unifica os dois episódios distintos: a morte de Píton e o amor do deus por Dafne. Porém, para disfarçar ainda mais a transição, o poeta no interior do elemento maior “Apolo” introduz um tema menor e mais refinado, o loureiro, que inexistia, para coroar os vencedores nos Jogos Píticos (OLIVA NETO, 2017, p.26).

A partir dos jogos píticos e do tema “loureiro”, este sutil narrador passa de um assunto épico – a origem do mundo – para um erótico, típico do gênero elegíaco. José Carlos Fernández Corte e Josefa Cantó Llorca, em sua introdução para a edição espanhola das *Metamorfoses* (OVIDIO, 2008, p.27-28), apontam para o fato de o jogo, nesta transição temática, poder ser lido como referente aos jogos com os gêneros poéticos, característicos desta aproximação genérica bastante lúdica de que Ovídio faz uso, também, em outras de suas obras. Iniciando o episódio com a palavra *primus*, um “termo habitual da poética que pode remeter a quase qualquer gênero, mas especialmente apropriado para uma épica dos começos”, acompanhados de *saeva* e *ira*, Ovídio “evoca o começo da *Eneida*” ao mesmo tempo em que evoca a primeira história amorosa de seu grande poema<sup>97</sup>.

Apolo, depois de ter derrotado a enorme Píton com suas mil flechas, arrogantemente questiona Cupido – que empunhava, também, um arco –, afirmando que armas tão fortes não deveriam estar nas mãos de um menino. E então, para provar seu poder, o deus-menino lança duas flechas, uma de ouro em Apolo, capaz de provocar fortes amores, e outra de chumbo na ninfa Dafne, que afasta o amor. Ainda segundo Corte e Llorca,

Ovídio confronta dois arqueiros, Apolo e Cupido; o primeiro se distingue por seu uso de *fortia arma*, emblema da épica, e tenta excluir ao segundo do uso de um atributo como o arco, relegando-o aos amores e às tochas que o estimulam. Pode ser visto nas palavras de Apolo um tom insolente e desdenhoso. Aparecem no contexto adjetivos como *superbus* ou *tumidus*, que se aplicam precisamente a um tipo de épico excessivo e contraria aos ideais de Calímaco, enquanto amores são desprezados com o termo *nescio quos*, com o qual Apolo (e o poeta) desejam manter-se afastados desta temática. Portanto, a disputa entre os deuses, em uma posição tão destacadamente inaugural, deve ser lida novamente como uma disputa entre gêneros (*Ibidem*, p.28. Trad. nossa)<sup>98</sup>.

<sup>97</sup> “*Primus* es un término habitual de poética que puede remitir a casi cualquier género, pero resulta especialmente apropiado en una épica de los comienzos, donde se trata de los aspectos inaugurales del mundo. Acompañado de *saeva* e *ira*, sólo podía evocar el comienzo de la *Eneida*. Y, sin embargo, aquí estos términos van ligados al amor”.

<sup>98</sup> Ovidio enfrenta a dos arqueros, Apolo y Cupido; el primero se distingue por su uso de *fortia arma*, emblema de la épica, e intenta excluir al segundo del uso de un atributo como el arco, relegándolo a los amores y a las antorchas que lo estimulan. Se aprecia en las palabras de Apolo un tono insolente y despectivo. Aparecen en el contexto adjetivos como *superbus* o *tumidus*, que se aplican precisamente a un tipo de épica desmesurada y contraria a los

E isso não é novidade, nem na carreira poética de Ovídio, nem neste capítulo. Basta voltarmos ao *Amores* 1.1. para perceber que Cupido, nas *Metamorfoses*, reafirma o seu poder sobre a matéria poética de Ovídio, poder este já indicado em sua elegia de abertura. De nada valeu a evasão da temática amorosa nos primeiros versos de seu épico: logo no primeiro livro, Cupido age sobre Apolo enquanto este rebate o amor (v.456-457), também rebatido pelo trecho cosmogônico do livro. Nota-se, assim, que Cupido – tanto na elegia como na épica – é munido de um grande poder aos olhos de Ovídio<sup>99</sup>, já que suas flechas podem tanto influir na criação de um novo gênero como superar as habilidades do grande arqueiro Apolo, obrigando-o a assumir o papel de amante elegíaco desprezado<sup>100</sup>. Com isso, Ovídio demonstra que seus versos nunca se afastaram do caráter elegíaco presente nas obras anteriores, e, novamente, por meio de uma narrativa fabulada, usa uma intervenção divina para sinalizar as afiliações de gênero em seu poema, pois, apesar de se tratar de uma épica, esta é subordinada, em algumas passagens, à temática erótica e elegíaca de seus versos.

O que especialmente nos interessa nessa passagem é o diálogo entre Apolo e Cupido. É notável, no *Amores* 1.1, que o deus-menino Cupido demonstra o seu inegável poder sobre a matéria poética de Ovídio ao furta-lhe um pé métrico, transformando seu segundo hexâmetro em um pentâmetro, ou seja, variando o seu metro e transformando sua épica em elegia. O mesmo pode ser observado na sua primeira aparição nas *Metamorfoses*, que marca, também, a primeira aparição de uma temática amorosa no poema. É interessante notar, no entanto, a fala bastante lacônica desta divindade, tanto na elegia ovidiana como no épico: apesar de seu poder e de sua influência, Cupido tem sua fala expressa em apenas um verso na elegia e em apenas três versos no épico.

---

ideales de Calímaco, mientras que a los amores se los desdeña con el término *nescioquos*, con el que Apolo (y el poeta) afectan mantenerse ajenos a esta temática. Por tanto, esta disputa entre dioses, em una posición tan destacadamente inaugural, debe ser leída nuevamente como una disputa entre géneros.

<sup>99</sup> Na elegia, aparece como “menino cruel” (v.5) e, na épica, fala-se sobre a “ira de Cupido” (v.453).

<sup>100</sup> “Nesta cena, Cupido reafirma seu domínio sobre a *materia* poética de Ovídio, superando o arqueiro Apolo e obrigando o humilhado deus-arqueiro a assumir o papel de amante elegíaco. [...] Ovídio usa uma intervenção dramática do deus do amor para sinalizar as afiliações genéricas de seu poema. Nas *Metamorfoses*, porém, a intervenção está embutida na narrativa propriamente dita, conforme exige a propriedade épica. Assim, é o deus do amor, e não a *persona* poética, quem faz o papel de fantoche do irreprimível Eros Pankrator, enquanto a comédia de gêneros de Ovídio recebe sua versão final e decisiva” (GILDENHARD & ZISSOS, 2000, p.76. Trad.nossa) (“In this scene Cupid reasserts his dominance over Ovid’s poetic *materia* by besting Apollo’s bowmanship and compelling the humiliated archer god to take on the role of elegiac lover. [...] Ovid uses a dramatic intervention by the god of love to signal the generic affiliations of his poem. In the *Metamorphoses*, however, the intervention is embedded in the narrative proper, as epic propriety demands. Thus, it is the god of love, rather than the poetic *persona*, who plays stooge to the irrepressible Eros Pankrator, as Ovid’s comedy of genres is given its final, decisive rendition”).

Feita esta breve introdução, vejamos, agora, como Castilho verte esta importante passagem:

*Primus amor Phoebi Daphne Peneia, quem non  
fors ignara dedit, sed saeva Cupidinis ira,  
Delius hunc nuper, victa serpente superbus,  
viderat adducto flectentem cornua nervo  
'quid' que 'tibi, lascive puer, cum fortibus armis?'*

*dixerat: 'ista decent umeros gestamina nostros,  
qui dare certa ferae, dare vulnera possumus  
hosti,*

*qui modo pestifero tot iugera ventre prementem  
stravimus innumeris tumidum Pythona sagittis.*

*tu face nescio quos esto contentus amores*

*inritare tua, nec laudes adsere nostras!'*

*filius huic Veneris 'figat tuus omnia, Phoebe,  
te meus arcus' ait; 'quantoque animalia cedunt  
cuncta deo, tanto minor est tua gloria nostra.'*

*dixit et eliso percussis aere pennis*

*inpiger umbrosa Parnasi constitit arce*

*eque sagittifera prompsit duo tela pharetra*

*diversorum operum: fugat hoc, facit illud  
amorem;*

*quod facit, auratum est et cuspide fulget acuta,*

*quod fugat, obtusum est et habet sub harundine  
plumbum.*

*hoc deus in nympa Peneide fixit, at illo*

*laesit Apollineas traiecta per ossa medullas;*

(Ov. *Met.* I, v.452-473)

Foi dos amores seus o amor primeiro  
a filha do Peneu, a ingênua Dafne;  
de Cupido coléricas vinganças,  
não cegueiras da sorte, o produziram.

\*

Da recente façanha inda soberbo  
encontra o Délio deus ao deus menino,  
de arquinho em punho a retesar-lhe a corda.

– “Desenvolta criança, que te metes  
com fortes armas tu? Armas como essas  
só a mim ficam bem, a mim, que posso  
feras, contrários, derribar com os tiros,  
que debelei Piton, Piton, que tantas  
geiras com o ventre imundo assoberbava.

Setas deixa, contenta-te com o facho,  
vai com o facho acender não sei que amores;  
não queiras aspirar aos meus triunfos.”

– “Febo, – lhe volve o filho de Dióne –  
teu arco fere a tudo, e o meu te fere;

dessas feras ao nume que as debela,  
menos vai, que da tua à minha glória.”

Disse; e fendendo o ar com as ágeis plumas,  
no alto poisou do umbrífero Parnaso.

Extrai da plena aljava duas setas,

diversas no lavor, no efeito opostas:

esta amores produz, aquela os bane;

a primeira, fulgente, é de oiro, e aguda;

baça e romba a segunda é chumbo inerte;  
 com esta fere o deus o seio à ninfa;  
 com a outra a Apolo os íntimos do peito.

(Ov. *Met.* I, v.649-677. Trad. Castilho)

Antes de partir para a consideração do trecho acima exposto, convém retornarmos ao verso anterior ao excerto escolhido para observar uma interessante escolha de Castilho. Para introduzir o mito de Apolo e Dafne, imediatamente posterior ao mito de Piton, há o acréscimo de um verso não constante no original e que cumpre o papel de explicitar o início de um novo episódio mítico: “Do loiro que hoje traz direi a origem” (v.648). Esta manipulação do texto ovidiano por Castilho pode denotar o objetivo de propor uma marcação mais nítida do início de uma nova história dentro deste *carmen perpetuum*, deste canto ininterrupto, através da voz do próprio narrador. Além do acréscimo deste verso autoral, Castilho também propõe uma numeração que separa os mitos contados em cada um dos livros e, assim sendo, inicia o excerto acima citado com a numeração “VII”. Como já mencionamos em nossa introdução, Ovídio desejava criar um canto ininterrupto e, por mais que a numeração e a inserção do verso autoral de Castilho contradiga a escolha de Ovídio na construção de seu épico, trata-se de um mecanismo de organização bastante efetivo<sup>101</sup> e que será adotado pelo tradutor.

Como já mencionamos, a escolha ovidiana por iniciar o primeiro hexâmetro do episódio com o sintagma *primus amor*, juntamente com *Phoebi Daphne Peneia*, serve ao propósito de enunciar não apenas o primeiro amor de Apolo e o objeto deste amor, mas também o primeiro amor a ser narrado nas *Metamorfoses*. Castilho, em sua tradução, não mantém o sintagma na primeira posição, ainda que esteja presente no primeiro decassílabo e, com isso, perde-se este caráter inaugural do tema dentro do todo da obra: o “amor primeiro”, aqui, parece poder se referir apenas ao primeiro amor de Apolo, e não ao primeiro amor contado nas *Metamorfoses*. Convém, também, apontar para a escolha castilhiana na tradução do patronímico de Dafne. A expansão do termo *peneia* para “filha do Peneu” demonstra uma escolha que Castilho entende como fidelidade:

Um aparente defeito que muitos leitores taxarão neste Poema, (assim como em quase todos os antigos) é a escusável escuridade que provêm de, muitas vezes, se não designarem os personagens pelos seus nomes próprios, mas

<sup>101</sup> Este procedimento é levado a cabo por diversas traduções das *Metamorfoses*. Grande parte das traduções para o português, por exemplo, contam com a indicação do título dos mitos dentro do corpo do texto como uma forma de organizar esta coleção quase antológica de histórias que compõe este épico. Apesar do fato de esta escolha contradizer os objetivos do autor, não se pode negar que ela auxilia os leitores no manuseio da obra.

pelos possessivos de seus pais, avós, e mais remotos ascendentes; pelos de suas terras, ou rios; e, alguma vez, pelos de suas façanhas, ou algumas outras circunstâncias pessoais [...] Este antigo costume, mui conforme com o espírito, indubitavelmente aristocrático, desses tempos e sem nenhum inconveniente para então, pois que todas estas histórias e fábulas, que hoje temos nos dicionários, como museus andavam vivas e correntes na notícia de todos, requer hoje ao tradutor sumo tento e discricção no seu uso; pois que a primeira obrigação, de quem escreve, é fazer-se entender; e dos leitores, não se há de exigir nem esperar mais do que eles têm ou podem ter. Entendi portanto, que era dever meu, fazer o mesmo, que o meu autor, sem nenhuma falta haveria feito se em meu lugar e tempo houvera escrito. Traduzi-o, quanto soube, literalmente, nessa maneira de particularizar os sujeitos ou terras; mas, em todos os lances em que se me antolhou, que um curioso de meia leitura poderia ficar embaraçado, ora ladeei e me desviei, sem fugir, ora acrescentei uma penada que desfizesse a dúvida. A quem me houvesse de taxar isto por infidelidade, responderia que a maior e pior de todas as infidelidades é a fidelidade servil; é deixar ininteligível o que o autor havia querido fazer, e havia feito, para se entender; é roubar-lhe suas graças e falas que, em deixando de ser percebidas, logo deixam de ser tais.” (CASTILHO, 1841, p. 19-20).

Ainda sobre as escolhas de Castilho, seu uso do diminutivo ao referir-se ao arco de Cupido, não constante no original, é digno de nota, visto que este recurso em língua portuguesa pode denotar um tom de desprestígio. Sendo a fala de Apolo bastante pejorativa no que tange à presença de uma “forte arma” (*fortibus armis*) nas mãos de um menino, o uso de “arquinho em punho” corrobora para esta depreciação por parte do grande deus-arqueiro, que aparecerá no verso seguinte. Nele, Apolo refere-se a Cupido como *lasciue puer*, ou seja, como um menino travesso, insolente, atrevido, o que demonstra a sua incredulidade ao vê-lo empunhando armas que são suas por direito adquirido após a derrota da monstruosa Píton. Castilho mantém essa descrição ao referir-se à divindade como uma “desenvolta criança” e, ainda, a estende. A palavra “desenvolto”, no dicionário Houaiss, é definida como “que se mostra à vontade na maneira de expressar-se, movimentar-se, agir; airoso, desembaraçado, vivo”. Desta maneira, a oposição “desenvolta criança” e “fortes armas” ganha uma nova – e bastante pertinente – relação: Cupido, ainda que seja uma criança empunhando uma forte arma, mostra-se à vontade na manipulação dela, o que reforça o seu grande poder.

Ainda na fala depreciativa de Apolo, observamos que o deus retoma a sua grande façanha para colocar-se acima de Cupido: com suas incontáveis (*innumeris*) setas, foi capaz de derrotar a grande Píton, a serpente que ocupava uma grande extensão de terra com seu ventre. Com essa prova de heroísmo, Apolo aconselha o deus-menino a largar as flechas, dedicar-se aos amores e deixar as glórias do uso de tão honrosa arma ao poderoso deus que tem o direito de empunhá-la. O deus, portanto, parece desconhecer a alçada das flechas de Cupido ao referir-se ao seu poder como *nescio quos... amores* (“não sei que amores”). Castilho, em sua tradução,



suprime o fato de que Píton foi derrotada com diversas flechas<sup>102</sup>. Trata-se de um dado bastante importante, já que Cupido fará uso de apenas duas para demonstrar seu grande poder. Por outro lado, o Apolo de Castilho parece reconhecer, implicitamente, o poder de Cupido: através de uma interessante e efetiva escolha lexical, o poder desta divindade é acentuado pela forte – e recorrente em temas amorosos – metáfora do fogo (“facho”, “acender”).

Partamos, agora, para a lacônica e poderosa resposta de Cupido às provocações de Apolo. Aqui, Ovídio utiliza a dupla presença da palavra *arcus* para ressaltar, ainda mais, a diferença entre estes dois deuses, ainda que ambos sejam arqueiros. A primeira aparição da palavra se dá implicitamente com o pronome *tuus*, referindo-se ao arco de Apolo, enquanto a segunda, referente ao arco de Cupido, aparece de maneira explícita no verso (*meus arcus*). Nota-se, então, que Cupido não apenas é digno de empunhar um arco, como é o único a possuí-lo, de fato, nos versos que representam a sua resposta. Seu poder está acima dos animais (*animalia*) e dos deuses (*deo*), já que, com a flecha que acertará em Apolo, este cederá seus poderes divinos à enorme força do amor. Castilho, em sua tradução, mantém esta relação de diferença com a dupla presença da palavra “arco”, ainda que a língua portuguesa não permita que se oculte a primeira aparição do termo. Ademais, enquanto Ovídio utiliza *deo* em um sentido geral (pode referir-se a qualquer deus), Castilho utiliza a palavra “nume” com Apolo como referente, o que evidencia ainda mais a posição superior de Cupido em relação a ele: assim como os animais debelados por Apolo lhe são inferiores, este deus, quando atingido pelas poderosas flechas do Cupido, também lhe será inferior.

Tendo proferido a sua curta e poderosa resposta, Cupido corta os ares com suas asas (*percussis aere*) até pousar no frondoso topo do monte Parnaso. Poderia um menino travesso (*lasciue puer*) ter a tamanha força de romper os ares? Nota-se, portanto, que a imagem de Cupido como uma divindade poderosa é gradualmente construída ao longo do episódio e, estando prestes a flechar Apolo e Dafne, sua imagem ganha mais força. Castilho mantém esta forte imagem do voo de Cupido (“fendendo o ar com as ágeis plumas”) e, para caracterizar o destino do deslocamento deste poderoso deus, utiliza o adjetivo “umbrífero”, pouco utilizado em língua portuguesa em vez de “umbroso”, por razões métricas.

Chegando ao topo do monte, Cupido extrai de sua aljava apenas duas flechas, com as quais causará um enorme dano. Lembremos que Apolo precisou de milhares delas para derrotar

---

<sup>102</sup> Este dado, no entanto, é mencionado alguns versos antes, quando, de fato, Apolo derrota Píton: “O deus que o arco empunha, e só nas corças, / só nas velozes montanhese cabras, / o empregara até’li, foi quem, vibrando / seta após seta, exausta quase a aljava, / e já com a férrea messe opresso o monstro, / pelas negras inúmeras feridas / lhe fez lançar com a peste a vida infecta” (v.632-638).

a grande serpente Píton e é justamente este ato heroico que utiliza para menosprezar o deus do amor. Cupido, desta forma, com o uso de poucas palavras e de poucas flechas, consegue superar o poder de Apolo. Essas duas flechas são descritas como *diuersorum operum* (com funções distintas) através dos verbos antagônicos *fugat* (afugentar) e *facit* (provocar), ambos referentes ao objeto *amorem*, que se repetem nos versos seguintes em uma estrutura de paralelismo com marcada semelhança sintática (*quod facit, auratum est et cuspide fulget acuta, / quod fugat, obtusum est et habet sub harundine plumbum*). Castilho mantém o paralelismo em sua tradução através dos pares “esta” e “aquela”, “primeira” e “segunda”, ainda que não apresente uma marcada semelhança sintática e estenda o número de versos (“Esta amores produz, aquela os bane; / a primeira, fulgente, é de oiro, e aguda; / baça e romba a segunda é chumbo inerte;”).

Na descrição dos alvos das diferentes flechas, Ovídio utiliza o par *hoc* e *illo* – “esta” e “aquela” –, sendo a descrição da ferida de Apolo mais detalhada do que a de Dafne: enquanto esta tem a flecha cravada (*fixit*), sem mais especificações acerca do lugar ou da intensidade do golpe, aquele é ferido a ponto de ter os ossos transpassados (*laesit traiecta per ossa medulas*). Isso pode demonstrar que a violência que Cupido destina a Apolo, qual seja, a violência do amor, é mais intensa do que a que destina a Dafne, pois, como sabemos, a vingança do deus-menino não se destina à ninfa, mas apenas ao deus. Castilho faz uso, também, de um par de oposição – “esta” e “a outra” – mas, ao contrário do que o original apresenta, a tradução detalha o lugar em que Dafne foi ferida (“com esta fere o deus o seio à ninfa”), bastante semelhante ao ferimento de Apolo (“com a outra a Apolo os íntimos do peito”), o que acaba por igualar os dois destinatários da ira de Cupido.

Após a atuação de Cupido, o que ocorre é uma espécie de rebaixamento de Apolo: ele passa da posição de um poderoso deus para a de um amante elegíaco que suplica pelo amor de uma mulher que lhe despreza. Corte e Llorca apontam que

a competição se dá entre a eficácia de ambos como arqueiros: um necessita mil flechas para abater Píton, ao outro basta duas para que Apolo se apaixone e Dafne sinta aversão. Os gêneros têm patronos e símbolos: a flecha aguda do deus guerreiro se apaga e o gênero épico abre caminho em seu interior para o amor, identificado até agora com *lusus* e *nequitia*. Estamos no interior da literatura, em algo parecido com um sistema. E nesse sistema distinguimos duas fases de evolução: uma primeira, em que épica e amor se opõem, como dois domínios em oposição, e a seguinte, em que uma obra realizará sua síntese. (OVÍDIO, 2008, p.29-30)

Entende-se, com isso, a importância deste episódio para o todo das *Metamorfoses*. Ovídio, após narrar longamente, em quase 500 versos, as origens do mundo – tema tipicamente épico – passa para a narração de um tema elegíaco, já que o discurso que Apolo destina a Dafne

nos versos que se seguem ao excerto aqui analisado apresenta características tipicamente elegíacas. As escolhas tradutórias de Castilho corroboram para o entendimento deste episódio como a primeira ruptura elegíaca deste grande épico. Ademais, assim como Ovídio, nosso tradutor também varia o tom quando traduz o lamento de Apolo para a ninfa que lhe foge:

“[...]  
nunca frecha que eu lance errou seu alvo.  
Ai! Mais certa que a minha há outra; há outra...  
que neste peito ileso entrou profunda!  
O invento de curar a mim se deve;  
por nume valedor me aclama o orbe;  
das plantas o poder na mente abranjo;  
mas ah! Chaga de Amor não curam plantas;  
minha arte vale aos mais, e não me vale!...”  
(Ov. *Met.* I, v.746-753. Trad. Castilho)<sup>103</sup>

Sendo esta a primeira aparição de uma temática e de um tom elegíaco dentro das *Metamorfoses*, está longe de ser a última. Como já afirmamos em nossos apontamentos iniciais, Ovídio constrói um poema universal e, para tal, faz uso não apenas do *épos*, mas de diversos outros gêneros através de uma manipulação bastante original dos pressupostos poéticos – e, portanto, genéricos – da poesia Antiga. No próximo item, continuaremos a explorar a presença da elegia no interior das *Metamorfoses* com o objetivo de mostrar, na prática, como o seu aparecimento se dá depois da ruptura elegíaca do primeiro livro.

### II. 3.2. O MITO DE NARCISO: A PRESENÇA DA ELEGIA

A história de Narciso já foi transmitida por diversos autores e em diversos gêneros poéticos.<sup>104</sup> A versão mais conhecida, no entanto, é a de Ovídio nas *Metamorfoses*, a qual Castilho afirma ser “um dos mais esmerados trechos deste livro” (CASTILHO, 1903, fl.55).

---

<sup>103</sup> “[...]  
*certa quidem nostra est, nostra tamen una sagitta  
certior, in vacuo quae vulnera pectore fecit!  
inventum medicina meum est, opiferque per orbem  
dicor, et herbarum subiecta potentia nobis.  
ei mihi, quod nullis amor est sanabilis herbis  
nec prosunt domino, quae prosunt omnibus, artes!*”  
(Ov. *Met.* I, v.519-524).

<sup>104</sup> O *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Grimal, apresenta as seguintes fontes: “Pausan., IX, 31, 6 e s.; cf. WESRERMANN, *Myth. gr.*, p.378 (Apêndice, 50); Ov., *Met.*, III, 339-510; CONON, *Narr.*, 24; *Myth. Vat.*, II, 180; NONN., *Dion.*, LXVIII, 582 e s.; TZETZ., *Hom.*, I, 9; *ad II.*, p.139; PROB. *Ad VIRG.*, *Ect.*, II, 48; STRAB., IX, 10, p.404. Cf. A. WESSELSKI, “Narkissos oder das Spiegelbild”: *Archiv. Oeientalni*, 1935, p.37-63; 328-350.”

Aqui, Narciso é retratado como objeto de paixão da ninfa Eco e, ao mesmo tempo, é posto como agente e receptor de seus próprios afetos. Desde o princípio do episódio, percebe-se a presença do eco, manifestado pela presença de um reflexo – ainda que em oposição – da própria essência das duas personagens: ao introduzir Eco no mito de Narciso, Ovídio cria uma complementaridade bastante trágica e carregada de beleza, já que o jovem cuja relação com o outro acabará sendo, na realidade, uma relação consigo mesmo é complementado pela figura de uma ninfa, cuja fala depende de um retorno correspondente, ou seja, depende do outro. É por conta dessa complexa estrutura de simetria e complementaridade que a versão ovidiana foi e continua sendo tão relevante. De acordo com Barbara Renger,

Ovídio elabora os eventos e figuras longamente, usando meios estilísticos particularmente associados aos temas. O vínculo que o texto de Ovídio cria entre reflexão, desejo, cognição e morte exerceu uma forte influência sobre escritores e artistas de gerações posteriores, ganhando destaque especial na Antiguidade tardia: tendo se tornado um dos autores latinos mais reverenciados no final do século XII, Ovídio foi creditado por fornecer a narrativa que serviu de modelo para todos os trabalhos subsequentes sobre o material de Narciso durante a Idade Média e o início do período moderno (RENGER, 2017, p.12)<sup>105</sup>.

Como todos os diferentes episódios desta epopeia, Ovídio traça um caminho de ligações bastante complexas para dar continuidade, sempre, ao seu *carmen perpetuum*: este grande contador de histórias parte do episódio que narra sobre as origens do deus Baco, qual seja, o mito de Sêmele e Júpiter (v.252-315) que se liga, de forma bastante sutil, ao episódio que expõe como Tirésias adquiriu seu conhecimento do futuro (v.316-338). A presença do adivinho é pretexto para iniciar a história de Narciso, já que ele foi quem expôs o destino do jovem à Liríope, sua mãe (v.340-350). A partir daí, alguns outros mitos são contados – ou, ao menos, aludidos –, como o da ninfa Liríope com o deus-rio Céfiso e o da maldição de Juno à Eco. Como Castilho afirma em suas notas, “a morte de Semele, o nascimento, renascimento, e criação, de seu filho Baco; a questão entre Júpiter e Juno sobre prazeres; e o episódio da mudança de sexo, cegueira, e dom profético de Tirésias; são quatro passos que o poeta dá de corrida, mas nos quais, ainda assim, não faltam flores e donaires” (CASTILHO, 1903, fl.55).

O que João Angelo (2017, p.25-28) chama de “sala de montagem” fica, aqui, bastante notável: entremeados no assunto de maior fôlego (Narciso e Eco), Ovídio expõe brevemente outras narrativas de modo a criar transições simples e sutis que encaminhem o leitor à narrativa

---

<sup>105</sup> “Ovid elaborates at length on events and figures by using stylistic means particularly associated with the themes. The link Ovid’s text creates between reflection, desire, cognition, and death exerted a strong influence on writers and artists of later generations, rising to special prominence in post-ancient times: Having become one of the most revered Latin authors by the late twelfth century, Ovid was credited with supplying the narrative that served as the model for all subsequent work on the Narcissus material throughout the Middle Ages and the early modern period”.

principal, sem deixar de construir, ainda, mudanças de tom bastante drásticas<sup>106</sup>. Esse assunto de maior fôlego, porém, é emoldurado pela história do vidente Tirésias, que conta como ele adquiriu seus dons proféticos e sua conseqüente fama. Esse enquadramento, para além de estabelecer o ponto inicial da narrativa de Narciso, é também uma forma de promover e comprovar o renome desse adivinho, pois

o *status* de Tirésias como profeta nas *Metamorfoses* deriva em grande parte de seu envolvimento com o destino de Narciso. Por meio de uma transição aparentemente indiferente (e, portanto, tipicamente ovidiana), todo o episódio de Narciso parece ser introduzido na narrativa apenas para mostrar a veracidade infalível das previsões de Tirésias. Apropriadamente, o conto é enquadrado por referências a sua celebridade generalizada, que se baseia precisamente em sua articulação correta dos termos de existência de Narciso (GILDENHARD & ZISSOS, 2000a, p.133)<sup>107</sup>.

O que nos interessa, aqui, é a presença da elegia. Peter Knox, em sua obra *Ovid's Metamorphoses and the Traditions of Augustan Poetry*, aponta para a presença de diversos *topoi* eróticos aplicados ao amante Narciso neste episódio: há, aqui, um *furor* tão grande que se desdobra em uma complementaridade entre a paixão e a loucura; o conceito de unidade com o amado, que chega a ter sua individualidade perdida em nome da paixão; e, por fim, há a presença da morte como a única saída possível para os sofrimentos do amante (1986, p.19-23). Lembremos que o amor como *furor* é elemento da própria erótica, sendo platônico e sáfico e, por isso, recorrente na lírica, na tragédia e – o que mais nos interessa – na elegia. Ovídio logra, neste episódio, explorar – e, também, extrapolar – as ambigüidades potenciais da elegia latina ao passo em que continua o seu jogo com os gêneros. Extrapolar porque,

ao se ver incapaz de possuir o belo reflexo no poço, Narciso exala sua frustração na linguagem da elegia e reflete os sintomas do amante elegíaco sofredor. Mas o jovem que olha para sua imagem é paradoxalmente sujeito e objeto, amante e amado. Ao dar a Narciso o duplo status de uma imagem elegíaca desejável e de um amante elegíaco lamentável, Ovídio explora a natureza circunscrita desse gênero (PAVLOCK, 2009, p.14-15. Trad. nossa)<sup>108</sup>.

<sup>106</sup> O episódio que introduz a personagem Tirésias apresenta Júpiter e Juno em uma conversa bastante íntima e, por isso, a narração adquire um tom bastante jocoso (v.316-338). Logo em seguida, o narrador volta ao seu tom mais neutro para introduzir Narciso e Eco. Falaremos sobre esses mecanismos de ligação mais à frente, quando tratarmos do episódio de Aracne no livro VI.

<sup>107</sup> “Tiresias’ status as a prophet in the *Metamorphoses* derives largely from his involvement with the fate of Narcissus. Through a deceptively nonchalant (and thus typically Ovidian) transition, the entire Narcissus episode appears to be introduced into the narrative merely to show the unfailing veracity of Tiresias’ predictions. Appropriately, the tale is framed by references to his widespread celebrity, which is based precisely on his correct articulation of Narcissus’ terms of existence”.

<sup>108</sup> “As he finds himself unable to possess the beautiful reflection in the pool, Narcissus vents his frustration in the language of elegy and reflects the symptoms of the suffering elegiac lover. But the youth staring at his image is paradoxically both subject and object, lover and beloved. By giving Narcissus the double status of a desirable elegiac image and a lamenting elegiac lover, Ovid exploits the circumscribed nature of that genre.”

Esse duplo *status* de Narciso, retratado simultaneamente como amante e amado, é fruto de uma ilusão que também se apresenta duplamente: da mesma maneira que Eco se ilude com a esperança de que seu amor será correspondido por conta do “diálogo” – entre aspas porque, para um diálogo realmente ocorrer, as duas partes devem se comunicar com autonomia – que trava com Narciso, este é iludido por sua própria imagem que parece responder seus lamentos. Renger aponta que, da mesma forma que “Eco interpreta mal os reflexos das palavras em seu diálogo com Narciso, ele interpreta mal o reflexo que lhe mostra a imagem de seu próprio cortejo como prova de amor correspondido, até que finalmente reconhece o delírio” (RENGER, 2017, p.14)<sup>109</sup>. Evidencia-se, assim, o destaque para o reflexo que se trava entre as duas personagens e, no decorrer de todo o episódio, esse mesmo destaque é utilizado como um motivo que aparece não apenas narrativamente, mas também na estrutura e na própria poética ovidiana.

A linguagem deste episódio revela, em si mesma, o paradoxo das duas personagens e, à medida em que avança, Ovídio aumenta a sua carga elegíaca. Barbara Pavlock, em sua obra *The Image of the Poet in Ovid's Metamorphoses*, aponta para uma tênue ligação entre a imagem de Narciso e a de Corina no *Amores* 1.7, quando ambos são comparados ao nobre mármore de Paros (2009, p.17)<sup>110</sup>. A comparação, além de ser correspondente, também é utilizada em contextos parecidos: na elegia, ela surge para descrever o estado de assombro de Corina quando é atacada pelo eu-elegíaco; na épica, a comparação também descreve um estado de estorrecimento, quando Narciso vislumbra o seu reflexo pela primeira vez. A tradução de Castilho para os versos correspondentes à aparição do mármore de Paros nos *Amores* e nas *Metamorfoses* retrata bem esta relação, revelando até mesmo termos coincidentes:

Ela, imóvel e pasmada,  
ficou pálida; e de todo  
a rubra cor lhe fugiu;  
qual estátua que de Páreo

<sup>109</sup> “[...] just as Echo misinterprets the reflections of words in her dialogue with Narcissus, he misreads the reflection, which shows him the image of his own wooing, as proof of requited love, until he finally recognizes the delusion”.

<sup>110</sup> “Ovídio compara Narciso olhando para seu reflexo a uma estátua feita de mármore (v.419). A qualidade luminosa do mármore de Paros tornou-o especialmente preferido para estátuas. Ele também serviu como um símbolo de beleza sublime. Aqui, a natureza estática da imagem é enfatizada enquanto Narciso é fixado em espanto com sua beleza refletida. A passagem lembra *Amores* 1.7, onde o poeta similarmente transmite a beleza primorosa de sua amante Corina quando ela é surpreendida em um momento de êxtase. (Trad. nossa) (“Ovid compares Narcissus gazing at his reflection to a statue made of Parian marble (v.419). The luminous quality of Parian marble made it especially favored for statues. It also served as a symbol of sublime beauty. Here, the static nature of the image is emphasized as Narcissus is fixed in place in amazement at his reflected beauty. The passage recalls *Amores* 1.7, where the poet similarly conveys the exquisite beauty of his mistress Corinna as she is caught in a moment of stasis”).

níveo mármore saiu.

(Ov. *Am.*, 1.7, v.126-130. Trad. Castilho)<sup>111</sup>.

Imóvel, fito, como Pário busto,  
pela pasmada sombra está pasmado.

(Ov. *Met.* III, v.541-542. Trad. Castilho)<sup>112</sup>.

Essa correspondência do mesmo termo em situações semelhantes e gêneros distintos não é acaso: evidencia um ímpeto – bastante ovidiano, como já pudemos comprovar – do autor em apontar, de maneira bastante evidente e direta, a ligação entre os diferentes gêneros de sua própria carreira poética. A pesquisadora conclui que

em sua descrição do encontro inicial do jovem com seu reflexo, então, Ovídio emprega a linguagem e as convenções da elegia para sugerir o *status* de Narciso como uma imagem. [...] Ovídio faz o jovem com seus cabelos luxuriantes, tez delicada e olhos brilhantes como uma espécie de imagem hiperelegíaca modelada em Corina nos *Amores*. Ao construir Narciso como um belo objeto elegíaco por meio de alusões a Corina, Ovídio expõe o narcisismo da elegia.<sup>113</sup> (*Ibidem*, p.18-19. Trad. nossa)

Mediante o uso de uma personagem, assim como ocorre no episódio de Apolo e Dafne, Ovídio declara a presença de outro gênero dentro de sua épica: após a ruptura elegíaca do livro I, este gênero mostra-se bastante evidenciado nesta passagem. Como já pudemos demonstrar, a mistura entre os pressupostos genéricos da épica e da elegia é, em Ovídio, uma constante no decorrer de sua obra. E isso não se evidencia por uma inadequação ao código épico, mas “de acordo com uma estética da transmutação de seres e de formas literárias que entroniza a mudança e a instabilidade como uma das características mais marcantes das *Metamorfoses*” (OVIDIO, 2008, p.29. Trad. nossa)<sup>114</sup>.

Quando Narciso lamenta por não possuir seu objeto de desejo, assume, ele mesmo, a posição de um poeta elegíaco, já que a sua linguagem e a sua frustração denotam tanto o discurso como os temas deste gênero. Ainda segundo Barbara Pavlock, o seu lamento em um cenário bucólico apresenta fortes ligações com a elegia 1.18 de Propércio, em que o poeta também se recolhe em uma floresta para se lamentar pelo desprezo de sua amada:

<sup>111</sup> “*adstitit illa amens albo et sine sanguine vultu, / caeduntur Pariis qualia saxa iugis*” (Ov. *Am.* 1.7, v. 51-52).

<sup>112</sup> “*adstupet ipse sibi uultuque immotus eodem / haeret, ut e Pario formatum marmore signum;*” (Ov. *Met.* III, v. 418-419).

<sup>113</sup> “In his depiction of the youth’s initial encounter with his reflection, then, Ovid employs the language and conventions of elegy to imply Narcissus’ status as an image. [...] Ovid makes the youth with his luxuriant hair, delicate complexion, and brilliant eyes as a kind of hyper-elegiac image modeled on Corinna in the *Amores*. By constructing Narcissus as a beautiful elegiac object through allusions to Corinna, Ovid exposes the narcissism of elegy”.

<sup>114</sup> “[...] sino de acuerdo con una estética de la transmutación de seres y de formas literarias que entroniza al cambio y la inestabilidad como uno de los rasgos más sobresalientes de las *Metamorfosis*”.

*Haec certe deserta loca et taciturna querenti,  
et uacuum Zephyri possidet aura nemus.*

*Hic licet occultos proferre impune dolores,  
si modo sola queant saxa tenere fidem.*

*Vnde tuos primum repetam, mea Cynthia,  
fastus?*

*Quod mihi das flendi, Cynthia, principium?*

*Qui modo felicis inter numerabar amantis,  
nunc in Amore tuo cogor habere notam.*

Eis um lugar deserto e discreto aos lamentos,  
neste bosque vazio reina o Zéfiro.

Aqui posso expressar impune a dor oculta,  
se é que as rochas guardam meus segredos.

Por onde principio, ó Cíntia, os teus desprezos?

Que causa dás para o meu pranto, Cíntia?

Há pouco eu me contava entre amantes felizes,

hoje no teu Amor trago uma mácula.

(Prop. 1.18, v. 1-8. Trad. Guilherme Gontijo Flores)

Nesta elegia de Propércio, o lamento é direcionado ao bosque (*nemus*), o que constitui um *topos* bucólico bastante explorado na literatura clássica, seja ela grega ou romana: o *locus amoenus* (“lugar ameno”). Ernest Robert Curtius, em sua obra *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, afirma que esse motivo poético foi vastamente elaborado durante o helenismo e, “durante dois milênios, atraiu a maioria dos motivos eróticos” (1979, p.194-195), sendo, portanto, pertinente às elegias amorosas. O emprego do cenário bucólico, todavia, pode extrapolar a descrição pastoril:

O *locus amoenus* (lugar ameno) [...] é uma bela e ensombrada nesga da Natureza. Seu mínimo de apresentação consiste numa árvore (ou várias), numa campina e numa fonte ou regato. Admitem-se, a título de variante, o canto dos pássaros e flores, quando muito, o sopro do vento. Em Teócrito e Virgílio, essas descrições servem de cenário para a poesia pastoril. Logo, porém, elas se libertam, passando a objeto da descrição retórica (*Ibidem*, p.202).

Sabendo que a poesia em Ovídio é permeada pela retórica, a sua utilização do *locus amoenus* é diferente de uma descrição bucólica da vida pastoril ligada à natureza. Essa tópica é elaborada por Ovídio em diversas passagens dos livros III e IV das suas *Metamorfoses*, surgindo como uma “pintura estática e pictórica de palavras que é feita para aumentar, por sua imobilidade e artifício, a ilusão da ação violenta e a transformação pungente da personagem e cena que se segue (VAN SCHOOR, 2011, p.137. Trad. nossa)<sup>115</sup>. Curtius, referindo-se diretamente à poesia ovidiana, afirma que

nele e em seus sucessores, as descrições da Natureza tornam-se intermédios de virtuosidade, verdadeiros exercícios de competição literária. São, ao mesmo tempo, tipificadas e esquematizadas. Ovídio aproveita o motivo da “floresta

<sup>115</sup> “[...] as a static, pictorial word painting which is made to heighten, by its stillness and artifice, the illusion of violent action and poignant transformation of character and scene which ensues”.



mista” para engenhosas variações do mesmo tema: em vez de aparecer logo de início, o bosque inesperadamente surge diante de nossos olhos (1979, p.201).

A ligação entre o lamento de Narciso e a elegia de Propércio se estende para além do cenário bucólico ou de manipulações genéricas. No decorrer da elegia, há referências ao eco através de palavras como *resonant* (v.21) e, ademais, Propércio também logra criar um efeito de eco ao repetir o nome *Cynthia* em posições idênticas do terceiro dístico (v.5-6). Desta maneira, segundo conclusão de Pavlock, “os elaborados efeitos de eco [da elegia] podem em parte ter levado Ovídio a incluir a história de Eco dentro da estrutura do amor-próprio de Narciso” (PAVLOCK, 2009, p.26. Trad. nossa)<sup>116</sup>. Além disso, Ovídio parece fazer uso desta alusão ao poeta elegíaco justamente para marcar a posição de Narciso, nesta passagem, como uma espécie de poeta. Vejamos, então, a passagem de Ovídio, em tradução de António Feliciano de Castilho, para que possamos verificar as suas influências elegíacas:

<p>[...] <i>paulumque levatus</i>  <i>ad circumstantes tendens sua bracchia silvas</i>  <i>'ecquis, io silvae, crudelius' inquit 'amavit?</i>  <i>scitis enim et multis latebra opportuna fuistis.</i>  <i>ecquem, cum vestrae tot agantur saecula vitae,</i>  <i>qui sic tabuerit, longo meministis in aevo?</i>  <i>et placet et video; sed quod videoque placetque,</i>  <i>non tamen invenio' (tantus tenet error</i>  <i>amantem!)</i>  <i>'quoque magis doleam, nec nos mare separat</i>  <i>ingens</i>  <i>nec via nec montes nec clausis moenia portis;</i>  <i>exigua prohibemur aqua! cupit ipse teneri:</i>  <i>nam quotiens liquidis porreximus oscula</i>  <i>lymphis,</i>  <i>hic totiens ad me resupino nititur ore.</i>  <i>posse putes tangi: minimum est, quod amantibus</i>  <i>obstat.</i>  <i>quisquis es, huc exi! quid me, puer unice, fallis</i>  <i>quove petitus abis? certe nec forma nec aetas</i></p>	<p>Levantando-se um pouco, e alçando os braços  aos bosques do arredor,  – “Ai! – disse – ó bosques,  houve jamais tão bárbaros amores?  Vós sabeis de bastantes, vós lhe destes  nesta tácita sombra amigo amparo;  vós contaís longos séculos; ah, bosques!  Houve nunca infeliz que assim morresse?!  Vejo, amo, e não encontro o que amo e vejo;  tanto onde entrou paixão reinam delírios.  Por cúmulo de dor, quem nos aparta  não é profuso mar, caminhos longos,  ou fechada muralha, ou crespas serras,  mas pobre fonte apenas. Ele mesmo  quer vir, quer dar-se a mim; surge a beijar-me,  todas as vezes que a beijá-lo eu desço;  quase, quase que os lábios se nos tocam;  um nada a amor estorva. Oh! Sai da fonte,</p>
--	--

<sup>116</sup> “The elaborate echoing effects may in part have prompted Ovid to include the story of Echo within the framework of Narcissus’s self-love”.

*est mea, quam fugias, et amarunt me quoque  
nymphae!*  
*spem mihi nescio quam vultu promittis amico,  
cumque ego porrexi tibi brachia, porrigis ultro,  
cum risi, adrides; lacrimas quoque saepe notavi  
me lacrimante tuas; nutu quoque signa remittis  
et, quantum motu formosi suspicor oris,  
verba refers aures non pervenientia nostras!  
iste ego sum: sensi, nec me mea fallit imago;  
uror amore mei: flammam moveoque feroque.  
quid faciam? rogem ane rogem? quid deinde  
rogabo?*  
*quod cupio mecum est: inopem me copia fecit.  
o utinam a nostro secedere corpore possem!  
votum in amante novum, vellem, quod amamus,  
abesset.*  
*iamque dolor vires adimit, nec tempora vitae  
longa meae superant, primoque exstinguor in  
aevo.*  
*nec mihi mors gravis est posituro morte dolores,  
hic, qui diligitur, vellem diuturnior esset;  
nunc duo concordem anima moriemur in una.'*

(Ov. *Met.* III, v.440-473)

quem quer que sejas, singular menino;  
não zombes deste ardor mais longo tempo.  
Tu por que hás de esquivar-me? A idade minha,  
a minha formosura, o não merecem;  
oh que não! Que até ninfas me requebram.  
Não sei que esp'rança meiga me está dando  
esse aspecto benigno. Quando os braços  
te lanço, tu mos lanças; ris se eu rio;  
choro? Vejo-te em lágrimas; teus olhos  
sempre à frase dos meus fiéis respondem;  
e a crer da linda boca os movimentos,  
diriges-me expressões, que ouvir não posso.

-----  
Deuses, que horrível luz! Sou ele eu mesmo;  
este o semblante meu; por mim me abraso,  
e o fogo em que me abraso eu próprio ateo.  
Que farei? Suplicar? Ser suplicado?  
Como, se o que desejo está comigo?!  
Por muito possuir, nada possuo.  
Não poder eu soltar-me de mim mesmo!..  
Oh de um estranho amor desejo estranho!  
Amar, e querer longe o objeto amado!..  
Já, já sinto que a dor me exaure as forças;  
já toco a meta; em minha aurora expiro.  
Não me custa por mim, que atalho angústias;  
quisera, sim, mais vida ao bem que adoro;  
assim numa só alma os dois morremos.” –

(Ov. *Met.* III, v.566-608. Trad. Castilho)

Narciso, assim como Propércio o faz na elegia, dirige-se aos bosques no início de seu lamento, fazendo uso do *locus amoenus* bucólico na épica. Esse uso feito pelos dois poetas é atestado por Virgílio em sua Bucólica 10, na qual o eu-bucólico revela que o poeta elegíaco Galo (aqui, como personagem do poema) buscou o “lugar ameno” – com suas ninfas, deuses e animais – como a solução do seu insuportável sofrimento elegíaco, como uma fuga do real

(Virg. *Buc.*10, v.9-19). Ovídio, assim, conhecendo plenamente a tradição da elegia romana e a manipulação do *topos* bucólico, coloca Narciso nessa mesma posição ocupada pelo poeta elegíaco Propércio e pelo poeta-personagem elegíaco Galo.

O uso do *locus amoenus* bucólico, seja na elegia ou na épica, respalda a afirmação de Curtius de que “o círculo dos motivos pastorais não estava ligado a nenhum gênero, nem tão pouco à forma poética” (CURTIUS, 1979, p.195). Passionalmente, o amante elegíaco reconhece a propriedade deste lugar para um desabafo amoroso, afirmando que as árvores estão familiarizadas com este tipo de dilemas. Ovídio parece, aqui, fazer referência direta ao bucolismo e, por extensão, à elegia de Propércio: tendo o eu-elegíaco se lamentado aos bosques por Cíntia, o próximo amante – no caso, Narciso – encontra-se em um lugar já familiar ao assunto.

Apesar de ambos fazerem o uso do *locus amoenus* para o cenário do lamento, o termo usado por Propércio é *nemus*, enquanto Ovídio usa *silua*. Aqui há uma diferença significativa no que diz respeito à densidade das matas de cada espaço: Saraiva, em seu *Dicionário Latino-Português*, traz uma singela diferença nos verbetes. Enquanto *nemus* é definido como um bosque (sagrado), um lugar em que há campos e pastagens, *silua* é uma floresta, uma vegetação com árvores em abundância. No entanto, o *locus* presente no primeiro verso de Propércio aparece várias vezes na passagem ovidiana (Cf. 3.412 “*siluaque sole locum*”). Saraiva traz, ainda, o uso mais raro da palavra *silua* como uma multidão, um grande número. Se aceitarmos a afirmação de Curtius de que “em toda a poesia da Antiguidade, a Natureza é habitada, seja por divindades ou simples mortais”, não poderia Narciso estar se referindo a esse grande número de vida que o rodeia? Essa interpretação vai ao encontro do que mencionamos no parágrafo anterior, de que Narciso se refere à vegetação por ser um lugar familiar aos lamentos amorosos.

Assim, se em Propércio a presença deste pressuposto bucólico se liga ao gênero elegíaco e, ainda, se Ovídio utiliza o diálogo com a elegia properciana para a construção do lamento de Narciso, temos evidenciada a presença desta personagem atuando como um poeta-elegíaco. Ovídio, na busca de criar o seu poema universal, não deixa de considerar a própria literatura de seu tempo e em seus mais variados gêneros. Com isso,

todas essas relações intertextuais revelam um pano de fundo de história literária implícita que deve ser colocado em conexão direta com os vários níveis e situações narrativas dentro da história. Os autores literários externos ao livro são por vezes evocados pelos narradores internos, com os quais a

multiplicação interna de vozes simboliza a multiplicidade de fontes literárias” (OVIDIO, 2008, p.114. Trad. nossa)<sup>117</sup>.

A tradução de Castilho para estes primeiros versos, desde o início, remonta ao caráter elegíaco desta passagem através do uso de interjeições que garantem o tom melancólico do lamentoso amante elegíaco (“Ai!” “Ó!”). Tendo Castilho já traduzido elegias ovidianas, percebe-se certa semelhança nas escolhas de léxico e de tom – ainda que seus *Amores* tenham sido vertidos em versos polimétricos, e não em decassílabos –, o que aponta para o fato de que nosso tradutor parecia estar ciente da posição de Narciso como um poeta elegíaco em seu lamento.

Percebe-se, a partir daí, um uso bastante evidenciado dos efeitos de ressonância nas palavras de modo a criar uma forma de eco sonoro: nos versos 446-447 (*et placet et video; sed quod videoque placetque, / non tamen invenio'* (*tantus tenet error amantem!*)), Ovídio faz com que Narciso expresse a sua confusão acerca da natureza da imagem que vê na fonte por meio da duplicação do par de verbos *video* e *placet* em um padrão quiástico. Esta figura de linguagem, para além de criar um eco sonoro, logra criar uma espécie imagem espelhada por apresentar as palavras forma cruzada, o que remete aos gestos reduplicados que Narciso vê nas águas. Desta forma, a própria estrutura dos versos é capaz de evidenciar o fascínio do jovem por seu próprio reflexo. Algo semelhante ocorre, também, com os pares *risi* e *adrides* (v.459) e *lacrimante* e *lacrimas* (v.459-460) e, sobre este último, Barbara Pavlock observa que “as palavras referentes às lágrimas da amada servem como um dispositivo de enquadramento que envolve a frase para o próprio choro do jovem, e o particípio para o choro (*lacrimante*) ecoa o substantivo para lágrimas (*lacrimas*)” (2009, p.26. Trad. nossa)<sup>118</sup>.

Castilho, em suas notas para o terceiro livro das *Metamorfoses*, afirma reconhecer estes mecanismos de ecos sonoros:

Na engenhosa descrição do monte respondendo às vozes, e da fonte trasladando a imagem, há tão mútua permutação de atributos, que antes parece identidade; porque o eco é o espelho dos ouvidos, como o espelho é um eco para os olhos. Mas com que abundante graça não soube o poeta variar estes efeitos segundo as circunstâncias, e, apostando consigo mesmo engenho contra engenho, parecer em ambas as partes vencedor, sendo igual! (CASTILHO, 1903, fl.56-57)

<sup>117</sup> “Todas estas relaciones intertextuales ponen de manifiesto un fondo de historia literaria implícita que ha de ser puesta en conexión directa con los múltiples niveles y situaciones narrativas del interior del relato. Los autores literarios externos al libro son evocados a veces por los narradores internos, con lo que la multiplicación interior de voces simboliza la multiplicidad de fuentes literarias”.

<sup>118</sup> [...] the words referring to the tears of the beloved serve as a framing device enclosing the phrase for the youth’s own weeping, and the participle for weeping (*lacrimante*) echoes the noun for tears (*lacrimas*).

Apesar de Castilho se restringir aos efeitos de eco construídos na fala entre Narciso e Eco, o uso deste eco como “espelho dos ouvidos” é construído no decorrer de toda a tradução desta passagem, do início ao fim. Pouco antes do lamento acima transcrito, Castilho traduz o verso *atque oculos idem qui decipit incitat error* (v.431) como “o erro que lhos seduz, lhe incita os olhos” (v. 555), duplicando o termo “olhos” através da semelhança sonora que constrói em “que lhos”. Trata-se de algo semelhante ao que ocorre com o par *lacrimas* e *lacrimante*, com a ressalva de que, na construção castilhiana, o efeito é exclusivamente sonoro. Ao final do episódio, quando no lugar onde jazia Narciso se encontrou uma flor amarela<sup>119</sup>, Castilho utiliza este mesmo recurso sonoro: no verso “uma flor, cróceo o olho, as folhas alvas” (v. 654), há um efeito de eco sonoro entre as palavras “flor” e “folhas” e, ademais, entre as palavras “olho” e “folhas” – há “olhas”, portanto “olhos”, dentro da palavra “folha”.

No trecho acima transcrito, observa-se a presença de efeitos sonoros que muito se aproximam daqueles encontrados no original: o padrão quiástico dos verbos *placet* e *video* (v.446) é reconstruído no verso “vejo, amo, e não encontro o que amo e vejo”, também por meio da posição espelhada dos verbos, o que retrata, na própria disposição dos versos, o espelho em que Narciso se enxerga. O par *risi* e *adrides* (v.459), traduzido em “ris se eu rio”, não só evidencia como ressalta a presença do eco sonoro ovidiano por meio da utilização de um mesmo verbo em conjugações diferentes. No entanto, o par *lacrimas* e *lacrimante*, em sua tradução como “choro? Vejo-te em lágrimas”, não remonta a estrutura ecoica ovidiana.

Após reconhecer que o seu objeto de desejo é seu próprio reflexo, Narciso persiste na utilização da linguagem elegíaca em seu lamento, falando com sua imagem como se ela fosse viva e independente de si mesmo. Este reconhecimento se dá mediante uma espécie de anagnórise trágica: *iste ego sum: sensi, nec mea fallit imago* (v.463). O poema, neste instante, ganha mais uma camada de mistura de gêneros: ele transforma-se em uma espécie de tragédia, já que a anagnórise de Narciso é o ponto inicial de um destino bastante trágico. Ingo Gildenhard e Andrew Zissos, no artigo *Ovid's Narcissus (Met. 3.339-510): Echoes of Oedipus*, elaboram longamente a intertextualidade presente entre a passagem ovidiana sobre Narciso e a tragédia *Édipo Tirano*, de Sófocles. Os autores afirmam que a presença do gênero trágico se anuncia desde a profecia de Tirésias, quando o vidente utiliza um discurso délfico e próprio de Édipo:

Tirésias continua promovendo a conexão de Édipo dentro da narrativa de Narciso propriamente dita. Questionado pela ansiosa Liríope se seu filho Narciso alcançaria a velhice, o vidente enigmaticamente responde com uma adaptação da máxima apolínea *gnōthi seautōn*. Narciso só terá uma vida longa *si se non nouerit* – se ele não se conhecer (3.348). Ao aludir em sua primeira

<sup>119</sup> *Nusquam corpus erat; croceum pro corpore florem / inueniunt foliis médium cingentibus albis* (Ov. *Met.* III, v.509-510).

profecia a este famoso ditado de Delfos, Tirésias invoca um pano de fundo narrativo definido pela numinosidade de Apolo e seu oráculo em Delfos, que se sobressaem também sobre o drama de Sófocles (GILDENHARD & ZISSOS, 2000a, p.132. Trad. nossa.).<sup>120</sup>

E então, constatada a impossibilidade de seus desejos, Narciso reconhece o paradoxo de sua situação no verso *quod cupio mecum est; inopem me copia fecit* (v.466). Há, mais uma vez, a presença do efeito sonoro de eco através do par *cupio* e *copia*. Além disso, Barbara Pavlock aponta para a associação elegíaca da palavra *copia*, especialmente em Propércio, ressaltando que ela “ironicamente enfatiza a auto absorção de Narciso, por ter insistido para Eco que ele morreria antes de dar a ela uma oportunidade de desfrutar de intimidade com ele (*copia nostri*, v.391), ele agora experimenta uma *copia* que o torna destituído” (2009, p.27. Trad. nossa)<sup>121</sup>. Com isso, Ovídio abre espaço para mais um *topos* da poesia elegíaca, qual seja, a expectativa de morte como a única saída para as dores e sofrimentos do amante elegíaco, ao mesmo tempo em que sinala o destino de Narciso, a sua morte efetiva, como a solução do impasse trágico em que se enreda.

Castilho parece acentuar ainda mais a tragicidade da anagnórise de Narciso: o tradutor constrói uma espécie de pausa no lamento por meio de um verso tracejado do início ao fim, que pode representar o silêncio que antecede a sua aterradora descoberta. Além disso, o acrescento de Castilho em “Deuses, que horrível Luz!”, também serve ao fim de enfatizar o caráter trágico da revelação de Narciso. A confusão da personagem parece encontrar, em Castilho, ainda mais dúvidas, já que a afirmação *quod cupio mecum est; inopem me copia fecit* (v.466) é posta, aqui, como questionamento em “Como, se o que desejo está comigo?!”. Percebe-se que Castilho não traduz o termo, tradicionalmente elegíaco, *copia* (“abundância”, “riqueza”), mas reconstrói o efeito sonoro advindo do par *cupio* e *copia* no verso “Por muito possuir, nada possuo”.

O fim do lamento, onde se apresenta o *topos* da expectativa da morte como cura para os sofrimentos do amante elegíaco, é traduzido por Castilho com uma recarga poética admirável. A reiteração da palavra “já”, que aparece três vezes em um intervalo de apenas dois versos, antecipa o fato de que a morte de Narciso se dará precocemente, no início de sua vida. Neste

<sup>120</sup> “Tiresias continues to promote the Oedipus connection within the Narcissus narrative proper. Asked by the anxious Liriope whether her son Narcissus would reach old age, the seer cryptically responds with an adaptation of the Apollonian maxim *gnōthi seautōn*. Narcissus will only enjoy a long life *si se non noverit* – if he does not know himself (3.348). By alluding in his first prophecy to this famous Delfic saying, Tiresias invokes a narrative background defined by the numinosity of Apollo and his oracle at Delphi, which loom so large over Sophocles’ drama as well”.

<sup>121</sup> “The word *copia* has elegiac associations, especially in Propertius. The word ironically emphasizes Narcissus’s self-absorption, for having insisted to Echo that he would die before giving her an opportunity to enjoy intimacy with him [v.391], he now experiences a *copia* that makes him destitute”.

último verso, ressalta-se duas opções tradutórias de Castilho: a sua escolha pela palavra “meta” corrobora para a constatação de que o nosso tradutor talvez reconhecesse, nesta passagem, a presença do *topos* elegíaco que mencionamos, já que a morte é a meta para o amante livrar-se de suas dores. Ademais, observa-se que Castilho utiliza a palavra “aurora” para compor uma imagem de bastante força poética para retratar a morte de Narciso logo no início de sua vida (*Primoque extinguo in aeuo* v.470).

Portanto, conclui-se que tanto Ovídio como o seu tradutor Castilho carregam o lamento de Narciso com os *topoi* da elegia erótica, utilizando a linguagem tradicional do gênero e não deixando de lado a mudança de tom que a passagem exige. Como vimos, a presença do gênero elegíaco é notável no decorrer deste grande épico, assim como de outros gêneros da literatura Antiga. Como afirma João Angelo Oliva Neto,

vimos muito bem que os episódios do poema, provindos de outras épicas, ou de outros gêneros, e acrescentamos, até da própria tradição oral grega e latina, já estavam à disposição de Ovídio, que não fez senão uni-los, cerzi-los, num grande tecido único – daí sua opção consciente pela tecelagem como técnica de composição do poema. (2017, p.24)

Cerzindo, então, um notável número de episódios míticos – em sua maioria já contados por outros autores e em outros gêneros – em uma única obra, Ovídio constrói o seu poema sem deixar de lado a memória literária de seu tempo: prova disso é a nítida alusão a Propércio, presente na passagem que analisamos, para a construção de uma personagem que assume a posição de um poeta elegíaco dentro do poema épico.

Mediante uma manipulação bastante original de seu material e, também, dos pressupostos genéricos da literatura Antiga, Ovídio logra unir diversos gêneros e (por que não?) diversos autores nesta sua colossal obra. É a originalidade dos mecanismos ovidianos que garantem a unidade do poema que nos debruçaremos no próximo item. Com o respaldo do episódio de Aracne, constante no livro VI das *Metamorfoses* ovidianas, pode-se compreender a excepcional e caótica organização deste poema, levando em conta o que Oliva Neto acima define como uma “opção consciente pela tecelagem como técnica de composição do poema”.

### **II. 3.3. O MITO DE ARACNE: A TRAMA DO *CARMEN PERPETUUM***

Conforme já mencionamos, a unidade presente nas *Metamorfoses* muito se difere daquela encontrada nos demais épicos da Antiguidade. Esse é um dos fatores que confere a originalidade deste grande poema. Não há, aqui, centralidade de personagens ou unidade de espaço: o que ocorre é algo semelhante a uma antologia de mitos unidos de forma bastante sutil. O leitor, então, é conduzido pela voz de um narrador que elabora transições engenhosas de

episódio a episódio, garantindo a progressão constante deste seu canto ininterrupto. Oliva Neto, ao discorrer acerca do problema da unidade nas *Metamorfoses*, apresenta um interessante comentário sobre a aguda crítica de Quintiliano a Ovídio em sua *Institutio Oratoria*<sup>122</sup>:

Quintiliano foi agudo porque detectou que não há no poema de Ovídio aquela radical unidade defendida por Aristóteles, apoiada na inteireza dos corpos, e que o poeta quer dar sim só a impressão (*speciem*) de unidade! Usou a fundamental palavra “corpo” (*corporis*) e percebeu que a impressão, a aparência de um corpo único (*unius corporis*) que o poema possuía pressupunha que a transição (*transitus*) – poderíamos dizer a “emenda” – não fosse visível, mas devia vir oculta por um truque para iludir (*praestigiae*): esta importantíssima palavra significa “enganação”, “logro”. E Ovídio é desculpável porque eram muitos e diferentes (*diuersissimas*) os assuntos (*res*) dos episódios à disposição que se transformaram em partes de um corpo – o poema – quando o poeta desejou uni-los (*colligentem*, de *colligere*) para que o corpo parecesse único (OLIVA NETO, 2017, p.25).

Ovídio, sendo este autor que revela uma nítida consciência sobre as convenções de gênero e sobre como a sua obra nelas se inserem, nos revela a sua escolha narrativa de maneira bastante representativa no mito de Aracne, constante no sexto livro das *Metamorfoses* (VI, v.1-145). Nosso autor, portanto, parece solucionar literariamente o impasse que poderia surgir ao empreender um trabalho tão pretencioso como o de contar a história do mundo – desde o caos inicial até os seus dias – de forma contínua por meio do uso de ligações sutis com o fim de manter uma aparente unidade. Ainda no enalço de Oliva Neto, nota-se a presença do verbo *deducere* na passagem a que nos referimos (*et uetus in tela deducitur argumentum. Ov. Met. VI, v.69*), verbo este que também aparece no próêmio das *Metamorfoses* (*ad mea perpetuum deducite tempora carmen. Ov. Met. I, v.4*). Trata-se de um termo polissêmico, “também empregado como termo técnico da tecelaria” (*Ibidem*, p.23). A presença deste mesmo verbo nestas duas importantes passagens pode servir como uma pista para a compreensão de sua obra: por meio da perspicaz escolha de um termo pertencente a dois universos semânticos distintos, Ovídio deixa claro que os episódios de seu épico serão conduzidos – ou, melhor ainda, tecidos – de maneira semelhante à tela de sua personagem.

Antes de apresentarmos o excerto do episódio e a tradução de António Feliciano de Castilho, é importante revermos um importante procedimento narrativo utilizado por Ovídio, no decorrer de todas as *Metamorfoses*, para levar a cabo suas precisas descrições: a éfrase.

<sup>122</sup> “É deveras muito inepta e infantil aquela afetação, ensinada hoje nas escolas, de ocultar a própria transição sob um pensamento sentencioso como que para angariar aplausos com esse truque para iludir: Ovídio nas *Metamorfoses* se esbalda com isso; a ele, porém, a necessidade pode desculpar, porque tem de unir as mais diversificadas matérias sob a aparência de um corpo único” (*Illa uero frigida et puerilis est in scholis adfectatio, ut ipse transitus efficiat aliquam utique sententiam et huius uelut praestigiae plausum petat, ut Ouidius lasciuire in Metamorphosein solet; quem tamen excusare necessitas potest, res diuersissimas in speciem unius corporis colligentem*) (Quint. Inst. IV. 1. 76-77. Trad. João Angelo Oliva Neto).



Este mecanismo retórico-poético grego foi teorizado pela primeira vez por Élio Theon (I d.C.), autor dos *progymnasmata* – exercícios preparatórios de oratória –, que o designava, em linhas gerais, como “exposição” ou “descrição” de personagens (*prosopa*), de ações (*pragmata*), de lugares (*tópoi*), de tempo (*chrónoi*) ou de modo (*trópoi*) (Theon, *Prog.* 8.118). Observa-se, portanto, que a éfrase seria equivalente àquilo que modernamente chamamos de descrição, com exceção da categoria *pragmata*, não fosse por um aspecto bastante peculiar e paradigmático em toda a literatura clássica: a *enargeia*.

A *enargeia* é um efeito capaz de conferir vividez ao discurso. É o que Élio Theon define como “pôr sob os olhos” do leitor<sup>123</sup>. O professor de retórica afirma que, para que seja possível a formação de uma cena presentificada no discurso, é necessário, além do emprego adequado da linguagem, que o público compartilhe em sua memória o assunto tratado pela éfrase. Uma definição parecida pode ser encontrada em Quintiliano (*Inst.* 6.2.29-32) caracteriza a *enargeia* como consequência do ímpeto do bom orador em formar uma cena na mente de seu público por meio de sua força imaginativa transposta em linguagem. O discurso adquire esta capacidade de *sub oculos subiectio* (“lançar sob os olhos”. Quint. *Inst.* 9.2.40) quando o evento não é apenas indicado, mas detalhadamente exibido mediante descrições capazes de causar o efeito de tornar em presença o que é apenas dito, utilizando palavras adequadas ao fim de mais serem vistas do que ouvidas.

Quando está presente em uma obra literária, a éfrase clássica não se enquadra na dicotomia moderna entre a narração (representação de ações ou eventos) e a descrição (representação de objetos estáticos)<sup>124</sup>: apesar de ela constituir uma suspensão na progressividade da narração, ao tratar de processos – especialmente personagens implicadas em processos – essa dicotomia é desfeita e a descrição passa a integrar a narrativa. Ruth Webb, em seu artigo *Ekphrasis ancient and modern: the invention of a genre* (1999, p.12), defende que a éfrase na retórica antiga está entre esses dois conceitos pela sua capacidade de conferir movimento e causalidade à descrição. Haveria, portanto, dois movimentos na concepção de uma éfrase: ao passo em que o fluxo da narração principal deve ser interrompido pela intervenção da éfrase, a descrição traça um movimento próprio que passa a ser fundamental para o desenvolvimento da narrativa principal (MARTINS, 2016, p.170).

<sup>123</sup> Quintiliano, ao tratar do tema em sua *Institutio Oratoria*, diz que Cícero traduziu a *enargeia* como *evidentia* ou *illustratio* (*Inst.* 6.2.32) e que outros rétores o cunharam de *repraesentatio* (*Inst.* 8.3.32).

<sup>124</sup> É importante enfatizar que essa oposição entre narração e descrição não se observava na retórica antiga. Por essa razão, a descrição poderia romper com o seu esperado aspecto estático para contribuir com o efeito de *enargeia*, de vividez.

A diferença entre o procedimento de narração e o procedimento écfrástico residiria na obrigatória vividez deste último. Para tal, faz-se imprescindível o efeito de verossimilhança, que não advém, necessariamente, de uma relação direta com a realidade: como já afirmado anteriormente, os autores utilizavam em suas descrições vívidas assuntos de memória pública, advindos – em grande parte – da produção artística (seja ela literária ou visual). Neste sentido, a écfrase seria uma interação bastante sofisticada entre textos e imagens. Conforme afirma Hansen acerca da verossimilhança dos procedimentos ecfásticos:

Com ironia, já se disse que a descrição periegética do escudo de Aquiles, no canto 18 da *Iliada*, demonstra que a principal coisa demonstrada pelas leituras que a utilizam para fazer reconstituições arqueológicas é que não têm fundamento também na empiria que pressupõem e pretendem reconstituir, pois nenhum escudo poderia ser tão grande para conter todos os motivos descritos. O mesmo se pode dizer da crença de que as *ekphraseis* de Filóstrato ou Luciano testemunham a existência de obras perdidas. Esse entendimento as constitui como documentos de uma reconstituição que elimina justamente o que nelas é não a suposta realidade empírica de objetos supostamente vistos pelos autores, mas a realidade dos preceitos retóricos de um ver coletivamente partilhado e exposto segundo a verossimilhança e o decoro de seu gênero. (2006, p.89)

O primeiro trecho deste episódio, transcrito abaixo, apresenta com bastante exatidão a arte elaborada pela deusa Palas Atena mediante um minucioso procedimento ecfástico que descreve o que o narrador ovidiano denomina *uetus argumentum* (“assunto antigo”, v.69): ao centro têm-se representados doze deuses, embora textualmente se destaquem três, Júpiter, Netuno e a própria Palas; nos quatro cantos do tecido têm-se representados episódios conhecidos pela memória dos leitores da Antiguidade em que mortais afrontam o poder dos deuses e, conseqüentemente, são castigados; nas bordas, enfim, depois de tecidos episódios representativos da fúria e vingança divinas, tem-se ramos da oliveira da paz, a árvore da deusa:

*Cecropia Pallas scopulum Mavortis in arce  
pingit et antiquam de terrae nomine litem.  
bis sex caelestes medio Iove sedibus altis  
augusta gravitate sedent; sua quemque deorum  
inscribit facies: Iovis est regalis imago;  
stare deum pelagi longoque ferire tridente  
aspera saxa facit, medioque e vulnere saxi  
exsiluisse fretum, quo pignore vindicet urbem;  
at sibi dat clipeum, dat acutae cuspidis hastam,*

Palas debuxa a alcáçova de Atenas,  
com o seu morro de Marte, amplo teatro  
de glórias dela, quando outrora em pleito  
se andou com o deus do mar, a qual daria  
seu nome à fundação. Põe o areópago  
dos numes doze em majestosos tronos,  
e Júpiter no meio a presidir-lhes.  
Mal se vê cada um, diz-se-lhe o nome:  
Jove tem régio ar; em pé Netuno  
percuta com o tridente em crespas rochas;

*dat galeam capiti, defenditur aegide pectus,  
 percussamque sua simulat de cuspide terram  
 edere cum bacis fetum canentis olivae;  
 mirarique deos: operis Victoria finis.  
 ut tamen exemplis intellegat aemula laudis,  
 quod pretium speret pro tam furialibus ausis  
 quattuor in partes certamina quattuor addit,  
 clara colore suo, brevibus distincta sigillis:  
 Threiciam Rhodopen habet angulus unus et  
 Haemum,  
 nunc gelidos montes, mortalia corpora quondam,  
 nomina summorum sibi qui tribuere deorum;  
 altera Pygmaeae fatum miserabile matris  
 pars habet: hanc Iuno victam certamine iussit  
 esse gruem populisque suis indicere bellum;  
 pinxit et Antigonem, ausam contendere quondam  
 cum magni consorte Iovis, quam regia Iuno  
 in volucrum vertit, nec profuit Ilion illi  
 Laomedonve pater, sumptis quin candida pennis  
 ipsa sibi plaudat crepitante ciconia rostro;  
 qui superest solus, Cinyran habet angulus  
 orbem;  
 isque gradus templi, natarum membra suarum,  
 amplectens saxoque iacens lacrimare videtur.  
 circuit extremas oleis pacalibus oras  
 (is modus est) operisque sua facit arbore finem.*

(Ov. *Met.* VI, v.70-102)

das rochas rotas o corcel rebenta;  
 nele o deus funda o jus à grã cidade.  
 Logo se pinta a si: morrião na fronte  
 lhe avulta, luz-lhe a égide no peito;  
 sopesa aguda lança, escudo abraça;  
 e da lança ao ferir, vê-se a oliveira,  
 de argêntas folhas, rebentar da terra,  
 avergada de bagas luzidias.  
 Pasmado o tribunal lhe outorga a palma.

\*

Mas, para que a rival de tanta glória  
 por exemplos alheios anteveja  
 que lucros tirará da infrene audácia,  
 quatro certames finge aos quatro cantos,  
 claros, breves em campo, em cores vivos:  
 Num, põe o régio par da Trácia gente,  
 Hemo e Ródope, montes regelados  
 hoje, outrora mortais, que já se ousaram  
 intitular os máximos dos numes;  
 noutro, a sorte cruel daquela insana  
 da pigmeia nação; Juno, que a vence,  
 a manda transformar-se em grou daninha,  
 e os conterrâneos seus trazer em guerra.  
 Antígone depois, que em formosura  
 já pleiteou com a esposa do Tonante;  
 esta em ave a transmuda; não lhe valem  
 Laomedonte por pai, Ílion por pátria;  
 plumas assume, é cândida cegonha;  
 com o crepitante rosto inda se aplaude.  
 Na última ponta a Cíniras retrata.  
 Das filhas orfanado o infausto velho  
 feitas degraus de um templo inda as abraça;  
 jaz na frígida pedra, e está chorando.  
 Fecha o lavor travada cercadura  
 de ramos da sua árvore, tão caros  
 à paz, entremeados de azeitona.

(Ov. *Met.* VI, v.91-135. Trad. Castilho)

No decorrer de todos os versos do excerto acima exposto, o narrador se dedica à descrição da tecelagem de Palas Atena mediante o uso do procedimento retórico da *écfrase*, a fim de criar a ilusão de que a ação é descrita no mesmo momento em que acontece. Ovídio nos convida, desta maneira, a acompanhar de perto todo o processo de composição artística de Palas Atena mediante uma descrição vívida e capaz de presentificar toda a ação no momento da narração: é como se o leitor estivesse junto com as ninfas que assistem à esta espécie de competição entre a deusa e a jovem Aracne.

A presença dos verbos no presente indica essa inclinação a presentificar o que está sendo descrito. Cabe observar atentamente o emprego dos verbos *pingit* (v.71), *addit* (v.85) e *circuit* (v.101). Todos estes verbos se referem à ação de bordar, auxiliando na construção de um enunciado que mantém uma estreita relação com a ordem das ações descritas, que passa a ser tomada como a ordem da realidade, da atualidade da descrição. A ordem em que os verbos são empregados, assim como o tempo escolhido para seu emprego, atuam como um motivo coesivo à medida em que formam uma imagem bastante coerente e verossímil na mente do leitor, que passa a ver o processo criativo com os “olhos da mente” (WEBB, 1999, p.12). Estes verbos referentes ao ato de tecer entremeiam a descrição da obra de arte que está sendo produzida pela deusa, enquanto os outros verbos, também no presente, funcionam como um desdobramento desta descrição. Os episódios escolhidos por Palas para compor a sua tela são apresentados através de um procedimento narrativo que põe diante dos olhos do leitor uma tela que apresenta ações que se desdobram em uma linha temporal e que são capazes de dar vida e dinâmica ao que, a princípio, esperávamos ser estagnado.

A descrição de Netuno (v.98-101), por exemplo, apresenta uma evidente sequência de ações: o deus primeiro fere uma rocha dura com seu longo tridente e, do centro da abertura, brota o corcel. Fica claro que seria impossível representar toda essa série de ações em uma tecelagem estática. Tal fato mostra como a *écfrase* antiga não se enquadra na moderna dicotomia entre narração e descrição, pois esta segunda representaria uma “pausa” na sucessão de eventos (ou ações), o que não ocorre aqui. O mesmo fato pode ser observado na descrição dos quatro episódios que servem de moldura para o Conselho dos Deuses (v.114-131): as imagens de Hemo e Ródope, de Énoe (mãe pigmeia), de Antígona e de Cíniras constituem-se como narrativas desdobradas da ação principal – qual seja, o processo de tecelagem – capazes de ativar a memória dos leitores para a consequência dos atos destas personagens, ou seja, as suas metamorfoses. Como afirma Matos Frias, “no trânsito complexo entre princípio, modo e

gênero ecfásticos, a éfrase pode suscitar uma *mimesis* referencialmente inverossímil” (2016, p.35). O que traz verossimilhança à éfrase é, portanto, o fato de os episódios representados serem compostos por *topoi* conhecidos da memória da audiência.

A tradução castilhana é aguda na apresentação desta tão importante descrição. É notável a consciência do nosso tradutor a respeito do objetivo das éfrases ovidianas, qual seja, o de tornar em presença o que é apenas descrito pelo narrador por meio de um cuidadoso trabalho com a linguagem. Desta forma, observa-se o uso do presente nos verbos referentes à ação de narrar: “debuxa”, “finge”, “pinta” e “fecha”. Os outros verbos, ou seja, os que representam ações desdobradas ao ato de tecer, também aparecem no presente – “percute”, “rebenta”, entre tantos outros –, cumprindo com os pressupostos do procedimento retórico utilizado para a apresentação das descrições.

Sabendo que a éfrase clássica depende de assuntos da memória coletiva (daí a importância do termo *uetus argumentum*, “assunto antigo”, utilizado por Ovídio para introduzir a narrativa ecfástica), Castilho parece ampliar algumas das ações descritas para que o leitor de sua época – já bastante afastado do leitor contemporâneo de Ovídio – possa resgatá-las em sua memória. A primeira passagem bordada por Palas, que trata da competição que travou com Netuno para nomear a cidade de Atenas, aparece reelaborada na tradução de Castilho como uma forma de torná-la mais acessível ao leitor de sua época, que, obviamente, necessita de mais informações do que o leitor contemporâneo de Ovídio para acessar em sua memória o mito da criação de Atenas. Castilho, desta forma, amplia o verso ovidiano para manter o efeito pretendido pelo autor, ou seja, para que o seu leitor também possa acessar o *topos* representado na descrição em sua memória artístico-literária. O verso, bastante breve, *et antiquam de terrae nomine litem* (v.71) é acrescido e reelaborado como “[...] quando outrora em pleito / se andou com o deus do mar, a qual daria / seu nome à fundação [...]”. Esta escolha demonstra uma postura bastante corriqueira na tradução de Castilho. Nosso tradutor afirma, no primeiro tomo já publicado das suas *Metamorfoses*, que “em todos os lances em que se me antolhou que um curioso de meia leitura poderia ficar embaraçado, ora ladeei, e me desviei, sem fugir, ora acrescentei uma penada, que desfizesse a dúvida” (CASTILHO, 1841, p.19-20). Isso porque, para ele, a maior das infidelidades é deixar ininteligível alguma passagem que Ovídio escreveu para que todos entendessem.

Ao passo que Castilho apresenta reelaborações e aumentos nos versos ovidianos, cabe ressaltar alguns versos bastante semelhantes ao original no que diz respeito a organizações sintáticas e escolhas lexicais, o que comprova a sua adequação aos tradutores semi-fidelistas

semi-parafrastas, de acordo com a nomenclatura proposta por Antonio José Viale (1868, p.145). O verso “quatro certames finge aos quatro cantos” apresenta nítida semelhança sintática e lexical com o original *quattuor in partes certamina quattuor addit*, seja pela ordenação da dupla aparição da palavra “quatro” (*quattuor*), seja pela escolha por “certame” para traduzir *certamina*. O mesmo pode ser constatado no verso “e os conterrâneos seus trazer em guerra”, tradução do original [...] *populisque suis indicere bellum*: nota-se, aqui, que a ordenação sintática do verso em português acompanha perfeitamente a construção latina.

O cuidado de Castilho com a sonoridade e o ritmo de seus versos é, também, digno de nota. Nos versos 93-97 do original, nota-se um aumento de velocidade na apresentação do episódio do castigo divino de Antígone, bordado em um dos cantos da tela de Palas Atena. Essa mesma alteração de ritmo está presente, também, na tradução de Castilho, que estende em apenas um verso a quantidade de hexâmetros latinos. Ainda nesta passagem, observa-se a presença de uma aliteração em *Ilion illi* (v.95), reelaborada por Castilho na recorrência sonora de /p/ em “Laomedonte por pai, Ílion por pátria”.

Em seguida, após a apresentação pormenorizada da tela de Palas Atena, é apresentada uma segunda descrição, relativa à tapeçaria elaborada pela jovem e honrada tecelã Aracne, abaixo transcrita:

<i>Maeonis elusam designat imagine tauri</i>	A Meônia entretanto imita Europa
<i>Europam: verum taurum, freta vera putares;</i>	do falso toiro ilusa; o toiro aos olhos
<i>ipsa videbatur terras spectare relictas</i>	é vivo, ondas rolar o mar parece.
<i>et comites clamare suas tactumque vereri</i>	Está-se vendo a tímida Princesa,
<i>adsilientis aquae timidisque reducere plantas.</i>	olhos e coração fitos na praia,
<i>fecit et Asterien aquila luctante teneri,</i>	pelas sócias bradar, temer as ondas,
<i>fecit olorinis Ledam recubare sub alis;</i>	e as néveas plantas recolher medrosa.
<i>addidit, ut satyri celatus imagine pulchram</i>	Águia Real lutando empolga a Astéria;
<i>Iuppiter inplerit gemino Nycteida fetu,</i>	a Leda cisne argênteo obumbra, amima.
<i>Amphitryon fuerit, cum te, Tiryntia, cepit,</i>	À linda filha de Nictéu vem Jove
<i>aureus ut Danaen, Asopida luserit ignis,</i>	sob aspecto de sátiro, que a deixa
<i>Mnemosynen pastor, varius Deoida serpens.</i>	de gêmea prole mãe; zomba de Alcmena
<i>te quoque mutatum torvo, Neptune, iuvenco</i>	fingindo Anfitrião; seduz a Dânae
<i>virgine in Aeolia posuit; tu visus Enipeus</i>	desfeito em chuva d’ouro; a Egina em fogo,
<i>gignis Aloidas, aries Bisaltida fallis,</i>	Mnemósine em pastor, Deóide em serpe.
<i>et te flava comas frugum mitissima mater</i>	Com tanta e tanta afronta ao Rei do Olimpo

*sensit equum, sensit volucrem crinita colubris* não se dá por contente; inda há mais numes;  
*mater equi volucris, sensit delphina Melantho:* sabe inda mais escândalos; não para  
*omnibus his faciemque suam faciemque locorum* no sacrílego empenho a destemida.  
*reddidit. est illic agrestis imagine Phoebus,* Venha à tela Netuno: ei-lo em novilho  
*utque modo accipitris pennas, modo terga leonis* de catadura torva às plantas de Arne;  
*gesserit, ut pastor Macareida luserit Issen,* feito em rio Enipeu gera os Alóidas;  
*Liber ut Erigonen falsa deceperit uva,* muda-se por Bisáltide em carneiro;  
*ut Saturnus equo geminum Chirona crearit.* por Ceres em corcel, por ti, ó Ceres,  
*ultima pars telae, tenui circumdata limbo,* das messes loira madre, encanto de homens;  
*nexilibus flores hederis habet intertextos.* em ave por Medusa, a anguicrinita,

(Ov. *Met.* VI, v.103-128) a mãe do alado Pégaso; golfinho,  
 geme de amor nos braços de Melanto.  
 E a variedade, a vida, a expressão própria,  
 que imprime em cada sítio, em cada imagem!  
 Segue-se Apolo em camponês disfarce,  
 em açor, em leão; e em pegureiro  
 por lograr Isse, Macareia prole.  
 Baco some-se em cacho, e engana Erígone;  
 Saturno, garanhão, gera o Centauro.  
 Da complicada tela em roda alonga  
 estreita barra de enleantes heras  
 embrincadas com flores à mistura.

(Ov. *Met.* VI. v.136-173. Trad. Castilho)

O primeiro episódio da tapeçaria de Aracne descrito pelo narrador, demonstra ativamente o principal aspecto da écfrase antiga: os versos atestam a *enargeia*, a vividez das descrições ecrásticas, que são capazes de fazer com que o objeto descrito se apresente, aos leitores, como a própria realidade. O touro tecido pela jovem parece real, assim como o mar que ele adentra ([...] *uerum taurum, freta uera putares* v.104), Europa teme estas ondas e grita pelas ninfas enquanto encolhe seus pés. Todo esse encadeamento de ações desafia a natureza estática da tecelagem como um objeto pictórico, concedendo movimentação à descrição na medida em que relata os acontecimentos como se eles estivessem se desdobrando no tempo, em uma narrativa secundária àquela que apresenta a tecelã Aracne no processo de elaboração de sua obra.

É relevante notar, também, a falta de unidade deste excerto: dentre as várias trapaças divinas apresentadas, a descrição daquelas armadas por Júpiter (v.103-115) são muito mais extensas e pormenorizadas que as de Netuno (v.115-120), Apolo (v.122-124), Baco (v.125) e Saturno (v.126), confrontando o que Horácio, em sua *Arte Poética*, postula sobre a necessária unidade em um poema ao afirmar que *denique sit quod uis, simplex dumtaxat et unum* (Hor.*Ars.*23)<sup>125</sup>. Percebe-se, então, algumas diferenças na apresentação destas personagens divinas em episódios desonrosos: a exposição é feita de maneira bastante detalhada, e numerosa, nos enganos de Júpiter – mediante a presença da écfrase –, porém, naqueles enganos protagonizados pelos outros deuses, a apresentação é feita em ritmo acelerado e com acentuada brevidade. Ovídio faz uma enumeração bastante breve das ações divinas, priorizando a enumeração de um número maior de ações, e não a sua pormenorização. Sendo os mitos parte da memória coletiva, é possível, apesar da concisão, expressar muitos deles em poucas palavras, como aliás a erudição alexandrina havia ensinado.

O verso *omnibus his faciemque suam faciemque locorum* (v. 121) representa um aspecto bastante marcante da écfrase: temos aqui uma impressão, uma opinião a respeito da tecelagem descrita, reafirmando a presença do narrador-descritor diante daquilo que descreve. Esta presença coloca o narrador como uma espécie de testemunha da obra de arte e lhe garante autoridade perante os leitores, receptores desta descrição, visto que estes não testemunharam com seus próprios olhos a obra que a écfrase encerra. Este narrador, assim, é capaz de conduzir a mente do interlocutor para que ele visualize, ainda que discursivamente, apenas aquilo que lhe for permitido. Se repararmos que o narrador expõe sua opinião acerca da exatidão da obra, de forma elogiosa, apenas a respeito da tecelagem de Aracne, perceberemos certa predileção de Ovídio pela obra da jovem em prol da tela de Atena.

A tradução de Castilho apresenta pontos bastante interessantes e de grande força poética nesta passagem. Logo no primeiro verso, nota-se uma interessante escolha lexical na tradução do verbo latino *designat*, que aparece aqui como “imita”. Levando em conta a definição deste termo em língua portuguesa – o dicionário Houaiss apresenta como uma de suas definições a de “traduzir com fidelidade; reproduzir, repetir” –, Castilho parece apontar para uma maior fidelidade na obra de Aracne do que na obra da deusa: para a descrição da tela divina, nosso tradutor utiliza o verbo “debuxar” – definido como “apresentar-se em forma imprecisa; insinuar-se, delinear-se” pelo Houaiss – para traduzir *pingit*. Temos, desta forma, uma intensificação da preferência pela obra da jovem tecelã que Ovídio apenas sugere em seus

---

<sup>125</sup> Na tradução de Vieira (2011): “Pois faz o que quiseses desde que uno e simples”.



versos e que, como veremos adiante, é de extrema relevância para o entendimento da obra de Aracne como uma versão em miniatura do grande *carmen perpetuum* que são as *Metamorfoses*. Isso nos leva a acreditar que Castilho, como conhecedor e admirador da obra ovidiana, seria de alguma forma sensível a estes aspectos ao levar a cabo sua tradução para este episódio.

Há, ainda, outras escolhas dignas de nota: o verso *ipsa uidebatur terras spectare relictas* (v.105) é reelaborado por Castilho como “olhos e coração fitos na praia”. A utilização dos substantivos “olhos” e “coração” para representar a ação de olhar a praia é capaz de acentuar ainda mais o sentimento de medo e de saudades vivenciados por Europa quando foi raptada por Júpiter, trazendo ainda mais força poética para a passagem. Pouco depois, no verso “e as níveas plantas recolher medrosa”, Castilho utiliza a mesma metonímia ovidiana para a representação dos pés da ninfa, qual seja, *plantas* (v.107)

Os sete versos que seguem (v.107-114 do original) apresentam aquela notável velocidade para a enumeração dos enganos desonrosos de Júpiter para iludir mortais e ninfas. Castilho logra incorporar a rapidez ovidiana em sua tradução de forma bastante dinâmica e condizente com o intuito rítmico do autor, excedendo o original em apenas um verso. Faz isso por meio do uso do presente em todos os verbos da passagem (“empolga”, “obumbra”, “amima”, “vem”, “deixa”, “zomba”, “seduz”) e, também, pela utilização do ponto e vírgula para cerzir as orações que, apesar de independentes uma da outra, ganham em significado quando vistas em conjunto por fazerem referência a um único sujeito para todas as ações apresentadas, denotando mais um cuidado vernáculo com a *evidentia* reconhecível no texto latino.

É válido ressaltar, ainda neste intervalo, mais uma ampliação alcançada por Castilho para auxiliar o seu leitor na compreensão das referências mitológicas constantes nesta passagem: o original ovidiano traz *Tirythia* (v.112), nome de uma importante cidade da Grécia antiga, para referir-se ao mito de Alcmena, aspecto bastante comum na literatura antiga. Castilho, como forma de adaptar sutilmente original latino para facilitar a leitura moderna do texto clássico, traz o nome da esposa de Antifrião, escolha antecipadamente justificada desde o seu prefácio quando prevê possíveis críticas quanto à fidelidade de sua tradução nesses pontos: “a quem me houvesse de taxar isto por infidelidade, responderia que a maior e pior de todas as infidelidades é a fidelidade servil; é deixar ininteligível o que o autor havia querido fazer, e havia feito, para se entender; é roubar-lhe suas graças e falas que, em deixando de ser percebidas, logo deixam de ser tais” (1841, p.20).

Se as ampliações que demonstramos até agora cumprem o fim de elucidar referências mitológicas, há, ainda, outras que servem ao objetivo de intensificar o tom do que é narrado, demonstrando o grande conhecimento de Castilho a respeito da obra e do estilo ovidianos. Nos versos que se seguem, nosso tradutor intercala quatro versos de sua lavra que evidenciam ainda mais a audácia de Aracne ao compor uma obra tão ultrajante aos deuses: “com tanta e tanta afronta ao rei do Olimpo / não se dá por contente; inda há mais numes; / sabe inda mais escândalos; não para / no sacrílego empenho a destemida”. Trata-se de uma forma de separar a descrição dos episódios referentes a Júpiter – que são nitidamente mais numerosos – daqueles relacionados a outros deuses. Outro ponto em que ocorre isto que nos referimos como intensificação de tom ocorre nos versos “e a variedade, a vida, a expressão própria / que imprime em cada sítio, em cada imagem!”, que reelaboram o latino *omnibus his faciemque suam faciemque locorum* (v. 121). Aqui, Castilho aviva e reforça o elogio ovidiano à obra de Aracne com a utilização das palavras “vida” e “expressão própria”, apontando para sua exatidão sugerida desde o primeiro verso da passagem (o já indicado “imita” castilhiano que reelabora o *designat* latino). Além disso, a estrutura paralelística com “cada”, bem como o uso da exclamação, são recursos que contribuem para este fim.

As descrições, a partir da separação que Castilho propõe mediante a intercalação de versos próprios, tomam ainda mais velocidade, chegando ao ponto de acompanhar em número os 5 últimos versos do excerto que apresentamos. As indicações dos mitos tornam-se progressivamente mais velozes e as referências cada vez mais vagas, demonstrando que ao nosso sensível tradutor pesou mais a dicção ovidiana do que a necessidade de elucidar as referências mitológicas apresentadas no original latino. Trata-se, novamente, de uma mostra de sua postura semi-fidelista semi-parafrasta (VIALE, 1868, p.145), que tende a manter a fidelidade ao original sem, no entanto, sacrificar o entendimento do leitor de seu tempo. Neste caso, sendo a enumeração dos mitos tecidos por Aracne um meio de demonstrar a forma que Ovídio, em sua obra, interliga os episódios, manter a brevidade das referências míticas é um dado de fidelidade.

Percebe-se que, além da distinção temática entre as descrições das duas obras de arte – a de Palas Atena é sublime e traz como tema a honra dos deuses; a de Aracne é erótica e traz como tema os desvios divinos – há uma diferença bastante significativa na ordenação, tanto espacial como discursiva, das tecelagens. Enquanto a obra da deusa é organizada de maneira formal e equilibrada, refletindo um certo classicismo estilístico, a obra de Aracne apresenta seu tema por meio de cenas de fluxo livre, desprovidas de uma organização espacial pormenorizada.

Barbara Pavlock, na obra *The Image of the Poet in Ovid's Metamorphoses*, aponta que a tapeçaria de Aracne poderia funcionar como um análogo gráfico, uma versão em miniatura, da narrativa fracamente estruturada de Ovídio – a qual, além disso, também busca enfatizar os assuntos amorosos e eróticos –, enquanto a tapeçaria de Minerva, tanto estética quanto ideologicamente, estão de acordo com a *Eneida* de Virgílio no que diz respeito à ordenação presente na éfrase do escudo de Eneias. A autora conclui que “Ovídio sugere, portanto, que as tapeçarias de Minerva e Aracne são versões microcósmicas de dois poemas épicos muito diferentes. Ao colocar essas duas tapeçarias em oposição uma à outra aqui, o poeta sugere que as metamorfoses se desdobram em uma tensão dinâmica com a *Eneida* (PAVLOCK, 2009, p.5. Trad. nossa)<sup>126</sup>. Por fim, podemos perceber a semelhança entre a tecelagem de Aracne e a do próprio Ovídio em suas *Metamorfoses* se levarmos em conta que, em ambas, há uma estrutura única, uma espécie de forma sem forma:

Enquanto o trabalho de Minerva tem uma estrutura formal claramente definida, um painel central com Júpiter em seu centro (72) e quatro painéis de canto (85, cf.98) com uma franja circundante (101-2), a tapeçaria de Aracne tem dentro de sua franja (127-8) uma sucessão direta de cenas cujo arranjo e proporção reais não são apresentados como partes integrantes do *design*. A sequência de histórias não parece funcionar no sentido de aperfeiçoar qualquer plano ou arranjo coerente, mas, sim, estar ganhando importância a partir de referências cruzadas entre si ou de paralelos no trabalho de Minerva. Frouxidão da forma, fusão de identidades poéticas romana e alexandrina, sutileza de alusão e contraponto, tema que nada mais é do que uma exposição de *caelestia crimina* em situações amorosas, todos esses elementos que tanto provocam a fúria de Minerva são curiosos, mas facilmente reconhecíveis como características estabelecidas da tecelagem estendida de Ovídio nas *Metamorfoses*. É aqui que a analogia *pictura / poesis* se torna totalmente válida, tornando a tapeçaria de Aracne um sucesso artístico porque em tantos níveis ela corresponde, e até mesmo representa em miniatura, a tapeçaria maior da qual é uma pequena parte. (HARRIES, 1990, p.75)<sup>127</sup>

<sup>126</sup> “Ovid thus suggests that Minerva’s and Arachne’s tapestries are microcosmic versions of two very different epic poems. By setting these two tapestries in opposition to each other here, the poet implies that the *Metamorfoses* unfolds in a dynamic tension with the *Aeneid*.”

<sup>127</sup> “And it has its own kind of formless form. Whereas Minerva’s work has a clearly defined formal structure, a central panel with Jupiter at its centre (72) and four corner-panels (85, cf.98) with a surrounding fringe (101-2), Arachne’s tapestry has within its fringe (127-8) a straightforward succession of scenes whose actual arrangement and proportion are not featured as integral parts of the design. The sequence of stories does not seem to work towards perfecting any coherent plan or arrangement, but rather to be gaining in significance from cross-references to one another or to parallels in Minerva’s work. Looseness of form, fusion of Roman and Alexandrian poetic identities, subtlety of allusion and counterpoint, subject-matter which is nothing less than an exposé of *caelestia crimina* in amatory situations, all these elements which so provoke Minerva’s fury are curiously but easily recognizable as established features of Ovid’s extended weaving in *Metamorphoses*. It is here that the *pictura/poesis* analogy comes fully into its own, making Arachne’s tapestry an artistic success because at so many levels it corresponds to, and even represents in miniature, the greater tapestry of which it is a small part.”

Portanto, levando em conta que o poema de Ovídio contém muitas narrativas amorosas envolvendo os deuses e potencialmente expondo-os ao ridículo, observa-se uma identidade do poeta com Aracne: ele se coloca implicitamente na posição da jovem em relação aos poderes autoritários da deusa Palas, sugerindo que suas *Metamorfoses* também podem estar sujeitas a estas forças. A tradução de Castilho, ao ampliar o elogio do narrador à obra de Aracne, logra evidenciar que, apesar de a obra da jovem apresentar tanta “vida” e “expressão própria”, é impossível superar o poder divino.

#### II. 4. A TRADUÇÃO COMO METAMORFOSE

Conforme buscamos apontar, há muitos aspectos que fazem das *Metamorfoses* ovidianas uma obra *sui generis* no paradigma da poesia épica, o que lhe garantiu uma vasta e rica recepção entre poetas e tradutores – em especial no século XIX português, enfoque deste trabalho. Por meio desta breve apresentação da tradução castilhiana, pretendemos demonstrar como a unicidade das *Metamorfoses* ovidianas foi reconstruída por Castilho em seu texto. É notável, pela manipulação que faz do texto original, o vasto conhecimento de Castilho acerca da literatura clássica antiga, em especial da obra de Ovídio, da qual foi produtivo tradutor.

Retornemos, então, a Haroldo de Campos e ao seu breve ensaio *Uma Metamorfose*, publicado na *Folha de São Paulo* em 1994, com o qual apresentamos a tradução castilhiana por meio do breve elogio que o autor confere a ela. Mediante um percurso que parte de Ezra Pound e culmina na apresentação de sua própria tradução para o episódio da morte de Narciso (*Ov. Met.* III, v.407-510), Haroldo trata as *Metamorfoses* ovidianas como afim à épica contemporânea e ao romance, centrando seus argumentos na estrutura dos *Cantos* poundianos como um exemplo desse tipo de épica.

Para o tradutor da *Ilíada*, o fato de as *Metamorfoses* não terem uma unidade tão marcada como os outros épicos da Antiguidade conferem um “gosto moderno” à obra, e essa modernidade se dá por meio de dois aspectos: o primeiro deles é o fluxo contínuo desse *carmen perpetuum*, que se assemelha à epopeia sem enredo (*plotless epic*) exercida por Pound; o segundo é a linguagem ovidiana, cuidadosamente trabalhada e permeada por aspectos retóricos, que poderia “ser reivindicada como legado no plano textual por poetas requintados como, de maneira distinta, Paul Valéry na área francesa e José Lezama Lima, cubano, na de língua espanhola” (CAMPOS, 1994, p.1).

Haroldo afirma que, para Ezra Pound, as *Metamorfoses* eram um livro sagrado e, tanto a obra em si quanto a sua temática, reaparecem frequentemente em seus ensaios e no seu

exercício épico que são *Os Cantares (The Cantos)*. Segundo Peter Davidson (DAVIDSON, 1995, p. 116-117), a metamorfose, tanto para Ovídio como para Pound, não é uma ação de simples interpretação, pois a mudança de forma associa-se com o alcance das ideias expostas. Utilizando, então, elementos da obra ovidiana em seu próprio poema épico, Pound alcançou indicar literariamente a pujança e atualidade da obra ovidiana no século XX, ou seja, em nossos termos, metamorfoseou o texto ovidiano para aquele seu leitor imediato. Da mesma forma, Castilho também o fez por meio de sua tradução no século XIX e, levando em conta que tantos outros classicistas continuam a fazê-lo até hoje, de certo Haroldo de Campos e os tradutores contemporâneos concordariam com a afirmação de Castilho que abre o nosso capítulo: “a reconciliação e o restaurar convivência sincera com os grandes poetas antigos é, portanto, ou muito nos enganamos, senão uma necessidade absoluta, uma grandíssima conveniência” (CASTILHO, 1858, p.22), e acrescentamos, que se dá por meio de sua metamorfose-tradução.

Ainda, se considerarmos que o tradutor é uma espécie de coautor da obra que traduz, devemos aceitar que toda tradução, assim como as obras originais, traz marcas de autoria. Essas marcas se refletem em cada escolha – lexical, métrica, gramatical, entre outras – feitas pelo tradutor para a construção de um texto que, apesar de pretender ser o mesmo, é inevitavelmente outro. Conforme demonstramos no decorrer deste capítulo, as escolhas de Castilho trazem fortes marcas de autoria, principalmente no que diz respeito à sua manipulação com os gêneros poéticos, que é reforçada por meio de mudanças de metro e de dicção dentro de sua tradução. Segundo Mauri Furlan, em sua introdução para a tradução coletiva das *Metamorfofes*:

tradução é metamorfose. E nessa metamorfose se encontra a maior possibilidade de os grandes textos literários, os clássicos, serem lidos universalmente. A tradução é um prolongamento inevitável da literatura, e deve prestar contas a ela. A possibilidade de a tradução tornar-se texto, obra literária, surge quando o texto fonte se trans-porta e é transportado – por detrás dessa metáfora, que significa que a tradução não pode ser somente passiva se quiser que o texto primeiro continue vivo, há uma concepção de tradução que extrapola aquela noção tradicional que dá primazia ao sentido em detrimento da forma, e o faz mediante uma concepção histórico-materialista da linguagem que põe fim ao reinado do sentido objetivo, imanente, imutável, ahistórico, historicizando a escrita e o escritor, a leitura e o leitor, a tradução e o tradutor. (FURLAN, 2017, p.17)

A tradução de Castilho, como demonstramos no encalço do breve elogio de Haroldo no início do capítulo, está longe de ser “somente passiva” e, por isso, atinge alta qualidade literária e cumpre com o objetivo de fazer com que o “texto primeiro continue vivo”. Ela é, pois, uma metamorfose. Ítalo Calvino, em sua obra *Por que ler os clássicos*, afirma que a metamorfose “pretende que as novas formas recuperem tanto quanto possível os materiais das velhas” (1993, p.20). Percebemos que a tradução castilhiana recupera, de fato, os “materiais” da obra original

e, algumas vezes, até os intensifica. Por isso, é de extrema importância que se coloque esta tradução, “que envelheceu, mas é de boa cepa” (CAMPOS, 1994, p.3), à disposição do público, mesmo após tanto tempo.

No próximo capítulo, apresentaremos a descrição do manuscrito castilhiano, juntamente com os nossos critérios de edição e com o mapeamento das anotações marginais que indicam as faltas decorrentes do desaparecimento de um dos volumes desta tradução integral. Devido ao fato de a Crítica Textual – disciplina que pauta a nossa metodologia para o tratamento do manuscrito de Castilho – ser assunto de poucos trabalhos teóricos, oferecemos um breve percurso histórico de sua consolidação como disciplina, bem como a metodologia científica que está por trás das edições de todas as obras literárias a que temos acesso. Com isso, esperamos que este trabalho possa ser útil para outros pesquisadores que empreenderem o trabalho tão importante de suprir as lacunas existentes na nossa história da recepção de traduções antigas para autores clássicos.

### **III.**

**CRÍTICA TEXTUAL: DEFINIÇÃO, MÉTODOS E CRITÉRIOS PARA A  
EDIÇÃO DO MANUSCRITO DA TRADUÇÃO CASTILHANA PARA AS  
*METAMORFOSES* DE OVÍDIO**

## **CRÍTICA TEXTUAL: DEFINIÇÃO, MÉTODOS E CRITÉRIOS PARA A EDIÇÃO DO MANUSCRITO DA TRADUÇÃO CASTILHIANA PARA AS *METAMORFOSES* DE OVÍDIO**

A necessidade de construir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual.  
(AUERBACH, 1972, p.11)

### **III. 1. A CRÍTICA TEXTUAL**

#### **III. 1.1. O QUE É A CRÍTICA TEXTUAL? APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS**

A literatura, qualquer que seja o lugar e o tempo em que floresce, sempre parte de um original, ou seja, de um escrito assinado por um autor e destinado à divulgação, podendo ser manuscrito, datiloscrito ou impresso. Este original é denominado *fonte primária* – documento mais puro e original sobre um dado testemunho. Na maioria dos casos, essa fonte primária encontra-se no estado manuscrito e representa a vontade mais pura de um determinado autor. A área de estudos destinada à recuperação desta vontade autoral de uma obra é a Crítica Textual<sup>128</sup>, “uma arte que oferece uma série de conselhos gerais extraídos de uma prática plurissecular sobre os casos individuais de natureza muito diversa” (BLECUA, 1983, p.9. Trad nossa)<sup>129</sup>.

Diz-se que a crítica textual é uma prática plurissecular pois está sendo exercitada, com métodos mais ou menos rigorosos e científicos, desde o surgimento da escrita<sup>130</sup>. A busca pelo método mais eficaz para a recuperação desta mencionada vontade autoral – ou seja, pautada por escolhas não-subjetivas por parte do editor para que o texto seja restituído à sua genuinidade – remonta às origens da própria filologia, área do saber que está ligada à concepção do livro como

---

<sup>128</sup> Há uma confusão no que concerne à terminologia dada a esta área de trabalho: os termos *Crítica Textual* e *Ecdótica* são muitas vezes usados como sinônimos e não há um consenso sobre a área de conhecimento que cada um deles abrangeria. Segundo Cambraia (2005), porém, há uma diferença entre os dois: por crítica textual entende-se os procedimentos feitos para a restituição da forma genuína dos textos, ou seja, os procedimentos necessários para a sua fixação ou estabelecimento; por ecdótica entende-se o campo de conhecimento que abrange, para além do estabelecimento dos textos, a sua apresentação e a sua edição. É possível concluir, portanto, que ambos os campos de conhecimento são parte de um só processo que visa ao exame exaustivo de certa tradição manuscrita com vistas a estabelecer a autenticidade de um texto. Considerando esta distinção proposta por Cambraia, pode-se entender a ecdótica como uma etapa posterior à crítica textual, pois é a responsável pela etapa final da apresentação de um texto, ou seja, por sua recepção, sua apresentação ao público.

<sup>129</sup> “[...] es un arte que ofrece una serie de consejos generales extraídos de una práctica plurissecular sobre los casos individuales de naturaleza muy diversa.”

<sup>130</sup> “Todo o percurso histórico da filologia e da crítica textual está ligado à escrita enquanto meio por excelência para preservar e transmitir conhecimentos. Na verdade, desde a invenção da escrita que a nossa civilização se baseia fundamentalmente no livro ou em documentos escritos, que nos transmitem o saber e a experiência dos antepassados” (DUARTE, 2019b, p. 32).



transmissor de significados fundamentais – *res* – por meio de significantes únicos – *uerba*.<sup>131</sup> Qualquer alteração destes poderia causar uma verdadeira catástrofe, pois há textos que se caracterizam como verdadeiros pilares do saber e da cultura ocidental, a qual, como se sabe, é baseada na palavra escrita e na sua interpretação<sup>132</sup>.

Desta forma, a crítica textual é consequência da necessidade das civilizações dotadas de uma tradição escrita de preservar o seu patrimônio cultural e, por muito tempo, foi feita “sob a sombra da velha Filologia, a disciplina que englobava todas as áreas de conhecimento relacionadas com o amor pela palavra” (DUARTE, 2019b, p.28). Além desta dedicação à palavra, a filologia e a crítica textual contêm, em suas bases mais fundamentais, aquilo que é essencial para a constituição de um saber escrito: desde a Antiguidade Clássica, quando os primeiros filólogos gregos – os alexandrinos – se preocuparam em disponibilizar os textos dos seus maiores autores (em particular Homero), editando as diversas tradições divergentes para tornar o texto inteligível para as gerações posteriores, ou mesmo quando os críticos textuais modernos estudam a arte da escrita dos grandes escritores do nosso tempo por meio de manuscritos autógrafos e tradições divergentes, observamos que o manuscrito é elevado à importante categoria de objeto de estudo e, além disso, de documento. Com isso, entende-se que o manuscrito passou a ser visto como uma forma de registro escrito dos atos e pensamentos respectivos a um dado período e, também, como um registro de comportamentos de escrita<sup>133</sup>. Ambas as perspectivas são de grande importância para a gênese das edições críticas – feitas sobre bases científicas –, pois a realidade material do objeto de estudo não pode ser alheia à sua realidade histórica.

Restringindo-nos ao âmbito literário, muitas das áreas de conhecimento que foram consideradas como filológicas (como, por exemplo, aquelas relacionadas com a linguagem e a literatura em uma perspectiva diacrônica) evoluíram e constituíram-se como disciplinas com objetos e métodos autônomos, por intermédio de recortes mais especializados e métodos mais específicos. Com este processo de particularização, o objeto basilar da filologia – ou seja, o

---

<sup>131</sup> “La búsqueda de un método que permitiera eliminar en lo posible lo subjetivo se remonta a los orígenes de la filología y se halla estrechamente ligada a la concepción del libro como transmisor de unos significados fundamentales – la *res* –, que se conformaban a su vez a través de unos significantes únicos – los *uerba*”. (A busca por um método que possibilitasse a eliminação do subjetivo remonta às origens da filologia e está intimamente ligada à concepção do livro como transmissor de significados fundamentais – os *res* –, que por sua vez se conformavam por meio significantes únicos – os *uerba*) (BLECUA, 1983, p.9. Trad. nossa).

<sup>132</sup> Fora do âmbito da literatura, pode-se citar, por exemplo, o caso de textos sagrados (como a Bíblia cristã, alvo de inúmeras edições críticas) e de textos de autores clássicos como Platão e Aristóteles, que tiveram suma importância para a formação e consolidação do saber ocidental.

<sup>133</sup> Ao encarar o manuscrito como um registro de atos e pensamentos de um dado período, tem-se uma perspectiva histórica e filológica; ao encarar o manuscrito como um registro de comportamentos de escrita, tem-se uma perspectiva manuscritológica.

texto em sua existência tanto histórica como material – não adentrou nenhuma destas disciplinas. Entretanto, sabe-se que todo e qualquer texto apresenta dois aspectos básicos, o acessório e o essencial (CANDIDO, 2005, p.13). O primeiro aspecto diz respeito à sua realidade material – ou seja, à caligrafia (*ductus*), ao tipo de papel, ao estado de conservação do texto (aspectos filológicos, portanto). O segundo, à sua realidade íntima – ou seja, ao seu significado, ao alcance artístico (aspectos linguísticos). O estudo de textos literários baseados em princípios filológicos, ou seja, pautados na Crítica Textual, é capaz de recuperar a essência do texto nestes dois aspectos, pois

por um lado, na medida em que se vai às fontes, realiza-se importante função do trabalho filológico, de acordo com Spina (1994), em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a sua gênese e transmissão. Por outro, por se tratar de trabalho que tem como base o confronto do conjunto de testemunhos que compõem a tradição de determinada obra, pratica-se o estudo das transformações pelas quais o texto passou, do estilo do autor e do que se denomina em Filologia o seu *usus scribendi*, isto é, a utilização estilística da língua pelo autor e as formas linguísticas de uma determinada época. (FACHIN *et al.*, 2017, p.176-177)

Em virtude desta aplicação da Crítica Textual para o estudo das formas linguísticas de uma determinada época e, além disso, à sua condição como um dos ramos da História, é possível observar um ponto de contato entre esta disciplina e a linguística histórica – produtos da antiga filologia –, já que ambas partilham o texto e o discurso como objetos de pesquisa<sup>134</sup>. Apesar de partilharem o mesmo objeto, a perspectiva de cada uma frente ao texto confere à estas duas disciplinas uma esfera de atuação bastante diferenciada, já que, enquanto a Crítica Textual se ocupa do texto enquanto processo – ou seja, estuda comportamentos linguísticos em referência a certos valores, ideias e convenções – a linguística histórica enxerga o texto como produto – ou seja, utiliza o texto apenas como testemunho de alguma realidade ou evolução linguística. Entende-se, assim, que a Crítica Textual encara o texto como discurso, ao contrário do que acontece com a Linguística Histórica, que encara o texto como documento<sup>135</sup>.

---

<sup>134</sup> Sigo as conceituações acerca de texto e discurso propostas por Luiz Duarte: “Por texto, entenderemos qualquer unidade de linguagem, escrita ou oral, dotada de uma estrutura determinada por regras de cariz social que a tornam um instrumento de comunicação entre indivíduos que realizam o mesmo sistema linguístico. [...] discurso será aqui entendido como um processo definido por atos linguísticos de referência (elaboração conceitual) e de vinculação de significados a significantes (definindo conteúdos) que são praticados pelo sujeito falante (ou escrevente), com vista a estabelecer comunicação em tempo real com os seus interlocutores” (DUARTE, 2019b, p.48).

<sup>135</sup> “[...] a crítica textual encara o texto como discurso: em termos absolutos, quando encara o texto de um manuscrito como uma realidade que é objeto de estudo por aquilo que é e não pelo que poderia ter vindo a ser; e em termos relativos, quando o encara como uma simples virtualidade” (*Ibidem*, p.49)

O crítico textual jamais poderia entender a escrita de um texto como um dado fixo – em outras palavras, como um produto –, pois a primeira postura deste teórico, ao abordar um texto qualquer por meio de uma perspectiva técnica e científica, é encarar a sua realidade como algo pertencente a um todo maior, já que dificilmente se encontra um manuscrito, autógrafo ou não, sem outro – ou outros – testemunho variante. Assim, temos que a Crítica Textual, com seu trabalho sobre a linguagem e sobre os discursos encontrados em um manuscrito, é capaz de conferir à Linguística Histórica uma infinidade de materiais de estudo, além de ultrapassar seu âmbito de atuação pelo fato de a crítica textual ter a

[...] condição de disciplina que se ocupa de duas dimensões processuais: a do processo discursivo, na medida em que estuda determinados aspetos da linguagem utilizada, reforçando a perspectiva diacrónica ao analisar o diferencial entre um estado anterior (o discurso de primeira mão, por exemplo) e um estado posterior (o discurso de primeira mão depois de corrigido e passível de ser novamente corrigido); e a do processo material, ao ocupar-se dos materiais físicos utilizados pelo autor ou pelos agentes da tradição ao longo do processo de construção ou de transmissão do texto (e neste processo são agentes os suportes, como os papéis, as tintas ou quaisquer dos instrumentos de escrita utilizados, os traços gráficos do autor, os códigos usados para o alinhamento dos elementos em situação de transformação, etc.) (DUARTE, 2019b, p.49-50).

A dimensão do processo discursivo dá-se em razão de que, até o surgimento dos computadores, que permitem revisões e aprimoramentos constantes, facilitados e simultâneos ao processo de criação, um texto nunca era escrito uma só vez. Seja por aprimoramento da obra por parte do autor, seja por cópias manuscritas feitas com fins de divulgação (até o surgimento da imprensa), antes de um texto ser estabelecido há diversos testemunhos para uma obra. Essas múltiplas versões são chamadas, em erudição literária, *variantes*. Sabendo que a crítica textual visa a gerar uma obra de absoluto respeito ao trabalho autoral, o estudioso que se propõe a dar luz a uma edição crítica deve comparar todas as variantes de um texto e selecionar as melhores, registrando todas as disponíveis de forma a escancarar o critério de edição seguido por ele.

Uma edição crítica, portanto, é feita por meio da junção de dois elementos principais, sendo eles o estabelecimento de um *texto crítico* – atingido após a etapa de seleção de variantes – e um *aparato crítico* – que é o registro das variantes disponíveis. Este constitui-se como um sistema de notação que tem como principal objetivo o registro da sucessão temporal não apenas das variantes, mas também das emendas presentes em um determinado testemunho. Tem-se, se respeitadas todas as fases do processo de elaboração de uma edição crítica, um texto que se aproxima o máximo possível daquilo que o autor pretendeu como forma final, já que

a Crítica Textual, com o seu método rigoroso de investigação histórico-cultural e genética, toma os textos como expressões da cultura pessoal ou

social, com as preocupações fundamentais de averiguar a autenticidade dos mesmos e a fidedignidade da sua transmissão através do tempo, e de cuidar de interpretá-los, prepará-los e reproduzi-los em edições que se identifiquem ou se aproximem o mais possível da vontade dos autores ou dos testemunhos primitivos de que temos conhecimento (CARVALHO E SILVA, 1994, p.57).

Mas, evidentemente, o resultado da elaboração de uma edição crítica dependerá do objetivo que o editor tem em vista ao se debruçar sobre uma obra qualquer. Há três diferentes modalidades de crítica textual, as quais, por sua vez, objetivam três distintos fins: a crítica textual tradicional, a crítica textual moderna e a crítica textual genética. Se o objetivo do editor é ocupar-se do texto para restituí-lo a uma forma que se aproxime o máximo possível de um original perdido, utilizando-se de conjecturas e considerando o modo como ele foi transmitido ao longo do tempo por meio de cópias – que, por sua vez, geram divergências nos testemunhos –, o trabalho do editor enquadra-se na crítica textual tradicional. Se, por outro lado, seu objetivo é conservar de um texto – autógrafa ou não – todas as lições que ali encontra, restringindo sua ação conjectural para que se representem fielmente o texto original de determinado autor, este trabalho condiz ao que se define como crítica textual moderna. Por fim, se o objetivo do editor é estudar a história da gênese de um texto, desde suas primeiras escritas até a sua forma final, está sendo feita a crítica textual genética<sup>136</sup>.

Independentemente da modalidade a ser seguida, convém ressaltar a dificuldade – ou até mesmo a impossibilidade – de restituir integralmente a intenção autoral. Ao editor crítico de textos alheios cabe a necessidade de tomar decisões em pontos nos quais o autor não as pode tomar e

Assim, o autor-no-seu-texto, ou a vontade-de-autor, mais parece uma espécie de Graal que todos os editores críticos modernos (frequentemente se crendo clones de Galahad) a cada momento julgam ter encontrado, para logo depois descobrirem, ou outrem por eles, que, não se sendo o verdadeiro Galahad (ou seja, o autor), será necessário empreender uma nova demanda, ou então dela desistir, pois na maior parte das vezes o Graal subiu aos céus – tornando-se assim inatingível –, levado por uma mão sem corpo: a mão do autor. (DUARTE, 2019b, p.99)

Apesar desta impossibilidade de atingir a verdadeira vontade autoral, o que editor pode fazer é representar o original que tem em mãos. Esta representação pode ser levada a cabo de diferentes maneiras, segundo os objetivos da edição crítica que pretende dar à luz e o conjunto de técnicas a ser aplicado, o qual deve ser preestabelecido e estudado de antemão. Há cinco

---

<sup>136</sup> Definições mais pontuais acerca destas modalidades da Crítica Textual serão apresentadas no item 1.2. desde capítulo.

diferentes tipos de edição, as quais variam de acordo com os graus de mediação do editor (CANDIDO, 2005, p.48-49; CAMBRAIA, 2005, p.89-96; SPINA, 1994, p.77-79):

- 1) Edição fac-similar: trata-se de uma edição que apresenta um grau zero de mediação por parte do editor, pois, nela, é reproduzida a imagem de um texto por intermédio de meios mecânicos, como a fotografia e o xerox.
- 2) Edição diplomática: aqui, tem-se a primeira forma de mediação do texto por parte do editor, porém ainda de forma bastante discreta. Há, portanto, um grau baixo de mediação, pois, neste método, é feita uma transcrição bastante rigorosa e conservadora de todos os elementos do texto, mantendo abreviações, gralhas, sinais de pontuação, paragrafação, separação vocabular... ou seja, tudo é transcrito da maneira exata como aparecem na mancha do manuscrito original. O que ocorre neste tipo de edição é, portanto, apenas a mudança do suporte do texto que, do manuscrito, passa ao texto digitado.
- 3) Edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa: este tipo de edição, segundo Spina, representa “[...] uma tentativa de melhoramento do texto, com a divisão das palavras, o desdobramento das abreviaturas (trazendo as letras, que não figuram no original, colocadas entre parênteses)”, tratando-se, então, de “uma forma de interpretação do original, pois elimina as dificuldades de natureza paleográfica suscitadas pela escritura (1994, p.79).
- 4) Edição paleográfica: há, neste tipo de edição, um grau médio de mediação, pois, no processo de transcrição, são realizadas algumas mudanças no texto original com vistas a torná-lo mais apreensível ao público. Além de operações como o desenvolvimento de abreviaturas – observadas nas edições semidiplomáticas –, podem ser feitas inserções e supressões de passagens por conjectura, retificações de falhas no processo de cópia do texto, dentre outras.
- 5) Edição interpretativa: aqui apresenta-se o grau máximo de mediação por parte do editor. Assim como na edição paleográfica, são feitas operações de desenvolvimento de abreviaturas e retificações de falhas de cópia. Porém, além disso, é feita uma uniformização gráfica e as conjecturas compreendem intervenções interpretativas do editor. Os procedimentos da edição interpretativa garantem um texto acessível à um público mais amplo que as outras edições pois, com a uniformização, desaparecem as dificuldades gráficas do texto. Não se pode deixar de considerar, entretanto, que a edição interpretativa oferece apenas uma leitura dentre as várias

possíveis de um texto – razão pela qual recebe este nome. Segundo Cambraia, “sua maior qualidade – a acessibilidade – determina igualmente seu maior defeito – a subjetividade” das escolhas do editor (2005, p.97).

A escolha por um destes tipos fundamentais de reprodução exige um especial estudo por parte do editor, pois cada um deles possui características próprias e distintas entre si. Deve-se observar atentamente, portanto, o público-alvo almejado e a existência de edições prévias (CAMBRAIA, 2005, p.90). Conforme aumenta o grau de mediação do editor, o texto torna-se mais inteligível, o que pode ser adequado a um público que esteja interessado essencialmente no conteúdo do texto. Por outro lado, uma reprodução menos mediada pelo editor pode ser proveitosa, por exemplo, a um filólogo ou linguista que se interesse pelas transformações sofridas por uma determinada língua, ou à um leitor que se interesse por acompanhar o processo de gênese de um texto. Em certas épocas e gêneros, a adaptação dos textos a um público novo por meio de mediações editoriais era considerada como um fenômeno normal, o que nos leva a concluir que “a crítica textual se exerce sobre um texto concreto que foi composto e transmitido em determinadas circunstâncias históricas e, como tais, nunca idênticas. Crítica textual e história da transmissão são, por conseguinte, inseparáveis” (BLECUA, 1983, p.12. Trad nossa)<sup>137</sup>.

Por fim, convém ressaltar que, apesar da nítida importância destas práticas para o estabelecimento da cultura escrita, a crítica textual é um campo de conhecimento bastante menosprezado na área das letras. Barbara Spaggiari e Maurizio Perugi, em sua obra *Fundamentos da Crítica Textual* (2004), oferecem uma interessante explicação para este descaso ao afirmarem que “[...] a percepção da obra de arte é eminentemente estática, e por conseguinte, inclinada a desvalorizar qualquer operação antecedente ao resultado final” (p.199). Isso explica o porquê de não haver tanto prestígio na tradição, em língua portuguesa, de publicar trabalhos teóricos neste domínio: não há um grande interesse, por parte tanto do público leitor como dos estudiosos da literatura, por aquilo que vem antes do estabelecimento de um texto na forma final de um livro.

Este processo, no entanto, é de fundamental importância para a autenticidade de qualquer produção escrita, seja ela literária ou não, já que esta disciplina é determinante “na medida em que condiciona os objetos daquelas [outras] disciplinas e influi, conseqüentemente, na qualidade e no alcance dos respectivos produtos” (DUARTE, 2019b, p.40). Assim, o crítico

---

<sup>137</sup> “La crítica textual se ejerce sobre un texto concreto que ha sido compuesto y se ha transmitido en unas determinadas circunstancias históricas y, como tales, nunca idênticas. Crítica Textual e historia de la transmisión son, por consiguiente, inseparables.”

textual – ou editor crítico – é o responsável por guardar a integridade das mais importantes obras de nossa literatura e de nossa cultura e, com isso,

estabelecer na forma impressa, usando convenções regulares, entendidas e acordadas, que devem ser tão simples e claras quanto possível (para que leitores não especialistas possam compreender com o mínimo de dificuldade), uma representação clara e correta do texto original (DOW, 1969, p.2. Trad. nossa)<sup>138</sup>.

Feitos estes apontamentos introdutórios acerca desta herdeira da antiga filologia, a seguir será apresentado um breve panorama acerca da evolução dos procedimentos da Crítica Textual no decorrer da história, com o objetivo de demonstrar o crescente avanço científico de seus métodos e a diminuição, portanto, das intervenções subjetivas e arbitrárias dos editores.

### III. 2. A CRÍTICA TEXTUAL NA HISTÓRIA E SEUS MÉTODOS

A data da invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, em meados do século XV, é um importante e decisivo marco na história mundial. Até então, a cópia manuscrita era a única forma com que os homens repassavam e consolidavam a memória coletiva, transmitindo o patrimônio cultural da nossa civilização nos mais variados campos de conhecimento. Neste contexto em que as obras eram transmitidas utilizando-se da cópia manual, era inevitável que os textos sofressem alterações, seja por erros no deciframento da caligrafia, seja por distrações por obra do árduo e constante trabalho dos copistas.

Pode-se entender o surgimento e aprimoramento da crítica textual em três momentos decisivos. O primeiro deles é marcado pelas atividades dos filólogos alexandrinos, que foram de extrema importância para a consolidação deste campo de conhecimento, sendo os iniciadores da crítica textual, apesar seu método de trabalho ser, ainda, bastante primitivo (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p.25). Temos, com os alexandrinos, um momento decisivo para a filologia: a recuperação da herança literária grega passou a ser vista como “uma necessidade para o renascimento e vida futura da poesia” e, também, como “uma obrigação para com as conquistas de épocas passadas que deram origem às obras-primas da literatura helenística” (PFFEIFER, 1998, p.88. Trad nossa)<sup>139</sup>. Para tal,

a primeira tarefa era coletar e armazenar os tesouros literários para salvá-los para sempre. É precisamente a esse período, as últimas décadas do século IV a.C., que podemos atribuir o mais antigo dos papiros que surgiram no Egito e

<sup>138</sup> “[...] set forth in print, by use of regular, understood, agreed-upon conventions, which shall be as simple and clear as possible (so that non-specialist readers can comprehend with a minimum of difficulty), a clear and correct representation of the original text.”

<sup>139</sup> “This was felt to be, first of all, a necessity for the rebirth and future life of poetry, and secondly an obligation to the achievements of past ages which had given birth to the masterpieces of Hellenic literature”.

que pôde nos fornecer espécimes reais de livros gregos. Podemos até supor que a mudança significativa na natureza da escrita grega que ocorreu na primeira metade do século III a.C. pode ter acontecido devido ao senso estético dos grandes poetas eruditos. Esses livros foram os meios necessários para a regeneração da poesia, bem como para o nascimento e crescimento da erudição. Percebemos como foi importante o progresso gradual da produção de livros nos séculos anteriores. (*Ibidem*, p.102-103. Trad nossa)<sup>140</sup>.

Percebe-se, desta forma, que o livro teve papel fundamental para a atividade dos alexandrinos, o que pôde gerar uma mudança que não se restringiu apenas ao campo filológico: a partir deste momento, inicia-se uma nova era da vida cultural grega, na qual o livro é a principal marca por mérito de o sistema de escrita grego ser acessível a todos. Ainda segundo Rudolf Pfeiffer, as grandes bibliotecas alexandrinas “não eram bibliotecas de templos ou palácios para as quais uma minoria privilegiada fosse admitida, mas estavam abertas a todos os que fossem capazes e quisessem ler e aprender” (*Ibidem*)<sup>141</sup>.

Os alexandrinos desenvolveram um método conjectural para a fixação dos textos que corrigia as lições duvidosas dos testemunhos de acordo com o *usus scribendi* do autor e com as regras de gramática e versificação em uso para determinado gênero. É graças a eles, ademais, que houve o florescimento da gramática antiga, já que o estudo filológico era feito em conjunto com as premissas gramaticais e os campos de atuação, tanto do *philologus* como do *grammaticus*, já não se distinguiam de maneira clara (FORTES & SÁ FREITAS, 2015, p.5). O objetivo principal da filologia, nesta época, era explicar e preservar os textos, principalmente os poéticos. Desta forma, pode-se entender que

A filologia é a grande tarefa do estudo da linguagem durante o período helenístico em Alexandria. Seu objetivo principal foi a explanação dos textos dos antigos poetas, principalmente Homero. Como a antiga literatura grega usava dialetos locais e velhas formas do discurso que tinham se tornado obsoletas em face da expansão do dialeto ático como língua comum a toda a Grécia, os filólogos alexandrinos eram levados a estudar as antigas fases da língua e os traços distintivos dos dialetos gregos. [...] Os principais filólogos do período alexandrino foram Zenódoto (no século IV ou III a. C.); Aristarco, famoso como intérprete de Homero; e Apolônio Díscolo. (CÂMARA JR., 1986, p.19)

---

<sup>140</sup> “The first task was to collect and to store the literary treasures in order to save them forever. It is precisely to this period, the later decades of the fourth century b.c., that we can assign the earliest of the papyri which have come to light in Egypt and provide us with actual specimens of Greek books. We can even guess that the significant change in the nature of Greek writing which took place in the first half of the third century b.c. may have been due to aesthetic sense of the great scholar poets. These books were the necessary means for the regeneration of poetry as well as for the birth and growth of scholarship. We see how important the gradual progress of book production in earlier centuries was”.

<sup>141</sup> “[...] they were not temples or palace libraries which a privileged minority was admitted, but they were open to everyone who was able and willing to read and to learn”.



O segundo grande momento coincide com o período do Humanismo e da Renascença, quando a busca pelos originais manuscritos de obras clássicas romanas e gregas multiplicou as versões existentes de um mesmo texto, sendo necessária a criação de um método que fosse capaz de estabelecer a edição de um texto definitivo a partir das diferentes redações disponíveis. Os humanistas recorriam à correção do texto sem estabelecer a análise e a filiação das variantes de todos os testemunhos existentes para um determinado texto (*recensio*). Assim, estes filólogos se limitavam a realizar a seleção (*selectio*) de lições e a sua correção tanto com a ajuda de outros testemunhos (*emendatio ope codicum*) como por conjectura (*emendatio ope ingenii*).

Entende-se, portanto, que era praticada uma simples *recognitio* dos códices existentes, e não uma completa e exaustiva *recensio*. Até o século XIX, portanto, as edições críticas eram feitas arbitrariamente, de acordo com as escolhas do erudito responsável pelo estabelecimento do texto: este consultava as variantes disponíveis de uma determinada obra e colhia as lições<sup>142</sup> consideradas por ele como melhores, conforme corrigia arbitrariamente o texto lapidando as diversas variantes de uma passagem. O resultado desta ausência de método era o estabelecimento de um texto baseado em critérios subjetivos, cujos leitores não poderiam saber, com certeza, se o editor tomara as melhores decisões na escolha de uma lição mais recomendável que refletisse a autêntica vontade do autor.

Seguindo, ainda, a metodologia humanista, no século XVIII há lugar para um verdadeiro divisor de águas para a Crítica Textual, é nesse período

que assistimos à construção de métodos para a prática filológica sobre textos antigos e sagrados (a escola helenista e latinista e a *philologia sacra* de finais de setecentos) – em continuação de uma tradição que já remontava a São Jerónimo (séculos IV-V), tradutor do Antigo Testamento e dos Evangelhos para o latim, e que integrava filólogos como Maniacoria (século XII, no auge da eclosão da escrita nas culturas neolatinas), William Canter (século XVI), editor do orador grego tardio Aelius Aristides Adrianensis, os Beneditinos Mauristas (século XVII), editores dos textos de Santo Agostinho, John Mill (século XVIII), editor do Novo Testamento em grego, e Ritschl, editor de Dionísio de Halicarnasso (1838) –, mas rapidamente aplicados aos manuscritos medievais anteriores à invenção da tipografia (escola medievalista), na sequência da «descoberta» dos textos vulgares e do fascínio por eles provocado nos meios literários, filológicos e historiográficos (DUARTE, 2019b, p.29).

A terceira época de desenvolvimento da crítica textual se estende do século XIX até os dias de hoje<sup>143</sup>. Fala-se, aqui, de filologia moderna, que consiste em uma edição baseada em

<sup>142</sup> Entende-se *lição* como a variante preferida pelo editor. É também chamada *leitura*. (CANDIDO, 2005, p.36)

<sup>143</sup> É no século XIX que “criam-se então cursos universitários (por exemplo, no Collège de France em 1852 e na École Pratique des Hautes Etudes em 1868) e revistas de especialidade (*Romania*, 1872) preferencialmente dedicados ao estudo e à problemática de manuscritos enquanto veiculadores de textos literários medievais; publicam-se coleções de monumentos históricos e literários (Heinrich von Stein, *Monumenta Germaniae*

métodos verificados e garantidos, ainda que variantes de acordo com o país e com a escola adotada por cada editor. Os critérios para uma edição crítica realmente sistemática iniciam-se com o filólogo alemão Karl Lachmann (1793-1851), fundador do que se chama, modernamente, crítica textual. Apesar de nunca ter escrito, de maneira sistemática, um manual ou compêndio com seus princípios, no prefácio de sua edição a Lucrécio encontra-se a exposição de seus critérios metodológicos. Seu objetivo era a elaboração de um método de edição científico, afastado da aleatoriedade precedente, que pudesse dar como resultado a reconstituição objetiva de um texto. Sua contribuição para o sucesso das edições críticas consiste na divisão do processo em duas etapas: a *recensio* e a *emendatio*.

A primeira etapa constitui-se como uma exaustiva pesquisa dos manuscritos disponíveis para um texto com o fim de construir uma filiação das variantes – *stemma* – de aplicação mecânica para que seja possível efetuar a reconstrução de um arquétipo ou de um original. Assim,

ao contrário da filologia humanista, muito amiga da *emendatio ope codicum* ou *ope ingenii*, mas sempre acudindo ao juízo, Lachmann postulava uma *recensio sine interpretatione*, e só se permite acudir ao juízo quando duas variantes apresentam, de acordo com o *stemma*, igual autoridade. [...] Tendeu-se, em geral, a valorizar mais o juízo do filólogo e, por conseguinte, incluir novas fases entre a *recensio* e a *emendatio*: a *examinatio* das variantes para poder determinar se a tradição se faz ou não danificada, e a *selectio* ou seleção da variante que corresponde ao arquétipo (BLECUA, 1983, p.31-32. Trad. nossa)<sup>144</sup>.

A segunda etapa tem como fim dar um texto crítico concreto aos leitores. Trata-se de uma fase decisória e pragmática que busca ao máximo escancarar seus métodos ao leitor crítico, de forma que as escolhas do editor deixam de ser subjetivas e arbitrárias e passam a seguir uma metodologia bem delimitada e objetiva.

Há diversos manuais que auxiliam a compreensão das diversas fases constantes neste método científico de edição, dentre os quais estão, para citar alguns, Spina (1977), Spaggiari e Peruggi (2004), Cambraia (2005), Blecua (1983), Houaiss (1967) e West (2002). Vale ressaltar,

---

*Historica*, 1819; Jean-Marie Pardessus, *Diplomata, chartae, epistolae, leges aliaque instrumenta ad res gallo-francicas spectantia*, 1843, 1849; Alexandre Herculano, *Portugaliae Monumenta Historica*, a partir de 1856); e desenvolvem-se métodos científicos para classificação de manuscritos com vista ao estabelecimento dos respetivos textos e à reconstituição de uma autenticidade perdida (DUARTE, 2019b, p.30).

<sup>144</sup> “En contra la filología humanista, muy amiga de la *emendatio ope codicum* u *ope ingenii*, pero siempre acudiento al *iudicium*, Lachmann postulaba una *recensio sine interpretatione*, y sólo se permite acudir al *iudicium* cuando dos variantes presentan, de acuerdo con el *stemma*, igual autoridad. [...] Se tendió, en general, a valorar más el *iudicium* del filólogo y, por consiguiente, a incluir dos nuevas fases entre la *recensio* y la *emendatio*: la *examinatio* de las variantes para poder determinar si la tradición se halla o no dañada y la *selectio* o selección de la variante que corresponda al *arquetipo*”.

entretanto, que, apesar de transmitirem o conhecimento inicial desta ciência e seus procedimentos,

nem sempre a tradição de determinada obra é modelar como nos manuais de Crítica Textual conhecidos. Não se trata de um mero seguimento técnico de procedimentos preestabelecidos. Definitivamente, não há uma receita para o trabalho filológico de Crítica Textual. Isso não implica abrir mão de metodologias. Vai por um caminho muito tortuoso quem age assim ou procura sucumbir histórias complexas de transmissão textual e literária aos limites impostos pela cientificidade de métodos elevados a cânone. (FACHIN *et al.*, 2017, p.173)

A primeira etapa – *recensio* – pode subdividir-se em quatro fases: 1) *fontes criticae*, ou seja, a busca e análise histórica dos testemunhos; 2) *collatio codicum*, ou seja, a colação ou cotejo de todos os testemunhos disponíveis para que seja possível determinar as variantes existentes; 3) *examinatio* e *selectio* das variantes; e 4) *constitutio stemmatis codicum*, ou seja, a filiação destas variantes ao seu modelo original ou arquétipo. Convém ressaltar, entretanto, que esta etapa nem sempre é possível de fazer, pois a filiação depende da quantidade e qualidade das *fontes criticae* encontradas.

A segunda etapa – *emendatio* – tem por fim fazer com que se passe deste exemplar de colação, reconstruído hipoteticamente, a uma maior aproximação do texto autógrafo. De acordo com Cambraia (2005), esta nomenclatura reflete uma antiga abordagem de crítica textual, na qual o *textus receptus* era corrigido por intermédio de outros testemunhos. Em uma abordagem mais atual, esta etapa pode ser chamada *reconstituição*, pois este processo de estabelecimento já não é mais pautado na simples emenda de um texto, mas na análise de toda a tradição manuscrita. Diferente do que acontecia na *recensio*, que traça a filiação a partir dos erros comuns, na *emendatio* o texto é reconstruído de acordo com as lições comuns dos diferentes ramos do *stemma*. Feita a reconstrução do texto, as outras lições são relegadas ao aparato crítico, que convive dialeticamente com o texto.

A *emendatio ope ingenii* sem ajuda de testemunhos e sem a presença de um aparato crítico, e mesmo com eles em uma *emendatio* mista, é sempre perigosa por efeito de a conjectura nunca pode ser totalmente acertada sem a aparição de novas lições para afirmá-la. Uma edição realmente crítica leva em conta todas as variantes existentes e, se houver a necessidade de uma conjectura, esta deve ser apresentada no aparato crítico em forma de nota, para que seja possível justificá-la.

Pode ocorrer que o editor, na escolha de um exemplar básico, acredite apresentar um texto satisfatório, que reflete a vontade do autor. Neste caso, a colação desta escolha já é o suficiente para a fixação, sendo o exemplar básico transformado no texto crítico. Se isto ocorre,

devem ser registradas todas as variantes de outros manuscritos que o editor julgar válidas por qualquer que seja o motivo. Se for necessária a alteração do exemplar antes da fixação do texto definitivo, ou seja, se o editor achar relevante o uso de variantes de outros textos em relação ao básico, devem ser registradas no aparato crítico a lição rejeitada do texto-base.

A última etapa da reconstituição é a *dispositio textus*. Aqui, o editor deve resolver os problemas ortográficos e prosódicos para que seja possível organizá-lo de forma mais eficaz. Do século XVIII ao XXI, a tendência geral é a modernização da ortografia e a regularização da pontuação e acentuação de acordo com a norma vigente. Porém, nos casos em que o autor pretende um efeito – seja este rítmico ou apenas contrário à norma –, deve manter-se seu sentido próprio de ortografia e prosódia (BLECUA, 1983, p.143).

Apesar de um importante marco na história da crítica textual, o método de Lachmann não é isento de críticas, pois

[...] a crítica textual lachmanniana [...] está baseada numa concepção romântica das relações que existem entre o autor, suas obras, o público, e as instituições culturais e sociais. Com efeito, a obra de arte sempre tende para um estatuto de colaboração (“a collaborative status”), e a intenção autoral é apenas um fator, mesmo que importante, entre outros muitos que o crítico textual tem de levar em conta. Nem o texto ideal existe na realidade, nem o autor autônomo: de fato, toda produção literária implica a deslocação dum fenômeno originariamente psicológico (“the creative process”) para outro social (“the literary work”).” (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p.183)

Há, por isso, métodos de edição posteriores ao lachmanniano, os chamados métodos neolachmannianos – ou translachmannianos. Este termo pode ser interpretado como uma atitude experimental, não sistemática, abrangendo métodos bastante diversos entre si, cuja eficácia é ditada pelo texto e pela tradição manuscrita da edição que se pretende realizar. Um dos mais importantes ganhos com a revisão do método de Lachmann foi a relativização do conceito de erro: o termo a se empregar, no lugar deste, passa a ser a “inovação” ou “recodificação” (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p.71). Por inovação entende-se qualquer desvio do texto original, originado a partir de uma mudança linguística que se reflete, por parte do copista, em uma recodificação. Esta ocorre por mérito do que se chama *fatores dinâmicos*, termo que abrange todo elemento do texto que seja objeto de um processo de recodificação que tem por objetivo integrá-lo ao sistema linguístico receptor

Por meio deste percurso histórico, é possível observar o processo evolutivo que caracterizou a transformação da Filologia em Crítica Textual: com o decorrer do tempo, são criados métodos científicos com vista a tornar o processo de edição de um texto o mais objetivo possível, para que, assim, o texto editado passe a refletir tudo aquilo que o autor pretendeu que

chegasse a público. No entanto, não existem normas universais para a edição de um texto, pois a aplicação metodológica dos critérios de edição varia de acordo com a adequação do objeto de pesquisa.

No tópico seguinte, apresentaremos os critérios seguidos para a nossa edição do manuscrito da tradução, feita por Antônio Feliciano de Castilho, para *As Metamorfoses* de Ovídio. Será possível observar que nem todos os passos da metodologia da Crítica Textual foram seguidos por conta da particularidade – e do contexto – deste códice.

### III. 3. O TRATAMENTO DO MANUSCRITO DAS *METAMORFOSES*, DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO

#### III. 3.1. APRESENTAÇÃO DO MANUSCRITO

Antes de apresentar uma descrição pontual e exaustiva do corpus do presente projeto, convém salientar alguns pontos sobre o trabalho prévio de edição deste conjunto de manuscritos.

O texto que nos chega em mãos é uma reprodução fac-similar – ou seja, fotográfica – do caderno manuscrito que contém a tradução dos quinze livros das *Metamorfoses*. Apesar de manuscrito, o texto já se apresenta em uma edição prévia – que, neste trabalho, chamaremos pré-edição –, feita pelo editor Júlio de Castilho (1840-1919), jornalista, poeta e escritor português, filho do autor da tradução, António Feliciano de Castilho. Este é o encarregado da compilação e das apresentações (advertências) das *Obras Completas* em 80 volumes, publicadas entre 1903-1914 (SANTOS, 1980, p.249). Entende-se, portanto, que as emendas e correções apresentadas no manuscrito não são autógrafas e representam as operações de reescrita elaboradas pela leitura e entendimento do editor para que o texto passe da fase de processo à fase acabada. É possível atribuir a edição à Júlio de Castilho em razão do trecho “Advertência dos Editores”, que figura no início do manuscrito e no qual se relatam curiosidades sobre a tradução das *Metamorfoses*. Além disso, ao fim do manuscrito, encontra-se a assinatura do compilador “J. de C.” (fac-símile 789) e a data de finalização do trabalho, 1907, evidências também que atribuem o texto a Júlio de Castilho.

Na “Advertência dos Editores”, Júlio de Castilho refere-se ao processo de elaboração que permeava os primeiros manuscritos que foram a *editio princeps* de seu trabalho de pré-edição: lançavam-se, em um livro em branco, trechos dos originais ou das traduções que eram ditadas pelo autor, com a indicação das datas em que eram feitas. Se no dia seguinte o mesmo trabalho era continuado, escrevia-se sem indicações ou interrupções nas páginas subsequentes;

se, no entanto, a obra a ser trabalhada variava, declarava-se um ponto de interrupção (“segue a diante na página X”). Deste método resultaram volumes antológicos, sem um seguimento cronológico, que seguiam o “registro fiel da produção, e a sua diversidade de assuntos, conforme as veleidades ou o estado d’alma do autor” (CASTILHO, 1907, fl.3). Foi destes “armazéns de matéria-prima” (*Ibidem*, fl.7) que foram publicados o primeiro tomo da sua tradução para as *Metamorfoses* (1841), as *Escavações Poéticas* (1844), os *Amores* ovidianos (1855), e alguns outros excertos publicados por Júlio na sua compilação das obras de Castilho António. Essa ordenação caótica dos manuscritos, que dificultava a organização linear da tradução por depender de rubricas para deslindar os seguimentos da obra, foi o que motivou Júlio de Castilho a levar a cabo sua pré-edição do manuscrito de seu pai, como uma espécie de legado paterno.

A qualidade destes manuscritos primevos também é posta em pauta: são referidos por Júlio como um “borrão informe, [com escritas] quase ilegíveis” (CASTILHO, 1907, fl.2). Isso porque, por causa de sua cegueira, Castilho António dependia de secretários que escrevessem o que ele ditava. Apesar de ter sido frequentemente auxiliado por seu irmão Augusto Frederico, seus colaboradores variavam: “triste e desconsoladora coisa é não poder um pobre autor escrever por sua mão!” (*Ibidem*, fl.4), pois que muitos dos seus assistentes não se davam conta da tamanha importância do material que manipulavam.

Vendo o tamanho descaso aos quais seus extensos volumes eram relegados, José Feliciano de Castilho, em 1853, trouxe para o Brasil alguns baús repletos das obras de seu irmão, pretendendo lançar uma edição completa. Por ele auxiliado, Castilho António emendou, alterou e corrigiu muitos de seus trabalhos nas ocasiões em que estiveram juntos em Lisboa e, dentre eles, a sua tradução para as *Metamorfoses*. Após a morte deste dedicado irmão em 1879, estes volumes voltaram ao poder dos filhos de António. Júlio de Castilho, então, nos revela a existência de outro manuscrito, posterior aos borrões ilegíveis daqueles já mencionados volumes antológicos, que contava com emendas autorais de António com a contribuição de José. Júlio afirma que, “cotejando estas cópias com os primitivos borrões da Castanheira, achamos nelas consideráveis diferenças para melhor, e muito melhor, em face do texto ovidiano. Conservamos pois sem o mínimo escrúpulo esta lição novíssima” (CASTILHO, 1907, fl.7). O texto que nos chega em mãos, portanto, é um manuscrito não de segunda, mas de terceira mão: o manuscrito primevo foi emendado por Castilho António e Castilho José, que por sua vez foi emendado por Júlio:

Tínhamos o máximo empenho em verificar se existiam os dez livros inéditos das *Metamorfoses*, com cujos fragmentos topávamos, aqui e ali, nos armazéns

de matéria prima, interpolados e pessimamente escritos, e de que existiam as tais fragmentadas cópias, de letra incolor, estúpida e caixeiral. Com uma paciência e perseverança chinesa, fomos à vista do Latim recopiando tudo, com critério, e reformando a cópia feita por mão que não possuía a noção de paragrafação clara, nem sequer conservava a grafia dos antigos nomes mitológicos de regiões e personagens. O português estava tão desgraçadamente pontuado, que milhares de vezes quem nos dava o sentido da tradução era o original romano, ordenando-nos tal ou tal partição de períodos (CASTILHO, 1907, fl.7-8).

Apesar da afirmação de que este manuscrito emendado pelos irmãos foi recopiado com critério, o nosso pré-editor Júlio de Castilho não expõe os métodos utilizados, o que faz dificultosa a afirmação de que este “manuscrito em terceira mão” – *corpus* deste trabalho – realmente representa, de maneira integralmente genuína, a tradução de António Feliciano de Castilho, finalizada desde 1833 (*Ibidem*, fl.9). Além disso, Júlio intercala versos de sua lavra para suprir algumas lacunas da tradução de seu pai, o que nos revela mais um dado de que o manuscrito que nos chega em mãos não é livre de contaminações por parte do editor prévio<sup>145</sup>. Pode-se, quiçá, enxergar a atuação de Júlio de Castilho como uma espécie de filtro para os excessos de seu pai, principalmente no que tange à ortografia e à pontuação: sabendo que esta teve, até o século XIX, uma função rítmica e esteve sujeita à uma manipulação bastante individual por parte de cada autor – diferentemente do que ocorre no estágio atual da língua, no qual a pontuação segue regras estritamente reguladas em relação à sua função sintática –, Castilho António afirma, no prólogo do Primeiro Tomo, já publicado, das *Metamorfoses*, que

a pontuação que aí vai taxá-la-ão alguns de minuciosa: eu não a apresento como exemplar, mas como proposição. O meu intuito, nesta parte, foi ajudar a inteligência e a declamação: a toda a pontuação gramatical (que já não seria pouca) acresceu toda a que eu chamarei recitativa: se a ideia parecer bem aos juízes competentes, certo é que pegará a moda mais cedo ou mais tarde; se descontentar, é um livro mal pontuado; por onde não virá nenhum mal ao mundo (CASTILHO, 1841, p.XX).

Júlio de Castilho parece rejeitar esta dita “pontuação recitativa” proposta para auxiliar na declamação dos versos de sua tradução. Esta pontuação volumosa, constante no tomo já publicado e ausente na pré-edição de Júlio, leva em conta que “as pausas do recitador não devem ser determinadas pelas contagens das sílabas, mas pelos cortes mais ou menos profundos do pensamento ou do afeto, que se expressa” (CASTILHO, 1858, p.140) e, por isso, não é uma pontuação gramatical. Pode-se entender, portanto, que a estratégia de pontuação elaborada por

---

<sup>145</sup> Esses trechos traduzidos por Júlio de Castilho estão identificados no “mapeamento de anotações marginais” deste capítulo.

Castilho leva em conta não apenas o seu aspecto gramatical, mas também o seu aspecto rítmico, fundamental para a métrica da poesia.

Em seu tratado de metrificação, António defende a sua invenção afirmando que “os versos pontuados com miudeza, como eu me propus e pratiquei na tradução das *Metamorfoses*, poderiam nesta parte ajudar os exercícios dos principiantes” (*Ibidem*). Essa intervenção de Júlio pode nos fornecer importantes pistas acerca de sua atuação na tradução de Castilho Antônio: suas emendas ao texto castilhiano constituem-se como uma *emendatio ope ingenii*, já que altera o material encontrado nos manuscritos anteriores à sua pré-edição de acordo com critérios próprios e não explicitados. Este mesmo tipo de emenda, bastante subjetiva por parte do editor, faz-se presente, também, na ortografia: como mostraremos mais adiante, há diferenças significativas na ortografia do Tomo publicado em relação ao manuscrito.

Enfim, apesar de todo este árduo trabalho e da “paciência e perseverança chinesa” que lhe foi votado, numerosos e importantes trechos foram perdidos: no processo de cópia dos manuscritos de Castilho Antônio, feito por seu irmão em 1856 no Rio de Janeiro, perdeu-se um dos tomos que continha passagens dos três livros finais das *Metamorfoses* castilhanas, referido como Tomo IV.

Do material que nos chega em mãos, é possível fazer sua separação em duas partes distintas, devido às diferenças estruturais que se apresentam entre os livros I-V e VI-XV. Naqueles primeiros, já publicados pelo autor, há um prefácio e um posfácio para cada um dos livros: a seção prévia é denominada “Argumento” e nela são relatados os principais pontos do enredo; a seção posterior é denominada “Notas” e nela são apresentados comentários sobre o assunto tratado, bem como notas sobre o processo tradutório.

Na segunda parte, referente aos livros ainda inéditos, há um fólio que indica esta separação. Nele lê-se “Fragmentos que ainda se acharam ineditos da tradução das “*Metamorphoses*” de Ovídio por António Feliciano de Castilho, não revistos pelo traductor”. Isso indica que Inocêncio Francisco da Silva, em seu monumental *Dicionário Bibliográfico Português*, apesar de afirmar corretamente que “existe o manuscrito dos dez restantes livros em poder do Sr. Castilho (José) no Rio de Janeiro” (1972, p. 132), parece omitir ou desconhecer o real estado do material: apesar de completo o trabalho tradutório, estes livros ainda não estavam prontos para serem publicados, faltando ainda o trabalho de prefaciar e anotar as traduções, bem como a cópia de alguns trechos bocagianos.



### III. 3.2. CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Optamos, quando possível, por fazer a cópia dos versos de Bocage retirados das suas *Obras Poéticas*, publicadas em três tomos pela Tipografia de A. J. da Rocha em 1849, para que, assim, haja uma maior completude da obra. Em algumas de suas notas, Júlio de Castilho indica o tomo e a página em que se encontram os trechos bocagianos a serem copiados. Com esta informação, foi possível localizar a edição que ele se serviu para a intercalação da tradução episódica de Bocage na tradução integral de Antônio (Cf. “Mapeamento das anotações marginais”, p.165-169). É importante ressaltar, no entanto, que esta não poderia ter sido a edição seguida por Castilho Antônio, já que é posterior à publicação do primeiro Tomo de sua tradução (1841). É por essa razão que, para os cinco primeiros cantos do manuscrito, utilizamos a edição de 1841 como a *princeps*, ou seja, nosso cotejo da tradução bocagiana baseou-se na tradução já publicada; para os livros restantes, nossa cópia e cotejo foi feita com base na edição de Bocage de 1849. Levando em conta que, em alguns pontos do manuscrito, os versos de Bocage são transcritos sem emendas, tomamos a mesma posição de Júlio de Castilho ao incorporar os trechos bocagianos sem interferências.

A realização desta edição será feita em duas grandes etapas: a do estabelecimento do texto crítico (levando em conta metodologias de crítica textual) e a da apresentação deste ao público (utilizando os fundamentos da ecdótica). Sabendo que, diferentemente do que ocorria com autores antigos e medievais, o aparato crítico em edições de textos modernos tem por finalidade apresentar ao leitor o “laboratório do autor”, e não mais o estabelecimento de um texto em sua autenticidade (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, p.212), será apresentada, quando possível, a sucessão temporal de emendas ao texto, feitas pelo editor Júlio de Castilho. Este registro temporal de emendadas constitui um aparato crítico-genético e, já que tratamos aqui de variações discretas presentes em um testemunho, optamos por oferecer uma transcrição diplomática com um aparato genético integrado para o uso informativo dos leitores.

Vista a disponibilidade de apenas um códice (*codex unicus*), nosso trabalho de fixação limita-se à descrição do manuscrito e à sua decifração, no sentido de interpretar o texto em todas as suas partes, bem como na proposição de emendas e correções por conjectura para o estabelecimento do texto. Por essa razão, o aparato genético integrado a ser apresentado constitui-se do registro das variantes rasuradas pelo editor e substituídas por outros termos, e não do registro de variantes presentes em outros códices, ainda que o texto da edição dos cinco primeiros cantos da tradução castilhana, já publicados pela Imprensa Nacional de Lisboa em

1841, mereça uma atenta comparação palavra por palavra para que sejam anotadas as diferenças no aparato – neste caso, não-integrado e apresentado ao final de cada um dos cinco livros.

Reservamos este segundo aparato às alterações mais isoladas e pontuais, pois há algumas mudanças que são constantes e recorrentes no decorrer de todos os cinco livros. Estas alterações regulares dizem respeito, principalmente, a alterações na ortografia e na pontuação: a ortografia da versão impressa diverge daquela utilizada por Júlio de Castilho na cópia e organização da tradução e, se levarmos em conta que a tradução foi concluída em 1833 e a pré-edição de Júlio, em 1907, estas alterações podem ter advindo da evolução da língua portuguesa nesses 74 anos de intervalo. As divergências na pontuação, como já apontamos acima, advém da pontuação recitativa proposta por António não aceita por Júlio, já que ele se refere ao português dos códices anteriores como “desgraçadamente pontuado” (CASTILHO, 1907, fl.8) e se propõe a alterar a pontuação em sua edição. Abaixo, enumeramos estas alterações recorrentes, que não farão parte do nosso aparato crítico:

- 1) A pontuação é nitidamente mais volumosa na versão impressa, o que indica que Castilho leva a cabo sua pontuação declamatória apenas na versão publicada, e não na manuscrita;
- 2) Entende-se que os asteriscos presentes no manuscrito indicam espaços a serem deixados no impresso, já que a versão publicada não traz o sinal, senão uma linha pulada. O mesmo ocorre, também, com aqueles livros que trazem divisões numeradas de episódios (I, II, III...);
- 3) Na versão impressa, não há quebras de verso quando o diálogo começa no meio do metro, enquanto, no manuscrito, utiliza-se um recuo na linha seguinte para sinalizar que o verso ainda está no mesmo metro;
- 4) Os verbos na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, que no manuscrito terminam em –m (“acertaram”), são escritas com –ão no impresso (“acertarão”);
- 5) Os verbos na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, que no manuscrito terminam em – u (“deu”) são escritas com –o no impresso (“deo”). O mesmo ocorre, também, com substantivos: palavras como “deus”, na versão impressa são escritas como “deos”;
- 6) Há, na versão impressa, o acrescento de –h sem som em palavras como “é” (escrito como “he”), “um” (escrito como “hum”), “sai” (escrito como “sahe”), “extrai” (escrito como “extrahe”);

- 7) Há variação recorrente nas contrações: as contrações do manuscrito com a palavra “com” (“c’o”, “c’a”) são escritos sem contrações no impresso (“com o”, “com a”);
- 8) Há variação entre apóstrofos e traços nas contrações: no manuscrito, usa-se o apóstrofo (como em “até’li”), enquanto se usa traço na versão impressa (como em “até-li”);
- 9) Há variações recorrentes entre a letra –y, no impresso, e –i, no manuscrito: palavras como “praias” são escritas na versão impressa como “prayas”;
- 10) Há variações, também, entre –i e –e: palavras como “pae” e “eguaes” no manuscrito, aparecem como “pai” e “iguaes” na versão impressa;
- 11) Há uma variação bastante livre e pouco regular nos ditongos –oi e –ou (como em “ouro” e “oiro”), entre as letras –s e –z e entre o uso de maiúsculas;
- 12) O ditongo –ei do manuscrito (como em “clareia”) é escrito como –ê na versão impressa (“clarêa”).

A escolha pela forma de edição fez-se pensando no público-alvo almejado, pois cada uma delas possui características muito próprias e distintas. Desta forma, optamos por apresentar o texto editado de duas maneiras diferentes: a diplomática e a atualizada. A escolha pela edição diplomática fez-se levando em conta uma espécie de arqueologia linguística, pois, além da mensagem conceitual traduzida por Castilho, a superfície de sua língua escrita possui particularidades que podem servir de fundamentação e sustentação de fatos linguísticos, bem como de testemunhos acerca da língua portuguesa no século XIX, especialmente de uma espécie de ortografia etimológica de matiz greco-romano, então em voga. Este tipo de reprodução é capaz de produzir edições tão rigorosas que, caso o original seja perdido, sua memória pode ser substituída pela edição diplomática, já que, descrevendo lição a lição a universalidade do manuscrito – além, é claro, da descrição dos suportes e dos instrumentos de escrita – o texto é transliterado em sua integridade, sem alterações nas abreviações, na sintaxe, nas lacunas e nas repetições. Trata-se, portanto, de uma abordagem mais conservadora, que pode apresentar sérias dificuldades para um leitor não-especializado e que busque apenas a mera apreensão dos conteúdos veiculados pela tradução.

É por esta razão que adotamos, também, uma forma de transcrição mais uniformizadora e modernizada, capaz de garantir a fruição na leitura. Pode-se observar, entretanto, uma incoerência nesta forma de reprodução: se o desejo do crítico textual é apresentar um texto fiel ao que encontra no manuscrito e, ao mesmo tempo, um que seja fluido para o uso dos leitores – e, com isso, o editor submete seu texto a normas de transcrição que alteram a ortografia, a

pontuação, a separação e união de morfemas lexicais, os clíticos, dentre muitos outros –, o texto deixa de ser integralmente fiel à sua fonte. Como afirma Luiz Duarte,

as formas linguísticas que encontramos no manuscrito foram lá postas para serem lidas por leitores situados, enquanto alocutários, no mesmo estado de língua em que se encontrava o agente ilocutório; logo, é o leitor posterior – e porque ele sabe que vai ler um texto do passado –, um leitor diferido, que deve adaptar-se à língua do manuscrito: se procedermos ao contrário, correremos o risco de transmitir ao leitor um texto diferente daquele que é suposto transmitir-lhe. (DUARTE, 2019b, p.128)

Como já dito anteriormente, para a nossa transcrição diplomática, o aparato crítico-genético será acoplado por meio da utilização das seguintes siglas, baseadas na Equipa Pessoa (SPAGGIARI & PERUGI) e nas técnicas editoriais de Martin L. West, César N. Cambraia e Plínio Martins Filho:

SÍMBOLO	CODIFICAÇÃO
{ }	Paginação do manuscrito, proposta pela editora, reiniciada em cada um dos livros
} {	Paginação previamente fornecida no manuscrito
( )	Caracteres de leitura duvidosa
< >	Segmento autógrafo riscado
□	Espaço deixado em branco pelo autor
†	Palavra ilegível
< > / \	Substituição por superposição, na relação <substituído>/substituto\
< > [↑]	Substituição por riscado e acréscimo na linha superior
[↑]	Acrescimento na entrelinha superior
[↓]	Acrescimento na entrelinha inferior
[→]	Acrescimento na margem direita
[←]	Acrescimento na margem esquerda
	Inserções por conjectura
< >	Substituição por conjectura

Quadro 2 (elaboração própria)

Antes de falar sobre os critérios para a atualização do manuscrito, é importante salientar que o procedimento para a obtenção de *edição modernizada* consiste em modernizações, sobretudo linguísticas, em textos antigos. Devemos reconhecer o valor de uma edição modernizada, já que um texto alterado por uma tradição posterior é um texto consumido e transmitido e, por isso mesmo, de reconhecido valor. As alterações são, portanto, advindas de uma necessidade social pela adaptação do texto ao novo público – ou seja, não há a intenção de adulterar a obra – para que o leitor possa apoderar-se dele sem maiores obstáculos. Porém, “se se considerar que a identidade de um texto está diretamente ligada à sua forma linguística (principalmente no caso de textos literários), deve-se admitir que uma edição modernizada é, na verdade, uma paráfrase, um novo texto baseado/inspirado no primitivo” (CAMBRAIA, 2005, p.89).

Para a atualização do manuscrito, seguimos os critérios propostos nas *indicações para simplificação ortográfica* de Antônio Houaiss, em seus *Fundamentos de Bibliologia* (1967). Também foram fundamentais para a nossa modernização os apontamentos de Plínio Martins Filho em seu *Manual de Editoração e Estilo* (2016). Desta forma, nossos critérios são:

OCORRÊNCIA	CRITÉRIO DE MODERNIZAÇÃO
Letras consonânticas dobradas	As letras consonânticas dobradas são simplificadas, salvo os <i>rr</i> e os <i>ss</i> , pois representam fonemas distintos de <i>r</i> e <i>s</i> . Em casos em que não é possível saber a realidade de pronúncia das consoantes dobradas através dos tempos da língua portuguesa, optamos por não proceder a simplificação.
Dígrafos helenizantes	Nos casos dos fonemas representados por <i>ph</i> , <i>th</i> , e <i>rh</i> – hoje representados em língua portuguesa por <i>f</i> , <i>t</i> e <i>r</i> – optou-se por realizar a modernização ortográfica.
Palavras compostas por justaposição	Nestes casos, há uma oscilação na grafia, aparecendo algumas vezes como uma única palavra, outras como uma locução. Para a modernização, optou-se por preservar a justaposição nos casos em que ela ocorre na língua portuguesa atual.

Maiúsculas	O uso de maiúsculas extrapola o caso dos nomes próprios, patronímicos, toponímicos e início de verso, sendo usadas também para o realce de certas palavras. Optamos por não manter as maiúsculas de realce. Por esta razão, e principalmente no caso dos episódios transcritos das <i>Obras Poéticas</i> de Bocage, empreendemos uma uniformização do uso de maiúsculas de acordo com as escolhas de Júlio de Castilho no decorrer do compilado dos manuscritos da tradução.
Supressões ortográficas	Quando não acarretam mudança na métrica, as supressões foram desenvolvidas (por exemplo: “q.” é desenvolvido para “que”); porém, se o desenvolvimento das abreviaturas acarreta alterações no padrão métrico e rítmico do verso, optamos por manter a grafia tal qual aparece no manuscrito (por exemplo: “c’roa” não é desenvolvido para “coroa”, já que acarretaria mudanças métricas).
Apóstrofos	Quando representa a supressão de uma vogal antes de outra nas palavras formadas por justaposição (como em “d’esta”, “d’ele”), optamos por desenvolver a elipse quando a justaposição é existente no português atual. Quando representa a supressão de uma vogal por razões métricas (como em “c’rôa”, “co’o” e “até-li”), optamos por mantê-lo tal qual consta no manuscrito.
Acentuação	A acentuação foi mantida conforme aparece no manuscrito, mesmo quando obsoleta no estágio atual da língua portuguesa, nos casos em que diz respeito à métrica dos versos castilhanos. Optamos, também, pela acentuação por conjectura nos casos exigidos pela métrica.

	<p>O acento agudo merece especial atenção: optamos por atualizá-lo ao circunflexo do português brasileiro quando se trata de substantivos ou adjetivos comuns (o adjetivo “atónito”, por exemplo, aparece como “atônito” na transcrição atualizada); no caso de nomes próprios, mantivemos a acentuação tipicamente lusitana conforme aparece no manuscrito (“Adónis” continua transcrito com o acento agudo na atualização).</p>
Nomes próprios	<p>Os nomes próprios têm suas ortografias modernizadas, mas sem alterações acentuais. Optamos, também, por respeitar as escolhas tradutórias de Castilho para nomes próprios.</p>
Pontuação	<p>A pontuação é mantida tal qual aparece no manuscrito original, ainda que já contaminada pelo trabalho editorial de Júlio de Castilho.</p>
Uso do itálico	<p>Utilizamos o itálico em nossa transcrição atualizada para sinalizar os versos que não pertencem à Castilho, podendo ser de autoria de Bocage ou de Júlio de Castilho. Desta forma, no caso das transcrições de Bocage, pudemos marcar exatamente os pontos em que Castilho opta pela emenda ou alteração da tradução bocagiana. No caso das traduções de Júlio, apontamos a autoria, também, por meio da transcrição das notas deixadas ao longo do manuscrito (constantes, também, no nosso “mapeamento das notas marginais”).</p>

*Quadro 3 (Elaboração própria)*

Os apóstrofos utilizados na pronominalização merecem atenção especial. Na ortografia castilhiana, a combinação de pronomes átonos é separada por um apóstrofo na justaposição, como em “contar-t’o”, “dizer-lh’o”, “n’o”, “t’a”, dentre outras. Estes apóstrofos foram suprimidos na atualização, levando em conta o inventário de combinação de pronomes átonos apresentado por Bechara em sua “Moderna Gramática Portuguesa”:

*mo* = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;  
*to* = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;  
*lho* = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;  
*no-lo* = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;  
*vo-lo* = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;  
*lho* = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.  
 (BECHARA, 2009, p.179)

Salientamos, também, o uso das aspas no manuscrito. Sabe-se que, nas *Metamorfoses*, há diversos narradores internos e, quando aparecem, as aspas são utilizadas no decorrer de todos os versos referentes a eles. O mesmo ocorre, em algumas passagens, com o uso do sublinhado: ele é utilizado, também, para identificar a presença de narradores internos. Em nossa transcrição diplomática, mantivemos estes recursos conforme aparecem no manuscrito. Em nossa transcrição atualizada, não utilizamos o recurso do texto sublinhado e optamos por utilizar o travessão em vez de aspas para a representação dos diálogos. Embora os manuscritos também apresentem travessões na representação de falas, eles aparecem combinados com as aspas. Como afirma Plínio Martins Filho em seu *Manual de Editoração e Estilo*:

Mesmo em português, o recurso das aspas e dos travessões pode ser combinado para a reprodução de diálogos. Considera-se mais sensato utilizar travessões em textos com muitos diálogos (narrativos, por exemplo), sobretudo quando a fala é apresentada num parágrafo à parte, reservando as aspas para obras em que as falas são eventuais (entrevistas, depoimentos), sobretudo se inseridas no interior de um parágrafo.  
 Não se deve esquecer que os travessões – quando utilizados no lugar das aspas em inserções de diálogos ou comentários – também “abrem” e “fecham”  
 (MARTINS FILHO, 2016, p.601-602).

Por essa razão, optamos por reservar os travessões para iniciar e finalizar a representação de diálogos longos que apresentam, na tradução, recuo nos versos. Reservamos a utilização das aspas duplas para aqueles diálogos mais curtos e representados sem recuo de verso. Nos casos em que, dentro de uma fala, há a representação de outro diálogo, este aparece transcrito por aspas simples.

A utilização dos asteriscos também merece atenção. No manuscrito, aparecem para segmentar os vários mitos que compõem as *Metamorfoses*, funcionando como uma espécie de separação dos períodos deste grande poema. Optamos por manter esse recurso em nossa transcrição atualizada por acreditarmos que o desmembramento inserido por Castilho no *carmem perpetuum* ovidiano pode auxiliar na leitura.

Sobre a modernização ortográfica, Plínio Martins Filho, em seu *Manual de Editoração e Estilo*, afirma que, no geral, é recomendado que se atualize a ortografia das obras levando em conta os dicionários de maior aceitação, porém com a ressalva de que “é preciso levar em conta



o tipo de obra a ser editada. A reedição de livros antigos, por exemplo, pode exigir, em alguns casos, que se mantenha a ortografia da época da primeira publicação, dependendo do tipo de conteúdo ou função da obra” (MARTINS FILHO, 2016, p.277).

Embora este trabalho lide com a edição de um livro antigo de função estética – por se tratar de poesia – e, por isso, pudesse exigir a manutenção da ortografia da época, optamos por atualizar alguns termos e elementos textuais do manuscrito. O que nos permite esta postura é o fato de apresentarmos duas formas diferentes de transcrição – a diplomática e a atualizada – e, caso o leitor se interesse pela leitura do poema tal qual se apresenta nos manuscritos, a transcrição diplomática lhe servirá por se constituir como uma cópia fidedigna dos fac-símiles da tradução castilhana.

Nesse sentido, optamos por preservar o emprego de palavras que, apesar de não serem mais utilizadas no cotidiano, continuam presentes e documentadas na literatura devido à tradição poética. Essa escolha foi feita porque acreditamos que atualizar todo o texto acarretaria a perda deste “sabor” lusitano que encontramos, por exemplo, em algumas formas dúbias da língua portuguesa como “oiro”, “toiro”, “dous”, “cousa”, dentre outros. No entanto, optamos por atualizar a ortografia de palavras sem respaldo na tradição literária, como é o caso de grafias que se utilizam do “y”, como em “praya”, ou do “ph”, como em “phenomeno”. Estes usos obsoletos, por não apresentarem formas dúbias em português, serão atualizados para facilitar a compreensão de leitores modernos.

Elucidados os nossos critérios, a seguir apresentaremos uma descrição exaustiva e detalhada do nosso manuscrito, levando em conta não apenas o seu conteúdo, mas também a forma como é apresentado, ou seja, a sua ordenação, a variação no tipo de fólhos, a variação de *ductus* – caligrafia –, dentre outros.

### III. 3.3. DESCRIÇÃO DO MANUSCRITO

As duas primeiras páginas do fac-símile são as capas do manuscrito. Na primeira delas, em escrita cursiva, lê-se “As Metamorphoses de Ovídio, Tradução de Castilho”. Logo em seguida, inicia-se a apresentação dos livros traduzidos. Há, antes do início de cada um dos livros, uma folha de rosto com o número correspondente.

A paginação proposta pelo editor Júlio de Castilho nesses cinco primeiros livros, em uma primeira leitura, parece não ser feita de forma contínua: a paginação dos argumentos é interrompida e reiniciada na tradução dos livros; e a paginação das traduções dos livros é, também, interrompida e reiniciada na apresentação das notas. De acordo com esta paginação, é

possível deduzir que as traduções e as notas não foram feitas em um mesmo caderno: a numeração das páginas das traduções é mantida e continuada em todos os livros, seguindo uma ordenação lógica. A paginação das notas também é feita desta maneira, porém seguindo uma numeração independente daquela das traduções. Ao apresentar as notas correspondentes a cada um dos livros ao fim dos fólhos de tradução, a paginação parece desordenada. Deduzo que esta confusa ordenação é fruto da reprodução fac-similar, e não da edição de Júlio de Castilho. Já os argumentos são sempre reiniciados em cada um dos livros, ou seja, não apresentam continuidade.

O livro I inicia-se com o argumento, que ocupa quatro fólhos. Logo em seguida, inicia-se a tradução, que ocupa os fólhos 1-46, de acordo com a paginação do editor Júlio de Castilho. Posterior à tradução, a apresentação das notas ocupa os fólhos 1-11.

Terminado o livro I, há outra capa em que se lê “As Metamorphoses de Publio Ovidio Nasão, poema em quinze livros vertido em verso portuguez por Antonio Feliciano de Castilho”, no mesmo punho daquela primeira. Em seguida, é apresentada a seção “Advertencia dos Editores”, escrita por Júlio de Castilho. A paginação é novamente reiniciada, ocupando os fólhos 1-10. Como a paginação não segue uma ordem contínua, é difícil determinar se esta é a ordem original de apresentação da advertência, pois o mais lógico seria que fosse apresentada anteriormente à tradução do primeiro canto. Entendo, entretanto, que esta ordenação é fruto da reprodução fac-similar, que pode ter alterado a ordem do livro neste ponto.

Após a “Advertencia dos Editores”, há uma folha de rosto que indica o início do livro II. O argumento ocupa cinco fólhos. A tradução inicia-se em paginação subsequente ao fim do livro I, ocupando os fólhos 47-96. As notas ocupam os fólhos 12-26, apresentando paginação subsequente ao fim das notas do livro I.

Após a folha de rosto que indica o início do Livro III, apresenta-se o argumento do livro, que ocupa seis fólhos. A tradução ocupa os fólhos 97-141, enquanto as notas ocupam os fólhos 27-48.

O argumento do livro IV ocupa oito fólhos. A tradução ocupa os fólhos 142-196, seguida pelas notas, que ocupam os fólhos 49-88.

No fólho seguinte, contrariando a ordenação apresentada até então, são apresentadas as notas do livro V, ou seja, a paginação das notas do livro IV é continuada, ocupando os fólhos 89-105. Em seguida, após a folha de rosto, há o argumento do livro V, que ocupa oito fólhos. A tradução segue paginação que vai de 197-241. Apesar de completo, há um fólho ausente neste livro – a numeração proposta por Júlio de Castilho passa diretamente do fólho 236 para o 238.

Para não prejudicar a fluidez na leitura, optamos por transcrever, da edição publicada em 1841, os versos constantes neste fólio perdido.

A segunda parte do manuscrito inicia-se no fólio 242. Trata-se daquela já mencionada anteriormente, na qual se lê “Fragmentos que ainda se acharam ineditos da tradução das “Metamorphoses” de Ovídio por António Feliciano de Castilho, não revistos pelo traductor”. Nesta segunda parte, as folhas de rosto, para além de indicar o número correspondente a cada um dos livros, indicam também se estes estão completos e revistos pelo editor. Todos os livros deste manuscrito foram revistos pelo editor, embora nem todos se apresentem completos. A paginação das traduções continua a numeração proposta na primeira parte do manuscrito, ao menos no primeiro livro desta parte, com a diferença de que, aqui, não há mais seções de argumentos nem de notas.

Na folha de rosto do livro VI lê-se “Completo, faltando apenas copiar um trecho de Bocage”. A tradução ocupa os fólhos 243-268 e, neste último, o editor indica que o episódio de Progne e Filomela ainda teria de ser copiado para finalizar o livro sexto. O editor parece se esquecer que o livro VI é finalizado com o episódio do roubo de Oritia por Bóreas, também traduzido, embora não integralmente, por Bocage. Na nossa transcrição, fizemos a cópia destes dois episódios, ficando, ainda assim, o trecho truncado nos versos finais do último deles, já que Bocage traduz o episódio do roubo de Oritia por Bóreas até o verso 712 e o original apresenta mais nove versos.

Na folha de rosto do livro VII lê-se “Completo”. A primeira folha da tradução apresenta numeração continuada, ou seja, o seguimento de número 269. Porém, no fólio seguinte, a numeração é reiniciada. Assim, a partir desta folha, o livro VII ocupa os fólhos 2-58.

O livro VIII também apresenta “Completo” em sua folha de rosto. A tradução, mais uma vez, reinicia a numeração das páginas, ocupando, assim, os fólhos 1-60.

No fólio seguinte, inicia-se o livro IX, o último dos completos, conforme indica a folha de rosto. A tradução deste livro, também em paginação reiniciada, ocupa os fólhos 1-55. Há, entretanto, uma lacuna: o fólio 9 é seguido pelo fólio 11, faltando o de número 10. Essa lacuna corresponde aproximadamente aos versos latinos 126-137, que encerram a fala de Alcides a Nesso e a subsequente morte deste, bem como o introito do episódio que narra a morte de Hércules.

A partir do livro X, as traduções apresentam-se todas incompletas por causa: a) da ausência da cópia das traduções de Bocage (no caso dos livros X e XI); b) do desaparecimento de um volume de papéis avulsos de António Feliciano de Castilho, chamado por Júlio de

Castilho “Tomo IV”, que conteria a tradução das lacunas necessárias para completar uma tradução integral destes últimos livros ovidianos (no caso dos livros XII, XIII, XIV e XV). As notas que indicam as lacunas decorrentes do desaparecimento deste tomo serão descritas da forma em que aparecem no manuscrito na seção 2.3 (*Mapeamento das anotações marginais*).

O livro X encontra-se incompleto por causa da ausência de algumas alterações propostas em nota pelo editor. O livro é iniciado com um excerto dos 46 primeiros versos da tradução bocagiana do episódio de Orfeu e Eurídice, que ocupa os fólhos 1-3, em paginação reiniciada. Logo em seguida, há uma interrupção que dá lugar a um conjunto de fólhos pautados – os anteriores não o eram – e não-numerados. Trata-se, novamente, da tradução bocagiana do episódio “A descida de Orféo aos Infernos./ A buscar Eurydice”, mas agora transcrita integralmente. Para evitar a repetição da leitura e levando em conta as mínimas mudanças entre os dois textos, optamos por iniciar nossa transcrição a partir do episódio escrito na folha reticulada. Essa tradução é repudiada pelo editor Júlio de Castilho e, por isso, é apresentada com uma rasura que percorre todos os versos. Tal tradução criticada de Bocage ocupa cinco fólhos não numerados. Seguinte a estes, o editor reinicia a paginação em 2, dando continuidade ao poema sem propor uma nova tradução ao episódio que critica. É por isso que, na folha de rosto, o editor indica que o livro está incompleto: apesar de completo em seu conteúdo, Júlio se propõe a oferecer uma melhor tradução a este episódio, que não consta no manuscrito e causa sua incompletude. Este trecho ocupa os fólhos 2-12. Neste último fólho, o editor indica que se interrompe o manuscrito e o que se segue é obra de Bocage. Entretanto, é apresentada a tradução do episódio de Pigmalião, não traduzida por Bocage e, sim, por Castilho. Esta, assim como a tradução do episódio de Orfeu e Eurídice, vem apresentada em um conjunto de três fólhos reticulados e não numerados<sup>146</sup>. Em seguida, em fólhos não-pautados e seguindo aquela mesma numeração interior à interrupção, percebe-se uma lacuna referente ao episódio de Cíniras e Mirra (vv.298-502), traduzido por Bocage, mas não transcrito no códice. Para a completude do Livro, intercalamos o episódio bocagiano retirado de suas *Obras Poéticas* (1849). Após esta lacuna, o restante da tradução do livro é apresentado, ocupado os fólhos 13-28.

---

<sup>146</sup> A diferença no tipo de fólho destes dois episódios em relação ao restante do manuscrito tem causas indeterminadas, ou seja, não são apontadas pelo editor. É possível verificar que, nos dois casos, há consonância não apenas de fólho, mas também de caligrafia e, por isso, supomos que estas folhas poderiam ter sido extraídas de algum caderno anterior à pré-edição de Júlio, apresentando, portanto, o *ductus* de outra pessoa responsável por transcrever a tradução ditada por Castilho. Outro aspecto que nos leva a esta suposição é o fato de que o trecho de Pigmaleão denota menos habilidade poética do que o restante do manuscrito, podendo apontar, novamente, para o fato de este episódio poder fazer parte daqueles não-emendados por Castilho António em conjunto com seu irmão Castilho José.

O livro XI inicia-se no fólho seguinte, com a indicação, na folha de rosto, de que está “completo, faltando apenas copiar uns trechos de Bocage”. A tradução ocupa os fólhos 1-41. Ao fim deste último, o editor indica que se deve seguir com a tradução bocagiana do episódio “A gruta do Somno”, não transcrita no caderno. Sabe-se que Bocage não traduziu este episódio integralmente: verteu os trechos 592-615 e 633-645 do original. O que se segue ao fólho 41 é, portanto, o primeiro trecho traduzido por Bocage. Após a indicação da lacuna correspondente à tradução bocagiana, a tradução de Castilho continua por mais dois fólhos, seguindo aquela mesma numeração, ou seja, ocupando os fólhos 42-43. Neste último é indicado que o que se segue é o segundo trecho do episódio da gruta do sono vertido por Bocage (do verso “O Somno em tantos mil não tem ministro” ao fim, conforme indica a nota de Júlio de Castilho), também não transcrito no caderno. Indicada a lacuna, segue-se com a tradução de Castilho, que ocupa mais nove fólhos (fl.44-52) até a indicação do episódio bocagiano “Ésaco e Hespéria”, que não está transcrito no manuscrito e encerra livro XI.

No fólho seguinte está a folha de rosto do livro XII, indicado como incompleto. A tradução, em numeração reiniciada, ocupa os fólhos 1- 14. Neste último encontra-se uma nota do editor que indica que, por causa do desaparecimento do tomo IV das traduções de Castilho, o restante da tradução do livro XII foi perdido, incluindo o pouco que restava para a completude do episódio de Ceneu. No entanto, no fólho seguinte a esta nota encontra-se o seu seguimento, que narra a transformação de Cénis em Ceneu (v.200-209 do original). Trata-se de uma página avulsa, sem numeração, e datada no cabeçalho (“30 jan.o 1910”). Entendemos, pela datação apresentada e por ser possível identificar o *ductus* de Júlio – ainda que denotando tratar-se de um rascunho em razão do número de rasuras e do tratamento dado à caligrafia –, que o editor concluiu o trecho com uma tradução de sua lavra para arrematar melhor o fragmento do livro XII. A lacuna existente compreende, portanto, os versos 210-628 do original, correspondentes ao episódio que narra a batalha dos Centauros e Lápitias, ao episódio da morte de Ceneu, ao de Periclímeno e ao da morte de Aquiles.

O livro XIII inicia-se no fólho seguinte, em que se encontra a folha de rosto correspondente com a indicação de que este livro se encontra, também, incompleto. A tradução, em numeração reiniciada, ocupa os fólhos 1-17. Logo no início do fólho 1, o editor apresenta uma nota que indica que a tradução que se segue é apenas do episódio final do livro XIII, a “lamentação de Polyphemo à Galatêa” (verso 789 do original), pois o trecho anterior constava no já mencionado, e perdido, Tomo IV. A lacuna existente, assim, compreende os versos 1-789 do original, incluindo o episódio que narra a história de Ajax e Ulisses; o episódio de Hécuba,

Políxena e Polidoro (único episódio do livro XIII traduzido por Bocage, mas não presente em nossa transcrição por não haver um seguimento); o que narra a morte de Mêmnon e o surgimento das aves mnemônides; o que narra a partida do herói Eneias; o que trata das filhas de Ânio e das filhas e Órion; o que narra a história de Cila; e o início do único episódio constante no manuscrito, em que aparece a figura de Ácis como ouvinte da lamentação de Polifemo à Galateia.

O livro XIV aparece subsequente ao final do livro anterior, indicado, também, como incompleto na folha de rosto. A tradução, em numeração reiniciada, ocupa os fólios 1-24. Neles, o editor aponta diversas lacunas devidas ao desaparecimento do Tomo IV:

a) no fl.8, indica que o restante do trecho estaria no tomo perdido. A lacuna, pois, compreende os versos 107-319 do original, correspondentes à maior parte do episódio da Sibila, ao episódio de Aquemênides e ao episódio de Macareu, Ulisses e Circe. O que se apresenta no fólio seguinte, após a indicação desta extensa lacuna, é o início do episódio de Pico. Esse episódio é traduzido por Bocage, mas não é referenciado em nota por Júlio. Apesar das muitas alterações ao texto bocagiano, é possível notar que se trata de uma tradução emendada por Castilho e, por isso, adotamos a marcação dos versos pertencentes a Bocage – aqueles que não contaram com emendas – em itálico.

b) no fl.15, indica a presença de uma grande lacuna que compreende os versos 434-621, ou seja, vai do fim do episódio de Canente ao episódio de Vertumno, que é iniciado no fl.16. A lacuna compreende, então, o episódio de Diomedes e seus companheiros, o da oliveira selvagem, o das embarcações de Eneias, bem como o de sua apoteose;

c) no fl. 21, indica que o episódio de Ífis e Anaxárete se encontra truncado por causa do desaparecimento do restante da tradução, já que o que se segue no fl. 22 é o episódio de Rômulo. Este episódio é, também, traduzido por Bocage e emendado por Castilho, porém sem indicação de incorporação por meio das notas marginais. Optamos, portanto, pela marcação dos versos bocagianos não-emendados em itálico. Desta forma, a lacuna compreende os versos 720-804, correspondentes o final do episódio de Anaxárete e o episódio de Tarpeia. O que se segue, até o fl.24, encerra o livro XIV.

O livro XV inicia-se em seguida e, em sua folha de rosto, grafa-se, novamente, “incompleto”. Em paginação reiniciada, a tradução ocupa os fólios 1-22. O editor indica diversas lacunas, a saber:

a) no fl.5 indica que “falta o seguimento da tradução”. O que aparece do fl.1-5 é o episódio de Numa. A lacuna compreende, portanto, os versos 60-341, correspondentes à grande parte do

episódio dos ensinamentos de Pitágoras, que é retomado a partir da tradução do v.342 do original no fôlio 6;

b) no fl. 12, indica uma lacuna que compreende a predição de Heleno, filho de Príamo, a Eneias sobre o surgimento de Roma desde o seu início até o fim (versos 439-478 do original). A tradução de Castilho é retomada, no fl.13, a partir do início do episódio de Egéria e Hipólito, correspondente ao v.479 do original;

c) no fl.20, indica uma lacuna que se segue imediatamente após os presságios de Cipo, abrangendo, além do restante deste episódio, o de Esculápio e grande parte do episódio de Júlio César e Augusto (versos 579-781 do original). A tradução de Castilho é retomada no meio deste último, no v.782 do original. Apesar de não indicada em nota, trata-se de uma tradução bocagiana, ainda que bastante emendada por Castilho. Em nossa transcrição, marcamos os trechos não-emendados em itálico;

d) no fl.22, indica a lacuna final que encerra o livro XV. Esta lacuna corresponde aos versos 808-879, abrangendo desde o início da grande fala de Júpiter a Vênus, quando esta tenta livrar o descendente de Eneias de seu destino, até o epílogo da obra.

O que se segue ao final do livro XV são, assim como no início do manuscrito, as capas do caderno.

Para elucidar as nossas escolhas em relação à ordenação adotada para a nossa edição das *Metamorfoses* castilhianas, apresentamos, no quadro abaixo, a maneira como é apresentada no manuscrito e a maneira como apresentaremos neste trabalho:

<b>Ordenação do manuscrito</b>	<b>Ordenação proposta</b>
Livro I	Advertência dos Editores
Notas do Livro I	Livro I
Advertência dos Editores	Notas do Livro I
Livro II	Livro II
Notas do Livro II	Notas do Livro II
Livro III	Livro III
Notas do Livro III	Notas do Livro III
Livro IV	Livro IV
Notas do Livro IV	Notas do livro IV
Notas do Livro V	Livro V
Livro V	Notas do Livro V
Capa dos livros ainda inéditos	Capa dos livros inéditos

Livro VI	Livro VI
Livro VII	Livro VII
Livro VIII	Livro VIII
Livro IX	Livro IX
Livro X	Livro X
Livro XI	Livro XI
Livro XII	Livro XII
Livro XIII	Livro XIII
Livro XIV	Livro XIV
Livro XV	Livro XV

Quadro 4 (Elaboração própria)

### III. 3.4. MAPEAMENTO DE ANOTAÇÕES MARGINAIS

As anotações marginais neste manuscrito consistem em comentários feitos pelo editor Júlio de Castilho para, na maioria das vezes, localizar os trechos de Bocage incorporados na tradução castilhana. Estas anotações marginais são fundamentais, também, para a localização das lacunas decorrentes do desaparecimento de um dos tomos que continham a tradução integral das *Metamorfoses*.

Elas são feitas com a inserção de parte de uma folha pautada na margem direita do fólio em que aparecem. Será apresentado, em seguida, um mapeamento de todas estas notas, indicando o local de sua aparição e o conteúdo de seu comentário, transcrito diplomaticamente. Optamos por oferecer, na localização, as duas paginações: aquela já preestabelecida no manuscrito e aquela proposta por nós, representadas de acordo com a indicação de nossas siglas e, em nota de rodapé, o verso a que a anotação marginal se refere<sup>147</sup>.

LOCALIZAÇÃO		NOTA
Livro I	}fl.1{ {fl.1}	D'aqui em diante até ao signal * a tradução é de Bocage. <sup>148</sup>

<sup>147</sup> Para não interferir na fluidez da leitura, optamos por não transcrever as notas em que há indicação dos trechos de Bocage em nossas transcrições, pois optamos por indicá-los por meio do itálico. As notas referentes aos trechos traduzidos por Júlio de Castilho, também indicados em itálico, foram representadas para evitar uma equivocada atribuição de autoria. As notas referentes às lacunas presentes nos livros XII, XIII, XIV e XV também foram transcritas, pois, por já serem lacunares, a apresentação das notas não interfere em nada na fluidez da leitura.

<sup>148</sup> Verso 5: “Antes do Mar, da Terra, e Ceo que os cobre”



	}fl.26{ {fl.26}	* Aqui termina o 1º fragmento traduzido por Bocage. O que segue é de Castilho. <sup>149</sup>
	}fl.35{ {fl.35}	D'aqui em diante, até novo sinal, a tradução é de Bocage. <sup>150</sup>
	}fl.44{ {fl.44}	Aqui termina o 2º fragmento traduzido por Bocage. O que segue é de Castilho. <sup>151</sup>
Livro II	}fl.55{ {fl.9}	D'aqui em diante, até novo sinal *, a tradução é de Bocage. <sup>152</sup>
	}fl. 56{ {fl.10}	Aqui termina o 3º fragmento traduzido por Bocage. O que segue é de Castilho. <sup>153</sup>
	}fl. 89{ {fl.43}	D'aqui em diante até ao signal * é tradução de Bocage. <sup>154</sup>
	}fl.90{ {fl.44}	Termina aqui o trecho de Bocage. O que segue é de Castilho. <sup>155</sup>
	}fl.94{ {fl.48}	D'aqui até ao fim do livro a tradução é de Bocage. <sup>156</sup>
Livro IV	}fl.146{ {fl.5}	D'aqui em diante, até novo signal, a tradução é de Bocage. <sup>157</sup>
	}fl.154{ {fl.13}	Aqui finda o episodio de Pyramo e Thisbe, traduzido por Bocage. O que segue é de Castilho. <sup>158</sup>
	}fl.181{ {fl.40}	D'este verso em diante, até novo aviso, a tradução é de Bocage. <sup>159</sup>
	}fl.183{ {fl.42}	Acaba ahi o trecho bocagiano. O que segue é de Castilho. <sup>160</sup>
	}fl. 184{ {fl.43}	A começar o verso <u>Levando o espólio</u> até novo signal, a tradução é de Bocage.

<sup>149</sup> Verso 627: “n'outras emfim creou não vistos monstros”

<sup>150</sup> Verso 832: “no largo Oceano. O Ínaco, só, falta”

<sup>151</sup> Verso 1052: “aras e incensos dos egypcios povos”

<sup>152</sup> Verso 213: “Porém leve era o pêzo; era diverso”

<sup>153</sup> Verso 241: “o effeito conseguir do rogo incauto”

<sup>154</sup> Verso 1020: “É a estancia da Inveja em gruta enorme”

<sup>155</sup> Verso 1049: “é verdugo de si, ódio de todos”

<sup>156</sup> Verso 1118: “O pae, que o vê nos ceos, á parte o chama”

<sup>157</sup> Verso 78: “Pyramo, singular entre os mancebos”

<sup>158</sup> Verso 257: “guardou n'uma só urna as cinzas de ambos”

<sup>159</sup> Verso 807: “sai da cidade que erigido havia”

<sup>160</sup> Verso 861: “os benignos dragões inda se lembram”

	}fl.187{ {fl.46}	Aqui termina o trecho bocagiano. Segue traducção de Castilho. <sup>161</sup>
Livro VI	}fl.268{ {fl.26}	Agora deve seguir na traducção bocagiana, que hei-de procurar ver na Bibliotheca, o episodio de Progne e Philomelá; e acaba o Livro VI. É isto (Obras de Bocage. T.III, pag.187).
Livro VIII	}fl.41{ {fl.41}	Os quatorze versos inclusos n'esta chave são traducção nossa, para substituir de um modo tal qual o trecho correspondente que desapareceu no original castiliano. Os Editores. <sup>162</sup>
Livro IX	}fl.32{ {fl.32}	Todos os versos contidos na chave, desde <u>até que</u> , até <u>Byblis e Cauno</u> , se perderam da traducção de Castilho. Fomos obrigados a substituil-os por essa versão de nossa lavra. Os Editores. <sup>163</sup>
Livro X	}fl.3{ {fl.3}	Esta traducção por Bocage parece-me péssima. Acho que não se deve intercalar aqui; mas visto que meu Pae não a fez, tentarei eu fazel-a; e não me custará muito trabalho fazel-a mais elegante, e sôbre tudo mais clara que a de Bocage.
	}fl.12{ {fl.19}	Interrompe-se aqui o manuscrito, e segue a traducção por Bocage.
Livro XI	}fl.10{ {fl.10}	Todos os versos contidos n'essa chave são traducção por Manuel Maria de Barbosa du Bocage, intercalados aqui por homenagem de Castilho ao seu ilustre predecessor. <sup>164</sup>
	}fl.27{ {fl.27}	Nota referente ao verso “e com as tranças ainda sem adôrno, (1)”:  (1) ¿Por que diz Ovidio que Halcyone ainda não tinha acabado de se pentear? ¿ quer dar a entender que isto era pela manhan? mas o guarda dos rebanhos diz que o sucesso tinha sido de tarde, e

<sup>161</sup> Verso 949: “todo o pezo do ceo descança n'elle”

<sup>162</sup> A chave compreende os versos 912-925 (desde “É desmedido e eterno o poder santo” até “caminhavam á toa. A quantas portas”). Em nossa atualização, estes versos de autoria dos editores aparecem sublinhados.

<sup>163</sup> A chave compreende os versos 635-688. Em nossa atualização, estes versos de autoria dos editores aparecem sublinhados.

<sup>164</sup> A chave compreende os fólhos 6-10 e os versos 123-210 (desde “Não contente Lyeu de ter vingado” até “com mádios terrões aquelles campos”)

		<p>não havia de guardar a participação para a manhan seguinte. Ou seria costume das grandes senhoras não se enfeitarem senão de tarde. Isto merece examinado.</p> <p style="text-align: right;">Nota de Castilho no borrão original</p>
	}fl.29{ {fl.29}	Este trecho parece que foi traduzido por Bocage. Castilho, que ao tempo o não saberia, traduziu-o tambem. Compararei os dois, para escolher o melhor.
	}fl.41{ {fl.41}	Segue Bocage – A gruta do Somno
	}fl.43{ {fl.45}	Passa p <sup>a</sup> Bocage T.III, pag.237, <i>O somno em tantos mil não tem ministro</i> até ao fim. Depois continua Castilho.
	}fl.52{ {fl.56}	Passa p <sup>a</sup> Bocage – T.III, e termina o Livro XI.
Livro XII	}fl.14{ {fl.14}	Aqui termina o manuscrito de Castilho, na pagina 553 do vol. III de manuscritos; e diz uma nota do secretario: <u>Vai p<sup>a</sup> o Tomo 4 dos Autografos, p.104.</u> Infelizmente esse tomo desapareceu, ficando assim truncado n'este passo o Livro XII.
Livro XIII	}fl.1{ {fl.1}	Falta quase tudo desde o principio d'este livro. O que aparece é a lamentação de Polyphemo a Galatêa. Pois existiu todo o trecho anterior, visto que a pag. 512 do vol.III se lê: <u>Vem do Tomo 4 pag.117.</u> Este Tomo desapareceu.
Livro XIV	}fl.8{ {fl.8}	Diz: Vai p <sup>a</sup> o vol. 4 destes Autogr. pag.197. Não aparece.
	}fl.15{ {fl.15}	Aqui ha uma grande falta; o que aparece é n'este mesmo Livro o episodio de Vertumno.
	}fl.21{ {fl.21}	Aqui ficou truncado o trecho, porque o seguimento da tradução desapareceu infelizmente.

Livro XV	}fl.5{ {fl.5}	Falta o seguimento da tradução.
	}fl.12{ {fl.12}	Termina aqui o que se encontrou d'este trecho.
	}fl.20{ {fl.20}	No borrão original diz-se: <u>Vai p<sup>a</sup> o Liv.4 dos Aut. pag.255.</u> É o tal Livro IV infelizmente desaparecido.
	}fl.22{ {fl.22}	D'aqui em diante nada mais apparece da tradução de Castilho. Acabado de copiar no Limiar hoje 30 de Abril de 1907 ás sete horas e meia da manhan. J. de C.

Quadro 5 (Elaboração própria)

Por meio destas notas deixadas no decorrer de todo o manuscrito, é possível evidenciar o tamanho cuidado de Júlio de Castilho pela preservação – ainda que lacunar – desta grande herança paterna que é a tradução das *Metamorfoses* por seu pai, António Feliciano de Castilho. É visível que, embora a compilação e edição prévia deste material não reflita necessariamente um anseio pela publicação, este serviço pode revelar a admiração e reconhecimento deste trabalho tradutório por Júlio.

A importância desta tradução extrapola, no entanto, a época da edição prévia: como já afirmamos neste trabalho, a recuperação dos versos de Castilho é de grande relevância para novos labores tradutórios. Percorrido, então, este longo caminho – deste a filologia clássica até aos critérios de edição deste manuscrito do século XIX – e sem haver mais o que acrescentar, na próxima parte do trabalho apresentamos as transcrições das *Metamorfoses* por António Feliciano de Castilho.

**IV.**

**TRANSCRIÇÃO DO MANUSCRITO**

As  
Metamorphoses  
de  
Publio Ovidio Nasão

poema em quinze livros

vertido em verso portuguez

por

Antonio Feliciano de Castilho.

}fl.1{ {fl.1}

## Advertencia dos Editores

---

Talvez desde os ultimos tempos dos seus estudos em Coimbra, conforme se pode conjecturar de antigos manuscritos, despontou no espirito de Castilho a ideia de nacionalisar Ovidio. D'aquelle praso existem varias tentativas de tradução dos Amores. A ideia tomou corpo em 1829 na solidão da Castanheira do Vouga. Como diversão a outras occupações, poseram-se na forja os Amores, e as Metamorphoses.

Os Amores foram refundidos a valer, vinte e tantos annos depois, em 1855, nos poucos mas laboriosos meses que o insigne paraphrasta e consumado lyrico passou com seu irmão José Feliciano, no Rio de Janeiro.

As Metamorphoses conservaram-se taes quaes tinham sahido, ao ditado do traductor, até 1836, anno em que tornaram á birgorna. Em Janeiro fervia a faina, segundo declara Castilho no prologo á 3ª edição das Cartas d'Ecco e Narciso, confessando achar-se completa a traducção. Pouco duraria essa tarefa de revisão, attendendo aos desgostos do lar, á longa enfermidade e prematura morte da secretária dedicada, e á subsequente doença e morte de Augusto Frederico.

Passadas essas tormentas, tornou o Poeta a pensar em Ovidio; e em 1841 aperfeiçoou, limou, bruniu, os cinco primeiros livros, e publicou-os em Lisboa, dedicados ao Duque de Palmella D. Pedro. Os dez restantes continuaram em borrão informe, e quasi illegiveis.

Antes de proseguirmos, precisamos dizer duas palavras d'esses preciosos borrões.

}fl.1{ {fl.1}

## Advertência dos Editores

---

Talvez desde os últimos tempos dos seus estudos em Coimbra, conforme se pode conjecturar de antigos manuscritos, despontou no espirito de Castilho a ideia de nacionalizar Ovídio. Daquelle prazo existem várias tentativas de tradução dos *Amores*. A ideia tomou corpo em 1829 na solidão da Castanheira do Vouga. Como diversão a outras occupações, puseram-se na forja os *Amores*, e as *Metamorfoses*.

Os *Amores* foram refundidos a valer, vinte e tantos annos depois, em 1855, nos poucos mas laboriosos meses que o insigne parafrasta e consumado lírico passou com seu irmão José Feliciano, no Rio de Janeiro.

As *Metamorfoses* conservaram-se tais quaes tinham saído, ao ditado do tradutor, até 1836, anno em que tornaram à bigorna. Em janeiro fervia a faina, segundo declara Castilho no prologo à 3ª edição das *Cartas d'Eco e Narciso*, confessando achar-se completa a tradução. Pouco duraria essa tarefa de revisão, attendendo aos desgostos do lar, à longa enfermidade e prematura morte da secretária dedicada, e à subsequente doença e morte de Augusto Frederico.

Passadas essas tormentas, tornou o Poeta a pensar em Ovídio; e em 1841 aperfeiçoou, limou, bruniu, os cinco primeiros livros, e publicou-os em Lisboa, dedicados ao Duque de Palmella D. Pedro. Os dez restantes continuaram em borrão informe, e quase ilegíveis.

Antes de proseguirmos, precisamos dizer duas palavras desses preciosos borrões.

}fl.2{ {fl.2}

}fl.2{ {fl.2}

\*

\*

O secretário do Poeta na Castanheira foi muitíssimas vezes seu irmão Augusto Frederico; mas não só elle, porque as suas pesadas occupaões parochiaes não lh'o permittiam sempre; entre varias letras dos amanuenses encontra-se a de sua irman, a do Prior, e a de outros, ou salarizados ou obsequiosos, hoje inteiramente desconhecidos.

O modo como os dois irmãos, Antonio, e Augusto, entenderam proceder, era o seguinte:

Num livro em branco, e não em folhas sôltas, se ia lançando tudo quanto Castilho ditava, original ou traducção. Logo de manhan, ao começar a tarefa, escrevia-se á margem a data do dia, e archivavam-se, com altibaixos, indecisões, e emendas, os versos que o Poeta ia compondo sentado na sua poltrona, deitado no seu sofá, ou passeando de canto a canto.

Se no dia immediato continuava o mesmo trabalho, seguia-se nas subsequentes paginas sem interrupção. Se o

}fl.3{ {fl.3}

espírito de Castilho variava de obra, declarava-se no ponto da interrupção: Segue a diante na pagina tantas.

Assim, cada volume d'estes apresentava n'um seguimento chronologico o registo fiel da producção, e a sua diversidade de assumptos, conforme as veleidades ou o estado d'alma do autor: ora um trecho lyrico original deixado em meio e esquecido para sempre, ora uma conta da traducção de Ovidio, ora o poemeto O sepulcro, ora uma versão de Ducis, ora uma Epistola a Francilia, e assim por diante.

As mesquinhas vantagens do systema são (quanto a nós) muito descontadas pela difficuldade

O secretário do Poeta na Castanheira foi muitíssimas vezes seu irmão Augusto Frederico; mas não só ele, porque as suas pesadas occupaões paroquiaes não lho permitiam sempre; entre várias letras dos amanuenses encontra-se a de sua irmã, a do Prior, e a de outros, ou salarizados ou obsequiosos, hoje inteiramente desconhecidos.

O modo como os dois irmãos, António e Augusto, entenderam proceder, era o seguinte:

Num livro em branco, e não em folhas soltas, se ia lançando tudo quanto Castilho ditava, original ou traducção. Logo de manhã, ao começar a tarefa, escrevia-se à margem a data do dia, e arquivavam-se, com altibaixos, indecisões, e emendas, os versos que o Poeta ia compondo sentado na sua poltrona, deitado no seu sofá, ou passeando de canto a canto.

Se no dia immediato continuava o mesmo trabalho, seguia-se nas subsequentes páginas sem interrupção. Se o

}fl.3{ {fl.3}

espírito de Castilho variava de obra, declarava-se no ponto da interrupção: “Segue adiante na página tantas”.

Assim, cada volume destes apresentava num seguimento cronológico o registo fiel da producção, e a sua diversidade de assuntos, conforme as veleidades ou o estado d'alma do autor: ora um trecho lírico original deixado em meio e esquecido para sempre, ora uma conta da traducção de Ovídio, ora o poemeto *O sepulcro*, ora uma versão de Ducis, ora uma *Epistola* a Francilia, e assim por diante.

As mesquinhas vantagens do systema são (quanto a nós) muito descontadas pela difficuldade de achar os seguimentos, entre a rubrica “segue na



de achar os seguimentos, entre a rubrica segue na pagina tal, e a outra vem de pagina tal. Quebra-se a atenção, e falha o interesse.

Bom ou mau, foi esse o methodo seguido no difficil e laborioso secretariado de muitos annos; e por esta forma ainda em 1841 se achavam completos

}fl.4{ {fl.4}

uns poucos de grossos volumes de miscellâneas, com calligraphias e orthographias medonhas, que muita vez se tornavam verdadeiros enigmas, tanto para a leitura, como para a interpretação: servo, em vez de cervo; illiacas, em vez de Helíadas; Aclóides, em vez de Achelóides; penteadado, por despenteadado; receiverdes, em vez de recém-verdes; sede, em vez de céde; ciderio, em vez de sidéreo; com ter, em vez de conter; e outros ainda maiores disparates.

¡Triste e desconsoladora coisa é não poder um pobre autor escrever por sua mão!

\*

Em 1841 entendeu Castilho tirar d'aquelle limbo, d'aquelle cahos, as Metamorphoses; foi escutando verso a verso a leitura do original latino e da traducção; cotejando uma coisa com a outra; applicando aos seus decassylabos, em presença dos hexâmetros romanos, a sua boa crítica; e, como em dez ou doze annos a maneira artística se lhe transformára e aperfeiçoára, e o seu estro se robustecêra, refundiu tudo, segundo ouvimos. Os cinco primeiros livros aprimoraram-se consideravelmente em relação ao que sahira no primeiro jacto; e quando abriram azas perante o Publico, figuraram, no dizer dos entendidos, puristas e latinistas (inda os

página tal”, e a outra “vem de página tal”. Quebra-se a atenção, e falha o interesse.

Bom ou mau, foi esse o método seguido no difícil e laborioso secretariado de muitos anos; e por esta forma ainda em 1841 se achavam completos

}fl.4{ {fl.4}

uns poucos de grossos volumes de miscelâneas, com caligrafias e ortografias medonhas, que muita vez se tornavam verdadeiros enigmas, tanto para a leitura, como para a interpretação: *servo*, em vez de *cervo*; *illiacas*, em vez de *Helíadas*; *Aclóides*, em vez de *Achelóides*; *penteadado*, por *despenteadado*; *receiverdes*, em vez de *recém-verdes*; *sede*, em vez de *céde*; *ciderio*, em vez de *sidéreo*; *com ter*, em vez de *conter*; e outros ainda maiores disparates.

Triste e desconsoladora coisa é não poder um pobre autor escrever por sua mão!

\*

Em 1841 entendeu Castilho tirar daquele limbo, daquele caos, as *Metamorphoses*; foi escutando verso a verso a leitura do original latino e da tradução; cotejando uma coisa com a outra; applicando aos seus decassílabos, em presença dos hexâmetros romanos, a sua boa crítica; e, como em dez ou doze anos a maneira artística se lhe transformara e aperfeiçoara, e o seu estro se robustecera, refundiu tudo, segundo ouvimos. Os cinco primeiros livros aprimoraram-se consideravelmente em relação ao que saíra no primeiro jato; e quando abriram asas perante o público, figuraram, no dizer dos entendidos, puristas e latinistas (inda os

}fl.5{ {fl.5}

havia), como indiscutível obra-prima. Fidelidade, elegância, altiloquía, estylo, opulencia de linguagem, teem tudo.

Jaziam inéditos os dez restantes livros. As circunstancias da agitada vida do Poeta, e talvez pouco acolhimento, em geral, a monumento tão consideravel, que em terra menos sáfara honraria uma Literatura, impediram-n-o de limar e concluir o que assim continuou sumido, e quasi illegivel, nos taes cadózes manuscritos.

Em 1844 excavou o autor no mesmo acervo de registos, e tirou d'elle as Excavações poeticas. A falta de tempo, a difficuldade de copias das peças escolhidas, e (a verdade é esta) a pouca pachorra dos secretários, tudo isso prejudicou muito aquelles armasens de matéria prima (nome que tinham os volumes). Arrancava-se e contava-se d'ahi o que tinha de ir para a imprensa, deixavam-se lacunas de folhas, e inutilisava-se muita coisa, por irreflexão; salvava-se o verso de taes e taes paginas, mas

}fl.6{ {fl.6}

assassinava-se-lhes inconscientemente o reverso; vandalismo pelo qual o autor não dava, nem podia dar.

Em 1853, quando José Feliciano esteve uns mezes em Lisboa, vindo do Rio de Janeiro, onde morava desde seis annos, planeou uma edição completa das obras de seu irmão. Vendo o pessimo estado d'aquella papelada, amontoada sem ordem n'um bahu, e não livre de extravios, facilmente o convenceu a que lh'a deixasse levar para o Brazil, como levou. Coordenou um pouco os assumptos, e mandou copiar muita coisa; mas a edição não se fez.

}fl.5{ {fl.5}

havia) como indiscutível obra-prima. Fidelidade, elegância, altiloquia, estilo, opulência de linguagem, têm tudo.

Jaziam inéditos os dez restantes livros. As circunstâncias da agitada vida do Poeta, e talvez pouco acolhimento, em geral, a monumento tão considerável, que em terra menos sáfara honraria uma Literatura, impediram-no de limar e concluir o que assim continuou sumido, e quase ilegível, nos tais cadozes manuscritos.

Em 1844 escavou o autor no mesmo acervo de registos, e tirou dele as *Excavações poeticas*. A falta de tempo, a difficuldade de cópias das peças escolhidas, e (a verdade é esta) a pouca pachorra dos secretários, tudo isso prejudicou muito aqueles *armazéns de matéria prima* (nome que tinham os volumes). Arrancava-se e contava-se daí o que tinha de ir para a imprensa, deixavam-se lacunas de folhas, e inutilizava-se muita coisa, por irreflexão; salvava-se o verso de tais e tais páginas, mas

}fl.6{ {fl.6}

assassinava-se-lhes inconscientemente o reverso; vandalismo pelo qual o autor não dava, nem podia dar.

Em 1853, quando José Feliciano esteve uns meses em Lisboa, vindo do Rio de Janeiro, onde morava desde seis anos, planeou uma edição completa das obras de seu irmão. Vendo o péssimo estado daquela papelada, amontoada sem ordem num baú, e não livre de extravios, facilmente o convenceu a que lha deixasse levar para o Brasil, como levou. Coordenou um pouco os assuntos, e mandou copiar muita coisa; mas a edição não se fez.

De tudo quanto ia no bahu, só se refundiram e imprimiram os Amores de Ovidio, segundo a cima dissemos.

\*

Ora por essas novas copias, aliás feitas sem arte, sem intelligencia, por um adventicio qualquer, mal pontuadas, mal paragraphadas, e pouco certas, conseguiu aquelle zeloso irmão e dedicado amigo, que o nosso Poeta emendasse, alterasse, reformasse muita coisa, ou em 1855,

}fl.7{ {fl.7}

ou n'alguma das outras vezes que estiveram juntos em Lisboa. Por isso, cotejando estas copias com os primitivos borrões da Castanheira, achamos n'ellas consideraveis differenças para melhor, e muito melhor, em face do texto ovidiano. Conservámos pois sem o minimo escrupulo esta lição novissima.

Cabe aqui dizer que de 30 de junho a 5 de julho de 1863 voltou á bigorna o Livro VI das Metamorphoses; o insigne nacionalizador emendou e enriqueceu, aqui e ali, o seu manuscrito, mas deixou-o inédito.

\*

Quando em 1877 falleceu no Rio o Conselheiro José Feliciano, os papeis todos, ou quasi todos, voltaram ao poder dos filhos do Poeta; d'esse truncado thesoiro extrahimos (como os leitores estudiosos sabem) muitas das peças que figuram n'esta nossa collecção: a Canáce, A festa do amor filial, A volta inesperada, O presbyterio da montanha, as Novas excavações, etc, etc, etc.

Tinhamos o máximo empenho em verificar se existiam os dez livros inéditos das Metamorphoses, com cujos fragmentos topavamos, aqui e ali, nos armasens de materia prima, interpolados e

De tudo quanto ia no baú, só se refundiram e imprimiram os *Amores* de Ovídio, segundo a cima dissemos.

\*

Ora por essas novas cópias, aliás feitas sem arte, sem intelligência, por um adventício qualquer, mal pontuadas, mal paragrafadas, e pouco certas, conseguiu aquele zeloso irmão e dedicado amigo, que o nosso poeta emendasse, alterasse, reformasse muita coisa, ou em 1855,

}fl.7{ {fl.7}

ou n'alguma das outras vezes que estiveram juntos em Lisboa. Por isso, cotejando estas cópias com os primitivos borrões da Castanheira, achamos nelas consideráveis differenças para melhor, e muito melhor, em face do texto ovidiano. Conservamos, pois, sem o mínimo escrúpulo esta lição novíssima.

Cabe aqui dizer que de 30 de junho a 5 de julho de 1863 voltou à bigorna o Livro VI das *Metamorfozes*; o insigne nacionalizador emendou e enriqueceu, aqui e ali, o seu manuscrito, mas deixou-o inédito.

\*

Quando em 1877 faleceu no Rio o Conselheiro José Feliciano, os papeis todos, ou quase todos, voltaram ao poder dos filhos do poeta; desse truncado tesouro extraímos (como os leitores estudiosos sabem) muitas das peças que figuram nesta nossa colecção: a *Canáce*, *A festa do amor filial*, *A volta inesperada*, *O presbyterio da montanha*, as *Novas excavações*, etc, etc, etc.

Tínhamos o máximo empenho em verificar se existiam os dez livros inéditos das *Metamorfozes*, com cujos fragmentos topávamos, aqui e ali, nos *armazéns de matéria prima*, interpolados e

pessimamente escritos, e de que existiam as taes fragmentadas

}fl.8{ {fl.8}

copias, de letra incolor, estúpida e caixeiral. Com uma paciencia e perseverança chinesa, fomos á vista do Latim recopiando tudo, com critério, e reformando a copia feita por mão que não possuia a noção de paragraphação clara, nem sequer conservava a graphia dos antigos nomes mythologicos de regiões e personagens. O portuguez estava tão desgraçadamente pontuado, que milhares de vezes quem nos dava o sentido da traducção era o original romano, ordenando-nos tal ou tal partição de periodos.

Depois de uma aturada tarefa de longas semanas, tivemos o praser e a ufanía de ver que ficavam salvos e correctos livros inteiros do grande poema; praser descontado pela triste certeza de que numerosos e importantes trechos se tinham perdido.

Que a obra portugueza existiu completa, é certissimo; no prologo aos cinco primeiros livros diz Castilho tel-a

}fl.9{ {fl.9}

concluído em 9 de Setembro de 1833. Que já não existia completa em Agosto de 1856, quando no Rio de Janeiro se fizeram as recopias, tambem é infelizmente certo; mas é indubitavel que em 1841 existia, e que no caderno final viu Castilho aquella data, que não teria de cór, pois era avêssó a conserval-as.

\*

De tão colossal comettimento literario, uma das obras primaciaes de Castilho, eis pois o que sobrenadou n'este temporal desfeito; é tão importante, que faz quasi esquecer as lacunas.

pessimamente escritos, e de que existiam as tais fragmentadas

}fl.8{ {fl.8}

cópias, de letra incolor, estúpida e caixeiral. Com uma paciência e perseverança chinesa, fomos à vista do Latim recopiando tudo, com critério, e reformando a cópia feita por mão que não possuía a noção de paragrafação clara, nem sequer conservava a grafia dos antigos nomes mitológicos de regiões e personagens. O português estava tão desgraçadamente pontuado, que milhares de vezes quem nos dava o sentido da tradução era o original romano, ordenando-nos tal ou tal partição de períodos.

Depois de uma aturada tarefa de longas semanas, tivemos o prazer e a ufanía de ver que ficavam salvos e corretos livros inteiros do grande poema; prazer descontado pela triste certeza de que numerosos e importantes trechos se tinham perdido.

Que a obra portugueza existiu completa, é certíssimo; no prólogo aos cinco primeiros livros diz Castilho tê-la

}fl.9{ {fl.9}

concluído em 9 de setembro de 1833. Que já não existia completa em agosto de 1856, quando no Rio de Janeiro se fizeram as recópias, também é infelizmente certo; mas é indubitável que em 1841 existia, e que no caderno final viu Castilho aquela data, que não teria de cor, pois era avesso a conservá-las.

\*

De tão colossal cometimento literário, uma das obras primaciais de Castilho, eis pois o que sobrenadou neste temporal desfeito; é tão importante, que faz quase esquecer as lacunas.

Imprimil-o é dever, e alto serviço á Literatura da  
nossa terra. Cumprimol-o.

\*

Amigos houve das boas Letras, que incitavam  
o filho primogénito de Castilho a preencher do  
melhor modo que soubesse as lacunas de traducção.  
Era lisonjeira a confiança que assim depositavam  
n'um obscuro versejador; mas era irrealisavel

}fl.10{ {fl.10}

o alvitre. Não se levanta o escôpro cahido da mão do  
traductor insigne. Lamenta-se o máu fado que  
empeceu a conservação da sua obra, mas ninguem se  
atreveria a tal e tão pesada collaboração.

Fique pois, como a Providencia ordenou,  
interrompido o monumento: por acabar, e já ruína.

Imprimi-lo é dever, e alto serviço à Literatura da  
nossa terra. Cumprimo-lo.

\*

Amigos houve das boas Letras, que incitavam  
o filho primogênito de Castilho a preencher do  
melhor modo que soubesse as lacunas de tradução.  
Era lisonjeira a confiança que assim depositavam  
num obscuro versejador; mas era irrealizável

}fl.10{ {fl.10}

o alvitre. Não se levanta o escopro caído da mão do  
tradutor insigne. Lamenta-se o mau fado que  
empeceu a conservação da sua obra, mas ninguém se  
atreveria a tal e tão pesada colaboração.

Fique pois, como a Providência ordenou,  
interrompido o monumento: por acabar, e já ruína.

# I

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

## Livro I

## Livro I

Fórça-me o estro a cantar mudadas fórmãs  
em novos corpos. Numes, que as mudastes,  
na emprêza me ajudãe. Trazei meu canto  
desde a origem do Mundo aos nossos tempos.

Força-me o estro a cantar mudadas formas  
em novos corpos. Numes, que as mudastes,  
na empresa me ajudai. Trazei meu canto  
desde a origem do mundo aos nossos tempos.

I

I

Antes do Mar, da Terra, e Ceo que os cobre,  
um só aspecto a Natureza tinha;  
este era o Cáhos; massa indigesta, rude,  
só pêzo inerte, e em confusão discorde  
sementes mil de mil contrárias cousas.  
Inda a um orbe um Sol não dava o dia,  
nem Lua incerta variava as noites;  
não pendias, ó Terra, d'entre os ares  
na gravidade tua equilibrada;  
nem por extensas margens Amphitrite  
os espumosos braços dilatava.

*Antes do mar, da terra, e céu que os cobre,* 5  
*um só aspecto a natureza tinha;*  
*este era o caos; massa indigesta, rude,*  
*só peso inerte, e em confusão discorde*  
*sementes mil de mil contrárias cousas.*  
*Inda a um orbe um sol não dava o dia,* 10  
*nem lua incerta variava as noites;*  
*não pendias, ó Terra, dentre os ares*  
*na gravidade tua equilibrada;*  
*nem por extensas margens Anfitrite*  
*os espumosos braços dilatava.* 15

\*

\*

Ar, e Pélago, e Terra, estavam mixtos;  
as Aguas eram pois impermeaveis,  
os Ares negros, movediça a Terra.

*Ar, e pélagos, e terra, estavam mistos;*  
*as águas eram pois impermeáveis,*  
*os ares negros, movediça a terra.*

}fl.2{ {fl.2}

{fl.2}

Nada em seu proprio ser permanecia;  
isto áquillo se oppunha, que n'um todo  
pugnavam frio e quente, humido e sêcco,  
molle e duro, o que é leve e o que é pezado.

*Nada em seu próprio ser permanecia;*  
*isto àquilo se opunha, que num todo* 20  
*pugnavam frio e quente, úmido e seco,*  
*mole e duro, o que é leve e o que é pesado.*

\*

\*

Um Deus, outra mais alta Natureza,  
 á contínua discordia enfim põe termo:  
 a Terra extrai dos Ceos, o Mar da Terra;  
 e ao Ar fluido e raro abstrai o espêso.  
 Tanto que a Mão divina escolhe, arranca  
 d'este horror, d'este acervo, os Elementos,  
 bem que os disparta por diversos postos,  
 faz que eterna harmonia a todos ligue.  
 Súbito ao cume do convexo espaço  
 o fogo se remonta ardente e leve;  
 na levidade, no lugar lhe fica  
 proximo logo o ar; mais densa que ambos,  
 a Terra pucha os elementos graves,  
 e do seu proprio pêzo é comprimida;  
 o salitroso humor circumfluyente  
 a possue, a rodeia, a lambe, e aperta.

\*

Assim, depois que o deus, qualquer que fosse,  
 o grão corpo dispôz, quiz dividil-o,  
 e membros lhe ordenou. Para que a Terra

}fl.3{ {fl.3}

não fosse desigual em parte alguma,  
 por todas a compôz na forma de orbe.

\*

Ao Mar então mandou que se esparzisse,  
 que ao sôpro inchasse dos forçosos Ventos,  
 e orgulhoso abrangesse as loiras praias.  
 Á mole orbicular deu fontes, lagos;  
 rios deu a fugir por margens curvas;  
 rios, que a mesma Terra em parte absorve  
 no vário longo tranzito; que em parte  
 rompem ao mar, e sôltos lá no espaço  
 de aguas mais livres e extensão mais ampla,  
 em vez das margens assalteiam praias.  
 O Universal Factor tambem dissera:

*Um deus, outra mais alta natureza,  
 à contínua discórdia enfim põe termo:  
 a terra extrai dos céus, o mar da terra;* 25  
*e ao ar fluido e raro abstrai o espesso.  
 Tanto que a mão divina escolhe, arranca  
 deste horror, deste acervo, os elementos,  
 bem que os disparta por diversos postos,  
 faz que eterna harmonia a todos ligue.* 30  
*Súbito ao cume do convexo espaço  
 o fogo se remonta ardente e leve;  
 na levidade, no lugar lhe fica  
 próximo logo o ar; mais densa que ambos,* 35  
*a terra puxa os elementos graves,  
 e do seu próprio peso é comprimida;  
 o salitroso humor circumfluyente  
 a possui, a rodeia, a lambe, e aperta.*

\*

*Assim, depois que o deus, qualquer que fosse,  
 o grão corpo dispôs, quis dividi-lo,* 40  
*e membros lhe ordenou. Para que a Terra*

{fl.3}

*não fosse desigual em parte alguma,  
 por todas a compôs na forma de orbe.*

\*

*Ao mar então mandou que se esparzisse,  
 que ao sopro inchasse dos forçosos ventos,* 45  
*e orgulhoso abrangesse as loiras praias.  
 À mole orbicular deu fontes, lagos;  
 rios deu a fugir por margens curvas;  
 rios, que a mesma terra em parte absorve  
 no vário longo trânsito; que em parte* 50  
*rompem ao mar, e soltos lá no espaço  
 de águas mais livres e extensão mais ampla,  
 em vez das margens assalteiam praias.  
 O universal factor também dissera:*



– “Descei, ó valles; estendei-vos, campos;  
“surgi, montanhas; enramae-vos, selvas.”

\*

Como o Ceo repartido á dextra parte  
tem duas zonas, á sinistra duas,  
e uma no centro mais fogosa que ellas,  
assim do deus o pródigo cuidado  
pôz eguaes divisões no térreo globo.  
Tantas como as dos Ceos o cingem plagas.  
Aquella que das mais está no meio,  
em calores inhóspitos se abraza;  
alta neve enregéla e cobre duas;

}fl.4{ {fl.4}

outras duas porém, que em meio d’estas  
o Nume situou, são moderadas,  
mixto o frio e calor. Fica imminente  
às zonas o Ar, que em pezo ao fogo excede,  
quanto em leveza o Mar excede á Terra.

\*

Deus ordenou que as névoas e que as nuvens  
errassem no inconstante aéreo seio;  
que os Ventos o habitassem, productores  
de arripiados importunos frios,  
e os raios, os trovões, que o mundo aterram.  
Mas o Supremo Autor não deu nos ares  
arbitrario poder aos duros Ventos.  
E inda assim, dominando oppostos climas,  
mal pode o mundo contrastar-lhe as furias.  
;Tal ferve entre os irmãos a desavença!  
Euro foi sibilar ao ceo da Aurora,  
aos reinos nabatheus, á Persia, aos cumes  
que o raio da manhan primeiro alcança.  
O Véspero, essas plagas que se amórnam  
com Phebo occidental, estão visinhas  
ao Zéphyro amoroso. O fero Bóreas

— *Descei, ó vales; estendei-vos, campos;  
surgi, montanhas; enramai-vos, selvas.* —

\*

*Como o céu repartido à destra parte  
tem duas zonas, à sinistra duas,  
e uma no centro mais fogosa que elas,  
assim do deus o pródigo cuidado  
pôs iguais divisões no térreo globo.  
Tantas como as dos céus o cingem plagas.  
Aquella que das mais está no meio,  
em calores inhóspitos se abraza;  
alta neve enregela e cobre duas;*

{fl.4}

outras duas porém, que em meio destas  
*o nume situou, são moderadas,  
misto o frio e calor. Fica imminente  
às zonas o ar, que em peso ao fogo excede,  
quanto em leveza o mar excede à terra.*

\*

*Deus ordenou que as névoas e que as nuvens  
errassem no inconstante aéreo seio;  
que os ventos o habitassem, productores  
de arrepiados importunos frios,  
e os raios, os trovões, que o mundo aterram.  
Mas o supremo autor não deu nos ares  
arbitrário poder aos duros ventos.  
E inda assim, dominando opositos climas,  
mal pode o mundo contrastar-lhe as fúrias.  
Tal ferve entre os irmãos a desavença!  
Euro foi sibilar ao céu da Aurora,  
aos reinos nabateus, à Pérsia, aos cumes  
que o raio da manhã primeiro alcança.  
O Véspero, essas plagas que se amornam  
com Febo occidental, estão vizinhas  
ao Zéfiro amoroso. O fero Bóreas*

55

60

65

70

75

80

85

da Scythia fera e dos Triões se apossa.  
As regiões oppostas humedece  
Austro chuvoso com assíduas nuvens.

*da Sítia fera e dos Triões se apossa.  
As regiões opostas umedece  
Austro chuvoso com assíduas nuvens.*

}fl.5{ {fl.5}

{fl.5}

O Nume sobrepôz aos elementos  
o líquido e sem pêzo Ether brilhante,  
que nada envolve das terrenas fézes.

\*

*O nume sobrepôs aos elementos  
o líquido e sem peso éter brilhante,  
que nada envolve das terrenas fezes.*

\*

90

Logo que tudo com limites certos  
foi pela Eterna Dextra assinalado,  
as estrellas, que oprimidas, que abafadas  
houve em si longamente a massa escura,  
a arder por todo o Ceo principiaram.

E por que não ficasse no Universo  
alguma região deshabitada,  
Astros e Deuses tem o ethéreo assento;  
o Mar aos peixes nítidos é dado,  
aves ao Ar, quadrúpedes á Terra.

\*

*Logo que tudo com limites certos  
foi pela eterna destra assinalado,  
as estrelas, que oprimidas, que abafadas  
houve em si longamente a massa escura,  
a arder por todo o céu principiaram.*

*E por que não ficasse no universo  
alguma região desabitada,*

*astros e deuses têm o etéreo assento;  
o mar aos peixes nítidos é dado,  
aves ao ar, quadrúpedes à terra.*

\*

95

100

Em tanta multidão faltava um Ente  
de pura, de sublime intelligencia,  
que dominasse em tudo; eis nasce o Homem.

Ou tu, Supremo Artífice, e princípio  
de mais perfeito mundo, o procreaste.

pura extracção de divinal semente;  
ou a Terra inda nova, inda de fresco  
separada dos Ceos, lhe tinha o germe;  
e tu, filho de Jápeto, amassando-a

Em tanta multidão faltava um ente  
de pura, de sublime intelligência,  
que dominasse em tudo; eis nasce o homem.

Ou tu, supremo artífice, e princípio  
de mais perfeito mundo, o procriaste.

*Pura extração de divinal semente;  
ou a terra inda nova, inda de fresco  
separada dos céus, lhe tinha o germe;*

*e tu, filho de Jápeto, amassando-a*

105

110

}fl.6{ {fl.6}

{fl.6}

com aguas fluviaes, copiaste n'ella  
os Entes immortaes que regem tudo.  
As outras creaturas debruçadas  
olhando a terra estão; porém ao Homem  
o Factor concedeu sublime rosto;

*com águas fluviais, copiaste nela  
os entes imortais que regem tudo.  
As outras criaturas debruçadas  
olhando a terra estão; porém ao homem  
o factor concedeu sublime rosto;*

115

erguido para o Ceo lhe deu que olhasse.  
A Terra pois, tão rude e informe d'antes,  
presentou finalmente, assim mudada,  
as humanas incógnitas figuras.

<\*/II\

Foi a primeira idade a idade d'oiro.  
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma,  
culto á Fé e á Justiça então se dava;  
ignoravam-se então castigo e mêdo;  
ameaças terríveis não se liam  
no bronze abertas; supplice caterva  
á face do juiz não palpitava;  
todos viviam sem juiz, sem dano.  
Inda nos patrios montes decepado  
ás ondas não baixava o pinho ingente,  
para depois ir ver um mundo estranho;  
de mais clima que o seu ninguém sabia.  
Inda altos fossos não cingiam muros;  
as tubas, os clarins, não ressoavam;  
nem armas nem exercitos havia;

}fl.7{ {fl.7}

sem elles, os mortaes de paz segura  
em ocios innocentes se gosavam.  
O ferro sulcador não a rompia,  
e dava tudo a voluntaria Terra.  
Contente do que brota sem cultura,  
colhia a gente o montanhês morango,  
crêspos medronhos, e as cerejas bravas,  
a amora occulta na espinhosa silva,  
e as ponteagudas luzidías glandes  
que da arvore de Jupiter cahiam.  
Eram todas as quadras Primavera.  
Manços Favónios com sutil bafejo,  
com tépidos sussurros, amimavam  
as flores, sem cultura então nascidas.

*erguido para o céu lhe deu que olhasse.  
A Terra, pois, tão rude e informe dantes,  
presentou finalmente, assim mudada,  
as humanas incógnitas figuras.*

120

II

*Foi a primeira idade a idade d'oiro.  
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma,  
culto à fé e à justiça então se dava;  
ignoravam-se então castigo e medo;  
ameaças terríveis não se liam  
no bronze abertas; súplice caterva  
à face do juiz não palpitava;  
todos viviam sem juiz, sem dano.  
Inda nos pátrios montes decepado  
às ondas não baixava o pinho ingente,  
para depois ir ver um mundo estranho;  
de mais clima que o seu ninguém sabia.  
Inda altos fossos não cingiam muros;  
as tubas, os clarins, não ressoavam;  
nem armas nem exércitos havia;*

125

130

135

{fl.7}

*sem eles, os mortais de paz segura  
em ócios innocentes se gozavam.  
O ferro sulcador não a rompia,  
e dava tudo a voluntária terra.  
Contente do que brota sem cultura,  
colhia a gente o montanhês morango,  
crespos medronhos, e as cerejas bravas,  
a amora occulta na espinhosa silva,  
e as pontiagudas luzidias glandes  
que da árvore de Júpiter caíam.  
Eram todas as quadras primavera.  
Mansos Favónios com sutil bafejo,  
com tépidos sussurros, amimavam  
as flores, sem cultura então nascidas.*

140

145

Viam-se enloirecer, curvar-se, as messes  
 nos campos virgens d'aratórias lidas;  
 em rios ir correndo o leite, o nectar,  
 e da verde azinheira estar cahindo  
 o flavo mel em pegajosas gôttas.

\*

Depois que, dado ao Tártaro Saturno,  
 ficou a Jove universal imperio,  
 veio outra idade; se inferior á de <o>/O\iro,  
 superior á de Bronze, a idade Argêntea.  
 Jove contrai a Primavera antiga;  
 verões, invernos, deseguaes outonos,

}fl.8{ {fl.8}

curta e branda estação que anime as flores,  
 o anno repartem variando os tempos.  
 O ar então começou a escandecer-se,  
 e ao som dos ventos a enrijar-se a neve.  
 Os humanos então principiaram  
 guaridas a buscar; foram guaridas  
 a gruta, a môita espessa, a choça humilde,  
 presto engenhada de cortiça e ramas.  
 Pela primeira vez o grão de Ceres  
 se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,  
 e opprimidos do jugo os bois gemeram.

\*

Às duas succedeste aênea prole,  
 de genio mais feroz, mais pronto á guerra;  
 mas não ímpia.

\*

Eis a ultima: a de Ferro.

Todo o horror, todo o mal rebentam d'ella;  
 subito fogem Fé, Pudor, Verdade;  
 occupam-lhe o logar mentira, astucia,  
 a insultuosa fôrça, a vil perfidia,  
 da posse e do poder o amor infando.

Viam-se enloirecer, curvar-se, as messes  
 nos campos virgens d'aratórias lidas;  
*em rios ir correndo o leite, o néctar,*  
*e da verde azinheira estar caindo*  
*o flavo mel em pegajosas gotas.*

\*

Depois que, dado ao Tártaro Saturno,  
 ficou a Jove universal império,  
*veio outra idade; se inferior à de oiro,*  
*superior à de bronze, a idade argêntea.*  
*Jove contrai a primavera antiga;*  
*verões, invernos, desiguais outonos,*

{fl.8}

*curta e branda estação que anime as flores,*  
*o ano repartem variando os tempos.*  
*O ar então começou a escandecer-se,*  
*e ao som dos ventos a enrijar-se a neve.*  
*Os humanos então principiaram*  
*guaridas a buscar; foram guaridas*  
*a gruta, a moita espessa, a choça humilde,*  
*presto engenhada de cortiça e ramas.*  
*Pela primeira vez o grão de Ceres*  
*se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,*  
*e oprimidos do jugo os bois gemeram.*

\*

*Às duas succedeste aênea prole,*  
*de gênio mais feroz, mais pronto à guerra;*  
*mas não ímpia.*

\*

Eis a última: a de ferro.

*Todo o horror, todo o mal rebentam dela;*  
*súbito fogem fé, pudor, verdade;*  
*ocupam-lhe o lugar mentira, astúcia,*  
*a insultuosa força, a vil perfídia,*  
*da posse e do poder o amor infando.*

150

155

160

165

170

175



Esmagados com o pêzo os feros corpos,  
diz-se que a Terra, a Mãe, no muito sangue  
dos filhos ensopada, o fez vivente;  
homens d'elle criou, por que a memoria  
da progénie feroz permanecesse.  
A nova geração tambem foi dura;  
dos Numes foi tambem desprezadora,  
dada a violencias, da matança amiga,  
provando as obras que a gerára o sangue.

<\*/IV\

Saturnio viu dos Ceos estas maldades;  
gemeu; e, recordando um impio caso  
inda não divulgado, inda recente,  
o atroz festim da lyaónia meza,  
iras concebe o Deus, dignas de Jove;  
e o conselho immortal convoca á pressa,  
que á pressa congregado acode ao mando.  
Ha nos Ceos uma rua alta e patente;  
a summa candidez a faz notavel;  
Láctea Via se chama; esta a que sobem  
os graves cortesãos do grão Tonante,

}fl.11{ {fl.11}

quando a palacio vão. De um lado e de outro  
dos Deuses principaes os átrios brilham,  
abertas sempre as frequentadas portas;  
Deuses menores n'outros sitios moram;  
e os potentes Celícolas supremos  
no topo os seus Penates collocaram.  
Este, a caber na voz audacia tanta,  
Palatino dos Ceos o apellidára.

\*

Em marmóreo salão juntos os Deuses,  
todos depois de Jupiter se assentam,  
que em lugar sobranceiro, e meneando  
espantosas melênas, com que abala

*Esmagados com o peso os feros corpos,  
diz-se que a Terra, a mãe, no muito sangue  
dos filhos ensopada, o fez vivente;  
homens dele criou, por que a memória  
da progénie feroz permanecesse.*

215

*A nova geração também foi dura;  
dos numes foi também desprezadora,  
dada a violências, da matança amiga,  
provando as obras que a gerara o sangue.*

IV

*Satúrnio viu dos Céus estas maldades;  
gemeu; e, recordando um ímpio caso  
inda não divulgado, inda recente,  
o atroz festim da licaônia mesa,  
iras concebe o deus, dignas de Jove;  
e o conselho imortal convoca à pressa,  
que à pressa congregado acode ao mando.*

220

225

*Há nos Céus uma rua alta e patente;  
a suma candidez a faz notável;  
Láctea Via se chama; esta a que sobem  
os graves cortesãos do grão Tonante,*

230

{fl.11}

quando a palácio vão. De um lado e de outro  
dos deuses principais os átrios brilham,  
abertas sempre as frequentadas portas;  
deuses menores noutros sítios moram;  
*e os potentes Celícolas supremos  
no topo os seus penates collocaram.  
Este, a caber na voz audácia tanta,  
“Palatino dos Céus” o apellidara.*

235

\*

*Em marmóreo salão juntos os deuses,  
todos depois de Júpiter se assentam,  
que em lugar sobranceiro, e meneando  
espantosas melenas, com que abala*

240

a Terra, o Mar, e os Ceos, taes vozes sólta  
com fera indignação:

— “Maior cuidado  
“o Mundo me não deu n’aquella idade,  
“em que a turba de anguípedes Gigantes  
“tomar-me os Ceos lidou com braços cento;  
“que, posto que era horrendo esse inimigo,  
“de uma só raça infrene então comtudo,  
“e de uma origem só, pendia a guerra.  
“Eis-me n’um tempo agora, em que é forçoso  
“fazer tremenda universal justiça,  
“perder a humana estirpe, em tudo, em tudo

}fl.12{ {fl.12}

“quanto abraça Nereu circumsonante.  
“Subterrâneas tristissimas Correntes,  
“Correntes que lambeis o estygio bosque,  
“até juro por vós, que ao mal infando  
“mil remedios, em vão tentei primeiro.  
“Mas incuravel chaga exige o ferro;  
“cortada cumpre ser, por que não lavre,  
“por que não fique o são tambem corrupto.  
“Ha lá por baixo, e os amo, os Semideuses;  
“campestres Numes ha, Faunos e Nymphas,  
“Sátyros, e os montícolas Silvanos.  
“Se inda honral-os no Ceo não nos aprouve,  
“nas dadas terras em seguro habitem.  
“¿Mas poderéis pensar que estão seguros,  
“ó Deuses, quando a mim, que empunho o raio,  
“a mim, que vos dou leis, tramou ciladas  
“Lycaón, o afamado em tirannia?”

\*

N’esta interrogação freme o Congresso;  
querem todos o reo da enorme audácia;  
em vinganças fervendo o pedem todos.

a terra, o mar, e os céus, tais vozes solta  
com fera indignação:

— Maior cuidado  
*o mundo me não deu naquela idade,* 245  
*em que a turba de anguípedes gigantes*  
*tomar-me os céus lidou com braços cento;*  
*que, posto que era horrendo esse inimigo,*  
*de uma só raça infrene então contudo,*  
*e de uma origem só, pendia a guerra.* 250  
*Eis-me num tempo agora, em que é forçoso*  
*fazer tremenda universal justiça,*  
*perder a humana estirpe, em tudo, em tudo*

{fl.12}

*quanto abraça Nereu circumsonante.*  
*Subterrâneas tristíssimas correntes,* 255  
*correntes que lambeis o estygio bosque,*  
*até juro por vós, que ao mal infando*  
*mil remédios, em vão tentei primeiro.*  
*Mas incurável chaga exige o ferro;*  
*cortada cumpre ser, por que não lavre,* 260  
*por que não fique o são também corrupto.*  
*Há lá por baixo, e os amo, os semideuses;*  
*campestres numes há, faunos e ninfas,*  
*sátiros, e os montícolas silvanos.*  
*Se inda honrá-los no Céu não nos aprouve,* 265  
*nas dadas terras em seguro habitem.*  
*Mas podereis pensar que estão seguros,*  
*ó deuses, quando a mim, que empunho o raio,*  
*a mim, que vos dou leis, tramou ciladas*  
*Licaón, o afamado em tirania? —* 270

\*

*Nesta interrogação freme o Congresso;*  
*querem todos o réu da enorme audácia;*  
*em vinganças fervendo o pedem todos.*

Assim, quando ímpia mão queria extinto  
de Roma o nome no cesáreo sangue,  
pelo terror da subita ruína  
attónita ficou a Espécie humana;

}fl.13{ {fl.13}

todo o Mundo tremeu de horrorizado.  
Augusto, então dos teus não menos grata  
a ternura te foi, que a Jove aquella.

\*

Depois que ao grão sussurro impôz silencio  
co'a mão e a voz, emudeceram todos.  
Suffocado o furor no acatamento,  
o Monarcha dos Ceos assim prosegue:

– “Cuidado vos não dê a acção nefanda;  
“o sacrílego autor já foi punido.  
“Direi primeiro o crime, e logo a pena.  
“Do corrompido seculo as infâmias  
“subiram-me á noticia; desejoso  
“de achar falso o que ouvi, baixei do Olympo,  
“e a terra discorri com face humana.  
“Relevára ocupar moroso espaço  
“na feia narração do que hei sabido,  
“de horrores que encontrei por toda a parte;  
“era a verdade emfim maior que a fama.  
“Passado havendo o Ménalo, horroroso  
“covil de feras bravas, o Cylleno,  
“e o frígido Lyceu, que os pinhos c’rôam,  
“do arcádico tiranno os lares busco.

}fl.14{ {fl.14}

“Entro os paços inhóspitos já quando  
“negrejava o crepusculo da noite;  
“dou mostras de que um Deus era chegado,  
“e votos pios me dirige o povo.

*Assim, quando ímpia mão queria extinto  
de Roma o nome no cesáreo sangue,  
pelo terror da súbita ruína  
atônita ficou a espécie humana;*

275

{fl.13}

*todo o mundo tremeu de horrorizado.  
Augusto, então dos teus não menos grata  
a ternura te foi, que a Jove aquella.*

280

\*

*Depois que ao grão sussurro impôs silêncio  
co'a mão e a voz, emudeceram todos.  
Sufocado o furor no acatamento,  
o monarca dos Céus assim prosegue:*

— *Cuidado vos não dê a acção nefanda;  
o sacrílego autor já foi punido.  
Direi primeiro o crime, e logo a pena.  
Do corrompido século as infâmias  
subiram-me à notícia; desejoso  
de achar falso o que ouvi, baixei do Olimpo,  
e a terra discorri com face humana.  
Relevara ocupar moroso espaço  
na feia narração do que hei sabido,  
de horrores que encontrei por toda a parte;  
era a verdade emfim maior que a fama.  
Passado havendo o Ménalo, horroroso  
covil de feras bravas, o Cileno,  
e o frígido Liceu, que os pinhos c’roam,  
do arcádico tirano os lares busco.*

285

290

295

{fl.14}

*Entro os paços inhóspitos já quando  
negrejava o crepúsculo da noite;  
dou mostras de que um deus era chegado,  
e votos pios me dirige o povo.*

300





O decreto de Jove alguns applaudem,  
e á ira horrenda estímulos agregam;  
o mais da turba unânime confirma.  
Doe a todos porém o immenso estrago;  
da triste humanidade o fim lhes pésa.  
Perguntam:

– “¿Qual será da terra a face,  
“qual forma a sua, dos mortaes vazía?  
“¿Quem ha-de ás aras ministrar o incenso?  
“A devastar a abominosa gente,  
“¿fará que as feras dos desertos saiam?”  
D’est’arte os Deuses o vindoiro inquirem.  
– “Não temais – lhes responde o Rei superno; –  
“esse cuidado é meu; dispuz já tudo.”  
E melhor geração do que a primeira

}fl.16{ {fl.16}

com portentosa origem lhes promete.

&lt;\*&gt;/V\

Ia já desparzir por toda a terra  
o Nume vingador milhões de raios;  
eis teme que a voraz terrível chamma  
com impeto crescida acenda o éther,  
e lá se abraze do Universo o eixo.  
Á memoria lhe vem que leu nos fados,  
que inda a Terra, inda o Mar, inda as Estrellas,  
seriam de alto incendio acomettidos,  
e a machina do Mundo arruinada.

\*

Depondo as armas que os Cyclópes forjam,  
de outra pena se apraz; com outros males  
quer punir os mortaes: quer suffocal-os  
co’as sôltas aguas, derretendo as nuvens  
por todo o polo em rapidos chuveiros.  
Na gruta eólia subito aferrólha  
Aquilão rugidor, e os mais que espancam

*O decreto de Jove alguns applaudem,  
e à ira horrenda estímulos agregam;  
o mais da turba unânime confirma.  
Dói a todos porém o imenso estrago;  
da triste humanidade o fim lhes pesa.*

340

Perguntam:

— Qual será da terra a face,  
*qual forma a sua, dos mortais vazia?*  
*Quem há de às aras ministrar o incenso?*  
A devastar a abominosa gente,  
fará que as feras dos desertos saiam? —  
*Destarte os deuses o vindoiro inquirem.*  
— *Não temais – lhes responde o Rei superno –*  
*esse cuidado é meu; dispuz já tudo. —*  
*E melhor geração do que a primeira*

345

{fl.16}

*com portentosa origem lhes promete.*

V

*Ia já desparzir por toda a terra  
o nume vingador milhões de raios;  
eis teme que a voraz terrível chama  
com ímpeto crescida acenda o éter,  
e lá se abraze do universo o eixo.  
À memória lhe vem que leu nos fados,  
que inda a terra, inda o mar, inda as estrelas,  
seriam de alto incêndio acometidos,  
e a máquina do mundo arruinada.*

\*

*Depondo as armas que os ciclopes forjam,* 360  
*de outra pena se apraz; com outros males  
quer punir os mortais: quer sufocá-los  
co’as soltas águas, derretendo as nuvens  
por todo o polo em rápidos chuveiros.*  
*Na gruta eólia súbito aferrolha* 365  
*Aquilão rugidor, e os mais que espancam*

altas procellas, grávidos vapores;  
o Nóto desencerra; e vôa o Nóto,  
longas as (pennas) mádidas, envôlta  
em densa escuridão a atroz carranca.  
Pézam-lhe as barbas com pejudas nuvens;  
escorre-lhe a melena encanecida;  
poisam-lhe as névoas na cabeça horrenda;

*altas procelas, grávidos vapores;  
o Noto desencerra; e voa o Noto,  
longas as penas mádidas, envolta  
em densa escuridão a atroz carranca.  
Pesam-lhe as barbas com pejudas nuvens;  
escorre-lhe a melena encanecida;  
poisam-lhe as névoas na cabeça horrenda;*

370

}fl.17{ {fl.17}

{fl.17}

co'as azas e co'o manto orvalha os ares.  
Tanto que expreme as ondeantes nuvens,  
um ríspido fragor no Ceo retumba,  
e o Ceo rebenta em hórrida torrente.  
Iris, a nuncia da saturnia Juno,  
trajando roupas de matiz lustroso,  
embebe as aguas, e alimenta as nuvens.  
Morrem nas loiras trémulas seáras  
ao cultor lacrimoso as esperanças;  
um momento destroi de um anno a lida.  
Para o furor de Jove os Ceos não bastam;  
o azul Irmão co'as ondas o auxilia.  
Este os rios convoca; e mal que os paços  
entram do iroso undívago tirano,  
— “Não careço — lhes diz — para comvosco  
“de longa exortação, fieis ministros.  
“Ide, inchae, derramae-vos pelas terras;  
“vazem-se de repente as urnas vossas;  
“rompa-se o dique às prófugas correntes;  
“solte-se o freio às aguas; assim cumpre.”  
Ordena; partem; correm; vão-se às fontes,  
e as bôcas d'onde sahem lhes desapertam;  
volvem depois ao mar desenfreados.  
Neptuno vibra o cérulo tridente,  
fere a terra com elle, e treme a terra;  
e às aguas co'o tremor franqueia o seio.

*co'as asas e co'o manto orvalha os ares.  
Tanto que espreme as ondeantes nuvens,  
um ríspido fragor no céu retumba,  
e o céu rebenta em hórrida torrente.  
Iris, a nuncia da satúrnica Juno,  
trajando roupas de matiz lustroso,  
embebe as águas, e alimenta as nuvens.  
Morrem nas loiras trêmulas searas  
ao cultor lacrimoso as esperanças;  
um momento destrói de um ano a lida.  
Para o furor de Jove os céus não bastam;  
o azul irmão co'as ondas o auxilia.  
Este os rios convoca; e mal que os paços  
entram do iroso undívago tirano,  
— Não careço — lhes diz — para convosco  
de longa exortação, fiéis ministros.  
Ide, inchai, derramai-vos pelas terras;  
vazem-se de repente as urnas vossas;  
rompa-se o dique às prófugas correntes;  
solte-se o freio às águas; assim cumpre. —  
Ordena; partem; correm; vão-se às fontes,  
e as bocas donde saem lhes desapertam;  
volvem depois ao mar desenfreados.  
Netuno vibra o cérulo tridente,  
fere a terra com ele, e treme a terra;  
e às águas co'o tremor franqueia o seio.*

375

380

385

390

395



Buscada longamente, e em vão buscada,  
 pelas aéreas aves sendo a terra,  
 onde repoisem de contínuo vôo,  
 cançam-se emfim, despenham-se nas aguas.  
 Já com soberbos torreões de espuma  
 cobre o pégo arrogante as árduas serras;  
 fervem de em torno aos mais fragosos picos  
 as ondas, que jamais ali ferveram;  
 assaltando os misérrimos viventes  
 no vão refugio, quasi tudo absorvem;  
 e aquelles que da furia se lhe esquivam,  
 em comprido jejum ralados morrem.

\*

A Phócida, que os Atticos separa  
 dos afamados campos da Beócia,  
 e terra píngue foi quando foi terra,  
 é já de aguas envôltas lago immenso.  
 Ali de cumes dois montanha ingente,  
 tendo a ramosa frente além das nuvens,  
 e arremetendo aos Ceos, se diz Parnaso.  
 N'ella Deucalião, porque dos mares  
 jazia tudo o mais emfim coberto,

}fl.20{ {fl.20}

n'ella Deucalião tinha aportado  
 em pequeno baixel co'a terna esposa,  
 forçados pelos impetos das aguas.  
 Desembarcando os dois, off'recem logo  
 interno culto aos Numes da montanha,  
 ás Nymphas de Corycio, a Thémis sacra,  
 de quem ali o oraculo se ouvia.  
 Nenhum dos homens excedêra áquelle  
 no amor ao justo, no temor aos Deuses;  
 luziam na consorte eguaes virtudes.

\*

*Buscada longamente, e em vão buscada,  
 pelas aéreas aves sendo a terra,  
 onde repoisem de contínuo voo,  
 cansam-se emfim, despenham-se nas águas.  
 Já com soberbos torreões de espuma  
 cobre o pego arrogante as árduas serras;  
 fervem de em torno aos mais fragosos picos  
 as ondas, que jamais ali ferveram;  
 assaltando os misérrimos viventes  
 no vão refúgio, quase tudo absorvem;  
 e aqueles que da fúria se lhe esquivam,  
 em comprido jejum ralados morrem.*

\*

*A Fócida, que os Aticos separa  
 dos afamados campos da Beócia,  
 e terra pingue foi quando foi terra,  
 é já de águas envoltas lago imenso.  
 Ali de cumes dois montanha ingente,  
 tendo a ramosa frente além das nuvens,  
 e arremetendo aos Céus, se diz Parnaso.  
 Nela Deucalião, porque dos mares  
 jazia tudo o mais emfim coberto,*

{fl.20}

*nela Deucalião tinha aportado  
 em pequeno baixel co'a terna esposa,  
 forçados pelos ímpetos das águas.  
 Desembarcando os dois, off'recem logo  
 interno culto aos numes da montanha,  
 às ninfas de Corício, a Têmis sacra,  
 de quem ali o oráculo se ouvia.  
 Nenhum dos homens excedera áquele  
 no amor ao justo, no temor aos deuses;  
 luziam na consorte iguais virtudes.*

\*

Jove, que o mundo vê todo inundado,  
vivos de tantos mil só um, só uma,  
ambos tão pios, tão amáveis ambos,  
co'os sôltos Aquilões dispersa as nuvens,  
as pezadas carrancas dos chuveiros,  
e a Terra mostra aos Ceos, e os Ceos á Terra.  
Nem do pélagos a furia permanece:  
co' o ferro de tres pontas, mal que o toca,  
as ondas lhe amacia o Deus das ondas;  
e chamando Tritão, que levantado  
sobre a agua está, cobertos de brilhante  
púrpura natural seus rijos hombros,  
o búzio roncador lhe diz que assopre,  
que no usado sinal ordene aos rios,  
e ao trasbordado mar, que retrocedam.  
Da sonora e cóncava buzina

}fl.21{ {fl.21}

lança mão de repente o grão Mancebo,  
da buzina, que em círculos, em rôscas,  
da ponta para cima se dilata;  
que, tanto que no seio acolhe os ares,  
de um e de outro hemisphério atrôa as praias.  
Eis aos labios a concha o Deus applica,  
por entre negras barbas orvalhosas;  
incham-lhe as faces ao robusto assôpro;  
e aguas da terra e mar, que o som lhe escutam,  
súbito a seu pesar veem recuando.  
Este já praias tem, teem leito os rios,  
e murmuram pacíficos e tardos;  
os oiteiros assomam; surge o solo;  
os campos crescem, decrescendo as ondas.  
Depois de longo espaço os arvoredos,  
os arvoredos nus, se vão mostrando;  
dos despojados troncos pendem limos.

\*

*Jove, que o mundo vê todo inundado,  
vivos de tantos mil só um, só uma,  
ambos tão pios, tão amáveis ambos,  
co'os soltos Aquilões dispersa as nuvens,  
as pesadas carrancas dos chuveiros,  
e a terra mostra aos céus, e os céus à terra.  
Nem do pélagos a fúria permanece:  
co' o ferro de três pontas, mal que o toca,  
as ondas lhe amacia o deus das ondas;  
e chamando Tritão, que levantado  
sobre a água está, cobertos de brilhante  
púrpura natural seus rijos ombros,  
o búzio roncador lhe diz que assopre,  
que no usado sinal ordene aos rios,  
e ao trasbordado mar, que retrocedam.  
Da sonora e côncava buzina*

{fl.21}

*lança mão de repente o grão mancebo,  
da buzina, que em círculos, em roscas,  
da ponta para cima se dilata;  
que, tanto que no seio acolhe os ares,  
de um e de outro hemisfério atroa as praias.  
Eis aos lábios a concha o deus aplica,  
por entre negras barbas orvalhosas;  
incham-lhe as faces ao robusto assopro;  
e águas da terra e mar, que o som lhe escutam,  
súbito a seu pesar veem recuando.  
Este já praias tem, têm leito os rios,  
e murmuram pacíficos e tardos;  
os oiteiros assomam; surge o solo;  
os campos crescem, decrescendo as ondas.  
Depois de longo espaço os arvoredos,  
os arvoredos nus, se vão mostrando;  
dos despojados troncos pendem limos.*

\*

Emfim, renasce o Mundo. Vendo o triste,  
o bom Deucalião vazia a terra,  
e alto silencio derramado em tudo,  
a Pyrrha diz chorando:

– “Ó doce esposa,  
“doce irman, e hoje a unica de tantas  
“habitantes do Mundo, e que ligada  
“pelo amor, pelo sangue, estás comigo,  
“e ao presente inda mais pelo infortunio,

}fl.22{ {fl.22}

“do nascente ao poente em toda a Terra  
“só habitamos nós, só nós vivemos;  
“tudo mais pelas ondas foi tragado;  
“e cuido que não tens inda segura  
“tua existencia tu, nem eu a minha:  
“estas nuvens que observo... inda me aterram.  
“¡Ah, triste! ¿que farias, se arrancada  
“ao fado universal sem mim te visses?  
“¿Onde, fria de susto, onde leváras  
“a planta vacillante? ¿e quem sería  
“tua consolação na dor, no pranto?  
“Crê, minha amada, que se o mar sanhudo  
“te escondesse nas sôfregas entranhas,  
“te houvera de seguir o afflito esposo.  
“Sócio te fôra em vida, e sócio em morte.  
“¡Oh! ¡não ter eu de um pae herdado a industria!  
“renovaria agora a humanidade,  
“alma infundindo na formada terra.  
“Todo o Género humano em nós se inclui.  
“Isto aos Fados apraz, apraz aos Deuses.  
“Ficámos para exemplo de que o Mundo  
“morada de homens foi.”

\*

*Emfim, renasce o mundo. Vendo o triste,  
o bom Deucalião vazia a terra,  
e alto silêncio derramado em tudo,  
a Pirra diz chorando:*

— Ó doce esposa,  
doce irmã, e hoje a *única de tantas*  
*habitantes do mundo, e que ligada*  
*pelo amor, pelo sangue, estás comigo,*  
e ao presente inda mais pelo infortúnio,

{fl.22}

*do nascente ao poente em toda a Terra* 505  
*só habitamos nós, só nós vivemos;*  
*tudo mais pelas ondas foi tragado;*  
*e cuido que não tens inda segura*  
*tua existência tu, nem eu a minha:*  
*estas nuvens que observo... inda me aterram.* 510  
*Ah, triste! Que farias, se arrancada*  
*ao fado universal sem mim te visses?*  
*Onde, fria de susto, onde levaras*  
*a planta vacilante? E quem seria*  
*tua consolação na dor, no pranto?* 515  
*Crê, minha amada, que se o mar sanhudo*  
*te escondesse nas sôfregas entranhas,*  
*te houvera de seguir o aflito esposo.*  
*Sócio te fora em vida, e sócio em morte.*  
*Oh! Não ter eu de um pai herdado a indústria!* 520  
*Renovaria agora a humanidade,*  
*alma infundindo na formada Terra.*  
*Todo o gênero humano em nós se inclui.*  
*Isto aos fados apraz, apraz aos deuses.*  
*Ficamos para exemplo de que o mundo* 525  
*morada de homens foi. —*

\*

Disse; e choravam.  
 Depois, tornando em si, resolvem ambos  
 recorrer aos Oráculos sagrados,  
 da Deusa Thémis invocar o auxílio.  
 Não tardam; vão-se á margem do Cephíso,

}fl.23{ {fl.23}

inda revólto sim, mas já com margens;  
 e apenas pelas frentes, pelas vestes,  
 os libados licôres desparziram,  
 para o templo da Deusa os passos torcem.  
 Manchava tôrpe musgo a frente, os tectos,  
 da estancia veneravel, e jaziam  
 sem ministro, sem luz, sem culto, as aras.  
 Como os sacros degráus tocado houvessem,  
 sobre a mádida terra os dois se prostram,  
 e dão nas pedras ósculo medroso;  
 oram depois assim:

– “Se justas preces

“tornam benignos os irados Numes,  
 “se a cólera dos Ceos com ais se adoça,  
 “dize-nos, Deusa, dize-nos, de que arte  
 “podemos restaurar a Espécie humana,  
 “e soccorre piedosa o triste Mundo.”

Movendo-se a Deidade assim lhes fala:

– “Do meu templo sahi cobrindo as frentes;  
 “soltæ as vestiduras que vos cingem,  
 “e para traz depois lançaes os ossos  
 “da vossa grande mãe.”

Tendo ficado

atônitos os dois espaço grande,

Disse; e choravam.

*Depois, tornando em si, resolvem ambos  
 recorrer aos oráculos sagrados,  
 da deusa Têmis invocar o auxílio.  
 Não tardam; vão-se à margem do Cefiso,*

{fl.23}

*inda revolto sim, mas já com margens;  
 e apenas pelas frentes, pelas vestes,  
 os libados licores desparziram,  
 para o templo da deusa os passos torcem.  
 Manchava torpe musgo a frente, os tetos,  
 da estância venerável, e jaziam  
 sem ministro, sem luz, sem culto, as aras.  
 Como os sacros degraus tocado houvessem,  
 sobre a mádida terra os dois se prostram,  
 e dão nas pedras ósculo medroso;*

— *Se justas preces*

*tornam benignos os irados numes,  
 e a cólera dos Céus com ais se adoça,  
 dize-nos, deusa, dize-nos, de que arte  
 podemos restaurar a espécie humana,  
 e socorre piedosa o triste mundo. —*

*Movendo-se a deidade assim lhes fala:*

*— Do meu templo saí cobrindo as frentes;  
 soltai as vestiduras que vos cingem,  
 e para traz depois lançai os ossos  
 da vossa grande mãe. —*

*Tendo ficado*

*atônitos os dois espaço grande,*



}fl.24{ {fl.24}	{fl.24}	
<p>Pyrha primeiro enfim rompe o silencio.  Da Divindade as leis cumprir não ousa;  e com trêmula voz perdão lhe roga,  porque teme, espalhando os ossos frios,  aos Mânes maternaes fazer injúria.  Depois d’isto repetem, pézam, notam,  as palavras do oráculo sombrío;  té que Deucalião, o venerando  filho de Prometheu, com brandas vozes,  serena a cara esposa, e diz:</p> <p style="text-align: center;">— “Se a caso</p> <p>“não revólvo illusões no pensamento,  “o oráculo da Deusa é justo, é pío;  “não nos ordena o mal, não quer um crime.  “A <u>grande Mãe</u> que ouviste, a mãe de todos,  “é a Terra; a meu ver, são d’ella <u>os ossos</u>  “as pedras; e essas diz que atraz lancemos.”</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,  esperanças com dúvidas se envolvem,  e ambos das ordens santas desconfiam;  mas... ¿que mal faz tentar? Descem do templo;  cobrem a frente; as túnicas descingem,  e logo para traz as pedras lançam.  Eis... (¿quem te dera crédito, ó portento,</p>	<p><i>Pirra primeiro enfim rompe o silêncio.  Da divindade as leis cumprir não ousa;  e com trêmula voz perdão lhe roga,  porque teme, espalhando os ossos frios,  aos manes maternais fazer injúria.  Depois disto repetem, pesam, notam,  as palavras do oráculo sombrio;  ‘té que Deucalião, o venerando  filho de Prometeu, com brandas vozes,  serena a cara esposa, e diz:</i></p> <p style="text-align: center;">— <i>Se acaso</i></p> <p><i>“não revolvo ilusões no pensamento,  o oráculo da deusa é justo, é pio;  não nos ordena o mal, não quer um crime.  A grande mãe que ouviste, a mãe de todos,  é a Terra; a meu ver, são dela os ossos  as pedras; e essas diz que atrás lancemos. —</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p><i>Bem que esta inteligência agrade a Pirra,  esperanças com dúvidas se envolvem,  e ambos das ordens santas desconfiam;  mas... que mal faz tentar? Descem do templo;  cobrem a frente; as túnicas descingem,  e logo para traz as pedras lançam.  Eis... (quem te dera crédito, ó portento,</i></p>	<p>555</p> <p>560</p> <p>565</p> <p>570</p> <p>575</p>
}fl.25{ {fl.25}	{fl.25}	
<p>se annosa tradição não te abonasse?)  eis que as pedras de súbito começam  a despir-se do frio e da rijeza,  e, despindo a rijeza, a transformar-se;  crescendo vão; mais branda natureza  lhes entra; e, se perfeito o vulto humano  logo ali se não vê, se vê contudo  em grosseiros sinaes a semelhança,</p>	<p><i>se anosa tradição não te abonasse?)  eis que as pedras de súbito começam  a despir-se do frio e da rijeza,  e, despindo a rijeza, a transformar-se;  crescendo vão; mais branda natureza  lhes entra; e, se perfeito o vulto humano  logo ali se não vê, se vê contudo  em grosseiros sinais a semelhança,</i></p>	<p>580</p>

quaes mármores apenas desbastados,  
estátuas em começo, informes, rudes.  
Partes que eram terrenas e succosas,  
nas carnes e no sangue se convertem;  
o que tem solidez, e o que não dobra,  
muda-se em ossos; e o que d'antes n'ellas  
veia se nomeou, conserva o nome.

N'um breve espaço enfim, ¡mercê dos Deuses!  
as que arroja o varão varões se tornam,  
e as que sólta a mulher, mulheres ficam.  
Por isto somos fortes, somos duros,  
aptos a empresas, próprios a trabalhos;  
e em nosso exfôrço, na constancia nossa,  
claramente se vê que origem temos.

## VI

Os outros animaes na forma vários,  
a Terra os produziu sendo escaldado  
pelos raios do Sol o humor antigo.

}fl.26{ {fl.26}

Os encharcados, os lodosos campos,  
com o activo calor se entumeceram;  
e os, no solo vivaz enclausurados,  
almos princípios seminaes dos sêres,  
qual no ventre da mãe se nutre o fêto,  
lá se foram nutrindo; co'a demora,  
crescendo; no crescer, tomando aspectos.  
Tal, depois de espraído, quando volta  
o grão (setémflu) Nilo ao prisco leito,  
co'a ethérea flamma se afogueia o lôdo;  
e por entre os torrões, quando os revolve,  
de animaes o cultor acha milhares;  
alguns inda a nascer, formados parte,  
e parte os membros seus inda imperfeitos;  
e vê-se muitas vezes que de um corpo  
metade vive já, metade é terra.

quais mármores apenas desbastados,  
estátuas em começo, informes, rudes.  
*Partes que eram terrenas e succosas,  
nas carnes e no sangue se convertem;  
o que tem solidez, e o que não dobra,  
muda-se em ossos; e o que dantes nelas  
veia se nomeou, conserva o nome.*

*Num breve espaço enfim, mercê dos deuses!  
As que arroja o varão varões se tornam,  
e as que solta a mulher, mulheres ficam.  
Por isto somos fortes, somos duros,  
aptos a empresas, próprios a trabalhos;  
e em nosso esforço, na constância nossa,  
claramente se vê que origem temos.*

## VI

*Os outros animais na forma vários,  
a Terra os produziu sendo escaldado  
pelos raios do sol o humor antigo.*

{fl.26}

*Os encharcados, os lodosos campos,  
com o ativo calor se entumeceram;  
e os, no solo vivaz enclausurados,  
almos princípios seminaes dos seres,  
qual no ventre da mãe se nutre o feto,  
lá se foram nutrindo; co'a demora,  
crescendo; no crescer, tomando aspectos.  
Tal, depois de espraído, quando volta  
o grão setênflu Nilo ao prisco leito,  
co'a etérea flama se afogueia o lodo;  
e por entre os torrões, quando os revolve,  
de animais o cultor acha milhares;  
alguns inda a nascer, formados parte,  
e parte os membros seus inda imperfeitos;  
e vê-se muitas vezes que de um corpo  
metade vive já, metade é terra.*

585

590

595

600

605

610

615

Humidade e calor engendram tudo,  
se mutuamente se temperam ambos.  
Bem que da água contrário o fogo seja,  
sai do humido vapor quanto se gera,  
e a discorde concórdia é fonte às vidas.  
Portanto, a fértil Mãe, a extensa Terra,  
do recente dilúvio repassada,  
e pelo aéreo lume escandecida,  
innúmeras espécies foi brotando;  
deu ser a algumas co'a figura antiga;  
n'outras enfim criou não vistos monstros.

\*

}fl.27{ {fl.27}

\*

Tu foste, a seu pesar, tu foste um d'elles,  
descommunal Python, serpente ignota,  
da nova gente assombro; jassim do monte  
cobriás com o volume enorme espaço!  
O <Deus>/deus\que o arco empunha, e só nas côrças,  
só nas velozes montanhezes cabras,  
o empregára até'li, foi quem, vibrando  
séta após séta, exausta quasi a aljava,  
e já com a férrea messe opresso o monstro,  
pelas negras innumeras feridas  
lhe fez lançar com a peste a vida infecta;  
e, por que o tempo não gastasse a fama,  
jogos criou com publicos certames,  
da vencida Python chamados phythios.  
O vencedor no césto, ou na carreira,  
ou no coche fugaz, de verde enzinho  
recebia por premio honrosa c'rôa.  
Não havia inda o loiro; e o proprio Phebo  
à gentil fronte de espaçosas tranças  
grinalda em qualquer arvore colhia.  
Do loiro que hoje traz direi a origem.

*Umidade e calor engendram tudo,  
se mutuamente se temperam ambos.  
Bem que da água contrário o fogo seja,  
sai do úmido vapor quanto se gera,  
e a discorde concórdia é fonte às vidas.  
Portanto, a fértil mãe, a extensa Terra,  
do recente dilúvio repassada,  
e pelo aéreo lume escandecida,  
inúmeras espécies foi brotando;  
deu ser a algumas co'a figura antiga;  
noutras enfim criou não vistos monstros.*

\*

{fl.27}

\*

Tu foste, a seu pesar, tu foste um deles,  
descomunal Piton, serpente ignota,  
da nova gente assombro; assim do monte  
cobrias com o volume enorme espaço!  
O deus que o arco empunha, e só nas corças,  
só nas velozes montanhesez cabras,  
o empregara até'li, foi quem, vibrando  
seta após seta, exausta quase a aljava,  
e já com a férrea messe opresso o monstro,  
pelas negras inúmeras feridas  
lhe fez lançar com a peste a vida infecta;  
e, por que o tempo não gastasse a fama,  
jogos criou com públicos certames,  
da vencida Piton chamados “pitios”.  
O vencedor no cesto, ou na carreira,  
ou no coche fugaz, de verde enzinho  
recebia por prêmio honrosa c'roa.  
Não havia inda o loiro; e o próprio Febo  
à gentil fronte de espaçosas tranças  
grinalda em qualquer árvore colhia.  
Do loiro que hoje traz direi a origem.

## VII

Foi dos amores seus o amor primeiro  
a filha do Peneu, a ingenua Daphne;  
de Cupido coléricas vinganças,  
não cegueiras da sorte, o produziram.

\*

}fl.28{ {fl.28}

\*

Da recente façanha inda soberbo  
encontra o Délio <Deus>[↑deus] ao <Deus>[↑deus]  
menino,  
de arquinho em punho a retezar-lhe a corda.

– “Desenvôlta criança, ¿que te metes  
“com fortes armas tu? Armas como essas  
“só a mim ficam bem, a mim, que posso  
“feras, contrários, derribar com os tiros,  
“que debellei Pythón, Pythón, que tantas  
“geiras com o ventre immundo assoberbava.  
“Sétas deixa, contenta-te com o facho,  
“vae com o facho acender não sei que amores;  
“não queiras aspirar aos meus triumphos.”

– “Phebo, – lhe volve o filho de (Dyóne)<,> (–)  
“teu arco fere a tudo, e o meu te fere;  
“d’essas feras ao Nume que as debella,  
“menos vai, que da tua á minha gloria.”

Disse; e fendendo o ar com as ageis plumas,  
no alto poisou do umbrífero Parnaso.  
Extrai da plena aljava duas sétas,  
diversas no lavor, no effeito oppostas:  
esta amores produz, aquella os bane;  
a primeira, fulgente, é de oiro, e aguda;

## VII

Foi dos amores seus o amor primeiro  
a filha do Peneu, a ingênua Dafne;  
de Cupido coléricas vinganças,  
não cegueiras da sorte, o produziram.

\*

{fl.28}

\*

Da recente façanha inda soberbo  
encontra o Délio deus ao deus menino,  
de arquinho em punho a retesar-lhe a corda.

— Desenvolta criança, que te metes  
com fortes armas tu? Armas como essas  
só a mim ficam bem, a mim, que posso  
feras, contrários, derribar com os tiros,  
que debelei Piton, Pítion, que tantas  
jeiras com o ventre imundo assoberbava.  
Setas deixa, contenta-te com o facho,  
vai com o facho acender não sei que amores;  
não queiras aspirar aos meus triunfos. —

— Febo, – lhe volve o filho de Dione –  
teu arco fere a tudo, e o meu te fere;  
dessas feras ao nume que as debela,  
menos vai, que da tua à minha glória. —

Disse; e fendendo o ar com as ágeis plumas,  
no alto poisou do umbrífero Parnaso.  
Extrai da plena aljava duas setas,  
diversas no lavor, no effeito opostas:  
esta amores produz, aquela os bane;  
a primeira, fulgente, é de oiro, e aguda;

}fl.29{ {fl.29}	{fl.29}	
<p>baça e romba a segunda é chumbo inerte;          com esta fere o Deus o seio á Nympha;          com a outra a Apollo os intimos do peito.          ;Eil-o ama! ;eil-a de amante odeia o nome!          só folga extraviar-se em labirintos          de selvático horror, trajar á custa          das feras que prostrou; rival em tudo          da virginal Diana, até (como ella)          só prêzo de um listão deixava errante          o cabelo em vistoso desalinho.          Mil a pretendem, mil; tem odio a todos.          Intacta, impaciente de consorte,          corre sósinha os bosques inacessos,          sem curar de hymeneu, de amor, de nupcias.          ;Quantas vezes seu pae lhe repetia:          – “Deves-me um genro, ó filha.” –;Quantas vezes:          – “Filha, deves-me netos” – lhe tornava!          Mas ella, como crime detestando          conjugaes uniões, – “Meu pae, – dizia          toda aceza em rubor no lindo aspecto,          e á paterna cerviz lançando os braços –          “permite, caro pae, á cara filha          “poder gosar perpétua virgindade;          “Diana de seu pae obteve o mesmo.”          O velho condescende; em vão, que, ó Daphne,</p>	<p>baça e romba a segunda é chumbo inerte;          com esta fere o deus o seio à ninfa;          com a outra a Apolo os íntimos do peito.          Ei-lo ama! Ei-la de amante odeia o nome!          Só folga extraviar-se em labirintos          de selvático horror, trajar à custa          das feras que prostrou; rival em tudo          da virginal Diana, até (como ela)          só preso de um listão deixava errante          o cabelo em vistoso desalinho.          Mil a pretendem, mil; tem ódio a todos.          Intacta, impaciente de consorte,          corre sozinha os bosques inacessos,          sem curar de himeneu, de amor, de núpcias.          Quantas vezes seu pai lhe repetia:          “Deves-me um genro, ó filha”. Quantas vezes:          “Filha, deves-me netos” – lhe tornava!          Mas ela, como crime detestando          conjugais uniões, “Meu pai, – dizia          toda acesa em rubor no lindo aspecto,          e à paterna cerviz lançando os braços –          permite, caro pai, à cara filha          poder gozar perpétua virgindade;          Diana de seu pai obteve o mesmo.”          O velho condescende; em vão, que, ó Dafne,</p>	<p>675</p> <p>680</p> <p>685</p> <p>690</p> <p>695</p>
}fl.30{ {fl.30}	{fl.30}	
<p>resiste aos rogos teus o teu semblante.          Não é, egual te apraz ser, quem é tão linda.          *</p>	<p>resiste aos rogos teus o teu semblante.          Não é, igual te apraz ser, quem é tão linda.          *</p>	<p>700</p>
<p>Em vago inquieto amor fervendo Apollo,          viu Daphne; suspirou-a para esposa;          suspirou, e de obtel-a entrou na esp’rança.          ;Tanto ao seu Nume o oráculo mentia!</p>	<p>Em vago inquieto amor fervendo Apolo,          viu Dafne; suspirou-a para esposa;          suspirou, e de obtê-la entrou na esp’rança.          Tanto ao seu nume o oráculo mentia!</p>	<p>705</p>

Qual um ceifado chão se larga ás chammas,  
 qual se abraza um vallado, onde, a descuido,  
 o archote do viandante ou roça, ou fica,  
 ao romper da manhan tornado inutil,  
 taes no peito do Nume incendios lavram;  
 arde, e esperanças vans o ardor lhe nutrem.  
 Vê-lhe os cabellos desornados, sôltos,  
 pela eburnea cerviz; – “¡Que fôra, – exclama –  
 “se os quizesse adornar!” Nota em seus olhos  
 fulgor suave que envergonha os astros;  
 admira a curta bôca, onde os desejos  
 pedem mais que admirar; seus dedos louva,  
 louva o curto da mão, a alvura, a forma  
 dos braços quasi inteiro descobertos...  
 e julga mais formoso o mais occulto.

\*

Aterrada com a furia dos louvores,  
 foge a Nympha mais rápida que as auras;  
 nem pára aos do amador queixumes ternos.

}fl.31{ {fl.31}

– “Detém-te, ó do Peneu formosa filha;  
 “inimigo não sou; detem-te; espera,  
 “ó Nympha do Peneu; qual vais, taes fogem  
 “a côrça do leão, do lobo a ovelha,  
 “da águia a pomba medrosa; essas que fujam;  
 “rasão teem; seus contrarios as perseguem;  
 “a ti, segue-te amor. ¡Oh Ceos! ¿não temes  
 “ferir em dura queda o brando rosto,  
 “os não culpados pés rasgar de espinhos?  
 “¿Queres ter dôres, por que eu tenha as culpas?  
 “¡vê por que asperos sitios te arremeças!  
 “Já não digo, ó cruel, que me não fujas;  
 “só te digo, e te peço, e te conjuro,  
 “que antes de me fugir, quem sou conheças.  
 “Não sou montez boçal, pastor inculto;

Qual um ceifado chão se larga às chamas,  
 qual se abraza um valado, onde, a descuido,  
 o archote do viandante ou roça, ou fica,  
 ao romper da manhã tornado inútil,  
 tais no peito do nume incêndios lavram; 710  
 arde, e esperanças vãs o ardor lhe nutrem.  
 Vê-lhe os cabelos desornados, soltos,  
 pela ebúrnea cerviz; “Que fora, – exclama –  
 se os quizesse adornar!” Nota em seus olhos 715  
 fulgor suave que envergonha os astros;  
 admira a curta boca, onde os desejos  
 pedem mais que admirar; seus dedos louva,  
 louva o curto da mão, a alvura, a forma  
 dos braços quase inteiro descobertos...  
 e julga mais formoso o mais occulto. 720

\*

Aterrada com a fúria dos louvores,  
 foge a ninfa mais rápida que as auras;  
 nem pára aos do amador queixumes ternos.

{fl.31}

— Detém-te, ó do Peneu formosa filha;  
 inimigo não sou; detém-te; espera, 725  
 ó ninfa do Peneu; qual vais, tais fogem  
 a corça do leão, do lobo a ovelha,  
 da águia a pomba medrosa; essas que fujam;  
 razão têm; seus contrários as perseguem;  
 a ti, segue-te amor. Ó Céus! Não temes 730  
 ferir em dura queda o brando rosto,  
 os não culpados pés rasgar de espinhos?  
 Queres ter dores, por que eu tenha as culpas?  
 Vê por que ásperos sítios te arremessas!  
 Já não digo, ó cruel, que me não fujas; 735  
 só te digo, e te peço, e te conjuro,  
 que antes de me fugir, quem sou conheças.  
 Não sou montês boçal, pastor inculto;

<p>“manada aqui não vês, não vês rebanho;  “mal presumes tu, louca, o de quem foges;  “por isso foges. Ténédos e Claros,  “Pátara e Delphos, por dominios tenho;  “é Jupiter meu pae; sou eu que exponho  “o que é, foi, ou será; por mim se ajustam  “dos canticos aos sons os sons das cordas;  “nunca frecha que eu lance errou seu alvo.  “;Ai! ;mais certa que a minha ha outra; ha outra...</p>	<p>manada aqui não vês, não vês rebanho;  mal presumes tu, louca, o de quem foges;  por isso foges. Ténédos e Claros,  Pátara e Delfos, por domínios tenho;  é Júpiter meu pai; sou eu que exponho  o que é, foi, ou será; por mim se ajustam  dos cânticos aos sons os sons das cordas;  nunca frecha que eu lance errou seu alvo.  Ai! Mais certa que a minha há outra; há outra...</p>	740
}fl.32{ {fl.32}	{fl.32}	
<p>“que n’esto peito illéso entrou profunda!  “O invento de curar a mim se deve;  “por Nume valedor me aclama o orbe;  “das plantas o poder na mente abranjo;  “;mas ah! chaga de Amor não curam plantas;  “minha arte vale aos mais, e não me vale!...”  *</p>	<p>que neste peito ileso entrou profunda!  O invento de curar a mim se deve;  por nume valedor me aclama o orbe;  das plantas o poder na mente abranjo;  mas ah! Chaga de Amor não curam plantas;  minha arte vale aos mais, e não me vale!... —  *</p>	750
<p>Mais ia por diante; a Nympha vôa  deixando o Nume aquem, e em meio as phrases.  N’isto mesmo encantava; o vento ás sôltas  a descompunha; as roupas rebatidas  pela aérea torrente lhe ondulavam  com vibrado estridor; com as auras leves  longas zuniam para traz as tranças;  dava ás graças realce a propria fuga.  *</p>	<p>Mais ia por diante; a ninfa voa  deixando o nume aquém, e em meio as frases.  Nisto mesmo encantava; o vento às soltas  a descompunha; as roupas rebatidas  pela aérea torrente lhe ondulavam  com vibrado estridor; com as auras leves  longas zuniam para traz as tranças;  dava às graças realce a própria fuga.  *</p>	755
<p>Mais afagos perder não quer, não sofre  o Nume juvenil; já rédeas larga  aos ímpetos de amor; já precipíta  com toda a furia o despedido alcance.  Quando em raza campina o cão da Gallia  descobre a lebre, partem demandando  elle a prêza, ella a vida, elle parece  ir sobre ella cahir, já crê ferral-a,  já com o longo fucinho os pés lhe roça,</p>	<p>Mais afagos perder não quer, não sofre  o nume juvenil; já rédeas larga  aos ímpetos de amor; já precipita  com toda a fúria o despedido alcance.  Quando em rasa campina o cão da Gália  descobre a lebre, partem demandando  ele a presa, ela a vida, ele parece  ir sobre ela cair, já crê ferrá-la,  já com o longo focinho os pés lhe roça,</p>	760
		765
		770

ella vai sem saber se já foi prêza,

ela vai sem saber se já foi presa,

}fl.33{ {fl.33}

{fl.33}

já, já dentes sentiu, já dentes frustra,  
taes á virgem e ao Deus prestavam azas  
esperança, temor; porém mais leve  
era aquelle, a que amor juntava as suas.  
Trégua não dá, nem folga, á fugitiva;  
sobre a espalda lhe vai; já seus cabellos  
com o perturbado anhérito bafeja.  
Eis sem fôrça a infeliz amarellece,  
do cançasso da fuga extenuada;  
e á veia do Peneu lançando os olhos,  
— “Se ha nos rios poder, se nume ha n’elles,  
“vale-me – exclama – “ó pae, vale-me, ó Terra,  
“onde agradei de mais; abre-te, ou muda  
“esta forma gentil, meu dano agora.”

\*

N’isto... um grave torpor lhe tolhe os membros;  
fina entrecasca envolve-lhe as entranhas;  
vai-se a coma em folhage, em rama os braços;  
prende tarda raiz tão leves plantas;  
o rosto se destroi mudado em copa;  
nada tem do que teve, além do lustre.  
Phebo a adora inda assim; as mãos lhe lança;  
e no tronco recente, enclausurado  
da ingrata o coração pulava ainda.  
Como que abraçe o corpo, abraça os ramos;  
beijos no lenho dá, que treme aos beijos.

\*

já, já dentes sentiu, já dentes frustra,  
tais à virgem e ao deus prestavam asas  
esperança, temor; porém mais leve  
era aquele, a que amor juntava as suas. 775  
Trégua não dá, nem folga, à fugitiva;  
sobre a espalda lhe vai; já seus cabelos  
com o perturbado anélito bafeja.  
Eis sem força a infeliz amarelece,  
do cansaço da fuga extenuada; 780  
e à veia do Peneu lançando os olhos,  
— Se há nos rios poder, se nume há neles,  
vale-me – exclama – ó pai, vale-me, ó Terra,  
onde agradei demais; abre-te, ou muda  
esta forma gentil, meu dano agora. — 785

\*

Nisto... um grave torpor lhe tolhe os membros;  
fina entrecasca envolve-lhe as entranhas;  
vai-se a coma em folhagem, em rama os braços;  
prende tarda raiz tão leves plantas;  
o rosto se destrói mudado em copa; 790  
nada tem do que teve, além do lustre.  
Febo a adora inda assim; as mãos lhe lança;  
e no tronco recente, enclausurado  
da ingrata o coração pulava ainda.  
Como que abraçe o corpo, abraça os ramos; 795  
beijos no lenho dá, que treme aos beijos.

\*

}fl.34{ {fl.34}

{fl.34}

— “Já que ser minha esposa não podeste,  
“minha’ arvore serás – lhe brada o Nume. –  
“Sempre de tuas folhas, sempre, ó Loiro,  
“fronte, lyra, e carcaz, trarei coroados.

— Já que ser minha esposa não pudeste,  
minha árvore serás. – lhe brada o nume –  
Sempre de tuas folhas, sempre, ó loiro,  
fronte, lira, e carcás, trarei coroados. 800



“Com os Lácios capitães, por entre applausos,  
 “subirás em triumpho ao Capitolio.  
 “De Augusto ante os hombraes fiel vigia,  
 “velarás seu Carvalho a um lado e a outro  
 “e assim como de eterna mocidade  
 “me orna intonso cabelo, em ti verdeje  
 “de perpétua folhage honroso viço.”

\*

Calou-se. O Loiro annue com os frescos ramos;  
 e em vez da antiga fronte agita o cume.

## VIII

Surge na Hemónia um plácido arvoredado,  
 de altas mattas aspérrimas coroado;  
 Tempe o chamam. Peneu por lá devolve  
 desde as abas do Pindo as ondas crêspas.  
 No despenho precípite e espumoso  
 nevoeiros produz, que em nuvens sôltos  
 vão borrifando as arvores por cima;  
 com o som turvo importuna ao longe os eccos.  
 Eis do grão Rio os paços, a vivenda,  
 os sacros penetraes. Ali, sentado  
 em gruta de penhascos, promulgava

}fl.35{ {fl.35}

às ondas suas leis, e às nymphas d’ellas.  
 Da maravilha á nova, antes de todos,  
 da vizinhança os rios concorreram,  
 incertos se com o pae se congratulem,  
 se o devam consolar. O Spérchio chega,  
 o Spérchio, entre choupaes viçoso rio,  
 o revolto Enipeu, sereno Amphryso,  
 Éas, o velho Apídano moroso,  
 e apoz estes os mais, que enfatiados  
 de longo e longo errar, enfim se abysmam  
 por fôzes que em seu ímpeto romperam

Com os lácios capitães, por entre aplausos,  
 subirás em triunfo ao Capitólio.  
 De Augusto ante os umbrais fiel vigia,  
 velarás seu carvalho a um lado e a outro  
 e assim como de eterna mocidade  
 me orna intonso cabelo, em ti verdeje  
 de perpétua folhagem honroso viço. —

\*

Calou-se. O loiro anui com os frescos ramos;  
 e em vez da antiga fronte agita o cume.

## VIII

Surge na Emônia um plácido arvoredado, 810  
 de altas matas aspérrimas coroado;  
 Tempe o chamam. Peneu por lá devolve  
 desde as abas do Pindo as ondas crespas.  
 No despenho precípite e espumoso  
 nevoeiros produz, que em nuvens soltos 815  
 vão borrifando as árvores por cima;  
 com o som turvo importuna ao longe os ecos.  
 Eis do grão rio os paços, a vivenda,  
 os sacros penetrais. Ali, sentado  
 em gruta de penhascos, promulgava 820

{fl.35}

às ondas suas leis, e às ninfas delas.  
 Da maravilha à nova, antes de todos,  
 da vizinhança os rios concorreram,  
 incertos se com o pai se congratulem,  
 se o devam consolar. O Espérquio chega, 825  
 o Espérquio, entre choupais viçoso rio,  
 o revolto Enipeu, sereno Anfriso,  
 Éas, o velho Apídano moroso,  
 e após estes os mais, que enfatiados  
 de longo e longo errar, enfim se abismam 830  
 por fozes que em seu ímpeto romperam

no largo Oceano. Ínacho, só, falta.

\*

Nas fundas lapas Ínacho escondido  
alteia com seu pranto as aguas suas;  
Io, a filha gentil, perdida chora.  
Não sabe se está viva, ou se entre os Mânes;  
mas, porque a não encontra em parte alguma,  
em nenhuma do globo a julga o triste,  
e o peor se lhe antólha ao pensamento.

\*

Volver do patrio rio a vira Jove.  
— “Virgem digna de Jupiter, guardada  
“para felicitar – lhe disse o Nume –  
“no thálamo suave um ente humano,  
“procura as sombras dos fechados bosques;

}fl.36{ {fl.36}

– (e aos bosques lhe apontou); – “a calma apérta;  
“dos ceos está no cume o Sol fervendo.  
“Se temes ir sosinha aonde ha feras,  
“de um Deus acompanhada irás segura;  
“não de um Deus inferior, porém d’aquelle  
“que o sceptro universal na mão sustenta,  
“e o raio irresistível arremeça;  
“não, não fujas de mim...” (que ella fugia).

\*

Já de Lérna as pastagens, e os frondosos  
arvoredos lirceus Io passára;  
eis em névoas o Deus sumindo a terra  
lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa.

\*

Juno os olhos emtanto aos campos volve;  
e extranha, em claro dia haver tal névoa,  
névoa tão densa como os véus nocturnos,  
que das aguas não sai, nem sai das terras.  
Olha em tórno de si, não vê o Espôso;

no largo oceano. Ínaco, só, falta.

\*

Nas fundas lapas *Ínaco escondido*  
*alteia com seu pranto as águas suas;*  
*Io, a filha gentil, perdida chora.*  
*Não sabe se está viva, ou se entre os manes;*  
*mas, porque a não encontra em parte alguma,*  
*em nenhuma do globo a julga o triste,*  
*e o pior se lhe antolha ao pensamento.*

\*

*Volver do pátrio rio a vira Jove.*  
*— Virgem digna de Júpiter, guardada*  
*para felicitar – lhe disse o nume –*  
*no tálamo suave um ente humano,*  
*procura as sombras dos fechados bosques;*

{fl.36}

*(e aos bosques lhe apontou) a calma aperta;*  
*dos céus está no cume o sol fervendo.*  
*Se temes ir sozinha aonde há feras,*  
*de um deus acompanhada irás segura;*  
*não de um deus inferior, porém daquele*  
*que o cetro universal na mão sustenta,*  
*e o raio irresistível arremessa;*  
*não, não fujas de mim... (que ela fugia). —*

\*

*Já de Lerna as pastagens, e os frondosos*  
*arvoredos lirceus Io passara;*  
*eis em névoas o deus sumindo a terra*  
*lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa.*

\*

*Juno os olhos entanto aos campos volve;*  
*e estranha, em claro dia haver tal névoa,*  
*névoa tão densa como os véus noturnos,*  
*que das águas não sai, nem sai das terras.*  
*Olha em torno de si, não vê o esposo;*

e suspeitosa, pelo haver colhido  
 já vezes cento em amorosos furtos,  
 não o achando nos Ceos, – “Ou eu me engano,  
 “ou lá me agravam” – diz. E deslizada  
 da etérea habitação parou na terra,  
 onde o sombrio horror desfez n’um ponto.

\*

}fl.37{ {fl.37}

\*

Mas o Consorte pressentiu-lhe a vinda;  
 e em candida novilha, por cautella,  
 de Ínacho a prole transformado havia,  
 que depois de novilha inda é formosa.  
 Satúrnia, a seu pesar, lhe dá louvores;  
 pergunta de quem é, d’onde viera,  
 pergunta a que manada, enfim, pertence,  
 de estar longe do caso indícios dando.  
 Que a Terra a produziu, responde Jove,  
 mentindo, por fugir se inquiria o dono.  
 N’isto Satúrnia em dádiva lh’a pede;  
 ¿o amante que fará? cruel, se entrega  
 os seus amores; se os não dá, suspeito.  
 O que pejo aconselha, amor impugna.  
 Vencido pelo amor sería o pejo;  
 porém se á sua Irman, se á sua Esposa,  
 negar uma novilha, um don tão leve,  
 pode, talvez, não parecer novilha.

\*

Já na posse da adúltera, não despe  
 a Deusa todavia o seu receio;  
 teme a Jove, e do agravo está mordida.  
 Argus, o filho de Arestor, lhe ocorre;  
 e quer que lh’a vigie, e d’elle a fia.  
 De Argus cinge a cabeça um cento de olhos;  
 olhos, que dois a dois o somno alternam;

*e suspeitosa, pelo haver colhido  
 já vezes cento em amorosos furtos,  
 não o achando nos céus, “Ou eu me engano,  
 ou lá me agravam” – diz. E deslizada*

\*

{fl.37}

\*

*Mas o consorte pressentiu-lhe a vinda;  
 e em cândida novilha, por cautela,  
 de Ínaco a prole transformado havia,  
 que depois de novilha inda é formosa.  
 Satúrnia, a seu pesar, lhe dá louvores;  
 pergunta de quem é, donde viera,  
 pergunta a que manada, enfim, pertence,  
 de estar longe do caso indícios dando.  
 Que a Terra a produziu, responde Jove,  
 mentindo, por fugir se inquiria o dono.  
 Nisto Satúrnia em dádiva lha pede;  
 o amante que fará? Cruel, se entrega  
 os seus amores; se os não dá, suspeito.  
 O que pejo aconselha, amor impugna.  
 Vencido pelo amor seria o pejo;  
 porém se à sua irmã, se à sua esposa,  
 negar uma novilha, um dom tão leve,  
 pode, talvez, não parecer novilha.*

\*

*Já na posse da adúltera, não despe  
 a deusa todavia o seu receio;  
 teme a Jove, e do agravo está mordida.  
 Argos, o filho de Arestor, lhe ocorre;  
 e quer que lha vigie, e dele a fia.  
 De Argos cinge a cabeça um cento de olhos;  
 olhos, que dois a dois o sono alternam;*

}fl.38{ {fl.38}	{fl.38}
desvelados os mais na prêza cuidam. Em quaesquer posições attento a guarda: volta-lhe as costas, e tem Io á vista; permittle-lhe pascer em quanto é dia; em trasmontando o sol, vai ferrolhal-a, e um laço injusto lhe torneia o collo. Rijas folhas de agreste medronheiro hervançaes desabridos, amargosos, morde, rumina a triste. Em vez de leito, dão-lhe (nem sempre) de herva o chão forrado; matam-lhe as sêdes em corrente impura; supplices braços estender quizera para o seu guardador; çmas que é dos braços? intenta dar um ai, sólta um mugido; treme do som, da sua voz se espanta.	<i>desvelados os mais na presa cuidam. Em quaesquer posições attento a guarda: volta-lhe as costas, e tem Io à vista; permite-lhe pascer enquanto é dia; em trasmontando o sol, vai ferrolhá-la, e um laço injusto lhe torneia o colo. Rijas folhas de agreste medronheiro ervaçais desabridos, amargosos, morde, rumina a triste. Em vez de leito, dão-lhe (nem sempre) de erva o chão forrado; matam-lhe as sedes em corrente impura; súplices braços estender quisera para o seu guardador; mas que é dos braços? Intenta dar um ai, solta um mugido; treme do som, da sua voz se espanta.</i>
*	*
Um dia ás margens vai onde brincava ás margens paternaes; vê n'agua as pontas, e medrosa de si foge do rio. Inacho ignora, as Naiades mal cuidam, ;quão pertencente lhe és, gentil novilha! Eil-a os segue; ás irmans, ao pae, que a admiram, não só deixa que a toquem, mas se off'rece. O velho hervas lhe colhe e chega aos beiços; ella lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija; terno pranto lhe corre; e, se podéra,	<i>Um dia às margens vai onde brincava às margens paternais; vê n'água as pontas, e medrosa de si foge do rio. Inaco ignora, as náíades mal cuidam, quão pertencente lhe és, gentil novilha! Ei-la os segue; às irmãs, ao pai, que a admiram, não só deixa que a toquem, mas se of'rece. O velho ervas lhe colhe e chega aos beiços; ela lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija; terno pranto lhe corre; e, se pudera,</i>
}fl.39{ {fl.39}	{fl.39}
socorro a desditosa invocaria, seu nome, os fados seus, articulára. Mas com letras emfim suprimdo vozes, servindo-se do pé, na areia exprime o triste anuncio da mudada forma.	<i>socorro a desditosa invocaria, seu nome, os fados seus, articulara. Mas com letras emfim suprimdo vozes, servindo-se do pé, na areia exprime o triste anúncio da mudada forma.</i>
*	*

– “¡Oh! ¡pae desventurado! – Inacho exclama,  
abraçando a cerviz, pegado às pontas  
da alva bezerra, da chorosa filha.

“¡Oh! ¡pae desventurado! – elle repete –

“¿és tu, filha infeliz, tu, procurada

“tantas vezes por mim e em tantas partes?

“¡Antes que ver-te assim, nunca eu te vira!

“menor sería então minha amargura.

“¡Ah! ¡malfadada! ¡responder não sabes!

“¡altos suspiros sós do peito arrancas!

“¡mugir á minha voz é quanto podes!

“¡E eu, que outr’ora, estes fados não prevendo,

“o tóro nupcial te apercebia!...

“Duas bem ledas esperanças tive:

“primeira o genro foi, segunda os netos;

“esposo e filhos... nas manadas brutas,

“querido meu penhor, terás agora.

“Nem posso tanto mal findar co’ a vida;

“empéce-me o ser Deus; aferrolhadas,

}fl.40{ {fl.40}

“defezas, para mim da morte as portas,

“se estende minha dôr á eternidade...”

\*

O oculoso pastor, que lhe ouve as máguas,

ao lamentavel pae remove a filha,

e vai apascental-a em outros campos;

de alto monte, assentado a vê, e a tudo.

\*

Que ella sinta porém tão duros males,  
não pode o Rei dos Ceos soffrer mais tempo.

Chamando o filho que de Maia houvera,

lhe ordena, lhe comette, a morte de Argus.

Mercurio logo aos pés segura as azas,

toma a vara somnífera, o galéro,

e ataviado assim desfecha ás terras.

— *Ó! Pai desventurado! – Inaco exclama,  
abraçando a cerviz, pegado às pontas*

*da alva bezerra, da chorosa filha. –*

*Ó! Pai desventurado! – ele repete –*

*És tu, filha infeliz, tu, procurada*

*tantas vezes por mim e em tantas partes?*

*Antes que ver-te assim, nunca eu te vira!*

*Menor seria então minha amargura.*

*Ah! Malfadada! Responder não sabes!*

*Altos suspiros sós do peito arrancas!*

*Mugir à minha voz é quanto podes!*

*E eu, que outrora, estes fados não prevendo,*

*o toro nupcial te apercebia!...*

*Duas bem ledas esperanças tive:*

*primeira o genro foi, segunda os netos;*

*esposo e filhos... nas manadas brutas,*

*querido meu penhor, terás agora.*

*Nem posso tanto mal findar co’ a vida;*

*empece-me o ser deus; aferrolhadas,*

{fl.40}

*defesas, para mim da morte as portas,*

*se estende minha dor à eternidade... —*

\*

*O oculoso pastor, que lhe ouve as mágoas,*

*ao lamentável pai remove a filha,*

*e vai apascentá-la em outros campos;*

*de alto monte, assentado a vê, e a tudo.*

\*

*Que ela sinta porém tão duros males,  
não pode o rei dos Céus soffrer mais tempo.*

*Chamando o filho que de Maia houvera,*

*lhe ordena, lhe comete, a morte de Argos.*

*Mercúrio logo aos pés segura as asas,*

*toma a vara sonífera, o galero,*

*e ataviado assim desfecha às terras.*

925

930

935

940

945

950

Galéro ali depõe, depõe talaes,  
samente o caduceu na mão conserva;  
com elle, qual pastor, se vai tangendo  
caprina grei, que ao seu chegar, por dita,  
desguardada apanhára em campo escuso,  
e de canora flauta os sons diffunde.

\*

Da nova doce musica tentado,  
Argus ao Nume diz:

“Quem quer que sejas,

}fl.41{ {fl.41}

“bem podéras aqui, n’esto penhasco,  
“ao-pé de mim desfadigar-te um pouco.  
“Pasto, não n-o ha melhor para um rebanho,  
“nem para um guardador mais bellas sombras.

\*

O Deus se assenta; em práticas prolixas  
consome o dia; adormentar procura  
com a avena os cem lumes veladores;  
porém repugna o monstro aos molles somnos;  
e, bem que os acolheu parte dos olhos,  
parte d’elles vigia. Emfim, porque era  
da flauta a invenção recente ainda,  
a Mercurio o pastor pergunta o como  
se inventára; ao que o Deus d’est’arte acode:  
— “Nos frescos montes Arcades, grão fama  
“teve entre as Hamadryades nonácrias  
“a Naiade Syrins, Syrins a esquiva.  
“¡Quanto seguir de Sátyros protervos  
“não burlou! ¡que de audácias namoradas  
“dos mais Numes do campo e das florestas!  
“Honrava nos costumes, no exercicio,  
“e na flôr virginal, a Ortygia Deusa.  
“Em trajo venatório era Diana;

*Galero ali depõe, depõe talaes,*  
*samente o caduceu na mão conserva;*  
*com ele, qual pastor, se vai tangendo*  
*caprina grei, que ao seu chegar, por dita,*  
*desguardada apanhara em campo escuso,*  
*e de canora flauta os sons difunde.*

\*

*Da nova doce musica tentado,*  
*Argos ao nume diz:*

— *Quem quer que sejas,*

{fl.41}

*bem poderas aqui, neste penhasco,*  
*ao pé de mim desfadigar-te um pouco.*  
*Pasto, não no há melhor para um rebanho,*  
*nem para um guardador mais belas sombras. —*

\*

O deus se assenta; em práticas prolixas  
consome o dia; adormentar procura  
com a avena os cem lumes veladores;  
porém repugna o monstro aos moles sonos;  
e, bem que os acolheu parte dos olhos,  
parte deles vigia. Emfim, porque era  
da flauta a invenção recente ainda,  
a Mercúrio o pastor pergunta o como  
se inventara; ao que o deus destarte acode:  
— Nos frescos montes árcades, grã fama  
teve entre as hamadriades nonácrias  
a náide Sirins, Sirins a esquiva.  
Quanto seguir de sátiros protervos  
não burlou! Que de audácias namoradas  
dos mais numes do campo e das florestas!  
Honrava nos costumes, no exercicio,  
e na flor virginal, a ortigia deusa.  
Em trajo venatório era Diana;

“a semelhança os olhos enganára,  
“se arcos diversos não tivessem ambas:

*a semelhança os olhos enganara,*  
*se arcos diversos não tivessem ambas:* 985

}fl.42{ {fl.42}

{fl.42}

“Syrins um de marfim, Latônia um d’oiro;  
“e assim mesmo... enganava. Ela, deixando  
“o sombrio Lyceu, de Pan foi vista,  
“de Pan coroado do pinheiro agudo;  
“e o Deus falou-lhe assim...”

*Sirins um de marfim, Latônia um d’oiro;*  
*e assim mesmo... enganava. Ela, deixando*  
*o sombrio Liceu, de Pã foi vista,*  
*de Pã coroado do pinheiro agudo;* 990  
*e o deus falou-lhe assim... —*

Narrar faltava

*Narrar faltava*

o que lhe disse o Deus, que acezas preces  
a Nympha repulsára, e qual fugira  
por ásperos desvios não trilhados,  
com elle sempre apóz, até á margem  
do sereno Ladón; que ali parando  
pelo estôrvo das ondas, deprecára  
ás liquidas Irmans que a transformassem.  
Faltava referir, que em vez da amada,  
crendo que já nas mãos a tinha prêza,  
Pan sómente abraçou palustres canas;  
que em quanto suspirava, os ares n’ellas  
fizeram ténue som, quasi queixume;  
que na arte nova, que na voz suave  
enlevando-se todo, o Deus dissera:  
– “Taes colloquios, sequer, terei contigo”;  
que ás canas deseguaes com cêra unidas  
dêra seu nome a Nympha. Ia Cyllénio  
proseguir... eis que vê do somno oppressos  
os olhos todos; subito emudece;  
roça-os co’a vara, e lhes carrega o somno.

*o que lhe disse o deus, que acezas preces*  
*a ninfa repulsara, e qual fugira*  
*por ásperos desvios não trilhados,*  
*com ele sempre após, até à margem* 995  
*do sereno Ladón; que ali parando*  
*pelo estorvo das ondas, deprecara*  
*às liquidas irmãs que a transformassem.*  
*Faltava referir, que em vez da amada,*  
*crendo que já nas mãos a tinha presa,* 1000  
*Pã somente abraçou palustres canas;*  
*que enquanto suspirava, os ares nelas*  
*fizeram ténue som, quase queixume;*  
*que na arte nova, que na voz suave*  
*enlevando-se todo, o deus dissera:* 1005  
*“Tais colóquios, sequer, terei contigo”;*  
*que às canas desiguais com cera unidas*  
*dera seu nome a ninfa. Ia Cilênio*  
*prosseguir... eis que vê do sono oppressos*  
*os olhos todos; súbito emudece;* 1010  
*roça-os co’a vara, e lhes carrega o sono.*

}fl.43{ {fl.43}

{fl.43}

Rapido, logo, alçando o ferro curvo,  
no vacillante collo o golpe acerta;  
do penhasco o derriba envôlto em sangue;

*Rápido, logo, alçando o ferro curvo,*  
*no vacilante colo o golpe acerta;*  
*do penhasco o derriba envolto em sangue;*





desfeito o casco negro em claras unhas;  
já somente em dois pés está sustida;  
da novilha não tem senão a alvura.  
Receando mugir, falar não ousa,  
e a desusada voz ensaia a mêdo.

\*

Celebérrima Deusa, agora a honram  
aras e incensos dos egypcios povos.  
D'ella e do grande Jupiter ser prole  
Épapho, se acredita; e nas cidades,  
junto aos templos da Mãe lhe sagram templos.

&lt;\*/IX\

Socio lhe foi na idade e genio altivo,  
filho do Sol, Phaetonte. O Ináchio jovem,  
que o vê jactar-se de phebeia estirpe,  
crer-se-lhe egual, e blazonar grandezas,  
– “Muito, ó louco, – lhe diz – na mãe confias.

}fl.45{ {fl.45}

“Imaginario pae te influe soberbas.”

\*

Córa o moço; a vergonha enfreia as iras.  
D'ali se vai ligeiro á mãe Clyméne;  
d'esse Épapho arrogante expõe-lhe o insulto.  
– “E, por que mais te dôa, agora sabe, –  
lhe diz – “que eu, eu, de intrépidos o exemplo,  
“eu, o feroz Phaetonte; jo ouvi calado!  
“Por corrido me dou, que injúrias d'estas  
“se pudessem dizer, não refutar-se.  
“Mas, se é verdade que celeste origem  
“teu filho tem, demonstra-me a verdade;  
“reivindica-me o Ceo.”

N'isto se abraça

ao collo maternal, e assim prosegue:  
– “Por tua cara vida, pelos dias

desfeito o casco negro em claras unhas;  
*já somente em dois pés está sustida;*  
*da novilha não tem senão a alvura.*  
*Receando mugir, falar não ousa,*  
*e a desusada voz ensaia a medo.*

\*

*Celebérrima deusa, agora a honram*  
*aras e incensos dos egípcios povos.*  
*Dela e do grande Júpiter ser prole*  
*Épafo, se acredita; e nas cidades,*  
*junto aos templos da mãe lhe sagram templos.*

IX

Sócio lhe foi na idade e gênio altivo,  
filho do sol, Faetonte. O Ináquio jovem,  
que o vê jactar-se de febeia estirpe,  
crer-se-lhe igual, e blasonar grandezas,  
— Muito, ó louco, – lhe diz – na mãe confias.

{fl.45}

Imaginário pai te influi soberbas. —

\*

Cora o moço; a vergonha enfreia as iras.  
Dali se vai ligeiro à mãe Climene;  
desse Épafo arrogante expõe-lhe o insulto.  
— E, por que mais te doa, agora sabe –  
lhe diz – que eu, eu, de intrépidos o exemplo,  
eu, o feroz Faetonte; o ouvi calado!  
Por corrido me dou, que injúrias destas  
se pudessem dizer, não refutar-se.  
Mas, se é verdade que celeste origem  
teu filho tem, demonstra-me a verdade;  
reivindica-me o Céu. —

Nisto se abraça

ao colo maternal, e assim prosegue:  
— Por tua cara vida, pelos dias

“de teu esposo Mérope, das bellas  
 “minhas irmans pelas felizes bôdas,  
 “de meu Progenitor signaes te imploro.”

\*

Clyméne, quer do filho o rogo a môva,  
 quer doída do aleive, alçando os braços,  
 pondo os olhos no Sol,  
 — “Por este – exclama –  
 “luzeiro eterno que nos vê, nos ouve,

}fl.46{ {fl.46}

“do Sol, que olhando estás, és prole, ó filho.  
 “Juro: és prole do Sol que abrange o Mundo.  
 “Se minto, aos olhos meus seus raios furte;  
 “não mais lhe eu veja a luz, se o filho engano.  
 “Se os paternos Penates ver desejas,  
 “muito não tens que andar: com a patria nossa  
 “confinam; d’além surge. A ousares tanto,  
 “parte já; vae tu mesmo interrogal-o.”

\*

Com as phrases que lhe ouviu Phaetonte exulta;  
 todo elle agora é Ceos. Já da Ethiópia  
 transpõe o patrio Reino; aquém já deixa  
 os Indos, que afogueia o Sol a prumo;  
 já demanda, já vê, não longe, os paços,  
 d’onde ao sahir do Pae renasce o dia.

---

 Fim do Livro I
 

---

de teu esposo Mérope, das belas 1075  
 minhas irmãs pelas felizes bodas,  
 de meu progenitor sinais te imploro. —

\*

Climene, quer do filho o rogo a mova,  
 quer doída do aleive, alçando os braços,  
 pondo os olhos no Sol,  
 — Por este – exclama – 1080  
 luzeiro eterno que nos vê, nos ouve,

{fl.46}

do Sol, que olhando estás, és prole, ó filho.  
 Juro: és prole do Sol que abrange o mundo.  
 Se minto, aos olhos meus seus raios furte;  
 não mais lhe eu veja a luz, se o filho engano. 1085  
 Se os paternos penates ver desejas,  
 muito não tens que andar: com a pátria nossa  
 confinam; d’além surge. A ousares tanto,  
 parte já; vai tu mesmo interrogá-lo. —

\*

Com as frases que lhe ouviu Faetonte exulta; 1090  
 todo ele agora é céus. Já da Etiópia  
 transpõe o pátrio reino; aquém já deixa  
 os Indos, que afogueia o sol a prumo;  
 já demanda, já vê, não longe, os paços,  
 donde ao sair do pai renasce o dia. 1095

---

 Fim do Livro I
 

---

}fl.2{ {fl.47}

{fl.47}

## Notas

## Sobre o Livro I

## Assumpto do Livro

Ao mais dos leitores, talvez pareça este Livro o menos poético e divertido de todos os quinze.

Por si dirão os ignorantes e incuriosos, que não teem que ver com as phisicas dos Modernos, quanto mais com as dos Antigos; e não poucos dos sabedores e naturalistas acudirão, que de philosophias vans, de systemas refutados, tambem eles não teem que tratar.

Não ha que responder aos primeiros; mas aos segundos, e a todos os mais, alguma coisa cabe que se diga em defesa d'esta importantissima parte.

\*

Tão incommensuravel fábrica de Poema, todo antigo no exterior e no

}fl.3{{fl.48}

interior, desde os fundamentos até ao fastígio, não podia nem havia de ter outro intróito, ainda concedendo que outro lhe houvesse o tutor podido dar.

Proposéra-se elle fazer-nos viajar a travéz de todas as maravilhosas montanhas dos seculos, desde a origem do Mundo até á sua idade. ¿Que podia logo, que mais acertado fosse, do que extremar, d'entre a variedade dos systemas philosophicos, acêrca da formação do Universo, theatro immenso do seu immenso drama, o que mais provavel ou mais certo lhe parecia?

Antes de desenrolar a longa, e tão ricamente bordada, teia de todos os successos do Mundo

## Notas

## Sobre o Livro I

## Assunto do Livro

Ao mais dos leitores, talvez pareça este livro o menos poético e divertido de todos os quinze.

Por si dirão os ignorantes e incuriosos, que não têm que ver com as físicas dos modernos, quanto mais com as dos antigos; e não poucos dos sabedores e naturalistas acudirão, que de filosofias vãs, de sistemas refutados, também eles não têm que tratar.

Não há que responder aos primeiros; mas aos segundos, e a todos os mais, alguma coisa cabe que se diga em defesa desta importantíssima parte.

\*

Tão incomensurável fábrica de poema, todo antigo no exterior e no

{fl.48}

interior, desde os fundamentos até ao fastígio, não podia nem havia de ter outro introito, ainda concedendo que outro lhe houvesse o tutor podido dar.

Propusera-se ele fazer-nos viajar através de todas as maravilhosas montanhas dos séculos, desde a origem do mundo até a sua idade. Que podia logo, que mais acertado fosse, do que extremar, dentre a variedade dos sistemas filosóficos, acerca da formação do Universo, teatro imenso do seu imenso drama, o que mais provável ou mais certo lhe parecia?

Antes de desenrolar a longa, e tão ricamente bordada, teia de todos os sucessos do mundo visível,

visível, e do Mundo invisível, da Terra, do Mar, dos Ceos, e dos Infernos, da matéria bruta, da vegetativa, da animal, dos homens, e dos deuses; antes, em summa, de nos introduzir á poetica História das acções, dos costumes, e das crenças; entendeu que nos havia de instruir no primeiro e mais alto ponto de doutrina, qual

}fl.4{ {fl.49}

era o princípio da razão, não só do nosso ser, mas de todo o ser existente e possível; e isso fez, com a mestria do seu copioso saber e incomparavel engenho.

Se não subiu mais alto nas verdades, chegou ao cume último das que então havia, ou se julgavam tais; e os, entre quem e para quem escreveu, receberam d'elle em formosos versos didacticos a maxima lição, a que por então se podia arribar.

O primeiro lanço d'este livro encerra (se é lícito dizel-o) os mais completos Genesis pagãos de que existe memória. Esta só consideração do tempo e logar em que o Autor vivia, tempo e logar para onde o Leitor se deve, logo de princípio, transferir, nu, despegado, e até esquecido, do presente, a fim de poder gozar a pleno das delícias do peregrinar pelo Mundo velho; esta só consideração, repito, metamorphoseia (aos olhos das pessoas de entendimento) uma á primeira vista charnéca de estéril e espinhosa versaria, em deleitoso vergél de ricos frutos.

\*

Já por aqui poderíamos parar,

}fl.5{ {fl.50}

se nos contentáramos com a defesa; porém mais havemos de querer para o nosso Poeta, do que indulgencia; louvores e sympathia são fóros seus,

e do mundo invisível, da terra, do mar, dos céus, e dos infernos, da matéria bruta, da vegetativa, da animal, dos homens, e dos deuses; antes, em summa, de nos introduzir à poética história das ações, dos costumes, e das crenças; entendeu que nos havia de instruir no primeiro e mais alto ponto de doutrina, qual

{fl.49}

era o princípio da razão, não só do nosso ser, mas de todo o ser existente e possível; e isso fez, com a mestria do seu copioso saber e incomparável engenho.

Se não subiu mais alto nas verdades, chegou ao cume último das que então havia, ou se julgavam tais; e os, entre quem e para quem escreveu, receberam dele em formosos versos didáticos a máxima lição, a que por então se podia arribar.

O primeiro lanço deste livro encerra (se é lícito dizê-lo) os mais completos gênesis pagãos de que existe memória. Esta só consideração do tempo e lugar em que o autor vivia, tempo e lugar para onde o leitor se deve, logo de princípio, transferir, nu, despegado, e até esquecido, do presente, a fim de poder gozar a pleno das delícias do peregrinar pelo mundo velho; esta só consideração, repito, metamorphoseia (aos olhos das pessoas de entendimento) uma à primeira vista charneca de estéril e espinhosa versaria, em deleitoso vergel de ricos frutos.

\*

Já por aqui pudéramos parar,

{fl.50}

se nos contentáramos com a defesa; porém mais havemos de querer para o nosso poeta, do que indulgencia; louvores e simpatia são foros seus, que,

que, pois em quasi dois mil annos e tantas revoluções não cahiram, já não é possível deixarem-se perder.

Digo pois, que: ainda que se queira contemplar esta Cosmogonia e Theogonia Ovidianas cá de longe, de cá, d'esta crista alterosissima do nosso seculo, nem por isso deixa de ser um documento valiosissimo para a História da alma humana.

Onde tanto se procuram, se guardam, e se veneram com respeito quasi religioso, os ossos das antigas e perdidas raças de animaes, como se hão-de desprezar, como se hão-de desvenerar, as ideias fósseis, as sciencias mortas e soterradas, os fragmentos que se nos deparam, das almas, que já n'este mundo foram o que nós hoje somos n'elle?!

\*

Na ignorancia primitiva assenta esta, sempre crescente e já indestructivel, Babel das Sciencias, com que nos arrojamos cada vez ais para o Infinito.

}fl.6{ {fl.51}

Dos êrros, começando pelos mais grosseiros se lhe compuseram os primeiros lanços de suas immensas escadarias; os segundos, de possibilidades; os terceiros, de probabilidades; os quartos, de observações; os seguintes, de demonstrações. Mas, para que não desprezemos a matéria dos primeiros: boa liga d'ella (se bem observarmos) se mistura ainda com o alto degráu em que já poisamos; e nem d'ella será por ventura isento o remate de tal fábrica, se já é que fábrica tal pode algum dia ter remate.

\*

Mas outra rasão acresce ainda, e de mais grave momento, que torna de summo interesse este trecho, de mais de quatrocentos versos no original:

Aqui se encontram em maravilhosa quantia fragmentos, do maior vulto, do Livro de Moisés, do

pois em quase dois mil anos e tantas revoluções não caíram, já não é possível deixarem-se perder.

Digo pois, que: ainda que se queira contemplar esta Cosmogonia e Teogonia ovidianas cá de longe, de cá, desta crista alterosissima do nosso século, nem por isso deixa de ser um documento valiosissimo para a história da alma humana.

Onde tanto se procuram, se guardam, e se veneram com respeito quase religioso, os ossos das antigas e perdidas raças de animais, como se hão de desprezar, como se hão de desvenerar, as ideias fósseis, as ciências mortas e soterradas, os fragmentos que se nos deparam, das almas, que já neste mundo foram o que nós hoje somos nele?!

\*

Na ignorância primitiva assenta esta, sempre crescente e já indestrutível, Babel das ciências, com que nos arrojamos cada vez ais para o infinito.

{fl.51}

Dos erros, começando pelos mais grosseiros se lhe compuseram os primeiros lanços de suas imensas escadarias; os segundos, de possibilidades; os terceiros, de probabilidades; os quartos, de observações; os seguintes, de demonstrações. Mas, para que não desprezemos a matéria dos primeiros: boa liga dela (se bem observarmos) se mistura ainda com o alto degrau em que já pousamos; e nem dela será por ventura isento o remate de tal fábrica, se já é que fábrica tal pode algum dia ter remate.

\*

Mas outra razão acresce ainda, e de mais grave momento, que torna de sumo interesse este trecho, de mais de quatrocentos versos no original:

Aqui se encontram em maravilhosa quantia fragmentos, do maior vulto, do livro de Moisés, do livro inspirado, do livro anterior a Homero; do mais

Livro inspirado, do Livro anterior a Homero; do mais antigo Livro, enfim, que no Mundo permanece; e estes fragmentos hebreus, posto que entre si ligados com o massame romano, mythologico, e poetico, são ainda taes, que não ha ahi olhos que

}fl.7{ {fl.52}

ao primeiro relance os desconheçam. Em uma obra separada, que para o diante publicarei, com o titulo de Estudos sobre as Metamorphoses de Ovidio, haverei logar de apontal-os.

¿Por que mãos vieram elles passados, para chegar das do Propheta do Sinai, do Historiador, do Legislador de Deus, e do meio de um povo pequeno, desprezado, e esquecido n'um recanto do orbe, até o seio da rainha e desdenhosa Roma, até ás mãos profanas de um poeta mundano, legislador sim e historiador, mas historiador de fábulas, mas legislador de amores e praseres? Eis ahi o que não ha hoje saber, nem ao menos presumir.

Mas, como quer que seja, apparece evidente que a romana crença, bem como (mais ou menos) as de todos os outros povos antigos ou modernos de que ha memória ou noticia, sempre, por qualquer via, humana ou sobrenatural, por estudo, por tradição, ou por um genero de inspiração, cujo segrêdo só o Autor e Sabedor de todos os segrêdos conhece, em muitos pontos combinou com a revelada doutrina dos Hebreus; e esta geral, universal, e tão palpavel, concordancia de todos com ella, não é um dos mínimos abônos de sua veracidade.

}fl.8{ {fl.53}

\*

À formação do Mundo, dos animaes, do homem; ás differentes edades primitivas; aos gigantes; e finalmente ao diluvio; quando o ânimo do Leitor já se sentia confrangido e cançado com tão

antigo livro, enfim, que no mundo permanece; e estes fragmentos hebreus, posto que entre si ligados com o massame romano, mitológico, e poético, são ainda tais, que não há aí olhos que

{fl.52}

ao primeiro relance os desconheçam. Em uma obra separada, que para o diante publicarei, com o título de *Estudos sobre as Metamorphoses de Ovídio*, haverei lugar de apontá-los.

Por que mãos vieram eles passados, para chegar das do profeta do Sinai, do historiador, do legislador de Deus, e do meio de um povo pequeno, desprezado, e esquecido num recanto do orbe, até o seio da rainha e desdenhosa Roma, até às mãos profanas de um poeta mundano, legislador sim e historiador, mas historiador de fábulas, mas legislador de amores e prazeres? Eis aí o que não há hoje saber, nem ao menos presumir.

Mas, como quer que seja, apparece evidente que a romana crença, bem como (mais ou menos) as de todos os outros povos antigos ou modernos de que há memória ou notícia, sempre, por qualquer via, humana ou sobrenatural, por estudo, por tradição, ou por um gênero de inspiração, cujo segredo só o autor e sabedor de todos os segredos conhece, em muitos pontos combinou com a revelada doutrina dos Hebreus; e esta geral, universal, e tão palpável, concordância de todos com ella, não é um dos mínimos abonos de sua veracidade.

{fl.53}

\*

À formação do mundo, dos animais, do homem; às diferentes idades primitivas; aos gigantes; e finalmente ao dilúvio; quando o ânimo do leitor já se sentia confrangido e cansado com tão

longa série de coisas graves ou desastrosas; quando, olhando para o espaço caminhado, não via após si senão cáhos, depois êrmo, logo grandes revoluções nos destinos humanos, segundo cáhos moral, e segundo êrmo pela assolação das aguas; quando a Terra devastada se desatava em nova fertilidade, mas não produzia senão humanos apenas humanos, formados de pedras e animaes ferozes e monstruosos, troca de repente o Poeta as mãos na lyra, e, par anos distrahir e consolar, nos acorda os corações para a primeira festa do amor, sob o ceo risonho da Grécia, na viçosa, na renascente infância da Natureza.

Três são as scenas d'este genero a que ahi nos faz assistir:

Apollo e Daphne;

Io e Jupiter;

Pan e Syrinx.

Foi consagrar a tres dos máximos deuses as primicias da paixão suprema. Foi (se o posso dizer) um como divinizar desde

}fl.9{ {fl.54}

logo o Amor, que certamente, no conceito do mestre da *Arte de Amar*, não só deveria prevalecer a Jupiter, se não também ser superior ao proprio deus da Poesia.

Das tres náyades assim amadas, a primeira resiste, foge, e se transforma em loiro. Bem era que, tratando de criar arvores, fosse esta a primeira em que Ovidio pensasse. Não era possível dar-lhe mais nobre origem: uma formosura, uma nympa, uma virgem, e em pontos de honra não melindrosa, que antes quiz perder-se, do que perdel-a. Por isso também, o amante burlado, abraçando-a já tronco, em vez de vociferar vinganças e despeitos, a

longa série de coisas graves ou desastrosas; quando, olhando para o espaço caminhado, não via após si senão caos, depois ermo, logo grandes revoluções nos destinos humanos, segundo caos moral, e segundo ermo pela assolação das aguas; quando a Terra devastada se desatava em nova fertilidade, mas não produzia senão humanos apenas humanos, formados de pedras e animais ferozes e monstruosos, troca de repente o poeta as mãos na lira, e, par anos distrair e consolar, nos acorda os corações para a primeira festa do amor, sob o céu risonho da Grécia, na viçosa, na renascente infância da natureza.

Três são as cenas deste gênero a que aí nos faz assistir:

Apolo e Dafne;

Io e Júpiter;

Pan e Syrinx.

Foi consagrar a três dos máximos deuses as primícias da paixão suprema. Foi (se o posso dizer) um como divinizar desde

{fl.54}

logo o amor, que certamente, no conceito do mestre da *Arte de Amar*, não só deveria prevalecer a Júpiter, se não também ser superior ao próprio deus da poesia.

Das três náiades assim amadas, a primeira resiste, foge, e se transforma em loiro. Bem era que, tratando de criar árvores, fosse esta a primeira em que Ovídio pensasse. Não era possível dar-lhe mais nobre origem: uma formosura, uma ninfa, uma virgem, e em pontos de honra não melindrosa, que antes quiz perder-se, do que perdê-la. Por isso também, o amante burlado, abraçando-a já tronco, em vez de vociferar vinganças e despeitos, a

continúa a requebrar sem esperanças; vota amal-a sempre, e lhe augura as maiores honras.

Jupiter, assim se gosa de Io; mas, porque eram adúlteros esses amores, cruamente os veem pagar, tanto elle como ella.

Syrinx, finalmente, esquivava a sua virgindade ás perseguições de Pan; e, bem que para o conseguir se demande em canavial (escôlha muito acertada para uma nympha aquática), também a sua castidade não fica sem recompensa, pois que também o seu des-

}fl.10{ {fl.55}

prezado amante continúa a querer-lhe; e d'ella se origina o gracioso invento da flauta pastoril.

\*

D'estes tres resumos se infere como, apesar da sobejamente provada desenvoltura do Autor em outras obras, e da conta em que temos os costumes do seu seculo, e do azo e largas que para isso dava a popular religião, sempre a modestia virginal tinha seu preço, pois que os proprios que por amor d'ella perdiam, não deixavam de a venerar.

Entretanto, não espere o Leitor que eu procure desentranhar assim, de cada uma das fábulas d'este poema uma moralidade ou allegoria, em que o Autor não cuidou, que muitas vezes lá não está, e de que nenhuma necessidade ha em poesia; a qual, se entreteve honestamente os ânimos, já se despenhou do seu encargo.

\*

Dois quadros sobre-sahem, por formosos, aos de todo este Livro; um descriptivo, o outro narrativo e descriptivo: o primeiro é o diluvio, desde pagina      até pagina      ; o segundo a fábula de Io, desde pagina      até pagina      .

continua a requebrar sem esperanças; vota amá-la sempre, e lhe augura as maiores honras.

Júpiter, assim se goza de Io; mas, porque eram adúlteros esses amores, cruamente os veem pagar, tanto ele como ela.

Syrinx, finalmente, esquivava a sua virgindade às perseguições de Pã; e, bem que para o conseguir se demande em canavial (escolha muito acertada para uma ninfa aquática), também a sua castidade não fica sem recompensa, pois que também o seu des-

{fl.55}

prezado amante continua a querer-lhe; e dela se origina o gracioso invento da flauta pastoril.

\*

Destes três resumos se infere como, apesar da sobejamente provada desenvoltura do autor em outras obras, e da conta em que temos os costumes do seu século, e do azo e largas que para isso dava a popular religião, sempre a modéstia virginal tinha seu preço, pois que os próprios que por amor dela perdiam, não deixavam de a venerar.

Entretanto, não espere o leitor que eu procure desentranhar assim, de cada uma das fábulas deste poema uma moralidade ou alegoria, em que o autor não cuidou, que muitas vezes lá não está, e de que nenhuma necessidade ha em poesia; a qual, se entreteve honestamente os ânimos, já se despenhou do seu encargo.

\*

Dois quadros sobressaem, por formosos, aos de todo este livro; um descriptivo, o outro narrativo e descriptivo: o primeiro é o dilúvio, desde pagina      até pagina      ; o segundo a fábula de Io, desde pagina      até pagina      .



}fl.11{ {fl.56}

{fl.56}

\*

\*

Não é rasão que d'esta Nota me despeça, antes de liquidar com Ovidio e Bocage as minhas contas métricas (são as unicas possiveis entre poetas).

Contém este 1º Livro no original 779 versos, e na traducção 1:095; isto é: tem a traducção mais 316 versos do que o original.

Verteu Bocage d'este 1º Livro dois lanços; a saber: desde o verso 5 do original, até o verso 137, e desde o verso 583 até o verso 747. O 1º lanço, que comprehende 433 versos, traduziu-o em 636; e o 2º, que é de 164 versos, em 216. Corre a 1ª parte da sua traducção desde pagina

Antes do Mar, da Terra, e Ceo que os cobre, até pagina

N'outras emfim criou não vistos monstros. E a 2ª desde pagina

Nas fundas lapas Ínacho escondido, até pagina

Aras e incensos dos Egypcios povos.

Isto é: 855 versos portuguezes, por 597 latinos, ou 216 versos mais do que no original. D'estes 855 portuguezes, foi-me indispensavel, ou conveniente, supprimir, substituir, alterar, ou emendar, 187. Ficam portanto pertencendo a Bocage, de todo este Livro, 668 versos; isto é: um pouco mais de seis décimos.

Não é razão que desta nota me despeça, antes de liquidar com Ovídio e Bocage as minhas contas métricas (são as únicas possíveis entre poetas).

Contém este 1º livro no original 779 versos, e na tradução 1095; isto é: tem a tradução mais 316 versos do que o original.

Verteu Bocage deste 1º Livro dois lanços; a saber: desde o verso 5 do original, até o verso 137, e desde o verso 583 até o verso 747. O 1º lanço, que comprehende 433 versos, traduziu-o em 636; e o 2º, que é de 164 versos, em 216. Corre a 1ª parte da sua tradução desde página

Antes do Mar, da Terra, e Ceo que os cobre, até página

Noutras emfim criou não vistos monstros. E a 2ª desde página

Nas fundas lapas Ínaco escondido, até página

Aras e incensos dos Egípcios povos.

Isto é: 855 versos portuguezes, por 597 latinos, ou 216 versos mais do que no original. Destes 855 portuguezes, foi-me indispensável, ou conveniente, supprimir, substituir, alterar, ou emendar, 187. Ficam, portanto, pertencendo a Bocage, de todo este Livro, 668 versos; isto é: um pouco mais de seis décimos.

### Aparato Crítico do Livro I

<b>Número do verso</b>	<b>Verso na versão impressa</b>
241	que em logar sobranceiro, e sobreposta
Entre os versos 241 e 242	“e a fulminante mão no ebúrneo sceptro” “por tres, e quatro vezes meneando”
297	“covil de bravas fêras, o Cylleno,”
699	O velho condescende. Emvão! que, ó Daphne,
811	de altas matas aspérrimas cercado;
849	mas não de hum Deos inf̃rior, porém d’aquelle,

# II

}fl.47{ {fl.1}

{fl.1}

## Livro II

## Livro II

## I

Em sublimes columnas alteado  
surge o paço do Sol; clareia ao longe  
cozido de oiro e ignígero pyrópo.  
De brunido marfim por cima alveja.  
Argênteas portas bífores lhe esplendem;  
da materia á riqueza excede a obra.  
Com primorosa industria ali Vulcano  
os mares entalhou cingindo as terras,  
das terras o orbe inteiro, e o ceo por cima.  
Pôz no fúlgido mar cerúleos Deuses:  
o canóro Tritão, Protheu mudavel,  
Egeón entre os braços opprimindo  
dorso enorme de undívagas baleias,  
Doris e as filhas, a nadarem umas,  
sentadas n'um penhasco outras seccando  
a trança verde em ócio; alguma ufana  
sobre ufano delphim retalha as ondas.  
Rôstos eguaes não teem, não teem diversos;  
quaes são proprios de irmans, taes são seus rôstos.  
Deu á térrea extensão profusamente  
homens, cidades, arvoredos, feras,  
rios, nymphas, e rústicas deidades.  
Terra e mar coroou com a luminosa  
perspectiva dos ceos, na dextra porta  
signos seis coruscando, e seis na esquerda.

\*

## I

Em sublimes colunas alteado  
surge o paço do sol; clareia ao longe  
cosido de oiro e ignígero piropo.  
De brunido marfim por cima alveja.  
Argênteas portas bífores lhe esplendem; 5  
da matéria à riqueza excede a obra.  
Com primorosa indústria ali Vulcano  
os mares entalhou cingindo as terras,  
das terras o orbe inteiro, e o céu por cima.  
Pôs no fúlgido mar cerúleos deuses: 10  
o canoro Tritão, Proteu mudável,  
Egeón entre os braços oprimindo  
dorso enorme de undívagas baleias,  
Dóris e as filhas, a nadarem umas,  
sentadas num penhasco outras secando 15  
a trança verde em ócio; alguma ufana  
sobre ufano delfim retalha as ondas.  
Rostos iguais não têm, não têm diversos;  
quais são próprios de irmãs, tais são seus rostos.  
Deu à térrea extensão profusamente 20  
homens, cidades, arvoredos, feras,  
rios, ninfas e rústicas deidades.  
Terra e mar coroou com a luminosa  
perspectiva dos céus, na destra porta  
signos seis coruscando, e seis na esquerda. 25

\*

}fl.48{ {fl.2}

{fl.2}

\*

\*

Por árdua e longa encosta aqui chegára  
o Filho de Clyméne. Entrado aos paços  
do contestado Pae, d'elle á presença  
rápido corre, e a <grão>[↑gran] distancia pára;  
mais de perto, o esplendor o cegaria.

Por árdua e longa encosta aqui chegara  
o filho de Climene. Entrado aos paços  
do contestado pai, dele à presença  
rápido corre, e a grã distância para;  
mais de perto, o esplendor o cegaria.

30

\*

\*

Em radioso throno esmeraldino  
se assenta Apollo em púrpuras trajado,  
tendo de um lado e d'outro a côrte sua:  
os seculos anciãos, os tardos annos,  
os mezes deseguaes, os leves dias,  
e as horas, que dispôz a eguaes distancias.  
Ria-se a engrinaldada Primavera;  
suava o Estío nu, que espigas c'rôam;  
môsto escorria rescendendo o Outono;  
hirtas as cans o Inverno tiritava.

Em radioso trono esmeraldino  
se assenta Apolo em púrpuras trajado,  
tendo de um lado e d'outro a corte sua:  
os séculos anciãos, os tardos anos,  
os meses desiguais, os leves dias,  
e as horas, que dispôs a iguais distâncias.  
Ria-se a engrinaldada primavera;  
suava o estío nu, que espigas c'roam;  
mosto escorria rescendendo o outono;  
hirtas as cãs o inverno tiritava.

35

40

\*

\*

Do meio o Sol, com os olhos que vêem tudo,  
na sala o moço descobriu, pasmado  
da nunca vista scena.

Do meio o sol, com os olhos que veem tudo,  
na sala o moço descobriu, pasmado  
da nunca vista cena.

— “¿A que vieste?

— A que vieste?

“¿que procuras – lhe diz – no pátrio alcácar,  
“ó Phaetonte, ó meu filho, ó gloria minha?”

Que procuras – lhe diz – no pátrio alcácer,  
ó Faetonte, ó meu filho, ó gloria minha? —

45

– “Luz do immenso Universo, – o moço acode –  
“Phebo, Pae, se este nome me permittes,  
“se Clyméne em ficções não some um crime,

— Luz do imenso Universo, – o moço acode –  
Febo, Pai, se este nome me permites,  
se Climene em ficções não some um crime,

}fl.49{ {fl.3}

{fl.3}

\*

\*

“penhores peço ao Pae, que o filho abonem;  
“a incerteza em que vivo, aqui se acabe.”

penhores peço ao pai, que o filho abonem;  
a incerteza em que vivo, aqui se acabe. —

50

Calou-se. O Genitor depõe da fronte  
radiosa c'rôa; ordena-lhe acercar-se;  
e, depois de abraçal-o,

Calou-se. O genitor depõe da fronte  
radiosa c'roa; ordena-lhe acercar-se;  
e, depois de abraçá-lo,

– “Nem Phaetonte  
 “merece – elle lhe diz – “que um Pae o negue,  
 “nem Clyméne mentiu. Se prova queres,  
 “pede-me qualquer don; convenho em tudo.  
 “Sê de minhas promessas testemunha,  
 “logo por quem jurar costumam <Deuses>/deuses\,  
 “logo incógnito a mim.”

Findára apenas,  
 eis que lhe pede o carro, e o jus um dia  
 de reger seus alípedes cavallos.  
 Arrependeu-se o Pae de haver jurado;  
 tres, quatro vezes, meneando a frente,  
 diz:

– “Por teu rogo temerário o sinto:  
 “temerário falei. ¡Prouvéra aos Fados  
 “que eu pudesse negar-te o prometido!  
 “tudo mais... com praser t’o concedêra;  
 “tudo; só isto não, confesso, ó Filho.  
 “Mas dissuadir-te é lícito. Phaetonte,  
 “p’rigoso é teu desejo; offício pedes  
 “árduo, immenso, maior que as fôrças tuas,

}fl.50{ {fl.4}

“aos tenros annos teus impropria carga.  
 “És mortal, e immortal o que desejas;  
 “aspiras nesciamente, ao que inda a Numes  
 “concedido não é. Deixa-os embora  
 “blazonar, presumir de ardor, de astucia;  
 “nenhum, a não ser eu, se firmaria  
 “na ignífera carroça; o proprio, o grande  
 “senhor do vasto Olympo, o que arremeça  
 “da troadora mão fulmíneos lumes,  
 “nem esse o ethéreo côche encaminhára.  
 “¿E que ha maior que Jupiter? Phaetonte,  
 “logo no seu comêço a aérea estrada  
 “tão árdua vai, tão íngreme, que os brutos,

— Nem Faetonte  
 merece – ele lhe diz – que um Pai o negue,  
 nem Climene mentiu. Se prova queres,  
 pede-me qualquer dom; convenho em tudo.  
 Sê de minhas promessas testemunha,  
 logo por quem jurar costumam deuses,  
 logo incógnito a mim. —

Findara apenas,  
 eis que lhe pede o carro, e o jus um dia  
 de reger seus alípedes cavalos.  
 Arrependeu-se o pai de haver jurado;  
 três, quatro vezes, meneando a frente,  
 diz:

— Por teu rogo temerário o sinto:  
 temerário falei. Prouvera aos fados  
 que eu pudesse negar-te o prometido!  
 tudo mais... com prazer to concedera;  
 tudo; só isto não, confesso, ó filho.  
 Mas dissuadir-te é lícito. Faetonte,  
 p’rigoso é teu desejo; ofício pedes  
 árduo, imenso, maior que as forças tuas,

{fl.4}

aos tenros anos teus imprópria carga.  
 És mortal, e imortal o que desejas;  
 aspiras nesciamente, ao que inda a numes  
 concedido não é. Deixa-os embora  
 blasonar, presumir de ardor, de astúcia;  
 nenhum, a não ser eu, se firmaria  
 na ignífera carroça; o próprio, o grande  
 senhor do vasto Olimpo, o que arremessa  
 da troadora mão fulmíneos lumes,  
 nem esse o etéreo coche encaminhara.  
 E que há maior que Júpiter? Faetonte,  
 logo no seu começo a aérea estrada  
 tão árdua vai, tão íngreme, que os brutos,

<p> “bem que frescos da noite, a custo a sobem.  “Pelo meio dos Ceos, tal se despenha  “sobre alta profundez, que o mar e as terras,  “quando os ólho de lá, terror me infundem,  “e o coração no peito se me apérta.  “Vai por ultimo tão precipitada,  “tanto ha mistér firmeza, que entre as ondas  “lá em baixo Thétis a tremer me aguarda.  “;E os turbilhões, o vórtice, em que gira  “contínuo o Ceo, que em si, como torrente,  “milhões e milhões de astros arrebatá,  “e em torneante círculo endoidece!  “Forcejo eu contra; ao ímpeto que os leva,  “não sem afan resisto; e audaz, e ardente,  </p>	<p> bem que frescos da noite, a custo a sobem.  Pelo meio dos Céus, tal se despenha  sobre alta profundez, que o mar e as terras,  quando os olho de lá, terror me infundem,  e o coração no peito se me aperta.  Vai por último tão precipitada,  tanto há mister firmeza, que entre as ondas  lá embaixo Tétis a tremer me aguarda.  E os turbilhões, o vórtice, em que gira  contínuo o céu, que em si, como torrente,  milhões e milhões de astros arrebatá,  e em torneante círculo endoidece!  Forcejo eu contra; ao ímpeto que os leva,  não sem afã resisto; e audaz, e ardente,  </p>	<p>85</p> <p>90</p> <p>95</p>
<p style="text-align: right;">}fl.51{ {fl.5}</p>	<p style="text-align: right;">{fl.5}</p>	
<p> “a geral rotação contrário sulco.  “Crê-te no carro; ;que farás? ;como has-de  “com os polos investir, que te não sôrvam  “do eixo seu na túrbida vertigem?  “;Imaginas por lá, talvez, florestas,  “cidades de Immortaes, opímos templos!?  “Vai-se através de p’rigos e de monstros.  “Já te dou que do rumo não desvaires;  “tens de passar comtudo pela fronte  “do cornígero Toiro, pelo arco  “do thessálio Frecheiro, pelas garras  “do raivoso Leão, pelos terríveis  “braços do Scorpião, que ao largo abrangem,  “pelos do Cancro, que diverso os curva.  “Nem cuides tu ser facil o govêrno  “de meus corséis indómitos, que exhalam  “o fogo do interior por bôca e ventas;  “uma vez que os anime o ardor brioso,  “mal os posso eu domar; desdenham rédeas.  “Não me façás, meu filho, autor sem culpa  </p>	<p> a geral rotação contrário sulco.  Crê-te no carro; que farás? Como hás de  com os polos investir, que te não sorvam  do eixo seu na túrbida vertigem?  Imaginas por lá, talvez, florestas,  cidades de imortais, opimos templos!?  Vai-se através de p’rigos e de monstros.  Já te dou que do rumo não desvaires;  tens de passar contudo pela fronte  do cornígero Toiro, pelo arco  do tessálio Frecheiro, pelas garras  do raivoso Leão, pelos terríveis  braços do Escorpião, que ao largo abrangem,  pelos do Cancro, que diverso os curva.  Nem cuides tu ser fácil o governo  de meus corcéis indômitos, que exalam  o fogo do interior por boca e ventas;  uma vez que os anime o ardor brioso,  mal os posso eu domar; desdenham rédeas.  Não me façás, meu filho, autor sem culpa  </p>	<p>100</p> <p>105</p> <p>110</p> <p>115</p>

<p>“do mais funesto don; teus rogos muda;  “muda-os em quanto é lícito. ¿Desejas  “provar que eu sou teu Pae?... meu susto o prova;  “observa o meu semblante. ¡Ah! se os teus olhos  “pudessem ler cá dentro os meus cuidados!  “Filho, a todo o Universo estende a vista;</p>	<p>do mais funesto dom; teus rogos muda;  muda-os enquanto é lícito. Desejas  provar que eu sou teu pai?... Meu susto o prova;  observa o meu semblante. Ah! Se os teus olhos  pudessem ler cá dentro os meus cuidados!  Filho, a todo o Universo estende a vista;</p>	<p>120</p>
}fl.52{ {fl.6}		{fl.6}
<p>“roga-me algum dos bens, tão ricos, tantos,  “do Ceo, da Terra, e Mar; nenhum te nego;  “só peço uma excepção, no que seria  “mais castigo do que honra. ¡O meu Phaetonte  “um supplicio por dadiva me implora!  “¡Insensato! ¿que amor? ¿que abraço é este?  “Pela Styge votei; ver-me-has (socega)  “tua escôlha cumprir; mas sabio escolhe.”</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>roga-me algum dos bens, tão ricos, tantos,  do céu, da terra, e mar; nenhum te nego;  só peço uma excepção, no que seria  mais castigo do que honra. O meu Faetonte  um suplício por dádiva me implora!  Insensato! Que amor? Que abraço é este?  Pela Estige votei; ver-me-ás (sossega)  tua escolha cumprir; mas sábio escolhe. —</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>125</p> <p>130</p>
<p>Baldando exhortações, brandura, rogos,  insiste o moço audaz no audaz projecto;  arde já por voar no excelso côche.  Por mais tempo detel-o o Pae não pode,  e ao côche o leva; fábrica alterosa,  vasta, immensa, obra e don do grão Ferreiro.  De oiro é seu eixo, de oiro a lança, de oiro  chapeadas por cima as vastas rodas,  com mil do centro ao aro argenteos raios.  Chrysólitos, matiz de pedraria,  são recâmo aos esplendidos jaezes,  que em chuveiros de luz a luz scintillam.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>Baldando exortações, brandura, rogos,  insiste o moço audaz no audaz projeto;  arde já por voar no excelso coche.  Por mais tempo detê-lo o pai não pode,  e ao coche o leva; fábrica alterosa,  vasta, imensa, obra e dom do grão ferreiro.  De oiro é seu eixo, de oiro a lança, de oiro  chapeadas por cima as vastas rodas,  com mil do centro ao aro argênteos raios.  Crisólitos, matiz de pedraria,  são recamo aos esplêndidos jaezes,  que em chuveiros de luz a luz cintilam.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>135</p> <p>140</p>
<p>Contemplava o magnânimo Phaetonte  a obra divinal, de assombro immovel,  quando a Aurora, a gentil madrugadora,  do rútilo Oriente abriu risonha  com a mão de neve as portas purpurinas,</p>	<p>Contemplava o magnânimo Faetonte  a obra divinal, de assombro imóvel,  quando a Aurora, a gentil madrugadora,  do rútilo Oriente abriu risonha  com a mão de neve as portas purpurinas,</p>	<p>145</p>



}fl.53{ {fl.7}	{fl.7}	
o átrio espaçoso de alaistradas rosas.	o átrio espaçoso de alaistradas rosas.	150
O tropél das estrellas vai fugindo	O tropel das estrelas vai fugindo	
da Estrella da manhan, que última e bella	da estrela da manhã, que última e bela	
deixa ao dia nascente o ceo já livre.	deixa ao dia nascente o céu já livre.	
Ao ver terras e mundo afogueados,	Ao ver terras e mundo afogueados,	
e a lua desmaiada ou quasi extinta,	e a lua desmaiada ou quase extinta,	155
já (¡miserando Pae!) Titão dá ordem	já (miserando pai!) Titão dá ordem	
às Horas leves, que os frisões enfreiem.	às Horas leves, que os frisões enfreiem.	
Partem; sóltam das altas manjadoiras,	Partem; soltam das altas manjadoiras,	
refeitos de ambrosía, os emproados	refeitos de ambrosia, os emproados	
ignívomos quadrúpedes; e presto	ignívomos quadrúpedes; e presto	160
com os tintinantes freios os embridam.	com os tintinantes freios os embridam.	
*	*	
Aqui o Pae, com próvido cuidado	Aqui o pai, com próvido cuidado	
ungiu de um licôr sacro o rôsto ao filho,	ungiu de um licor sacro o rosto ao filho,	
por que a rábida chamma o não crestasse.	por que a rábida chama o não crestasse.	
Põe-lhe na frente a c'roa radiosa;	Põe-lhe na frente a c'roa radiosa;	165
e do peito sollícito arrancando	e do peito solícito arrancando	
novos suspiros, de seu mal preságio,	novos suspiros, de seu mal presságio,	
– “Filho, – diz – “filho meu, se ao menos podes	— Filho, – diz – filho meu, se ao menos podes	
“inda um conselho ouvir, do açoite abstém-te.	inda um conselho ouvir, do açoite abstém-te.	
“Rédea sempre, e firmeza; de si mesmos	Rédea sempre, e firmeza; de si mesmos	170
“são ágeis, são frenéticos; se ha custo,	são ágeis, são frenéticos; se há custo,	
“é no suster-lhe os insoffridos vãos.	é no suster-lhe os insofridos voos.	
“Não te namore a estrada, que atravessa	Não te namore a estrada, que atravessa	
“direita os cinco círculos; vai outra,	direita os cinco círculos; vai outra,	
}fl.54{ {fl.8}	{fl.8}	
“que oblíqua se desdobra em largo giro,	que oblíqua se desdobra em largo giro,	175
“que abrange zonas tres de marco a marco,	que abrange zonas três de marco a marco,	
“que foge ao pólo austral, que foge ao pólo	que foge ao polo austral, que foge ao polo	
“onde sobre aquilões impéra a Ursa;	onde sobre aquilões impera a Ursa;	
“por esta só, por esta, enfia a róta;	por esta só, por esta, enfia a rota;	
“as rodadas do carro a estão mostrando.	as rodadas do carro a estão mostrando.	180
“Para aquecer igual o ceo e a terra,	Para aquecer igual o céu e a terra,	

<p>“não vás rasteiro á terra, ao ceo não vões;  “terra ou ceos teem de arder se ao perto os ólhas;  “vae pelo meio, e correrás seguro.  “Não declines rodando á dextra parte  “sobre a enroscada Serpe; á esquerda é p’rigo  “cahir no baixo Altar; escapa entre ambos.  “Fio á Fortuna o mais; ella te ampare;  “melhor do que tu mesmo, a ti proveja.  “Em quanto falo aqui, lá roça a Noite  “húmidas azas na baliza hespéria;  “não ha mais que tardar; já nos aguardam;  “as trevas já lá vão, já brilha a Aurora.  “¡Rédeas na mão! ¡partir! Mas, filho, ó filho,  “se és docil, por piedade os meus conselhos  “ao meu carro antepõe; por ora é tempo;  “inda estás em chão firme; inda, imprudente,  “não vais no carro, teu funesto enlêvo;  “á terra eu vou dar luz; tranquilo a gósa...”</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>não vás rasteiro à terra, ao céu não voes;  terra ou céus têm de arder se ao perto os olhas;  vai pelo meio, e correrás seguro.  Não declines rodando à destra parte  sobre a enroscada serpe; à esquerda é p’rigo  cair no baixo altar; escapa entre ambos.  Fio à Fortuna o mais; ela te ampare;  melhor do que tu mesmo, a ti proveja.  Enquanto falo aqui, lá roça a noite  úmidas asas na baliza hespéria;  não há mais que tardar; já nos aguardam;  as trevas já lá vão, já brilha a Aurora.  Rédeas na mão! Partir! Mas, filho, ó filho,  se és dócil, por piedade os meus conselhos  ao meu carro antepõe; por ora é tempo;  inda estás em chão firme; inda, imprudente,  não vais no carro, teu funesto enlevo;  à terra eu vou dar luz; tranquilo a goza... —</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>185</p> <p>190</p> <p>195</p> <p>200</p>
}fl.55{ {fl.9}		{fl.9}
<p>o pezo juvenil; de pé, vaidoso,  fólga empunhando as concedidas rédeas,  e graças rende ao Pae, que as não recebe.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>o peso juvenil; de pé, vaidoso,  folga empunhando as concedidas rédeas,  e graças rende ao pai, que as não recebe.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	
<p>Mas já Phlégon, Pyróis, Eóo, Ethonte,  ágeis frisões do Sol, rinchando rapam,  pulsam co’as patas sôfregas as portas.  Eis Thetis, sem prever do neto os fados,  de par em par lh’as abre e lhes põe franca  toda a amplidão dos Ceos; com a estrada investem,  rasgam as névoas, pelos ares trotam,  deixando-vos aquém no alado vôo,  Euros, que ao seu sahir tambem sahistes.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>Mas já Flégon, Piróis, Eoo, Etonte,  ágeis frisões do sol, rinchando rapam,  pulsam co’as patas sôfregas as portas.  Eis Tétis, sem prever do neto os fados,  de par em par lhas abre e lhes põe franca  toda a amplidão dos céus; com a estrada investem,  rasgam as névoas, pelos ares trotam,  deixando-vos aquém no alado voo,  Euros, que ao seu sair também saístes.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>205</p> <p>210</p>

Porém leve era o pêzo; era diverso  
 d'aquelle que os frisões tiraram sempre.  
 Quaes sem lastro bastante os curvos lenhos  
 são das ferventes ondas sacudidos,  
 tal, co'a leveza insólita pulando,  
 parece que vazío o carro foge.  
 Eis a quadríga rápida percebe  
 que os passos lhe não rege a mão de um Nume;  
 eis salta impetuosa, e deixa o trilho,  
 e bate o campo azul por nova estrada.  
 Treme Phaetonte; como as rédeas tôrça,  
 qual seja a estrada, atônito não sabe;

}fl.56{ {fl.10}

e inda sabendo, não domára os brutos.  
 Pela primeira vez se escandeceram  
 os gélicos Triões co'a ethérea flamma,  
 e banhar-se no pégo em vão tentaram.  
 Do pólo glacial vizinha a Serpe,  
 d'antes molle de frio, e não terrível,  
 ganhou no estranho ardor braveza estranha.  
 Diz-se, ó Boótes, que a tremer fugiste,  
 bem que és tardío, e te remóra o plaustro.

\*

Vê jazer muito ao longe o mar e as terras  
 o misero Phaetonte; empallicede,  
 e subito pavor lhe agita os membros;  
 seus olhos em luz tanta encontram noite.  
 ;Triste! quizéra já não ter tocado  
 o coche de seu Pae; já se arrepende  
 de conhecer quem é, de haver podido  
 o effeito conseguir do rogo incauto.  
 Já quizera que o mundo o apellidasse  
 de Mérope, de humano, obscura prole.  
 Tal se deixa levar, qual náu batida  
 dos furacões austraes, quando o piloto

*Porém leve era o peso; era diverso  
 daquele que os frisões tiraram sempre.  
 Quais sem lastro bastante os curvos lenhos* 215  
*são das ferventes ondas sacudidos,  
 tal, co'a leveza insólita pulando,  
 parece que vazío o carro foge.  
 Eis a quadriga rápida percebe  
 que os passos lhe não rege a mão de um nume;* 220  
*eis salta impetuosa, e deixa o trilho,  
 e bate o campo azul por nova estrada.  
 Treme Faetonte; como as rédeas torça,  
 qual seja a estrada, atônito não sabe;*

{fl.10}

*e inda sabendo, não domara os brutos.* 225  
*Pela primeira vez se escandeceram  
 os gélicos Triões co'a etérea flama,  
 e banhar-se no pego em vão tentaram.  
 Do polo glacial vizinha a serpe,  
 dantes mole de frio, e não terrível,* 230  
*ganhou no estranho ardor braveza estranha.  
 Diz-se, ó Boótes, que a tremer fugiste,  
 bem que és tardío, e te remora o plaustro.*

\*

*Vê jazer muito ao longe o mar e as terras  
 o mísero Faetonte; empalidece,* 235  
*e súbito pavor lhe agita os membros;  
 seus olhos em luz tanta encontram noite.  
 Triste! Quisera já não ter tocado  
 o coche de seu Pai; já se arrepende  
 de conhecer quem é, de haver podido* 240  
*o effeito conseguir do rogo incauto.  
 Já quisera que o mundo o apellidasse  
 de Mérope, de humano, obscura prole.  
 Tal se deixa levar, qual nau batida  
 dos furacões austrais, quando o piloto* 245

cede ás ondas vencido o leme inutil,  
e ás promessas e aos Numes a abandona.  
¿Que fará? vastos Ceos atraz lhe ficam;

}fl.57{ {fl.11}

Ceos mais vastos ante elle se desdobram;  
uns e outros com a mente absôrta méde;  
ólhos volve ao Nascente, em vão saudoso;  
ólhos no Occaso põe, que em vão suspira;  
pasma inerte; das mãos esmorecidas  
nem sólta as rédeas, nem retel-as pode;  
nem sabe o nome aos brutos; ¿estremece  
das que vê pelos Ceos enormes feras!...  
Com a cauda o Scorpião, com os braços curvos,  
de dois signos o espaço horrendo alastra;  
vendo-o negra suar lethal peçonha,  
rodar em modo hostíl a aguda cauda,  
fugir deixa das mãos sem tino as rédeas;  
sentindo-as sobre o dórso os corséis partem,  
livres transvôm regiões ignotas,  
com o ímpeto por lei, por norte o espaço;  
com as estrellas mais altas abalrôm,  
atropellam com o carro estradas virgens,  
ora ao ether remontam, ora descem  
quasi á terra por íngremes abysmos.  
Admira a Lua, que o fraterno côche  
rode a baixo do seu; nuvens e nuvens  
crestadas fumam; já nas eminencias  
lavra incendio geral; fendem-se as terras,  
exhausto o interno humor; branquejam pastos;

}fl.58{ {fl.12}

ardem com a folha as arvores; as messes  
séccam, dão alimento ao proprio dano.  
Pouco digo: cidades populosas  
ardem com os muros seus; provincias, reinos,

cede às ondas vencido o leme inútil,  
e às promessas e aos numes a abandona.  
Que fará? Vastos céus atrás lhe ficam;

{fl.11}

céus mais vastos ante ele se desdobram;  
uns e outros com a mente absorta mede; 250  
olhos volve ao nascente, em vão saudoso;  
olhos no ocaso põe, que em vão suspira;  
pasma inerte; das mãos esmorecidas  
nem solta as rédeas, nem retê-las pode;  
nem sabe o nome aos brutos; estremece 255  
das que vê pelos céus enormes feras!...  
Com a cauda o Escorpião, com os braços curvos,  
de dois signos o espaço horrendo alastra;  
vendo-o negra suar letal peçonha,  
rodar em modo hostil a aguda cauda, 260  
fugir deixa das mãos sem tino as rédeas;  
sentindo-as sobre o dorso os corcéis partem,  
livres transvoam regiões ignotas,  
com o ímpeto por lei, por norte o espaço;  
com as estrelas mais altas abalroam, 265  
atropelam com o carro estradas virgens,  
ora ao éter remontam, ora descem  
quase à terra por íngremes abismos.  
Admira a Lua, que o fraterno coche  
rode abaixo do seu; nuvens e nuvens 270  
crestadas fumam; já nas eminências  
lavra incêndio geral; fendem-se as terras,  
exausto o interno humor; branquejam pastos;

{fl.12}

ardem com a folha as árvores; as messes  
secam, dão alimento ao próprio dano. 275  
Pouco digo: cidades populosas  
ardem com os muros seus; províncias, reinos,

torna incendio voraz em mar de cinzas.  
 As florestas com os montes se afogueiam:  
 arde o cílico Tauro, o Athos, o Ida,  
 tão aquoso até'li, quão sêcco agora,  
 o virgíneo Helicón, Tmólo, e Oéta,  
 o Hemo, a que inda então do eágrio Vate  
 não tinha dado a morte infamia e nome;  
 dúplice labareda abraza o Etna;  
 ardem do alto Parnaso ambos os cumes,  
 Cyntho, Éryx, [↑Othryx], Rhódope, fadado  
 a despir d'esta vez nivoso manto;  
 Mimas, Dindyma, Mycale, Cithéron,  
 esse afamado, ó Baccho, em pompas tuas.  
 Nem frio á Scythia val; negreja, estala  
 o Cáucaso ferino, o Pindo, o Ossa,  
 e o maior que Ossa e Pindo, o Olympo immenso;  
 nubífero Apennino, aéreos Alpes,  
 todos consome a furial torrente.

\*

Só fógos por todo o orbe descortina  
 Phaetonte, e do ar candente o ardor o afronta.  
 Auras como as de tórrida fornalha

}fl.59{ {fl.13}

ferventes sorve; sente o coche em braza;  
 cobrem-n-o cinzas; cercam-n-o centelhas;  
 cálido fumo o afóga e desespera.  
 De horrenda cerração fechado em tórno,  
 onde esteja, onde vá, não vê, não sabe;  
 vaga correndo á discreção dos brutos.  
 Crê-se, que á tez o sangue então puchado,  
 os povos da Ethiópia enegreceram;  
 de então, exausto o humor, jaz sêcca a Libya.  
 Nymphas de lagos, fontes, desgrenhadas  
 carpiram-se no pó; desaparece  
 no meio da Beócia a aquosa Dice;

torna incêndio voraz em mar de cinzas.  
 As florestas com os montes se afogueiam:  
 arde o cílico Tauro, o Atos, o Ida, 280  
 tão aquoso até'li, quão seco agora,  
 o virgíneo Helicón, Tmolo e Oeta,  
 o Hemo, a que inda então do eágrio vate  
 não tinha dado a morte infâmia e nome;  
 dúplice labareda abrasa o Etna; 285  
 ardem do alto Parnaso ambos os cumes,  
 Cinto, Érix, Otrix, Ródope, fadado  
 a despir desta vez nivoso manto;  
 Mimas, Díndima, Mícale, Citéron,  
 esse afamado, ó Baco, em pompas tuas. 290  
 Nem frio à Cítia val; negreja, estala  
 o Cáucaso ferino, o Pindo, o Ossa,  
 e o maior que Ossa e Pindo, o Olimpo imenso;  
 nubífero Apenino, aéreos Alpes,  
 todos consome a furial torrente. 295

\*

Só fogos por todo o orbe descortina  
 Faetonte, e do ar candente o ardor o afronta.  
 Auras como as de tórrida fornalha

{fl.13}

ferventes sorve; sente o coche em brasa;  
 cobrem-no cinzas; cercam-no centelhas; 300  
 cálido fumo o afoga e desespera.  
 De horrenda cerração fechado em torno,  
 onde esteja, onde vá, não vê, não sabe;  
 vaga correndo à discrição dos brutos.  
 Crê-se, que à tez o sangue então puxado, 305  
 os povos da Etiópia enegreceram;  
 de então, exausto o humor, jaz seca a Líbia.  
 Ninfas de lagos, fontes, desgrenhadas  
 carpiram-se no pó; desaparece  
 no meio da Beócia a aquosa Dice; 310

Argos perde Amymóne; Ephyre as ondas  
da chorosa Piréne em vão procura.  
Os rios mais distantes não escapam:  
no meio da torrente o Tânaís fuma;  
o ancião Peneu, o arrebatado Ismeno,  
Theutrânteo Caico, phócido Erymantho,  
o Xanto, inda fadado a incendios novos,  
loiro Lycórmias, plácido Meandro,  
o brincão dos fluentes labirintos,  
mygdónio Melas, e tenário Eurótas,  
o Euphrátes babilónio, o Oronte, arderam;  
Thermodonte veloz, o Istro, o Phásis,  
o Spérchio, Gange, Alfeu; corre no Tejo  
seu oiro derretido em vez das aguas.

}fl.60{ {fl.14}

Cisnes, cantores das meónias ribas,  
lá dento em seu Caystro abafam mudos;  
fugiu medroso o Nilo aos fins do glôbo,  
e a cabeça escondeu, que inda hoje oculta;  
viu-se pó, onde vagas trovejaram,  
profundos valles sete as sete bôcas.  
Não tiveram mais dita os dois da Thracia  
Hebro e Strymôn, ou já na Hespéria o Rheno,  
Rhódano, Pado, e aquelle a quem Destinos  
fadaram todo o orbe: o Tibre, o grande.  
Fende-se a terra em boqueirões profundos,  
no Tártaro reluz o incendiioso  
clarão terrestre; o Rei do Averno e a Esposa  
com o revérbero extranho amarellecem.  
Míngua o mar; jaz areia o que era Oceano;  
montes e montes do marinho imperio  
pela primeira vez mostram seus cumes,  
em multidão com as Cycladas contendem.  
Ao imo fundo os peixes se mergulham;  
não ha ver na amplidão do ermo undoso

Argos perde Amimone; Éfire as ondas  
da chorosa Pirene em vão procura.  
Os rios mais distantes não escapam:  
no meio da torrente o Tânaís fuma;  
o ancião Peneu, o arrebatado Ismeno,  
Teutrânteo Caico, fócido Erimanto,  
o Xanto, inda fadado a incêndios novos,  
loiro Licormas, plácido Meandro,  
o brincão dos fluentes labirintos,  
migdônio Melas, e tenário Eurotas,  
o Eufrates babilônio, o Oronte, arderam;  
Thermodonte veloz, o Istro, o Fásis,  
o Espérquio, Gange, Alfeu; corre no Tejo  
seu oiro derretido em vez das águas.

315

320

{fl.14}

Cisnes, cantores das meônias ribas,  
lá dento em seu Caístro abafam mudos;  
fugiu medroso o Nilo aos fins do globo,  
e a cabeça escondeu, que inda hoje oculta;  
viu-se pó, onde vagas trovejaram,  
profundos vales sete as sete bocas.  
Não tiveram mais dita os dois da Trácia  
Hebro e Estrimon, ou já na Hespéria o Reno,  
Ródano, Pado, e aquele a quem destinos  
fadaram todo o orbe: o Tibre, o grande.  
Fende-se a terra em boqueirões profundos,  
no Tártaro reluz o incendiioso  
clarão terrestre; o rei do Averno e a esposa  
com o revérbero extranho amarelecem.  
Míngua o mar; jaz areia o que era oceano;  
montes e montes do marinho império  
pela primeira vez mostram seus cumes,  
em multidão com as Cícladas contendem.  
Ao imo fundo os peixes se mergulham;  
não há ver na amplidão do ermo undoso

325

330

335

340

aos ares retoçando um só golfinho.	aos ares retoçando um só golfinho.	345
Os bojudos cadáveres das phocas	Os bojudos cadáveres das focas	
resupínos somente andam boiando.	ressupinos somente andam boiando.	
Diz-se até, que Nereu, Doris, e as filhas,	Diz-se até, que Nereu, Dóris, e as filhas,	
lá nas tépidas lapas se escondiam.	lá nas tépidas lapas se escondiam.	
	}fl.61{ {fl.15}	{fl.15}
Por tres vezes raivando ousou Neptuno	Por três vezes raivando ousou Netuno	350
os braços lançar fora, e por tres vezes	os braços lançar fora, e por três vezes	
não poude comportar o ardor aéreo.	não pôde comportar o ardor aéreo.	
*	*	
Mas a Terra, essa <Deusa>/deusa\, a mãe de tudo,	Mas a Terra, essa deusa, a mãe de tudo,	
por ter por fora o mar, por dentro as fontes,	por ter por fora o mar, por dentro as fontes,	
as fontes, que ás entranhas lhe volveram,	as fontes, que às entranhas lhe volveram,	355
ousa mais: té ao collo alteia o rôsto,	ousa mais: ‘té ao colo alteia o rosto,	
o dadivoso rôsto esmorecido;	o dadivoso rosto esmorecido;	
com a mão voltada ao ceo resguarda a frente;	com a mão voltada ao céu resguarda a frente;	
e pávida, e convulsa, e descahida	e pávida, e convulsa, e descaída	
do alto do usual seu proprio assento,	do alto do usual seu próprio assento,	360
das sêccas fauces tal queixume arranca:	das secas fauces tal queixume arranca:	
– “Se t’o assim mereci, se assim te aprouve,	— Se to assim mereci, se assim te aprouve,	
“¿que fazem raios teus, que não me acabam?	que fazem raios teus, que não me acabam?	
“Se hei-de em fogo ter fim, teu fogo imploro,	Se hei de em fogo ter fim, teu fogo imploro,	
“Jove; o nome do autor console o dâno.	Jove; o nome do autor console o dano.	365
“Vê, vê ¿que exfórços o falar me custa!	Vê, vê que esforços o falar me custa!	
(O vapor a afogava). “Ardem-me as grenhas;	(O vapor a afogava). Ardem-me as grenhas;	
“fumo, cinzas, me afogam, me sepultam.	fumo, cinzas, me afogam, me sepultam.	
“Da alma fertilidade o premio é este?	Da alma fertilidade o prêmio é este?	
“¿estes do meu servir, ó Ceos, os frutos?	Estes do meu servir, ó Céus, os frutos?	370
“¿Para isto o anno todo ando soffrendo	Para isto o ano todo ando sofrendo	
“que os instrumentos rusticos me rasguem?	que os instrumentos rústicos me rasguem?	
“¿Para isto a animaes produzo o pasto,	Para isto a animais produzo o pasto,	

}fl.62{ {fl.16}		{fl.16}
“aos humanos a messe, a vós o incenso?	aos humanos a messe, a vós o incenso?	
“Jove, e se eu te offendi, ¿que te offenderam	Jove, e se eu te ofendi, que te ofenderam	375
“as ondas, teu Irmão? ¿Por que decresce	as ondas, teu irmão? Por que decresce	
“o Oceano, que era seu por lei da Sorte,	o oceano, que era seu por lei da sorte,	
“e do ether cada vez se vê mais longe?	e do éter cada vez se vê mais longe?	
“Se do Irmão, se de mim não tens piedade,	Se do irmão, se de mim não tens piedade,	
“tem-n-a já dos teus Ceos. Volve aos dois polos	tem-na já dos teus céus. Volve aos dois polos	380
“a vista; já lá anda o fumo em ambos.	a vista; já lá anda o fumo em ambos.	
“Deixa-os comer do fogo, e saberemos	Deixa-os comer do fogo, e saberemos	
“que estampido os alcáçares dos Numes	que estampido os alcáceres dos numes	
“ao desabar pelo Universo eccôam.	ao desabar pelo Universo ecoam.	
“Vacilla já de afflicto o proprio Atlante,	Vacila já de aflito o próprio Atlante,	385
“mal soffre já no hombro a esphera em braza.	mal sofre já no ombro a esfera em brasa.	
“Se findam terra, mar, ethérea côrte,	Se findam terra, mar, etérea corte,	
“no horror vamos cahir do antigo cahos.	no horror vamos cair do antigo caos.	
“¿Ah! se inda ha que livrar, do incendio o livra;	Ah! Se inda há que livrar, do incêndio o livra;	
“ao grão todo do mundo attende, ó Jove.”	ao grão todo do mundo atende, ó Jove. —	390
*	*	
Diz, e não pode mais; some, afrontada	Diz, e não pode mais; some, afrontada	
o aspecto dentro em si, nos invisiveis	o aspecto dentro em si, nos invisíveis	
antros, visinhos da tartárea noite.	antros, vizinhos da tartárea noite.	
*	*	
Mas o Padre, tomando a testemunhas	Mas o padre, tomando a testemunhas	
todos os Immortaes, e, mais que todos,	todos os imortais, e, mais que todos,	395
ao proprio Concessor do coche infausto,	ao próprio concessor do coche infausto,	
e achando ser unânime sentença	e achando ser unânime sentença	
}fl.63{ {fl.17}		{fl.17}
que, se Jove o não salva, acaba o Mundo,	que, se Jove o não salva, acaba o mundo,	
sobe ao alto da ethérea cidadella,	sobe ao alto da etérea cidadela,	
lá d’onde pelo Orbe espalha as nuvens,	lá donde pelo orbe espalha as nuvens,	400
d’onde acorda os trovões, dardeja os raios;	donde acorda os trovões, dardeja os raios;	
mas nem viu nuvens com que envólva o Orbe,	mas nem viu nuvens com que envolva o orbe,	
nem chuveiros achou; trôa, e, librando	nem chuveiros achou; troa, e, librando	
na dextra erguida o raio, ao vão Cocheiro	na destra erguida o raio, ao vão cocheiro	



o desfere, e do carro o expulsa morto.	o desfere, e do carro o expulsa morto.	405
Assim, com o sacro fôgo, o fôgo abafa.	Assim, com o sacro fogo, o fogo abafa.	
Espantam-se os frisões, atrás ressaltam,	Espantam-se os frisões, atrás ressaltam,	
sacodem jugos, despedaçam rédeas,	sacodem jugos, despedaçam rédeas,	
jazem freios aqui, sem lança o eixo,	jazem freios aqui, sem lança o eixo,	
além, mais longe, dispartidas rodas,	além, mais longe, dispartidas rodas,	410
por toda a parte esplendidas reliquias.	por toda a parte esplêndidas relíquias.	
Phaetonte, ardendo a grenha ás labaredas,	Faetonte, ardendo a grenha às labaredas,	
vem de rondão pelo ar; no acezo e longo	vem de roldão pelo ar; no aceso e longo	
rasto que deixa, faz lembrar estrella,	rasto que deixa, faz lembrar estrela,	
como as que em limpo ceo de estiva noite	como as que em limpo céu de estiva noite	415
se figuram cahir, bem que não cáiam.	se figuram cair, bem que não caiam.	
Longe do chão natal, na quéda o toma	Longe do chão natal, na queda o toma	
o caudaloso Erydano, e nas ondas	o caudaloso Erídano, e nas ondas	
o rosto abrazeado lhe mergulha.	o rosto abrazeado lhe mergulha.	
As Náíades hespérias o enterraram	As náíades hespérias o enterraram	420
inda fumando da trisulca chamma,	inda fumando da trisulca chama,	
	}fl.64{ {fl.18}	{fl.18}
e esta inscrição no tumulo lhe abriram:	e esta inscrição no túmulo lhe abriram:	
<u>Aqui poisa Phaetonte, o audaz Cocheiro,</u>	“Aqui poisa Faetonte, o audaz cocheiro,	
<u>que no carro do Pae foi Nume um dia.</u>	que no carro do pai foi nume um dia.	
<u>Não se aguentou nos Ceos, mas sobranceiro</u>	Não se aguentou nos céus, mas sobranceiro	425
<u>se lhes mostrou na insólita ousadia.</u>	se lhes mostrou na insólita ousadia”.	
O misérrimo Pae, sumido em luto,	O misérrimo pai, sumido em luto,	
deixou, se a fama é certa, um dia em trevas,	deixou, se a fama é certa, um dia em trevas,	
de Sol valendo ao Orbe o horror do incendio.	de sol valendo ao orbe o horror do incêndio.	
*	*	
Mas Clyméne, depois que delirada	Mas Climene, depois que delirada	430
soltou a tanto mal condignas queixas,	soltou a tanto mal condignas queixas,	
deu a correr, com o seio macerado,	deu a correr, com o seio macerado,	
frenética, sem tino, o mundo inteiro;	frenética, sem tino, o mundo inteiro;	
vai buscando ao principio os mortos membros,	vai buscando ao princípio os mortos membros,	
depois ossos sequer; com os frios ossos	depois ossos sequer; com os frios ossos	435

lá foi enfim topar na extranha riba.  
 Ali se atira á terra, alaga em pranto  
 o nome que na lápide solétra,  
 e com o peito despido o aquece, o afaga.  
 Não menos as Helíades tributam  
 vans oblações de pranto á morte acerba;

}fl.65{ {fl.19}

maltratam com as mãos candidas os seios,  
 chamam de noite e dia o desditoso,  
 surdo a seus ais, a seus extremos frio,  
 e sobre a campa aos gritos se revolvem.

\*

Quatro vezes seu disco enchêra a lua;  
 no sólito alarido estando as tristes,  
 Phaetusa, das irmans a menos joven,  
 ia atirar-se á terra... ;os pés não move!  
 parte a valer-lhe a candida Lampécie...  
 ;eis súbita raiz a prende ao solo!  
 terceira vai cabellos arrancar-se...  
 ;arranca folhas! uma se lamenta,  
 que em tronco informe as côxas se lhe tornam;  
 outra, em ramos altíssimos os braços.  
 Em quanto mutuamente horror e assombro  
 infundem, sentem, rápida trepando  
 a cortiça invasora abraça os ventres,  
 engole seios, ombros, mãos; só tinham  
 livres as bôcas, com que á Mãe clamavam.  
 ;Ah! ¿que podia a Mãe? corria doida  
 para aqui, para ali, áquella, a esta,  
 beijos dando e colhendo em quanto pode;  
 mas ao materno amor não bastam beijos;  
 á fôrça quer dos troncos arrancal-as;  
 os ramos quebra; ;oh Ceos! sanguineas gôtas

lá foi enfim topar na estranha riba.  
 Ali se atira à terra, alaga em pranto  
 o nome que na lápide soletra,  
 e com o peito despido o aquece, o afaga.  
 Não menos as Helíades tributam  
 vãs oblações de pranto à morte acerba;

440

{fl.19}

maltratam com as mãos cândidas os seios,  
 chamam de noite e dia o desditoso,  
 surdo a seus ais, a seus extremos frio,  
 e sobre a campa aos gritos se revolvem.

\*

Quatro vezes seu disco enchera a lua;  
 no sólito alarido estando as tristes,  
 Faetusa, das irmãs a menos jovem,  
 ia atirar-se à terra... os pés não move!  
 Parte a valer-lhe a cândida Lampécie...  
 eis súbita raiz a prende ao solo!  
 Terceira vai cabelos arrancar-se...  
 arranca folhas! Uma se lamenta,  
 que em tronco informe as coxas se lhe tornam;  
 outra, em ramos altíssimos os braços.  
 Enquanto mutuamente horror e assombro  
 infundem, sentem, rápida trepando  
 a cortiça invasora abraça os ventres,  
 engole seios, ombros, mãos; só tinham  
 livres as bocas, com que à mãe clamavam.  
 Ah! Que podia a mãe? Corria doida  
 para aqui, para ali, àquela, a esta,  
 beijos dando e colhendo enquanto pôde;  
 mas ao materno amor não bastam beijos;  
 à força quer dos troncos arrancá-las;  
 os ramos quebra; oh Céus! Sanguíneas gotas

445

450

455

460

465

}fl.66{ {fl.20}	{fl.20}
<p>vertem, quaes f'ridas, os quebrados ramos.  — “;Piedade, ó Mãe! — as desditosas gritam —  “;piedade! os nossos corpos dilaceras...  “;adeus! ;adeus!...”</p> <p style="text-align: center;">As ultimas palavras,</p> <p>casca invejosa lh'as fechou nos labios.  Inda assim, depois de arvores, derramam  lagrimas, que do sol endurecidas  alambres são; a lúcida corrente  as sente em si cahir, e ás lácias noivas  n'elles manda depois vistoso ornato.</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Presente foi ao caso o jovem Cysne,  o filho de Sthenélo, que a Phaetonte  pelo materno sangue era ligado,  e inda mais pelo amor. Deixando o throno  d'onde á Ligúria gente e grão cidades  Monarcha dava leis, saudoso enchia  de lamentos as ribas verdejantes,  a corrente do Erídano, a floresta  com as irmans augmentada. ;Eis lhe começam,  a adelgaçar-se a voz, em pennas alvas  a converter-se a coma, a alçar-se o collo,  e a ligar prisão molle os rubros dedos;  o corpo se lhe empluma, avulta um bico  largo e rombo onde teve a rósea bôca.  Já é ave, e inda <u>Cysne</u> se nomeia.</p>	<p>vertem, quais f'ridas, os quebrados ramos.  — Piedade, ó Mãe! — as desditosas gritam —  Piedade! Os nossos corpos dilaceras...  Adeus! Adeus!... —</p> <p style="text-align: center;">As últimas palavras,</p> <p>casca invejosa lhas fechou nos lábios.  Inda assim, depois de árvores, derramam  lágrimas, que do sol endurecidas  alambres são; a lúcida corrente  as sente em si cair, e às lácias noivas  neles manda depois vistoso ornato.</p> <p style="text-align: center;">II</p> <p>Presente foi ao caso o jovem Cisne,  o filho de Estenelo, que a Faetonte  pelo materno sangue era ligado,  e inda mais pelo amor. Deixando o trono  donde à Ligúria gente e grãs cidades  monarca dava leis, saudoso enchia  de lamentos as ribas verdejantes,  a corrente do Erídano, a floresta  com as irmãs aumentada. Eis lhe começam,  a adelgaçar-se a voz, em penas alvas  a converter-se a coma, a alçar-se o colo,  e a ligar prisão mole os rubros dedos;  o corpo se lhe empluma, avulta um bico  largo e rombo onde teve a rósea boca.  Já é ave, e inda cisne se nomeia.</p>
}fl.67{ {fl.21}	{fl.21}
<p>Ás alturas do ceo não vai seu vôo;  do injusto raio atroz inda lembrado,  não se fia de Jove; acode aos charcos,  e á branda fresquidão dos vastos lagos;  e, do fogo inimigo, ama a vivenda  dos, contrários ao fogo, undosos rios.</p>	<p>Às alturas do céu não vai seu voo;  do injusto raio atroz inda lembrado,  não se fia de Jove; acode aos charcos,  e à branda fresquidão dos vastos lagos;  e, do fogo inimigo, ama a vivenda  dos, contrários ao fogo, undosos rios.</p>

\*

De Phaetonte o grão Pae, no entanto, some  
em veos de luto a pallida presença;  
e, qual negreja em túrbidos eclipses,  
quer mal ao dia, odeia-se a si mesmo.  
Já sobre a dôr a cólera lhe acresce;  
já não quer mais servir.

– “Assás – diz elle –

“desde a origem do tempo hei trabalhado;  
“já basta de lidar, sem fim, sem premio;  
“governe quem quizer o coche ao dia.  
“Se não ha quem, se nenhum <Deus>[†deus] o pode,  
“tente-o Elle; que o tente, a ver se em quanto  
“a custo aprende a manejar as rédeas,  
“o raio infesto aos paes fica em descanso.  
“Quando os frisões ignípedes o arrastem,  
“verá se é justa a morte ao que os não doma.”

\*

Falando o Nume assim, do Nume em tórno  
a turba dos Celícolas o implora,

}fl.68{ {fl.22}

que em trevas não mergulhe a Natureza.  
Jove mesmo do raio se desculpa,  
unindo em regio tom a ameaça ao rogo.  
Phebo, vencido emfim, junta a quadriga,  
que inda de espavorida andava errando  
dispersa, transmuntada; punge, açoita,  
cança, os brutos; sobre elles desafoga,  
e exprobando-os lhe imputa o morto Filho.

III

O omnipotente Padre em torno explora,  
se do celeste Reino ao muro immenso  
o fogo não danou; vê tudo firme.  
Ao Orbe, ás fundações da humana gente  
volve logo o cuidado; a Arcádia sua,

\*

De Faetonte o grão pai, no entanto, some  
em véus de luto a pálida presença;  
e, qual negreja em túrbidos eclipses, 500  
quer mal ao dia, odeia-se a si mesmo.  
Já sobre a dor a cólera lhe acresce;  
já não quer mais servir.

— Assaz – diz ele –

desde a origem do tempo hei trabalhado;  
já basta de lidar, sem fim, sem prêmio; 505  
governe quem quizer o coche ao dia.  
Se não há quem, se nenhum deus o pode,  
tente-o ele; que o tente, a ver se enquanto  
a custo aprende a manejar as rédeas,  
o raio infesto aos pais fica em descanso. 510  
Quando os frisões ignípedes o arrastem,  
verá se é justa a morte ao que os não doma. —

\*

Falando o nume assim, do nume em torno  
a turba dos celícolas o implora,

{fl.22}

que em trevas não mergulhe a natureza. 515  
Jove mesmo do raio se desculpa,  
unindo em régio tom a ameaça ao rogo.  
Febo, vencido enfim, junta a quadriga,  
que inda de espavorida andava errando  
dispersa, transmuntada; punge, açoita, 520  
cansa, os brutos; sobre eles desafoga,  
e exprobando-os lhe imputa o morto Filho.

III

O onipotente padre em torno explora,  
se do celeste reino ao muro imenso  
o fogo não danou; vê tudo firme. 525  
Ao orbe, às fundações da humana gente  
volve logo o cuidado; a Arcádia sua,

mais do que as outras terras, o desvéla.  
 Baixou lá; dá com as fontes inda sêccas,  
 os rios de correr inda medrosos;  
 subito lhes restaura rios, fontes,  
 arrelva campos, arvores enfólha,  
 e ordena aos bosques nus que reverdeçam.

\*

Como assim divagava afervorado,  
 acertou de encontrar nonacriense  
 gentil donzella, e repentino incendio  
 pelas medullas íntimas lhe lavra.  
 Não era das que a lan no fuso torcem,  
 nem das que o dia em pentear-se empregam:

}fl.69{ {fl.23}

n'um cinto afivelado apanha as roupas;  
 com branca fita seu cabello apérta;  
 nem cogita de mais, nem mais precisa.  
 Nunca depõe das mãos ou arco ou dardo;  
 a Diana pertence; é flôr do rancho;  
 nenhuma entrou no Ménalo frondoso  
 tão cara á sua deusa. Mas... valias  
 teem fraca duração.

\*

Já mais de meia

corrido tinha o Sol a usada via,  
 quando ella entrou por selva espêssa, escura,  
 desde a infancia do mundo immune a ferro;  
 sólta do hombro a aljava, o arco estende,  
 relvosa cama a acolhe, e poisa a fronte  
 no pintado carcaz. Jove, que a avista,  
 tão cançada, tão só, tão sem defeza,  
 — “D’este furto de amor não sabe a Esposa; —  
 em si diz; — “je que o saiba! ¿importam tanto  
 “leves enfados, que termina um beijo?...”

\*

mais do que as outras terras, o desvela.  
 Baixou lá; dá com as fontes inda secas,  
 os rios de correr inda medrosos;  
 súbito lhes restaura rios, fontes,  
 arrelva campos, árvores enfolha,  
 e ordena aos bosques nus que reverdeçam.

\*

Como assim divagava afervorado,  
 acertou de encontrar nonacriense  
 gentil donzela, e repentino incêndio  
 pelas medulas íntimas lhe lavra.  
 Não era das que a lâ no fuso torcem,  
 nem das que o dia em pentear-se empregam:

{fl.23}

num cinto afivelado apanha as roupas;  
 com branca fita seu cabelo aperta;  
 nem cogita de mais, nem mais precisa.  
 Nunca depõe das mãos ou arco ou dardo;  
 a Diana pertence; é flor do rancho;  
 nenhuma entrou no Ménalo frondoso  
 tão cara à sua deusa. Mas... valias  
 têm fraca duração.

\*

Já mais de meia

corrido tinha o sol a usada via,  
 quando ela entrou por selva espessa, escura,  
 desde a infância do mundo imune a ferro;  
 solta do ombro a aljava, o arco estende,  
 relvosa cama a acolhe, e poisa a fronte  
 no pintado carcás. Jove, que a avista,  
 tão cansada, tão só, tão sem defesa,  
 — Deste furto de amor não sabe a esposa; —  
 em si diz — e que o saiba! Importam tanto  
 leves enfados, que termina um beijo?... —

\*

Toma as feições, o traje de Diana;  
e – “Ó virgem – diz – “ó socia de meus córos,  
“¿em que oiteiros caçaste?” –

Ergue-se a Nympha

do hervoso encôsto, e lhe responde:

– “¡Oh! salve,

“Nume, que em meu conceito a Jove excedes;

}fl.70{ {fl.24}

“¿embora me oiça Jove!”

Rindo a escuta,

não disfarçando o júbilo, o ditoso  
preferido a si mesmo; enceta, amiuda  
beijos e beijos na extranhada bôca;  
não levam já teor dos da amisade,  
nem dos que virgens para virgens usam.  
Ella ia responder-lhe, em quaes florestas...  
mas insólito abraço a voz lhe enleia,  
e criminosa acção desfaz o engano.  
A triste, sim, repugna, oppõe-se, estórva;  
visse-a Juno, talvez se abrandaria;  
quanto pode mulher estórva, oppõe-se;  
mas... ¿pertence a victoria ao sexo fraco?  
¿pode haver contra Jupiter victoria?...

-----  
O amante vencedor remonta ao pólo;  
a amada vergonhosa, maldizendo  
do arvoredado traidor cúmplices sombras,  
tanto á pressa as fugiu, que ia esquecendo  
nas hervas o carcaz, o arco entre as ramas.

\*

Eis seguida das sócias apparece,  
leda e soberba com o ferino espólio,  
pisando o umbroso Ménalo, Dictynna.  
Vê-a, e vendo-a a chamou; chamada foge

Toma as feições, o traje de Diana;  
e “Ó virgem – diz – ó socia de meus coros,  
em que oiteiros caçaste?”

Ergue-se a ninfa

do ervoso encosto, e lhe responde:

— Oh! Salve,

nume, que em meu conceito a Jove excedes;

{fl.24}

embora me ouça Jove! —

Rindo a escuta,

não disfarçando o júbilo, o ditoso  
preferido a si mesmo; enceta, amiúda 565  
beijos e beijos na estranhada boca;  
não levam já teor dos da amizade,  
nem dos que virgens para virgens usam.  
Ela ia responder-lhe, em quais florestas...  
mas insólito abraço a voz lhe enleia, 570  
e criminosa ação desfaz o engano.  
A triste, sim, repugna, oppõe-se, estorva;  
visse-a Juno, talvez se abrandaria;  
quanto pode mulher estorva, oppõe-se;  
mas... pertence a vitória ao sexo fraco? 575  
Pode haver contra Júpiter vitória?...

-----  
O amante vencedor remonta ao polo;  
a amada vergonhosa, maldizendo  
do arvoredado traidor cúmplices sombras,  
tanto à pressa as fugiu, que ia esquecendo 580  
nas ervas o carcás, o arco entre as ramas.

\*

Eis seguida das sócias apparece,  
leda e soberba com o ferino espólio,  
pisando o umbroso Ménalo, Dictina.  
Vê-a, e vendo-a a chamou; chamada foge 585

}fl.71{ {fl.25}

{fl.25}

a Nympha, que ver Jove inda presume.  
 Porém, reconhecendo as companheiras,  
 já sem medo a traições ás mais se agréga.

\*

¡Ai! quando em brenhas d'alma anda o remórso,  
 mal se encobrem no rôsto assomos d'elle.  
 De olhos fitos no chão, não vai (como antes)  
 ao lado da Immortal, do côro á frente;  
 vai calada, e nas faces incendidas  
 vão do lesu pudôr não dúbias provas.  
 Se Diana, qual é, não fôra virgem,  
 lería em mil sinaes patente a culpa;  
 mas as Nymphas... é voz que a suspeitaram.

\*

Enchêra nona lua o disco argênteo.  
 Moída de caçar por sol de estío  
 entrou a Deusa em gélida espessura,  
 onde ia com fresquissimo murmúrio  
 por sobre fina areia movediça  
 escorregando um rio perguiçoso.  
 Louvou d'aquelles ermos o aprazível,  
 e co'o pé, a tentar, libou-lhe as aguas;  
 as aguas, como as sombras, a contentam.  
 — “¡Eia! — diz — “somos sós, e o sitio é proprio;  
 “banhêmo-nos.”

A arcádica donzella

córrou; todas as mais se vão despindo;

}fl.72{ {fl.26}

ella, só, se detém; demoras traça;  
 fica-se; e ao ver-lhe o enleio a chusma alegre  
 a acomette, a rodeia, a despe á fôrça,  
 e o gentil corpo nu revêla o crime.  
 Co'as melindrosas mãos em vão tentava

a ninfa, que ver Jove inda presume.  
 Porém, reconhecendo as companheiras,  
 já sem medo a traições às mais se agréga.

\*

Ai! Quando em brenhas d'alma anda o remorso,  
 mal se encobrem no rosto assomos dele. 590  
 De olhos fitos no chão, não vai (como antes)  
 ao lado da imortal, do coro à frente;  
 vai calada, e nas faces incendidas  
 vão do lesu pudor não dúbias provas.  
 Se Diana, qual é, não fora virgem, 595  
 leria em mil sinais patente a culpa;  
 mas as ninfas... é voz que a suspeitaram.

\*

Enchera nona lua o disco argênteo.  
 Moída de caçar por sol de estio 600  
 entrou a deusa em gélida espessura,  
 onde ia com fresquíssimo murmúrio  
 por sobre fina areia movediça  
 escorregando um rio preguiçoso.  
 Louvou daqueles ermos o aprazível,  
 e co'o pé, a tentar, libou-lhe as águas; 605  
 as águas, como as sombras, a contentam.  
 — Eia! — diz — Somos sós, e o sítio é próprio;  
 banhemo-nos. —

A arcádica donzela

corrou; todas as mais se vão despindo;

{fl.26}

ela, só, se detém; demoras traça; 610  
 fica-se; e ao ver-lhe o enleio a chusma alegre  
 a acomete, a rodeia, a despe à força,  
 e o gentil corpo nu revela o crime.  
 Co'as melindrosas mãos em vão tentava

curva, atônita, a ré tapar da culpa  
 ante olhos virginaes o claro indício.  
 – “Foge – Cynthia lhe brada em tom severo –  
 “para longe de nós, indigna, foge;  
 “não nos profanes as sagradas limphas.”  
 Diz, e expulsa-a.

\*

Do grão Tonante a Esposa  
 tinha, de muito, a fraude pressentido,  
 e aguardava a punil-a ensejo idôneo;  
 nada agora a retém. Por mór tormento,  
 sabe até, que a rival já teve um filho;  
 Arcas, seu nome. Em tal painel cravando  
 olhos e pensamento:

– “;Em tanta injúria,  
 “inda esta injúria nova me faltava!  
 “sobre adúltera, és mãe; c’rôas-me a afronta,  
 “dando no parto infame as provas d’ella.  
 “Do meu Jove o desdoiro, e o meu, publicas;  
 “mas não irás impune; a forma pérde;  
 “troquem-se em feridade esses encantos,  
 “enlêvo teu, do meu Consorte enlêvo.”

}fl.73{ {fl.27}

\*

Diz; nas comas da frente as mãos lhe enrêda;  
 furiosa sobre os peitos a derriba;  
 supplicante alça a Nympha os braços débeis,  
 eis que os braços pelludos lhe negrejam;  
 médram-lhe as curvas mãos em garras curvas;  
 já tem nas mãos e pés igual emprêgo.  
 Bôca tão doce a Jove se escancára;  
 e, por que em brando orar o não commôva,  
 perdida a humana voz do peito arranca  
 rouco, tremendo, atroador rugído.

curva, atônita, a ré tapar da culpa 615  
 ante olhos virginaes o claro indício.  
 — Foge – Cíntia lhe brada em tom severo –  
 para longe de nós, indigna, foge;  
 não nos profanes as sagradas linfas. —  
 Diz, e expulsa-a.

\*

Do grão Tonante a esposa 620  
 tinha, de muito, a fraude pressentido,  
 e aguardava a puni-la ensejo idôneo;  
 nada agora a retém. Por mor tormento,  
 sabe até, que a rival já teve um filho;  
 Arcas, seu nome. Em tal painel cravando 625  
 olhos e pensamento:

— Em tanta injúria,  
 inda esta injúria nova me faltava!  
 sobre adúltera, és mãe; c’roas-me a afronta,  
 dando no parto infame as provas dela.  
 Do meu Jove o desdoiro, e o meu, publicas; 630  
 mas não irás impune; a forma perde;  
 troquem-se em feridade esses encantos,  
 enlevo teu, do meu consorte enlevo. —

{fl.27}

\*

Diz; nas comas da frente as mãos lhe enreda;  
 furiosa sobre os peitos a derriba; 635  
 supplicante alça a ninfa os braços débeis,  
 eis que os braços peludos lhe negrejam;  
 medram-lhe as curvas mãos em garras curvas;  
 já tem nas mãos e pés igual emprego.  
 Boca tão doce a Jove se escancara; 640  
 e, por que em brando orar o não comova,  
 perdida a humana voz do peito arranca  
 rouco, tremendo, atroador rugido.



É ursa; do que foi só resta a mente,  
 com que da antiga dôr contínuo geme.  
 As mãos, taes como as tem, levanta aos astros,  
 e (a ter voz) chamaria a Jove “íngrato”.  
 ;Que de vezes, com mêdo aos bosques êrmos  
 veio errar ante os paços que habitára,  
 por campos que inda ha pouco eram seus campos!  
 ;Que vezes, pelas fragas acossada  
 dos latídos dos cães, a caçadora  
 caçadores fugiu! Se avista feras,  
 esquecida do que é parte a sumir-se;  
 ursa, treme de ver no monte os ursos;  
 de lobo é filha, e os lobos a apavoram.

\*

Arcas, em quem tres lustros já florescem,  
 da lycaónia mãe não sabe os fados;

}fl.74{ {fl.28}

mas um dia, que as mattas do Erymantho,  
 cubiçoso de caça, rodeava  
 de astutos laços, de traidoras rêdes,  
 co’a transformada mãe foi dar no bosque.  
 Ella, apenas o vê, parou suspensa,  
 pasmada o ólha, o mede; ¿é elle? ¿é outrem?  
 Recúa o moço audaz, espavorido  
 do fito olhar materno; e ao ver-lhe um geito  
 de querer mais e mais avisinhar-se,  
 co’a mão cega de fúria eis vai brandir-lhe  
 n’um dardo a morte. O Omnipotente o véda:  
 arranca os dois, e o crime. Arrebatados  
 nas azas de um tufão, da terra vôam,  
 e vão luzir no ceo vizinhos astros.

\*

Arde Juno; lá desce á branca Thétys,  
 e ao velho Padre Oceano, altas Deidades,  
 que até aos Immortaes respeito infundem.

É ursa; do que foi só resta a mente,  
 com que da antiga dor contínuo geme. 645  
 As mãos, tais como as tem, levanta aos astros,  
 e (a ter voz) chamaria a Jove “íngrato”.  
 Que de vezes, com medo aos bosques ermos  
 veio errar ante os paços que habitara,  
 por campos que inda há pouco eram seus campos! 650  
 Que vezes, pelas fragas acossada  
 dos latidos dos cães, a caçadora  
 caçadores fugiu! Se avista feras,  
 esquecida do que é parte a sumir-se;  
 ursa, treme de ver no monte os ursos;  
 de lobo é filha, e os lobos a apavoram. 655

\*

Arcas, em quem três lustros já florescem,  
 da licaônia mãe não sabe os fados;

{fl.28}

mas um dia, que as matas do Erimanto,  
 cobiçoso de caça, rodeava 660  
 de astutos laços, de traidoras redes,  
 co’a transformada mãe foi dar no bosque.  
 Ela, apenas o vê, parou suspensa,  
 pasmada o olha, o mede; é ele? É outrem?  
 Recua o moço audaz, espavorido 665  
 do fito olhar materno; e ao ver-lhe um jeito  
 de querer mais e mais avizinhar-se,  
 co’a mão cega de fúria eis vai brandir-lhe  
 num dardo a morte. O onipotente o veda:  
 arranca os dois, e o crime. Arrebatados 670  
 nas asas de um tufão, da terra voam,  
 e vão luzir no céu vizinhos astros.

\*

Arde Juno; lá desce à branca Tétis,  
 e ao velho padre oceano, altas deidades,  
 que até aos imortais respeito infundem. 675

Perguntam-lhe a que vem.

– “Numes, – responde –

“com razão, de aqui vêr-me estais suspensos,  
 “a mim, dos Ceos Rainha, em vossos mares;  
 “mas outra occupa os Ceos. Vereis se minto,  
 “quando, fechada a noite, áquella parte  
 “no mais alto do espaço refulgirem  
 “em meu desdoiro incógnitas estrellas,

}fl.75{ {fl.29}

“áquella parte, além, onde se encrava  
 “o eixo polar no círculo mais breve.  
 “¿Que humano tremerá de offender Juno,  
 “se nas penas que eu dou se lucra tanto?  
 “¡Que prodígios os meus! ¡que alta potencia!  
 “roubo-lhe a humanidade, é feita Nume.  
 “¿Que falta mais para humilhar a Esposa?  
 “torne-a do ser ferino á face antiga,  
 “como de Phoroneu já fez á neta;  
 “não sei por que a meu thálamo a não chama,  
 “não repudía Juno, e para sôgro  
 “não toma a Lycaón. Mas vós, ó Numes,  
 “se esta offensa vos doe, pois me criastes,  
 “no que podeis, vingae-me; exclusivos ardam  
 “sempre os Setentriões do mar cerúleo;  
 “repulsae astros vís, que pelo estupro  
 “ganharam jus aos Ceos; nunca se banhe  
 “essa odiosa rival no sacro pégo.”

IV

Annuem. Para o Ceo trotam co’a Deusa  
 os pintados pavões, que tão recentes  
 são inda seu matiz co’a morte de Argus,  
 quão recentes, mudada a antiga alvura,  
 tinhas, côrvo loquaz, as plumas negras.

\*

Perguntam-lhe a que vem.

— Numes, – responde –

com razão, de aqui ver-me estais suspensos,  
 a mim, dos Céus rainha, em vossos mares;  
 mas outra ocupa os Céus. Vereis se minto,  
 quando, fechada a noite, àquela parte  
 no mais alto do espaço refulgirem  
 em meu desdoiro incógnitas estrelas,

680

{fl.29}

àquela parte, além, onde se encrava  
 o eixo polar no círculo mais breve.  
 Que humano tremerá de ofender Juno,  
 se nas penas que eu dou se lucra tanto?  
 Que prodígios os meus! Que alta potência!  
 Roubo-lhe a humanidade, é feita nume.  
 Que falta mais para humilhar a esposa?  
 Torne-a do ser ferino à face antiga,  
 como de Foroneu já fez à neta;  
 não sei por que a meu tálamo a não chama,  
 não repudia Juno, e para sogro  
 não toma a Licaon. Mas vós, ó numes,  
 se esta offensa vos dói, pois me criastes,  
 no que podeis, vingai-me; exclusivos ardam  
 sempre os setentriões do mar cerúleo;  
 repulsai astros vis, que pelo estupro  
 ganharam jus aos Céus; nunca se banhe  
 essa odiosa rival no sacro pego. —

685

690

695

700

IV

Anuem. Para o céu trotam co’a deusa  
 os pintados pavões, que tão recentes  
 são inda seu matiz co’a morte de Argos,  
 quão recentes, mudada a antiga alvura,  
 tinhas, corvo loquaz, as plumas negras.

\*

705

Porque ora sabereis, que em tempo antigo

}fl.76{ {fl.30}

argêntea fôra esta ave, como as pombas  
alvas, sem mancha, como os gansos níveos,  
os destinados com o grasnar experto  
a ser do Capitolio os salvadores;  
tal que enfim nem cedía ao namorado  
dos manços rios, ao canóro cisne.  
Mas... por falar de mais, tornou-se preto.

\*

Corónis de Larissa era tão bella,  
que entre as bellas da Hemónia igual não tinha;  
delicias foi de Apollo, em quanto, ou casta  
se manteve, ou no crime a não tomaram.  
Mas o côrvo phebeu, seu guarda experto,  
descobre na infiel traição furtiva,  
e arde por delatal-a ante o seu Nume;  
o inflexível espía eis parte, eis vòa  
em procura do deus. Á fôrça de azas  
a palreira da gralha o segue, o alcança,  
mui curiosa do que vai de novo.  
Ouvindo-lhe as tenções,

– “Amigo côrvo,

– lhe diz – “errado vais; toma bem tento  
“nos prognósticos meus; qual fui pondéra,  
“e repára qual sou. D’esta mudança  
“foi sobeja lealdade a causadora.  
“Pallas (contar-t’o quero) havia occulto  
“de áttico vime em bem tapada cêsta  
“Erichtónio, o sem mãe, vulcânea prole.

}fl.77{ {fl.31}

“Deu a cêsta a guardar a tres donzellas  
“filhas do duplex Cécrope; mas logo

Porque ora sabereis, que em tempo antigo

{fl.30}

argêntea fora esta ave, como as pombas  
alvas, sem mancha, como os gansos níveos,  
os destinados com o grasnar experto  
a ser do Capitólio os salvadores;  
tal que enfim nem cedia ao namorado  
dos mansos rios, ao canoro cisne.  
Mas... por falar de mais, tornou-se preto.

\*

Corónis de Larissa era tão bela,  
que entre as belas da Emônia igual não tinha;  
delícias foi de Apolo, enquanto, ou casta  
se manteve, ou no crime a não tomaram.  
Mas o corvo febeu, seu guarda experto,  
descobre na infiel traição furtiva,  
e arde por delatá-la ante o seu nume;  
o inflexível espia eis parte, eis voa  
em procura do deus. À força de asas  
a palreira da gralha o segue, o alcança,  
mui curiosa do que vai de novo.  
Ouvindo-lhe as tenções,

— Amigo corvo,

– lhe diz – errado vais; toma bem tento  
nos prognósticos meus; qual fui pondera,  
e repara qual sou. Desta mudança  
foi sobeja lealdade a causadora.  
Palas (contar-to quero) havia occulto  
de ático vime em bem tapada cesta  
Erichtônio, o sem mãe, vulcânea prole.

{fl.31}

Deu a cesta a guardar a três donzelas  
filhas do duplex Cécrope; mas logo

<p>“com tal, que nunca dentro espreitariam.  “Eu, nas ramadas de folhudo ulmeiro,  “curiosa de observar tres curiosas,  “de atalaia me ponho. Herse e Pandróse  “mui leaes o depósito vigiam;  “¿mas Aglauro? os escrúpulos moteja,  “sólta os nós, abre a cêsta. E eis dentro avistam  “um menino, um dragão. Não mais aguardo;  “parto a narral-o á &lt;Deusa&gt;/deusa\}; e ¿que hei  lucrado?  “do amparo de Minerva o ser expulsa,  “¡bella gloria! e ver hoje em meu officio  “o horrendo môcho, um passaro de trevas.  “Colhei nos dânos meus o exemplo vosso:  “dos p’rigos do falar tremei, ó aves.  “E olha tu, que se eu tive aquelle emprego,  “não lh’o fôra eu pedir, fui procurada;  “pergunta-lh’o, e verás se t’o ella nega,  “mas está contra mim. Quero narrar-te  “a minha historia toda: eu era filha  “do illustre Coroneu, reinante em Phócis;  “verdades são que todo o mundo sabe.  “Era Princeza, e tive altos senhores  “(olha quem aqui está) por pretendentes.  “Perdeu-me o ser mui bella, porque andando  “com o frouxo passo que inda tenho agora,  “a espassear-me um dia pela praia,</p>	<p>com tal, que nunca dentro espreitariam. 735  Eu, nas ramadas de folhudo ulmeiro,  curiosa de observar três curiosas,  de atalaia me ponho. Herse e Pandrose  mui leais o depósito vigiam;  mas Aglauro? Os escrúpulos moteja, 740  solta os nós, abre a cesta. E eis dentro avistam  um menino, um dragão. Não mais aguardo;  parto a narrá-lo à deusa; e que hei lucrado?  do amparo de Minerva o ser expulsa,  bela glória! E ver hoje em meu ofício 745  o horrendo mocho, um pássaro de trevas.  Colhei nos danos meus o exemplo vosso:  dos p’rigos do falar tremei, ó aves.  E olha tu, que se eu tive aquele emprego,  não lho fora eu pedir, fui procurada; 750  pergunta-lho, e verás se to ela nega,  mas está contra mim. Quero narrar-te  a minha história toda: eu era filha  do ilustre Coroneu, reinante em Fócis;  verdades são que todo o mundo sabe. 755  Era princesa, e tive altos senhores  (olha quem aqui está) por pretendentes.  Perdeu-me o ser mui bela, porque andando  com o frouxo passo que inda tenho agora,  a espacear-me um dia pela praia, 760</p>
}fl.78{ {fl.32}	{fl.32}
<p>“viu-me, inflammou-se ao ver-me, o Rei dos mares.  “Rogou; mas conhecendo que perdia  “o seu tempo em rogar, depõe branduras,  “e segue-me, disposto a usar da fôrça.  “Corri; da beiramar na areia assente  “inda eu fui bem; mas o areal contíguo  “fôfo, picado, levadío, immenso,</p>	<p>viu-me, inflamou-se ao ver-me, o rei dos mares.  Rogou; mas conhecendo que perdia  o seu tempo em rogar, depõe branduras,  e segue-me, disposto a usar da força.  Corri; da beira-mar na areia assente 765  inda eu fui bem; mas o areal contíguo  fofo, picado, levadío, imenso,</p>

“quebra-me as fôrças, o valor me géla.  
 “Entro a invocar a um tempo homens e deuses;  
 “não tive auxilio humano; a deusa-virgem,  
 “de uma virgem doída, então me acode.  
 “Nos braços que ergo aos ceos, negrejam plumas;  
 “quero o manto arrojear, só plumas palpo;  
 “sinto-lhes a raiz lavar na cútis;  
 “querendo o peito nu ferir com as palmas,  
 “nem peito nu achei, nem palmas tinha;  
 “corro, e já não me estórva a areia sôlta;  
 “por cima lhe resvalo; auras me elevam.  
 “Mudada no que sou, parto voando,  
 “e pura, e sócia de Minerva fico,  
 “¿Mas que monta! do emprêgo eis-me privada;  
 “¿por quem? por Nyctímene, a perversa,  
 “a tôrpe, a incestuosa, a que, se é ave,  
 “a seus crimes o deve. ¿E pois ignoras  
 “coisa que é tão falada em toda Lesbos?!  
 “¿que Nyctímene, aceza em chammas impias  
 “de abominoso amor, enxovalhára  
 “o leito de seu pae?! sim, que hoje é ave,

}fl.79{ {fl.33}

“mas inda ave, como é, seu crime a rala;  
 “odeia, evita a luz, não quer que a vejam;  
 “com o veio das trevas a vergonha encobre.  
 “Bem lhe cumprem seu gôsto as outras aves,  
 “que em parte alguma do ar a não consentem.”

– “¿E por tal me chamaste?! – exclama o corvo  
 interrompendo-a; – “nas más horas fiques,  
 “van prophetisa de fataes agoiros.  
 “O que me has delatado, em mal te venha.”

\*

Diz; prosegue seu vôo, e pinta a Phebo  
 qual viu Corónis com o mancebo hemónio.

quebra-me as forças, o valor me gela.  
 Entro a invocar a um tempo homens e deuses;  
 não tive auxílio humano; a deusa-virgem, 770  
 de uma virgem doída, então me acode.  
 Nos braços que ergo aos céus, negrejam plumas;  
 quero o manto arrojear, só plumas palpo;  
 sinto-lhes a raiz lavar na cútis;  
 querendo o peito nu ferir com as palmas, 775  
 nem peito nu achei, nem palmas tinha;  
 corro, e já não me estorva a areia solta;  
 por cima lhe resvalo; auras me elevam.  
 Mudada no que sou, parto voando,  
 e pura, e sócia de Minerva fico, 780  
 Mas que monta! Do emprego eis-me privada;  
 por quem? Por Nictímene, a perversa,  
 a torpe, a incestuosa, a que, se é ave,  
 a seus crimes o deve. E pois ignoras  
 coisa que é tão falada em toda Lesbos?! 785  
 Que Nictímene, acesa em chamas ímpias  
 de abominoso amor, enxovalhara  
 o leito de seu pai?! Sim, que hoje é ave,

{fl.33}

mas inda ave, como é, seu crime a rala;  
 odeia, evita a luz, não quer que a vejam; 790  
 com o véu das trevas a vergonha encobre.  
 Bem lhe cumprem seu gosto as outras aves,  
 que em parte alguma do ar a não consentem. —

— E por tal me chamaste?! – exclama o corvo  
 interrompendo-a – Nas más horas fiques, 795  
 vã profetisa de fatais agoiros.  
 O que me hás delatado, em mal te venha. —

\*

Diz; prossegue seu voo, e pinta a Febo  
 qual viu Corónis com o mancebo emônio.

<p>Da amante ouvindo o crime, a láurea c'roa da frente ao Nume cai; turba-se, enfia, da mão lhe escorre o plectro. Arrebatado de cega furia suas armas toma; sem mais pensar atéza o arco, aponta ao peito que a seu peito uniu mil vezes; retine o tiro, a séta silva, e rasga-o. Sobresaltada do imprevisto golpe sólta a mísera um ai; descrava o ferro; retinge rôxo sangue os alvos membros. – “¡Ah! ¡Phebo, Phebo! – exclama – “atalhas duas “n'uma existencia.” E dizer mais não pode, que em rubros borbotões lhe escôa a vida.</p>	<p>Da amante ouvindo o crime, a láurea c'roa da frente ao nume cai; turba-se, enfia, da mão lhe escorre o plectro. Arrebatado de cega fúria suas armas toma; sem mais pensar atesa o arco, aponta ao peito que a seu peito uniu mil vezes; retine o tiro, a seta silva, e rasga-o. Sobressaltada do imprevisto golpe solta a mísera um ai; descrava o ferro; retinge roxo sangue os alvos membros. “Ah! Febo, Febo! – exclama – Atalhas duas numa existência.” E dizer mais não pôde, que em rubros borbotões lhe escoa a vida.</p>	<p>800</p> <p>805</p> <p>810</p>
}fl.80{ {fl.34}	{fl.34}	
<p>Da alma apagada o frio abrange o corpo.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Do castigo cruel já se arrepende o amante; arrepender porém vem tarde; quer-se mal a si mesmo, e porque ouvira, e porque se irritou; maldiz o nuncio revelador de um crime, e origem de outro; detesta o arco e as mãos, as mãos e as settas. Cerra os membros gentís desfallecidos ao terno coração; com tardo auxilio tenta a morte vencer; pertenta, e balda, quantos lhe ocorrem medicos segredos. Apenas conheceu que em vão teimava, e, adereçada a pyra, os membros mortos viu proximos a arder, altos gemidos (que a rostos immortaes não cabem chóros), do fundo coração perdido arranca. Muge, qual muge a vacca espavorida, que ha visto baquear-se, ao trus do malho, com a frente esmigalhada, o bezerrinho, do primeiro amor seu recente fruto.</p>	<p>Da alma apagada o frio abrange o corpo.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Do castigo cruel já se arrepende o amante; arrepender porém vem tarde; quer-se mal a si mesmo, e porque ouvira, e porque se irritou; maldiz o nuncio revelador de um crime, e origem de outro; detesta o arco e as mãos, as mãos e as setas. Cerra os membros gentis desfalecidos ao terno coração; com tardo auxílio tenta a morte vencer; pertenta, e balda, quantos lhe ocorrem médicos segredos. Apenas conheceu que em vão teimava, e, adereçada a pira, os membros mortos viu próximos a arder, altos gemidos (que a rostos imortais não cabem choros), do fundo coração perdido arranca. Muge, qual muge a vaca espavorida, que há visto baquear-se, ao truz do malho, com a frente esmigalhada, o bezerrinho, do primeiro amor seu recente fruto.</p>	<p>815</p> <p>820</p> <p>825</p> <p>830</p>

Depois que o seio frio ungiu de aromas,  
(;triste e inutil fragrancia!) e delirado  
lhe deu o ultimo abraço, e em tanto extremo

}fl..81{ {fl.35}

de rigor fez extremos de ternura,  
doeu-lhe, horrisou-lhe o pensamentto  
cuidar que a prole, a porção d' elle, chammas  
lh'a volveriam cinza; ao ventre, á pyra,  
o filho rouba; ao antro do biforme  
Chiron o leva, e lh'o comette alumno;  
e tornando-se ao corvo, que aguardava  
da não falsa denuncia a recompensa,  
do numero o riscou das brancas aves.

<\*>/V\

O semífero velho emtanto folga  
de manter, de velar divina estirpe  
e tem por premio á lida a gloria d'ella.  
Á cova eis entra a filha do Centauro,  
coberta os hombros com as lustrosas comas.  
Porque na beira de veloz corrente  
Cháriclo a déra á luz, Cháriclo, a Nympha,  
pôz-lhe Ocyroe por nome. A douta Ocyroe,  
não paga de aprender paternas artes,  
do Destino os arcanos predizia.  
Infuso ja no peito o deus lhe ferve;  
fatídico furor lhe exalta a mente.

}fl.82{ {fl.36}

préga os olhos no infante.

– “;Oh! cresce,– exclama –

“saude esp’rança, e gloria do Universo.  
“De innumeros mortaes prevejo os corpos  
“salvos por ti. Prevejo mais: prevejo  
“que has-de até revocar já sôltas almas.  
“Dos numes a despeito um dia ousando-o,

Depois que o seio frio ungiu de aromas,  
(triste e inútil fragrância!) e delirado  
lhe deu o último abraço, e em tanto extremo

835

{fl.35}

de rigor fez extremos de ternura,  
doeu-lhe, horrizou-lhe o pensamento  
cuidar que a prole, a porção dele, chammas  
lha volveriam cinza; ao ventre, à pira,  
o filho rouba; ao antro do biforme  
Quíron o leva, e lho comete aluno;  
e tornando-se ao corvo, que aguardava  
da não falsa denúncia a recompensa,  
do número o riscou das brancas aves.

V

O semífero velho entanto folga  
de manter, de velar divina estirpe  
e tem por prêmio à lida a glória dela.  
À cova eis entra a filha do Centauro,  
coberta os ombros com as lustrosas comas.  
Porque na beira de veloz corrente  
Cáriclo a dera à luz, Cáriclo, a ninfa,  
pôs-lhe Ocíroe por nome. A douta Ocíroe,  
não paga de aprender paternas artes,  
do destino os arcanos predizia.  
Infuso já no peito o deus lhe ferve;  
fatídico furor lhe exalta a mente.

845

850

855

{fl.36}

prega os olhos no infante.

— Oh! Cresce, – exclama –

saúde esp’rança, e glória do universo.  
De inúmeros mortais prevejo os corpos  
salvos por ti. Prevejo mais: prevejo  
que hás de até revocar já soltas almas.  
Dos numes a despeito um dia ousando-o,

860

“¡ah! perderás com a vida o privilegio,  
 “do avito raio subito ferido.  
 “De nume, em corpo exangue te convertes;  
 “de cadaver, em deus. ¡Prodigio! ¡espanto!  
 “¡vezes duas teu fado as leis revoga!  
 “E tu, querido pae, tu, que á nascença  
 “recebeste em partilha a eternidade,  
 “¡por poderes morrer que não darias,  
 “quando pela alta f’rida entrado o sangue  
 “de venenosa serpe, exp’rimentares  
 “os tormentos do inferno em cada membro!  
 “De immortal em mortal mudam-se os deuses;  
 “teu fio escuro as tres Irmans lá quebram.”

\*

}fl.83{ {fl.37}

\*

Inda restava parte ao vaticinio;  
 do peito arranca um ai, rebenta em chôro,  
 e grita:  
 – “¡Ai, dor! ¡meus fados se antecipam!  
 “não posso mais; não posso; a voz me embargam.  
 “As artes que aprendi não valem tanto,  
 “como a vingança que de um deus me atraem.  
 “¡Antes meus olhos no porvir não lêssem!  
 “Já me creio ir perdendo o aspecto humano;  
 “já pastagem me apraz; já sinto impulsos  
 “de saltar, de correr por esses campos;  
 “já me assemelho ao pae no corpo equino;  
 “¡porém toda!? ¿porquê.... se elle é biforme?... –

\*

Já d’estas queixas as finaes palavras  
 mal se entendem; os sons que se lhes seguem  
 humanos já não são, nem de égua ainda;  
 parecem de relincho uns arremêdos;  
 pouco depois, são claros os relinchos.

ah! Perderás com a vida o privilégio,  
 do avito raio súbito ferido.  
 De nume, em corpo exangue te convertes; 865  
 de cadáver, em deus. Prodígio! Espanto!  
 Vezes duas teu fado as leis revoga!  
 E tu, querido pai, tu, que à nascença  
 recebeste em partilha a eternidade,  
 por poderes morrer que não darias, 870  
 quando pela alta f’rida entrado o sangue  
 de venenosa serpe, exp’rimentares  
 os tormentos do inferno em cada membro!  
 De imortal em mortal mudam-se os deuses;  
 teu fio escuro as três irmãs lá quebram. — 875

\*

{fl.37}

\*

Inda restava parte ao vaticínio;  
 do peito arranca um ai, rebenta em choro,  
 e grita:  
 — Ai, dor! Meus fados se antecipam!  
 Não posso mais; não posso; a voz me embargam.  
 As artes que aprendi não valem tanto, 880  
 como a vingança que de um deus me atraem.  
 Antes meus olhos no porvir não lessem!  
 Já me creio ir perdendo o aspecto humano;  
 já pastagem me apraz; já sinto impulsos  
 de saltar, de correr por esses campos; 885  
 já me assemelho ao pai no corpo equino;  
 porém toda!? Por que.... se ele é biforme?... —

\*

Já destas queixas as finais palavras  
 mal se entendem; os sons que se lhes seguem  
 humanos já não são, nem de égua ainda; 890  
 parecem de relincho uns arremedos;  
 pouco depois, são claros os relinchos.



Para um pasto relvoso os braços move;  
unem-se os dedos; as polidas unhas  
tornam-se em casco duro; arca-se o collo;  
rasga-se a bôcca; do comprido manto  
parte espaçosa se diffunde em cauda;

}fl.84{ {fl.38}

da maneira que vaga lhe pendia  
á dextra parte a coma, a crina pende,  
e com a forma, com a voz, demuda o nome.

<\*>/VI\

O Philyreio heroe, perdendo a filha,  
se desentranha em chôro; e inutilmente,  
nume de Delphos, teu favor implora.  
Nem tu do excelso Jupiter decretos  
podias revogar, nem que o podéras  
te achavas então lá; por campos de Élis,  
e por Messenios valles discorrias.  
Era quando pastor trajavas pelles,  
quando na esquerda mão descostumada  
te pesava um zambujo, e fruta agreste  
de sete canas te occupava a dextra.

\*

Conta-se, que enlevado em teus amores,  
e na avena que as mágoas te ameigava,  
das vaccas tuas te esqueceste um dia.  
Sôltas de guardador, de pasto em pasto  
errando, foram dar aos Pylios campos.  
Lá, da Atlântida Maia o filho astuto  
viu-as, furtou-as, e as sumiu n'uns bosques.

}fl.85{ {fl.39}

Ninguem de tal deu fé, mais do que um velho,  
conhecido e apodado entre os visinhos  
com a alcunha de Batto, grão couteiro  
das Reaes mattas, dos Reaes pastíos,

Para um pasto relvoso os braços move;  
unem-se os dedos; as polidas unhas  
tornam-se em casco duro; arca-se o colo;  
rasga-se a boca; do comprido manto  
parte espaçosa se difunde em cauda;

{fl.38}

da maneira que vaga lhe pendia  
à destra parte a coma, a crina pende,  
e com a forma, com a voz, demuda o nome.

895

900

VI

O Filireio herói, perdendo a filha,  
se desentranha em choro; e inutilmente,  
nume de Delfos, teu favor implora.  
Nem tu do excelso Júpiter decretos  
podias revogar, nem que o poderas  
te achavas então lá; por campos de Élis,  
e por Messênios vales discorrias.  
Era quando pastor trajavas peles,  
quando na esquerda mão descostumada  
te pesava um zambujo, e flauta agreste  
de sete canas te ocupava a destra.

\*

Conta-se, que enlevado em teus amores,  
e na avena que as mágoas te ameigava,  
das vacas tuas te esqueceste um dia.  
Soltas de guardador, de pasto em pasto  
errando, foram dar aos Pílios campos.  
Lá, da Atlântida Maia o filho astuto  
viu-as, furtou-as, e as sumiu nuns bosques.

{fl.39}

Ninguém de tal deu fé, mais do que um velho,  
conhecido e apodado entre os vizinhos  
com a alcunha de Bato, grão couteiro  
das reais matas, dos reais pastios,

905

910

915

920

e grão coudel das eguas generosas  
do opulento Neleu. Teme-se o nume,  
chama-o com a mão, e diz-lhe em tom de amigo:  
– “Desconhecido, tu, quem quer que sejas,  
“se te alguém perguntar por estas vaccas,  
“dize-lhe que as não viste; e em recompensa,  
“has-de ficar com esta, a flor do armento.” –  
Deu-lh’a. O outro, aceitando-a, assim lhe torna:  
– “Podes ir descansado; era mais fácil  
“que este seixo o dissesse.” – E aponta um seixo.

\*

Finge ausentar-se o deus, mas torna logo  
mudando a voz e aspecto, e diz:

– “Se has visto

“passar por cá, bom rustico, umas vaccas,  
“vale-me, que as perdi; descobre o furto;  
“uma haverás e um toiro, em recompensa.” –  
Vendo premio dobrado o bom do velho,  
– “Devem de estar – lhe diz – n’aquelle valle.”

}fl.86{ {fl.40}

Naquelle valle estavam. Ri Mercurio;  
e – “¿A mim mesmo, traidor, me denunciás?  
“¿denunciás-me a mim?!” – brada; e converte  
o peito do perjuro em dura pedra.  
De toque a chamam; do que foi lembrada,  
enganosos metaes agora accusa,  
e conserva, sem culpa, a antiga infamia.

&lt;\*/VII\

Na dextra o caduceu, nos pés as plumas,  
o deus remonta ao ar; transpõe os campos  
Munychios, o chão grato á gran Minerva,  
e as do culto Lyceu folhudas mattas.

\*

Segundo a antiga usança, era esse o dia,  
em que iam, turba alegre, as castas moças

e grão coudel das éguas generosas  
do opulento Neleu. Teme-se o nume,  
chama-o com a mão, e diz-lhe em tom de amigo: 925  
— Desconhecido, tu, quem quer que sejas,  
se te alguém perguntar por estas vacas,  
dize-lhe que as não viste; e em recompensa,  
hás de ficar com esta, a flor do armento. —  
Deu-lha. O outro, aceitando-a, assim lhe torna: 930  
“Podes ir descansado; era mais fácil  
que este seixo o dissesse.” – E aponta um seixo.

\*

Finge ausentar-se o Deus, mas torna logo  
mudando a voz e aspecto, e diz:

— Se hás visto

passar por cá, bom rústico, umas vacas, 935  
vale-me, que as perdi; descobre o furto;  
uma haverás e um toiro, em recompensa. —  
Vendo prêmio dobrado o bom do velho,  
“Devem de estar – lhe diz – naquele vale.”

{fl.40}

Naquele vale estavam. Ri Mercúrio; 940  
e “A mim mesmo, traidor, me denunciás?  
Denuncias-me a mim?!” – brada; e converte  
o peito do perjuro em dura pedra.  
“De toque” a chamam; do que foi lembrada,  
enganosos metais agora acusa, 945  
e conserva, sem culpa, a antiga infâmia.

VII

Na destra o caduceu, nos pés as plumas,  
o deus remonta ao ar; transpõe os campos  
Muníquios, o chão grato à grã Minerva,  
e as do culto Liceu folhudas matas. 950

\*

Segundo a antiga usança, era esse o dia,  
em que iam, turba alegre, as castas moças

ao templo festo da virgínea Pallas,  
 com seus dons á cabeça em flóreas cêstas.  
 Ao vel-as já na volta o nume alado,  
 da recta aérea via afasta o rumo,  
 e em giro circular lhes sobrepaira.  
 Qual milhano veloz, que enxérga entranhas,  
 mas vê medroso a chusma dos ministros

}fl.87{ {fl.41}

que estão cercando a victima, não foge,  
 não se aparta; esvoáça-se; rodeia  
 doido, sôffrego, em torno á lauta esp'rança;  
 tal sobre os muros atticos Cyllenio  
 agil baixando vem de giro em giro.  
 Quanto offusca áurea Lua a clara Vênus,  
 e a estrella da manhan da noite aos astros,  
 tanto mais bellas do que as socias vinha  
 Herse, a gloria da festa, a flor das virgens.

\*

Pasma de Jove o filho ao ver-lhe as graças.  
 Nos ares, onde as azas equilibra,  
 arde qual arde o chumbo arremeçado  
 por funda balear, que vôa, silva,  
 na carreira se abraza, e vai nas nuvens  
 subito fogo achar, que em si não teve.  
 Já desvaira da róta começada;  
 já aos ceos que fendeu prefere as terras.  
 Confiado em seu rosto, em seus encantos,  
 disfarces não empréga, e só procura  
 compôr com arte a natural belleza:  
 ageita a coma; a chlâmyde concérta  
 que lhe penda com garbo, e todo amostre

}fl.88{ {fl.42}

o oiro das franjas a vistosa barra;  
 estuda que engraçada a mão lhe adorne

ao templo festo da virgínea Palas,  
 com seus dons à cabeça em flóreas cestas.  
 Ao vê-las já na volta o nume alado,  
 da reta aérea via afasta o rumo,  
 e em giro circular lhes sobrepaira.  
 Qual milhano veloz, que enxerga entranhas,  
 mas vê medroso a chusma dos ministros

{fl.41}

que estão cercando a vítima, não foge, 960  
 não se aparta; esvoaça-se; rodeia  
 doido, sôffrego, em torno à lauta esp'rança;  
 tal sobre os muros áticos Cilênio  
 ágil baixando vem de giro em giro.  
 Quanto ofusca áurea lua a clara Vênus, 965  
 e a estrela da manhã da noite aos astros,  
 tanto mais belas do que as sócias vinha  
 Herse, a glória da festa, a flor das virgens.

\*

Pasma de Jove o filho ao ver-lhe as graças.  
 Nos ares, onde as asas equilibra, 970  
 arde qual arde o chumbo arremessado  
 por funda balear, que voa, silva,  
 na carreira se abrasa, e vai nas nuvens  
 súbito fogo achar, que em si não teve.  
 Já desvaira da rota começada; 975  
 já aos céus que fendeu prefere as terras.  
 Confiado em seu rosto, em seus encantos,  
 disfarces não emprega, e só procura  
 compor com arte a natural beleza:  
 ajeita a coma; a clâmide concerta 980  
 que lhe penda com garbo, e todo amostre

{fl.42}

o oiro das franjas a vistosa barra;  
 estuda que engraçada a mão lhe adorne

vara, que o somno atraí e afasta o somno,  
e nos candidos pés lhe resplandeçam  
os velozes alígeros talaes.

\*

Dos paços no interior tres leitos jazem  
de alvo marfim, mosqueada tartaruga.  
Dorme Pandróse á dextra; á esquerda Aglauro;  
tu, Herse, amor do deus, o centro occupas.  
Vinha entrando no tácito aposento  
o divino amador; Aglauro véla;  
pressente-o; resoluta lhe demanda  
quem é, que busca ali.

– “Sou - lhe responde <->

de Pleióne e de Atlante o neto illustre –  
“o nuncio de meu pae; meu pae é Jove.  
“O fim que me aqui traz, não t’o disfarço.  
“Sê tu leal á irman; tu sê contente  
“que um dia filhos meus te chamem tia;  
“Herse venho buscar; protege o amante.” -

\*

Disse. Aglauro o mediu com o ar, com os ólhos,  
com que á loira Minerva ha pouco havia  
profanado o depósito secreto.

}fl.89{ {fl.43}

Ao pedido favor põe preço enorme;  
e em quanto não pagar, lhe diz se ausente.  
Lançou-lhe a Márcia deusa olhar terrível,  
e tal suspiro deu, que o peito forte,  
e a égide sobre elle, arfaram juntos.  
Lembra-lhe que foi essa a temerária,  
que ousou pôr impias mãos em seus mysterios,  
que descobriu, que olhou, rompendo o ajuste,  
a, nascida sem mãe, vulcânea prole.  
Hoje novas rasões ao odio crescem;  
tudo, tudo á malvada está sorrindo;

vara, que o sono atraí e afasta o sono,  
e nos cândidos pés lhe resplandeçam  
os velozes alígeros talaes.

\*

Dos paços no interior três leitos jazem  
de alvo marfim, mosqueada tartaruga.  
Dorme Pandrose à destra; à esquerda Aglauro;  
tu, Herse, amor do deus, o centro ocupas.  
Vinha entrando no tácito aposento  
o divino amador; Aglauro vela;  
pressente-o; resoluta lhe demanda  
quem é, que busca ali.

— Sou – lhe responde

de Pleione e de Atlante o neto ilustre –  
o nuncio de meu pai; meu pai é Jove.  
O fim que me aqui traz, não to disfarço.  
Sê tu leal à irmã; tu sê contente  
que um dia filhos meus te chamem tia;  
Herse venho buscar; protege o amante. —

\*

Disse. Aglauro o mediu com o ar, com os olhos,  
com que à loira Minerva há pouco havia  
profanado o depósito secreto.

{fl.43}

Ao pedido favor põe preço enorme;  
e enquanto não pagar, lhe diz se ausente.  
Lançou-lhe a Márcia deusa olhar terrível,  
e tal suspiro deu, que o peito forte,  
e a égide sobre ele, arfaram juntos.  
Lembra-lhe que foi essa a temerária,  
que ousou pôr ímpias mãos em seus mistérios,  
que descobriu, que olhou, rompendo o ajuste,  
a, nascida sem mãe, vulcânea prole.  
Hoje novas razões ao ódio crescem;  
tudo, tudo à malvada está sorrindo;

vai por sórdida acção tornar-se em dôbro  
grata á formosa irman, querida ao nume,  
e farta do metal que avara exige.

Parte; corre da Inveja ao lar soturno,  
ao lar que escorre em pútrido veneno.

\*

É a estancia da Inveja em gruta enorme,  
lá n'uns profundos valles escondida,  
aonde o sol não vai, nem vai favonio;  
reina ali rigoroso eterno frio;  
de humidias grossas névoas sempre abunda.

\*

Chegára ao sitio ingesto a deusa invicta;  
ante a morada atroz suspende o passo,

}fl.90{ {fl.44}

que não lhe é dado penetrar lá dentro;  
fere a porta com a lança; abriu-se a porta.

Vê-a ao fundo a comer vipéreas carnes,  
de seus tartáreos vícios alimento;

vê-a, e para a não ver desvia os olhos.

Deixando em meio as serpes que tragava,  
se ergue a custo da terra o monstro feio;

com tardo passo vem; e ao ver Tritónia,  
formosa nas feições, gentil nas armas,

gemeu; ao seu gemido a encara a deusa.

Da morte a pallidez lhe está no aspecto,  
magreza e corrupção nos membros todos;

olha sempre ao revéz; ferrugem tôrpe  
nos asquerosos dentes lhe negreja;

vê-se o fel verdejar no peito immundo;

espumoso veneno a língua verte;

longe o riso lhe está dos negros lábios;

só se nos mais ha pranto ha n'ella riso;

não gosa de repouso um só momento;

vai por sórdida ação tornar-se em dobro  
grata à formosa irmã, querida ao nume,  
e farta do metal que avara exige.

Parte; corre da Inveja ao lar soturno,  
ao lar que escorre em pútrido veneno.

\*

*É a estância da Inveja em gruta enorme,  
lá nuns profundos vales escondida,  
aonde o sol não vai, nem vai Favônio;  
reina ali rigoroso eterno frio;  
de úmidas grossas névoas sempre abunda.*

\*

Chegara ao sítio ingesto a deusa invicta;  
ante a morada atroz suspende o passo,

{fl.44}

que não lhe é dado penetrar lá dentro;  
fere a porta com a lança; abriu-se a porta.

Vê-a ao fundo a comer vipéreas carnes,  
*de seus tartáreos vícios alimento;*

vê-a, e para a não ver desvia os olhos.

Deixando em meio as serpes que tragava,  
se ergue a custo da terra o monstro feio;

com tardo passo vem; e ao ver Tritônia,  
formosa nas feições, gentil nas armas,

gemeu; ao seu gemido a encara a deusa.

*Da morte a palidez lhe está no aspecto,  
magreza e corrupção nos membros todos;*

*olha sempre ao revés; ferrugem torpe  
nos asquerosos dentes lhe negreja;*

*vê-se o fel verdejar no peito imundo;*

*espumoso veneno a língua verte;*

*longe o riso lhe está dos negros lábios;*

*só se nos mais há pranto há nela riso;*

*não goza de repouso um só momento;*

os cuidados que a róem não soffrem somnos;  
 mirra-se de pesar ao ver nos homens  
 qualquer bem; rala, e rala-se a maldita;  
 é verdugo de si, ódio de todos.

\*

}fl.91{ {fl.45}

\*

Apesar da aversão que infunde o monstro,  
 a deusa estas palavras lhe dirige:

– “Das tres irmans por Cécrope geradas,  
 “convém que em teu veneno infecte uma:  
 “Aglauro o nome seu.” –

\*

Mais não profere;

firma a lança no chão, repelle-o, vôa.  
 Com os olhos vesgos a seguiu a Inveja;  
 dentro em si murmurou; doeu-lhe n’alma  
 cuidar que a deusa logrará seu gôsto.  
 Toma entretanto o báculo torcido  
 todo enleado de espinhosos cardos;  
 de atrás nuvens se cobre; eil-a em caminho.  
 Nos campos que atravessa as flores murcham;  
 definha, amarelleja, e morre, a grama;  
 as familias, os povos, as cidades,  
 ao hálito infernal se contaminam.  
 Já descobre, já vê, Tritónios muros,  
 em artes, em riqueza, em paz florentes;  
 e, porque tudo ri, lhe acode o chôro.  
 Entra no quarto da Cecrópia filha,

}fl.92{ {fl.46}

e cumpre na infeliz a lei severa.  
 Já denegrída mão lhe encosta ao peito,  
 e o peito se enche de pungentes farpas;  
 já lhe inspira o lethífero veneno,

*os cuidados que a roem não sofrem sonos;  
 mirra-se de pesar ao ver nos homens  
 qualquer bem; rala, e rala-se a maldita;  
 é verdugo de si, ódio de todos.*

\*

{fl.45}

\*

Apesar da aversão que infunde o monstro,  
 a deusa estas palavras lhe dirige:

— Das três irmãs por Cécrope geradas,  
 convém que em teu veneno infecte uma:  
 Aglauro o nome seu. —

\*

Mais não profere;

firma a lança no chão, repele-o, voa. 1055  
 Com os olhos vesgos a seguiu a Inveja;  
 dentro em si murmurou; doeu-lhe n’alma  
 cuidar que a deusa logrará seu gosto.  
 Toma entretanto o báculo torcido  
 todo enleado de espinhosos cardos; 1060  
 de atrás nuvens se cobre; ei-la em caminho.  
 Nos campos que atravessa as flores murcham;  
 definha, amareleja, e morre, a grama;  
 as famílias, os povos, as cidades,  
 ao hálito infernal se contaminam. 1065  
 Já descobre, já vê, Tritónios muros,  
 em artes, em riqueza, em paz florentes;  
 e, porque tudo ri, lhe acode o choro.  
 Entra no quarto da Cecrópia filha,

{fl.46}

e cumpre na infeliz a lei severa. 1070  
 Já denegrída mão lhe encosta ao peito,  
 e o peito se enche de pungentes farpas;  
 já lhe inspira o letífero veneno,

veneno que os pulmões repassa, filtra,  
e vai na côr do pêz tingir os ossos;  
e, por que em largo espaço o mal não vague,  
põe-lhe aos olhos a irman, feliz, e esposa;  
põe-lhe aos olhos o deus, gentil, e amante,  
e tudo pinta em grande á mente escura

\*

No entanto, occulta dor irrita a Aglauro;  
morde-lhe o coração, que aneia, geme,  
o longo dia inteiro, inteira a noite.

Qual aos raios do sol se gasta o gêlo,  
em lenta febre a misera se gasta.

Da irman contente e alegre a imagem feia  
a mirra, como o fogo ás plantas verdes,  
que sem luz, sem fragor, se vão finando.  
Mil vezes quiz morrer, só por não vel-a;  
mil ao rígido pae narrar a offensa;  
determinou-se enfim. Vai resoluta

veneno que os pulmões repassa, filtra,  
e vai na cor do pez tingir os ossos;  
e, por que em largo espaço o mal não vague,  
põe-lhe aos olhos a irmã, feliz, e esposa;  
põe-lhe aos olhos o deus, gentil, e amante,  
e tudo pinta em grande à mente escura

\*

No entanto, occulta dor irrita a Aglauro;  
morde-lhe o coração, que aneia, geme,  
o longo dia inteiro, inteira a noite.

Qual aos raios do sol se gasta o gelo,  
em lenta febre a mísera se gasta.

Da irmã contente e alegre a imagem feia  
a mirra, como o fogo às plantas verdes,  
que sem luz, sem fragor, se vão finando.  
Mil vezes quis morrer, só por não vê-la;  
mil ao rígido pai narrar a ofensa;  
determinou-se enfim. Vai resoluta

}fl.93{ {fl.47}

{fl.47}

para excluir o deus sentar-se á porta;  
não a abrandam palavras de brandura,  
nem lisonja subtíl, nem rogo ardente.  
– “¿Que porfias? desiste – Aglauro exclama; –  
“não me ausento d’aquí sem que te ausentes.”  
– “Venho na condição – tornou Cyllenio; –  
“venho na condição.”

\*

Da vara ao toque,  
de par em par as portas se escancaram.  
Quer-se a invejosa erguer, mas sente as curvas  
com desusado pêzo adormecidas;  
lida por levantar o tronco ao menos,  
já se os joelhos rígidos não dobram;  
frio mais que mortal se estende ás unhas;  
tornam-se exangues, pallidas, as veias.

para excluir o deus sentar-se à porta;  
não a abrandam palavras de brandura,  
nem lisonja sutil, nem rogo ardente.  
“Que porfias? desiste – Aglauro exclama; –  
não me ausento daqui sem que te ausentes.”  
“Venho na condição – tornou Cilênio; –  
venho na condição.”

\*

Da vara ao toque,  
de par em par as portas se escancaram.  
Quer-se a invejosa erguer, mas sente as curvas  
com desusado peso adormecidas;  
lida por levantar o tronco ao menos,  
já se os joelhos rígidos não dobram;  
frio mais que mortal se estende às unhas;  
tornam-se exangues, pálidas, as veias.

Como (¡incurável mal!) serpeia o cancro, e do já corrompido ao são progride, assim lhe cõa, lhe entorpece os órgãos, e os aéreos canaes lhe embarga, o gêlo. Nem pretendeu falar, nem, se o tentasse, passagem tinha a voz; o collo é pedra,	Como (incurável mal!) serpeia o cancro, e do já corrompido ao são progride, assim lhe cõa, lhe entorpece os órgãos, e os aéreos canais lhe embarga, o gelo. Nem pretendeu falar, nem, se o tentasse, passagem tinha a voz; o colo é pedra,	1105      1110
}fl.94{ {fl.48}		{fl.48}
pedra os labios, a lingua, a face, o rosto. Inda ha pouco mulher, estátua agora, mostra, sentada, a posição que teve; mostra na cõr do seixo a mente escura.	pedra os lábios, a língua, a face, o rosto. Inda há pouco mulher, estátua agora, mostra, sentada, a posição que teve; mostra na cor do seixo a mente escura.	
<*/VIII\	VIII	
Á blasphema impiedade imposta a pena, deixando os muros que afamaste, ó Pallas, o Atlancíade ovante ao ar se torna.	À blasfema impiedade imposta a pena, deixando os muros que afamaste, ó Palas, o Atlancíade ovante ao ar se torna.	1115
*	*	
O pae, que o vê nos ceos, á parte o chama; e, sem lhe declarar o amor que o punge, – “Vae, ministro fiel dos meus decretos “vae, filho meu, com a sólita presteza, “desce á terra – lhe diz, – d’onde se avista “tua mãe reluzindo á sestra parte, “e que os seus naturaes Sidôn nomeiam. “O armentío Real, que ao longe a relva “no monte anda a pascer, dirige á praia.” –	O pai, que o vê nos céus, à parte o chama; <i>e, sem lhe declarar o amor que o punge,</i> — <i>Vai, ministro fiel dos meus decretos</i> <i>vai, filho meu, com a sólita presteza,</i> <i>desce à terra – lhe diz, – donde se avista</i> <i>tua mãe reluzindo à sestra parte,</i> <i>e que os seus naturais Sidon nomeiam.</i> <i>O armentio real, que ao longe a relva</i> <i>no monte anda a pascer, dirige à praia. —</i>	1120
*	*	
Disse; e já da montanha o gado expulso caminha á fresca praia, onde costuma a do potente Rei mimosa filha espairecer, folgar, com as Tyrias virgens.	<i>Disse; e já da montanha o gado expulso</i> <i>caminha à fresca praia, onde costuma</i> <i>a do potente rei mimosa filha</i> <i>espairecer, folgar, com as Tírias virgens.</i>	1130
}fl.95{ {fl.49}		{fl.49}
A majestade e amor não bem se ajustam; jamais o mesmo peito os acommóda. Do sceptro a gravidade emfim depondo,	<i>A majestade e amor não bem se ajustam;</i> <i>jamais o mesmo peito os acomoda.</i> <i>Do cetro a gravidade enfim depondo,</i>	



o Pae e o Rei dos deuses, Jove, aquelle  
 que armada tem do raio a sacra dextra,  
 e que ao mínimo aceno abala o mundo,  
 veste forma taurina; entre as manadas  
 muge, e pisa formoso as brandas hervas.  
 É côr do gelo que nem pés calcaram,  
 nem com as azas desfez o sol chuvoso;  
 ergue a cerviz carnuda; entre as espádoas  
 graciosa lhe pende e bambaleia  
 a candida barbella; as breves pontas  
 de industriosa mão lavor parecem;  
 ganham no lustre á pérola mais pura;  
 não tem pesado senho, olhar terrível,  
 antes benigna paz lhe alegre a fronte.

\*

A filha de Agenor admira o toiro,  
 extranha ser tão bello, e ser tão manço;  
 ao princípio, inda assim, teme tocar-lhe;  
 vai-se depois avizinhando a elle,  
 e as flores que apanhou lhe applica aos beiços.  
 Não cabe em si de gôsto o ledo amante;  
 em quanto a maior bem chegar não pode,

}fl.96{ {fl.50}

amoroso lhe beija as mãos de neve;  
 mal se contém, que não se arroje a tudo.  
 Eil-o já pela relva salta e brinca;  
 já põe na fulva areia o níveo lado;  
 á virgem, pouco a pouco, o mêdo extingue,  
 e agora off'rece brandamente o peito,  
 só para que lh'o afague a mão formosa,  
 agora as pontas, que a Real donzella  
 de recentes boninas lhe engrinalda.

\*

Ella, emfim, que não sabe a que se atreve,  
 ousa nas alvas costas assentar-se.

*o pai e o rei dos deuses, Jove, aquele  
 que armada tem do raio a sacra destra,  
 e que ao mínimo aceno abala o mundo,  
 veste forma taurina; entre as manadas  
 muge, e pisa formoso as brandas hervas.  
 É cor do gelo que nem pés calcaram,  
 nem com as asas desfez o sol chuvoso;  
 ergue a cerviz carnuda; entre as espáduas  
 graciosa lhe pende e bambaleia  
 a cândida barbela; as breves pontas  
 de industriosa mão lavor parecem;  
 ganham no lustre à pérola mais pura;  
 não tem pesado cenho, olhar terrível,  
 antes benigna paz lhe alegre a fronte.*

\*

*A filha de Agenor admira o toiro,  
 estranha ser tão belo, e ser tão manso;  
 ao princípio, inda assim, teme tocar-lhe;  
 vai-se depois avizinhando a ele,  
 e as flores que apanhou lhe applica aos beiços.  
 Não cabe em si de gosto o ledo amante;  
 enquanto a maior bem chegar não pode,*

{fl.50}

*amoroso lhe beija as mãos de neve;  
 mal se contém, que não se arroje a tudo.  
 Ei-lo já pela relva salta e brinca;  
 já põe na fulva areia o níveo lado;  
 à virgem, pouco a pouco, o medo extingue,  
 e agora of'rece brandamente o peito,  
 só para que lho afague a mão formosa,  
 agora as pontas, que a real donzella  
 de recentes boninas lhe engrinalda.*

\*

*Ela, emfim, que não sabe a que se atreve,  
 ousa nas alvas costas assentar-se.*

De espaço á beira-mar descendo o nume,  
 põe mentiroso pé n'água primeira;  
 vai depois mais ávante; emfim, nadando,  
 leva a prêza gentil por entre as ondas.  
 Ella, de olhos na praia, ella medrosa,  
 segura uma das mãos n'uma das pontas,  
 sobre o dorso agitado a outra encosta;  
 enfuna o vento as sussurrantes vestes.

---

Fim do Livro II

---

*De espaço à beira-mar descendo o nume,  
 põe mentiroso pé n'água primeira;  
 vai depois mais avante; emfim, nadando,  
 leva a presa gentil por entre as ondas.  
 Ela, de olhos na praia, ela medrosa,  
 segura uma das mãos numa das pontas,  
 sobre o dorso agitado a outra encosta;  
 enfuna o vento as sussurrantes vestes.*

---

Fim do Livro II

---

1170

}fl.12{ {fl.51}

{fl.51}

### Notas

#### sobre o Livro II

---

Em duas partes podemos dividir este Livro:

A primeira, que abrange no original 327 versos, e corre na nossa traducção até pagina 1170, lhe serve, por sua importancia, como de lastro. Encerra ella a fábula de Phaetonte, e o subsecente incendio que assolou o Mundo. O diluvio de fogo, depois do diluvio de agua.

\*

Não nos deteremos a excavar na Historia profana as origens da fábula de Phaetonte; origens estas sempre arbitrarias, nunca demonstradas, e rara vez prováveis.

Tão pouco apuraremos argúcias para irmanar Phaetonte com o diabo (posto que o nome de Phaetonte, derivado do grego Phaetein, brilhar, mui bem se corresponda com o de Lucifer; a sua temerária ambição, com o

### Notas

#### sobre o Livro II

---

Em duas partes podemos dividir este livro:

A primeira, que abrange no original 327 versos, e corre na nossa traducção até pagina 1170, lhe serve, por sua importância, como de lastro. Encerra ella a fábula de Faetonte, e o subsecente incêndio que assolou o Mundo. O dilúvio de fogo, depois do dilúvio de água.

\*

Não nos deteremos a escavar na história profana as origens da fábula de Faetonte; origens estas sempre arbitrarias, nunca demonstradas, e rara vez prováveis.

Tão pouco apuraremos argúcias para irmanar Faetonte com o diabo (posto que o nome de Faetonte, derivado do grego Phaetein, brilhar, mui bem se corresponda com o de Lúçifer; a sua temerária ambição, com o

}fl.13{ {fl.52}

{fl.52}

levantamento do Archanjo; e este ponto da crença greco-romana, com uma das fundamentaes tradições religiosas dos Hebreus. Nem finalmente nos desentranharemos em moralidades mui fáceis, mui óbvias, e muito excusadas, com que alguns, que se dão por autores e não passam de vendedores de papel e tinta, converteram a formosa narração poetica em estirados sermões, em tratados prolixos dos deveres dos principes e dos súbditos.

É (e isso nos basta) uma formosa fábula, em que a poesia corre, como o sol, pelas alturas do ceo, sem, como Phaetonte se despenhar. Ahi brilham, de envolta com as mais garridas e louçans pinturas criadas pela imaginação, os conhecimentos exactos da Geographia celeste, e da Astronomia.

Muita vez se há dito que não são os poetas para estudos serios, nem os mathematicos para o commércio das Graças. Mas, se a Natureza pôz, em verdade, um tal marco entre os dominios do ameno e do sólido, e se essa extrema a não costumam de nenhuma das partes devassar, ¡quanta glória não cabe logo a Ovidio, que, sobre ser de todos os Antigos o mais rico em donosas phantasias,

}fl.14{ {fl.53}

o mais argúto, o mais engenhoso, o mais variado, e o mais agradável igualmente se mostra (e muito melhor n'este poema do que em todos os outros, sem exceptuar os *Fastos*) o mais profundo e geral sabedor d'entre todos os da Antiguidade, assim em História, costumes, e origens, como em Geographia, em *Physica*, em História natural, e em *Mathematica*! podendo-se com afoiteza dizer, que difficilmente se nomeará ramo dos humanos conhecimentos, que

levantamento do arcanjo; e este ponto da crença greco-romana, com uma das fundamentais tradições religiosas dos Hebreus. Nem finalmente nos desentranharemos em moralidades mui fáceis, mui óbvias, e muito excusadas, com que alguns, que se dão por autores e não passam de vendedores de papel e tinta, converteram a formosa narração poética em estirados sermões, em tratados prolixos dos deveres dos príncipes e dos súbditos.

É (e isso nos basta) uma formosa fábula, em que a poesia corre, como o sol, pelas alturas do céu, sem, como Faetonte se despenhar. Aí brilham, de envolta com as mais garridas e louças pinturas criadas pela imaginação, os conhecimentos exatos da geografia celeste, e da astronomia.

Muita vez se há dito que não são os poetas para estudos sérios, nem os matemáticos para o comércio das graças. Mas, se a natureza pôs, em verdade, um tal marco entre os domínios do ameno e do sólido, e se essa extrema a não costumam de nenhuma das partes devassar, quanta glória não cabe logo a Ovídio, que, sobre ser de todos os antigos o mais rico em donosas fantasias,

{fl.53}

o mais arguto, o mais engenhoso, o mais variado, e o mais agradável igualmente se mostra (e muito melhor neste poema do que em todos os outros, sem excetuar os *Fastos*) o mais profundo e geral sabedor dentre todos os da Antiguidade, assim em história, costumes, e origens, como em geografia, em física, em história natural, e em matemática! podendo-se com afoiteza dizer, que difficilmente se nomeará ramo dos humanos conhecimentos, que

enxertado em seu fecundo engenho não florisse e frutificasse.

Um commentario, que n'este sentido se houvesse de fazer ás *Metamorphoses*, seria nada menos que uma encyclopédia.

\*

Pelo que toca ao geral incendio: não se pode este (como objecto de arte) confrontar, nem de longe, com o dilúvio; e, se exceptuarmos aqui a magnífica prosopopeia da deusa da Terra, ou Cybéle, não nos oferece mais que um monótono fundo de quadro, onde não ressaem scenas nem figuras. Vemos arder seáras, pastos, e bosques, consumir-se cidades e reinos, rasgar-se a terra,

}fl.15{ {fl.54}

embrazeirar-se as montanhas, seccar os rios, fumegar e crestar-se as nuvens, e minguar o Oceano. Folgáramos porém, que a Natureza animal representasse ahi o grande papel que lhe era proprio. Em vez de catálogos de montes e rios, quizeramos ver a consternação de uma unica familia, ou de um unico individuo humano.

¡Que ampla ceifa não houvera sido essa para o talento de Ovidio! Que recursos lhe não offerencia o amor, a amizade, a avareza, a ambição, o egoismo, o odio, a voluptuosidade, a infancia, a velhice, e, por cima de tudo, o amor dos amores, o amor materno!

Fendeu-se muito embora a terra em boqueirões, por onde a luz descesse ao Averno; mas abrisse tambem cavernas a alguns infelizes, que para ahi se refugiasssem com seus filhos e penates. Viessesse ruidosamente a baixo a queimada abóbada das selvas, mas esmagasse na sua quéda homens e feras, que ao recrescer do calor para ahi se houvessem refugiado, que o perigo commum tivesse reunido, e o terror associado e irmanado.

enxertado em seu fecundo engenho não florisse e frutificasse.

Um comentário, que neste sentido se houvesse de fazer às *Metamorfoses*, seria nada menos que uma enciclopédia.

\*

Pelo que toca ao geral incêndio: não se pode este (como objeto de arte) confrontar, nem de longe, com o dilúvio; e, se excetuarmos aqui a magnífica prosopopeia da deusa da Terra, ou Cibele, não nos oferece mais que um monótono fundo de quadro, onde não ressaem cenas nem figuras. Vemos arder searas, pastos, e bosques, consumir-se cidades e reinos, rasgar-se a terra,

{fl.54}

embrazar-se as montanhas, secar os rios, fumegar e crestar-se as nuvens, e minguar o oceano. Folgáramos, porém, que a natureza animal representasse aí o grande papel que lhe era próprio. Em vez de catálogos de montes e rios, quiséramos ver a consternação de uma única família, ou de um único individuo humano.

Que ampla ceifa não houvera sido essa para o talento de Ovídio! Que recursos lhe não oferecia o amor, a amizade, a avareza, a ambição, o egoísmo, o ódio, a voluptuosidade, a infância, a velhice, e, por cima de tudo, o amor dos amores, o amor materno!

Fendeu-se muito embora a terra em boqueirões, por onde a luz descesse ao Averno; mas abrisse também cavernas a alguns infelizes, que para aí se refugiasssem com seus filhos e penates. Viessesse ruidosamente abaixo a queimada abóbada das selvas, mas esmagasse na sua queda homens e feras, que ao recrescer do calor para aí se houvessem refugiado, que o perigo comum tivesse reunido, e o terror associado e irmanado.

}fl.16{ {fl.55}

{fl.55}

\*

\*

As aguas, particularmente, estavam invidando invenções de admirável novidade.

Já no 1º Livro fôra a unica falta á descripção do diluvio a do affecto, posto que lá alguma vida, alguma Humanidade se enxérgue, rari nantes in gurgite vasto.

¡Que diverso, e que melhor, não houverá n'esta parte feito um engenho inferior ao de Ovidio, escrevendo em eras christans!

Prometheu criára ao homem de terra, e com o fogo celeste não lhe introduzira mais que entendimento e phantasia; o Christianismo lhe deu coração.

Estes defeitos, que nós hoje descobrimos tão facilmente em obra tão cabal para admirações, já pode ser que a ninguem occorressem no seculo de Augusto, a não ser a algum espirito como o de Virgilio; Virgilio, que á força de saudoso e melancólico, tanta vez adivinhou o christão estylo.

– Mas – dirão – ¿não seriam esses episodios descabidos, onde só transformações se haviam promettido?

Certo que não, como o Autor, a quem nada era difficil, os ligasse aos sujeitos de suas mesmas transformações, como tantas

}fl.17{ {fl.56}

outras vezes o costumava.

Ahi estavam a mãe e as irmans de Phaetonte; ahi estava o Principe Cisne, seu parente, e com elle a sua côrte e reino de Ligúria; e ahi estava, finalmente, o Mundo, pois que todo o Mundo, desde o Tejo até os mais longínquos rios da India, desde as areias da Africa até os gélos do Norte, se nos descortina entregue ás chammas.

As águas, particularmente, estavam envidando invenções de admirável novidade.

Já no 1º Livro fora a única falta à descripção do dilúvio a do afeto, posto que lá alguma vida, alguma humanidade se enxergue, *rari nantes in gurgite vasto*.

Que diverso, e que melhor, não houvera nesta parte feito um engenho inferior ao de Ovídio, escrevendo em eras cristãs!

Prometeu criara ao homem de terra, e com o fogo celeste não lhe introduzira mais que entendimento e fantasia; o cristianismo lhe deu coração.

Estes defeitos, que nós hoje descobrimos tão facilmente em obra tão cabal para admirações, já pode ser que a ninguém occorressem no século de Augusto, a não ser a algum espirito como o de Virgílio; Virgílio, que à força de saudoso e melancólico, tanta vez adivinhou o cristão estilo.

– Mas – dirão – não seriam esses episódios descabidos, onde só transformações se haviam prometido?

Certo que não, como o autor, a quem nada era difícil, os ligasse aos sujeitos de suas mesmas transformações, como tantas

{fl.56}

outras vezes o costumava.

Aí estavam a mãe e as irmãs de Faetonte; aí estava o príncipe Cisne, seu parente, e com ele a sua corte e reino de Ligúria; e aí estava, finalmente, o mundo, pois que todo o mundo, desde o Tejo até os mais longínquos rios da Índia, desde as areias da África até os gelos do Norte, se nos descortina entregue às chamas.

\*

Estes reparos me pareceu bem fazer, não para os literatos professos, a quem a mim não me cabe dar doutrina, mas para os principiantes e noviços, para que, levados do gôsto de praticar Poeta, em todas suas coisas tão feiticeiro como Ovidio, não tomassem desprecadamente por modelo tudo, que pelo andar do tempo, e crescimento da Arte e de sua philosophia, se veio a tornar vicioso.

Para estes mesmos apontarei tres pedaços de tres excellentes poetas modernos, para que, pela confrontação d'elles com o de que tratamos, possam mais claro entender o que a Ovidio faltou, e (melhor diremos) o que faltou á idade de Ovidio: o primeiro é a descripção do dilúvio por Gessner, tão guapamente vertida pelo nosso Bocage, e impressa no tomo II de suas Rimas; o segundo

}fl.18{ {fl.57}

é um poemeto sobre as ruinas de Pompeia, por Madame Emile de Girardin; o terceiro é um grandioso poema lyrico de Victor Hugo, intitulado *Le feu du ciel*, onde podemos crer que em realidade assistimos ao abrasamento de Sodoma e Gomhõrra.

\*

Mas, tornando ao sujeito do incendio geral: alguns hão supposto ver n'elle a fabulosa amplificação de uma antiga tradição histórica, porque referem, que em tempo de um Phaetonte, Principe da Ligúria, muito dado á Astronomia, e em particular ao estudo do giro do Sol, e do qual tambem dizem que veio a morrer afogado no Pó, acontecêra cahirem sobre a Italia annos de tão accezo estio, que tudo por lá se abrazou e consumiu.

\*

Estes reparos me pareceu bem fazer, não para os literatos professos, a quem a mim não me cabe dar doutrina, mas para os principiantes e noviços, para que, levados do gosto de praticar poeta, em todas suas coisas tão feiticeiro como Ovídio, não tomassem desprecadamente por modelo tudo, que pelo andar do tempo, e crescimento da arte e de sua filosofia, se veio a tornar vicioso.

Para estes mesmos apontarei três pedaços de três excellentes poetas modernos, para que, pela confrontação deles com o de que tratamos, possam mais claro entender o que a Ovídio faltou, e (melhor diremos) o que faltou à idade de Ovídio: o primeiro é a descrição do dilúvio por Gessner, tão guapamente vertida pelo nosso Bocage, e impressa no tomo II de suas *Rimas*; o segundo

{fl.57}

é um poemeto sobre as ruinas de Pompeia, por Madame Emile de Girardin; o terceiro é um grandioso poema lírico de Victor Hugo, intitulado *Le feu du ciel*, onde podemos crer que em realidade assistimos ao abrasamento de Sodoma e Gomorra.

\*

Mas, tornando ao sujeito do incêndio geral: alguns hão suposto ver nele a fabulosa amplificação de uma antiga tradição histórica, porque referem, que em tempo de um Faetonte, príncipe da Ligúria, muito dado à astronomia, e em particular ao estudo do giro do sol, e do qual também dizem que veio a morrer afogado no pó, acontecera caírem sobre a Itália anos de tão aceso estio, que tudo por lá se abrasou e consumiu.

Torniello, Saliano, e outros autores, que se conformam com o cálculo de Eusébio põem este successo no anno 2530 da criação do Mundo.

Nos dias do Principe Phaetonte, acredita Aristóteles que chovêra fogo, de que muitos paizes foram devorados.

Possível é que algum pé de verdade tivessem taes noticias; que a tradição as fosse encarecendo; que os poetas as amplificassem, de calores a incendios, e da Italia ao Mundo; e que

}fl.19{ {fl.58}

naturalistas e o povo, sempre afeiçoados a maravilhas, tomassem, como provas e confirmações de tal calamidade, os vestígios que a terra por toda a parte nos descobre de combustão, effeito de já perdidos e esquecidos vulcões.

E, se os Antigos conheceram o carvão mineral, cujas copiosas minas se acham mais ou menos por todas as partes, ¿quem duvida que essas prodigiosas massas de carvão soterrado lhes deviam a elles forçosamente representar-se, como argumentos inconcussos de abraçamento de selvas, quando só depois do grande mineralogista Patrín se advertiu, dever ser outra, e mui diversa, a sua origem?

Mas deixemos á Historia as suas confusões, e a Deus os seus segredos acêrca das antiguidades do Mundo.

\*

A esta primeira parte segue-se como bem cabía, outra toda diversa e variada.

O espirito, ressequido e tignano de tão aturado fogo, dá repentinamente, graças aos cortezes e hospedeiros desvelos do nosso bom Poeta, com bosques bem verdes e espessos, com rios bem

Torniello, Saliano, e outros autores, que se conformam com o cálculo de Eusébio põem este successo no ano 2530 da criação do mundo.

Nos dias do príncipe Faetonte, acredita Aristóteles que chovera fogo, de que muitos países foram devorados.

Possível é que algum pé de verdade tivessem tais notícias; que a tradição as fosse encarecendo; que os poetas as amplificassem, de calores a incêndios, e da Itália ao mundo; e que

{fl.58}

naturalistas e o povo, sempre afeiçoados a maravilhas, tomassem, como provas e confirmações de tal calamidade, os vestígios que a terra por toda a parte nos descobre de combustão, effeito de já perdidos e esquecidos vulcões.

E, se os Antigos conheceram o carvão mineral, cujas copiosas minas se acham mais ou menos por todas as partes, quem duvida que essas prodigiosas massas de carvão soterrado lhes deviam a eles forçosamente representar-se, como argumentos inconcussos de abraçamento de selvas, quando só depois do grande mineralogista Patrín se advertiu, dever ser outra, e mui diversa, a sua origem?

Mas deixemos à história as suas confusões, e a Deus os seus segredos acerca das antiguidades do mundo.

\*

A esta primeira parte segue-se como bem cabia, outra toda diversa e variada.

O espírito, ressequido e tignano de tão aturado fogo, dá repentinamente, graças aos cortezes e hospedeiros desvelos do nosso bom Poeta, com bosques bem verdes e espessos, com rios bem

frêscos e puros; e, por que nada falte para delicias, com formosas virgens e nymphas a

}fl.20{ {fl.59}

banhar-se.

O ameno da fábula de Callisto, não só nos desconta a aridez que a precede, mas nos faz estimar que tanto durasse. Pelo agro do cansasso se mede a suavidade do repouso. A história de Callisto, não menos nem diversamente moral para donzelas, do que lhes foram as de Daphne, Ío, e Syrinx, é uma d'aquellas, em que o Autor mais esmerou pincel e tintas.

\*

Da fábula de Callisto, facunda e majestosamente relatada, e terminada em tanta altura como são as constellações das duas Ursas, com mui industrioso artificio se passa á de Corónis, em estylo todo familiar e conchegado, e cujos principaes actores e interlocutores são o côrvo e a gralha.

N'esta fábula ha em especial para notar a mistura da rapidez no narrar, com uma certa demasia apparente de garrulidade. O transformador universal até a sua Musa soube metamorphosear em gralha; mas por um tão acertado modo, que a Musa e a gralha só parecem uma. A bela e nobre poesia transparece toda por entre a perfeita singeleza da conver-

}fl.21{ {fl.60}

sação. Era a flexibilidade um dos mais admiraveis condões do seu engenho.

\*

Na immediata fábula remonta subitamente o estylo, de palreiro a sublime; e á gralha succede em scena a prophetisa Ocyroe, prognosticando os destinos do Centauro seu pae, os do menino Esculápio, e os seus proprios, com rasgos de uma

frescos e puros; e, por que nada falte para delicias, com formosas virgens e ninfas a

{fl.59}

banhar-se.

O ameno da fábula de Calisto, não só nos desconta a aridez que a precede, mas nos faz estimar que tanto durasse. Pelo agro do cansaço se mede a suavidade do repouso. A história de Calisto, não menos nem diversamente moral para donzelas, do que lhes foram as de Dafne, Ío, e Syrinx, é uma daquelas, em que o Autor mais esmerou pincel e tintas.

\*

Da fábula de Calisto, facunda e majestosamente relatada, e terminada em tanta altura como são as constelações das duas Ursas, com mui industrioso artificio se passa à de Corónis, em estilo todo familiar e conchegado, e cujos principais actores e interlocutores são o corvo e a gralha.

Nesta fábula há em especial para notar a mistura da rapidez no narrar, com uma certa demasia aparente de garrulidade. O transformador universal até a sua musa soube metamorphosear em gralha; mas por um tão acertado modo, que a musa e a gralha só parecem uma. A bela e nobre poesia transparece toda por entre a perfeita singeleza da conver-

{fl.60}

sação. Era a flexibilidade um dos mais admiráveis condões do seu engenho.

\*

Na imediata fábula remonta subitamente o estilo, de palreiro a sublime; e á gralha succede em cena a profetisa Ociroe, prognosticando os destinos do Centauro seu pai, os do menino Esculápio, e os seus próprios, com rasgos de uma força e concisão



fôrça e concisão verdadeiramente lyricas. O desfecho, sobre tudo, faz uma impressão singular.

Pelo meio da torrente do seu vaticínio, a majestosa nympha, em pena de arrancar os segredos aos Fados, começa a perder a voz, a sentir-se transtornar, e a transtornar-se de vez; ¿em quê? em égua. Bem mal avindos deviam de andar os poetas com os prophetas d'aquellas eras, pois que o principiára por profecia, acaba em relinchos.

\*

Batto e Mercurio são já outra mutação.

Aqui a poesia toma o character bucólico, e sabe rusticar sem ser grosseira nem insípida, que são os dois escólhos d'este genero, tão infamado por naufragios; mas Ocyroe e

}fl.22{ {fl.61}

Batto não foram mais do que passagens rápidas.

\*

Mercurio, Herse, e Aglauro, que lhes veem na colla, formam um poema extenso, completo, e de altissima valía; é não a flôr, se não o ramallete d'este Livro. A pintura da Inveja, da sua horrorosa vivenda, da sua viagem, e dos effeitos que na sua victima produz, é obra tão de mão de mestre, e tão prima, que, se a propria Inveja lhe poséra os olhos, se finaria de desespero.

\*

Um reparo me occorre n'este passo, não talvez sem verossemelhança:

Ovidio, o menos irritavel de toda a numerosa familia dos poetas, Ovidio, que louvou sempre, nunca satyrisou, perdoou magnânimo a inconstancias, maledicencias, maleficios, e ingratições, e uma só vez brandiu o açoite das Fúrias contra o villanissimo de todos os villões traidores, Ovidio, parece de propósito carregar a mão n'este

verdadeiramente líricas. O desfecho, sobretudo, faz uma impressão singular.

Pelo meio da torrente do seu vaticínio, a majestosa ninfa, em pena de arrancar os segredos aos fados, começa a perder a voz, a sentir-se transtornar, e a transtornar-se de vez; em quê? Em égua. Bem mal avindos deviam de andar os poetas com os profetas daquellas eras, pois que o principiara por profecia, acaba em relinchos.

\*

Bato e Mercúrio são já outra mutação.

Aqui a poesia toma o caráter bucólico, e sabe rusticar sem ser grosseira nem insípida, que são os dois escolhos deste gênero, tão infamado por naufrágios; mas Ociroe e

{fl.61}

Bato não foram mais do que passagens rápidas.

\*

Mercúrio, Herse, e Aglauro, que lhes veem na cola, formam um poema extenso, completo, e de altíssima valia; é não a flor, se não o ramallete deste livro. A pintura da Inveja, da sua horrorosa vivenda, da sua viagem, e dos efeitos que na sua vítima produz, é obra tão de mão de mestre, e tão prima, que, se a própria Inveja lhe pusera os olhos, se finaria de desespero.

\*

Um reparo me ocorre neste passo, não talvez sem verossimilhança:

Ovídio, o menos irritável de toda a numerosa família dos poetas, Ovídio, que louvou sempre, nunca satirizou, perdoou magnânimo a inconstâncias, maledicências, malefícios, e ingratições, e uma só vez brandiu o açoite das Fúrias contra o vilaníssimo de todos os vilões traidores, Ovídio, parece de propósito carregar a mão neste

retrato da Inveja, e esmerar-se em a punir com tornal-a infame e odiosa. ¿Não seria isto alguma coisa mais do que uma lição geral?

}fl.23{ {fl.62}

¿Não seria alguma desafronta, d'aquellas que só o genio sabe e pode tomar, contra algum poetastro seu detractor?

Esta possibilidade se converte, a meu ver, em presunção, e não leve, se advertimos no que alguns teem pressupôsto, e com assaz de tino, acêrca da fábula de Batto, que immediatamente precede a esta. Sob o saial grosseiro d'aquelle rústico se cuida, que desfarçára o Autor a um pobre e engoiado trovista seu contemporâneo, que, entre outras baldas e pequenices, tinha a de sempiternas repetições de palavras e phrases; figura, ou vício, a que os rhetóricos chamam tautologia, e tambem battologia; nome derivado de outro antigo poeta Batto, que já nos seus hymnos tivera igual sestro, sendo-lhe por isso muito bem cabido o tal nome, que em grego denota o gaguejar. E em verdade, que bem adrêde, e bem acintosamente, parecem postas as tautologias que Ovidio lançou, falando do seu couteiro Batto, e que eu, seu traductor, lhe conservei mui á letra.

Se porém o poetastro romano se chamava propriamente Batto (como não falta quem presuma), ou se o nome lhe foi ahi

}fl.24{ {fl.63}

dado epithética e proverbialmente, eis ahi o que não podemos alcançar.

A alguém parecerá de sobejo futil a materia d'esta digressão; mas era empenho e gôsto meu excavar e descobrir (se podesse) depois da raiz grega o tronco romano da arvore genealogica dos poetas elmanistas: vivo na tradição, na historia vivo; varão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,

retrato da Inveja, e esmerar-se em a punir com torná-la infame e odiosa. Não seria isto alguma coisa mais do que uma lição geral?

{fl.62}

Não seria alguma desafronta, daquelas que só o gênio sabe e pode tomar, contra algum poetastro seu detractor?

Esta possibilidade se converte, a meu ver, em presunção, e não leve, se advertimos no que alguns têm pressuposto, e com assaz de tino, acerca da fábula de Bato, que imediatamente precede a esta. Sob o saial grosseiro daquele rústico se cuida, que disfarçara o Autor a um pobre e engoiado trovista seu contemporâneo, que, entre outras baldas e pequenices, tinha a de sempiternas repetições de palavras e frases; figura, ou vício, a que os retóricos chamam tautologia, e também batologia; nome derivado de outro antigo poeta Bato, que já nos seus hinos tivera igual sestro, sendo-lhe por isso muito bem cabido o tal nome, que em grego denota o gaguejar. E em verdade, que bem adrede, e bem acintosamente, parecem postas as tautologias que Ovídio lançou, falando do seu couteiro Bato, e que eu, seu tradutor, lhe conservei mui à letra.

Se porém o poetastro romano se chamava propriamente Bato (como não falta quem presuma), ou se o nome lhe foi aí

{fl.63}

dado epitética e proverbialmente, eis aí o que não podemos alcançar.

A alguém parecerá de sobejo fútil a matéria desta digressão; mas era empenho e gosto meu escavar e descobrir (se pudesse) depois da raiz grega o tronco romano da árvore genealógica dos poetas elmanistas: vivo na tradição, na história vivo; varão digno de Lísia, ou Roma, ou Grécia,

quando Grecia existiu, quando houvesse Roma;  
 as torres da ambição, do orgulho as torres;  
 sonda costumes, caractéres sonda;  
 illusões expulsou, despiu phantasmas;  
 renascem Raphaeis, Phydias renascem.

\*

Remata, finalmente, o Livro com a fábula de Europa;  
 ameno e saboroso postre depois do rico mas sombrio  
 e tragico banquette, da desventura bem merecida da  
 invejosa Aglauro.

\*

Esta fábula de Europa é o digno

}fl.25{ {fl.64}

prelúdio, ou comêço, da longa e ramificada historia  
 de Cadmo, primeiro Rei de Thebas, e sua  
 descendencia, que se estende por todo o Livro III, e  
 deita até o verso 605 do IV; vindo assim a haver, á  
 conta d'esta familia, a quantia de 1375 áureos versos  
 ovidianos; ao qual periodo responde a nossa  
 traducção desde pagina até pagina .

\*

Ajuste de contas  
 com  
 Ovidio e Bocage

Encerra este Livro II no original 875 versos;  
 na traducção, 1173; isto é: tem a traducção mais 298  
 versos do que o original.

Verteu Bocage tres retalhos; a saber: desde o  
 verso 161 do original, até o verso 182; desde o verso  
 761 até o verso 781, com pequenas omissões; e desde  
 o verso 836 até o verso 875. O primeiro retalho, que  
 comprehende 22 versos, traduziu-o em 29 versos; o  
 segundo, que é de 21 versos, em 21; e o terceiro, de  
 41, em 56.

quando Grécia existiu, quando houvesse Roma;  
 as torres da ambição, do orgulho as torres;  
 sonda costumes, caráteres sonda;  
 ilusões expulsou, despiu fantasmas;  
 renascem Rafaéis, Fidias renascem.

\*

Remata, finalmente, o livro com a fábula de Europa;  
 ameno e saboroso postre depois do rico mas sombrio  
 e trágico banquette, da desventura bem merecida da  
 invejosa Aglauro.

\*

Esta fábula de Europa é o digno

{fl.64}

prelúdio, ou começo, da longa e ramificada história  
 de Cadmo, primeiro rei de Tebas, e sua  
 descendência, que se estende por todo o livro III, e  
 deita até o verso 605 do IV; vindo assim a haver, á  
 conta desta família, a quantia de 1375 áureos versos  
 ovidianos; ao qual período responde a nossa tradução  
 desde pagina até pagina .

\*

Ajuste de contas  
 com  
 Ovídio e Bocage

Encerra este livro II no original 875 versos;  
 na tradução, 1173; isto é: tem a tradução mais 298  
 versos do que o original.

Verteu Bocage três retalhos; a saber: desde o  
 verso 161 do original, até o verso 182; desde o verso  
 761 até o verso 781, com pequenas omissões; e desde  
 o verso 836 até o verso 875. O primeiro retalho, que  
 comprehende 22 versos, traduziu-o em 29 versos; o  
 segundo, que é de 21 versos, em 21; e o terceiro, de  
 41, em 56.

Corre a primeira parte de sua traducção desde pagina

Porém leve era o peso; era diverso.

}fl.26{ {fl.65}

até pagina

o effeito conseguir do rogo incauto.

A segunda, desde pagina

É a estancia da Inveja em gruta enorme,

até pagina

é verdugo de si, odio de todos.

E a terceira desde pagina

O pae, que o vê nos Ceos, á parte o chama,

até pagina

enfuna o vento as sussurrantes vestes;

isto é: 84 versos latinos em 106 portuguezes; 22 versos mais do que no original.

D'estes 106 portuguezes, foi-me indispensavel, ou conveniente, supprimir, substituir, alterar, ou emendar, 16. Ficam portanto pertencendo a Bocage, de todo este Livro, 90 versos; isto é: pouco mais de uma 13ª parte.

---

Corre a primeira parte de sua traducção desde página

Porém leve era o peso; era diverso.

{fl.65}

até página

o effeito conseguir do rogo incauto.

A segunda, desde página

É a estância da Inveja em gruta enorme,

até página

é verdugo de si, ódio de todos.

E a terceira desde página

O pai, que o vê nos Céus, à parte o chama,

até página

enfuna o vento as sussurrantes vestes;

isto é: 84 versos latinos em 106 portuguezes; 22 versos mais do que no original.

Destes 106 portuguezes, foi-me indispensável, ou conveniente, supprimir, substituir, alterar, ou emendar, 16. Ficam, portanto, pertencendo a Bocage, de todo este Livro, 90 versos; isto é: pouco mais de uma 13ª parte.

---

### Aparato Crítico do Livro II

<b>Número do verso</b>	<b>Verso na versão impressa</b>
29	“Rápido corre, e a grão distância pára;”
86	“Pelo meio dos Ceos, tal se arremessa”
301	“cálido fumo o afóga, o desespera.”
438	“o nome, que no mármore solétra,”
474	“Alambres são: a lúcida torrente”
874	“De Immortal em mortal mudão-te os Deoses;”
1092	“Não na abrandão palavras de brandura,”

# III

}fl.97{ {fl.1}

{fl.1}

## Livro III

## Livro III

## I

## I

Já dos campos Dicteus, despida a forma  
do toiro enganador, brilhava o nume;  
quando o pae, que da filha ignora os fados,  
buscal-a ordena a Cadmo; e, não a achando,  
por castigo lhe impõe destêro eterno,  
unidos n'uma acção piedade e crime.

\*

Perlustrado vãmente o globo inteiro...  
(¿e quem descobrirá de Jove os furtos?)  
o Agenóreo mancebo, que estremece  
da paterna vingança, a Patria evita;  
busca submisso o oráculo de Phebo,  
e inquire em que paiz lhe é dado assento.

“Vacca illesa de jugo e curvo arado

“toparás, que ermos páramos vagueia.

“Segue-a afoito; e mal poise em chão relvado,

“muros traça, e Beócios os nomeia.”

\*

Descia apenas da Castália gruta;  
vê, sem pastor, vagando mollemente

}fl.98{ {fl.2}

novilha de cerviz ignota ao jugo;  
segue-a; pisa-lhe o rasto a passo e passo,  
e adora taciturno ao deus que o manda.  
Já do Cephiso os váus transposto havia,  
e atrás deixando os campos de Panópe,  
eis pára o animal; eis que soberbo  
ergue ao ar a cornígera carranca,  
de atroador mugido enchendo os valles;  
lança um olhar aos sócios que a seguiam,

Já dos campos Dicteus, despida a forma  
do toiro enganador, brilhava o nume;  
quando o pai, que da filha ignora os fados,  
buscá-la ordena a Cadmo; e, não a achando,  
por castigo lhe impõe desterro eterno,  
unidos numa acção piedade e crime.

\*

Perlustrado vãmente o globo inteiro...  
(e quem descobrirá de Jove os furtos?)  
o Agenóreo mancebo, que estremece  
da paterna vingança, a Pátria evita;  
busca submisso o oráculo de Febo,  
e inquire em que país lhe é dado assento.

“Vaca ilesa de jugo e curvo arado

toparás, que ermos páramos vagueia.

Segue-a afoito; e mal poise em chão relvado,

muros traça, e beócios os nomeia.”

\*

Descia apenas da Castália gruta;  
vê, sem pastor, vagando molemente

}fl.98{ {fl.2}

novilha de cerviz ignota ao jugo;  
segue-a; pisa-lhe o rasto a passo e passo,  
e adora taciturno ao deus que o manda.  
Já do Cefiso os vaus transposto havia,  
e atrás deixando os campos de Panope,  
eis para o animal; eis que soberbo  
ergue ao ar a cornígera carranca,  
de atroador mugido enchendo os vales;  
lança um olhar aos sócios que a seguiam,

e logo sobre a relva estira os membros.  
 Dá graças Cadmo; beija a terra estranha;  
 montes, campos incógnitos saúda;  
 Sacrificar a Jove determina,  
 e, para as libações, manda aos ministros  
 ir buscar agua pura a fontes vivas.

\*

Negreja annosa matta, onde o machado  
 jamais entrou. Lá se abre uma caverna  
 de vimes e de arbustos enriçada;  
 formam-lhe o arco humilde uns seixos tãoscos,  
 e em copiosas aguas sempre abunda.  
 N'ella mora dragão sagrado a Marte,  
 áurea e cristada a frente, os olhos lume,  
 tímido o corpo de lethal veneno,  
 tríplice a língua, os dentes em tres ordens.

}fl.99{ {fl.3}

\*

N'este arvoredos os Tyrios emissarios  
 entram com pé sinistro. Mal que a urna  
 descendo ás aguas retumbou pelo antro,  
 eis do fundo do longo esconderijo  
 ergue o dragão cerúleo a frente enorme,  
 e horrendos silvos sólta. Ao vel-o e ouvil-o,  
 foge o sangue; das mãos as urnas cahem;  
 subitânea tremura os acommette.  
 ;Vel-o em volúveis voltas desconceríta  
 os escamosos círculos, e a pulos  
 colleando avança! mais de meio erguido  
 domína toda a selva; em corpolencia  
 nem cede ao que separa as Ursas ambas.  
 Em quanto, ou para a briga os Tyrios se armam,  
 ou se dispõem á fuga, ou fuga e briga  
 lhes impede o pavor, com a turba investe;  
 uns, nos dentes os leva; outros, nas rôscas

e logo sobre a relva estira os membros.  
 Dá graças Cadmo; beija a terra estranha;  
 montes, campos incógnitos saúda;  
 Sacrificar a Jove determina,  
 e, para as libações, manda aos ministros  
 ir buscar água pura a fontes vivas.

\*

Negreja anosa mata, onde o machado  
 jamais entrou. Lá se abre uma caverna  
 de vimes e de arbustos enriçada;  
 formam-lhe o arco humilde uns seixos toscos,  
 e em copiosas águas sempre abunda.  
 Nela mora dragão sagrado a Marte,  
 áurea e cristada a frente, os olhos lume,  
 tímido o corpo de letal veneno,  
 tríplice a língua, os dentes em três ordens.

{fl.3}

\*

Neste arvoredos os tírios emissários  
 entram com pé sinistro. Mal que a urna  
 descendo às águas retumbou pelo antro,  
 eis do fundo do longo esconderijo  
 ergue o dragão cerúleo a frente enorme,  
 e horrendos silvos solta. Ao vê-lo e ouvi-lo,  
 foge o sangue; das mãos as urnas caem;  
 subitânea tremura os acomete.  
 Vê-lo em volúveis voltas desconcerta  
 os escamosos círculos, e a pulos  
 coleando avança! Mais de meio erguido  
 domina toda a selva; em corpulência  
 nem cede ao que separa as Ursas ambas.  
 Enquanto, ou para a briga os tírios se armam,  
 ou se dispõem à fuga, ou fuga e briga  
 lhes impede o pavor, com a turba investe;  
 uns, nos dentes os leva; outros, nas roscas



entalados arrastra; estes, derriba  
com o bafo immundo; aquelles, com a peçonha.

\*

Já o sol a pino as sombras encolhia;  
da tardança dos seus Cadmo se espanta,

}fl.100{ {fl.4}

e a procural-os parte. Hirsuta pelle  
de vencido leão lhe cobre o corpo;  
por armas leva um dardo, a vasta lança,  
e o brio, em peito heroe, melhor que as armas.  
Mal põe no bosque a planta, avista os mortos;  
o enorme vencedor sobre elles poisa;  
lambe-lhe as f'ridas com a sanguínea farpa.  
– “Companheiros fieis, por mim vingados,  
“ou seguidos por mim sereis” – exclama.  
Rocha, que eguala as mós, toma na dextra;  
balança-a, dá-lhe impulso igual ao pêzo,  
fal-a voar troando. Ao rude embate  
torreadas muralhas tremeriam;  
a serpe fica illésa, que a escamosa  
loríga natural e o coiro negro  
repercutem o tiro. Igual ventura  
contra o dardo comtudo a não defende;  
pelo meio da espinha dobradiça  
varou, lá jaz na entranha o ferro inteiro.  
Furioso com a dor, retorce o monstro  
a fronte sobre o dórso; olha a ferida;  
na hástea em si cravada enterra os dentes;  
para aqui, para ali, revolve, alarga,

}fl.101{ {fl.5}

até que a arranca enfim, mas fica o ferro.  
Com a ferida recente a fúria innata  
cresce, requinta agora; incham-lhe o collo  
túmidas veias; de espumosa baba

entalados arrastra; estes, derriba  
com o bafo imundo; aqueles, com a peçonha.

\*

Já o sol a pino as sombras encolhia;  
da tardança dos seus Cadmo se espanta,

{fl.4}

e a procurá-los parte. Hirsuta pele  
de vencido leão lhe cobre o corpo;  
por armas leva um dardo, a vasta lança,  
e o brio, em peito herói, melhor que as armas.  
Mal põe no bosque a planta, avista os mortos;  
o enorme vencedor sobre eles poisa;  
lambe-lhe as f'ridas com a sanguínea farpa.  
“Companheiros fiéis, por mim vingados,  
ou seguidos por mim sereis” – exclama.  
Rocha, que iguala as mós, toma na destra;  
balança-a, dá-lhe impulso igual ao peso,  
fá-la voar troando. Ao rude embate  
torreadas muralhas tremeriam;  
a serpe fica ileza, que a escamosa  
loriga natural e o coiro negro  
repercutem o tiro. Igual ventura  
contra o dardo contudo a não defende;  
pelo meio da espinha dobradiça  
varou, lá jaz na entranha o ferro inteiro.  
Furioso com a dor, retorce o monstro  
a fronte sobre o dorso; olha a ferida;  
na hástia em si cravada enterra os dentes;  
para aqui, para ali, revolve, alarga,

{fl.5}

até que a arranca enfim, mas fica o ferro.  
Com a ferida recente a fúria inata  
cresce, requinta agora; incham-lhe o colo  
túmidas veias; de espumosa baba

alveja a larga, a pestilente bôcca;  
 das escamas roçado o chão ressôa;  
 o bafo escuro das Tartáreas fauces  
 infecta as auras, contamina as plantas;  
 ora espiral se apérta em orbe immenso,  
 ora arvorado mastro imita a prumo,  
 ora nos vastos ímpetos semelha  
 rio feroz com as cheias engrossado;  
 rompe, alvoróta as arvores passando.

\*

Retrocede alguns passos o Agenóreo;  
 com o leonino espólio na sinistra  
 lhe apára a furia, oppõe-lhe a lança em riste.  
 Braveja o drago affoito; no impassivel  
 ferro os dentes amola, e morde o gume.  
 Já do padár pungido está correndo  
 sangue empestado, que rocía as hervas;  
 mas é leve a ferida, porque o monstro  
 sente o pico, e retrai-se; o damno enceta,

}fl.102{ {fl.6}

surge atraz, nem dá tempo a que entre o golpe.  
 O Agenóride então, dobrando exfôrço,  
 já mergulhado na guella o ferro,  
 segue-o, leva-o de encontro, até que obstando  
 no caminho um carvalho, collo e tronco  
 do mesmo lanço ali deixou pregados;  
 dobra-se a árvore ao pêzo, e geme aos golpes,  
 com que a cauda indignada açoita o tronco.

\*

Em quanto do vencido a enormidade  
 contempla o vencedor, voz repentina  
 soou; d'onde partiu, não ha sabel-o,  
 mas ouviu-se.

— “Uma serpe olhas, ó Cadmo;  
 “serpe serás tu mesmo.” —

alveja a larga, a pestilente boca;  
 das escamas roçado o chão ressoa;  
 o bafo escuro das Tartáreas fauces  
 infecta as auras, contamina as plantas;  
 ora espiral se aperta em orbe imenso,  
 ora arvorado mastro imita a prumo,  
 ora nos vastos ímpetos semelha  
 rio feroz com as cheias engrossado;  
 rompe, alvorota as árvores passando.

\*

Retrocede alguns passos o Agenóreo; 100  
 com o leonino espólio na sinistra  
 lhe apara a fúria, opõe-lhe a lança em riste.  
 Braveja o drago afoito; no impassível  
 ferro os dentes amola, e morde o gume.  
 Já do padar pungido está correndo 105  
 sangue empestado, que rocia as ervas;  
 mas é leve a ferida, porque o monstro  
 sente o pico, e retrai-se; o dano enceta,

{fl.6}

surge atrás, nem dá tempo a que entre o golpe.  
 O Agenóride então, dobrando esforço, 110  
 já mergulhado na goela o ferro,  
 segue-o, leva-o de encontro, até que obstando  
 no caminho um carvalho, colo e tronco  
 do mesmo lanço ali deixou pregados;  
 dobra-se a árvore ao peso, e geme aos golpes, 115  
 com que a cauda indignada açoita o tronco.

\*

Enquanto do vencido a enormidade  
 contempla o vencedor, voz repentina  
 soou; donde partiu, não há sabê-lo,  
 mas ouviu-se.

— Uma serpe olhas, ó Cadmo; 120  
 serpe serás tu mesmo. —

Ao tórvo annúncio,

de gélido pavor arripiado,  
sem voz, sem tino e côr, ficou grão tempo.  
Mas do heroe a suprema protectora,  
Pallas, baixa, e lhe ordena que semeie,  
lavrada a terra, os dentes serpentinos,  
novo incremento da nação futura.  
Obedece: ára o sólo, enterra os dentes.

\*

Ao torvo anúncio,

de gélido pavor arrepiado,  
sem voz, sem tino e cor, ficou grão tempo.  
Mas do herói a suprema protetora,  
Palas, baixa, e lhe ordena que semeie,  
lavrada a terra, os dentes serpentinos,  
novo incremento da nação futura.  
Obedece: ara o solo, enterra os dentes.

\*

}fl.103{ {fl.7}

{fl.7}

Logo (¡incrível prodígio!) os torrões bolem;  
pelos sulcos despontam, fulgem, medram,  
ferros de enfileirada lançaria;  
crescem hastas; com as hastas veem cimeiras,  
que multicôres, trémulas, ensombram  
móbiles morriões; já surdem hombros,  
peitos, e braços, carregados de armas.  
Sahiu, brilha madura á flor da terra  
vasta seára de escudada tropa.  
Taes, quando em festival Ausónia scena,  
para em tórno a vestir se elevam panos,  
pintados n'elles ao principio rôstos,  
assomam, vem depois surgindo o resto,  
té que na extrema barra os pés se avistam.

\*

Cadmo, assustado dos contrarios novos,  
ia as armas tomar.

– “Não tomes armas, –

|“|lhe diz um dos que a terra produzira; –  
“não te intromettas em civís combates.” –  
Diz, e n'outro terrígena vizinho  
a espada ensópa; sobre o morto um dardo  
de longe o prostra morto; o que o brandira,

Logo (incrível prodígio!) os torrões bolem;  
pelos sulcos despontam, fulgem, medram,  
ferros de enfileirada lançaria;  
crescem hastas; com as hastas veem cimeiras,  
que multicores, trêmulas, ensombram  
móbiles morriões; já surdem ombros,  
peitos, e braços, carregados de armas.  
Saiu, brilha madura à flor da terra  
vasta seara de escudada tropa.  
Tais, quando em festival Ausônia cena,  
para em torno a vestir se elevam panos,  
pintados neles ao princípio rostos,  
assomam, vem depois surgindo o resto,  
'té que na extrema barra os pés se avistam.

\*

Cadmo, assustado dos contrários novos,  
ia as armas tomar.

— Não tomes armas, –

lhe diz um dos que a terra produzira; –  
não te intrometas em civís combates. —  
Diz, e noutro terrígena vizinho  
a espada ensopa; sobre o morto um dardo  
de longe o prostra morto; o que o brandira,

125

130

135

140

145

}fl.104{ {fl.8}	{fl.8}	
cai tambem logo, e no final arranco expira ás auras que inspirára apenas. Tal por todo o esquadrão braveja o ódio; assim victoria e morte, irmans e unidas, as hostes fraternaes rareiam, prostram.	cai também logo, e no final arranco expira às auras que inspirara apenas. Tal por todo o esquadrão braveja o ódio; assim vitória e morte, irmãs e unidas, as hostes fraternais rareiam, prostram.	150
*	*	
Da soldadesca ephémera sobravam cinco, e não mais; o resto alastra, ou morto ou moribundo, a mãe lavada em sangue; Echiôn foi dos cinco. Á voz de Pallas este as armas depondo, implora e off'rece aos quatro irmãos a paz, e a paz se firma. Do Sidónio estrangeiro estes os socios na fundação de seus fadados muros.	Da soldadesca efêmera sobravam cinco, e não mais; o resto alastra, ou morto ou moribundo, a mãe lavada em sangue; Equion foi dos cinco. À voz de Palas este as armas depondo, implora e of'rece aos quatro irmãos a paz, e a paz se firma. Do sidônio estrangeiro estes os sócios na fundação de seus fadados muros.	155
<*>/II\	II	
Thebas existe emfim. Já podes, Cadmo, ser julgado feliz pelo destêrro. Genro de Marte e Cypria, a tanta glória juntas inda esplendor de descendencia, tantos filhos e filhas, tantos netos, enlêvos teus, e em já florente idade. Mas... aguardar o dia derradeiro, que em quanto se não fecha a sepultura, o nome de feliz vai sempre em risco.	Tebas existe enfim. Já podes, Cadmo, ser julgado feliz pelo desterro. Genro de Marte e Cípria, a tanta glória juntas inda esplendor de descendência, tantos filhos e filhas, tantos netos, enlevos teus, e em já florente idade. Mas... aguardar o dia derradeiro, que enquanto se não fecha a sepultura, o nome de feliz vai sempre em risco.	160
}fl.105{ {fl.9}	{fl.9}	
Cadmo, Cadmo, com jubilos tão longos tambem por fim te veio horrendo luto. Viste de um neto a perda, extranhas pontas ;oh! ;supplicio inaudito! unil-o aos brutos; viste fartos seus cães no sangue d'elle. Se, comtudo, o successo examinar-mos, o crime não foi seu, foi da ventura; nem crime pode haver onde ha só êrro.	Cadmo, Cadmo, com júbilos tão longos também por fim te veio horrendo luto. Viste de um neto a perda, estranhas pontas, oh! Suplício inaudito! Uni-lo aos brutos; viste fartos seus cães no sangue dele. Se, contudo, o sucesso examinar-mos, o crime não foi seu, foi da ventura; nem crime pode haver onde há só erro.	175
*	*	

Já regado com o sangue de mil feras  
 ia purpúreo o monte. O dia em meio  
 as sombras encurtava, e o sol no auge  
 tinha o sepulcro e o bêrço a eguaes distancias.  
 Com a socegada voz o Hyâncio moço  
 das brenhas chama os socios caçadores.  
 – “Companheiros, – lhes diz – armas e rêdes  
 “gottejam farto sangue; assaz caçámos.  
 “Amanhan, quando a Aurora em róseo coche  
 “reconduzir a luz, proseguiremos.  
 “O meio-dia agora os campos fende;  
 “cessae por hoje; as rêdes se recôlham.” –  
 Obedecem; suspendem-se os trabalhos.

\*

Ha um valle, Gargáphia o nomearam,

}fl.106{ {fl.10}

de pinhos, de cipreste abastecido,  
 e recreio usual da Virgem Délia.  
 Lá, bem no fundo, um antro se entremostra,  
 selvático e formoso; os seus primores  
 de arte não são, mas brincos com que imita  
 a mestra Natureza exfôrços d’arte;  
 ella ideou, fez-lhe ella, este arco airoso  
 de vivos pómes de topháceos leves;  
 ella lhe abriu á dextra essa fontinha,  
 que, brilhante e sonora, está formando  
 entre espraçada relva humilde lago.  
 Ali folgava a deusa das florestas  
 encalmada da caça entrar com as nymphas,  
 a se orvalhar com as aguas deleitosas.  
 Entrou pois n’este dia. Aljava e arco,  
 á sua pagem d’armas os devolve;  
 o manto que ella arrója, uma lhe apára;  
 duas os pés dos vínculos lhe sóltam;  
 Crócale, a filha do sonoro Isméno,

Já regado com o sangue de mil feras 180  
 ia purpúreo o monte. O dia em meio  
 as sombras encurtava, e o sol no auge  
 tinha o sepulcro e o berço a iguais distâncias.  
 Com a sossegada voz o Hiâncio moço  
 das brenhas chama os sócios caçadores. 185  
 — Companheiros, – lhes diz – armas e redes  
 gotejam farto sangue; assaz caçamos.  
 Amanhã, quando a Aurora em róseo coche  
 reconduzir a luz, prosseguiremos.  
 O meio-dia agora os campos fende; 190  
 cessai por hoje; as redes se recolham. —  
 Obedecem; suspendem-se os trabalhos.

\*

Há um vale, Gargáfia o nomearam,

{fl.10}

de pinhos, de cipreste abastecido,  
 e recreio usual da virgem Délia. 195  
 Lá, bem no fundo, um antro se entremostra,  
 selvático e formoso; os seus primores  
 de arte não são, mas brincos com que imita  
 a mestra natureza esforços d’arte;  
 ela ideou, fez-lhe ela, este arco airoso 200  
 de vivos pomes de topázios leves;  
 ela lhe abriu à destra essa fontinha,  
 que, brilhante e sonora, está formando  
 entre espraçada relva humilde lago.  
 Ali folgava a deusa das florestas 205  
 encalmada da caça entrar com as ninfas,  
 a se orvalhar com as águas deleitosas.  
 Entrou pois neste dia. Aljava e arco,  
 à sua pajem d’armas os devolve;  
 o manto que ela arroja, uma lhe apara; 210  
 duas os pés dos vínculos lhe soltam;  
 Crócale, a filha do sonoro Ismeno,

e a mais habilidosa em todo o rancho,  
 as comas lhe ata sem curar das suas.  
 Urnas enchendo á fonte, Hyale, Néphele,  
 Psécas, Rhânis, e Phíale lhe vertem  
 clara torrente sobre os membros alvos.

\*

}fl.107{ {fl.11}

\*

Em quanto assim Titânia se recreia,  
 anda na ignota selva errando a tôa,  
 feriado tambem de montarias,  
 de Cadmo o neto; e, por desastre, acérta  
 de entrar ao sacro asylo. Ao verem homem  
 na fresca humida gruta, as nymphas nuas  
 ferem-se o peito, assombram de alaridos  
 todo o arvoredado, e apinham-se com a deusa,  
 a resguardar com os seus o corpo d'ella;  
 mas da deusa inda o rôsto as sobrepuja,  
 rosto de virgem descomposta e vista,  
 acezo, ou como nuvem que o sol tingem  
 fronteiro, ou como o teu, púrpurea Aurora.  
 Bem que entre o côro occulta, apenas ousa  
 estar de lado; para traz olhando,  
 não vê á mão as suspiradas settas;  
 só vê agua. Com agua atira ao joven,  
 face e comas lhe alaga, e assim profere  
 confuso annúncio de futuro dâmno:  
 – “Vae, se podes contar qual me aqui viste.”

\*

Mais não diz. Já de cervo vivedoiro  
 pontas pululam na ensopada testa,

e a mais habilidosa em todo o rancho,  
 as comas lhe ata sem curar das suas.  
 Urnas enchendo à fonte, Híale, Néfele,  
 Psecas, Rânis, e Fíale lhe vertem  
 clara torrente sobre os membros alvos.

\*

{fl.11}

\*

Enquanto assim Titânia se recreia,  
 anda na ignota selva errando à toa,  
 feriado também de montarias, 220  
 de Cadmo o neto; e, por desastre, acerta  
 de entrar ao sacro asilo. Ao verem homem  
 na fresca úmida gruta, as ninfas nuas  
 ferem-se o peito, assombram de alaridos 225  
 todo o arvoredado, e apinham-se com a deusa,  
 a resguardar com os seus o corpo dela;  
 mas da deusa inda o rosto as sobrepuja,  
 rosto de virgem descomposta e vista,  
 aceso, ou como nuvem que o sol tingem  
 fronteiro, ou como o teu, purpúrea Aurora. 230  
 Bem que entre o coro occulta, apenas ousa  
 estar de lado; para traz olhando,  
 não vê à mão as suspiradas setas;  
 só vê água. Com água atira ao jovem,  
 face e comas lhe alaga, e assim profere 235  
 confuso anúncio de futuro dano:  
 “Vai, se podes contar qual me aqui viste.”

\*

Mais não diz. Já de cervo vivedoiro  
 pontas pululam na ensopada testa,

}fl.108{ {fl.12}	{fl.12}	
<p>recresce o collo, orelhas se lhe aguçam,  mãos, pés, braços, e pernas, se transtornam,  todo se envolve em maculosa fêlpa,  e entra o pavor no coração mudado.  Foge o Autonéio heroe; correndo, pasma  da ligeireza insólita; divisa  ao passar perto d'água a córnea fronte;  ia gritar “;Ai triste!” a voz lhe falta;  pode apenas gemer; manam-lhe ao longo  do semblante não seu lagrimas suas.  De tudo que já foi, só resta a mente.</p>	<p>recresce o colo, orelhas se lhe aguçam,  mãos, pés, braços, e pernas, se transtornam,  todo se envolve em maculosa felpa,  e entra o pavor no coração mudado.  Foge o Autoneio herói; correndo, pasma  da ligeireza insólita; divisa  ao passar perto d'água a córnea fronte;  ia gritar “Ai triste!” a voz lhe falta;  pode apenas gemer; manam-lhe ao longo  do semblante não seu lágrimas suas.  De tudo que já foi, só resta a mente.</p>	<p>240</p> <p>245</p> <p>250</p>
*	*	
<p>¿Que fará? ¿voltar deve aos regios paços?  ¿entre as mattas sumir-se? extremos ambos;  um lh'o veda o temor, outro a vergonha.  Em quanto assim vacilla, os cães o avistam.  Ladrando dá signal primeiro aos outros  Melampo, e logo Ichnóbate, o previsto,  filho de Esparta aquelle, este de Creta.  Apóz elles, velozes como o vento,  ruem todos os mais, precipitados:  Dorceu; Pâmphago; Oríbaso, da Arcádia,  Nebróphono valente; o carrancudo  Théron; Lélape; o rápido Pterélas;</p>	<p>Que fará? Voltar deve aos régios paços?  Entre as matas sumir-se? Extremos ambos;  um lho veda o temor, outro a vergonha.  Enquanto assim vacila, os cães o avistam.  Ladrando dá sinal primeiro aos outros  Melampo, e logo Icnóbate, o previsto,  filho de Esparta aquele, este de Creta.  Após eles, velozes como o vento,  ruem todos os mais, precipitados:  Dorceu; Pânfago; Oríbaso, da Arcádia,  Nebrófono valente; o carrancudo  Téron; Lélape; o rápido Pterelas;</p>	<p>255</p> <p>260</p>
}fl.109{ {fl.13}	{fl.13}	
<p>Agre, de astuto faro; Hyleu raivoso,  de infesto javalí recém-ferido;  prole de lobo, Nape; de rebanhos  guarda, Peméne; Harpya, com dois filhos;  o Sycónio Ladôn, de ilhaes estreitos;  Dromas, Cánace, Sticte, e Tigre, e Alce;  Leucôn, de branco pêllo, Ásbolo escuro;  Lacôn membrudo; corredor Aélo;  Thóo; com Cyprio a leve irman Lycisca;</p>	<p>Agre, de astuto faro; Hileu raivoso,  de infesto javali recém-ferido;  prole de lobo, Nape; de rebanhos  guarda, Pemene; Harpia, com dois filhos;  o sicônio Ladon, de ilhais estreitos;  Dromas, Cánace, Esticte, e Tigre, e Alce;  Leucon, de branco pelo, Ásbolo escuro;  Lacon membrudo; corredor Aelo;  Too; com Cíprio a leve irmã Licisca;</p>	<p>265</p> <p>270</p>

Háspalo, de alva estrella em fronte negra;  
Láchne felpuda; Melaneu; e os, filhos  
de genitor Dicteu, de mãe Lacónia,  
Labro, Agríodo, Hilactôr de voz aguda,  
e os mais, que referir sería enfado.

Com a avidez da prêza partem, trotam  
por penhas, rochas, lapas inacessas,  
já por onde o caminho é mais fragoso,  
já por onde o não ha. Lá vai, lá foge  
perseguido o que ha pouco perseguia;  
sitios onde venceu lá deixa em fuga;  
acóssam-n-o os que á voz lhe obedeciam.

Desejava gritar “Sou eu, deixae-me,  
“sou Acteôn, fugi, sou dono vosso”;

}fl.110{ {fl.14}

falta ao desejo a lingua. Estruge os ares  
confusão de ladridos; Melanchétes  
lhe enceta o dorso com os fulmíneos dentes,  
logo depois Therídamas; na espádoa  
eis o aferra Oresítropho; valeu-lhes,  
tendo sahido apóz, seguir o atalho;  
todos tres o reteem; dão tempo aos outros  
que cheguem, que o misérrimo lacérem.  
Já fallece <o> logar para feridas;  
elle geme, elle uns sons piedosos lança,  
que, se de homem não são, não são de cervo;  
elle aquelles oiteiros conhecidos  
com queixumes tristissimos quebranta.  
De joelhos cahindo, em acto humilde,  
como quem pede amparo, em torno gira,  
em vez de braços, consternados olhos.  
Os socios com os apupos do costume  
mais açulam a cáfila bravia;  
com a vista Acteôn procuram; nescios,  
nescios bradam por elle em van porfia.

Háspalo, de alva estrela em fronte negra;  
Lacne felpuda; Melaneu; e os, filhos  
de genitor Dicteu, de mãe lacônia,  
Labro, Agriodo, Hilactor de voz aguda,  
e os mais, que referir seria enfado.

Com a avidez da presa partem, trotam  
por penhas, rochas, lapas inacessas,  
já por onde o caminho é mais fragoso,  
já por onde o não há. Lá vai, lá foge  
perseguido o que há pouco perseguia;  
sítios onde venceu lá deixa em fuga;  
acossam-no os que à voz lhe obedeciam.

Desejava gritar “Sou eu, deixai-me,  
sou Acteon, fugi, sou dono vosso”;

{fl.14}

falta ao desejo a língua. Estruge os ares  
confusão de ladridos; Melanquetes  
lhe enceta o dorso com os fulmíneos dentes,  
logo depois Terídamas; na espádua  
eis o aferra Oresítrofo; valeu-lhes,  
tendo saído após, seguir o atalho;  
todos três o retêm; dão tempo aos outros  
que cheguem, que o misérrimo lacerem.  
Já falece lugar para feridas;  
ele geme, ele uns sons piedosos lança,  
que, se de homem não são, não são de cervo;  
ele aqueles oiteiros conhecidos  
com queixumes tristíssimos quebranta.  
De joelhos caindo, em ato humilde,  
como quem pede amparo, em torno gira,  
em vez de braços, consternados olhos.  
Os sócios com os apupos do costume  
mais açulam a cáfila bravia;  
com a vista Acteon procuram; néscios,  
néscios bradam por ele em vã porfia.



Quantas vezes seu nome o triste escuta,  
tantas revira a languida cabeça;  
ouve-os queixar-se de que ausente, ocioso,  
gozar não venha da off' recida prêza.

}fl.111{ {fl.15}

¿Ausente? ¡ah! ¡pelo estar que não daria!  
¡que não daria por poder, como antes,  
ver (não sentir) de seus mastins a audácia!  
Rodeiam-n-o, esmordaçam-n-o, retalham  
sob o falso veado o antigo dono.

\*

Diz-se, que só depois que em tanta angústia  
o espirito rendeu, ficou sedado  
da armígera Latónia o cru despeito.

<\*>/III\

Discrepam sobre o caso os sentimentos:  
uns, a estranham de nimia crueldade;  
das virgens digna deusa a aclamam outros,  
e todos em rasões seus ditos fundam.  
Só de Jove a consorte se não toma  
com arguir, ou louvar: harto deleite  
lhe é ver tal luto na Agenórea estirpe,  
pois com a Tyria rival lhe odeia a raça.  
Acresce ao odio antigo injúria nova:  
Seméle está de Jupiter pejada;  
sabe-o, e desata em cólera taes vozes:

\*

– “¿Que hão válido até hoje os meus enfados?  
“Buscal-a irei; e ou ficarei perdida,

}fl.112{ {fl.16}

“ou eu não serei Juno, a excelsa, a digna  
“do gemmífero sceptro, a irman e a esposa  
“de Jove. Sua irman sou eu por certo;  
“mas... ¡se quanto ella ha feito não passasse

Quantas vezes seu nome o triste escuta,  
tantas revira a lânguida cabeça;  
ouve-os queixar-se de que ausente, ocioso,  
gozar não venha da of' recida presa.

{fl.15}

Ausente? Ah! Pelo estar que não daria! 310  
Que não daria por poder, como antes,  
ver (não sentir) de seus mastins a audácia!  
Rodeiam-no, esmordaçam-no, retalham  
sob o falso veado o antigo dono.

\*

Diz-se, que só depois que em tanta angústia 315  
o espírito rendeu, ficou sedado  
da armígera Latônia o cru despeito.

III

Discrepam sobre o caso os sentimentos:  
uns, a estranham de nímia crueldade;  
das virgens digna deusa a aclamam outros, 320  
e todos em razões seus ditos fundam.

Só de Jove a consorte se não toma  
com arguir, ou louvar: harto deleite  
lhe é ver tal luto na Agenórea estirpe,  
pois com a Tíria rival lhe odeia a raça. 325

Acresce ao ódio antigo injúria nova:  
Semele está de Júpiter pejada;  
sabe-o, e desata em cólera tais vozes:

\*

— Que hão valido até hoje os meus enfados?  
Buscá-la irei; e ou ficarei perdida, 330

{fl.16}

ou eu não serei Juno, a excelsa, a digna  
do gemífero cetro, a irmã e a esposa  
de Jove. Sua irmã sou eu por certo;  
mas... se quanto ela há feito não passasse

“de um transvívio fugaz, injúria leve,  
 “que não irrogue ao thálaro desdoiro?!  
 “Não; concebeu; jinda isto me faltava!  
 “patente o crime traz; logra um indulto,  
 “meu só, e uma só vez de mim logrado.  
 “Ser por Jupiter mãe presume e espera;  
 “jtanto a cega, insensata, a formosura!  
 “mas farei que a vaidade a precipíte.  
 “Eu não seja Saturnia, se na Estyge  
 “Jove mesmo, o seu Jove, a não despenha.”

\*

Cala; surge do throno; em loira nuvem  
 se envolve, e de Seméle ao atrio desce;  
 nem seu aéreo invólucro dissipa  
 em quanto dentro se não muda em velha,  
 toda can<s>, tez rugosa, as costas curvas,  
 frouxos os passos, trémulos os membros,  
 e velha até na voz; é Béroe, Béroe,  
 a do Epidauro, a ama de Seméle.

\*

}fl.113{ {fl.17}

\*

Travada entre ellas prática, passou-se  
 de discurso em discurso, até que veio  
 a se falar de Jove; então suspira,  
 e – “jOxalá – diz – que o nosso amante o seja!  
 “mas... ¿quem sabe? eu de tudo desconfio;  
 “jquantos não ha, que deuses se teem feito  
 “para zombar da honra! Filha, filha,  
 “o dizer Eu sou Jove é coisa facil;  
 “se o é, ¿por que o não prova <?>, e não te offrece  
 “de seu divino amor seguro abono?  
 “Quão grande, e qual nos ceos se abraça a Juno,  
 “tal e tão grande a teus abraços venha,  
 “e mostre, antes do affecto, a majestade.” –

de um transvívio fugaz, injúria leve, 335  
 que não irrogue ao tálamo desdoiro?!  
 Não; concebeu; inda isto me faltava!  
 patente o crime traz; logra um indulto,  
 meu só, e uma só vez de mim logrado.  
 Ser por Júpiter mãe presume e espera; 340  
 tanto a cega, insensata, a formosura!  
 Mas farei que a vaidade a precipite.  
 Eu não seja Satúrnia, se na Estige  
 Jove mesmo, o seu Jove, a não despenha. —

\*

Cala; surge do trono; em loira nuvem 345  
 se envolve, e de Semele ao átrio desce;  
 nem seu aéreo invólucro dissipa  
 enquanto dentro se não muda em velha,  
 toda cã, tez rugosa, as costas curvas,  
 frouxos os passos, trémulos os membros, 350  
 e velha até na voz; é Béroe, Béroe,  
 a do Epidauro, a ama de Semele.

\*

{fl.17}

\*

Travada entre elas prática, passou-se  
 de discurso em discurso, até que veio  
 a se falar de Jove; então suspira, 355  
 e “Oxalá – diz – que o nosso amante o seja!  
 Mas... quem sabe? Eu de tudo desconfio;  
 quantos não há, que deuses se têm feito  
 para zombar da honra! Filha, filha,  
 o dizer ‘Eu sou Jove’ é coisa fácil; 360  
 se o é, por que o não prova, e não te ofrece  
 de seu divino amor seguro abono?  
 Quão grande, e qual nos céus se abraça a Juno,  
 tal e tão grande a teus abraços venha,  
 e mostre, antes do afeto, a majestade.” 365

\*

Assim pois doutrinada, a não cuidosa  
filha de Cadmo a Jupiter supplíca  
um don, sem dizer qual.

– “Escolhe, e fala –  
responde o deus; – “não soffrerás repulsa;  
“para maior certeza, aqui te invoco,  
“divindade fatal do Estygio lago,  
“temor dos Immortaes, nume dos numes.” –

\*

Contente com seu mal, forte em seu damno,

}fl.114{ {fl.18}

Seméle, a quem o amor vai dar a morte,  
– “Qual te recebe entre seus braços Juno, –  
lhe diz – “quando o praser vos chama ao tóro,  
“tal te gose eu tambem.” –

Tapar-lhe os labios

quiz o deus; foi já tarde; ouviu-se o rogo.  
Geme, pois é já agora impraticavel  
não ter ella escolhido, elle jurado;  
tristissimo portanto aos ceos remonta.  
Junta as nuvens, que a acenos lhe obedecem,  
ventos, trovões, relâmpagos, chuueiros,  
e o raio emfim, o raio inevitavel.

Mas, quanto pode, apouca as proprias fôrças;  
o corisco não quer com que assolára  
a TYPHEU centimâno; outro ha mais leve,  
que em menos feridade, em menos ira,  
em menor fôgo, os Cyclopes temperam;  
chamam-lhe os deuses secundarios tiros.  
Tomou-o, e da Agenórea aos lares baixa.

\*

Do Rei do Olympo ao turbido aparato  
cede o corpo mortal da sem-ventura.

\*

Assim pois doutrinada, a não cuidosa  
filha de Cadmo a Júpiter suplica  
um dom, sem dizer qual.

— Escolhe, e fala –  
responde o deus – não soffrerás repulsa;  
para maior certeza, aqui te invoco,  
divindade fatal do Estígio lago,  
temor dos imortais, nume dos numes. —

\*

Contente com seu mal, forte em seu dano,

{fl.18}

Semele, a quem o amor vai dar a morte,  
“Qual te recebe entre seus braços Juno, –  
lhe diz – quando o prazer vos chama ao toro,  
tal te goze eu também.”

Tapar-lhe os lábios

quis o deus; foi já tarde; ouviu-se o rogo.  
Geme, pois é já agora impraticável  
não ter ela escolhido, ele jurado; 380  
tristíssimo portanto aos céus remonta.

Junta as nuvens, que a acenos lhe obedecem,  
ventos, trovões, relâmpagos, chuueiros,  
e o raio enfim, o raio inevitável.  
Mas, quanto pode, apouca as próprias forças; 385  
o corisco não quer com que assolara  
a Tifeu centimano; outro há mais leve,  
que em menos feridade, em menos ira,  
em menor fogo, os Ciclopes temperam;  
chamam-lhe os deuses “secundários tiros”. 390  
Tomou-o, e da Agenórea aos lares baixa.

\*

Do rei do Olimpo ao túrbido aparato  
cede o corpo mortal da sem-ventura.

com o dote conjugal tornado cinzas.

}fl.115{ {fl.19}

Feto immaturo do materno ventre  
se extrai; na patria côxa (se devemos  
na fama acreditar) seu pae o insére,  
e ali da gravidez lhe preenche as luas.  
Ino, irman de Seméle, ás escondidas  
deu-lhe os cuidados das primeiras faixas.  
Logo as nymphas Nyseides o occultaram,  
e o nutriram com leite em suas grutas.

<\*>/IV\

Ao tempo que no mundo estes successos  
vão por lei do Destino, e em paz segura  
do binascido Baccho a infancia medra,  
contam que Jove um dia, ébrio de néctar,  
desapressado dos Reaes cuidados,  
com sua Juno ociosa gracejava,  
e assim dissera:

– “Á fé, que a mór delicia

“em transportes de amor, a haveis vós outras,  
“que não nós.” –

Nega a deusa; ambos ateimam;

querem ambos por árbitro a Tirésias,  
n’um e n’outro praser exp’rimentado.

\*

Fôra o caso, que um dia, em verde moita

}fl.116{ {fl.20}

duas serpes topando, entrelaçados  
em mútuo gôso os corpos desconformes,  
rijo bordão lhes assentára; e logo  
(¡que espanto!) de varão tornado em fêmea,  
por espaço o ficou de outonos sete.  
Volve a vel-as no oitavo, e diz:

com o dote conjugal tornado cinzas.

{fl.19}

Feto imaturo do materno ventre 395  
se extrai; na pátria coxa (se devemos  
na fama acreditar) seu pai o insere,  
e ali da gravidez lhe preenche as luas.  
Ino, irmã de Semele, às escondidas  
deu-lhe os cuidados das primeiras faixas. 400  
Logo as ninfas Niseides o occultaram,  
e o nutriram com leite em suas grutas.

IV

Ao tempo que no mundo estes successos  
vão por lei do destino, e em paz segura  
do binascido Baco a infância medra, 405  
contam que Jove um dia, ébrio de néctar,  
desapressado dos reais cuidados,  
com sua Juno ociosa gracejava,  
e assim dissera:

— À fé, que a mor delícia

em transportes de amor, a haveis vós outras, 410  
que não nós. —

Nega a deusa; ambos ateimam;

querem ambos por árbitro a Tirésias,  
num e noutro prazer exp’rimentado.

\*

Fora o caso, que um dia, em verde moita

{fl.20}

duas serpes topando, entrelaçados 415  
em mútuo gozo os corpos desconformes,  
rijo bordão lhes assentara; e logo  
(que espanto!) de varão tornado em fêmea,  
por espaço o ficou de outonos sete.  
Volve a vê-las no oitavo, e diz:

– “Se é tanto	— Se é tanto	420
<p>“o efeito de ferir-vos, que transmuda  “o sexo a quem vos fere, a acção renóvo.” –  Eis as fere, eis reverte ao ser antigo.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>o efeito de ferir-vos, que transmuda  o sexo a quem vos fere, a ação renovo. —  Eis as fere, eis reverte ao ser antigo.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	
<p>Juiz Tirésias na questão jocosa,  sentenciou por Jove. Além do justo,  e mais do que a materia requeria,  se diz tomára Juno o caso a peito,  dando em pena ao juiz cegueira eterna.  Mas o supremo Padre (obras de um nume  nenhum outro as desmancha) em vez dos ólhos  deu-lhe a sciencia, que o porvir &lt;desterra&gt;  [↑descerra];  indulto honroso, que o seu mal console.</p> <p style="text-align: center;">&lt;*&gt;/V\</p> <p>Já célebre é seu nome em toda a Grecia,  e os povos como oráculo o consultam.</p>	<p>Juiz Tirésias na questão jocosa,  sentenciou por Jove. Além do justo,  e mais do que a matéria requeria,  se diz tomara Juno o caso a peito,  dando em pena ao juiz cegueira eterna.  Mas o supremo padre (obras de um nume  nenhum outro as desmancha) em vez dos olhos  deu-lhe a ciência, que o porvir descerra;  indulto honroso, que o seu mal console.</p> <p style="text-align: center;">V</p> <p>Já célebre é seu nome em toda a Grécia,  e os povos como oráculo o consultam.</p>	425
}fl.117{ {fl.21}	{fl.21}	
<p>A primeira, que amarga experiencia  fez dos agoiros seus, foi a formosa  filha do mar Liríope. Innocente  deixára-se enredar pelo Cephiso;  desvairada com os giros da torrente,  cahira-lhe nas mãos, e em sua gruta  às violencias de amor cedeu forçada.  Tal mãe, tal filho; tão formoso a lume  vem o seu, que já nymphas enamora;  chama-o Narciso. O vate, consultado  se o menino encheria idade annosa,  – “Se não se conhecer” – á mãe responde.  Van pareceu grão tempo a prophecia;  o successo, a estranheza da loucura,  e o genero da morte, a comprovaram.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>A primeira, que amarga experiência  fez dos agoiros seus, foi a formosa  filha do mar Liríope. Inocente  deixara-se enredar pelo Cefiso;  desvairada com os giros da torrente,  caíra-lhe nas mãos, e em sua gruta  às violências de amor cedeu forçada.  Tal mãe, tal filho; tão formoso a lume  vem o seu, que já ninfas enamora;  chama-o Narciso. O vate, consultado  se o menino encheria idade anosa,  “Se não se conhecer” – à mãe responde.  Vã pareceu grão tempo a profecia;  o sucesso, a estranheza da loucura,  e o gênero da morte, a comprovaram.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	435
		440
		445

Conta um anno o Cephísio apóz tres lustros;  
adolescencia e infancia amostra unidas.  
Mancebos mil, mil bellas, o requestam;  
mas tal vai de altivez com a formosura,  
que nenhum, que nenhuma, obtem logral-o

\*

No monte o vira, os trépidos veados

}fl.118{ {fl.22}

lésto andar contra as redes acoçando,  
Ecco, a nympha loquaz, a que não pode  
falar primeiro, nem calar-se ouvindo.  
Inda então era corpo, e não (como hoje)  
simples aérea voz; da voz contudo  
tinha, qual tem, restricta faculdade,  
só de expressões finaes compondo as suas;  
déra-lh'o Juno em pena; que, podendo  
apanhar com o seu Jupiter mil vezes  
outras nymphas no monte, esta parlando  
a entretinha, a dar tempo a que fugissem.  
Mal que advertiu na astucia, a deusa irada  
– “Pouco – lhe diz – “te servirás da lingua  
“com que ousaste enganar-me.” –

Efeito pronto

a ameaça confirmou. Ecco entretanto,  
sempre á caça de sons, repete-os logo,  
e impaciente no fim redobra as phrases.

\*

Esta pois, desde a hora em que lh'o as brenhas  
depararam, tão lindo e tão fragueiro,  
namorada lhe segue a furto os passos;  
e como, se do fogo se avizinha,  
pronta sulfúrea toda assume o fogo,

Conta um ano o Cefíso após três lustros;  
adolescência e infância amostra unidas.  
Mancebos mil, mil belas, o requestam;  
mas tal vai de altivez com a formosura,  
que nenhum, que nenhuma, obtém lográ-lo

\*

No monte o vira, os trépidos veados

{fl.22}

lesto andar contra as redes acoçando,  
Eco, a ninfa loquaz, a que não pode  
falar primeiro, nem calar-se ouvindo.  
Inda então era corpo, e não (como hoje)  
simples aérea voz; da voz contudo  
tinha, qual tem, restrita faculdade,  
só de expressões finais compondo as suas;  
dera-lho Juno em pena; que, podendo  
apanhar com o seu Júpiter mil vezes  
outras ninfas no monte, esta parlando  
a entretinha, a dar tempo a que fugissem.  
Mal que advertiu na astúcia, a deusa irada  
“Pouco – lhe diz – te servirás da língua  
com que ousaste enganar-me.”

Efeito pronto

a ameaça confirmou. Eco entretanto,  
sempre à caça de sons, repete-os logo,  
e impaciente no fim redobra as frases.

\*

Esta pois, desde a hora em que lho as brenhas  
depararam, tão lindo e tão fragueiro,  
namorada lhe segue a furto os passos;  
e como, se do fogo se avizinha,  
pronta sulfúrea toda assume o fogo,

450

455

460

465

470

475

}fl.119{ {fl.23}

{fl.23}

assim, quanto mais proxima o rastreia,  
mais se inflamma e se perde.

\*

assim, quanto mais próxima o rastreia,  
mais se inflama e se perde.

\*

;Oh! ;que de vezes

Oh! Que de vezes

não traçou acercar-se-lhe maviosa,  
meiga implorar mercê! ;Mas como? ;ai triste!  
;como, se o romper <phrases>/falas\ lhe é vedado?  
Resta-lhe um bem, só um, que anciosa espera:  
escutar, repetir do amado as vozes,  
juntando á phrase alheia o tom do affecto.  
Dos socios seus na caça extraviado,  
Narciso brada:

– “;Ola! ;ninguem me escuta?” –

Elle pasma; em redor estira os olhos,  
e não vendo ninguem,

– “Vem cá” – lhe grita.

Convite egual ao seu da parte d’ella.  
Volta-se, nada vê.

– “;Por que me foges?” –

clama.

– ;“Por que me foges?” – lhe respondem.

}fl.120{ {fl.24}

{fl.24}

Da tua mútua voz deluso, insiste ainda:

– “Juntemo-nos aqui.” –

Phrase mais doce,

nem lh’a espera, nem quer; delira, logo  
– “Juntemo-nos aqui” – voseia em ancias  
de o pôr por obra. Da espessura rompe,  
vem de braços abertos, anhelando  
tão suspirado objecto alfim colhel-o;  
elle foge; fugindo illude o abraço,  
e

– “Antes – diz – “morrerei, que amor nos una.” –

Da tua mútua voz deluso, insiste ainda:

— Juntemo-nos aqui. —

Frase mais doce,

nem lha espera, nem quer; delira, logo  
“Juntemo-nos aqui” – voseia em ânsias  
de o pôr por obra. Da espessura rompe,  
vem de braços abertos, anelando  
tão suspirado objeto alfim colhê-lo;  
ele foge; fugindo ilude o abraço,  
e

— Antes – diz – morrerei, que amor nos una. —

Ella, immovel, com a vista o vai seguindo,  
e ao que ouviu só responde:

– “Amor nos una.” –

\*

Corrida do desprezo, entre as florestas  
a amavel solitaria se homisía,  
escondendo o rubor entre as ramadas,  
e desde então só vive em grutas êrmas.  
Inda comtudo lá lhe está lavrando  
o amor, e mais acezo com a repulsa;  
cuidados veladores a atenuam;  
mirra-se mais e mais de dia em dia;

}fl.121{ {fl.25}

todo o corpóreo humor se lhe evapora;  
restam-lhe ossos, e voz; a voz, conserva-a;  
os ossos (diz-se) em pedras se mudaram.  
Por isso está nos bosques invisível,  
em nenhum monte a vêem, ouvem-n-a [↑em] todos;  
de viva, afora o som, não tem mais nada.

\*

Assim, já d’esta nymphá, e de outras muitas,  
oréades e dryades, não menos  
que de amores virís zombado havia.  
Mas houve d’essas victimas alguma,  
que pondo as mãos bradou:

– “Qual amo, ó deuses,

“ame, e os prémios que dá, seus prémios sejam.” –

Às justas preces annui Rhamnúsia.

\*

Sem limos, toda esplendida, manava  
fonte argêntea, onde nunca os pegureiros,  
nunca do monte as cabras repastadas,  
nem outra qualquer grei, jamais desceram;  
ave alguma o crystal lhe não turbára,

Ela, imóvel, com a vista o vai seguindo,  
e ao que ouviu só responde:

— Amor nos una. —

\*

Corrida do desprezo, entre as florestas  
a amável solitária se homizia, 505  
escondendo o rubor entre as ramadas,  
e desde então só vive em grutas ermas.  
Inda contudo lá lhe está lavrando  
o amor, e mais acezo com a repulsa;  
cuidados veladores a atenuam; 510  
mirra-se mais e mais de dia em dia;

{fl.25}

todo o corpóreo humor se lhe evapora;  
restam-lhe ossos, e voz; a voz, conserva-a;  
os ossos (diz-se) em pedras se mudaram.  
Por isso está nos bosques invisível, 515  
em nenhum monte a veem, ouvem-na em todos;  
de viva, afora o som, não tem mais nada.

\*

Assim, já desta ninfa, e de outras muitas,  
oréades e dríades, não menos  
que de amores viris zombado havia. 520  
Mas houve dessas vítimas alguma,  
que pondo as mãos bradou:

— Qual amo, ó deuses,

ame, e os prêmios que dá, seus prêmios sejam. —

Às justas preces anuiu Ramnúsia.

\*

Sem limos, toda esplêndida, manava 525  
fonte argêntea, onde nunca os pegureiros,  
nunca do monte as cabras repastadas,  
nem outra qualquer grei, jamais desceram;  
ave alguma o cristal lhe não turbara,



nem fera, nem caduca arbórea rama.  
Com seu frescôr em torno se lhe alastra  
molle tapete hervoso, e a cingem bosques,

}fl.122{ {fl.26}

do lago contra os soes perenne escudo.  
Da belleza do sitio, e do saudoso  
murmúrio captivado, aqui chegava,  
da calma e do caçar oppresso, o jovem.  
Deitou-se; e onde cuidou matar a sêde,  
outra mais forte achou. Como bebia,  
viu-se n'água; enlevou-se em tantas graças;  
julga corpo o que é sombra; a sombra adora.  
Immóvel, fito, como Páριο busto,  
pela pasmada sombra está pasmado.  
Debruçado contempla aquelles olhos  
astros seus, alvas mãos dignas de Baccho,  
madeixas que ás de Apollo em nada invejam,  
faces imberbes, collo ebúrneo, bôcca  
linda, estreita; no lyrio a côr das rosas;  
admira tudo, enfim, que admiram n'elle.  
Louco por si, recebe os seus louvores,  
arde, inflamma, requesta, é requestado.  
;Que beijos vãos nas aguas mentirosas!  
;que abraços dentro n'ellas mallogrados!  
N'aquillo que está vendo não atina,  
mas de amor o consume o que está vendo.  
O êrro que lh'os seduz, lhe incita os olhos.  
Nescio, deixa essa imagem fugitiva;

}fl.123{ {fl.27}

nenhuma parte encerra o que procuras;  
sae; perderás n'um ponto o objecto que amas;  
nada tem de seu proprio, é teu reflexo;  
contigo vem, contigo está; contigo,  
se te pudesses ir, tambem iria.

nem fera, nem caduca arbórea rama.  
Com seu frescor em torno se lhe alastra  
mole tapete ervoso, e a cingem bosques,

{fl.26}

do lago contra os sóis perene escudo.  
Da beleza do sítio, e do saudoso  
murmúrio cativado, aqui chegava, 535  
da calma e do caçar oppresso, o jovem.  
Deitou-se; e onde cuidou matar a sede,  
outra mais forte achou. Como bebia,  
viu-se n'água; enlevou-se em tantas graças;  
julga corpo o que é sombra; a sombra adora. 540  
Imóvel, fito, como Páριο busto,  
pela pasmada sombra está pasmado.  
Debruçado contempla aqueles olhos  
astros seus, alvas mãos dignas de Baco,  
madeixas que às de Apolo em nada invejam, 545  
faces imberbes, colo ebúrneo, boca  
linda, estreita; no lírio a cor das rosas;  
admira tudo, enfim, que admiram nele.  
Louco por si, recebe os seus louvores,  
arde, inflama, requesta, é requestado. 550  
Que beijos vãos nas águas mentirosas!  
Que abraços dentro nelas mallogrados!  
Naquillo que está vendo não atina,  
mas de amor o consome o que está vendo. 555  
O erro que lhos seduz, lhe incita os olhos.  
Néscio, deixa essa imagem fugitiva;

{fl.27}

nenhuma parte encerra o que procuras;  
sai; perderás num ponto o objeto que amas;  
nada tem de seu próprio, é teu reflexo;  
consigo vem, consigo está; contigo, 560  
se te pudesses ir, também iria.

Em vão: sustento e somno, esqueceu tudo;  
estirado na relva opaca e fria,  
não se farta de olhar seu falso enlêvo,  
e pelos olhos seus de amor se fina.

\*

Levantando-se um pouco, e alçando os braços  
aos bosques do arredor,

– “¡Ai! – disse – ó bosques,

“¿houve jamais tão barbaros amores?  
“vós sabeis de bastantes, vós lhe déstes  
“n’esta tácita sombra amigo amparo;  
“vós contaís longos seculos; ¡ah, bosques!  
“¿houve nunca infeliz que assim morresse?!  
“Vejo, amo, e não encontro o que amo e vejo;  
“tanto onde entrou paixão reinam delirios.  
“Por cúmulo de dor, quem nos aparta  
“não é profuso mar, caminhos longos,  
“ou fechada muralha, ou crêspas serras,

}fl.124{ {fl.28}

“mas pobre fonte apenas. Elle mesmo  
“quer vir, quer dar-se a mim; surge a beijar-me,  
“todas as vezes que a beijal-o eu desço;  
“quasi, quasi que os labios se nos tocam;  
“um nada a amor estorva. ¡Oh! sae da fonte,  
“quem quer que sejas, singular menino;  
“não zombes d’este ardor mais longo tempo.  
“Tu por que has-de esquivar-me? a idade minha,  
“a minha formosura, o não merecem;  
“¡oh que não! que até nymphas me requebram.  
“Não sei que esp’rança meiga me está dando  
“esse aspecto benigno. Quando os braços  
“te lanço, tu m’os lanças; ris se eu rio;  
“¿chóro? vejo-te em lagrimas; teus olhos  
“sempre á phrase dos meus fieis respondem;  
“e a crer da linda bôcca os movimentos,

Em vão: sustento e sono, esqueceu tudo;  
estirado na relva opaca e fria,  
não se farta de olhar seu falso enlevo,  
e pelos olhos seus de amor se fina.

\*

Levantando-se um pouco, e alçando os braços  
aos bosques do arredor,

— Ai! – disse – ó bosques,

houve jamais tão bárbaros amores?  
Vós sabeis de bastantes, vós lhe destes  
nesta tácita sombra amigo amparo;  
vós contaís longos séculos; ah, bosques!  
Houve nunca infeliz que assim morresse?!  
Vejo, amo, e não encontro o que amo e vejo;  
tanto onde entrou paixão reinam delirios.  
Por cúmulo de dor, quem nos aparta  
não é profuso mar, caminhos longos,  
ou fechada muralha, ou crespas serras,

{fl.28}

mas pobre fonte apenas. Ele mesmo  
quer vir, quer dar-se a mim; surge a beijar-me,  
todas as vezes que a beijá-lo eu desço;  
quase, quase que os lábios se nos tocam;  
um nada a amor estorva. Oh! Sai da fonte,  
quem quer que sejas, singular menino;  
não zombes deste ardor mais longo tempo.  
Tu por que hás de esquivar-me? A idade minha,  
a minha formosura, o não merecem;  
oh que não! Que até ninfas me requebram.  
Não sei que esp’rança meiga me está dando  
esse aspecto benigno. Quando os braços  
te lanço, tu mos lanças; ris se eu rio;  
choro? Vejo-te em lágrimas; teus olhos  
sempre à frase dos meus fiéis respondem;  
e a crer da linda boca os movimentos,

“diriges-me expressões, que ouvir não posso.  
 “-----  
 “Deuses, ¡que horrível luz! sou elle eu mesmo;  
 “este o semblante meu; por mim me abraço,  
 “e o fogo em que me abraço eu proprio ateio.  
 “¿Que farei? ¿supplicar? ¿ser supplicado?  
 “¿como, se o que desejo está comigo?!

diriges-me expressões, que ouvir não posso.  
 -----  
 Deuses, que horrível luz! Sou ele eu mesmo; 595  
 este o semblante meu; por mim me abraço,  
 e o fogo em que me abraço eu próprio ateio.  
 Que farei? Suplicar? Ser supplicado?  
 Como, se o que desejo está comigo?!

}fl.123{ {fl.29}

{fl.29}

“¡Não poder eu soltar-me de mim mesmo!!..  
 “¡Oh de um extranho amor desejo extranho!  
 “¡Amar, e querer longe o objecto amado!..  
 “Já, já sinto que a dor me exhaure as fôrças;  
 “já toco a meta; em minha aurora expiro.  
 “Não me custa por mim, que atalho angústias;  
 “quizerá, sim, mais vida ao bem que adoro;  
 “assim n’uma só alma os dois morremos.” —

Não poder eu soltar-me de mim mesmo!!..  
 Oh, de um estranho amor desejo extranho!  
 Amar, e querer longe o objeto amado!..  
 Já, já sinto que a dor me exaure as forças;  
 já toco a meta; em minha aurora expiro. 605  
 Não me custa por mim, que atalho angústias;  
 quisera, sim, mais vida ao bem que adoro;  
 assim numa só alma os dois morremos. —

\*

\*

Diz, e torna em delirio ao seu retrato.  
 Eis que ferventes lagrimas perturbam  
 do lago o espelho, e em círculos desfeita  
 a lustrosa visão lhe vai fugindo.  
 Então elle:

Diz, e torna em delírio ao seu retrato.  
 Eis que ferventes lágrimas perturbam 610  
 do lago o espelho, e em círculos desfeita  
 a lustrosa visão lhe vai fugindo.  
 Então ele:

— “¿Onde vais? detém-te, fica;

— Aonde vais? Detém-te, fica;

“de amor não fujas, barbaro; consente  
 “que sequer veja o que abraçar não posso;  
 “á funesta paixão dá pasto ao menos.” —

de amor não fujas, bárbaro; consente 615  
 que sequer veja o que abraçar não posso;  
 à funesta paixão dá pasto ao menos. —

\*

\*

Afflicto, de alto a baixo arranca as vestes,  
 e fere o peito nu com as mãos de jaspe.  
 No peito assim ferido um ténue rôxo  
 se acendeu. Tal costuma apresentar-se  
 pomo, candido em parte, em parte rubro;  
 taes em cacho immaturo purpureia

Aflito, de alto a baixo arranca as vestes,  
 e fere o peito nu com as mãos de jaspe.  
 No peito assim ferido um ténue roxo 620  
 se acendeu. Tal costuma apresentar-se  
 pomo, cândido em parte, em parte rubro;  
 tais em cacho imaturo purpureia

	}fl.126{ {fl.30}	{fl.30}
alvos bagos o sol.	*	alvos bagos o sol.
	*	
Notando n'agua		Notando n'água
novamente espelhada o mesmo dâmnno,		novamente espelhada o mesmo dano,
não poude mais. Bem como, ao leve fogo		não pôde mais. Bem como, ao leve fogo
loira cera se funde, e ao sol temp'rado		loira cera se funde, e ao sol temp'rado
de geosa manhan se esfaz o aljôfar,		de geosa manhã se esfaz o aljôfar,
do terno occulto incendio devorado		do terno oculto incêndio devorado
Narciso se desgosta, se atenúa;		Narciso se desgosta, se atenua;
a mixta côr da púrpura e da neve		a mista cor da púrpura e da neve
já se esvaiu; sumiram-se com ella		já se esvaiu; sumiram-se com ela
fôrças, vigor, encanto, o proprio corpo,		forças, vigor, encanto, o próprio corpo,
de Ecco inda ha pouco enleio...		de Eco inda há pouco enleio...
	*	
Esta, comtudo,		Esta, contudo,
bem que não lhe ha passado a injúria acerba,		bem que não lhe há passado a injúria acerba,
de amor vendo a catástrophe carpiu-a.		de amor vendo a catástrofe carpiu-a.
Quantas vezes o joven miserando		Quantas vezes o jovem miserando
soltára um ai, com ais lhe respondêra;		soltara um ai, com ais lhe respondera;
quantas vezes com as mãos feria os braços,		quantas vezes com as mãos feria os braços,
déra eguaes sons de lá. Foi de Narciso		dera iguais sons de lá. Foi de Narciso
a derradeira phrase olhando o lago		a derradeira frase olhando o lago
“¡Ai moço amado em vão!”; foi na floresta		“Ai moço amado em vão!”; foi na floresta
queixume equal a phrase derradeira.		queixume igual a frase derradeira.
	}fl.127{ {fl.31}	{fl.31}
“¡Adeus!” disse o mancebo; “¡Adeus!” a nympha.		“Adeus!” disse o mancebo; “Adeus!” a ninfa.
Apóz isto, entre a gramma a lassa fronte		Após isto, entre a grama a lassa fronte
o misero sumiu, cerrando a morte		o mísero sumiu, cerrando a morte
olhos não fartos de gosar seu dono,		olhos não fartos de gozar seu dono,
que inda o lá foram remirar na Estyge.		que inda o lá foram remirar na Estige.
	*	
	*	
Suas irmans as Náias o choraram;		Suas irmãs as Naias o choraram;
e cortando as madeixas lh'as poseram		e cortando as madeixas lhas puseram

em tributo de dor; choraram Drias,  
 e Ecco seus chóros repetiu chorando.  
 Já fachos, pyra, e féretro dispunham,  
 quando, em lugar do corpo, acham no sitio  
 uma flor, cróceo o ôlho, as folhas alvas.

<\*/VI\

Grão fama déra ao Vate este successo  
 pelos povos da Acháia. O Echiônio, o impio  
 de numes zombador, Pentheu, só, ousa  
 rir d'elle, e dos prophéticos annuncios,  
 e da escura cegueira o mal lhe exprobra.  
 Meneando a cabeça encanecida,  
 – “Quão feliz eras tu, – responde o velho –  
 “se da luz, como eu fui, privado fosses  
 “para não vêres Bacchicos mysterios!  
 “porque um dia virá, que não vem longe,

}fl.128{ {fl.32}

“em que Líbero, o filho de Seméle  
 “tem de entrar novo nume em teus dominios;  
 “e se de honral-o em templos desdenhares,  
 “dilacerado e esparso has-de com o sangue  
 “enxovalhar os troncos d'esses bosques,  
 “e a que te déra o ser, e as irmans d'ella.  
 “E esse dia ha-de vir, pois sei que ao nume  
 “desdenharás dar honra. Então, mas tarde,  
 “te queixarás que o cego ao longe via.” –

\*

O filho de Echiôn o atacha, o expulsa;  
 mas sahiu certo o anúncio. ;Eis apparece  
 o deus Baccho! eis os campos se alvorótam  
 com festivaes reboantes alaridos.  
 De toda a parte o povo acorre em chusmas:  
 homens, donas, donzellas, vulgo, nobres,  
 tudo afflue aos ignótos sacrificios.

\*

em tributo de dor; choraram Drias, 650  
 e Eco seus choros repetiu chorando.  
 Já fachos, pira, e féretro dispunham,  
 quando, em lugar do corpo, acham no sítio  
 uma flor, cróceo o olho, as folhas alvas.

VI

Grã fama dera ao vate este successo 655  
 pelos povos da Acaia. O Equiônio, o ímpio  
 de numes zombador, Penteu, só, ousa  
 rir dele, e dos proféticos anúncios,  
 e da escura cegueira o mal lhe exprobra.  
 Meneando a cabeça encanecida, 660  
 — Quão feliz eras tu, – responde o velho –  
 se da luz, como eu fui, privado fosses  
 para não veres báquicos mistérios!  
 Porque um dia virá, que não vem longe,

{fl.32}

em que Líbero, o filho de Semele 665  
 tem de entrar novo nume em teus domínios;  
 e se de honrá-lo em templos desdenhares,  
 dilacerado e esparso hás de com o sangue  
 enxovalhar os troncos desses bosques,  
 e a que te dera o ser, e as irmãs dela. 670  
 E esse dia há de vir, pois sei que ao nume  
 desdenharás dar honra. Então, mas tarde,  
 te queixarás que o cego ao longe via. —

\*

O filho de Equion o ataca, o expulsa;  
 mas saiu certo o anúncio. Eis aparece 675  
 o deus Baco! Eis os campos se alvorotam  
 com festivais reboantes alaridos.  
 De toda a parte o povo acorre em chusmas:  
 homens, donas, donzelas, vulgo, nobres,  
 tudo aflui aos ignotos sacrificios. 680

\*

– “Anguígenas heroes, Mavórcia gente,  
 “¡que insânia! ¡que furor! – Pentheu voseia. –  
 “¿Tanto a ensombrar-vos o juiso valem  
 “dois cõncavos metaes entrebatidos  
 “com restrugente estrépito, umas curvas

}fl.129{ {fl.33}

“córneas flautas, uns magicos embustes,  
 “que aos que nem já terrífica trombeta,  
 “nem férreos esquadrões amedrontaram,  
 “femíneas vozes, córos desenvôltos,  
 “ébria fúria e vãos tímpanos os vençam?!  
 “¿Não cabe que eu me espante de assim ver-vos,  
 “a vós, anciãos, que arando tantos mares,  
 “cá viestes fundar em nova Tyro  
 “com tanto exfôrço os prófugos penates?!  
 “¿Já soffreis que sem armas vos conquistem?!  
 “Vós fortes, vós como eu na flor dos annos,  
 “mancebos, a quem lança em vez de thyrsos,  
 “capacete convinha em vez de c’rôas,  
 “¿não cabe que de vós com dôr me espante?  
 “Lembrae-vos, eu vos peço, a vossa origem;  
 “d’esse dragão, que, só, deu morte a tantos,  
 “os brios imitae. Vede-o, que expira  
 “defendendo o seu lago e escura fonte;  
 “vencei vós defendendo a avíta gloria.  
 “Elle heroes derribou; vencei, covardes;  
 “salvae-nos do desdoiro a patria fama.  
 “Se era fado que Thebas não durasse,  
 “melhor de heroes e aríetes cahira  
 “derrocada. Assolae-a a ferro e fogo;

}fl.130{ {fl.34}

“desgraçados sem culpa, aos males nossos  
 “nós dariamos lagrimas sem pejo;  
 “sorte de queixas sim, de veos não digna.

— Anguígenas heróis, Mavórcia gente,  
 que insânia! Que furor! – Pentheu vozeia. –  
 Tanto a ensombrar-vos o juízo valem  
 dois cõncavos metais entrebatidos  
 com restrugente estrépito, umas curvas

{fl.33}

córneas flautas, uns mágicos embustes,  
 que aos que nem já terrífica trombeta,  
 nem férreos esquadrões amedrontaram,  
 femíneas vozes, coros desenvoltos,  
 ébria fúria e vãos tímpanos os vençam?!  
 Não cabe que eu me espante de assim ver-vos,  
 a vós, anciãos, que arando tantos mares,  
 cá viestes fundar em nova Tiro  
 com tanto esforço os prófugos penates?!  
 Já sofreis que sem armas vos conquistem?!  
 Vós fortes, vós como eu na flor dos anos,  
 mancebos, a quem lança em vez de tirsos,  
 capacete convinha em vez de c’roas,  
 não cabe que de vós com dor me espante?  
 Lembrai-vos, eu vos peço, a vossa origem;  
 desse dragão, que, só, deu morte a tantos,  
 os brios imitai. Vede-o, que expira  
 defendendo o seu lago e escura fonte;  
 vencei vós defendendo a avita glória.  
 Ele heróis derribou; vencei, covardes;  
 salvai-nos do desdoiro a pátria fama.  
 Se era fado que Tebas não durasse,  
 melhor de heróis e aríetes caíra  
 derrocada. Assolai-a a ferro e fogo;

685

690

695

700

705

710

“¿E ir-se-ha Thebas ás mãos de inerme infante,  
 “que ás armas, aos corcéis, á guerra estranho,  
 “só se compraz com púrpuras, com vestes  
 “auri-mescladas, com a cheirosa coma  
 “vertendo myrrha, e com grinaldas futeis?!  
 “Vou, já, já (vós sómente abandonae-m’o)  
 “forçal-o a confessar por que artificios  
 “assumi pae divino e sacras honras.  
 “Já Acrísio d’este nume aventureiro  
 “escarneceu, fechou-lhe as portas de Argos;  
 “¿e eu, e Thebas, ante elle tremeremos?!...  
 “Guardas, correi, voae, trazei-m’o prêzo.” –

\*

Diz, sem fruto. Athamante, e Cadmo, e todos,  
 o argúem de impio, em o atalhar se empenham;  
 mais se enfurece, quanto mais o avisam.  
 Quanto mais lh’as reteem, mais sólta as fúrias.  
 Assim, menos fogoso em quanto livre,  
 rio caudal, se obstáculos o estórvam,  
 rompe espumoso, e férvido retrôa.

}fl.131{ {fl.35}

Tintos no proprio sangue os guardas volvem,  
 e a Pentheu, que por Baccho lhes pergunta,  
 que o não viram responde.

– “Mas comtudo,

este apanhámos nós – ajuntam elles, –  
 “sectário e servidor das órgias festas.” –  
 E lh’o entregam, com as mãos atraz ligadas,  
 Tyrrheno de nação, de muito adscripto  
 aos cultos Bacchanaes. Olhos de fogo  
 lhe vibra el-Rei; e, posto lhe dê ancias  
 retardar o supplicio,

– “Ó destinado

“a ser com tua morte exemplo aos outros, –  
 diz elle - “eia, declara-nos teu nome,

E ir-se-á Tebas às mãos de inerme infante,  
 que às armas, aos corcéis, à guerra estranho,  
 só se compraz com púrpuras, com vestes  
 aurimescladas, com a cheirosa coma  
 vertendo mirra, e com grinaldas fúteis?!  
 Vou, já, já (vós somente abandonai-mo)  
 forçá-lo a confessar por que artifícios  
 assumiu pai divino e sacras honras.  
 Já Acrísio deste nume aventureiro  
 escarneceu, fechou-lhe as portas de Argos;  
 e eu, e Tebas, ante ele tremeremos?!...  
 Guardas, correi, voai, trazei-mo preso. —

\*

Diz, sem fruto. Atamante, e Cadmo, e todos,  
 o arguem de ímpio, em o atalhar se empenham;  
 mais se enfurece, quanto mais o avisam.  
 Quanto mais lhas retêm, mais solta as fúrias.  
 Assim, menos fogoso enquanto livre,  
 rio caudal, se obstáculos o estorvam,  
 rompe espumoso, e férvido retroa.

{fl.35}

Tintos no próprio sangue os guardas volvem,  
 e a Pentheu, que por Baco lhes pergunta,  
 que o não viram responde.

— Mas contudo,

este apanhamos nós – ajuntam eles, –  
 sectário e servidor das órgias festas. —  
 E lho entregam, com as mãos atrás ligadas,  
 Tirreno de nação, de muito adscrito  
 aos cultos bacanaes. Olhos de fogo  
 lhe vibra el-rei; e, posto lhe dê ânsias  
 retardar o suplício,

— Ó destinado

a ser com tua morte exemplo aos outros, –  
 diz ele – eia, declara-nos teu nome,

715

720

725

730

735

740

“teus paes, e a tua patria, e o por que segues  
“essas superstições e ritos novos.” –

\*

Baldo a mêdos o prêzo lhe responde:  
– “Acétes sou; Meónia a minha patria;  
“meus paes, da humilde plebe; nem lavoiras,  
“nem armento ou lanígero rebanho  
“meu pae testou. Tão pobre como o filho,

}fl.132{ {fl.36}

“uma cana, uns anzoës, e a paciencia,  
“eram todo o seu bem; mais nada tinha.  
“Na mesma occupação me fui criando.  
“Filho, aqui tens (dizia) a tua herança,  
“e é quanto o Ceo me deu. Por sua morte,  
“nada cá me deixou afora as aguas;  
“é quanto posso intitular paterno.  
“Por não levar pregado a vida inteira  
“sobre os mesmos penhascos, dei-me todo  
“a aprender bem a menear um leme,  
“distinguir astros, Cabra Olénia, signo  
“porta-chuva, Ursas, Hyadas, Taygéte,  
“os varios rumos d’onde os ventos cursam,  
“os portos bons, e tudo mais que é util  
“que um bom piloto nas derrotas saiba.

\*

“Indo uma vez a Delos, costeámos  
“Naxos; á dextra remo, alcanço o porto,  
“e salto á praia. Ao cabo d’essa noite,  
“vindo a arraiada a apavonar as nuvens,  
“alevanto-me; aos nautas determino  
“que se renove a aguada, e lhes aponto  
“caminho, que os depára a fontes frescas.

teus pais, e a tua pátria, e o porquê segues  
essas superstições e ritos novos. —

\*

Baldo a medos o preso lhe responde:  
— Acetes sou; Meônia a minha pátria;  
meus pais, da humilde plebe; nem lavoiras,  
nem armento ou lanígero rebanho  
meu pai testou. Tão pobre como o filho,

{fl.36}

uma cana, uns anzóis, e a paciência,  
eram todo o seu bem; mais nada tinha.  
Na mesma occupação me fui criando.  
‘Filho, aqui tens (dizia) a tua herança,  
e é quanto o céu me deu’. Por sua morte,  
nada cá me deixou afora as águas;  
é quanto posso intitular paterno.  
Por não levar pregado a vida inteira  
sobre os mesmos penhascos, dei-me todo  
a aprender bem a menear um leme,  
distinguir astros, Cabra Olénia, signo  
porta-chuva, Ursas, Híadas, Taigete,  
os vários rumos donde os ventos cursam,  
os portos bons, e tudo mais que é útil  
que um bom piloto nas derrotas saiba.

\*

Indo uma vez a Delos, costeamos  
Naxos; à destra remo, alcanço o porto,  
e salto à praia. Ao cabo dessa noite,  
vindo a arraiada a apavonar as nuvens,  
alevanto-me; aos nautas determino  
que se renove a aguada, e lhes aponto  
caminho, que os depara a fontes frescas.

745

750

755

760

765

770



}fl.133{ {fl.37}	{fl.37}
<p>“Subo-me n’um oiteiro, exploro os ventos  “pelo cariz do ceo, apupo aos homens  “que façam volta, e tórno-me ao navio.  “Prestes, me respondeu primeiro Opheltes,  “que já vinha na praia, encaminhando  “pela dextra um menino em tanto extremo  “de donoso e gentil, que mais dá visos  “de tenra virgemzinha; um descampado  “lh’o déra ás mãos, e boa prêza o julga.  “O innocentinho vem como tomado  “de vinho e somno; as pernas se lhe trocam;  “mal o pode seguir. Fiz meu reparo  “n’aquelle traje e andar, n’aquelle rosto,  “e disse aos companheiros:  <p style="text-align: center;">– <u>Meus amigos,</u>  “qual deus é, não sei eu; que é deus, é certo.  “Qualquer que sejas, teu favor nos valha;  “<u>sê-nos propício nos trabalhos nossos;</u>  “<u>concede a graça tua a todos estes.</u> –  “– <u>Não cances a pedir-lhe a nossa graça</u>  “(Dictys acode). –  <p style="text-align: center;">“Era esse o marinheiro</p> </p></p>	<p>Subo-me num oiteiro, exploro os ventos  pelo cariz do céu, apupo aos homens  que façam volta, e torno-me ao navio. 775  Prestes, me respondeu primeiro Ofeltes,  que já vinha na praia, encaminhando  pela destra um menino em tanto extremo  de donoso e gentil, que mais dá visos  de tenra virgenzinha; um descampado 780  lho dera às mãos, e boa presa o julga.  O inocentinho vem como tomado  de vinho e sono; as pernas se lhe trocam;  mal o pode seguir. Fiz meu reparo  naquele traje e andar, naquele rosto,  e disse aos companheiros: 785  <p style="text-align: center;">‘Meus amigos,  qual deus é, não sei eu; que é deus, é certo.  Qualquer que sejas, teu favor nos valha;  sê-nos propício nos trabalhos nossos;  concede a graça tua a todos estes.’ 790  ‘Não cances a pedir-lhe a nossa graça  (Díctis acode).’  <p style="text-align: center;">Era esse o marinheiro</p> </p></p>
}fl.134{ {fl.38}	{fl.38}
<p>“mais léstes em trepar do mastro ao cume,  “e escorregar de lá pegado á corda.  “Libys o mesmo diz, Melantho o mesmo,  “um ruivo que da prôa era vigia;  “Alcimedonte o mesmo; o que exforçava  “e regía com brados os remeiros,  “Epopou, igualmente; e os mais com elles,  “que assim andavam sôffregos e cegos  “com o lanço de tão rara veniaga.  “<u>Quem a todos se oppõe, sou eu – lhes disse;</u>  “<u>não consinto que tão divina carga</u></p>	<p>mais lestes em trepar do mastro ao cume,  e escorregar de lá pegado à corda.  Líbis o mesmo diz, Melanto o mesmo, 795  um ruivo que da proa era vigia;  Alcimedonte o mesmo; o que esforçava  e regia com brados os remeiros,  Epopou, igualmente; e os mais com eles,  que assim andavam sôffregos e cegos 800  com o lanço de tão rara veniaga.  ‘Quem a todos se opõe, sou eu – lhes disse;  não consinto que tão divina carga</p>

<p>“<u>viole a embarcação; nem creio que haja</u>  <u>quem aqui me contraste a autoridade.</u> –  “Disse; e, de feito, ao portaló me atranco.  “Lycabas, da companha o mais hardido,  “homem que expulso da cidade Tusca  “por homicidio atroz, ia a degrêdo,  “tal se enraivou, que as fauces com o robusto  “punho me rompe, e ao mar me atiraria,  “se, inda que tonto, me não pego a um cabo.  “Toda a caterva ré comprova o feito.  *  “Baccho então (pois o era) figurando    }fl.135{ {fl.39}</p>	<p>viole a embarcação; nem creio que haja  quem aqui me contraste a autoridade.’  Disse; e, de feito, ao portaló me atranco.  Licabas, da companha o mais ardido,  homem que expulso da cidade Tusca  por homicídio atroz, ia a degredo,  tal se enraivou, que as fauces com o robusto  punho me rompe, e ao mar me atiraria,  se, inda que tonto, me não pego a um cabo.  Toda a caterva ré comprova o feito.  *  Baco então (pois o era) figurando    {fl.39}</p>	<p>805</p>
<p>“acordar o motim, já descerrado  “dos vapores do vinho,  – <u>¿O que é que eu vejo?!</u>  “<u>¿estes gritos que são? vós, marinheiros,</u>  “<u>não me direis quem me aqui trouxe, ou como?</u>  “<u>¿e onde quereis levar-me?</u>  – <u>¡Oh! não te assustes,</u>  “(diz da prôa o vigia); <u>é declarar-nos</u>  “<u>onde pretendes ir, que lá te pômos.</u>  “- <u>A Naxos (torna Baccho), a Naxos vamos;</u>  “<u>de lá sou, lá prometto agasalhar-vos.</u> –  “Pelo Mar, e por todos os mais numes  “os pérfidos, jurando-lh’o me ordenam  “que ao pintado baixel desfira os panos.  “Naxos ficava á dextra; e como á dextra  “eu mareasse o termo, – <u>¿Tu que fazes?</u> –  “grita Opheltes – <u>¿que insânia te domina?!... –</u>  “Todo o homem teme o p’rigo; e eu via-os todos  “contra mim; a mór parte me acenava  “que revirasse á esquerda; outros no ouvido  “m’o vinham segredar. Confesso pasmo,  “e digo: – <u>Quem quiser, que tome o leme.</u> –</p>	<p>acordar o motim, já descerrado  dos vapores do vinho,  ‘O que é que eu vejo?!  Estes gritos que são? Vós, marinheiros,  não me direis quem me aqui trouxe, ou como?  E onde quereis levar-me?’  ‘Oh! Não te assustes,  (diz da proa o vigia); é declarar-nos  onde pretendes ir, que lá te pomos.’  ‘A Naxos (torna Baco), a Naxos vamos;  de lá sou, lá prometo agasalhar-vos.’  Pelo Mar, e por todos os mais numes  os pérfidos, jurando-lho me ordenam  que ao pintado baixel desfira os panos.  Naxos ficava à destra; e como à destra  eu mareasse o termo, ‘Tu que fazes? –  grita Ofeltes – Que insânia te domina?!...’  Todo o homem teme o p’rigo; e eu via-os todos  contra mim; a mor parte me acenava  que revirasse à esquerda; outros no ouvido  mo vinham segredar. Confesso pasmo,  e digo: ‘Quem quiser, que tome o leme.’</p>	<p>815</p>
<p>820</p>	<p>825</p>	<p>830</p>

“E por mão lhes larguei o mando, e o crime. “Todos sussurram; todos me invectivam;  }fl.136{ {fl.40}	E por mão lhes larguei o mando, e o crime. Todos sussurram; todos me invectivam;  {fl.40}	835
“Ethalião d’entre elles, – <u>Imaginas</u> “ <u>encerrada em ti só toda a sciencia?</u> – “Diz, sobe ao meu lugar, e singra avante, “deixada Naxos pela ré. O nume, “zombando, e como quem por fim chegára “a cahir na manobra, pôz-se á pôppa “debruçado sobre a agua; e em vez de chôro “dizia: – <u>Não são essas, marinheiros,</u> “ <u>as praias que eu pedi; nem vosso ajuste</u> “ <u>assim foi; ¿que fiz eu para castigo?</u> “ <u>¿que glória pode haver em me enganarem</u> “ <u>tantos a mim? ¿uns homens, a um menino?!</u> – “Eu de o ver, eu de ouvil-o, consternado “me debulhava em lagrimas; os impios “riam do nosso chôro, e sempre avante “de voga feita as vagas retalhavam. “Rei, na tua presença agora o juro “por este mesmo deus (nem outro posso “mais presente invocar), juro, te digo, “ser tão verdade o que has-de ouvir-me, quanto “excede toda a fé. Pára o navio, “qual no estaleiro, immovel entre as ondas.  }fl.137{ {fl.41}	Etalião dentre eles, ‘Imaginas encerrada em ti só toda a ciência?’ Diz, sobe ao meu lugar, e singra avante, deixada Naxos pela ré. O nume, zombando, e como quem por fim chegara a cair na manobra, pôs-se à popa debruçado sobre a água; e em vez de choro dizia: ‘Não são essas, marinheiros, as praias que eu pedi; nem vosso ajuste assim foi; que fiz eu para castigo? Que glória pode haver em me enganarem tantos a mim? Uns homens, a um menino?!’ Eu de o ver, eu de ouvi-lo, consternado me debulhava em lágrimas; os ímpios riam do nosso choro, e sempre avante de voga feita as vagas retalhavam. Rei, na tua presença agora o juro por este mesmo deus (nem outro posso mais presente invocar), juro, te digo, ser tão verdade o que hás de ouvir-me, quanto excede toda a fé. Para o navio, qual no estaleiro, imóvel entre as ondas.  {fl.41}	840 845 850 855
“Os remeiros atónitos açoitam “vãmente o pégo; as vellas se desfraldam “todas em cheio; o vento que as enfuna, “não mostra mais poder que os remos lassos. “Por elles trepam heras serpeando, “que os tolhem; e já se alastram, já verdejam “nas vellas; já com o pèzo dos corymbos “as derribam. De cachos coroados,	Os remeiros atônitos açoitam vãmente o pego; as velas se desfraldam todas em cheio; o vento que as enfuna, não mostra mais poder que os remos lassos. Por eles trepam heras serpeando, que os tolhem; e já se alastram, já verdejam nas velas; já com o peso dos corimbos as derribam. De cachos coroados,	860 865

<p>“o deus agita ufano hástia enramada  “de retrémulos pâmpanos em meio  “de equipagem phantástica de tigres,  “linces sanhudos, mosqueadas onças.  “Os nautas, ou de mêdo ou por loucura,  “tentam fugir desordenadamente.  “Médon entrou de súbito espalmado  “a ladear-se de negras barbatanas,  “a requebrar a espinha.</p>	<p>o deus agita ufano hástia enramada  de retrémulos pâmpanos em meio  de equipagem fantástica de tigres,  linces sanhudos, mosqueadas onças.</p>	870
<p>– <u>Homem</u>, – lhe grita</p>	<p>‘Homem, – lhe grita</p>	875
<p>“Lycabas – <u>em que monstro te devolves?</u> –  “E em quanto grita, a bôcca se lhe rasga,  “o nariz se lhe achata, a dura pelle  “de embréchedas escamas se lhe encóstra.  “Lida desentalar-se d’entre uns remos  “Lybis, acode ás mãos, as mãos lhe mínguem,  “nem já mãos tem nem barbatanas. Outro</p>	<p>Licabas – em que monstro te devolves?’  E enquanto grita, a boca se lhe rasga,  o nariz se lhe achata, a dura pele  de embrechadas escamas se lhe encrosta.  Lida desentalar-se dentre uns remos  Líbis, acode às mãos, as mãos lhe mínguem,  nem já mãos tem nem barbatanas. Outro</p>	880
<p>}fl.138{ {fl.42}</p>	<p>{fl.42}</p>	
<p>“vai marinhar pela torcida exárchia,  “não vê braços, o tronco mutilado  “retorce; pula, atira-se ao profundo,  “e lá da cauda a meia-lua agita.  “Saltam de toda a parte uns apóz outros;  “enchem borrifos o ar, espuma o pégo;  “vão de mergulho agora, agora assomam;  “á maneira de côro enlaçam danças;  “protervos se meneiam, se rebolcam;  “rojam sorvido mar das largas ventas.  “De vinte (tantos vínhamos no lenho)  “restava eu só, tão trémulo de mêdo,  “tão frio de terror, que apenas poude  “com vozes taes o nume serenar-me:  “– <u>Despe o receio, e para Naxos voga.</u> –  “Lá fomos; lá lhe erijo e acendo altares;</p>	<p>vai marinhar pela torcida exárchia,  não vê braços, o tronco mutilado  retorce; pula, atira-se ao profundo,  e lá da cauda a meia-lua agita.  Saltam de toda a parte uns após outros;  enchem borrifos o ar, espuma o pego;  vão de mergulho agora, agora assomam;  à maneira de coro enlaçam danças;  protervos se meneiam, se rebolcam;  rojam sorvido mar das largas ventas.  De vinte (tantos vínhamos no lenho)  restava eu só, tão trémulo de medo,  tão frio de terror, que apenas pôde  com vozes tais o nume serenar-me:  ‘Despe o receio, e para Naxos voga.’  Lá fomos; lá lhe erijo e acendo altares;</p>	885
		890
		895

“professei o seu culto, e inda hoje o sirvo.” –

\*

Aqui Pentheu:

– “Assás te hemos ouvido.

“;Traçavas com rodeios estirados

“dar-nos mate ao furor? Guardas, levae-o

“d’ante os meus olhos súbito; que o mettam

}fl.139{ {fl.43}

“a crus tormentos; n’elles finde, estale

“a alma raivando para a Estygia noite.”

\*

Eis em prisão segura o tusco Ascetes;  
mas, em quanto o supplicio se aparelha,  
se afía o ferro, se exaspera o fogo,  
corre fama que o cárcere se abriira  
sem braço humano, e que os grilhões do prêzo  
de seus pulsos por si se deslizaram.

\*

Inda teima o tiranno, e já não manda,  
porém corre em pessoa, onde as Bacchantes  
no Cithéron ás festas deputado  
cantares e celeuma aos Ceos erguiam.

Qual da tuba ao rebate audaz ginete

anhéla relinchando o Márcio jôgo,

das longas ululadas vozarias

Pentheu ferido em cólera recresce.

\*

Cêrca de meia encosta, ha no Cithéron  
uma abra escalvada entre arvoredos,  
vasto plaino, onde o olhar se espraia á larga.  
Ali era chegado, e já com a vista

}fl.140{ {fl.44}

devassava profano as sacras pompas;

quando primeira nota, arde primeira

professei o seu culto, e inda hoje o sirvo. —

\*

Aqui Pentheu:

— Assaz te hemos ouvido.

900

Traçavas com rodeios estirados

dar-nos mate ao furor? Guardas, levai-o

d’ante os meus olhos súbito; que o metam

{fl.43}

a crus tormentos; neles finde, estale

a alma raivando para a Estígia noite. —

905

\*

Eis em prisão segura o tusco Acetes;  
mas, enquanto o suplício se aparelha,  
se afia o ferro, se exaspera o fogo,  
corre fama que o cárcere se abriira  
sem braço humano, e que os grilhões do preso  
de seus pulsos por si se deslizaram.

\*

Inda teima o tirano, e já não manda,  
porém corre em pessoa, onde as bacantes  
no Citéron às festas deputado  
cantares e celeuma aos céus erguiam.

915

Qual da tuba ao rebate audaz ginete

anela relinchando o márcio jôgo,

das longas ululadas vozarias

Penteu ferido em cólera recresce.

\*

Cerca de meia encosta, há no Citéron  
uma abra escalvada entre arvoredos,  
vasto plaino, onde o olhar se espraia à larga.  
Ali era chegado, e já com a vista

920

{fl.44}

devassava profano as sacras pompas;

quando primeira nota, arde primeira

925

em cega fúria, e com o primeiro thyrsos  
 lhe faz tiro, lhe acerta, a propria, aquella  
 que o ser lhe dera: a mãe.

– “¡Sus! ¡sus! – proclama –

“¡a elle! ¡a elle! ¡ao javali mais bruto  
 “que ha talado a campanha! Irmans, sede ora  
 “ambas comigo, e o prostrarei, que a tanto  
 “seu ruim fado em minhas mãos o ha posto.” –

\*

Eis que todo o tropel rue tumultuando;  
 mil, contra um só, frenéticas se atiram;  
 rugem, cercam-n-o, acóçam-n-o, já todo  
 “todo mêdos, das roncás já descido  
 “a confissões de crime, aos ais, e a rogos.  
 – “Irman de minha mãe, vale-me, Autónoe;  
 “môvam-te os manes de Acteôn teu filho.”  
 Mas... ¿que é ora Acteôn?! ¿entende-o ella?  
 Por só resposta á súplica, lhe tronca  
 de um golpe a dextra que demanda amparo.  
 Ino a esquerda lhe leva; o sem ventura

}fl.141 { fl.45 }

quer á mãe dirigir na angústia os braços,  
 e já braços não tem que á mãe dirija.  
 – “Mãe, – diz – “ó mãe, contempla... – Ágave ulula  
 a tal vista; o pescoço lhe sacode,  
 faz-lhe esvoaçar a grenha, até que á força  
 arrancada a cabeça, ovante a arvóra  
 na ensanguentada mão.

– “¡Victor! ¡triumpho!

“sócias, da gran façanha a glória é minha.”  
 Nunca mais présto de árvore no outono  
 mal prêzas folhas n’um tufão voaram,  
 que os membros do infeliz em mãos tão feras.

\*

Do exemplo escarmentadas as Thebanas,

em cega fúria, e com o primeiro thyrsos  
 lhe faz tiro, lhe acerta, a própria, aquela  
 que o ser lhe dera: a mãe.

— Sus! Sus! – proclama –

A ele! A ele! Ao javali mais bruto  
 que há talado a campanha! Irmãs, sede ora  
 ambas comigo, e o prostrarei, que a tanto  
 seu ruim fado em minhas mãos o há posto. —

\*

Eis que todo o tropel rui tumultuando;  
 mil, contra um só, frenéticas se atiram;  
 rugem, cercam-no, acoçam-no, já todo  
 todo medos, das roncás já descido  
 a confissões de crime, aos ais, e a rogos.  
 — Irmã de minha mãe, vale-me, Autónoe;  
 movam-te os manes de Acteon teu filho. —  
 Mas... que é ora Acteon?! Entende-o ela?  
 Por só resposta à súplica, lhe tronca  
 de um golpe a destra que demanda amparo.  
 Ino a esquerda lhe leva; o sem ventura

{fl.45}

quer à mãe dirigir na angústia os braços,  
 e já braços não tem que à mãe dirija.  
 “Mãe, – diz – ó mãe, contempla...” Ágave ulula  
 a tal vista; o pescoço lhe sacode,  
 faz-lhe esvoaçar a grenha, até que à força  
 arrancada a cabeça, ovante a arvora  
 na ensanguentada mão.

— Victor! Triunfo! 950

Sócias, da grã façanha a glória é minha. —  
 Nunca mais presto de árvore no outono  
 mal presas folhas num tufão voaram,  
 que os membros do infeliz em mãos tão feras.

\*

Do exemplo escarmentadas as tebanas, 955

os novos ritos sem demora abraçam,  
erguem aras a Baccho, e dão-lhe incenso.

os novos ritos sem demora abraçam,  
erguem aras a Baco, e dão-lhe incenso.

---

Fim do livro III

---



---

Fim do livro III

---

}fl.27{ {fl.46}

{fl.46}

### Notas

#### Sobre o Livro III

Em altura de 21 gráus e 5 minutos de longitude, e 18 gráus e 22 minutos de latitude Norte; obra de seis léguas portuguezas par ao Noroeste de Setines, que já fôra a grande Athenas, nove para o Sudeste de Livádia, que já fôra a antiga e opulenta Lebádia dos Acheus; e setenta e oito ao Sudoeste da Maphamética Stambul, herdeira da christan Constantinopla, herdeira da pagan Bysâncio; era a provincia, do Turco nomeada Stramulipa, e dos Gregos outr'ora Beócia, existe hoje um mesquinho povoado, que chamam Styves, ou Thyva.

Dois ribeiros o banham; duas mesquitas são o seu desconsolado brasão.

Fértil de frutos, e formosa de natureza, é ainda agora a região circumpatente; mas a sua vida historica, a sua vida poetica, muito mais vida, e a Lingua grega, cujos sons aqueciam e perfumavam esses ares, tudo isso, que para a alma é o tudo, só nos livros se conserva; como as

}fl.28{ {fl.47}

folhas e flores, que de peregrinas e longes terras veem, tristemente fechadas no herbário do naturalista.

### Notas

#### Sobre o Livro III

Em altura de 21 graus e 5 minutos de longitude, e 18 graus e 22 minutos de latitude norte; obra de seis léguas portuguezas par ao noroeste de Setines, que já fora a grande Atenas, nove para o sudeste de Livádia, que já fora a antiga e opulenta Lebádia dos Aqueus; e setenta e oito ao sudoeste da Mafamética Istambul, herdeira da cristã Constantinopla, herdeira da pagã Bisâncio; era a provincia, do turco nomeada Stramulipa, e dos gregos outrora Beócia, existe hoje um mesquinho povoado, que chamam Stives, ou Tiva.

Dois ribeiros o banham; duas mesquitas são o seu desconsolado brasão.

Fértil de frutos, e formosa de natureza, é ainda agora a região circumpatente; mas a sua vida histórica, a sua vida poética, muito mais vida, e a língua grega, cujos sons aqueciam e perfumavam esses ares, tudo isso, que para a alma é o tudo, só nos livros se conserva; como as

{fl.47}

folhas e flores, que de peregrinas e longes terras veem, tristemente fechadas no herbário do naturalista.

Esta Styves, ou Thyva, foi Thébas; Thébas, a princeza d'estes districtos; Thébas, a grandiosa, opulenta, e soberba; Thebas, a guerreira, a cujas sete portas batiam sete exércitos, e ella respondia “Não”; Thébas, a namorada, a cujo seio Jupiter baixava para a tornar mãe, ora de um Hercules, que pelo seu valor espantasse o Mundo até os confins do Occidente, ora de um Baccho, destinado a conquistá-lo por suas festas até o primeiro berço da Aurora; ora de um Amphião, que o enfeitiçasse com a harmonia; Thebas, a musica e deliciosa, cujos sumptuosos palacios e templos sem conto, esse mesmo filho seu lh'os cercou de um muro, por si e ao som da lyra edificado; Thebas, a poeta, a digna de respirar os ares dos visinhos Parnaso e Hélicon; a que nos públicos certames do engenho via coroar as suas Corinnas e Myrthis; a que produziu em Hesíodo um precursor a Virgilio e a Ovidio; e a que deu ao Mundo esse outro Hércules, Pindaro o Homero dos lyricos, ruidosa e scintillante catadupa de espirito, ante a qual espantado Horacio dobrava o joelho; cuja palavra liberalisava

}fl.29{ {fl.48}

immortalidade; cujo nome, Píndaro, já sem dono e só por si, vencia ao vencedor de Dario e do Mundo; e cuja poisada, quando até as dos deuses se arrazavam sob as torrentes furiosas dos conquistadores, ficava unica em pé; como se, de tudo que essa cidade foi, ou n'ella se fez, só tinham de resistir ás assolações dos seculos umas odes.

¿E não foi mais alguma coisa essa ignorada e silenciosa aldeia?

Sim: essa foi a cidade dos memoraveis infortunios, a cidade das tragedias que ainda agora arrancam lagrimas a todos os povos: Láio, Édipo e Jocasta, Argya e Antígone, Níobe e Amphião,

Esta Stives, ou Tiva, foi Tebas; Tebas, a princesa destes distritos; Tebas, a grandiosa, opulenta, e soberba; Tebas, a guerreira, a cujas sete portas batiam sete exércitos, e ella respondia “Não”; Tebas, a namorada, a cujo seio Júpiter baixava para a tornar mãe, ora de um Hercules, que pelo seu valor espantasse o mundo até os confins do ocidente, ora de um Baco, destinado a conquistá-lo por suas festas até o primeiro berço da Aurora; ora de um Anfião, que o enfeitiçasse com a harmonia; Tebas, a música e deliciosa, cujos suntuosos palácios e templos sem conto, esse mesmo filho seu lh'os cercou de um muro, por si e ao som da lira edificado; Tebas, a poeta, a digna de respirar os ares dos vizinhos Parnaso e Hélicon; a que nos públicos certames do engenho via coroar as suas Corinas e Mirtis; a que produziu em Hesíodo um precursor a Virgílio e a Ovídio; e a que deu ao mundo esse outro Hércules, Píndaro o Homero dos líricos, ruidosa e cintilante catadupa de espírito, ante a qual espantado Horácio dobrava o joelho; cuja palavra liberalizava

{fl.48}

imortalidade; cujo nome, Píndaro, já sem dono e só por si, vencia ao vencedor de Dario e do mundo; e cuja pousada, quando até as dos deuses se arrasavam sob as torrentes furiosas dos conquistadores, ficava única em pé; como se, de tudo que essa cidade foi, ou nela se fez, só tinham de resistir às assolações dos séculos umas odes.

E não foi mais alguma coisa essa ignorada e silenciosa aldeia?

Sim: essa foi a cidade dos memoráveis infortúnios, a cidade das tragédias que ainda agora arrancam lágrimas a todos os povos: Láio, Édipo e Jocasta, Argia e Antígone, Níobe e Anfião, Antíopa,



Antíopa, Dirce, Eteócles e Polinyce; a cidade fatal, sempre á sombra do braço erguido do Destino.

\*

Tal é o pomposo theatro, onde a Musa de Ovidio campeia senhoril pelo decurso de todo este Livro. Amphião, dissemos nós, a murára com sua lyra; Ovidio, com a magía da sua, nol-a edifica.

\*

Nas ruínas e fragmentos da Historia

}fl.30{ {fl.49}

thebana, começando por Cadmo, que no êrmo onde ha-de ser Thebas lhe lança os primeiros alicerces, nas ruínas e fragmentos da Historia prende todo este espesso e florescentissimo fabular. Não ha ahi ramo, que, parecendo criado por mero luxo, bem dispensavel por sua muita formosura de servir para mais nada, não inclua comtudo na sua raiz e tronco alguma verdade transformada.

Não faltarão curiosos, que, lidando desencantal-as e restituil-as ao seu antigo ser, e, ora rastreando conveniencias, ora urdindo e tecendo probabilidades, ora ampliando o pouco sabido, e diligenciando completal-o com o que as ficções offereciam de mais sólido, não estendessem (a seu modo) alguns lanços de História, que, se um dia a de Trogo Pompeu ressuscitar, já pode ser que diante d'ella se desfarão em riso.

D'essas truncadas semi-verdades, não é proposito meu fazer aqui alardo. Tomaremos as fábulas como fábulas; ou antes, como entidades mui reaes, mas de outra especie de interesse: de interesse unicamente poetico e artistico.

Bem creio que rara narração (repito) haverá ahi, que não seja, como o

Dirce, Eteócles e Polinice; a cidade fatal, sempre à sombra do braço erguido do destino.

\*

Tal é o pomposo teatro, onde a musa de Ovídio campeia senhoril pelo decurso de todo este livro. Anfião, dissemos nós, a murara com sua lira; Ovídio, com a magia da sua, no-la edifica.

\*

Nas ruínas e fragmentos da história

{fl.49}

tebana, começando por Cadmo, que no ermo onde há de ser Tebas lhe lança os primeiros alicerces, nas ruínas e fragmentos da história prende todo este espesso e florescentíssimo fabular. Não há aí ramo, que, parecendo criado por mero luxo, bem dispensável por sua muita formosura de servir para mais nada, não inclua contudo na sua raiz e tronco alguma verdade transformada.

Não faltarão curiosos, que, lidando desencantá-las e restituí-las ao seu antigo ser, e, ora rastreando conveniências, ora urdindo e tecendo probabilidades, ora ampliando o pouco sabido, e diligenciando completá-lo com o que as ficções ofereciam de mais sólido, não estendessem (a seu modo) alguns lanços de história, que, se um dia a de Trogo Pompeu ressuscitar, já pode ser que diante dela se desfarão em riso.

Dessas truncadas semi-verdades, não é propósito meu fazer aqui alardo. Tomaremos as fábulas como fábulas; ou antes, como entidades mui reais, mas de outra espécie de interesse: de interesse unicamente poético e artístico.

Bem creio que rara narração (repito) haverá aí, que não seja, como o

}fl.31{ {fl.50}

{fl.50}

loireiro de Daphne, mui diversa no interior, do que nas mostras de fora se nos representa. Nem se ha mistér de mui delicada mão, para sentir (ou apalpar) que lá dentro ha seu coração vivo que lateja. Mas bem pio era Enéas, e para bem santo fim forcejava de arrancar aquellas hásteas de murta, quando dos ramos que estroncava via correr sangue, e de baixo da terra lhe sahia aquella voz: “¿Para que me dilacéras? deixa a quem já está sepultado; não te profanes com um sacrilegio; essa espessura, em que me eu transformei, não m’a queiras derrotar”.

\*

Para se conciliar, logo do princípio, e de um modo solemne, a nossa atenção para com o theatro dos espectaculos a que temos de assistir, quem ordena o sitio e a fundação de Thebas; é um oráculo da Castália.

Quem, segundo a ordem do mesmo oráculo, lá conduz os edificadores, é uma vacca, da qual tomará a região toda nome de Beócia. Um toiro fizéa perder a Cadmo a sua patria; bem era que uma vacca lhe restituísse uma

}fl.32{ {fl.51}

patria nova.

Ao abrir dos alicerces precedem sacrificios, como para assentar a cidade á sombra dos deuses; mas logo ahi se descobre o argolão, onde prenderá a interminavel cadeia dos seus infortunios.

A fonte, a que para os sacrificios se pede agua, despede um dragão assolador.

Os sulcos primeiros que na terra se rasgam, brotam uma seára de lanças e soldados. Estes soldados, que se entrepelejam, e os poucos que d’elles sobrevivem, e ajudam a Cadmo nos seus trabalhos, querem alguns que representem as

loireiro de Dafne, mui diversa no interior, do que nas mostras de fora se nos representa. Nem se há mister de mui delicada mão, para sentir (ou apalpar) que lá dentro há seu coração vivo que lateja. Mas bem pio era Enéas, e para bem santo fim forcejava de arrancar aquelas hástias de murta, quando dos ramos que estroncava via correr sangue, e de baixo da terra lhe saía aquella voz: “Para que me dilaceras? Deixa a quem já está sepultado; não te profanes com um sacrilégio; essa espessura, em que me eu transformei, não ma queiras derrotar”.

\*

Para se conciliar, logo do princípio, e de um modo solene, a nossa atenção para com o teatro dos espetáculos a que temos de assistir, quem ordena o sitio e a fundação de Tebas; é um oráculo da Castália.

Quem, segundo a ordem do mesmo oráculo, lá conduz os edificadores, é uma vaca, da qual tomará a região toda nome de Beócia. Um touro fizera perder a Cadmo a sua pátria; bem era que uma vaca lhe restituísse uma

}fl.32{ {fl.51}

{fl.51}

pátria nova.

Ao abrir dos alicerces precedem sacrificios, como para assentar a cidade à sombra dos deuses; mas logo aí se descobre o argolão, onde prenderá a interminável cadeia dos seus infortúnios.

A fonte, a que para os sacrificios se pede água, despede um dragão assolador.

Os sulcos primeiros que na terra se rasgam, brotam uma seara de lanças e soldados. Estes soldados, que se entrepelejam, e os poucos que deles sobrevivem, e ajudam a Cadmo nos seus trabalhos, querem alguns que representem as contradições que

contradições que o Príncipe forasteiro encontrára nos naturaes do paiz, parte dos quaes o contrastou com armas; parte se lhe uniu, e o favoreceu contra os outros; por onde sempre ao cabo veio a sahir com a victória; assim como teem que o façanhoso dragão de Marte representa um bellicoso capitão dos da terra, por nome Dragão, ou Dracão, ou o que quer que fosse, que foi de todos o que mais rijamente lhe teve rosto.

Pallas, a deusa do esforço, é a protectora do nosso heroe; e sob seus auspicios enfim se ergue, pejada de grandes fados,

}fl.33{ {fl.52}

a cidadella ou fortaleza de Thebas.

Que fosse esta a obra de Cadmo, e que já o mais da cidade existisse áquelle tempo, grande argumento nos é, contra a quase expressa opinião de Ovidio, o que a este propósito se nos depara na famosa chónica dos marmores de Atundel, onde se lê:

“Desde que um filho de Agenor, por nome Cadmo, chegando a Thebas, edificou a Cadméia, reinando em Athenas Amphicião, contam-se 1255 annos.”

Esta chronica foi feita 264 annos antes da era christan, vindo a cahir a fundação da Cadmeia em 1519 annos antes da mesma era, isto é, 3360 annos para além d’esta hora em que d’ella escrevemos (1).

Deixemos pois a pobre verdade quieta lá onde jaz enterrada e desfeita no fundo de 1:227:240 dias, ou 29:453:760 horas. Nós, contemporâneos dos contemporâneos, bem sabemos que de mentiras se forja em cada hora, e que enorme quantia d’ellas cabe

---



---

o príncipe forasteiro encontrara nos naturais do país, parte dos quais o contrastou com armas; parte se lhe uniu, e o favoreceu contra os outros; por onde sempre ao cabo veio a sair com a vitória; assim como têm que o façanhoso dragão de Marte representa um belicoso capitão dos da terra, por nome Dragão, ou Dracão, ou o que quer que fosse, que foi de todos o que mais rijamente lhe teve rosto.

Palas, a deusa do esforço, é a protetora do nosso herói; e sob seus auspícios enfim se ergue, pejada de grandes fados,

{fl.52}

a cidadela ou fortaleza de Tebas.

Que fosse esta a obra de Cadmo, e que já o mais da cidade existisse àquele tempo, grande argumento nos é, contra a quase expressa opinião de Ovídio, o que a este propósito se nos depara na famosa crônica dos mármores de Atundel, onde se lê:

“Desde que um filho de Agenor, por nome Cadmo, chegando a Tebas, edificou a Cadméia, reinando em Atenas Anficião, contam-se 1255 annos.”

Esta crônica foi feita 264 annos antes da era cristã, vindo a cair a fundação da Cadmeia em 1519 annos antes da mesma era, isto é, 3360 annos para além desta hora em que dela escrevemos (1).

Deixemos pois a pobre verdade quieta lá onde jaz enterrada e desfeita no fundo de 1.227.240 dias, ou 29.453.760 horas. Nós, contemporâneos dos contemporâneos, bem sabemos que de mentiras se forja em cada hora, e que enorme quantia delas cabe

---



---

(1) Refere-se portanto Castilho ao no 1841, em que estava escrevendo esta Nota.

Os editores.

}fl.34{ {fl.53}

na folha de cada dia, que não desce de 50 pelo cálculo mais baixo; d'onde, argumentando por analogia acêrca da fundação de Thebas, podia sem nenhuma admiração haver hoje de mentiras 61:362:000. Deixemos por tanto, repito, a pobre verdade perdida, e reportemo-nos só, e literalmente, ao que nenhuma idade já poderá destruir, que é o poetico evangelho do nosso Autor.

\*

Temos a Cadmo Rei, e primeiro Rei, e Rei fundador; genro do deus da guerra e da deusa da formosura; acompanhado de esposa amavel e amante; cercado de populosa familia de filhos e filhas, netos e netas, e já todos em annos viçosos; bemaventurado enfim no seu exilio.

Toda esta máchina de prosperidades era precisa, para pedestal ao espantoso vulto de miséria que o espera; por onde nos propõe logo o Poeta uma sentença, que havia de sempre andar gravada em algum recantinho da alma dos ditosos soberbos:

....;Aguardar o dia derradeiro!  
que em quanto se não fecha a sepultura  
o nome de feliz vai sempre em risco.

}fl.35{ {fl.54}

Máxima nimiamente verdadeira, demonstrada por todas as histórias publicas e particulares, alcançada de todos os entendimentos, mas de quasi todos esquecida onde mais importava que lembrasse; máxima, como máxima pregoada por Salomão, ensinada ao povo no theatro de Athenas

(1) Refere-se, portanto, Castilho ao no 1841, em que estava escrevendo esta Nota.

Os editores.

{fl.53}

na folha de cada dia, que não desce de 50 pelo cálculo mais baixo; donde, argumentando por analogia acerca da fundação de Tebas, podia sem nenhuma admiração haver hoje de mentiras 61.362.000. Deixemos por tanto, repito, a pobre verdade perdida, e reportemo-nos só, e literalmente, ao que nenhuma idade já poderá destruir, que é o poético evangelho do nosso autor.

\*

Temos a Cadmo rei, e primeiro rei, e rei fundador; genro do deus da guerra e da deusa da formosura; acompanhado de esposa amável e amante; cercado de populosa família de filhos e filhas, netos e netas, e já todos em anos viçosos; bem-aventurado enfim no seu exilio.

Toda esta máquina de prosperidades era precisa, para pedestal ao espantoso vulto de miséria que o espera; por onde nos propõe logo o poeta uma sentença, que havia de sempre andar gravada em algum recantinho da alma dos ditosos soberbos:

....Aguardar o dia derradeiro!  
que enquanto se não fecha a sepultura  
o nome de feliz vai sempre em risco.

{fl.54}

Máxima nimiamente verdadeira, demonstrada por todas as histórias públicas e particulares, alcançada de todos os entendimentos, mas de quase todos esquecida onde mais importava que lembrasse; máxima, como máxima pregoada por Salomão, ensinada ao povo no teatro de Atenas por

por Sóphocles e Eurípedes, e aos Romanos e ao Mundo por aquelle bom velho Plinio, que no 40º capitulo do seu Livro VII escreveu:

“Coisa é esta certissima: um dia setenceia a outro dia, e o derradeiro a todos elles; pelo que, em nenhum ha que fiar.”

\*

O Principe Acteon é o primeiro que o ceva de penas. A relação do seu (nada merecido, e totalmente fatal) desastre sai exposta n’uma série de paineis, qual a qual mais para ver.

Á perda de um neto, segue logo a de uma filha. Seméle perece fulminada, não por causa do amor, que, se esse fôra (ainda que adúltero) já lhe podia carear algum riso de desculpa, mas por uma criminosa ambição; por onde, mais pena deveu ser esta pena de Cadmo, do que a primeira.

}fl.37{ {fl.55}

\*

A morte de Seméle, o nascimento, renascimento, e criação, de seu filho Baccho; a questão entre Jupiter e Juno sobre praseres; e o episódio da mudança de sexo, cegueira, e don prophético de Tirésias; são quatro passos que o Poeta dá de corrida, mas nos quaes, ainda assim, não faltam flores e donaires.

E cabe notar quão acertadamente, e seguindo o seu costume, que é realçar todas as coisas pelas contrárias, trouxe após as duas tragédias de Acteôn e Seméle, a farça, em que Jupiter borracho, e Juno pela primeira vez de bom humor, aporfiam sobre a mais excusada e menos averiguavel matéria que no Mundo pode haver.

\*

Repousados com esta folga, baixamos dos Ceos, onde ríramos, ás amenidades campestres dos

Sófocles e Eurípedes, e aos Romanos e ao Mundo por aquele bom velho Plinio, que no 40º capítulo do seu livro VII escreveu:

“Coisa é esta certíssima: um dia sentencia a outro dia, e o derradeiro a todos eles; pelo que, em nenhum há que fiar.”

\*

O príncipe Acteon é o primeiro que o ceva de penas. A relação do seu (nada merecido, e totalmente fatal) desastre sai exposta numa série de painéis, qual a qual mais para ver.

À perda de um neto, segue logo a de uma filha. Seméle perece fulminada, não por causa do amor, que, se esse fora (ainda que adúltero) já lhe podia carear algum riso de desculpa, mas por uma criminosa ambição; por onde, mais pena deveu ser esta pena de Cadmo, do que a primeira.

{fl.55}

\*

A morte de Seméle, o nascimento, renascimento, e criação, de seu filho Baco; a questão entre Júpiter e Juno sobre prazeres; e o episódio da mudança de sexo, cegueira, e dom profético de Tirésias; são quatro passos que o Poeta dá de corrida, mas nos quais, ainda assim, não faltam flores e donaires.

E cabe notar quão acertadamente, e seguindo o seu costume, que é realçar todas as coisas pelas contrárias, trouxe após as duas tragédias de Acteôn e Seméle, a farsa, em que Júpiter borracho, e Juno pela primeira vez de bom humor, aporfiam sobre a mais excusada e menos averiguável matéria que no Mundo pode haver.

\*

Repousados com esta folga, baixamos dos Céus, onde ríramos, às amenidades campestres dos

arredores de Thebas, para ahi assistirmos a scenas de lamentos e mal succedidos amores; d'onde logo o Poeta nos restituirá á interrompida chronica da gente Cadmeia.

A fábula de Ecco e Narciso é um dos mais esmerados trechos d'este Livro.

Cada uma das metades de que

}fl.37{ {fl.56}

se compõe, lá encerra no fundo sua moralidade, se nos quisermos fiar nos vedores e mineiros moraes: Ecco é um lembrete ás terceiras e encobridoras; Narciso, uma lição ao amor próprio; como Actêon despedaçado dos cães fôra um emblema do homem, de quem seus próprios desejos e paixões chegam a dar cabo.

Assim será; mas não é esse (repetil-o-hei) o meu instituto, senão só descobrir e apontar a indústria do lavor poetico.

É a principal graça d'esta fábula a correspondencia e harmonia, que entre ambas suas partes se está sentindo: não pode Ecco lograr-se de quem ama; não pode Narciso lograr-se de quem ama. Com a repulsa, cresce o amor de Ecco; o de Narciso se irrita com o malôgro. Ecco se fina e converte em penedia, Narciso em flôr. Ecco e Narciso duram ainda, e conservam os seus nomes.

Mais: na engenhosa descripção do monte respondendo ás vozes, e da fonte trasladando a imagem, ha tão mútua permutação de attributos, que antes parece identidade; porque o ecco é o espelho dos ouvidos, como o espelho é um ecco para os olhos. ;Mas com que

}fl.38{ {fl.57}

abundante graça não soube o Poeta variar estes effeitos segundo as circumstancias, e, apostando

arredores de Tebas, para aí assistirmos a cenas de lamentos e malsucedidos amores; donde logo o poeta nos restituirá á interrompida crônica da gente Cadmeia.

A fábula de Eco e Narciso é um dos mais esmerados trechos deste livro.

Cada uma das metades de que

{fl.56}

se compõe, lá encerra no fundo sua moralidade, se nos quisermos fiar nos vedores e mineiros morais: Eco é um lembrete às terceiras e encobridoras; Narciso, uma lição ao amor-próprio; como Actêon despedaçado dos cães fora um emblema do homem, de quem seus próprios desejos e paixões chegam a dar cabo.

Assim será; mas não é esse (repeti-lo-ei) o meu instituto, senão só descobrir e apontar a indústria do lavor poético.

É a principal graça desta fábula a correspondência e harmonia, que entre ambas suas partes se está sentindo: não pode Eco lograr-se de quem ama; não pode Narciso lograr-se de quem ama. Com a repulsa, cresce o amor de Eco; o de Narciso se irrita com o malogro. Eco se fina e converte em penedia, Narciso em flor. Eco e Narciso duram ainda, e conservam os seus nomes.

Mais: na engenhosa descripção do monte respondendo às vozes, e da fonte trasladando a imagem, há tão mútua permutação de attributos, que antes parece identidade; porque o eco é o espelho dos ouvidos, como o espelho é um eco para os olhos. Mas com que

{fl.57}

abundante graça não soube o poeta variar estes effeitos segundo as circunstâncias, e, apostando

comsigo mesmo engenho contra engenho, parecer em ambas as partes vencedor, sendo igual!

Não se ha-de porém dissimular um grave senão, que muito desconta a formosura d'esta fábula, e que já eu (tanto é facil aos pequenos que veem depois, emendar o que os grandes erraram) corrigi nas minhas Cartas de Ecco e Narciso. O Narciso do nosso Autor, que, na idade das paixões, foge das nymphas que o perseguem, enamora-se, desnatural e absurdamente, do que (ainda que existira) o não podia amar, mas que, de mais a mais, não podia existir e viver onde elle o via. O meu Narciso, pelo contrário, crê ver nas aguas que o retratam a jovem náiaide d'essas mesmas aguas; e parece-me que, se a Rhamnúsia, deusa e deusa da Justiça, houvesse de punir aquelle presumçoso pela sua isenção (como Ovidio nol-o affirma), muito melhor houvera feito, por mais de uma rasão, em adoptar o meu arbítrio, do que o d'elle.

\*

Como quer que seja, Tirésias, que

}fl.39{ {fl.58}

já á mãe de Narciso prognosticára esse fim de seu filho, a ponto nos apparece, para do silencio dos campos nos reconduzir á nossa Thebas.

Nós ahi o vemos, isenta e majestosamente, no meio dos paços Reaes, e em presença do tirano e incrédulo Pentheu, neto de Cadmo, prophetisar-lhe a próxima chegada de Baccho, a triumphal entrada que fará na cidade, o estabelecimento do seu culto pelo Reino, e finalmente o desastrado castigo do Principe temerário, que lhe denegar reconhecimento de vassalagem.

Segue-se ás palavras o cumprimento: Baccho apparece; os campos, a cidade, se alvorotam; tudo é regosijo, alarido, musicas. Só Pentheu se não rende.

consigo mesmo engenho contra engenho, parecer em ambas as partes vencedor, sendo igual!

Não se há de porém dissimular um grave senão, que muito desconta a formosura desta fábula, e que já eu (tanto é fácil aos pequenos que veem depois, emendar o que os grandes erraram) corrigi nas minhas Cartas de Eco e Narciso. O Narciso do nosso autor, que, na idade das paixões, foge das ninfas que o perseguem, enamora-se, desnatural e absurdamente, do que (ainda que existira) o não podia amar, mas que, de mais a mais, não podia existir e viver onde ele o via. O meu Narciso, pelo contrário, crê ver nas águas que o retratam a jovem náiaide dessas mesmas águas; e parece-me que, se a Ramnúsia, deusa e deusa da Justiça, houvesse de punir aquele presunçoso pela sua isenção (como Ovídio no-lo afirma), muito melhor houvera feito, por mais de uma razão, em adoptar o meu arbítrio, do que o dele.

\*

Como quer que seja, Tirésias, que

{fl.58}

já à mãe de Narciso prognosticara esse fim de seu filho, a ponto nos apparece, para do silêncio dos campos nos reconduzir à nossa Tebas.

Nós aí o vemos, isenta e majestosamente, no meio dos paços reais, e em presença do tirano e incrédulo Pentheu, neto de Cadmo, profetizar-lhe a próxima chegada de Baco, a triumphal entrada que fará na cidade, o estabelecimento do seu culto pelo reino, e finalmente o desastrado castigo do Príncipe temerário, que lhe denegar reconhecimento de vassalagem.

Segue-se às palavras o cumprimento: Baco apparece; os campos, a cidade, se alvorotam; tudo é regosijo, alarido, músicas. Só Pentheu se não rende.

Manda buscar prêzo o novo deus, para o confundir e castigar. Este, para mais o escarnecer, se encobre na figura de um rude marítimo; deixa-se conduzir maniatado á sua presença; e, sem sobresalto nem covardia, se lhe confessa partidario de Baccho, e lhe encarece a formosura e poderio de tal nume.

N'esta prosopopéia do supposto Acétes nada ha, em que a mais severa

}fl.40{ {fl.59}

crítica possa pôr tacha. Nunca em versos se mentiu mais, com maior verdade. A descripção da humildade e pobreza de Acétes, pescador e filho de pescador; a sua ambição de vir a ser piloto; as suas diligencias para o conseguir; a viagem a Delos, em que já vai por capitão; o seu pojar em Naxos a fazer aguada; a lindeza e o estado d'aquelle menino que lá tomam; a altercação entre a gente do navio; a sedição contra o maioral; o contraste da consternação e súplicas da pobre criancinha desamparada, com a desabrida impiedade de toda a chusma ladrona, são pinceladas de um Apelles consumado.

¿E que diremos da última parte d'essa prosopopéia? ¿do milagre, já esperado sim, mas que ainda sobreleva á nossa expectação, quando, subitamente, nem todo o bracejar dos remeiros, nem todo o assoprar dos ventos, podem fazer surdir o navio por davante? ¿E aquelle repentino volver de Baccho ao seu natural! ¿E aquella temerosa representação de feras que o rodeiam! ¿E, mais que tudo, aquelle subir, recrescer, e alastrar-se de heras, e vides emparradas, pelos remos, pelas velas, por toda a parte!

O que esta pintura vale, que

Manda buscar preso o novo deus, para o confundir e castigar. Este, para mais o escarnecer, se encobre na figura de um rude marítimo; deixa-se conduzir maniatado à sua presença; e, sem sobressalto nem covardia, se lhe confessa partidário de Baco, e lhe encarece a formosura e poderio de tal nume.

Nesta prosopopeia do suposto Acétes nada há, em que a mais severa

{fl.59}

crítica possa pôr tacha. Nunca em versos se mentiu mais, com maior verdade. A descripção da humildade e pobreza de Acétes, pescador e filho de pescador; a sua ambição de vir a ser piloto; as suas diligências para o conseguir; a viagem a Delos, em que já vai por capitão; o seu pojar em Naxos a fazer aguada; a lindeza e o estado daquele menino que lá tomam; a altercação entre a gente do navio; a sedição contra o maioral; o contraste da consternação e súplicas da pobre criancinha desamparada, com a desabrida impiedade de toda a chusma ladrona, são pinceladas de um Apelles consumado.

E que diremos da última parte dessa prosopopeia? Do milagre, já esperado sim, mas que ainda sobreleva à nossa expectação, quando, subitamente, nem todo o bracejar dos remeiros, nem todo o assoprar dos ventos, podem fazer surdir o navio por de avante? E aquele repentino volver de Baco ao seu natural! E aquela temerosa representação de feras que o rodeiam! E, mais que tudo, aquele subir, recrescer, e alastrar-se de heras, e vides emparradas, pelos remos, pelas velas, por toda a parte!

O que esta pintura vale, que



}fl.41{ {fl.60}

{fl.60}

vol-o digam os que já alguma vez, barra em fora, padeceram saudades da terra natal. Esses, sabem que poesia não tem, no meio dos desertos do mar, o trovar serrano do homem do leme pela hora da meia-noite; o cantar aldeão do gallo ao romper d'alva; o balído montez da cabra, que Deus sabe se não vai, como o passageiro, recogitando a amenidade de seus campos...

¡Verdura, e tanta verdura! ¡fructos, e tão guapos fructos no meio das ondas! ¿Que presente mais bem aceito nos poderá vir das mãos de tão feiticeira musa! Não era este improvisado jardim para morada de sacrílegos; gôsto e riso nos é, vel-os transformar-se, com mútuo pasmo, todos em golfinhos, e, despenhando-se no pégo, deixar sós ahí os dois, pouco ha suas vítimas e seu ludíbrico; os quaes, desfeito o encantamento que detivera o navio, lá se vão vellejando, a desembarcar na pampinosa e frêscas Naxos, predilecto hospício do nume.

A fúria de Pentheu contra o narrador, e os supplicios que lhe manda aparelhar, assustam a imaginação; mas o Poeta, que para tudo tem á mão remedio, faz arrombar-se por si o cárcere, desagrilhoar-se o prêzo, e desaparecer. Brama o

}fl.42{ {fl.61}

tirano no seu palacio; mas o Cythéron restruge o ar com o estrondo das bacchanaes. Para lá o arremeça; o que a elle se lhe antólha a sede de sua vingança, mas que em verdade não é senão a cólera do deus, que por seu pé e próprio movimento o envia ao patíbulo. Sua mãe, a final, e suas tias, o colhem no monte, o fazem arrepender-se e humilhar-se, e o despedaçam.

\*

vo-lo digam os que já alguma vez, barra em fora, padeceram saudades da terra natal. Esses, sabem que poesia não tem, no meio dos desertos do mar, o trovar serrano do homem do leme pela hora da meia-noite; o cantar aldeão do gallo ao romper d'alva; o balido montês da cabra, que Deus sabe se não vai, como o passageiro, recogitando a amenidade de seus campos...

Verdura, e tanta verdura! Frutos, e tão guapos frutos no meio das ondas! Que presente mais bem aceito nos poderá vir das mãos de tão feiticeira musa! Não era este improvisado jardim para morada de sacrílegos; gosto e riso nos é, vê-los transformar-se, com mútuo pasmo, todos em golfinhos, e, despenhando-se no pego, deixar sós aí os dois, pouco há suas vítimas e seu ludíbrico; os quais, desfeito o encantamento que detivera o navio, lá se vão velejando, a desembarcar na pampinosa e frescas Naxos, predileto hospício do nume.

A fúria de Pentheu contra o narrador, e os suplícios que lhe manda aparelhar, assustam a imaginação; mas o poeta, que para tudo tem à mão remédio, faz arrombar-se por si o cárcere, desagrilhoar-se o preso, e desaparecer. Brama o

{fl.61}

tirano no seu palácio; mas o Citéron restruge o ar com o estrondo das bacanaes. Para lá o arremessa; o que a ele se lhe antolha a sede de sua vingança, mas que em verdade não é senão a cólera do deus, que por seu pé e próprio movimento o envia ao patíbulo. Sua mãe, a final, e suas tias, o colhem no monte, o fazem arrepender-se e humilhar-se, e o despedaçam.

\*

Uma questão se apresenta naturalmente n'este lugar; questão que, ao ler os antigos poetas, bem vezes deve ocorrer aos menos questionadores:

¿Até que ponto era o polytheismo religião?

¿Quaes foram os verdadeiros esteios, e que se manteve sobre a sociedade?

A resposta a estas duas perguntas não cabe em uma nota, nem por ventura em um livro.

Observêmos simplesmente, que, posto que os milhares de deuses (pela maior parte gregos) naturalizados em Roma tivessem seus templos, seus sacerdotes, seus dias consagrados,

}fl.43{ {fl.62}

e suas festas; posto que houvesse pontífices e mantenedores do culto; posto que todas as fórmulas, da paz, da guerra, do fôro, do senado, e do Palatíno, posto enfim que a propria Lingua, se nos representem impregnadas d'estas absurdas superstições; não é difficil perceber que a philosophia incrédula gosava de uma grandissima liberdade.

Os martyrios christãos, que só muito mais tarde vieram, não podem depôr em bom tribunal contra a existencia da tolerancia antiga, que deixou correr, sem perseguição, tantos escritos, em verso e em prosa, em que os deuses ou eram negados, ou duvidados, ou escarnecidos.

Todas as seitas da Grecia tinham em Roma seus partidarios descobertos; e algumas d'ellas, sabido é como repugnavam e se oppunham diametralmente ás crenças publicas do Estado. O poema de Lucrécio é o materialismo, e o quasi atheismo (quando menos). Nas obras phisosophicas de Cicero, não vai menos que scepticismo. Séneca é quasi um Padre da Egreja. Plinio, queimando os incensos da eloquencia ao divo Imperador Vespasiano, que foi quasi

Uma questão se apresenta naturalmente neste lugar; questão que, ao ler os antigos poetas, bem vezes deve ocorrer aos menos questionadores:

Até que ponto era o politeísmo religião?

Quais foram os verdadeiros esteios, e que se manteve sobre a sociedade?

A resposta a estas duas perguntas não cabe em uma nota, nem por ventura em um livro.

Observemos simplesmente, que, posto que os milhares de deuses (pela maior parte gregos) naturalizados em Roma tivessem seus templos, seus sacerdotes, seus dias consagrados,

{fl.62}

e suas festas; posto que houvesse pontífices e mantenedores do culto; posto que todas as fórmulas, da paz, da guerra, do foro, do senado, e do Palatino, posto enfim que a própria língua, se nos representem impregnadas destas absurdas superstições; não é difícil perceber que a filosofia incrédula gozava de uma grandíssima liberdade.

Os martírios cristãos, que só muito mais tarde vieram, não podem depor em bom tribunal contra a existência da tolerância antiga, que deixou correr, sem perseguição, tantos escritos, em verso e em prosa, em que os deuses ou eram negados, ou duvidados, ou escarnecidos.

Todas as seitas da Grécia tinham em Roma seus partidários descobertos; e algumas delas, sabido é como repugnavam e se oppunham diametralmente às crenças públicas do Estado. O poema de Lucrécio é o materialismo, e o quase ateísmo (quando menos). Nas obras filosóficas de Cícero, não vai menos que ceticismo. Séneca é quase um padre da Igreja. Plinio, queimando os incensos da eloquência ao divo Imperador Vespasiano, que foi quase

}fl.44{ {fl.63}

{fl.63}

um ótimo Imperador, escarnece e apoda a todas as outras divindades, que são mais em numero, diz elle, do que os homens que as adoram; e vai tanto por diante, que, chegando a falar de um Deus unico, escreve: “*Irridendum vero agere curam rerum humanarum illud, quid-quid est, summum.*” E o nosso Ovidio, o mais amplo de todos os antigos mythólogos, diz: “Convém que haja deuses; e, como assim convém, julguemos que realmente os ha; vamos continuando a dar incenso e vinho ás aras antigas.”

\*

A tendencia para o sobrenatural e maravilhoso, e a consciencia da fraqueza e dependencia do homem, como indivíduo e até como sociedade, foram em toda a parte a primeira semente das fábulas divinas.

Apenas rebentadas estas fabulas em um povo nascente, ou n’elle enxertadas, a Moral as deveu cultivar para seu sustento, e as leis sancional-as como taes; pois que, se sem Moral não ha povo, tambem, sem uma crença organisada, não ha Moral.

Assim, a Politica se tornou a columna central do Templo. As artes começaram de brincar e embellezar essas tradições pri-

}fl.45{ {fl.64}

mitivas, que dentro em pouco se lhes tornaram tambem incentivo e alimento. O tempo, que tudo altera e consóme excepto a rasão, que por elle se encórpa e cresce, o tempo gastou as arraigadas e seculares preocupações. Mas, porque as artes, que, semelhantes ás plantas parasitas, as tinham de baixo a cima abraçado, cingido, enfolhado, e recoberto, tinham já tambem por sua parte ganhado assaz corpo. A velhice e destruição do incluso tronco da Fé não

um ótimo Imperador, escarnece e apoda a todas as outras divindades, que são mais em número, diz ele, do que os homens que as adoram; e vai tanto por diante, que, chegando a falar de um Deus único, escreve: “*Irridendum vero agere curam rerum humanarum illud, quid-quid est, summum.*” E o nosso Ovídio, o mais amplo de todos os antigos mitólogos, diz: “Convém que haja deuses; e, como assim convém, julguemos que realmente os há; vamos continuando a dar incenso e vinho às aras antigas.”

\*

A tendência para o sobrenatural e maravilhoso, e a consciência da fraqueza e dependência do homem, como indivíduo e até como sociedade, foram em toda a parte a primeira semente das fábulas divinas.

Apenas rebentadas estas fabulas em um povo nascente, ou nele enxertadas, a moral as deveu cultivar para seu sustento, e as leis sancioná-las como tais; pois que, se sem moral não há povo, também, sem uma crença organizada, não há moral.

Assim, a política se tornou a coluna central do templo. As artes começaram de brincar e embelezar essas tradições pri-

{fl.64}

mitivas, que dentro em pouco se lhes tornaram também incentivo e alimento. O tempo, que tudo altera e consome exceto a razão, que por ele se encorpa e cresce, o tempo gastou as arraigadas e seculares preocupações. Mas, porque as artes, que, semelhantes às plantas parasitas, as tinham de baixo acima abraçado, cingido, enfolhado, e recoberto, tinham já também por sua parte ganhado assaz corpo. A velhice e destruição do incluso tronco da fé não foi

foi seguida da sua quédia; e a Política atenta, que d'antes o sustentára só para os costumes, um pouco pela mesma rasão dos costumes, e muito pela do bello e da glória, e talvez tambem pela de sempre o ter amparado, continuou a ter mão n'este simulacro brilhante e vazío, á conta da decencia, mas sem já se importar muito de o sentir vacillar diante das frequentes rajadas contrárias.

O que, pois, fôra religião, e como tal produzira sem dúvida alguns bens, e muitos, quasi chegou a não ser mais que uma borrada capa a-la-moda, com que appareciam vestidos os entendimentos, e por baixo da qual, Deus sabe quanto as paixões

}fl.46{ {fl.65}

foram mettendo e abrigando de miserias e torpezas.

\*

Nem o longo existir, nem o existir geralmente, se pode haver, só por si, como um argumento, ou de solidez, ou de utilidade moral, no verdadeiro sentido d'esta última phrase. E se não, que nos digam como se veio conservando na Poesia, na Escultura, na Pintura, em festas, em usos, em crenças geraes, a maior, e talvez a mais ponderosa, parte da romana idolatria, por entre a sisuda austeridade do Christianismo até nossos dias.

Toda a Europa baptisada não ha tomado nas mãos a lyra, o pincel, ou o escôpro, senão para reproduzir, redivinizado sob as mesmas formas, o Olympo.

Um tomo qualquer dos nossos Árcades, e um volume dos versos da idade de Augusto, passados a uma mesma Língua, e lidos sem nome de autor, parecerão dois frutos criados na mesma arvore; só com a differença de ter sahido um sazoado, e o outro

seguida da sua queda; e a política atenta, que dantes o sustentara só para os costumes, um pouco pela mesma razão dos costumes, e muito pela do belo e da glória, e talvez também pela de sempre o ter amparado, continuou a ter mão neste simulacro brilhante e vazio, à conta da decência, mas sem já se importar muito de o sentir vacilar diante das frequentes rajadas contrárias.

O que, pois, fora religião, e como tal produzira sem dúvida alguns bens, e muitos, quase chegou a não ser mais que uma borrada capa a-la-moda, com que apareciam vestidos os entendimentos, e por baixo da qual, Deus sabe quanto as paixões

{fl.65}

foram metendo e abrigando de misérias e torpezas.

\*

Nem o longo existir, nem o existir geralmente, se pode haver, só por si, como um argumento, ou de solidez, ou de utilidade moral, no verdadeiro sentido desta última frase. E se não, que nos digam como se veio conservando na poesia, na escultura, na pintura, em festas, em usos, em crenças gerais, a maior, e talvez a mais ponderosa, parte da romana idolatria, por entre a sisuda austeridade do cristianismo até nossos dias.

Toda a Europa batizada não há tomado nas mãos a lira, o pincel, ou o escopro, senão para reproduzir, redivinizado sob as mesmas formas, o Olimpo.

Um tomo qualquer dos nossos árcades, e um volume dos versos da idade de Augusto, passados a uma mesma língua, e lidos sem nome de autor, parecerão dois frutos criados na mesma árvore; só com a diferença de ter saído um sazoadado, e o outro

pêco e outoniço. Ora, se nem Córydon, nem Elpino,  
nem Alfêno, nem Filinto, adoravam

}fl.47{ {fl.66}

os deuses, de que tão devotos e apóstolos se  
representam, e só lhes mantinham o culto pelo  
pressupôsto interesse de suas Rimas, ;quão possivel  
não é que outro tanto, e por mais fortes motivos,  
quasi acontecesse antigamente aos outros poetas, aos  
sacerdotes, aos festeiros, e a muita e boa parte do  
povo da illustrada Roma, e da Grecia illustradissima!

\*

N'este pé (segundo entendo) estava, as  
coisas na idade em que o nosso Poeta escrevia.

O Christianismo não matou uma religião;  
sepultou um cadáver.

Eis aqui o porque, entre os pretextos com  
que se corou o destêrro de Ovidio, o Imperador-  
Pontífice não ousou tomar o de blasphemia; sendo  
que raras paginas do Autor deixavam de offerecer  
para isso mui folgada matéria.

N'este Livro, por exemplo, consagrado  
quasi todo aos louvores de Baccho, ao pregão do seu  
culto, aos exemplos das vinganças d'esse deus contra  
os seus incrédulos;

}fl.48{ {fl.67}

n'este Livro, é pôsto por impio, só porque se oppõe á  
introducção das órgias, ;que é o que por desfecho se  
nos depara? a descripção d'essas mesmas órgias,  
como que a drêde calculada para as desacreditar.  
;Que deus aquelle, por cujos influxos, e em cujo  
nome, as mulheres do mais nobre sangue correm  
ébricas, desgrenhadas, clamorosas e acezas como  
Fúrias, despedaçam os mais suaves, os mais santos  
laços da Natureza, e fazem triumphalmente pedaços  
um sobrinho, e um filho!

peco e outoniço. Ora, se nem Córidon, nem Elpino,  
nem Alfêno, nem Filinto, adoravam

{fl.66}

os deuses, de que tão devotos e apóstolos se  
representam, e só lhes mantinham o culto pelo  
pressuposto interesse de suas rimas, quão possível  
não é que outro tanto, e por mais fortes motivos,  
quase acontecesse antigamente aos outros poetas,  
aos sacerdotes, aos festeiros, e a muita e boa parte do  
povo da ilustrada Roma, e da Grécia ilustradíssima!

\*

Neste pé (segundo entendo) estava, as coisas  
na idade em que o nosso poeta escrevia.

O cristianismo não matou uma religião;  
sepultou um cadáver.

Eis aqui o porquê, entre os pretextos com  
que se corou o desterro de Ovídio, o Imperador-  
Pontífice não ousou tomar o de blasfêmia; sendo que  
raras páginas do autor deixavam de oferecer para  
isso mui folgada matéria.

Neste livro, por exemplo, consagrado quase  
todo aos louvores de Baco, ao pregão do seu culto,  
aos exemplos das vinganças desse deus contra os  
seus incrédulos;

{fl.67}

neste livro, é posto por ímpio, só porque se opõe à  
introducção das orgias, que é o que por desfecho se  
nos depara? A descrição dessas mesmas orgias,  
como que adrede calculada para as desacreditar. Que  
deus aquele, por cujos influxos, e em cujo nome, as  
mulheres do mais nobre sangue correm ébricas,  
desgrenhadas, clamorosas e acesas como Fúrias,  
despedaçam os mais suaves, os mais santos laços da  
natureza, e fazem triunfalmente pedaços um  
sobrinho, e um filho!

Eis aqui, me parece, um thema poético, onde commentarios de philosophos seriam mui bem cabidos.

Eis aqui, me parece, um tema poético, onde comentários de filósofos seriam mui bem cabidos.

---

Ajuste de contas

com

Ovídio e Bocage

Contém este Livro no original 733 versos, e na tradução 958; tem a tradução mais 225 do que o original.

A Bocage nada pertence.

---

Ajuste de contas

com

Ovídio e Bocage

Contém este livro no original 733 versos, e na tradução 958; tem a tradução mais 225 do que o original.

A Bocage nada pertence.

**Aparato Crítico do Livro III**

<b>Número do verso</b>	<b>Verso na versão impressa</b>
51	“Vêl-o em volúveis vóltas desconcentra”
700	“lembre-vos, eu vos péço, a vossa origem.”
753	“Na mesma ocupação me foi criando:”
828	“Eu mareasse o rumo, –Tu que fazes? –”
882	“nem já mãos tem, tem barbatanas. Outro,”

## IV



}fl.142{ {fl.1}

{fl.1}

## Livro IV

## Livro IV

## I

## I

Mas inda Alcíthoe, de Mineu progénie,  
com temerario entôno impugna as órgias;  
provir Baccho de Jove, o toma o riso,  
e nas irmans tem socias da impiedade.

Mas inda Alcítoe, de Mineu progênie,  
com temerário entono impugna as órgias;  
provir Baco de Jove, o toma o riso,  
e nas irmãs tem sócias da impiedade.

\*

\*

Mandára deitar bando o sacerdote,  
que senhoras e servas, feriendo  
lavoires seus, ás festas concorressem,  
envôlto o peito em nébrides felpudas,  
desenastrada a coma, engrinaldadas  
de ramas, e nas mãos folhudos thyrsos;  
vaticinando cólera e vinganças  
do nume offêso, se diverso obrassem.  
De toda a parte as donas, as donzellas,  
se trajam, se apressuram; quêdos ficam  
tear, cêsto, e tarefas começadas.

Mandara deitar bando o sacerdote, 5  
que senhoras e servas, feriendo  
lavoires seus, às festas concorressem,  
envolto o peito em nébrides felpudas,  
desenastrada a coma, engrinaldadas  
de ramas, e nas mãos folhudos tirsos; 10  
vaticinando cólera e vinganças  
do nume ofeso, se diverso obrassem.  
De toda a parte as donas, as donzellas,  
se trajam, se apressuram; quedos ficam 15  
tear, cesto, e tarefas começadas.

Entre nuvens de incenso alteiam hymnos,  
em que ao deus com mil titulos ufanam:  
Brómio, Lyeu, Ignígeno, Bimadre,

Entre nuvens de incenso alteiam hinos,  
em que ao deus com mil títulos ufanam:  
Brómio, Lieu, Ignígeno, Bimadre,

}fl.143{ {fl.2}

{fl.2}

Binascido, Nyseu, Thyoneu intonso,  
Leneu cultor dos folgasões licôres,  
padre Eleleu, Nyctélio, Evan, Iáccho,  
e os mais nomes que, ó Líbero, costumam  
dar-te profusamente os Gregos povos.

Binascido, Niseu, Tioneu intonso, 20  
Leneu cultor dos folgazões licores,  
padre Eleleu, Nictélio, Evan, Iáco,  
e os mais nomes que, ó Líbero, costumam  
dar-te profusamente os gregos povos.

\*

\*

Sim; tu gozas perenne mocidade;  
tu vens sempre menino; tu resplendes

Sim; tu gozas perene mocidade; 25  
tu vens sempre menino; tu resplendes

lá nos Ceos formosissimo; és na face  
virgem mui bella em destoucando as pontas.

Tu, vencedor, pelas nações da Aurora  
penetraste, até onde o extremo Ganges  
marca a fronteira aos descorados Indos.

Tu, pavor de sacrílegos, immolas  
Pentheus, e bipenníferos Lycurgos.

Tu submerges no mar Tyrrhenos impios.

Tu, domador de indómitas bravezas,  
levas-te em carro de vistosos linceas,  
dóceis ao toque das bordadas rédeas.

As Bacchantes e os Sátyros te seguem;  
segue-te o velho bêbado, aos baloiços,

}fl.144{ {fl.3}

no derreado asninho, a abordoar-se  
na cana, arrimo incerto aos membros tontos.

Por onde quer que vás, lá se alevanta  
grita de moços, grita de mulheres,  
palmadas em troantes atambores,  
tintinam sinos, longas flautas silvam.

Brando e applacado assistas, te conjura  
o côro das Isménides, que às festas  
em Thebas publicadas concorreram.

Sós, dentro em casa, de Mineu as filhas,  
profanam com o trabalho o sacro dia;  
uma carpeia lans; outra no fuso  
vai rodopiando o estâme; est'outra tece,  
e as servas com tarefas afervoram.

\*

Uma d'entre as irmans, puchando o fio,  
disse às mais:

– “Nós agora, em quanto as outras  
“se andam por lá detidas em chiméras,  
“nós, a quem Pallas, melhor deusa, occupa,  
“falemos, que o falar encurta as horas,

lá nos Céus formosíssimo; és na face  
virgem mui bela em destoucando as pontas.

Tu, vencedor, pelas nações da Aurora  
penetraste, até onde o extremo Ganges  
marca a fronteira aos descorados indos.

Tu, pavor de sacrílegos, imolas  
Penteus, e bipeníferos Licurgos.

Tu submerges no mar Tirrenos ímpios.

Tu, domador de indómitas bravezas,  
levas-te em carro de vistosos linceas,  
dóceis ao toque das bordadas rédeas.

As bacantes e os sátiros te seguem;  
segue-te o velho bêbado, aos baloiços,

{fl.3}

no derreado asninho, a abordoar-se  
na cana, arrimo incerto aos membros tontos.

Por onde quer que vás, lá se alevanta  
grita de moços, grita de mulheres,  
palmadas em troantes atambores,  
tintinam sinos, longas flautas silvam.

Brando e aplacado assistas, te conjura  
o coro das Isménides, que às festas  
em Tebas publicadas concorreram.

Sós, dentro em casa, de Mineu as filhas,  
profanam com o trabalho o sacro dia;  
uma carpeia lãs; outra no fuso  
vai rodopiando o estame; est'outra tece,  
e as servas com tarefas afervoram.

\*

Uma dentre as irmãs, puxando o fio,  
disse às mais:

— Nós agora, enquanto as outras  
se andam por lá detidas em quimeras,  
nós, a quem Palas, melhor deusa, ocupa,  
falemos, que o falar encurta as horas,

}fl.145{ {fl.4}	{fl.4}	
<p>“e ao longo trabalhar dá certo allívio.  “Deve ir correndo a roda, e cada uma,  “chegando a sua vez, contar seu conto.”  Apraz; mandam-lhe as mais que principie.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Ella, que muitas sabe, entra em consultas  sobre que historia narre. Ora lhe acode  a tua, ó Babylónica Dercéte,  de quem hão por mui certo os Palestinos  que os lagos moras convertida em peixe.  Ora lhe lembra de Dercéte a filha,  que ao fim da vida, em pomba transformada,  foi habitar nas branqueadas torres.  Vem-lhe á memoria Nais, aquella nympha,  que demudava, por conjuros e hervas,  os corpos juvenís em peixes mudos,  em quanto sorte igual não teve em prémio.  Tambem lhe ocorre ess’arvore, que o fruto  deu branco, e preto o dá, tingida em sangue.  Esta, por não vulgar, mais a contenta.  Assim pois começou, fiando sempre:</p>	<p>e ao longo trabalhar dá certo alívio.  Deve ir correndo a roda, e cada uma,  chegando a sua vez, contar seu conto. —  Apraz; mandam-lhe as mais que principie.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Ela, que muitas sabe, entra em consultas  sobre que história narre. Ora lhe acode  a tua, ó babilônica Dercete,  de quem hão por mui certo os palestinos  que os lagos moras convertida em peixe.  Ora lhe lembra de Dercete a filha,  que ao fim da vida, em pomba transformada,  foi habitar nas branqueadas torres.  Vem-lhe à memória Nais, aquela ninfa,  que demudava, por conjuros e ervas,  os corpos juvenis em peixes mudos,  enquanto sorte igual não teve em prêmio.  Também lhe ocorre ess’árvore, que o fruto  deu branco, e preto o dá, tingida em sangue.  Esta, por não vulgar, mais a contenta.  Assim pois começou, fiando sempre:</p>	60
}fl.146{ {fl.5}	{fl.5}	
*	*	
<p>— “Pyramo, singular entre os mancebos,  “e Thisbe, superior na formosura  “a todas as donzellas do Oriente,  “tinham contíguas as moradas suas,  “lá, onde é fama que de ingentes muros  “Semiramis cingiu alta cidade.  “A amor a vizinhança abriu caminho;  “n’elles foi com a idade amor crescendo,  “e unir-se em doce nó votaram ambos;</p>	<p>— <i>Píramo, singular entre os mancebos,  e Tisbe, superior na formosura  a todas as donzelas do Oriente,  tinham contíguas as moradas suas,  lá, onde é fama que de ingentes muros  Semíramis cingiu alta cidade.  A amor a vizinhança abriu caminho;  neles foi com a idade amor crescendo,  e unir-se em doce nó votaram ambos;</i></p>	80
		85

<p>“o que injustos os paes não permittiram.  “Em vivo equal desejo os dois ardendo  “(que isto os paes evitar-lhes não poderam),  “sem confidente algum, só por acenos,  “por signaes, se entendiam, se afagavam;  “quando amor se recata, é mais activo.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>“Parede que os dois lares dividia,  “rasgada estava de uma ténue fenda  “desde o tempo em que foram fabricados.  “Ninguem tinha notado este defeito;  “mas... ¿que não sente amor? ¿que não descobre?  “vós, amantes fieis, vós o notastes,</p>	<p><i>o que injustos os pais não permitiram.  Em vivo igual desejo os dois ardendo  (que isto os pais evitar-lhes não puderam),  sem confidente algum, só por acenos,  por sinais, se entendiam, se afagavam;  quando amor se recata, é mais ativo.</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p><i>Parede que os dois lares dividia,  rasgada estava de uma ténue fenda  desde o tempo em que foram fabricados.  Ninguém tinha notado este defeito;  mas... que não sente amor? Que não descobre?  Vós, amantes fiéis, vós o notastes,</i></p>	<p>90</p> <p>95</p>
}fl.147{ {fl.6}		{fl.6}
<p>“e d’elle se valeu sagaz ternura.  “Sohiam por ali passar, sem mêdo,  “brandas finezas em murmúrio brando.  “De uma parte o mancebo, e Thisbe de outra,  “prestando unicamente e recebendo  “seu hálito amoroso, assim carpiam:  “– <u>Invejosa parede, a dois amantes</u>  <u>“por que, por que te oppões? ¡Ah! ¿que importava</u>  <u>“que perfeita união nos consentisses?</u>  <u>“ou, se isto é muito, ao menos franqueasses</u>  <u>“aos ósculos de amor logar bastante.</u>  <u>“Mas não somos ingratos; confessamos</u>  <u>“que os nossos corações a ti, só, devem</u>  <u>“doce conversação que os desafoga. ]”</u>–</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>“Separados, assim, e em vão, diziam.  “Dando um saudoso adeus, já quasi á noite,  “ao partir, cada qual suave beijo  “na parede insensível empregava,  “nem que o terno penhor chegar pudesse</p>	<p><i>e dele se valeu sagaz ternura.  Soíam por ali passar, sem medo,  brandas finezas em murmúrio brando.  De uma parte o mancebo, e Tisbe de outra,  prestando unicamente e recebendo  seu hálito amoroso, assim carpiam:  ‘Invejosa parede, a dois amantes  por que, por que te opões? Ah! Que importava  que perfeita união nos consentisses?  Ou, se isto é muito, ao menos franqueasses  aos ósculos de amor lugar bastante.  Mas não somos ingratos; confessamos  que os nossos corações a ti, só, devem  doce conversação que os desafoga.’</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p><i>Separados, assim, e em vão, diziam.  Dando um saudoso adeus, já quase à noite,  ao partir, cada qual suave beijo  na parede insensível empregava,  nem que o terno penhor chegar pudesse</i></p>	<p>100</p> <p>105</p> <p>110</p> <p>115</p>

“aonde o dirigia o pensamento.

\*

“Um dia, quando rôto o veo nocturno,  
“tinha antes os lumes da serena Aurora

}fl.148{ {fl.7}

“desmaiado nos ceos a luz dos astros,  
“e Phebo com seu raio ia seccando  
“sobre as hervas subtís o frio orvalho,  
“ao logar do costume os dois volveram.  
“Depois de mutuamente se queixarem  
“da pesada oppressão que os constringia,  
“com mais cautella ainda, em tom mais baixo,  
“concertam entre si, que em vindo a noite  
“haviam de illudir os paes e os servos,  
“de seus lares fugindo, e da cidade;  
“que, por não se perderem vagueando  
“pelo campo espaçoso, ao-pé da antiga  
“sepultura de Nino ambos parassem,  
“postos á sombra de arvore frondosa.  
“Esta arvore, que ali ao ar se erguia  
“carregada de frutos côr de neve,  
“então da côr da neve até maduros,  
“era a grata amoreira; amena fonte  
“fervendo junto d’ella o chão regava.

\*

“Quadrou o ajuste; e nas cerúleas ondas  
“cahindo tardo o sol para os amantes,  
“e d’onde o sol cahiu surgindo a noite,  
“achada occasião, por entre as sombras

}fl.149{ {fl.8}

“Thisbe astuta das portas volve a chave,  
“engana os seus, e sai. Cobrindo o rosto  
“caminha para o tumulo de Nino;  
“chega, e debaixo da arvore se assenta.

*aonde o dirigia o pensamento.*

\*

*Um dia, quando roto o véu noturno,  
tinha antes os lumes da serena aurora*

{fl.7}

*desmaiado nos céus a luz dos astros,  
e Febo com seu raio ia secando  
sobre as ervas sutis o frio orvalho,  
ao lugar do costume os dois volveram.  
Depois de mutuamente se queixarem  
da pesada oppressão que os constringia,  
com mais cautela ainda, em tom mais baixo,  
concertam entre si, que em vindo a noite  
haviam de iludir os pais e os servos,  
de seus lares fugindo, e da cidade;  
que, por não se perderem vagueando  
pelo campo espaçoso, ao pé da antiga  
sepultura de Nino ambos parassem,  
postos à sombra de árvore frondosa.  
Esta árvore, que ali ao ar se erguia  
carregada de frutos cor de neve,  
então da cor da neve até maduros,  
era a grata amoreira; amena fonte  
fervendo junto dela o chão regava.*

\*

*Quadrou o ajuste; e nas cerúleas ondas  
caindo tardo o sol para os amantes,  
e donde o sol caiu surgindo a noite,  
achada occasião, por entre as sombras*

{fl.8}

*Tisbe astuta das portas volve a chave,  
engana os seus, e sai. Cobrindo o rosto  
caminha para o túmulo de Nino;  
chega, e debaixo da árvore se assenta.*

120

125

130

135

140

145

“Dava amor ousadia á linda moça.

\*

“Eis que feroz leôa, ensanguentada  
 “de recente matança a bôcca enorme,  
 “assoma e vem depôr na fonte a sêde.  
 “Porque o pleno luar cobria o campo,  
 “a vê ao longe a Babilónia Thisbe,  
 “e com tímidos pés em gruta umbrosa  
 “vai sumir-se, correndo e palpitando,  
 “e na carreira o veo lhe cai por terra.  
 “Depois que o tôrvo bruto a sêde ardente  
 “nas aguas apagou, tornando aos bosques,  
 “o sôlto veo de Thisbe a caso encontra,  
 “e no sanguíneo dente o despedaça.

\*

“Pyramo, que do lar sahiu mais tarde,  
 “que vê no erguido pó signal da fera,  
 “e de fera no chão pegadas nota,

}fl.150{ {fl.9}

“descorando estremece, e tinto em sangue  
 “acha o cahido veo.

– |“;N’uma só noite –

“diz elle – dois amantes se perderam!  
“perdeu-se a bella, a triste, a desgraçada,  
“que de longa existencia era tão digna!...  
 “Eu tive toda a culpa; eu, miseranda,  
 “eu fui quem te matou; fui quem te disse  
 “que de noite, que só, te aventurasses  
 “a tão êrmo lugar, tão pavoroso;  
 “je para te acudir não vim primeiro!  
 “Lacerae-me este corpo abominavel,  
 “devorae-me estas barbaras entranhas,  
 “ó leões que jazeis por essas covas.  
 “Mas... chamar pela morte é só dos fracos.”| –

\*

*Dava amor ousadia à linda moça.*

\*

*Eis que feroz leoa, ensanguentada*  
*de recente matança a boca enorme,* 150  
*assoma e vem depor na fonte a sede.*  
*Porque o pleno luar cobria o campo,*  
*a vê ao longe a babilônia Tisbe,*  
*e com tímidos pés em gruta umbrosa*  
*vai sumir-se, correndo e palpitando,* 155  
*e na carreira o véu lhe cai por terra.*  
*Depois que o torvo bruto a sede ardente*  
*nas águas apagou, tornando aos bosques,*  
*o solto véu de Tisbe acaso encontra,*  
*e no sanguíneo dente o despedaça.* 160

\*

*Píramo, que do lar saiu mais tarde,*  
*que vê no erguido pó sinal da fera,*  
*e de fera no chão pegadas nota,*

{fl.9}

*descorando estremece, e tinto em sangue*  
*acha o caído véu.*

‘Numa só noite –

*diz ele – dois amantes se perderam!* 165  
*Perdeu-se a bela, a triste, a desgraçada,*  
*que de longa existência era tão digna!...*  
*Eu tive toda a culpa; eu, miseranda,*  
*eu fui quem te matou; fui quem te disse* 170  
*que de noite, que só, te aventurasses*  
*a tão ermo lugar, tão pavoroso;*  
*e para te acudir não vim primeiro!*  
*Lacerai-me este corpo abominável,*  
*Devorai-me estas bárbaras entranhas,* 175  
*ó leões que jazeis por essas covas.*  
*Mas... chamar pela morte é só dos fracos.’*

\*

<p>“Já da terra levanta o veo de Thisbe,  “e com elle nas mãos demanda as sombras  “da amoreira, logar do terno ajuste.  “Cobrindo-o lá de lagrimas e beijos,  “– <u>O meu sangue</u> (lhe diz) <u>tambem te regue;</u>  <u>“recebe, ó triste veo, tambem meu sangue.</u> –</p>	<p><i>Já da terra levanta o véu de Tisbe,  e com ele nas mãos demanda as sombras  da amoreira, lugar do terno ajuste.  Cobrindo-o lá de lágrimas e beijos,  ‘O meu sangue (lhe diz) também te regue;  recebe, ó triste véu, também meu sangue.’</i></p>	180
}fl.151{ {fl.10}	{fl.10}	
<p>“e subito, despindo o ferro agudo  “que ao lado lhe pendia, em si o embebe.  “Da ferida mortal o extrai, o arranca,  “e de costas no chão depois baqueia;  “pelos ares com ímpeto repucha  “o sangue em purpurantes espadanas.  “Tal de um pleno aqueduto o plumbeo cano  “rôto do tempo contra o ceo dardeja  “de aguas sonóras remeçada lança.  “Da ramosa amoreira os alvos frutos,  “pela rubra corrente rociados,  “em triste negra côr a antiga mudam,  “e do sangue a raiz humedecida  “logo ás amoras purpureia o sumo.  *  “Inda não livre do primeiro susto,  “volta a gentil donzella ao fatal sitio,  “por que a não ache em falta o caro amante.  “Com os olhos e com o ânimo o procura  “desejosa de expôr-lhe o grave risco  “de que poude escapar-se; reconhece  “o pôsto, e n’elle a arvore; comtudo...</p>	<p><i>e súbito, despindo o ferro agudo  que ao lado lhe pendia, em si o embebe.  Da ferida mortal o extrai, o arranca,  e de costas no chão depois baqueia;  pelos ares com ímpeto repuxa  o sangue em purpurantes espadanas.  Tal de um pleno aqueduto o plúmbeo cano  roto do tempo contra o céu dardeja  de águas sonoras remessada lança.  Da ramosa amoreira os alvos frutos,  pela rubra corrente rociados,  em triste negra cor a antiga mudam,  e do sangue a raiz umedecida  logo às amoras purpureia o sumo.  *  Inda não livre do primeiro susto,  volta a gentil donzela ao fatal sítio,  porque a não ache em falta o caro amante.  Com os olhos e com o ânimo o procura  desejosa de expor-lhe o grave risco  de que pôde escapar-se; reconhece  o posto, e nele a árvore; contudo...</i></p>	185
}fl.152{ {fl.11}	{fl.11}	
<p>“mudada no exterior a estranha agora;  “duvída se é a mesma. Em quanto hesíta,  “vê torcer-se, arquejar, na terra um corpo,  “na terra, que de sangue está manchada;</p>	<p><i>mudada no exterior a estranha agora;  duvida se é a mesma. Enquanto hesita,  vê torcer-se, arquejar, na terra um corpo,  na terra, que de sangue está manchada;</i></p>	205

“recúa de terror, pallido o rosto,  
 “como estátua de buxo, absôrta, muda,  
 “arripia-se e freme, á semelhança  
 “do rouco mar se as virações o encrespam.  
 “Mas, depois que attentando emfim conhece  
 “a porção da sua alma, os seus amores,  
 “rompe em chóros, em ais, maltrata o peito,  
 “o peito encantador, que o não merece;  
 “arranca delirante as loiras tranças,  
 “entre os braços apérta o corpo amado,  
 “verte amargosas lagrimas no golpe,  
 “correndo misturados sangue e pranto;  
 “piedosos beijos dá no rosto frio;  
 “clama: – Ó Pyramo, ó Ceos, ¡que duro caso  
“te arrebatá de mim!? Pyramo, escuta,  
“responde-me, querido; a tua amada,  
“a tua fiel Thisbe é quem te chama. |” –  
 “O semblante abatido ergue da terra

}fl.153{ {fl.12}

“o malfadado moço; eis abre os olhos  
 “já do pêzo da morte enfraquecidos,  
 “volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.  
 “Vê a infeliz seu veu; do amante ao lado  
 “vê a ebúrnea bainha estar sem ferro.  
 “– Tua mão, teu amor, te hão dado a morte;  
“eu tambem tenho mãos (exclama a triste);  
“eu tambem tenho amor capaz de extremos,  
“que exfôrço me dará para seguir-te.  
“Sim, eu te seguirei; serei chamada  
“da tua desventura a causa, a sócia.  
“Separar-nos a morte, só, podia;  
“mas não; nem pode a morte separar-nos.  
“Ó vós, dae terno ouvido ás preces de ambos;  
“miseros paes de miseros amantes,  
“que une por lei do Fado amor e a morte:

*recua de terror, pálido o rosto,*  
*como estátua de buxo, absorta, muda,* 210  
*arrepia-se e freme, à semelhança*  
*do rouco mar se as virações o encrespam.*  
*Mas, depois que atentando emfim conhece*  
*a porção da sua alma, os seus amores,*  
*rompe em choros, em ais, maltrata o peito,* 215  
*o peito encantador, que o não merece;*  
*arranca delirante as loiras tranças,*  
*entre os braços aperta o corpo amado,*  
*verte amargosas lágrimas no golpe,*  
*correndo misturados sangue e pranto;* 220  
*piedosos beijos dá no rosto frio;*  
*clama: ‘Ó Píramo, ó Céus, que duro caso*  
*te arrebatá de mim!?* *Píramo, escuta,*  
*responde-me, querido; a tua amada,*  
*a tua fiel Tisbe é quem te chama.’* 225  
*O semblante abatido ergue da terra*

{fl.12}

o malfadado moço; eis abre os olhos  
 já do peso da morte enfraquecidos,  
 volve-os a Tisbe, e para sempre os cerra.  
 Vê a infeliz seu véu; do amante ao lado 230  
 vê a ebúrnea bainha estar sem ferro.  
 ‘Tua mão, teu amor, te hão dado a morte;  
 eu também tenho mãos (exclama a triste);  
 eu também tenho amor capaz de extremos,  
 que esforço me dará para seguir-te. 235  
 Sim, eu te seguirei; serei chamada  
 da tua desventura a causa, a sócia.  
 Separar-nos a morte, só, podia;  
 mas não; nem pode a morte separar-nos.  
 Ó vós, dai terno ouvido às preces de ambos; 240  
 míseros pais de míseros amantes,  
 que une por lei do Fado amor e a morte:



<p><u>“deixae que o mesmo tumulo os encerre.</u>  <u>“E tu, arvore, tu, que estás cobrindo</u>  <u>“agora um só cadáver miserando,</u>  <u>“logo dois cubrirás, signaes conserva</u>  <u>“da tragedia que vês, e por teus frutos</u></p>	<p><i>deixai que o mesmo túmulo os encerre.</i>  <i>E tu, árvore, tu, que estás cobrindo</i>  <i>agora um só cadáver miserando,</i>  <i>logo dois cobrirás, sinais conserva</i>  <i>da tragédia que vês, e por teus frutos</i></p>	<p>245</p>
}fl.154{ {fl.13}	{fl.13}	
<p><u>“diffunde sempre a côr de luto e mágoa,</u>  <u>“monumento fatal do negro caso.  ”] –</u>  <p style="text-align: center;">*</p> <p>“Cala-se; encosta o peito á férrea ponta,  do sangue do infeliz tépida ainda,  “e traspassa-se, e cai.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p style="text-align: center;">“Das preces tristes,</p> <p>“comtudo, os Ceos e os paes se enterneceram:  “nos ramos da frondífera amoreira  “quando maduro está negreja o fruto;  “e a lacrimosa paternal piedade  “guardou n’uma só urna as cinzas de ambos.”</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Disse. Pouco depois entrou Leucónoe  a contar d’esta sorte, e as mais a ouviu-a:</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>– “Este Sol mesmo, por quem tudo aquece,  “já também se abrazou de amor ao facho.  “Ora vamos do Sol contar amores.</p> <p style="text-align: center;">*</p> </p>	<p><i>difunde sempre a cor de luto e mágoa,</i>  <i>monumento fatal do negro caso.’</i>  <p style="text-align: center;">*</p> <p><i>Cala-se; encosta o peito à férrea ponta,</i>  <i>do sangue do infeliz tépida ainda,</i>  <i>e traspassa-se, e cai.</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p style="text-align: center;"><i>Das preces tristes,</i></p> <p><i>contudo, os Céus e os pais se enterneceram:</i>  <i>nos ramos da frondífera amoreira</i>  <i>quando maduro está negreja o fruto;</i>  <i>e a lacrimosa paternal piedade</i>  <i>guardou numa só urna as cinzas de ambos. —</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Disse. Pouco depois entrou Leucónoe  a contar desta sorte, e as mais a ouviu-la:</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>— Este Sol mesmo, por quem tudo aquece,  já também se abrasou de amor ao facho.  Ora vamos do Sol contar amores.</p> <p style="text-align: center;">*</p> </p>	<p>250</p> <p>255</p> <p>260</p>
}fl.155{ {fl.14}	{fl.14}	
<p style="text-align: center;">*</p> <p>“Foi elle (ou, se não foi, todos o cuidam)  “quem primeiro observou (porque este nume  “é sempre o que primeiro observa as coisas)  “de Cypria e Marte o adúltero commercio.  “Anojou-se do achado, e foi contal-o....</p>	<p>Foi ele (ou, se não foi, todos o cuidam)  quem primeiro observou (porque este nume  é sempre o que primeiro observa as coisas)  de Cípria e Marte o adúltero comércio.  Anojou-se do achado, e foi contá-lo....</p>	<p>265</p>

“¿a quem? de Juno ao filho, ao proprio esposo,  
 “explicando-lhe o caso, e o modo, e o sitio.  
 “Como houve a nova o misero Vulcano,  
 “cahiu-lhe aos pés o coração; cahiu-lhe  
 “da mão pasmada a obra que forjava.  
 “Tornando logo em si, de arames lima  
 “taes laços, fios, contrafios, rêdes,  
 “que não ha hi dos olhos enxergal-os.  
 “D’este meu linho a mais delgada fêbra  
 “tão delgada não é; nem sei de aranha  
 “que fizesse jamais tão fina teia.  
 “Em tão sensível máchina os concérta,  
 “que o mínimo balanço, ou toque, ou sôpro,  
 “fará que tudo a súbitas desfeche.  
 “¿E onde iria dispôl-a? em tórno ao leito.  
 “Mal que n’elle o traidor e a esposa entraram,  
 “vel-os no impuro abraço ambos captivos.  
 “Eis de repente o côxo deus de Lemnos  
 “a abrir de par em par, quasi em triumpho,  
 “aos numes todas as ebúrneas portas.

}fl.156{ {fl.15}

“¿Jaz á vergonha expôsto o par ligado!  
 “Dos Immortaes algum, dos menos sérios,  
 “não deixou de invejar igual vergonha.  
 “Lavrou geral o riso; e largo tempo  
 “não houve outra conversa em todo o Olympo.

\*

“Cythereia, que a injúria não deslembra,  
 “em se vingando do delator pôz fito.  
 “Se em mysterios de amor lhe ha feito agravo,  
 “em mysterios de amor vai ser punido.

\*

“¿Pobre misero Sol, que te ora valem  
 “formosura, esplendor, supremo fogo!?  
 “Tu abrazas o orbe, e amor te abraza;

A quem? De Juno ao filho, ao próprio esposo,  
 explicando-lhe o caso, e o modo, e o sitio.  
 Como houve a nova o mísero Vulcano, 270  
 caiu-lhe aos pés o coração; caiu-lhe  
 da mão pasmada a obra que forjava.  
 Tornando logo em si, de arames lima  
 tais laços, fios, contra fios, redes,  
 que não há aí dos olhos enxergá-los. 275  
 Deste meu linho a mais delgada febra  
 tão delgada não é; nem sei de aranha  
 que fizesse jamais tão fina teia.  
 Em tão sensível máquina os concerta,  
 que o mínimo balanço, ou toque, ou sopro, 280  
 fará que tudo a súbitas desfeche.  
 E onde iria dispô-la? Em torno ao leito.  
 Mal que nele o traidor e a esposa entraram,  
 vê-los no impuro abraço ambos cativos.  
 Eis de repente o coxo deus de Lemnos 285  
 a abrir de par em par, quase em triunfo,  
 aos numes todas as ebúrneas portas.

{fl.15}

Jaz à vergonha exposto o par ligado!  
 Dos imortais algum, dos menos sérios,  
 não deixou de invejar igual vergonha. 290  
 Lavrou geral o riso; e largo tempo  
 não houve outra conversa em todo o Olimpo.

\*

Cítéria, que a injúria não deslembra,  
 em se vingando do delator pôs fito.  
 Se em mistérios de amor lhe há feito agravo, 295  
 em mistérios de amor vai ser punido.

\*

Pobre mísero sol, que te ora valem  
 formosura, esplendor, supremo fogo!?  
 Tu abrasas o orbe, e amor te abrasa;

<p>“devendo tudo ver, só vês Leucóthoe;  “olhos que são do mundo, os gastas n’ella.  “Ora mais cedo no Oriente assomas,  “ora desces mais tarde ao mar do Occaso;  “do inverno os dias pela ver prolongas;  “dão-te a miude os eclipses; são assômos,  “que o ânimo turbado á face envia.  “De teu pallor a gente anda pasmada.  “A visinha da Terra, opposta Lua,</p>	<p>devendo tudo ver, só vês Leucótoe;  olhos que são do mundo, os gastas nela.  Ora mais cedo no oriente assomas,  ora desces mais tarde ao mar do ocaso;  do inverno os dias pela ver prolongas;  dão-te amiúde os eclipses; são assomos,  que o ânimo turbado à face envia.  De teu palor a gente anda pasmada.  A vizinha da terra, oposta lua,</p>	<p>300</p>
}fl.157{ {fl.16}		{fl.16}
<p>“não é, não, quem te assombra; anda-te dentro  “terno mal, que desbota e murcha as côres.  “Só em Leucóthoe o coração te fala.  “;Adeus, memórias meigas da tão linda  “mãe de Circe! ;adeus, Clímene! ;adeus, Rhode!  “E tu, Clycie, mais terna que ditosa,  “que inda trahida por gosál-o aneias!  “De vós, de todas, triumphou Leucóthoe.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>não é, não, quem te assombra; anda-te dentro  terno mal, que desbota e murcha as cores.  Só em Leucótoe o coração te fala.  Adeus, memórias meigas da tão linda  mãe de Circe! Adeus, Clímene! Adeus, Rode!  E tu, Clície, mais terna que ditosa,  que inda traída por gozá-lo aneias!  De vós, de todas, triunfou Leucótoe.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>310</p>
<p>“Filha Leucóthoe foi da por extremo  “formosissima Eurynome, consorte  “d’el-Rei Órchamo, o sétimo no throno  “do antigo Belo na cheirosa Arabia.  “Cresceu a filha; e tal sahiu, tão bella,  “que excedeu tanto á mãe, quanto ella a todas.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>Filha Leucótoe foi da por extremo  formosíssima Eurínome, consorte  del-rei Órcamo, o sétimo no trono  do antigo Belo na cheirosa Arábia.  Cresceu a filha; e tal saiu, tão bela,  que excedeu tanto à mãe, quanto ela a todas.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>320</p>
<p>“Pastam frisões do Sol na extrema Hespéria;  “lá lhes cresce, em vez de hervas, a ambrosia  “em que do afan diurno os vinga a noite.  “Noite era; e já por lá pasciam sôltos.  “A aproveitar as remansadas horas,  “de Eurynome, da mãe, tomando a forma,</p>	<p>Pastam frisões do sol na extrema Hespéria;  lá lhes cresce, em vez de ervas, a ambrosia  em que do afã diurno os vinga a noite.  Noite era; e já por lá pasciam soltos.  A aproveitar as remansadas horas,  de Eurínome, da mãe, tomando a forma,</p>	<p>325</p>



“Com os raios seus o Hyperiónio filho  
 “o fende, por que a mísera levante  
 “a soterrada fronte. ¿A fronte? ¡ai d’ella!  
 “jaz do pêzo esmagada, e o corpo exangue.  
 “¡Pobre nympha! está morta.

\*

“É voz que Phebo,

“depois do incendio do infeliz Phaetonte,  
 “nunca tammanha dôr sentiu como esta.

}fl.160{ {fl.19}

“Inda lidou por embeber com os raios  
 “doce calor vital aos membros frios;  
 “mas Destinos lhe hão baldo o pio empenho.  
 “O corpo e o sitio, de cheiroso néctar  
 “lhe asperge; em voz sentida, apóz mil queixas,  
 “– “[Subirás para o Ceo comtudo (exclama) ]”.  
 “O cadaver gentil nectarizado  
 “se desfaz, <d>|s|e dilúe, se cõa á terra;  
 “pelos torrões balsâmicos se geram,  
 “se espalham, pouco e pouco, altas raizes;  
 “fende o oiteiro uma plúmula viçosa,  
 “uma hástea cresce; é a arvore do incenso.

\*

“Posto que de desculpa em Clycie valham  
 “os zelos á denúncia, amor aos zelos,  
 “não houve mais com Phebo sanear-se;  
 “desde esse triste praso o nume a foge,  
 “nem já trato de amor volveu a unil-os.

\*

“Gastada da paixão, como demente  
 “se consome; o ver nymphas a exaspéra;  
 “por terra, escabellada, atura exposta

Com os raios seus o Hiperiónio filho  
 o fende, por que a mísera levante  
 a soterrada fronte. A fronte? Ai dela!  
 Jaz do peso esmagada, e o corpo exangue.  
 Pobre ninfa! Está morta.

\*

É voz que Febo,

depois do incêndio do infeliz Faetonte,  
 nunca tamanha dor sentiu como esta.

{fl.19}

Inda lidou por embeber com os raios  
 doce calor vital aos membros frios;  
 mas destinos lhe hão baldo o pio empenho. 365  
 O corpo e o sitio, de cheiroso néctar  
 lhe asperge; em voz sentida, após mil queixas,  
 ‘Subirás para o céu contudo (exclama)’.  
 O cadáver gentil nectarizado  
 se desfaz, se dilui, se cõa à terra; 370  
 pelos torrões balsâmicos se geram,  
 se espalham, pouco e pouco, altas raizes;  
 fende o oiteiro uma plúmula viçosa,  
 uma hástia cresce; é a árvore do incenso.

\*

Posto que de desculpa em Clície valham 375  
 os zelos à denúncia, amor aos zelos,  
 não houve mais com Febo sanear-se;  
 desde esse triste prazo o nume a foge,  
 nem já trato de amor volveu a uni-los.

\*

Gastada da paixão, como demente 380  
 se consome; o ver ninfas a exaspera;  
 por terra, escabelada, atura exposta



<p>“soube o que é ser mulher e o que é ser homem.  “Deixêmo-nos de Celmo, ora diamante,  “aio fiel de Jupiter menino;  “da pluviosa origem dos Curétas;  “de Smílace e de Cróco, hoje florinhas.  “Dir-vos-hei coisa, que, por nova, agrade.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>soube o que é ser mulher e o que é ser homem.  Deixemo-nos de Celmo, ora diamante,  aio fiel de Júpiter menino;  da pluviosa origem dos Curetas;  de Esmílace e de Croco, hoje florinhas.  Dir-vos-ei coisa, que, por nova, agrade.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	415
<p>“Dir-vos-hei, d’onde a Sálmacé proveio  “a rara, a vergonhosa propriedade,  “que em suas aguas lânguidas encerra,  “de afeminar varões assim que as tocam.  “O effeito é mui sabido, a causa ignota.</p>	<p>Dir-vos-ei, donde a Sálmacé proveio  a rara, a vergonhosa propriedade,  que em suas águas lânguidas encerra,  de afeminar varões assim que as tocam.  O effeito é mui sabido, a causa ignota.</p>	420
}fl.163{ {fl.22}	{fl.22}	
*	*	
<p>“De Mercurio houve um filho a Idália deusa.  “Da sua infancia os pródigos cuidados  “nas grutas do Ida as nayades tiveram.  “Já no aspecto infantil feições transluzem  “do grão progenitor, da mãe divina,  “e de ambos tira o nome o filho de ambos.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>De Mercúrio houve um filho a Idália deusa.  Da sua infância os pródigos cuidados  nas grutas do Ida as náiades tiveram.  Já no aspecto infantil feições transluzem  do grão progenitor, da mãe divina,  e de ambos tira o nome o filho de ambos.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	425
<p>“Mal tres lustros findára, eil-o se ausenta;  “eil-o deserta o Ida, os patrios montes;  “ver correntes lhe apraz, ver sitios novos;  “suave distracção lhe adoça a lida.  “Corre da Lycia as inclitas cidades,  “e da Cária visinha aos campos chega.  “Lá se lhe offrece um lago, em cujo fundo,  “das aguas a travéz, se espraia a vista.  “Não lhe vegetam juncos aguçados,  “estéril morraçal, palustres canas;  “é todo um crystal puro, e só lhe viçam  “vivo céspede e relva em torno ás margens.  “Nympha ali vive á caça não affeita,  “nem dextra no correr, nem dextra em arco,</p>	<p>Mal três lustros findara, ei-lo se ausenta;  ei-lo deserta o Ida, os pátrios montes;  ver correntes lhe apraz, ver sítios novos;  suave distração lhe adoça a lida.  Corre da Lícia as ínclitas cidades,  e da Cária vizinha aos campos chega.  Lá se lhe ofrece um lago, em cujo fundo,  das águas através, se espraia a vista.  Não lhe vegetam juncos aguçados,  estéril morraçal, palustres canas;  é todo um cristal puro, e só lhe viçam  vivo céspede e relva em torno às margens.  Ninfa ali vive à caça não afeita,  nem destra no correr, nem destra em arco,</p>	430
		435
		440

“a unica das náíades que os córos	a única das náíades que os coros	
		{fl.23}
}fl.164{ {fl.23}		
“jamais seguira da veloz Diana.	jamais seguira da veloz Diana.	
*	*	
“É fama que as irmans, para incital-a,	É fama que as irmãs, para incitá-la,	
“mil vezes, convidando-a, lhe disseram:	mil vezes, convidando-a, lhe disseram:	445
“–  “  <u>Sálmace, empunha o dardo, ou toma a aljava;</u>	‘Sálmace, empunha o dardo, ou toma a aljava;	
“ <u>alterna o ócio teu com as nossas lidas.</u>  ”  –	alterna o ócio teu com as nossas lidas’.	
“De balde: ella recusa aljava e dardo,	Debalde: ela recusa aljava e dardo,	
“e ás lidas das irmans prefere o ócio.	e às lidas das irmãs prefere o ócio.	
“Ora banha na fonte os membros lindos,	Ora banha na fonte os membros lindos,	450
“ora com os dentes do Cytório buxo	ora com os dentes do citório buxo	
“corre, alisa, compõe, divide, as tranças,	corre, alisa, compõe, divide, as tranças,	
“e olhando o aquoso espelho estuda enfeites.	e olhando o aquoso espelho estuda enfeites.	
“Já, de roupas diáfanas vestida,	Já, de roupas diáfanas vestida,	
“poisa em molle relvado ou folhas brandas;	poisa em mole relvado ou folhas brandas;	455
“já, na várzea espairece, e colhe flores.	já, na várzea espairece, e colhe flores.	
*	*	
“Flores colhia pela várzea ao tempo	Flores colhia pela várzea ao tempo	
“que acertou de avistal-o; e visto apenas,	que acertou de avistá-lo; e visto apenas,	
“rendida delirou, morreu por elle.	rendida delirou, morreu por ele.	
“Bem que terna impaciencia a alvorçoasse,	Bem que terna impaciência a alvorçoasse,	460
“não se move, não vai, sem que primeiro	não se move, não vai, sem que primeiro	
“o ornato esmére, as vestes reconsulte,	o ornato esmere, as vestes reconsulte,	
		{fl.24}
}fl.165{ {fl.24}		
“componha o gesto, e se repute amavel.	componha o gesto, e se repute amável.	
“Então chega, e lhe diz:	Então chega, e lhe diz:	
–  “  <u>Bemvindo sejas,</u>	‘Bem-vindo sejas,	
“ <u>mancebo, a quem de um deus compete o nome;</u>	mancebo, a quem de um deus compete o nome;	465
“ <u>ou se és deus, deus de amor; mas se és humano,</u>	ou se és deus, deus de amor; mas se és humano,	
“ <u>¡feliz pae, feliz mãe, que o ser te deram!</u>	feliz pai, feliz mãe, que o ser te deram!	
“ <u>¡feliz o irmão, e a irman, se alguma houveste!</u>	Feliz o irmão, e a irmã, se alguma houveste!	
“ <u>¡e feliz a mulher que ao peito amigo</u>	E feliz a mulher que ao peito amigo	
“ <u>te amimou, te nutriu, te trouxe infante!</u>	te amimou, te nutriu, te trouxe infante!	470



“Mas se tens uma esposa, ou se a teus olhos  
de teu fausto consórcio alguma é digna,  
ditosa vezes cem, ditosa esposa!  
!Ah! se a tens, se és cativo em laços de outra,  
dá-me a furto o praser que a amor é prêmio.  
Se a não tens, seja-a eu; comigo apérta  
de immortal união perpétuos laços.]”| –

\*

“Disse, e calou-se a nympha; o moço córa.  
 “Cora; o que seja amor não sabe ainda.  
 “!Mas que bem que lhe fica o róseo pejo!  
 “Tal reluz côr purpúrea em pingue fruta,  
 “que de uma arvore ao sol debruça as ramas;  
 “tal o tinto marfim; tal é teu lume  
 “rôxo através do alvor, lá quando, ó Lua,

}fl.166{ {fl.25}

“em vão por socorrer-te os bronzes sôam.  
 “À nympha, que sem fim lhe pede ao menos  
 “beijos, beijos de irman, que delirante  
 “já quer lançar-lhe as mãos, cingil-o ao peito,  
 “já quer...

–“!Largas-me? ou fujo? – o moço grita –

“e deixo, por deixar-te, o sitio ameno....]”| –

\*

“Temeu Sálmage as veras da ameaça.  
 “– Fica-te, hóspede, em paz; deixar-te-hei livre ]”|–  
 “diz; volta o passo, e finge que se ausenta,  
 “não sem olhar atraz de instante a instante;  
 “some-se em densa balsa; e lá, com mêdo  
 “que a fronte a denuncie, ajoelha em terra.  
 “Elle emtanto (é menino, e não é visto)  
 “vaga aqui, vaga ali, no prado hervoso;  
 “já, com o bico do pé nas aguas brinca;  
 “já inteiro o mergulha; apraz-lhe o fresco  
 “temperado liquor; não mais espera;

Mas se tens uma esposa, ou se a teus olhos  
 de teu fausto consórcio alguma é digna,  
 ditosa vezes cem, ditosa esposa!  
 Ah! Se a tens, se és cativo em laços de outra,  
 dá-me a furto o prazer que a amor é prêmio.  
 Se a não tens, seja-a eu; comigo apérta  
 de immortal união perpétuos laços.’

\*

Disse, e calou-se a ninfa; o moço cora.  
 Cora; o que seja amor não sabe ainda.  
 Mas que bem que lhe fica o róseo pejo!  
 Tal reluz cor purpúrea em pingue fruta,  
 que de uma árvore ao sol debruça as ramas;  
 tal o tinto marfim; tal é teu lume  
 roxo através do alvor, lá quando, ó lua,

{fl.25}

em vão por socorrer-te os bronzes soam.  
 À ninfa, que sem fim lhe pede ao menos  
 beijos, beijos de irmã, que delirante  
 já quer lançar-lhe as mãos, cingi-lo ao peito,  
 já quer...

‘Largas-me? Ou fujo? – o moço grita –

e deixo, por deixar-te, o sitio ameno...’

\*

Temeu Sálmage as veras da ameaça.  
 ‘Fica-te, hóspede, em paz; deixar-te-ei livre’  
 diz; volta o passo, e finge que se ausenta,  
 não sem olhar atrás de instante a instante;  
 some-se em densa balsa; e lá, com medo  
 que a fronte a denuncie, ajoelha em terra.  
 Ele entanto (é menino, e não é visto)  
 vaga aqui, vaga ali, no prado ervoso;  
 já, com o bico do pé nas águas brinca;  
 já inteiro o mergulha; apraz-lhe o fresco  
 temperado licor; não mais espera;

“rouba á veste macía o tenro corpo. “De olhos fitos no amado, a nympha occulta “jaz immóvel, absôrta, devorando “com ígneos lumes as despidas formas; “tal fere em vivo espelho um sol de estíio.	rouba à veste macia o tenro corpo. De olhos fitos no amado, a ninfa occulta jaz imóvel, absorta, devorando com ígneos lumes as despidas formas; tal fere em vivo espelho um sol de estio.	505
}fl.167{ {fl.26}	{fl.26}	
“Conter mais longamente os seus ardores, “seus gôstos differir, já não se atreve; “do mancebo os abraços lhe esvoaçam “no doido coração, na mente doida. “Eil-o salta exultando; eil-o com as palmas “bate o corpo; eis veloz se atira ao lago; “lá revolve nadando alternos braços; “d’entre as aguas reluz, qual dentro em vidro “candida estátua ebúrnea ou lyrio branco.	Conter mais longamente os seus ardores, seus gostos diferir, já não se atreve; do mancebo os abraços lhe esvoaçam no doido coração, na mente doida. Ei-lo salta exultando; ei-lo com as palmas bate o corpo; eis veloz se atira ao lago; lá revolve nadando alternos braços; dentre as águas reluz, qual dentro em vidro cândida estátua ebúrnea ou lírio branco.	510
*	*	
“ <u>É meu; venci; triumpho!</u> (exclama a nympha) ”]. “Roupas despede, e se arremeça ás aguas; “segue, apanha o rebelde, e o tem seguro; “toma-lhe á fôrça refusados beijos; “trava das lindas mãos que lhe resistem; “e ao peito, que arfa em balde e se debate, “ao peito, [↑e] ao mais, e a tudo, estende as suas; “já de um já de outro lado o abrange, o cinge, “se confunde com elle, e assim se apérta “com o relutante ingrato, em vão forçoso; “como empolgada serpe em garras de aguia, “que, em que pende da intrépida inimiga, “o collo, os pés, lhe enleia, as régias azas “com a revolúvel colla alfim lh’as tolhe;	‘É meu; venci; triunfo! (exclama a ninfa)’. Roupas despede, e se arremessa às águas; segue, apanha o rebelde, e o tem seguro; toma-lhe à força refusados beijos; trava das lindas mãos que lhe resistem; e ao peito, que arfa embalde e se debate, ao peito, e ao mais, e a tudo, estende as suas; já de um já de outro lado o abrange, o cinge, se confunde com ele, e assim se aperta com o relutante ingrato, em vão forçoso; como empolgada serpe em garras de águia, que, em que pende da intrépida inimiga, o colo, os pés, lhe enleia, as régias asas com a revolúvel cola alfim lhas tolhe;	520
}fl.168{ {fl.27}	{fl.27}	
“ou tal se engole tronco entre heras crêspas; “ou tal no pégo um pólypo verías “com os naturaes harpéos circumfurantes	ou tal se engole tronco entre heras crespas; ou tal no pégo um pólypo verias com os naturais harpeios circumfurantes	530

<p>“seu contrário agarrar, conter, cobril-o.  “Teme, e não cede de Mercurio o filho;  “deleites que ella anceia, elle os repugna;  “mas nem por isso a náyade fraqueia:  “corpo a corpo abraçado, estreito, unido,  “– <u>Mas que lides (lhe diz) és meu; não foges;</u>  “<u>deidades, permitti-o, e nunca, nunca,</u>  “<u>eu d’ elle, elle de mim soltar-se possa.</u>”] –</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>seu contrário agarrar, conter, cobri-lo.  Teme, e não cede de Mercúrio o filho;  deleites que ela anseia, ele os repugna;  mas nem por isso a náiaide fraqueia:  corpo a corpo abraçado, estreito, unido,  ‘Mas que lides (lhe diz) és meu; não foges;  deidades, permitti-lo, e nunca, nunca,  eu dele, ele de mim soltar-se possa.’</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>535</p> <p>540</p>
<p>“Houve nume, que ouviu seu rogo ardente:  “juntam-se os dois n’um corpo, as faces n’uma.  “Quaes surgem de um só tronco, e enlaçam copas,  “os ramos naturaes e o novo enxêto,  “taes, depois que os uniu tenaz abraço,  “já dois não são, e é dúplice a figura;  “de homem, nem de mulher, lhe quadra o nome;  “confunde-se com os dois, différe de ambos.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>Houve nume, que ouviu seu rogo ardente:  juntam-se os dois num corpo, as faces numa.  Quais surgem de um só tronco, e enlaçam copas,  os ramos naturais e o novo enxerto,  tais, depois que os uniu tenaz abraço,  já dois não são, e é dúplice a figura;  de homem, nem de mulher, lhe quadra o nome;  confunde-se com os dois, difere de ambos.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>545</p>
<p>“Ao ver que de varão, qual fôra ao lago,  “o lago em parte o muda em sexo opposto,  “e sentindo abrandar-se os fortes membros,</p> <p style="text-align: right;">}fl.169{ {fl.28}</p>	<p>Ao ver que de varão, qual fora ao lago,  o lago em parte o muda em sexo oposto,  e sentindo abrandar-se os fortes membros,</p> <p style="text-align: right;">{fl.28}</p>	<p>550</p>
<p>“com voz não já viril as mãos alçando,  “Hermaphrodito exclama: – “[<u>Ao vosso filho,</u>  “<u>ao que tem de ambos vós figura e nome,</u>  “<u>dae, Venus, dae, Mercurio, o que vos pede:</u>  “<u>varão que entrar no pégo, aqui se afrouxe;</u>  “<u>aqui ao sexo antigo ajunte o novo.</u>”] –</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>com voz não já viril as mãos alçando,  Hermafrodito exclama: ‘Ao vosso filho,  ao que tem de ambos vós figura e nome,  dai, Vênus, dai, Mercúrio, o que vos pede:  varão que entrar no pégo, aqui se afrouxe;  aqui ao sexo antigo ajunte o novo.’</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>555</p>
<p>“Movido á voz do filho, o par celeste  “às súplicas lhe annue, confirma o voto,  “e de occulta virtude a fonte embebe.” –</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>Movido à voz do filho, o par celeste  às súplicas lhe anui, confirma o voto,  e de occulta virtude a fonte embebe. —</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>560</p>
<p>Cessaram de contar, e inda o trabalho,  insulto a Baccho, e acinte ao festo dia,</p>	<p>Cessaram de contar, e inda o trabalho,  insulto a Baco, e acinte ao festo dia,</p>	

se afervorava mais entre as Mineidas.  
 Rompem súbito estrépito atabales  
 raucitroantes, curvicórneas gaitas,  
 metaes de retintínulos repiques,  
 tudo invisível; de açafrões, de myrrhas,  
 nadam no ar suavíssimas fragrancias.  
 Eis... (¿quem lhe dará fé?) o alvor das teias  
 que se entra a esverdear, os largos panos  
 em guisa de hera a frondejar-se, os fios

}fl.170{ {fl.29}

não tapados ainda a alar-se em vides;  
 estâmes que das rocas veem sahindo,  
 veem sahindo em festões de frescas parras;  
 e das lustrosas púrpuras luzentes  
 cachos se entufam de formosas uvas.

\*

Era ao cabo do dia, á hora incerta,  
 que nem de trevas nem de luz tem nome,  
 do dia e noite mal distintas raias.  
 Como encontrada de um tufão retreme  
 do fundamento ao texto a estancia toda;  
 resinosos archotes vôam, zunem;  
 retinge as casas crepitante incendio;  
 correm phantasmas de ululantes feras;  
 pelos altos desvãos cegos de fumo  
 vão-se as ímpias irmans, dispersas, loucas,  
 contra o fogo e clarão buscando asylo.  
 N'este anciar pelas trevas, se lhe estendem  
 membranas em seus corpos apoucados,  
 e pennugem subtil seus braços veste.  
 O como sahem da figura antiga,  
 não lh'o deixa saber a escuridade;  
 vôam; não que as sustentem plumas leves,

se afervorava mais entre as Mineidas.  
 Rompem súbito estrépito atabales  
 raucitroantes, curvicórneas gaitas,  
 metais de retintínulos repiques,  
 tudo invisível; de açafrões, de mirras,  
 nadam no ar suavíssimas fragrâncias.  
 Eis... (quem lhe dará fé?) o alvor das teias  
 que se entra a esverdear, os largos panos  
 em guisa de hera a frondejar-se, os fios

{fl.29}

não tapados ainda a alar-se em vides;  
 estames que das rocas veem saindo,  
 veem saindo em festões de frescas parras;  
 e das lustrosas púrpuras luzentes  
 cachos se entufam de formosas uvas.

\*

Era ao cabo do dia, à hora incerta,  
 que nem de trevas nem de luz tem nome,  
 do dia e noite mal distintas raias.  
 Como encontrada de um tufão retreme  
 do fundamento ao texto a estância toda;  
 resinosos archotes voam, zunem;  
 retinge as casas crepitante incêndio;  
 correm fantasmas de ululantes feras;  
 pelos altos desvãos cegos de fumo  
 vão-se as ímpias irmãs, dispersas, loucas,  
 contra o fogo e clarão buscando asilo.  
 Neste anciar pelas trevas, se lhe estendem  
 membranas em seus corpos apoucados,  
 e penugem sutil seus braços veste.  
 O como saem da figura antiga,  
 não lho deixa saber a escuridade;  
 voam; não que as sustentem plumas leves,

565

570

575

580

585

590

	}fl.171{ {fl.30}	{fl.30}
sim transparentes azas; falar tentam, sai-lhes pequena voz conforme ao corpo; ténue chiada o seu queixume exprime; por tectos, não por bosques, se acomodam; inimigas da luz nas sombras giram; do Véspero lhes veio o Lácio nome.	sim transparentes asas; falar tentam, sai-lhes pequena voz conforme ao corpo; tênue chiada o seu queixume exprime; por tetos, não por bosques, se acomodam; inimigas da luz nas sombras giram; do Véspero lhes veio o Lácio nome.	595
<*>/II\	II	
Já Baccho era afamado em toda Thebas. Ino, irman de Seméle, em toda a parte do novo nume o grão poder pregôa. De irmans tantas, só esta inda não teve desgôsto algum por si, por ellas muitos.	Já Baco era afamado em toda Tebas. Ino, irmã de Semele, em toda a parte do novo nume o grão poder pregoa. De irmãs tantas, só esta inda não teve desgosto algum por si, por elas muitos.	600
*	*	
Juno, que a vê tão cheia de vanglória com os filhos seus, com o tóro de Athamante, com a deidade do alumno, mais não soffre, e diz consigo:	Juno, que a vê tão cheia de vanglória com os filhos seus, com o toro de Atamante, com a deidade do aluno, mais não sofre, e diz consigo:	605
– “¿E como!? ¿Pois o fruto “de uma vil concubina alcançaria “transformar, submergir, Meónios nautas?! “¿pôr mães a lacerar seus proprios filhos!? “¿cobrir Mineidas tres de novas azas?!..	— E como!? Pois o fruto de uma vil concubina alcançaria transformar, submergir, meônios nautas?! Pôr mães a lacerar seus próprios filhos!? Cobrir Mineidas três de novas asas?!..	610
	}fl.172{ {fl.31}	{fl.31}
“¿E Juno ha-de tão só poder carpir-se?!... “¿Inulta! ¡inulta! A lagrimas estéreis “se reduz pois o meu poder!! Não. Baccho “me ensina o que hei-de obrar; doutrinas boas, “boas são, mas que sejam de inimigo. “A morte de Pentheu bem claro prova “quanto possa o furor. ¿Por que não ha-de “Ino imitar domésticos exemplos? “¿como as loucas irmans tornar-se louca?” –	E Juno há de tão só poder carpir-se?!... Inulta! Inulta! A lágrimas estéreis se reduz pois o meu poder!! Não. Baco me ensina o que hei de obrar; doutrinas boas, boas são, mas que sejam de inimigo. A morte de Pentheu bem claro prova quanto possa o furor. Por que não há de Ino imitar domésticos exemplos? Como as loucas irmãs tornar-se louca? —	615
*	*	620

Vai, tática e declive, ao fundo Averno  
 via obumbrada de funéreos teixos.  
 Ali paúes da Estyge exhalam névoas;  
 por ali vão descendo em chusma as sombras  
 dos recém-mortos que lograram cova.  
 Pallida cerração, medonha, horrenda,  
 senhoreia esses páramos sem termo.  
 N'elles os Manes, ao chegar, se esvaíram,  
 sem atinar caminho que os depare  
 á cidade Avernál, ou lhes descubra  
 do negro Dite o pavoroso alcáçar.  
 Vasta a cidade capital do Inferno  
 chama estradas a si de toda a parte;

}fl.173{ {fl.32}

por toda a parte abertas portas lhe entram;  
 sorvedoiro sem fim, que do Universo  
 engole as almas, como o Oceano os rios.  
 Por mais povo que aceite, é sempre á larga;  
 cresce o numero, o espaço existe o mesmo.  
 Incorpóreas, exangues sombras vagam;  
 quaes a praça frequentam, quaes os paços  
 do subterrâneo Príncipe, quaes outras  
 inda vão proseguindo em falsa cópia  
 doces emprêgos da primeira vida.

\*

Juno (¡tanto o furor e o ódio a cegam!)  
 não duvida ir-se ali, deixado o Olympo.  
 Entra. Ao pêzo gemeu da sacra planta  
 o limiar Tartáreo; alça as tres frentes,  
 e tres ladridos Cérbero troveja.  
 Da Noite as filhas, implacáveis numes  
 a deusa brada. Estavam-se n'essa hora,  
 do cárcere ante as portas diamantinas  
 sentadas, penteando as atras cobras.

\*

Vai, tática e declive, ao fundo Averno  
 via obumbrada de funéreos teixos.  
 Ali paus da Estige exalam névoas;  
 por ali vão descendo em chusma as sombras 625  
 dos recém-mortos que lograram cova.  
 Pálida cerração, medonha, horrenda,  
 senhoreia esses páramos sem termo.  
 Neles os manes, ao chegar, se esvaíram,  
 sem atinar caminho que os depare 630  
 à cidade avernál, ou lhes descubra  
 do negro Dite o pavoroso alcáçar.  
 Vasta a cidade capital do Inferno  
 chama estradas a si de toda a parte;

{fl.32}

por toda a parte abertas portas lhe entram; 635  
 sorvedoiro sem fim, que do Universo  
 engole as almas, como o oceano os rios.  
 Por mais povo que aceite, é sempre à larga;  
 cresce o número, o espaço existe o mesmo.  
 Incorpóreas, exangues sombras vagam; 640  
 quais a praça frequentam, quais os paços  
 do subterrâneo príncipe, quais outras  
 inda vão prosseguindo em falsa cópia  
 doces empregos da primeira vida.

\*

Juno (tanto o furor e o ódio a cegam!) 645  
 não duvida ir-se ali, deixado o Olimpo.  
 Entra. Ao peso gemeu da sacra planta  
 o limiar tartáreo; alça as três frentes,  
 e três ladridos Cérbero troveja.  
 Da Noite as filhas, implacáveis numes 650  
 a deusa brada. Estavam-se nessa hora,  
 do cárcere ante as portas diamantinas  
 sentadas, penteando as atras cobras.

\*

Apenas, a travéz da escuridade  
distinguiram ser Juno, as tres se ergueram.  
Diz-se este sitio o Poiso scelerado.

}fl.174{ {fl.33}

Ali Ticyo, abarcando geiras nove,  
dá o peito aberto a lacerar a abutres;  
Tântalo, á tua sêde as aguas fogem,  
burlam-te a fome os sobranceiros frutos;  
ora da mó vais, Sisypho, no alcance,  
ora a carregas d’onde sempre tomba,  
rue, róla, jaz; Ixiôn na roda leve  
de si foge, traz si contínuo vôa;  
pena de ousarem degolar seus primos,  
enchem Danáides nunca fartas urnas.

\*

Com sobresenho os mira Juno a todos,  
maiormente a Ixiôn; mas d’elle arranca  
o olhar, e o torna a Sisypho.

– “;Só este,

“este só, padecer castigo eterno –  
diz ella – “e em paços ricos ufanar-se  
“seu irmão Athamante, o audaz, que tanto  
“como a indigna consorte me desdoira!?...”  
Às deidades da Noite então declara  
o ódio, a causa da vinda, o seu projecto.  
Era o projecto seu que se extinguisse  
de Cadmo a régia Casa, e que Athamante  
furioso se arrojasse a crimes negros.

}fl.175{ {fl.34}

Para das Infernaes obter auxilio,  
rógos, promessas, majestade empenha.

\*

Disséra; eis que Tisíphone, abanando  
as desgrenhadas cans, do rôsto arreda

Apenas, através da escuridade  
distinguiram ser Juno, as três se ergueram.  
Diz-se este sítio “o poiso celerado”.

655

{fl.33}

Ali Tício, abarcando jeiras nove,  
dá o peito aberto a lacerar a abutres;  
Tântalo, à tua sede as águas fogem,  
burlam-te a fome os sobranceiros frutos;  
ora da mó vais, Sísifo, no alcance,  
ora a carregas donde sempre tomba,  
rui, rola, jaz; Ixion na roda leve  
de si foge, trás si contínuo voa;  
pena de ousarem degolar seus primos,  
enchem Danaides nunca fartas urnas.

\*

Com sobrecenho os mira Juno a todos,  
maiormente a Ixion; mas dele arranca  
o olhar, e o torna a Sísifo.

— Só este,

este só, padecer castigo eterno –  
diz ela – e em paços ricos ufanar-se  
seu irmão Atamante, o audaz, que tanto  
como a indigna consorte me desdoira!?... —  
Às deidades da noite então declara  
o ódio, a causa da vinda, o seu projeto.  
Era o projeto seu que se extinguisse  
de Cadmo a régia casa, e que Atamante  
furioso se arrojasse a crimes negros.

660

665

670

675

{fl.34}

Para das infernais obter auxílio,  
rógos, promessas, majestade empenha.

\*

Dissera; eis que Tisífone, abanando  
as desgrenhadas cãs, do rosto arreda

680

o estôrvo das serpentes, e assim fala:  
 – “Não é mistér cançares-te em rodeios;  
 “dá por feito o que ordenas; desampara  
 “o desamável reino; aos Ceos remonta.” –  
 Volta Juno contente; Iris Thaumância  
 ante o celeste hombral de orvalho a lustra.

\*

A hedionda Tisíphone já lança  
 mão do cruento archote; envérga o manto  
 escarlata do sangue que gotteja;  
 apérta o cinto de enroscada serpe;  
 do Averno sai. Compõem-lhe a comitiva  
 Luto, Mêdo, Terror, trépida Insânia.  
 Mal que do Eólio aos paços se avizinha,  
 tremem hombraes, portões amarellecem,  
 vai-se o sol. De terror entrado o esposo,  
 a esposa espavorida, a taes prodigios

}fl.176{ {fl.35}

fugir traçam; ¡ai de Ino! ¡ai de Athamante!  
 que á sahida os embarga a infausta Erynnis,  
 e a passagem lhes tranca, destendidos  
 de par em par os braços pavorosos,  
 de vipéreas manilhas carregados.  
 Sacode a grenha; as cobras abaladas  
 ressoam; parte, assenta-lhe nos hombros;  
 parte, da frente se debruça aos peitos;  
 silvam, peçonha cospem, com as farpadas  
 linguas lampejam. Duas d’ellas presto  
 com a pestilente dextra a Furia arranca,  
 e as arremeça aos dois; ambos n’um ponto  
 rebolcar-se no âmago as sentiram,  
 ambos se infectam dos Tartáreos bafos;  
 jaz sem ferida o corpo, a mente as sofre.

\*

o estorvo das serpentes, e assim fala:  
 — Não é mister cansares-te em rodeios;  
 dá por feito o que ordenas; desampara  
 o desamável reino; aos Céus remonta. —  
 Volta Juno contente; Íris Taumância  
 ante o celeste umbral de orvalho a lustra.

\*

A hedionda Tisífone já lança  
 mão do cruento archote; enverga o manto  
 escarlata do sangue que goteja;  
 aberta o cinto de enroscada serpe;  
 do Averno sai. Compõem-lhe a comitiva  
 Luto, Medo, Terror, trépida Insânia.  
 Mal que do Eólio aos paços se avizinha,  
 tremem umbrais, portões amarelecem,  
 vai-se o sol. De terror entrado o esposo,  
 a esposa espavorida, a tais prodígios

{fl.35}

fugir traçam; ai de Ino! Ai de Atamante!  
 que à saída os embarga a infausta Erínis,  
 e a passagem lhes tranca, distendidos  
 de par em par os braços pavorosos,  
 de vipéreas manilhas carregados.  
 Sacode a grenha; as cobras abaladas  
 ressoam; parte, assenta-lhe nos ombros;  
 parte, da frente se debruça aos peitos;  
 silvam, peçonha cospem, com as farpadas  
 línguas lampejam. Duas delas presto  
 com a pestilenta destra a Fúria arranca,  
 e as arremessa aos dois; ambos num ponto  
 rebolcar-se no âmago as sentiram,  
 ambos se infectam dos tartáreos bafos;  
 jaz sem ferida o corpo, a mente as sofre.

\*



Trouxéra mais consigo a Deshumana  
 um monstruoso líquido, composto  
 das espumas que baba o cão trifauce,  
 de tóxico de Echidna, de delírios  
 vagabundos, de cegos desatinos,  
 crime, pranto, furor, tenções de morte;  
 tudo, pisado a um tempo, e de mistura  
 com fresco sangue, em caldeirão de bronze,

}fl.177{ {fl.36}

por sua mão no Inferno o cosinhára,  
 com hástea verde de mortal cicuta  
 bem mechido ao ferver. No peito de ambos,  
 em quanto arquejam pávidos, embórca  
 tão furial pestilencia. Enfórna chammas  
 té às entranhas do ânimo.

Soberba

de haver cumprido o encargo, aos vácuos reinos  
 do grão Dite reverte o monstro ovante,  
 onde a cobra da cinta emfim desata.

\*

No meio do palacio eis furibundo  
 entra aos gritos o Eólíde:

– “Aqui todos,

“aqui, monteiros meus, esta do bosque  
 “interna parte, m’a tomæ de rêdes;  
 “¡uma leôa! ¡e dois cachorros filhos!... –  
 Chama, e corre insensato apóz da esposa,  
 em quem tresviu leôa; ao collo d’ella  
 lhe ia o filhinho, o seu gentil Leárcho,  
 a rir-se-lhe, a estender-lhe alvos bracinhos,  
 a querer-se ir ao pæ; arranca-o, róda-o  
 duas, tres vezes, pelo ar qual funda,  
 feroz o sólta, e n’um penedo o esmaga.

Trouxera mais consigo a desumana  
 um monstruoso líquido, composto  
 das espumas que baba o cão trifauce,  
 de tóxico de Equidna, de delírios  
 vagabundos, de cegos desatinos,  
 crime, pranto, furor, tenções de morte;  
 tudo, pisado a um tempo, e de mistura  
 com fresco sangue, em caldeirão de bronze,

715

720

{fl.36}

por sua mão no Inferno o cozinhara,  
 com hástea verde de mortal cicuta  
 bem mexido ao ferver. No peito de ambos,  
 enquanto arquejam pávidos, emborca  
 tão furial pestilência. Enforna chammas  
 ‘té às entranhas do ânimo.

Soberba

de haver cumprido o encargo, aos vácuos reinos  
 do grão Dite reverte o monstro ovante,  
 onde a cobra da cinta emfim desata.

\*

No meio do palácio eis furibundo  
 entra aos gritos o Eólíde:

— Aqui todos,

aqui, monteiros meus, esta do bosque  
 interna parte, ma tomæ de redes;  
 uma leoa! E dois cachorros filhos!... —  
 Chama, e corre insensato após da esposa,  
 em quem tresviu leoa; ao colo dela  
 lhe ia o filhinho, o seu gentil Leárco,  
 a rir-se-lhe, a estender-lhe alvos bracinhos,  
 a querer-se ir ao pai; arranca-o, roda-o  
 duas, três vezes, pelo ar qual funda,  
 feroz o solta, e num penedo o esmaga.

725

730

735

740

}fl.178{ {fl.37}

{fl.37}

A mãe então, frenética, <pungida> /da mágua\  
 pungida, ou que o veneno a vá minando,  
 ululla, corre, insana, desgrenhada;  
 leva nos braços nus, cerrado ao peito,  
 seu outro filho, o tenro Melicerto,  
 e vai bradando:

– “¡Ó Baccho! ¡Evohe! ¡Baccho!” –

Sorriu Juno a tal nome.

– “Embora logres

“taes mimos – disse – “do teu caro alumno.”

\*

Surge um penhasco ás aguas sobranceiro;  
 das ondas o vai-vem por baixo o mina;  
 vasto pégo com a abóbada protege;  
 ¡tanto a frente escabrosa investe os mares!  
 Ino, pois lhe ala forças o delirio,  
 lá vinga, e, sem temor, com a linda carga  
 salta ao profundo; abysma-se. Com o baque  
 as aguas alvejando espadanaram.

\*

Mas Venus, consternada do infortunio,  
 que (tão sem culpa) á sua neta veio,  
 d’est’arte ameiga o tio:

}fl.179{ {fl.38}

– “Equóreo nume,

“ó Neptuno, ó senhor, cujo alto imperio  
 “pouco céde ao dos Ceos, se implóro muito,  
 “pensa que é pelos meus que o muito implóro.  
 “D’esses, que rolar vês no Jónio immenso,  
 “tem compaixão; por numes os recebe.  
 “Bem deve d’este mar contar com a graça,  
 “quem já foi n’elle espuma, e d’elle ha nome.” –

\*

A mãe então, frenética, da mágoa  
 pungida, ou que o veneno a vá minando,  
 ulula, corre, insana, desgrenhada;  
 leva nos braços nus, cerrado ao peito,  
 seu outro filho, o tenro Melicerto,  
 e vai bradando:

— Ó Baco! Evoé! Baco! —

Sorriu Juno a tal nome.

— Embora logres

tais mimos – disse – do teu caro aluno. —

\*

Surge um penhasco às águas sobranceiro;  
 das ondas o vaivém por baixo o mina;  
 vasto pego com a abóbada protege;  
 tanto a frente escabrosa investe os mares!  
 Ino, pois lhe ala forças o delírio,  
 lá vinga, e, sem temor, com a linda carga  
 salta ao profundo; abisma-se. Com o baque  
 as águas alvejando espadanaram.

\*

Mas Vênus, consternada do infortúnio,  
 que (tão sem culpa) à sua neta veio,  
 destarte ameiga o tio:

{fl.38}

— Equóreo nume,

ó Netuno, ó senhor, cujo alto império  
 pouco cede ao dos Céus, se imploro muito,  
 pensa que é pelos meus que o muito imploro.  
 Desses, que rolar vês no Jônio imenso,  
 tem compaixão; por numes os recebe.  
 Bem deve deste mar contar com a graça,  
 quem já foi nele espuma, e dele há nome. —

\*

745

750

755

760

765

Annue Neptuno á súplica. Já de ambos  
 extrai quanto é mortal; já lhes imprime  
 tremenda majestade, e, desnudados,  
 Palémon chama ao filho, á mãe Leucóthea.

\*

As aias, que no alcance fadigoso  
 da Rainha hão corrido, os seus vestígios  
 lá vão já pela encosta rastreando;  
 elles as guiam resfolgando ao cume,  
 e ali, na orla do profundo abysmo,  
 cessam. Dão por sem dúvida que é morta;  
 ferve alarido unânime; lastimam  
 do velho Cadmo a extinta descendencia;  
 o seio, as vestes, os cabellos, rompem;

}fl.180{ {fl.39}

harto blasphemam do rigor de Juno,  
 dos zelos seus, do seu tão-cru vingar-se.  
 Não lhes releva a deusa audácia tanta.  
 – “Vós mesmas – disse então – “sêde vós mesmas  
 “da minha tirannía exemplos novos.” –  
 Seguiu-se o effeito ao dito: a mais sentida  
 com os tristes fados de Ino – “Hei-de eu segui-a” –  
 bradou; quiz dar-se ao mar, ficou-se immovel  
 pegada á rocha. O peito, como d’antes,  
 outra quer lacerar; seus braços hirtos  
 já da vontade ao mando se não domam.  
 Esta as mãos estendia ao largo pego,  
 e estátua ao largo pégo as mãos estende.  
 Para arrancar a côma aquella a dextra  
 levanta; dextra e côma as viras pedra.  
 Cada qual, como estava, eterno fica.  
 Só parte d’ellas se transforma em aves,  
 que inda hoje, d’esse pélago habitantes,  
 roçam com o vôo a superficie ás aguas.

Anui Netuno à súplica. Já de ambos  
 extrai quanto é mortal; já lhes imprime  
 tremenda majestade, e, desnudados,  
 Palémon chama ao filho, à mãe Leucótea.

\*

As aias, que no alcance fadigoso  
 da rainha hão corrido, os seus vestígios  
 lá vão já pela encosta rastreando;  
 eles as guiam resfolgando ao cume,  
 e ali, na orla do profundo abismo,  
 cessam. Dão por sem dúvida que é morta;  
 ferve alarido unânime; lastimam  
 do velho Cadmo a extinta descendência;  
 o seio, as vestes, os cabelos, rompem;

{fl.39}

harto blasfemam do rigor de Juno,  
 dos zelos seus, do seu tão cru vingar-se.  
 Não lhes releva a deusa audácia tanta.  
 — Vós mesmas – disse então – sede vós mesmas 785  
 da minha tirania exemplos novos. —  
 Seguiu-se o efeito ao dito: a mais sentida  
 com os tristes fados de Ino – “Hei de eu segui-la” –  
 bradou; quis dar-se ao mar, ficou-se imóvel  
 pegada à rocha. O peito, como dantes, 790  
 outra quer lacerar; seus braços hirtos  
 já da vontade ao mando se não domam.  
 Esta as mãos estendia ao largo pego,  
 e estátua ao largo pego as mãos estende.  
 Para arrancar a coma aquela a destra 795  
 levanta; destra e coma as viras pedra.  
 Cada qual, como estava, eterno fica.  
 Só parte delas se transforma em aves,  
 que inda hoje, desse pélago habitantes,  
 roçam com o voo a superfície às águas. 800

&lt;\*/III\

III

Inda ignorando que entre equóreos numes  
lhe fôra aceita a filha, aceito o neto,

Inda ignorando que entre equóreos numes  
lhe fora aceita a filha, aceito o neto,

}fl.181{ {fl.40}

{fl.40}

o filho de Agenor, Cadmo, vencido  
d'este último desastre, que dá mate  
aos mil desastres seus, e dos sem conto  
que ha passado maléficis portentos,  
sai da cidade que erigido havia;  
como se os fados d'ella, e não seus fados,  
o perseguissem lá. Depois de largos  
terrenos vaguear, parou na Illyria  
com a prófuga consorte.

o filho de Agenor, Cadmo, vencido  
deste último desastre, que dá mate  
aos mil desastres seus, e dos sem conto 805  
que há passado maléficis portentos,  
*sai da cidade que erigido havia;*  
*como se os fados dela, e não seus fados,*  
*o perseguissem lá. Depois de largos*  
*terrenos vaguear, parou na Ilíria 810*  
*com a prófuga consorte.*

Ali, gravados

Ali, gravados

da desgraça e da idade, a estrella adversa  
memorando dos seus, e discorrendo  
nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:  
— “Ah! sagrada talvez era a serpente  
“que no bosque matei, quando expellido  
“de Sidónia me vi por lei paterna.  
“Sacro sería o monstro em cujos dentes  
“pela terra espalhei semente infensa.  
“Pois se dos numes o furor se apura  
“tanto e tanto em vingal-o, imploro aos numes,  
“que em comprida serpente me transformem.” —

da desgraça e da idade, a estrella adversa  
memorando dos seus, e discorrendo  
nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:  
— Ah! Sagrada talvez era a serpente 815  
que no bosque matei, quando expellido  
de Sidônia me vi por lei paterna.  
Sacro seria o monstro em cujos dentes  
pela terra espalhei semente infensa.  
Pois se dos numes o furor se apura 820  
tanto e tanto em vingá-lo, imploro aos numes,  
que em comprida serpente me transformem. —

\*

\*

Disse; e como serpente eis que se allonga;  
eis na cútis nascer vê dura escama,

Disse; e como serpente eis que se allonga;  
eis na cútis nascer vê dura escama,

}fl.182{ {fl.41}

{fl.41}

cerúleas nódoas variar-lhe o corpo;  
na terra cai de peitos; manso e manso  
os membros se confundem que o sustinham,  
e em buliçosa cauda se afeiçoam.  
Restam-lhe braços; braços que lhe restam

cerúleas nódoas variar-lhe o corpo; 825  
na terra cai de peitos; manso e manso  
os membros se confundem que o sustinham,  
e em buliçosa cauda se afeiçoam.  
Restam-lhe braços; braços que lhe restam

estende o malfadado, e diz, banhando  
de lagrimas a face, humana ainda:  
– “Vem, doce, vem, misérrima consorte,  
“em quanto ainda em mim de mim vês parte,  
“em quanto não sou todo enorme serpe;  
“a mão, em quanto é mão, recebe, aperta. |”]

\*

Queria proseguir; mas de improviso  
a lingua se lhe fende; eil-o com duas;  
fallecem-lhe as palavras; quantas vezes  
se intenta deplorar, tantas sibíla;  
;só lhe deixa esta voz a Natureza!  
Com a mão ferindo o peito, a esposa clama:  
– “Cadmo, espera, infeliz; despe esse monstro;  
“¿que é isto?¿que é dos hombros? ¿que é dos braços?  
“as mãos, os pés, e a côr, e o rôsto, e tudo?!  
“¿Por que, poder do Ceo, por que, destinos,  
“me não mudais tambem na fôrma horrenda?” –

}fl.183{ {fl.42}

\*

Diz; elle da consorte as faces lambe,  
e o que ainda conhece amado peito;  
o collo, que lhe foi, que lhe é, tão caro,  
cinge com mimo, e como pode abraça.  
Com tal ver, os da régia comitiva  
aterrados estão; mas brandamente,  
suas cristadas collas meneando,  
os lubricos dragões vão afagal-os,  
que súbito são dois; e serpeando  
ambos a par em revolueis giros,  
se escondem pela proxima floresta.  
Dos homens, todavia, inda não fogem,  
não teem dente mordaz, não teem veneno,  
não fazem dâmno algum; do que já foram,  
os benignos dragões inda se lembram.

*estende o malfadado, e diz, banhando* 830  
*de lágrimas a face, humana ainda:*  
*— Vem, doce, vem, misérrima consorte,*  
*enquanto ainda em mim de mim vês parte,*  
*enquanto não sou todo enorme serpe;*  
*a mão, enquanto é mão, recebe, aperta. —* 835

\*

*Queria prosseguir; mas de improviso*  
*a língua se lhe fende; ei-lo com duas;*  
*falecem-lhe as palavras; quantas vezes*  
*se intenta deplorar, tantas sibila;*  
*só lhe deixa esta voz a natureza!* 840  
*Com a mão ferindo o peito, a esposa clama:*  
*— Cadmo, espera, infeliz; despe esse monstro;*  
*que é isto? Que é dos ombros? Que é dos braços?*  
*As mãos, os pés, e a cor, e o rosto, e tudo?!*  
*Por que, poder do Céu, por que, destinos,* 845  
*me não mudais também na forma horrenda? —*

{fl.42}

\*

*Diz; ele da consorte as faces lambe,*  
*e o que ainda conhece amado peito;*  
*o colo, que lhe foi, que lhe é, tão caro,*  
*cinge com mimo, e como pode abraça.* 850  
*Com tal ver, os da régia comitiva*  
*aterrados estão; mas brandamente,*  
*suas cristadas colas meneando,*  
*os lúbricos dragões vão afagá-los,*  
*que súbito são dois; e serpeando* 855  
*ambos a par em revolúveis giros,*  
*se escondem pela próxima floresta.*  
*Dos homens, todavia, inda não fogem,*  
*não têm dente mordaz, não têm veneno,*  
*não fazem dano algum; do que já foram,* 860  
*os benignos dragões inda se lembram.*

## &lt;\*&gt;/IV\

Posto que hajam perdido a humanidade,  
grande consolação lhes deu contudo  
vêrem seu neto vencedor das Índias,  
nas Índias adorado, e em toda a Achaia.

\*

Um só mortal incrédulo o deshonra,  
tendo aliás com elle a mesma origem:

}fl.184{ {fl.43}

Acrísio, de Argos Rei, de Abante prole.  
É esse o temerario, o que lhe fecha  
seus Estados, com armas o persegue,  
e por filho de Jove o não reputa.  
;Mas que muito! a Perseu contesta o mesmo,  
a seu neto Perseu, filho de Dânae,  
seduzida por Jove em áurea chuva.  
Porém (¡tanto a verdade é poderosa!)  
da afronta feita a Baccho e feita ao neto,  
chegou por fim a arrepender-se Acrísio.  
Já dos dois o primeiro é deus; e o outro,  
levando o espólio do vipéreo monstro,  
e equilibrado em azas estridentes  
prêzas aos leves pés, vagueia os ares.  
Sobre as crestantes Lybicas areias  
pendendo o vencedor, caíram n'ellas  
da Gorgónea cerviz sanguíneas gôttas,  
e bebendo-as o solo as fez serpentes.  
Desde então, de serpentes Lybia abunda.

\*

Logo, agitado por discordes ventos,  
para aqui, para ali, qual gira a nuvem,  
domína o moço errante ao longe as terras,

## IV

Posto que hajam perdido a humanidade,  
grande consolação lhes deu contudo  
verem seu neto vencedor das Índias,  
nas Índias adorado, e em toda a Achaia.

\*

Um só mortal incrédulo o desonra,  
tendo aliás com ele a mesma origem:

{fl.43}

Acrísio, de Argos rei, de Abante prole.  
É esse o temerário, o que lhe fecha  
seus estados, com armas o persegue,  
e por filho de Jove o não reputa.  
Mas que muito! A Perseu contesta o mesmo,  
a seu neto Perseu, filho de Dânae,  
seduzida por Jove em áurea chuva.  
Porém (tanto a verdade é poderosa!)  
da afronta feita a Baco e feita ao neto,  
chegou por fim a arrepender-se Acrísio.  
Já dos dois o primeiro é deus; e o outro,  
levando *o espólio do vipéreo monstro,*  
*e equilibrado em asas estridentes*  
*presas aos leves pés, vagueia os ares.*  
*Sobre as crestantes líbicas areias*  
*pendendo o vencedor, caíram nelas*  
*da Gorgónea cerviz sanguíneas gotas,*  
*e bebendo-as o solo as fez serpentes.*  
*Desde então, de serpentes Líbia abunda.*

\*

*Logo, agitado por discordes ventos,*  
*para aqui, para ali, qual gira a nuvem,*  
*domina o moço errante ao longe as terras,*

}fl.185{ {fl.44}	{fl.44}	
e sobre o vasto glôbo anda voando.	<i>e sobre o vasto globo anda voando.</i>	990
As Ursas Boreas viu já tres vezes,	<i>As Ursas Boreais viu já três vezes,</i>	
e já tres vezes viu do Cancro os braços;	<i>e já três vezes viu do Cancro os braços;</i>	
mil ao <o>/O\ccaso foi, mil ao Nascente,	<i>mil ao ocaso foi, mil ao nascente,</i>	
pela aérea violencia despedido.	<i>pela aérea violência despedido.</i>	
Emfim: próximo á noite, e receando	<i>Enfim: próximo à noite, e receando</i>	895
Perseu fiar-se d'ella, o vôo abate	<i>Perseu fiar-se dela, o voo abate</i>	
na Hespéria região, reinos de Atlante.	<i>na Hespéria região, reinos de Atlante.</i>	
O heroe pede ao Monarcha um breve asylo,	<i>O herói pede ao monarca um breve asilo,</i>	
té que Phósphoro espérte a luz da Aurora,	<i>'té que Fósforo esperte a luz da Aurora,</i>	
e a Aurora o carro de oiro ao Sol prepare.	<i>e a Aurora o carro de ouro ao sol prepare.</i>	900
*	*	
Superior na estatura aos homens todos	<i>Superior na estatura aos homens todos</i>	
era Atlante, de Jápeto progénie.	<i>era Atlante, de Jápeto progênie.</i>	
Deu leis na terra extrema, e leis nos mares	<i>Deu leis na terra extrema, e leis nos mares</i>	
onde os lassos frisões mergulha Phebo.	<i>onde os lassos frisões mergulha Febo.</i>	
Ali manadas mil do Rei gigante,	<i>Ali manadas mil do rei gigante,</i>	905
mil rebanhos ali pascendo erravam,	<i>mil rebanhos ali pascendo erravam,</i>	
e ao seu não afrontava extranho imperio.	<i>e ao seu não afrontava estranho império.</i>	
Tinha um vergel com arvore lustrosa;	<i>Tinha um vergel com árvore lustrosa;</i>	
as folhas eram d'oiro, e d'oiro os ramos,	<i>as folhas eram d'oiro, e d'oiro os ramos,</i>	
áureos os pomos que pendiam d'elles.	<i>áureos os pomos que pendiam deles.</i>	910
— “Grão Rei, — Perseu lhe diz — se amas a glória	<i>— Grão Rei, — Perseu lhe diz — se amas a glória</i>	
“de alta estirpe, o meu ser provém de Jove;	<i>de alta estirpe, o meu ser provém de Jove;</i>	
“e se és admirador de acções famosas,	<i>e se és admirador de ações famosas,</i>	
}fl.186{ {fl.45}	{fl.45}	
“hão-de maravilhar-te as acções minhas.	<i>hão de maravilhar-te as ações minhas.</i>	
“Rogo-te a graça de nocturno hospicio.”	<i>Rogo-te a graça de noturno hospício. —</i>	915
*	*	
Mas de oráculo antigo o Rei se lembra,	<i>Mas de oráculo antigo o rei se lembra,</i>	
que a Thémis no Parnaso ouvira outr' ora:	<i>que a Têmis no Parnaso ouvira outrora:</i>	
“ <u>Roubarão de tua arvore brilhante</u>	<i>“Roubarão de tua árvore brilhante</i>	
“ <u>inda algum dia, Atlante, os frutos d'oiro.</u>	<i>inda algum dia, Atlante, os frutos d'oiro.</i>	
“ <u>Toca a filho de Jove esse alto loiro.</u> ”	<i>Toca a filho de Jove esse alto loiro.”</i>	920

*	*
<p>Receoso do furto, havia Atlante  torneado o pomar com rijos muros,  e horroroso dragão lhe pôz de vela.  A forasteiro algum nos seus dominios  guarida não concede, expulsa a todos;  e a este diz tambem:</p> <p style="text-align: center;">– “Vae para longe,  “se não queres de ti ver longe a glória  “dos mentirosos feitos; se não queres  “longe, mais longe ainda, o pae que ostentas.” –</p> <p>E ajuntando a violencia ás ameaças,  repellir tenta para além das portas  Perseu, que lhe resiste, e já mistura  com os termos brandos expressões mais fortes.  Nas fôrças inferior se reconhece;</p>	<p><i>Receoso do furto, havia Atlante  torneado o pomar com rijos muros,  e horroroso dragão lhe pôs de vela.  A forasteiro algum nos seus domínios  guarida não concede, expulsa a todos; 925  e a este diz também:</i></p> <p style="text-align: center;"><i>— Vai para longe,  se não queres de ti ver longe a glória  dos mentirosos feitos; se não queres  longe, mais longe ainda, o pai que ostentas. —</i></p> <p><i>E ajuntando a violência às ameaças, 930  repelir tenta para além das portas  Perseu, que lhe resiste, e já mistura  com os termos brandos expressões mais fortes.  Nas forças inferior se reconhece;</i></p>
}fl.187{ {fl.46}	{fl.46}
¿quem podia egualar de Atlante as fôrças?	<i>quem podia igualar de Atlante as forças? 935</i>
*	*
<p>– “Já que a minha amizade em pouco estimas, –  diz o afrontado heroe – “meus dons recebe.” –  N’isto com a mão sinistra, e desviando  primeiro os olhos para a parte adversa,  lhe mostra de Medusa a face horrenda.  ;Eis feito o enorme Atlante um monte enorme!  barbas, melenas, se lhe tornam selvas;  são recôstos da serra as mãos e os braços;  o que já foi cabeça, agora é cume;  dos ossos os penedos se formaram;  para todas as partes se dilata;  crescendo mais, e mais, altura immensa  toma emfim. Vós, ó numes, o ordenastes;  todo o pezo do ceo descança n’elle.</p>	<p><i>— Já que a minha amizade em pouco estimas, –  diz o afrontado herói – meus dons recebe. —</i></p> <p><i>Nisto com a mão sinistra, e desviando  primeiro os olhos para a parte adversa,  lhe mostra de Medusa a face horrenda. 940  Eis feito o enorme Atlante um monte enorme!  Barbas, melenas, se lhe tornam selvas;  são recostos da serra as mãos e os braços;  o que já foi cabeça, agora é cume;  dos ossos os penedos se formaram; 945  para todas as partes se dilata;  crescendo mais, e mais, altura imensa  toma emfim. Vós, ó numes, o ordenastes;  todo o peso do céu descansa nele.</i></p>



&lt;\*&gt;/V\

V

Em seu cárcere eterno aferrolhára  
 Eólo os Ventos, ao luzir da estrella  
 que traz o dia, e que ao trabalho chama.  
 Calça as azas Perseu, recinge o alfange,  
 o curvo alfange, ao lado; e novamente  
 retalha em vôo leve o aéreo vácuo.  
 Innumeros atraz deixado povos

Em seu cárcere eterno aferrolhara 950  
 Eólo os Ventos, ao luzir da estrela  
 que traz o dia, e que ao trabalho chama.  
 Calça as asas Perseu, recinge o alfange,  
 o curvo alfange, ao lado; e novamente  
 retalha em voo leve o aéreo vácuo. 955  
 Inúmeros atrás deixado povos

}fl.188{ {fl.47}

{fl.47}

sob o rumo sublime, e aos lados ambos,  
 da Cephália Ethiópia emfim dá vista.  
 Ali então a Andrômeda innocente  
 de Ammôn injusto oráculo mandava  
 que da vaidosa mãe pagasse o crime.

\*

O bisneto de Abante, ao pôr os olhos  
 na victima, com os braços melindrosos  
 amarrados a aspérrimos rochedos,  
 se lhe não visse a trança entregue ás auras,  
 e lagrimas ferver na face ingénua,  
 por obra de alvo jaspe a tomaria.  
 Atónito da extranha formosura,  
 e inda mais do que atónito, encantado,  
 quasi esquece no ar mover as plumas;  
 bebe, sem o cuidar, secreto incendio.

\*

Mal que poisou na praia, em frente d'ella,  
 – “Ó tu, – lhe diz – não digna d'estes laços,  
 “mas só do que ata Amor aos seus mimosos,  
 “¿teu nome? ¿a tua patria? ¿a causa d'isto?” –  
 Perturbada e suspensa, ella a princípio  
 não responde ao varão, modesta e virgem;  
 e, se as férreas prisões lh'o não tolhessem,

sob o rumo sublime, e aos lados ambos,  
 da Cefália Etiópia enfim dá vista.  
 Ali então a Andrômeda inocente 960  
 de Amon injusto oráculo mandava  
 que da vaidosa mãe pagasse o crime.

\*

O bisneto de Abante, ao pôr os olhos  
 na vítima, com os braços melindrosos  
 amarrados a aspérrimos rochedos,  
 se lhe não visse a trança entregue às auras, 965  
 e lágrimas ferver na face ingênua,  
 por obra de alvo jaspe a tomaria.  
 Atônito da estranha formosura,  
 e inda mais do que atônito, encantado,  
 quase esquece no ar mover as plumas; 970  
 bebe, sem o cuidar, secreto incêndio.

\*

Mal que poisou na praia, em frente dela,  
 — Ó tu, – lhe diz – não digna destes laços,  
 mas só do que ata amor aos seus mimosos,  
 teu nome? A tua pátria? A causa disto? — 975  
 Perturbada e suspensa, ela a princípio  
 não responde ao varão, modesta e virgem;  
 e, se as férreas prisões lho não tolhessem,



“juntar a tantos dotes o mais digno: “o merecer Andrómeda. Eis o pacto: “se o meu valor a livra, é minha esposa.” —	juntar a tantos dotes o mais digno: o merecer Andrômeda. Eis o pacto: se o meu valor a livra, é minha esposa. —	1010
*	*	
Apraz o ajuste; ç e a quem discontentára? Os paes até com súplicas lh’o firmam, e lhe off’rezem, por cima, o Reino em dote.	Apraz o ajuste; e a quem discontentara? Os pais até com súplicas lho firmam, e lhe of’rezem, por cima, o reino em dote.	
*	*	
N’isto, qual vóga com sonóra proa lenho impellido de suados remos, tal o monstro com o peito as vagas rasga,	Nisto, qual voga com sonora proa lenho impellido de suados remos, tal o monstro com o peito as vagas rasga,	1015
}fl.191{ {fl.50}		{fl.50}
direito ás rochas, de que dista apenas quanto a funda balear com o tiro alcança. Na terra os pés com fôrça repellindo, foge o mancebo, e se remonta ás nuvens. Á sombra, que de lá no pégo estampa, a fera esbravejando se arremeça.	direito às rochas, de que dista apenas quanto a funda balear com o tiro alcança. Na terra os pés com força repelindo, foge o mancebo, e se remonta às nuvens. À sombra, que de lá no pego estampa, a fera esbravejando se arremessa.	1020
Mas, como aguia Real que em razo avista lívida escâmea serpe ao sol jazendo de traz a investe, e, por vedar que os dentes lhe revire, á cerviz lhe aferra as garras; baixa dos ceos o voador de chofre contra o dorso ferino, inteiro o curvo ferro lhe ensópa na direita espádua.	Mas, como águia real que em raso avista lívida escâmea serpe ao sol jazendo de trás a investe, e, por vedar que os dentes lhe revire, à cerviz lhe aferra as garras; baixa dos céus o voador de chofre contra o dorso ferino, inteiro o curvo ferro lhe ensopa na direita espádua.	1025
Ruge e troveja o monstro com a ferida; ora se atira aos ares, ora ao fundo mergulha, ora se volve e se revolve, qual bruto javali n’um cêrco estreito de ladradores cães desatinado.	Ruge e troveja o monstro com a ferida; ora se atira aos ares, ora ao fundo mergulha, ora se volve e se revolve, qual bruto javali num cerco estreito de ladradores cães desatinado.	1035
O Argivo heroe, voando sempre, illude a bôcca enorme que o persegue sempre; e, voando, retalha ás cutiladas quanto á flor d’agua assoma: agora o dorso de conchas encrustado, agora os lados,	O argivo herói, voando sempre, ilude a boca enorme que o persegue sempre; e, voando, retalha às cutiladas quanto à flor d’água assoma: agora o dorso de conchas encrustado, agora os lados,	1040

agora, aonde a cauda se adelgaça

}fl.192{ {fl.51}

e acaba em peixe. A fera já vomita  
a um tempo ondas de mar, e ondas de sangue.

\*

Perseu, que d'estes sórdidos borrifos  
humedecidos os talares sente,  
teme arriscar-se mais. Nota um penhasco,  
que aos mares sobre-sai quando quietos;  
quando agitados, cobre-se; faz d'elle  
contrapé; no penedo mais visinho  
aferra a esquerda; e com a direita armada,  
debruçando-se, eis tres e quatro vezes  
as entranhas lhe passa e lhe repassa.

\*

Com palmas e clamores repentinos  
retumba a praia, os altos ceos se estrugem.  
Exultam, veem saudar seu bravo genro,  
por salvador da sua estirpe o tratam,  
Cassíope e Cepheu. Sôlta dos ferros  
a virgem, da facção motivo e prêmio,  
ao seu libertador corre dar graças.

\*

Lava Perseu no mar as mãos ovantes;  
e por temer que o chão com a rija areia

}fl.193{ {fl.52}

lhe estrague a da Phorcynide Medusa  
anguícoma cabeça, uma de folhas  
fôfa cama lhe aprésta, e de hásteas molles  
de submarinhas plantas. ¡Ver as hásteas,  
porque recentes são, porque inda vivem,  
vel-as, pelo esponjoso da medulla  
a abeberar-se do espantoso influxo,  
do monstro ao toque a súbito enrijar-se!

agora, aonde a cauda se adelgaça

{fl.51}

e acaba em peixe. A fera já vomita  
a um tempo ondas de mar, e ondas de sangue.

\*

Perseu, que destes sórdidos borrifos  
umedecidos os talares sente, 1045  
teme arriscar-se mais. Nota um penhasco,  
que aos mares sobressai quando quietos;  
quando agitados, cobre-se; faz dele  
contrapé; no penedo mais vizinho  
aferra a esquerda; e com a direita armada, 1050  
debruçando-se, eis três e quatro vezes  
as entranhas lhe passa e lhe repassa.

\*

Com palmas e clamores repentinos  
retumba a praia, os altos céus se estrugem. 1055  
Exultam, veem saudar seu bravo genro,  
por salvador da sua estirpe o tratam,  
Cassíope e Cefeu. Solta dos ferros  
a virgem, da facção motivo e prêmio,  
ao seu libertador corre dar graças.

\*

Lava Perseu no mar as mãos ovantes; 1060  
e por temer que o chão com a rija areia

{fl.52}

lhe estrague a da Forcínide Medusa  
anguícoma cabeça, uma de folhas  
fofa cama lhe apresta, e de hástias moles 1065  
de submarinhas plantas. Ver as hástias,  
porque recentes são, porque inda vivem,  
vê-las, pelo esponjoso da medulla  
a abeberar-se do espantoso influxo,  
do monstro ao toque a súbito enrijar-se!

<p>Cobram dureza igual ramada e folhas. Em muitas hásteas mais sendo tentado pelas nymphas do Oceano este prodígio, gostosas viram sempre o mesmo em todas. Extraem-lhe a semente, ao pégo a lançam; d'onde os coraes nascendo conservaram natureza conforme á sua origem. O contacto do ar livre os endurece; são vimes dentro n'água, e fora pedras.</p> <p style="text-align: center;">&lt;*&gt;/VI\</p> <p>De céspede aras tres ergue a tres numes o heroe: para Mercurio á séstra parte; á dextra para ti, guerreira Virgem; dos numes ao senhor consagra o centro.</p> <p style="text-align: right;">}fl.194{ {fl.53}</p> <p>Immóla ao nume alípede um novilho, uma vacca a Minerva, a Jove um toiro.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Deixa a praia, e do sôgro aos régios paços, sem mais dote aceitar, conduz a esposa. Seus fachos Hymeneu e Amor aprestam; fartam-se os fogos de subtís perfumes; pendem flóreos festões dos tectos ricos; sôa a cítara, a flauta, a lyra, o canto, com que o praser geral se exprime e acende. Os amplos atrios, os salões garridos, se abrem de par em par, e ás lautas bôdas todos do Estado os Principes concorrem.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Quando, ao fim do banquete, começavam a diffundir-se os ânimos com os brindes do generoso, do incendiado Baccho, perguntou-lhes Perseu pelos costumes e gentes d'estas partes tão remotas.</p>	<p>Cobram dureza igual ramada e folhas. 1070 Em muitas hásteas mais sendo tentado pelas ninfas do oceano este prodígio, gostosas viram sempre o mesmo em todas. Extraem-lhe a semente, ao pego a lançam; donde os corais nascendo conservaram 1075 natureza conforme à sua origem. O contacto do ar livre os endurece; são vimes dentro n'água, e fora pedras.</p> <p style="text-align: center;">VI</p> <p>De céspede aras três ergue a três numes o herói: para Mercúrio à sestra parte; 1080 à destra para ti, guerreira virgem; dos numes ao senhor consagra o centro.</p> <p style="text-align: right;">{fl.53}</p> <p>Imola ao nume alípede um novilho, uma vaca a Minerva, a Jove um toiro.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Deixa a praia, e do sogro aos régios paços, 1085 sem mais dote aceitar, conduz a esposa. Seus fachos Himeneu e Amor aprestam; fartam-se os fogos de sutis perfumes; pendem flóreos festões dos tetos ricos; soa a cítara, a flauta, a lira, o canto, 1090 com que o prazer geral se exprime e acende. Os amplos átrios, os salões garridos, se abrem de par em par, e às lautas bodas todos do estado os príncipes concorrem.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Quando, ao fim do banquete, começavam 1095 a difundir-se os ânimos com os brindes do generoso, do incendiado Baco, perguntou-lhes Perseu pelos costumes e gentes destas partes tão remotas.</p>
--	--



Prosegue, relatando os feros riscos

a que o poséra o seu viajar tão longo.  
 ;Que de terras sem conto, e mar sem termo,  
 lá de cima enxergára! ;e que de estrellas  
 no atravessar dos ceos roçou com as azas!

\*

Calou-se, e inda os convivas o escutavam.  
 Eis que rompe o silencio um dos magnates;  
 e, sendo tres as Phórcydes, lhe inquire  
 por que rasão das tres não mais do que uma  
 tal coma houvera de dragões mesclada.  
 – “Bem perguntas – o hóspede lhe volve; –  
 “saberás pois a causa. Esta de todas  
 “fôra a mais requestada, a mais formosa,  
 “e o principal seu dote era o cabelo;  
 “isto o sei eu, de alguns que inda lh’o viram.  
 “Dizem que o Rei do Mar d’ella gosára  
 “de Minerva no templo; a tanto insulto  
 “revira a deusa o rosto; os olhos tapa  
 “com a égide sagrada; e não soffrendo  
 “que a abominosa acção ficasse impune,  
 “parte lhe fez da trança em feios dragos.  
 “Desde então, por memoria, e para espanto  
 “dos contrários na guerra, a deusa armada  
 “traz de eguaes serpes recamado o peito.” –

---

Fim do Livro IV

---

Prossegue, relatando os feros riscos

1130

a que o pusera o seu viajar tão longo.  
 Que de terras sem conto, e mar sem termo,  
 lá de cima enxergara! E que de estrelas  
 no atravessar dos céus roçou com as asas!

\*

Calou-se, e inda os convivas o escutavam. 1135  
 Eis que rompe o silêncio um dos magnates;  
 e, sendo três as Fórcides, lhe inquire  
 por que razão das três não mais do que uma  
 tal coma houvera de dragões mesclada.  
 — Bem perguntas – o hóspede lhe volve; – 1140  
 saberás pois a causa. Esta de todas  
 fora a mais requestada, a mais formosa,  
 e o principal seu dote era o cabelo;  
 isto o sei eu, de alguns que inda lho viram.  
 Dizem que o rei do mar dela gozara 1145  
 de Minerva no templo; a tanto insulto  
 revira a deusa o rosto; os olhos tapa  
 com a égide sagrada; e não soffrendo  
 que a abominosa ação ficasse impune,  
 parte lhe fez da trança em feios dragos. 1150  
 Desde então, por memória, e para espanto  
 dos contrários na guerra, a deusa armada  
 traz de iguais serpes recamado o peito. —

---

Fim do Livro IV

---

}fl.49{ {fl.56}

{fl.56}

## Notas

## Notas

## sobre o Livro IV

## sobre o Livro IV

Prende este Livro, pelos primeiros 600 versos do original, com o precedente; e com o seguinte pelos 200 ultimos.

Thébas, a gente Cadmeia, Baccho e seu culto, continuam a ser materia da primeira parte. Prevalecêra enfim o novo deus. O que a primeiro nos convida público bando do Pontífice thebano, é uma estrondosa celebração das bacchanaes; razão é que nos aproveitemos d'ellas, que, até que outras festas nos venham cerrar o Livro, assaz temos de correr por trabalhos e miserias, do Mundo e do Inferno.

\*

As bacchanaes, órgias, dionysíacas, dionysíades (que o mesmo haviam de valer esses nomes) foram, em meu entender sem nenhuma dúvida, o mesmo, ou quasi o mesmo, que o entrudo, ou carnaval, dos Christãos.

Coisas há, que, ainda que pelo

}fl.50{ {fl.57}

correr e variar dos tempos se demudem, nunca todavia chegam a perder tanto o seu character primitivo, que, mais de perto examinadas, se não reconheçam; e são coisas, pela maior parte, as de que é depositário e usufrutuário o vulgo, que de mão em mão as vai passando por alto, sem lhes dar entrada no haver de pêzo da philosophia, nem nas sobejamente pautadas alfandegas da civilisação.

Um relancear de olhos sobre o nosso entrudo sobra para mostrar, com mais que probabilidade, serem estas, sob outros nomes, as mesmas festas, não renovadas, se não herdadas e continuadas, desde os

Prende este livro, pelos primeiros 600 versos do original, com o precedente; e com o seguinte pelos 200 últimos.

Tebas, a gente Cadmeia, Baco e seu culto, continuam a ser matéria da primeira parte. Prevalecera enfim o novo deus. O que a primeiro nos convida público bando do Pontífice tebano, é uma estrondosa celebração das bacanaes; razão é que nos aproveitemos delas, que, até que outras festas nos venham cerrar o livro, assaz temos de correr por trabalhos e misérias, do mundo e do Inferno.

\*

As bacanaes, orgias, dionysíacas, dionysíades (que o mesmo haviam de valer esses nomes) foram, em meu entender sem nenhuma dúvida, o mesmo, ou quase o mesmo, que o entrudo, ou carnaval, dos cristãos.

Coisas há, que, ainda que pelo

{fl.57}

correr e variar dos tempos se demudem, nunca todavia chegam a perder tanto o seu carácter primitivo, que, mais de perto examinadas, se não reconheçam; e são coisas, pela maior parte, as de que é depositário e usufrutuário o vulgo, que de mão em mão as vai passando por alto, sem lhes dar entrada no haver de peso da philosophia, nem nas sobejamente pautadas alfandegas da civilização.

Um relancear de olhos sobre o nosso entrudo sobra para mostrar, com mais que probabilidade, serem estas, sob outros nomes, as mesmas festas, não renovadas, se não herdadas e continuadas, desde os



Romanos: lá e cá, a embriaguez, a folgazan loucura, com plena trégua de todos os trabalhos serios; lá e cá as máscaras e desfarces, o bailar, o trepudiar, os cantos e as chufas, as trovas satyricas, e o burlar com presentes, e o incutir mêdos e pavores.

Se já não temos um templo de Baccho, nem lhe vão por essas ruas sacrificando bodes, ¿as suas laureadas ermidas de humilde nome não são fervorosamente frequentadas?

}fl.51{ {fl.58}

¿E quem não descobre n'aquella velha figura do Entrudo, a cavallo no seu jumento, por entre os apupos e saudações da rapazía, o mesmissimo classico Sileno dos dithyrambos?

Se advertirmos em que, ainda ha dois dias, era uma das partes essenciaes d'estes jogos o despejo de agua, arrojando-a por mofa aos a quem se pretendia fazer affronta, n'este acintoso menoscabo á natural inimiga do vinho, temos convertida a presumpção em certeza; e muito mais haveria para a fazer evidencia, se outras causas, além da grande e incessante mó do tempo não houvessem apagado aqui, como em tantas outras coisas, muitos traços primitivos.

Do Padre Frei Vicente de Lisboa, que foi Inquisidor geral, escreveu o nosso mellifluo Frei Luiz de Sousa, no capítulo 3º, Livro II da 2ª Parte da sua Chronica:

“A elle se attribue o conselho, que o Governo da cidade (de Lisboa) tomou, em fazer voto de tirar os abusos gentílicos que duravam no Reino, como em outra parte temos contado, de lançar sortes, furtar aguas, carpir defuntos; elle fez trocar em santas e devotas procissões as profanidades, que o povo mantinha, de festejar certos dias do anno por titulo recebido

romanos: lá e cá, a embriaguez, a folgazã loucura, com plena trégua de todos os trabalhos sérios; lá e cá as máscaras e disfarces, o bailar, o tripudiar, os cantos e as chufas, as trovas satíricas, e o burlar com presentes, e o incutir medos e pavores.

Se já não temos um templo de Baco, nem lhe vão por essas ruas sacrificando bodes, as suas laureadas ermidas de humilde nome não são fervorosamente frequentadas?

{fl.58}

E quem não descobre naquela velha figura do Entrudo, a cavalo no seu jumento, por entre os apupos e saudações da rapazia, o mesmíssimo clássico Sileno dos ditirampos?

Se advertirmos em que, ainda há dois dias, era uma das partes essenciais destes jogos o despejo de água, arrojando-a por mofa aos a quem se pretendia fazer afronta, neste acintoso menoscabo à natural inimiga do vinho, temos convertida a presunção em certeza; e muito mais haveria para a fazer evidência, se outras causas, além da grande e incessante mó do tempo não houvessem apagado aqui, como em tantas outras coisas, muitos traços primitivos.

Do Padre Frei Vicente de Lisboa, que foi Inquisidor geral, escreveu o nosso melífluo Frei Luiz de Sousa, no capítulo 3º, livro II da 2ª Parte da sua *Crônica*:

“A ele se atribui o conselho, que o Governo da cidade (de Lisboa) tomou, em fazer voto de tirar os abusos gentílicos que duravam no Reino, como em outra parte temos contado, de lançar sortes, furtar águas, carpir defuntos; ele fez trocar em santas e devotas procissões as profanidades, que o povo mantinha, de festejar certos dias do ano por título recebido

}fl.52{ {fl.59}

{fl.59}

da idolatria, com outros máus costumes, que enfim por sua indústria ficaram desterrados do Reino.”

Pia e santa foi a intenção do bom Frei Vicente; mas heresia formal para antiquários, e com fortissimo saibo de herética para poetas. Muito nas boas horas se atalhassem os escândalos e abominações, que mal quiséramos que, por festa entrudal, corressem as moças por essas ruas, descompostas, por entre cantares obscenos, e levando arvoradas em hastas, como tropheos, os allegoricos emblemas da fecundidade, as imagens expressivas do que a Natureza nos homens fez para andar occulto, e só entre Tupinambas se alardeia. Essa parte das órgias não a cubiçamos nós, nem muitas outras torpezas dos desenfreados jogos floraes, em que as mulheres iam bailar nos theatros, com muito mais desvergonhada desnudez do que em nossos dias. Por essa parte, faria tão bem o Inquisidor em cortar, como já em Roma fizera o Senado, quando no anno da Cidade edificada 568 vedou, sob graves penas, os desafôros órgicos em toda a Italia; mas quanto ao que, sem offensa

}fl.53{ {fl.60}

{fl.60}

dos bons costumes, nem verdadeira quebra da Fé, se podia consentir ao trabalhado povo para seu desenfadamento, mais humano fôra (se não mais religioso), e mais assisado (se não mais philosophico), fechar os olhos, e dar-lhe costas em silencio, como já o grave Catão nos mesmos jogos floraes o praticára.

De mim confesso, e o repito, que tirar o que por qualquer via recreia, e por nenhuma damna, se me figura a mais desorientada inhumanidade, de quantas contra este pobre mundo, tão pêco e tão curtido de miserias, se podem perpetrar.

da idolatria, com outros maus costumes, que enfim por sua indústria ficaram desterrados do Reino.”

Pia e santa foi a intenção do bom Frei Vicente; mas heresia formal para antiquários, e com fortissimo saibo de herética para poetas. Muito nas boas horas se atalhassem os escândalos e abominações, que mal quiséramos que, por festa entrudal, corressem as moças por essas ruas, descompostas, por entre cantares obscenos, e levando arvoradas em hastas, como troféus, os alegóricos emblemas da fecundidade, as imagens expressivas do que a natureza nos homens fez para andar occulto, e só entre Tupinambás se alardeia. Essa parte das orgias não a cobiçamos nós, nem muitas outras torpezas dos desenfreados jogos floraes, em que as mulheres iam bailar nos teatros, com muito mais desvergonhada desnudez do que em nossos dias. Por essa parte, faria tão bem o Inquisidor em cortar, como já em Roma fizera o Senado, quando no ano da cidade edificada 568 vedou, sob graves penas, os desaforos orgíacos em toda a Itália; mas quanto ao que, sem ofensa

dos bons costumes, nem verdadeira quebra da fé, se podia consentir ao trabalhado povo para seu desenfadamento, mais humano fora (se não mais religioso), e mais assisado (se não mais filosófico), fechar os olhos, e dar-lhe costas em silencio, como já o grave Catão nos mesmos jogos floraes o praticara.

De mim confesso, e o repito, que tirar o que por qualquer via recreia, e por nenhuma dana, se me figura a mais desorientada inumanidade, de quantas contra este pobre mundo, tão peço e tão curtido de misérias, se podem perpetrar.

\*

Mas, tornando-nos á materia, digo que, pôsto na composição do nosso entrudo entraram provavelmente outros jogos romanos, e principalmente os saturnaes, e os sigillários, verdade que por muitas conveniencias poderamos provar, se o lugar o permittisse, sempre fica sendo principalmente bacchanal a sua origem; e este é o mais forte motivo do gôsto com que assistimos, introduzidos por Ovidio, ao entrudo thebano.

}fl.54{ {fl.61}

A descripção, que d'elle nos faz o Poeta, é curta mas apparatusa; e sobretudo, não apparece n'ella clausula alguma que espante a modestia; d'onde se ha-de inferir, que os triumphos do phallo, as cantilenas devassas, e outros mais abusos d'esse genero, que nas famosas dionysiades de Athenas se costumaram, não datam da primitiva do culto bacchico, nem lhe eram essenciaes, mas que se lhe enxertaram com o tempo, e, porque encontraram com boa seiva, pegaram e medraram. E assim ha-de ser; por que, se com taes immodéstias se apresentasse logo o novo rito, não só o Rei, que o repugnava e combatia, as houvera denunciado e afeiado na sua prosopopeia, mas as donas e donzelas thebanas, seus maridos, seus paes, seus parentes, seus amantes, toda a cidade, emfim, se lhes houveram oppôsto unanimemente, em vez de unanimemente o abraçarem, como abraçaram.

E corrobora-se esta rasão, com o que achamos em bons autores e monumentos antigos, em abono das esquivanças e casti-

}fl.55{ {fl.62}

dade das bacchantes.

Em Eurípedes temos, que, em meio da agitação e fúria que as senhoreava, sabiam defender

\*

Mas, tornando-nos à matéria, digo que, posto na composição do nosso entrudo entraram provavelmente outros jogos romanos, e principalmente os saturnais, e os sigilários, verdade que por muitas conveniências pudéramos provar, se o lugar o permitisse, sempre fica sendo principalmente bacanal a sua origem; e este é o mais forte motivo do gosto com que assistimos, introduzidos por Ovídio, ao entrudo tebano.

{fl.61}

A descripção, que dele nos faz o poeta, é curta mas apparatusa; e sobretudo, não apparece nela cláusula alguma que espante a modéstia; donde se há de inferir, que os triumphos do *phallo*, as cantilenas devassas, e outros mais abusos desse gênero, que nas famosas dionisiades de Atenas se costumaram, não datam da primitiva do culto báquico, nem lhe eram essenciaes, mas que se lhe enxertaram com o tempo, e, porque encontraram com boa seiva, pegaram e medraram. E assim há de ser; porque, se com tais imodéstias se apresentasse logo o novo rito, não só o rei, que o repugnava e combatia, as houvera denunciado e afeiado na sua prosopopeia, mas as donas e donzelas tebanas, seus maridos, seus pais, seus parentes, seus amantes, toda a cidade, emfim, se lhes houveram opposto unanimemente, em vez de unanimemente o abraçarem, como abraçaram.

E corrobora-se esta razão, com o que achamos em bons autores e monumentos antigos, em abono das esquivanças e casti-

{fl.62}

dade das bacantes.

Em Eurípedes temos, que, em meio da agitação e fúria que as senhoreava, sabiam defender

sua pudicícia, e a botes de thyrsos se descartavam dos que lhes pretendiam fazer agravo.

Nonno, nas suas Dionysíades nol-as dá por tão virginaes, que, por acautelar assaltos entre o dormir, se abraçavam de uma cobra viva.

Das Bacchantes Eurynome e Porphíride memora a Anthologia que, por haverem de se ir desposar, se despediam do officio.

Donzellas, casadas, e viúvas, todas n'aquellas festas concorriam; mas as proprias Bacchantes, podemos assentar em que eram (ou se haviam) por virgens; e se aliás em preciosos resíduos artisticos apparecem com os cabellos desatados e sôltos, o que entre Romanas era boa mostra de immodestia; se ahi se nota um Fauno que investe com uma, um Sátyro, que entre um rancho d'ellas adormecidas traça profanal-as, e em todas se observa a nudez; se, enfim, poetas e satyricos da Antiguidade alguma vez dispararam o apódo de bacchantes às prostitutas, o que só d'ahi se infere é o mesmo que já apontámos: que aquelle culto variou em logares e tempos, e que, de rego-

}fl.56{ {fl.63}

sijo, em que principiaria, passou a devassidão. Se a sua immoralidade o fez abolir, não é verosímil que, se logo no começo se apresentasse com ella, houvesse pegado.

Estudae-me com tento e philosophia as falsas religiões, e achareis sempre com certeza (ou, quando menos, com summa probabilidade) que, se todas, como obras humanas que eram, chegaram por abusos a degenerar, enfraquecer-se, e cair, todas entretanto nasceram puras, innocentes, e prestadías; não talvez puras, innocentes, e prestadías em sentido absoluto e universal, mas taes certamente em relação ao tempo, lugar, estado, conhecimentos, e costumes,

sua pudicícia, e a botes de tirsos se descartavam dos que lhes pretendiam fazer agravo.

Nonno, nas suas *Dionosíades* no-las dá por tão virginaes, que, por acautelar assaltos entre o dormir, se abraçavam de uma cobra viva.

Das bacantes Eurinome e Porfíride memora a *Antologia* que, por haverem de se ir desposar, se despediam do officio.

Donzellas, casadas, e viúvas, todas naquellas festas concorriam; mas as próprias bacantes, podemos assentar em que eram (ou se haviam) por virgens; e se aliás em preciosos resíduos artisticos apparecem com os cabelos desatados e soltos, o que entre romanas era boa mostra de imodéstia; se aí se nota um fauno que investe com uma, um sátyro, que entre um rancho delas adormecidas traça profaná-las, e em todas se observa a nudez; se, enfim, poetas e satíricos da Antiguidade alguma vez dispararam o apodo de *bacantes* às prostitutas, o que só daí se infere é o mesmo que já apontámos: que aquelle culto variou em logares e tempos, e que, de rego-

{fl.63}

zijo, em que principiaria, passou a devassidão. Se a sua imoralidade o fez abolir, não é verosímil que, se logo no começo se apresentasse com ella, houvesse pegado.

Estudai-me com tento e philosophia as falsas religiões, e achareis sempre com certeza (ou, quando menos, com summa probabilidade) que, se todas, como obras humanas que eram, chegaram por abusos a degenerar, enfraquecer-se, e cair, todas entretanto nasceram puras, innocentes, e prestadías; não talvez *puras*, *inocentes*, e *prestadias* em sentido absoluto e universal, mas tais certamente em relação ao tempo, lugar, estado, conhecimentos, e costumes, das gentes

das gentes para quem se fizeram. Todo o contrário parecer é absurdo e calúnia contra a Especie humana.

\*

Realça Ovidio o effeito do seu painel, que nos representa toda a grande cidade de Thebas em festa, por um contraste. São os contrastes um dos mais efficazes segrêdos da formosa poesia que sempre em Ovidio encontraremos.

Ha no ócio dos dias santificados

}fl.57{ {fl.64}

o que quer que seja de tão poetico e alegre, que a todos por mil maneiras se dá a sentir. Ainda aquelles que, por não cortados de trabalho e trabalhos, não podem dizer que repoisam em dias taes, e todos os de sua vida desaproveitam, lá participam, como podem, d'este geral e vivaz recobro de corpos e espiritos.

Não sei eu como diga a leitores despoetas e anti-poetas certo semi-segrêdo, de que, em uma manhan de domingo, o meu amigo Herculano e eu fizemos larga e curiosa prática, sentados á sombra de ciprestes, e diante de bom sol, no cemitério dos Inglezes. Concordámos entre nós, connosco concordaria Zimmermann (se ahi fosse), que tambem a alma tinha seus trajos domingueiros, e que, em os revestindo, sahia mui outra, mais despenhada, mais leve, mais prestes, mais bem encarada e disposta, e menos discontentadiça; que não só a gente ferjada lhe parecia diversa e melhor, se não que o proprio mundo material se lhe representava então, tanto ou quanto, transformado e enfeitado; e que um sol

}fl.58{ {fl.65}

de dia santo, ainda annueado, era mais inspirador, quasi mais claro, e (em nosso sentir) muito mais sol,

para quem se fizeram. Todo o contrário parecer é absurdo e calúnia contra a especie humana.

\*

Realça Ovídio o efeito do seu painel, que nos representa toda a grande cidade de Tebas em festa, por um contraste. São os contrastes um dos mais eficazes segredos da formosa poesia que sempre em Ovídio encontraremos.

Há no ócio dos dias santificados

{fl.64}

o que quer que seja de tão poético e alegre, que a todos por mil maneiras se dá a sentir. Ainda aqueles que, por não cortados de trabalho e trabalhos, não podem dizer que repousam em dias tais, e todos os de sua vida desaproveitam, lá participam, como podem, deste geral e vivaz recobro de corpos e espíritos.

Não sei eu como diga a leitores despoetas e anti-poetas certo semissegreto, de que, em uma manhã de domingo, o meu amigo Herculano e eu fizemos larga e curiosa prática, sentados à sombra de ciprestes, e diante de bom sol, no cemitério dos Inglezes. Concordamos entre nós, conosco concordaria Zimmermann (se aí fosse), que também a alma tinha seus trajos domingueiros, e que, em os revestindo, saía mui outra, mais despenhada, mais leve, mais prestes, mais bem encarada e disposta, e menos discontentadiça; que não só a gente ferjada lhe parecia diversa e melhor, se não que o próprio mundo material se lhe representava então, tanto ou quanto, transformado e enfeitado; e que um sol

{fl.65}

de dia santo, ainda anuviado, era mais inspirador, quase mais claro, e (em nosso sentir) muito mais sol,

que um sol descoberto de estío, em dia estrugido e lidado de mistéres e occupaões.

Folgar só, e folgar bem, quando todos os mais andam atarefados e sollícitos, não pode ser; nem tambem, quando todos folgam, deixar um só em meio d'elles de se agitar, ainda que não seja senão vagamente, para o contentamento. É mais uma prova de que nos fez e talhou Deus para a sociedade.

\*

Muito era já, portanto, para deleite, o presencarmos em Thebas, não um simples dia santo de guarda, mas um domingo gôrdo, e o seu primeiro domingo gôrdo. Porém, para que melhor nos saboreemos n'elle, ahi se nos descobre, em uma só caça da cidade, uma scena de trabalho; je quão afervorado que elle vai!

Vêde-me aquellas filhas de

}fl.59{ {fl.66}

Meneu, e suas servas, carpeando, fiando, e tecendo, em quanto todas as outras mulheres, e o de mais povo, pelas ruas e pelo visinho monte tumultuam com alvorôço de muzicas e vozarias.

Aquella poisada, tão circumspecta e laboriosa, não pode, por sua pouquidade, damnar o commum regosijo, ao mesmo passo que, por sua differença e contradicção, lhe está servindo de sainête e bom estímulo. Alguma coisa anda ahi do suave mari magno de Lucrecio.

\*

Ora entremos ao aposento d'estas donzellas, que Ovidio, que de todas as casas é conhecido e íntimo, nos está cortezmente abrindo a porta.

Entremos a ver, de relance, o como ahi se entreteem essas moças; e quando para a praça e folguedo nos tornarmos, o lembrarmo-nos do seu lavor far-nos-ha mais agradaveis os perfumes do

que um sol descoberto de estio, em dia estrugido e lidado de misteres e occupaões.

Folgar só, e folgar bem, quando todos os mais andam atarefados e solícitos, não pode ser; nem também, quando todos folgam, deixar um só em meio deles de se agitar, ainda que não seja senão vagamente, para o contentamento. É mais uma prova de que nos fez e talhou Deus para a sociedade.

\*

Muito era já, portanto, para deleite, o presenciarmos em Tebas, não um simples *dia santo de guarda*, mas um *domingo gordo*, e o seu primeiro domingo gordo. Porém, para que melhor nos saboreemos nele, aí se nos descobre, em uma só caça da cidade, uma cena de trabalho; e quão afervorado que ele vai!

Vede-me aquelas filhas de

{fl.66}

Meneu, e suas servas, carpeando, fiando, e tecendo, enquanto todas as outras mulheres, e o de mais povo, pelas ruas e pelo vizinho monte tumultuam com alvoroço de músicas e vozerias.

Aquella pousada, tão circumspecta e laboriosa, não pode, por sua pouquidade, danar o comum regozijo, ao mesmo passo que, por sua differença e contradicção, lhe está servindo de sainete e bom estímulo. Alguma coisa anda aí do *suave mari magno* de Lucrecio.

\*

Ora entremos ao aposento destas donzellas, que Ovídio, que de todas as casas é conhecido e íntimo, nos está cortesmente abrindo a porta.

Entremos a ver, de relance, o como aí se entretêm essas moças; e quando para a praça e folguedo nos tornarmos, o lembrarmo-nos do seu lavor far-nos-á mais agradáveis os perfumes do

incenso nas aras acezas, a toada dos hymnos, o estrépito dos cymbalos, e as galas das Bacchantes.

}fl.60{ {fl.67}

Porém não; não sahiremos; que melhor vai cá dentro com o trabalho, do que por todos os ruidosos bairros da cidade.

Estas donzellas, tão curiosas de suas tarefas, são tambem (vel-o-heis) mui lidas e sabidas; pelo que, em suas sepulturas, se as houvessem de ter, já se poderia esculpir mais alguma coisa, do que aquelle tão singado e formoso epitaphio de uma antiga Romana:

Hoc est sepulcrum haud pulchrum pulchrae femine.

Domum servavil, lanam fecit.

Encurtam as aproveitadas horas contando novellas, e não outras senão de amores. Não façais ruído, que tão embebidas estão em sua obra, que nem de nós deram fé; e as suas narrações (pois que se cuidam sós, e seguras de ouvidos masculinos) alguma coisa hão-de ter para os vossos de apetitoso. Deixemos rir quem ri lá por fora; que, assim como o quieto d'esta morada requinta a alegria da cidade, tambem o reboliço da cidade real-

}fl.61{ {fl.68}

çará o conchêgo d'estes contos; e se alguns fõrem de lagrimas, mais valiosas as tornará.

\*

A primeira que fala, nos transporta n'um pulo, d'esta Grecia tão vista, tão historiada, e tão fabulada, ao antigo Oriente: a Babilónia. ¿Quem deixará de estar attento?

Babilónia, a grande das grandes, e hoje tão perdida, que, soando-nos de toda a parte o seu nome, não ha em parte alguma atinar-lhe com os restos,

incenso nas aras acesas, a toada dos hinos, o estrépito dos címbalos, e as galas das bacantes.

{fl.67}

Porém não; não sairemos; que melhor vai cá dentro com o trabalho, do que por todos os ruidosos bairros da cidade.

Estas donzelas, tão curiosas de suas tarefas, são também (vê-lo-eis) mui lidas e sabidas; pelo que, em suas sepulturas, se as houvessem de ter, já se poderia esculpir mais alguma coisa, do que aquele tão sengado e formoso epitáfio de uma antiga romana:

*Hoc est sepulcrum haud pulchrum pulchrae femine.*

*Domum servavil, lanam fecit.*

Encurtam as aproveitadas horas contando novelas, e não outras senão de amores. Não façais ruído, que tão embebidas estão em sua obra, que nem de nós deram fé; e as suas narrações (pois que se cuidam sós, e seguras de ouvidos masculinos) alguma coisa hão de ter para os vossos de apetitoso. Deixemos rir quem ri lá por fora; que, assim como o quieto desta morada requinta a alegria da cidade, também o reboliço da cidade real-

{fl.68}

çará o conchego destes contos; e se alguns forem de lágrimas, mais valiosas as tornará.

\*

A primeira que fala, nos transporta num pulo, desta Grécia tão vista, tão historiada, e tão fabulada, ao antigo Oriente: a Babilônia. Quem deixará de estar attento?

Babilônia, a grande das grandes, e hoje tão perdida, que, soando-nos de toda a parte o seu nome, não há em parte alguma atinar-lhe com os restos,

Babylónia, a enramalhettata filha do Euphrátes, foi a maior maravilha que o sol doirou no Levante.

Os Annaes dos seus escravos hebreus nol-a dão por senhora, altiva, e potentissima. Os prophetas a ameaçam, como a inimiga de Deus. Das suas portas saem as mãos, que vão levantar até ás nuvens Babél; porque mal eram ainda sêccas as aguas do diluvio, quando já Babylónia era edificada e adulta, e conquistadora, e cabal para taes milagres.

Nemrod, o neto de Noé, “o grande caçador diante do Senhor”, foi seu pae.

N’ella, e por elle, e para elle,

}fl.62{ {fl.69}

se fundiu o primeiro sceptro que arrebanhou e regeu homens.

N’ella, e do sepulcro d’elle, nasceu o primeiro ídolo que homens adoraram; e n’ella a Sciencia, a que haviam dado princípio os ócios contemplativos dos pastores chaldeus, a Astronomia, se levantou, menos insolente mas não menos alterosa, e muito mais bem-fadada, que Babél.

Ahi floresceram artes; ahi ferveu activo commercio de mercadorias, de ideias, e de praseres; ahi (se é lícito dizel-o) orçou a luxuriosa e nua devassidão pelas raias do sublime.

As Babylónias modernas, comparadas com a Babylónia da tradição, com a Babylónia debuxada por Quinto Cúrcio, são um José do Egypto confrontado com Sardanapálo, e umas noviças christans ao lado de Semíramis e de Dercéte, que tambem foram babylónias. D’esta Dercéte, e d’esta Semíramis filha sua, nos podéra a elegante narradora thebana, já que a Babylónia nos conduziu, contar os raros successos, pois que os sabe e os aponta; mas parece que tambem a fama pode damnar, porque, por notórios, os metheu no escuro, an-

Babilônia, a enramalhettata filha do Eufrates, foi a maior maravilha que o sol doirou no Levante.

Os Anais dos seus escravos hebreus no-la dão por senhora, altiva, e potentíssima. Os profetas a ameaçam, como a inimiga de Deus. Das suas portas saem as mãos, que vão levantar até às nuvens Babel; porque mal eram ainda secas as águas do dilúvio, quando já Babilônia era edificada e adulta, e conquistadora, e cabal para tais milagres.

Nemrod, o neto de Noé, “o grande caçador diante do Senhor”, foi seu pai.

Nela, e por ele, e para ele,

{fl.69}

se fundiu o primeiro cetro que arrebanhou e regeu homens.

Nela, e do sepulcro dele, nasceu o primeiro ídolo que homens adoraram; e nela a ciência, a que haviam dado princípio os ócios contemplativos dos pastores caldeus, a astronomia, se levantou, menos insolente, mas não menos alterosa, e muito mais bem-fadada, que Babel.

Aí floresceram artes; aí ferveu ativo comércio de mercadorias, de ideias, e de prazeres; aí (se é lícito dizê-lo) orçou a luxuriosa e nua devassidão pelas raias do sublime.

As Babilônias modernas, comparadas com a Babilônia da tradição, com a Babilônia debuxada por Quinto Cúrcio, são um José do Egito confrontado com Sardanapálo, e umas noviças cristãs ao lado de Semíramis e de Dercéte, que também foram babilônias. Desta Dercéte, e desta Semíramis filha sua, nos pudera a elegante narradora tebana, já que a Babilônia nos conduziu, contar os raros successos, pois que os sabe e os aponta; mas parece que também a fama pode danar, porque, por notórios, os meteu no escuro, an-



}fl.63{ {fl.70}

{fl.70}

tepondo-lhes a privada aventura de Píramo e Thisbe.

tepondo-lhes a privada aventura de Píramo e Tisbe.

\*

\*

É esta a primeira propriamente novella, com que topamos no poema; porque, em todos os demais successos, até aqui mais vimos sempre deuses e semi-deuses, do que humanos; e se algum mortal de longe a longe se nos deparou, sempre com elle vinham fazer scena alguns agentes sobrenaturaes.

Não assim agora; e d'ahi nasce por ventura parte do interesse, muito mais vivo, e do sabor, muito mais especial, que sentimos n'este caso. Afóra a derradeira e accessoria clausula da transformada côr das amoras, nada ha ahi que não podesse mui bem ter acontecido.

É este quadro, de mais a mais, uma lição moral para paes e filhos; e, contendo extremos de amor, e mútuo, e correspondido, e aguilhoado pelas difficuldades, nem sombra descobre de offensa á casta pureza dos costumes.

Quanto á poesia, vai ella de um cabo a outro derramada ás mãos cheias; e, ainda que mais alguma lhe houvera eu desejado de uma especie mui diversa, e

}fl.64{ {fl.71}

{fl.71}

que mui bem lhe cahiria, nem por isso aquellas scenas, dos colloquios através da parede, da fugida nocturna, e de quando se passa junto da amoreira, na mudez dos campos alvejados de uma lua-cheia do Oriente, deixam de ser quadros de invejavel excellencia.

Mas, o silencio das ruas d'aquella grande cidade ç não imprimiria singulares effeitos na tímida namorada, que do tecto paterno fugia, e a deshoras, para se ir entregar ao amor em um deserto?

É esta a primeira propriamente novela, com que topamos no poema; porque, em todos os demais successos, até aqui mais vimos sempre deuses e semideuses, do que humanos; e se algum mortal de longe a longe se nos deparou, sempre com ele vinham fazer cena alguns agentes sobrenaturais.

Não assim agora; e daí nasce porventura parte do interesse, muito mais vivo, e do sabor, muito mais especial, que sentimos neste caso. Afora a derradeira e accessória clausula da transformada cor das amoras, nada há aí que não podesse mui bem ter acontecido.

É este quadro, de mais a mais, uma lição moral para pais e filhos; e, contendo extremos de amor, e mútuo, e correspondido, e aguilhoado pelas difficuldades, nem sombra descobre de offensa à casta pureza dos costumes.

Quanto à poesia, vai ela de um cabo a outro derramada às mãos cheias; e, ainda que mais alguma lhe houvera eu desejado de uma espécie mui diversa, e

que mui bem lhe cairia, nem por isso aquelas cenas, dos colóquios através da parede, da fugida nocturna, e de quando se passa junto da amoreira, na mudez dos campos alvejados de uma lua-cheia do Oriente, deixam de ser quadros de invejável excellência.

Mas, o silêncio das ruas daquela grande cidade não imprimiria singulares efeitos na tímida namorada, que do teto paterno fugia, e a desoras, para se ir entregar ao amor em um deserto?

As sombras giganteias d'aquellas torres e jardins aéreos ¿não diriam mil coisas?

O Euphrátes, rolando, sob o astro melancólico das noites as suas sombras livres e prateadas, ¿deixaria de segredar algumas sympathias, com quem pela primeira vez respirava a posse da liberdade, e do mundo, e da esperança?

E finalmente: o tumulo de Nino, que demarcava o lugar do ajuste, aquelle tumulo acanhadamente comparado pelos historiadores a uma cidadella, pois tinha, segundo Diodóro, dez estádios de largo, e nove estádios de alto, isto é, treze alturas

}fl.65{ {fl.72}

da grande pyramide do Egypto, e vinte e seis alturas avantajadas do arco grande das Aguas-livres, esta fábrica immensa, tumulo de Rei, e obra de Semíramis, porém, enfim tumulo, ¿não lançaria no ânimo assoberbado da virgem mil confusas sementes de terror, de pressentimentos, de remorsos? A lembrança de sua mãe, viva ou morta, ¿não lhe saltaria então o peito?

Eis ahí o íntimo do íntimo da poesia, com que esta novella se houvera enriquecido, se Ovidio não pertencesse a uma era do Mundo mais sensual que espiritual. Segundo o que já tocámos, tudo isto houvera hoje acudido a qualquer poeta, cujo talento, comparado com o d'elle, lhe cedesse, quanto o arco cede ao tumulo. As aguas da Castália não perfumavam e enfeitiçavam, senão os lábios; as do Baptismo repassam até ao fundo da alma e do coração.

\*

No Oriente nos detém a segunda irman, a quem toca a sua vez de contar.

As sombras giganteias daquelas torres e jardins aéreos não diriam mil coisas?

O Eufrates, rolando, sob o astro melancólico das noites as suas sombras livres e prateadas, deixaria de segredar algumas simpatias, com quem pela primeira vez respirava a posse da liberdade, e do mundo, e da esperança?

E finalmente: o túmulo de Nino, que demarcava o lugar do ajuste, aquele tumulo acanhadamente comparado pelos historiadores a uma cidadela, pois tinha, segundo Diodóro, dez estádios de largo, e nove estádios de alto, isto é, treze alturas

{fl.72}

da grande pirâmide do Egito, e vinte e seis alturas avantajadas do arco grande das águas-livres, esta fábrica imensa, túmulo de rei, e obra de Semíramis, porém, enfim túmulo, não lançaria no ânimo assoberbado da virgem mil confusas sementes de terror, de pressentimentos, de remorsos? A lembrança de sua mãe, viva ou morta, não lhe saltaria então o peito?

Eis aí o íntimo do íntimo da poesia, com que esta novela se houvera enriquecido, se Ovídio não pertencesse a uma era do mundo mais sensual que espiritual. Segundo o que já tocamos, tudo isto houvera hoje acudido a qualquer poeta, cujo talento, comparado com o dele, lhe cedesse, quanto o arco cede ao tumulo. As águas da Castália não perfumavam e enfeitiçavam, senão os lábios; as do Batismo repassam até ao fundo da alma e do coração.

\*

No oriente nos detém a segunda irmã, a quem toca a sua vez de contar.

Aqui volta o Olympo, e seus immortaes  
pecadoraços. Marte e Venus são

}fl.66{ {fl.73}

tomados em flagrante na rêde, e expostos aos risos (e até invejas) dos deuses.

Apollo, infiel aos amores da sua nymph  
Clycie, namora-se da Princeza Leucóthoe, e engana-  
a; e Clycie por ciumes a denuncia ao pae. A  
denunciada é enterrada viva; a denunciante,  
despresada e odiada de Apollo, fenece em planta.

O veo que se aqui põe aos mysterios  
amorosos é de vidro, que, em vez de encobrir, dá  
lustre á desnudez de Marte e Venus, de Apollo e  
Leucóthoe. Mas a narradora é moça entre moças, e  
não presume que nós outros, estranhos, devassamos  
o asylo inviolável da sua casa de lavor; pelo que, se  
não ha aqui grande decencia, ha pelo menos grande  
conveniencia e verdade.

\*

Das explicações allegóricas e pseudo-  
históricas d'estas fabulas, taes como de alguns foram  
sonhadas, não ha que fazer cabedal; todas são  
improvadas, improváveis, e fúteis.

Quanto a moralidades, as que

}fl.67{ {fl.74}

se podem expremmer (se por fôrça querem que poesia  
seja sermão), serão duas:

a primeira, que amores illícitos nunca dão  
bom pago, nem ha cuidar que os tereis sempre  
recatados;

a outra, que se não deve denunciar nem o  
mal, porque de taes denúncias resultam desgraças,  
assim para os accusados como para os accusadores;  
para os accusados, porque Marte e Venus foram  
apanhados e escarnecidos, e a Princeza da Arábia  
enterrada viva; e para os accusadores, porque Apollo

Aqui volta o Olimpo, e seus imortais  
pecadoraços. Marte e Vênus são

{fl.73}

tomados em flagrante na rede, e expostos aos risos (e até invejas) dos deuses.

Apollo, infiel aos amores da sua ninfa Clicie,  
namora-se da princesa Leucótoe, e engana-a; e Clicie  
por ciúmes a denuncia ao pai. A denunciada é  
enterrada viva; a denunciante, desprezada e odiada  
de Apollo, fenece em planta.

O véu que se aqui põe aos mistérios  
amorosos é de vidro, que, em vez de encobrir, dá  
lustre à desnudez de Marte e Vênus, de Apollo e  
Leucótoe. Mas a narradora é moça entre moças, e  
não presume que nós outros, estranhos, devassamos  
o asilo inviolável da sua casa de lavor; pelo que, se  
não há aqui grande decência, há pelo menos grande  
conveniência e verdade.

\*

Das explicações alegóricas e pseudo-  
históricas destas fábulas, tais como de alguns foram  
sonhadas, não há que fazer cabedal; todas são  
improvadas, improváveis e fúteis.

Quanto a moralidades, as que

{fl.74}

se podem espremmer (se por força querem que poesia  
seja sermão), serão duas:

A primeira, que amores ilícitos nunca dão  
bom pago, nem há cuidar que os tereis sempre  
recatados;

A outra, que se não deve denunciar nem o  
mal, porque de tais denúncias resultam desgraças,  
assim para os acusados como para os accusadores;  
para os acusados, porque Marte e Vênus foram  
apanhados e escarnecidos, e a princesa da Arábia  
enterrada viva; e para os accusadores, porque Apollo

teve em castigo inclinações desgraçadas, e Clycie findou ao desamparo transformada em herva.

Mas... coisas d'estas não valem a pena de serem escritas, porque, se de si se mettem pelos olhos, não ha que notal-as; e se não mettem, o notal-as é excusado.

N'um só ponto quizera eu, que me fizésseis ahi algum reparo; é é: no como imos tomar em seu palacio uma Princeza, assim moça e formosa, que enamorou o Sol, e filha de tamanho portentado como foi el-Rei Órchamo da Syria. Em sarau cuidava eu que sería, e não é senão em serão, fiando entre suas criadas, á roda de castas lâmpadas,

}fl.68{ {fl.75}

e no melhor recado. }Bons tempos aquelles, quando os costumes, que nos encantaram sob as tendas patriarchaes, volvemos a enconral-as nas poisadas dos Reis!: Nausica, Princeza, lavando roupa, e Penélope, Rainha, fazendo teias, são umas pobrezas tão grandiosas, que por si se estão inculcando por homéricas.

Quem manteve puros, por largos séculos, os costumes da antiga romana Republica, e de tantas outras mais antigas, foi a roca; e não de balde se adorou, nascida do cérebro de Jupiter, uma deusa, que, sendo a tutelar dos trabalhos feminís, o foi ao mesmo tempo do exfôrço e da castidade.

Não me hajais isto por pregação, que não sou eu parvo nem rabugento, mas só por fragmento curioso dos tempos que já lá vão sem deixar rasto.

\*

O caso de Hermaphrodito e da nympha Sálmage, relatado pela terceira filha de Mineu, pôsto que ainda algum tanto mais livre e nu, encerra, por entre uma grande profusão de graças, um alto documento de doutrina, tão manifesta como

teve em castigo inclinações desgraçadas, e Clicie findou ao desamparo transformada em erva.

Mas... coisas destas não valem a pena de serem escritas, porque, se de si se mettem pelos olhos, não há que notá-las; e se não mettem, o notá-las é excusado.

Num só ponto quizera eu, que me fizésseis aí algum reparo; é é: no como imos tomar em seu palácio uma princesa, assim moça e formosa, que enamorou o sol, e filha de tamanho portentado como foi el-rei Órcamo da Síria. Em sarau cuidava eu que seria, e não é senão em serão, fiando entre suas criadas, à roda de castas lâmpadas,

{fl.75}

e no melhor recado. Bons tempos aqueles, quando os costumes, que nos encantaram sob as tendas patriarchais, volvemos a encontrá-las nas pousadas dos reis!: Nausica, princesa, lavando roupa, e Penélope, rainha, fazendo teias, são umas pobrezas tão grandiosas, que por si se estão inculcando por homéricas.

Quem manteve puros, por largos séculos, os costumes da antiga romana república, e de tantas outras mais antigas, foi a roca; e não de balde se adorou, nascida do cérebro de Júpiter, uma deusa, que, sendo a tutelar dos trabalhos feminis, o foi ao mesmo tempo do esforço e da castidade.

Não me hajais isto por pregação, que não sou eu parvo nem rabugento, mas só por fragmento curioso dos tempos que já lá vão sem deixar rasto.

\*

O caso de Hermafrodito e da ninfa Sálmage, relatado pela terceira filha de Mineu, posto que ainda algum tanto mais livre e nu, encerra, por entre uma grande profusão de graças, um alto documento de doutrina, tão manifesta como

}fl.69{ {fl.76}

{fl.76}

proveitosa.

É a nympha Sálmage um protótipo de presumidas e ociosas; exercicios e trabalhos, não lhe faleis n'elles, que vos não entenderá; a sua vivenda é uma selvática representação da recâmara de muitas que sabemos. A Natureza, a cuja lei ella vive, lh'a adereçou mui cabal e prima, como para filha tão mimosa. Espelho (foi o seu principal cuidado) do Crystal do lago lh'o bruniu, que não ha mais desejar, e lh'o apresentou moldurado em um bórde de florída verdura. Os sofás, almofadas, e coxins perguiceiros, do mesmo bordado estôfo lh'os estendeu em derredor. Ao Sol, como a cortez e bom galan, fiou que lhe offerecesse em cada dia novas joias e galas, profusamente penduradas, em multicôr enleio, pelas ramas das plantas, de que o seu toucador se guarnece e atavía: o pente de buxo, variando os cabellos em mil phantasias, o molle passeio por sobre alcatifas de relvado, o mirar-se e remirar-se, o jazer-se de mimosa ou cansada de ócio, em quanto as outras correm e caçam; taes são as suas occupaões e passatempos.

Só esqueceu ahi á Natureza,

}fl.70{ {fl.77}

para a fazer retrato de muitos originaes, o que ella (com poder tudo) lhe não podia offertar, que eram algumas novellas de Balzac ou George Sand.

Se os seus vestidos diáfanos deixam ver todos os seus encantos corporaes, a somma de suas occupaões não menos está descobrindo toda a índole de sua alma. Toda ella é uma sêde de delicias; o amor, ou antes o praser debaixo do nome de amor, é o único móvel de todas suas aldeias.

Já o mesmo Ovidio no Remedio do amor nol-o tinha dito:

proveitosa.

É a ninfa Sálmage um protótipo de presumidas e ociosas; exercícios e trabalhos, não lhe faleis neles, que vos não entenderá; a sua vivenda é uma selvática representação da recamara de muitas que sabemos. A natureza, a cuja lei ela vive, lha adereçou mui cabal e prima, como para filha tão mimosa. Espelho (foi o seu principal cuidado) do cristal do lago lho bruniu, que não há mais desejar, e lho apresentou moldurado em um borde de florída verdura. Os sofás, almofadas, e coxins perguiceiros, do mesmo bordado estofô lhos estendeu em derredor. Ao sol, como a cortês e bom galã, fiou que lhe oferecesse em cada dia novas joias e galas, profusamente penduradas, em multicolor enleio, pelas ramas das plantas, de que o seu toucador se guarnece e atavia: o pente de buxo, variando os cabelos em mil fantasias, o mole passeio por sobre alcatifas de relvado, o mirar-se e remirar-se, o jazer-se de mimosa ou cansada de ócio, enquanto as outras correm e caçam; tais são as suas occupaões e passatempos.

Só esqueceu aí à natureza,

{fl.77}

para a fazer retrato de muitos originaes, o que ella (com poder tudo) lhe não podia ofertar, que eram algumas novelas de Balzac ou George Sand.

Se os seus vestidos diáfanos deixam ver todos os seus encantos corporais, a soma de suas occupaões não menos está descobrindo toda a índole de sua alma. Toda ella é uma sede de delicias; o amor, ou antes o prazer debaixo do nome de amor, é o único móvel de todas suas aldeias.

Já o mesmo Ovídio no *Remédio do amor* nol-o tinha dito:

“¿Quereis saber por que há adúlteros? porque ha ociosos.”

\*

Chegado ahi o nosso viajante, lindo como filho é de Venus, e, pôsto que em flor de adolescencia, não como Venus inflammavel, eis Sálmage rendida e perdida de amores; eil-a, como boa casquilha, reconcertando á pressa os seus enfeites, estudando ademanes, antes de sahir a o receber.

Os primeiros termos com que o sauda, são uma declaração, sobejo clara, de amor, que já nos disse o como ella o concebia. Repellida (o que não é para espanto) pelo noviço, muda de expediente; desvia de ser mestra em

}fl.71{ {fl.78}

sciencia que era todo o seu desvélo; recolhe a bateria, e embosca-se.

Vendo ao mancebo, que para se banhar se atirou ao lago, tráz elle se atira; e, sem que tantas aguas lhe mitiguem os incendios, dentro n’ellas comette e procura á fôrça conseguil-o. Os dois corpos, por um milagre inesperado, se convertem em um só, dotado de ambos os sexos.

Algum genio subtil que averigue se foi isso pena, ou prémio, ou pena e prémio, e se para um, ou para ambos, que não sou eu casuista para tão fundas questões. O que sei, e digo, é que não era isso o que a tal nympha procurava, e que sempre portanto podemos assentar que não ficou impune a sua desenvoltura.

\*

A execução artistica d’esta fábula é do mais absoluto primor; e, pelo que toda ao moral (repetimol-o), se os severos a taxarem de se assemelhar um pouco ao lado de Sálmage, que

“Quereis saber por que há adúlteros? Porque há ociosos.”

\*

Chegado aí o nosso viajante, lindo como filho é de Vênus, e, posto que em flor de adolescência, não como Vênus inflamável, eis Sálmage rendida e perdida de amores; ei-la, como boa casquilha, reconcertando à pressa os seus enfeites, estudando ademanes, antes de sair a o receber.

Os primeiros termos com que o saúda, são uma declaração, sobejo clara, de amor, que já nos disse o como ela o concebia. Repelida (o que não é para espanto) pelo noviço, muda de expediente; desvia de ser mestra em

{fl.78}

ciência que era todo o seu desvelo; recolhe a bateria, e embosca-se.

Vendo ao mancebo, que para se banhar se atirou ao lago, tráz ele se atira; e, sem que tantas águas lhe mitiguem os incêndios, dentro nelas comete e procura à força consegui-lo. Os dois corpos, por um milagre inesperado, se convertem em um só, dotado de ambos os sexos.

Algum gênio sutil que averigue se foi isso pena, ou prêmio, ou pena e prêmio, e se para um, ou para ambos, que não sou eu casuísta para tão fundas questões. O que sei, e digo, é que não era isso o que a tal ninfa procurava, e que sempre portanto podemos assentar que não ficou impune a sua desenvoltura.

\*

A execução artística desta fábula é do mais absoluto primor; e, pelo que toda ao moral (repetimo-lo), se os severos a taxarem de se assemelhar um pouco ao lado de Sálmage, que

enérva e afemína os que lá entram, bem descontado fica esse desar, pelo vivo e tão frisante documento, que a donzellas e educadoras suas está offerecendo.

}fl.72{ {fl.79}

Donzella é tambem a que nol-a contou; mas contou-a afervorada no trabalho do seu tear. Se as que a lerem fôrem tão amigas do trabalho como ella, pouco perigo correrão; e se o não fôrem, bem peores contos do que este lhes parirá cada hora sua mesma phantasia.

Bem sei eu que Leucóthoe, que ha pouco elogiámos como tão activa fiandeira, e de genio tão avêssao de Sálmacé, veio ao cabo a naufragar em escólho de amores; mas, se advertís na differença, Leucóthoe mereceu ser amada, e amada de um nume; Sálmacé foi desprezada de um mancebo; Leucóthoe foi forçada, mas Sálmacé forçou. Por isso a nympha deixou de si vergonhosa fama, em quanto a preciosa Princeza, depois de sua chorada morte ficou sendo nada menos que a arvore do incenso; árvore grata aos homens e aos deuses; árvore piedosa e pura, que põe a Terra em commercio com o Ceo; árvore singular, que, tendo pelas suas lágrimas servido em todos os tempos para transportar além-mundo os pensamentos dos mortaes, ainda agora é desconhecida; como se, em prêmio da vida recatada e profícua da que n'ella se converteu, a houvessem os deuses, de propósito fadado com esse condão de virginal recato.

}fl.73{ {fl.80}

\*

Continuando as nossas tres Mineidas em suas tarefas, cai-lhes de repente o horroroso castigo de não guardarem o dia-santo de Baccho. A scena é, em verdade, para ver; tudo, entre suas mãos e em volta d'ellas, se transformava em heras e parreiras; e

enerva e afemina os que lá entram, bem descontado fica esse desar, pelo vivo e tão frisante documento, que a donzellas e educadoras suas está oferecendo.

{fl.79}

Donzela é também a que no-la contou; mas contou-a afervorada no trabalho do seu tear. Se as que a lerem forem tão amigas do trabalho como ela, pouco perigo correrão; e se o não forem, bem piores contos do que este lhes parirá cada hora sua mesma fantasia.

Bem sei eu que Leucótoe, que há pouco elogiámos como tão ativa fiandeira, e de gênio tão avesso ao de Sálmacé, veio ao cabo a naufragar em escolho de amores; mas, se advertis na diferença, Leucótoe mereceu ser amada, e amada de um nume; Sálmacé foi desprezada de um mancebo; Leucótoe foi forçada, mas Sálmacé forçou. Por isso a ninfa deixou de si vergonhosa fama, em quanto a preciosa princesa, depois de sua chorada morte ficou sendo nada menos que a árvore do incenso; árvore grata aos homens e aos deuses; árvore piedosa e pura, que põe a terra em comércio com o céu; árvore singular, que, tendo pelas suas lágrimas servido em todos os tempos para transportar além-mundo os pensamentos dos mortais, ainda agora é desconhecida; como se, em prêmio da vida recatada e profícua da que nela se converteu, a houvessem os deuses, de propósito fadado com esse condão de virginal recato.

{fl.80}

\*

Continuando as nossas três Mineidas em suas tarefas, cai-lhes de repente o horroroso castigo de não guardarem o *dia-santo* de Baco. A cena é, em verdade, para ver; tudo, entre suas mãos e em volta delas, se transformava em heras e parreiras; e ao som

ao som de estrondosas symphonias b́acchicas, de que se n̄o v̄e autor, treme a casa, correm sem m̄os archotes, reluz e estrala uma representaç̄o de incendio, passam feras phant́sticas urrando, e as tres irmans saem convertidas em morcegos.

Notemos de corrida, que o phantastico d'esta scena n̄o parece casual, se n̄o muito de ind́stria.

J́ no precedente Livro viramos este deus, que ora se disfarçava em menino, ora em maritimo, cercar-se, para espanto dos marinheiros, de phantasmas de animaes truculentos, e desaparecer do ćrcere por si mesmo arrombado. Se isto n̄o prova, pelo menos ajuda a prova, de que os disfarces e mascaradas eram nas ́rgias, como ainda s̄o no entrudo, uma parte essencialissima.

A ser Ovidio o criador d'esta f́bula (que o n̄o foi) extranhara-se eu desabridamente este castigo das Mineidas. Viva e flo-

}fl.74{ {fl.81}

resça Baccho muito nas boas horas; faça delphins os corśrios que por crueza e traições lh'o mereceram; d̄e morte a um Lycurgo, derrotador de vinhas, e a um Pentheu, que, sobre opp̄r-se ́s suas festas, o quiz mandar metter a tratos, e justiçar como malfeitor. Mas, para umas donzellas, que, por ainda n̄o convencidas, e s̄o de suas portas a dentro, o desveneravam, ́ f́ que ultrapassa o rigor todas as raias. A serem ellas mulheres de umas certas de fraco espirito, a que hoje chamam esṕritos fortes, incapazes da ḿnima religiosidade, pouco seŕa ainda o fazel-as morcegos, que para muito peores sevandijas daria o asco e avers̄o que nos inspirariam; mas descrendo em Baccho ainda n̄o bem canonisado, n̄o descriam comtudo em outras divindades; e no mesmo com que a Baccho desserviam davam culto a Minerva, a qual (para que

de estrondosas sinfonias b́quicas, de que se n̄o v̄e autor, treme a casa, correm sem m̄os archotes, reluz e estrala uma representaç̄o de incêndio, passam feras fant́sticas urrando, e as tr̄s irmãs saem convertidas em morcegos.

Notemos de corrida, que o fant́stico desta cena n̄o parece casual, se n̄o muito de ind́stria.

J́ no precedente livro v́ramos este deus, que ora se disfarçava em menino, ora em marítimo, cercar-se, para espanto dos marinheiros, de fantasmas de animais truculentos, e desaparecer do ćrcere por si mesmo arrombado. Se isto n̄o prova, pelo menos ajuda a prova, de que os disfarces e mascaradas eram nas orgias, como ainda s̄o no entrudo, uma parte essencialíssima.

A ser Ov́dio o criador desta f́bula (que o n̄o foi) extranhara-se eu desabridamente este castigo das Mineidas. Viva e flo-

{fl.81}

resça Baco muito nas boas horas; faça delfins os corśrios que por crueza e traições lho mereceram; d̄e morte a um Licurgo, derrotador de vinhas, e a um Penteu, que, sobre opor-se ́s suas festas, o quis mandar meter a tratos, e justiçar como malfeitor. Mas, para umas donzellas, que, por ainda n̄o convencidas, e s̄o de suas portas adentro, o desveneravam, ́ f́ que ultrapassa o rigor todas as raias. A serem elas mulheres de umas certas de fraco espirito, a que hoje chamam *esṕritos fortes*, incapazes da ḿnima religiosidade, pouco seria ainda o fazê-las morcegos, que para muito piores sevandijas daria o asco e avers̄o que nos inspirariam; mas descrendo em Baco ainda n̄o bem *canonizado*, n̄o descriam contudo em outras divindades; e no mesmo com que a Baco desserviam davam culto a Minerva, a qual (para que a todas v́



a todas vá pelo direito e seu direito, como dizem) também não andou como quem era, em não as cobrir com a sua égide contra os desatinos do seu borracho irmão.

\*

}fl.75{ {fl.82}

\*

É com rasão, e foi sempre, o vinho reputado por um dos mais excellentes dons da terra, como aquelle em que em maior número se reúnem as maiores excellencias: é esteio da saude; na enfermidade, medicina; nos velhos, mocidade; nos cansados, alento; nos covardes, exfôrço; nos tardos, engenho; nos affligidos, recôbro; entre inimigos, conciliador; entre amigos, apertador; das festas e banquetes, alma e encantamento. Por isso, na maior parte das religiões se recebeu o vinho como condição aos sacrificios; e por isso também, os povos, que pela revelação não tiveram luz da sua primeira invenção, a attribuiram aos seus maiores varões ou deuses: os Romanos a Saturno, os Gregos a Baccho, a Osiris os Egypcios.

Este é o retrato do vinho visto pelo rôsto; do revéz não ha que fazer menção. Ahi é que Baccho é Liber, com garras de leão e pontas de capro.

Foi por conhecerem, ou aventarem, esse revéz, que os Romanos dos bons tempos defenderam ás mulheres o uso do vinho. Em

}fl.76{ {fl.83}

Plinio lemos:

“Não era lícito ás Romanas beber vinho. Entre outros exemplos, achamos que a mulher de Egnacio Mecenio, pelo haver bebido de uma pipa fôra morta pelo marido, e que Romulo o absolvêra.

“Escreve Fabio Pictor nos seus Annaes, que uma matrona, por haver aberto uma caixa onde

pelo direito e seu direito, como dizem) também não andou como quem era, em não as cobrir com a sua égide contra os desatinos do seu borracho irmão.

\*

{fl.82}

\*

É com razão, e foi sempre, o vinho reputado por um dos mais excelentes dons da terra, como aquele em que em maior número se reúnem as maiores excelências: é esteio da saúde; na enfermidade, medicina; nos velhos, mocidade; nos cansados, alento; nos covardes, esforço; nos tardos, engenho; nos afligidos, recobro; entre inimigos, conciliador; entre amigos, apertador; das festas e banquetes, alma e encantamento. Por isso, na maior parte das religiões se recebeu o vinho como condição aos sacrificios; e por isso também, os povos, que pela revelação não tiveram luz da sua primeira invenção, a atribuíram aos seus maiores varões ou deuses: os romanos a Saturno, os gregos a Baco, a Osiris os egípcios.

Este é o retrato do vinho visto pelo rosto; do revés não há que fazer menção. Aí é que Baco é *Liber*, com garras de leão e pontas de capro.

Foi por conhecerem, ou aventarem, esse revés, que os Romanos dos bons tempos defenderam às mulheres o uso do vinho. Em

{fl.83}

Plinio lemos:

“Não era lícito às romanas beber vinho. Entre outros exemplos, achamos que a mulher de Egnacio Mecenio, pelo haver bebido de uma pipa fora morta pelo marido, e que Romulo o absolvera.

Escreve Fabio Pictor nos seus *Anais*, que uma matrona, por haver aberto uma caixa onde

estavam as chaves da adega, fôra pelos seus obrigada a morrer de fome.

“Por isso Catão diz que o costume das mulheres darem um ósculo aos parentes, tinha por causa o provarem-lhes que não cheiravam a teméto; assim se chamava então o vinho; d’onde veio á embriaguez o nome de temulencia.

“E Cneio Domicio, sendo Juiz, sentenciou acêrca de uma mulher, que dava mostras de ter bebido, a occultas do marido, mais do que sua saude lhe requeria, e por isso a multou no dote.

“Por largo tempo – acrescenta o mesmo Plinio – durou em Roma uma grande temperança a respeito de tal genero.”

\*

Ora pois, sendo tudo isto assim,

}fl.77{ {fl.84}

e havendo para o ser as fortes rasões que a todos ocorrem, ¿quem não levará a mal ao Poeta romano (se fosse, tórno a dizel-o, o inventor d’esta fábula), que tres donzellas, porque se não adscreveram logo ás devotas de Baccho, fossem em morcegos transformadas?

\*

Mas emfim: lá está pegado em Thebas o novo culto.

A Pentheu despedaçado succede no throno, e no infortunio, Athamante, marido de Ino, filha de Cadmo, tia materna, primeira criadora, e principal pregoeira de Baccho. As calamidades, que a zelosa vingança de Juno lhes suscita pelo ministério das Fúrias, compõem um quadro opulento de poesia e terror.

A descripção do Inferno, assumpto eternamente martellado pelos poetas, assim pagãos como christãos, por entre coisas que já para nós se

estavam as chaves da adega, fora pelos seus obrigada a morrer de fome.

Por isso Catão diz que o costume das mulheres darem um ósculo aos parentes, tinha por causa o provarem-lhes que não cheiravam a *teméto*; assim se chamava então o vinho; donde veio à embriaguez o nome de *temulência*.

E Cneio Domicio, sendo juiz, sentenciou acerca de uma mulher, que dava mostras de ter bebido, a occultas do marido, mais do que sua saúde lhe requeria, e por isso a multou no dote.

Por largo tempo – acrescenta o mesmo Plinio – durou em Roma uma grande temperança a respeito de tal gênero.”

\*

Ora pois, sendo tudo isto assim,

{fl.84}

e havendo para o ser as fortes razões que a todos ocorrem, quem não levará a mal ao poeta romano (se fosse, torno a dizê-lo, o inventor desta fábula), que três donzellas, porque se não adscreveram logo às devotas de Baco, fossem em morcegos transformadas?

\*

Mas emfim: lá está pegado em Tebas o novo culto.

A Pentheu despedaçado succede no trono, e no infortúnio, Atamante, marido de Ino, filha de Cadmo, tia materna, primeira criadora, e principal pregoeira de Baco. As calamidades, que a zelosa vingança de Juno lhes suscita pelo ministério das Fúrias, compõem um quadro opulento de poesia e terror.

A descrição do Inferno, assumpto eternamente martelado pelos poetas, assim pagãos como cristãos, por entre coisas que já para nós se

tornaram logares communs, não é vazia de bom interesse. Tisíphone, e a sua pestilencial caldeira, e o seu tomar ás portas do paço as duas Reaes victimas, são taes valentias de engenho, que passam (como dizem) em cavallos brancos por diante de

}fl.78{ {fl.85}

quasi todos os forçados pandemónios modernos.

O arrojo com que Athamante esmaga o filho n'um penedo, o delirio com que Ino, bradando “Evohé”, se precipita com o outro no mar, provam como o cantor de amores e delicias podéra, se quisesse, ter dado a Roma um digno rival de Sóphocles e Eurípedes, e nos renovam a mágua de se haver perdido a sua Medêa.

Este derradeiro infortunio em sua descendencia acabam de render a constancia de Cadmo. Da sua Thebas se abala com sua esposa Hermíone, desterram-se para Illyria, onde fenecem demudados em serpentes.

Se quereis ler acêrca d'este Cadmo, da sua sahida para a Illyria, e da origem da fábula da sua transformação (já antes de Ovidio apontada por Plauto), investigações e conjecturas historicas assaz curiosas, consultae a explicação de Banier no respectivo passo de sua traducção das Metamorphoses.

\*

Aqui sahimos, tambem nós, de Thebas: e da história de Baccho passamos (por uma transição da grossura e sustancia de um cabelo) á de Perseu.

Bom é, para quem atravessou

}fl.79{ {fl.86}

tantas amarguras, que até chegou a peregrinar pelos nevoeiros do Inferno, bom é correr agora com este Perseu por meio dos ares claros, frêscos, livres, e tão

tornaram lugares comuns, não é vazia de bom interesse. Tisífone, e a sua pestilencial caldeira, e o seu tomar às portas do paço as duas reais vítimas, são tais valentias de engenho, que passam (como dizem) em cavalos brancos por diante de

{fl.85}

quase todos os forçados pandemônios modernos.

O arrojo com que Atamante esmaga o filho num penedo, o delírio com que Ino, bradando “Evoé”, se precipita com o outro no mar, provam como o cantor de amores e delícias pudera, se quisesse, ter dado a Roma um digno rival de Sófocles e Eurípedes, e nos renovam a mágoa de se haver perdido a sua *Medeia*.

Este derradeiro infortúnio em sua descendência acaba de render a constância de Cadmo. Da sua Tebas se abala com sua esposa Hermione, desterram-se para Ilíria, onde fenecem demudados em serpentes.

Se quereis ler acerca deste Cadmo, da sua saída para a Ilíria, e da origem da fábula da sua transformação (já antes de Ovídio apontada por Plauto), investigações e conjecturas históricas assaz curiosas, consultai a explicação de Banier no respectivo passo de sua tradução das *Metamorphoses*.

\*

Aqui saímos, também nós, de Tebas: e da história de Baco passamos (por uma transição da grossura e sustância de um cabelo) á de Perseu.

Bom é, para quem atravessou

{fl.86}

tantas amarguras, que até chegou a peregrinar pelos nevoeiros do Inferno, bom é correr agora com este Perseu por meio dos ares claros, frescos, livres, e tão

êrmos de angustias como de homens. Mas ¿por que razão este bom de Ovidio, que tanto em amores se delicia, passou aqui por alto a metamorphose a que este heroe volátil deveu o ser gerado: a metamorphose de Jupiter em chuva de oiro?

À fé que mais guapa e refulgente fábula lh'a não poderia deparar toda a lenda dos deuses. Que o diga o seu graciosissimo paraphrasta Anguillara, que ahi lhe deu quinaú, sacando-a com admiravel felicidade a limpo. Que o digam, o afamado quadro de Annibal Caracci, e o outro mais moderno de Girodet.

Representou Caracci a beldade de Dânae, jazendo-se, toda nua, encostada no cotovello esquerdo, vendo cair das alturas aquella sonora pancada, não de agua, se não de oiro; e, por melhor a desfrutar, desviando para o lado o embaraço de uma cortina. Ahi está o menino Amor, com seu carcaz que mui bem despejou de suas settas, e ás mãos cheias o enche dos dobrões que veem cahindo.

}fl.80{ {fl.87}

No de Girodet se vêem as nuvens, chovendo a bom chover joias, diches, flores, garridices, e louçainhas de todo o genero, que pelos ares volteiam reluzindo. Ao alabastrino pescoço da Princeza feiticeiramente se enlaça um collar esplendido; e um espelho, em que se ella está mirando toda desvanecida, lhe dá ás suas virginaes esquivanças o derradeiro mate. Estreiteza de praça na tela não dá vêrem-se os guardas; mas lá se enxérgam os ferros das lanças, não aprumadas e de véla, se não descuidadas e dascahidas; por onde bem se entende que as mãos a que eram confiadas, bem pouco se lhes dá d'ellas, em quanto se podem por lá andar estendidas á chuva.

\*

ermos de angústias como de homens. Mas por que razão este bom de Ovídio, que tanto em amores se delicia, passou aqui por alto a metamorphose a que este herói volátil deveu o ser gerado: a metamorphose de Júpiter em chuva de oiro?

À fé que mais guapa e refulgente fábula lha não poderia deparar toda a lenda dos deuses. Que o diga o seu graciosíssimo parafrasta Anguillara, que aí lhe deu quinau, sacando-a com admirável felicidade a limpo. Que o digam, o afamado quadro de Annibal Caracci, e o outro mais moderno de Girodet.

Representou Caracci a beldade de Dânae, jazendo-se, toda nua, encostada no cotovelo esquerdo, vendo cair das alturas aquela sonora pancada, não de água, senão de ouro; e, por melhor a desfrutar, desviando para o lado o embaraço de uma cortina. Aí está o menino Amor, com seu carcaz que mui bem despejou de suas setas, e às mãos cheias o enche dos dobrões que veem caindo.

{fl.87}

No de Girodet se veem as nuvens, chovendo a bom chover joias, dices, flores, garridices, e louçainhas de todo o gênero, que pelos ares volteiam reluzindo. Ao alabastrino pescoço da princesa feiticeiramente se enlaça um colar esplêndido; e um espelho, em que se ela está mirando toda desvanecida, lhe dá às suas virginaes esquivanças o derradeiro mate. Estreiteza de praça na tela não dá verem-se os guardas; mas lá se enxérgam os ferros das lanças, não aprumadas e de vela, se não descuidadas e descaídas; por onde bem se entende que as mãos a que eram confiadas, bem pouco se lhes dá delas, enquanto se podem por lá andar estendidas à chuva.

\*

Ora, poeta que assim excedia na pintura a Girodet e a Carracis, ¡que não houvera feito, se no mesmo assumpto provára a mão!

¡Que situação mais para estudada e descrita, que a da virgem, n'aquelle encêrro onde se criára sem ver homem, ignorando por isso mesmo a maior parte do seu mesmo ser, cercada da Natureza, como de um enigma na idade do amor, e sem amar por não saber, mas sempre enfim de carne e sangue, e por isso sonhando por vago instinto o que

}fl.81{ {fl.88}

quer que fosse, uma minguá ou um sobejo, um contentamento ou uma pena; perplexa entre a confusão de um oraculo, que aterra o seu amor filial, e as curiosidades que esse mesmo oraculo lhe suscita; e logo vendo com espanto chover o oiro, e do oiro vendo com maravilha, com rapto, com encantamento, formar-se a seus olhos um deus, um deus que não é dos pêcos, um deus que lhe fala amor, linguagem que ella nunca ouviu, mas que entende; que não só lh'o fala, mas lh'o exprime por todos os modos, e lh'o influe, e lh'o explica, e lh'o provoca, e lhe deixa por frutos d'elle os suavissimos tormentos da maternidade! ¡E tudo isto, e Deus sabe quanto mais, esperdiçou quem para tal não podia ter outra razão, senão o sabido achaque dos opulentos, que é a prodigalidade!

\*

Pausando por alto a passageira visita de Perseu ao descortês e bem punido Atlante, cigâmos o heroe alípede pelos ares á Ethiópia, que ahi nos aguarda, assim como a elle, uma inaudita scena entre dois monstros, um de ferocidade, outro de formosura.

A história de Andrómeda agrilho-

Ora, poeta que assim excedia na pintura a Girodet e a Carracis, que não houvera feito, se no mesmo assunto provara a mão!

Que situação mais para estudada e descrita, que a da virgem, naquele encerro onde se criara sem ver homem, ignorando por isso mesmo a maior parte do seu mesmo ser, cercada da natureza, como de um enigma na idade do amor, e sem amar por não saber, mas sempre enfim de carne e sangue, e por isso sonhando por vago instinto o que

{fl.88}

quer que fosse, uma minguá ou um sobejo, um contentamento ou uma pena; perplexa entre a confusão de um oráculo, que aterra o seu amor filial, e as curiosidades que esse mesmo oráculo lhe suscita; e logo vendo com espanto chover o ouro, e do ouro vendo com maravilha, com rapto, com encantamento, formar-se a seus olhos um deus, um deus que não é dos pecos, um deus que lhe fala amor, linguagem que ella nunca ouviu, mas que entende; que não só lho fala, mas lho exprime por todos os modos, e lho influi, e lho explica, e lho provoca, e lhe deixa por frutos dele os suavíssimos tormentos da maternidade! E tudo isto, e Deus sabe quanto mais, esperdiçou quem para tal não podia ter outra razão, senão o sabido achaque dos opulentos, que é a prodigalidade!

\*

Pausando por alto a passageira visita de Perseu ao descortês e bem punido Atlante, sigamos o herói alípede pelos ares à Etiópia, que aí nos aguarda, assim como a ele, uma inaudita cena entre dois monstros, um de ferocidade, outro de formosura.

A história de Andrómeda agrilho-

}fl.82{ {fl.89}

{fl.89}

ada às rochas para ser da fera marinha derrubada, e o gentil modo como Perseu a liberta, são em todas suas partes um dos mais admiráveis trechos que nos legou a Antiguidade.

Vêde-me a ância com que o immortal Ariosto, no Canto X, tomou ao nosso Poeta, com a liberdade com que o costuma, e com que entre dois bons irmãos usa um das alfaias do outro, este primoroso concebimento, e o fez seu (com igual crédito para ambos) no episódio de Rugeiro salvando das fúrias da Orca a formosa Angelica.

\*

Qual a origem fosse d'esta fábula de Andrómeda, a que se pretendem dar mui desvairadas explicações, é essa uma briga de antiquários com que nos não metteremos.

Quanto porém ao lugar, onde essa ou semelhante coisa passará, apontarei por curiosidade, que em Joppe, Jaffa, ou Japho, marítima cidade às abas do Mediterrâneo, aonde vão pojar os peregrinos de Terra-santa, querem autores de boa nota que tal em verdade succedesse. Assim o tem Strabão; assim Plinio, o qual no Livro V da Natural Historia diz:

“É Joppe uma cidade mais

}fl.83{ {fl.90}

antiga que a inundaçã das terras – (no que vai com Pompónio Mela, Livro I, capitulo XI); – “está assentada em um alto, com um penedo diante, onde ainda amostram os vestigios das prisões de Andrómeda. Lá se venera a fabulosa Cette, ou monstro marinho.”

No mesmo Livro, capitulo XXXIV:

“No mar phenicio, diante de Joppe, está Pária, que é toda ella uma cidade fechada, na qual, dizem que fôra exposta Andrómeda á fera. Já se lhe

ada às rochas para ser da fera marinha derrubada, e o gentil modo como Perseu a liberta, são em todas suas partes um dos mais admiráveis trechos que nos legou a Antiguidade.

Vede-me a ânsia com que o immortal Ariosto, no Canto X, tomou ao nosso poeta, com a liberdade com que o costuma, e com que entre dois bons irmãos usa um das alfaias do outro, este primoroso concebimento, e o fez seu (com igual crédito para ambos) no episódio de Rugeiro salvando das fúrias da Orca a formosa Angélica.

\*

Qual a origem fosse desta fábula de Andrómeda, a que se pretendem dar mui desvairadas explicações, é essa uma briga de antiquários com que nos não meteremos.

Quanto porém ao lugar, onde essa ou semelhante coisa passará, apontarei por curiosidade, que em Joppe, Jaffa, ou Jafo, marítima cidade às abas do Mediterrâneo, aonde vão pojar os peregrinos de Terra-santa, querem autores de boa nota que tal em verdade succedesse. Assim o tem Strabão; assim Plinio, o qual no Livro V da *Natural Historia* diz:

“É Joppe uma cidade mais

{fl.90}

antiga que a inundaçã das terras – (no que vai com Pompónio Mela, Livro I, capítulo XI); – está assentada em um alto, com um penedo diante, onde ainda amostram os vestígios das prisões de Andrómeda. Lá se venera a fabulosa Cette, ou monstro marinho.”

No mesmo Livro, capítulo XXXIV:

“No mar fenício, diante de Joppe, está Pária, que é toda ela uma cidade fechada, na qual, dizem que fora exposta Andrómeda à fera. Já se lhe também

tambem déra o nome Arados; e dista do continente cinquenta côvados de mar fundo, segundo Muciano.”

O mesmo Plinio no Livro IX, capítulo V:

“Os ossos da féra, a que se dizia ter sido Andrómeda offerecida, trazidos de Joppe, cidade da Judeia, a Roma, foram entre outras maravilhas mostrados por Scauro, quando serviu de edil; e tinham de comprimento quarenta pés; as costellas avantajavam-se a dentes de elefantes; a espinha tinha seis pés de grossa.”

}fl.84{ {fl.91}

Mela escreve:

“Foi Joppe, conforme referem, edificada antes do diluvio. N’ella affirmam os naturaes haver reinado Cepheu; do que, teem por prova o conservar-se a invocação d’elle, e do irmão Phineu, a umas aras antigas, que ainda lá são tidas em grande religião, e até amostram, como claro argumento d’aquelle successo tão celebrado nos poemas e fábulas, de Andrómeda conservada por Perseu, os desconformes ossos de uma besta marinha.”

O Israelita Flavio Josepho, que floresceu no império de Tito, testemunha que ainda no seu tempo se viam n’um penhasco os signaes dos grilhões, com que Andrómeda estivera prêza.

S. Jeronymo, escritor do primeiro meado do IV seculo da era christan, fazendo commentario sobre Jonas, Propheta que em Joppe se embarcou para aquella memoranda viagem em que foi tragado da baleia, tem estas palavras:

“O lugar é este, onde, inda hoje em dia, se mostram na praia as rochas em que Andrómeda estivera amarrada, e d’onde

}fl.85{ {fl.92}

pelo exfôrço de Perseu se viu solta.”

dera o nome Arados; e dista do continente cinquenta côvados de mar fundo, segundo Muciano.”

O mesmo Plinio no Livro IX, capítulo V:

“Os ossos da fera, a que se dizia ter sido Andrómeda oferecida, trazidos de Joppe, cidade da Judeia, a Roma, foram entre outras maravilhas mostrados por Scauro, quando serviu de edil; e tinham de comprimento quarenta pés; as costelas avantajavam-se a dentes de elefantes; a espinha tinha seis pés de grossa.”

{fl.91}

Mela escreve:

“Foi Joppe, conforme referem, edificada antes do dilúvio. Nela afirmam os naturais haver reinado Cefeú; do que, têm por prova o conservar-se a invocação dele, e do irmão Fineu, a umas aras antigas, que ainda lá são tidas em grande religião, e até amostram, como claro argumento daquelle successo tão celebrado nos poemas e fábulas, de Andrómeda conservada por Perseu, os desconformes ossos de uma besta marinha.”

O Israelita Flavio Josepho, que floresceu no império de Tito, testemunha que ainda no seu tempo se viam num penhasco os sinais dos grilhões, com que Andrómeda estivera preza.

S. Jerônimo, escritor do primeiro meado do IV século da era cristã, fazendo comentário sobre Jonas, profeta que em Joppe se embarcou para aquela memoranda viagem em que foi tragado da baleia, tem estas palavras:

“O lugar é este, onde, inda hoje em dia, se mostram na praia as rochas em que Andrómeda estivera amarrada, e donde

{fl.92}

pelo esforço de Perseu se viu solta.”

Mas concluâmos, ouvindo o que na materia nos dirá o nosso curioso Frei Pantaleão de Aveiro, que faz caminho romeiro para a Terra-santa:

“Dentro na agua, no porto, nam muyto apartados da terra, estão os penedos a modo de ilhotezinhos, nos quaes algũs poetas contam que estava atada Andromeda filha de Cepheu quando foy de Perseo livre a que nam fosse tragada do monstro marinho.....

..... Eu somente dou testemunho & affirmo que com meus olhos vi & com minhas mãos tratei as basas da coluna a que dizẽ foi atada, as quaes estão lavradas na mesma rocha & penedos, dentro no mar, com grandissima curiosidade de folhagẽs de obra corinthia, inda que ja gastada & comida assi do mar como do tempo: & como eu tinha lido a historia, andando de vagar vendo hũa & outra coisa, seguindo nisso minha natural inclinação, dei a caso com estas basas, & com admiração as mostrey aos companheyros, louvando mays a subtileza & curiosidade da obra, que tratando da

}fl.86{ {fl.93}

historia gentilica. Escrevo aqui isto – acrescenta elle – não por de todo o crer mas porque o escrevem autores graves, ainda que gentílicos.” (1)

\*

Se porém em Joppe na Judeia foi o successo, o que não deixa de condizer com algumas circumstancias de pessoas, que Ovidio, no princípio do seguinte Livro, descrevendo a pendencia que seguiu do banquete das bodas, especialisa, nomeando, entre os convidados, Assyrios, Babylónios, Palestinos, etc., ζcomo nos diz aqui o mesmo Ovidio que fôra na Ethiópia o Reino de Cepheu?! É difficuldade, mas explicam-n-a, porque diz o grande Newton na sua Chronologia dos antigos

Mas concluamos, ouvindo o que na matéria nos dirá o nosso curioso Frei Pantaleão de Aveiro, que faz caminho romeiro para a Terra-santa:

“Dentro na água, no porto, não muito apartados da terra, estão os penedos a modo de ilhotesinhos, nos quais alguns poetas contam que estava atada Andromeda filha de Cefeu quando foi de Perseu livre a que não fosse tragada do monstro marinho.....

..... Eu somente dou testemunho e afirmo que com meus olhos vi e com minhas mãos tratei as bases da coluna a que dizem foi atada, as quais estão lavradas na mesma rocha e penedos, dentro no mar, com grandíssima curiosidade de folhagens de obra coríntia, inda que já gastada e comida assim do mar como do tempo: e como eu tinha lido a história, andando devagar vendo uma e outra coisa, seguindo nisso minha natural inclinação, dei a caso com estas bases, e com admiração as mostrei aos companheiros, louvando mais a sutileza e curiosidade da obra, que tratando da

{fl.93}

história gentílica. Escrevo aqui isto – acrescenta ele – não por de todo o crer mas porque o escrevem autores graves, ainda que gentílicos.” (1)

\*

Se, porém, em Joppe na Judeia foi o successo, o que não deixa de condizer com algumas circumstâncias de pessoas, que Ovídio, no princípio do seguinte livro, descrevendo a pendência que seguiu do banquete das bodas, especializa, nomeando, entre os convidados, Assírios, Babilônios, Palestinos, etc., como nos diz aqui o mesmo Ovídio que fora na Etiópia o reino de Cefeu?! É difficuldade, mas explicam-na, porque diz o grande Newton na sua cronologia dos antigos reinos, que



Reinos, que havia Cepheu obtido de Ammon, Rei da Lybia, a cidade de Joppe, e que d'essa cidade é que Perseu levára Andrómeda.

\*

Perfeita a grande e arriscada façanha, e morta a fera, dão fim as aturadas angústias d'este Livro. Os vivos e emoras ao

---

(1) *Itinerario* – cap. XVII fls 41 verso, da edição de 1593.

}fl.87{ {fl.94}

vencedor, o livramento da Princeza, o alvorôço e reconhecimento dos paes, o mútuo amor do salvador e da salvada, os sacrificios e acções de graças aos deuses, nos varrem as nuvens da tristeza de sobre a alma.

Para tudo aqui ser fausto, a propria cabeça de Medusa, sempre terrível causadora de catástrophes, aqui não faz mais do que alastrar-nos de coraes as praias, e povoar d'elles os mares. Um banquete, finalmente, lauto e Real, em paços opulentos e custosamente adereçados, nos refocilla; e com os saborosos postres de narrações de já passadas aventuras nos recreia!

---

Ajuste de contas  
com  
Ovidio e Bocage

Contém este 4º Livro no original 302 versos, e na traducção 1154; isto é: tem a traducção mais 852 do que o original.

havia Cefeu obtido de Ammon, rei da Líbia, a cidade de Joppe, e que dessa cidade é que Perseu levava Andrómeda.

\*

Perfeita a grande e arriscada façanha, e morta a fera, dão fim as aturadas angústias deste livro. Os vivos e emoras ao

---

(1) *Itinerario* – cap. XVII fls 41 verso, da edição de 1593.

{fl.94}

vencedor, o livramento da princesa, o alvorôço e reconhecimento dos pais, o mútuo amor do salvador e da salvada, os sacrificios e ações de graças aos deuses, nos varrem as nuvens da tristeza de sobre a alma.

Para tudo aqui ser fausto, a própria cabeça de Medusa, sempre terrível causadora de catástrofes, aqui não faz mais do que alastrar-nos de corais as praias, e povoar deles os mares. Um banquete, finalmente, lauto e Real, em paços opulentos e custosamente adereçados, nos refocila; e com os saborosos postres de narrações de já passadas aventuras nos recreia!

---

Ajuste de contas  
com  
Ovídio e Bocage

Contém este 4º livro no original 302 versos, e na tradução 1154; isto é: tem a tradução mais 852 do que o original.

Verteu Bocage tres passos; a saber: desde o verso 55 do original, até o verso 166; desde o verso 503, até o verso 602; e desde o verso 614 até o verso 661.

}fl.88{ {fl.95}

O primeiro passo, que comprehende 111, traduziu-o em 179 versos; o segundo, que é de 39 versos, em 57; e o terceiro, de 47, em 83.

Corre a primeira parte da sua traducção, desde pagina

Pyramo, singular entre os mancebos,

até pagina

guardou n'uma só urna as cinzas de ambos.

A segunda, desde pagina

O filho de Agenor, Cadmo vencido

até pagina

os benignos dragões inda se lembram.

E a terceira, desde pagina

Levando o espólio do vipéreo monstro

até pagina

todo o pezo dos ceos descança n'elle.

Isto é: 196 versos latinos, em 319 portuguezes; 123 versos mais do que no original. D'estes 319 portuguezes, foi-me indispensavel, ou conveniente, supprimir, substituir, alterar, ou emendar, 49. Ficam portanto pertencendo a Bocage de todo este Livro 270 versos, isto é, pouco mais de um quarto.

Verteu Bocage três passos; a saber: desde o verso 55 do original, até o verso 166; desde o verso 503, até o verso 602; e desde o verso 614 até o verso 661.

{fl.95}

O primeiro passo, que comprehende 111, traduziu-o em 179 versos; o segundo, que é de 39 versos, em 57; e o terceiro, de 47, em 83.

Corre a primeira parte da sua traducção, desde página

*Pyramo, singular entre os mancebos,*

até página

*guardou numa só urna as cinzas de ambos.*

A segunda, desde página

*O filho de Agenor, Cadmo vencido*

até página

*os benignos dragões inda se lembram.*

E a terceira, desde página

*Levando o espólio do vipéreo monstro*

até página

*todo o peso dos céus descança nele.*

Isto é: 196 versos latinos, em 319 portuguezes; 123 versos mais do que no original. Destes 319 portuguezes, foi-me indispensável, ou conveniente, supimir, substituir, alterar, ou emendar, 49. Ficam portanto pertencendo a Bocage de todo este livro 270 versos, isto é, pouco mais de um quarto.

### Aparato Crítico do Livro IV

<b>Número do verso</b>	<b>Verso na versão impressa</b>
79	“E Thisbe, superior em formosura”
159	“o sôlto véo sem Thisbe acaso encontra,”
Entre os versos 226 e 227	“ouvindo proferir da amada o nome;”
355	“e alto montão lhe sobrimpõe de arêa”
423	“da sua infancia os providos cuidados”
494	“não sem olhar após de instante a instante.”
532	“co’os naturaes harpéos circumferrantes”
534	“Teima, e não cede, de Mercúrio o filho;”
551	“e sentindo abrandar-se os membros fortes,”
560	“e de oculta virtude a fonte embebem.”
711	“rebolear-se no âmago as sentirão,”
958	“Da Cephéa Ethiópiã emfim dá vista.”
1051	“Debruçando-se, eis, tres, eis, quatro vezes”

## V

}fl.197{ {fl.1}

{fl.1}

## Livro V

## Livro V

## I

## I

Assim á noiva, ao sôgro, aos convidados  
entretinha narrando o heróe Danéio.  
Eis ruidoso alvorôço atrôa os átrios.  
Não é de povo conjugal descante,  
se não feroz rebate. O festim ledó,  
degenerado em trépido tumulto,  
lembra o mar, que os tufões colheram liso,  
e, dos tufões entrado, estoira, espuma.

\*

Phineu, da sedição terrível cabo,  
floreando na dextra ameaçadora  
hasta de rijo freixo e brônzeo gume,  
– “Eis-me; venho vingar da esposa o roubo –  
vozeia; – “d’esta vez, nem pés com asas,  
“nem Jove feito em oiro, hão-de valer-te.”  
E já brandia a lança.

– “Irmão, ¡que insânia! –

brada Cepheu – “¡que horror! ¡que atrocidade!  
“¿dos serviços que ha feito o premio é esse?!  
“¿esse o don por tal vida a nós salvada?!...  
“Sim, perdes na Princeza a noiva tua;

}fl.198{ {fl.2}

“mas ¿roubou-t’a Perseu? Pergunta os factos  
“quem foi que t’a roubou: foi das nereidas  
“o implacável rigor; do Lybio Jove  
“foi o preceito, o oráculo funesto;  
“foi o monstro do mar, que estas entranhas,  
“entranhas paternaes, vinha a tragar-me.  
“Foi-te roubada Andrómeda; mas foi-o  
“quando o teu cru destino a pôz a pique  
“de inevitável, de afrontoso transe,

Assim à noiva, ao sogro, aos convidados  
entretinha narrando o herói Daneio.  
Eis ruidoso alvoroço atroa os átrios.  
Não é de povo conjugal descante,  
se não feroz rebate. O festim ledó  
degenerado em trépido tumulto,  
lembra o mar, que os tufões colheram liso,  
e, dos tufões entrado, estoira, espuma.

\*

Fineu, da sedição terrível cabo,  
floreando na destra ameaçadora  
hasta de rijo freixo e brônzeo gume,  
— Eis-me; venho vingar da esposa o roubo –  
vozeia; – desta vez, nem pés com asas,  
nem Jove feito em oiro, hão de valer-te. —  
E já brandia a lança.

— Irmão, que insânia! –

brada Cefeu – Que horror! Que atrocidade!  
Dos serviços que há feito o prêmio é esse?!  
Esse o dom por tal vida a nós salvada?!...  
Sim, perdes na princesa a noiva tua;

{fl.2}

mas roubou-ta Perseu? Pergunta os factos  
quem foi que ta roubou: foi das nereidas  
o implacável rigor; do líbio Jove  
foi o preceito, o oráculo funesto;  
foi o monstro do mar, que estas entranhas,  
entranhas paternas, vinha a tragar-me.  
Foi-te roubada Andrômeda; mas foi-o  
quando o teu cru destino a pôs a pique  
de inevitável, de afrontoso transe,

5

10

15

20

25

<p>“se já não és tão barbaro, que d’isso  “e do meu luto um júbilo aguardavas.  “¿Não basta que a teus olhos a prendessem,  “que, sendo tio e noivo, a não livrasses?  “¿Inda te afrontas de que alguém lhe acuda?  “¿quitar-lhe o prémio vens? Se grande o julgas,  “¿por que o não ias desprender das rochas?  “Agora, ao que lá foi, que esta velhice  “me livrou da misérrima orphandade,  “o ajuste meu, seus méritos, a entregam.  “Não o prefiro a ti; prefiro-o á morte.”</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>se já não és tão bárbaro, que disso  e do meu luto um júbilo aguardavas. 30  Não basta que a teus olhos a prendessem,  que, sendo tio e noivo, a não livrasses?  Inda te afrontas de que alguém lhe acuda?  Quitar-lhe o prêmio vens? Se grande o julgas,  por que o não ias desprender das rochas? 35  Agora, ao que lá foi, que esta velhice  me livrou da misérrima orphandade,  o ajuste meu, seus méritos, a entregam.  Não o prefiro a ti; prefiro-o à morte. —</p> <p style="text-align: center;">*</p>
<p>Phineu mudo, com os olhos devorando  já o irmão, já Perseu, nada perplexo;  não sabe a qual dos dois primeiro invista;</p> <p style="text-align: right;">}fl.199{ {fl.3}</p>	<p>Fineu mudo, com os olhos devorando 40  já o irmão, já Perseu, nada perplexo;  não sabe a qual dos dois primeiro invista;</p> <p style="text-align: right;">{fl.3}</p>
<p>mas logo, pondo na hasta a fúria toda,  contra Perseu a expede; o cego tiro  cravou no tóro.</p> <p style="text-align: center;">O heroe, precipitado</p> <p>dos coxins, salta, e a mesma lança ao dono  recambiada lhe rasgára o seio,  se por detraz do altar não se occultára.  Valeu o altar (¿que horror!) de escudo ao impio;  o golpe lá colheu na frente a Rheto.  Rheto cai; mal do osso extirpa o ferro,  com o sangue, estrebuchando, aspérge as mezas.  Todos áquella vista ardem de raiva,  armas todos agitam. – “¿Morte ao noivo!  ” –  ressôa; e – “¿Morte ao Rei!”</p> <p style="text-align: center;">Mas já n’essa hora</p> <p>o Monarcha, invocando a testemunhas  o jus, e a fé, e os deuses da hospedagem,  como era vinda a seu malgrado a rixa,  a tumultuária estancia abandonára.</p>	<p>mas logo, pondo na hasta a fúria toda,  contra Perseu a expede; o cego tiro  cravou no toro.</p> <p style="text-align: center;">O herói, precipitado 45</p> <p>dos coxins, salta, e a mesma lança ao dono  recambiada lhe rasgara o seio,  se por detrás do altar não se ocultara.  Valeu o altar (que horror!) de escudo ao ímpio;  o golpe lá colheu na frente a Reto. 50  Reto cai; mal do osso extirpa o ferro,  com o sangue, estrebuchando, asperge as mesas.  Todos àquela vista ardem de raiva,  armas todos agitam. “Morte ao noivo!” –  ressoa; e “Morte ao rei!”</p> <p style="text-align: center;">Mas já nessa hora 55</p> <p>o monarca, invocando a testemunhas  o jus, e a fé, e os deuses da hospedagem,  como era vinda a seu malgrado a rixa,  a tumultuária estância abandonara.</p>



com o bem provado em sangue de Medusa  
curvo alfange; nos peitos lh'o mergulha.  
Olhos já turvos com a perpétua noite  
Lycabas volve a procurar seu Athis;  
cai sobre elle; é feliz; partiram juntos.

\*

De Methiôn o filho, Egepcio Phorbas,  
e o Lybio Amphimedonte, ávidos ambos  
de brigar, ambos juntos escorregam  
no sangue em que flutúa o pavimento;  
vão para erguer-se, o arcado ferro o atalha;  
rompe a Phorbas o collo, ao socio as costas.  
Mas não assim, de perto, o Acrisio neto,  
nem quer levar á espada a Eritho, prole  
de Actor; possante é esse, e as armas suas  
férrea larga bipénne: alça, ás mãos ambas,  
de sobre a meza a amplissima cratera,  
carga enorme, aggravada com relêvos,  
e atira-lh'a; eil-o em terra; ondas purpúreas  
a golfar, e com a nuca o chão malhando.  
Passa avante; derriba, uns apóz outros,

}fl.202{ {fl.6}

a Polydémon, a Ábaris, do tronco  
de Semíramis esse, este Caucásio,  
a Lycéto Sperchiónide; com Phléguas  
Élyce hirsuto, e Clyto, e tantos outros,  
que já montões de agonisantes pisa.

\*

Phineu, que o já receia haver de perto,  
então, de largo, lhe desfecha um dardo;  
erra o ponto; Idas fere. Idas, que inerte  
fôra até'li neutral, o encára tórvo:  
— “Pois que a tomar partido alfim me arrastam,  
“Phineu, aprende que inimigo has feito;  
“o golpe teu – lhe diz – “com este o pago.”

com o bem provado em sangue de Medusa  
curvo alfange; nos peitos lho mergulha.  
Olhos já turvos com a perpétua noite  
Lícabas volve a procurar seu Átis;  
cai sobre ele; é feliz; partiram juntos.

\*

De Metion o filho, egípcio Forbas,  
e o líbio Anfimedonte, ávidos ambos  
de brigar, ambos juntos escorregam  
no sangue em que flutua o pavimento;  
vão para erguer-se, o arcado ferro o atalha;  
rompe a Forbas o colo, ao sócio as costas.  
Mas não assim, de perto, o Acrísio neto,  
nem quer levar à espada a Erito, prole  
de Actor; possante é esse, e as armas suas  
férrea larga bipene: alça, às mãos ambas,  
de sobre a mesa a amplíssima cratera,  
carga enorme, agravada com relevos,  
e atira-lha; ei-lo em terra; ondas purpúreas  
a golfar, e com a nuca o chão malhando.  
Passa avante; derriba, uns após outros,

{fl.6}

a Polidémon, a Ábaris, do tronco  
de Semíramis esse, este Caucásio,  
a Liceto Esperquiónide; com Flégias  
Élice hirsuto, e Clito, e tantos outros,  
que já montões de agonizantes pisa.

\*

Fineu, que o já receia haver de perto,  
então, de largo, lhe desfecha um dardo;  
erra o ponto; Idas fere. Idas, que inerte  
fora até'li neutral, o encara torvo:  
— Pois que a tomar partido alfim me arrastam,  
Fineu, aprende que inimigo hás feito;  
o golpe teu – lhe diz – com este o pago. —

90

95

100

105

110

115

120



Descrava o dardo, que vibrá-lo, as forças  
fallecem-lhe.... baqueia-se. Um fendente  
de Clymene a seus pés despenha Odítes,  
o immediato ao Rei na autoridade.

A Protenor, Hypseu; a Hypseu, Lyncíde  
estira. Anda por entre o burburinho  
o velho Emathiôn, cultor do justo,  
temente aos deuses; incapaz, por annos,  
de pelejar com armas, com discursos  
inda batalha acérrimo, e não cessa  
de maldiçoar as armas sceleradas;

}fl.203{ {fl.7}

o altar com as mãos trementes abraçava,  
quando um revéz de Chrómis lhe despede  
a cabeça cortada a cima da ara;

inda lá mesmo a lingua moribunda  
murmúra execrações, até que a vida  
nas sacras chammas se lhe esvai de todo.  
Ammôn e Bróteas, gémeos, invencíveis  
no césto (mas do césto espadas zombam),  
ruem ceifados por Phineu. Como elles  
rue Ampyco, de Ceres sacerdote,  
mesmo coroado com os listões de neve.

E tu tambem, Japétide, tu, feito  
menos de Marte aos lances que ás formosas  
artes da paz, a cítharas, a versos,  
tu vieras cantor chamado á boda.

Péttalo, que de longe o viu, pasmado,  
em pé, sem abrir mão do plectro imbelle,  
– “Aos manes do Orco – lhe bradou por mofa –  
“vae de teu canto divertir com o resto.”

E a fonte esquerda lhe varou com um bote.  
Cai; mas inda cahido, ás cordas brandas  
branda harmonia extrai com os frouxos dedos;  
sóлта a alma entre lúgrube toada.

Descrava o dardo, que vibrá-lo, as forças  
falecem-lhe.... baqueia-se. Um fendente  
de Climene a seus pés despenha Odites,  
o imediato ao rei na autoridade.

A Protenor, Hipseu; a Hipseu, Lincide  
estira. Anda por entre o burburinho  
o velho Emation, cultor do justo,  
temente aos deuses; incapaz, por anos,  
de pelejar com armas, com discursos  
inda batalha acérrimo, e não cessa  
de maldiçoar as armas celeradas;

{fl.7}

o altar com as mãos trementes abraçava,  
quando um revés de Crómis lhe despede  
a cabeça cortada acima da ara;

inda lá mesmo a língua moribunda  
murmura execrações, até que a vida  
nas sacras chammas se lhe esvai de todo.  
Amon e Bróteas, gémeos, invencíveis  
no cesto (mas do cesto espadas zombam),  
ruem ceifados por Fineu. Como eles  
rui Âmpico, de Ceres sacerdote,  
mesmo coroado com os listões de neve.

E tu também, Japétide, tu, feito  
menos de Marte aos lances que às formosas  
artes da paz, a cítaras, a versos,  
tu vieras cantor chamado à boda.

Pétalo, que de longe o viu, pasmado,  
em pé, sem abrir mão do plectro imbele,  
— Aos manes do Orco – lhe bradou por mofa –  
vai de teu canto divertir com o resto. —

E a fonte esquerda lhe varou com um bote.  
Cai; mas inda caído, às cordas brandas  
branda harmonia extrai com os frouxos dedos;  
solta a alma entre lúgrube toada.

	}fl.204{ {fl.8}	{fl.8}
Vinga-o Lycormas; leva, fero, a tranca da dextra porta; ao matador a estala sobre a cerviz, e deu com elle em terra, como toiro immolado em sacrificio.	Vinga-o Licormas; leva, fero, a tranca da destra porta; ao matador a estala sobre a cerviz, e deu com ele em terra, como toiro imolado em sacrificio.	
Ia o Cinyphio Pélate da esquerda roubar segunda tranca; mas na empreza com o ferro o apanha Córytho Marmácio, e a mão lhe préga ao lenho; Abante o lado lhe rasga; morre, mas não cai; pendente da mão cravada fica. A terra medem Melaneu, que do heroe seguia as partes, e Dórylas, nos campos Nasamónios o mais rico da terra, extensa e fértil; nas vrilhas, mortal sitio, obliquamente lhe entrou vibrado ferro; o autor do golpe foi Halcyoneu da Bácia, o qual lhe disse, como o viu nos arrancos do trespasso, olhos a pôr em alvo:	Ia o Cinífio Pélate da esquerda roubar segunda tranca; mas na empresa com o ferro o apanha Córito Marmácio, e a mão lhe prega ao lenho; Abante o lado lhe rasga; morre, mas não cai; pendente da mão cravada fica. A terra medem Melaneu, que do herói seguia as partes, e Dórilas, nos campos Nasamônios o mais rico da terra, extensa e fértil; nas v`rilhas, mortal sítio, obliquamente lhe entrou vibrado ferro; o autor do golpe foi Alcioneu da Bácia, o qual lhe disse, como o viu nos arrancos do trespasso, olhos a pôr em alvo:	160
— “Ahi estás cobrindo “de terra tanta a só que ficou tua.”	— Aí estás cobrindo de terra tanta a só que ficou tua. —	
E deu-lhe costas. Mas de Abante o neto a lança quente do cadaver saca, e vingador lh’a atira; essa rompendo atravéz dos narizes, tão profunda	E deu-lhe costas. Mas de Abante o neto a lança quente do cadáver saca, e vingador lha atira; essa rompendo através dos narizes, tão profunda	175
	}fl.205{ {fl.9}	{fl.9}
mergulhou pelo collo, que metade ao rosto sobre-sai, metade á nuca.	mergulhou pelo colo, que metade ao rosto sobressai, metade à nuca.	180
Em quanto assim Fortuna o favoneia, mata a Clanis, e a Clycio; ambos nascidos de uma só mãe, diversas mortes levam; hasta librada pelo braço invicto passa as côxas a Clycio, o outro engole dardo, em que os dentes moribundo ferra.	Enquanto assim Fortuna o favoneia, mata a Clânis, e a Clício; ambos nascidos de uma só mãe, diversas mortes levam; hasta librada pelo braço invicto passa as coxas a Clício, o outro engole dardo, em que os dentes moribundo ferra.	185

Tomba o Mendésio Céladon; succumbe  
Astreu, de mãe Assyria, e pae não certo.  
Perece Ethiôn, já célebre propheta,  
porém fallido agora; o régio pagem  
Thoacte, e o parricida infame, Agyrtes.

\*

Contínuo vence o heroe; porém contínua  
cópia maior o cerca, e já sem conto  
as armas são, contra elle afervoradas.  
De toda a parte exércitos recrescem  
da facção que nem méritos, nem pactos,  
recompensas, nem fé, por jus admitte.  
Perseu e a boa causa outros não acha  
mais que o piedoso sôgro, em vão piedoso,  
a nova esposa, e a mãe, que afflictiva a segue.

}fl.206{ {fl.10}

¡Ah! ¿que podem os tres? chorar, carpir-se,  
encher de alto alarido os régios paços;  
mas das armas o estrépito, os clamores  
do combate, e o aiár dos moribundos,  
encobrem seu chorar, seus ais, seus gritos.

\*

Em torrentes de sangue os já violados  
penates vai tingindo a Márcia deusa,  
que a pendencia feroz renova, inflamma.  
Phineu, e mil como elle, o heroe rodeiam;  
tiros mais bastos que invernal granizo,  
por um, por outro lado, ouvidos, olhos,  
lhe azoizam, lhe deslumbram, lhe endoidecem.  
Contra vasta columna o dorso arrima,  
e já, sequer nas costas, escudado,  
faz brava frente ás ondas da batalha.  
Apértam-n-o Molpeu do espiro á sestra,  
o arábio Ethémon á direita. Crua  
tigre faminta, que mugir presente

Tomba o Mendésio Céladon; succumbe  
Astreu, de mãe Assíria, e pai não certo.  
Perece Etion, já célebre profeta,  
porém falido agora; o régio pajem  
Toacte, e o parricida infame, Agirtes.

\*

Contínuo vence o herói; porém contínua  
cópia maior o cerca, e já sem conto  
as armas são, contra ele afervoradas.  
De toda a parte exércitos recrescem  
da facção que nem méritos, nem pactos,  
recompensas, nem fé, por jus admite.  
Perseu e a boa causa outros não acha  
mais que o piedoso sogro, em vão piedoso,  
a nova esposa, e a mãe, que aflita a segue.

190

195

200

{fl.10}

Ah! Que podem os três? Chorar, carpir-se,  
encher de alto alarido os régios paços;  
mas das armas o estrépito, os clamores  
do combate, e o aiar dos moribundos,  
encobrem seu chorar, seus ais, seus gritos.

\*

Em torrentes de sangue os já violados  
penates vai tingindo a Márcia deusa,  
que a pendência feroz renova, inflama.  
Fineu, e mil como ele, o herói rodeiam;  
tiros mais bastos que invernal granizo,  
por um, por outro lado, ouvidos, olhos,  
lhe azoizam, lhe deslumbram, lhe endoidecem.  
Contra vasta coluna o dorso arruma,  
e já, sequer nas costas, escudado,  
faz brava frente às ondas da batalha.  
Apertam-no Molpeu do espiro à sestra,  
o arábio Etémon à direita. Crua  
tigre faminta, que mugir presente

205

210

215

duas manadas em diversos valles, na escôlha pende a palpitar por ambas. A que parte primeiro descarregue, Perseu vacilla; de Molpeu comtudo	duas manadas em diversos vales, na escolha pende a palpitar por ambas. A que parte primeiro descarregue, Perseu vacila; de Molpeu contudo	220
	}fl.207{ {fl.11}	{fl.11}
se livra, que na côxa acutilado fugiu; não vai sobre elle, que nem tempo Ethémon lhe concéde, antes furioso ao alto esgrime por ferir-lhe o collo; mas a espada que cega os ares córta, vem da columna resvalando ao longo, na base assenta, estala, e a re-saltante lâmina aguda na garganta o colhe. Não de morte ferido, o temerário já treme, já levanta as mãos inermes; em vão, em vão; Perseu inexoravel com o Cyllénio terçado o avía aos mortos.	se livra, que na coxa acutilado fugiu; não vai sobre ele, que nem tempo Etémon lhe concede, antes furioso ao alto esgrime por ferir-lhe o colo; mas a espada que cega os ares corta, vem da coluna resvalando ao longo, na base assenta, estala, e a ressaltante lâmina aguda na garganta o colhe. Não de morte ferido, o temerário já treme, já levanta as mãos inermes; em vão, em vão; Perseu inexorável com o cilênio terçado o avia aos mortos.	225
*	*	
Sentindo que ao valor excede a turba, — “Pois que alfim me obrigais – exclama – “é fôrça “que na minha Inimiga auxílio busque. “Se ahi tenho alguém por mim, que arrede os olhos.”— Diz, ergue, ostenta o rôsto de Medusa.	Sentindo que ao valor excede a turba, — Pois que alfim me obrigais – exclama – é força que na minha inimiga auxílio busque. Se aí tenho alguém por mim, que arrede os olhos.— Diz, ergue, ostenta o rosto de Medusa.	235
*	*	
— Vae com os prodigios teus pôr mêdo a outros; “pouco tememos nós teus vãos prodigios.” — diz Théscelo; dizendo, enrista a lança,	— Vai com os prodígios teus pôr medo a outros; pouco tememos nós teus vãos prodígios. — diz Téscelo; dizendo, enrista a lança,	240
	}fl.208{ {fl.12}	{fl.12}
eil-o de lança em punho estátua fria. Ampix rija estocada aparelhava ao brioso Lyncíde; a mão lhe gela, nem para traz já vai, nem surge avante. Mas N<y>/i\leu, que impostor por filho illustre	ei-lo de lança em punho estátua fria. Ampix rija estocada aparelhava ao brioso Lincide; a mão lhe gela, nem para trás já vai, nem surge avante. Mas Nileu, que impostor por filho illustre	245

do septémvago Nilo se jactava,  
Nileu, que em seu escudo as sete fozes  
com prata e oiro tauxiado havia,  
diz:

– “Repára, ó Perseu, na origem minha;  
“e por consolação que aos manes leves,  
“lembre-te o heroe que terminou teus dias.”  
Cessou-lhe em meio a phrase derradeira;  
fica-lhe aberta a bôcca, a lingua é muda.  
Erix então:

– “Não são Gorgóneas fôrças,  
“é vossa cobardia a que vos tolhe.  
“Segui-me, destruâmol-o, calquemos  
“um vil, que a ataques mágicos recorre.”  
Ia para investil-o, a terra o prende;  
de marmóreo guerreiro é viva imagem.

\*

Justo foi n’esses todos o castigo;

}fl.209{ {fl.13}

mas em favor do heroe, com os mais de envôlta  
combatia Aconteu, que, vendo a Fúria,  
parou com os mais, petrificado, immoto.  
Astyage, que o toma inda por vivo,  
com a longa espada investe-o, e tine a espada.  
Como Astyage pasma, a essencia muda,  
e inda o rôsto de pedra exprime o pasmo.  
Longo fôra contar de tanto e tanto  
nome de escura plebe; inda restavam  
duzentos do destrôço, eis que duzentas  
novas estátuas o palacio avérgam.

\*

Já lhe pésa a Phineu da guerra injusta;  
¿mas, que prol? ¿que remedio? inda o rodeia  
tropa (je quão ampla!) em marciaes posturas;  
são, todos, são dos seus; pelos seus nomes

do septémvago Nilo se jactava,  
Nileu, que em seu escudo as sete fozes  
com prata e oiro tauxiado havia,  
diz:

— Repara, ó Perseu, na origem minha;  
e por consolação que aos manes leves,  
lembre-te o herói que terminou teus dias. —  
Cessou-lhe em meio a frase derradeira;  
fica-lhe aberta a boca, a língua é muda.  
Érix então:

— Não são Gorgóneas fôrças,  
é vossa cobardia a que vos tolhe.  
Segui-me, destruamo-lo, calquemos  
um vil, que a ataques mágicos recorre. —  
Ia para investi-lo, a terra o prende;  
de marmóreo guerreiro é viva imagem.

\*

Justo foi nesses todos o castigo;

{fl.13}

mas em favor do herói, com os mais de envolta  
combatia Aconteu, que, vendo a Fúria,  
parou com os mais, petrificado, imoto.  
Astíage, que o toma inda por vivo,  
com a longa espada investe-o, e tine a espada.  
Como Astíage pasma, a essência muda,  
e inda o rosto de pedra exprime o pasmo.  
Longo fora contar de tanto e tanto  
nome de escura plebe; inda restavam  
duzentos do destroço, eis que duzentas  
novas estátuas o palácio avergam.

\*

Já lhe pesa a Fineu da guerra injusta;  
mas, que prol? Que remédio? Inda o rodeia  
tropa (e quão ampla!) em marciais posturas;  
são, todos, são dos seus; pelos seus nomes

os chama, os appellida, auxilio implora;  
 mudez. Mal pode crel-o; ao tacto acode;  
 o que a vista inculcou, comprova o tacto:  
 tudo é mármore, e mármore. Recúa;  
 e espavorido o soberbão semblante,  
 e postas as mãos súplices, torcidas  
 para a parte do heroe, que olhar não ousa,  
 – “Venceste-me, ó Perseu, venceste – exclama. –

os chama, os apelida, auxílio implora;  
 mudez. Mal pode crê-lo; ao tato acode;  
 o que a vista inculcou, comprova o tato: 280  
 tudo é mármore, e mármore. Recua;  
 e espavorido o soberbão semblante,  
 e postas as mãos súplices, torcidas  
 para a parte do herói, que olhar não ousa,  
 — Venceste-me, ó Perseu, venceste – exclama. — 285

}fl.210{ {fl.14}

{fl.14}

“Remove os teus lethaes encantamentos;  
 “d’essa, quem quer que seja, atroz Medusa  
 “some o rôsto fatal. Se te fiz guerra,  
 “não foi por ódio a ti, por ancia ao throno;  
 “foi só, foi por manter de esposo os fóros.  
 “Teu mérito deu fôrça á causa tua,  
 “mais antigo, porém, meu jus nascêra.  
 “Não, não me corro de ceder-te a palma,  
 “fortissimo Perseu; só peço a vida;  
 “peço-te a vida, e tudo mais te rendo.” –

\*

Ao rogador, que de encaral-o treme,  
 elle então:

– “Quanto cabe em posses minhas,  
 “vilissimo Phineu (desterra sustos)  
 “prestes aqui me tens para outorgar-t’o,  
 “don, para um tal cobarde, insigne, immenso:  
 “serás sempre, eu t’o abono, immune a ferro.  
 “Farei mais: por te dar perpetuidade,  
 “estátua erguida a ti serás tu proprio,  
 “do régio sôgro ficarás nos paços,  
 “por que nunca, revendo a imagem tua  
 “mais saudade do espôso a espôsa esfrie.” –

Remove os teus letais encantamentos;  
 dessa, quem quer que seja, atroz Medusa  
 some o rosto fatal. Se te fiz guerra,  
 não foi por ódio a ti, por ânsia ao trono;  
 foi só, foi por manter de esposo os foros. 290  
 Teu mérito deu força à causa tua,  
 mais antigo, porém, meu jus nascera.  
 Não, não me corro de ceder-te a palma,  
 fortíssimo Perseu; só peço a vida;  
 peço-te a vida, e tudo mais te rendo. — 295

\*

Ao rogador, que de encará-lo treme,  
 ele então:

— Quanto cabe em posses minhas,  
 vilíssimo Fineu (desterra sustos)  
 prestes aqui me tens para outorgar-to,  
 dom, para um tal cobarde, insigne, imenso: 300  
 serás sempre, eu to abono, imune a ferro.  
 Farei mais: por te dar perpetuidade,  
 estátua erguida a ti serás tu próprio,  
 do régio sogro ficarás nos paços,  
 por que nunca, revendo a imagem tua 305  
 mais saudade do esposo a esposa esfrie. —

}fl.211{ {fl.15}

{fl.15}

\*

\*

Diz; e o braço allongando áquella parte  
 <onde>/em que\ o trépido reo tem fito a drêde  
 o fugidio olhar, subito a vista  
 lhe assalta com a Phorcynida carranca;  
 pela desvêr o misero forceja;  
 quer o collo voltar, jaz hirto o collo;  
 jaz dos olhos o humor coalhado em pedra;  
 é marmore; inda marmore, comtudo,  
 conserva no semblante o mêdo, as preces,  
 a humildade no gesto, as mãos alçadas.

&lt;\*&gt;/II\

Triumphante o Abanciáde, com a esposa  
 volta de Argos natal aos pátrios muros.  
 Lá Prêto, irmão de Acrísio, então reinava  
 do expulso irmão sobre o usurpado sólio.  
 De Acrísio, seu avô, deslembra offensas,  
 e só vê o desastre, o heroe guerreiro.  
 Protestou de o vingar. Invade a Prêto  
 com o monstro serpentífero na dextra.  
 Contra os influxos da visão terrível  
 nem fortes cidadellas conquistadas,  
 nem possantes exércitos valeram.

\*

}fl.212{ {fl.16}

{fl.16}

\*

\*

De triumpho em triumpho assim voava  
 o afamado Perseu.

Mas provas tantas  
 de infortunio e valor inda não bastam  
 a te mover, ó duro Polydectes,  
 vaidoso Rei da ilhêta de Seriphe;  
 votaste-lhe odio eterno, acerbo, injusto;  
 contra elle a teu furor não pões limites;

Diz; e o braço alongando àquela parte  
 em que o trépido réu tem fito adrede  
 o fugidio olhar, súbito a vista  
 lhe assalta com a Forcínida carranca;  
 pela desver o mísero forceja;  
 quer o colo voltar, jaz hirto o colo;  
 jaz dos olhos o humor coalhado em pedra;  
 é mármore; inda mármore, contudo,  
 conserva no semblante o medo, as preces,  
 a humildade no gesto, as mãos alçadas.

II

Triunfante o Abanciáde, com a esposa  
 volta de Argos natal aos pátrios muros.  
 Lá Preto, irmão de Acrísio, então reinava  
 do expulso irmão sobre o usurpado sólio.  
 De Acrísio, seu avô, deslembra ofensas,  
 e só vê o desastre, o herói guerreiro.  
 Protestou de o vingar. Invade a Preto  
 com o monstro serpentífero na destra.  
 Contra os influxos da visão terrível  
 nem fortes cidadelas conquistadas,  
 nem possantes exércitos valeram.

\*

310

315

320

325

De triunfo em triunfo assim voava  
 o afamado Perseu.

Mas provas tantas  
 de infortúnio e valor inda não bastam  
 a te mover, ó duro Polidectes,  
 vaidoso rei da ilheta de Serife;  
 votaste-lhe ódio eterno, acerbo, injusto;  
 contra ele a teu furor não pões limites;

330

zombas-lhe do renome, e dás por conto  
o grão boato de prostrar Medusa.  
– “Se é verdadeiro ou não, vel-o-has agora.  
“Fechae os olhos, vós.” –

Assim dizendo,

saca aos ares Perseu Gorgóneo vulto,  
e eis feito o contumaz exangue seixo.

\*

Do aurigénito irmão té’qui na guarda  
sócia Pallas correu; mas em Seriphe  
o larga. Em nuvem cõncava se parte,  
deixando Cythno e Gyaro á direita;  
enfía o vôo que antolhou mais curto,  
por sobre o mar, na direcção de Thebas.

}fl.213{ {fl.17}

De lá se expede ao Hélicon Virgíneo;  
desce, e ás doutas Irmans d’est’arte fala:  
– “Ouvi que o Meduseu cavallo aéreo  
“rompêra, a golpes do ferrenho casco  
“n’esta vossa montanha amena fonte  
“ancia de a ver me traz. Brotar do sangue  
“o Pégaso vi eu; mas para assombros  
“não vem menos cabal este prodígio.” –  
– “Qualquer que seja a causa – acode Urânia, –  
“á nossa habitação sempre és bemvinda.  
“Quanto á fonte, porém, foi certa a fama:  
“o Pégaso a rompeu.” –

E a guia á fonte.

\*

Pasma a deidade longo praso absôrta,  
que um pé rasgasse tão caudal nascente.  
Corre depois com a vista espairecida  
as sacras umbrosissimas florestas,  
as grutas frêscas, o matiz donoso  
das boninas na terra alcatifada.

zombas-lhe do renome, e dás por conto 335  
o grão boato de prostrar Medusa.  
— Se é verdadeiro ou não, vê-lo-ás agora.  
Fechai os olhos, vós. —

Assim dizendo,

saca aos ares Perseu gorgôneo vulto,  
e eis feito o contumaz exangue seixo. 340

\*

Do aurigênito irmão té’qui na guarda  
sócia Palas correu; mas em Serife  
o larga. Em nuvem cõncava se parte,  
deixando Citno e Gíaro à direita;  
enfia o voo que antolhou mais curto, 345  
por sobre o mar, na direcção de Tebas.

{fl.17}

De lá se expede ao Hélicon Virgíneo;  
desce, e às doutas irmãs destarte fala:  
— Ouvi que o Meduseu cavalo aéreo  
rompera, a golpes do ferrenho casco 350  
nesta vossa montanha amena fonte  
ânsia de a ver me traz. Brotar do sangue  
o Pégaso vi eu; mas para assombros  
não vem menos cabal este prodígio. —  
— Qualquer que seja a causa – acode Urânia, – 355  
à nossa habitação sempre és bem-vinda.  
Quanto à fonte, porém, foi certa a fama:  
o Pégaso a rompeu. —

E a guia à fonte.

\*

Pasma a deidade longo prazo absorta,  
que um pé rasgasse tão caudal nascente. 360  
Corre depois com a vista espairecida  
as sacras umbrosíssimas florestas,  
as grutas frescas, o matiz donoso  
das boninas na terra alcatifada.



<p>– “Sejam-vos parabens d’estes regalos – diz ella. – “Dou-vos eu por mui felizes, “que haveis estudos taes em sitios d’estes. – – “Ó Tritónia - responde uma das Musas, –</p>	<p>— Sejam-vos parabéns destes regalos – diz ela. – Dou-vos eu por mui felizes, que haveis estudos tais em sítios destes. — — Ó Tritônia – responde uma das Musas, –</p>	<p>365</p>
}fl.214{ {fl.18}	{fl.18}	
<p>“tu, que, se o teu valor não te envidára “mais altas glórias, entre nós serías, “rasão tens de os louvar, estudo e sitio. “Doce é nosso viver, se o não turbarem; “mas ¿onde ha contra os maus seguro asylo? “virgíneos corações assusta um nada. “Inda ver Pyreneu se me afigura; “inda em mim não tornei; contar-t’o devo.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>tu, que, se o teu valor não te envidara mais altas glórias, entre nós serías, razão tens de os louvar, estudo e sítio. Doce é nosso viver, se o não turbarem; mas onde há contra os maus seguro asilo? Virgíneos corações assusta um nada. Inda ver Pireneu se me afigura; inda em mim não tornei; contar-to devo.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>370</p>
<p>“Conquistára feroz com as Thrácias hostes “os Dáulios, os Phoceus; toda essa terra “lhe soffria o tirano, o férreo, jugo. “Ao templo nosso no Parnásio sêrro “inda nós uma vez, acérta o impio “de nos ver ao passar; com falso culto “se vem a nós. - <u>Mnemónides deidades</u> (nos diz; o enganador nos conhecia), “<u>detende-vos sequer, e em minha estancia</u> “<u>em quanto dura a chuva entrae, vos peço</u> “(rijo ia o temporal). <u>Já por choupanas</u> “<u>menores que esta se albergaram numes.</u>  ”  – “Moveu-nos o mau tempo, e o bom convite;</p>	<p>Conquistara feroz com as trácias hostes os dáulios, os focuus; toda essa terra lhe sofria o tirano, o férreo, jugo. Ao templo nosso no Parnásio serro inda nós uma vez, acerta o ímpio de nos ver ao passar; com falso culto se vem a nós. ‘Mnemônides deidades (nos diz; o enganador nos conhecia), detende-vos sequer, e em minha estância enquanto dura a chuva entrai, vos peço (rijo ia o temporal). Já por choupanas menores que esta se albergaram numes.’ Moveu-nos o mau tempo, e o bom convite;</p>	<p>380</p>
}fl.215{ {fl.19}	{fl.19}	
<p>“aceitamos, e ás régias ante-salas “seguimos o traidor. Parára a chuva; “aquilão succedêra aos rijos austros, “ia limpando o ceo; partir dispomos. “Eil-o as portas nos fecha, e já se apresta “a usar connosco de brutal violencia.</p>	<p>aceitamos, e às régias antessalas seguimos o traidor. Parara a chuva; Aquilão sucedera aos rijos Austros, ia limpando o céu; partir dispomos. Ei-lo as portas nos fecha, e já se apresta a usar conosco de brutal violência.</p>	<p>390</p>
<p>“a usar connosco de brutal violencia.</p>	<p>a usar conosco de brutal violência.</p>	<p>395</p>

“De azas, por lhe escapar, nos revestimos,  
 “e abrimos vão ao ceo. Burlado e louco,  
 “do palacio ao pináculo se assôma;  
 “cubiça de voar em nosso alcance.  
 “–¿Pelos ceos me fugís? por lá vos sigo |”–  
 “clama insensato, e da medonha altura  
 “arranca um salto; de rondão revôlto  
 “pelos ares mergulha, e face em terra  
 “dá, estoira. Entre os ossos dispartidos,  
 “do seu sangue n’um mar lá jaz, lá morre.” –

\*

Inda a Musa falava, eis que ressoam  
 revoadas no ar, e logo vozes  
 de saudação nos píncaros da selva.  
 Ergue os olhos de Jupiter a filha  
 a procurar d’onde estas phrases cáiam,

}fl.216{ {fl.20}

que de humanas dão ar; mas não vê homem;  
 aves, só, vê. São essas, nove pêgas,  
 que poisadas nos ramos se lastimam  
 com a voz sagaz com que arremédam tudo.

\*

A Musa, que no enleio lhe repara,  
 – “São – lhe diz – “esses passaros tão novos,  
 “que inda muito não ha eram donzellas;  
 “n’um certâme poetico vencidas  
 “deram no que teus olhos estão vendo.  
 “Písero, em Pelleus campos abastado,  
 “foi seu pae; sua mãe, Peónia Evippe.  
 “Veze nove invocando a gran Lucina,  
 “Evippe de hymeneu deu nove frutos;  
 “fez-lhe vanglória o número; correram  
 “de cidade em cidade Hemónia, Acháia,  
 “chegam cá, e d’est’arte nos provocam.  
 “– Findae, findae, Thespíades, que é tempo,

De asas, por lhe escapar, nos revestimos,  
 e abrimos vão ao céu. Burlado e louco,  
 do palácio ao pináculo se assoma;  
 cobiça de voar em nosso alcance.  
 ‘Pelos céus me fugis? Por lá vos sigo’  
 clama insensato, e da medonha altura  
 arranca um salto; de rondão revoltado  
 pelos ares mergulha, e face em terra  
 dá, estoira. Entre os ossos dispartidos,  
 do seu sangue num mar lá jaz, lá morre. —

\*

Inda a musa falava, eis que ressoam  
 revoadas no ar, e logo vozes  
 de saudação nos píncaros da selva.  
 Ergue os olhos de Júpiter a filha  
 a procurar donde estas frases caíam,

{fl.20}

que de humanas dão ar; mas não vê homem;  
 aves, só, vê. São essas, nove pegas,  
 que poisadas nos ramos se lastimam  
 com a voz sagaz com que arremedam tudo.

\*

A musa, que no enleio lhe repara,  
 — São – lhe diz – esses pássaros tão novos,  
 que inda muito não há eram donzelas;  
 num certame poético vencidas  
 deram no que teus olhos estão vendo.  
 Písero, em Peleus campos abastado,  
 foi seu pai; sua mãe, peônia Evipe.  
 Veze nove invocando a grã Lucina,  
 Evipe de himeneu deu nove frutos;  
 fez-lhe vanglória o número; correram  
 de cidade em cidade Hemônia, Acaia,  
 chegam cá, e destarte nos provocam.  
 ‘Findai, findai, Tespíades, que é tempo,

<p><u>“vans melodias, seducção de nescios;</u>  <u>“se tanto presumís, cantae connosco;</u>  <u>“na doçura da voz, no esmêro da arte,</u>  <u>“não nos ganhais; sois nove, e nove somos.</u>  <u>“Hippocréne e Aganippe, a ser vencidas,</u>  <u>“cedel-as-heis a nós. Se obtendes palma,</u></p>	<p>vãs melodias, sedução de néscios;  se tanto presumis, cantai connosco;  na doçura da voz, no esmero da arte,  não nos ganhais; sois nove, e nove somos.  Hipocrene e Aganipe, a ser vencidas,  cedê-las-eis a nós. Se obtendes palma,</p>	<p>430</p>
}fl.217{ {fl.21}		{fl.21}
<p><u>“ficam dominio vosso os largos campos,</u>  <u>“da Emáthia aos cumes dos Peónios gelos.</u>  <u>“Podem servir-nos de árbitras as nymphas. ]” –</u>  <u>“Se a contenda era afronta, a mór afronta</u>  <u>“nos pareceu fugirmos da contenda.</u>  <u>“Juramentadas pelos sacros rios</u>  <u>“de manter seu direito ás partes ambas,</u>  <u>“tomam assento no rochedo as nymphas;</u>  <u>“compõe-se o tribunal. Sai de repente</u>  <u>“a que em nome das mais propôz a lide;</u>  <u>“sem aguardar sorteio encêta o canto;</u>  <u>“a guerra dos Celícolas relata;</u>  <u>“mente elogíos aos crueis gigantes;</u>  <u>“dos altos numes atenúa os feitos.</u>  <u>“Diz que Typheu, da baixa terra erguido,</u>  <u>“pôz do Ceo perturbado em fuga os numes,</u>  <u>“que só foram parar lá onde abrigo</u>  <u>“lhes deu septêmfluo Nilo, Egypcia terra;</u>  <u>“que até lá triunfante os perseguira</u>  <u>“terrígeno Typ h eu, de quem medrosos,</u>  <u>“em falsas fôrmas se agácharam todos.</u>  <u>“– Jove mesmo (diz ella), o próprio Jove,</u>  <u>“fez-se carneiro, de um rebanho guia;</u></p>	<p>ficam domínio vosso os largos campos,  da Emátia aos cumes dos peônios gelos.  Podem servir-nos de árbitras as ninfas.’  Se a contenda era afronta, a mor afronta  nos pareceu fugirmos da contenda.  Juramentadas pelos sacros rios  de manter seu direito às partes ambas,  tomam assento no rochedo as ninfas;  compõe-se o tribunal. Sai de repente  a que em nome das mais propôs a lide;  sem aguardar sorteio enceta o canto;  a guerra dos celícolas relata;  mente elogios aos cruéis gigantes;  dos altos numes atenua os feitos.  Diz que Tifeu, da baixa terra erguido,  pôs do céu perturbado em fuga os numes,  que só foram parar lá onde abrigo  lhes deu septênfluo Nilo, egípcia terra;  que até lá triunfante os perseguira  terrígeno Tifeu, de quem medrosos,  em falsas formas se agacharam todos.  ‘Jove mesmo (diz ela), o próprio Jove,  fez-se carneiro, de um rebanho guia;</p>	<p>435</p> <p>440</p> <p>445</p> <p>450</p> <p>455</p>
}fl.218{ {fl.22}		{fl.22}
<p><u>“inda Lybia lhe adora as curvas pontas;</u>  <u>“Délio foi corvo; o filho de Seméle</u>  <u>“capro foi; uma gata a irman de Phebo;</u></p>	<p>inda Líbia lhe adora as curvas pontas;  Délio foi corvo; o filho de Semele  capro foi; uma gata a irmã de Febo;</p>	

<p><u>“Juno, candida vacca; Venus, peixe;</u>  <u>“Ibis o caducífero Mercurio. ]”</u>–  “E da cítara ao som deu fim seu canto.  “Seguiu-se a nossa vez; mas... temo, ó deusa,  “que te falte vagar para escutar-nos.” –  – “;Oh! nem vagar, nem gôsto - acode Pallas; –  “segue-se o canto vosso; anhélo ouvil-o.” –  E toma entre ellas na viçosa relva  facil assento do arvoredado á sombra.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>– “Calliope – a Meónia continúa –  “por todas nós se encarregou do pleito;  “surge das heras coroada, esparsa a coma;  “das maviosas, das gementes cordas  “extraí doce prelúdio, e canta á lyra:  “– <u>Quem primeiro estreou na terra virgem</u>  <u>“o arado criador, primeiro aos povos</u>  <u>“deu macio sustento em áureas messes,</u>  <u>“e em meditadas leis costumes, patria,</u>  <u>“Ceres foi; tudo é dádiva de Ceres.</u></p>	<p>Juno, cândida vaca; Vênus, peixe; 460  Íbis o caducífero Mercúrio.’  E da cítara ao som deu fim seu canto.  Seguiu-se a nossa vez; mas... temo, ó deusa,  que te falte vagar para escutar-nos. —  — Oh! Nem vagar, nem gosto – acode Palas; – 465  segue-se o canto vosso; anelo ouvi-lo. —  E toma entre elas na viçosa relva  fácil assento do arvoredado à sombra.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>— Calíope – a meônia continua –  por todas nós se encarregou do pleito; 470  surge das heras coroada, esparsa a coma;  das maviosas, das gementes cordas  extraí doce prelúdio, e canta à lira:  ‘Quem primeiro estreou na terra virgem  o arado criador, primeiro aos povos 475  deu macio sustento em áureas messes,  e em meditadas leis costumes, pátria,  Ceres foi; tudo é dádiva de Ceres.</p>
}fl.219{ {fl.23}	{fl.23}
<p><u>“Quanto ella é digna de formosos cantos,</u>  <u>“;possais vós, cantos meus, ser dignos d’ella!</u></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p><u>“Dos abysmos do mar circumsonante</u>  <u>“surge a Trinácia vasta, a cujo pêzo</u>  <u>“o colossal Typhœu jaz sotopôsto.</u>  <u>“Ao que tanto dos Ceos contou com a posse,</u>  <u>“nas entranhas da terra ali o afrontam</u>  <u>“de bastas serras horrorosas massas.</u>  <u>“A miude barafusta, e luta erguer-se;</u>  <u>“mas sobre a dextra mão lhe está pezando</u>  <u>“o Itálico Pelóro; o grão Pachyno</u>  <u>“na esquerda; o Lilybeu lhe opprime as pernas.</u>  <u>“O Etna lhe afunda a túrbida cabeça,</u></p>	<p>Quanto ela é digna de formosos cantos,  possais vós, cantos meus, ser dignos dela! 480</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Dos abismos do mar circumsonante  surge a Trinácia vasta, a cujo peso  o colossal Tifeu jaz sotoposto.  Ao que tanto dos Céus contou com a posse,  nas entranhas da terra ali o afrontam 485  de bastas serras horrorosas massas.  Amiúde barafusta, e luta erguer-se;  mas sobre a destra mão lhe está pesando  o itálico Peloro; o grão Paquino  na esquerda; o Lilybeu lhe opprime as pernas. 490  O Etna lhe afunda a túrbida cabeça,</p>

<p><u>“o Etna, por onde as fauces do raivoso</u>  <u>“rójam trovões e fumo, incendio e lava.</u>  <u>“Cança com a bruta carga o corpo bruto;</u>  <u>“sacudir-vos então de si forceja,</u>  <u>“altas cidades, torreados montes;</u>  <u>“retreme a terra; enfia o Rei das Sombras,</u>  <u>“que já por boqueirões, se o solo os rasga,</u>  <u>“presume entrar-lhe a luz, turbar-lhe os mortos.</u></p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>o Etna, por onde as fauces do raivoso  rojam trovões e fumo, incêndio e lava.  Cansa com a bruta carga o corpo bruto;  sacudir-vos então de si forceja,  altas cidades, torreados montes;  retreme a terra; enfia o rei das sombras,  que já por boqueirões, se o solo os rasga,  presume entrar-lhe a luz, turbar-lhe os mortos.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>495</p>
<p><u>“Com esta apreensão, monta a rolante</u>  <u>“atra quadriga sua, e sai do Averno.</u></p>	<p>Com esta apreensão, monta a rolante  atra quadriga sua, e sai do Averno.</p>	<p>500</p>
<p>}fl.220{ {fl.24}</p>	<p>{fl.24}</p>	
<p><u>“Estuda, em derredor lustrando a Ilha,</u>  <u>“dos fundamentos della estado e fôrça;</u>  <u>“vê tudo firme; despediu cuidados,</u>  <u>“e deu a espaiecer por breve espaço,</u>  <u>“ao tão fresco, e tão claro, e tão risonho</u>  <u>“ar da superna vida.</u></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p style="text-align: center;"><u>Eis que Erycina,</u></p>	<p>Estuda, em derredor lustrando a ilha,  dos fundamentos dela estado e força;  vê tudo firme; despediu cuidados,  e deu a espaiecer por breve espaço,  ao tão fresco, e tão claro, e tão risonho  ar da superna vida.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p style="text-align: center;"><u>Eis que Ericina,</u></p>	<p>505</p>
<p><u>“do seu monte, onde então se reclinava,</u>  <u>“o avista ao longe, o reconhece. Exulta,</u>  <u>“corre, e diz, abraçando o Filho alado:</u>  <u>“– Filho, meu braço, meu poder, meu tudo,</u>  <u>“Amor, toma os farpões que a ninguem poupam;</u>  <u>“fere o nume já já, fere-me o nume,</u>  <u>“a quem Terceiro Império as Sortes deram.</u>  <u>“Tu domas os do Ceo, té mesmo a Jove;</u>  <u>“os do Mar, e o que os rege, a ti se humilham</u>  <u>“privilegios que ao Mar, que ao Ceo negamos,</u>  <u>“¿dal-os-hemos ao Orco? ¡Ah! ¿por que tardas</u>  <u>“em dilatar teu nome e nosso império?</u>  <u>“¡Perder, perder um têrço do Universo!</u>  <u>“¿Que digo? o proprio Ceo, tão nosso um tempo,</u>  <u>“já (¡oh vergonha, ¡oh dor!) nos vai fugindo.</u></p>	<p>do seu monte, onde então se reclinava,  o avista ao longe, o reconhece. Exulta,  corre, e diz, abraçando o filho alado:  ‘Filho, meu braço, meu poder, meu tudo,  Amor, toma os farpões que a ninguém poupam;  fere o nume já já, fere-me o nume,  a quem terceiro império as Sortes deram.  Tu domas os do céu, ‘té mesmo a Jove;  os do mar, e o que os rege, a ti se humilham  privilégios que ao mar, que ao céu negamos,  dá-los-emos ao Orco? Ah! Por que tardas  em dilatar teu nome e nosso império?  Perder, perder um terço do universo!  Que digo? O próprio céu, tão nosso um tempo,  já (oh vergonha, oh dor!) nos vai fugindo.</p>	<p>510</p> <p>515</p> <p>520</p>

“Vê Pallas; vê Diana a caçadora;

Vê Palas; vê Diana a caçadora;

}fl.221{ {fl.25}

{fl.25}

“;fazem conta de mim? Pois não é tudo;

fazem conta de mim? Pois não é tudo;

“que de Ceres a filha, a exemplo d’ellas,

que de Ceres a filha, a exemplo delas,

525

“ficára virgem, se lh’o nós soffrermos.

ficara virgem, se lho nós sofrermos.

“Se inda te importa, ó filho, o nosso reino,

Se inda te importa, ó filho, o nosso reino,

“e desejos de mãe contigo valem,

e desejos de mãe contigo valem,

“vôa, fere, une a deusa ao tio nume. |”|–

voa, fere, une a deusa ao tio nume.’

“Dissera; abre Cupido o cóldre cheio,

Dissera; abre Cupido o coldre cheio,

530

“e extrai de mil farpões o que ella escolhe,

e extrai de mil farpões o que ela escolhe,

“o que em certo e agudo aos mais excede;

o que em certo e agudo aos mais excede;

“o arco invencível no joelho accurva,

o arco invencível no joelho acurva,

“põe alvo em Dite, o coração lhe rasga.

põe alvo em Dite, o coração lhe rasga.

\*

\*

“Jaz, não distante de Henna um lago fundo;

Jaz, não distante de Ena um lago fundo;

535

“Pérgo é seu nome. A gorgear-lhe as margens

Pergo é seu nome. A gorgear-lhe as margens

“não tem mais cisnes lúcido Caystro.

não tem mais cisnes lúcido Caístro.

“C’rôa as aguas selvática espessura,

C’roa as águas selvática espessura,

“que debruça, que allonga, que entretece

que debruça, que alonga, que entretece

“vasto frondoso veo, que os soes não rompem.

vasto frondoso véu, que os sóis não rompem.

540

“Entórnas doce frêsko as ramas verdes;

Entornam doce fresco as ramas verdes;

“pulam do húmido chão variadas flores;

pulam do úmido chão variadas flores;

“reina, odóra e contínua, a primavera.

reina, odora e contínua, a primavera.

“Lá se andava Prosérpina folgando,

Lá se andava Prosérpina folgando,

}fl.222{ {fl.26}

{fl.26}

“colhendo aqui um lyrio, além violetas,

colhendo aqui um lírio, além violetas,

545

“com as sócias apostada a qual mais breve

com as sócias apostada a qual mais breve

“(;doces cuidados de innocentes annos!)

(doces cuidados de inocentes anos!)

“cêsto e regaço os enchera de flores.

cesto e regaço os enchera de flores.

“Eis... (rapidez de amor excede a todas)

Eis... (rapidez de amor excede a todas)

“a vê, a adora, a rouba, o Rei do Averno.

a vê, a adora, a rouba, o rei do Averno.

550

“Toda mêdos e assombro a sem-ventura

Toda medos e assombro a sem-ventura

“por sua mãe, por suas sócias grita,

por sua mãe, por suas sócias grita,

“porém mais pela mãe, que pelas sócias.

porém mais pela mãe, que pelas sócias.

“Nas ancias da afflicção lacéra as vestes;  
“as boninas no gremio enthesoiradas  
“caem-lhe aos pés, desparzem-se na terra;  
“;vêde agora a infantil simplicidade!:  
“o perder flores taes lhe ha dado pena.

\*

“O roubador, afervorando a fuga,  
“brada a cada frisão pelo seu nome,  
“com as rédeas negras lhes açoita os collos;  
“atravessam, trotando, os fundos lagos,  
“os Palícios marneis, que estão, ferventes,  
“sulfúrea exalação mandando aos ares,  
“e o sitio onde seus muros erigiram

}fl.223{ {fl.27}

“entre dois portos deseguaes os BÁCCHIOS,  
“oriunda gente da bimar Corintho.

\*

“Mette o mar entre Cyane e Arethusa  
“uma abra pela terra, onde vivia  
“das nymphas da Sicilia a mais famosa,  
“Cyane, a propria que deu nome ao lago.  
“Essa, á passagem do troante coche,  
“meia surge do pégo: e conhecendo  
“roubada e roubador,  
 – “Detem-te (exclama),  
“avante não ireis; mau grado a Céres  
“não serás genro seu; para pedida,  
“que não para roubada, era essa virgem;  
“se cabe exemplo humilde em grandes coisas,  
“citar-vos posso o meu, que fui de Anápis  
“o enlêvo, o encanto, o idolo, a cegueira;  
“sim, veio a me alcançar por sua esposa,  
“mas, a poder de súplicas, de votos;  
“não, como essa, aterrada espavorida. ]”|–  
“Diz, e os braços abrindo, oppõe-se aos brutos.

Nas ânsias da aflicção lacera as vestes;  
 as boninas no grêmio entesoiradas  
 caem-lhe aos pés, desparzem-se na terra;  
 vede agora a infantil simplicidade!:  
 O perder flores tais lhe há dado pena.

\*

O roubador, afervorando a fuga,  
 brada a cada frisão pelo seu nome,  
 com as rédeas negras lhes açoita os colos;  
 atravessam, trotando, os fundos lagos,  
 os Palícios marnéis, que estão, ferventes,  
 sulfúrea exalação mandando aos ares,  
 e o sítio onde seus muros erigiram

{fl.27}

entre dois portos desiguais os Báquios,  
 oriunda gente da bimar Corinto.

\*

Mete o mar entre Cíane e Aretusa  
 uma abra pela terra, onde vivia  
 das ninfas da Sicília a mais famosa,  
 Cíane, a própria que deu nome ao lago.  
 Essa, à passagem do troante coche,  
 meia surge do pego: e conhecendo  
 roubada e roubador,  
 ‘Detém-te (exclama),  
 avante não ireis; mau grado a Ceres  
 não serás genro seu; para pedida,  
 que não para roubada, era essa virgem;  
 se cabe exemplo humilde em grandes coisas,  
 citar-vos posso o meu, que fui de Anápis  
 o enlevo, o encanto, o ídolo, a cegueira;  
 sim, veio a me alcançar por sua esposa,  
 mas, a poder de súplicas, de votos;  
 não, como essa, aterrada espavorida.’  
 Diz, e os braços abrindo, opõe-se aos brutos.

555

560

565

570

575

580

<u>“Já não tem mão na cólera o Saturnio;</u>	Já não tem mão na cólera o Saturnio;	585
}fl.224{ {fl.28}	{fl.28}	
<u>“incitando os terríveis corredores,</u>	incitando os terríveis corredores,	
<u>“pronto arremeça com o possante braço</u>	pronto arremessa com o possante braço	
<u>“às entranhas do pégo o sceptro augusto.</u>	às entranhas do pego o cetro augusto.	
<u>“Rasgada a terra ao golpe, abre ampla estrada</u>	Rasgada a terra ao golpe, abre ampla estrada	
<u>“às regiões da Morte, e sórve o coche</u>	às regiões da morte, e sorve o coche	590
<u>“pelo atro boqueirão redemoinhado.</u>	pelo atro boqueirão redemoinhado.	
*	*	
<u>“Mas Cyane chorando amargamente</u>	Mas Cíane chorando amargamente	
<u>“da deusa o rapto, a afronta do seu lago,</u>	da deusa o rapto, a afronta do seu lago,	
<u>“curte em silencio dolorosa f’rida;</u>	curte em silencio dolorosa f’rida;	
<u>“toda se gasta em lagrimas teimosas,</u>	toda se gasta em lágrimas teimosas,	595
<u>“toda se esvai desfeita n’estas aguas,</u>	toda se esvai desfeita nestas águas,	
<u>“n’estas de que inda ha pouco era alto nume.</u>	nestas de que inda há pouco era alto nume.	
<u>“Víreis ir-se-lhe o corpo embrandecendo,</u>	Víreis ir-se-lhe o corpo embrandecendo,	
<u>“os ossos já tornando-se flexiveis,</u>	os ossos já tornando-se flexíveis,	
<u>“unhas, molles; primeiro se derrete</u>	unhas, moles; primeiro se derrete	600
<u>“o que é mais ténue: cérulos cabellos,</u>	o que é mais ténue: cérulos cabelos,	
<u>“dedos, mãos, braços, pés, porque a mudança</u>	dedos, mãos, braços, pés, porque a mudança	
<u>“do menos grôso em lymphá era mais facil;</u>	do menos grosso em linfa era mais fácil;	
<u>“seguem-se hombros, espaldas, peitos, lados,</u>	seguem-se ombros, espaldas, peitos, lados,	
<u>“a fugir em torrente; emfim, nas veias</u>	a fugir em torrente; enfim, nas veias	605
<u>“ao sangue dessorado água succede;</u>	ao sangue dessorado água sucede;	
<u>“nada lhe resta que apanhar-se possa.</u>	nada lhe resta que apanhar-se possa.	
*	*	
}fl.225{ {fl.29}	{fl.29}	
*	*	
<u>“Não cessava no emtanto a afflictá Céres</u>	Não cessava no entanto a aflita Ceres	
<u>“de correr terra e mar buscando a filha.</u>	de correr terra e mar buscando a filha.	
<u>“No mesmo desatino a recontravam,</u>	No mesmo desatino a recontravam,	610
<u>“ao fim da noite a Aurora, a Hespéria estrella</u>	ao fim da noite a Aurora, a Hespéria estrela	
<u>“ao desfazer da luz. Com dois pinheiros</u>	ao desfazer da luz. Com dois pinheiros	
<u>“apertados nas mãos, e acezos no Etna &lt;,&gt;</u>	apertados nas mãos, e acesos no Etna	



“á hora do crepusculo, perlustra,  
“sonda, interroga, as trevas orvalhosas.  
“Larga-os, como percebe esvahir de astros  
“ante o arrebol diurno; e em novas ancias  
“vai, vem, dos ceos do Eóo aos ceos do Occaso.

\*

“Déra-lhe sêde a aspérrima fadiga,  
“e não tinha parado em fonte alguma.  
“Vê choupaninha que recobrem côlmos;  
“bate á porta; uma velha acode a abrir-lh’a,  
“que ao pôr os olhos em hóspeda tão guapa,  
“e sabendo o que a traz, corre aguçosa,  
“e lhe apresenta em pucaro de barro  
“por agua um doce líquido succoso,  
“em que ferveu polenta. Não de esmero  
“o brinde foi, mas dava-lhe o que tinha.  
“Como tal o recebe; e como néctar

}fl.226{ {fl.30}

“ávida o leva á bôcca, o sorve a tragos  
“a deusa sem parar. Um cachopinho  
“de condição proterva e lingua prestes,  
“vendo tal, sai da choça, encara n’ella,  
“dispára em riso, e sôffrega lhe chama.  
“Ao gôsto do beber deu mate a ira;  
“alça a deidade o vaso, e quanto ha n’elle  
“no petulante o emborca. Eis-lhe no rôsto  
“as alvas manchas da farinha impressas;  
“fazem-se os braços pernas; todo o corpo  
“se tresfigura; já lhe acresce cauda;  
“e, para que offender não possa tanto,  
“cede em tamanho á propria largartixa.  
“Corre açodada a velha apóz o monstro,  
“absôrta, aos ais, em pranto debulhada;  
“quer-lhe ao menos tocar; baldado empenho:  
“sumiu-se n’uma toca, e desaparece.

à hora do crepúsculo, perlustra,  
sonda, interroga, as trevas orvalhosas.  
Larga-os, como percebe esvair de astros  
ante o arrebol diurno; e em novas ânsias  
vai, vem, dos céus do Eoo aos céus do ocaseo.

\*

Dera-lhe sede a aspérrima fadiga,  
e não tinha parado em fonte alguma.  
Vê choupaninha que recobrem colmos;  
bate à porta; uma velha acode a abrir-lha,  
que ao pôr os olhos em hóspeda tão guapa,  
e sabendo o que a traz, corre aguçosa,  
e lhe apresenta em púcaro de barro  
por água um doce líquido succoso,  
em que ferveu polenta. Não de esmero  
o brinde foi, mas dava-lhe o que tinha.  
Como tal o recebe; e como néctar

{fl.30}

ávida o leva à boca, o sorve a tragos  
a deusa sem parar. Um cachopinho  
de condição proterva e língua prestes,  
vendo tal, sai da choça, encara nela,  
dispara em riso, e sôfrega lhe chama.  
Ao gosto do beber deu mate a ira;  
alça a deidade o vaso, e quanto há nele  
no petulante o emborca. Eis-lhe no rosto  
as alvas manchas da farinha impressas;  
fazem-se os braços pernas; todo o corpo  
se tresfigura; já lhe acresce cauda;  
e, para que ofender não possa tanto,  
cede em tamanho à própria lagartixa.  
Corre açodada a velha após o monstro,  
absorta, aos ais, em pranto debulhada;  
quer-lhe ao menos tocar; baldado empenho:  
sumiu-se numa toca, e desaparece.

“Inda comtudo existe; inda hoje guarda  
“signaes das gôttas na estrellada pelle;  
“d’onde, nome lhe ha dado a Ausonia gente.

\*

“Longo fôra apontar que terras, que ondas,

}fl.227{ {fl.31}

“Céres peregrinou d’essa hora avante;  
“fındava o orbe, e não fındava a busca.

\*

“Volve á Sicânia a escudrinhar de novo;

“torna a Cyane; ;oh! Cyane viu tudo,

“e tudo quanto viu narrar podéra;

“porém Cyane é lago; e um lago é mudo.

“Claros indícios do successo infando,

“todavia lh’os deu, porque á flor d’agua

“lhe mostrou |aboindo o proprio cinto

“(;ai! ;quão lembrado dos maternos olhos!),

“o cinto, o mesmo que ao transpôr do pégo

“Prosérpina alheada ali perdêra.

“Com ver tal prenda a mãe, qual se do rapto

“só lhe então rebentasse a crua nova,

“desgrenha, dilacéra as tranças nuas;

“novamente com as mãos contunde o peito;

“qual terra lh’a detém não sabe ainda;

“como a detém alguma, increpa todas;

“chama-as ingratas, de seus dons indignas,

“a Trinácia mormente, a vil Trinácia,

“onde com as mostras do seu dâmno encontra.

}fl.228{ {fl.32}

“Quebra os arados com feroz despeito;

“lavradores e bois entrega á morte,

“e os gérmes viciando, ordena aos campos,

“que a emprestada semente ás foices neguem.

“;Adeus, fertilidade, adeus, seáras

Inda contudo existe; inda hoje guarda  
 sinais das gotas na estrelada pele;  
 donde, nome lhe há dado a ausônia gente.

\*

Longo fora apontar que terras, que ondas,

{fl.31}

Ceres peregrinou dessa hora avante;  
 findava o orbe, e não findava a busca.

\*

Volve à Sicânia a escudrinhar de novo;

torna a Cíane; ó! Cíane viu tudo,

e tudo quanto viu narrar pudera;

porém Cíane é lago; e um lago é mudo.

Claros indícios do sucesso infando,

todavia lhos deu, porque à flor d’água

lhe mostrou aboindo o próprio cinto

(Ai! Quão lembrado dos maternos olhos!),

o cinto, o mesmo que ao transpor do pego

Prosérpina alheada ali perdera.

Com ver tal prenda a mãe, qual se do rapto

só lhe então rebentasse a crua nova,

desgrenha, dilacera as tranças nuas;

novamente com as mãos contunde o peito;

qual terra lha detém não sabe ainda;

como a detém alguma, increpa todas;

chama-as ingratas, de seus dons indignas,

a Trinácia mormente, a vil Trinácia,

onde com as mostras do seu dano encontra.

650

655

660

665

670

{fl.32}

Quebra os arados com feroz despeito;

lavradores e bois entrega à morte,

e os germes viciando, ordena aos campos,

que a emprestada semente às foices neguem.

Adeus, fertilidade, adeus, searas

675

“d’este solo afamado em toda a parte!  
“Vós murchais, vós morreis, surgindo apenas;  
“agora o sol vos dâмна, agora as chuvas;  
“ligam-se em vossa pêrda o vento, os astros;  
“cobrem as leivas passaros damninhos;  
“abrólhos, joio, e grama, afogam tudo.

\*

“Eis que a sócia de Alpheu se ergue das ondas.  
“Do semblante os cabellos orvalhosos  
“para os lados arreda, e assim lhe fala:  
“– Mãe da virgem buscada em todo o mundo,  
“mãe das messes, dê fim teu grão trabalho;  
“contra a terra fiel não mais bravejes;  
“não te vem d’ella o mal; forçadamente  
“a esbulharam de um bem, que é mágua de ambas.  
“Não cuides que estes rogos m’os influa  
“int’resse, ou patrio amor; n’estas paragens

}fl.229{ {fl.33}

“sou forasteira e hóspeda. Sicília  
“entretanto a prefiro ao mais d’esse orbe;  
“aqui puz minha séde e meus penates.  
“Ó tu, das Immortaes a mais benigna,  
“minha vivenda, o meu retiro, poupa.  
“Quanto ao motivo que através das vagas  
“de mar tão amplo, me conduz tão longe,  
“a demandar a Ortygia, hora oportuna  
“virá de t’o eu narrar, quando mais livre  
“de cuidados te vir, mais leda em rôsto.  
“Só te agora direi, que peregrino  
“pelas entranhas lôbregas da terra,  
“tanto, que só aqui ressurjo a frente,  
“por consolar com a vista das estrellas  
“meus ólhos, já de as ver descostumados.  
“Saberás pois, que ao transpassar da Estyge  
“lá vi tua Prosérpina. Tristeza

deste solo afamado em toda a parte!  
 Vós murchais, vós morreis, surgindo apenas;  
 agora o sol vos dana, agora as chuvas;  
 ligam-se em vossa perda o vento, os astros;  
 cobrem as leivas pássaros daninhos;  
 abrolhos, joio, e grama, afogam tudo. 680

\*

Eis que a sócia de Alfeu se ergue das ondas.  
 Do semblante os cabelos orvalhosos  
 para os lados arreda, e assim lhe fala:  
 ‘Mãe da virgem buscada em todo o mundo, 685  
 mãe das messes, dê fim teu grão trabalho;  
 contra a terra fiel não mais bravejes;  
 não te vem dela o mal; forçadamente  
 a esbulharam de um bem, que é mágoa de ambas.  
 Não cuides que estes rogos mos influa 690  
 int’resse, ou pátrio amor; nestas paragens

{fl.33}

sou forasteira e hóspeda. Sicília  
 entretanto a prefiro ao mais desse orbe;  
 aqui pus minha sede e meus penates.  
 Ó tu, das imortais a mais benigna, 695  
 minha vivenda, o meu retiro, poupa.  
 Quanto ao motivo que através das vagas  
 de mar tão amplo, me conduz tão longe,  
 a demandar a Ortígia, hora oportuna  
 virá de to eu narrar, quando mais livre 700  
 de cuidados te vir, mais leda em rosto.  
 Só te agora direi, que peregrino  
 pelas entranhas lôbregas da terra,  
 tanto, que só aqui ressurjo a frente,  
 por consolar com a vista das estrelas 705  
 meus olhos, já de as ver descostumados.  
 Saberás pois, que ao transpassar da Estyge  
 lá vi tua Prosérpina. Tristeza

<u>“(não t’o nego), inda a mostra, &lt;o semblante&gt; [↑ e</u>	(não to nego), inda a mostra, e nem de todo	
<u>nem de todo]</u>		
<u>“o terror lhe passou; mas é Rainha;</u>	o terror lhe passou; mas é rainha;	710
<u>“é maioral d’aquelle mundo opáco;</u>	é maioral daquele mundo opaco;	
<u>“é do Tártar e o Rei possante espôsa.” –</u>	é do Tártareo rei possante esposa.’	
*	*	
<u>“Confusa do que ouviu, ficou de pedra</u>	Confusa do que ouviu, ficou de pedra	
<u>“por largo espaço a mãe. Lutáram luta</u>	por largo espaço a mãe. Lutaram luta	
}fl.230{ {fl.34}		{fl.34}
<u>“invisível, acerba, a dor e o pasmo;</u>	invisível, acerba, a dor e o pasmo;	715
<u>“venceu ao pasmo a dor.</u>	venceu ao pasmo a dor.	
*	*	
<u>“No etéreo coche</u>	No etéreo coche	
<u>“desfere vôo ás regiões do Éther;</u>	desfere voo às regiões do Éter;	
<u>“apresenta-se a Jove. As nuvens d’alma</u>	apresenta-se a Jove. As nuvens d’alma	
<u>“nas despeitosas faces lhe ressumbram,</u>	nas despeitosas faces lhe ressumbram,	
<u>“e em desprêzo o cabello ondeia esparso.</u>	e em desprezo o cabelo ondeia esparso.	720
<u>“– Por meu e por teu sangue orar-te venho,</u>	‘Por meu e por teu sangue orar-te venho,	
<u>“&lt;lhe diz&gt; Ó Júpiter – lhe diz – se a mãe não vale,</u>	ó Júpiter – lhe diz – se a mãe não vale,	
<u>“valha a filha ante o pae. ¡Oh! ¡não o enjeites!</u>	valha a filha ante o pai. Ó! Não o enjeites!	
<u>“¡não lhe negues favor, só por ser minha!</u>	Não lhe negues favor, só por ser minha!	
<u>“Já finalmente a achei, se, por ventura,</u>	Já finalmente a achei, se, porventura,	725
<u>“certeza de a perder se diz achal-a,</u>	certeza de a perder se diz achá-la,	
<u>“ou se achal-a se diz o saber d’ella.</u>	ou se achá-la se diz o saber dela.	
<u>“Já perdôo a traição, relevo o rapto,</u>	Já perdoo a traição, relevo o rapto,	
<u>“tudo desculpo enfim; mas que a reponha.</u>	tudo desculpo enfim; mas que a reponha.	
<u>“Sim, reponha-a, que á filha do Tonante</u>	Sim, reponha-a, que à filha do Tonante	730
<u>“(á minha não direi, pois não é minha)</u>	(à minha não direi, pois não é minha)	
<u>“mal cabe ser de um roubador consorte. ]” –</u>	mal cabe ser de um roubador consorte.’	
*	*	
<u>“Jove a interrompe:</u>	Jove a interrompe:	
– “[  <u>De ambos nós é filha,</u>	“De ambos nós é filha,	

}fl.231{ {fl.35}	{fl.35}
<u>“e mútua protecção devemos-lhe ambos;</u>	e mútua protecção devemos-lhe ambos;
<u>“porém, se o próprio nome às coisas dermos,</u>	porém, se o próprio nome às coisas dermos, 735
<u>“;que fica a injúria? amor. Tal genro, ó diva,</u>	que fica a injúria? Amor. Tal genro, ó diva,
<u>“a consentil-o tu, não nos desdoira.</u>	a consenti-lo tu, não nos desdoira.
<u>“Inda, sem outros títulos, sobrará</u>	Inda, sem outros títulos, sobrara
<u>“o ser de Jove irmão; porém tem outros;</u>	o ser de Jove irmão; porém tem outros;
<u>“só eu nas posses, no domínio, o venço;</u>	só eu nas posses, no domínio, o venço; 740
<u>“e o vencel-o, inda assim, pendeu da Sorte.</u>	e o vencê-lo, inda assim, pendeu da Sorte.
<u>“Mas, se tens tanto a peito o seu divorcio,</u>	Mas, se tens tanto a peito o seu divórcio,
<u>“embora á luz Prosérpina retorne,</u>	embora à luz Prosérpina retorne,
<u>“como já não tomasse (é lei das Parcas &lt;&gt;),</u>	como já não tomasse (é lei das Parcas,
<u>“e das Parcas as leis não quebra Jove)</u>	e das Parcas as leis não quebra Jove) 745
<u>“depois que entrou no Averno algum sustento.  ”] –</u>	depois que entrou no Averno algum sustento.’
*	*
<u>“Dá Ceres por seguro obter a filha;</u>	Dá Ceres por seguro obter a filha;
<u>“ruins Fados se oppõem, que é já quebrado</u>	ruins fados se oppõem, que é já quebrado
<u>“o jejum da donzella. Errando á tôa</u>	o jejum da donzela. Errando à toa
<u>“pelo jardim do Principe dos Manes,</u>	pelo jardim do príncipe dos manes, 750
<u>“colheu roman corada em ramo curvo,</u>	colheu romã corada em ramo curvo,
<u>“e sob a loira casca uns sete bagos</u>	e sob a loira casca uns sete bagos
<u>“extrahiu, mastigou. Sómente a vira</u>	extraiu, mastigou. Somente a vira
<u>“Ascálapho, que dizem filho de Orphne,</u>	Ascálafo, que dizem filho de Orfne,
}fl.232{ {fl.36}	{fl.36}
<u>“das Avernoes não muito ignota nympha,</u>	das Avernais não muito ignota ninfa, 755
<u>“que, do seu Acheronte concebido,</u>	que, do seu Aqueronte concebido,
<u>“o déra á feia luz nas lapas negras.</u>	o dera à feia luz nas lapas negras.
<u>“Viu-a Ascálapho, e o visto revelando,</u>	Viu-a Ascálafo, e o visto revelando,
<u>“impediu-lhe inhumano a volta ao mundo.</u>	impediu-lhe inumano a volta ao mundo.
<u>“Consternada do Érebo a Rainha,</u>	Consternada do Érebo a rainha, 760
<u>“n’uma ave odiosa o delator converte</u>	numa ave odiosa o delator converte
<u>“com só lançar-lhe Phlegetônneas lymphas.</u>	com só lançar-lhe flegetônneas linfas.
<u>“Vel-o, em grande cabeça abre olhos grandes,</u>	Vê-lo, em grande cabeça abre olhos grandes,
<u>“bico allonga, nos pés recurva as unhas,</u>	bico alonga, nos pés recurva as unhas,
<u>“arqueia os braços em ronceiras azas,</u>	arqueia os braços em ronceiras asas, 765

“veste o corpo não seu de escuras penas;  
“ave hedionda que anuncia os lutos,  
“inerte môcho, emfim, de agoiro aos homens.

\*

“Por justo pode haver-se este castigo;  
“mas a vós, do Achelóo ingénua prole,  
“bellas virgens, a vós, ¿quem vos ha feito  
“os pés, os vôos, a plumagem, de aves  
“e as gentis faces vos deixou de humanas?  
“¿Quem do infortunio vosso, almas Sereias,  
“me atinará rasão que á lyra entõe?  
“¿Sería que a do roubo hora minguada

}fl.233{ {fl.37}

“vos achou de Prosérpina entre as sócias  
“á colheita das flores, na tão verde  
“mansão da Primavera? ;Oh! sim, que as mesmas,  
“que lhes fôreis té’li fieis nos gôstos,  
“nos trabalhos fieis tambem ficastes.  
“Depois de em vão catado o térreo globo,  
“á vossa diligencia o mar faltava.  
“Azas para o remar, ligeiras azas  
“cubiçastes então; mui fáceis numes  
“o ouviram, que surtiu a ponto o rôgo:  
“de improviso emplumadas loirejastes.  
“Comtudo, por que á vossa melodia,  
“dos ouvidos enlêvo, e ás phrases doces  
“não faltasse na lingua um meio idóneo,  
“conservastes o rôsto a voz humana.

\*

“Entre o Tartáreo irmão e a irman chorosa  
“Jupiter por igual reparte o anno:  
“em mundos dois Prosérpina deidade,  
“seis mezes vem á luz, vai seis ás trevas;  
“tanto tempo é da mãe, como é do esposo.  
“De ânimo e rôsto de repente muda;

veste o corpo não seu de escuras penas;  
ave hedionda que anuncia os lutos,  
inerte mocho, emfim, de agoiro aos homens.

\*

Por justo pode haver-se este castigo;  
mas a vós, do Aqueloo ingénua prole,  
belas virgens, a vós, quem vos há feito  
os pés, os voos, a plumagem, de aves  
e as gentis faces vos deixou de humanas?  
Quem do infortúnio vosso, almas sereias,  
me atinará razão que à lira entõe?  
Seria que a do roubo hora minguada

770

775

{fl.37}

vos achou de Prosérpina entre as sócias  
à colheita das flores, na tão verde  
mansão da primavera? Ó! Sim, que as mesmas,  
que lhes foreis té’li fiéis nos gostos,  
nos trabalhos fiéis também ficastes.  
Depois de em vão catado o térreo globo,  
à vossa diligência o mar faltava.  
Asas para o remar, ligeiras asas  
cobiçastes então; mui fáceis numes  
o ouviram, que surtiu a ponto o rogo:  
de improviso emplumadas loirejastes.  
Contudo, por que à vossa melodia,  
dos ouvidos enlevo, e às frases doces  
não faltasse na língua um meio idóneo,  
conservastes o rosto a voz humana.

800

805

810

\*

Entre o Tartáreo irmão e a irmã chorosa  
Júpiter por igual reparte o ano:  
em mundos dois Prosérpina deidade,  
seis meses vem à luz, vai seis às trevas;  
tanto tempo é da mãe, como é do esposo.  
De ânimo e rosto de repente muda;

815

}fl.234{ {fl.38}	{fl.38}
<u>“lá, té mesmo a Plutão parece triste;</u>	lá, ‘té mesmo a Plutão parece triste;
<u>“doiram-lhe a face júbilos mal sobe;</u>	doiram-lhe a face júbilos mal sobe;
<u>“qual sol, que um’hora desaparece em nuvens,</u>	qual sol, que um’hora desaparece em nuvens, 820
<u>“outr’hora as rasga e triumphal resplende.</u>	outrora as rasga e triunfal resplende.
*	*
<u>“Flava Ceres, que alfim tem recobrado</u>	Flava Ceres, que alfim tem recobrado
<u>“seu querido penhor, mais leda em rôsto,</u>	seu querido penhor, mais leda em rosto,
<u>“volve, ó branda Arethusá, á margem tua;</u>	volve, ó branda Aretusa, à margem tua;
<u>“quer-te as rasões ouvir por que viajas,</u>	quer-te as razões ouvir por que viajas, 825
<u>“e d’onde te provém que és sacra fonte.</u>	e donde te provém que és sacra fonte.
*	*
<u>“D’entre as ondas, que súbito emmudecem,</u>	Dentre as ondas, que súbito emudecem,
<u>“ergue a nympha a cabeça; e com as mãos alvas</u>	ergue a ninfa a cabeça; e com as mãos alvas
<u>“a verde trança mádida expremendo,</u>	a verde trança mádida espremendo,
<u>“conta do rio Alpheu velhos amores:</u>	conta do rio Alfeu velhos amores: 830
*	*
<u>“–Fui eu nympha sem par entre as da</u>	‘Fui eu ninfa sem par entre as da Acaia,
<u>&lt;Arcádia&gt;[Acháia],</u>	
<u>“já, no atinar com a veação dos bosques,</u>	já, no atinar com a veação dos bosques,
<u>“já, no dispôr, no aparelhar das rêdes.</u>	já, no dispor, no aparelhar das redes.
<u>“Nunca aspirei a gabos de formosa;</u>	Nunca aspirei a gabos de formosa;
<u>“aos de valente sim, mas tive-os todos.</u>	aos de valente sim, mas tive-os todos. 835
<u>“Andaram d’esta vez lindeza e fôrça</u>	Andaram desta vez lindeza e força
}fl.235{ {fl.39}	{fl.39}
<u>“irmanadas na fama. Era-me enfado</u>	irmanadas na fama. Era-me enfado
<u>“ouvir, contínuo, festejar meu rôsto;</u>	ouvir, contínuo, festejar meu rosto;
<u>“e até, de agreste, em pejo me incendia</u>	e até, de agreste, em pejo me incendia
<u>“por dotes de que as mais folgar costumam;</u>	por dotes de que as mais folgar costumam; 840
<u>“no agradar a qualquer tinha desdoiro.</u>	no agradar a qualquer tinha desdoiro.
<*>	
<u>“Da Stymphália floresta (inda me lembra)</u>	Da Estinfália floresta (inda me lembra)
<u>“fatigada voltava um certo dia;</u>	fatigada voltava um certo dia;
<u>“grande era a calma, e a lida m’a dobrára.</u>	grande era a calma, e a lida ma dobrara.

<p><u>“Dou n’uma veia de agua; agua tão mansa,</u>  <u>“que não ha hi notar-lhe um só remoinho,</u>  <u>“sentir murmúrio, ou perceber se corre;</u>  <u>“e tão clara, que o álveo espacioso</u>  <u>“deixa contar seus mínimos seixinhos.</u>  <u>“De brancos salgueirae e densos choupos,</u>  <u>“que nutre a fresquidão, cahia á farta</u>  <u>“graciosa sombra nas declives margens.</u>  <u>“Eu, que ao rio descí, com o pé curioso</u>  <u>“muito de leve o enceto; eis, mais afoita,</u>  <u>“o afundo até á curva; e, namorada</u>  <u>“cada vez mais de tão gentil regalo,</u>  <u>“desapérto-me; as roupas, pouco e pouco,</u>  <u>“penduro de um salgueiro ao curvo ramo,</u></p>	<p>Dou numa veia de água; água tão mansa,  que não há aí notar-lhe um só remoinho,  sentir murmúrio, ou perceber se corre;  e tão clara, que o álveo espacioso  deixa contar seus mínimos seixinhos.  De brancos salgueirais e densos choupos,  que nutre a fresquidão, caía à farta  graciosa sombra nas declives margens.  Eu, que ao rio descí, com o pé curioso  muito de leve o enceto; eis, mais afoita,  o afundo até à curva; e, namorada  cada vez mais de tão gentil regalo,  desaperto-me; as roupas, pouco e pouco,  penduro de um salgueiro ao curvo ramo,</p>	<p>845</p> <p>850</p> <p>855</p>
}fl.236{ {fl.40}		{fl.40}
<p><u>“e nua salto ao rio de mergulho.</u>  <u>“Por modos mil os braços revolvendo,</u>  <u>“nado em mil posições no aquoso vidro.</u>  <u>“;Um não sei que sussurro eis sai do fundo!</u>  <u>“tremo, e junto da margem mais vizinha</u>  <u>“tómo súbito pé. –  “;Para onde foges, &lt;Arethusa&gt;</u>  <u>&lt;Fujo, mesmo assim nua&gt;</u>  <u>“Arethusa? – diz rouco sob as aguas</u>  <u>“o Alfeu –  “;para onde foges, Arethusa?  ” –</u>  <u>“Fujo, mesmo assim nua; a opposta riba</u>  <u>“com as vestes me ficára; em mais incendios</u>  <u>“ferve o deus, com mais ancia me persegue;</u>  <u>“despida vou; mais prestes lhe pareço;</u>  <u>“eu tímida, elle fero, ambos voamos,</u>  <u>“qual ante açor pombinha espavorida,</u>  <u>“qual sobre alva pombinha açôr cruento.</u>  <u>“Ainda até Orchómeno, Psophíde,</u>  <u>“sacro Cylléne, Ménalo brenhoso,</u>  <u>“e gélido Erimantho, e campos d’Élis,</u>  <u>“sustive a fuga e porfiei-lhe a palma.</u></p>	<p>e nua salto ao rio de mergulho.  Por modos mil os braços revolvendo,  nado em mil posições no aquoso vidro.  Um não sei que sussurro eis sai do fundo!  tremo, e junto da margem mais vizinha  tomo súbito pé. ‘Para onde foges,  Aretusa?’ – diz rouco sob as águas  o Alfeu – ‘Para onde foges, Aretusa?’ –  Fujo, mesmo assim nua; a oposta riba  com as vestes me ficara; em mais incêndios  ferve o deus, com mais ânsia me persegue;  despida vou; mais prestes lhe pareço;  eu tímida, ele fero, ambos voamos,  qual ante açor pombinha espavorida,  qual sobre alva pombinha açor cruento.  Ainda até Orcómeno, Psófide,  sacro Cilene, Ménalo brenhoso,  e gélido Erimanto, e campos d’Élis,  sustive a fuga e porfiei-lhe a palma.</p>	<p>860</p> <p>865</p> <p>870</p> <p>875</p>



“;Ah! contra um rio a longo curso afeito  
“;eu, nympha, eu menos forte, o que podia?”

Ah! Contra um rio a longo curso afeito  
eu, ninfa, eu menos forte, o que podia?

}fl.impresso264{ {fl.41}

{fl.41}

“Ja, deitar muito avante, era impossível;  
“Inda corri comtudo extensos pláinos,  
“Vinguei montes enleados de espessura,  
“Róchas galguei, transpuz despenhadeiros,  
“E, por onde os não ha, rompi caminhos:  
“Dava o sol por detraz, vi, se he, que o mêdo  
“M’a não fazia ver, sombra gigante  
“Preceder-me; sentia, espavorida,  
“Rápido som de pés, e hum bafo, ardente,  
“Crébro assoprar-me do cabello as fitas.  
“Extenuada da fuga – |“;Auxílio! |” – clamo  
“– Diana, ;auxílio! agarrão-me; socorre,  
“Quem já foi Pagem tua, a quem já deste  
“A honra de levar-te Aljava e Arco. |”|–

Já, deitar muito avante, era impossível; 880  
inda corri contudo extensos plainos,  
Vinguei montes enleados de espessura,  
rochas galguei, transpus despenhadeiros,  
e, por onde os não há, rompi caminhos: 885  
dava o sol por detrás, vi, se é que o medo  
ma não fazia ver, sombra gigante  
preceder-me; sentia, espavorida,  
rápido som de pés, e um bafo, ardente,  
crebro assoprar-me do cabelo as fitas.  
Extenuada da fuga – ‘auxílio!’ – clamo 890  
‘Diana, auxílio! Agarram-me; socorre,  
quem já foi pajem tua, a quem já deste  
a honra de levar-te aljava e arco.’

\*

\*

“Commoveo-se a Immortal; das nuvens grossas  
“Logo huma rasga, e m’a distende emtórno.  
“Desesperado, o Alphêo me anda buscando  
“Dentro, e de róda do negrume espêso;

Comoveu-se a imortal; das nuvens grossas  
logo uma rasga, e ma distende entorno. 895  
Desesperado, o Alfeu me anda buscando  
dentro, e de roda do negrume espesso;

}fl.impresso 265{ {fl.42}

{fl.42}

“Vezez duas, me cerca, sem cuidal-o;  
“Vezez duas, o écho amotinando,  
“– ;Ai Arethusa! ;Amostra-te, Arethusa!”| –  
“;Pensa, qual me eu veria, em tanto apêrto!  
“;Vês tu medrosa, imbélle cordeirinha,

Vezez duas, me cerca, sem cuidá-lo;  
vezes duas, o eco amotinando,  
‘Ai Aretusa! Amostra-te, Aretusa!’ 900  
Pensa, qual me eu veria, em tanto apêrto!  
Vês tu medrosa, imbele cordeirinha,

}fl.238{ {fl.43}

{fl.43}

“que do redil fechado está sentindo  
“pela alta noite os lobos bramidores  
“farejal-a por fora da estacada?  
“;Concebes o pavor da lebre occulta

que do redil fechado está sentindo  
pela alta noite os lobos bramidores  
farejá-la por fora da estacada? 905  
Concebes o pavor da lebre occulta

“em sua moita, ao ver luzir os dentes  
“de infestos cães, que nem bolir se atreve?  
“Tal me eu sentia. O nume, impaciente,  
“não vendo para além pisada alguma,  
“insiste, gira, lustra o sítio, a nuvem;  
“frio suor me alaga, e me dimana  
“dos membros todos em cerúleas bagas;  
“por onde movo um pé, derivo um lago;  
“o cabelo me orvalha; em menos tempo  
“do que eu ponho em contar-t’o, convertida  
“me achei do que antes era em frescas águas.  
“Mas... ¿quem pode enganar de amor o instinto?  
“conheceu logo as águas adoradas  
“o pobre rio amante; e desvestindo  
“a viril fôrma que por mim tomára,  
“ancioso de ajuntar-se á veia minha,  
“volve ao ser natural de undosa veia.  
“Délia não me abandona; eis me abre a terra,

}fl.239{ {fl.44}

“por cujos antros tétricos me engólfo,  
“e occulta fujo até chegar á Ortygia.  
“Esta ilha, por sacra á minha deusa  
“grata ao meu coração, foi quem primeira  
“me fez reparer à luz celeste.}]” –

\*

“Findára a nymphá; a criadora deusa  
“junge ao côche os dragões, enfreia-os, vôa  
“por entre terra e ceo, via de Athenas.  
“Lá, no alto da Tritónia cidadella,  
“larga o côche a Triptólemo, lhe entrega  
“áureos grãos, e lhe ordena disparzil-os,  
“parte, pelo de frêsko desmoitados  
“rudes chãos de arroteia, e parte aos sólos  
“de cuidadoso alqueire embrandecidos.

\*

em sua moita, ao ver luzir os dentes  
de infestos cães, que nem bolir se atreve?  
Tal me eu sentia. O nume, impaciente,  
não vendo para além pisada alguma, 910  
insiste, gira, lustra o sítio, a nuvem;  
frio suor me alaga, e me dimana  
dos membros todos em cerúleas bagas;  
por onde movo um pé, derivo um lago;  
o cabelo me orvalha; em menos tempo 915  
do que eu ponho em contar-to, convertida  
me achei do que antes era em frescas águas.  
Mas... quem pode enganar de amor o instinto?  
Conheceu logo as águas adoradas  
o pobre rio amante; e desvestindo 920  
a viril forma que por mim tomara,  
ansioso de ajuntar-se à veia minha,  
volve ao ser natural de undosa veia.  
Délia não me abandona; eis me abre a terra,

{fl.44}

por cujos antros tétricos me engolfo, 925  
e occulta fujo até chegar à Ortígia.  
Esta ilha, por sacra à minha deusa  
grata ao meu coração, foi quem primeira  
me fez reparer à luz celeste.’

\*

Findara a ninfa; a criadora deusa 930  
junge ao coche os dragões, enfreia-os, voa  
por entre terra e céu, via de Atenas.  
Lá, no alto da Tritônia cidadela,  
larga o coche a Triptólemo, lhe entrega  
áureos grãos, e lhe ordena disparzil-os, 935  
parte, pelo de fresco desmoitados  
rudes chãos de arroteia, e parte aos solos  
de cuidadoso alqueire embrandecidos.

\*

<p><u>“Já tinha o joven Principe transpôsto</u>  <u>“os ceos de Europa e de Asia; as rédeas bate</u>  <u>“contra a Scythia, onde então reinava Lynco.</u>  <u>“Entra no paço; e perguntado, o como,</u>  <u>“por onde, e com que fim, chegado houvesse,</u>  <u>“nome e patria qual fosse,</u>  –  <u>“A patria minha</u></p>	<p>Já tinha o jovem príncipe transposto  os céus de Europa e de Ásia; as rédeas bate  contra a Cítia, onde então reinava Linco.  Entra no paço; e perguntado, o como,  por onde, e com que fim, chegado houvesse,  nome e pátria qual fosse,  ‘A pátria minha</p>	<p>940</p>
}fl.240{ {fl.45}		{fl.45}
<p><u>“a decantada Athenas; o meu nome</u>  <u>“Triptólemo; não vim por mar nem terra;</u>  <u>“ares patentes minha estrada foram.</u>  <u>“Venho trazer-vos dádivas de Céres,</u>  <u>“grãos, que, nos largos campos diffundidos,</u>  <u>“vos dêem grato alimento em pingues messes.”] –</u>  *</p>	<p>a decantada Atenas; o meu nome  Triptólemo; não vim por mar nem terra;  ares patentes minha estrada foram.  Venho trazer-vos dádivas de Ceres,  grãos, que, nos largos campos difundidos,  vos deem grato alimento em pingues messes.’</p>	<p>945</p> <p>950</p>
*	*	
<p><u>“De tanta glória o barbaro invejoso,</u>  <u>“já na pérfida mente engenha astúcia,</u>  <u>“com que do beneficio autor se aclame.</u>  <u>“Hospéda-o; mal que ao somno entregue o colhe,</u>  <u>“despe o ferro, alça o braço; a morte infame</u>  <u>“já na fulgente lâmina lampeja.</u>  <u>“Céres a ponto acode, o troca em lince;</u>  <u>“e ao Attico mancebo escapo á morte,</u>  <u>“em seus dragões partir de novo ordena.”] –</u>  *</p>	<p>De tanta glória o bárbaro invejoso,  já na pérfida mente engenha astúcia,  com que do benefício autor se aclame.  Hospeda-o; mal que ao sono entregue o colhe,  despe o ferro, alça o braço; a morte infame  já na fulgente lâmina lampeja.  Ceres a ponto acode, o troca em lince;  e ao Ático mancebo escapo à morte,  em seus dragões partir de novo ordena.’</p>	<p>955</p>
*	*	
<p>“Aqui pôz termo e c’rôa ao sábio canto  “a nossa maioral. Surgem as nymphas,  “e a nós, às filhas do Hélicon proclamam  “com unísona voz devida a palma.  “Raiva, esbraveja a turba das vencidas;  “calúrnias, maldições, injúrias, fervem.</p>	<p>Aqui pôs termo e c’roa ao sábio canto  a nossa maioral. Surgem as ninfas,  e a nós, às filhas do Hélicon proclamam  com unísona voz devida a palma.  Raiva, esbraveja a turba das vencidas;  calúnias, maldições, injúrias, fervem.</p>	<p>960</p> <p>965</p>

}fl.241{ {fl.46}

{fl.46}

\*

\*

|—“Pois que enfim – diz Callíope – não basta  
 “ao louco, ao pertinaz, ao ímpio orgulho,  
 “provocar, merecer um só castigo,  
 “e da primeira afronta afrontas nascem,  
 “represada impaciência arrombe os diques.  
 “Punâmos; dê-se á ira inteira rédea. |”| –

\*

“Riem; mofam da ameaça; mas querendo  
 “proseguir na blasphêma vozaria,  
 “lançar-nos tumultuando as mãos protervas,  
 “viram pennas das unhas pulular-lhes,  
 “seus braços emplumar-se; cada uma  
 “nota os labios das mais crescer em bico,  
 “e todas aves de não vista especie  
 “ir contra a selva endereçando os passos.  
 “Com as mãos os seios flagelar pretendem;  
 “nos agitados braços se equilibram;  
 “pendem no ar; são pêgas; são dos bosques  
 “enfadonho motim. Do ser antigo  
 “a van loquacidade inda conservam;  
 “dá-lhes gôsto o palrar, contínuo palram. —

---

 Fim do Livro V
 

---

‘Pois que enfim – diz Calíope – não basta  
 ao louco, ao pertinaz, ao ímpio orgulho,  
 provocar, merecer um só castigo,  
 e da primeira afronta afrontas nascem,  
 represada impaciência arrombe os diques. 970  
 Punamos; dê-se à ira inteira rédea.’

\*

Riem; mofam da ameaça; mas querendo  
 prosseguir na blasfema vozaria,  
 lançar-nos tumultuando as mãos protervas, 975  
 viram penas das unhas pulular-lhes,  
 seus braços emplumar-se; cada uma  
 nota os lábios das mais crescer em bico,  
 e todas aves de não vista espécie  
 ir contra a selva endereçando os passos.  
 Com as mãos os seios flagelar pretendem; 980  
 nos agitados braços se equilibram;  
 pendem no ar; são pegas; são dos bosques  
 enfadonho motim. Do ser antigo  
 a vã loquacidade inda conservam;  
 dá-lhes gosto o palrar, contínuo palram. — 985

---

 Fim do Livro V
 

---

}fl.89{ {fl.47}

{fl.47}

Notas  
sobre o Livro V

Notas  
sobre o Livro V

Em dois tróços partiremos também este 5º Livro. O primeiro, que abrange no original até verso 250, e vai na tradução desde pagina até pagina , prossegue e termina a chronica de Perseu. O segundo, que leva o resto, é consagrado á larga visita que Pallas, assim como de Perseu se apartou, foi fazer ás Musas no seu monte Hélicon.

\*

Á meza estamos ainda, com el-Rei Cepheu, com a Rainha, com a Princeza, com todos os Grandes da Côte; regalados com os vinhos generosos, com os perfumes dos arômas, com a fragrancia das grinaldas, com o regosijo do instrumental; em face da ara doméstica, onde ondeiam as labaredas; e embevecidos no peregrino cantar do heroe viajante, que tanto fez, tanto correu, e tanto viu, desde a terra até ás es-

}fl.90{ {fl.48}

trellas, por onde roçou. Senão quando.... n'um relâmpago se transtorna tudo: ¡o festim se desfaz em batalha! ¡todas as coisas profanas e sagradas se convertem em armas, e os passatempos em matança!

¿Quem tanto poudes, e ousou, e conseguiu? o ciúme, e a ambição.

Perseu, alvo pouco ha de todas as admirações, de todas as benevolencias e invejas, acha-se de repente exposto a todos os insultos e furias dos levantados. ¡E fiae lá nas bonanças e risinhos da fortuna!

As côres com que este temeroso combate nos é representado, são signas do grandioso desenho com que foi concebido.

Em dois troços partiremos também este 5º livro. O primeiro, que abrange no original até verso 250, e vai na tradução desde pagina até pagina , prossegue e termina a crônica de Perseu. O segundo, que leva o resto, é consagrado á larga visita que Palas, assim como de Perseu se apartou, foi fazer às musas no seu monte Hélicon.

\*

À mesa estamos ainda, com el-rei Cefeu, com a rainha, com a princesa, com todos os grandes da Corte; regalados com os vinhos generosos, com os perfumes dos aromas, com a fragrância das grinaldas, com o regozijo do instrumental; em face da ara doméstica, onde ondeiam as labaredas; e embevecidos no peregrino cantar do herói viajante, que tanto fez, tanto correu, e tanto viu, desde a terra até ás es-

{fl.48}

trellas, por onde roçou. Senão quando... num relâmpago se transtorna tudo: o festim se desfaz em batalha! Todas as coisas profanas e sagradas se convertem em armas, e os passatempos em matança!

Quem tanto pôdes, e ousou, e conseguiu? O ciúme, e a ambição.

Perseu, alvo pouco há de todas as admirações, de todas as benevolências e invejas, acha-se de repente exposto a todos os insultos e fúrias dos levantados. E fiaí lá nas bonanças e risinhos da fortuna!

As cores com que este temeroso combate nos é representado, são signas do grandioso desenho com que foi concebido.

Em mais de duzentos versos de peleja, e peleja antiga (que todas eram propriamente uns deixes de duellos, e não pelepas de geral interesse), é tal a caudalosa fecundidade de Ovidio, que em vão se lhes quizera taxar sombra de redundancia ou demasia, repetição ou semelhança, pequenez, impropriedade, inverosemelhança, ou cançasso de um só momento.

Disséreis que não phantasiou elle o que vos narra, nem o leu, nem o ouviu, nem o viu, se não que o vê e vol-o mostra.

}fl.91{ {fl.49}

Cada combatente, posto que retratado de carreira, é um personagem distinto, unico, e reconhecível. Todas as diferentes classes, da fortuna ou da Natureza, ahí andam a braços, e confundidas com aquella medonha egualdade que a anarchia põe entre os homens.

Por de mais é especificar primores, onde todas as coisas o são; mas não passe sem advertencia um, de que não sei se já algum commentador faria cabedal; sendo que não fere elle nos olhos com pouca força, porque em quasi todos estes diversos pugnadores ha, entre as suas partes ou circunstancias individuaes, acções que fazem, ou palavras que proferem, e o genero de morte que os alcança uma occulta e tão bem afinada relação de sympathia, ou de contraste, que, ainda os que não chegam a averigual-a lhe hão-de todavia, e de necessidade, sentir o effeito.

Athis, por exemplo, é um mancebo formoso às mil maravilhas, florido, enfeitado e perfumado como dama, mui pavão de sua formosura, o que hoje chamam francelhos semsabores patimétre, e pintalegrete

Em mais de duzentos versos de peleja, e peleja antiga (que todas eram propriamente uns deixes de duellos, e não pelepas de geral interesse), é tal a caudalosa fecundidade de Ovídio, que em vão se lhes quizera taxar sombra de redundância ou demasia, repetição ou semelhança, pequenez, impropriedade, inverossimilhança, ou cansaço de um só momento.

Disséreis que não fantasiou ele o que vos narra, nem o leu, nem o ouviu, nem o viu, se não que o vê e vo-lo mostra.

{fl.49}

Cada combatente, posto que retratado de carreira, é um personagem distinto, único e reconhecível. Todas as diferentes classes, da fortuna ou da natureza, aí andam a braços, e confundidas com aquela medonha igualdade que a anarquia põe entre os homens.

Por demais é especificar primores, onde todas as coisas o são; mas não passe sem advertência um, de que não sei se já algum comentador faria cabedal; sendo que não fere ele nos olhos com pouca força, porque em quase todos estes diversos pugnadores há, entre as suas partes ou circunstâncias individuais, ações que fazem, ou palavras que proferem, e o gênero de morte que os alcança uma occulta e tão bem afinada relação de simpatia, ou de contraste, que, ainda os que não chegam a averiguá-la lhe hão de todavia, e de necessidade, sentir o efeito.

Atis, por exemplo, é um mancebo formoso às mil maravilhas, florido, enfeitado e perfumado como dama, mui pavão de sua formosura, o que hoje chamam francelhos semsabores *patimétre*, e pintalegrete

}fl.92{ {fl.50}

{fl.50}

chamavam com mais galantaria os nossos velhos. ¿E como o despacha Perseu? com uma tiçoada aceza pela cara, que lh'a encova pela caveira dentro; é matar, e mais que matar.

Lycabas, que de Athis era o íntimo, e comette vingal-o, expira sobre elle.

E Eritho, bruto de estatura e fôrças, e bruto de armas, que assim arvóra um machadão de dois gumes, derriba-o o heróe, atirando-lhe de longe a enorme talha do vinho que pejava a meza; e vêde-o acabar golfando ondas de sangue, e duramente malhando o chão com a nuca.

Emathiôn, ancião piedoso, por entre o tumulto anda pregando a paz, e se abraça com o altar para esconjurar taes odios; uma cutilada sacrílega lhe decépa a cabeça, que toda por cima das chammas, e ainda lá expirando murmura execrações; ;donosa constancia de pregador!

O poeta e cantor, que á hora do festim acudira a embellezal-o, como aos prados de Maio acode o rouxinol, no meio do temporal dos mundanos pelejadores está como extranho e vendido, immóvel, inerte,

}fl.93{ {fl.51}

{fl.51}

absôrto; como que sonha, e não presença, taes impossiveis; esta nobre cabeça é varada de um bote; a ultima convulsão d'estes dedos moribundos extrai ainda das cordas uma melodia, que se esvaece com o seu derradeiro suspiro.

Péttalo, o autor de tão villan façanha, e que ainda a encareceu motejando ao cantor a quem matava, recebe o pago que lhe cabia: para o supplicio d'esse, e vingança do seu confrade, não quer Ovidio outra arma, que não seja uma tranca; e de tão boa

chamavam com mais galantaria os nossos velhos. E como o despacha Perseu? Com uma tiçoada acesa pela cara, que lha encova pela caveira dentro; é matar, e mais que matar.

Licabas, que de Atis era o íntimo, e comete vingá-lo, expira sobre ele.

E Erito, bruto de estatura e forças, e bruto de armas, que assim arvora um machadão de dois gumes, derruba-o o herói, atirando-lhe de longe a enorme talha do vinho que pejava a mesa; e vede-o acabar golfando ondas de sangue, e duramente malhando o chão com a nuca.

Ematiôn, ancião piedoso, por entre o tumulto anda pregando a paz, e se abraça com o altar para esconjurar tais ódios; uma cutilada sacrílega lhe decepa a cabeça, que toda por cima das chamas, e ainda lá expirando murmura execrações; donosa constância de pregador!

O poeta e cantor, que à hora do festim acudira a embelezá-lo, como aos prados de maio acode o rouxinol, no meio do temporal dos mundanos pelejadores está como estranho e vendido, imóvel, inerte,

absorto; como que sonha, e não presença, tais impossíveis; esta nobre cabeça é varada de um bote; a última convulsão destes dedos moribundos extrai ainda das cordas uma melodia, que se esvaece com o seu derradeiro suspiro.

Pétalo, o autor de tão vilã façanha, e que ainda a encareceu motejando ao cantor a quem matava, recebe o pago que lhe cabia: para o suplício desse, e vingança do seu confrade, não quer Ovídio outra arma, que não seja uma tranca; e de tão boa

gana lhe vai ella cascada á cerviz, que se parte em duas, e o baqueia como a toiro.

¿Por que mais? Relêde; e quanto mais o fizerdes, mais eu vos fio que descobriréis diamantes mesclados n'este oiro.

O restante d'esta lide, até á petrificação de Phineu, é sobremaneira bello, e theatral, e abundante de incidentes, que variam constantemente um fundo aliás uniforme.

\*

As seguintes punições de Prêto e Polyclétes vão apenas esboçadas, e não ha que dizer d'ellas, senão que em ambas (e em especial na segunda) havia por ventura materia

}fl.94{ {fl.52}

para maior obra, e muito conveniente.

Á propria ilhêta de Seriphe se havia acolhido Dânae com seu filho Perseu, por esquivar as iras de Acrísio. Ahi não só fôra agasalhada de Polyclétes, se não amada e desposada sua, segundo Hygino; e fôra este mesmo Polyclétes quem, para se descartar da presença de Perseu já mancebo, que lhe fazia sombra, e manhosamente dar cabo d'elle, o mettêra em brios de ir matar a Medusa; arriscadissima façanha, de que por nenhum modo houvera sahido vivo se Pallas e Mercurio o não tivessem prendado com o terçado e escudo de que résam as fábulas. Mas o Poeta lá devia saber o por que taes coisas enjeitava.

\*

Cançados das brigas e vinganças da primeira parte do Livro, voamos na segunda ao Hélicon, onde com Pallas, entre amenos arvoredos e formosas Musas, nos aguardam mais suaves desenfadados.

No saboroso colloquio de taes deuses, e em taes sítios, sente-se aquillo que hoje dizem

gana lhe vai ela cascada à cerviz, que se parte em duas, e o baqueia como a touro.

Por que mais? Relede; e quanto mais o fizerdes, mais eu vos fio que descobrireis diamantes mesclados neste ouro.

O restante desta lide, até à petrificação de Fineu, é sobremaneira belo, e theatral, e abundante de incidentes, que variam constantemente um fundo aliás uniforme.

\*

As seguintes punições de Prêto e Policlétes vão apenas esboçadas, e não há que dizer delas, senão que em ambas (e em especial na segunda) havia porventura matéria

{fl.52}

para maior obra, e muito conveniente.

À própria ilha de Serife se havia acolhido Dânae com seu filho Perseu, por esquivar as iras de Acrísio. Aí não só fora agasalhada de Policlétes, se não amada e desposada sua, segundo Higino; e fora este mesmo Policlétes quem, para se descartar da presença de Perseu já mancebo, que lhe fazia sombra, e manhosamente dar cabo dele, o metera em brios de ir matar a Medusa; arriscadíssima façanha, de que por nenhum modo houvera saído vivo se Palas e Mercúrio o não tivessem prendado com o terçado e escudo de que rezam as fábulas. Mas o poeta lá devia saber o porquê tais coisas enjeitava.

\*

Cansados das brigas e vinganças da primeira parte do livro, voamos na segunda ao Hélicon, onde com Palas, entre amenos arvoredos e formosas musas, nos aguardam mais suaves desenfadados.

No saboroso colóquio de tais deuses, e em tais sítios, sente-se aquillo que hoje dizem



estrangeirados confôrto, e melhor se expressa pelo conchêgo dos nossos bons velhos.

}fl.95{ {fl.53}

\*

De alegorias, que são o sentido mystico das fábulas, pouca ou nenhuma conta havemos feito até aqui; porém aqui, onde um tal Poeta só nos trata de Musas, parece-me algum sentido occulto lhe poderemos sem temeridade attribuir.

Deixemos o sentido da Hippocréne que (não sei por quê) se finge produzida de um coice do Pégaso, d'onde o nome de Hippocréne, ou Caballina, lhe proveio; nem tão pouco o por que se havia de phantasiar, que em aguas chilras de fonte se acendiam poetas; teima mui contra Natureza, em que ainda hoje teimam alguns odreiros vates da raça árcade, os quaes eu nunca oiço sem me lembrar do que, no seu Dialogo das fontes põe em bôcca de Apollo o nosso D. Francisco Manuel:

“Juro a mim que, se podéra, como já pude, houvera de hoje por diante desterrar as minhas Musas de todos os rios e fontes, e fazel-as de sequeiro, que quiçá, como fruta ou hortaliça, ficáram de melhor gôsto. Mas dou que o não ficassem: já se ganhava o não ouvir fontes tão bacharélas.”

\*

}fl.96{ {fl.54}

\*

Em sós tres coisas advertiremos: a visita de Pallas ás Musas, a tragedia de Pireneu, o desafio das Piérides.

\*

A visita de Pallas, deusa das sciencias e do exfôrço ás Musas, o bom gasalhado que estas lhe fazem, tratando-a por quasi irman, bem estão inculcando, por uma parte, quanto o saber e a virtude

estrangeirados *conforto*, e melhor se expressa pelo *conchego* dos nossos bons velhos.

{fl.53}

\*

De alegorias, que são o sentido místico das fábulas, pouca ou nenhuma conta havemos feito até aqui; porém aqui, onde um tal poeta só nos trata de musas, parece-me algum sentido occulto lhe poderemos sem temeridade attribuir.

Deixemos o sentido da Hipocréne que (não sei por quê) se finge produzida de um coice do Pégaso, donde o nome de *Hipocréne*, ou *Cabalina*, lhe proveio; nem tão pouco o por que se havia de fantasiar, que em aguas chilras de fonte se acendiam poetas; teima mui contra natureza, em que ainda hoje teimam alguns *odreiros* vates da raça árcade, os quais eu nunca ouço sem me lembrar do que, no seu *Dialogo das fontes* põe em boca de Apollo o nosso D. Francisco Manuel:

“Juro a mim que, se pudera, como já pude, houvera de hoje por diante desterrar as minhas musas de todos os rios e fontes, e fazê-las de sequeiro, que quiçá, como fruta ou hortaliça, ficaram de melhor gosto. Mas dou que o não ficassem: já se ganhava o não ouvir fontes tão bacharelas.”

\*

{fl.54}

\*

Em sós três coisas advertiremos: a visita de Palas às Musas, a tragédia de Pireneu, o desafio das Piérides.

\*

A visita de Palas, deusa das ciências e do esforço às musas, o bom gasalhado que estas lhe fazem, tratando-a por quase irmã, bem estão inculcando, por uma parte, quanto o saber e a virtude

são para se unir com os dotes do engenho; verdade de todos os tempos, porém n'estes nossos ainda muito mais e melhor entendida, posto que raro praticada; e por outra parte, que aos grandes e poderosos não os desdoira, se não que os honra, o humanar-se, e descer de suas remontadas nuvens a contemplar os talentos, que, emboscados em solidão, desertores e desertados do reboliço do mundo, preparam vagorosamente obras, que unicas passarão inteiras, veneradas, e venerandas, de idade a idade.

Pireneu querendo forçar as Musas, as Musas voando e fugindo-lhe, elle querendo segui-las pelo ceo, e despenhando-se, não estão retratando pelo natural, ou a vaidosa soberba de um d'esses pequenos grandes, de que a terra

}fl.97{ {fl.55}

cria tantos, que pretendem, para arribar á posteridade, agro paiz para onde se não compram passaportes, jungir a seu carro os bons engenhos, e a final vão cair no Lethes? Ou ess'outros presumidos, de que ainda muitos mais pululam do pó, que, sem o sufficiente cabedal de espirito e doutrina, aspiram ás fragosas alturas da gloria literaria? Não é isso querer forçar as Musas, vendo-as fugir perseguil-as, baquear-se, e perecer miseravelmente como qualquer Píndaro das duzias?

Quanto ao historico d'esta fabula, Plutarcho a tem por uma narração metaphórica, e nos ensina que, reinando em Phócida um tirano d'aquelle nome, inimigo (como quasi todos) da sua inimiga, que é a instrucção, mandára deitar a baixo os collegios e academias onde se professavam as bellas-Letras; e para o tornar odioso se disse, que tentára violar as Musas; que os deuses para as livrar lhes deram azas; e que elle pelas perseguir morrêra.

\*

são para se unir com os dotes do engenho; verdade de todos os tempos, porém nestes nossos ainda muito mais e melhor entendida, posto que raro praticada; e por outra parte, que aos grandes e poderosos não os desdoira, se não que os honra, o humanar-se, e descer de suas remontadas nuvens a contemplar os talentos, que, emboscados em solidão, desertores e desertados do reboliço do mundo, preparam vagorosamente obras, que únicas passarão inteiras, veneradas, e venerandas, de idade a idade.

Pireneu querendo forçar as musas, as musas voando e fugindo-lhe, ele querendo segui-las pelo céu, e despenhando-se, não estão retratando pelo natural, ou a vaidosa soberba de um desses pequenos grandes, de que a terra

{fl.55}

cria tantos, que pretendem, para arribar à posteridade, agro país para onde se não compram passaportes, jungir a seu carro os bons engenhos, e a final vão cair no Letes? Ou ess'outros presumidos, de que ainda muitos mais pululam do pó, que, sem o sufficiente cabedal de espirito e doutrina, aspiram às fragosas alturas da glória literária? Não é isso querer forçar as musas, vendo-as fugir perseguil-as, baquear-se, e perecer miseravelmente como qualquer Píndaro das dúzias?

Quanto ao histórico desta fabula, Plutarco a tem por uma narração metafórica, e nos ensina que, reinando em Fócida um tirano daquele nome, inimigo (como quase todos) da sua inimiga, que é a instrução, mandara deitar a baixo os colégios e academias onde se professavam as Belas-Letras; e para o tornar odioso se disse, que tentara violar as musas; que os deuses para as livrar lhes deram azas; e que ele pelas perseguir morrera.

\*

A esta fábula se deve referir uma representação de Musas aladas, que Montfaucon commemóra, de um antigo monumento.

\*

}fl.98{ {fl.56}

\*

D'esta, como da seguinte, do desafio das Piérides, não se aponta vestígio em autor algum anterior ao nosso. Se em verdade foi elle o seu criador, bem fez em dar a Thrácia por naturalidade a esse barbaro.

A contenda das Piérides com as Musas por si mesma está dizendo o a que vem: é a vaidade estólida querendo apostar-se, e quebrar canas, com o verdadeiro engenho. As Musas, que o symbolisam, contentes com o seu retiro, não só provocam, se não que, provocadas, e sabendo certo alcançarão a palma, teem custo em aceitar a lide que as ess'outras relouçadas, de tão longe, e lá dos seus montes gelados, vieram acintosamente cometter-lhes.

Tudo ahi se passa como cumpre: para tribunal que sentencie se nomeiam as Nymphas, e se juramentam a manter justiça.

De Pan, e mais campestres deuses musicos, se houvera lembrado qualquer poeta menos attento que Ovidio; mas Ovidio entendeu que não só haveria mais delicado gôsto em árbitras femininas, para bem avaliar os delicados frutos da imaginação, mas tambem que toda a suspeição de parcialidade em favor da formosura ficava d'este modo

}fl.99{ {fl.57}

sendo inadmissível.

\*

Tres mui palpaveis opposições apparecem entre as pessoas e cantos da mortal desafiante, e da Immortal, que em nome de todo o Ceo lhes responde.

A esta fábula se deve referir uma representação de musas aladas, que Montfaucon comemora, de um antigo monumento.

\*

{fl.56}

\*

Desta, como da seguinte, do desafio das Piérides, não se aponta vestígio em autor algum anterior ao nosso. Se em verdade foi ele o seu criador, bem fez em dar a Trácia por naturalidade a esse bárbaro.

A contenda das Piérides com as musas por si mesma está dizendo o a que vem: é a vaidade estólida querendo apostar-se, e quebrar canas, com o verdadeiro engenho. As musas, que o simbolizam, contentes com o seu retiro, não só provocam, se não que, provocadas, e sabendo certo alcançarão a palma, têm custo em aceitar a lide que as ess'outras relouçadas, de tão longe, e lá dos seus montes gelados, vieram acintosamente cometer-lhes.

Tudo aí se passa como cumpre: para tribunal que sentencie se nomeiam as ninfas, e se juramentam a manter justiça.

De Pã, e mais campestres deuses músicos, se houvera lembrado qualquer poeta menos attento que Ovídio; mas Ovídio entendeu que não só haveria mais delicado gosto em árbitras femininas, para bem avaliar os delicados frutos da imaginação, mas também que toda a suspeição de parcialidade em favor da formosura ficava deste modo

{fl.57}

sendo inadmissível.

\*

Três mui palpáveis opposições apparecem entre as pessoas e cantos da mortal desafiante, e da imortal, que em nome de todo o céu lhes responde.

## Primeira oposição:

A Piéride não espera que o sorteio determine qual deve começar; levanta-se de improviso, e descomedidamente enceta as suas trovas. Callíope, segura de primar quanto ao efeito, modestamente se contenta nas provas com o segundo lugar; e repara ainda mais, que, depois que a Musa relatora d'esta scena disse a Pallas essas trovas da sua adversária, como que se retrai, e teme tornar-se importuna referindo o alto poema de sua propria irman, e só animada e rogada pela deusa lhe dá princípio.

## Segunda oposição:

É o canto da pseudo-poeta uma satyra grosseira, e muito industriosamente indigesta e excabida contra os deuses; e que ha mais impoetico do que a impiedade? Ao mesmo tempo que alça os sacrílegos gigantes

}fl.100{ {fl.58}

a gráu de heroes (bem se irmanava com elles na condição), a Musa, pelo contrário fulmina e soterra os gigantes, tributa aos deuses louvores e rendimentos.

## Terceira oposição:

As vencidas prorrompem em injúrias e com violencias; ao mesmo passo que as vencedoras, com a serenidade que é filha da consciencia da fôrça, só o poder de aggravos sobre aggravos se decidem a castigal-as. E ainda então, não as vêdes recorrer a supplicios atrozes; convertem-n-as em pêgas, para que, sob essa nova forma, continuem de ser, como d'antes, gárrulas, vaidosas e ridiculas. ;Oh! se ainda hoje as Musas conservassem o dom dos milagres, e quem se entenderia com pêgas?

Esta moderação, que o nosso Poeta attribue ás Musas, em si mesmo a deveu elle achar, que é essa

## Primeira oposição:

A Piéride não espera que o sorteio determine qual deve começar; levanta-se de improviso, e descomedidamente enceta as suas trovas. Calíope, segura de primar quanto ao efeito, modestamente se contenta nas provas com o segundo lugar; e repara ainda mais, que, depois que a musa relatora desta cena disse a Palas essas trovas da sua adversária, como que se retrai, e teme tornar-se importuna referindo o alto poema de sua própria irmã, e só animada e rogada pela deusa lhe dá princípio.

## Segunda oposição:

É o canto da pseudopoeta uma sátira grosseira, e muito industriosamente indigesta e excabida contra os deuses; e que há mais impoético do que a impiedade? Ao mesmo tempo que alça os sacrílegos gigantes

{fl.58}

a grau de heróis (bem se irmanava com eles na condição), a musa, pelo contrário fulmina e soterra os gigantes, tributa aos deuses louvores e rendimentos.

## Terceira oposição:

As vencidas prorrompem em injúrias e com violências; ao mesmo passo que as vencedoras, com a serenidade que é filha da consciência da força, só o poder de agravos sobre agravos se decidem a castigá-las. E ainda então, não as vedes recorrer a suplícios atrozes; convertem-nas em pegas, para que, sob essa nova forma, continuem de ser, como dantes, gárrulas, vaidosas e ridículas. Oh! Se ainda hoje as musas conservassem o dom dos milagres, quem se entenderia com pegas?

Esta moderação, que o nosso poeta atribui às musas, em si mesmo a deveu ele achar, que é essa

uma das joias com que mais costuma resplandecer o talento grande.

Foi Ovidio homem de muitos amigos, mas também teve inimigos, invejosos, detratores, perseguidores, piérios, e pêgos; porque todo o sol que muito allumia, também deslumbra e cega. Para Homero houvera Zoilo; para Hesíodo, Cécrope; para Simónides, Thimocreonte;

}fl.101{ {fl.59}

e para Virgilio, Bávio. ¶Que muito que para Ovidio houvesse um Hygino, ou outro quejando? ¶Mas como se desafrontou d'elles? com o silencio quasi sempre; e ainda quando, uma ou duas vezes os fustigou, tanto se absteve de os nomear, que, por sua parte, nol-os deixou desconhecidos.

Esta lição é moral; e tomada pelos do officio, não fará pouco ao seu repouso e fortuna.

\*

Do canto de Callíope, confesso que antes quisera calar do que falar, porque em geral tenho por inferior ao que da Musa se havia de esperar, e a muitos outros trechos das Metamorphóses; mas já sabereis que sou achacado da verdade; e por isso direi também agora o que a mim me parece tal sobre tal sobre a materia.

A proposição d'este canto

Quem primeiro estreou na terra virgem  
o arado criador, primeiro os povos  
deu macio sustento em áureas messes,  
e em meditadas leis costumes, patria  
Ceres foi; tudo é dádiva de Ceres.

}fl.102{ {fl.60}

Quanto ella é digna de formosos cantos,

uma das joias com que mais costuma resplandecer o talento grande.

Foi Ovídio homem de muitos amigos, mas também teve inimigos, invejosos, detratores, perseguidores, piérios e pegos; porque todo o sol que muito alumia, também deslumbra e cega. Para Homero houvera Zoilo; para Hesíodo, Cécrope; para Simónides, Timocreonte;

{fl.59}

e para Virgilio, Bávio. Que muito que para Ovídio houvesse um Higino, ou outro quejando? Mas como se desafrontou deles? Com o silêncio quase sempre; e ainda quando, uma ou duas vezes os fustigou, tanto se absteve de os nomear, que, por sua parte, no-os deixou desconhecidos.

Esta lição é moral; e tomada pelos do officio, não fará pouco ao seu repouso e fortuna.

\*

Do canto de Calíope, confesso que antes quisera calar do que falar, porque em geral tenho por inferior ao que da musa se havia de esperar, e a muitos outros trechos das *Metamorfoses*; mas já sabereis que sou achacado da verdade; e por isso direi também agora o que a mim me parece tal sobre tal sobre a matéria.

A proposição deste canto

Quem primeiro estreou na terra virgem  
o arado criador, primeiro os povos  
deu macio sustento em áureas messes,  
e em meditadas leis costumes, pátria  
Ceres foi; tudo é dádiva de Ceres.

{fl.60}

Quanto ela é digna de formosos cantos,

possais vós, cantos meus, ser dignos d'ella.

ou promette mais, ou promette diverso do que vem a sahir desempenhado; pórque não é Ceres legisladora e civilisadora quem figura, se não Ceres desconsolada na procura de sua filha.

Muito melhor se houvera proposto Prosérpina como heroína, posto que a natureza especial de um poema, que por toda a parte tinha de ser cheio e chocado unicamente de metamorphoses, nem bem ao titulo de Prosérpina faria cama.

O papel de Ceres é, em verdade, de mui secundario interesse. Quanto ella faz, é chorar e correr mundo, transformar um rapaz em osga, destruir as lavoiras da Sicilia, queixar-se a Jupiter, ouvir uma historia a Arethusa, e, a final, determinar a Triptólemo que vá espalhar pelas terras o uso do pão; mas esta última parte, que seria a mais adequada á personagem, e onde por ventura caberia algum pouco de philosophico e de didactico, é tocada a escapar, e sem particularidade alguma que a recomende.

Quanto ao rapto de Prosérpina

}fl.103{ {fl.61}

se refere, me parece, pelo contrário, excellente.

O Thipheu sepultado vivo sob a Sicilia é filho de Píndaro, e bem o mostra pela giganteia sublimidade; mas a Musa de Ovídio o faz seu pela maneira por que o trata.

O afan com que Venus, vendo um' hora a Plutão fora do Averno, pede ao filho Amor que aproveite o ensejo para o ferir e namorar da filha de Ceres, que, em menoscabo seu, se ha votado virgem, a pronta obediencia de Cupido, e o repentino roubo da donzella, são formosas coisas, até pela sobriedade com que sahem ornadissimas.

possais vós, cantos meus, ser dignos dela.

ou promete mais, ou promete diverso do que vem a sair desempenhado; porque não é Ceres legisladora e civilizadora quem figura, se não Ceres desconsolada na procura de sua filha.

Muito melhor se houvera proposto Prosérpina como heroína, posto que a natureza especial de um poema, que por toda a parte tinha de ser cheio e chocado unicamente de metamorphoses, nem bem ao título de Prosérpina faria cama.

O papel de Ceres é, em verdade, de mui secundário interesse. Quanto ela faz, é chorar e correr mundo, transformar um rapaz em osga, destruir as lavouras da Sicília, queixar-se a Júpiter, ouvir uma história a Aretusa, e, a final, determinar a Triptólemo que vá espalhar pelas terras o uso do pão; mas esta última parte, que seria a mais adequada à personagem, e onde porventura caberia algum pouco de filosófico e de didático, é tocada a escapar, e sem particularidade alguma que a recomende.

Quanto ao rapto de Prosérpina

{fl.61}

se refere, me parece, pelo contrário, excelente.

O Tifeu sepultado vivo sob a Sicília é filho de Píndaro, e bem o mostra pela giganteia sublimidade; mas a musa de Ovídio o faz seu pela maneira por que o trata.

O afã com que Vênus, vendo um' hora a Plutão fora do Averno, pede ao filho Amor que aproveite o ensejo para o ferir e namorar da filha de Ceres, que, em menoscabo seu, se há votado virgem, a pronta obediência de Cupido, e o repentino roubo da donzela, são formosas coisas, até pela sobriedade com que saem ornadíssimas.

D'aqui avante começa a decadencia.

O episodio de Cyane é fraco; a peregrinação de Céres, se não tem a diffusão e o contínuo esbombardar de Claudiano, tambem se ha-de confessar que não tem tanto affecto maternal, nem algumas de suas louvaveis phantasias. ;tanto é facil aos discipulos (como já em outra parte adverti) sobrepojar algumas vezes aos mestres que os precederam.

E pois que passamos por Claudiano, digâmos afoitamente, contra o carneiral rebanho dos criticos, que o seu poema do Rapto, defeitu-

}fl.104{ {fl.62}

oso e incompleto como é, encerra mais saudade e melancolia, e muitas vezes um colorido mais vivaz e adequado, que muitos dos melhores pedaços dos melhores mestres.

A fábula de Cyane, e a digressão da sêde de Ceres, não merecem mencionadas. A sua scena de despeitos, lástimas, e supplicas perante Jupiter, bem vai, mas não espanta. O caso da transformação de Ascáphalo era susceptivel de mais curiosa pintura; e as Sereias apenas passam desgarradas por um recanto do quadro.

No resultado da conciliação, que Jupiter faz, entre os encontrados interesses da mãe e do esposo de Prosérpina, segundo o que ficará sendo seis mezes do Inferno, e seis do Mundo, tambem cabía e se esperava um pouco mais de ovidiano engenho.

Quiseram alguns visionarios mythologicos adivinhar n'esta filha de Ceres, seis mezes debaixo e seis decima da terra, uma allegoria do grão, ora semeado e invisivel, ora rebentado, luxuriante, e viçoso. Eu, cuja fé não chega a tanto, só digo que, se Ovidio não tivesse andado aqui tanto á carreira,

Daqui avante começa a decadência.

O episódio de Ciane é fraco; a peregrinação de Ceres, se não tem a difusão e o contínuo esbombardar de Claudiano, também se há de confessar que não tem tanto afeto maternal, nem algumas de suas louváveis fantasias. Tanto é fácil aos discípulos (como já em outra parte adverti) sobrepujar algumas vezes aos mestres que os precederam.

E pois que passamos por Claudiano, digamos afoitamente, contra o carneiral rebanho dos críticos, que o seu poema do *Rapto*, defeitu-

{fl.62}

oso e incompleto como é, encerra mais saudade e melancolia, e muitas vezes um colorido mais vivaz e adequado, que muitos dos melhores pedaços dos melhores mestres.

A fábula de Ciane, e a digressão da sede de Ceres, não merecem mencionadas. A sua cena de despeitos, lástimas, e súplicas perante Júpiter, bem vai, mas não espanta. O caso da transformação de Ascáfalo era suscetível de mais curiosa pintura; e as Sereias apenas passam desgarradas por um recanto do quadro.

No resultado da conciliação, que Júpiter faz, entre os encontrados interesses da mãe e do esposo de Prosérpina, segundo o que ficará sendo seis meses do inferno, e seis do mundo, também cabia e se esperava um pouco mais de ovidiano engenho.

Quiseram alguns visionários mitológicos adivinhar nesta filha de Ceres, seis meses debaixo e seis decima da terra, uma alegoria do grão, ora semeado e invisível, ora rebentado, luxuriante e viçoso. Eu, cuja fé não chega a tanto, só digo que, se Ovídio não tivesse andado aqui tanto à carreira,

}fl.105{ {fl.63}

{fl.63}

muito nos houvera deleitado com as alternativas de duas vivendas tão diversas, e a muitos respeitos tão symphaticas: dos Elysios, onde ella passa rainha os seus invernos, e das claras noites de verão, que lá na Italia do Poeta, n'est'outra nossa Italia do Occidente, tão poeticas são, e tão elysias.

Mas Arethusia nos vingia: a sua história é um modelo de graça narrativa e descritiva.

De Triptólemo, e do final do Livro, onde as Piérides são punidas das bravatas e insolencias, já deixamos dito quanto basta.

---

Ajuste de contas

com

Ovidio e Bocage

Contém este Livro no original 678 versos, e na traducção 963; isto é: tem a traducção mais 285 do que o original.

A Bocage nada pertence.

---

muito nos houvera deleitado com as alternativas de duas vivendas tão diversas, e a muitos respeitos tão simpáticas: dos Elíseos, onde ella passa rainha os seus invernos, e das claras noites de verão, que lá na Itália do poeta, nest'outra nossa Itália do occidente, tão poéticas são, e tão elísias.

Mas Aretusa nos vingia: a sua história é um modelo de graça narrativa e descritiva.

De Triptólemo, e do final do livro, onde as Piérides são punidas das bravatas e insolências, já deixamos dito quanto basta.

---

Ajuste de contas

com

Ovídio e Bocage

Contém este livro no original 678 versos, e na tradução 963; isto é: tem a tradução mais 285 do que o original.

A Bocage nada pertence.

---



**Aparato Crítico do Livro V**

<b>Número do verso</b>	<b>Verso na versão impressa</b>
417	“que, inda muito não ha, que erão donzellas;”
503	“dos fundamentos d’ella o estado, a fôrça.”
724	“valha a Filha ante o Pai; oh! não na engeites,”
812	“conservastes o rôsto, a voz de humanas.”
833	“ja no atinar co’a veação nos bósques,”

Fragmentos  
que ainda se acharam  
ineditos  
da  
traducção das “Metamorphoses”  
por  
Antonio Feliciano de Castilho  
não revistos pelo traductor

## VI

Completo, faltando apenas  
copiar um trecho de Bocage.

}fl.243{ {fl.1}

{fl.1}

*revisto*

## Metamorfoses

## Metamorfoses

## Livro VI

## Livro VI

Pallas, que attenta<sup>2</sup> ouvira<sup>1</sup>, aplaude ás Musas  
o mui donoso canto, e as justas iras.

\*

– |“| Mas – diz ella entre si – louvar não basta;  
que nos louvem tambem; não se imagine,  
que afrontas a meu <nome>[↑nume] as deixo  
impunes. |”| –

\*

Põe logo o fito na Meónia Aráchne,  
que por tão mestra e prima em lanificios  
ouviu se tem, que lhe disputa as palmas.  
Aráchne, de familia e patria humilde,  
ganhára em seu officio honrado nome.  
O Colophónio Idmon, seu pae, tingia  
no múrice phocáico as lans bibosas.  
Fôra tambem da plebe, e igual do esposo,  
sua mãe, já defunta; mas a filha  
(se bem que em pobre lar) na pobre Hypépis  
aldeana viu a luz, cresceu, e assiste.  
As cidades da Lydia encheu co[↑m] a fama;  
pela ver nos labores estupendos  
deixavam seus vinhaes Tymóleas Nymphas,

}fl.244{ {fl.2}

e as Nymphas do Pactólo as áureas ondas.  
Encanta <ver-lhe as>[↑contemplar-lhe as] obras  
<acabadas>[↑findas],  
ou vel-a a trabalhar; tudo é feitiço.

Palas, que ouvira atenta, aplaude as musas  
o mui donoso canto, e as justas iras.

\*

— Mas – diz ela entre si – louvar não basta;  
que nos louvem também; não se imagine,  
que afrontas a meu nome as deixo impunes. —

5

\*

Põe logo o fito na Meônia Aracne,  
que por tão mestra e prima em lanificios  
ouviu se tem, que lhe disputa as palmas.  
Aracne, de família e pátria humilde,  
ganhara em seu ofício honrado nome. 10  
O colofônio Idmon, seu pai, tingia  
no múrice focaico as lãs bibosas.  
Fora também da plebe, e igual do esposo,  
sua mãe, já defunta; mas a filha  
(se bem que em pobre lar) na pobre Hipépis 15  
aldeã viu a luz, cresceu, e assiste.  
As cidades da Lídia encheu com a fama;  
pela ver nos labores estupendos  
deixavam seus vinhais Tmólias ninfas,

{fl.2}

e as ninfas do Pactolo as áureas ondas. 20  
Encanta contemplar-lhe as obras findas,  
ou vê-la a trabalhar; tudo é feitiço.

\*

No arredondar primeiro as lans em bruto,  
logo no rareal-as como névoas,  
no rodopiar do fuso, emfim no esmero  
com que borda e matiza, em tudo mostra  
que Pallas a ensinou; mas nem de Pallas  
que a supponham discipula consente.  
– |“|Venha ella mesma – diz comsigo; – aposte;  
quero tudo perder, se eu fôr vencida. |”| –

\*

A deusa, pois, em velha se disfarça,  
toda cans, toda trémula, arrimada  
n’um cajadinho, e trôpega; procura-a,  
e diz:

\*

– |“|Esta minguada da velhice  
traz muita coisa que afugenta os moços,  
mas tambem traz seus bens: co[↑m] os longos annos  
se alcança experiencia. Aráchne, aceita  
um conselho, que é bom: procura, embora,  
ser tecedeira insigne entre as mulheres;  
mas a uma deusa, cede-lhe. Tens, filha,  
sido com Pallas descortez em ditos;

}fl.245{ {fl.3}

pois pede-lhe perdão, que has-de alcançal-o. |”| –

\*

Com tôrvo olhar a encara a presumçosa,  
interrompendo a obra; e irada em rôsto,  
e mal contendo as mãos, d’est’arte arrója  
contra a deusa encoberta o fel que a rala:

\*

– |“| Já tonteias de velha; os muitos annos  
o que te hão feito ao corpo hão feito ao siso.  
Se filha ou nora tens, vae ter com ellas  
que te soffram; conselhos não careço;

\*

No arredondar primeiro as lãs em bruto,  
logo no rareá-las como névoas,  
no rodopiar do fuso, enfim no esmero 25  
com que borda e matiza, em tudo mostra  
que Palas a ensinou; mas nem de Palas  
que a suponham discípula consente.  
— Venha ela mesma – diz consigo; – aposte;  
quero tudo perder, se eu for vencida. — 30

\*

A deusa, pois, em velha se disfarça,  
toda cãs, toda trêmula, arrimada  
num cajadinho, e trôpega; procura-a,  
e diz:

\*

— Esta minguada da velhice  
traz muita coisa que afugenta os moços, 35  
mas também traz seus bens: com os longos anos  
se alcança experiência. Aracne, aceita  
um conselho, que é bom: procura, embora,  
ser tecedeira insigne entre as mulheres;  
mas a uma deusa, cede-lhe. Tens, filha, 40  
sido com Palas descortês em ditos;

}fl.245{ {fl.3}

pois pede-lhe perdão, que hás de alcançá-lo. —

\*

Com torvo olhar a encara a presunçosa,  
interrompendo a obra; e irada em rosto,  
e mal contendo as mãos, destarte arroja 45  
contra a deusa encoberta o fel que a rala:

\*

— Já tonteias de velha; os muitos anos  
o que te hão feito ao corpo hão feito ao siso.  
Se filha ou nora tens, vai ter com elas  
que te soffram; conselhos não careço; 50

e por que te não vás talvez cuidando  
que me deixas movida, o que eu dizia  
digo, e torno a dizer: <que não vem ella?>[↑venha,  
se o ousa];

¿por que se esquiva á provocada aposta? |”|—

\*

— |“| Sim, vem |”| — <diz>[↑brada] a Immortal  
despindo enganoso,

e mostrando-se nume. De repente  
Nymphas, Mygdónias donas a veneram;  
tudo aos pés se lhes prostra, excepto a virgem;  
não, não treme; envergonha-se contudo;  
súbita côr, a seu pesar, nas faces  
se lhe acende, e se esvai, quaes se roxeiam  
com a aurora os ceos, co[↑m] o sol depois desbotam.

}fl.246{ {fl.4}

De seu fatal propósito não desce;  
e, cega co[↑m] a ambição da insana palma,  
corre á certa ruina, que a soberba  
filha de Jove aceita o desafio;  
[↑e] sem mais admoes<tações>[↑tar] põem mãos á  
obra.

<Uma e outra, em distancia collocadas,> [↑Para logo  
fronteira uma da outra,]

<armam telas eguaes de fino estame;> [↑dão  
princípio aos finissimos tecidos.]

Ao orgam do tear <se> prendeu[↑-se] a teia;  
dividem a urdidura as canas lisas;  
com a lançadeira aguda a trama vôa;  
para cá, para lá, passa e repassa,  
dos dedos mestres ao ligeiro toque;  
e a cada vez que nos primeiros fios  
se intromette, vem súbito tocado  
batel-a o pente apertador do pano.

Dão-se pressa; co[↑m] as vestes apanhadas

e por que te não vás talvez cuidando  
que me deixas movida, o que eu dizia  
digo, e torno a dizer: venha, se o ousa;

por que se esquiva à provocada aposta? —

\*

“Sim, vem” — brada a imortal despindo enganoso, 55

e mostrando-se nume. De repente  
ninfas, migdônias donas a veneram;  
tudo aos pés se lhes prostra, exceto a virgem;  
não, não treme; envergonha-se contudo;  
súbita cor, a seu pesar, nas faces 60  
se lhe acende, e se esvai, quais se roxeiam  
com a aurora os céus, com o sol depois desbotam.

{fl.4}

De seu fatal propósito não desce;  
e, cega com a ambição da insana palma,  
corre a certa ruína, que a soberba 65  
filha de Jove aceita o desafio;  
e sem mais admoestar põem mãos à obra.

Para logo fronteira uma da outra,

dão princípio aos finíssimos tecidos.

Ao órgão do tear prendeu-se a teia; 70

dividem a urdidura as canas lisas;  
com a lançadeira aguda a trama voa;  
para cá, para lá, passa e repassa,  
dos dedos mestres ao ligeiro toque;

e a cada vez que nos primeiros fios 75

se intromete, vem súbito tocado

batê-la o pente apertador do pano.

Dão-se pressa; com as vestes apanhadas



Pasmado o tribunal lhe outorga a palma.

\*

Mas, para que a rival de tanta gloria  
por exemplos alheios anteveja  
que lucros tirará da infrene audacia,  
quatro certames finge aos quatro cantos,

}fl.248{ {fl.6}

claros, breves em campo, em côres vivos:  
N'um, põe o régio par da Thrácia gente,  
Hemo e Rhódope, montes regelados  
hoje, outr'ora mortaes, que já se ousaram  
intitular os máximos dos numes;  
n'outro, a sorte cruel d'aquella insana  
da pygmeia nação; Juno, que a vence,  
a manda transformar-se em grou damninha,  
e os conterrâneos seus trazer em guerra.  
Antígone depois, que em formosura  
já pleiteou co[↑m] a esposa do Tonante;  
esta em ave a transmuda; não lhe valem  
Laomedonte por pae, Ilion por patria;  
plumas assume, é candida cegonha;  
com o crepitante róstro inda se aplaude.  
Na ultima ponta a Cýniras retrata.  
Das filhas orphanado o infausto velho  
feitas degraus de um templo inda as abraça;  
jaz na frígida pedra, e está chorando.  
Fecha o lavor travada cercadura  
de ramos da sua arvore, tão caros  
á paz, entremeados de azeitona.

\*

A Meónia entretanto imita Europa  
do falso toiro illusa; o toiro aos olhos  
é vivo, ondas rolar o mar parece.  
Está-se vendo a tímida Princeza,  
olhos e coração fitos na praia,

Pasmado o tribunal lhe outorga a palma.

\*

Mas, para que a rival de tanta glória  
por exemplos alheios anteveja 110  
que lucros tirará da infrene audácia,  
quatro certames finge aos quatro cantos,

{fl.6}

claros, breves em campo, em cores vivos:  
Num, põe o régio par da trácia gente,  
Hemo e Ródope, montes regelados 115  
hoje, outrora mortais, que já se ousaram  
intitular os máximos dos numes;  
noutro, a sorte cruel daquela insana  
da pigmeia nação; Juno, que a vence,  
a manda transformar-se em grou daninha, 120  
e os conterrâneos seus trazer em guerra.  
Antígone depois, que em formosura  
já pleiteou com a esposa do Tonante;  
esta em ave a transmuda; não lhe valem  
Laomedonte por pai, Ílion por pátria; 125  
plumas assume, é cândida cegonha;  
com o crepitante rostro inda se aplaude.  
Na última ponta a Cíniras retrata.  
Das filhas orphanado o infausto velho  
feitas degraus de um templo inda as abraça; 130  
jaz na frígida pedra, e está chorando.  
Fecha o lavor travada cercadura  
de ramos da sua árvore, tão caros  
à paz, entremeados de azeitona.

\*

A meônia entretanto imita Europa 135  
do falso toiro ilusa; o toiro aos olhos  
é vivo, ondas rolar o mar parece.  
Está-se vendo a tímida princesa,  
olhos e coração fitos na praia,



}fl.249{ {fl.7}	{fl.7}	
<p>           pelas socias bradar, temer as ondas,            e as níveas plantas recolher medrosa.            Águia Real lutando empolga a Astérie;            a Leda cisne argênteo obumbra, amima.            Á linda filha de Nycteu vem Jove            sob aspecto de sátyro, que a deixa            de gémea prole mãe; zomba de Alcmena            fingindo Amphytrião; seduz a Dânae            desfeito em chuva d'oiro; a Egina em fogo,            Mnemósyne em pastor, Deóide em serpe.            Com tanta e tanta afronta ao Rei do Olympo            não se dá por contente; inda há mais numes;            sabe inda mais escândalos; não pára            no sacrílego empenho a destemida.            Venha á tela Neptuno: eil-o em novillo            de catadura tôrva ás plantas de Arne;            feito em rio e Enipeu gera os Alóidas;            muda-se por Bisáltide em carneiro;            por Ceres em corcél, por ti, ó Ceres,            das messes loira madre, encanto de homens;            em ave por Medusa, a anguicriníta,            a mãe do alado Pégaso; golphinho,            geme de amor nos braços de Melantho.            ;E a variedade, a vida, a expressão propria,            que imprime em cada sitio, em cada imagem!            Segue-se Apollo em camponez disfarce,            em açor, em leão; e em pegureiro            por lograr Isse, Macareia prole.            Baccho some-se em cacho, e engana Erígone;            Saturno, garanhão, gera o Centauro.            Da complicada tela em roda allonga            estreita barra de enleantes heras            embrincadas com flores á mistura.         </p>	<p>           pelas sócias bradar, temer as ondas,            e as níveas plantas recolher medrosa.            Águia real lutando empolga a Astéria;            a Leda cisne argênteo obumbra, amima.            À linda filha de Nicteu vem Jove            sob aspecto de sátiro, que a deixa            de gémea prole mãe; zomba de Alcmena            fingindo Anfitrião; seduz a Dânae            desfeito em chuva d'oiro; a Egina em fogo,            Mnemósine em pastor, Deóide em serpe.            Com tanta e tanta afronta ao rei do Olimpo            não se dá por contente; inda há mais numes;            sabe inda mais escândalos; não para            no sacrílego empenho a destemida.            Venha à tela Netuno: ei-lo em novillo            de catadura torva às plantas de Arne;            feito em rio Enipeu gera os Aloidas;            muda-se por Bisáltide em carneiro;            por Ceres em corcel, por ti, ó Ceres,            das messes loira madre, encanto de homens;            em ave por Medusa, a anguicrinita,            a mãe do alado Pégaso; golfinho,            geme de amor nos braços de Melanto.            E a variedade, a vida, a expressão própria,            que imprime em cada sítio, em cada imagem!            Segue-se Apolo em camponês disfarce,            em açor, em leão; e em pegureiro            por lograr Isse, Macareia prole.            Baco some-se em cacho, e engana Erígone;            Saturno, garanhão, gera o Centauro.            Da complicada tela em roda alonga            estreita barra de enleantes heras            embrincadas com flores à mistura.         </p>	<p>140</p> <p>145</p> <p>150</p> <p>155</p> <p>160</p> <p>165</p> <p>170</p>

\*

\*

}fl.250{ {fl.8}	{fl.8}
*	*
Tão primoroso é tudo, que nem Pallas acha que censurar, nem o acharia (se fôra ali chamada) a mesma Inveja. Mais se enraiva com isto a flava heroína; rasga a tela afrontosa a tantos numes; com a lançadeira de Cytório buxo que tinha inda na mão, tres, quatro vezes fere na frente a Arachne. Arachne altiva taes insultos soffrer não quer, não pode; arma soberba um laço, embebe o collo, pende; condoe-se Pallas; e sustendo-a no ar, para que o pezo a não suffoque, –  “ Vive embora, – lhe diz; – malvada, vive; mas assim; mas pendente; e, por que esp’ranças de mais doce porvir te não consolem, igual lei, pena igual, te abranja os netos.  ”  –	Tão primoroso é tudo, que nem Palas acha que censurar, nem o acharia (se fora ali chamada) a mesma Inveja. 175 Mais se enraiva com isto a flava heroína; rasga a tela afrontosa a tantos numes; com a lançadeira de citório buxo que tinha inda na mão, três, quatro vezes fere na frente a Aracne. Aracne altiva 180 tais insultos soffrer não quer, não pode; arma soberba um laço, embebe o colo, pende; condói-se Palas; e sustendo-a no ar, para que o peso a não sufoque, — Vive embora, – lhe diz; – malvada, vive; 185 mas assim; mas pendente; e, por que esp’ranças de mais doce porvir te não consolem, igual lei, pena igual, te abranja os netos. —
*	*
Diz; e logo afastando-se, lhe asperge	Diz; e logo afastando-se, lhe asperge
}fl.251{ {fl.9}	{fl.9}
de Hecátea planta o succo; o effeito é pronto: o cabelo lhe cai, nariz, e orelhas; some a cabeça em pequenez incrível; no corpo todo encolhe; os braços vão-se; e os dedos, que dos lados lhe ressaem, se encurvam, se adelgaçam, pés lhe suprem; desmesurado ventre occupa o resto; do ventre o fio extrai, com que prosegue, inda depois de aranha, as priscas teias.	de Hecátea planta o suco; o efeito é pronto: 190 o cabelo lhe cai, nariz, e orelhas; some a cabeça em pequenez incrível; no corpo todo encolhe; os braços vão-se; e os dedos, que dos lados lhe ressaem, se encurvam, se adelgaçam, pés lhe suprem; 195 desmesurado ventre ocupa o resto; do ventre o fio extrai, com que prossegue, inda depois de aranha, as priscas teias.
*	*
Toda a Lydia se aterra; o grão boato corre as cidades phrygias, d’onde em breve se diffunde pelo orbe.	Toda a Lídia se aterra; o grão boato corre as cidades frígias, donde em breve 200 se difunde pelo orbe.

\*

Inda solteira,  
quando em Meónia e Sípylo vivia,  
Níobe conhecêra a triste Aráchne;  
mas no castigo da plebeia moça  
não soube escarmentar; no orgulho insiste;  
não cessa de jactar-se ante deidades.  
Eram mil as rasões que a apavonavam:  
estados, clara estirpe, excelso esposo,  
até na lyra <rei>/Rei; mas sobre tudo,  
mas sobre tudo a prole que a rodeia.  
Níobe a mais feliz das mães sería,  
se a mais feliz das mães se não julgasse.

\*

}fl.252{ {fl.10}

\*

A filha do fatídico Tirésias,  
Manto, a gran prophetisa, apparecêra  
por meio dos caminhos vozeando  
por impulso divino: “Andae, Thebanas,  
“todas á festa, á festa; incenso e preces  
“a Latona, e aos dois filhos de Latona.  
“Loiro na trança; á festa andae, Thebanas;  
“ouvi na minha voz a voz da deusa.”

\*

Tudo obedece; c’rôam-se do loiro;  
incensos e orações ás sacras flammæ  
levam.

\*

Eis chega Níobe co[↑m] o fausto  
da comitiva immensa, e deslumbrando  
com o oiro que lhe luz nas Phrýgias vestes;  
formosa quanto a cólera o permite,  
movendo a fronte altiva, e tremulando  
a coma pelos hombros debruçada.

\*

Inda solteira,  
quando em Meônia e Sípylo vivia,  
Níobe conhecera a triste Aracne;  
mas no castigo da plebeia moça  
não soube escarmentar; no orgulho insiste; 205  
não cessa de jactar-se ante deidades.  
Eram mil as razões que a apavonavam:  
estados, clara estirpe, excelso esposo,  
até na lira rei; mas sobretudo,  
mas sobretudo a prole que a rodeia. 210  
Níobe a mais feliz das mães seria,  
se a mais feliz das mães se não julgasse.

\*

{fl.10}

\*

A filha do fatídico Tirésias,  
Manto, a grã profetisa, apparecera  
por meio dos caminhos vozeando 215  
por impulso divino: “Andai, tebanas,  
todas à festa, à festa; incenso e preces  
a Latona, e aos dois filhos de Latona.  
Loiro na trança; à festa andai, tebanas;  
ouvi na minha voz a voz da deusa.” 220

\*

Tudo obedece; c’roam-se do loiro;  
incensos e orações às sacras flamas  
levam.

\*

Eis chega Níobe com o fausto  
da comitiva imensa, e deslumbrando  
com o oiro que lhe luz nas frígias vestes; 225  
formosa quanto a cólera o permite,  
movendo a fronte altiva, e tremulando  
a coma pelos ombros debruçada.

Pára; e tendo em redor lançado a vista  
com soberbo desdem,

\*

— “Que insânia — exclama, —

que furor vos constringe a preferirdes  
numes ouvidos, a visíveis numes?!

¿Por que dais a Latona as vossas aras,  
e a meu divino ser tardais incensos?

O só que obteve entrar mezas divinas,

}fl.253{ {fl.11}

foi Tântalo meu pae. No côro ethéreo,  
das Pléiades irmans a mãe vos mostro.

Por avós tenho o immenso o antigo Atlante,  
e Jupiter; e a Jupiter (notae-o)

sou inda mais: sou nora. Os Phrygios povos  
me acatam; do grão Cadmo os regios paços

são meu dominio; os muros portentosos  
que erigiu meu consorte ao som da lyra,

e a turba que sem número os povôa,  
às leis minhas e d’elle estão sujeitos.

Onde quer que me volte em meu palacio,  
só thesoiros, brasões, grandeza, encontro.

Acresce a tantos dons a formosura  
digna de deusa, e á formosura a gloria

de ter já filhas sete e sete filhos,

e esperar turba igual de genros novos.

¿E ousar-se-hia após isto perguntar-me  
em que fundo a altivez?! ¿E ousa-se em Thebas  
do Titânide Céus pospôr-me á filha?

¿pospôr Níobe á mísera Latona,

a mísera, a misérrima, que um palmo  
nem sequer pode achar no vasto mundo  
em que o parto depôr? Ceo, terra, e mares,  
tudo há negado abrigo á deusa vossa.

Para; e tendo em redor lançado a vista  
com soberbo desdém,

\*

— Que insânia — exclama, — 230

que furor vos constringe a preferirdes  
numes ouvidos, a visíveis numes?!

Por que dais à Latona as vossas aras,  
e a meu divino ser tardais incensos?

O só que obteve entrar mesas divinas, 235

{fl.11}

foi Tântalo meu pai. No coro etéreo,  
das Pléiades irmãs a mãe vos mostro.

Por avós tenho o imenso o antigo Atlante,  
e Júpiter; e a Júpiter (notai-o)

sou inda mais: sou nora. Os frígios povos 240  
me acatam; do grão Cadmo os régios paços

são meu domínio; os muros portentosos  
que erigiu meu consorte ao som da lira,

e a turba que sem número os povoa,  
às leis minhas e dele estão sujeitos. 245

Onde quer que me volte em meu palácio,  
só tesoiros, brasões, grandeza, encontro.

Acresce a tantos dons a formosura  
digna de deusa, e à formosura a glória

de ter já filhas sete e sete filhos, 250

e esperar turba igual de genros novos.

E ousar-se-ia após isto perguntar-me  
em que fundo a altivez?! E ousa-se em Tebas  
do Titânide Céus pospor-me à filha?

Pospor Níobe à mísera Latona, 255

a mísera, a misérrima, que um palmo  
nem sequer pôde achar no vasto mundo  
em que o parto depor? Céu, terra, e mares,  
tudo há negado abrigo à deusa vossa.

	}fl.254{ {fl.12}	{fl.12}	
Desterrada de toda a Natureza vagueou, té que Delos condoída, –  “ Tu por valles e montes, eu por vagas, temos – disse – igual sorte: errar perdidas  ” – e a recebeu no asylo flutuante.		Desterrada de toda a natureza vagueou, ‘té que Delos condoída, ‘Tu por vales e montes, eu por vagas, temos – disse – igual sorte: errar perdidas’ – e a recebeu no asilo flutuante.	260
Lá deu á luz dois <filhos>[↑gémeos]; sete vezes mais fecunda fui eu. Sou venturosa; em tammanha <opulencia>[↑abundancia] estou segura, que são por mim, que o serão sempre, os Fados. Na alteza a que subi, já cá não chegam, Fortuna, os teus vaivens; muito me leves, se te apraz; ficarei com mais que muito. ¿Podem mêdos caber com bens tão vastos? Supponde até, que a morte me investisse este povo de filhos; serei nunca reduzida a só dois? Perderei muitos, e mais que dois terei. Ide-vos, ide, longe das aras; breve; á terra as c’rôas.  ”  –		Lá deu à luz dois gêmeos; sete vezes mais fecunda fui eu. Sou venturosa; em tamanha abundância estou segura, que são por mim, que o serão sempre, os fados. Na alteza a que subi, já cá não chegam, Fortuna, os teus vaivéns; muito me leves, se te apraz; ficarei com mais que muito. Podem medos caber com bens tão vastos? Supponde até, que a morte me investisse este povo de filhos; serei nunca reduzida a só dois? Perderei muitos, e mais que dois terei. Ide-vos, ide, longe das aras; breve; à terra as c’roas. —	265
*		*	
Obedecem; do loiro se destoucam; <deixam>[↑largam] a festa em meio; o mais que podem fazem á deusa: adoram-n-a <em silencio> [↑caladas].		Obedecem; do loiro se destoucam; largam a festa em meio; o mais que podem fazem à deusa: adoram-na caladas.	270
*		*	275
	}fl.255{ {fl.13}	{fl.13}	
*		*	
Indignada a Immortal de injuria tanta, no alto cume do Cyntho á gémea prole então disse:		Indignada a imortal de injúria tanta, no alto cume do Cinto à gêmea prole então disse:	
*		*	
–  “ Eu mãe vossa, eu, filhos caros, ufana (je tanto!) de chamar-vos filhos,		— Eu mãe vossa, eu, filhos caros, ufana (e tanto!) de chamar-vos filhos,	

eu, que a deusas não cedo excepto a Juno,  
 acho quem me conteste o ser divino;  
 e se não me acudís, ver-me-heis em breve  
 de aras votivas sem regresso expulsa.  
 Inda mais: a Tantálide orgulhosa  
 reúne á dura offensa amargo insulto:  
 filhos seus vantaja a vós, meus filhos;  
 e a mim, por mãe sem prole (o Ceo lhe vólva  
 pena igual) me intitúla; a vil bem mostra  
 que a loquaz impiedade herdou co[↑m] o sangue.”|—

\*

Expôsto o succedido, ia Latona  
 a rogos recorrer.

— “Basta – diz Phébo; –  
 o tempo de punir se <vae nas>[↑perde em] queixas.”—

\*

}fl.256{ {fl.14}

\*

Phebe o dito confirma. Eil-os de um vôo  
 no alto de Thebas em neblina occultos.

\*

Desde o pé das muralhas se espraia  
 desafrontado e plano um campo immenso,  
 trilha contínua dos frisões Thebanos,  
 onde rodas sem conto e cascos duros  
 o esterroadado sólo anediaram.

Lá por acaso então se divertia,  
 campeando em quadrúpedes possantes,  
 com mantas de escarlata e freios d’oiro,  
 parte dos sete de Amphião gerados.

\*

Ismeno, que de todos o primeiro  
 foi doce pêzo do materno collo,  
 no espumoso corcel quadrupedante  
 dentro no mesmo círculo trotava.

eu, que a deusas não cedo exceto a Juno, 285  
 acho quem me conteste o ser divino;  
 e se não me acudís, ver-me-eis em breve  
 de aras votivas sem regresso expulsa.

Inda mais: a Tantálide orgulhosa 290  
 reúne à dura ofensa amargo insulto:  
 filhos seus vantaja a vós, meus filhos;  
 e a mim, por mãe sem prole (o Céu lhe volva  
 pena igual) me intitula; a vil bem mostra  
 que a loquaz impiedade herdou com o sangue. —

\*

Exposto o succedido, ia Latona 295  
 a rogos recorrer.

— Basta – diz Febo; –  
 o tempo de punir se perde em queixas. —

\*

{fl.14}

\*

Febe o dito confirma. Ei-los de um voo  
 no alto de Tebas em neblina occultos.

\*

Desde o pé das muralhas se espraia 300  
 desafrontado e plano um campo imenso,  
 trilha contínua dos frisões tebanos,  
 onde rodas sem conto e cascos duros  
 o esterroadado solo anediaram.

Lá por acaso então se divertia, 305  
 campeando em quadrúpedes possantes,  
 com mantas de escarlata e freios d’oiro,  
 parte dos sete de Anfião gerados.

\*

Ismeno, que de todos o primeiro  
 foi doce peso do materno colo, 310  
 no espumoso corcel quadrupedante  
 dentro no mesmo círculo trotava.

– “Ai de mim! ” – grita. Penetrante gume  
pelos peitos o entrou, descai-lhe a rédea  
da mão desfalecida, a pouco e pouco  
se debruça, eil-o vérga, ao dextro lado  
tomba, jaz, espirou.

\*

Sípylo, apenas

}fl.257{ {fl.15}

ouviu nos ares sibilar a sétta  
partira a toda a brida. Qual o mestre  
que ao vir lá temporal dá todo o pano  
para entrar inda a tempo a enseada amiga,  
tal ia á rédea solta. Mas o tiro  
inevitavel o apanhou na fuga;  
no alto da cerviz lá está tremendo  
a frécha, que reponta ao lado opposto;  
elle, que (ia pendente)<sup>2</sup> (na carreira)<sup>1</sup>  
<sobre o rapido> [↑do bruto sobre o] collo e  
ondeadas crinas,  
baqueia de mergulho e tinge a terra.

\*

Phédimo desastrado, e o triste herdeiro  
do avito nome Tântalo, acabado  
o exercicio usual do equestre jôgo,  
tinham passado á luta, e já, lustrosos  
de óleo cheiroso, entrelaçando os braços,  
provavam peito a peito as verdes fôrças.  
Eis do arco atezado estala a sétta,  
juntos no abraço os colhe, e os passa juntos;  
sai um gemido só das bôccas ambas;  
ambos, os membros pela dôr torcidos  
a um tempo estiram, põem a vista em alvo  
ambos a um tempo, e unânimes fenecem.

\*

“Ai de mim!” – grita. Penetrante gume  
pelos peitos o entrou, descai-lhe a rédea  
da mão desfalecida, a pouco e pouco  
se debruça, ei-lo verga, ao destro lado  
tomba, jaz, espirou.

\*

Sípilo, apenas

{fl.15}

ouviu nos ares sibilar a seta  
partira a toda a brida. Qual o mestre  
que ao vir lá temporal dá todo o pano  
para entrar inda a tempo a enseada amiga,  
tal ia à rédea solta. Mas o tiro  
inevitável o apanhou na fuga;  
no alto da cerviz lá está tremendo  
a flecha, que reponta ao lado opposto;  
ele, que na carreira ia pendente  
do bruto sobre o colo e ondeadas crinas,  
baqueia de mergulho e tinge a terra.

\*

Fédimo desastrado, e o triste herdeiro  
do avito nome Tântalo, acabado  
o exercicio usual do equestre jogo,  
tinham passado à luta, e já, lustrosos  
de óleo cheiroso, entrelaçando os braços,  
provavam peito a peito as verdes forças.  
Eis do arco atezado estala a seta,  
juntos no abraço os colhe, e os passa juntos;  
sai um gemido só das bocas ambas;  
ambos, os membros pela dor torcidos  
a um tempo estiram, põem a vista em alvo  
ambos a um tempo, e unânimes fenecem.

\*

}fl.258{ {fl.16}

{fl.16}

Com os punhos Alphenor ferindo o peito,  
vôa a acudir-lhes; tenta erguel-os. Colhe-os  
no pio empenho o passador de Délio;  
descoseu-lhe pelo âmago as entranhas;  
arrancam-lh'ô; é pulmão que vem com a farpa;  
em borbotões de sangue esvai-se a vida.

\*

Porém<sup>2</sup> Damasichton<sup>1</sup>, de intonsa grenha,  
de um só golpe não vai; n'uma das curvas  
lhe entra um farpão; forceja por tiral-o,  
quando outro o alcança, e na garganta o rompe,  
tão fundo, que só fóra as plumas ficam;  
o sangue que gorgulha cospe a sétta,  
e livre aos ares em repucho salta.

\*

Resta Ilioneu, que os braços levantando  
ora (¡tardío orar!)

– |“| Ó numes todos, –  
exclama (nem que o mal de todos venha) –  
numes, ¡perdão! ¡poupae-me! |”| –

O deus condoe-se,

mas é tarde: o farpão fugiu do arco;  
não há sustel-o; crava-se. Dos sete  
foi este o que expirou menos ferido,  
á flor do coração roçado apenas.

O alarido do povo, os ais da côrte  
narram á mãe o súbito desastre.

Poderem tanto os numes a confunde;  
poderem tanto, e ousal-o a desespera.

Não pára n'isto o horror: seu regio esposo  
louco de tanto mal traspassa o peito;  
para arrancar-se á dor se arranca á vida.

\*

¿É esta, ó Ceos, a Níobe que há pouco

Com os punhos Alfenor ferindo o peito,  
voa a acudir-lhes; tenta erguê-los. Colhe-os  
no pio empenho o passador de Délio;  
descoseu-lhe pelo âmago as entranhas;  
arrancam-lho; é pulmão que vem com a farpa;  
em borbotões de sangue esvai-se a vida.

\*

Damasícton, porém, de intonsa grenha,  
de um só golpe não vai; numa das curvas  
lhe entra um farpão; forceja por tirá-lo,  
quando outro o alcança, e na garganta o rompe,  
tão fundo, que só fora as plumas ficam;  
o sangue que gorgulha cospe a seta,  
e livre aos ares em repuxo salta.

\*

Resta Ilioneu, que os braços levantando  
ora (tardio orar!)

— Ó numes todos, –  
exclama (nem que o mal de todos venha) –  
Nunes, perdão! Poupai-me! –

O deus condói-se,

mas é tarde: o farpão fugiu do arco;  
não há sustê-lo; crava-se. Dos sete  
foi este o que expirou menos ferido,  
à flor do coração roçado apenas.

O alarido do povo, os ais da corte  
narram à mãe o súbito desastre.

Poderem tanto os numes a confunde;  
poderem tanto, e ousá-lo a desespera.

Não para nisto o horror: seu régio esposo  
louco de tanto mal traspassa o peito;  
para arrancar-se à dor se arranca à vida.

\*

É esta, ó Céus, a Níobe que há pouco

345

350

355

360

365



<p>punha desertas as Latónias aras?          ¿que toda orgulho passeava em Thebas?          ¿que era a aversão dos seus? ¡e agora... digna</p>	<p>punha desertas as Latônias aras?          Que toda orgulho passeava em Tebas?          Que era a aversão dos seus? E agora... digna</p>	<p>370</p>
}fl.259{ {fl.17}		{fl.17}
<p>até de que inimigos a deplorem!...          *          Sobre frios cadáveres se estende,          e os derradeiros ósculos aos filhos          sem paz, sem ordem, sem consôlo, espalha.          Mas dos filhos aos Ceos volvendo os braços          lívida e [↑já] frenética, voseia:</p> <p>– [“] Ceva-te em minha dor, feroz Latona;          ceva-te; em luto meu teu peito farta;          enche esse coração de acerbo gôsto.          Sete vezes fui morta, e sete vezes          testemunha vais ser de exequias minhas;          alegre-te, inimiga, eia, triumpha.          ¿Triumphares?! ¿por quê?! ¡se eu desgraçada          inda conservo mais que tu ditosa!          Depois de tanta morte, inda te &lt;excedo&gt;[↑venço]. —</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>até de que inimigos a deplorem!...          *          Sobre frios cadáveres se estende,          e os derradeiros ósculos aos filhos          sem paz, sem ordem, sem consolo, espalha.          Mas dos filhos aos Céus volvendo os braços          lívida e já frenética, vozeia:</p> <p>— Ceva-te em minha dor, feroz Latona;          ceva-te; em luto meu teu peito farta;          enche esse coração de acerbo gosto.          Sete vezes fui morta, e sete vezes          testemunha vais ser de exéquias minhas;          alegre-te, inimiga, eia, triunfa.          Triunfares?! Por quê?! Se eu desgraçada          inda conservo mais que tu ditosa!          depois de tanta morte, inda te venço. —</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>375</p> <p>380</p> <p>385</p>
<p>Dissera. Do arco ufano a corda sôa;          todos se aterram; Níobe somente          aprendeu no infortunio a ser afoita.          Suas filhas, em luto e desgrenhadas,          ante os esquifes dos irmãos carpíam;          uma d’ellas do seio desentala          setta imprevista, e cai mortal de rosto          sobre o fraterno corpo; outra, querendo          consolar sua mãe, golpe invisível          a atalha; a dôr que a investe a dobra toda;          dos labios meigos que a piedade abrira,          a alma sahindo para sempre os cerra;          no baldado fugir esta succumbe;</p>	<p>Dissera. Do arco ufano a corda soa;          todos se aterram; Níobe somente          aprendeu no infortúnio a ser afoita.          Suas filhas, em luto e desgrenhadas,          ante os esquifes dos irmãos carpíam;          uma delas do seio desentala          seta imprevista, e cai mortal de rosto          sobre o fraterno corpo; outra, querendo          consolar sua mãe, golpe invisível          a atalha; a dor que a investe a dobra toda;          dos lábios meigos que a piedade abrira,          a alma saindo para sempre os cerra;          no baldado fugir esta succumbe;</p>	<p>390</p> <p>395</p> <p>400</p>

outra sobre <esta>[↑ella] expira; uma se esconde;  
treme de mêdo a outra. Já não resta  
das seis, diversamente asseateadas,  
nem uma viva; á sétima se arroja

}fl.260{ {fl.18}

a mãe, com todo o corpo a escuda, a abafa  
com toda a veste, e grita:

— |“;|Ao menos esta!

Por uma só, pela menor, supplico;  
;de todas a menor! ;de tantas.... Uma! |”|—

\*

Roga, e já do seu rogo o objecto é morto.  
Sosinha, entre cadáveres cruentos,  
filhos, filhas, <esposo>[↑consorte], cai pasmada  
sobre um assento; pelos membros hirtos  
gêlo lhe côa; ás virações que adejam  
resiste a coma; embaça-lhe o semblante  
exangue côr; seus olhos são immoveis;  
sua tristeza, extática; seu todo  
nada já mostra que revele a vida.  
Lavra o mesmo phenómeno por dentro:  
co[↑m] o paladar gelado a lingua géla;  
não se vê pulsar veia; o collo é hirto,  
sem movimento o braço; inerte a planta;  
nem já víscera resta; é pedra tudo.  
De tudo que era há pouco, existe o pranto.  
Furioso turbilhão a envolve, a leva,  
na patria a põe. Lá jaz sobre alto monte,  
onde marmore inda hoje está chorando.

\*

}fl.261{ {fl.19}

\*

Não há mulher nem homem, que não trema,  
de tão alta deidade ante o castigo,

outra sobre ela expira; uma se esconde;  
treme de medo a outra. Já não resta  
das seis, diversamente asseateadas,  
nem uma viva; à sétima se arroja

{fl.18}

a mãe, com todo o corpo a escuda, a abafa  
com toda a veste, e grita:

— Ao menos esta!

por uma só, pela menor, suplico;  
de todas a menor! De tantas.... uma! —

\*

Roga, e já do seu rogo o objeto é morto.  
Sozinha, entre cadáveres cruentos, 410  
filhos, filhas, consorte, cai pasmada  
sobre um assento; pelos membros hirtos  
gelo lhe coa; às virações que adejam  
resiste a coma; embaça-lhe o semblante  
exangue cor; seus olhos são imóveis; 415  
sua tristeza, estática; seu todo  
nada já mostra que revele a vida.  
Lavra o mesmo fenômeno por dentro:  
com o paladar gelado a língua gela;  
não se vê pulsar veia; o colo é hirto, 420  
sem movimento o braço; inerte a planta;  
nem já víscera resta; é pedra tudo.  
De tudo que era há pouco, existe o pranto.  
Furioso turbilhão a envolve, a leva,  
na pátria a põe. Lá jaz sobre alto monte, 425  
onde mármore inda hoje está chorando.

\*

{fl.19}

\*

Não há mulher nem homem, que não trema,  
de tão alta deidade ante o castigo,

e não cresça em fervor de honrar Latona.  
Do presente ao passado, como é de uso,  
<-Tambem> [↓sobe a] conversação; e após o caso,  
veem de casos eguaes memorias velhas.

\*

– |“|Tambem já lá na Lycia em tempo antigo –  
diz um – fôra agravada de uns campónios,  
e soube-os ensinar. Por ser com plebe  
é que não deu mais brado essa desforra;  
e mas foi de pasmar. Sítio e lagôa  
onde tal maravilha acontecêra,  
vos affirmo eu que os vi com os proprios olhos.  
Meu pae, já velho e fraco para andadas,  
tinha-me em seu lugar mandado á Lycia  
mercar-lhe uns bois de escôlha; e para guia  
me tinha dado um homem d’essas partes.  
Fui. Como pois andassemos á busca  
n’aquellas fertilissimas pastagens,  
vemos um charco; e ao meio d’este charco,  
entre umas sombras trémulas de canas,  
uma ara antiga, que na côr tostada  
mostrava ter servido a sacrificios.  
Pára o meu guia, e diz agora olhando-a,

}fl.262{ {fl.20}

mas baixinho e medroso: – |“|Oro me assistas.”| –  
– |“|Oro me assistas”| – acudi-lhe eu pronto,  
em baixa voz tambem; mas perguntei-lhe,  
curioso de saber que nume orava,  
se era esse altar de Náíades, de Faunos,  
ou de um deus do paiz. Ora eu vos conto  
palavra por palavra o que me disse:  
“Moço, n’aquelle altar não se venera  
“nenhum deus montanhez; pertence áquella,  
“a quem Juno banuiu de todo o mundo,  
“e que só poude achar refúgio em Delos,

e não cresça em fervor de honrar Latona.  
Do presente ao passado, como é de uso,  
sobe à conversação; e após o caso,  
vêm de casos iguais memórias velhas.

\*

— Também já lá na Lícia em tempo antigo –  
diz um – fora agravada de uns campônios,  
e soube-os ensinar. Por ser com plebe  
é que não deu mais brado essa desforra;  
e mas foi de pasmar. Sítio e lagoa  
onde tal maravilha acontecera,  
vos afirmo eu que os vi com os próprios olhos.  
Meu pai, já velho e fraco para andadas,  
tinha-me em seu lugar mandado à Lícia  
mercar-lhe uns bois de escolha; e para guia  
me tinha dado um homem dessas partes.  
Fui. Como pois andássemos à busca  
naquelas fertilíssimas pastagens,  
vemos um charco; e ao meio deste charco,  
entre umas sombras trêmulas de canas,  
uma ara antiga, que na cor tostada  
mostrava ter servido a sacrificios.  
Para o meu guia, e diz agora olhando-a,

{fl.20}

mas baixinho e medroso: ‘Oro me assistas.’  
‘Oro me assistas’ – acudi-lhe eu pronto,  
em baixa voz também; mas perguntei-lhe,  
curioso de saber que nume orava,  
se era esse altar de náíades, de faunos,  
ou de um deus do país. Ora eu vos conto  
palavra por palavra o que me disse:  
‘Moço, naquele altar não se venera  
nenhum deus montanhês; pertence àquela,  
a quem Juno banuiu de todo o mundo,  
e que só pôde achar refúgio em Delos,



<p>“que me vêdes ao collo; olhae como erguem  “os mimosos bracinhos supplicantes....”] –  “Deu com effeito o acaso, que os erguiam.  “¿&lt;Alguem resistiria&gt;[↑Resistiria alguem] áquelles  rogos?  “pois resistiram elles. Não só negam;  “juntam á negativa ameaça, injúrias;</p>	<p>que me vedes ao colo; olhai como erguem  os mimosos bracinhos suplicantes....’  Deu com efeito o acaso, que os erguiam.  Resistiria alguém àqueles rogos?  Pois resistiram eles. Não só negam;  juntam à negativa ameaça, injúrias;</p>	<p>500</p>
}fl.264{ {fl.22}	{fl.22}	
<p>“inda acham pouco os barbaros; revolvem,  “turbam co’os pés e mãos o lago todo;  “vão com pulos maldosos barulhando  “para aquém, para além, &lt;os limos&gt;[↑o lôdo] do  álveo.  “Foi na deusa o furor maior que a sêde;  “não mais implora aos vís, nem mais supporta  “usar de um tom que não compete a numes;  “mas, levantando as mãos para as estrellas,  “diz: –[“Nunca vós saireis do charco immundo.”] –  “Cumpriu-se a imprecação: vel-os cubiçam  “mergulhar, ir-se ao fundo; agora surdem  “fora d’agua a cabeça, agora nadam;  “saltam a miude da alagôa á margem,  “da margem á alagôa; inda lhes dura  “o gôsto de altercar com grande arruído;  “seu desafôo é tal, que ali, lá mesmo  “debaixo d’agua injuriar procuram.  “Com a violencia da grita estrepitosa  “escancara-se a bôcca, incha-se o collo.  “Une-se o dorso á nuca; a espinha é verde;  “do corpo o mais, o ventre, é que branqueja.  “Em summa: ficam rans, especie nova,  “que no lodoso charco anda saltando.”</p>	<p>inda acham pouco os bárbaros; revolvem,  turbam co’os pés e mãos o lago todo;  vão com pulos maldosos barulhando  para aquém, para além, o lodo do álveo.  Foi na deusa o furor maior que a sede;  não mais implora aos vis, nem mais suporta  usar de um tom que não compete a numes;  mas, levantando as mãos para as estrelas,  diz: ‘Nunca vós saireis do charco imundo’.  Cumpriu-se a imprecação: vê-los cobiçam  mergulhar, ir-se ao fundo; agora surdem  fora d’água a cabeça, agora nadam;  saltam amiúde da alagoa à margem,  da margem à alagoa; inda lhes dura  o gosto de altercar com grande arruído;  seu desaforo é tal, que ali, lá mesmo  debaixo d’água injuriar procuram.  Com a violência da grita estrepitosa  escancara-se a boca, incha-se o colo.  Une-se o dorso a nuca; a espinha é verde;  do corpo o mais, o ventre, é que branqueja.  Em suma: ficam rãs, espécie nova,  que no lodoso charco anda saltando. —</p>	<p>505</p> <p>510</p> <p>515</p> <p>520</p>

}fl.265{ {fl.23}	{fl.23}
*	*
Depois que o narrador (quem quer que fosse) pôz fim á sua historia, acudiu outro, com o triste fim de um Sátyro, que em paga de provocar ao filho de Latona para um duello na Tritónia flauta, foi por seu vencedor sem dó punido.	Depois que o narrador (quem quer que fosse) 525 pôs fim à sua história, acudiu outro, com o triste fim de um sátiro, que em paga de provocar ao filho de Latona para um duelo na Tritônia flauta, foi por seu vencedor sem dó punido. 530
*	*
–  Ai! ¿por que me despegas de mim mesmo? – clamava o pobre Sátyro. – ¡Piedade!... ¡ai! Phebo, eu me arrependo; ¡ah, Numes! ¿pode valer nunca uma flauta o que eu padeço?  ” –	— Ai! Por que me despegas de mim mesmo? – clamava o pobre sátiro. – Piedade!... Ai! Febo, eu me arrependo; ah, numes! Pode valer nunca uma flauta o que eu padeço? —
*	*
Clamava; mas ¿clamar que lhe valia, se o vingativo deus não cessa, em quanto não lhe extrai d’alto a baixo <a> inteira [↑a] pelle? <Todo elle fica em> [↑é todo uma só] chaga; <e> escorre em sangue; seus nervos estão nú, patentes, limpos; veias e artérias trépidas pululam; o trabalhar das vísceras saltantes vê-se; podem contar-se ao peito as fibras.	Clamava; mas clamar que lhe valia, 535 se o vingativo deus não cessa, enquanto não lhe extrai d’alto a baixo inteira a pele? É todo uma só chaga; escorre em sangue; seus nervos estão nus, patentes, limpos; veias e artérias trépidas pululam; 540 o trabalhar das vísceras saltantes vê-se; podem contar-se ao peito as fibras.
*	*
}fl.266{ {fl.24}	{fl.24}
*	*
Deram pranto a seus fados desastrosos as campestres deidades das florestas, Faunos, collegas seus inda há tão pouco, Sátyros seus irmãos, e mais d’entre elles Olympo, o seu discipulo afamado. Vós não menos, ó Nymphas, o chorastes, e vós todos, que tinheis n’esses montes lanígero rebanho ou grave armento. As lagrimas cahidas se embeberam	Deram pranto a seus fados desastrosos as campestres deidades das florestas, faunos, colegas seus inda há tão pouco, 545 sátiros seus irmãos, e mais dentre eles Olimpo, o seu discípulo afamado. Vós não menos, ó ninfas, o chorastes, e vós todos, que tínheis nesses montes lanígero rebanho ou grave armento. 550 As lágrimas caídas se embeberam

no terreno fecundo, o qual, filtrando-as,  
nos seus profundos veios as fez água,  
e lhes abriu passage á luz do dia.

D'ali, por entre margens inclinadas,  
se devolve e se leva ao mar fervente  
Mársya, da Phrygia o mais lustroso rio.

\*

Taes davam pasto ás práticas do povo  
os exemplos de outr'ora, d'onde as mentes  
<sobre>[↑para] a actual catástrophe revertem.  
De Amphião, da régia prole o fim deploram;  
vota-se odio geral á mãe perversa;  
conta-se que só Pélope sentira  
como irmão seu castigo, inda que justo;  
que, descobrindo o peito, impaciente  
de o maltratar nos ímpetos da mágua,

}fl.267{ {fl.25}

mostrou de alvo marfim seu hombro esquerdo.  
Este hombro, de nascença igual ao outro,  
fôra da mesma côr e carne um tempo;  
mas narra a fama, que ajuntando os numes  
de Pélope os fragmentos desmembrados  
pela mão de seu pae, faltando a parte  
que vai do alto do braço unir-se ao collo,  
n'este sitio que aos olhos anda occulto,  
lhe poseram marfim lavrado á propria;  
com que a existencia recobrou completa.

\*

Entra chusma de Principes visinhos  
a dar-lhe os sentimentos; as cidades  
dos paizes limítrophes a Thebas  
deputando seus Reis tambem concorrem  
Mycenas, Pelopeia, Argos, Esparta  
Orchómene fecunda, a Caledónia,  
não odiada inda então da tôrva Délia,

no terreno fecundo, o qual, filtrando-as,  
nos seus profundos veios as fez água,  
e lhes abriu passagem à luz do dia.

Dali, por entre margens inclinadas, 555  
se devolve e se leva ao mar fervente  
Mársia, da Frígia o mais lustroso rio.

\*

Tais davam pasto às práticas do povo  
os exemplos de outrora, donde as mentes  
para a atual catástrophe revertem. 560  
De Anfião, da régia prole o fim deploram;  
vota-se ódio geral à mãe perversa;  
conta-se que só Pélope sentira  
como irmão seu castigo, inda que justo;  
que, descobrindo o peito, impaciente 565  
de o maltratar nos ímpetos da mágoa,

{fl.25}

mostrou de alvo marfim seu ombro esquerdo.  
Este ombro, de nascença igual ao outro,  
fora da mesma cor e carne um tempo;  
mas narra a fama, que ajuntando os numes 570  
de Pélope os fragmentos desmembrados  
pela mão de seu pai, faltando a parte  
que vai do alto do braço unir-se ao colo,  
neste sítio que aos olhos anda occulto,  
lhe puseram marfim lavrado à própria; 575  
com que a existência recobrou completa.

\*

Entra chusma de príncipes vizinhos  
a dar-lhe os sentimentos; as cidades  
dos países limítrofes a Tebas  
deputando seus reis também concorrem 580  
Mícenas, Pelopeia, Argos, Esparta  
Orcómene fecunda, a Caledônia,  
não odiada inda então da torva Délia,

Corintho, a dos metaes, feroz Messenia,  
 Pátras, Cleóne humilde, a Nélea Pylos,  
 Treséne, de Pitheu mais tarde imperio,  
 quantas no isthmo bimar contidas jazem,  
 quantas o isthmo bimar desfruta ao longe.  
 Só tu (¿quem o há-de crer?) polída Athenas,

}fl.268{ {fl.26}

tu, só, faltaste ali; vedou-te a guerra  
 do piedoso dever o desempenho.

\*

}fl.187{ {fl.27}

PROGNE, Tereo, FILOMELA,  
 Metamorfose extrahida das de Ovidio, Liv.6.

Barbaros Esquadrões, que o Mar trouxera,  
 As muralhas de Athenas aterravão.  
 Terêo, da Thracia Rei, com presto auxilio  
 Á cidade acudio, e os pôz em fuga,  
 Colhendo na victoria egrégio nome.

O Grato Pandion ao grão Monarca,  
 Nas forças, na opulência abalizado,  
 E alta Progenie do immortal Gradivo,  
 Deo, como em recompensa huma das filhas,  
 O unio com Progne em vinculo amoroso.

Ao Rito, á Festa nupcial não forão  
 Presidente Hymenêo, Prónuba Iuno;  
 Nenhuma das tres Graças veio ao Tóro.  
 As horrorosas Fúrias o erigirão,  
 Em torno d'elle as horrorosas Furias  
 Nas dextras negrejantes empunhãrão  
 Tóchas, roubadas a funérea pompa.

Corinto, a dos metais, feroz Messênia,  
 Patras, Cleone humilde, a Nélia Pilos,  
 Trezene, de Piteu mais tarde império,  
 quantas no istmo bimar contidas jazem,  
 quantas o istmo bimar desfruta ao longe.  
 Só tu (quem o há de crer?) polida Atenas,

585

{fl.26}

tu, só, faltaste ali; vedou-te a guerra  
 do piedoso dever o desempenho.

590

\*

{fl.27}

*Bárbaros esquadrões, que o mar trouxera,  
 as muralhas de Atenas aterravam.  
 Tereu, da Trácia rei, com presto auxílio  
 à cidade acudio, e os pôs em fuga,  
 colhendo na vitória egrégio nome.*

595

*O grato Pandion ao grão monarca,  
 nas forças, na opulência abalizado,  
 e alta progênie do immortal Gradivo,  
 deu, como em recompensa uma das filhas,  
 o uniu com Progne em vínculo amoroso.*

600

*Ao rito, à festa nupcial não foram  
 presidente Himeneu, prónuba Juno;  
 nenhuma das três Graças veio ao toro.  
 As horrorosas Fúrias o erigiram,  
 em torno dele as horrorosas Fúrias  
 nas destras negrejantes empunharam  
 tochas, roubadas a funérea pompa.*

605



Sobre o docel do Thálamo sinistro Pousou na infausta noite Ave agoureira: Muda assistio ao conjugal mysterio:	<i>Sobre o dossel do tálamo sinistro pousou na infausta noite ave agoureira: muda assistiu ao conjugal mistério:</i>	610
}fl.188{ {fl.28}	{fl.28}	
Ante ella Esposos forão, Pais ante ella. Co'a vergôntea dos Reis a Thracia folga, Mil incensos aos Ceos, mil graças manda, E a festejo annual consagra o dia, Em que ao feroz Terêo foi Progne dada, Em que o fructo de Amor, Itys mimoso Veio dar gloria aos Pais, e ao longo Estado Tanto o Mortal ignora o que lhe he util!	<i>ante ela esposos foram, pais ante ela. Com a vergôntea dos reis a Trácia folga, mil incensos aos céus, mil graças manda, e a festejo anual consagra o dia, em que ao feroz Tereu foi Progne dada, em que o fruto de amor, Ítis mimoso veio dar glória aos pais, e ao longo Estado tanto o mortal ignora o que lhe é útil!</i>	615
Cinco vezes o Sol já volteára Os Ceos, de Primavera em Primavera, Quando Progne afagando o duro Esposo, “Se um favor te mereço, ou me conduz(a) “A abraçar minha Irmã, (lhe diz) ou corre, “Corre a buscalla. Ao Sogro encanecido “Jura restituilla em curto espaço. “Huma impagavel dádiva, hum tesouro “na Irmã te deverei.”	<i>Cinco vezes o sol já volteara Os céus, de primavera em primavera, quando Progne afagando o duro esposo, — Se um favor te mereço, ou me conduza a abraçar minha irmã, (lhe diz) ou corre, corre a buscá-la. Ao sogro encanecido jura restitui-la em curto espaço. Uma impagável dádiva, um tesouro na irmã te deverei. —</i>	620
[Terêo se appronta, Arma os curvos baixeis, e a véla, os remos Pelo Porto Cecrópio se introduzem.	<i>Tereu se apronta, arma os curvos baixéis, e a vela, os remos Pelo porto cecrópio se introduzem.</i>	625
Já surge, e do Pirêo já desce ás praias. Ledo o recebe o Sogro, as mãos apertão, Travão conversação com triste agouro. O Thracio a referir emfim começa Os desejos, as súplicas da Esposa, E a affirmar o promptissimo regresso. Ante elles Filomela eis apparece,	<i>Já surge, e do Pireu já desce às praias. ledo o recebe o sogro, as mãos apertam, travam conversação com triste agouro. O trácio a referir enfim começa os desejos, as súplicas da esposa, e a afirmar o prontíssimo regresso. Ante eles Filomela eis aparece,</i>	630
Rica em trage, riquissima em belleza,	<i>rica em traje, riquíssima em beleza,</i>	635

}fl.189{ {fl.29}	{fl.29}	
Como ouvimos dizer que nas florestas	<i>como ouvimos dizer que nas florestas</i>	
As Dryades, as Náiades passeão,	<i>as driádes, as náíades passeiam,</i>	640
Figurando-lhe a idéa o mesmo adorno.	<i>figurando-lhe a ideia o mesmo adorno.</i>	
Terêo, á face da estremada Virgem,	<i>Tereu, à face da estremada virgem,</i>	
Fica absôrto, encantado, arde em silencio,	<i>fica absorto, encantado, arde em silêncio,</i>	
Qual flamma, que, nos campos ateadada,	<i>qual flama, que, nos campos ateadada,</i>	
A relva, as folhas, as searas come.	<i>a relva, as folhas, as searas come.</i>	645
Da Bella os olhos este ardor merecem;	<i>Da bela os olhos este ardor merecem;</i>	
Mas férvido appetite impetuoso	<i>mas férvido apetite impetuoso</i>	
Pula no peito do anciado Amante,	<i>pula no peito do ansiado amante,</i>	
E a tôrpe viciosa natureza	<i>e a torpe viciosa natureza</i>	
Do seu Clima brutal, propenso a Venus.	<i>do seu clima brutal, propenso a Vênus.</i>	650
Cego anhelando a cândida Donzella,	<i>Cego anelando a cândida donzela,</i>	
Impulsos tem de corromper-lhe as Servas,	<i>impulsos tem de corromper-lhe as servas,</i>	
E a Mãe segunda, que a nutríra ao seio.	<i>e a mãe segunda, que a nutrirá ao seio.</i>	
Não só deseja obter por dons sublimes	<i>Não só deseja obter por dons sublimes</i>	
A origem da paixão que o desespera,	<i>a origem da paixão que o desespera,</i>	655
Mas estragar por Ella o mesmo Imperio,	<i>mas estragar por ela o mesmo império,</i>	
Ou antes arrancalla, e defendêlla	<i>ou antes arrancá-la, e defendê-la</i>	
Em pertinaz conflicto, em brava guerra:	<i>em pertinaz conflito, em brava guerra:</i>	
Nada vê que não ouse, ou que não tente	<i>nada vê que não ouse, ou que não tente</i>	
Seu criminoso amor desenfreado.	<i>seu criminoso amor desenfreado.</i>	660
No accezo coração não cabe a chamma,	<i>No aceso coração não cabe a chama,</i>	
A demora fatal soffrer não póde.	<i>a demora fatal sofrer não pode.</i>	
Da saudosa Consorte eis o Perverso	<i>Da saudosa consorte eis o perverso</i>	
As preces, as instancias exaggéra,	<i>as preces, as instâncias exagera,</i>	
E nos desejos dela os seus disfarça:	<i>e nos desejos dela os seus disfarça:</i>	665
Energia, e facúndia Amor lhe emprésta.	<i>energia, e facúndia amor lhe empresta.</i>	
Quando além do que he justo eleva o rôgo,	<i>Quando além do que é justo eleva o rogo,</i>	
De Progne com o ardor o córa; o doura,	<i>de Progne com o ardor o cora; o doura,</i>	
}fl.190{ {fl.30}	{fl.30}	
Té lagrimas co'as súplicas mistura,	<i>té lágrimas co'as súplicas mistura,</i>	





Para o Neto mimoso, e Filha ausente Dá mil ternas saudades, mil suspiros. Apenas balbucía entre soluços O lagrimoso a Deos, presságio triste, Carrancudo terror lhe sóbe á mente. Em pintado baixel eis Filomela, Eis o remo a compasso as ondas volve; O Mar ferve na prôa, e foge a Terra. “Vencemos, (diz o Barbaro) vencemos! “Meus desejos, meus gostos vão comigo.” E exulta, e póde apenas moderar-se, Reter a execução de atroz intento. Nunca os olhos distrahe do objecto amado, Bem como a carniceira Ave de Jove, Que tem bico revolto, e curvas garras, Fracca lebre depõe no aéreo ninho: Conhece que fugir não póde a preza, Seguro o Roubador contempla o rouvo.	<i>para o neto mimoso, e filha ausente dá mil ternas saudades, mil suspiros. Apenas balbucia entre soluços O lagrimoso adeus, presságio triste, carrancudo terror lhe sobe à mente. Em pintado baixél eis Filomela, eis o remo a compasso as ondas volve; o mar ferve na proa, e foge a terra. “Vencemos, (diz o bárbaro) vencemos! Meus desejos, meus gostos vão comigo.” E exulta, e pode apenas moderar-se, reter a execução de atroz intento. Nunca os olhos distrai do objeto amado, bem como a carniceira ave de Jove, que tem bico revolto, e curvas garras, fracca lebre depõe no aéreo ninho: conhece que fugir não pode a preza, seguro o roubador contempla o roubo.</i>	730
Já do equóreo caminho os Vasos leves Vencerão a extensão, já, fatigados, No patrio fundo as âncoras arrojão O audaz, Thracio Rei a antiga selva, A deserto Palacio tenebroso Guia de Pandion a triste Filha. Alli, pallida, trémula, chorosa, Pela Irmã perguntando inutilmente, Em remoto aposento o Monstro a cerra.	<i>Já do equóreo caminho os vasos leves venceram a extensão, já, fatigados, no pátrio fundo as âncoras arrojam o audaz, trácio rei a antiga selva, a deserto palácio tenebroso guia de Pandion a triste filha. Ali, pálida, trêmula, chorosa, pela irmã perguntando inutilmente, em remoto aposento o monstro a cerra.</i>	735
		740
		745
		750
		755
		{fl.33}
Frenético lhe expõe o amor nefando, E com força brutal, com fera insânia Mancha, corrompe a virginal pureza Da Misera, que em vão mil vezes clama Pelo Pai, pela Irmã, por vós, oh Numes.	<i>Frenético lhe expõe o amor nefando, e com força brutal, com fera insânia mancha, corrompe a virginal pureza da mísera, que em vão mil vezes clama pelo pai, pela irmã, por vós, ó numes.</i>	760

Ella ainda depois está tremendo,  
 Qual cordeira mansíssima, que ao lobo  
 Foi por bravo rafeiro arrebatada,  
 E nem comtudo então se crê segura;  
 Ou qual cândida pomba, que, escapando  
 D'entre as unhas mortaes do açor cruento,  
 Tintas no proprio sangue as alvas pennas,  
 Se arripia de horror, e inda se teme  
 Do rápido Inimigo. Enfim, tornando  
 A ter alento, e vóz, a profanada,  
 Lastimosa Princeza, estraga, arranca  
 Os formosos cabellos desgrenhados,  
 Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,  
 E, alçadas para os Ceos as mãos de neve,  
 “Oh bárbaro! Oh traidor! Oh Tigre! (exclama)  
 “Nem súplicas de hum Pai curvado, e triste,  
 “Nem a fraterna fê que me devia,  
 “Nem da inerme Innocencia o puro estado,  
 “Nem as leis conjugaes te commoverão!  
 “Todas tens quebrantado: os teus furores  
 “Manchão duas Irmãs com tôrpe afronta...  
 “(Pena tão dura não mereço, oh Numes!)  
 “Para não te escapar nenhum delicto,  
 “Ah! Que fazes, cruel, que não me arrancas  
 “Huma vida infamada, abominosa?

}fl.194{ {fl.34}

“E oxalá que a tivesse arrancado  
 “Antes do horrível e execrando incesto!  
 “Ao Lethes minha Sombra fôra ilêsa.  
 “Porém se os Deoses tem poder, tem olhos,  
 “Se tudo enfim não pereceo comigo,  
 “Castigado serás, serei vingada:  
 “Sacudido o pudor, direi teu crime.  
 “Se entre Povos me acha, sabello-hão Povos,  
 “Se entre bosques por ti ficar sumida,

*Ela ainda depois está tremendo,  
 qual cordeira mansíssima, que ao lobo  
 foi por bravo rafeiro arrebatada,  
 e nem contudo então se crê segura;  
 ou qual cândida pomba, que, escapando* 765  
*dentre as unhas mortais do açor cruento,  
 tintas no próprio sangue as alvas penas,  
 se arripia de horror, e inda se teme  
 do rápido inimigo. Enfim, tornando  
 a ter alento, e voz, a profanada,* 770  
*lastimosa princesa, estraga, arranca  
 os formosos cabelos desgrenhados,  
 fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,  
 e, alçadas para os céus as mãos de neve,  
 — Ó bárbaro! Ó traidor! Ó tigre! (exclama)* 775  
*nem súplicas de um pai curvado, e triste,  
 nem a fraterna fé que me devia,  
 nem da inerme inocência o puro estado,  
 nem as leis conjugais te comoveram!  
 Todas tens quebrantado: os teus furores* 780  
*mancham duas irmãs com torpe afronta...  
 (Pena tão dura não mereço, ó numes!)  
 Para não te escapar nenhum delito,  
 ah! Que fazes, cruel, que não me arrancas  
 uma vida infamada, abominosa?* 785

{fl.34}

*E oxalá que a tivesse arrancado  
 antes do horrível e execrando incesto!  
 Ao Letes minha sombra fora ilesa.  
 Porém se os deuses têm poder, têm olhos,  
 se tudo enfim não pereceu comigo,* 790  
*castigado serás, serei vingada:  
 sacudido o pudor, direi teu crime.  
 Se entre povos me acha, sabê-lo-ão povos,  
 se entre bosques por ti ficar sumida,*

<p>“Os meus males farei saber aos bosques,  “Farei saber ás pedras os meus males,  “E hei de apiedar com elles bosques, pedras.  “Este firme protesto os Ceos me escutem,  “E hum Deos, se acaso hum Deos no Ceo reside.”]</p>	<p><i>os meus males farei saber aos bosques,  farei saber às pedras os meus males,  e hei de apiedar com eles bosques, pedras.  Este firme protesto os céus me escutem,  e um deus, se acaso um deus no céu reside. —</i></p>	795
<p>Com estes ameaços o Tyranno  Sente no coração ferver-lhe a raiva,  Mas não menor que a raiva he nelle o medo;  E de huma, e de outra causa estimulado,  Da lustrosa bainha o ferro despe,  E ás tranças da Infeliz a mão lançando,  Em duros nós lhe enlea os tenros braços.</p>	<p><i>Com estes ameaços o tirano  sente no coração ferver-lhe a raiva,  mas não menor que a raiva é nele o medo;  e de uma, e de outra causa estimulado,  da lustrosa bainha o ferro despe,  e às tranças da infeliz a mão lançando,  em duros nós lhe enleia os tenros braços.</i></p>	800      805
<p>Inclina Filomela o níveo collo,  Da espada, que vê núa, espera a morte;  Mas o Duro, Feroz, por mais que a Triste  Lute, resista, invoque o patrio nome,  Com rígida torquez lhe aferra a lingua,</p>	<p><i>Inclina Filomela o níveo colo,  da espada, que vê nua, espera a morte;  mas o duro, feroz, por mais que a triste  lute, resista, invoque o pátrio nome,  com rígida turquês lhe aferra a língua,</i></p>	810
		}fl.195{ {fl.35}
<p>A lingua que fallar em vão procura,  Lha extrahe da boca, e rápido lha corta.  A purpúrea raiz lhe nada em sangue,  Cahe o resto no chão, murmura, e treme,  Qual da escamosa serpe mutilada  A cauda palpitante, e moribunda,  Que ao corpo em que viveo pretende unir-se.</p>	<p><i>a língua que falar em vão procura,  lha extrai da boca, e rápido lha corta.  A purpúrea raiz lhe nada em sangue,  cai o resto no chão, murmura, e treme,  qual da escamosa serpe mutilada  a cauda palpitante, e moribunda,  que ao corpo em que viveu pretende unir-se.</i></p>	815
<p>Completa a negra acção, se diz que o Monstro  Inda mais de huma vez (horror não crível!)  Cobiçou, repetiu prazer infame.</p>	<p><i>Completa a negra ação, se diz que o monstro  inda mais de uma vez (horror não crível!)  cobiçou, repetiu prazer infame.</i></p>	820
<p>Depois de tão crueis, tão feios crimes,  Atreve-se o Malvado a ver a esposa.  Progne entre sustos pela Irmã pergunta:</p>	<p><i>Depois de tão cruéis, tão feios crimes,  atreve-se o malvado a ver a esposa.  Progne entre sustos pela irmã pergunta:</i></p>	

Elle exhala do peito hum ai fingido,  
Diz que he morta, e com lagrimas o abona.

*ele exala do peito um ai fingido,  
diz que é morta, e com lágrimas o abona.*

825

Das Regias vestiduras se despoja,  
Traja a sentida Progne escuras vestes,  
Erige hum vão sepulcro, e sagra nelle  
Inuteis oblações a falsos Manes,  
Carpindo a Irmã, que assim carpir não deve.

*Das régias vestiduras se despoja,  
traja a sentida Progne escuras vestes,  
erige um vão sepulcro, e sagra nele  
inúteis oblações a falsos manes,  
carpindo a irmã, que assim carpir não deve.*

830

Já tem corrido Apollo as doze Estancias  
Depois do caso enorme. Ah! Filomela  
Que fará? Guarda attenta impede a fuga,  
Rijos muros de mármore a rodêão,  
Seu mal narrar não póde a muda boca.  
Tens, oh Necessidade, agudo engenho,  
Ás grandes afficções Industria acode.

*Já tem corrido Apolo as doze estâncias  
depois do caso enorme. Ah! Filomela  
que fará? Guarda atenta impede a fuga,  
rijos muros de mármore a rodeiam,  
seu mal narrar não pode a muda boca.  
Tens, ó necessidade, agudo engenho,  
as grandes aflições indústria acode.*

835

}fl.196{ {fl.36}

{fl.36}

Subtil, cândida têa urdindo a furto,  
Entre alvos fios põe purpúreas letras,  
Indicios da ferina atrocidade,  
E do sagaz lavor ao fim chegando,  
O confia em segredo a meiga Escrava,  
Lhe roga por acções o leve a Progne:  
Ella o conduz, e o que conduz não sabe.

*Sutil, cândida teia urdindo a furto,  
entre alvos fios põe purpúreas letras,  
indícios da ferina atrocidade,  
e do sagaz lavor ao fim chegando,  
o confia em segredo a meiga escrava,  
lhe roga por ações o leve a Progne:  
ela o conduz, e o que conduz não sabe.*

840

845

Eis a Rainha desenvolve a tella,  
E lê, e entende a miseranda historia,  
E cala-se (calar-se he quase incrível!)  
A dor lhe tolhe a voz; termos que expressem  
A sua indignação, não tem, não acha;  
Nem se occupa em chorar: confusa, absorta,  
Mil horrendas tenções volve na mente,  
E embebe-se na imagem da vingança.

*Eis a rainha desenvolve a tela,  
e lê, e entende a miseranda história,  
e cala-se (calar-se é quase incrível!)  
a dor lhe tolhe a voz; termos que expressem  
a sua indignação, não tem, não acha;  
nem se ocupa em chorar: confusa, absorta,  
mil horrendas tenções volve na mente,  
e embebe-se na imagem da vingança.*

850

Era o Tempo famoso, oh Deos de Thebas,

*Era o tempo famoso, ó deus de Tebas,*





Não podendo co'a voz, co'as mãos exprime  
Que a violencia lhe vez tão vil oprobio.

Arde Progne, conter não sabe as iras;  
Da malfadada Irmã condemna o pranto.  
“Lagrimas (diz) não servem, serve o ferro,  
“Ou cousas mais cruéis que o ferro: a tudo,  
“Por barbaro que seja, estou disposta.  
“Ou tragarei co'a chamma os Regios Lares.”|  
Suffocando no ardor das ígneas ondas

}fl.198{ {fl.38}

“O Artífice infernal da injuria nossa,  
“Ou os olhos, a lingua, o mais, que teve  
“Parte na tôrpe acção, n'acção maldita,  
“Co' ferro hei de arrancar, ou por cem golpes  
“A vida roubarei ao impio Monstro.  
“São grandes, são terríveis quantos modos  
“De vingança ideei, porém vacilo  
“Na escolha do peor.” |

|Em quanto Progne

Falla assim, para a Mãe vem caminhando  
“Itys o tenro Principe formoso.

Á Rainha, ao sentillo, ao vello, occorre  
Nova maneira de vingar a infamia,  
E, vibrando-lhe os olhos assanhados,  
“Ah! Como ao Pai na fôrma he semelhante!”  
Disse, e não disse mais. Projecta, escolhe  
Acto espantoso, e ferve em ira muda.

Comtudo, ao tempo em que o Menino amavel  
A saúda com júbilo amoroso,  
E os bracinhos gentis lhe altea ao collo;  
Quando o vê misturar beijos suaves  
Com doces mimos, com pueris branduras,

*não podendo co'a voz, co'as mãos exprime  
que a violência lhe fez tão vil oprobio.*

*Arde Progne, conter não sabe as iras;  
da malfadada irmã condena o pranto. 890  
— Lágrimas (diz) não servem, serve o ferro,  
ou coisas mais cruéis que o ferro: a tudo,  
por bárbaro que seja, estou disposta.  
ou tragarei co'a chama os régios lares. —  
Sufocando no ardor das ígneas ondas 895*

{fl.38}

*— O artífice infernal da injúria nossa,  
ou os olhos, a língua, o mais, que teve  
parte na torpe acção, n'acção maldita,  
co' ferro hei de arrancar, ou por cem golpes  
a vida roubarei ao ímpio monstro. 900  
São grandes, são terríveis quantos modos  
de vingança ideei, porém vacilo  
na escolha do pior. —*

*Enquanto Progne*

*fala assim, para a mãe vem caminhando  
Ítis o tenro príncipe formoso. 905*

*À rainha, ao senti-lo, ao vê-lo, ocorre  
nova maneira de vingar a infâmia,  
e, vibrando-lhe os olhos assanhados,  
“Ah! Como ao pai na forma é semelhante!”  
Disse, e não disse mais. Projeta, escolhe 910  
ato espantoso, e ferve em ira muda.*

*Contudo, ao tempo em que o menino amável  
a saúda com júbilo amoroso,  
e os bracinhos gentis lhe alteia ao colo;  
quando o vê misturar beijos suaves 915  
com doces mimos, com pueris branduras,*

Hum tanto se commove a Mãe raivosa, E os olhos, sem querer, se lhe humedecem. Porém do coração, que bate, e arqueja, Já se desliza o mavioso affecto. De novo á triste Irmã volvendo os olhos, E ora nella atentando, ora no filho, “Porque falla, e me attrahe com mil caricias “Hum (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!	<i>um tanto se comove a mãe raivosa, e os olhos, sem querer, se lhe umedecem. Porém do coração, que bate, e arqueja, já se desliza o mavioso afeto. De novo à triste irmã volvendo os olhos, e ora nela atentando, ora no filho, — Porque fala, e me atrai com mil carícias um (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!</i>	920
}fl.199{ {fl.39}	{fl.39}	
“Este, oh Ceos! Livremente a Mãe nomêa, “E aquella nomear a Irmã não póde! “Olha, vê com que Esposo estás ligada, “Filha do Pandion! Tu degeneras: “Com Terêo a piedade he crime horrendo.”]	<i>Este, ó Céus! Livremente a mãe nomeia, e aquela nomear a irmã não pode! Olha, vê com que esposo estás ligada, filha do Pandion! Tu degeneras: com Tereu a piedade é crime horrendo. —</i>	925
Não continúa, e subito á maneira D’um Tigre da Gangética espessura, Que por bosques opacos arrastada Da veloz Corça leva a tenra cria, Progne as mãos arremessa ao delicado, Ao candido filhinho, e vai com elle, E com a Irmã cerrar-se em erma estancia. Alli ao Infeliz, que já conhece Os negros Fados seus, que as mãos levanta, Que treme, que prantêa, e que se abraça Ao teu querido Algoz: “Mãe! Mãe!” clamando, Alli ao Infeliz no peito embebe A vingativa Progne agudo ferro: Nem torce o rosto, nem repete o golpe, Que hum só golpe lhe rompe o debil fio.	<i>Não continua, e súbito à maneira dum Tigre da Gangética espessura, que por bosques opacos arrastada da veloz corça leva a tenra cria, Progne as mãos arremessa ao delicado, ao cândido filhinho, e vai com ele, e com a irmã cerrar-se em erma estância. Ali ao infeliz, que já conhece os negros fados seus, que as mãos levanta, que treme, que pranteia, e que se abraça ao teu querido algoz: “Mãe! Mãe!” clamando, ali ao infeliz no peito embebe a vingativa Progne agudo ferro: nem torce o rosto, nem repete o golpe, que um só golpe lhe rompe o débil fio.</i>	930 935 940
Filomela o dególa, e dilacera Os membros em que há ainda hum resto d’alma. Já parte deles pula em éneos vasos,	<i>Filomela o degola, e dilacera os membros em que há ainda um resto d’alma. já parte deles pula em êneos vasos,</i>	945

Parte range em subtil, duro instrumento:  
Vai pelo chão correndo o sangue em rios.

*parte range em subtil, duro instrumento:  
vai pelo chão correndo o sangue em rios.*

Das cruentas porções a fera Esposa  
Prepara detestáveis iguarias

*Das cruentas porções a fera esposa* 950  
*prepara detestáveis iguarias*

}fl.200{ {fl.40}

{fl.40}

Ao Marido infiel, que tudo ignora.  
Hum sacrificio finge ao patrio modo,  
No qual hum só Varão ter deve ingresso:  
Servos, e Cortezãos assim remove.

*ao marido infiel, que tudo ignora.*  
*Um sacrificio finge ao pátrio modo,*  
*no qual um só varão ter deve ingresso:*  
*servos, e cortesãos assim remove.* 955

Assoma já Terêo no Throno herdado,  
E em alta, festival, purpúrea meza  
Come parte de si, devora o filho:  
Tanta cegueira lhe enegrece a mente!  
“Itys aqui trazei!” (diz elle) eis Progne,  
Dissimular não póde o gosto infando,  
E, resolvendo enfim manifestar-se,  
“Tens dentro (lhe responde) o que desejas.”  
Elle olha emtorno a si, pergunta: “aonde?”  
E de novo procura, e chama o filho.  
“Mas nisto Filomela, em sangue envôlta,  
Olhos accezos, desgrenhada a trança,  
Entra, e do filho a mádida cabeça  
Às faces paternas subito arroja.  
Não teve em tempo algum tanto desejo  
De fallar, de poder com agras vozes  
Patentear seu júbilo ao Tyranno.  
Elle sólta hum clamor, que atrôa as salas,  
Derriba a fatal meza, invoca as Fúrias,  
E ora tenta expulsar com ansia horrenda  
As tragadas, funestas iguarias,  
Ora lagrimas verte, de seu filho  
Sepulcro miseravel se nomea.  
Emfim de Pandion persegue a Prole,

*Assoma já Tereu no trono herdado,*  
*e em alta, festival, purpúrea mesa*  
*come parte de si, devora o filho:*  
*tanta cegueira lhe enegrece a mente!*  
*“Ítis aqui trazei” (diz ele) eis Progne,* 960  
*dissimular não pode o gosto infando,*  
*e, resolvendo enfim manifestar-se,*  
*“Tens dentro (lhe responde) o que desejas.”*  
*Ele olha em torno a si, pergunta: “aonde?”*  
*E de novo procura, e chama o filho.* 965  
*Mas nisto Filomela, em sangue envolta,*  
*olhos acesos, desgrenhada a trança,*  
*entra, e do filho a mádida cabeça*  
*às faces paternas súbito arroja.*  
*Não teve em tempo algum tanto desejo* 970  
*de falar, de poder com agras vozes*  
*patentear seu júbilo ao tirano.*  
*Ele solta um clamor, que atroa as salas,*  
*derriba a fatal mesa, invoca as Fúrias,*  
*e ora tenta expulsar com ânsia horrenda* 975  
*as tragadas, funestas iguarias,*  
*ora lágrimas verte, de seu filho*  
*sepulcro miserável se nomeia.*  
*Emfim de Pandion persegue a prole,*

Brandindo o ferro nú com mão tremente.	<i>brandindo o ferro nu com mão tremente.</i>	980
	}fl.201{ {fl.41}	{fl.41}
O corpo das Cecrópidas parece	<i>O corpo das Cecrópidas parece</i>	
Que em azas se equilibra, e não he sonho,	<i>que em asas se equilibra, e não é sonho,</i>	
Em azas se equilibra, e muda a fórma.	<i>em asas se equilibra, e muda a forma.</i>	
Huma rapidamente aos bosques vôa,	<i>Uma rapidamente aos bosques voa,</i>	
Outra, igual na presteza, aos tectos sóbe,	<i>outra, igual na presteza, aos tetos sobe,</i>	985
E do assassino as máculas não perde:	<i>e do assassino as máculas não perde:</i>	
Inda do rubro sangue desparzido	<i>inda do rubro sangue desparzido</i>	
Evidentes sinaes lhe estão no peito.	<i>evidentes sinais lhe estão no peito.</i>	
Teréo, fóra de si, e arrebatado	<i>Tereu, fora de si, e arrebatado</i>	
Pela dor, pelas furias da Vingança,	<i>pela dor, pelas fúrias da vingança,</i>	990
Ave adeja tambem, que na cabeça	<i>ave adeja também, que na cabeça</i>	
Traz erguido penacho, e tem por armas	<i>traz erguido penacho, e tem por armas</i>	
Longo bico mordaz: seu nome he popa,	<i>longo bico mordaz: seu nome é poupa,</i>	
O Sucesso fatal, sabido apenas,	<i>O sucesso fatal, sabido apenas,</i>	
Despenhou Pandion na sepultura.	<i>despenhou Pandion na sepultura.</i>	995
	}fl.222{ {fl.42}	{fl.42}

#### O ROUBO DE ORITHYA POR BOREAS

*Metam. Liv. 6.*

O afamado Erecthêo regia Athenas,	<i>O afamado Erecteu regia Atenas,</i>	
Heróe na rectidão, e Heróe no esforço.	<i>herói na retidão, e herói no esforço.</i>	
Quatro Filhos houvera, e quatro Filhas:	<i>Quatro filhos houvera, e quatro filhas:</i>	
Em duas florescia igual belleza.	<i>em duas florescia igual beleza.</i>	
Foi Prócris, huma d'ellas, esposada	<i>Foi Prócris, uma delas, esposada</i>	1000
Por Céfalo, de Eólo egregio sangue;	<i>por Céfalo, de Eolo egrégio sangue;</i>	
A outra, inda donzella, era Orithya.	<i>a outra, inda donzela, era Oritia.</i>	
Arde em seus olhos o Estrymónio Bóreas,	<i>Arde em seus olhos o Estrimônio Bóreas,</i>	
Arde há muito, e do Pai há muito a espera,	<i>arde há muito, e do pai há muito a espera,</i>	



Co'as fulvas pennas, e remonta o vôo.

*co 'as fulvas penas, e remonta o voo.*

1035

Em quanto adeja rápido com ella,  
As flammag agitadas mais se atéão,  
E na aérea carreira impetuosa  
O activo Roubador se não reprime  
Até que pousa nos Sithónios muros.

*Enquanto adeja rápido com ela,  
as flamas agitadas mais se ateiam,  
e na aérea carreira impetuosa  
o ativo roubador se não reprime  
até que pousa nos sitônios muros.*

1040

Alli a Actéa, singular Princeza  
Esposa foi do aligero Tyranno,  
E Mai dos Gêmeos inclytos que abrirão  
Não vistos mares no Baixel primeiro.

[...]

*Ali a Acteia, singular princesa  
esposa foi do alígero tirano,  
e mãe dos gêmeos ínclitos que abriram  
não vistos mares no baixel primeiro.*

[...]

# VII

## Completo



}fl.269{ {fl.1}

{fl.1}

revisto

## Livro VII

## Livro VII

Já no Pagáseo lenho os Argonautas  
 já vão deixando á pôppa a terra Arcadia,  
 onde viram Phineu, cançado e annoso,  
 curtindo longa fome em sombra eterna,  
 e onde os gémeos heroes, de Bóreas filhos,  
 por paga da benévola hospedagem  
 o ancião livraram das virgíneas aves.  
 Já vencidos emfim trabalhos muitos,  
 lá chegam com Jasão, seu claro chefe,  
 á gran torrente do limoso Phasis.

\*

Do Monarcha ante o sólio apresentados,  
 pedem-lhe o vello do animal de Phryxo;  
 não se lhes nega a dádiva, mas árduas  
 terriveis condições a difficultam.  
 Em quanto o Rei sobre isso e os Minyas tratam,  
 lavra fogo de amor na régia virgem.  
 Á violencia do mal oppõe <grão>[↑gran] tempo  
 as fôrças da razão, ;baldadas fôrças!  
 Sentindo em seu progresso impetuoso  
 que não pode vencer,

– |“|; Triste Medêa!

Já no pagáseo lenho os Argonautas  
 já vão deixando à popa a terra Arcádia,  
 onde viram Fineu, cansado e anoso,  
 curtindo longa fome em sombra eterna,  
 e onde os gémeos heróis, de Bóreas filhos,  
 por paga da benévola hospedagem  
 o ancião livraram das virgíneas aves.  
 Já vencidos enfim trabalhos muitos,  
 lá chegam com Jasão, seu claro chefe,  
 à grã torrente do limoso Fásis.

\*

Do monarca ante o sólio apresentados,  
 pedem-lhe o velo do animal de Frixo;  
 não se lhes nega a dádiva, mas árduas  
 terriveis condições a difficultam.  
 Enquanto o rei sobre isso e os mínias tratam,  
 lavra fogo de amor na régia virgem.  
 À violência do mal opõe grã tempo  
 as forças da razão, baldadas forças!  
 Sentindo em seu progresso impetuoso  
 que não pode vencer,

— Triste Medeia!

5

10

15

20

}fl.2{ {fl.2}

{fl.2}

;pobre Medêa! – exclama; – em vão repugnas;  
 algum deus te constrange. ;Que estranhezas,  
 que turbações insólitas me agitam!  
 ou é isto o que amor chamar costumam,  
 ou, se isto amor não é, tem d’elle os modos.  
 ;Oh! ;por que acho eu tão dura a lei paterna?  
 sim, por certo é cruel. ;Por que me aterrorizam

Pobre Medeia! – exclama; – Em vão repugnas;  
 algum deus te constrange. Que estranhezas,  
 que turbações insólitas me agitam!  
 Ou é isto o que amor chamar costumam,  
 ou, se isto amor não é, tem dele os modos.  
 Oh! Por que acho eu tão dura a lei paterna?  
 Sim, por certo é cruel. Por que me aterrorizam

25



o que eu devo fazer, aos Ceos o imploro.  
 Porém.... ;trahir meu pae! ;trahir seu reino!!  
 ;livrar da morte um forasteiro ignoto,  
 que, liberto por mim, sem mim, sem pena,  
 como os ventos fugaz, como elles surdo,  
 sôltas as vellas voará com elles,  
 de outra irá ser o esposo, abandonar-me  
 aos remorsos do amor, do crime ás penas!!...  
 Se de tal é capaz, se affectos de outra  
 o hão-de mais contentar que meus affectos,

}fl.4{ {fl.4}

pereça o desleal, o vil, o ingrato.  
 Não; seu gesto, seu ar, grandeza, modos,  
 magnânimo interior, gentil presença,  
 de um ingrato não são, não são de um monstro;  
 e antes que auxilios meus o ponham salvo,  
 ha-de jurar-me fé, jurar-m'a aos numes.  
 ¿A que veem mêdos taes sem causa alguma?  
 Mãos á obra, valor, presteza, ó virgem;  
 teu Jasão por ti salvo a ti pertence,  
 e em laço eterno se unirá contigo.  
 Por toda a Grecia as mães correndo em turba  
 te acclamarão por tutelar dos filhos.  
 ¿Vou pois de irman, de irmão, de pae, de numes,  
 do patrio solo meu, fugir com as auras,  
 para mais não volver, não mais gosál-os?  
 Mas... é barbara a terra, o pae tiranno,  
 infante o irmão, da irman são meus os votos;  
 dos numes o maior, no seio o levo;  
 tróco pequenos bens por bens sem preço:  
 a gloria de haver salvo o lenho Achivo,  
 o encanto de ir gosar em climas novos  
 outros campos, e ceos, melhores que estes,  
 cidades que aqui mesmo obteem renome,  
 outras artes e leis, e trajos, e homens,

o que eu devo fazer, aos Céus o imploro.  
 Porém.... Trair meu pai! Trair seu reino!!  
 Livrar da morte um forasteiro ignoto,  
 que, liberto por mim, sem mim, sem pena,  
 como os ventos fugaz, como eles surdo,  
 soltas as velas voará com eles,  
 de outra irá ser o esposo, abandonar-me  
 aos remorsos do amor, do crime às penas!!...  
 Se de tal é capaz, se afetos de outra  
 o hão de mais contentar que meus afetos,

{fl.4}

pereça o desleal, o vil, o ingrato.  
 Não; seu gesto, seu ar, grandeza, modos,  
 magnânimo interior, gentil presença,  
 de um ingrato não são, não são de um monstro;  
 e antes que auxílios meus o ponham salvo,  
 há de jurar-me fé, jurar-ma aos numes.  
 A que vêm medos tais sem causa alguma?  
 Mãos à obra, valor, presteza, ó virgem;  
 teu Jasão por ti salvo a ti pertence,  
 e em laço eterno se unirá contigo.  
 Por toda a Grécia as mães correndo em turba  
 te aclamarão por tutelar dos filhos.  
 Vou pois de irmã, de irmão, de pai, de numes,  
 do pátrio solo meu, fugir com as auras,  
 para mais não volver, não mais gozá-los?  
 Mas... é barbara a terra, o pai tirano,  
 infante o irmão, da irmã são meus os votos;  
 dos numes o maior, no seio o levo;  
 troco pequenos bens por bens sem preço:  
 a glória de haver salvo o lenho aquivo,  
 o encanto de ir gozar em climas novos  
 outros campos, e céus, melhores que estes,  
 cidades que aqui mesmo obtêm renome,  
 outras artes e leis, e trajos, e homens,

a posse, a posse enfim, do que a meus olhos,  
vale mais que tudo isso e que o Universo,

}fl.5{ {fl.5}

d'aquelle que, se esposo o chamo um dia  
me darão por feliz, por cara aos deuses,  
e ufana tocarei co'a fronte os astros.  
¿Não dizem que do meio d'estas ondas  
se erguem não sei que montes perigosos?  
¿que a inimiga das náus voraz Charybdis  
sorve e vomita o mar? ¿que Scylla avara  
rodeada de cães latindo atrôa  
o Século profundo? Embora; embora;  
indo [↑eu] co[↑m] o meu Jasão, no gremio d'elle,  
tendo-o nos braços meus, assim, bem junto,  
mares e mares correrei sem mêdo;  
se tremer.... tremerei só pelo esposo.  
;Teu esposo!?!;insensata! ¿e assim te illudes?  
¿assim com sacro nome os crimes doiras?  
Córa, treme, infeliz, do audaz projecto,  
e o funesto attentado a tempo evita.]" –

\*

Diz; e exclamando assim, deveres tantos,  
piedade, jus, pudor, vós triumphaveis;  
tu fugias vencido, <a>/A\mor perverso.

\*

Já livre da paixão, já forte a virgem  
vai de Hécate Perseida ás priscas aras,  
n'um bosque annoso, e em mystica espessura;

}fl.6{ {fl.6}

dá com o filho de Eson; revive o incendio;  
subito córa, subito desmaia.  
Qual ténue fogo adormentado em cinzas  
se levanta com o vento e furias ganha,  
tal a afeição que extinta julgarias,

a posse, a posse enfim, do que a meus olhos,  
vale mais que tudo isso e que o universo,

{fl.5}

daquele que, se esposo o chamo um dia  
me darão por feliz, por cara aos deuses,  
e ufana tocarei co'a fronte os astros. 100  
Não dizem que do meio destas ondas  
se erguem não sei que montes perigosos?  
Que a inimiga das naus voraz Caríbdis  
sorve e vomita o mar? Que Cila avara  
rodeada de cães latindo atroa 105  
o século profundo? Embora; embora;  
indo eu com o meu Jasão, no grêmio dele,  
tendo-o nos braços meus, assim, bem junto,  
mares e mares correrei sem medo;  
se tremer.... tremerei só pelo esposo. 110  
Teu esposo!?! Insensata! E assim te iludes?  
Assim com sacro nome os crimes doiras?  
Cora, treme, infeliz, do audaz projeto,  
e o funesto atentado a tempo evita. —

\*

Diz; e exclamando assim, deveres tantos, 115  
piedade, jus, pudor, vós triunfáveis;  
tu fugias vencido, amor perverso.

\*

Já livre da paixão, já forte a virgem  
vai de Hécate Perseida às priscas aras,  
num bosque anoso, e em mística espessura; 120

{fl.6}

dá com o filho de Eson; revive o incêndio;  
súbito cora, súbito desmaia.  
Qual ténue fogo adormentado em cinzas  
se levanta com o vento e fúrias ganha,  
tal a afeição que extinta julgarias, 125

com o primeiro e mór ímpeto renasce  
na presença do heroe princípio d'ella.

\*

Jasão (fortuna o quiz) vinha esse dia  
mais formoso que nunca; amor não pede  
nem precisa perdões; a precisal-os,  
a pedil-os então, dar-lhe-hiam todos.  
Ella o olha enlevada, immovel, como  
se pela vez primeira o visse agora;  
nem se farta de olhar; nem crê ser de homem,  
sim de nume a figura; elle apertando  
a dextra virginal co'a márcia dextra,  
lhe implora auxilio, em voz submissa fala,  
lhe off'rece o tóro seu; Medêa em lagrimas  
responde:

— |“|Se me arrojao ao precipicio,  
não é pelo não ver Amor, não êtro,  
amor, só, me seduz, me atrai, me obriga.  
Serás salvo por mim; ζdepois de salvo  
cumprirás tu, Jasão, promessas de hoje?”| —

}fl.7{ {fl.7}

Elle o jura; elle invoca em testemunhas  
altos mysterios da triforme deusa,  
do santo bosque o nume venerando,  
aquelle que vê tudo e lê futuros,  
pae de seu régio sogro; os seus destinos,  
seus perigos enfim. É crido; logo  
d'ella recebe enfeitiçadas hervas,  
seu uso aprende, e alegre aos paços volve.

\*

Nova aurora afugenta os ígneos astros.  
Ao campo sacro a Marte acode o povo,  
pelos altos cabeços circumstantes  
se diffunde, se apinha; a meio, sobe  
a um throno Aéte, em purpura trajado,

com o primeiro e mor ímpeto renasce  
na presença do herói princípio dela.

\*

Jasão (fortuna o quis) vinha esse dia  
mais formoso que nunca; amor não pede  
nem precisa perdões; a precisá-los, 130  
a pedi-los então, dar-lhe-hiam todos.  
Ela o olha enlevada, imóvel, como  
se pela vez primeira o visse agora;  
nem se farta de olhar; nem crê ser de homem,  
sim de nume a figura; ele apertando 135  
a destra virginal co'a márcia destra,  
lhe implora auxílio, em voz submissa fala,  
lhe of'rece o toro seu; Medeia em lágrimas  
responde:

— Se me arrojao ao precipício,  
não é pelo não ver amor, não erro, 140  
amor, só, me seduz, me atrai, me obriga.  
Serás salvo por mim; depois de salvo  
cumprirás tu, Jasão, promessas de hoje? —

{fl.7}

Ele o jura; elle invoca em testemunhas  
altos mistérios da triforme deusa, 145  
do santo bosque o nume venerando,  
aquele que vê tudo e lê futuros,  
pai de seu régio sogro; os seus destinos,  
seus perigos enfim. É crido; logo  
dela recebe enfeitiçadas ervas, 150  
seu uso aprende, e alegre aos paços volve.

\*

Nova aurora afugenta os ígneos astros.  
Ao campo sacro a Marte acode o povo,  
pelos altos cabeços circumstantes  
se difunde, se apinha; a meio, sobe 155  
a um trono Aete, em púrpura trajado,

sceptro ebúrneo na mão, guardas em volta.

\*

Eis que os toiros bronzípedes assomam,  
despedindo das ventas diamantinas  
vulcâneos turbilhões, a cujo bafo  
morre tisonada a relva, as plantas ardem;  
qual em próspera frágua o fogo zune,  
ou quaes fervem com a água estrepitosas  
pedras em térreo fogo recosidas,  
taes nos peitos e fauces abrazadas  
lhe ressoa o fragor de occulto incendio.

}fl.8{ {fl.8}

\*

Mas o filho de Eson, maior que os sustos,  
lá vai direito aos brutos monstruosos,  
os quaes, vendo-o avançar com passo affeito,  
as carrancas terríveis e os minazes  
cornos de férrea ponta desviaram,  
e co'a bífida pata o chão pulvéreo  
batendo, o campo e os campos convizinhos  
com fumosos mugidos atroaram.  
O susto aos Minyas géla; o heroe progride,  
sem sentir (tanto ha feito a indústria maga!)  
do bafo abrasador letaes influxos.  
A pendente barbella lhes afaga  
co'a destemida mão; submete ao jugo  
de pesada charrua os collos virgens,  
e os constringe a lavar o intacto solo.

\*

Pasma a Cólchide, os Minyas lhe reforçam  
com tumultuoso applauso a audácia, os brios.  
No capacete brônzeo toma os dentes  
que da Cadmeia serpe inda restavam,  
e os lança por semente aos largos sulcos.  
O lentor do terreno lhes penetra

cetro ebúrneo na mão, guardas em volta.

\*

Eis que os toiros bronzípedes assomam,  
despedindo das ventas diamantinas  
vulcâneos turbilhões, a cujo bafo  
morre tisonada a relva, as plantas ardem;  
qual em próspera frágua o fogo zune,  
ou quais fervem com a água estrepitosas  
pedras em térreo fogo recozidas,  
tais nos peitos e fauces abrasadas  
lhe ressoa o fragor de occulto incendio.

{fl.8}

\*

Mas o filho de Eson, maior que os sustos,  
lá vai direito aos brutos monstruosos,  
os quais, vendo-o avançar com passo afeito,  
as carrancas terríveis e os minazes  
cornos de férrea ponta desviaram,  
e co'a bífida pata o chão pulvéreo  
batendo, o campo e os campos convizinhos  
com fumosos mugidos atroaram.  
O susto aos mínias gela; o herói progride,  
sem sentir (tanto há feito a indústria maga!)  
do bafo abrasador letais influxos.  
A pendente barbela lhes afaga  
co'a destemida mão; submete ao jugo  
de pesada charrua os collos virgens,  
e os constringe a lavar o intacto solo.

\*

Pasma a Cólquide, os mínias lhe reforçam  
com tumultuoso aplauso a audácia, os brios.  
No capacete brônzeo toma os dentes  
que da cadmeia serpe inda restavam,  
e os lança por semente aos largos sulcos.  
O lentor do terreno lhes penetra

e desenvolve a natural peçonha;  
 crescem lá dentro, e em corpos se organizam.  
 Como, encerrado no materno claustro,  
 ganha o rude embrião figura humana,

}fl.9{ {fl.9}

e sai completo infante ao ar da vida,  
 assim do ventre grávido da terra  
 humanas formas consumadas rompem,  
 e agitando (o que é mais) guerreiras armas.

\*

Vendo-os os Gregos enristar as lanças  
 contra a cabeça do mancebo Emónio,  
 enfiam, desanimam; treme, ¡ah! treme  
 aquella mesma cujos dons o affoitam,  
 a propria que o muniu de mago escudo;  
 vê tantos contra um unico... desmaia,  
 atira-se a um ascento, exangue, fria,  
 já receia que as plantas encantadas  
 não tenham toda a fôrça; a novos meios  
 de arte secreta pávida recorre,  
 versos murmura, mil conjúrios forma.  
 Jasão toma um penedo; e com lança-lo  
 entre a caterva hostil desvia e inverte  
 contra elles mesmos sua mútua guerra.

\*

Eis que os ímpios irmãos da Terra filhos,  
 se entrecombatem, prostram, são prostrados,  
 e envôltos ficam no civil destrôço.

\*

Vivas, e parabens, e abraços, chovem  
 de seus Achivos sobre o chefe avante;

}fl.10{ {fl.10}

e em ti, bella estrangeira, em ti, ¡que invejas  
 não despertava amor n'esses momentos!

e desenvolve a natural peçonha;  
 crescem lá dentro, e em corpos se organizam.  
 Como, encerrado no materno claustro,  
 ganha o rude embrião figura humana,

{fl.9}

e sai completo infante ao ar da vida,  
 assim do ventre grávido da terra  
 humanas formas consumadas rompem,  
 e agitando (o que é mais) guerreiras armas.

\*

Vendo-os os gregos enristar as lanças  
 contra a cabeça do mancebo emônio,  
 enfiam, desanimam; treme, ah! Treme  
 aquela mesma cujos dons o afoitam,  
 a própria que o muniu de mago escudo;  
 vê tantos contra um único... desmaia,  
 atira-se a um assento, exangue, fria,  
 já receia que as plantas encantadas  
 não tenham toda a força; a novos meios  
 de arte secreta pávida recorre,  
 versos murmura, mil conjuros forma.  
 Jasão toma um penedo; e com lança-lo  
 entre a caterva hostil desvia e inverte  
 contra eles mesmos sua mútua guerra.

\*

Eis que os ímpios irmãos da terra filhos,  
 se entrecombatem, prostram, são prostrados,  
 e envoltos ficam no civil destroço.

\*

Vivas, e parabéns, e abraços, chovem  
 de seus aquivos sobre o chefe avante;

{fl.10}

e em ti, bela estrangeira, em ti, que invejas  
 não despertava amor nesses momentos!

190

195

200

205

210

215

que não darias tu por abraçá-lo,  
 esse triumphador, menos de monstros  
 que do teu coração! no teu delirio  
 já ias.... casto pejo oppôz-se a tempo;  
 e inda o pejo ao transporte cederia,  
 se o não prendesse o público decóro;  
 fazes quanto te é dado: exultas n'alma,  
 dás graças aos conjurios, e ás deidades  
 do opáco Averno, autoras do prodigio.

\*

Só resta adormecer com magos versos  
 o vigilante Drago, o qual, medonho,  
 por crista, lingua triple, e dentes curvos,  
 era do áureo carneiro a sentinella.  
 Tendo-o aspergido de letheia gramma,  
 dito tres vezes somnolentas phrases,  
 que o mar serenam, que as torrentes sustam,  
 eis cerra o somno os extranhados olhos;  
 eis já por mão do heroe roubado o vélo.  
 Não ha demora; parte; e conduzindo  
 o don e a autora d'elle, insignes prêzas,  
 o heroe co'a esposa ufano aporta em Iolcos.

\*

}fl.11{ {fl.11}

\*

As mães e os paes anciãos da Emónia gente,  
 tornando a ver em casa os filhos salvos,  
 votivos dons nas aras accumulam;  
 lançam montes de incenso ás pyras santas;  
 victima opíma de doiradas pontas  
 no prometido sangue os ferros tinge.  
 Só falta Eson ao público festejo,  
 porque a extrema velhice o ha posto á morte.

\*

Que não darias tu por abraçá-lo,  
 esse triunfador, menos de monstros  
 que do teu coração! No teu delírio  
 já ias.... casto pejo opôs-se a tempo;  
 e inda o pejo ao transporte cederia,  
 se o não prendesse o público decoro;  
 fazes quanto te é dado: exultas n'alma,  
 dás graças aos conjuros, e às deidades  
 do opaco Averno, autoras do prodígio.

\*

Só resta adormecer com magos versos  
 o vigilante Drago, o qual, medonho,  
 por crista, língua triple, e dentes curvos,  
 era do áureo carneiro a sentinela.  
 Tendo-o aspergido de leteia grama,  
 dito três vezes sonolentas frases,  
 que o mar serenam, que as torrentes sustam,  
 eis cerra o sono os estranhados olhos;  
 eis já por mão do herói roubado o velo.  
 Não há demora; parte; e conduzindo  
 o dom e a autora dele, insignes presas,  
 o herói co'a esposa ufano aporta em Iolcos.

\*

{fl.11}

\*

As mães e os pais anciãos da emônia gente,  
 tornando a ver em casa os filhos salvos,  
 votivos dons nas aras accumulam;  
 lançam montes de incenso às piras santas;  
 vítima opima de doiradas pontas  
 no prometido sangue os ferros tinge.  
 Só falta Eson ao público festejo,  
 porque a extrema velhice o há posto à morte.

\*

220

225

230

235

240

245



Diz á esposa Jasão:

—[“Tu, a quem devo  
(confesso) haver salvado esta existencia,  
se bem que o teu favor me deu já tudo,  
e além do crível os teus dons passaram,  
se ha conjurio feliz que possa tanto  
(¿e que não poderia um teu conjurio?)  
reparte com meu pae meus verdes annos. ]”—

\*

Diz, e conter as lagrimas não pode;  
da filial ternura está movida  
a que o não semelhou no pio affecto,  
e do pae que deixou lhe acode a imagem;  
mas, contendo a expressão dos seus remorsos,  
— [“;Que blasphemia cahiu d’esses teus labios,  
consorte meu! — responde.— ¿E tu podeste

}fl.12{ {fl.12}

pensar que eu tramaria horror tão negro?  
¿eu cercear-te um anno, um dia, um’hora?  
jamais Hécate o sôffra. O que supplicas,  
ó Jasão, é tiranno, além de injusto.  
Mas vou tentar um don, que exceda ao rogo:  
verei se, por mercê das artes minhas,  
sem defraudar teus dias preciosos,  
revocarei meu sogro á flórea quadra.  
;Possas a deusa triforme ser presente,  
e pôr na empresa audaz propícios olhos! ]”—

\*

Faltava devolverem-se tres noites  
para que a lua arredondasse o disco;  
logo que cheia se elevou no espaço,  
descobrimo e alegrando o mar e as terras,  
eis Medêa que sai; sôltas as roupas,  
uma das plantas nua, e coma sôlta  
pelos hombros lançada, e vai sosinha,

Diz à esposa Jasão:

— Tu, a quem devo  
(confesso) haver salvado esta existência,  
se bem que o teu favor me deu já tudo,  
e além do crível os teus dons passarão,  
se há conjuro feliz que possa tanto  
(e que não poderia um teu conjuro?)  
reparte com meu pai meus verdes anos. —

\*

Diz, e conter as lágrimas não pode;  
da filial ternura está movida  
a que o não semelhou no pio afeto,  
e do pai que deixou lhe acode a imagem;  
mas, contendo a expressão dos seus remorsos,  
— Que blasfêmia caiu desses teus lábios,  
consorte meu! — responde. — E tu pudeste

{fl.12}

pensar que eu tramaria horror tão negro? 260  
Eu cercear-te um ano, um dia, um’hora?  
jamais Hécate o sofra. O que supplicas,  
ó Jasão, é tirano, além de injusto.  
Mas vou tentar um dom, que exceda ao rogo:  
verei se, por mercê das artes minhas, 265  
sem defraudar teus dias preciosos,  
revocarei meu sogro à flórea quadra.  
Possas a deusa triforme ser presente,  
e pôr na empresa audaz propícios olhos! —

\*

Faltava devolverem-se três noites 270  
para que a lua arredondasse o disco;  
logo que cheia se elevou no espaço,  
descobrimo e alegrando o mar e as terras,  
eis Medeia que sai; soltas as roupas,  
uma das plantas nua, e coma solta 275  
pelos ombros lançada, e vai sozinha,

movendo affoita os passos vagabundos  
pela funda mudez da meia-noite.

\*

Pesado o somno relaxára os membros  
de homens, de aves, de feras; pelo campo  
guardam silencio as folhas socegadas;  
guardam-n-o os ares humidos; sómente

}fl.13{ {fl.13}

os astros lá por cima estão brilhando.

\*

Tres vezes para elles se revira  
alçando os braços; tres a coma orvalha  
de agua tomada em fluvial torrente;  
tres outras abre os labios ululando;  
depois, na dura terra ajoelhada,  
desata a voz, e diz:

– Propícia noite,

aos arcanos fidissima; doiradas  
successoras do sol, vagas estrellas,  
comitiva da <noite> lua; alva triforme  
Hécate augusta, que a meu grão projecto  
já lá vens confidente e auxiliadora;  
cantos e artes dos mágicos; não menos  
tu, que ás mágicas dás potentes hervas,  
ó terra; auras e ventos, montes, rios,  
lagos; vós, deuses todos das florestas,  
deuses todos da noite, auxílio imploro.  
Por mercê vossa, em me aprazendo, os rios,  
pasmando as margens, á matriz refluem;  
por mercê vossa, mares descompostos  
socégo, socegados descomponho,  
ora nuvens congrégo, ora as dissipo,  
ponho os ventos em fuga, ou chamo os ventos;

movendo afoita os passos vagabundos  
pela funda mudez da meia-noite.

\*

Pesado o sono relaxara os membros  
de homens, de aves, de feras; pelo campo  
guardam silêncio as folhas sossegadas;  
guardam-no os ares úmidos; somente

{fl.13}

os astros lá por cima estão brilhando.

\*

Três vezes para eles se revira  
alçando os braços; três a coma orvalha  
de água tomada em fluvial torrente;  
três outras abre os lábios ululando;  
depois, na dura terra ajoelhada,  
desata a voz, e diz:

— Propícia noite,

aos arcanos fidíssima; doiradas  
sucessoras do sol, vagas estrelas,  
comitiva da lua; alva triforme  
Hécate augusta, que a meu grão projeto  
já lá vens confidente e auxiliadora;  
cantos e artes dos mágicos; não menos  
tu, que às mágicas dás potentes ervas,  
ó terra; auras e ventos, montes, rios,  
lagos; vós, deuses todos das florestas,  
deuses todos da noite, auxílio imploro.  
Por mercê vossa, em me aprazendo, os rios,  
pasmando as margens, à matriz refluem;  
por mercê vossa, mares descompostos  
sossego, sossegados descomponho,  
ora nuvens congrégo, ora as dissipo,  
ponho os ventos em fuga, ou chamo os ventos;

}fl.14{ {fl.14}	{fl.14}	
<p>com palavras e versos que murmuro  faço estalar as víboras; demovo  da terra que as tolhia as rochas brutas;  corpulentos carvalhos e altos bosques  desarraigo; as montanhas estremezem;  muge a terra; do chão rebentam larvas;  a ti própria dos ceos te arranco, ó lua,  sem que te valha o estrépito potente  de Teméseos metaes; com os meus cantares  ao Sol, meu claro avô, desdoiro o carro;  com meus filtros subtís desbóto a aurora.  Vós mitigastes as ruidosas flammas  dos bronzípedes toiros, submettestes  sua altiva cerviz do arado ao jugo;  vós consumistes em discordia mútua  os feros serpentígenas; ao somno  foi por vós dado o indómito vigia;  por vós, máu grado a velador tão fero,  resplende o vello d’oiro em mão de Argivos.  Succos agora necessito, succos  pelos quaes a decrépita velhice  forçada retroceda á quadra verde;  e dar-m’os-heis, que os astros avivaram  (não sem mysterio) a luz, nem sem mysterio  vôam esses dragões tirando um choche. ]”  –</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>com palavras e versos que murmuro  faço estalar as víboras; demovo  da terra que as tolhia as rochas brutas;  corpulentos carvalhos e altos bosques  desarraigo; as montanhas estremezem;  muge a terra; do chão rebentam larvas;  a ti própria dos céus te arranco, ó Lua,  sem que te valha o estrépito potente  de teméseos metais; com os meus cantares  ao sol, meu claro avô, desdoiro o carro;  com meus filtros sutis desboto a aurora.  Vós mitigastes as ruidosas flamas  dos bronzípedes toiros, submettestes  sua altiva cerviz do arado ao jugo;  vós consumistes em discórdia mútua  os feros serpentígenas; ao sono  foi por vós dado o indômito vigia;  por vós, mau grado a velador tão fero,  resplende o velo d’oiro em mão de argivos.  Sucos agora necessito, sucos  pelos quais a decrépita velhice  forçada retroceda à quadra verde;  e dar-me-eis, que os astros avivaram  (não sem mistério) a luz, nem sem mistério  voam esses dragões tirando um choche. —</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>310</p> <p>315</p> <p>320</p> <p>325</p> <p>330</p>
}fl.15{ {fl.15}	{fl.15}	
*	*	
<p>E em verdade baixou. Medêa o monta;  afaga o collo aos monstros, bate as rédeas;  arreatada sobe; e já pelo ether  trotando as rodas lúblicas resvalam.  Vê cá na profundez, e postergada,  a Thessáli c a Tempe; instiga os brutos</p>	<p>E em verdade baixou. Medeia o monta;  afaga o colo aos monstros, bate as rédeas;  arreatada sobe; e já pelo éter  trotando as rodas lúblicas resvalam.  Vê cá na profundez, e postergada,  a tessálica Tempe; instiga os brutos</p>	<p>335</p>

lá para o ceo de regiões remotas.

\*

Perquire as hervas do Ossa, Pélion, Othrys,  
Pindo soberbo, e mais soberbo Olympo.  
Umás, que ha de mistér, vai pondo em feixe;  
outras pela raiz vai arrancando;  
aquellas, ceifa-as com a foice brônzea;  
mil á beira do Apídano, mil outras  
colheu nas várzeas do sereno Amphryso.  
A margem do Enipeu não fica immune;  
a Penéia corrente, o Spérchio, as ribas,  
juncosas ribas, do fluente Bebes,  
contribuem tambem; plantas vivazes,  
das que depois tão célebres ficaram  
co[↑m] a mudança de Glauco, extrai na Eubeia,  
junto aos muros de Anthédone.

\*

Já tinham

presenciado a alígera viagem

}fl.16{ {fl.16}

nove contínuos soes e nove noites,  
que levou perlustrando os vastos campos,  
quando eis volta. Os dragões, tão só nutridos  
da fragrancia balsâmica, já trazem  
despida a pelle da velhice annosa.

\*

Áquem do limiar da estancia augusta  
desce, e fica-se ali, com os ceos por tecto,  
e sem manchar-se de viril contacto.  
Duas aras de relva ergueu, e adorna:  
à Mocidade a esquerda, a Hécate a dextra.  
Mal que as teve coroadas com verbenas,  
e com ramage agreste, e abriu não longe  
duas covas, procede aos sacrificios.  
Em collos de lan negra ensopa o ferro,

lá para o céu de regiões remotas.

\*

Perquire as ervas do Ossa, Pélion, Ótris,  
Pindo soberbo, e mais soberbo Olimpo.  
Umás, que há de mister, vai pondo em feixe; 340  
outras pela raiz vai arrancando;  
aquelas, ceifa-as com a foice brônzea;  
mil à beira do Apídano, mil outras  
colheu nas várzeas do sereno Anfriso.  
A margem do Enipeu não fica imune; 345  
a Peneia corrente, o Espérquio, as ribas,  
juncosas ribas, do fluente Bebes,  
contribuem também; plantas vivazes,  
das que depois tão célebres ficaram  
com a mudança de Glauco, extrai na Eubeia, 350  
junto aos muros de Antédone.

\*

Já tinham

presenciado a alígera viagem

{fl.16}

nove contínuos sóis e nove noites,  
que levou perlustrando os vastos campos,  
quando eis volta. Os dragões, tão só nutridos 355  
da fragrância balsâmica, já trazem  
despida a pele da velhice anosa.

\*

Aquém do limiar da estância augusta  
desce, e fica-se ali, com os céus por teto,  
e sem manchar-se de viril contato. 360  
Duas aras de relva ergueu, e adorna:  
à Mocidade a esquerda, à Hécate a destra.  
Mal que as teve coroadas com verbenas,  
e com ramagem agreste, e abriu não longe  
duas covas, procede aos sacrificios. 365  
Em colos de lã negra ensopa o ferro,

e alaga em sangue quente as largas fossas.  
Sobre isto emborca de diversas jarras  
espúmeo leite morno, e mel fluente.  
Diffunde ao mesmo tempo extranhas vozes,  
e aos deuses subterrâneos vai pedindo,  
e ao Rei dos manes, e á roubada esposa,  
que a alma senil tão cedo não desatem  
do seu caduco invólucro.

\*

Mal teve

com vivas preces, com murmurios longos,

}fl.17{ {fl.17}

propiciado as avernaes Potencias,  
manda que Esão ás aras lhe conduzam.  
Tendo-o, por obra de possantes versos,  
entregue ao somno que arremeda [↑a] morte,  
em cima o estende de alastradas hervas;  
ordena ao filho e aos servos retirar-se,  
a todos avisando que resguardem  
olhos profanos dos secretos ritos.  
Retiram-se.

\*

Medêa então sosinha

começa de correr com as tranças sôltas,  
qual Bacchante, em redor das ígneas aras;  
tinge archotes nas fossas do atro sangue;  
tintos, nas duas aras os acende;  
por tres vezes com fogo o velho lustra,  
por tres com agua, e tres com vivo enxofre.

\*

N'um caldeirão de bronze, emtanto, ferve  
a médica mistura, que gorgulha,  
e se entufa de trémula alva espuma.  
Ali se vão cozendo com as raizes  
vindas de um valle do Hemo, succos acres,

e alaga em sangue quente as largas fossas.  
Sobre isto emborca de diversas jarras  
espúmeo leite morno, e mel fluente.  
Difunde ao mesmo tempo estranhas vozes,  
e aos deuses subterrâneos vai pedindo,  
e ao rei dos manes, e à roubada esposa,  
que a alma senil tão cedo não desatem  
do seu caduco invólucro.

\*

Mal teve

com vivas preces, com murmúrios longos,

{fl.17}

propiciado as avernais potências,  
manda que Eson às aras lhe conduzam.  
Tendo-o, por obra de possantes versos,  
entregue ao sono que arremeda a morte,  
em cima o estende de alastradas ervas;  
ordena ao filho e aos servos retirar-se,  
a todos avisando que resguardem  
olhos profanos dos secretos ritos.  
Retiram-se.

\*

Medeia então sozinha

começa de correr com as tranças soltas,  
qual bacante, em redor das ígneas aras;  
tinge archotes nas fossas do atro sangue;  
tintos, nas duas aras os acende;  
por três vezes com fogo o velho lustra,  
por três com água, e três com vivo enxofre.

\*

Num caldeirão de bronze, entanto, ferve  
a médica mistura, que gorgulha,  
e se entufa de trêmula alva espuma.  
Ali se vão cozendo com as raizes  
vindas de um vale do Hemo, sucos acres,

370

375

380

385

390

395

sementes, flores. Junta-lhes, buscadas  
do extremo Oriente, pedras; junta areias

}fl.18{ {fl.18}

lavadas da vasante, orvalho fresco  
apanhado ao luar, azas hediondas  
de c'ruja inda com carne, alguns pedaços  
de intestinos de lobo, costumado  
a trocar-se de fera em vulto humano,  
de um chelydro Cinyphéo a ténue pelle  
co'a sua escama, os figados do cervo,  
vivedoiro animal, cabeça e bico  
de gralha a nono seculo chegada.

\*

D'estas drogas, e de outras mil sem nome,  
tendo pois a venéfica estrangeira  
combinado a mistura que devia  
dar ao corpo mortal nova existencia,  
com um ramo de oliveira ressequido  
entrou do cimo ao fundo a mecher tudo.  
Eis que o páu carcomido principia  
a verdejar no caldeirão fervente;  
verde apenas, enfólha-se; enfolhado,  
de azeitona madura se carrega.  
Por onde quer que a espuma pululante  
cai das bordas no chão, no chão vicejam  
súbita a relva, súbitas as flores,  
e ri cercando o fogo a primavera.

\*

Medêa, que isto vê, despe uma espada,  
ao velho corre, e na garganta o fende.

}fl.19{ {fl.19}

Por ali todo exausto o sangue annoso,  
enche-o do novo succo, pela f'rida  
parte sorvido, e parte pela bôcca.

sementes, flores. Junta-lhes, buscadas  
do extremo oriente, pedras; junta areias

{fl.18}

lavadas da vazante, orvalho fresco  
apanhado ao luar, asas hediondas  
de c'ruja inda com carne, alguns pedaços  
de intestinos de lobo, costumado  
a trocar-se de fera em vulto humano,  
de um quélidro cinífio a ténue pele  
co'a sua escama, os figados do cervo,  
vivedoiro animal, cabeça e bico  
de gralha a nono século chegada.

\*

Destas drogas, e de outras mil sem nome,  
tendo pois a venéfica estrangeira  
combinado a mistura que devia  
dar ao corpo mortal nova existência,  
com um ramo de oliveira ressequido  
entrou do cimo ao fundo a mexer tudo.  
Eis que o pau carcomido principia  
a verdejar no caldeirão fervente;  
verde apenas, enfolha-se; enfolhado,  
de azeitona madura se carrega.  
Por onde quer que a espuma pululante  
cai das bordas no chão, no chão vicejam  
súbita a relva, súbitas as flores,  
e ri cercando o fogo a primavera.

\*

Medeia, que isto vê, despe uma espada,  
ao velho corre, e na garganta o fende.

{fl.19}

Por ali todo exausto o sangue anoso,  
enche-o do novo suco, pela f'rida  
parte sorvido, e parte pela boca.

400

405

410

415

420

425

Eis as barbas e as cans de Esão negrejam;  
 fogem-lhe pallidez, magreza, rugas;  
 pulam com fôrça as veias abundosas;  
 é todo agil vigor, substancia, vida.  
 A si mesmo se extranha, e se recorda  
 ser o Esão que vivia ha quarenta annos.

\*

Brómio, que viu dos ceos prodigio tanto,  
 reparou que podia á mocidade  
 revocar de equal modo as amas suas.  
 Baixa e impetra da maga o raro filtro.

\*

Esta, insaciavel de traições e astucias,  
 entra logo a tramar morte afrontosa  
 ao coroado Pélias. Odios finge  
 entre si e o consorte, e á régia estancia  
 corre a pedir asylo; os muitos annos  
 não permittindo ao Rei vir ter com ella,  
 receberam-n-a as filhas. Pouco tempo  
 bastou para a sagaz com falsas mostras  
 lhes captar a amizade; entra a contar-lhes  
 quanto fizera a bem do ingrato esposo,

}fl.20{ {fl.20}

o remoçar Esão, principalmente.  
 N'esta parte se espraia e se demora,  
 té que as virgens atónitas concebam  
 a doce, a alegre, a seductora esp'rança  
 de ver seu pae tambem reverdecido.  
 Eil-as todas a instar, e a persegui-la  
 que renove o segredo, e exija o prémio.

\*

Ella guarda silencio um breve espaço;  
 parece estar em dúvida, e suspende  
 com simulado sério as supplicantes;  
 mas promette por fim.

Eis as barbas e as cãs de Eson negrejam;  
 fogem-lhe palidez, magreza, rugas;  
 pulam com força as veias abundosas;  
 é todo ágil vigor, substância, vida.  
 A si mesmo se estranha, e se recorda  
 ser o Eson que vivia há quarenta anos.

\*

Brómio, que viu dos céus prodígio tanto,  
 reparou que podia à mocidade  
 revocar de igual modo as amas suas.  
 Baixa e impetra da maga o raro filtro.

\*

Esta, insaciável de traições e astúcias,  
 entra logo a tramar morte afrontosa  
 ao coroado Pélias. Ódios finge  
 entre si e o consorte, e à régia estância  
 corre a pedir asilo; os muitos anos  
 não permitindo ao rei vir ter com ela,  
 receberam-na as filhas. Pouco tempo  
 bastou para a sagaz com falsas mostras  
 lhes captar a amizade; entra a contar-lhes  
 quanto fizera a bem do ingrato esposo,

{fl.20}

o remoçar Eson, principalmente.  
 Nesta parte se espraia e se demora,  
 'té que as virgens atônitas concebam  
 a doce, a alegre, a sedutora esp'rança  
 de ver seu pai também reverdecido.  
 Ei-las todas a instar, e a persegui-la  
 que renove o segredo, e exija o prêmio.

\*

Ela guarda silêncio um breve espaço;  
 parece estar em dúvida, e suspende  
 com simulado sério as supplicantes;  
 mas promete por fim.

– Para podêrdes

da efficácia do don ficar mais certas, –  
diz ella – vou fazer que o mais annoso  
d’entre os vossos carneiros se demude  
com o meu licor em tenro cordeirinho. –

\*

Logo do bando o conductor lanoso  
vem trazido a palacio; é venerado  
na sua especie pelas vastas pontas  
nas decrépitas fontes enroscadas,  
e já gasto de innúmeros Janeiros.  
Prontamente no collo enfraquecido  
lhe entra o mago cutello, verte apenas

}fl.21{ {fl.21}

sangue que mancha a lâmina, e fenece.  
A encantadora os membros lhe esquarteja,  
e com potentes succos á mistura  
em cavo bronze os lança; eil-os que mínguam;  
fogem da frente os páus, com os páus a idade,  
e ouve-se um tenro um trémulo balido  
dentro no caldeirão. Tudo é suspenso  
de ouvir tal som; mas novo pasmo acresce:  
salta fora um cordeiro, e apenas fora  
pula, retoíça, foge, e busca a têta.

\*

As Princezas, absôrtas, como viram  
tão incrível promessa executada,  
com muito maior ância a graça exigem.

\*

Tres vezes tinha o sol desatrellado,  
baixando ao mar da Ibéria, os ígneos brutos,  
e pela quarta sobre a terra umbrosa  
armára a mansa noite o veo de estrellas,  
quando Medêa pôz enganadora  
sobre um fogo violento uma agua pura,

— Para poderdes

da efficácia do dom ficar mais certas, –  
diz ela – vou fazer que o mais anoso  
dentre os vossos carneiros se demude  
com o meu licor em tenro cordeirinho. —

\*

Logo do bando o condutor lanoso  
vem trazido a palácio; é venerado  
na sua espécie pelas vastas pontas  
nas decrépitas fontes enroscadas,  
e já gasto de inúmeros janeiros.  
Prontamente no colo enfraquecido  
lhe entra o mago cutelo, verte apenas

{fl.21}

sangue que mancha a lâmina, e fenece.  
A encantadora os membros lhe esquarteja,  
e com potentes sucos à mistura  
em cavo bronze os lança; ei-los que mínguam;  
fogem da frente os paus, com os paus a idade,  
e ouve-se um tenro um trémulo balido  
dentro no caldeirão. Tudo é suspenso  
de ouvir tal som; mas novo pasmo acresce:  
salta fora um cordeiro, e apenas fora  
pula, retoíça, foge, e busca a teta.

\*

As princesas, absortas, como viram  
tão incrível promessa executada,  
com muito maior ânsia a graça exigem.

\*

Três vezes tinha o sol desatrelado,  
baixando ao mar da Ibéria, os ígneos brutos,  
e pela quarta sobre a terra umbrosa  
amara a mansa noite o véu de estrelas,  
quando Medeia pôs enganadora  
sobre um fogo violento uma água pura,



e dentro n'ella uns vegetaes sem fôrça.

Já somno semelhante ao do sepulcro

}fl.22{ {fl.22}

tinha prostrado o Rei, com o Rei seus guardas,  
tudo obra de fataes encantamentos.

Dóceis á lei da Colchide, as Princezas

lá vão mais ella ao tácido aposento,

e do pae que ali dorme o leito envolvem.

\*

– |“|Inertes, ¿que hesitais? espadas nuas –  
diz a Maga; – exauri-lhe o sangue annoso,  
para que o sangue juvenil lhe infunda.

¡Eia! tendes nas mãos a idade, <e> a vida  
de quem já vol-a deu. Se a vossa esp'rança  
não é falsa, e piedade em vós reside,

preenchei dos deveres o mais facil,

dando-lhe o bem maior. ¡Valor! ¡firmeza!

feri já já; salvae-o dos seus annos. |”| –

\*

As mais pias, ouvindo estes conselhos,  
são as primeiras impias; dão-se ao crime,  
por fugir do labéo de criminosas.

Ferem todas a um tempo, mas nenhuma

ousa encarar os golpes que arremeça;

para outra parte os olhos desviando,

<co'> [↑com] as mãos tirannas para traz voltadas,  
rasmam ás cegas o paterno corpo.

Todo a esvahir-se em sangue, o triste velho

inda se ergue n'um braço, inda procura

com os membros lacerados levantar-se.

}fl.23{ {fl.23}

Vendo-se ao desamparo, e tantos gumes

a lampear-lhe em torno acerba morte,

alçando os braços lividos, – |“| ¡Ah, filhas!...

e dentro nela uns vegetais sem força.

Já sono semelhante ao do sepulcro

{fl.22}

tinha prostrado o rei, com o rei seus guardas,  
tudo obra de fatais encantamentos.

490

Dóceis à lei da cólquide, as princezas

lá vão mais ela ao tácito aposento,

e do pai que ali dorme o leito envolvem.

\*

— Inertes, que hesitais? Espadas nuas –  
diz a maga; – exaurí-lhe o sangue anoso,  
para que o sangue juvenil lhe infunda.

495

Eia! Tendes nas mãos a idade, a vida  
de quem já vo-la deu. Se a vossa esp'rança  
não é falsa, e piedade em vós reside,

preenchei dos deveres o mais fácil,

500

dando-lhe o bem maior. Valor! Firmeza!

feri já já; salvai-o dos seus anos. —

\*

As mais pias, ouvindo estes conselhos,  
são as primeiras ímpias; dão-se ao crime,  
por fugir do labéu de criminosas.

505

Ferem todas a um tempo, mas nenhuma

ousa encarar os golpes que arremessa;

para outra parte os olhos desviando,

com as mãos tirannas para traz voltadas,  
rasmam às cegas o paterno corpo.

510

Todo a esvair-se em sangue, o triste velho

inda se ergue num braço, inda procura

com os membros lacerados levantar-se.

{fl.23}

Vendo-se ao desamparo, e tantos gumes

a lampear-lhe em torno acerba morte,

515

alçando os braços lívidos, “Ah, filhas!...

filhas – diz, – ¿que fazeis? ¿que mão, qual Furia  
vos armou contra um pae que vos amava,  
e contra um velho ao cabo de seus dias?...|” –

\*

Estas palavras quebram-lhes os braços,  
e os ânimos cruéis. Mais falaria,  
mas a terrível Phásia lhe decepa  
o collo e a voz, o corpo lhe desmembra,  
e nas aguas ferventes o mergulha.

\*

Valeram-lhe a esquivar-se á justa pena  
os alados dragões, os quaes a ponto  
vieram remontal-a ao campo ethéreo.  
Foge pelas alturas tão sublime,  
que deixa a baixo o vértice do Pélion.  
Já, postergados seus umbrosos picos,  
submette ao vôo os Philyréios tectos  
o Otrys, e os sitios que deixou famosos  
a antiga historia do feliz Cerambo;  
que, por mercê das Nymphas, lá no tempo  
em que as terras cobriu fatal diluvio,

}fl.24{ {fl.24}

azas abrindo se livrou das aguas.  
Á esquerda a Eólia Pítane lhe fica,  
ficam-lhe o Drago enorme feito pedra,  
o Ideu bosque, onde Baccho astutamente  
disfarçou na figura de um veado  
o bezerro, e escondeu do filho o roubo;  
o logar onde jaz, sem mais sepulchro  
que uma pouca d’areia, o malfadado  
progenitor de Córyto; as campinas  
que Mera amedrontou, quando mudada  
começou de soltar ladridos ferros;  
a cidade em que Eurypilo reinára,  
e onde nas Cóas mães, quando sahia

filhas – diz, – Que fazeis? Que mão, qual Fúria  
vos armou contra um pai que vos amava,  
e contra um velho ao cabo de seus dias?...”

\*

Estas palavras quebram-lhes os braços,  
e os ânimos cruéis. Mais falaria,  
mas a terrível fásia lhe decepa  
o colo e a voz, o corpo lhe desmembra,  
e nas águas ferventes o mergulha.

\*

Valeram-lhe a esquivar-se à justa pena  
os alados dragões, os quais a ponto  
vieram remontá-la ao campo etéreo.

Foge pelas alturas tão sublime,  
que deixa abaixo o vértice do Pélion.

Já, postergados seus umbrosos picos,

submete ao voo os filireios tetos

o Ótris, e os sitios que deixou famosos  
a antiga história do feliz Cerambo;

que, por mercê das ninfas, lá no tempo  
em que as terras cobriu fatal dilúvio,

{fl.24}

asas abrindo se livrou das águas.

À esquerda a eólia Pítane lhe fica,

ficam-lhe o Drago enorme feito pedra,

o ideu bosque, onde Baco astutamente

disfarçou na figura de um veado

o bezerro, e escondeu do filho o roubo;

o lugar onde jaz, sem mais sepulcro

que uma pouca d’areia, o malfadado

progenitor de Córto; as campinas

que Mera amedrontou, quando mudada

começou de soltar ladridos ferros;

a cidade em que Eurípilo reinara,

e onde nas coas mães, quando saía

520

525

530

535

540

545

a tropa hercúlea, rebentaram pontas;  
Rhodes, de Phebo amor; Ialysios muros,  
onde habitaram barbaros Telchínas,  
gente funesta, de maligno olhado,  
que Jupiter, cançado de soffrel-a,  
submergiu toda nas fraternas ondas.  
Ultrapassa tambem Cartheios muros  
da antiga Cêa, aonde Alcidamante  
pasmara devia de que a filha sua  
pudesse dar á luz mansa pombinha.

\*

Encontra ávante o lago de Hyria, e Tempe,  
de repentino cisne gorgeada.

}fl.25{ {fl.25}

\*

Foi o caso, que Phyllio, andando cego  
e perdido de amor por tenro moço,  
prole de Hyria, com o fito de logral-o  
lhe preenchia os mínimos desejos.  
Já lhe havia trazido por seu mando,  
domesticados uns crueis abutres,  
e um raivoso leão; sendo-lhe imposto  
vencer um toiro indómito, vencêra-o;  
mas, farto de serviços nunca pagos,  
e de amor tanta vez escarnecido,  
Phyllio, como o cruel pedisse o toiro  
por derradeiro don, negou-lho. O moço  
tornou:

– |“|;Tú não m’o dás? pois eu prometto-te  
que m’o desejes dar.”| –

E assim falando,  
despenhou-se de altíssimo penhasco.  
Julgaram todos que baqueasse em terra;  
feito cisne, pendia em níveas azas;  
mas Hyria, sua mãe, que salvo o ignora,

a tropa hercúlea, rebentaram pontas;  
Rodes, de Febo amor; ialysios muros,  
onde habitaram bárbaros telquinas,  
gente funesta, de maligno olhado,  
que Júpiter, cansado de sofrê-la,  
submergiu toda nas fraternas ondas.  
Ultrapassa também carteios muros  
da antiga Ceia, aonde Alcidamante  
pasmara devia de que a filha sua  
pudesse dar à luz mansa pombinha.

\*

Encontra avante o lago de Híria, e Tempe,  
de repentino cisne gorjeada.

{fl.25}

\*

Foi o caso, que Fílio, andando cego  
e perdido de amor por tenro moço,  
prole de Híria, com o fito de lográ-lo  
lhe preenchia os mínimos desejos.  
Já lhe havia trazido por seu mando,  
domesticados uns cruéis abutres,  
e um raivoso leão; sendo-lhe imposto  
vencer um toiro indômito, vencera-o;  
mas, farto de serviços nunca pagos,  
e de amor tanta vez escarnecido,  
Fílio, como o cruel pedisse o toiro  
por derradeiro dom, negou-lho. O moço  
tornou:

— Tú não mo dás? Pois eu prometo-te  
que mo desejes dar —

E assim falando,  
despenhou-se de altíssimo penhasco.  
Julgaram todos que baqueasse em terra;  
feito cisne, pendia em níveas asas;  
mas Híria, sua mãe, que salvo o ignora,

550

555

560

565

570

575

chorando se derrete, e de seu chôro  
um lago forma, que seu nome guarda.

\*

Segue-se Pleuron, onde a prole de Ophio,  
Combe, agitando trepidantes plumas,

}fl.26{ {fl.26}

frustrou dos filhos seus mãos parricidas.  
Transpõe os campos da Caláurea Phebe  
que viram regio par mudar-se em aves.

\*

Deixa á dextra Cylléne, onde Menéphron  
tentou com a propria mãe brutal commercio.

Pospõe Cephiso, que pranteia os fados  
do neto, por Apollo convertido

n'uma tímida phoca; e os lares onde  
Eumelo chora a filha unida ás aves.

Junto ás muralhas de Éphyre Pirénia  
aporta finalmente, e abate o vôo

lá onde a tradição nos diz que humanos  
dos cogumellos pluviais nasceram.

\*

Depois que ali com dádiva traidora  
fez morrer, entre magicos incendios,  
de seu Jasão ingrato a esposa nova,  
cahir em cinzas o palacio inteiro,  
tingindo a labareda os mares ambos,  
de seus dois filhos no innocente sangue  
ensopa as impias mãos; e bem vingada  
(se mãe não fosse) novamente foge,  
e illude as iras do marido em furia.

\*

D'aqui se vai com seus Titânios dragos

chorando se derrete, e de seu choro  
um lago forma, que seu nome guarda.

\*

Segue-se Plêuron, onde a prole de Ófio,  
Combe, agitando trepidantes plumas,

{fl.26}

frustrou dos filhos seus mãos parricidas.  
Transpõe os campos da caláuria Febe  
que viram régio par mudar-se em aves.

\*

Deixa à destra Cilene, onde Menéfron  
tentou com a própria mãe brutal comércio.

Pospõe Cefiso, que pranteia os fados  
do neto, por Apolo convertido

numa tímida foca; e os lares onde  
Eumelo chora a filha unida às aves.

Junto às muralhas de Éfire pirênia  
aporta finalmente, e abate o voo

lá onde a tradição nos diz que humanos  
dos cogumelos pluviais nasceram.

\*

Depois que ali com dádiva traidora  
fez morrer, entre mágicos incêndios,  
de seu Jasão ingrato a esposa nova,  
cair em cinzas o palácio inteiro,  
tingindo a labareda os mares ambos,  
de seus dois filhos no innocente sangue  
ensopa as ímpias mãos; e bem vingada  
(se mãe não fosse) novamente foge,  
e ilude as iras do marido em fúria.

\*

Daqui se vai com seus titânios dragos

580

585

590

595

600

605

}fl.27{ {fl.27}	}fl.27{ {fl.27}	
<p>buscar guarida nos Palládios muros, que viram ir-se, passaros volantes, Phineu, o justo, Periphás o annoso, e alada a tua neta, ó Polyphemo.</p>	<p>buscar guarida nos paládios muros, que viram ir-se, pássaros volantes, Fineu, o justo, Perifás o anoso, e alada a tua neta, ó Polifemo.</p>	
*	*	
<p>Acolhe-a Egeu, só n'isto condemnavel; e além de asylo, o thálamo lhe outorga.</p>	<p>Acolhe-a Egeu, só nisto condenável; e além de asilo, o tálamo lhe outorga.</p>	610
*	*	
<p>Eis que aos paços Reaes Theseu reverte, depois que o seu valor deu paz ao Isthmo; e aos olhos de seu pae se off'rece ignoto. Medêa, desejosa de perdel-o, em traidor copo acónitos expreme, plantas funestas que da Scythia trouxe, e ás quaes, segundo é fama, origem deram do cão de Echidna as venenosas fauces.</p>	<p>Eis que aos paços reais Teseu reverte, depois que o seu valor deu paz ao Istmo; e aos olhos de seu pai se of'rece ignoto. Medeia, desejosa de perdê-lo, em traidor copo acônitos espreme, plantas funestas que da Cítia trouxe, e às quais, segundo é fama, origem deram do cão de Equidna as venenosas fauces.</p>	615
*	*	
<p>Ha n'essa terra um antro cego e escuro. Rasga-se ao fundo a subterrânea via, por onde o heroe Tiryntio, ao vir do Averno, trouxe, prezo em cadeias diamantinas, o Cerbéro, que os olhos envesgando para não ver a luz, fincava as patas pela íngreme ladeira, e furia e fôrça</p>	<p>Há nessa terra um antro cego e escuro. Rasga-se ao fundo a subterrânea via, por onde o herói tiríntio, ao vir do Averno, trouxe, preso em cadeias diamantinas, o Cérbero, que os olhos envesgando para não ver a luz, fincava as patas pela íngreme ladeira, e fúria e força</p>	620
		625
}fl.28{ {fl.28}	}fl.28{ {fl.28}	
<p>para se retrahir vanmente oppunha. Vendo-se o monstro ás auras descoberto, damnado as aterrou com os tres latridos, e esparziu de alva espuma os campos verdes. Crê-se que esta, depois, tendo coalhado, lançou raízes pelo solo pingue, do qual chupando seiva a fez veneno; e como pelas duras pedras nascem estas plantas vivazes, o seu nome</p>	<p>para se retrair vãmente opunha. Vendo-se o monstro às auras descoberto, danado as aterrou com os três ladridos, e esparziu de alva espuma os campos verdes. Crê-se que esta, depois, tendo coalhado, lançou raízes pelo solo pingue, do qual chupando seiva a fez veneno; e como pelas duras pedras nascem estas plantas vivazes, o seu nome</p>	630
		635

entre os do campo acónito se chama.

\*

Por astúcias da esposa, ímpia madrasta,  
o proprio Egeu por sua mão presenta,  
como a inimigo, ao filho o horrível copo;  
sem prever a traição, Theseu o aceita.

Eis que Egeu reparou do heroe na espada:  
descobre no lavor do ebúrneo punho  
prova de que é seu filho; sólta um grito,  
e arranca-lhe o veneno. A vil, formando  
por um conjúrio um súbito negrume,  
pela segunda vez escapa á morte.

\*

A alegria do Rei com o filho salvo  
de ponto sobe; e todavia, o risco  
tão proximo em que o pôz, inda o perturba.

}fl.29{ {fl.29}

Acende as aras, presenteia os deuses,  
immola toiros de enfitadas pontas.  
Nunca um dia mais fausto enchêra Athenas;  
nobres e cidadãos se banqueteiam,  
e com o estro de Baccho entôam cantos:

\*

“¡Viva, viva Theseu sem par na Historia!  
“¡vôe seu nome em canticos nos ares!  
“Por toda a terra inclusa entre os dois mares  
“foi colhendo laureis, deixando gloria.

“Cretense toiro, horror de Marathona,  
“sob os golpes do heroe lá jaz sem vida;  
“sem mêdo a javalís em Cromyona  
“restaura o lavrador contente a lida.

“Da clavígera prole de Vulcano,  
“Epidauro, não mais, não mais se assustes,

entre os do campo “acônito” se chama.

\*

Por astúcias da esposa, ímpia madrasta,  
o próprio Egeu por sua mão presenta,  
como a inimigo, ao filho o horrível copo;  
sem prever a traição, Teseu o aceita.

Eis que Egeu reparou do herói na espada:  
descobre no lavor do ebúrneo punho  
prova de que é seu filho; solta um grito,  
e arranca-lhe o veneno. A vil, formando  
por um conjuro um súbito negrume,  
pela segunda vez escapa à morte.

\*

A alegria do rei com o filho salvo  
de ponto sobe; e todavia, o risco  
tão próximo em que o pôs, inda o perturba.

{fl.29}

Acende as aras, presenteia os deuses, 650  
imola toiros de enfitadas pontas.  
Nunca um dia mais fausto enchera Atenas;  
nobres e cidadãos se banqueteiam,  
e com o estro de Baco entoam cantos:

\*

“Viva, viva Teseu sem par na história! 655  
Voe seu nome em cânticos nos ares!  
Por toda a terra inclusa entre os dois mares  
foi colhendo lauréis, deixando glória.

Cretense toiro, horror de Maratona, 660  
sob os golpes do herói lá jaz sem vida;  
sem medo a javalis em Cromiona  
restaura o lavrador contente a lida.

Da clavígera prole de Vulcano,  
Epidauro, não mais, não mais se assustes,

“nem tu, Cephiso, do feroz Procrustes, “nem tu, Eleusis, de Cercyon tiranno.	nem tu, Cefiso, do feroz Procrustes, nem tu, Elêusis, de Cercion tirano.	665
“Sinis, curvando as arvores mais fortes, “punha os homens no cume e as despedia;	Sínis, curvando as árvores mais fortes, punha os homens no cume e as despedia;	
}fl.30{ {fl.30}		{fl.30}
“Sinis co[↑m] a morte sua ha pago as mortes, “com que abusou da extranha valentia.	Sínis com a morte sua há pago as mortes, com que abusou da estranha valentia.	670
“Entrar, sahir de Alcatho, e a quaesquer horas, “já, viandantes, podeis, cantando e ledos: “o que ao mar vos lançava dos rochedos, “Scirão, foi dado ás ondas vingadoras.	Entrar, sair de Alcato, e a quaisquer horas, já, viandantes, podeis, cantando e ledos: o que ao mar vos lançava dos rochedos, Cirão, foi dado às ondas vingadoras.	
“Do salteador os ossos odiados “nem terra os quis, nem pélagos os consome; “foram baldão do mar, té que mudados “em rochas fossem de seu proprio nome.	Do salteador os ossos odiados nem terra os quis, nem pélagos os consome; foram baldão do mar, ‘té que mudados em rochas fossem de seu próprio nome.	675
“Numerando-te os annos e as proezas, “mais são tuas proezas, que teus annos. “;Salve, exemplo de heroes, praser de humanos! “Baccho á tua saude alegre as mezas.	Numerando-te os anos e as proezas, mais são tuas proezas, que teus anos. Salve, exemplo de heróis, prazer de humanos! Baco à tua saúde alegre as mesas.	680
“Todo este povo em júbilo nadando “ergue a uma voz teus inclytos louvores; “todo a uma voz aos Ceos está rogando “para ti bênçãos e immortaes favores.”	Todo este povo em júbilo nadando ergue a uma voz teus ínclitos louvores; todo a uma voz aos Céus está rogando para ti bênçãos e imortais favores.”	685
}fl.31{ {fl.31}		{fl.31}
*	*	
Tal em votos e applausos se exhalava o commum regosijo; os regios paços alto eccôam com os jubilos do povo; não se vê logar triste em toda Athenas.	Tal em votos e aplausos se exalava o comum regozijo; os régios paços alto ecoam com os júbilos do povo; não se vê lugar triste em toda Atenas.	690

\*

Mas Egeu (tanto é certo que no mundo  
 todo o oiro do praser traz suas fézes,  
 e sempre algum pesar dá quebra aos gostos !!)  
 Egeu não gosa com rever seu filho  
 alegria completa.

\*

É vinda a fama  
 que o grande Minos lhe prepara guerra.  
 Terrível por exercitos e frotas  
 é já Minos; e agora mais terrível  
 pelas iras que traz n'alma paterna.  
 Protestou de vingar nos gregos filhos  
 seu filho assassinado, e as justas armas  
 por seu caro Androgeu furioso impunha.  
 Mas quer, antes da guerra, unir mais fôrças;  
 aliados procura; os mares corre  
 em leve esquadra, e portos mil demanda.  
 Obtem socorro de Ánaphe e Astypália;  
 de uma, por armas; de outra, por promessas;

}fl.32{ {fl.32}

depois a baixa Mycone assocía,  
 a argilosa Cimóle, a flórea Cythno,  
 Scyro, a plana Seripho, a sáxea Paros,  
 e Sithon, por sacrílega avareza  
 de Arce vendida, a qual, depois de aceito  
 o oiro que perversa estipulára,  
 mudada em mocho foi, que inda ama o oiro,  
 ave negra de pés, de plumas negra.

\*

Subsidios marciaes em todas estas  
 acha a Cretense esquadra, que se engrossa;  
 mas outras lh'os denegam. D'esta conta  
 foi Olíaros, Didyme, foi Ténos,  
 Andros, Gyaro, e a verde Peparétho,

\*

Mas Egeu (tanto é certo que no mundo  
 todo o oiro do prazer traz suas fezes,  
 e sempre algum pesar dá quebra aos gostos!)  
 Egeu não goza com rever seu filho  
 alegria completa.

\*

É vinda a fama  
 que o grande Minos lhe prepara guerra.  
 Terrível por exércitos e frotas  
 é já Minos; e agora mais terrível  
 pelas iras que traz n'alma paterna.  
 Protestou de vingar nos gregos filhos  
 seu filho assassinado, e as justas armas  
 por seu caro Androgeu furioso impunha.  
 Mas quer, antes da guerra, unir mais forças;  
 aliados procura; os mares corre  
 em leve esquadra, e portos mil demanda.  
 Obtém socorro de Ánape e Astipália;  
 de uma, por armas; de outra, por promessas;

{fl.32}

depois a baixa Mícone associa,  
 a argilosa Cimole, a flórea Citno,  
 Siro, a plana Serifo, a sáxea Paros,  
 e Siton, por sacrílega avareza  
 de Arce vendida, a qual, depois de aceito  
 o oiro que perversa estipulara,  
 mudada em mocho foi, que inda ama o oiro,  
 ave negra de pés, de plumas negra.

\*

Subsídios marciais em todas estas  
 acha a cretense esquadra, que se engrossa;  
 mas outras lhos denegam. Desta conta  
 foi Olíaros, Dítime, foi Tenos,  
 Andros, Giaro, e a verde Peparreto,



de olivedo coberta. D'ella Minos  
se parte, e sobre a esquerda vellejando  
busca de Eáco o imperio, a clara Enópia  
(Enópia era o seu nome entre os maiores,  
mas Eáco, da mãe chamou-lhe Egina).

\*

Todo o povo em cardume acode ás praias,  
ver desejando heroe de tanto nome.

Os Principes Reaes, Eácia prole,  
veem sahir-lhe ao caminho jubilando;  
são Telamon, Peleu, menor do que esse,  
e menor que estes dois o jovem Phoco.

}fl.33{ {fl.33}

Éaco, o proprio Rei, mau grado aos annos  
da oppressora velhice, os paços deixa  
para o saudar mais breve, e lhe pergunta  
qual da sua visita a causa seja.

Do coração paterno ouvindo os lutos,  
suspira. O Soberano de cem povos  
então lhe diz:

– “[Supplico-te que ajudes  
armas sagradas a vingar meu filho;  
toma um quinhão na mais piedosa guerra;  
vem consolar o tumulo; eis meu rogo.]” –

\*

– “[Ah! – lhe responde então de Asópe o neto; –  
não peças mais, que as súplicas mallogras;  
isso aos Estados meus sería um crime.  
Não ha terra mais junta por tratados  
á Cecrópia nação.]” –

Com tal desculpa,  
Minos, que nada mais de Egina espera,  
triste, pesado em rôsto, e dando costas:  
– “[Caros te hão-de sahir esses tratados ]” –  
diz; e julgando assim melhor partido

de olivedo coberta. Dela Minos  
se parte, e sobre a esquerda velejando  
busca de Eaco o império, a clara Enópia  
(Enópia era o seu nome entre os maiores,  
mas Eaco, da mãe chamou-lhe Egina).

\*

Todo o povo em cardume acode às praias,  
ver desejando herói de tanto nome.

Os príncipes reais, Eácia prole,  
veem sair-lhe ao caminho jubilando;  
são Telamon, Peleu, menor do que esse,  
e menor que estes dois o jovem Foco.

{fl.33}

Eaco, o próprio rei, mau grado aos anos  
da oppressora velhice, os paços deixa  
para o saudar mais breve, e lhe pergunta  
qual da sua visita a causa seja.

Do coração paterno ouvindo os lutos,  
suspira. O soberano de cem povos  
então lhe diz:

— Suplico-te que ajudes  
armas sagradas a vingar meu filho;  
toma um quinhão na mais piedosa guerra;  
vem consolar o túmulo; eis meu rogo. —

\*

— Ah! – lhe responde então de Asope o neto; –  
não peças mais, que as súplicas mallogras;  
isso aos estados meus seria um crime.  
Não há terra mais junta por tratados  
à cecrópia nação. —

Com tal desculpa,  
Minos, que nada mais de Egina espera,  
triste, pesado em rosto, e dando costas:  
“Caros te hão de sair esses tratados” –  
diz; e julgando assim melhor partido

725

730

735

740

745

750

ameaçar, do que fazer a guerra,  
e ante-gastar as necessarias fôrças,  
sólta as vellas, e parte.

\*

Inda ia a esquadra

}fl.34{ {fl.34}

singrando á vista dos Enópios muros,  
quando eis que avança um lenho Atheniense,  
que voga a todo o pano, e vem dar fundo  
dentro no porto amigo; traz a bórdo  
Céphalo, Embaixador da patria em risco.  
Os mancebos Eácides, supposto  
que o não vissem de muito, o reconhecem;  
em penhor de amisade as mãos lhe apertam,  
e ás paternas moradas o conduzem.

\*

Chega o vistoso heroe, que inda apresenta  
não dúbias provas da belleza antiga;  
um ramo empunha da Attica oliveira;  
á espalda leva dois mais novos que elle,  
Clyton e Butes, de Pallante filhos.  
Entra na sala; as saudações recebe;  
apresenta a embaixada; auxilios roga,  
que abono sejam dos antigos pactos;  
e conclue, que os incendios d'esta guerra,  
bem que pareçam dirigir-se a Athenas,  
ameaçam todavia a Grecia toda.

\*

Tendo Céphalo exposto em phrases vivas  
sua urgente missão, diz-lhe o Monarcha,  
firmando a esquerda no castão do sceptro:

}fl.35{ {fl.35}

— “[Athenienses, não rogueis subsidios,  
mas tomae-os. Parti, com quantas fôrças

ameaçar, do que fazer a guerra,  
e antegastar as necessárias fôrças,  
solta as velas, e parte.

\*

Inda ia a esquadra

{fl.34}

singrando à vista dos enópios muros,  
quando eis que avança um lenho ateniense, 755  
que voga a todo o pano, e vem dar fundo  
dentro no porto amigo; traz a bordo  
Céfalo, embaixador da pátria em risco.  
Os mancebos Eácides, suposto  
que o não vissem de muito, o reconhecem; 760  
em penhor de amizade as mãos lhe apertam,  
e às paternas moradas o conduzem.

\*

Chega o vistoso herói, que inda apresenta  
não dúbias provas da beleza antiga;  
um ramo empunha da ática oliveira; 765  
à espalda leva dois mais novos que ele,  
Clíton e Butes, de Palante filhos.  
Entra na sala; as saudações recebe;  
apresenta a embaixada; auxílios roga,  
que abono sejam dos antigos pactos; 770  
e conclui, que os incêndios desta guerra,  
bem que pareçam dirigir-se a Atenas,  
ameaçam todavia a Grécia toda.

\*

Tendo Céfalo exposto em frases vivas  
sua urgente missão, diz-lhe o monarca, 775  
firmando a esquerda no castão do cetro:

{fl.35}

— Atenienses, não rogueis subsídios,  
mas tomai-os. Parti, com quantas fôrças

tem esta Ilha leal; são todas vossas.  
 Mattas de construção temos que bastem;  
 para nós, e defesa de inimigos,  
 sobra-nos soldadesca; aos Ceos dou graças  
 de não ter que allegar nenhuma excusa.]” –

\*

– |“|Antes assim – diz Céphalo; – bem folgo.  
 Supplico aos deuses bons que te prosperem,  
 e augmentem mais e mais esta cidade.  
 Certo que me alegrei, saltando em terra,  
 de ver a numerosa juventude,  
 tão bella e tão egual (até nos annos),  
 que vinha ao meu encontro; mas reparo  
 em que muitos que vi quando cá estive,  
 já os não vejo agora.]” –

\*

Eáco geme,

e n’um tom grave e triste assim responde:  
 – |“|Apóz um mal bem grande os bens vieram;  
 ;oxalá que tivésseis mais demora,  
 para vol-os pintar! mas escutae-me,  
 que não vos deterei com vãos discursos.  
 São hoje ossos e cinza os que procuras;

}fl.36{ {fl.36}

mas para o que eu perdi tudo isso é nada.  
 O odio iníquo de Juno á nossa terra,  
 por lhe a sua rival ter dado o nome,  
 atirou sobre nós horrenda peste.  
 Em quanto, occulta a verdadeira causa,  
 se não creu procedida lá de cima,  
 e só da Natureza, a praga infecta,  
 com meios naturaes a combatemos.  
 Viu-se porém que o mal vencia a cura,  
 e que insultando os medicos exfórços,  
 medrava a assolação de dia em dia.

tem esta ilha leal; são todas vossas.  
 Matas de construção temos que bastem;  
 para nós, e defesa de inimigos,  
 sobra-nos soldadesca; aos Céus dou graças  
 de não ter que alegar nenhuma excusa. —

\*

— Antes assim – diz Céfalo; – bem folgo.  
 Suplico aos deuses bons que te prosperem,  
 e aumentem mais e mais esta cidade.  
 Certo que me alegrei, saltando em terra,  
 de ver a numerosa juventude,  
 tão bela e tão igual (até nos anos),  
 que vinha ao meu encontro; mas reparo  
 em que muitos que vi quando cá estive,  
 já os não vejo agora. —

\*

Eaco geme,

e num tom grave e triste assim responde:  
 — Após um mal bem grande os bens vieram;  
 oxalá que tivésseis mais demora,  
 para vo-los pintar! Mas escutai-me,  
 que não vos deterei com vãos discursos.  
 São hoje ossos e cinza os que procuras;

{fl.36}

mas para o que eu perdi tudo isso é nada.  
 O ódio iníquo de Juno à nossa terra,  
 por lhe a sua rival ter dado o nome,  
 atirou sobre nós horrenda peste.  
 Enquanto, occulta a verdadeira causa,  
 se não creu procedida lá de cima,  
 e só da natureza, a praga infecta,  
 com meios naturais a combatemos.  
 Viu-se porém que o mal vencia a cura,  
 e que insultando os médicos esforços,  
 medrava a assolação de dia em dia.

780

785

790

795

800

805

Primeiramente, o ceo, pesado e negro,  
 por nuvens oppressoras nos coava  
 um calor embaçado; e em quanto a lua  
 se inteirou quatro vezes, e outras tantas  
 se tornou a minguar, sopravam sempre  
 austros mortaes quentíssimos; as fontes  
 e os lagos viciaram-se; nos campos  
 deixados da lavoira erravam serpes  
 aos centos e aos milhões, cuja peçonha  
 chegava a corromper os proprios rios.  
 Tudo isto foi notório; a enfermidade  
 (se posso dar tal nome ao que era morte)

}fl.37{ {fl.37}

manifestou seus ímpetos primeiros  
 nos cães, passaros, bois, ovelhas, feras.  
 O agrícola infeliz ficava absôrto,  
 vendo cahir seus toiros vigorosos  
 no meio do trabalho, e sobre o rêgo.  
 Aos rebanhos lanígeros, balando  
 desfallecidamente, as lans cahiam  
 por si mesmas, e os corpos definhavam.  
 O cavallo mais acre, o de mais fama  
 na briosa carreira, degenéra,  
 e esquecendo as de ha pouco honrosas palmas,  
 da manjedoirá ao pé deitado geme,  
 condemnado a expirar de inerte môrbo.  
 Já se não lembra o javali de irar-se,  
 a leve corça de fugir correndo,  
 o urso valente de investir manadas;  
 tudo anda esmorecido, tudo frouxo.  
 Por florestas, por campos, por caminhos,  
 só se encontram cadáveres disformes;  
 intoleravel cheiro impregna os ares.  
 Viram-se coisas de um geral espanto:  
 cães esfaimados, aves carniceiras,

Primeiramente, o céu, pesado e negro, 810  
 por nuvens oppressoras nos coava  
 um calor embaçado; e enquanto a lua  
 se inteirou quatro vezes, e outras tantas  
 se tornou a minguar, sopravam sempre  
 austros mortais quentíssimos; as fontes 815  
 e os lagos viciaram-se; nos campos  
 deixados da lavoira erravam serpes  
 aos centos e aos milhões, cuja peçonha  
 chegava a corromper os próprios rios.  
 Tudo isto foi notório; a enfermidade 820  
 (se posso dar tal nome ao que era morte)

{fl.37}

manifestou seus ímpetos primeiros  
 nos cães, pássaros, bois, ovelhas, feras.  
 O agrícola infeliz ficava absorto,  
 vendo cair seus toiros vigorosos 825  
 no meio do trabalho, e sobre o rego.  
 Aos rebanhos lanígeros, balando  
 desfalecidamente, as lãs caíam  
 por si mesmas, e os corpos definhavam.  
 O cavallo mais acre, o de mais fama 830  
 na briosa carreira, degenera,  
 e esquecendo as de há pouco honrosas palmas,  
 da manjedoirá ao pé deitado geme,  
 condenado a expirar de inerte morbo.  
 Já se não lembra o javali de irar-se, 835  
 a leve corça de fugir correndo,  
 o urso valente de investir manadas;  
 tudo anda esmorecido, tudo frouxo.  
 Por florestas, por campos, por caminhos,  
 só se encontram cadáveres disformes; 840  
 intolerável cheiro impregna os ares.  
 Viram-se coisas de um geral espanto:  
 cães esfaimados, aves carniceiras,

lobos, tudo aos cadáveres fugia,  
que, fermentando, e pútridas as carnes,

}fl.38{ {fl.38}

desfeitos escorriam pela terra,  
mandando ao largo as infecções damnosas.  
Não tinham de parar só n'isto as pêrdas:  
passa logo o contagio aos lavradores;  
os muros da cidade invade a peste.  
Primeiramente, abrazam-se as entranhas;  
rubor, e um ígneo anhérito penoso  
dão logo indício do secreto incendio;  
ganha aspereza a lingua, e se entumece;  
a bôcca sêcca e aberta aos ventos mórnos,  
fataes mesmo quaes são, anciosa os capta;  
não se toléra o leito; a roupa afronta;  
cose-se nu [↑com] a terra o peito enchado,  
e em vez do chão refrigerar o corpo,  
o corpo escalda o chão. Ninguem lhes vale;  
a enfermidade aos medicos não poupa;  
a arte que vence a morte, á morte os leva.  
Todo o que mais fiel com zelo assíduo  
sobre enfêrmo velou, mais presto o segue.  
A esperança acabou; se alguma resta,  
é preverem na morte o fim das penas.  
Já ninguem se cohibe, nem pergunta  
o que é util ou não, pois nada é util.

}fl.39{ {fl.39}

Viam-se a cada passo estes espectros  
ir-se pregar, sem pejo, aqui nas fontes,  
lá nos poços, mais longe em fundos rios;  
por mais e mais que sôffregos bebessem,  
só matavam a sêde expulsa a vida.  
;Quantos ficaram n'essas aguas mortos!  
;e quantos assim mesmo inda as beberam!

lobos, tudo aos cadáveres fugia,  
que, fermentando, e pútridas as carnes,

{fl.38}

desfeitos escorriam pela terra,  
mandando ao largo as infecções danosas.  
Não tinham de parar só nisto as perdas:  
passa logo o contágio aos lavradores;  
os muros da cidade invade a peste. 850  
Primeiramente, abrasam-se as entranhas;  
rubor, e um ígneo anélito penoso  
dão logo indício do secreto incêndio;  
ganha aspereza a língua, e se entumece;  
a boca seca e aberta aos ventos mornos, 855  
fatais mesmo quais são, ansiosa os capta;  
não se tolera o leito; a roupa afronta;  
cose-se nu com a terra o peito inchado,  
e em vez do chão refrigerar o corpo,  
o corpo escalda o chão. Ninguém lhes vale; 860  
a enfermidade aos médicos não poupa;  
a arte que vence a morte, à morte os leva.  
Todo o que mais fiel com zelo assíduo  
sobre enfermo velou, mais presto o segue.  
A esperança acabou; se alguma resta, 865  
é preverem na morte o fim das penas.  
Já ninguém se coíbe, nem pergunta  
o que é útil ou não, pois nada é util.

{fl.39}

Viam-se a cada passo estes espectros  
ir-se pregar, sem pejo, aqui nas fontes, 870  
lá nos poços, mais longe em fundos rios;  
por mais e mais que sôffregos bebessem,  
só matavam a sede expulsa a vida.  
Quantos ficaram nessas águas mortos!  
E quantos assim mesmo inda as beberam! 875

Tal era o odio, o horror, que havia ao leito,  
que d'elle fora os míseros saltavam;  
e os que de pôr-se em pé não tinham fôrça,  
devolvendo-se a baixo a rastos se iam.

Cada um desertava do seu tecto,  
reputando-o mortal; da causa ignota  
o odioso effeito ao sitio se imputava.

Viras uns, que inda o corpo governavam,  
errar por essas ruas semi-vivos;

outros jazer por terra e estar chorando;

víral-os pôr em alvo os olhos frouxos,

e cessar. Viras mãos, depois da morte,

aqui e ali como as colhêra o transe,

ficar voltadas para um ceo de bronze.

¿Qual me vi eu? ¿Qual poderia ver-me?!

rodeado de horror, sem gôsto á vida,

anhelava co[↑m] os meus tambem perdel-a.

Para onde quer que a vista me escapasse,

}fl.40{ {fl.40}

prostrada multidão juncava a terra,  
como quando dos ramos abanados  
os pomos podres chovem, como quando  
cai da anzinha açoitada a crebra glande.

¿Vês defronte esse templo majestoso,  
de longa escadaria? habita-o Jove.

¿Quem deixou de ir queimar-lhe incenso inutil?

¿Quantas vezes ali rogando a esposa  
pelo consorte, um pae pelo seu filho,  
expirou ante as aras implacadas,

achando-se inda apóz na mão defunta  
parte do incenso destinado ao fôgo!

¿Quantas outras os toiros immolandos,  
em quanto o sacerdote ou deprecava,  
ou lhes vertia sobre a frente o vinho,  
sem lhe esperar o golpe baquearam!

Tal era o ódio, o horror, que havia ao leito,  
que dele fora os míseros saltavam;  
e os que de pôr-se em pé não tinham força,  
devolvendo-se abaixo a rastos se iam.

Cada um desertava do seu teto,

880

reputando-o mortal; da causa ignota

o odioso effeito ao sítio se imputava.

Viras uns, que inda o corpo governavam,  
errar por essas ruas semivivos;

outros jazer por terra e estar chorando;

885

vira-los pôr em alvo os olhos frouxos,

e cessar. Viras mãos, depois da morte,

aqui e ali como as colhera o transe,

ficar voltadas para um céu de bronze.

Qual me vi eu? Qual poderia ver-me?!

890

Rodeado de horror, sem gosto à vida,

anelava com os meus também perdê-la.

Para onde quer que a vista me escapasse,

{fl.40}

prostrada multidão juncava a terra,  
como quando dos ramos abanados  
os pomos podres chovem, como quando  
cai da anzinha açoitada a crebra glande.

895

Vês defronte esse templo majestoso,  
de longa escadaria? Habita-o Jove.

Quem deixou de ir queimar-lhe incenso inútil?

900

Quantas vezes ali rogando a esposa  
pelo consorte, um pai pelo seu filho,  
expirou ante as aras emplacadas,

achando-se inda após na mão defunta  
parte do incenso destinado ao fogo!

905

Quantas outras os toiros imolandos,  
enquanto o sacerdote ou deprecava,  
ou lhes vertia sobre a frente o vinho,  
sem lhe esperar o golpe baquearam!

Eu mesmo, orando a Jupiter soccôrro  
 para mim, minha patria, e meus tres filhos,  
 oiço da minha vÍctima inda intacta  
 sahir horrobilissimos mugidos,  
 e vejo-a desabar sobre o cutello,  
 que estando em baixo a rasga e mal se tinge.  
 Té das entranhas as corruptas fibras  
 tinham perdido aquelles caractéres,  
 em que a mente do Ceo ler-se costuma.

}fl.41{ {fl.41}

¡Negro mal, que até dentro assola tudo!  
 Eu vi, eu vi cadáveres humanos  
 ante os sacros portões; vi-os té mesmo,  
 para maior horror, junto aos altares.  
 Muitos n'um laço a vida suffocando  
 atalhavam co[↑m] a morte os sustos d'ella,  
 com o fado que os buscava, arremettiam.  
 Vão sem cortejo funebre os finados  
 conduzidos ao campo; nem d'outr'arte  
 pelas portas de Egina caberiam;  
 deixam-se uns pelas terras insepultos,  
 outros lançam-se em monte, e nus de off'rendas,  
 ao meio de fogueiras espaçosas.  
 Já respeitos não ha, nem jus, nem ritos;  
 disputam-se com a fôrça as labaredas,  
 conquistam-se, e ardem mil em pyra alheia.  
 Sobra por quem chorar, falta quem chore.  
 Manes de filhos, mães, anciãos, mancebos,  
 vagam em confusão desconsolada,  
 do tributo das lagrimas á espera.  
 Às covas falta espaço; aos fógos, troncos.  
 Assombrado com a lôbrega vertigem  
 de tantas, tão fataes calamidades,  
 – |“Ó Jupiter, – disse eu – se não é falso

Eu mesmo, orando a Júpiter socorro 910  
 para mim, minha pátria, e meus três filhos,  
 oiço da minha vítima inda intacta  
 sair horribilíssimos mugidos,  
 e vejo-a desabar sobre o cutelo,  
 que estando em baixo a rasga e mal se tinge. 915  
 ‘Té das entranhas as corruptas fibras  
 tinham perdido aqueles caracteres,  
 em que a mente do Céu ler-se costuma.

{fl.41}

Negro mal, que até dentro assola tudo!  
 Eu vi, eu vi cadáveres humanos 920  
 ante os sacros portões; vi-os ‘té mesmo,  
 para maior horror, junto aos altares.  
 Muitos num laço a vida sufocando  
 atalhavam com a morte os sustos dela,  
 com o fado que os buscava, arremetiam. 925  
 Vão sem cortejo fúnebre os finados  
 conduzidos ao campo; nem doutr'arte  
 pelas portas de Egina caberiam;  
 deixam-se uns pelas terras insepultos,  
 outros lançam-se em monte, e nus de of'rendas, 930  
 ao meio de fogueiras espaçosas.  
 Já respeitos não há, nem jus, nem ritos;  
 disputam-se com a força as labaredas,  
 conquistam-se, e ardem mil em pira alheia. 935  
 Sobra por quem chorar, falta quem chore.  
 Manes de filhos, mães, anciãos, mancebos,  
 vagam em confusão desconsolada,  
 do tributo das lágrimas à espera.  
 Às covas falta espaço; aos fogos, troncos.  
 Assombrado com a lôbrega vertigem 940  
 de tantas, tão fatais calamidades,  
 ‘Ó Júpiter, – disse eu – se não é falso

}fl.42{ {fl.42}	{fl.42}
<p>que a Asópia Egina outr'ora te gosasse,  e não te pésa haver-me por teu filho,  Jupiter grande, ou tu me restituas  meus vassallos, ou mata-me com elles.]" –  Disse. Lampeja e trôa o deus propício.  – [" Aceito- exclamo, – o grão preságio aceito;  seja elle indício das vontades tuas;  esse estrondo, essa luz, penhor me sejam.]" –  Surgia ao-pé d'ali carvalho umbroso  de Dodónea semente, e sacro a Jove.  Notei que ao longo da áspera cortiça  denso esquadrão de próvidas formigas  fervia a acarretar pesada carga.  Admirando o seu numero sem conto,  – [" Pae optimo, – exclamei – dá-me igual cópia  de cidadãos, que Egina repovôem.]" –  Treme o tronco robusto; e revolvidas  sem a mínima arage as ramas sôam.  As carnes de pavor se me arripiam,  erriça-se o cabelo; beijo a terra;  beijo o santo carvalho; não confesso  esp'rança alguma, e todavia as tenho,  e na alma lisonjeio as preces minhas.  Vem a noite; ralado de amarguras  cedo ao somno; antolhou-se-me, dormindo,</p>	<p>que a Asópia Egina outrora te gozasse,  e não te pesa haver-me por teu filho,  Júpiter grande, ou tu me restituas  meus vassallos, ou mata-me com eles.' –  Disse. Lampeja e troa o deus propício.  'Aceito – exclamo, – o grão presságio aceito;  seja ele indício das vontades tuas;  esse estrondo, essa luz, penhor me sejam.'  Surgia ao pé dali carvalho umbroso  de Dodónea semente, e sacro a Jove.  Notei que ao longo da áspera cortiça  denso esquadrão de próvidas formigas  fervia a acarretar pesada carga.  Admirando o seu número sem conto,  'Pai ótimo, – exclamei – dá-me igual cópia  de cidadãos, que Egina repovoem.'  Treme o tronco robusto; e revolvidas  sem a mínima aragem as ramas soam.  As carnes de pavor se me arripiam,  erriça-se o cabelo; beijo a terra;  beijo o santo carvalho; não confesso  esp'rança alguma, e todavia as tenho,  e na alma lisonjeio as preces minhas.  Vem a noite; ralado de amarguras  cedo ao sono; antolhou-se-me, dormindo,</p>
}fl.43{ {fl.43}	{fl.43}
<p>ver o proprio carvalho, inda alastrado  dos mesmos animaes, tremer como antes;  das ramas com sussurro entrebatidas  cahia pela terra o bando negro;  medravam mais e mais de instante a instante;  erguiam-se do chão, direitos, firmes;  os numerosos pés, côr, e magreza,  depunham, figurando humanos corpos.</p>	<p>ver o próprio carvalho, inda alastrado  dos mesmos animais, tremer como antes;  das ramas com sussurro entrebatidas  caía pela terra o bando negro;  medravam mais e mais de instante a instante;  erguiam-se do chão, direitos, firmes;  os numerosos pés, cor, e magreza,  depunham, figurando humanos corpos.</p>



Acórdo; taes visões por vans condemno,  
 e lastímo que o Ceo não valha aos homens.  
 Porém sussurro grande enchia as casas;  
 cuidei já desaffeito a humanas vozes,  
 ouvir falas; por novo sonho as tinha;  
 quando eis vem Telamon correndo; e abertas  
 do quarto as portas, – “[Ergue-te, – me grita –  
 vem ver, meu pae, vem ver, ergue-te, vôa;  
 inesperada incrível maravilha;  
 sai.]” – Saio. Taes varões, quaes vira em sonhos,  
 na mesma ordem vejo, e os reconheço;  
 a mim veem; por Monarcha me saúdam.  
 Cumpro os votos a Jupiter; reparto  
 entre elles a cidade e os campos ermos;  
 e, por que nome e origem se conformem,  
 o nome de Myrmídonas lhes ponho.  
 Já viste os corpos seus; quanto aos costumes,

}fl.44{ {fl.44}

não mudaram; são parques, incançaveis,  
 juntam sempre, a seus bens teem grande afêrro.  
 Estes em genio eguaes, e eguaes na idade,  
 prontos á guerra voarão comtigo,  
 apenas Euro, que te a nós cá trouxe,  
 (o Euro o trouxéra) se convêrta em Austro.]” –

\*

N’estas práticas e outras se enche o dia,  
 cuja parte final é dada á meza,  
 e a noite ao somno.

\*

O sol doirado erguêra  
 no ceo do Oriente a fulgida arraiada;  
 inda soprava o Euro, e as vellas tristes,  
 envergadas, voltar em vão pediam.  
 Os filhos de Pallante se dirigem  
 a cumprimentar Céphalo seu chefe,

Acordo; tais visões por vãs condeno,  
 e lastimo que o Céu não valha aos homens.  
 Porém sussurro grande enchia as casas;  
 cuidei já desafeito a humanas vozes,  
 ouvir falas; por novo sonho as tinha;  
 quando eis vem Telamon correndo; e abertas  
 do quarto as portas, ‘Ergue-te, – me grita –  
 vem ver, meu pai, vem ver, ergue-te, voa;  
 inesperada incrível maravilha;  
 sai.’ Saio. Tais varões, quais vira em sonhos,  
 na mesma ordem vejo, e os reconheço;  
 a mim veem; por monarca me saúdam.  
 Cumpro os votos a Júpiter; reparto  
 entre eles a cidade e os campos ermos;  
 e, por que nome e origem se conformem,  
 o nome de mirmídonas lhes ponho.  
 Já viste os corpos seus; quanto aos costumes,

{fl.44}

não mudaram; são parques, incansáveis,  
 juntam sempre, a seus bens têm grande aferro.  
 Estes em gênio iguais, e iguais na idade,  
 prontos à guerra voarão contigo,  
 apenas Euro, que te a nós cá trouxe,  
 (o Euro o trouxera) se converta em Austro. —

\*

Nestas práticas e outras se enche o dia,  
 cuja parte final é dada à mesa,  
 e a noite ao sono.

\*

O sol doirado erguera  
 no céu do oriente a fúlgida arraiada;  
 inda soprava o Euro, e as velas tristes,  
 envergadas, voltar em vão pediam.  
 Os filhos de Palante se dirigem  
 a cumprimentar Céfalo seu chefe,

980

985

990

995

1000

1005

e mais velho também. Céphalo e elles  
vão-se com o mesmo fito á régia estancia,  
mas inda em fundo somno o rei jazia.

\*

Phóco, dos filhos d' Éaco o mais moço,  
á porta os recebeu, porque os dois outros  
já fora andavam preparando as tropas.

}fl.45{ {fl.45}

Leva-os para interior formosa sala,  
e assenta-se com elles. Observando  
na mão do Embaixador um bello dardo  
de um páu desconhecido e ponta de oiro,  
depois de algumas falas que trocaram,  
— “[Também sou curioso de caçadas  
e bosques — lhe diz elle; — mas não posso  
acabar de entender, por mais que scisme,  
de que arvore sahisse uma hástea d'essas.  
Para ser freixo, não, pois não é loira;  
para ser cerejeira, os nós lhe faltam;  
enfim: não sei de que é; sei que os meus olhos  
não viram nunca tão formoso dardo.]” —  
— “[Pois inda a formosura que lhe gabas, —  
acode um dos irmãos Athenienses —  
é o menos; tem mais préstimo que vista;  
se o tu souberes, fio-te que pasmes:  
alvo que mire, é seu; vai despedido,  
sem que a fortuna lhe desvaire o rumo;  
fere, e volta voando ás mãos do dono.]” —

\*

O mancebo Nereio estupefacto  
tudo intenta saber: quaes os motivos  
d'essas prendas do dardo; o antigo dono,

e mais velho também. Céfaló e eles  
vão-se com o mesmo fito à régia estância,  
mas inda em fundo sono o rei jazia.

\*

Foco, dos filhos de Éaco o mais moço, 1010  
à porta os recebeu, porque os dois outros  
já fora andavam preparando as tropas.

{fl.45}

Leva-os para interior formosa sala,  
e assenta-se com eles. Observando  
na mão do embaixador um belo dardo 1015  
de um pau desconhecido e ponta de oiro,  
depois de algumas falas que trocaram,  
— Também sou curioso de caçadas  
e bosques — lhe diz ele; — mas não posso  
acabar de entender, por mais que cisme, 1020  
de que árvore saísse uma hástea dessas.  
Para ser freixo, não, pois não é loira;  
para ser cerejeira, os nós lhe faltam;  
enfim: não sei de que é; sei que os meus olhos  
não viram nunca tão formoso dardo. — 1025  
— Pois inda a formosura que lhe gabas, —  
acode um dos irmãos atenienses —  
é o menos; tem mais préstimo que vista;  
se o tu souberes, fio-te que pasmes:  
alvo que mire, é seu; vai despedido, 1030  
sem que a fortuna lhe desvaire o rumo;  
fere, e volta voando às mãos do dono. —

\*

O mancebo Nereio estupefacto  
tudo intenta saber: quais os motivos  
dessas prendas do dardo; o antigo dono, 1035



Prócris vivia, n'estes labios Prócris.  
 Ponderei-lhe do tóro a fé sagrada,  
 as delicias de um thálamo recente.  
 Estimulou-se a deusa; e – |“|Cessa – exclama –  
 cessa os queixumes teus, ingrato; és livre.  
 Vae, possue, gosa Prócris; virá tempo,  
 se o meu presago espírito não erra,  
 em que te pése o bem de possuill-a.”| –  
 Diz, e enfadada me remette á esposa.  
 Ora como eu, durante o meu caminho,  
 nunca cessasse de volver na ideia  
 da ameaça da Immortal a phrase ambígua,  
 comecei de temer que a esposa houvesse  
 não bem guardado a fé; belleza e idade  
 induziam-me a crêl-o; amor, virtudes,  
 me bradavam que não. Mas só, mas livre

}fl.48{ {fl.48}

minha ausencia a deixou; mas essa mesma  
 que eu vinha de enjeitar, era uma prova  
 de que havia infieis; mas quando amâmos,  
 tudo nos faz tremer. N'esta anciedade,  
 resolvi-me a excavar meu proprio damno,  
 por dons sollicitando a fé pudica.  
 A Aurora me auxilia em meu projecto,  
 e muda (inda o supponho estar sentindo)  
 toda a minha figura. D'esta sorte  
 em Athenas <penetro> incógnito penetro,  
 e entro em casa. ¡Altos ceos! a casa mesma  
 era toda leal; toda afogada  
 em cruas penas pela ausencia minha,  
 de casta probidade exemplo dava.  
 Custou-me a conseguir por mil astucias  
 o suspirado accesso ante a Princeza;  
 ¡qual foi minha embriaguez ao pôr-lhe os olhos!  
 senti-me a ponto de trahir meu plano,

Prócris vivia, nestes lábios Prócris.  
 Ponderei-lhe do toro a fé sagrada,  
 as delícias de um tálamo recente.  
 Estimulou-se a deusa; e ‘Cessa – exclama – 1070  
 cessa os queixumes teus, ingrato; és livre.  
 Vai, possui, goza Prócris; virá tempo,  
 se o meu pressago espírito não erra,  
 em que te pese o bem de possuí-la.’ –  
 Diz, e enfadada me remete à esposa. 1075  
 Ora como eu, durante o meu caminho,  
 nunca cessasse de volver na ideia  
 da ameaça da imortal a frase ambígua,  
 comecei de temer que a esposa houvesse  
 não bem guardado a fé; beleza e idade 1080  
 induziam-me a crê-lo; amor, virtudes,  
 me bradavam que não. Mas só, mas livre

{fl.48}

minha ausência a deixou; mas essa mesma  
 que eu vinha de enjeitar, era uma prova  
 de que havia infieis; mas quando amamos, 1085  
 tudo nos faz tremer. Nesta ansiedade,  
 resolvi-me a escavar meu próprio dano,  
 por dons solicitando a fé pudica.  
 A Aurora me auxilia em meu projeto,  
 e muda (inda o supponho estar sentindo) 1090  
 toda a minha figura. Desta sorte  
 em Atenas incógnito penetro,  
 e entro em casa. Altos céus! A casa mesma  
 era toda leal; toda afogada  
 em cruas penas pela ausência minha, 1095  
 de casta probidade exemplo dava.  
 Custou-me a conseguir por mil astúcias  
 o suspirado acesso ante a princesa;  
 qual foi minha embriaguez ao pôr-lhe os olhos!  
 senti-me a ponto de traír meu plano, 1100

renunciar á triste experiencia,  
 expôr-lhe tudo enfim, lançar-lhe os braços,  
 faltar os labios meus nos labios d'ella,  
 como dever e amor me persuadiam.  
 Vacilei, mas venci; sobre a ternura  
 ciume roedor obteve a palma.

}fl.49{ {fl.49}

O seu gesto, seu ar, sua attitude,  
 tudo a mostrava triste; e, mesmo triste,  
 ganhava em formosura ás mais formosas.  
 Nos olhos, nas feições, lhe respirava  
 toda a saudade do roubado esposo.  
 Phóco, vê tu que encantos não teria  
 quem até da afflicção tirava encantos.  
 ¿Para que é referir-te quantas vezes  
 minha audácia cruel foi rebatida  
 pela mimosa e candida virtude?  
 ¿quantas me disse: “Para um só dos homens,  
 onde quer que elle esteja, me reservo;  
 só elle, e ninguem mais, terá minh'alma.”  
 ¿Quem, não sendo um frenético, exigira  
 de amor vivo e leal mais certas provas?  
 Pois fui eu esse mísero; não pago  
 de um tão bello triumpho, instei de novo,  
 de novo combati por ser vencido;  
 prometti-lhe inflammado áureos thesoiros  
 por uma noite concedida a furto;  
 tanto fui que augmentando offertas, rógos,  
 tanto fiz, que a misérrima aturdida  
 se viu como perplexa um breve instante.  
 – |“Pérfida, – exclamo – conheci teu peito.

}fl.50{ {fl.50}

O adúltero sou eu, sou teu consorte;  
 pelo meu testemunho estás colhida.”| –

renunciar à triste experiência,  
 expor-lhe tudo enfim, lançar-lhe os braços,  
 faltar os lábios meus nos lábios dela,  
 como dever e amor me persuadiam.  
 Vacilei, mas venci; sobre a ternura  
 ciúme roedor obteve a palma.

1115

{fl.49}

O seu gesto, seu ar, sua attitude,  
 tudo a mostrava triste; e, mesmo triste,  
 ganhava em formosura às mais formosas.  
 Nos olhos, nas feições, lhe respirava  
 toda a saudade do roubado esposo.  
 Foco, vê tu que encantos não teria  
 quem até da aflicção tirava encantos.  
 Para que é referir-te quantas vezes  
 minha audácia cruel foi rebatida  
 pela mimosa e cândida virtude?  
 Quantas me disse: ‘Para um só dos homens,  
 onde quer que ele esteja, me reservo;  
 só ele, e ninguém mais, terá minh'alma.’  
 Quem, não sendo um frenético, exigira  
 de amor vivo e leal mais certas provas?  
 Pois fui eu esse mísero; não pago  
 de um tão belo triunfo, instei de novo,  
 de novo combati por ser vencido;  
 prometi-lhe inflamado áureos tesoiros  
 por uma noite concedida a furto;  
 tanto fui que aumentando ofertas, rógos,  
 tanto fiz, que a misérrima aturdida  
 se viu como perplexa um breve instante.  
 ‘Pérfida, – exclamo – conheci teu peito.

1120

1125

1130

1135

1140

{fl.50}

O adúltero sou eu, sou teu consorte;  
 pelo meu testemunho estás colhida.’

Não poudes responder-me; a voz lhe falta;  
o que faz, é de pejo rubicundo  
afogues-se toda, e de repente  
desamparar traidores limiares,  
e um consorte, o mais pérfido, o mais ímpio.  
Foge; e odiando comigo os homens todos,  
deu em vagar por montes caçadora.  
Fôgo de amor na ausencia se exaspéra;  
eu sem ella, eu deixado, eu só no mundo,  
senti mais do que nunca o fôgo interno  
pelas entranhas d'alma andar lavrando.  
Fui, pedi-lhe perdão, mercê, piedade,  
confessei que era minha toda a culpa;  
disse que eu mesmo que a adorava, e tanto,  
talvez, talvez, se dádivas tão grandes  
me promettesse alguém, cedido houvesse.  
Com esta confissão vingada a injúria,  
Prócris volve ao seu Céphalo; e esquecidos,  
annos concordes desfrutámos juntos.  
Na occasião que Amor nos congraçára,  
deu-me ella (como que inda fosse pouco  
dar-me a posse de si) um cão, presente  
que Diana lhe fez andando á caça,  
e do qual lhe ella disse: – “[Em ligeireza

}fl.51{ {fl.51}

nenhum lhe egualará.]” – Deu-me além d'elle  
este dardo que vês.

Se me perguntas

que foi feito do cão, digo-te que has-de  
pasmarmos, e com razão, quando o souberes.

\*

Já de Édipo a subtil sagacidade  
tinha enfim resolvido o abstruso enigma  
que nunca humano engenho decifrára.  
Já furiosa por isso havia a esfinge

Não pôdes responder-me; a voz lhe falta;  
o que faz, é de pejo rubicundo  
afogues-se toda, e de repente  
desamparar traidores limiares,  
e um consorte, o mais pérfido, o mais ímpio.  
Foge; e odiando comigo os homens todos,  
deu em vagar por montes caçadora.  
Fogo de amor na ausência se exaspera;  
eu sem ela, eu deixado, eu só no mundo,  
senti mais do que nunca o fogo interno  
pelas entranhas d'alma andar lavrando.  
Fui, pedi-lhe perdão, mercê, piedade,  
confessei que era minha toda a culpa;  
disse que eu mesmo que a adorava, e tanto,  
talvez, talvez, se dádivas tão grandes  
me promettesse alguém, cedido houvesse.  
Com esta confissão vingada a injúria,  
Prócris volve ao seu Céphalo; e esquecidos,  
annos concordes desfrutamos juntos.  
Na ocasião que amor nos congraçara,  
deu-me ella (como que inda fosse pouco  
dar-me a posse de si) um cão, presente  
que Diana lhe fez andando à caça,  
e do qual lhe ella disse: ‘Em ligeireza

1145

1150

1155

1160

1165

{fl.51}

nenhum lhe igualará.’ Deu-me além dele  
este dardo que vês.

Se me perguntas

que foi feito do cão, digo-te que hás de  
pasmarmos, e com razão, quando o souberes.

\*

Já de Édipo a sutil sagacidade  
tinha enfim resolvido o abstruso enigma  
que nunca humano engenho decifrára.  
Já furiosa por isso havia a esfinge

1170

de alta rocha saltado, e com a existencia  
seus enredos poeticos deposto.  
Da alma Thémis porém veio a vingança,  
que, logo apoz a esphinge, outro flagello  
sobre Thebas cahiu não menos grave;  
foi este enorme fera, horror dos campos,  
de homens <,> e gados barbaro destrôço.  
Juntámo-nos, os moços convisinhos;  
longas redes sem fim rodeiam tudo;  
dá-se-lhe acerba caça; o monstro pula,  
transpõe redes, e rapido se esquiva;  
soltam-se os cães; açulam-lh'os; ¿que monta?  
como um passaro foge.

Então me pedem  
a uma voz que o meu Lélape lhe lance

}fl.52{ {fl.52}

(era o nome do cão). Já muito havia  
que elle por desprender-se forcejava,  
e ganindo e espojando-se, e com as unhas  
despir tentava a pertinaz colleira.  
Mal partiu, ninguem mais lhe pôz a vista;  
pelo aquecido pó vê-se-lhe o rasto;  
elle desapareceu; lança vibrada,  
bala de funda, ou setta de Cretense,  
não são mais prontos. Eu, que uma tão nova  
scena perder não quiz, voei a um cume,  
que toda a baixa em torno senhoreia;  
de lá vi tudo. Agora o monstro, agora,  
parecia colhido, e logo escapo;  
com sagaz manha não enrista a fuga  
em recto espaço avante; enrêda giros,  
furta-se aos dentes ávidos que o seguem;  
apenas por um rumo os atrahira,  
por outro rumo os frustra; mas o activo  
generoso lebréo lá lhe vai sôbre,

de alta rocha saltado, e com a existênci  
seus enredos poéticos deposto. 1175  
Da alma Têmis porém veio a vingança,  
que, logo após a esfinge, outro flagelo  
sobre Tebas caiu não menos grave;  
foi este enorme fera, horror dos campos, 1180  
de homens e gados bárbaro destroço.  
Juntamo-nos, os moços convizinhos;  
longas redes sem fim rodeiam tudo;  
dá-se-lhe acerba caça; o monstro pula,  
transpõe redes, e rápido se esquiva; 1185  
soltam-se os cães; açulam-lhos; que monta?  
como um pássaro foge.

Então me pedem  
a uma voz que o meu Lélape lhe lance

{fl.52}

(era o nome do cão). Já muito havia  
que ele por desprender-se forcejava, 1190  
e ganindo e espojando-se, e com as unhas  
despir tentava a pertinaz coleira.  
Mal partiu, ninguém mais lhe pôs a vista;  
pelo aquecido pó vê-se-lhe o rasto;  
ele desapareceu; lança vibrada, 1195  
bala de funda, ou seta de cretense,  
não são mais prontos. Eu, que uma tão nova  
cena perder não quis, voei a um cume,  
que toda a baixa em torno senhoreia;  
de lá vi tudo. Agora o monstro, agora, 1200  
parecia colhido, e logo escapo;  
com sagaz manha não enrista a fuga  
em reto espaço avante; enreda giros,  
furta-se aos dentes ávidos que o seguem;  
apenas por um rumo os atraíra, 1205  
por outro rumo os frustra; mas o ativo  
generoso lebréu lá lhe vai sobre,





ou antes: era em dois um mesmo incendio.  
 Sómente, quando o sol raiava os cumes,  
 usava eu de sahir um pouco aos bosques  
 (paixão de idade nova), e andar á caça.  
 Para me aproveitar mais livremente  
 do ameno da manhan, não costumava  
 levar servos, cavallos, cães, nem redes;  
 bastava-me este dardo. Quando tinha  
 já farto o braço de ferino estrago,  
 buscava o frêsko, a sombra, a aura dos valles.  
 Como pois aura branda eu procurasse,  
 pelas manhans de um caloroso estio,  
 sentava-me a esperal-a; e meu costume  
 era (lembra-me bem) cantar no emtanto:

Aura affavel e amorosa,  
 vem ligeira, vem piedosa  
 d'este seio que se inflamma  
 vem a chamma consolar.

Vivo incendio me consume;  
 vem, segundo o teu costume,

}fl.55{ {fl.55}

n'este peito mil delicias,  
 mil caricias derramar.

Muitas outras, talvez, que me não lembram,  
 como estas, phrases maviosas, ternas,  
 houvesse em meus cantares; tanto e tanto  
 me impellia o mau fado ao precipicio;  
 porém só estas na memoria guardo.

Meus suspiros tu desfazes;  
 dás-me alento, dás-me vida,  
 e almo júbilo me trazes,

ou antes: era em dois um mesmo incêndio.  
 Somente, quando o sol raiava os cumes,  
 usava eu de sair um pouco aos bosques  
 (paixão de idade nova), e andar à caça.  
 Para me aproveitar mais livremente  
 do ameno da manhã, não costumava  
 levar servos, cavalos, cães, nem redes;  
 bastava-me este dardo. Quando tinha  
 já farto o braço de ferino estrago,  
 buscava o fresco, a sombra, a aura dos vales.  
 Como pois aura branda eu procurasse,  
 pelas manhãs de um caloroso estio,  
 sentava-me a esperá-la; e meu costume  
 era (lembra-me bem) cantar no entanto:

Aura afável e amorosa,  
 vem ligeira, vem piedosa  
 deste seio que se inflama  
 vem a chama consolar.

Vivo incêndio me consume;  
 vem, segundo o teu costume,

{fl.55}

neste peito mil delícias,  
 mil carícias derramar.

Muitas outras, talvez, que me não lembram,  
 como estas, frases maviosas, ternas,  
 houvesse em meus cantares; tanto e tanto  
 me impelia o mau fado ao precipício;  
 porém só estas na memória guardo.

Meus suspiros tu desfazes;  
 dás-me alento, dás-me vida,  
 e almo júbilo me trazes,

1240

1245

1250

1255

1260

1265

que embriaga o coração.

É por ti que do meu leito  
me vê longe a madrugada,  
e da relva namorada  
busco a umbrosa solidão.

O teu hálito amoroso  
a meus labios anhelantes  
vence o nectar mais gostoso  
que nos ceos aos numes dão.

}fl.56{ {fl.56}

Estas <antigas> [↑ambíguas] vozes escutadas  
foram; por quem, não sei, sei que illudidos,  
nome de nympha o de aura supposeram,  
e a mim de novo amor por ella doído.

[↑Houve quem temerario delatasse]  
<E>[↑e]ste sussurro, e o meu supposto crime  
á minha triste esposa, á infausta Prócris.

O verdadeiro amor crédulo é sempre;  
ella esfria, ella cai, sem luz, sem tino.  
Tornada tarde a si, tornada ás penas,  
chamou-se desditosa, injusto ao fado;  
queixou-se de traições tão mal devidas;  
e, perturbada co[↑m] a fallaz denúncia,  
tremeu do que era nada, ou nome apenas;  
e, sem ter infortunio infortunosa,  
e ultrajada sem ter quem a ultrajasse,  
deu á falsa rival não falso pranto.

Inda comtudo ás vezes lhe transluzem  
consoladoras dúvidas, assoma  
doce esp'rança de engano á mente umbrosa.  
Na accusação não crê; nem quer, sem vel-os,  
n'um caro esposo conceber delictos.  
Passou-se aquella noite. Ao romper d'alva

que embriaga o coração.

É por ti que do meu leito  
me vê longe a madrugada,  
e da relva namorada  
busco a umbrosa solidão.

O teu hálito amoroso  
a meus lábios anelantes  
vence o néctar mais gostoso  
que nos céus aos numes dão.

{fl.56}

Estas ambíguas vozes escutadas  
foram; por quem, não sei, sei que iludidos,  
nome de ninfa o de aura supuseram,  
e a mim de novo amor por ela doído.

Houve quem temerário delatasse  
este sussurro, e o meu suposto crime  
à minha triste esposa, à infausta Prócris.

O verdadeiro amor crédulo é sempre;  
ela esfria, ela cai, sem luz, sem tino.  
Tornada tarde a si, tornada às penas,  
chamou-se desditosa, injusto ao fado;  
queixou-se de traições tão mal devidas;

e, perturbada com a falaz denúncia,  
tremeu do que era nada, ou nome apenas;  
e, sem ter infortúnio infortunosa,  
e ultrajada sem ter quem a ultrajasse,  
deu à falsa rival não falso pranto.

Inda contudo às vezes lhe transluzem  
consoladoras dúvidas, assoma  
doce esp'rança de engano à mente umbrosa.  
Na accusação não crê; nem quer, sem vê-los,  
num caro esposo conceber delictos.

Passou-se aquella noite. Ao romper d'alva

1270

1275

1280

1285

1290

1295

torno-me eu ao meu bosque; e ao fim da caça,  
reclino-me na relva, e “Ó Aura” canto:

torno-me eu ao meu bosque; e ao fim da caça,  
reclino-me na relva, e “Ó Aura” canto:

1300

}fl.57{ {fl.57}

{fl.57}

Aura affavel e amorosa,  
vem ligeira, vem piedosa,  
d’este seio que se inflamma  
vem a chamma <consolar>  
consolar....

Aura afável e amorosa,  
vem ligeira, vem piedosa,  
deste seio que se inflama  
vem a chama  
consolar....

1305

Uns não sei que gemidos, entretanto,  
nos intervallos das palavras minhas,  
se me tinham no ouvido afigurado;  
mas, não vendo a ninguem, fui por diante:

Uns não sei que gemidos, entretanto,  
nos intervallos das palavras minhas,  
se me tinham no ouvido afigurado;  
mas, não vendo a ninguém, fui por diante:

Vivo incendio me consume;  
vem, segundo teu costume,  
n’este peito mil delicias,  
mil caricias, <derramar>.  
derramar.

Vivo incêndio me consume;  
vem, segundo teu costume,  
neste peito mil delícias,  
mil carícias,  
derramar.

1310

Aqui, tórno a sentir, como já d’antes,  
um leve som de folhas despegadas;  
cuido ser fera, e o leve dardo arrójo;  
era Prócris. No meio do alvo peito  
cravada.... arranca um ai. Mal que distingo  
a voz de tão fiel, tão cara esposa,  
côrro fora de mim precipitando,  
e acho-a já semi-morta, envôlta em sangue,  
e a querer ¡ai de mim! com a mão sem fôrça  
do seio descravar seu don funesto.

Aqui, torno a sentir, como já dantes,  
um leve som de folhas despegadas;  
cuido ser fera, e o leve dardo arrojo;  
era Prócris. No meio do alvo peito  
cravada.... arranca um ai. Mal que distingo  
a voz de tão fiel, tão cara esposa,  
corro fora de mim precipitando,  
e acho-a já semimorta, envolta em sangue,  
e a querer, ai de mim! com a mão sem força  
do seio descravar seu dom funesto.

1315

Levanto n’estes braços crimosos  
aquelle corpo meu, que ao meu prefiro;

Levanto nestes braços crimosos  
aquele corpo meu, que ao meu prefiro;

1320

1325

}fl.58{ {fl.58}

{fl.58}

rasgo-lhe a veste que lhe envolve o seio;  
ligo-lhe a atroz ferida; e forcejando  
por estancar os borbotões de sangue,  
peço-lhe que não môrra, que não môrra,  
que me não deixe reo de um tal desastre.

Ella desfallecida a custo arranca

estes sons já mortaes e entrecortados:

|— “Por aquella união do nosso leito,  
“pelos deuses da luz e pelos outros,  
“de quem não tardo a ser, pelos praseres  
“que te eu já dei (se alguns te dei), por esses  
“novos amores que me hão posto á morte,  
“e que inda agora tens, peço-te humilde,  
“por derradeiro don, que não consintas  
“que essa Aura no meu thálamo succeda.”

Eu, que então percebi do nome o engano,  
lh’o disse; ¡ah! ¿que montava então dizer-lh’o?  
desfallece-se toda, e a pouca fôrça  
que inda a sustinha se lhe esvai com o sangue.  
Em quanto poudo olhar, olhou-me sempre  
voltada para mim; na minha bôcca  
exhalou n’um suspiro a infeliz alma,  
e, por me achar leal, contente morre.]” —

\*

Choroso entre chorosos assim disse  
o magnânimo heroe; quando eis que avança  
Eáco, os filhos dois, e a nova tropa.  
Céphalo se ergue a recebê-los pronto.

---

Fim do Livro VII

---

rasgo-lhe a veste que lhe envolve o seio;  
ligo-lhe a atroz ferida; e forcejando  
por estancar os borbotões de sangue,  
peço-lhe que não morra, que não morra,  
que me não deixe réu de um tal desastre.

Ela desfalecida a custo arranca

estes sons já mortais e entrecortados:

‘Por aquela união do nosso leito,  
pelos deuses da luz e pelos outros,  
de quem não tardo a ser, pelos prazeres  
que te eu já dei (se alguns te dei), por esses  
novos amores que me hão posto à morte,  
e que inda agora tens, peço-te humilde,  
por derradeiro dom, que não consintas  
que essa Aura no meu tálamo succeda.’

1330

1335

1340

Eu, que então percebi do nome o engano,  
lho disse; ah! Que montava então dizer-lho?  
desfalece-se toda, e a pouca força  
que inda a sustinha se lhe esvai com o sangue.  
Enquanto pôde olhar, olhou-me sempre  
voltada para mim; na minha boca  
exalou num suspiro a infeliz alma,  
e, por me achar leal, contente morre. —

\*

Choroso entre chorosos assim disse  
o magnânimo herói; quando eis que avança  
Eaco, os filhos dois, e a nova tropa.  
Céfalo se ergue a recebê-los pronto.

1345

1350

---

Fim do Livro VII

---

# VIII

## Completo

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

*Revisto**Revisto*

## Livro VIII

## Livro VIII

Pelo astro da manhan vencida a noite,  
 amaina o Euro; aquosas nuvens se erguem;  
 e Austro rijo e propício enfuna as vellas,  
 que antes de tempo aos portos desejados  
 com Céphalo os Eácides conduzem.

\*

Emtanto Minos, devastando as praias,  
 em Mégara cercada ensaia a guerra.  
 Niso ali reina, em cujas cans se occulta  
 um cabelo purpúreo precioso,  
 penhor de que depende o vasto Imperio.  
 Já pela sexta vez renasce a lua;  
 jaz inda incerto o êxito das armas,  
 esvoaçando a victoria entre os dois campos.

\*

Na muralha sonora, onde poisada  
 teve Apollo uma vez a lyra de oiro,  
 deixando-lhe nas pedras melodia,  
 régia torre se eleva, onde mil vezes  
 ia, durante a paz, de Niso a filha  
 divertir-se, e nos mármoreos canóros

}fl.2{ {fl.2}

acordar sons com trépidos seixinhos,  
 e ás brigas assistir durante a guerra.  
 Com a duração do assédio, já dá novas  
 de todo o campo hostile; nomeia os chefes,  
 differença os corcéis, o traje, as armas.

Pelo astro da manhã vencida a noite,  
 amaina o Euro; aquosas nuvens se erguem;  
 e Austro rijo e propício enfuna as velas,  
 que antes de tempo aos portos desejados  
 com Céfalos os Eácides conduzem.

\*

Entanto Minos, devastando as praias,  
 em Mégara cercada ensaia a guerra.  
 Niso ali reina, em cujas cãs se occulta  
 um cabelo purpúreo precioso,  
 penhor de que depende o vasto império.  
 Já pela sexta vez renasce a lua;  
 jaz inda incerto o êxito das armas,  
 esvoaçando a vitória entre os dois campos.

\*

Na muralha sonora, onde poisada  
 teve Apolo uma vez a lira de oiro,  
 deixando-lhe nas pedras melodia,  
 régia torre se eleva, onde mil vezes  
 ia, durante a paz, de Niso a filha  
 divertir-se, e nos mármoreos canoros

}fl.2{ {fl.2}

acordar sons com trépidos seixinhos,  
 e às brigas assistir durante a guerra.  
 Com a duração do assédio, já dá novas  
 de todo o campo hostile; nomeia os chefes,  
 diferença os corcéis, o traje, as armas.

5

10

15

20



Feliz eu, se azas súbitas pudessem  
 baixar-me aos arraiaes; ꞑcom que ancia, expondo  
 meu nome e o meu amor, lhe dera á escôlha  
 o dote com que a amante o merecesse!  
 sim, tudo, excepto a patria cidadella;  
 antes perder amores para sempre,  
 que por uma traição lograr amores.  
 ꞑTraição!? ꞑserá traição pôr a victoria  
 entre as mãos da clemencia? n'esta guerra  
 Minos vinga o seu filho; em seu apoio  
 tem a justiça, e as armas que a protegem;  
 ha-de vencer-nos; ha-de. Então, se é certo

}fl.4{ {fl.4}

que os deuses nos reservam tal destino,  
 ꞑpor que ha-de submeter nossas muralhas  
 Minos, não eu? ꞑfuror, e não ternura?  
 Melhor é que sem mortes lhe cedâmos,  
 que longa pertinácia o não irrite,  
 ou do seu proprio sangue o inflamme a perda;  
 sim, temo que por êrro alguém te fira;  
 ꞑe que inhumano d'outra sorte o ousára?  
 Meu intento me apraz; hei resolvido  
 ir eu mesma entregar-me, e a Patria em dote,  
 e aos horrores da guerra impôr limite.  
 ꞑQue valem, desgraçada, os teus desejos?  
 vela ás portas a guarda; as chaves dormem  
 entre as mãos de teu pae; d'elle, só d'elle,  
 minha irresolução, meus sustos nascem.  
 ꞑAh! ꞑpor que não sem pae me hão feito os numes?  
 mas cada qual é nume de si mesmo;  
 c'roa a fortunna acções, não frouxos rogos.  
 Já outra em meu lugar teria ha muito  
 prostrado quanto obstasse aos seus amores.  
 ꞑE por que hão-de em valor ganhar-me as outras?  
 Eu por fôgo ou por ferro audaz rompêra;

Feliz eu, se asas súbitas pudessem  
 baixar-me aos arraiais; com que ânsia, expondo  
 meu nome e o meu amor, lhe dera à escolha  
 o dote com que a amante o merecesse!  
 Sim, tudo, exceto a pátria cidadela; 60  
 antes perder amores para sempre,  
 que por uma traição lograr amores.  
 Traição!? Será traição pôr a vitória  
 entre as mãos da clemência? Nesta guerra  
 Minos vinga o seu filho; em seu apoio 65  
 tem a justiça, e as armas que a protegem;  
 há de vencer-nos; há de. Então, se é certo

{fl.4}

que os deuses nos reservam tal destino,  
 Por que há de submeter nossas muralhas  
 Minos, não eu? Furor, e não ternura? 70  
 Melhor é que sem mortes lhe cedamos,  
 que longa pertinácia o não irrite,  
 ou do seu próprio sangue o inflame a perda;  
 sim, temo que por erro alguém te fira;  
 e que inumano doutra sorte o ousara? 75  
 Meu intento me apraz; hei resolvido  
 ir eu mesma entregar-me, e a pátria em dote,  
 e aos horrores da guerra impor limite.  
 Que valem, desgraçada, os teus desejos?  
 Vela às portas a guarda; as chaves dormem 80  
 entre as mãos de teu pai; dele, só dele,  
 minha irresolução, meus sustos nascem.  
 Ah! Por que não sem pai me hão feito os numes?  
 Mas cada qual é nume de si mesmo;  
 c'roa a fortuna ações, não frouxos rogos. 85  
 Já outra em meu lugar teria há muito  
 prostrado quanto obstasse aos seus amores.  
 E por que hão de em valor ganhar-me as outras?  
 Eu por fogo ou por ferro audaz rompera;



mas não se trata aqui de ferro ou fogo; basta-me um só cabelo. Esse paterno		mas não se trata aqui de ferro ou fogo; basta-me um só cabelo. Esse paterno	90
	}fl.5{ {fl.5}		{fl.5}
fio purpúreo aos olhos meus eclypsa os thesoiros da terra; amor, ventura, tudo meu d'esse fio está pendente.  ”  – *		fio purpúreo aos olhos meus eclipsa os tesoiros da terra; amor, ventura, tudo meu desse fio está pendente. — *	
Em quanto diz assim, baixava a noite, sombria nutridora de cuidados; a audacia da infeliz cresceu com as trevas. *		Enquanto diz assim, baixava a noite, sombria nutridora de cuidados; a audácia da infeliz cresceu com as trevas. *	95
Era quando o descanso principia e as fadigas do dia atalha o somno. Parte a Princeza; ao thálamo paterno se aproxima em silencio, e furta (¡oh! ¡crime!) o cabelo fatal da sacra fronte. Com a horrivel presa, premio do attentado, sai da cidade, afoita-se, atravessa o coração dos arraiaes contrarios, chega ante el-Rei pasmado. *		Era quando o descanso principia e as fadigas do dia atalha o sono. Parte a princesa; ao tálamo paterno se aproxima em silêncio, e furta (ó! Crime!) o cabelo fatal da sacra fronte. Com a horrível presa, prêmio do atentado, sai da cidade, afoita-se, atravessa o coração dos arraiais contrários, chega ante el-rei pasmado. *	100
	–  “ O amor – exclama –		— O amor – exclama –
acaba de inspirar-me árdua façanha. Eu, Scylla, eu do Rei Niso unica prole, aqui ponho a teus pés os meus penates, minha Patria; a ti só por premio aspiro. Toma, n'este cabelo precioso, de meu amor a prova; e, por que o saibas,		acaba de inspirar-me árdua façanha. Eu, Cila, eu do rei Niso única prole, aqui ponho a teus pés os meus penates, minha pátria; a ti só por prêmio aspiro. Toma, neste cabelo precioso, de meu amor a prova; e, por que o saibas,	105
	}fl.6{ {fl.6}		{fl.6}
a vida de meu pae te entrego n'elle.”  – *		a vida de meu pai te entrego nele. — *	
Presenta-lh'o; o Monarcha lh'o recusa cheio de horror.		Presenta-lho; o monarca lho recusa cheio de horror.	110

— |“Os deuses te subvertam, —  
grita - infamia fatal da nossa idade;  
faltem-te no Universo o mar e a terra.  
Ao berço do grão Jove, a Creta, ao menos,  
farei eu que tal monstro não profane.”] —

\*

Disse; e, depois que aos povos submettidos  
justo legislador ditou leis justas,  
manda a armada soltar, fugir da terra  
os seus pomposos galeões.

\*

Mas Scylla,

ao ver fugida a frota, e recusar-lhe  
Minos o prémio ao traiçoeiro crime,  
passa do rogo á furia; allucinada,  
sôlto o cabelo, os braços estendidos,  
—¿Onde — exclama — onde vais?¿por que me deixas,  
a mim, barbaro, a mim, que ao pae, que á Patria,  
cega te preferi, que fui a autora  
d’essa gloria que tens, que por meus crimes,

}fl.7{ {fl.7}

por meu favor te grangeei triumphos?...  
Meu amor, os meus dons, a confiança  
com que a ti me entreguei... ¿tudo isto é nada?  
¿Onde queres que eu vá n’esto abandono?  
¿á Patria? jaz vencida; e, que o não fosse,  
minha indigna traição fechou-me a Patria.  
¿Ao seio de meu pae, depois que a vida  
lhe puz em mãos hostis? Com jus me odeiam  
os meus concidadãos; com jus se aterram  
de meu funesto exemplo os outros povos.  
Renunciei por Creta ao mundo inteiro.  
¡Ah! se este unico asylo me prohibes,  
e me deixas assim, não és tu prole  
de Europa, ingrato, não, mas de Charybdis,

— Os deuses te subvertam, —  
grita — infâmia fatal da nossa idade;  
faltem-te no universo o mar e a terra.  
Ao berço do grão Jove, a Creta, ao menos,  
farei eu que tal monstro não profane. —

\*

Disse; e, depois que aos povos submettidos  
justo legislador ditou leis justas,  
manda a armada soltar, fugir da terra  
os seus pomposos galeões.

\*

Mas Cila,

ao ver fugida a frota, e recusar-lhe  
Minos o prêmio ao traiçoeiro crime,  
passa do rogo à fúria; alucinada,  
solto o cabelo, os braços estendidos,  
— Onde — exclama — onde vais? Por que me deixas,  
a mim, bárbaro, a mim, que ao pai, que à pátria,  
cega te preferi, que fui a autora  
dessa glória que tens, que por meus crimes,

{fl.7}

por meu favor te granjeei triunfos?...  
Meu amor, os meus dons, a confiança  
com que a ti me entreguei... tudo isto é nada?  
Onde queres que eu vá neste abandono?  
À pátria? Jaz vencida; e, que o não fosse,  
minha indigna traição fechou-me a pátria.  
Ao seio de meu pai, depois que a vida  
lhe pus em mãos hostis? Com jus me odeiam  
os meus concidadãos; com jus se aterram  
de meu funesto exemplo os outros povos.  
Renunciei por Creta ao mundo inteiro.  
Ah! Se este único asilo me proibes,  
e me deixas assim, não és tu prole  
de Europa, ingrato, não, mas de Caribdis,

ou de inhospita Syrte, ou tigre Arménia;  
 nem Jove foi teu pae, nem falso toiro  
 tua mãe seduziu, mas verdadeiro  
 fero toiro, de gelo entre as novilhas.  
 Niso, folga, folgae, meus patrios muros,  
 que assaz com os males meus estais vingados;  
 sim, sim, mereço a morte; ¡oh! sim; mas dêem-m'a  
 os que offendi, não tu; com elles impia  
 fui, contigo piedosa. ¿Um crime punes  
 que de amor veio, que te ennastra os loiros?!  
 Vae, monstro, digno esposo de outro monstro,  
 que de um tôrvo animal ardeu captiva,

}fl.8{ {fl.8}

e logrando-o sumida em lígnea vacca  
 concebeu de impio amor discorde fruto.  
 ¿Mas ouvir-me-ha o ingrato, ou meus clamores  
 com o vento que m'o leva ir-se-hão dispersos?  
 Já não ha que pasmar de ver Pasíphae  
 preferir-te o seu toiro; é menos fera  
 qualquer fera que tu. ¡Misera! ¿e choro,  
 quando é fôrça apressar-me?!... As naus açoitam  
 com estrondo o mar; ¿e assim me foges, Minos,  
 a mim e á minha terra?! Em vão te esqueces  
 dos beneficios meus; em vão me escapas,  
 emvão, que a teu despeito hei-de seguir-te;  
 hei-de abraçada á pôppa ir-me de rastos  
 por esse largo mar.]? —

\*

Diz; salta ás ondas;  
 tira forças do amor; alcança a frota,  
 e á nau se aferra, odiosa companheira.  
 Vendo-a o pae, que já feito aguia marinha  
 pairava pelo ceo com fulvas azas,  
 baixa com o róstro adunco a laceral-a.  
 Espavorida Scylla abre dos braços

ou de inospita Sirte, ou tigre armênia;  
 nem Jove foi teu pai, nem falso toiro  
 tua mãe seduziu, mas verdadeiro  
 fero toiro, de gelo entre as novilhas.  
 Niso, folga, folgai, meus pátrios muros,  
 que assaz com os males meus estais vingados;  
 sim, sim, mereço a morte; Oh! Sim; mas deem-ma  
 os que ofendi, não tu; com eles ímpia  
 fui, contigo piedosa. Um crime punes  
 que de amor veio, que te enastra os loiros?!  
 Vai, monstro, digno esposo de outro monstro,  
 que de um torvo animal ardeu cativa,

{fl.8}

e logrando-o sumida em lígnea vaca  
 concebeu de ímpio amor discorde fruto.  
 Mas ouvir-me-á o ingrato, ou meus clamores  
 com o vento que mo leva ir-se-ão dispersos?  
 Já não há que pasmar de ver Pasífae  
 preferir-te o seu toiro; é menos fera  
 qualquer fera que tu. Mísera! E choro,  
 quando é força apressar-me?!...As naus açoitam  
 com estrondo o mar; e assim me foges, Minos,  
 a mim e à minha terra?! Em vão te esqueces  
 dos benefícios meus; em vão me escapas,  
 emvão, que a teu despeito hei de seguir-te;  
 hei de abraçada à popa ir-me de rastos  
 por esse largo mar. —

\*

Diz; salta às ondas;  
 tira forças do amor; alcança a frota,  
 e à nau se aferra, odiosa companheira.  
 Vendo-a o pai, que já feito águia marinha  
 pairava pelo céu com fulvas asas,  
 baixa com o rostro adunco a lacerá-la.  
 Espavorida Cila abre dos braços

a pôppa, e cai; as auras pareceram  
sustel-a, por que o pégo a não sorvesse;

a popa, e cai; as auras pareceram  
sustê-la, por que o pego a não sorvesse;

}fl.9{ {fl.9}

{fl.9}

azas cobra, mudada em cotovia.  
Em memoria do feito abominando,  
Cirís teve por nome entre os Antigos.

asas cobra, mudada em cotovia.  
Em memória do feito abominando,  
Círis teve por nome entre os antigos.

180

\*

\*

Minos tornado a Creta desembarca;  
pende em seu paço os marciaes despojos,  
e a Jove cumpre os votos immolando  
cem toiros.

Mínos tornado a Creta desembarca;  
pende em seu paço os marciais despojos,  
e a Jove cumpre os votos imolando  
cem toiros.

185

\*

\*

N'isto, o Monstro, infamia sua,  
tinha crescido em fôrças, em tamanho;  
e do corpo a biforme novidade  
provava o crime atroz da esposa infida.  
Minos decide enfim que se remova  
este do seu consorcio eterno opprobrio,  
que em tenebrosa complicada estancia  
de uma vez para sempre aos olhos fuja.  
Dédalo, o mais gabado e o mais perito  
de quantos houve artífices no mundo,  
delineia, executa essa obra immensa,  
traça tudo por modo, que não fique  
distinto ponto algum que <reja> os olhos reja;  
vão caminhos sem fim vertiginosos,  
para aqui, para ali, tramando enredos,  
e dando de um transvio em mil transvios.

Nisto, o monstro, infâmia sua,  
tinha crescido em forças, em tamanho;  
e do corpo a biforme novidade  
provava o crime atroz da esposa infida.  
Mínos decide enfim que se remova  
este do seu consórcio eterno opróbrio,  
que em tenebrosa complicada estância  
de uma vez para sempre aos olhos fuja.  
Dédalo, o mais gabado e o mais perito  
de quantos houve artífices no mundo,  
delineia, executa essa obra imensa,  
traça tudo por modo, que não fique  
distinto ponto algum que os olhos reja;  
vão caminhos sem fim vertiginosos,  
para aqui, para ali, tramando enredos,  
e dando de um transvio em mil transvios.

190

195

200

}fl.10{ {fl.10}

{fl.10}

\*

\*

Não de outro modo o líquido Meandro  
enlaça em doido brinco a Phrygia terra,  
foge aqui, surge além, vê pela frente  
vir suas ondas, volve, e ora voltado

Não de outro modo o líquido Meandro  
enlaça em doido brinco a Frígia terra,  
foge aqui, surge além, vê pela frente  
vir suas ondas, volve, e ora voltado

205

á nascente, ora ao mar, vagueia incerto.  
Assim Dédalo astuto, disturbando  
o caminho em milhares de caminhos,  
fechou o inextricavel labirinto,  
que elle mesmo a sahir a custo acérta.

\*

Depois que ali, por ordem do Monarcha,  
se encerrou sem remédio a monstruosa  
de toiro e de varão brutal mistura,  
já duas vezes renovada a sorte,  
que de annos nove em nove tributava  
pasto de attico sangue á tôrva fera,  
na terceira chegou quem valoroso  
em vez de a alimentar lhe desse a morte.  
Apenas concluida esta façanha,  
o heroe, seguindo o fio, que lhe deram  
mãos virgíneas, consegue achar a porta,  
rapta a sua gentil libertadora  
ao Rei Minos seu pae, desfralda as vellas,  
corta o salgado argento, alcança Naxos,  
e cruel desampara a companheira  
á beirinha do mar. De novo ao largo

}fl.11{ {fl.11}

se faz, e desaparece.

\*

## Á solitaria

acudiu Baccho alegre, confortou-a,  
deu-lhe pio soccôrro e abraços meigos;  
e, por fazer-lhe a gloria perduravel,  
unindo o nome d'ella a eternos astros,  
a aurea c'rôa lhe arranca, aos ceos a atira.  
Eil-a vôa, cortando o ar delgado,  
e pelo ar delgado em quanto vôa  
troca as gemmas em vívidos luzeiros;  
e de corôa conservando a forma,

à nascente, ora ao mar, vagueia incerto.  
Assim Dédalo astuto, disturbando  
o caminho em milhares de caminhos,  
fechou o inextricável labirinto,  
que ele mesmo a sair a custo acerta.

\*

Depois que ali, por ordem do monarca,  
se encerrou sem remédio a monstruosa  
de toiro e de varão brutal mistura,  
já duas vezes renovada a sorte,  
que de annos nove em nove tributava  
pasto de ático sangue à torva fera,  
na terceira chegou quem valoroso  
em vez de a alimentar lhe desse a morte.  
Apenas concluída esta façanha,  
o herói, seguindo o fio, que lhe deram  
mãos virgíneas, consegue achar a porta,  
rapta a sua gentil libertadora  
ao rei Minos seu pai, desfralda as velas,  
corta o salgado argento, alcança Naxos,  
e cruel desampara a companheira  
à beirinha do mar. De novo ao largo

{fl.11}

se faz, e desaparece.

\*

## À solitária

acudiu Baco alegre, confortou-a,  
deu-lhe pio socorro e abraços meigos;  
e, por fazer-lhe a glória perdurável,  
unindo o nome dela a eternos astros,  
a áurea c'roa lhe arranca, aos céus a atira.  
Ei-la voa, cortando o ar delgado,  
e pelo ar delgado enquanto voa  
troca as gemas em vívidos luzeiros;  
e de coroa conservando a forma,

poisa constelação, lá onde a vemos  
entre o ajoelhado Alcides, e o que empunha  
uma serpe, Ophineu.

\*

Dédalo emtanto

do longo exílio em Creta se enfastia;  
da ausente Patria a imagem seductora  
lhe acena, e o mar por toda a parte o cinge.  
– |“Não, não – diz elle – o déspota bem pode  
fechar-me terra e mar; os ceos são livres;  
Por lá me fugirei; possua Minos  
tudo mais; não possui, por certo, os ares.”| –  
Diz; e no ousado engenho [↑eis] lhe apparece

}fl.12{ {fl.12}

artificio, que excede a Natureza.  
De plumas deseguaes ordena filas,  
que indo sempre a crescer de pluma em pluma  
desde a menor á maxima, presentam  
disfarçado declivio, á semelhança  
da antiga flauta pastoril de canas;  
une-as por baixo em cera, ao meio em fio;  
com leve curvatura as afeiçoa,  
taes que arremedam verdadeiras azas.

\*

Ícaro inda menino assiste á obra;  
doce estôrvo do pae, remeche, inquire,  
e alegre se diverte, ora apanhando  
as pennas que aura errante esvoaçava,  
ora amolgando co’os dedinhos alvos  
a loira cera; jah, misero innocente!  
com a morte, sem cuidal-o, estás brincando.

\*

Concluido o lavor prodigioso,  
azas de um lado e de outro o mestre ajusta;  
agita-as, libra o corpo, ergue-se, e paira.

poisa constelação, lá onde a vemos  
entre o ajoelhado Alcides, e o que empunha  
uma serpe, Ofineu.

\*

Dédalo emtanto

do longo exílio em Creta se enfastia; 240  
da ausente pátria a imagem sedutora  
lhe acena, e o mar por toda a parte o cinge.  
— Não, não – diz ele – o déspota bem pode  
fechar-me terra e mar; os céus são livres;  
Por lá me fugirei; possua Minos 245  
tudo mais; não possuí, por certo, os ares. —  
Diz; e no ousado engenho eis lhe apparece

{fl.12}

artificio, que excede a natureza.  
De plumas desiguais ordena filas, 250  
que indo sempre a crescer de pluma em pluma  
desde a menor à máxima, presentam  
disfarçado declívio, à semelhança  
da antiga flauta pastoril de canas;  
une-as por baixo em cera, ao meio em fio;  
com leve curvatura as afeiçoa, 255  
tais que arremedam verdadeiras asas.

\*

Ícaro inda menino assiste à obra;  
doce estorvo do pai, remexe, inquire,  
e alegre se diverte, ora apanhando  
as penas que aura errante esvoaçava, 260  
ora amolgando co’os dedinhos alvos  
a loira cera; ah, mísero innocente!  
Com a morte, sem cuidá-lo, estás brincando.

\*

Concluído o lavor prodigioso,  
asas de um lado e de outro o mestre ajusta; 265  
agita-as, libra o corpo, ergue-se, e paira.

Depois, instrue o filho.

— |“|Ícaro, atende,  
repara bem – lhe diz; – seja o teu vôo  
sempre ao meio do ar; mais baixo, arriscas-te

}fl.13{ {fl.13}

a que te ensope o mar, te avérgue as plumas;  
mais alto, o fogo ethéreo as queimaria;  
guarda entre o sol e o mar eguaes distancias.  
O Boótes evita, o Órion armado,  
e a Ursa boreal; segue-me sempre.”| –

\*

Nas regras do voar logo o indústria;  
liga-lhe aos hombros as ignotas azas.  
Em quanto o faz, e novamente o exhorta,  
os olhos paternaes se lhe humedecem,  
e tremem-lhe de susto as mãos rugosas.  
Pela ultima vez seu filho beija,  
as azas bate, e adeja-lhe a diante.  
Pelo companheirinho aneia e treme;  
brada-lhe que se afoite e que o não deixe,  
e amestra-o mais e mais; as azas bate,  
e observa como o filho as suas move.  
¿Vistes vós ave mãe na primavera  
trazer do alto ninho aos novos ares  
a sua tenra prole? ¿reparastes  
com que sollicitude e amor lhes rege  
e lhes ensaia os tímidos revôos?  
Pois tal ante o menino o pobre velho.

\*

}fl.14{ {fl.14}

Algum, que á beira-mar pescava á cana,  
o pegureiro ao báculo encostado,  
o cultor que a rabiça ia regendo,

Depois, instrui o filho.

— Ícaro, atende,  
repara bem – lhe diz; – seja o teu voo  
sempre ao meio do ar; mais baixo, arriscas-te

{fl.13}

a que te ensope o mar, te avergue as plumas; 270  
mais alto, o fogo etéreo as queimaria;  
guarda entre o sol e o mar iguais distâncias.  
O Bootes evita, o Órion armado,  
e a Ursa boreal; segue-me sempre. —

\*

Nas regras do voar logo o industria; 275  
liga-lhe aos ombros as ignotas asas.  
Enquanto o faz, e novamente o exorta,  
os olhos paternais se lhe umedecem,  
e tremem-lhe de susto as mãos rugosas.  
Pela última vez seu filho beija, 280  
as asas bate, e adeja-lhe adiante.  
Pelo companheirinho aneia e treme;  
brada-lhe que se afoite e que o não deixe,  
e amestra-o mais e mais; as asas bate,  
e observa como o filho as suas move. 285  
Vistes vós ave mãe na primavera  
trazer do alto ninho aos novos ares  
a sua tenra prole? Reparastes  
com que sollicitude e amor lhes rege  
e lhes ensaia os tímidos revoos? 290  
Pois tal ante o menino o pobre velho.

\*

{fl.14}

Algum, que à beira-mar pescava à cana,  
o pegureiro ao báculo encostado,  
o cultor que a rabiça ia regendo,

vendo ir aquelles dois arando os ares,  
com pasmo grande os reputaram numes.

\*

Já lhes ficavam longe, á sestra parte,  
Samos, de Juno amor, Delos e Paros;  
já viam pela dextra as duas ilhas,  
Lebyntho, e mais Calymne em mel fecunda,  
quando o menino entrou a achar delicias  
no vôo; deixa o guia, e namorado  
da belleza dos ceos, aos ceos remonta.  
Mas do férvido sol a vizinhança,  
das plumas a prisão, cheirosa cera,  
lhe aquece, lhe derrete; as plumas vôam;  
o triste agita em vão despidos braços;  
já nenhuma aura apanha, já dos ares  
se despega, por elles se desliza  
zunindo a prumo, e sorve-se no pego.  
A agua cerúlea em rapido remoinho  
se fecha sôbre, e lhe suffoca um grito  
que inda chamava o pae....

Desde esse dia,

}fl.15{ {fl.15}

ao mar que o destruiu ficou seu nome.

\*

O bom pae, não já pae,

— |“Ícaro, — brada —

meu Ícaro, ¿onde estás? Ícaro filho,  
¿onde, em que região buscar-te devo?  
;Ícaro, Ícaro meu!...!”| —

Vê n’agua as plumas;

suas artes maldiz; sepulta o corpo,  
do qual tirou tambem seu nome a terra.

\*

Mas gárrula perdiz, que empoleirada  
em ramosa azinheira o viu choroso

vendo ir aqueles dois arando os ares,  
com pasmo grande os reputaram numes.

\*

Já lhes ficavam longe, à sestra parte,  
Samos, de Juno amor, Delos e Paros;  
já viam pela destra as duas ilhas,  
Lebinto, e mais Calimne em mel fecunda,  
quando o menino entrou a achar delícias  
no voo; deixa o guia, e namorado  
da beleza dos céus, aos céus remonta.  
Mas do férvido sol a vizinhança,  
das plumas a prisão, cheirosa cera,  
lhe aquece, lhe derrete; as plumas voam;  
o triste agita em vão despidos braços;  
já nenhuma aura apanha, já dos ares  
se despega, por eles se desliza  
zunindo a prumo, e sorve-se no pego.  
A água cerúlea em rápido remoinho  
se fecha sobre, e lhe sufoca um grito  
que inda chamava o pai...

Desde esse dia,

{fl.15}

ao mar que o destruiu ficou seu nome.

\*

O bom pai, não já pai,

— Ícaro, — brada —

meu Ícaro, onde estás? Ícaro filho,  
onde, em que região buscar-te devo?  
Ícaro, Ícaro meu!... —

Vê n’agua as plumas;

suas artes maldiz; sepulta o corpo,  
do qual tirou também seu nome a terra.

\*

Mas gárrula perdiz, que empoleirada  
em ramosa azinheira o viu choroso

295

300

305

310

315

320



no acto de enterrar seu pobre filho,  
 deu co'as pennas applauso, e com seu canto  
 deu provas de folgar. Era esta ave  
 a unica inda então de sua especie,  
 de poucos annos vista, e por um crime  
 que a Dédalo desluz recém-formada;  
 porque uma irman de Dédalo, outro tempo  
 nos futuros destinos mal cuidosa,  
 lhe dera por discipulo um seu filho (1),  
 já de ensino capaz, e de annos doze,  
 menino sim, mas ávido de estudo.

---

(1) - Chamado Perdiz, Talo, ou Acalo

}fl.16{ {fl.16}

Foi este quem, fazendo seu reparo  
 na longa espinha que permeia o peixe,  
 deu primeiro em lavrar, a exemplo d'ella,  
 dentes em férrea lâmina seguidos,  
 com que a serra inventou; foi tambem elle  
 quem primeiro n'um eixo unindo os cimos  
 de duas férreas hastes, e afastando-as  
 depois uma da outra, uma n'um centro  
 fixou, em quanto a outra equi-distante  
 rodeando-a certa, o circulo fechasse.

\*

Dédalo de invejoso o precipita  
 do alto cume do templo de Minerva,  
 e finge que elle mesmo escorregára.  
 Mas a deusa fautora dos talentos  
 no ar lhe teve mão; durante a quéda  
 lhe veste pennas, e o converte em ave.  
 A fôrça que no engenho ha pouco tinha  
 tão activo e veloz, aos pés e ás azas  
 lhe desceu; guarda ainda o mesmo nome;  
 não ergue ao alto o vôo; não procura

no ato de enterrar seu pobre filho,  
 deu co'as penas aplauso, e com seu canto  
 deu provas de folgar. Era esta ave  
 a única inda então de sua espécie,  
 de poucos anos vista, e por um crime  
 que a Dédalo desluz recém-formada;  
 porque uma irmã de Dédalo, outro tempo  
 nos futuros destinos mal cuidosa,  
 lhe dera por discípulo um seu filho (1),  
 já de ensino capaz, e de anos doze,  
 menino sim, mas ávido de estudo.

---

(1) - Chamado Perdiz, Talo ou Acalo

{fl.16}

Foi este quem, fazendo seu reparo  
 na longa espinha que permeia o peixe,  
 deu primeiro em lavrar, a exemplo dela,  
 dentes em férrea lâmina seguidos,  
 com que a serra inventou; foi também ele  
 quem primeiro num eixo unindo os cimos  
 de duas férreas hastes, e afastando-as  
 depois uma da outra, uma num centro  
 fixou, enquanto a outra equidistante  
 rodeando-a certa, o círculo fechasse.

\*

Dédalo de invejoso o precipita  
 do alto cume do templo de Minerva,  
 e finge que ele mesmo escorregara. 345  
 Mas a deusa fautora dos talentos  
 no ar lhe teve mão; durante a queda  
 lhe veste penas, e o converte em ave.  
 A fôrça que no engenho há pouco tinha 350  
 tão ativo e veloz, aos pés e às asas  
 lhe desceu; guarda ainda o mesmo nome;  
 não ergue ao alto o voo; não procura

para assentar seu ninho ou cume ou ramos;  
 esvoaça rasteira; põe no matto  
 os ovos seus; e, como quem se lembra  
 da sua antiga quéda, a altura evita.

\*

para assentar seu ninho ou cume ou ramos;  
 esvoaça rasteira; põe no mato  
 os ovos seus; e, como quem se lembra  
 da sua antiga queda, a altura evita.

\*

355

}fl.17{ {fl.17}

{fl.17}

Dédalo, já cançado das teimosas  
 perseguições de Minos, e aportando  
 finalmente á Sicilia, achára asylo,  
 pois de seus rogos Cócalo movido  
 votou-se a protegê-lo á força de armas.

\*

Dédalo, já cansado das teimosas  
 perseguições de Minos, e aportando  
 finalmente à Sicília, achara asilo,  
 pois de seus rogos Cócalo movido  
 votou-se a protegê-lo à força de armas.

\*

360

Já, graças a Theseu, cessára Athenas  
 o vergonhoso, o mísero tributo.  
 Povo alegre nos templos enflorados  
 cantando invoca Pallas a guerreira,  
 Jove, e os mais numes, ante os quaes diffundem  
 votado sangue, dádivas presentam,  
 fazem fumar o incenso em ricos vasos.

As cem bôccas da fama vagabunda  
 só de Theseu a gloria publicavam  
 por todas as Argólicas cidades.

Todos os povos da opulenta Acháia  
 imploraram seu braço, e de seu braço  
 receberam remedio em grandes riscos.  
 Calydónia tambem, supposto houvesse  
 Meleágro entre os seus, foi d'esta conta,  
 e exorou seu favor com prece humilde;  
 foi causa d'isso um javali, ministro  
 e vingador da ríspida Diana.

\*

Já, graças a Teseu, cessara Atenas  
 o vergonhoso, o mísero tributo.  
 Povo alegre nos templos enflorados  
 cantando invoca Palas a guerreira,  
 Jove, e os mais numes, ante os quais difundem  
 votado sangue, dádivas presentam,  
 fazem fumar o incenso em ricos vasos.

As cem bocas da fama vagabunda  
 só de Teseu a glória publicavam  
 por todas as argólicas cidades.

Todos os povos da opulenta Acaia  
 imploraram seu braço, e de seu braço  
 receberam remédio em grandes riscos.

Caledônia também, suposto houvesse  
 Meleagro entre os seus, foi desta conta,  
 e exorou seu favor com prece humilde;  
 foi causa disso um javali, ministro  
 e vingador da ríspida Diana.

\*

365

370

375

380

Foi este o caso: Eneu, grato ás deidades  
 por um anno plenissimo de frutos,

Foi este o caso: Eneu, grato às deidades  
 por um ano pleníssimo de frutos,



dão lástima ao que os vê juncando o solo.  
 Nem cão, nem já pastor, vale ao rebanho;  
 não valem na manada os toiros fortes,  
 que o furioso inimigo os não retalhe.  
 Tudo foge a acoitar-se nas cidades,  
 e inda entre os muros seus talvez trepidam.

\*

Meleágro, e com elle outros mancebos,  
 tudo gente escolhida, eis se alevantam  
 aparelhados a comprar a gloria:  
 são: os gémeos Tyndárides, prestantes  
 um no equestre manejo, outro no césto;  
 Jasão, o constructor da náu primeira;  
 Piríthoo com Theseu (¡feliz concordia!);  
 de Théstio filhos dois; prole Apharéia  
 Lynceu; feroz Leucippo; Acasto, insigne  
 no arremêço do dardo; Idas ligeiro;  
 Céneo, já não mulher; Hyppóthoo; Dryas;  
 Phénix, sangue Amintório, e o socio d' este,

}fl.20{ {fl.20}

o Actóride Menécio; o pae de Achilles;  
 Telamon; Phyleu da Élide; não faltam  
 com Admeto e Ioláu o activo Eurycio;  
 Echion, corredor insuperavel;  
 Hyleu e Panopeu, Lelex, Nerycio,  
 fero Hippaso, e Nestor inda mancebo.  
 Acrescem mais os que da antiga Amyclas  
 envia Hipocoonte; Anceu Parrhásio;  
 Ampycide sagaz; o pae de Ulysses;  
 Amphiaráu, da esposa inda seguro;  
 e Atalanta, primor do Lycio bosque.  
 Liza fivella lhe concerta em cima  
 a veste simplicissima; os cabellos  
 junta singelo nó sem mais adôrno;  
 do hombro esquerdo pendente ao dextro lado

dão lástima ao que os vê juncando o solo.  
 Nem cão, nem já pastor, vale ao rebanho;  
 não valem na manada os toiros fortes,  
 que o furioso inimigo os não retalhe.  
 Tudo foge a acoitar-se nas cidades,  
 e inda entre os muros seus talvez trepidam.

\*

Meleagro, e com ele outros mancebos,  
 tudo gente escolhida, eis se alevantam  
 aparelhados a comprar a glória. 415  
 São os gémeos Tindárides, prestantes  
 um no equestre manejo, outro no cesto;  
 Jasão, o construtor da nau primeira;  
 Pirítoo com Teseu (feliz concórdia!); 425  
 de Testo filhos dois; prole Afareia  
 Linceu; feroz Leucipo; Acasto, insigne  
 no arremesso do dardo; Idas ligeiro;  
 Céneo, já não mulher; Hipótoo; Drias;  
 Fênix, sangue Amintório, e o sócio deste, 430

{fl.20}

o Actóride Menécio; o pai de Aquiles;  
 Telamon; Fileu da Élide; não faltam  
 com Admeto e Iolau o ativo Eurício;  
 Equião, corredor insuperável;  
 Hileu e Panopeu, Lelex, Nerício, 435  
 fero Hipaso, e Nestor inda mancebo.  
 Acrescem mais os que da antiga Amiclas  
 envia Hipocoonte; Anceu Parrásio;  
 Ampicide sagaz; o pai de Ulisses;  
 Anfiarau, da esposa inda seguro; 440  
 e Atalanta, primor do lício bosque.  
 Lisa fivela lhe concerta em cima  
 a veste simplicíssima; os cabelos  
 junta singelo nó sem mais adorno;  
 do ombro esquerdo pendente ao destro lado 445

tine-lhe o ebúrneo estôjo dos virotes,  
e traz na esquerda mão flexível arco.  
tal era o seu trajar. Quanto ao semblante,  
semblante é de menino em bella virgem,  
ou de virgem mimosa em lindo infante.

\*

Vêl-a o heroe Calydónio, e desejal-a  
o mesmo foi; ressurve pelos olhos  
fogososo incendio que por dentro o rala.

}fl.21{ {fl.21}

¡Ah! se o destino lhe não fosse adverso!  
– |“|Feliz – diz elle – ¡oh! ¡Ceos! feliz o humano,  
de quem se esta dignar por seu consorte,  
se por ventura o ha que aspire a tanto.”| –  
A conjuntura e o pejo aqui o atalham;  
objecto de mór pezo instantes urge:  
o terrível combate se aproxima.

\*

Densa floresta de arvores gigânteas,  
ás quaes nenhuma idade ousou machado,  
corre espaçosamente, acobertando  
um plaino entrada sua, e os convisinhos  
altos recostos de fragosas serras.  
Chegada ali a turba caçadora,  
quaes vão dispondo rêdes, quaes desprendem  
os captivos alões, e quaes se allongam  
a rastrear a fera, cubiçosos  
de investir com o perigo.

\*

Um valle excuso

jazia entre as vertentes montanhosas  
profundo. Ali com as chuvas costumavam  
dos lados todos confluir torrentes.  
No meio d’este pântano cresciam

tine-lhe o ebúrneo estojo dos virotes,  
e traz na esquerda mão flexível arco,  
tal era o seu trajar. Quanto ao semblante,  
semblante é de menino em bela virgem,  
ou de virgem mimosa em lindo infante.

\*

Vê-la o herói calidônio, e desejá-la  
o mesmo foi; ressurve pelos olhos  
fogososo incêndio que por dentro o rala.

{fl.21}

Ah! Se o destino lhe não fosse adverso!  
— Feliz – diz ele – Ó! Céus! Feliz o humano,  
de quem se esta dignar por seu consorte,  
se porventura o há que aspire a tanto. —  
A conjuntura e o pejo aqui o atalham;  
objeto de mor peso instantes urge:  
o terrível combate se aproxima.

\*

Densa floresta de árvores gigânteas,  
às quais nenhuma idade ousou machado,  
corre espaçosamente, acobertando  
um plaino entrada sua, e os convizinhos  
altos recostos de fragosas serras.  
Chegada ali a turba caçadora,  
quaes vão dispondo redes, quaes desprendem  
os cativos alões, e quaes se alongam  
a rastrear a fera, cobiçosos  
de investir com o perigo.

\*

Um vale escuso

jazia entre as vertentes montanhosas  
profundo. Ali com as chuvas costumavam  
dos lados todos confluir torrentes.  
No meio deste pântano cresciam

450

455

460

465

470



vibrada da balista a roca v<sup>o</sup>a,  
 tal v<sup>o</sup>a o javalí sanguinolento  
 contra a chusma de heroes. Na ala direita  
 derruba logo Eupálemon e Pélagon;  
 da terra os socios seus súbito os roubam;  
 mas Enésimo, filho de Hippocoonte,  
 tanta dita não tem: jaz estendido  
 mortalmente, que ao tempo em que medroso  
 dar costas ia, os dentes navalhados  
 pelas trémulas curvas o colheram.  
 Talvez que assim como este o Pylío chefe  
 não chegasse a ver Troia, se de um pulo  
 na hasta escorado não trepasse aos ramos  
 de uma arvore visinha, d'onde a salvo  
 contempla o inimigo. Este, a fiando

}fl.24{ {fl.24}

feroz n'um tronco de carvalho os dentes,  
 ameaça exterminio, e, pronto de armas,  
 rasga e espedaça a c<sup>o</sup>xa ao grande Orichio.

\*

Mas os gêmeos, então inda não astros,  
 vistosos ambos, ambos campeando  
 em cavallos mais candidos que a neve,  
 partem logo, brandindo á rédea s<sup>o</sup>lta  
 pelos ares as lanças tremulantes,  
 e houveram-n-o ferido, a não furtar-se  
 o javalí por brenhas tão silvestres,  
 que entrar lá nem corcéis nem tiros podem.  
 Telamon vai sobre elle, mas tropeça  
 n'uma raiz, e cai; e em quanto a erguel-o  
 Peleu se apressa, eis rapida Atalanta  
 põe no arco uma setta, eil-a a dispara;  
 v<sup>o</sup>a o gume pungente, enceta o monstro  
 por baixo de uma orelha, e purpureia  
 de um pouco sangue as serdas ouriçadas.

vibrada da balista a roca voa,  
 tal voa o javali sanguinolento  
 contra a chusma de heróis. Na ala direita  
 derruba logo Eupálemon e Pélagon;  
 da terra os sócios seus súbito os roubam;  
 mas Enésimo, filho de Hipocoonte,  
 tanta dita não tem: jaz estendido  
 mortalmente, que ao tempo em que medroso  
 dar costas ia, os dentes navalhados  
 pelas trêmulas curvas o colheram.  
 Talvez que assim como este o pílio chefe  
 não chegasse a ver Troia, se de um pulo  
 na hasta escorado não trepasse aos ramos  
 de uma árvore vizinha, donde a salvo  
 contempla o inimigo. Este, a fiando

{fl.24}

feroz num tronco de carvalho os dentes,  
 ameaça extermínio, e, pronto de armas,  
 rasga e espedaça a coxa ao grande Oríquio.

\*

Mas os gêmeos, então inda não astros,  
 vistosos ambos, ambos campeando  
 em cavalos mais cândidos que a neve,  
 partem logo, brandindo à rédea solta  
 pelos ares as lanças tremulantes,  
 e houveram-no ferido, a não furtar-se  
 o javali por brenhas tão silvestres,  
 que entrar lá nem corcéis nem tiros podem.  
 Telamon vai sobre ele, mas tropeça  
 numa raiz, e cai; e enquanto a erguê-lo  
 Peleu se apressa, eis rápida Atalanta  
 põe no arco uma seta, ei-la a dispara;  
 voa o gume pungente, enceta o monstro  
 por baixo de uma orelha, e purpureia  
 de um pouco sangue as cerdas ouriçadas.

505

510

515

520

525

530

535

Ella folga; mais folga Meleagro,  
 que os triumphos da amada aos seus prefere.  
 Elle foi (dil-o a fama) o que primeiro  
 o sangue viu, e o fez notar aos socios,  
 e – “[Premio do valor terás ]” – lhe disse.

\*

}fl.25{ {fl.25}

Os varões, do successo estão corridos;  
 uns aos outros se exhortam, se estimulam,  
 e com a grita geral na audacia crescem;  
 chovem desordenadamente os tiros;  
 no apêrto do tropél tumultuante  
 a lança estórva a lança, o braço ao braço,  
 oppõe-se a cada golpe um cento de outros.

\*

N’isto avança o da Arcadia, o que por arma  
 traz rompente machado de dois gumes.  
 – “[Armas femíneas comparae, mancebos,  
 com armas varonís; abri caminho;  
 nem que Diana mesma aqui a assista,  
 nada já salva a fera, que estes pulsos  
 lhe entranharão, a seu mau grado, a morte.]” –  
 Dito isto em voz enchada, ergue ás mãos ambas  
 o bicortante ferro, ajunta as forças,  
 e no bico dos pés ensaia o golpe;  
 mas a fera o previne, ambos os dentes  
 cravando n’um relance ao temerário,  
 entre as verilhas, onde a morte é pronta.  
 Cai Anceu, e derrama da ferida  
 as vísceras no sangue enoveladas.

\*

Ia para o terrível adversario

Ela folga; mais folga Meleagro,  
 que os triunfos da amada aos seus prefere.  
 Ele foi (di-lo a fama) o que primeiro  
 o sangue viu, e o fez notar aos sócios,  
 e “Prêmio do valor terás” – lhe disse.

\*

{fl.25}

Os varões, do successo estão corridos;  
 uns aos outros se exortam, se estimulam,  
 e com a grita geral na audácia crescem;  
 chovem desordenadamente os tiros;  
 no aperto do tropel tumultuante  
 a lança estorva a lança, o braço ao braço,  
 opõe-se a cada golpe um cento de outros.

\*

Nisto avança o da Arcádia, o que por arma  
 traz rompente machado de dois gumes. 540  
 — Armas femíneas comparai, mancebos,  
 com armas varonis; abri caminho;  
 nem que Diana mesma aqui a assista,  
 nada já salva a fera, que estes pulsos  
 lhe entranharão, a seu mau grado, a morte. — 550  
 Dito isto em voz inchada, ergue às mãos ambas  
 o bicortante ferro, ajunta as forças,  
 e no bico dos pés ensaia o golpe;  
 mas a fera o previne, ambos os dentes  
 cravando num relance ao temerário, 560  
 entre as virilhas, onde a morte é pronta.  
 Cai Anceu, e derrama da ferida  
 as vísceras no sangue enoveladas.

\*

Ia para o terrível adversário



}fl.26{ {fl.26}	{fl.26}	
direito o grão Períthoo, Ixiónia prole, com a partazana em punho.	direito o grão Perítoo, Ixiónia prole, com a partasana em punho.	565
–  “;Olá! suspende, –	— Olá! Suspende, –	
lhe vozeia Theseu que o viu de longe – cara porção d’est’alma, ó doce amigo, que eu prefiro a mim mesmo, espera, escuta: é lícito aos heroes brigar distantes; Anceu por temerario ahi está sem vida.]”  – Diz, e pelo ar despede a longa vara de rija cerejeira e brônzeo cume; bem librada foi ella; e certamente no alvo triumpharia, se no curso a não tomasse um ramo de azinheiro.	lhe vozeia Teseu que o viu de longe – cara porção dest’alma, ó doce amigo, que eu prefiro a mim mesmo, espera, escuta: é lícito aos heróis brigar distantes; Anceu por temerário aí está sem vida. — Diz, e pelo ar despede a longa vara de rija cerejeira e brônzeo cume; bem librada foi ela; e certamente no alvo triunfaria, se no curso a não tomasse um ramo de azinheiro.	570
*	*	
Vibra um dardo Jasão; mas novo acaso lh’o desvia, e sepulta pelas fauces de um ladrador, que, rôto do aço agudo, por uma ilharga ao chão [↑ficou] pregado <ficou>. A mão de Meleagro é mais ditosa: duas lanças envia; uma se crava na terra, outra no dorso ao fero bruto; mais demoras não soffre; e em quanto o monstro braveja, ruge, e se retorce em arcos, e gólfa espuma e sangue, sai-lhe á frente esse, o mesmo Jasão, provóca, irrita-o	Vibra um dardo Jasão; mas novo acaso lho desvia, e sepulta pelas fauces de um ladrador, que, roto do aço agudo, por uma ilharga ao chão ficou pregado. A mão de Meleagro é mais ditosa: duas lanças envia; uma se crava na terra, outra no dorso ao fero bruto; mais demoras não sofre; e enquanto o monstro braveja, ruge, e se retorce em arcos, e golfa espuma e sangue, sai-lhe à frente esse, o mesmo Jasão, provoca, irrita-o	580
}fl.27{ {fl.27}	{fl.27}	
e um refulgente dardo inteiro inteiro nas espádoas lhe embebe. Altos clamores do alvorôço geral trôam na selva; apertam dextas vencedora dextra. Pasmam da monstruosa corpolencia, que larga terra abarca; inda chegar-lhe não ousam bem, mas já qualquer se alegra de ensanguentar a lança em tal façanha.	e um refulgente dardo inteiro inteiro nas espáduas lhe embebe. Altos clamores do alvorôço geral troam na selva; apertam destrs vencedora destra. Pasmam da monstruosa corpulência, que larga terra abarca; inda chegar-lhe não ousam bem, mas já qualquer se alegra de ensanguentar a lança em tal façanha.	590
		595

\*

O vencedor firmando um pé soberbo  
sobre a fatal carranca,  
— |“|Em meus despójos  
toma parte, gentil Nonacriense,  
já que em minha victoria houveste parte.”| —  
Diz; e o coiro cerdoso do espinhaço,  
e a tromba, insigne pelas vastas prezas,  
como espólios lhe dá. Se a offerta á virgem  
aprouve, mais lhe aprouve o autor da offerta.  
Reina inveja e murmúrio entre os monteiros.  
D’entre elles os Thestiades, lançando  
as atrevidas mãos com grande grita:  
— |“|Depõe tudo isso, e já; mulher, não queiras  
títulos usurpar que nos competem;  
guar’te que a presumpção de formosura

}fl.28{ {fl.28}

te não deite a perder; não te aventure  
a ficar sem o amado autor de mimos.”| —  
E assim vociferando, a offerta a uma  
roubam, roubando ao outro o jus da offerta.

\*

Não relevou a injúria o Marcio joven,  
que entre ranger de dentes, suffocado  
de cego arrôjo,  
— |“|Agora – lhes responde –  
aprendereis, ladrões da gloria alheia,  
quanto vai de ameaçar a pôr por obra.”| —  
Diz, e o ferro sacrílego mergulha  
no seio de Plexippo, então por certo  
contra tamanho horror desprecatado.  
Toxeu vaga perplexo entre desejo  
da fraterna vingança e mêdo justo  
de encontrar sorte igual; a mesma lança  
descravada do irmão, cravada n’elle,

\*

O vencedor firmando um pé soberbo  
sobre a fatal carranca,  
— Em meus despojos  
toma parte, gentil Nonacriense,  
já que em minha vitória houveste parte. —  
Diz; e o coiro cerdoso do espinhaço, 600  
e a tromba, insigne pelas vastas presas,  
como espólios lhe dá. Se a oferta à virgem  
aprouve, mais lhe aprouve o autor da oferta.  
Reina inveja e murmúrio entre os monteiros. 605  
Dentre eles os Testiades, lançando  
as atrevidas mãos com grande grita:  
— Depõe tudo isso, e já; mulher, não queiras  
títulos usurpar que nos competem;  
guar’te que a presunção de formosura

{fl.28}

te não deite a perder; não te aventure 610  
a ficar sem o amado autor de mimos. —  
E assim vociferando, a oferta a uma  
roubam, roubando ao outro o jus da oferta.

\*

Não relevou a injúria o Márcio jovem,  
que entre ranger de dentes, sufocado 615  
de cego arrojo,  
— Agora – lhes responde –  
aprendereis, ladrões da glória alheia,  
quanto vai de ameaçar a pôr por obra. —  
Diz, e o ferro sacrílego mergulha  
no seio de Plexipo, então por certo 620  
contra tamanho horror desprecatado.  
Toxeu vaga perplexo entre desejo  
da fraterna vingança e medo justo  
de encontrar sorte igual; a mesma lança  
descravada do irmão, cravada nele, 625

lhe acaba hesitações, e se retinge  
no mesmo sangue pela vez segunda.

\*

Ia Althêa depôr aos pés dos numes  
seus dons pela victoria de seu filho,  
quando eis que dá com o funebre cortejo  
de ambos os seus irmãos; carpe-se, e aturde

}fl.29{ {fl.29}

toda a cidade com chorosos gritos,  
e troca o traje d'ouro em dó pesado.  
Mas, apenas se disse o autor da morte,  
volta a lástima em sêde de vingança;  
já não pensa no mal, cuida em punil-o.

\*

Á hora que em seu leito doloroso  
dera á luz Meleagro, as mãos das Parcas  
deram ao lume um tronco; e as tres, girando  
e fiando-lhe em torno, assim cantaram:

“Quanto dures, ó lenho que estalas,  
“dure o Principe agora nascido;  
“se elle morre, estarás consumido;  
“se és perenne, fal-o-has immortal.

“A ti, homem que encetas a vida,  
“e a ti, ramo a abraçar começado,  
“eu te fado, eu te fado, eu te fado,  
“vida igual.”

\*

}fl.30{ {fl.30}

Findo o canto, e assentando-se as tres deusas,  
a sollícita mãe tinha corrido  
a tirar o tição, que apagou n'agua.  
Seguro no mais íntimo dos paços

lhe acaba hesitações, e se retinge  
no mesmo sangue pela vez segunda.

\*

Ia Altea depor aos pés dos numes  
seus dons pela vitória de seu filho,  
quando eis que dá com o fúnebre cortejo  
de ambos os seus irmãos; carpe-se, e aturde

630

{fl.29}

toda a cidade com chorosos gritos,  
e troca o traje d'ouro em dó pesado.  
Mas, apenas se disse o autor da morte,  
volta a lástima em sede de vingança;  
já não pensa no mal, cuida em puni-lo.

\*

À hora que em seu leito doloroso  
dera à luz Meleagro, as mãos das Parcas  
deram ao lume um tronco; e as três, girando  
e fiando-lhe em torno, assim cantaram:

640

“Quanto dures, ó lenho que estalas,  
dure o príncipe agora nascido;  
se ele morre, estarás consumido;  
se és perene, fá-lo-ás imortal.

A ti, homem que encetas a vida,  
e a ti, ramo a abrasar começado,  
eu te fado, eu te fado, eu te fado,  
vida igual.”

\*

{fl.30}

Findo o canto, e assentando-se as três deusas,  
a solícita mãe tinha corrido  
a tirar o tição, que apagou n'água.  
Seguro no mais íntimo dos paços

650

o teve desde então. Mas eis que o toma;  
 súbito manda vir materias sêccas;  
 manda-as amontoar; deita-lhes fogo.  
 Quatro vezes intenta ás labaredas  
 lançar o ramo, e quatro vezes pára;  
 n'ella combatem mãe e irman; dois nomes  
 por deveres contrários a perseguem;  
 dois affectos de amor n'um peito lutam.  
 Só de pensar no crime a côr lhe foge;  
 umas vezes, açañham-se-lhe os olhos;  
 outras, mostra no rosto cambiante  
 um não-sei-quê feroz, cruel, sinistro,  
 outras, piedoso dó, perdão, ternura;  
 o ardor da mente as lagrimas lhe sécca;  
 depois chovem-lhe as lagrimas. Bem como  
 quando vento e maré contrários pucham,  
 indeciso navio é jogo de ambos,  
 cede a um, cede a outro, a nenhum segue,  
 n'um cahos de afeições assim flutúa;

}fl.31{ {fl.31}

passa da raiva a amor, de amor ao odio,  
 do odio á compaixão; não tem, não acha  
 em nenhum pensamento a paz que aneia.

\*

Mas já seu coração se vai tornando  
 mais de irman que de mãe; já com seu sangue  
 quer aplacar os Manes consanguíneos,  
 e a poder de piedosa, ímpia se torna.  
 Apenas cobrou fôrça a labareda,  
 – “[Ardam pois n'esta pyra entranhas minhas.]” –  
 diz; e na mão sacrílega arvorado  
 o fatal ramo, a triste pára em face  
 d'esta ara acerba e funebre.

– |“Ó vós, deusas  
 vingadoras do crime, – então prosegue –

o teve desde então. Mas eis que o toma;  
 súbito manda vir matérias secas;  
 manda-as amontoar; deita-lhes fogo.  
 Quatro vezes intenta às labaredas  
 lançar o ramo, e quatro vezes para;  
 nela combatem mãe e irmã; dois nomes  
 por deveres contrários a perseguem;  
 dois afetos de amor num peito lutam.  
 Só de pensar no crime a cor lhe foge;  
 umas vezes, assañham-se-lhe os olhos;  
 outras, mostra no rosto cambiante  
 um não-sei-que feroz, cruel, sinistro,  
 outras, piedoso dó, perdão, ternura;  
 o ardor da mente as lágrimas lhe seca;  
 depois chovem-lhe as lágrimas. Bem como  
 quando vento e maré contrários puxam,  
 indeciso navio é jogo de ambos,  
 cede a um, cede a outro, a nenhum segue,  
 num caos de afeições assim flutua;

655

660

665

670

{fl.31}

passa da raiva a amor, de amor ao ódio,  
 do ódio à compaixão; não tem, não acha  
 em nenhum pensamento a paz que aneia.

\*

Mas já seu coração se vai tornando  
 mais de irmã que de mãe; já com seu sangue  
 quer aplacar os manes consanguíneos,  
 e a poder de piedosa, ímpia se torna.  
 Apenas cobrou força a labareda,  
 “Ardam pois nesta pira entranhas minhas.” –  
 diz; e na mão sacrílega arvorado  
 o fatal ramo, a triste para em face  
 desta ara acerba e fúnebre.

— Ó vós, deusas  
 vingadoras do crime, – então prossegue –

675

680

Euménides, surgi para assistirdes  
 ao furial sacrificio; estae comigo,  
 que um attentado vingo, e outro cometto;  
 vai ser a morte expiação da morte;  
 o crime chama o crime, e o luto o luto.  
 Sim, sim, os funeraes se multipliquem,  
 e de uma vez pereça esta impia Casa.  
 ¿Gosar Eneu de um filho triunphante  
 em quanto ambos os seus deplora Théstio?!

}fl.32{ {fl.32}

Não. Melhor é que Eneu com Théstio chore.  
 Sombras dos meus irmãos, recentes sombras,  
 quanto amor vos sagrei meu don vos mostre;  
 aceitar uma victima bem cara,  
 o fruto infausto do meu proprio seio.  
 ¿Ceos!, que delirio o meu! ¿piedade, ó Manes!  
 a mais triste das mães perdão vos pede;  
 para ultimar a empreza as mãos lhe faltam.  
 Confesso: ao crime d'elle é justa a morte;  
 só me horrorisa a mão que intenta dar-lh'a.  
 ¿Ficará pois impune? ¿impune? ¿e vivo?  
 ¿e vencedor? ¿e ufano do successo,  
 no Calydónio throno irá sentar-se?  
 ¿E vós, mesquinha cinza e sombras frias  
 jazereis? nunca, nunca; expire o monstro.  
 A esperança paterna, a Patria mesma,  
 morram com elle embora. Althêa, Althêa,  
 ¿que é do teu coração materno, pio,  
 e os nove mezes de trabalho e sustos? (1)  
 ¿Prouvéra aos Ceos que as chammas á nascença  
 te houvessem devorado! ¿aos Ceos prouvéra  
 tel-o-eu sofrido. Por meu don viveste;

Eumênides, surgi para assistirdes 685  
 ao furial sacrificio; estai comigo,  
 que um attentado vingo, e outro cometto;  
 vai ser a morte expiação da morte;  
 o crime chama o crime, e o luto o luto.  
 Sim, sim, os funerais se multipliquem, 690  
 e de uma vez pereça esta ímpia casa.  
 Gozar Eneu de um filho triunphante  
 enquanto ambos os seus deplora Téstio?!

{fl.32}

Não. Melhor é que Eneu com Téstio chore.  
 Sombras dos meus irmãos, recentes sombras, 695  
 quanto amor vos sagrei meu dom vos mostre;  
 aceitar uma vítima bem cara,  
 o fruto infausto do meu próprio seio.  
 Céus! Que delírio o meu! Piedade, ó manes!  
 A mais triste das mães perdão vos pede; 700  
 para ultimar a empresa as mãos lhe faltam.  
 Confesso: ao crime dele é justa a morte;  
 só me horroriza a mão que intenta dar-lha.  
 Ficará pois impune? Impune? E vivo?  
 E vencedor? E ufano do sucesso, 705  
 no calidônio trono irá sentar-se?  
 E vós, mesquinha cinza e sombras frias  
 jazereis? Nunca, nunca; expire o monstro.  
 A esperança paterna, a pátria mesma,  
 morram com ele embora. Altea, Altea, 710  
 que é do teu coração materno, pio,  
 e os nove meses de trabalho e sustos? (1)  
 Prouvera aos Céus que as chammas à nascença  
 te houvessem devorado! Aos Céus prouvera  
 tê-lo eu sofrido. Por meu dom viveste; 715

(1) O original diz dez mezes. É ideia mais de uma vez repetida, não só por Ovidio, mas ainda por outros autores antigos. Este objecto merece discutido á uma nota.

Castilho.

}fl.33{ {fl.33}

por culpa tua morrerás agora;  
 recebe de teu feito o digno premio.  
 A vida que te eu dei por duas vezes,  
 dando-te á luz, salvando-te do fôgo,  
 ou restitue-m'a, ingrato, ou ceifa a minha,  
 e ajunta o meu aos tumulos fraternos.  
 Quero, ¡oh dor! e não posso. Eternos fados,  
 ¿que farei? De uma parte, me assalteiam  
 cruentas sombras dos irmãos queridos,  
 e a tragedia inaudita inda a estou vendo;  
 por outra parte, os ânimos me quebra  
 lembrar-me eu que sou mãe, que o reo me é filho.  
 Meus irmãos, se venceis, perdida fico;  
 porém vancei, com tanto que eu não tarde  
 em vos seguir a vós, e ás que vou dar-vos  
 consolações.]”| –

\*

Dito isto, o rôsto afasta,  
 e arremeça convulsa o ramo á pyra.  
 Ou gemia.... ou gemer se afigurava  
 o funéreo tição, presa do incendio,  
 que, como sem vontade, o consumia.

\*

(1) O original diz *dez meses*. É ideia mais de uma vez repetida, não só por Ovídio, mas ainda por outros autores antigos. Este objeto merece discutido à uma nota.

Castilho.

{fl.33}

por culpa tua morrerás agora;  
 recebe de teu feito o digno prêmio.  
 A vida que te eu dei por duas vezes,  
 dando-te à luz, salvando-te do fogo, 720  
 ou restitui-ma, ingrato, ou ceifa a minha,  
 e ajunta o meu aos túmulos fraternos.  
 Quero, oh dor! E não posso. Eternos fados,  
 que farei? De uma parte, me assalteiam  
 cruentas sombras dos irmãos queridos, 725  
 e a tragédia inaudita inda a estou vendo;  
 por outra parte, os ânimos me quebra  
 lembrar-me eu que sou mãe, que o réu me é filho.  
 Meus irmãos, se venceis, perdida fico;  
 porém vancei, contanto que eu não tarde 730  
 em vos seguir a vós, e às que vou dar-vos  
 consolações. —

\*

Dito isto, o rosto afasta,  
 e arremessa convulsa o ramo à pira.  
 Ou gemia... ou gemer se afigurava  
 o funéreo tição, presa do incêndio, 735  
 que, como sem vontade, o consumia.

\*

}fl.34{ {fl.34}

{fl.34}

Sem ter longes do caso o moço ausente  
sofre incendio interior que o vai gastando,  
mas curte valoroso a dor terrível.  
Só desespera por morrer sem gloria,  
sem dar, como os heroes, com o sangue a vida;  
a ferida de Anceu ditosa chama.  
Convoca os seus com voz já moribunda;  
quer dar o extremo adeus ao pae longevo,  
aos irmãos, ás irmans de que é delicias,  
á doce companheira do seu tóro,  
e talvez té da mãe sussurra o nome.  
Recrescem de repente o fogo e as dores;  
tornam-se a amortecer; de luz, de fôrça,  
eis o facho, eis o heroe destituídos;  
pouco a pouco alva cinza esconde as brazas;  
pouco a pouco entre tanto a côr defunta  
alaga membros, rosto.... e foge a vida.

\*

Jaz a gran Calydônia emfim por terra;  
choram nobres, plebeus, mancebos, velhos;  
as matronas se carpem ululando.

\*

Eneu roja no pó as cans e as facces;  
pede um refúgio á morte, e increpa os annos.

}fl.35{ {fl.35}

{fl.35}

Quanto á mãe, com a mão complice do crime,  
do crime se puniu rasgando o seio.

\*

Inda que linguas cento um deus me desse,  
ou me influísse um deus em vasto engenho  
todo o estro de Helicon, todas as queixas  
das miserias irmans nunca as diria.  
Da usual gravidade deslembadas,  
pizam com as mãos frenéticas os seios;

Sem ter longes do caso o moço ausente  
sofre incêndio interior que o vai gastando,  
mas curte valoroso a dor terrível.  
Só desespera por morrer sem glória,  
sem dar, como os heróis, com o sangue a vida;  
a ferida de Anceu ditosa chama.  
Convoca os seus com voz já moribunda;  
quer dar o extremo adeus ao pai longevo,  
aos irmãos, às irmãs de que é delícias,  
à doce companheira do seu toro,  
e talvez 'té da mãe sussurra o nome.  
Recrescem de repente o fogo e as dores;  
tornam-se a amortecer; de luz, de força,  
eis o facho, eis o herói destituídos;  
pouco a pouco alva cinza esconde as brasas;  
pouco a pouco entretanto a cor defunta  
alaga membros, rosto.... e foge a vida.

\*

Jaz a grã Calidônia emfim por terra;  
choram nobres, plebeus, mancebos, velhos;  
as matronas se carpem ululando.

\*

Eneu roja no pó as cãs e as faces;  
pede um refúgio à morte, e increpa os anos.

\*

Quanto à mãe, com a mão cúmplice do crime,  
do crime se puniu rasgando o seio.

\*

Inda que línguas cento um deus me desse,  
ou me influísse um deus em vasto engenho  
todo o estro de Helicon, todas as queixas  
das míseras irmãs nunca as diria.  
Da usual gravidade deslembadas,  
pisam com as mãos frenéticas os seios;

740

745

750

755

760

765

em quanto inda possuem o cadáver,  
 procuram por mil modos infundir-lhe  
 no frio coração vital quentura.  
 ;Que de caricias, que de beijos fervem,  
 n'elle não só, mas no funéreo leito!  
 Inda depois de cinza, á pyra o roubam,  
 e, mesmo em cinza nulla, ao seio o apertam.  
 Ficam sobre o seu tumulo estendidas;  
 no marmore entalhado o nome abraçam,  
 e no nome que abraçam vertem pranto.

\*

Da familia de Eneu d'est'arte a pleno  
 vingada a gran Latónia, olhos mais brandos  
 volve emfim ás misérrimas Princezas.

}fl.36{ {fl.36}

A todas, menos Gorge e Dejanira,  
 nora da illustre Alcmena, a todas ellas  
 aligeira, reveste de plumagem;  
 braços em azas, labios muda em bicos,  
 e aves as manda pelos ares sôltas.

\*

Entretanto Theseu, finda a caçada,  
 já se ia recolhendo á patria Athenas.  
 O Achelóo, que grôssos de invernadas  
 ia de monte a monte, demorou-o  
 atalhando-lhe o passo; e

– |“|Entra em meus lares, –

disse – inclito Cecrópio; não te fieis  
 por ora em minhas revoltosas ondas,  
 que tão sobejas vão, que até costumam  
 levar na fuga as arvores mais vastas  
 e os penedos mais duros com que topam.  
 Tenho-as até já visto ir-se rolando  
 com os gados, mesmo dentro em seus apriscos  
 arrancados a oiteiros d'essas margens;

enquanto inda possuem o cadáver,  
 procuram por mil modos infundir-lhe  
 no frio coração vital quentura.  
 Que de carícias, que de beijos fervem,  
 nele não só, mas no funéreo leito!  
 Inda depois de cinza, à pira o roubam,  
 e, mesmo em cinza nula, ao seio o apertam.  
 Ficam sobre o seu túmulo estendidas;  
 no mármore entalhado o nome abraçam,  
 e no nome que abraçam vertem pranto.

\*

Da família de Eneu destarte a pleno  
 vingada a grã Latônia, olhos mais brandos  
 volve emfim às misérrimas princesas.

{fl.36}

A todas, menos Gorge e Dejanira,  
 nora da illustre Alcmena, a todas elas  
 aligeira, reveste de plumagem;  
 braços em asas, lábios muda em bicos,  
 e aves as manda pelos ares soltas.

\*

Entretanto Teseu, finda a caçada,  
 já se ia recolhendo à pátria Atenas.  
 O Aqueloo, que grosso de invernadas  
 ia de monte a monte, demorou-o  
 atalhando-lhe o passo; e

— Entra em meus lares, –

disse – ínclito Cecrópio; não te fieis  
 por ora em minhas revoltosas ondas,  
 que tão sobejas vão, que até costumam  
 levar na fuga as árvores mais vastas  
 e os penedos mais duros com que topam.

Tenho-as até já visto ir-se rolando  
 com os gados, mesmo dentro em seus apriscos  
 arrancados a oiteiros dessas margens;

770

775

780

785

790

795



não vale a lhes fugir, ou contrastal-as,  
 aos corcéis ligeireza, ou fôrça aos toiros.  
 Finalmente: mancebos vigorosos  
 não são já um nem dois os afogados

}fl.37{ {fl.37}

n'essa torrente em descoalhando as neves.  
 Agora o mais seguro é que descanses,  
 té que ao seu natural as aguas desçam,  
 e pelo usado leito cõrram lisas.]” –

\*

Volve o heroe:

– “[Aproveito-me, Achelóo,  
 do conselho prudente, e da hospedagem.]” –  
 E para logo se aproveita de ambos.  
 Entra em salões de pomes e tophácios;  
 brando musgo alcatifa a terra fresca;  
 de curioso embrexado os tectos forram  
 conchas variadas, múrice purpúreo.

\*

Da diurna carreira já dois terços  
 medira Hyperião, quando ante as mezas  
 tomam lugar Theseu e os companheiros.  
 Em frente um do outro ficam: de uma parte  
 o filho de Ixião, da outra Lélex,  
 o grave heroe Trezénio, nobre fronte  
 que veem já branqueando os desenganos;  
 e outros mais, que o grão rio da Acarnânia,  
 com hóspede tão alto alvoroçado,  
 se dignou de tomar por seus convivas.

\*

}fl.38{ {fl.38}

\*

Alvas mimosas Nayades descalças,  
 posta a meza, a cobriram de iguarías;

não vale a lhes fugir, ou contrastá-las,  
 aos corcéis ligeireza, ou força aos toiros.  
 Finalmente: mancebos vigorosos  
 não são já um nem dois os afogados

800

{fl.37}

nessa torrente em descoalhando as neves.  
 Agora o mais seguro é que descanses,  
 ‘té que ao seu natural as águas desçam,  
 e pelo usado leito corram lisas. —

\*

Volve o herói:

— Aproveito-me, Aqueloo,  
 do conselho prudente, e da hospedagem. —  
 E para logo se aproveita de ambos.  
 Entra em salões de pomes e topázios;  
 brando musgo alcatifa a terra fresca;  
 de curioso embrechado os tetos forram  
 conchas variadas, múrice purpúreo.

\*

Da diurna carreira já dois terços  
 medira Hiperião, quando ante as mesas  
 tomam lugar Teseu e os companheiros.  
 Em frente um do outro ficam: de uma parte  
 o filho de Ixião, da outra Lélex,  
 o grave herói Trezênio, nobre fronte  
 que veem já branqueando os desenganos;  
 e outros mais, que o grão rio da Acarnânia,  
 com hóspede tão alto alvoroçado,  
 se dignou de tomar por seus convivas.

\*

805

810

815

820

{fl.38}

\*

Alvas mimosas náíades descalças,  
 posta a mesa, a cobriram de iguarias;

depois das iguarias retiradas,  
de generoso vinho encher vieram  
uma urna de pedra preciosa.  
Theseu lançando a vista esparecida  
lá para baixo ao mar,  
– “¿Que sitio é aquelle? –  
perguntou apontando – ¿e como chamam  
aquella ilha que d’aqui se avista,  
se acaso não são mais, porque o parecem?” –

\*

O rio então:

– “|Não é uma só ilha,  
porém cinco – lhe diz; – como estão longe,  
não as extrema a nossa vista. E por que  
rastreies as vinganças de Diana,  
escuta: aquellas ilhas, hoje terras,  
foram outr’ora Náyades. O caso  
foi, que tendo ellas morto uns dez novilhos,  
e convidado os deuses d’estes campos  
para lhe irem á festa, celebraram  
sem se lembrar de mim suas choréias.

}fl.39{ {fl.39}

Bravejei de furor, qual nunca o tive  
quando mais caudaloso e mais possante;  
enchi da minha sanha as minhas ondas;  
parte dos bosques, parte dos terrenos,  
retroante, espumoso, arranco, arrasto.  
Levo diante de rondão com o sitio  
as Nymphas, já então de mim lembradas,  
e dou com tudo nos revôltos mares;  
suas ondas e as minhas batalhando  
contra este solo, no princípio unido,  
nas ilhas que estás vendo o desmembraram;  
as quaes ilhas Echínadas se dizem.  
Mas... ¿vês lá mais ao largo uma sosinha,

depois das iguarias retiradas, 825  
de generoso vinho encher vieram  
uma urna de pedra preciosa.  
Teseu lançando a vista esparecida  
lá para baixo ao mar,  
— Que sitio é aquele? –  
perguntou apontando – E como chamam 830  
aquela ilha que daqui se avista,  
se acaso não são mais, por que o parecem? —

\*

O rio então:

— Não é uma só ilha,  
porém cinco – lhe diz; – como estão longe, 835  
não as extrema a nossa vista. E por que  
rastreies as vinganças de Diana,  
escuta: aquelas ilhas, hoje terras,  
foram outrora náíades. O caso  
foi, que tendo elas morto uns dez novilhos,  
e convidado os deuses destes campos 840  
para lhe irem à festa, celebraram  
sem se lembrar de mim suas coreias.

{fl.39}

Bravejei de furor, qual nunca o tive  
quando mais caudaloso e mais possante;  
enchi da minha sanha as minhas ondas; 845  
parte dos bosques, parte dos terrenos,  
retroante, espumoso, arranco, arrasto.  
Levo diante de rondão com o sitio  
as ninfas, já então de mim lembradas,  
e dou com tudo nos revoltos mares; 850  
suas ondas e as minhas batalhando  
contra este solo, no princípio unido,  
nas ilhas que estás vendo o desmembraram;  
as quais ilhas Equínadas se dizem.  
Mas... vês lá mais ao largo uma sozinha, 855

como quem desdenhou ser sócia d'estas?  
 quero-lhe grande bem; chamam-lha os nautas  
 Perímele; eu a amei; foi n'estes braços  
 que ella perdeu seu título de virgem.  
 Hippódamas seu pae, triste, agastado,  
 de um cabo a arremeçou ao mar; com ella,  
 de nosso amor o fruto inda latente.  
 Aparei-a na quéda; e sustentando-a,  
 |—"Ó tu, que houveste em sorte o equóreo Reino  
 "ao alto Reino ethéreo immediato,  
 "deus do tridente. – exclamo, – a cujo undoso  
 "senhorío trazemos vassalagem  
 "todos os sacros rios do Universo,

}fl.40{ {fl.40}

"Neptuno, ¡o teu furor! ¡ meus rogos ouve!  
 "A infeliz que em meus braços estás vendo,  
 "outras culpas não teve além de amar-me;  
 "por nosso mútuo amor á morte a lançam.  
 "Se no peito de Hippódamas houvesse  
 "brandura, ou rectidão, se houvesse ao menos  
 "um coração de pae... (nem precisava  
 "nada d'isto) ... se menos impio fosse,  
 "devia-se apiedar da sem ventura,  
 "um delicto amoroso perdoar-nos.  
 "Se a paterna fereza a manda ás ondas,  
 "entre as ondas submersa um deus lhe valha.  
 "¡Cede a meus rogos, placido Neptuno!  
 "da terra expulsa foi; logre nos mares  
 "um logar, ou logar seja ella mesma;  
 "inda assim, fervoroso hei-de abraçal-a."  
 Movendo a frente o céruo tiranno,  
 com que todas as vagas estremecem,  
 ás supplicas me annue; a propria Nympha  
 toda se espavoriu; mas assim mesmo,  
 sobre o escarceo sustinha-se, e nadava;

como quem desdenhou ser sócia destas?  
 Quero-lhe grande bem; chamam-lha os nautas  
 Perímele; eu a amei; foi nestes braços  
 que ela perdeu seu título de virgem.  
 Hipódamas seu pai, triste, agastado, 860  
 de um cabo a arremessou ao mar; com ela,  
 de nosso amor o fruto inda latente.  
 Aparei-a na queda; e sustentando-a,  
 'Ó tu, que houveste em sorte o equóreo reino  
 ao alto reino etéreo immediato, 865  
 deus do tridente. – exclamo, – a cujo undoso  
 senhorio trazemos vassalagem  
 todos os sacros rios do universo,

{fl.40}

Netuno, o teu furor! Meus rogos ouve!  
 A infeliz que em meus braços estás vendo, 870  
 outras culpas não teve além de amar-me;  
 por nosso mútuo amor à morte a lançam.  
 Se no peito de Hipódamas houvesse  
 brandura, ou retidão, se houvesse ao menos  
 um coração de pai... (nem precisava 875  
 nada disto) ... se menos ímpio fosse,  
 devia-se apiedar da sem-ventura,  
 um delicto amoroso perdoar-nos.  
 Se a paterna fereza a manda às ondas,  
 entre as ondas submersa um deus lhe valha. 880  
 Cede a meus rogos, plácido Netuno!  
 Da terra expulsa foi; logre nos mares  
 um lugar, ou lugar seja ela mesma;  
 inda assim, fervoroso hei de abraçá-la.'  
 Movendo a frente o céruo tirano, 885  
 com que todas as vagas estremecem,  
 às súplicas me anui; a própria ninfa  
 toda se espavoriu; mas assim mesmo,  
 sobre o escarcéu sustinha-se, e nadava;

eu, tendo sempre mão no ebúrneo seio  
da minha nadadora, andar lá dentro  
sentia o coração pulando em sustos.  
Em quanto á flor das aguas a trazia,

}fl.41{ {fl.41}

sinto ir-se o corpo inteiro endurecendo,  
e ir-se todo sumindo em térrea massa.  
Mais tempo do que ponho em referil-o,  
não levou em mudar de natureza,  
e de Nympha gentil foi feita em ilha.]" –

\*

Aqui pôz ponto o deus, deixando a todos  
admirados do extranho do successo.  
O filho de Ixion, que os vê tão crentes,  
entra a rir; e com o genio que em si tinha,  
desprezador de divindades, brada:  
– "[Maravilhosas fábulas nos contas.  
Grande e extranho poder crês tu nos deuses,  
se andam a dar e a destruir figuras.]"

\*

Quantos eram presentes, se ficaram  
pasmados de ouvir tal, e nenhum houve  
que podesse approval-o. O grande Lélex,  
no conselho e na edade heroe maduro,  
o silencio rompeu n'estas palavras:

– "[É desmedido e eterno o poder santo  
dos Ceos. O que uma vêz quizeram deuses,  
fez-se. Quem duvidar, oiça. Na Phrygia  
vi eu em certo oiteiro duas arvores:  
carvalho, e tília, resguardados ambos  
de um muro baixo. Vi-os, quando outr'ora  
às regiões onde Pélope reinava  
me enviou Pittheu, seu filho. Ahi perto estagna-se  
um paul, que foi d'antes terra firme,

eu, tendo sempre mão no ebúrneo seio  
da minha nadadora, andar lá dentro  
sentia o coração pulando em sustos.  
Enquanto à flor das águas a trazia,

{fl.41}

sinto ir-se o corpo inteiro endurecendo,  
e ir-se todo sumindo em térrea massa.  
Mais tempo do que ponho em referil-o,  
não levou em mudar de natureza,  
e de ninfa gentil foi feita em ilha. —

\*

Aqui pôs ponto o deus, deixando a todos  
admirados do extranho do successo. 900  
O filho de Ixion, que os vê tão crentes,  
entra a rir; e com o gênio que em si tinha,  
desprezador de divindades, brada:  
— Maravilhosas fábulas nos contas.  
Grande e extranho poder crês tu nos deuses, 905  
se andam a dar e a destruir figuras. —

\*

Quantos eram presentes, se ficaram  
pasmados de ouvir tal, e nenhum houve  
que podesse aprová-lo. O grande Lélex,  
no conselho e na idade herói maduro, 910  
o silêncio rompeu nestas palavras:

— *É desmedido e eterno o poder santo  
dos Céus. O que uma vez quizeram deuses,  
fez-se. Quem duvidar, oiça. Na Frígia  
vi eu em certo oiteiro duas árvores: 915  
carvalho, e tília, resguardados ambos  
de um muro baixo. Vi-os, quando outrora  
às regiões onde Pélope reinava  
me enviou Piteu, seu filho. Aí perto estagna-se  
um paul, que foi dantes terra firme, 920*

hoje asylo á narseja e á gallinhola.  
 Sitio escolhido pelo proprio Jove,  
 que um dia, em forma humana, mais o filho,  
 o Atlântide Mercurio (sem as azas)  
 caminhavam á toa. A quantas portas (1)

*hoje asilo à narceja e à galinhola.  
 Sítio escolhido pelo próprio Jove,  
 que um dia, em forma humana, mais o filho,  
 o Atlântide Mercúrio (sem as asas)  
 caminhavam à toa. A quantas portas (1)*

925

(1) Os quatorze versos inclusos n'esta chave são tradução nossa, para substituir de um modo tal qual o trecho correspondente que desapareceu no original castiliano.

(1) Os quatorze versos inclusos nesta chave são tradução nossa, para substituir de um modo tal qual o trecho correspondente que desapareceu no original castilhiano.

Os Editores.

Os Editores.

}fl.42{ {fl.42}

{fl.42}

viram na povoação foram batendo,  
 e pedindo agasalho aquella noite.  
 Em todas a repulsa desabrida  
 lhes respondia ás súplicas; em todas  
 reforçou dura chave o lenho surdo.  
 ¿Em todas? não. Houve uma que mui pronta  
 aos hóspedes se abriu. Era um albergue  
 pequenino, em verdade, uma choupana,  
 de canas e de feno armado o tecto;  
 mas n'aquella choupana habitam juntos,  
 desde o frescor de seus primeiros annos,  
 Baucis, a boa velha, e o bom Philémon,  
 ambos eguaes na edade, eguaes no affecto.  
 Ali se costumaram á pobreza,  
 e com a pobreza ali contentes vivem.  
 Não ha que perguntar quem manda ou serve;  
 mandam, servem, os dois; os dois são tudo.

viram na povoação foram batendo,  
 e pedindo agasalho aquella noite.  
 Em todas a repulsa desabrida  
 lhes respondia às súplicas; em todas  
 reforçou dura chave o lenho surdo.  
 Em todas? Não. Houve uma que mui pronta  
 aos hóspedes se abriu. Era um albergue  
 pequenino, em verdade, uma choupana,  
 de canas e de feno armado o teto;  
 mas naquela choupana habitam juntos,  
 desde o frescor de seus primeiros anos,  
 Báucis, a boa velha, e o bom Filémon,  
 ambos iguais na idade, iguais no afeto.  
 Ali se costumaram à pobreza,  
 e com a pobreza ali contentes vivem.  
 Não há que perguntar quem manda ou serve;  
 mandam, servem, os dois; os dois são tudo.

930

935

940

\*

\*

Chegados pois ao misero tugurio,  
 forçoso foi que os deuses se abajassem,  
 na porta humilde entrando.

Chegados pois ao mísero tugúrio,  
 forçoso foi que os deuses se abajassem,  
 na porta humilde entrando.

Acode o velho	Acode o velho	945
a pôr-lhes um assento onde descancem; com um pano grosso a cuidadosa Baucis	a pôr-lhes um assento onde descansem; com um pano grosso a cuidadosa Báucis	
}fl.43{ {fl.43}	{fl.43}	
lh'o forra brandamente, e dá-se pressa em volver no fogão a cinza <quente> [↑tépida], onde o lume da véspera dormia; brazas experta, em roda lhes achêga folhagens sêccas, áridas cortiças, e com sôpro cançado ateia as chammas. Faixas de feno, uns ramos engelhados, rouba ao seu tecto, em partes os divide, e á pequena panella os vai compondo. Miga-lhe dentro as tenras hortaliças, que em seu parco torrão de regadío <seu> [↑o] marido apanhou.	lho forra brandamente, e dá-se pressa em volver no fogão a cinza tépida, onde o lume da véspera dormia; brasas experta, em roda lhes achega folhagens secas, áridas cortiças, e com sopro cansado ateia as chamas. Fachas de feno, uns ramos engelhados, rouba ao seu teto, em partes os divide, e a pequena panela os vai compondo. Miga-lhe dentro as tenras hortaliças, que em seu parco torrão de regadio o marido apanhou.	950
*	*	
Elle entretanto	Ele entretanto	
com seu forcado um lombo despendura, que afumado pendia em negra viga; d'esta fêbra poupada ha longos tempos corta porção não larga; e assim cortada, das aguas na fervura a lança inteira. Em quanto o lume lhes prepara a ceia, para enganar a fome e encher as horas poseram-se a falar de parte a parte .	com seu forcado um lombo despendura, que afumado pendia em negra viga; desta febra poupada há longos tempos corta porção não larga; e assim cortada, das águas na fervura a lança inteira. Enquanto o lume lhes prepara a ceia, para enganar a fome e encher as horas puseram-se a falar de parte a parte.	960
*	*	
A gamella de faia, honra da casa, que em paz na torta escápula dormia,	A gamela de faia, honra da casa, que em paz na torta escápula dormia,	
}fl.44{ {fl.44}	{fl.44}	
desce, e vem regalar com um banho quente os membros dos seus hóspedes.	desce, e vem regalar com um banho quente os membros dos seus hóspedes.	970
*	*	

Alçado	Alçado
do térreo lar no meio existe o tóro, às frugaes refeições afeito ha muito; deu-lhe um salgueiro os pés; colchão macío deu-lh' o de graça um morraçal do lago. Por cima lhe desdobram largamente a coberta, só vista em festas grandes, pobre coberta, e velha além de pobre, porém mui guapa em toro de salgueiro. N' elle sem custo os deuses se reclinam.	do térreo lar no meio existe o toro, às frugais refeições afeito há muito; deu-lhe um salgueiro os pés; colchão macio deu-lho de graça um morraçal do lago. Por cima lhe desdobram largamente a coberta, só vista em festas grandes, pobre coberta, e velha além de pobre, porém mui guapa em toro de salgueiro. Nele sem custo os deuses se reclinam.
*	*
A velha, arregaçada e cuidadosa, vem tremendo com a meza, e a põe diante; e, porque um dos tres pés coxeia um pouco, traz-lhe em soccôrro um caco em que se firme. Mal que a vê sem declivio, e a dá por pronta, por cima a esfrega de hortelan cheirosa. Vem primeiro, entre verdes e maduras, da Palládia oliveira as pretas bragas, a bravía cereja em grossa calda; vem a crêspa chicória, o duro rábão,	A velha, arregaçada e cuidadosa, vem tremendo com a mesa, e a põe diante; e, porque um dos três pés coxeia um pouco, traz-lhe em socorro um caco em que se firme. Mal que a vê sem declívio, e a dá por pronta, por cima a esfrega de hortelã cheirosa. Vem primeiro, entre verdes e maduras, da paládia oliveira as pretas bragas, a bravia cereja em grossa calda; vem a crespa chicória, o duro rabão,
}fl.45{ {fl.45}	{fl.45}
o requeijão suave, e os ovos brandos só passados por tépido borralho; tudo em vasos de barro; para o vinho lá vem o cangirão da mesma prata; fazem-lhe côrte uns copos, cuja faia por dentro se lustrou com loira cêra. O liberal fogão sem mais demora manda á meza as já prontas iguarias, e vinho de não longa antiguidade acode ao cangirão. Um pouco o arredam para deixar logar á sobre-meza: a tâmara enrugada, a noz, o abrunho passado ao sol, os caxos com seus pâmpanos,	o requeijão suave, e os ovos brandos só passados por tépido borralho; tudo em vasos de barro; para o vinho lá vem o cangirão da mesma prata; fazem-lhe corte uns copos, cuja faia por dentro se lustrou com loira cera. O liberal fogão sem mais demora manda à mesa as já prontas iguarias, e vinho de não longa antiguidade acode ao canjirão. Um pouco o arredam para deixar lugar à sobremesa: a tâmara enrugada, a noz, o abrunho passado ao sol, os cachos com seus pâmpanos,
	975
	980
	985
	990
	995
	1000

as maçans no açafate rescendendo.  
Doirado favo á meza o centro occupa;  
e realça tudo isto um modo alegre,  
boa cara, e desejo além das posses.

\*

Eis que dão fé, tremendo, os nossos velhos  
que o cangirão, ao passo que o despejam,  
se torna a encher por si; pasmados ficam  
do insólito prodígio, as mãos levantam,  
e em perturbado orar seu mêdo exprimem.  
Da pobre ceia e falta de preparo,

}fl.46{ {fl.46}

indulgente perdão córando rogam.

\*

Lembrou-lhes que inda um pato lhes restava,  
do quintalinho seu nocturna guarda;  
para os deuses seus hóspedes procuram  
colhel-o agora ás mãos, matal-o á pressa;  
mas o animal, mais agil que seus donos,  
as carreiras senís lhes afadiga,  
vôa, grasna, revôa, illude os cêrcos,  
e como que se acoita aos pés dos numes;  
dos numes o favor salvou-lhe a vida.  
– |“Deuses vêdes em nós; – então disseram;  
não tarda sobre a iníqua visinhança  
justo, espantoso, universal castigo;  
será só dado a vós fugir-lhe. Vamos,  
desamparae a choça, acompahae-nos,  
galgae comnosco a serra.”| –

\*

Obedeceram.

Já dos dois Immortaes no tardo alcance,  
anhelando os dois velhos amiudavam  
nos mal firmes bordões todos pendentes  
pela suada encosta a longa fuga.

as maçãs no açafate rescendendo.  
Doirado favo à mesa o centro ocupa;  
e realça tudo isto um modo alegre,  
boa cara, e desejo além das posses.

\*

Eis que dão fé, tremendo, os nossos velhos  
que o canjirão, ao passo que o despejam,  
se torna a encher por si; pasmados ficam  
do insólito prodígio, as mãos levantam,  
e em perturbado orar seu medo exprimem.  
Da pobre ceia e falta de preparo,

{fl.46}

indulgente perdão corando rogam.

\*

Lembrou-lhes que inda um pato lhes restava,  
do quintalinho seu noturna guarda;  
para os deuses seus hóspedes procuram  
colhê-lo agora às mãos, matá-lo à pressa;  
mas o animal, mais ágil que seus donos,  
as carreiras senis lhes afadiga,  
voa, grasna, revoa, ilude os cercos,  
e como que se acoita aos pés dos numes;  
dos numes o favor salvou-lhe a vida.  
'Deuses vedes em nós; – então disseram –  
não tarda sobre a iníqua vizinhança  
justo, espantoso, universal castigo;  
será só dado a vós fugir-lhe. Vamos,  
desamparai a choça, acompahai-nos,  
galgai conosco a serra.'

\*

Obedeceram.

Já dos dois imortais no tardo alcance,  
anelando os dois velhos amiudavam  
nos mal firmes bordões todos pendentes  
pela suada encosta a longa fuga.

1005

1010

1015

1020

1025

1030



Dista um tiro de setta o cume apenas;

}fl.47{ {fl.47}

voltam olhos á baixa; ampla alagôa  
afora o lar modesto abrangeu tudo.

\*

Em quanto, do espectaculo pasmados,  
da antiga visinhança o fim carpiam,  
eis que a choça, já velha e já mesquinha  
para os senhores seus, se muda em templo;  
os nodosos esteios são columnas;  
reluz, doira-se o feno; é de oiro o tecto;  
lavrados os portões; o chão, marmóreo.

– |“|Falae, – diz o Saturnio em tom de amigo –  
justo velho, mulher digna de um justo;  
quanto vos aprouver pedi sem mêdo.”| –

\*

Com Baucis conferindo um breve instante,  
suas preces communs lhe expôz Philémon:  
– |“|Sermos do vosso templo sacro-santo  
sacerdotes e guardas vos pedimos;  
e, já que em tanta paz, em tanto affecto,  
tem sido uma só vida as nossas vidas,  
uma hora só, enfim, lhes ponha termo:  
que eu não lhe banhe em lagrimas a campa,  
nem que ella me sepulte.”| –

Aprouve o rogo:

}fl.48{ {fl.48}

sempre, em quanto viveram, sacerdotes  
e guardas foram do sagrado templo.

\*

Um dia, que os decrépitos esposos  
ante os sacros degraus se achavam, ambos  
a falar da catástofre do sitio,  
viu Baucis a Philémon, viu Philémon

Dista um tiro de seta o cume apenas;

{fl.47}

voltam olhos à baixa; ampla alagoa  
afora o lar modesto abrangeu tudo.

\*

Enquanto, do espetáculo pasmados,  
da antiga vizinhança o fim carpiam,  
eis que a choça, já velha e já mesquinha  
para os senhores seus, se muda em templo;  
os nodosos esteios são colunas;  
reluz, doira-se o feno; é de oiro o teto;  
lavrados os portões; o chão, marmóreo.

‘Falai, – diz o Satúrnio em tom de amigo –  
justo velho, mulher digna de um justo;  
quanto vos aprouver pedi sem medo.’

\*

Com Báucis conferindo um breve instante,  
suas preces comuns lhe expôs Filémon:  
‘Sermos do vosso templo sacrossanto  
sacerdotes e guardas vos pedimos;  
e, já que em tanta paz, em tanto afeto,  
tem sido uma só vida as nossas vidas,  
uma hora só, enfim, lhes ponha termo:  
que eu não lhe banhe em lágrimas a campa,  
nem que ela me sepulte.’

Aprouve o rogo:

{fl.48}

sempre, enquanto viveram, sacerdotes  
e guardas foram do sagrado templo.

\*

Um dia, que os decrépitos esposos  
ante os sacros degraus se achavam, ambos  
a falar da catástrofe do sítio,  
viu Báucis a Filémon, viu Filémon

1035

1040

1045

1050

1055

1060

a Baucis, verdejar; e como os rostos  
 com o despontar de súbitas ramadas  
 se lhes fossem nas copas escondendo,  
 mútuas frases terníssimas lançavam,  
 em quanto o ouvido e a voz não foram presos,  
 mútuas frases terníssimas ouviam;  
 a um tempo—|“|Adeus, consorte|”|—ambos disseram,  
 e cobriu-lhes a casca a um tempo os lábios

\*

De Tyâne inda agora os moradores  
 lá mostram a quem passa os troncos gémeos;  
 velhos dignos de fé m’o repetiram,  
 nem teriam proveito em me enganarem.  
 Sei que vi de festões ataviados  
 os troncos das taes arvores, e eu mesmo  
 lhes pendí uns de fresco entre os antigos,

}fl.49{ {fl.49}

e assim disse ao pendel-os: —|“|Nunes sejam  
 os mimosos dos Nunes; sobre a terra  
 hajam culto os que ao Céu votaram cultos.|”|—

\*

Assim pôz termo á historia o grave Lélex.  
 A grandeza do caso, e juntamente  
 do narrador do caso a autoridade,  
 fizeram grande effeito em seus ouvintes,  
 e mormente em Theseu. Vendo-lhe gôsto  
 de ouvir mais maravilhas das deidades,  
 e desejando comprazer-lhe em tudo,  
 o rio Calydônio alça-se um pouco,  
 firme no cotovello, e assim lhe fala:

\*

—|“|Saberás, ó fortissimo, que ha muitos,  
 que, depois de perdida a antiga forma,  
 conservam para sempre a que assumiram;  
 mas outros ha tambem com a faculdade

a Báucis, verdejar; e como os rostos  
 com o despontar de súbitas ramadas  
 se lhes fossem nas copas escondendo,  
 mútuas frases terníssimas lançavam,  
 enquanto o ouvido e a voz não foram presos,  
 mútuas frases terníssimas ouviam;  
 a um tempo ‘Adeus, consorte’ ambos disseram,  
 e cobriu-lhes a casca a um tempo os lábios

\*

De Tiane inda agora os moradores  
 lá mostram a quem passa os troncos gémeos;  
 velhos dignos de fé mo repetiram,  
 nem teriam proveito em me enganarem.  
 Sei que vi de festões ataviados  
 os troncos das tais árvores, e eu mesmo  
 lhes pendí uns de fresco entre os antigos,

{fl.49}

e assim disse ao pendê-los: ‘Nunes sejam  
 os mimosos dos Nunes; sobre a terra  
 hajam culto os que ao Céu votaram cultos.’ —

\*

Assim pôs termo à história o grave Lélex.  
 A grandeza do caso, e juntamente  
 do narrador do caso a autoridade,  
 fizeram grande effeito em seus ouvintes,  
 e mormente em Teseu. Vendo-lhe gosto  
 de ouvir mais maravilhas das deidades,  
 e desejando comprazer-lhe em tudo,  
 o rio Calidônio alça-se um pouco,  
 firme no cotovelo, e assim lhe fala:

\*

— Saberás, ó fortíssimo, que há muitos,  
 que, depois de perdida a antiga forma,  
 conservam para sempre a que assumiram;  
 mas outros há também com a faculdade

1065

1070

1075

1080

1085

1090

de se andarem mudando a seu capricho,  
taes como tu, Protheu, bem decantado  
em todo o vasto mar que cinge as terras,  
porque umas vezes te hão já visto moço,  
outras leão, agora te fazias  
rompente javalí, mais logo serpe,

}fl.50{ {fl.50}

tão temerosa, que ninguém lhe ousava  
tocar; toiro, penedo, arvore; <e> às vezes  
desatavas-te em fúlgida torrente;  
outras, até, buscando opposta essencia,  
zunias labareda impetuosa.

\*

Do mesmo privilegio foi dotada  
Metra, mulher de Autólyco<;> [.] O pae d'esta,  
por nome Erisichton, timbrava de impio,  
insultador de numes, e nas aras  
nunca o viram queimar um grão de incenso;  
diz-se até, que violára às machadadas  
um bosque antigo pertencente a Ceres.

\*

No seio mais defeso e mais sagrado  
d'esta umbrosa espessura, dominava  
um carvalho de seculos, tão vasto,  
que só elle á sua parte era uma selva.  
Até meio do tronco, todo elle era  
listões, paineis votivos e grinaldas,  
pregões devotos de prodigios grandes.  
Por baixo d'esta abóbada espaçosa  
tinham por uso as Dryades visinhas  
ir divertir-se com festivas danças;

}fl.51{ {fl.51}

e às vezes dando as mãos umas com as outras,  
para medir do tronco a copolencia

de se andarem mudando a seu capricho,  
tais como tu, Proteu, bem decantado  
em todo o vasto mar que cinge as terras,  
porque umas vezes te hão já visto moço,  
outras leão, agora te fazias  
rompente javali, mais logo serpe,

1095

{fl.50}

tão temerosa, que ninguém lhe ousava  
tocar; toiro, penedo, árvore; às vezes  
desatavas-te em fúlgida torrente;  
outras, até, buscando oposta essência,  
zunias labareda impetuosa.

\*

Do mesmo privilégio foi dotada  
Metra, mulher de Autólico. O pai desta,  
por nome Erisicton, timbrava de ímpio,  
insultador de numes, e nas aras  
nunca o viram queimar um grão de incenso;  
diz-se até, que violara às machadadas  
um bosque antigo pertencente a Ceres.

\*

No seio mais defeso e mais sagrado  
desta umbrosa espessura, dominava  
um carvalho de séculos, tão vasto,  
que só ele à sua parte era uma selva.  
Até meio do tronco, todo ele era  
listões, painéis votivos e grinaldas,  
pregões devotos de prodígios grandes.  
Por baixo desta abóbada espaçosa  
tinham por uso as dríades vizinhas  
ir divertir-se com festivas danças;

1100

1105

1110

1115

1120

{fl.51}

e às vezes dando as mãos umas com as outras,  
para medir do tronco a corpulência

em seu vistoso círculo o abraçavam,  
 e o âmbito deitava a braços quinze.  
 Mas bastará dizer que o mais da selva,  
 d'este carvalho á sombra figurava  
 como hervançal rasteiro á sombra d'ella.

\*

Apesar de tudo isso, Erisichtónio  
 não a exeptua; aos famulos intíma  
 que a talhem pelo pé; vendo que tardam,  
 da mão de um d'elles o machado arranca,  
 e rompe em vozes:

– |“]Muito embora seja  
 não digo já delicias de deidade,  
 se não deidade mesma, para logo  
 ha-de humilhar-me a copa ali na terra.”| –

\*

Diz. Para lhe entranhar o oblíquo golpe,  
 libra o ferro sacrílego ás mãos ambas.  
 Eis senão quando, o misero carvalho  
 treme, e larga um gemido; ao mesmo tempo  
 folhas e glandes pallidas se tornam;  
 os longos ramos de suar começam;  
 e, logo que rompido do impio gume,  
 debaixo da cortiça eis gólfa sangue

}fl.52{ {fl.52}

em tanta copia, como quando ás aras  
 o toiro flor das rêzes o espadana  
 da cerceada garganta. Pasmam todos.  
 Um d'elles quer ter mão no desacato,  
 e ousa suster o ferro desabrido;  
 em tanto Erisichton olhando-o fito,  
 –|“]Toma – lhe grita – da piedade o premio.”| –  
 N'isto, com o ferro que ameaçava o tronco  
 dá sobre o triste, o collo lhe decepa,  
 e entra de novo a machadar com furia;

em seu vistoso círculo o abraçavam,  
 e o âmbito deitava a braços quinze.  
 Mas bastará dizer que o mais da selva,  
 deste carvalho à sombra figurava  
 como ervançal rasteiro à sombra dela.

\*

Apesar de tudo isso, Erisictónio  
 não a excetua; aos fâmulos intima  
 que a talhem pelo pé; vendo que tardam,  
 da mão de um deles o machado arranca,  
 e rompe em vozes:

‘Muito embora seja  
 não digo já delícias de deidade,  
 se não deidade mesma, para logo  
 há de humilhar-me a copa ali na terra.’

\*

Diz. Para lhe entranhar o oblíquo golpe,  
 libra o ferro sacrílego às mãos ambas.  
 Eis senão quando, o mísero carvalho  
 treme, e larga um gemido; ao mesmo tempo  
 folhas e glandes pálidas se tornam;  
 os longos ramos de suar começam;  
 e, logo que rompido do ímpio gume,  
 debaixo da cortiça eis golfa sangue

{fl.52}

em tanta cópia, como quando às aras  
 o toiro flor das reses o espadana  
 da cerceada garganta. Pasmam todos.  
 Um deles quer ter mão no desacato,  
 e ousa suster o ferro desabrido;  
 entanto Erisicton olhando-o fito,  
 ‘Toma – lhe grita – da piedade o prêmio.’  
 Nisto, com o ferro que ameaçava o tronco  
 dá sobre o triste, o colo lhe decepa,  
 e entra de novo a machadar com fúria;

quando sôa do meio do carvalho  
uma voz lastimosa:

– |“[N]’este lenho

vivo eu, que Nymphá sou, mas grata a Ceres;  
d’aqui te vaticino moribunda;  
que cêdo pagarás teu bruto arrôjo,  
de lenitivo ao meu teu mal servindo.]” –

\*

O atroz profanador vai por diante,  
sem ao menos parar para escutal-a;  
a gigante dos bosques não resiste;  
já de golpes sem fim minada a base,  
pende; já de calabres empuchada,  
range, dobra-se, estala, tomba, trôa,  
jaz por terra, alagando infinda matta.

}fl.53{ {fl.53}

\*

Consternadas as Dryades com a perda,  
sua e também do bosque, e a grandes brados  
carpindo a morta irman, vão ter com Ceres  
todas em luto, e imploram-lhe vingança.  
A deusa formosíssima a promette  
movendo a frente, a cujo movimento  
na terra as messes grávidas tremeram.  
Imagina um castigo, que o faria  
credor de compaixão, se um reo como elle  
mover alguém a lástimas pudesse:  
quer vel-o morto de implacavel <f> [F]ome.  
Mas como ir pessoalmente procural-a  
lhe é defeso (que os Fados proibiram  
que jamais Fome e Ceres se encontrassem),  
chama d’entre as montícolas deidades  
por uma agreste Oréade, a quem logo  
dá n’estes termos seu recado urgente:

\*

quando soa do meio do carvalho  
uma voz lastimosa:

‘Neste lenho

vivo eu, que ninfa sou, mas grata a Ceres;  
daqui te vaticino moribunda;  
que cedo pagarás teu bruto arrojo,  
de lenitivo ao meu teu mal servindo.’

\*

O atroz profanador vai por diante,  
sem ao menos parar para escutá-la;  
a gigante dos bosques não resiste;  
já de golpes sem fim minada a base,  
pende; já de calabres empuxada,  
range, dobra-se, estala, tomba, troa,  
jaz por terra, alagando infinda mata.

{fl.53}

\*

Consternadas as dríades com a perda,  
sua e também do bosque, e a grandes brados  
carpindo a morta irmã, vão ter com Ceres  
todas em luto, e imploram-lhe vingança. 1170  
A deusa formosíssima a promete  
movendo a frente, a cujo movimento  
na terra as messes grávidas tremeram.  
Imagina um castigo, que o faria  
credor de compaixão, se um réu como ele 1175  
mover alguém a lástimas pudesse:  
quer vê-lo morto de implacável Fome.  
Mas como ir pessoalmente procurá-la  
lhe é defeso (que os Fados proibiram  
que jamais Fome e Ceres se encontrassem), 1180  
chama dentre as montícolas deidades  
por uma agreste oréade, a quem logo  
dá nestes termos seu recado urgente:

\*

|–|“Lá para a extrema da gelada Scythia,  
 encontra-se um lugar, feio, bravío,  
 que nem arvores tem, nem cria messes,  
 nem produz fruto algum que alegre os olhos.  
 Lá reina eterno frio, e lá reside  
 entre o Temor e a Pallidez, a Fome.

}fl.54{ {fl.54}

Vae pois da minha parte; ordena a esta  
 que já já no sacrílego se entranhe;  
 que não ceda á abundancia; que triunphe  
 de todo o meu poder. Não hajas mêdo  
 á extensão do caminho; ahi tens meu carro;  
 vae; sólta as rédeas aos dragões volantes.”|–

\*

Deu-lh’o; a Oréade o monta; as rédeas larga,  
 pelo ether se arreméça, e chega á Scythia.  
 Na corôa de um monte alcantilado  
 (Cáucaso o chamam) colhe a rédea aos brutos,  
 e pára, a ver se em tôrno avista a Fome.  
 Lá a descobre em pedragoso valle;  
 com as unhas e com os dentes rareados  
 anda a arrancar algumas hervas magras;  
 tem hirta a grenha, os olhos encovados,  
 o carão amarello, os beiços brancos,  
 negros os dentes de escabroso sarro,  
 encarquilhada e ressequida a cutis,  
 pela qual as entranhas se estão vendo;  
 a árida ossada tem por ventre o sitio  
 em que o podéra ter; o peito bambo  
 parece peça extranha ali pendente,

}fl.55{ {fl.55}

e na grade do dorso apenas firme;  
 o esbrugado das juntas lhe avultava  
 por toda a parte os nós; surgiam fora

Lá para a extrema da gelada Cítia,  
 encontra-se um lugar, feio, bravio,  
 que nem árvores tem, nem cria messes,  
 nem produz fruto algum que alegre os olhos.  
 Lá reina eterno frio, e lá reside  
 entre o Temor e a Palidez, a Fome.

1185

{fl.54}

Vai pois da minha parte; ordena a esta  
 que já já no sacrílego se entranhe;  
 que não ceda à abundância; que triunfe  
 de todo o meu poder. Não hajas medo  
 à extensão do caminho; aí tens meu carro;  
 vai; solta as rédeas aos dragões volantes.’

\*

Deu-lho; a oréade o monta; as rédeas larga,  
 pelo éter se arremessa, e chega à Cítia.  
 Na coroa de um monte alcantilado  
 (Cáucaso o chamam) colhe a rédea aos brutos,  
 e para, a ver se em torno avista a Fome.  
 Lá a descobre em pedregoso vale;  
 com as unhas e com os dentes rareados  
 anda a arrancar algumas ervas magras;  
 tem hirta a grenha, os olhos encovados,  
 o carão amarelo, os beiços brancos,  
 negros os dentes de escabroso sarro,  
 encarquilhada e ressequida a cútis,  
 pela qual as entranhas se estão vendo;  
 a árida ossada tem por ventre o sítio  
 em que o pudera ter; o peito bambo  
 parece peça extranha ali pendente,

1200

1205

1210

{fl.55}

e na grade do dorso apenas firme;  
 o esbrugado das juntas lhe avultava  
 por toda a parte os nós; surgiam fora

os discos movediços dos joelhos,  
e os rijos desmarcados calcanhares.

\*

Mal que a Nympha selvática em distancia  
a avistou, sem ousar chegar mais perto  
cumpre o encargo que traz, e a lei lhe íntima.  
Não se demora ali mais que um momento;  
mas basta um só momento, e mesmo ao largo,  
para já sentir fome; as rédeas vira,  
e impellindo os dragões á Emónia volta.

\*

A Fome, bem que opposta é sempre a Ceres,  
dá-se pressa em servil-a; os ares corta  
levada de um tufão, que, de repente,  
da designada estancia a leva ás portas;  
entra sem mais demora no aposento,  
onde então ressonava (era alta a noite)  
bem fora da visita o temerario.  
Na profundez do somno em que jazia,

}fl.56{ {fl.56}

com as azas e com os braços descarnados  
o envolve estreitamente, o apérta ao seio,  
no rôsto, peito, e bôcca, lhe bafeja,  
e inteira se lhe infunde; com que, logo  
famélico vazío o mina todo.

Cumprida a gran sentença, desampara  
o paiz deleitoso, o clima fértil,  
e torna-se á penúria, ao gêlo, aos antros.

\*

Inda entre as plumas plácidas do somno  
Erisichton descança; eis entra em sonhos  
a pedir de comer; allonga os labios;  
cança os dentes moendo-os uns nos outros;  
engasga-se, engulindo a toda a pressa  
iguarias phantasticas; apanha

os discos movediços dos joelhos,  
e os rijos desmarcados calcanhares.

\*

Mal que a ninfa selvática em distância  
a avistou, sem ousar chegar mais perto  
cumpre o encargo que traz, e a lei lhe íntima.  
Não se demora ali mais que um momento;  
mas basta um só momento, e mesmo ao largo,  
para já sentir fome; as rédeas vira,  
e impelindo os dragões à Emónia volta.

\*

A Fome, bem que oposta é sempre a Ceres,  
dá-se pressa em servi-la; os ares corta  
levada de um tufão, que, de repente,  
da designada estância a leva às portas;  
entra sem mais demora no aposento,  
onde então ressonava (era alta a noite)  
bem fora da visita o temerário.  
Na profundez do sono em que jazia,

{fl.56}

com as asas e com os braços descarnados  
o envolve estreitamente, o aperta ao seio,  
no rosto, peito, e boca, lhe bafeja,  
e inteira se lhe infunde; com que, logo  
famélico vazio o mina todo.

Cumprida a grã sentença, desampara  
o país deleitoso, o clima fértil,  
e torna-se à penúria, ao gelo, aos antros.

\*

Inda entre as plumas plácidas do sono  
Erisicton descança; eis entra em sonhos  
a pedir de comer; alonga os lábios;  
cansa os dentes moendo-os uns nos outros;  
engasga-se, engolindo a toda a pressa  
iguarias fantásticas; apanha

1215

1220

1225

1230

1235

1240

1245

sôffrego os ares, sôffrego os devora.  
 Desperta; mas o ardor té aqui sonhado  
 é real, e o desgasta, e o exaspera.  
 Manda vir sem demora quanto criam  
 a terra, o ar, as aguas; e atirado  
 a mezas avergadas de iguarias,  
 consome tudo, e de jejum se queixa.  
 Enfia uns apóz outros os banquetes;

}fl.57{ {fl.57}

o que houvera bastado a uma cidade,  
 talvez a uma nação, não lhe preenche  
 o sempre vácuo horrível sorvedeiro.  
 Mais e mais pede, quanto mais sepulta.  
 Bem como o Oceano, que insaciavel bebe  
 não só os mananciaes rios visinhos,  
 se não de toda a terra os mais remotos,  
 ou como o voraz fogo, que alimentos  
 nunca enjeitou jamais, que dá consumo  
 a madeiros sem numero, que aneia  
 tanto mais posto quanto mais lhe atiram,  
 e com abundancia mais voraz se torna,  
 tal a de Erisichton tartárea bôcca  
 a tragar e a pedir; toda a comida  
 lhe exacerba a avidez; e o bôjo avaro  
 quanto mais lá choveu, tanto mais êrmo.

\*

Por este sorvedeiro já deu cabo  
 de quantos bens herdou; nada lhe resta:  
 resta-lhe a fome, indômita como antes.  
 De quanto chamou seu, tudo tem dentro,  
 afora uma só filha, amavel filha  
 digna de melhor pae; fome e pobreza  
 lh'a fizeram vender.

sôffrego os ares, sôffrego os devora.  
 Desperta; mas o ardor 'té aqui sonhado  
 é real, e o desgasta, e o exaspera.  
 Manda vir sem demora quanto criam  
 a terra, o ar, as águas; e atirado  
 a mesas avergadas de iguarias,  
 consome tudo, e de jejum se queixa.  
 Enfia uns após outros os banquetes;

{fl.57}

o que houvera bastado a uma cidade,  
 talvez a uma nação, não lhe preenche  
 o sempre vácuo horrível sorvedeiro.  
 Mais e mais pede, quanto mais sepulta.  
 Bem como o oceano, que insaciável bebe  
 não só os mananciais rios vizinhos,  
 senão de toda a terra os mais remotos,  
 ou como o voraz fogo, que alimentos  
 nunca enjeitou jamais, que dá consumo  
 a madeiros sem número, que aneia  
 tanto mais posto quanto mais lhe atiram,  
 e com abundância mais voraz se torna,  
 tal a de Erisicton tartárea boca  
 a tragar e a pedir; toda a comida  
 lhe exacerba a avidez; e o bojo avaro  
 quanto mais lá choveu, tanto mais ermo.

\*

Por este sorvedeiro já deu cabo  
 de quantos bens herdou; nada lhe resta:  
 resta-lhe a fome, indômita como antes.  
 De quanto chamou seu, tudo tem dentro,  
 afora uma só filha, amável filha  
 digna de melhor pai; fome e pobreza  
 lha fizeram vender.



## Metra briosa

## Metra briosa

}fl.58{ {fl.58}

{fl.58}

não leva á paciencia o ver-se escrava;  
 e da praia do mar, onde a poseram,  
 para o mar estendendo as mãos devotas,  
 – “[Salva-me de captiva, ó tu, que em premio  
 já da minha innocencia a flor colheste]” –  
 exclama. O que a roubára era Neptuno.  
 Neptuno, pois, ás supplicas da bella  
 insensivel não foi; e inda que os olhos  
 do senhor, que seguia a afflictta escrava,  
 acabassem de ver n’aquelle instante,  
 n’aquelle instante o deus a muda em homem,  
 e o trajo seu em piscatório trajo.

\*

– “[Homem, – lhe diz o seu senhor olhando-a, –  
 homem da longa cana, que te occupas  
 em cobrir de isca os teus anzoes pendentes,  
 assim tu aches sempre o mar benigno,  
 e encontres sempre crédulos os peixes,  
 que não sonhem teu dólo em quanto livres;  
 dize-me: ¿que foi feito de uma escrava,  
 de cabello em desgrenho e trajo humilde,  
 que em pé n’este areal se estava ha pouco?  
 Que a eu vi, não ha dúvida, aqui mesmo  
 n’este areal, em pé; dize onde esteja;

}fl.59{ {fl.59}

seu rasto chega aqui; não vai mais longe.]”

\*

Ella, vendo que a graça do seu nume  
 lhe ia sahindo bem, folgou de veras  
 que por si mesma a si lhe perguntassem,  
 e logo respondeu:

não leva à paciência o ver-se escrava;  
 e da praia do mar, onde a puseram,  
 para o mar estendendo as mãos devotas,  
 ‘Salva-me de cativa, ó tu, que em prêmio  
 já da minha inocência a flor colheste’ –  
 exclama. O que a roubara era Netuno.  
 Netuno, pois, às súplicas da bela  
 insensível não foi; e inda que os olhos  
 do senhor, que seguia a aflita escrava,  
 acabassem de ver naquele instante,  
 naquele instante o deus a muda em homem,  
 e o trajo seu em piscatório trajo.

\*

‘Homem, – lhe diz o seu senhor olhando-a, –  
 homem da longa cana, que te occupas  
 em cobrir de isca os teus anzóis pendentes,  
 assim tu aches sempre o mar benigno,  
 e encontres sempre crédulos os peixes,  
 que não sonhem teu dolo enquanto livres;  
 dize-me: que foi feito de uma escrava,  
 de cabelo em desgrenho e trajo humilde,  
 que em pé neste areal se estava há pouco?  
 Que a eu vi, não há dúvida, aqui mesmo  
 neste areal, em pé; dize onde esteja;

{fl.59}

seu rasto chega aqui; não vai mais longe.’

\*

Ela, vendo que a graça do seu nume  
 lhe ia saindo bem, folgou deveras  
 que por si mesma a si lhe perguntassem,  
 e logo respondeu:

1280

1285

1290

1295

1300

– |“|Quem quer que sejas,  
 perdôa-me; não tenho d’estas aguas  
 erguido os olhos para parte alguma;  
 estava todo attento ao meu trabalho.  
 Para que menos dúvidas lhe ponhas,  
 assim me ajude a mim n’esta minha arte  
 o gr<ão>[↑ande] deus do mar, como até agora  
 nem homem se mostrou, nem fêmea alguma  
 na praia.... senão eu.”| –

Desenganado

o misero senhor com este engano,  
 vai-se por onde veio, e deixa-a livre.

\*

Á forma primitiva eil-a reverte,  
 eil-a volta a seu pae. Este, entendendo  
 da filha a transformavel natureza,  
 continuou de passal-a a novos donos,

}fl.60{ {fl.60}

a cujo senhorio ella escapava,  
 ora em égua, ora em ave, em boi, em cervo,  
 e de indevido ganho alimentava  
 do pae ralado a furiosa gula.

\*

Ia em progresso o mal; todos os meios  
 consumido já tinha, quando eis entra  
 a devorar damnado as proprias carnes,  
 e a nutrir de seu corpo o proprio corpo.

\*

Mas... ¿por que vos detenho em coisas de outrem,  
 caros hóspedes meus, se em casa tenho  
 com que prove o que ha pouco vos dizia?  
 Eu, qual vós me aqui vedes, tambem goso  
 do privilegio de mudar de aspecto,  
 e mil vezes o faço; a differença  
 é ter restricto o numero das formas.

‘Quem quer que sejas,

perdoa-me; não tenho destas águas 1305  
 erguido os olhos para parte alguma;  
 estava todo atento ao meu trabalho.

Para que menos dúvidas lhe ponhas,  
 assim me ajude a mim nesta minha arte  
 o grande deus do mar, como até agora 1310  
 nem homem se mostrou, nem fêmea alguma  
 na praia.... senão eu.’

Desenganado

o mísero senhor com este engano,  
 vai-se por onde veio, e deixa-a livre.

\*

À forma primitiva ei-la reverte, 1315  
 ei-la volta a seu pai. Este, entendendo  
 da filha a transformável natureza,  
 continuou de passá-la a novos donos,

{fl.60}

a cujo senhorio ela escapava,  
 ora em égua, ora em ave, em boi, em cervo, 1320  
 e de indevido ganho alimentava  
 do pai ralado a furiosa gula.

\*

Ia em progresso o mal; todos os meios  
 consumido já tinha, quando eis entra  
 a devorar danado as próprias carnes, 1325  
 e a nutrir de seu corpo o próprio corpo.

\*

Mas...por que vos detenho em coisas de outrem,  
 caros hóspedes meus, se em casa tenho  
 com que prove o que há pouco vos dizia?  
 Eu, qual vós me aqui vedes, também gozo 1330  
 do privilégio de mudar de aspecto,  
 e mil vezes o faço; a diferença  
 é ter restrito o número das formas.

Umas vezes, sou tal, qual me estais vendo,  
 outras me enrosco em serpe, outras assumo  
 forçosas pontas, e arremédo toiro,  
 de grave armento impávido guieiro.  
 De uma vez que os tomei, perdi na frente  
 um dos páus, como observas.]” –

Isto disse

o Achelóo, e gemeu profundamente.

Fim do Livro VIII.

Umas vezes, sou tal, qual me estais vendo,  
 outras me enrosco em serpe, outras assumo  
 forçosas pontas, e arremedo toiro,  
 de grave armento impávido guieiro.  
 De uma vez que os tomei, perdi na frente  
 um dos paus, como observas. —

Isto disse

o Aqueloo, e gemeu profundamente.

1335

1340

Fim do Livro VIII.

IX

Completo

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

*Revisto**Revisto*Livro IXLivro IX

– |“|çEsse desar da fronte, e esses gemidos  
d’onde veem?”| – lhe pergunta o heroe Neptunio.  
O rio Calydônio, engrinaldado  
de caniços a grenha, assim lhe torna:

\*

– |“|Triste encargo me pões. Contar da briga  
quem d’ella sahiu mal, é fraco gôsto.  
Mas contentar-te quero; e direi tudo,  
que menos me deu pejo o ser vencido,  
do que honra o contendor. Grande consôlo  
é ter um vencedor como o que eu tive.

\*

Ora pois: Dejanira (has-de por fôrça  
ter ouvido falar em Dejanira)  
foi uma virgem por extremo bella,  
e de muitos rivaes porfioso enlêvo;  
d’esta conta fui eu. Logo que entrámos  
ao pretendido sôgro, |–|“Por teu genro,  
filho de Parthaon, me aceita” – digo.  
Outro tanto diz Hercules. Os outros

}fl.2{ {fl.2}

a dois rivaes quaes nós cederam logo.  
Hercules alardeia que a Princeza  
terá por sôgro a Jupiter, por dote  
a gloria dos trabalhos que há vencido,  
e das leis da madrasta o desempenho.

\*

Vergonha fôra um deus ceder a um homem  
(que homem áquele tempo inda era Alcides).

— Esse desar da fronte, e esses gemidos  
donde veem? — lhe pergunta o herói Neptúnio.  
O rio calidônio, engrinaldado  
de caniços a grenha, assim lhe torna:

\*

— Triste encargo me pões. Contar da briga  
quem dela saiu mal, é fraco gosto.  
Mas contentar-te quero; e direi tudo,  
que menos me deu pejo o ser vencido,  
do que honra o contendor. Grande consolo  
é ter um vencedor como o que eu tive.

\*

Ora pois: Dejanira (hás de por fôrça  
ter ouvido falar em Dejanira)  
foi uma virgem por extremo bela,  
e de muitos rivais porfioso enlevo;  
desta conta fui eu. Logo que entramos  
ao pretendido sogro, ‘Por teu genro,  
filho de Partaon, me aceita’ – digo.  
Outro tanto diz Hércules. Os outros

{fl.2}

a dois rivais quais nós cederam logo.  
Hércules alardeia que a princesa  
terá por sogro a Júpiter, por dote  
a glória dos trabalhos que há vencido,  
e das leis da madrasta o desempenho.

\*

Vergonha fora um deus ceder a um homem  
(que homem àquele tempo inda era Alcides).

5

10

15

20

25

– “Rei – lhe tórno – em mim vês o potentado  
 “da torrente caudal, que parte, e rega,  
 “e fertilisa ao largo, as terras tuas.  
 “Forasteiro não sou de longes climas,  
 “que venha pretender tua alliança,  
 “mas conterrâneo teu, mas teu dominio;  
 “só me falta a aversão da augusta Juno,  
 “e ter cumprido vingativas ordens.  
 “Agora: em quanto á origem que blasonas,  
 “filho de Alcmena, ou Jove não te é nada,  
 “ou se Jove te é pae, mais te deshonra;  
 “se queres provir d’elle, a mãe diffamas;  
 “dou-te á escôlha: ou tu mentes quando inculcas  
 “por genitor ao nume, ou, se não mentes,  
 “vergonhoso adultério o ser te há dado.” –

\*

‘Rei – lhe torno – em mim vês o potentado  
 da torrente caudal, que parte, e rega,  
 e fertiliza ao largo, as terras tuas.  
 Forasteiro não sou de longes climas,  
 que venha pretender tua aliança, 30  
 mas conterrâneo teu, mas teu domínio;  
 só me falta a aversão da augusta Juno,  
 e ter cumprido vingativas ordens.  
 Agora: enquanto à origem que blasonas,  
 filho de Alcmena, ou Jove não te é nada, 35  
 ou se Jove te é pai, mais te desonra;  
 se queres provir dele, a mãe difamas;  
 dou-te à escolha: ou tu mentes quando inculcas  
 por genitor ao nume, ou, se não mentes,  
 vergonhoso adultério o ser te há dado.’ 40

\*

}fl.3{ {fl.3}

{fl.3}

Como eu isto dizia, o meu contrário  
 me esteve olhando carregado em gesto.  
 Conter mais tempo a cólera não pode;  
 não pode, e desatou n’estas sós phrases:  
 – “Minha fôrça é nas mãos, não é na lingua.  
 “Como te eu vença combatendo, embora  
 “me tu venças em falas.” – E me saca  
 sem mais demoras ferozmente a campo.  
 ¿Com que rôsto um duello enjeitaria,  
 eu, que acabava de falar tão fero?  
 Atiro fora o verde manto, levo  
 á frente os braços, cerro os punhos, firme  
 com todo o corpo ao túrbido recontro.  
 Com mãos-cheias de pó vel-o me asperge,  
 e eu inundo-o tambem de fulva areia.  
 Já pelo collo, pelas côxas móveis  
 tenta colher-me, ou de o tentar dá mostras;  
 por toda a parte a um tempo me acomette,

Como eu isto dizia, o meu contrário  
 me esteve olhando carregado em gesto.  
 Conter mais tempo a cólera não pôde;  
 não pôde, e desatou nestas sós frases:  
 ‘Minha força é nas mãos, não é na língua. 45  
 Como te eu vença combatendo, embora  
 me tu venças em falas’. E me saca  
 sem mais demoras ferozmente a campo.  
 Com que rosto um duelo enjeitaria,  
 eu, que acabava de falar tão fero? 50  
 Atiro fora o verde manto, levo  
 à frente os braços, cerro os punhos, firme  
 com todo o corpo ao túrbido recontro.  
 Com mãos cheias de pó vê-lo me asperge,  
 e eu inundo-o também de fulva areia. 55  
 Já pelo colo, pelas coxas móveis  
 tenta colher-me, ou de o tentar dá mostras;  
 por toda a parte a um tempo me acomete,

acomette-me em vão, que o monstruoso  
pêzo meu natural me tem seguro;  
não de outra sorte é que um penhasco afronta  
com a bruta corpolencia os desabridos

}fl.4{ {fl.4}

impetos dos exércitos das vagas.  
Damos um passo atraz, e com mór fúria,  
quer um quer outro, á briga nos tornamos,  
a não ceder nem recuar dispostos.  
Debruçado [↑eu] sobre elle, os dedos curvos  
um nos do outro aferrados, escoramos  
pé contra pé, e frente contra frente.  
Taes dois toiros se investem, denodados,  
por ver qual d'elles logrará no souto  
a novilha mais nédia, enlêvo de ambos;  
o resto da manada os olha em sustos,  
sem prever qual terá dominio tanto.

\*

Tres vezes arrancar forceja Alcides  
de sobre si meu peito, e balda exfórços;  
só á quarta o consegue; rompe, arrója  
o meu tenaz abraço, e com um impulso  
da irresistivel mão (não te escureço  
um ponto da verdade) subitâneo  
sacão me dá, revira-me de costas,  
salta ligeiro, e se me aferra aos hombros.  
Julguei-me (não n-o digo por gabar-me)...  
julguei-me sotoposto a uma montanha.  
Entre o meu corpo e o d'elle, a grande custo

}fl.5{ {fl.5}

venci metter meus braços insoffridos  
já de suor lavados; com que pude  
ver-me emfim sôlto do enleado apêrto.  
Comigo, que arquejava, jeil-o de novo!

acomete-me em vão, que o monstruoso  
peso meu natural me tem seguro;  
não de outra sorte é que um penhasco afronta  
com a bruta corpulência os desabridos

60

{fl.4}

ímpetos dos exércitos das vagas.  
Damos um passo atrás, e com mor fúria,  
quer um quer outro, à briga nos tornamos,  
a não ceder nem recuar dispostos.  
Debruçado eu sobre ele, os dedos curvos  
um nos do outro aferrados, escoramos  
pé contra pé, e frente contra frente.  
Tais dois toiros se investem, denodados,  
por ver qual deles logrará no souto  
a novilha mais nédia, enlevo de ambos;  
o resto da manada os olha em sustos,  
sem prever qual terá domínio tanto.

65

70

\*

Três vezes arrancar forceja Alcides  
de sobre si meu peito, e balda esforços;  
só à quarta o consegue; rompe, arroja  
o meu tenaz abraço, e com um impulso  
da irresistível mão (não te escureço  
um ponto da verdade) subitâneo  
sacão me dá, revira-me de costas,  
salta ligeiro, e se me aferra aos ombros.  
Julguei-me (não no digo por gabar-me) ...  
julguei-me sotoposto a uma montanha.  
Entre o meu corpo e o dele, a grande custo

75

80

85

{fl.5}

venci meter meus braços insofridos  
já de suor lavados; com que pude  
ver-me enfim solto do enleado aperto.  
Comigo, que arquejava, ei-lo de novo!

Não me dá folga, não me dá respiro,  
pela cerviz me apanha, ambos nos vamos  
de joelhos á terra, e môrdo a areia.

\*

Vendo eu, que por exfôrço ou valentias  
não levava a melhor, recôrrro á astucia,  
e feito em longa serpe lhe escorrégo;  
e curvo-me em corcóvos, sólto síbilos  
da bifarpada lingua... N'isto Alcídes  
põe-se a vir, e a zombar das minhas artes.  
– “Já no berço – diz elle – eram meus brincos  
“vencer cobras; por muito que ás mais serpes  
“se avantage essa tua, ζ quantas cuidas  
“que eram precisas d'essas, Achelóo,  
“para sommar um só dragão de Lerna?  
“esse, quanto mais era acutilado,  
“mais fecundo surgia; em lhe indo a terra  
“qualquer das cem cabeças degolada,  
“logo por uma lhe brotavam duas.

}fl.5{ {fl.5}

venci metter meus braços insoffridos  
lavados de

}fl.6{ {fl.6}

“Já, por meus golpes, menos era um drago,  
“que uma selva de dragos; quando eu tinha  
“cuidado enfraquecel-o, restaurava-se;  
“mas venci-o; vencido, rentiei-lhe  
“os collos todos, e acabei-lhe a casta.  
“Tu, que em serpe phantástica te escondes,  
“ζ de armas não tuas que proveito esperas?” –

\*

Diz; e com os dedos a cerviz me afoga  
por tal arte, que mais não me afrontára  
férrea tenaz que me tolhesse as fauces;

Não me dá folga, não me dá respiro,  
pela cerviz me apanha, ambos nos vamos  
de joelhos à terra, e mordo a areia.

\*

Vendo eu, que por esforço ou valentias  
não levava a melhor, recorro à astúcia,  
e feito em longa serpe lhe escorrego; 95  
e curvo-me em corcovos, solto sibilos  
da bifarpada língua... Nisto Alcídes  
põe-se a vir, e a zombar das minhas artes.  
‘Já no berço – diz ele – eram meus brincos  
vencer cobras; por muito que às mais serpes 100  
se avanteje essa tua, quantas cuidas  
que eram precisas dessas, Aqueloo,  
para somar um só dragão de Lerna?  
Esse, quanto mais era acutilado,  
mais fecundo surgia; em lhe indo a terra 105  
qualquer das cem cabeças degolada,  
logo por uma lhe brotavam duas.

}fl.6{ {fl.6}

Já, por meus golpes, menos era um drago,  
que uma selva de dragos; quando eu tinha  
cuidado enfraquecê-lo, restaurava-se; 110  
mas venci-o; vencido, renteei-lhe  
os colos todos, e acabei-lhe a casta.  
Tu, que em serpe fantástica te escondes,  
de armas não tuas que proveito esperas?’

\*

Diz; e com os dedos a cerviz me afoga 115  
por tal arte, que mais não me afrontara  
férrea tenaz que me tolhesse as fauces;



contra este engasgo relutei gran tempo,  
soltei-me. Inda esta vez fôra eu vencido;  
mas restava mudar-me em bravo toiro;  
bravo toiro me faço, e tórno a campo;  
colhe-me pela esquerda, ao collo hirsuto  
me lança as mãos, pucha-me a si, não larga  
por mais que eu fuja; encrava-me na terra  
as pontas ambas; prostra-me estendido  
no areal; inda não pago de victoria,  
com a dextra um dos páus me quebra e arranca.  
Cheio de fruta e de cheirosas flores,  
as Náyades depois o consagraram  
symbolo da riqueza e da abundancia.]" –

}fl.7{ {fl.7}

\*

Calou-se. Uma das Na<y>/i\ades serventes,  
roupas tomadas, como as traz Diana,  
madeixas pelos hombros desparzidas,  
apparece, trazendo nas mãos alvas  
o corno, copiosissimo açafate,  
que encerra no amplo bôjo o Outono em pêzo:  
assazonadas sumarentas frutas,  
de que alastra profusa sobremeza.

\*

Alveja a manhan fresca; mal começam  
com o sol nascente a rutilar os cumes,  
põem-se a caminho os hóspedes, que os rala  
estar á espera de que a cheia amaine,  
e o plácido murmúrio ao rio vólva.  
O Achelóo mergulha em suas ondas  
a face agreste e a mutilada frente.  
A perda da metade d'este ornato  
mesmo assim o consome; todo o resto  
conserva-o são e salvo; e inda este damno  
disfarça-o quanto pode, andando sempre

contra este engasgo relutei grã tempo,  
soltei-me. Inda esta vez fora eu vencido;  
mas restava mudar-me em bravo toiro; 120  
bravo toiro me faço, e torno a campo;  
colhe-me pela esquerda, ao colo hirsuto  
me lança as mãos, puxa-me a si, não larga  
por mais que eu fuja; encrava-me na terra  
as pontas ambas; prostra-me estendido 125  
no areal; inda não pago de vitória,  
com a destra um dos paus me quebra e arranca.  
Cheio de fruta e de cheirosas flores,  
as náíades depois o consagraram  
símbolo da riqueza e da abundância. — 130

{fl.7}

\*

Calou-se. Uma das náíades serventes,  
roupas tomadas, como as traz Diana,  
madeixas pelos ombros desparzidas,  
apparece, trazendo nas mãos alvas  
o corno, copiosíssimo açafate, 135  
que encerra no amplo bojo o outono em peso:  
assazonadas sumarentas frutas,  
de que alastra profusa sobremesa.

\*

Alveja a manhã fresca; mal começam  
com o sol nascente a rutilar os cumes, 140  
põem-se a caminho os hóspedes, que os rala  
estar à espera de que a cheia amaine,  
e o plácido murmúrio ao rio volva.  
O Aqueloo mergulha em suas ondas  
a face agreste e a mutilada frente. 145  
A perda da metade deste ornato  
mesmo assim o consome; todo o resto  
conserva-o são e salvo; e inda este dano  
disfarça-o quanto pode, andando sempre

de salgueiro coroado, e de altas canas.	de salgueiro coroado, e de altas canas.	150
*	*	
Se os amores da bella Dejanira,	Se os amores da bela Dejanira,	
}fl.8{ {fl.8}	{fl.8}	
pobre Achelóo, te sahiram caros, consola-te: mais caro os pagou Nesso pelas costas na fuga asseteado. E dir-vos-hei porquê:	pobre Aqueloo, te saíram caros, consola-te: mais caro os pagou Nesso pelas costas na fuga asseteado. E dir-vos-ei porquê:	
*	*	
De Jove o filho,	De Jove o filho,	155
vencedor do Achelóo, ia mui ledoo com a nova esposa para os patrios muros, quando chegou do rijo Eveno á margem. Reforçado das chuvas invernosas todo ia desatado em redemoinhos, e invadiavel. Como o heroe parasse, medroso não por si, mas pela esposa, vem ter com elle Nesso, alto centauro de bruta fôrça, e práctico do rio; e diz-lhe:	vencedor do Aqueloo, ia mui ledoo com a nova esposa para os pátrios muros, quando chegou do rijo Eveno à margem. Reforçado das chuvas invernosas todo ia desatado em redemoinhos, e invadiável. Como o herói parasse, medroso não por si, mas pela esposa, vem ter com ele Nesso, alto centauro de bruta força, e práctico do rio; e diz-lhe:	160
– “[Esta, eu me obrigo a pô-la em salvo para a parte de lá; tu, que és membrudo, podes nadar querendo.]” –	— Esta, eu me obrigo a pô-la em salvo para a parte de lá; tu, que és membrudo, podes nadar querendo. —	165
Houve o Thebano	Houve o tebano	
por bom partido a offerta, e confiou-lhe a Calydonia moça toda sustos, toda convulsa e pallida, já menos por ver do rio a rapida levada,	por bom partido a oferta, e confiou-lhe a calidônia moça toda sustos, toda convulsa e pálida, já menos por ver do rio a rápida levada,	170
}fl.9{ {fl.9}	{fl.9}	
que o fero conductor que há-de transpôl-a. O heroe, mesmo com o pezo, como estava, do carcaz prenhe, e do leonino espólio, (que o arco e a clava, ambos á várzea opposta arremeçára), diz:	que o fero condutor que há de transpô-la. O herói, mesmo com o peso, como estava, do carcás prenhe, e do leonino espólio, (que o arco e a clava, ambos á várzea oposta arremessara), diz:	175

—|“|Vençam-se as <aguas> [↑ondas];  
comecei, findarei.”|—

Nem já perquire  
por que parte a corrente é menos áspera,  
nem se embaraça com o favor das aguas;  
chegado á margem, no acto em que levanta  
o arco, ouve gritos; é a voz da esposa;  
e percebendo que é tenção de Nesso  
fugir-lhe com o depósito,

—|“|¿Onde foges? —  
lhe chama — ¿Onde te leva, ó temerário,  
a doida presumpção de ligeireza?  
Comtigo falo, meu biforme Nesso,  
meu homem cavallar, ou fera humana;  
pára ahi logo, logo, e larga o furto.  
Quando respeito meu te não movesse,  
devêra o exemplo da paterna roda  
ensinar-te a temer uniões defêsas.  
¿Oh! por teres equina agilidade,

}fl.11{ {fl.11}

a faladora Fama, aéreo monstro  
que folga unir o falso ao verdadeiro,  
e cresce com as mentiras que derrama.  
Teu caro Amphitryoniáde está prêzo  
(segundo te ella diz) com meigos laços  
pela sua captiva amavel Ióle.”|

\*

Aterrada do que ouve, ella ao princípio  
não fez mais que chorar, dando no pranto  
preciso desafôgo á dor primeira;  
depois, como acordando,

—|“|¿Eu por que choro? —  
exclama — Chóros meus são gloria d’ella;  
não, não quero á rival dar mais um gôsto.  
Pois que ella já lá vem com o fementido,

— Vençam-se as ondas;  
comecei, findarei. —

Nem já perquire  
por que parte a corrente é menos áspera,  
nem se embaraça com o favor das águas;  
chegado à margem, no ato em que levanta  
o arco, ouve gritos; é a voz da esposa;  
e percebendo que é tenção de Nesso  
fugir-lhe com o depósito,

— Onde foges? —  
lhe chama — Onde te leva, ó temerário,  
a doida presunção de ligeireza?  
Contigo falo, meu biforme Nesso,  
meu homem cavalari, ou fera humana;  
para aí logo, logo, e larga o furto.  
Quando respeito meu te não movesse,  
devera o exemplo da paterna roda  
ensinar-te a temer uniões defesas.  
Oh! Por teres equina agilidade,

180

185

190

{fl.11}

a faladora fama, aéreo monstro  
que folga unir o falso ao verdadeiro,  
e cresce com as mentiras que derrama.  
Teu caro Anfitrióniáde está preso  
(segundo te ella diz) com meigos laços  
pela sua cativa amável Iole. —

\*

Aterrada do que ouve, ella ao princípio  
não fez mais que chorar, dando no pranto  
preciso desafogo à dor primeira;  
depois, como acordando,

— Eu por que choro? —  
exclama — Choros meus são glória dela;  
não, não quero à rival dar mais um gosto.  
Pois que ella já lá vem com o fementido,

200

205

não há que perder tempo; é necessario,  
antes que no meu thálamo succeda,  
buscar ao novo mal remedio novo.  
¿Queixar-me-hei?¿calar-me-hei?¿tornar-me á patria  
deverei? ¿deverei ficar á espera?  
¿convém fugir, deixar este palacio,  
não lhes servir de estôrvo? ¡Oh! ¡se eu quizesse  
mostrar-me digna irman de Meleágro!  
Talvez, talvez medito uma façanha....

}fl.12{ {fl.12}

Quanto valha uma injúria, e quanto possa  
a dor extrema em coração femíneo,  
pode ser que este braço o prove ao mundo,  
com a morte da rival.}] –

\*

N'um mar rolante  
de mil contradicções d'est'arte ondeia,  
té que um meio lhe acode ao qual se fixa.  
De Nesso a vestidura ensanguentada,  
pois que fógos de amor acende extintos,  
mandal-a determina ao vil perjuro.  
A Lycas, ignorante de tudo isto,  
a entrega pois; ¡mal pensa que lhe entrega  
a morte d'elle, e proxima, e terrivel.  
Com palavras de affecto lhe encommenda  
que ao seu consorte a leve.

\*

Eis parte Lycas;  
eis chega; entrega o mimo. O heroe aceita,  
e veste ignaro a tétrica peçonha.

\*

Começada a atear na ara marmórea  
a flamma ritual, já diffundia  
sobre ella o incenso, as supplicas devotas,

não há que perder tempo; é necessário,  
antes que no meu tálamo suceda,  
buscar ao novo mal remédio novo.  
Queixar-me-ei? Calar-me-ei? Tornar-me à pátria  
deverei? Deverei ficar à espera?  
Convém fugir, deixar este palácio,  
não lhes servir de estorvo? Oh! Se eu quizesse  
mostrar-me digna irmã de Meleagro!  
Talvez, talvez medito uma façanha...

{fl.12}

Quanto valha uma injúria, e quanto possa  
a dor extrema em coração femíneo,  
pode ser que este braço o prove ao mundo,  
com a morte da rival. —

\*

Num mar rolante  
de mil contradicções destarte ondeia,  
'té que um meio lhe acode ao qual se fixa.  
De Nesso a vestidura ensanguentada,  
pois que fogos de amor acende extintos,  
mandá-la determina ao vil perjuro.  
A Licas, ignorante de tudo isto,  
a entrega pois; mal pensa que lhe entrega  
a morte dele, e próxima, e terrível.  
Com palavras de afeto lhe encomenda  
que ao seu consorte a leve.

\*

Eis parte Licas;  
eis chega; entrega o mimo. O herói aceita,  
e veste ignaro a tétrica peçonha.

\*

Começada a atear na ara marmórea  
a flama ritual, já difundia  
sobre ela o incenso, as súplicas devotas,

210

215

220

225

230

}fl.13{ {fl.13}	{fl.13}
e da ampla taça generoso vinho.	e da ampla taça generoso vinho.
Do fogo a vizinhança a pouco e pouco	Do fogo a vizinhança a pouco e pouco 235
lhe derrete, lhe aqueça, lhe derrama	lhe derrete, lhe aqueça, lhe derrama
por todo o corpo o líquido funesto.	por todo o corpo o líquido funesto.
Com a sólita virtude o heroe conteve	Com a sólita virtude o herói conteve
ao princípio os gemidos; té que, exausto	ao princípio os gemidos; ‘té que, exausto
com a violencia do mal o soffrimento,	com a violência do mal o sofrimento, 240
arrója as aras, enche de alaridos	arroja as aras, enche de alaridos
as nemorasas amplidões do Eta.	as nemorasas amplidões do Eta.
Tenta rasgar as vestes assassinas;	Tenta rasgar as vestes assassinas;
;coisa atroz de contar! Parte se arranca,	coisa atroz de contar! Parte se arranca,
mas traz pregada a pelle; parte adhere,	mas traz pregada a pele; parte adere, 245
nem já dos membros sai por mais que a puche;	nem já dos membros sai por mais que a puxe;
ou leva a carne, e os grandes ossos despe.	ou leva a carne, e os grandes ossos despe.
O mesmo sangue, a modo de agua fria	O mesmo sangue, a modo de água fria
onde cai ferro em braza rechinando,	onde cai ferro em brasa rechinando,
entrado da peçonha ferve, espuma,	entrado da peçonha ferve, espuma, 250
requeima-se. Não pára n’isto o fogo:	requeima-se. Não para nisto o fogo:
com avidez as visceras o sorvem;	com avidez as vísceras o sorvem;
cérulas bagas de suor copioso	cérulas bagas de suor copioso
por todo o corpo lívido lhe escorrem;	por todo o corpo lívido lhe escorrem;
rangem-lhe os nervos do fervor tostados;	rangem-lhe os nervos do fervor tostados; 255
sentem-se derreter-se-lhe.	sentem-se derreter-se-lhe.
*	*
– “Ó Saturnia, –	— Ó Satúrnia, –
exclama alçando as mãos para as estrellas –	exclama alçando as mãos para as estrelas –

}fl.14{ {fl.14}	{fl.14}
pasce-te dos tormentos que me assolam;	pasce-te dos tormentos que me assolam;
consola de uma vez teu fero peito;	consola de uma vez teu fero peito;
ou, se estas dores compaixão merecem	ou, se estas dores compaixão merecem 260
té dos mais implacaveis inimigos	‘té dos mais implacáveis inimigos
(pois tal me foste sempre), por um resto	(pois tal me foste sempre), por um resto
de compaixão arranca-me esta vida	de compaixão arranca-me esta vida
malfadada a trabalhos, consternada	malfadada a trabalhos, consternada

de ignoto mal. ¡A morte! ¡oh! dá-me a morte,  
que é dádiva bem digna de madrasta....

\*

¿Pois não fui eu quem subjugou Busiris,  
esse, que de estrangeiro sangue as aras  
enxovalhava impune? ¿Entre estes braços,  
o duro Anteu, não o esbulhei das fôrças  
que a mãe lhe dava? ¿Do pastor Ibéro  
as formas tres, e as tres caninas fauces  
de Cerbéro, temi-as por ventura?  
¿Não sois vós, ó meus braços, que domastes  
o furioso toiro? ¿sobrehumano  
exfôrço não mostrastes lá nas margens  
do Stymphalo, na Élide, e no bosque  
de Parthénia? ¿Outras mãos, se não as minhas,  
do Thermodonte á beira, conquistaram  
o rico boldrié chapeado de oiro,

}fl.15{ {fl.15}

e os pomos que té ali zelava o monstro?  
Nem Centauros puderam resistir-me,  
nem o bruto cerdoso, horror da Arcádia;  
á Hydra não valeu multiplicar-se,  
ganhar nas perdas redobradas fôrças.

\*

¿Que digo? E quando eu vi corcéis da Thrácia  
gordos de sangue humano, e as manjadoiras  
atacadas de membros em pedaços,  
¿não as arrazei logo, e ao dono e aos brutos  
não os impuz da vida? Ao desconforme  
leão Nemeu, despedacei-o; Caco,  
monstro funesto, dei-o [↑morto] ao Tibre;  
sobre este hombro aguentei dos ceos o pêzo.  
Emfim: de Jove a esposa vingativa  
cançou-se de me impôr trabalhos duros,  
sem me eu cançar de lh'os cumprir. Mas hoje

de ignoto mal. A morte! Ó! Dá-me a morte,  
que é dádiva bem digna de madrasta...

\*

Pois não fui eu quem subjugou Busíris,  
esse, que de estrangeiro sangue as aras  
enxovalhava impune? Entre estes braços,  
o duro Anteu, não o esbulhei das fôrças  
que a mãe lhe dava? Do pastor Ibero  
as formas três, e as três caninas fauces  
de Cerbéro, temi-as porventura?  
Não sois vós, ó meus braços, que domastes  
o furioso toiro? Sobre-humano  
esforço não mostrastes lá nas margens  
do Estínfalo, na Élide, e no bosque  
de Partênia? Outras mãos, se não as minhas,  
do Termodonte à beira, conquistaram  
o rico boldrié chapeado de oiro,

{fl.15}

e os pomos que 'té ali zelava o monstro?  
Nem centauros puderam resistir-me,  
nem o bruto cerdoso, horror da Arcádia;  
à Hidra não valeu multiplicar-se,  
ganhar nas perdas redobradas fôrças.

\*

Que digo? E quando eu vi corcéis da Trácia  
gordos de sangue humano, e as manjadoiras  
atacadas de membros em pedaços,  
não as arrasei logo, e ao dono e aos brutos  
não os impus da vida? Ao desconforme  
leão Nemeu, despedacei-o; Caco,  
monstro funesto, dei-o morto ao Tibre;  
sobre este ombro aguentei dos céus o peso.  
Emfim: de Jove a esposa vingativa  
cansou-se de me impor trabalhos duros,  
sem me eu cansar de lhos cumprir. Mas hoje

265

270

275

280

285

290

295

contra esta nova praga acerba, estranha,  
 não vale exfôrço ou ferro; sinto o incendio  
 por dentro dos pulmões voraz lavar-me,  
 e ir-me assolando a um tempo os membros todos;  
 eu... fino-me; e Eurystheu respira illéso.  
 ¿E inda haverá quem acredite em nubes?!” –

\*

}fl.16{ {fl.16}

\*

Diz, e parte a correr desatinado  
 pelo alteroso Eta, comparavel  
 ao toiro quando em si leva a garrocha,  
 e não vê de que mão lhe veio o tiro.  
 Vel-o-hieis a miudo consternando  
 os rochedos com ais, a miudo entregue  
 a frias convulsões, a miudo as roupas  
 retentando esparzir despedaçadas,  
 demolindo altas arvores, mil vezes  
 raivando contra os montes, outras muitas  
 contra o paterno ceo volvendo as palmas.

\*

N’uma cônica penha eis nota occulto,  
 e de mêdo tremendo, o pobre Lycas;  
 e na explosão da dor,  
 – |“¿És tu – lhe grita –  
 Lycas, és tu que me estes dons trouxeste?  
 ¿tu és a causa por que eu morro, ó Lycas?” –

\*

Côr de defunto o mísero, tremendo,  
 balbucía palavras de desculpa,  
 pretendendo abraçar-se-lhe aos joelhos.  
 O heroe o agarra; e tres e quatro vezes  
 rodado na mão rapida, o dispara  
 como balista para o mar da Eubeia.

contra esta nova praga acerba, estranha,  
 não vale esforço ou ferro; sinto o incêndio  
 por dentro dos pulmões voraz lavar-me,  
 e ir-me assolando a um tempo os membros todos; 300  
 eu... fino-me; e Euristeu respira ileso.  
 E inda haverá quem acredite em nubes? —

\*

{fl.16}

\*

Diz, e parte a correr desatinado  
 pelo alteroso Eta, comparável  
 ao toiro quando em si leva a garrocha, 305  
 e não vê de que mão lhe veio o tiro.  
 Vê-lo-íeis a miúdo consternando  
 os rochedos com ais, a miúdo entregue  
 a frias convulsões, a miúdo as roupas  
 retentando esparzir despedaçadas, 310  
 demolindo altas árvores, mil vezes  
 raivando contra os montes, outras muitas  
 contra o paterno céu volvendo as palmas.

\*

Numa cônica penha eis nota occulto,  
 e de medo tremendo, o pobre Licas; 315  
 e na explosão da dor,  
 — És tu – lhe grita –  
 Licas, és tu que me estes dons trouxeste?  
 Tu és a causa por que eu morro, ó Licas? —

\*

Cor de defunto o mísero, tremendo,  
 balbucia palavras de desculpa, 320  
 pretendendo abraçar-se-lhe aos joelhos.  
 O herói o agarra; e três e quatro vezes  
 rodado na mão rápida, o dispara  
 como balista para o mar da Eubeia.





Já seguro, já rijo, andava o fogo  
 por toda a parte em volta crepitando;  
 já, contrahido o cêrco, arremettia  
 com os descansados membros desconformes  
 do seu desprezador. Aos deuses, vendo  
 o vingador da terra em tanto apêrto,  
 os corações de susto se opprimiram.  
 Jove, que o percebeu, lhes diz contente:  
 – |“|N’essa vossa afflicção góso eu delicias,  
 moradores do Olympo, e vos declaro  
 que me dou parabens, por ser de um povo  
 tão grato o chefe e o padre, e pelo extremo  
 com que favoreceis a prole minha.  
 Sei que vol-o merece por seus feitos;  
 penhorais-me entretanto. ¡Eia! Deponde  
 dos leaes corações baldados sustos;  
 ride dos fogos que avistais no Eta;  
 quem tudo mais venceu, vencel-os há-de.  
 Vulcano só tem jus de consumir-lhe

}fl.19{ {fl.19}

o que lhe veio pela mãe terrestre;  
 o mais, é emanação da essencia minha:  
 incombustivel, immortal, supremo.  
 Essa parte quero eu salva do mundo  
 acolhel-a em meus ceos. Conto que os deuses  
 recebam com agrado esta noticia;  
 e se a alguem desapraz ou mortifica  
 ver Hercules alçado a grau de nume,  
 embora esse o deseje defraudado  
 dos premios que vou dar-lhe, certamente  
 a seu proprio despeito há-de approval-os.”| –

\*

Assentiram os deuses. A alta Esposa  
 Real não se ostentou contrária aos ditos  
 de Jove, nem mostrou ferrenho aspecto;

Já seguro, já rijo, andava o fogo 355  
 por toda a parte em volta crepitando;  
 já, contraído o cerco, arremetia  
 com os descansados membros desconformes  
 do seu desprezador. Aos deuses, vendo  
 o vingador da terra em tanto aperto, 360  
 os corações de susto se opprimiram.  
 Jove, que o percebeu, lhes diz contente:  
 — Nessa vossa afflicção gozo eu delícias,  
 moradores do Olimpo, e vos declaro  
 que me dou parabéns, por ser de um povo 365  
 tão grato o chefe e o padre, e pelo extremo  
 com que favoreceis a prole minha.  
 Sei que vô-lo merece por seus feitos;  
 penhorais-me entretanto. Eia! Deponde  
 dos leais corações baldados sustos; 370  
 ride dos fogos que avistais no Eta;  
 quem tudo mais venceu, vencê-los há de.  
 Vulcano só tem jus de consumir-lhe

{fl.19}

o que lhe veio pela mãe terrestre;  
 o mais, é emanação da essência minha: 375  
 incombustível, imortal, supremo.  
 Essa parte quero eu salva do mundo  
 acolhê-la em meus céus. Conto que os deuses  
 recebam com agrado esta notícia;  
 e se a alguém desapraz ou mortifica 380  
 ver Hércules alçado a grau de nume,  
 embora esse o deseje defraudado  
 dos prêmios que vou dar-lhe, certamente  
 a seu próprio despeito há de aprová-los. —

\*

Assentiram os deuses. A alta esposa 385  
 real não se ostentou contrária aos ditos  
 de Jove, nem mostrou ferrenho aspecto;

só no remate sim, que assaz vê claro  
que a picante allusão lhe vem direita.

\*

Entretanto as fulgentes labaredas  
toda a porção caduca exausto haviam;  
tão outro do que foi ressurge o grande,  
que não há conhecel-o; as semelhanças  
das maternas feições se lhe esvahiram;  
das de Jove, porém, revive o cunho.

}fl.20{ {fl.20}

Serpe, que ao reflorir dos bellos dias  
despe em sarça espinhosa a antiga pelle,  
com galhardia ufana assim revolve  
no dorso novo as fulgidas escamas.  
Salvo da essencia humana o grão Tiryntio  
no que optimo em si tinha está florente;  
já parece maior; já se afigura  
ir assumindo augusta gravidade,  
e um não-sei-quê divino. O Pae Supremo  
em rapida quadriga envôlta em nuvens  
n'isto o arrebatada da mesquinha terra,  
e o junta aos astros do radioso Olympo.

\*

Tanto assim, que do acréscimo do pêzo  
ficou pasmado Atlante.

Emfim, seguro

pela ausencia do heroe já crer se pode  
o Sthenélio Eurystheu; sim, mas a sanha  
inda lhe não passou; o odio que tinha  
ao pae, abrange a hercúlea descendencia.

\*

Alcmena, de seu Hercules privada,  
arrasta em pranto os dias da velhice,

só no remate sim, que assaz vê claro  
que a picante alusão lhe vem direita.

\*

Entretanto as fulgentes labaredas 390  
toda a porção caduca exausto haviam;  
tão outro do que foi ressurge o grande,  
que não há conhecê-lo; as semelhanças  
das maternas feições se lhe esvaíram;  
das de Jove, porém, revive o cunho. 395

{fl.20}

Serpe, que ao reflorir dos bellos dias  
despe em sarça espinhosa a antiga pele,  
com galhardia ufana assim revolve  
no dorso novo as fúlgidas escamas.  
Salvo da essencia humana o grão tirintio 400  
no que ótimo em si tinha está florente;  
já parece maior; já se afigura  
ir assumindo augusta gravidade,  
e um não-sei-quê divino. O pai supremo  
em rápida quadriga envolta em nuvens 405  
nisto o arrebatada da mesquinha terra,  
e o junta aos astros do radioso Olimpo.

\*

Tanto assim, que do acréscimo do peso  
ficou pasmado Atlante.

Emfim, seguro

pela ausência do herói já crer se pode 410  
o Estenélio Euristeu; sim, mas a sanha  
inda lhe não passou; o ódio que tinha  
ao pai, abrange a hercúlea descendência.

\*

Alcmena, de seu Hércules privada,  
arrasta em pranto os dias da velhice, 415

}fl.21{ {fl.21}

{fl.21}

de saudades ralada e de cuidados.  
 Felizmente, contudo, inda lhe resta  
 com quem desabafar, quem meiga escuta  
 suas queixas annís, os tristes lances  
 em que se ella tem visto, e os feitos raros  
 que Hercules praticou por todo esse orbe.  
 Esta é Ióle, a quem Hyllo, um dos egregios  
 filhos do heroe, cumprindo a lei paterna,  
 e enlevado de amor, se unira esposo.  
 Já um fruto do thálamo, esperança  
 d'esta linhagem grande, arredondava  
 da bella Ióle as delicadas formas.  
 Um dia a velha Alcmena, reparando  
 n'aquelle seio túrgido, lhe disse:  
 – |“Sejam-te ao menos prósperos os deuses,  
 minha querida Ióle; e em tu chamando  
 por Ilithya, tutelar dos partos,  
 n'essa hora apertadissima lhe intimem  
 que te liberte logo, e te não faça  
 o que me fez a mim por servir Juno.  
 Tempo era de nascer para fadigas  
 o meu filho de Jupiter; entrára  
 o sol no signo decimo; este ventre  
 andava em modo tumido, e tal pêzo  
 sentia em mim, que só em pôr-me os olhos  
 se podia entender o autor do feito.  
 Já me eu não atrevia ir por diante  
 com tamanho trabalho; agora mesmo,  
 toda eu só de contal-o me arripío,  
 e quase sinto a dor pensando n'ella.

\*

Exhaustos em tormentos inauditos  
 sete dias a fio e sete noites,

de saudades ralada e de cuidados.  
 Felizmente, contudo, inda lhe resta  
 com quem desabafar, quem meiga escuta  
 suas queixas anis, os tristes lances  
 em que se ela tem visto, e os feitos raros  
 que Hércules praticou por todo esse orbe.  
 Esta é Iole, a quem Hilo, um dos egrégios  
 filhos do herói, cumprindo a lei paterna,  
 e enlevado de amor, se unira esposo.  
 Já um fruto do tálamo, esperança  
 desta linhagem grande, arredondava  
 da bela Iole as delicadas formas.  
 Um dia a velha Alcmena, reparando  
 naquele seio túrgido, lhe disse:  
 — Sejam-te ao menos prósperos os deuses,  
 minha querida Iole; e em tu chamando  
 por Ilitia, tutelar dos partos,  
 nessa hora apertadíssima lhe intimem  
 que te liberte logo, e te não faça  
 o que me fez a mim por servir Juno.  
 Tempo era de nascer para fadigas  
 o meu filho de Júpiter; entrara  
 o sol no signo décimo; este ventre  
 andava em modo tímido, e tal peso  
 sentia em mim, que só em pôr-me os olhos  
 se podia entender o autor do feito.  
 Já me eu não atrevia ir por diante  
 com tamanho trabalho; agora mesmo,  
 toda eu só de contá-lo me arrepio,  
 e quase sinto a dor pensando nela.

\*

Exhaustos em tormentos inauditos  
 sete dias a fio e sete noites,

}fl.22{ {fl.22}	{fl.22}
e gasta a paciencia, entrei a brados, e de mãos postas a invocar Lucina, que o remitente parto me soltasse; ella veio, em verdade, mas peitada, e resoluta de immolar-me a Juno, pois, mal que ouviu meus ais, veio sentar-se ahi fora n'um poial, mui disfarçada, sobre o joelho esquerdo descansando a curva da direita, as mãos unidas com os dedos mutuamente intercachados; tudo para empecer-me o bom successo. Murmurou lá comsigo occultas vozes, que fizeram que o parto começado se engasgou totalmente. Faço exfórços, chamo desassisada a Jove “ingrato”, imploro a morte, e tantas coisas digo de tão sobeja lástima, que julgo nem pedras sem piedade as ouviriam. Todas as mães Thebanas se me ajuntam, fazem consternadissimas promessas, e exhortam-me a ter ânimo, e a livrar-me d'aquelle afflicto passo.	e gasta a paciência, entrei a brados, e de mãos postas a invocar Lucina, que o remitente parto me soltasse; ela veio, em verdade, mas peitada, e resoluta de imolar-me a Juno, pois, mal que ouviu meus ais, veio sentar-se aí fora num poial, mui disfarçada, sobre o joelho esquerdo descansando a curva da direita, as mãos unidas com os dedos mutuamente intercachados; tudo para empecer-me o bom successo. Murmurou lá consigo occultas vozes, que fizeram que o parto começado se engasgou totalmente. Faço esforços, chamo desassisada a Jove “ingrato”, imploro a morte, e tantas coisas digo de tão sobeja lástima, que julgo nem pedras sem piedade as ouviriam. Todas as mães tebanas se me ajuntam, fazem consternadíssimas promessas, e exortam-me a ter ânimo, e a livrar-me daquele aflito passo.
*	*
Uma das servas	Uma das servas
que se achavam comigo, era Galanthis, plebeia muito loira, muito experta,	que se achavam comigo, era Galântis, plebeia muito loira, muito experta,
}fl.23{ {fl.23}	{fl.23}
mui serviçal, e a quem por isso eu tinha votado em todo o tempo um grande affecto. Percebeu que de Juno me provinha não sei que mal; sahindo e entrando a miudo, viu fora dos hombraes estar Lucina no poial, descansando nos joelhos as mãos (como já disse) entrelaçadas;	mui serviçal, e a quem por isso eu tinha votado em todo o tempo um grande afeto. Percebeu que de Juno me provinha não sei que mal; saindo e entrando a miúdo, viu fora dos umbrais estar Lucina no poial, descansando nos joelhos as mãos (como já disse) entrelaçadas;

e diz-lhe:

– |“|Podes dar, quem quer que sejas,  
os parabens a Alcmena, que está livre,  
e já lá tem um filho.”| –

A taes palavras,  
a deusa que preside aos nascimentos  
salta assombrada em pé, e as mãos desune;  
mal que desune as mãos, saio eu do empacho,  
e dou á luz meu filho. Ora o que eu oiço,  
é que a gíria Galanthis se largára  
a rir, por ter logrado uma deidade;  
mas esta agarra-lhe os cabellos, lança-a  
ao chão, veda-lhe erguer-se, em pés dianteiros  
lhe muda os braços, e lhe inverte a forma;  
quanto a experteza e côr, deixa-lhe as mesmas.  
¿Loirejavam-lhe as tranças pelas costas?

}fl.24{ {fl.24}

pelos costas os pêllos lhe loirejam;  
como foi pela bôcca mentirosa  
que a parir me ajudou, por ella pare,  
e, como d’antes, pelas casas mora.”|

\*

Aqui a boa Alcmena emudecendo  
suspirou com saudade de Galanthis.

\*

– |“|Inda <tu> [↑a ti], minha mãe, – lhe diz Ióle,  
para ver se a distrai – só te consternam  
transformações de quem te não foi nada.  
¿Que dirás tu, se te eu contar a historia  
da minha propria irman? Vê como o pranto  
já me embaraça a voz; mas forcejemos  
pelo vencer; escuta-me. Foi esta  
(Dríope era o seu nome) a unica filha  
que sua mãe tivera; eu nasci d’outra.  
Sahiu Dríope em tanto extremo bella,

e diz-lhe:

‘Podes dar, quem quer que sejas,  
os parabéns a Alcmena, que está livre, 480  
e já lá tem um filho’.

A tais palavras,  
a deusa que preside aos nascimentos  
salta assombrada em pé, e as mãos desune;  
mal que desune as mãos, saio eu do empacho,  
e dou à luz meu filho. Ora o que eu oiço, 485  
é que a gíria Galântis se largara  
a rir, por ter logrado uma deidade;  
mas esta agarra-lhe os cabelos, lança-a  
ao chão, veda-lhe erguer-se, em pés dianteiros  
lhe muda os braços, e lhe inverte a forma; 490  
quanto a esperteza e cor, deixa-lhe as mesmas.  
Loirejavam-lhe as tranças pelas costas?

{fl.24}

Pelas costas os pelos lhe loirejam;  
como foi pela boca mentirosa  
que a parir me ajudou, por ela pare, 495  
e, como dantes, pelas casas mora. —

\*

Aqui a boa Alcmena emudecendo  
suspirou com saudade de Galântis.

\*

— Inda a ti, minha mãe, – lhe diz Iole,  
para ver se a distrai – só te consternam 500  
transformações de quem te não foi nada.  
Que dirás tu, se te eu contar a história  
da minha própria irmã? Vê como o pranto  
já me embaraça a voz; mas forcejemos  
pelo vencer; escuta-me. Foi esta 505  
(Dríope era o seu nome) a única filha  
que sua mãe tivera; eu nasci doutra.  
Saiu Dríope em tanto extremo bela,

que entre as bellas da Echália era falada.  
Depois de a virgindade haver perdido  
por violencia do deus que habita em Delos,  
Andrémon a tomou por sua esposa  
e era feliz.

}fl.25{ {fl.25}

\*

Existe uma alagôa,  
cuja margem precípitate afeiçôava  
uma especie de praia; pelos altos  
corôa-se de murtas que a sombreiam.  
Ali chegára Dríope, bem fora  
do seu cruel destino, e tencionando  
(o que inda offende mais) do sitio ás Nymphas  
grinaldas offertar. Levava ao collo  
um pequenino seu, não de anno ainda,  
e que ella mesma ao seio amamentava.  
Promettedora de suaves frutos,  
uma aquática lóto, ao rez do lago,  
como trajando purpuras floria.  
Para dar uma prenda ao seu menino,  
Dríope colheu d'ella algumas flores;  
eu que me achava ali, já quasi quasi  
ia fazer o mesmo, quando observo  
que vertem sangue, e as ramas estremecem.  
Tarde, e já sem remédio, a causa d'isto  
nol-a hão dito do campo os moradores:  
Lóto, Nympha outro tempo, inda fugida  
á lascívia do soffrego Priapo,  
fez-se de bella Nympha em bella planta;  
livrou-se, e do que foi só guarda o nome.

\*

que entre as belas da Ecália era falada.  
Depois de a virgindade haver perdido  
por violência do deus que habita em Delos,  
Andrémon a tomou por sua esposa  
e era feliz.

510

{fl.25}

\*

Existe uma alagoa,  
cuja margem precípitate afeiçoava  
uma espécie de praia; pelos altos  
coroa-se de murtas que a sombreiam.  
Ali chegara Dríope, bem fora  
do seu cruel destino, e tencionando  
(o que inda ofende mais) do sítio às ninfas  
grinaldas ofertar. Levava ao colo  
um pequenino seu, não de ano ainda,  
e que ela mesma ao seio amamentava.  
Prometedora de suaves frutos,  
uma aquática loto, ao rés do lago,  
como trajando púrpuras floria.  
Para dar uma prenda ao seu menino,  
Dríope colheu dela algumas flores;  
eu que me achava ali, já quase quase  
ia fazer o mesmo, quando observo  
que vertem sangue, e as ramas estremecem.  
Tarde, e já sem remédio, a causa disto  
no-la hão dito do campo os moradores:  
Loto, ninfa outro tempo, inda fugida  
à lascívia do sôfrego Priapo,  
fez-se de bela ninfa em bela planta;  
livrou-se, e do que foi só guarda o nome.

515

520

525

530

535

\*

}fl.26{ {fl.26}	{fl.26}
<p>Minha irman, que ignorava inteiramente o caso (assim como eu), sobressaltou-se; recúa horrorizada; implora as Nymphas, e quer fugir do sitio; os pés ao solo eis se lhe arraigam; faz para arrancal-os exfôrço sobre exfôrço. ¡Ah! ¿que aproveita? Só por cima se move; principia a medrar na estatura; arbórea casca lhe vai trepando, a vai cingindo em tórno, já lhe devora as côxas; o que vendo a infeliz, delirada arrója ás tranças as frenéticas mãos, quer arrancal-as, e só arranca fôlhas, que só fôlhas lhe encomam a cabeça. O tenro Amphysso (que este nome ao menino havia posto Euryto, seu avô) por mais que sugue já não percebe leite, e entre as mãosinhas os peitos maternaes se lhe enrijecem.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>Minha irmã, que ignorava inteiramente o caso (assim como eu), sobressaltou-se; recua horrorizada; implora as ninfas, e quer fugir do sitio; os pés ao solo eis se lhe arraigam; faz para arrancá-los esforço sobre esforço. Ah! Que aproveita? Só por cima se move; principia a medrar na estatura; arbórea casca lhe vai trepando, a vai cingindo em torno, já lhe devora as coxas; o que vendo a infeliz, delirada arroja às tranças as frenéticas mãos, quer arrancá-las, e só arranca folhas, que só folhas lhe encomam a cabeça. O tenro Anfisso (que este nome ao menino havia posto Eurito, seu avô) por mais que sugue já não percebe leite, e entre as mãozinhas os peitos maternais se lhe enrijecem.</p> <p style="text-align: center;">*</p>
<p>Eu via, cara irman, teu fado horrendo sem te poder valer. Quanto em mim coube, lidei por demoral-o, ora abraçada ao tronco recrescente, agora aos ramos. Confesso: n'aquella hora os meus desejos,</p>	<p>Eu via, cara irmã, teu fado horrendo sem te poder valer. Quanto em mim coube, lidei por demorá-lo, ora abraçada ao tronco recrescente, agora aos ramos. Confesso: naquela hora os meus desejos,</p>
}fl.27{ {fl.27}	{fl.27}
<p>meus exfôrços, meus votos, não tendiam a mais, que a me entranhar na mesma casca.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>meus esforços, meus votos, não tendiam a mais, que a me entranhar na mesma casca.</p> <p style="text-align: center;">*</p>
<p>N'isto, acodem Andrémon, seu esposo, e o nosso triste pae; perguntam-me ambos: –  ¿E Dríope onde está?  –</p> <p style="text-align: center;">Mostrar o loto</p>	<p>Nisto, acodem Andrémon, seu esposo, e o nosso triste pai; perguntam-me ambos: 'E Dríope onde está?'</p> <p style="text-align: center;">Mostrar o loto</p>
<p>é a minha resposta; correm, beijam, em chorosa porfia o lenho môrno,</p>	<p>é a minha resposta; correm, beijam, em chorosa porfia o lenho morno,</p>

rojam-se pelo pó desesperados  
sobre as raízes de arvore tão sua.  
Da minha doce irman já nada nada  
restava, excepto o rosto, d'onde em rios  
orvalha com seu pranto as folhas suas.  
Em quanto lhe foi dado, e labios teve,  
estes sons derramou:

– |“|Se aos desgraçados

se deve alguma fé, protesto aos numes:  
nada fiz que mereça horror tamanho.  
Innocente vivi, findo innocente;  
áridas minhas folhas se despeguem,  
se minto. Pelo pé cruel machado  
me corte, e mão feroz me lance ao fogo.  
;Oh! tirae-me, tirae-me, por piedade,

}fl.28{ {fl.28}

dos ramos maternas este menino;  
dae-lhe segunda mãe, que ao seio o nutra;  
fazei que muita vez á minha sombra  
venha mamar, que brinque em minha relva.  
Logo que falar possa, acostumae-o  
a saudar sua mãe, e a dizer triste:  
“Minha mãe, tenho-a ali n'aquelle tronco.”  
De lagos trema sempre. Em vendo flores  
nunca as tire das árvores; supponha  
em cada arvore occulta alguma deusa.  
;Adeus, querido esposo, irman querida,  
querido pae, adeus! Resta-me um rogo;  
se em vós se acha piedade, hei-de cumprir-m'ó:  
não consintais que dura foice corte,  
nem gado rôa e estrague, as folhas minhas.  
E agora.... Vinde, vinde, que eu não posso  
dobrar-me para vós; erguei-vos todos.  
;Oh, meu filho! ;meu filho!;alçae-m'ó! ;alçae-m'ó!  
Não posso mais; o collo se me encasca....

rojam-se pelo pó desesperados  
sobre as raízes de árvore tão sua.  
Da minha doce irmã já nada nada  
restava, exceto o rosto, donde em rios  
orvalha com seu pranto as folhas suas.  
Enquanto lhe foi dado, e lábios teve,  
estes sons derramou:

‘Se aos desgraçados

se deve alguma fé, protesto aos numes:  
nada fiz que mereça horror tamanho.  
Inocente vivi, findo innocente;  
áridas minhas folhas se despeguem,  
se minto. Pelo pé cruel machado  
me corte, e mão feroz me lance ao fogo.  
Oh! Tirai-me, tirai-me, por piedade,

{fl.28}

dos ramos maternais este menino;  
dai-lhe segunda mãe, que ao seio o nutra;  
fazei que muita vez à minha sombra  
venha mamar, que brinque em minha relva.  
Logo que falar possa, acostumai-o  
a saudar sua mãe, e a dizer triste:  
“Minha mãe, tenho-a ali naquele tronco.”  
De lagos trema sempre. Em vendo flores  
nunca as tire das árvores; suponha  
em cada árvore occulta alguma deusa.  
Adeus, querido esposo, irmã querida,  
querido pai, adeus! Resta-me um rogo;  
se em vós se acha piedade, hei de cumprir-mo:  
não consintais que dura foice corte,  
nem gado roa e estrague, as folhas minhas.  
E agora.... Vinde, vinde, que eu não posso  
dobrar-me para vós; erguei-vos todos.  
Ó, meu filho! Meu filho! Alçai-mo! Alçai-mo!  
Não posso mais; o colo se me encasca....

570

575

580

585

590

595



Toda me sumo; não me estejam pondo  
as mãos nos olhos; a cortiça avara  
basta, sem vós, para fechar-m'os breve.]" –

\*

Aqui findou-lhe a um tempo o ser e a fala,  
ficando espaço largo os ramos quentes]."

}fl.29{ {fl.29}

\*

Em quanto consternada a Eurytia Ióle  
assim narrava o caso miserando  
entre infinitas lagrimas, e Alcmena  
lh'as buscava limpar vertendo as suas,  
veio pôr ponto nas tristezas de ambas  
um sucesso bem novo. Às altas portas  
aparece Iolau, de gran velhice,  
revocado outra vez á flor dos annos,  
quasi menino, as menineiras faces  
mal apontadas de subtil lanugem.  
Esta rara mercê tu lh'a fizeras,  
cedendo a instancias de Hercules seu tio,  
moça filha de Juno, amavel Hébe;  
sim, porque em ti não coube recusal-a;  
a instancias do consorte, e a qualquer outro,  
lhe ias quase jurar que o não farias,  
quando Thémis se oppôz ao juramento.

\*

– |"Já de fatal discordia em Thebas vejo –  
diz ella – rebentar sanguínea guerra;  
lá marcha Capaneu feroz e invicto,  
a quem só prostrará de Jove o raio;  
os dois impios irmãos lá se acomettem;  
adversos na existencia, a morte os une;  
rasga-se a terra, e Amphiaráu devora,

Toda me sumo; não me estejam pondo 600  
as mãos nos olhos; a cortiça avara  
basta, sem vós, para fechar-mos breve. '

\*

Aqui findou-lhe a um tempo o ser e a fala,  
ficando espaço largo os ramos quentes. —

{fl.29}

\*

Enquanto consternada a Eurítia Iole 605  
assim narrava o caso miserando  
entre infinitas lágrimas, e Alcmena  
lhas buscava limpar vertendo as suas,  
veio pôr ponto nas tristezas de ambas  
um sucesso bem novo. Às altas portas 610  
aparece Iolau, de grã velhice,  
revocado outra vez à flor dos anos,  
quase menino, as menineiras faces  
mal apontadas de sutil lanugem.  
Esta rara mercê tu lha fizeras, 615  
cedendo a instâncias de Hércules seu tio,  
moça filha de Juno, amável Hebe;  
sim, porque em ti não coube recusá-la;  
a instâncias do consorte, e a qualquer outro,  
lhe ias quase jurar que o não farias, 620  
quando Têmis se opôs ao juramento.

\*

— Já de fatal discórdia em Tebas vejo –  
diz ela – rebentar sanguínea guerra;  
lá marcha Capaneu feroz e invicto,  
a quem só prostrará de Jove o raio; 625  
os dois ímpios irmãos lá se acometem;  
adversos na existência, a morte os une;  
rasga-se a terra, e Anfiarau devora,

}fl.30{ {fl.30}	{fl.30}
<p>que desce a ver em vida os próprios Manes;          Alcmeón vinga o pae na mãe traidora,          tornado a um tempo scelerado e pio;          com o parricidio atônito, perdendo          lares, patria, e rasão, vanmente foge          á sombra de sua mãe, e ás Fúrias tôrvas,          até que a nova esposa lhe reclame          o áureo collar fatal, e que o cunhado          Phegeu nos flancos lhe introduza o ferro.          Emfim: ao grande Jove há-de Callirrhoe          pedir para seus filhos pequeninos          mais annos; e o grão Padre, deferindo          ás supplicas da nora e da enteada,          em varões feitos mudará crianças.]” –</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Quando a presága voz de Thémis houve          desvendado o porvir, várias soavam          tumultuosas as práticas dos deuses;          dizia-se:  —“¿Esse don, porque não hão-de          gosál-o outros também?” A de Pallante          irman, a Aurora, sólta-se em queixumes          por ter velho o marido; a branda Ceres          lamenta o branquejar das cans de Jásion.</p>	<p>que desce a ver em vida os próprios manes;          Alcmeon vinga o pai na mãe traidora,          tornado a um tempo celerado e pio;          com o parricídio atônito, perdendo          lares, pátria, e razão, vãmente foge          à sombra de sua mãe, e às Fúrias torvas,  <i>até que a nova esposa lhe reclame</i>  <i>o áureo colar fatal, e que o cunhado</i>  <i>Fegeu nos flancos lhe introduza o ferro.</i>  <i>Enfim: ao grande Jove há de Calírrhoe</i>  <i>pedir para seus filhos pequeninos</i>  <i>mais annos; e o grão padre, deferindo</i>  <i>às súplicas da nora e da enteada,</i>  <i>em varões feitos mudará crianças. —</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p><i>Quando a pressaga voz de Têmis houve</i>  <i>desvendado o porvir, várias soavam</i>  <i>tumultuosas as práticas dos deuses;</i>  <i>dizia-se: “Esse dom, porque não hão de</i>  <i>gozá-lo outros também?” A de Palante</i>  <i>irmã, a Aurora, solta-se em queixumes</i>  <i>por ter velho o marido; a branda Ceres</i>  <i>lamenta o branquejar das cãs de Jásion.</i></p>
}fl.31{ {fl.31}	{fl.31}
<p>Vulcano pede que Erictónio torne          a vida nova; Venus mesma, inquieta          pelo porvir, almeja mocidade          a Anchises; cada nume advoga a causa          de um mortal. Com o empenho o rumor cresce;          já quase é sedição.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>“Se inda mantendes          “respeito a mim, – diz Jove – ¡sus! ¡prudencia!          “¿Quê?! ¿pensais contrastar as leis da Sorte?</p>	<p><i>Vulcano pede que Erictónio torne</i>  <i>a vida nova; Vênus mesma, inquieta</i>  <i>pelo porvir, almeja mocidade</i>  <i>a Anquises; cada nume advoga a causa</i>  <i>de um mortal. Com o empenho o rumor cresce;</i>  <i>já quase é sedição.</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>— <i>Se inda mantendes</i>  <i>respeito a mim, – diz Jove – sus! Prudência!</i>  <i>Quê?! Pensais contrastar as leis da sorte?</i></p>

“por mercê d’essas leis Ioláu reverte  
 “ao seu passado, e os filhos de Callírrhoe  
 “vingam á juventude; altos decretos  
 “e não fruto de brigas. O Destino  
 “governa-vos a vós, e a mim; respeitem-se  
 “pois suas leis. Se as eu mudar pudesse,  
 “Éaco filho meu não fôra um velho;  
 “Rhadamante gosára annos doirados,  
 “e o meu Minos tambem, que hoje desprezam,  
 “por ser ancião caduco, e ter perdido  
 “o condão de reinar.”

\*

}fl.32{ {fl.32}

Estas palavras

a divina assemblêa apasiguaram.  
 Ninguém se queixa. Éaco e Rhadamanto  
 além estão sob o pêzo dos invernos;  
 lá está Minos tambem, que em flórea idade  
 só com o terror do nome dominava;  
 inválido hoje treme de Mileto,  
 juvenil filho de Deióne, [↑e] ousado  
 blasonador de alta Phebeia origem;  
 teme-lhe Minos a ambição, mas teme  
 não menos o sahir dos patrios lares.  
 Por teu livre alvedrío eis tu, Mileto,  
 foges; na náu veloz o Egeu recortas,  
 e em terras de Asia uma cidade eriges  
 ufana do teu nome. Conheceste  
 ahi Cyâne, em quanto as curvas margens  
 do paterno Meandro, desdobradas,  
 tornadas a dobrar, ella seguia,  
 a formosa Cyâne, a tão falada,  
 a que gémeos brotou Byblis e Cauno. (1)

*Por mercê dessas leis Iolau reverte  
 ao seu passado, e os filhos de Calírroe* 660  
*vingam à juventude; altos decretos  
 e não fruto de brigas. O destino*  
*governa-vos a vós, e a mim; respeitem-se  
 pois suas leis. Se as eu mudar pudesse,*  
*Eaco filho meu não fora um velho;* 665  
*Radamante gozara anos doirados,  
 e o meu Minos também, que hoje desprezam,*  
*por ser ancião caduco, e ter perdido  
 o condão de reinar. —*

\*

{fl.32}

*Estas palavras*

*a divina assembleia apaziguaram.* 670  
*Ninguém se queixa. Eaco e Radamanto  
 além estão sob o peso dos invernos;  
 lá está Minos também, que em flórea idade  
 só com o terror do nome dominava;*  
*inválido hoje treme de Mileto,* 675  
*juvenil filho de Deione, e ousado  
 blasonador de alta Febeia origem;  
 teme-lhe Minos a ambição, mas teme  
 não menos o sair dos pátrios lares.*  
*Por teu livre alvedrio eis tu, Mileto,* 680  
*foges; na nau veloz o Egeu recortas,  
 e em terras de Ásia uma cidade eriges  
 ufana do teu nome. Conheceste  
 aí Ciane, enquanto as curvas margens  
 do paterno Meandro, desdobradas,* 685  
*tornadas a dobrar, ela seguia,  
 a formosa Ciane, a tão falada,  
 a que gémeos brotou BÍblis e Cauno. (1)*

(1) Todos os versos contidos na chave, desde até que, até Byblis e Cauno, se perderam da tradução de Castilho. Fomos obrigados a substituí-los por essa versão de nossa lavra.

Os Editores

}fl.33{ {fl.33}

Byblis vos seja exemplo, ó sexo frágil,  
para fugirdes a paixões defêzas,  
Byblis, que pelo irmão de amor se abraza,  
não do amor que de irmans a irmãos se deve,  
não do que ordena o Ceo e aplaude o mundo.  
Tal fogo ella ao princípio não suspeita;  
não tem por crime os beijos que amiuda;  
os abraços que dá, julga innocentes.  
Piedade fraternal grão tempo a cega;  
a afeição pouco a pouco amor se torna;  
ante o irmão já não vai desenfeitada;  
estuda nimiamente em ser formosa,  
e se outra vê mais linda é toda invejas;  
mas inda não se entende: ama, é verdade,  
mas sem tenções nem votos. Vai ás cegas  
no virgem coração lavrando o incendio.  
Aos titulos do sangue, que aborrece,  
já novos substitue, mimosos, meigos;  
chama-lhe o seu senhor, e pede que elle  
em vez de sua irman lhe diga Byblis.  
Tôrpes esp'ranças no ânimo comtudo  
não ousa apascentar em quanto véla;  
só quando entregue ao somno, a furto gósa

(1) Todos os versos contidos na chave, desde até que, até Bíblis e Cauno, se perderam da tradução de Castilho. Fomos obrigados a substituí-los por essa versão de nossa lavra.

Os Editores

{fl.33}

Bíblis vos seja exemplo, ó sexo frágil,  
para fugirdes a paixões defesas, 690  
Bíblis, que pelo irmão de amor se abraza,  
não do amor que de irmãs a irmãos se deve,  
não do que ordena o Céu e aplaude o mundo.  
Tal fogo ela ao princípio não suspeita;  
não tem por crime os beijos que amiúda; 695  
os abraços que dá, julga innocentes.  
Piedade fraternal grão tempo a cega;  
a afeição pouco a pouco amor se torna;  
ante o irmão já não vai desenfeitada;  
estuda nimiamente em ser formosa, 700  
e se outra vê mais linda é toda invejas;  
mas inda não se entende: ama, é verdade,  
mas sem tenções nem votos. Vai às cegas  
no virgem coração lavrando o incêndio.  
Aos títulos do sangue, que aborrece, 705  
já novos substitui, mimosos, meigos;  
chama-lhe o seu senhor, e pede que ele  
em vez de sua “irmã” lhe diga “Bíblis”.  
Torpes esp'ranças no ânimo contudo  
não ousa apascentar enquanto vela; 710  
só quando entregue ao sono, a furto goza

}fl.34{ {fl.34}

{fl.34}

da presença gentil delicias suas.  
 Muitas vezes até sonha com elle  
 em mais que estreito abraço estar unida,  
 e em sonhos o rubor lhe sobe ás faces.  
 Acorda; entra em silencio espaço longo  
 a inteirar na memoria o que há sonhado,  
 e hesitante na mente assim profere:

\*

– “Que imagens estas são? Que me aconselham?  
 Não desejo ;ai de mim! Realisal-as.  
 Mas... ;por que hão de turbar-me a paz da noite?  
 ;por que no seu olhar acho eu ternura?  
 Agrada-me, confesso, e deveria  
 ser amado por mim, se irmão não fosse;  
 ninguem de conseguir-me era tão digno;  
 sacro nome de irman porém lh’o veda.  
 Com tanto que eu velando os não procure,  
 traga-me embora o somno eguaes praseres;  
 sim: de gôstos sonhados ninguem sabe,  
 e teem valor real sonhados gôstos.  
 ;Ó Venus, ó Cupido, ó par celeste!  
 ;que delicias!;que bens! ;com que volúpia  
 me desfiz, me abysmei n’um mar de nectar!

}fl.35{ {fl.35}

;Oh! ;duraveis, vivissimas lembranças  
 de um praser vivo sim, mas não duravel!  
 Noite invejosa, instante fugitivo,  
 eternas me serão memorias tuas.  
 ;Ah! Podesse um de nós perder seu nome,  
 não fosses Cauno tu, não fosse eu Byblis,  
 só Byblis de teu pae sería nora,  
 genro só Cauno de meu pae sería.  
 ;Tudo, exepto os avós, commum nos fosse!  
 Mais illustres que os meus os teus quizera.

da presença gentil delícias suas.  
 Muitas vezes até sonha com ele  
 em mais que estreito abraço estar unida,  
 e em sonhos o rubor lhe sobe às faces.  
 Acorda; entra em silêncio espaço longo  
 a inteirar na memória o que há sonhado,  
 e hesitante na mente assim profere:

\*

— Que imagens estas são? Que me aconselham?  
 Não desejo (ai de mim!) Realizá-las. 715  
 Mas... Por que hão de turbar-me a paz da noite?  
 Por que no seu olhar acho eu ternura?  
 Agrada-me, confesso, e deveria  
 ser amado por mim, se irmão não fosse;  
 ninguém de conseguir-me era tão digno; 725  
 sacro nome de irmã porém lho veda.  
 Com tanto que eu velando os não procure,  
 traga-me embora o sono iguais prazeres;  
 sim: de gostos sonhados ninguém sabe,  
 e têm valor real sonhados gostos. 730  
 Ó Venus, ó Cupido, ó par celeste!  
 Que delícias! Que bens! Com que volúpia  
 me desfiz, me abisimei num mar de néctar!

{fl.35}

Ó! Duráveis, vivíssimas lembranças  
 de um prazer vivo sim, mas não durável! 735  
 Noite invejosa, instante fugitivo,  
 eternas me serão memórias tuas.  
 Ah! Podesse um de nós perder seu nome,  
 não fosses Cauno tu, não fosse eu BÍblis,  
 só BÍblis de teu pai seria nora, 740  
 genro só Cauno de meu pai seria.  
 Tudo, exceto os avós, comum nos fosse!  
 Mais ilustres que os meus os teus quizera.

Ó tu, d'entre os mortaes o mais amavel,  
 ¿a quem destinará propícia estrella  
 ser mãe dos filhos teus? ¿Que desventura  
 termos ambos communs progenitores!  
 Irmãos, e nada mais, seremos sempre;  
 o que só nos faz mal só nos é dado.  
 ¿Que significam pois estes meus sonhos?  
 ¿Que pêzo devo dar-lhes? ¿Por ventura  
 deve a sonhos alguém jamais dar pêzo?  
 ¡Ah! ¡quanto melhor lei não coube aos numes!  
 Esses... do sangue os vínculos convertem  
 nos vínculos do amor, nos do consorcio.  
 Opis foi de Saturno irman e esposa;  
 Juno de Jove, e Thétis do Oceano.  
 ¿Eu que tenho com as leis que aos numes regem?  
 ¿Quem te deu, infeliz, a autoridade

}fl.36{ {fl.36}

de applicar aos mortaes o que é dos numes?  
 Ou este amor defêso expulso á força  
 há-de ser do meu peito, ou, se o não posso,  
 imploro a morte aos Ceos; terei na morte  
 um verdadeiro, um plácido refúgio.  
 Sobre o tóro componham meu cadaver;  
 e meu irmão lhe dê sentidos beijos.

\*

Na verdade: ¿que espero de meus fogos?  
 ¿do consenso dos dois não pende o effeito?  
 Se no que eu acho um bem vir elle um crime....  
 ¿Um crime!? Os filhos d'Éolo tiveram  
 a caso por um crime eguaes amores?  
 Mas... ¿d'onde aprendi eu a historia d'elles?  
 ¿ou por que a decorei para cital-a?  
 ¿a que me arrójo? Longe, longe, inutil  
 vergonhosa paixão; o irmão se adore,  
 mas só como adorar-se os irmãos devem.

Ó tu, dentre os mortais o mais amável,  
 a quem destinará propícia estrela 745  
 ser mãe dos filhos teus? Que desventura  
 termos ambos comuns progenitores!  
 Irmãos, e nada mais, seremos sempre;  
 o que só nos faz mal só nos é dado.  
 Que significam pois estes meus sonhos? 750  
 Que peso devo dar-lhes? Porventura  
 deve a sonhos alguém jamais dar peso?  
 Ah! Quanto melhor lei não coube aos numes!  
 Esses... do sangue os vínculos convertem  
 nos vínculos do amor, nos do consórcio. 755  
 Ópis foi de Saturno irmã e esposa;  
 Juno de Jove, e Tétis do Oceano.  
 Eu que tenho com as leis que aos numes regem?  
 Quem te deu, infeliz, a autoridade

{fl.36}

de applicar aos mortais o que é dos numes? 760  
 Ou este amor defeso expulso à força  
 há de ser do meu peito, ou, se o não posso,  
 imploro a morte aos Céus; terei na morte  
 um verdadeiro, um plácido refúgio.  
 Sobre o toro componham meu cadáver; 765  
 e meu irmão lhe dê sentidos beijos.

\*

Na verdade: que espero de meus fogos?  
 Do consenso dos dois não pende o effeito?  
 Se no que eu acho um bem vir ele um crime....  
 Um crime!? Os filhos d'Éolo tiveram 770  
 acaso por um crime iguais amores?  
 Mas... donde aprendi eu a história deles?  
 Ou por que a decorei para citá-la?  
 A que me arrojoo? Longe, longe, inútil  
 vergonhosa paixão; o irmão se adore, 775  
 mas só como adorar-se os irmãos devem.

Se entretanto elle fosse o que primeiro  
se abrazasse por mim, talvez sem culpa  
eu <tivesse>[↑teria] cedido ao seu delirio;  
¿assim pois, tu, que só quando rogada  
lhe devêras ceder, rogal-o queres?  
¿sentes em ti valor para explicar-te?...  
sinto; que tenho amor capaz de tudo;

}fl.37{ {fl.37}

e se o pejo tolher minhas palavras,  
dir-lhe-há furtivo escrito os meus segredos.]” –

\*

Este arbitrio lhe apraz; mais não hesita;  
meio se ergue no leito, e sustentada  
no esquerdo braço,

– “[Resolvi, – diz ella. –

Decida do meu fado. Revelemos  
meu louco frenesí ao que m’o inspira.  
¡Oh! ¡de amor tirannia impetuosa!  
¡a que passo (¡ai de mim!) vou arriscar-me!”]

\*

Diz, cala-se, e medíta; escolhe as phrases,  
que há-de com mão convulsa dirigir-lhe.  
Sustém na esquerda a lâmina encerada,  
que as deve receber; na dextra o férreo  
instrumento subtil que as letras grava.  
Principía; duvída; escreve; enjeita;  
volve a escrever; apaga; vinte vezes  
muda de pensamento em pensamento;  
ora quer, ora não; condemna; approva;  
lança a carta de si; torna a tomal-a.  
Não se entende; não sabe o que deseja;  
quanto assenta fazer, lhe desagrada,

Se entretanto ele fosse o que primeiro  
se abrasasse por mim, talvez sem culpa  
eu teria cedido ao seu delírio;  
assim pois, tu, que só quando rogada  
lhe deveras ceder, rogá-lo queres?  
Sentes em ti valor para explicar-te?...  
Sinto; que tenho amor capaz de tudo;

780

{fl.37}

e se o pejo tolher minhas palavras,  
dir-lhe-á furtivo escrito os meus segredos. —

\*

Este arbítrio lhe apraz; mais não hesita;  
meio se ergue no leito, e sustentada  
no esquerdo braço,

— Resolvi, – diz ela. –

Decida do meu fado. Revelemos  
meu louco frenesi ao que mo inspira. 790  
Oh! De amor tirania impetuosa!  
A que passo (ai de mim!) vou arriscar-me! —

\*

Diz, cala-se, e medita; escolhe as frases,  
que há de com mão convulsa dirigir-lhe.  
Sustém na esquerda a lâmina encerada, 795  
que as deve receber; na destra o férreo  
instrumento subtil que as letras grava.  
Principia; duvida; escreve; enjeita;  
volve a escrever; apaga; vinte vezes  
muda de pensamento em pensamento; 800  
ora quer, ora não; condena; aprova;  
lança a carta de si; torna a tomá-la.  
Não se entende; não sabe o que deseja;  
quanto assenta fazer, lhe desagrada,

}fl.38{ {fl.38}	{fl.38}	
e lutam no seu rôsto audacia e pejo.	e lutam no seu rosto audácia e pejo.	805
Escreve: “Tua irman...”; desfaz de novo; até que emfim, n’um ímpeto começa:	Escreve: “Tua irmã...”; desfaz de novo; até que enfim, num ímpeto começa:	
*	*	
“Saúde, que de ti, só, pode vir-lhe, “te envia a tua amante; ¡ah! Pôr seu nome, “um tímido pudor lhe não permite.	“Saúde, que de ti, só, pode vir-lhe, te envia a tua amante; ah! Pôr seu nome, um tímido pudor lhe não permite.	810
“Quizera sem meu nome expôr meus votos, “e, só depois de obtida a fausta esp’rança, “poder-te declarar que o nome é Byblis.	Quisera sem meu nome expor meus votos, e, só depois de obtida a fausta esp’rança, poder-te declarar que o nome é Bíblis.	
“De meu secreto mal signaes patentes “muito há já que devêras ter notado:	De meu secreto mal sinais patentes muito há já que deveras ter notado:	815
“a minha pallidez, o meu semblante, “a miudo os olhos meus fervendo em pranto, “meus crebros ais sem causa conhecida, “meus frequentes abraços, e esses beijos...	a minha palidez, o meu semblante, a miúdo os olhos meus fervendo em pranto, meus crebros ais sem causa conhecida, meus frequentes abraços, e esses beijos...	
“beijos, que, se tivesses reparado, “não serem fraternaes entenderias.	beijos, que, se tivesses reparado, não serem fraternais entenderias.	820
“E entretanto, apesar da chaga funda “que me lavrava n’alma, e do fogoso, “do indômito furor que me arrastava, “nada poupei; fiz tudo (os Ceos o sabem)	E entretanto, apesar da chaga funda que me lavrava n’alma, e do fogoso, do indômito furor que me arrastava, nada poupei; fiz tudo (os Céus o sabem)	825
“por ver se, da paixão domando as fôrças, “recobrava a saúde, a paz, o siso;	por ver se, da paixão domando as forças, recobrava a saúde, a paz, o siso;	
}fl.39{ {fl.39}	{fl.39}	
“dei-me a mim mesma aspérrimos combates; “fiz quanto coube em mim para fugir-te; “impossiveis, talvez, para o meu sexo, “e na idade ferosa inexplicaveis.	dei-me a mim mesma aspérrimos combates; fiz quanto coube em mim para fugir-te; impossíveis, talvez, para o meu sexo, e na idade ferosa inexplicáveis.	830
“Não posso mais; succumbo; emfim succumbo. “Fôrça indomavel, que me vence e arrasta, “me conduz a teus pés, falar me ordena, “e supplicar mercê com voz medrosa.	Não posso mais; succumbo; enfim succumbo. Força indomável, que me vence e arrasta, me conduz a teus pés, falar me ordena, e supplicar mercê com voz medrosa.	835
“Depende de ti só que eu morra, ou viva;	Depende de ti só que eu morra, ou viva;	



“escolhe. Não te implora uma inimiga,  
 “mas a mais infeliz de quantas amam,  
 “que, sendo tua já, quer ser mais tua.  
 “O que é lícito ou não, sabem os velhos;  
 “vôlvam, decorem leis, e leis observem.  
 “Temerario prazer, que é n’elles crime,  
 “se em nós não é virtude é desculpavel,  
 “e quadra sem desdoiro aos nossos annos;  
 “ignoramos ainda o que é defêzo,  
 “julgamos tudo lícito, e seguimos  
 “de altos numes o exemplo venerando.  
 “Tudo á nossa união sorrir parece;  
 “não nos estorvam paes austeros, duros,  
 “mêdo á fama, ou temor de especie alguma,  
 “uma vez que a temer não dêmos causa.

}fl.40{ {fl.40}

“Sob o veo da fraterna intimidade,  
 “encobriremos amorosos furtos;  
 “em segredo falar ninguem nos véda;  
 “damos publicamente abraços, beijos,  
 “¿que nos resta? ¿que falta? ¡é já tão pouco!  
 “Tem dó de uma infeliz que amor confessa,  
 “e o callaría se não fosse extremo.  
 “Não queiras merecer que vá teu nome,  
 “como culpado, ao tumulto de Byblis.”

\*

Aqui já cheia a lâmina, prohihe  
 mais trabalho sem fruto á mão fogosa,  
 que escreve este final no alto da margem.  
 Logo, fechado o escrito incestuoso,  
 com os lavores do anel lhe imprime o sêllo,  
 que, por falta de humor na sêcca lingua,  
 humedeceu com lagrimas.

\*

escolhe. Não te implora uma inimiga,  
 mas a mais infeliz de quantas amam,  
 que, sendo tua já, quer ser mais tua.  
 O que é lícito ou não, sabem os velhos; 840  
 volvam, decorem leis, e leis observem.  
 Temerário prazer, que é neles crime,  
 se em nós não é virtude é desculpável,  
 e quadra sem desdoiro aos nossos annos;  
 ignoramos ainda o que é defeso, 845  
 julgamos tudo lícito, e seguimos  
 de altos numes o exemplo venerando.  
 Tudo à nossa união sorrir parece;  
 não nos estorvam pais austeros, duros,  
 medo à fama, ou temor de espécie alguma, 850  
 uma vez que a temer não demos causa.

{fl.40}

Sob o véu da fraterna intimidade,  
 encobriremos amorosos furtos;  
 em segredo falar ninguém nos veda;  
 damos publicamente abraços, beijos, 855  
 que nos resta? Que falta? É já tão pouco!  
 Tem dó de uma infeliz que amor confessa,  
 e o calaria se não fosse extremo.  
 Não queiras merecer que vá teu nome,  
 como culpado, ao túmulo de BÍblis.” 860

\*

Aqui já cheia a lâmina, proíbe  
 mais trabalho sem fruto à mão fogosa,  
 que escreve este final no alto da margem.  
 Logo, fechado o escrito incestuoso,  
 com os lavores do anel lhe imprime o selo, 865  
 que, por falta de humor na seca língua,  
 umedeceu com lágrimas.

\*



	}fl.42{ {fl.42}	{fl.42}	
da funesta paixão que a tirannisa, e d' esta sorte a custo a voz desata:		da funesta paixão que a tiraniza, e desta sorte a custo a voz desata:	895
*		*	
–  “É bem feito, imprudente; não cahisses em dar provas assim da insânia tua. ¿Quem te mandava confiar tão cedo um tal segredo a letras faladoras? Eu devia ao princípio usar com elle de ambíguas expressões, para ir segura, e na carreira não me ver sosinha, com pouca vella tentar o vento, e não me expôr [↑a] mares perigosos. ¿Fil-o assim? Desfraldei ás tempestades, sem as ter explorado, os panos todos; eis-me agora de encontro com os escólhos; eis-me submersa pelo Oceano em pêzo; eis-me sem leme com que volte ao porto. ¿Por que havias, paixão, paixão terrível, despresar tão fatal, tão claro agoiro, quando a epistola no acto de entregal-a cahiu, e pôz por terra esp'ranças tuas? ¿Não me cumpria então mudar de intentos, ou transferil-os? Transferil-os, certo era o que me cumpria; os Ceos m' o impunham	— É bem feito, imprudente; não caíesses em dar provas assim da insânia tua. Quem te mandava confiar tão cedo um tal segredo a letras faladoras? Eu devia ao princípio usar com ele de ambíguas expressões, para ir segura, e na carreira não me ver sozinha, com pouca vela tentar o vento, e não me expor a mares perigosos. Fi-lo assim? Desfraldei às tempestades, sem as ter explorado, os panos todos; eis-me agora de encontro com os escolhos; eis-me submersa pelo oceano em peso; eis-me sem leme com que volte ao porto. Por que havias, paixão, paixão terrível, desprezar tão fatal, tão claro agoiro, quando a epístola no ato de entregá-la caiu, e pôs por terra esp'ranças tuas? Não me cumpria então mudar de intentos, ou transferi-los? Transferi-los, certo era o que me cumpria; os Céus mo impunham	900 905 910 915	
	}fl.43{ {fl.43}	{fl.43}	
pela voz de presagios horrorosos, que a não ser meu delirio, entenderia. Não, não; o que eu devia era ir eu mesma, e não me ter fiado em vãos escritos; ir eu mesma falar-lhe, descobrir-lhe toda a violencia d' este amor. Vería o meu rosto, o meu pranto; na presença, quantas coisas falando eu lhe diria, que não couberam na mesquinha cera;		pela voz de presságios horrorosos, que a não ser meu delírio, entenderia. Não, não; o que eu devia era ir eu mesma, e não me ter fiado em vãos escritos; ir eu mesma falar-lhe, descobrir-lhe toda a violência deste amor. Veria o meu rosto, o meu pranto; na presença, quantas coisas falando eu lhe diria, que não couberam na mesquinha cera;	920 925

com elle a seu mau grado me abraçára,  
 e, se fosse por elle repulsada,  
 de rôjo ante seus pés, lavada em lagrimas  
 lhe supplicára a vida; quantos meios  
 amor suggere, eu empregára; e juntos  
 o que não podem sós talvez podéssem.  
 Mas... ¿quem sabe se a culpa é do emissario?  
 Não procurou talvez o instante proprio;  
 foi essa a causa, foi, Cauno de tigres  
 não é filho; não é de pedra, ou bronze  
 seu coração, nem de diamante; o leite  
 não foi leôa que lh'o deu. Sim, vamos  
 outra vez ter com elle; hei-de vencel-o;  
 não me hei-de arrepender do meu projecto.  
 Dar o primeiro passo... ¡oh! não devia,  
 mas foi dado; ir avante agora cumpre.

}fl.44{ {fl.44}

Se deixo o meu proposito, não deixa  
 elle de se lembrar da audácia minha;  
 no desistir mostro inconstancia, ou provo  
 que desejei armar-lhe um laço. Ao menos,  
 dir-se-há que fui levada não do nume  
 que impera na minha alma impetuoso,  
 mas de lascivos sensuaes furores.  
 Não, não posso negar a acção nefanda:  
 escrevi; supliquei; meu pensamento  
 foi de impuro desejo enxovalhado;  
 embora não me arróje a mais torpezas,  
 já me não cabe de innocente o nome;  
 falta aos meus votos muito, e um nada ao crime.]" –

\*

Assim diz; assim quer tentar de novo  
 o mesmo que lhe péza haver tentado  
 (¡tanto em delirio traz os pensamentos!)

\*

com ele a seu mau grado me abraçara,  
 e, se fosse por ele repulsada,  
 de rojo ante seus pés, lavada em lágrimas  
 lhe supplicara a vida; quantos meios  
 amor sugere, eu empregara; e juntos  
 o que não podem sós talvez pudessem. 930  
 Mas... quem sabe se a culpa é do emissário?  
 Não procurou talvez o instante próprio;  
 foi essa a causa, foi, Cauno de tigres  
 não é filho; não é de pedra, ou bronze 935  
 seu coração, nem de diamante; o leite  
 não foi leoa que lho deu. Sim, vamos  
 outra vez ter com ele; hei de vencê-lo;  
 não me hei de arrepender do meu projeto.  
 Dar o primeiro passo... Ó! Não devia, 940  
 mas foi dado; ir avante agora cumpre.

{fl.44}

Se deixo o meu propósito, não deixa  
 ele de se lembrar da audácia minha;  
 no desistir mostro inconstância, ou provo  
 que desejei armar-lhe um laço. Ao menos, 945  
 dir-se-á que fui levada não do nume  
 que impera na minha alma impetuoso,  
 mas de lascivos sensuais furores.  
 Não, não posso negar a ação nefanda:  
 escrevi; supliquei; meu pensamento 950  
 foi de impuro desejo enxovalhado;  
 embora não me arroje a mais torpezas,  
 já me não cabe de innocente o nome;  
 falta aos meus votos muito, e um nada ao crime. —

\*

Assim diz; assim quer tentar de novo 955  
 o mesmo que lhe pesa haver tentado  
 (tanto em delírio traz os pensamentos!)

\*

Cauno, que não vê termo ás importunas  
vís sollicitações, á patria foge  
para furtar-se ao crime, e em clima extranho  
funda nova cidade. A triste Byblis  
perdeu (dizem) na mágua a luz do siso;  
deu em rasgar a veste, em descompôr-se,

Cauno, que não vê termo às importunas  
vis sollicitações, à pátria foge  
para furtar-se ao crime, e em clima estranho 960  
funda nova cidade. A triste Búblis  
perdeu (dizem) na mágoa a luz do siso;  
deu em rasgar a veste, em descompor-se,

}fl.45{ {fl.45}

{fl.45}

em macerar furiosamente os braços;  
já devaneia em publico, já mostra  
os nefandos frenéticos desejos,  
as recusas, o amor, as desesp'ranças.  
Odiosa a Venus mesma, eil-a abandona  
lares que já detesta, a patria foge,  
e do fugido irmão se vai no alcance.  
Ó nume Semeleu, quaes de teu thyrsos  
estimuladas as Bacchantes Thrácias  
em furia instauram triennais orgias,  
não de outra sorte as moças de Bubássia  
viram correndo os campos, ululando,  
Byblis fora de si.

em macerar furiosamente os braços;  
já devaneia em público, já mostra 965  
os nefandos frenéticos desejos,  
as recusas, o amor, as desesp'ranças.  
Odiosa a Vênus mesma, ei-la abandona  
lares que já detesta, a pátria foge,  
e do fugido irmão se vai no alcance. 970  
Ó nume Semeleu, quais de teu tirso  
estimuladas as bacantes trácias  
em fúria instauram trienais orgias,  
não de outra sorte as moças de Bubássia  
viram correndo os campos, ululando, 975  
Búblis fora de si.

D'ahi passou-se

Daí passou-se

á Cária, viu as bellicosas terras  
dos Lélegos, e Lycia, Crago, Lymire,  
e o rio Xantho, e as serranias onde  
reluziam os fogos da Chiméra,  
leôa em face e peito, e ao cabo serpe.  
Ó triste, ahi findaram as florestas;  
tens planícies em frente; exhausta, morta,  
succumbes de fadiga; em dura terra  
jazes; no pó se arrastam teus cabellos,  
e poisas no folhedo o rosto brando.

à Cária, viu as bellicosas terras  
dos lélegos, e Licia, Crago, Límire,  
e o rio Xanto, e as serranias onde  
reluziam os fogos da Quimera, 980  
leoa em face e peito, e ao cabo serpe.  
Ó triste, aí findaram as florestas;  
tens planícies em frente; exausta, morta,  
sucumbes de fadiga; em dura terra  
jazes; no pó se arrastam teus cabellos, 985  
e poisas no folhedo o rosto brando.

}fl.46{ {fl.46}

{fl.46}

\*

\*

¡Quantas vezes as Nymphas Lelegeias  
a tentam levantar nos meigos braços!  
¡quantas lhe pedem que a seu mal resista,  
e esgotam sem proveito affagos, preces!  
Não as ouve, não fala, não responde;  
trititando com as mãos as verdes hervas,  
humedece-as de lagrimas.

\*

\*

É fama

É fama

que as Náíades do sitio lhe outorgaram  
quanto podiam dar-lhe: o privilegio  
de não se lhe exaurir a fonte ao pranto.  
E como, rôta a casca, o lenho estilla  
as resinosas gôttas, como escorre  
tenaz betume da pesada terra,  
ou como, ao sôpro dos favónios brandos,  
se descoalham, com o sol, do inverno os gelos,  
assim, prole de Phébo a infausta Byblis  
em fonte se desfaz, que n'esses valles,  
de copada azinheira á sombra escura  
inda hoje corre, e lhe conserva o nome.

\*

\*

}fl.47{ {fl.47}

{fl.47}

\*

\*

D'este prodigio a fama enchêra Creta,  
se mais visinho assombro, a historia de Iphis,  
não ocupasse então as cem cidades.

\*

\*

Lá no Phéstio paiz, proximo ao reino  
da GnoSSIaca gente, houve um tal Ligdo,  
homem de plebe honrada, e que nos teres  
não avultava mais que em sua origem,  
mas, quanto a probidade, exemplo e regra.

Quantas vezes as ninfas Lelegeias  
a tentam levantar nos meigos braços!  
Quantas lhe pedem que a seu mal resista,  
e esgotam sem proveito afagos, preces! 990  
Não as ouve, não fala, não responde;  
trititando com as mãos as verdes ervas,  
umedece-as de lágrimas.

que as náíades do sítio lhe outorgaram  
quanto podiam dar-lhe: o privilégio 995  
de não se lhe exaurir a fonte ao pranto.  
E como, rota a casca, o lenho estila  
as resinosas gotas, como escorre  
tenaz betume da pesada terra,  
ou como, ao sopro dos favônios brandos, 1000  
se descoalham, com o sol, do inverno os gelos,  
assim, prole de Febo a infausta Bíblis  
em fonte se desfaz, que nesses vales,  
de copada azinheira à sombra escura  
inda hoje corre, e lhe conserva o nome. 1005

Deste prodígio a fama enchera Creta,  
se mais vizinho assombro, a história de Ífis,  
não ocupasse então as cem cidades.

Lá no féstio país, próximo ao reino  
da gnoSSIaca gente, houve um tal Ligdo, 1010  
homem de plebe honrada, e que nos teres  
não avultava mais que em sua origem,  
mas, quanto a probidade, exemplo e regra.

Ligdo a sua mulher proxima ao parto,  
 – |“[Mulher, – diz – duas coisas peço aos deuses:  
 o parires sem dor, e um filho macho.  
 Grande pensão e encargo é criar filhas;  
 depois, precisam dote; e ¿que é dos meios?  
 Portanto, se fôr caso (longe o agoiro)  
 que dê a lume fêmea... (bem me custa;  
 o Ceo e a Natureza me perdõem <)>,  
 porém não há remédio) há-de ser morta.]” –

\*

Diz, e o rosto de lagrimas banharam:  
 o autor da lei, e a triste a quem se impunha.  
 Telethusa (era o nome da consorte),  
 a pobre Telethusa, ante o marido  
 toda se esgota em lagrimas, em preces,

}fl.48{ {fl.48}

por que as doces, dulcissimas esp’ranças  
 maternas lhe não ponha em tanto apuro;  
 o marido não muda.

\*

Já perfeito

era o pêzo das grávidas entranhas,  
 difficil de trazer, quando uma noite,  
 e á meia-noite em ponto, eis que aparece,  
 em pé, de Telethusa junto ao leito  
 (ou real ou sonhada), a Inachia deusa,  
 de toda a ritual pompa seguida.  
 Argêntas pontas de lunar crescente  
 refulgem-lhe na testa, e espigas d’oiro  
 lhe tecem c’rôa fulgida; no aspecto  
 traz majestade régia. Veem com ella  
 Anubis ladrador, Bubaste santa,  
 Apis, o variegado, e o deus Harpócrates,  
 aquelle cujo dedo impõe silencio;  
 todos traziam sistros; <venha>[↑vem] Osiris,

Ligdo a sua mulher próxima ao parto,  
 — Mulher, – diz – duas coisas peço aos deuses: 1015  
 o parires sem dor, e um filho macho.  
 Grande pensão e encargo é criar filhas;  
 depois, precisam dote; e que é dos meios?  
 Portanto, se for caso (longe o agoiro)  
 que dê a lume fêmea... (bem me custa; 1020  
 o Céu e a natureza me perdoem,  
 porém não há remédio) há de ser morta. —

\*

Diz, e o rosto de lágrimas banharam:  
 o autor da lei, e a triste a quem se impunha.  
 Teletusa (era o nome da consorte), 1025  
 a pobre Teletusa, ante o marido  
 toda se esgota em lágrimas, em preces,

{fl.48}

por que as doces, dulcíssimas esp’ranças  
 maternas lhe não ponha em tanto apuro;  
 o marido não muda.

\*

Já perfeito

era o peso das grávidas entranhas, 1030  
 difícil de trazer, quando uma noite,  
 e à meia-noite em ponto, eis que aparece,  
 em pé, de Teletusa junto ao leito  
 (ou real ou sonhada), a Ináquia deusa, 1035  
 de toda a ritual pompa seguida.  
 Argêntas pontas de lunar crescente  
 refulgem-lhe na testa, e espigas d’oiro  
 lhe tecem c’roa fúlgida; no aspecto  
 traz majestade régia. Vêm com ela 1040  
 Anúbis ladrador, Bubaste santa,  
 Ápis, o variegado, e o deus Harpócrates,  
 aquele cujo dedo impõe silêncio;  
 todos traziam sistros; vem Osiris,

nunca assaz procurado; e avulta a extranha  
serpente da narcótica peçonha.

E Telethusa acorda; e vê presente  
a deusa, que assim diz:

– |“Ó Telethusa,

quero-te muito bem; larga os receios;

}fl.49{ {fl.49}

frustra do esposo a lei; quando Lucina  
baixar a alliviar-te, afoita guarda  
(qualquer que seja) o fruto do teu parto.  
Nume sou valedor aos que me invocam;  
as honras que me dás não são perdidas.]” –

\*

Tendo falado assim, desaparece.

A piedosa Cretense alvoroçada  
salta do leito; súplice levanta  
purificadas mãos ao Ceo benigno,  
que a mui fausta visão torne verdade.

\*

Ao crescerem-lhe as dores, lança á vida  
em boa hora uma filha; illude o esposo,  
e cria a filha qual se fosse um filho;  
só ella e a ama entraram no segredo;  
não poude haver suspeita. O pae contente  
paga as promessas que fizera aos numes,  
e põe logo á criança o nome de Iphis  
(era o nome do avô). Ficou mui leda  
a mãe, por dar-se á filha um nome ambíguo,  
que aos dois sexos commum lhe veio á propria.  
Foi-se mantendo com desvelo a fraude,  
piedosissima fraude; os trajos de Iphis

}fl.50{ {fl.50}

são de menino; a face de Iphis, essa  
é tal, que em qualquer sexo que a supponhas,

nunca assaz procurado; e avulta a estranha  
serpente da narcótica peçonha.

E Teletusa acorda; e vê presente  
a deusa, que assim diz:

— Ó Teletusa,

quero-te muito bem; larga os receios;

{fl.49}

frustra do esposo a lei; quando Lucina  
baixar a aliviar-te, afoita guarda  
(qualquer que seja) o fruto do teu parto.  
Nume sou valedor aos que me invocam;  
as honras que me dás não são perdidas. —

\*

Tendo falado assim, desaparece.

A piedosa cretense alvoroçada  
salta do leito; súplice levanta  
purificadas mãos ao Céu benigno,  
que a mui fausta visão torne verdade.

\*

Ao crescerem-lhe as dores, lança à vida  
em boa hora uma filha; ilude o esposo,  
e cria a filha qual se fosse um filho;  
só ela e a ama entraram no segredo;  
não pôde haver suspeita. O pai contente

paga as promessas que fizera aos numes,  
e põe logo à criança o nome de Ífis  
(era o nome do avô). Ficou mui leda  
a mãe, por dar-se à filha um nome ambíguo,  
que aos dois sexos comum lhe veio à própria.

Foi-se mantendo com desvelo a fraude,  
piedosíssima fraude; os trajos de Ífis

{fl.50}

são de menino; a face de Ífis, essa  
é tal, que em qualquer sexo que a supponhas,



formosa a chamarás.

\*

Voava o tempo,

e já sobre annos dez terceiro Maio  
nas rosas do semblante lhe floría;  
quando eis que o pae lhe escolhe para esposa  
Ianthe, a delicada, a loira virgem,  
do Cretense Teleste a filha herdeira,  
inveja singular das Phéstias moças.  
São nas graças eguaes, eguaes na idade;  
poliram-lhes a infancia os mesmos mestres;  
desde então já recíproca ternura  
seus corações noviços enlaçava;  
reina desejo igual de parte a parte,  
mas não de parte a parte eguaes esp'ranças.

\*

Pelo consorcio unânimes suspiram.  
Ianthe já na ideia está gosando  
caricias de verão, que não existe;  
Iphis ama a que obter jamais espera;  
virgem, por virgem se consome em chammas;  
dobra as chammas o obstáculo invencível.

}fl.51{ {fl.51}

\*

Contendo mal as lagrimas, exclama:  
— “¿Qual fim terão meus ais? ¿qual fim meus votos?  
¿Que singular, que incógnito, que extranho,  
que monstruoso ardor é este, ó numes!?...  
Se poupar-me quereis, aniquilae-me;  
se me quereis perder, perdi-me embora,  
mas com tormentos naturaes, ao menos.  
Vacca a vacca não busca, ou égua a égua;  
a ovelha ama o carneiro, ao cervo a côrça;  
entre as aves tambem se observa o mesmo;  
e em quantos animaes encerra o mundo,

formosa a chamarás.

\*

Voava o tempo,

e já sobre anos dez terceiro maio  
nas rosas do semblante lhe floria;  
quando eis que o pai lhe escolhe para esposa  
Iante, a delicada, a loira virgem,  
do cretense Teleste a filha herdeira,  
inveja singular das féstias moças.  
São nas graças iguais, iguais na idade;  
poliram-lhes a infância os mesmos mestres;  
desde então já recíproca ternura  
seus corações noviços enlaçava;  
reina desejo igual de parte a parte,  
mas não de parte a parte iguais esp'ranças.

\*

Pelo consórcio unânimes suspiram.  
Iante já na ideia está gozando  
carícias de verão, que não existe;  
Ífis ama a que obter jamais espera;  
virgem, por virgem se consome em chammas;  
dobra as chammas o obstáculo invencível.

{fl.51}

\*

Contendo mal as lágrimas, exclama:  
— Qual fim terão meus ais? Qual fim meus votos?  
Que singular, que incógnito, que estranho,  
que monstruoso ardor é este, ó numes!?...  
Se poupar-me quereis, aniquilai-me;  
se me quereis perder, perdi-me embora,  
mas com tormentos naturais, ao menos.  
Vaca a vaca não busca, ou égua a égua;  
a ovelha ama o carneiro, ao cervo a corça;  
entre as aves também se observa o mesmo;  
e em quantos animais encerra o mundo,

1075

1080

1085

1090

1095

1100

nunca fêmea por fêmea ardeu, como ardo.  
 ;Oh! ;quem me dera ser como são todas!  
 Parece fado máu, que no teu seio  
 quanto é monstro de amor te infame, ó Creta.  
 Namorada de um toiro até já viste  
 régia filha do sol; inda essa, ao menos,  
 amou contrário sexo; o meu delírio  
 é (não o hei-de negar) peor que o d'ella;  
 n'ella havia sequer uma esperança;  
 mettido astutamente em lignea vacca  
 logrou do bruto amante o amor lascivo;  
 inda emfim teve um ente a quem pudesse  
 aquelle engano armar, unir seus gôstos.

}fl.52{ {fl.52}

No meu caso, porém, não cabe engano.  
 Quanto engenho sagaz pelo orbe existe,  
 Dédalo mesmo, o artífice das azas,  
 se revoasse aqui nada faria.  
 ;Que! ;de virgem, qual sou, mudar-me em homem?  
 ;ou trocar-te em varão, querida Iante?!  
 ;Meu pobre coração! ;mísera louca!  
 ;por que não tentas recobrar teu siso?  
 ;domar, se ainda é tempo, as fúrias cegas?  
 Qual nasceste, qual és, bem vês, bem sabes,  
 se é que mesmo illudir-te não procuras.  
 Ama como te é lícito, não ames  
 o que, sendo mulher, amar não podes.  
 Da esp'rança nasce amor; só d'ella vive;  
 nos devaneios teus não cabe a esp'rança.  
 Os abraços que sonhas, não t'os vedam  
 vigias, duro esposo, pae severo,  
 rigores ou desdem do objecto amado;  
 mas nunca o lograrás por mais que o sonhes.  
 Haja os que houver prodígios no Universo,  
 juntem-se em teu favor mortaes e numes,

nunca fêmea por fêmea ardeu, como ardo.  
 Oh! Quem me dera ser como são todas! 1105  
 Parece fado mau, que no teu seio  
 quanto é monstro de amor te infame, ó Creta.  
 Namorada de um toiro até já viste  
 régia filha do sol; inda essa, ao menos,  
 amou contrário sexo; o meu delírio 1110  
 é (não o hei de negar) pior que o dela;  
 nela havia sequer uma esperança;  
 metido astutamente em lígnea vaca  
 logrou do bruto amante o amor lascivo;  
 inda enfim teve um ente a quem pudesse 1115  
 aquele engano armar, unir seus gostos.

{fl.52}

No meu caso, porém, não cabe engano.  
 Quanto engenho sagaz pelo orbe existe,  
 Dédalo mesmo, o artífice das asas,  
 se revoasse aqui nada faria. 1120  
 Quê! De virgem, qual sou, mudar-me em homem?  
 Ou trocar-te em varão, querida Iante?!  
 Meu pobre coração! Mísera louca!  
 Por que não tentas recobrar teu siso?  
 Domar, se ainda é tempo, as fúrias cegas? 1125  
 Qual nasceste, qual és, bem vês, bem sabes,  
 se é que mesmo iludir-te não procuras.  
 Ama como te é lícito, não ames  
 o que, sendo mulher, amar não podes.  
 Da esp'rança nasce amor; só dela vive; 1130  
 nos devaneios teus não cabe a esp'rança.  
 Os abraços que sonhas, não tos vedam  
 vigias, duro esposo, pai severo,  
 rigores ou desdém do objecto amado;  
 mas nunca o lograrás por mais que o sonhes. 1135  
 Haja os que houver prodígios no universo,  
 juntem-se em teu favor mortais e numes,

nunca serás feliz. ¡Que sorte a minha!  
 Nem sequer tenho o triste desafôgo  
 de dizer: Duro Ceo falseou meus votos;  
 tudo que o Ceo podia, o Ceo me há dado;  
 approvam sôgro e pae os meus desejos;

}fl.53{ {fl.53}

mas a que pode mais que o pae, que o sôgro,  
 a cruel Natureza, os desaprova.  
 A desejavel época aprasada,  
 o dia do hymeneu, não tarda muito;  
 leis e Religião vão dar-me Ianthe;  
 há-de ser minha Ianthe... e minha nunca;  
 morreremos de sêde ao-pé das aguas.  
 Ó sagrado Hymeneu, prónuba Juno,  
 fugi; não consagreis consórcio extranho,  
 em que duas se dão... A ausente noivo.”

\*

Calou-se. Ardem na sócia eguaes fervores;  
 anciosa te conjura lhe não tardes,  
 nume fagueiro dos gentís mysterios.  
 Não assim Telethusa: o seu empenho  
 é espaçar, protrahir; toda ella sustos,  
 do enredo que engenhou não vê sahida;  
 ora transfere o praso, ora o prolonga,  
 dando-se por enfêrma; ora pretexta  
 sonhos e agoiros que o noivado estorvem.

\*

Mas... Das bôdas mil vezes adiadas  
 eis amanhece a véspera. Desata  
 o cabello da filha, e o seu cabello;  
 e desgrenhada, as aras abraçando,

}fl.54{ {fl.54}

– [“]Nume das Mareóticas planicies,  
 de Paretónio, Pharo, e das correntes

nunca serás feliz. Que sorte a minha!  
 Nem sequer tenho o triste desafogo  
 de dizer: duro Céu falseou meus votos;  
 tudo que o Céu podia, o Céu me há dado;  
 aprovam sogro e pai os meus desejos;

{fl.53}

mas a que pode mais que o pai, que o sogro,  
 a cruel natureza, os desaprova.  
 A desejável época aprazada,  
 o dia do himeneu, não tarda muito;  
 leis e religião vão dar-me Iante;  
 há de ser minha Iante... e minha nunca;  
 morreremos de sede ao pé das águas.  
 Ó sagrado Himeneu, prónuba Juno,  
 fugi; não consagreis consórcio estranho,  
 em que duas se dão... A ausente noivo. —

\*

Calou-se. Ardem na sócia iguais fervores;  
 ansiosa te conjura lhe não tardes,  
 nume fagueiro dos gentis mistérios.  
 Não assim Teletusa: o seu empenho  
 é espaçar, protrair; toda ela sustos,  
 do enredo que engenhou não vê saída;  
 ora transfere o prazo, ora o prolonga,  
 dando-se por enferma; ora pretexta  
 sonhos e agoiros que o noivado estorvem.

\*

Mas... Das bodas mil vezes adiadas  
 eis amanhece a véspera. Desata  
 o cabelo da filha, e o seu cabelo;  
 e desgrenhada, as aras abraçando,

{fl.54}

— Nume das mareóticas planícies,  
 de Paretónio, Faro, e das correntes

do septicórnio, do abundoso Nilo,  
 ó Isis – diz – acode-me, te peço,  
 e pronta remedeia os meus temores.  
 Tu és, tu és, ó deusa, a própria, aquella  
 que outr'ora vi; conheço-te; diviso  
 a mesma comitiva, insignias, fachos,  
 sistros; é tudo; é tudo. ¡Ah! Tu bem sabes  
 se eu fui, ou não, fiel aos teus preceitos:  
 d'esta infeliz a vida é obra tua;  
 e eu, se não fui punida, a ti o devo.  
 Tem de nós ambas outra vez piedade;  
 pela segunda vez nos salva, ó deusa.]?" –

\*

O resto da oração foi todo em chóros.  
 Da Immortal sob os pés eis se afigura  
 mover-se o altar (e não foi êrro); os sacros  
 hombraes tremem, refulge a Córnea fronte,  
 crepita o sistro....

\*

A mãe com o fausto agoiro,  
 se bem que inda de todo não tranquilla,  
 contudo mais alegre, o templo deixa;  
 de Iphis seguida aos lares se dirige;

}fl.55{ {fl.55}

da filha caminhando estranha o passo,  
 mais rasgado e maior que de costume,  
 não vê na tez a alvura feminina;  
 o espalhado cabello está mais curto;  
 vê-lhe mais robustez, e representa  
 um vigor que não teve em quanto virgem.  
 Pois de virgem que fôra, eil-a mancebo.  
 ¡Eia! Graças e dons levae ao templo,  
 bem queridas ao Ceo folgae seguras.  
 Lá voltam, lá tributam dons e graças;  
 e por pia memoria, ás aras pias

do septicórnio, do abundoso Nilo,  
 ó Ísis – diz – acode-me, te peço,  
 e pronta remedeia os meus temores.  
 Tu és, tu és, ó deusa, a própria, aquela  
 que outrora vi; conheço-te; diviso  
 a mesma comitiva, insígnias, fachos,  
 sistros; é tudo; é tudo. Ah! Tu bem sabes  
 se eu fui, ou não, fiel aos teus preceitos:  
 desta infeliz a vida é obra tua;  
 e eu, se não fui punida, a ti o devo.  
 Tem de nós ambas outra vez piedade;  
 pela segunda vez nos salva, ó deusa. —

\*

O resto da oração foi todo em choros.  
 Da imortal sob os pés eis se afigura  
 mover-se o altar (e não foi erro); os sacros  
 umbrais tremem, refulge a córnea fronte,  
 crepita o sistro....

\*

A mãe com o fausto agoiro,  
 se bem que inda de todo não tranquilla,  
 contudo mais alegre, o templo deixa;  
 de Ífis seguida aos lares se dirige;

{fl.55}

da filha caminhando estranha o passo,  
 mais rasgado e maior que de costume,  
 não vê na tez a alvura feminina;  
 o espalhado cabelo está mais curto;  
 vê-lhe mais robustez, e representa  
 um vigor que não teve enquanto virgem.  
 Pois de virgem que fora, ei-la mancebo.  
 Eia! Graças e dons levai ao templo,  
 bem-queridas ao Céu folgai seguras.  
 Lá voltam, lá tributam dons e graças;  
 e por pia memória, às aras pias

esta breve inscrição deixam pendente:

“Deusa, dos teus devotos  
 “as oblações afaga;  
 “de Iphis donzella os votos  
 “Iphis mancebo paga.”

Tanto que a aurora proxima acordando  
 encheu de alva arraiada as amplas terras,  
 Cypria, Juno, Hymeneu, às aras baixam,  
 e inteira ao Iphis seu pertence Ianthe.

---

Fim do Livro IX

---

esta breve inscrição deixam pendente:

“Deusa, dos teus devotos 1200  
 as oblações afaga;  
 de Ífis donzela os votos  
 Ífis mancebo paga.”

Tanto que a aurora próxima acordando 1205  
 encheu de alva arraiada as amplas terras,  
 Cípria, Juno, Himeneu, às aras baixam,  
 e inteira ao Ífis seu pertence Iante.

---

Fim do Livro IX

---

X

Incompleto

}fl.1{ {fl.1}	{fl.1}
<i>Revisto, mas falta ver o que ha de Bocage</i>	<i>Revisto, mas falta ver o que há de Bocage</i>
<b>Livro X</b>	<b>Livro X</b>
<hr/>	
}s/n{ {fl.4}	{fl.4}
A descida de Orféo aos Infernos.	
A buscar Eurydice.	
Liv. X das Metam. de Ovidio.	
De rutilantes vestes adornado,	<i>De rutilantes vestes adornado,</i>
Hymineo rompe o ar, e á Thracia vôa	<i>Himeneu rompe o ar, e à Trácia voa</i>
Lá d'onde o chama Orphéo, porém de balde,	<i>lá donde o chama Orfeu, porém de balde,</i>
O Deus sim presidio do vate as nupcias,	<i>o deus sim presidiu do vate as núpcias,</i>
Mas não levava alli solemnes voses,	<i>mas não levava ali solenes vozes,</i> 5
Nem presagio feliz, nem ledro rosto.	<i>nem presságio feliz, nem ledro rosto.</i>
Sentio-se apenas crepitar-lhe o facho	<i>Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho</i>
E em vez de viva luz, soltar um fumo	<i>e em vez de viva luz, soltar um fumo</i>
Luctuoso e factal; vãmente o nume	<i>lutuoso e fatal; vãmente o nume</i>
Tentou co' o movimento erguer-lhe a chamma.	<i>tentou co' o movimento erguer-lhe a chama.</i> 10
O effeito foi peor que o mesto agouro!	<i>O effeito foi pior que o mesto agouro!</i>
Em quanto a linda noiva os prados gyra,	<i>Enquanto a linda noiva os prados gira,</i>
Das Naiádes gentis acompanhada,	<i>das náíades gentis acompanhada,</i>
Áspide occulto fere o pé mimoso.	<i>áspide occulto fere o pé mimoso.</i>
Morre a moça infeliz, e o triste amante,	<i>morre a moça infeliz, e o triste amante,</i> 15
Depois de a lamentar aos Ceos e á terra,	<i>depois de a lamentar aos Céus e à terra,</i>
Emprende commover do inferno as sombras;	<i>emprende comover do inferno as sombras;</i>
Affouto desce a vós, tenárias portas.	<i>afouto desce a vós, tenárias portas.</i>
Por entre baralhada, aerea turba,	<i>Por entre baralhada, aérea turba,</i>
Cujos restos mortaes sepulchro logrão,	<i>cujos restos mortais sepulcro logram,</i> 20
Aos negros paços vai do rei das trevas.	<i>aos negros paços vai do rei das trevas.</i>
Vê do tyranno eterno o throno horrendo	<i>Vê do tirano eterno o trono horrendo</i>
Lá casa os sons da voz, e os sons da lyra,	<i>lá casa os sons da voz, e os sons da lira,</i>
As deidades crueis lá diz:	<i>às deidades cruéis lá diz:</i>
– Oh deuses,	— Ó deuses,
deuses do mundo sotoposto á terra,	<i>deuses do mundo sotoposto à terra,</i> 25

}s/n{ {fl.5}	{fl.5}
<p>No qual se ha-de sumir tudo o que existe!  Se acaso a bem levas que ingenuas voses  O artifício removam, crêde as minhas.  Não venho para vêr o opaco Averno,  Nem para agrilhoar as tres gargantas  do monstro meduséo, que errição cobras.  Attrai-me ao reino vosso a morta esposa,  A quem pisada vibora o veneno  Nas veas desparzio, a flor murchando  Dos annos festivaes, inda crescentes.  Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,  Tentei vencer meo mal, e amor venceu-me.  Este deos he no Céu bem conhecido,  Aqui não sei se o he, mas se não mente  Do rapto que pregôa antiga fama,  Vós tambem pelo amor ligados fostes.  Ah! por este lugar que abrange o medo.  Por este ingente cáhos, silencio vasto,  Que do profundo imperio o seio occupão,  De Eurydice gentil á dôce vida  O fio renovae, tão cedo roto.  Ella, todo o mortal vos he devido,  Vem tudo, agora, ou logo, á mesma instancia.  Para aqui pende tudo, é este o nosso  derradeiro, infalhivel domicilio;  Vós tendes, vós gozais, a vós compete  Da especie humana o senhorio immenso;  A que exigo de vós hade ser vossa  Por inviolavel jus, por lei dos fados.</p>	<p><i>no qual se há de sumir tudo o que existe!  Se acaso a bem levais que ingênuas vozes  o artifício removam, crede as minhas.  Não venho para ver o opaco Averno,  nem para agrilhoar as três gargantas  do monstro meduseu que erriçam cobras.  Atrai-me ao reino vosso a morta esposa,  a quem pisada víbora o veneno  nas veias desparziu, a flor murchando  dos anos festivos, inda crescentes.  Constância quis opor ao dano acerbo,  tentei vencer meu mal, e amor venceu-me.  Este deus é no Céu bem conhecido,  aqui não sei se o é, mas se não mente  do rapto que pregoa antiga fama,  vós também pelo amor ligados fostes.  Ah! Por este lugar que abrange o medo.  por este ingente caos, silêncio vasto,  que do profundo império o seio ocupam,  de Eurídice gentil à doce vida  o fio renovai, tão cedo roto.  Ela, todo o mortal vos é devido,  vem tudo, agora, ou logo, à mesma instância.  Para aqui pende tudo, é este o nosso  derradeiro, infalível domicílio;  vós tendes, vós gozais, a vós compete  da espécie humana o senhorio imenso;  a que exijo de vós há de ser vossa  por inviolável jus, por lei dos fados.</i></p>
}s/n{ {fl.6}	{fl.6}
<p>Tocando o termo da vital carreira:  O uso do meo praser em dom vos peço!  Se o destino repugna ao bem, que imploro,</p>	<p><i>Tocando o termo da vital carreira:  o uso do meu prazer em dom vos peço!  Se o destino repugna ao bem, que imploro,</i></p>



Se a esposa me retém sahir não quero  
D'este horror: exultae co'a morte de ambos!|']

O triste, que assim une o verso á lira,  
Os exangues espiritos deplorão:  
Á fugaz lymphá Tântalo não corre;  
A roda d'Ixion d'assombro para;  
Os abutres crueis não mordem Tício.  
As Bélides os crivos cahir deixão,  
Tu, Sysipho, te assentas sobre a pedra.  
Das vencidas Euménides é fama  
Que pela vez primeira os negros olhos  
Algumas tenues lagrimas verterão.  
Nem a esposa feroz, nem Dite enorme  
Ousão negar piedade ao vate orante.

Chamão subito Eurydice. Involvida  
Entre as recentes sombras ella estava:  
Eis o mordido pé vem manso, e manso.  
Recebe o Thracio Orphéo co'a bella esposa  
Lei de que para traz não volte os olhos  
Em quanto fôr trilhando o feio abysmo,  
Se nulla não quizer a graça extrema.  
Por duro, esconso, desigual caminho,  
De escuras, bastas nevoas carregado,  
Um após outro, os dous vão em silencio!  
Já do tartáreo fim distavão pouco.

Temendo o amante aqui perder-se a amada,

}s/n{ {fl.7}

Cubicoso de a vêr, lhe volve os olhos:  
De repente lh'a roubão! Corre, estende  
As mãos; quer abraçar, ser abraçado,  
E o misero sómente o vento abraça.  
Ella morre outra vez, mas não se queixa,  
Não se queixa do esposo; e poderia  
Se não de ser querida lamentar-se?  
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido,

*se a esposa me retém sair não quero  
deste horror: exultai co'a morte de ambos! —*

*O triste, que assim une o verso à lira,* 60  
*os exangues espíritos deploram:*  
*à fugaz linfa Tântalo não corre;*  
*a roda d'Ixion d'assombro para;*  
*os abutres cruéis não mordem Tício.*  
*As Bélides os crivos cair deixam,* 65  
*tu, Sísifo, te assentas sobre a pedra.*  
*Das vencidas Eumênides é fama*  
*que pela vez primeira os negros olhos*  
*algumas tênues lágrimas verteram.*  
*Nem a esposa feroz, nem Dite enorme* 70  
*ousam negar piedade ao vate orante.*

*Chamam súbito Eurídice. Envolvida*  
*entre as recentes sombras ela estava:*  
*eis o mordido pé vem manso, e manso.*  
*Recebe o Trácio Orfeu co'a bela esposa* 75  
*lei de que para trás não volte os olhos*  
*enquanto for trilhando o feio abismo,*  
*se nula não quizer a graça extrema.*  
*Por duro, esconso, desigual caminho,*  
*de escuras, bastas névoas carregado,* 80  
*um após outro, os dous vão em silêncio!*  
*Já do tartáreo fim distavam pouco.*  
*Temendo o amante aqui perder-se a amada,*

{fl.7}

*cobiçoso de a ver, lhe volve os olhos:*  
*de repente lha roubam! Corre, estende* 85  
*as mãos; quer abraçar, ser abraçado,*  
*e o mísero somente o vento abraça.*  
*Ela morre outra vez, mas não se queixa,*  
*não se queixa do esposo; e poderia*  
*senão de ser querida lamentar-se?* 90  
*Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido,*

E recahe a infeliz na sombra eterna!

Fica attonito Orphéo co' a dupla morte  
Da malfadada esposa, como aquelle  
Que n'um dos cólos viu com rijos ferros  
Preso, arrastado á luz o cão trifauce,  
E que o mudo pavor despio somente  
Quando despio a Natureza humana,  
Transformado em rochedo immoto, e frio;  
Ou qual o que a si mesmo impoz um crime,  
Oleno, que de réo quiz ter o nome  
Por te salvar, miserrima Lethéa,  
Orgulhosa de mais com teus encantos,  
Tu, que foste co' o esposo outr' hora uma alma  
Repartida em dous corpos, que hoje és pedra  
Com elle, e junctos no Idá estais sustidos.

O estygio remador expulsa o vate,  
Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.

Sete dias jazeu na margem triste  
Sem nutrimento algum: só a saudade,  
As lágrimas, a dór o alimentarão.

Depois de prantear vossa feresa,

}s/n{ {fl.8}

Numes do Inferno, ao Rhodope se acolhe,  
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.

Déra o gyro annual tres veses Phebo,  
E sempre o terno Orféo de amor fugia,  
Ou porque o mal passado o refreava,  
Ou porque eterna fé jurado houvesse  
A miseranda esposa. Repulsadas  
Mil bellas nymphas seus desdens carpirão.

}fl.2{ {fl.9}

Foi elle, quem primeiro aos Thracios povos  
abriu de novo amor não visto exemplo,  
que fez o que não fez a Natureza,

*e recaí a infeliz na sombra eterna!*

*Fica atônito Orfeu co' a dupla morte  
da malfadada esposa, como aquele  
que num dos colos viu com rijos ferros 95  
preso, arrastado à luz o cão trifauce,  
e que o mudo pavor despiu somente  
quando despiu a natureza humana,  
transformado em rochedo imoto, e frio;  
ou qual o que a si mesmo impôs um crime, 100  
Oleno, que de réu quis ter o nome  
por te salvar, misérrima Leteia,  
orgulhosa de mais com teus encantos,  
tu, que foste co' o esposo outrora uma alma  
repartida em dous corpos, que hoje és pedra 105  
com ele, e juntos no Ida estais sustidos.*

*O estígio remador expulsa o vate,  
que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.*

*Sete dias jazeu na margem triste  
sem nutrimento algum: só a saudade, 110  
as lágrimas, a dor o alimentaram.*

*Depois de prantear vossa fereza,*

{fl.8}

*numes do Inferno, ao Ródope se acolhe,  
e ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.*

*Dera o giro annual três vezes Febo, 115  
e sempre o terno Orfeu de amor fugia,  
ou porque o mal passado o refreava,  
ou porque eterna fé jurado houvesse  
à miseranda esposa. Repulsadas  
mil belas ninfas seus desdéns carpiram. 120*

{fl.9}

*Foi ele, quem primeiro aos trácios povos  
abriu de novo amor não visto exemplo,  
que fez o que não fez a natureza,*

procurando o praser, colhendo as flores  
na primavera de seu proprio sexo.

\*

Havia uma collina, em cujo tópo  
vasta hervosa esplanada se espraiava,  
(mas) onde não tremia arbórea sombra.  
Divina prole o vate ali chegando,  
sentou-se; e dedilhando a sua lyra,  
viu que a sombra invadia esses logares;  
arvoredo trepava nas encostas:  
eram Chaónios robles, altos ésculos,  
de Helíada ascendencia, brandas tilias,  
virgíneos loiros, frageis avelleiras,  
a faia, o freixo que se apresta ás lanças,  
glandífera azinheira, e liso abéto,  
plátanos festivaes, malhados bôrdos,  
aquosos lotos, fluviaes salgueiros,  
o myrto bicolor, a panda em folhas  
figueira doce em fruto, o sempre verde

}fl.3{ {fl.10}

buxo formoso, e a tamargueira humilde.  
Nem vós, flexiveis heras, lá faltastes,  
vós, pampinosas vides, nem vós, ôlmos,  
de cachos a vergar. Ao auditorio  
correstes em tropél, alvares pinhas,  
ornos roliços, medronheiros rubros,  
palmas flexiveis, da victoria emblema.  
Tu não menos, ó caro á mãe dos deuses,  
pinheiro esguio, despenteado a grenha,  
tu, em quem Atys, de Cybéle amores,  
trocou endurecido a essencia humana;  
nem mesmo o que soturno á dor só quadra  
deixou de vir, pyramidal cipreste,  
hoje árvore, menino outr' ora amado  
pelo deus dextro em arco e dextro em lyra.

procurando o prazer, colhendo as flores  
na primavera de seu próprio sexo.

\*

Havia uma colina, em cujo topo  
vasta ervosa esplanada se espraiava,  
mas onde não tremia arbórea sombra.  
Divina prole o vate ali chegando,  
sentou-se; e dedilhando a sua lira,  
viu que a sombra invadia esses lugares;  
arvoredo trepava nas encostas:  
eram caônios robles, altos ésculos,  
de Helíada ascendência, brandas tílias,  
virgíneos loiros, frágeis aveleiras,  
a faia, o freixo que se apresta às lanças,  
glandífera azinheira, e liso abeto,  
plátanos festivos, malhados bordos,  
aquosos lotos, fluviaes salgueiros,  
o mirto bicolor, a panda em folhas  
figueira doce em fruto, o sempre verde

{fl.10}

buxo formoso, e a tamargueira humilde.  
Nem vós, flexíveis heras, lá faltastes,  
vós, pampinosas vides, nem vós, olmos,  
de cachos a vergar. Ao auditório  
correstes em tropel, alvares pinhas,  
ornos roliços, medronheiros rubros,  
palmas flexíveis, da vitória emblema.  
Tu não menos, ó caro à mãe dos deuses,  
pinheiro esguio, despenteado a grenha,  
tu, em quem Átis, de Cibele amores,  
trocou endurecido a essência humana;  
nem mesmo o que soturno à dor só quadra  
deixou de vir, piramidal cipreste,  
hoje árvore, menino outrora amado  
pelo deus destro em arco e destro em lira.

O caso vou contar; é breve a historia:

\*

Nos campos de Cartheia um cervo havia,  
sacro ás Nymphas do sitio, ingente em corpo,  
denso em pontas que a fronte lhe assombravam;  
doiradas as trazia; andava ufano  
com seus collares de lustrosas pedras,

}fl.4{ {fl.11}

com seu pingente argênteo a tremular-lhe  
pelo meio da testa em curta fita,  
e com brincos de pérolas e prata  
em ambas as orelhas abanando.

\*

Tanto perdêra a timidez nativa,  
tão dado e tão doméstico vivia,  
que entrava pelas casas, consentindo  
até, que ignotas mãos o anediassem;  
mas a ninguem comtudo foi mais grato,  
do que a ti, Cyparisso, que excedias  
de Céia, tua patria, os mais formosos.  
Eras tu, que aos pastios recém-verdes,  
tu, que ás líquidas fontes o levavas;  
ora nas pontas lhe entrançavas flores;  
ora, embridando-o com purpúreas rédeas,  
aqui e ali vaidoso galopavas.

\*

É verão; meio-dia. Os braços côncavos  
do Cancro fervem com o vapor candente  
que o sol desata. De afrontado o cervo  
poisa na relva, resfolgando á sombra.  
Sem conhecel-o, o incauto Cyparisso

}fl.5{ {fl.12}

vibra-lhe o dardo; logo apóz affirma-se,  
conhece-o bem, vê-o a morrer ao golpe,

O caso vou contar; é breve a história:

\*

Nos campos de Carteia um cervo havia,  
sacro às ninfas do sítio, ingente em corpo,  
denso em pontas que a fronte lhe assombravam;  
doiradas as trazia; andava ufano  
com seus colares de lustrosas pedras,

{fl.11}

com seu pingente argênteo a tremular-lhe  
pelo meio da testa em curta fita,  
e com brincos de pérolas e prata  
em ambas as orelhas abanando.

\*

Tanto perdera a timidez nativa,  
tão dado e tão doméstico vivia,  
que entrava pelas casas, consentindo  
até, que ignotas mãos o anediassem;  
mas a ninguém contudo foi mais grato,  
do que a ti, Ciparisso, que excedias  
de Ceia, tua pátria, os mais formosos.  
Eras tu, que aos pastios recém-verdes,  
tu, que às líquidas fontes o levavas;  
ora nas pontas lhe entrançavas flores;  
ora, embridando-o com purpúreas rédeas,  
aqui e ali vaidoso galopavas.

\*

É verão; meio-dia. Os braços côncavos  
do Cancro fervem com o vapor candente  
que o sol desata. De afrontado o cervo  
poisa na relva, resfolgando à sombra.  
Sem conhecê-lo, o incauto Ciparisso

{fl.12}

vibra-lhe o dardo; logo após afirma-se,  
conhece-o bem, vê-o a morrer ao golpe,

e quer morrer também. ;Quantas meiguices,  
 quantas consolações lhe não deu Phebo!  
 ;como lhe aconselhou que a dor sentisse,  
 mas leve, mas conforme á causa d'ella!  
 Em vão; gemendo o moço pede aos numes  
 por supremo favor contínuo pranto.  
 Tendo exaurido em lagrimas o sangue,  
 começou todo o corpo a verdejar-lhe;  
 a coma, antes pendente em níveos hombros,  
 [↑a] arripiar-se em grenha, [↑a] erguer-se em cume,  
 com que ao sidéreo espaço eterno aponta.  
 O deus então gemendo,

— |“|Arvore, – grita –  
 chorar-te-hei; chorarás tu mesma aos outros.  
 Fica votada ao luto, e socia aos tristes.”| –

\*

Taes eram pois as arvores, que em roda  
 do divino cantor se emmaranhavam.  
 As feras, como em grupo, á sombra escutam;  
 pasmam nas ramas os plumosos bandos.

}fl.6{ {fl.13}

Orpheu, sentado em meio, ensaia as cordas;  
 sentindo que reinava no instrumento  
 entre diversos sons concorde ajuste,  
 desferiu n'este canto a voz celeste:

\*

Cede todo o Universo ás leis de Jove;  
 por Jove, ó Musa, ó mãe, comece o canto.  
 Seu poder, seu furor, suas vinganças,  
 os gigantes em Phlégra ardendo em raivas,  
 já com plectro maior troei na lyra;  
 lyra pedem mais branda aos versos de hoje:  
 quero cantar os moços que de deuses  
 foram amados, e protervas moças,  
 por defesas paixões sacrificadas.

e quer morrer também. Quantas meiguices,  
 quantas consolações lhe não deu Febo!  
 Como lhe aconselhou que a dor sentisse,  
 mas leve, mas conforme à causa dela!  
 Em vão; gemendo o moço pede aos numes  
 por supremo favor contínuo pranto.  
 Tendo exaurido em lágrimas o sangue,  
 começou todo o corpo a verdejar-lhe;  
 a coma, antes pendente em níveos ombros,  
 a arrepiar-se em grenha, a erguer-se em cume,  
 com que ao sidéreo espaço eterno aponta.  
 O deus então gemendo,

— Árvore, – grita –  
 chorar-te-ei; chorarás tu mesma aos outros.  
 Fica votada ao luto, e sócia aos tristes. —

\*

Tais eram pois as árvores, que em roda  
 do divino cantor se emaranhavam.  
 As feras, como em grupo, à sombra escutam;  
 pasmam nas ramas os plumosos bandos.

{fl.13}

Orfeu, sentado em meio, ensaia as cordas;  
 sentindo que reinava no instrumento  
 entre diversos sons concorde ajuste,  
 desferiu neste canto a voz celeste:

\*

— Cede todo o universo às leis de Jove;  
 por Jove, ó musa, ó mãe, comece o canto.  
 Seu poder, seu furor, suas vinganças,  
 os gigantes em Flegra ardendo em raivas,  
 já com plectro maior troei na lira;  
 lira pedem mais branda aos versos de hoje:  
 quero cantar os moços que de deuses  
 foram amados, e protervas moças,  
 por defesas paixões sacrificadas.

190

195

200

205

210

215

*	*
<p>Outr'ora pelo Phrygio Ganimédes o Monarcha dos ceos ardeu de amores. Quiz o deus ser o que não era: occulta-se n'uma ave; ¿e qual? a aguia, que ao seu mando empolga o raio. Sem demora fende o ar com as falsas plumas, arrebatada o mocinho no dorso, e aos ceos remonta, onde o tem, e onde quer (mal grado a Juno)</p>	<p>Outrora pelo frígio Ganimedes o monarca dos céus ardeu de amores. Quis o deus ser o que não era: occulta-se numa ave; e qual? A águia, que ao seu mando empolga o raio. Sem demora fende o ar com as falsas plumas, arrebatada o mocinho no dorso, e aos céus remonta, onde o tem, e onde quer (malgrado a Juno)</p>
}fl.7{ {fl.14}	{fl.14}
que elle lhe apronte e lhe ministre o néctar.	que ele lhe apronte e lhe ministre o néctar. 225
*	*
<p>O que esse a Jove foi, tu foste a Phebo, filho de Amyclas. No sidéreo campo de teu nume o favor te collocára, se teu rapido fim lh'o não vedasse; mas deu-te, como poudes, a eternidade. Sempre que a flórea quadra principia a desviar o inverno, succedendo o doirado Carneiro ao peixe aquoso, entre o hervoso florir tambem floresces. A meu progenitor maior ternura ninguem deveu que tu; por ti faltaram no meio do orbe oraculos a Delphos; em quanto o Eurótas e a indefesa Sparta frequenta o deus da lyra, a lyra é muda, quêda a aljava; esquecido de si mesmo, não desdenha levar comtigo redes, conter &lt;os&gt; [↑teus] cães, correr fragosos sêrros; do jovem caçador é sempre o socio; quanto convive mais, mais sente o fogo.</p>	<p>O que esse a Jove foi, tu foste a Febo, filho de Amiclas. No sidéreo campo de teu nume o favor te colocara, se teu rápido fim lho não vedasse; mas deu-te, como pôdes, a eternidade. 230 Sempre que a flórea quadra principia a desviar o inverno, succedendo o doirado carneiro ao peixe aquoso, entre o ervoso florir também floresces. A meu progenitor maior ternura 235 ninguém deveu que tu; por ti faltaram no meio do orbe oráculos a Delfos; enquanto o Eurotas e a indefesa Esparta frequenta o deus da lira, a lira é muda, queda a aljava; esquecido de si mesmo, 240 não desdenha levar contigo redes, conter teus cães, correr fragosos serros; do jovem caçador é sempre o sócio; quanto convive mais, mais sente o fogo.</p>
*	*

}fl.8{ {fl.15}

{fl.15}

\*

\*

Certa vez, quando o sol a eguaes distancias  
via a noite por vir, e a extinta noite,  
despem-se nus os dois, e ambos luzentes  
do succo da oliveira entram jogando  
ao disco de metal. Phebo arremeça  
o seu, e n'um vai-vem, fendendo as nuvens,  
vê-o depois cahir, bater na terra;  
fôrça unida com a arte. O ardente Hyacintho,  
cubiçoso, ia curvo a mão lançar-lhe,  
quando o disco ressalta, e no teu rôsto,  
incauto moço, quebra. Ambos a um tempo  
enfiam; corre o nume, e consternado  
ergue Hyacintho nos braços, aqueitando-o,  
conchegando-o a si, palpando-o frio,  
estancando-lhe os golpes, e applicando-lhe  
hervas, que d'alma a fuga lhe sustenham.  
;Mas ai! é van sua arte, o mal sem cura.

\*

Como em fresco jardim se alguem apanha  
uma violeta, uma papoila, um lirio,  
os vê tombar na haste e pender murchos,  
tal de Hyacintho a languida cabeça  
na cerviz sem vigor cai sobre o hombro.

}fl.9{ {fl.16}

{fl.16}

\*

\*

– |“Ó tu, que eu tanto amava, – o deus vozeia –  
¿como assim te perdi na flor dos annos?  
;ver-te ferido, e ver que é minha culpa!  
tu és a minha dor, és meus remorsos.  
Quem te matou, fui eu ;Mas eu culpado!?  
¿culpado em quê?!... ¿o amar é crime? ¿um brinco,  
um simples jôgo é crime? ;Oh! se eu pudesse  
morrer por ti! ;morrer contigo!... Embora:

Certa vez, quando o sol a iguais distâncias 245  
via a noite por vir, e a extinta noite,  
despem-se nus os dois, e ambos luzentes  
do suco da oliveira entram jogando  
ao disco de metal. Febo arremessa  
o seu, e num vaivém, fendendo as nuvens, 250  
vê-o depois cair, bater na terra;  
força unida com a arte. O ardente Jacinto,  
cobiçoso, ia curvo a mão lançar-lhe,  
quando o disco ressalta, e no teu rosto,  
incauto moço, quebra. Ambos a um tempo 255  
enfiam; corre o nume, e consternado  
ergue Jacinto nos braços, aqueitando-o,  
conchegando-o a si, palpando-o frio,  
estancando-lhe os golpes, e applicando-lhe  
ervas, que d'alma a fuga lhe sustenham. 260  
Mas ai! É vã sua arte, o mal sem cura.

\*

Como em fresco jardim se alguém apanha  
uma violeta, uma papoila, um lírio,  
os vê tombar na haste e pender murchos,  
tal de Jacinto a lânguida cabeça 265  
na cerviz sem vigor cai sobre o ombro.

se a lei do Fado nos governa, eternas  
 hão-de ser para mim saudades tuas;  
 minha voz, minha lyra, hão-de teu nome  
 celebrar sempre; e vai nascer da terra  
 nova flor, que os meus ais conserve inscritos;  
 e virá dia, em que um heroe fortissimo  
 n'ella se esconda, e deixe ler nas pétalas  
 o nome seu.<sup>17</sup>] –

\*

Vaticinava Apollo;

e o sangue, pelas hervas esparzido  
 deixava de ser sangue, e em purpurina  
 flor se mudava, em tudo igual aos lírios,  
 menos na côr, que é n'elles prateada.

}fl.10{ {fl.17}

Phebo, de honral-o assim não pago ainda,  
 fiel ao voto ai ai pintou nas folhas,  
 que esta funebre voz inda hoje guardam.

\*

De o ter visto nascer blazona Sparta,  
 que inda agora devora em grande pompa  
 Hyacinthias festas annuaes renova.

\*

Opondo sexo a sexo, exemplo a exemplo,  
 vêde se a metallífera Amathunta  
 por filhas as Propétides blazona;  
 odeia-as, tanto ou mais do que aos Cerastes,  
 a quem bicórnea fronte ha dado o nome.

\*

Tinham estes a Jove Hospitaleiro  
 ante as portas erguido altar nefando,  
 que em sempre fresco sangue negrejava.  
 Lá se algum forasteiro os olhos punha,  
 cria ver estampado em sacrificio  
 de ovelha ou de bezerro um culto a Jupiter;

se a lei do fado nos governa, eternas 275  
 hão de ser para mim saudades tuas;  
 minha voz, minha lira, hão de teu nome  
 celebrar sempre; e vai nascer da terra  
 nova flor, que os meus ais conserve inscritos;  
 e virá dia, em que um herói fortíssimo 280  
 nela se esconda, e deixe ler nas pétalas  
 o nome seu.'

\*

Vaticinava Apolo;

e o sangue, pelas ervas esparzido  
 deixava de ser sangue, e em purpurina  
 flor se mudava, em tudo igual aos lírios, 285  
 menos na cor, que é neles prateada.

{fl.17}

Febo, de honrá-lo assim não pago ainda,  
 fiel ao voto “ai ai” pintou nas folhas,  
 que esta fúnebre voz inda hoje guardam.

\*

De o ter visto nascer blazona Esparta, 290  
 que inda agora devora em grande pompa  
 Jacíntias festas annuaes renova.

\*

Opondo sexo a sexo, exemplo a exemplo,  
 vede se a metallífera Amatunta  
 por filhas as Propétides blazona; 295  
 odeia-as, tanto ou mais do que aos cerastes,  
 a quem bicórnea fronte há dado o nome.

\*

Tinham estes a Jove Hospitaleiro  
 ante as portas erguido altar nefando,  
 que em sempre fresco sangue negrejava. 300  
 Lá se algum forasteiro os olhos punha,  
 cria ver estampado em sacrificio  
 de ovelha ou de bezerro um culto a Júpiter;



não duvidava entrar... e achava a morte.

não duvidava entrar... e achava a morte.

}fl.11{ {fl.18}

{fl.18}

\*

\*

De sacrilegios taes horrorizada  
ia Venus deixar os Cyprios campos;  
mas pára e diz:

De sacrilégios tais horrorizada  
ia Vênus deixar os cíprios campos;  
mas para e diz:

305

– “[Acaso me offenderam

‘Acaso me ofenderam

sítios tão meus, cidades tão queridas?

sítios tão meus, cidades tão queridas?

Qual é, qual foi o crime d’estes povos?

Qual é, qual foi o crime destes povos?

Puna destêrro ou morte a raça iníqua;

Puna desterro ou morte a raça iníqua;

310

ou se a morte e o destêrro admitem meio

ou se a morte e o desterro admitem meio

que dos dois participe e aos dois exceda,

que dos dois participe e aos dois exceda,

dê-se extranho castigo ao crime extranho:

dê-se estranho castigo ao crime estranho:

mudem a forma, a condição, a essencia.

mudem a forma, a condição, a essência.

Mas... em que os mudarei?...” –

Mas... em que os mudarei?...’

Calou-se, e adverte

Calou-se, e adverte

315

na cornígera fronte.

na cornígera fronte.

– “[Embora a tenham]” –

‘Embora a tenham’ –

diz; e as formas brutaes converte em toiros.

diz; e as formas brutais converte em toiros.

\*

\*

Apesar do prodígio e da vingança,  
negar seu nume, profanar seus cultos  
as lascivas Propétides ousaram;  
provou <novo> prodígio novo o ser divino;  
e o furor justo da ultrajada Venus

Apesar do prodígio e da vingança,  
negar seu nume, profanar seus cultos  
as lascivas Propétides ousaram;  
provou prodígio novo o ser divino;  
e o furor justo da ultrajada Vênus

320

}fl.12{ {fl.19}

{fl.19}

insaciáveis frenéticos desejos

insaciáveis frenéticos desejos

lhes ateia, lhes sopra; e foram estas

lhes ateia, lhes sopra; e foram estas

as primeiras que amor prostituíram,

as primeiras que amor prostituíram,

325

ou deram sem amor a formosura.

ou deram sem amor a formosura.

Apenas o furor lhes foge às faces,

Apenas o furor lhes foge às faces,

endurecido o sangue, eil-as trocadas

endurecido o sangue, ei-las trocadas

(nem foi grande a mudança) em rijos seixos.

(nem foi grande a mudança) em rijos seixos.



Um cinto a aperta, e brincos lhe tremulão|:  
 Em qualquer traje é bella e é bella nua|.|  
 Leito de tyria purpura lhe apresta,  
 Deita-a, chamma-lhe esposa, e sob a fronte  
 Lhe achega, lhe compõe fofa almofada  
 Com que sinta o morbido das plumas.  
 Vem dia festejado em toda a Chypre,  
 E sacro à (may) do amor; (ruim) feridas  
 Com pezo enorme em terra as vaccas brancas  
 De aureas, polidas, enfeitadas pontas.  
 Sobe do altar fumante o incenso em rolos,  
 Pygmalão, depois que as aras brinda,  
 Para ante ellas, e |

–“|ó Deusa, exclama, ó Venus,

Se quanto dar-lhe apraz, dar Numes podem,  
 Tu dá-me esposa á Nimfa... |”–| ia escapar-lhe  
 Eburnea; não ousou, pára e prosegue:  
 –“Dá-me a Nimfa, que em cor marfim deslumbra|.”|  
 Venus, que as proprias festas assistia,  
 Preces lhe ouve, lhe entende e annui às preces.  
 Tres vezes se alteou no altar votivo  
 Chama esplendente, ressaltando aos ares,  
 Favoravel signal de Amigo Nume.

Vôa ao lar, corre á estatua idolatrada,  
 No thalamo a seu lado a poem, e a beija,  
 Sente aquecer, os beijos afervora,  
 Palpa o seio, o marfim palpado abranda,

}s/n{ {fl.22}

Já cede, já resae, tocado, ou livre,  
 Tal se abranda com o Sol (d’) Hymetto a cêra,  
 A que engenhosas mãos, dão formas faceis.  
 Pasma, alegre-se a medo, um sonho tenue,  
 Medra-lhe em tanto o amor, cresce o delirio|.|  
 Volve a tentar o prospero milagre

um cinto a aperta, e brincos lhe tremulam:  
 em qualquer traje é bela e é bela nua.  
 Leito de tíria púrpura lhe apresta,  
 deita-a, chama-lhe esposa, e sob a fronte  
 lhe achega, lhe compõe fofa almofada  
 com que sinta o mórbido das plumas.  
 Vem dia festejado em toda a Chipre,  
 e sacro à mãe do amor: ruem feridas  
 com peso enorme em terra as vacas brancas  
 de áureas, polidas, enfeitadas pontas.  
 Sobe do altar fumante o incenso em rolos,  
 Pigmalião, depois que as aras brinda,  
 para ante elas, e

‘Ó deusa – exclama – ó Vênus,

se quanto dar-lhe apraz, dar numes podem,  
 tu dá-me esposa à ninfa...’ – ia escapar-lhe  
 ebúrnea; não ousou, para e prossegue:  
 ‘Dá-me a ninfa, que em cor marfim deslumbra.’  
 Vênus, que as próprias festas assistia,  
 preces lhe ouve, lhe entende e anui às preces.  
 Três vezes se alteou no altar votivo  
 chama esplendente, ressaltando aos ares,  
 favorável sinal de amigo nume.

Voa ao lar, corre à estátua idolatrada,  
 no tálamo a seu lado a põe, e a beija,  
 sente aquecer, os beijos afervora,  
 palpa o seio, o marfim palpado abranda,

{fl.22}

já cede, já ressai, tocado, ou livre,  
 tal se abranda com o sol d’Himeto a cera,  
 a que engenhosas mãos, dão formas fáceis.  
 Pasma, alegre-se a medo, um sonho tênue,  
 medra-lhe em tanto o amor, cresce o delírio.  
 Volve a tentar o próspero milagre

<E> |É| já (corpo): a certa suspirada  
 Sob as mãos lhe palpita em cada veia:  
 Do íntimo coração, do (páfio) moço  
 Rompem a Venus jubilosas graças.  
 A labios já com vida une os seus labios.  
 Sentindo-se beijar, córou-se a virgem,  
 E abrindo os olhos tímidos, n'um ponto  
 Vio- os Ceus a brilhar, a rir o Amante.  
 Ao Consorcio que fez preside a Deusa;  
 Nona lua ajuntára as aureas pontas  
 Quando a Esposa feliz deu prole um filho;|  
 Ficou seu nome á Ilha, e ainda hoje é Pafos.

é já corpo: a certeza suspirada  
 sob as mãos lhe palpita em cada veia:  
 do íntimo coração, do páfio moço 395  
 rompem a Vênus jubilosas graças.  
 A lábios já com vida une os seus lábios.  
 Sentindo-se beijar, corou-se a virgem,  
 e abrindo os olhos tímidos, num ponto  
 viu os Céus a brilhar, a rir o amante. 400  
 Ao consórcio que fez preside a deusa;  
 nona lua ajuntara as áureas pontas  
 quando a esposa feliz deu prole um filho;  
 ficou seu nome à ilha, e ainda hoje é Pafos.

\* \*

\* \*

}fl.211{ {fl.23}

{fl.23}

Cinyras, hum dos Reis da equórea Chypre,  
 Podéra numerar-se entre os ditosos,  
 Se Prole não tivesse. Eu determino  
 Cantar cousas terríveis: longe, ó Filhas,  
 Longe, ó Pais: e se acaso ás mentes vossas  
 Ficarem de meus versos attrahidas,  
 Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;  
 Ou, crendo o caso atroz, crêde o castigo:  
 Se permite, comtudo, a Natureza  
 Que tão negros horrores enxovalhem.

*Cíniras, um dos Reis da equórea Chipre,* 405  
*pudera numerar-se entre os ditosos,*  
*se prole não tivesse. Eu determino*  
*cantar coisas terríveis: longe, ó filhas,*  
*longe, ó pais: e se acaso às mentes vossas*  
*ficarem de meus versos atraídas,* 410  
*não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;*  
*ou, crendo o caso atroz, crede o castigo:*  
*se permite, contudo, a natureza*  
*que tão negros horrores enxovalhem.*

Feliz a Ismária Gente, o Mundo nosso,  
 Que jaz distante do brutal, do indigno  
 Paiz onde nasceu paixão nefanda!  
 Embora seja fertil, seja rica  
 De mil perfumes a Pancáia terra,  
 Tenha alta fama em arvores, em flores,  
 Dê custo redolente, e grato amomo,

*Feliz a ismária gente, o mundo nosso,* 415  
*que jaz distante do brutal, do indigno*  
*país onde nasceu paixão nefanda!*  
*embora seja fértil, seja rica*  
*de mil perfumes a Pancaia terra,*  
*tenha alta fama em árvores, em flores,* 420  
*dê custo redolente, e grato amomo,*



}fl.213{ {fl.25}	{fl.25}
<p>Creou penosas leis o Orgulho humano,  Negando o que permite a Natureza.  He constante porém que existem Povos,  Que há Gentes entre as quaes a Mãe ao Filho,  A Filha se une ao Pai, e as leis do sangue  Com duplicado amor se arreigão n'alma.  Oh! Misera de mim! Porque não tive  A dita de nascer naquelles climas?  Minha patria he meu mal... que idéas nutro!  Vedadas, importunas E.peranças,  Ah! Ide-vos: o Pai de amor he digno,  Mas somente d amor que aos Pais se deve.  Se filha de Cinyras eu não fosse,  Podéra de outro modo amar Cinyras;  He meu como o Ceo quer, não como eu quero,  Aparta-nos fatal proximidade:  Se não fôra o que sou, feliz seria.</p>	<p><i>Criou penosas leis o orgulho humano,  negando o que permite a natureza.  É constante porém que existem povos,  que há gentes entre as quais a mãe ao filho,  a filha se une ao pai, e as leis do sangue  com duplicado amor se arreigam n'alma.  Oh! Misera de mim! Porque não tive  a dita de nascer naqueles climas?  Minha pátria é meu mal... que ideias nutro!  Vedadas, importunas esperanças,  ah! Ide-vos: o pai de amor é digno,  mas somente d'amor que aos pais se deve.  Se filha de Cíniras eu não fosse,  pudera de outro modo amar Cíniras;  é meu como o Céu quer, não como eu quero,  aparta-nos fatal proximidade:  se não fora o que sou, feliz seria.</i></p>
	455
	460
	465
	470
	475
	480









}fl.217{ {fl.29}	{fl.29}
Falla, quem he o amante? A industria minha Fará com que teu Pai nunca o suspeite” N’um subito furor lhe sahe dos braços A anciosa Donzella, e sobre o leito As faces apertando, eis diz:	<i>fala, quem é o amante? A indústria minha fará com que teu pai nunca o suspeite.’ Num súbito furor lhe sai dos braços a ansiosa donzela, e sobre o leito as faces apertando, eis diz:</i>
–  “ah! Foge,	‘Ah! Foge,
Ah! Deixa-me, cruel, poupa-me o pejo, Deixa-me, ou cessa de indagar meus males: O que intentas saber he crime horrendo.” A rugosa Matrona, ouvindo-a, treme; As mãos, co’ a idade e co’ temor convulsas, Levanta, aos pés lhe cahe, e ora com mimos, Ora com ameaços quer vencella. Protesta-lhe, se emfim lhe não descobre O terrível segredo, hir acusalla, Hir declarar ao Pai tudo o que vira; Protesta-lhe tambem que, se a contenta, Há de ajudar-lhe os tacitos amores. Ergue a cabeça a misera Donzella, De lagrimas lhe inunda o seio annoso; Mil vezes quer fallar, fallar não póde, E o lacrimoso aspecto envergonhado Tapa co’ as lindas mãos, até que exclama:  –  “Oh feliz minha Mãi com tal Consorte!” Mais não disse, e gemeo. Subito á Velha Hum frígido tremor penetra os membros, As carnes, os cabellos arripia. E quer com mil conselhos ver se aplaca A detestavel chamma incestuosa. Que nenhum lhe aproveita a Virgem sabe,	<i>ah! Deixa-me, cruel, poupa-me o pejo, deixa-me, ou cessa de indagar meus males: o que intentas saber é crime horrendo.’ A rugosa matrona, ouvindo-a, treme; as mãos, co’ a idade e co’ temor convulsas, levanta, aos pés lhe cai, e ora com mimos, ora com ameaços quer vencê-la. Protesta-lhe, se emfim lhe não descobre o terrível segredo, ir acusá-la, ir declarar ao pai tudo o que vira; protesta-lhe também que, se a contenta, há de ajudar-lhe os tácitos amores. Ergue a cabeça a mísera donzela, de lágrimas lhe inunda o seio anoso; mil vezes quer falar, falar não pode, e o lacrimoso aspecto envergonhado tapa co’ as lindas mãos, até que exclama: ‘Ó feliz minha mãe com tal consorte!’ Mais não disse, e gemeu. Súbito à velha um frígido tremor penetra os membros, as carnes, os cabelos arrepia. E quer com mil conselhos ver se aplaca a detestável chama incestuosa. Que nenhum lhe aproveita a virgem sabe,</i>
}fl.218{ {fl.30}	{fl.30}
Sabe que morrerá, se o fim não logra Dos activos, freneticos desejos.	<i>sabe que morrerá, se o fim não logra dos ativos, frenéticos desejos.</i>

<p> -  “Vive: (lhe torna a fragil Conselheira) Em breve gozarás de teu...” não ousa Dizer Pai, e com sacro juramento Sellou no mesmo instante ímpia promessa.</p>	<p><i>‘Vive: (lhe torna a frágil conselheira) em breve gozarás de teu...’ não ousa dizer pai, e com sacro juramento selou no mesmo instante ímpia promessa.</i></p>	605
<p>As Festas annuaes da flava Céres Então as Mães piedosas celebravão; Com roupas côr da neve então cobertas, Davão louras primicias das searas Á Deosa tutelar, urdião crôas Das proveitosas messes, e se abstinhão Do tacto varonil por nove noites: De amor lhe era o praser então defeso.</p>	<p><i>As festas anuais da flava Ceres então as mães piedosas celebravam; com roupas cor da neve então cobertas, davam louras primícias das searas à deusa tutelar, urdiam c’roas das proveitosas messes, e se abstinham do tato varonil por nove noites: de amor lhe era o prazer então defeso.</i></p>	610
<p>Do Paphio Rei a Esposa ás mais se agrrega, E com ellas exerce o Rito augusto. No tóro conjugal só jaz Cinyras: Eis a Velha subtil vai ter com elle, Que perturbado está de Cyprio néctar E de huma illustre Virgem lhe declara Verdadeira paixão com falso nome. Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabellos, Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva, Delle exigindo consentir que expire O virginal pudor na escuridade. Os annos da Donzella o Rei pergunta;  -  “He (lhe torna a sagas) igual a Myrrha.” Ordenão-lhe que súbito a conduza;</p>	<p><i>Do páfio rei a esposa às mais se agrega, e com elas exerce o rito augusto. No toro conjugal só jaz Cíniras: eis a velha sutil vai ter com ele, que perturbado está de cíprio néctar e de uma illustre virgem lhe declara verdadeira paixão com falso nome. Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabelos, louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva, dele exigindo consentir que expire o virginal pudor na escuridade. Os anos da donzela o rei pergunta; ‘É (lhe torna a sagas) igual a Mirra.’ Ordenam-lhe que súbito a conduza;</i></p>	615
}fl.219{ {fl.31}	{fl.31}	
<p>Volve ao seu aposento a Seductora, E á Virgem diz:        -  “alegra-te, Princeza, Vencemos.” Não sentio a malfadada Gosto completo, o coração preságo Não sei que lhe annuncia; inda assim folga:</p>	<p><i>volve ao seu aposento a sedutora, e à virgem diz:     ‘Alegra-te, princesa, vencemos.’ Não sentiu a malfadada gosto completo, o coração pressago não sei que lhe annuncia; inda assim folga:</i></p>	630

Tanto em discordia traz os pensamentos!

*tanto em discórdia traz os pensamentos!*

Era o tempo em que reina alto silêncio;

*Era o tempo em que reina alto silêncio;*

635

Na imensa Esfera o gélido Bootes

*na imensa esfera o gélido Bootes*

Entre os frios Triões volvia o carro.

*entre os frios Triões volvia o carro.*

A Donzella infeliz caminha ao crime:

*A donzela infeliz caminha ao crime:*

Envolvem densos véos a ebúrnea Lua,

*envolvem densos véus a ebúrnea lua,*

Negro, térreo vapor enluta os astros,

*negro, térreo vapor enluta os astros,*

640

Dos claros lumes seus carece a noite.

*dos claros lumes seus carece a noite.*

Icaro, tu primeiro o rosto escondes,

*Ícaro, tu primeiro o rosto escondes,*

E Erigone piedosa, a prole tua,

*e Erígone piedosa, a prole tua,*

Do filial amor sagrado exemplo.

*do filial amor sagrado exemplo.*

Tres vezes sólta ao ar agouro infausto

*Três vezes solta ao ar agouro infausto*

645

No lúgubre clamor funéreo mocho:

*no lúgubre clamor funéreo mocho:*

Ella, contudo, não suspende o passo;

*ela, contudo, não suspende o passo;*

A muda escuridão minora o pejo.

*a muda escuridão minora o pejo.*

Leva a sinistra mão na mão rugosa

*Leva a sinistra mão na mão rugosa*

Da tôrpe, abominavel Conductorora,

*da torpe, abominável condutora,*

650

E vai co'a dextra tenteando as trevas.

*e vai co'a destra tenteando as trevas.*

Da estancia paternal já chega á porta,

*Da estância paternal já chega à porta,*

Abrem-lha já, já entra: os pés fraqueão,

*abrem-lha já, já entra: os pés fraqueiam,*

Foge a côr, fuge o sangue, e cahe o alento.

*foge a cor, fuge o sangue, e cai o alento.*

Quando da atrocidade está mais perto,

*Quando da atrocidade está mais perto,*

655

}fl.220{ {fl.32}

{fl.32}

Tanto mais se horroriza, e se arrepende,

*tanto mais se horroriza, e se arrepende,*

E deseja voltar desconhecida.

*e deseja voltar desconhecida.*

A infame Confidente a vai puxando:

*A infame confidente a vai puxando:*

Do Rei com ella ao thálamo se encosta,

*Do rei com ela ao tálamo se encosta,*

E diz-lhe: |— “o que eu conduzo he teu, recebe-o.”

*e diz-lhe: ‘O que eu conduzo é teu, recebe-o.’*

660

Eis no thálamo o Pai recebe a Prole,

*Eis no tálamo o pai recebe a prole,*

E, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe

*e, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe*

Com mil carícias o virgíneo medo.

*com mil carícias o virgíneo medo.*

Pela idade, talvez, lhe chama Filha,

*Pela idade, talvez, lhe chama filha,*

<p>E ella chama-lhe Pai. (ao negro crime  Nem taes nomes faltarão)  .  Dentre os braços  Do incestuoso Amante emfim se aparta  Myrrha, levando em si da culpa o fructo.  Coube á noite seguinte o mesmo opprobio,  E outras mais deste horror manchadas fôrão.</p>	<p><i>e ela chama-lhe pai (ao negro crime  nem tais nomes faltaram). Dentre os braços  do incestuoso amante enfim se aparta  Mirra, levando em si da culpa o fruto.  Coube à noite seguinte o mesmo opróbio,  e outras mais deste horror manchadas foram.</i></p>	<p>665           670</p>
--	---	--

<p>Finalmente Cinyras, cubiçoso  De ver o objecto que entre sombras goza,  Com repentina luz, que tinha occulta,  Encara, e reconhece o crime, e a Filha.  O excesso da paixão lhe embarga as vozes;  Colerico se arroja ao duro ferro.  Foge Myrrha, e da morte a noite a salva,  Foge Myrrha infeliz, discorre os campos,  Sahe da Arabia Palmífera, e Panchéa.</p>	<p><i>Finalmente Cíniras, cobiçoso  de ver o objeto que entre sombras goza,  com repentina luz, que tinha occulta,  encara, e reconhece o crime, e a filha.  O excesso da paixão lhe embarga as vozes;  colérico se arroja ao duro ferro.  Foge Mirra, e da morte a noite a salva,  foge Mirra infeliz, discorre os campos,  sai da Arábia Palmífera, e Panqueia.</i></p>	<p>          675</p>
---	---	--

<p>Nove Luas vagar sem tino a vírão,  Té que no chão Sabêo parou cançada.  Já do Fructo recôndito, e molesto</p>	<p><i>Nove luas vagar sem tino a viram,  'té que no chão sabeu parou cansada.  Já do fruto recôndito, e molesto</i></p>	<p>680</p>
--	---	------------

}fl.221{ {fl.33}

{fl.33}

<p>Apenas sustentar podia o pezo.  Sem saber o que faça, o que deseje,  Temendo a morte, aborrecendo a vida,  Dest'arte implora o Ceo:      –  “Numes! Oh Numes!  Se ante vós aproveita ao Delinquente  Confessar seus delictos, eu confesso  Que o meu crime he crédor d'alto castigo,  E á pena que mereço eu me conformo.  Mas porque nem vivendo affronte os vivos,  Oh Deoses, nem morrendo affronte os mortos,  Mudando a minha essencia, a minha fórma,  A morte me negai, negai-me a vida.”</p>	<p><i>apenas sustentar podia o peso.  Sem saber o que faça, o que deseje,  temendo a morte, aborrecendo a vida,  destarte implora o Céu:    'Numes! Ó numes!  Se ante vós aproveita ao delinquente  confessar seus delitos, eu confesso  que o meu crime é credor d'alto castigo,  e à pena que mereço eu me conformo.  Mas por que nem vivendo afronte os vivos,  ó deuses, nem morrendo afronte os mortos,  mudando a minha essência, a minha forma,  a morte me negai, negai-me a vida.'</i></p>	<p>           685           690</p>
---	---	---



accurva-se a <gemer> [↑ranger], como que geme,  
e das cheirosas lagrimas se banha.

\*

Lucina junto aos ramos lastimados  
parou de puro dó; com as mãos toca,  
ao parto murmurando amigos versos.  
Por si se fende a casca, e o tronco aberto  
lança um filho chorando á luz da vida.  
Acudiram-lhe as Náíades piedosas;  
molle berço de plantas lhe aprestaram,  
e ungiram-n-o com as lagrimas maternas.  
Louvára-lhe o semblante a propria inveja,  
que não são mais gentís quando arte os finge  
os Amorzinhos nus em Gnídio bosque;

}fl.14{ {fl.36}

e se quereis que uns e outros não se extremem,  
ponde Amores sem arco, ou ponde-o n'este.

\*

¡Como o tempo é veloz! passais, ó annos,  
sem haver quem vos tólha ou quem vos sinta.  
Este, da irman e avô gerado ha pouco,  
inda ha pouco de uma arvore no seio,  
inda ha pouco gentil mimoso infante,  
já é moço, é já homem; e vencendo  
vai cada idade á outra em formosura.  
Tal é, que Venus mesma affecto inspira,  
affecto pelo qual (não tarde) o fogo  
da incestuosa mãe vai ser vingado.

\*

O deus menino, o voador fréxeiro,  
nunca, nunca da mão demitte o arco;  
seu arco sem querer deu causa a tudo.  
Corrêra o filho á mãe com um beijo pronto;  
para a deusa sorrindo estende os braços....  
quando o incauto farpão lhe rasga o peito.

acurva-se a ranger, como que geme,  
e das cheirosas lágrimas se banha.

\*

Lucina junto aos ramos lastimados  
parou de puro dó; com as mãos toca, 725  
ao parto murmurando amigos versos.  
Por si se fende a casca, e o tronco aberto  
lança um filho chorando à luz da vida.  
Acudiram-lhe as náíades piedosas;  
mole berço de plantas lhe aprestaram, 730  
e ungiram-no com as lágrimas maternas.  
Louvara-lhe o semblante a própria inveja,  
que não são mais gentis quando arte os finge  
os amorzinhos nus em gnídio bosque;

{fl.36}

e se quereis que uns e outros não se extremem, 735  
ponde amores sem arco, ou ponde-o neste.

\*

Como o tempo é veloz! Passais, ó anos,  
sem haver quem vos tolha ou quem vos sinta.  
Este, da irmã e avô gerado há pouco, 740  
inda há pouco de uma árvore no seio,  
inda há pouco gentil mimoso infante,  
já é moço, é já homem; e vencendo  
vai cada idade à outra em formosura.  
Tal é, que Vênus mesma afeto inspira,  
afeto pelo qual não tarde o fogo 745  
da incestuosa mãe vai ser vingado.

\*

O deus menino, o voador frecheiro,  
nunca, nunca da mão demite o arco;  
seu arco sem querer deu causa a tudo.  
Correra o filho à mãe com um beijo pronto; 750  
para a deusa sorrindo estende os braços....  
quando o incauto farpão lhe rasga o peito.

A deusa lança um ai, repelle o filho,  
mas a chaga lá jaz, nem qual parece,  
nem como elle a julgou: jaz pouco funda.

}fl.15{ {fl.37}

Desde então, toda entregue a seus amores,  
toda cheia de Adónis, já não cura  
as praias de Cythéra, a equórea Paphos,  
Gnido, a piscosa, ou Amathunta prenhe  
de preciosos metaes; aos ceos se esquiva,  
Adónis lhes prefere, a Adónis ama.  
Nunca o deixa, acompanha-o de contínuo;  
a que até agora os dias recriava  
em voluptuosas sombras, não sabendo  
outro estudo a não ser sua lindeza,  
agora só divaga oiteiros, rochas,  
ríspidos mattos, enleadas selvas,  
nua até o joelho, e no tomado  
das roupagens lembrando a alva Diana;  
instiga os leves cães, acossa a lebre,  
o ramoso veado, as côrças ágeis,  
tímida caça de segura prêza;  
mas cauta evita os javalís sanhudos,  
o lobo roubador, os tôrvos ursos,  
e os leões fartos de immoladas rêzes.  
Evital-os é pouco; exige, Adónis,  
que os evites tambem; rasões, instancias,  
por livrar-te do risco, emprega tudo.

}fl.16{ {fl.38}

– |“Sê valente com os tímidos, – exclama; –  
contra audazes a audacia é perigosa;  
não sejas temerário á minha custa;  
não ouses provocar bravias feras  
que a Natureza armou; cuidado, ó moço,  
não me sáia mui cara a tua gloria.

A deusa lança um ai, repele o filho,  
mas a chaga lá jaz, nem qual parece,  
nem como ele a julgou: jaz pouco funda.

{fl.37}

Desde então, toda entregue a seus amores,  
toda cheia de Adónis, já não cura  
as praias de Citera, a equórea Pafos,  
Gnido, a piscosa, ou Amatunta prenhe  
de preciosos metaes; aos céus se esquiva,  
Adónis lhes prefere, a Adónis ama.  
Nunca o deixa, acompanha-o de contínuo;  
a que até agora os dias recriava  
em voluptuosas sombras, não sabendo  
outro estudo a não ser sua lindeza,  
agora só divaga oiteiros, rochas,  
ríspidos matos, enleadas selvas,  
nua até o joelho, e no tomado  
das roupagens lembrando a alva Diana;  
instiga os leves cães, acossa a lebre,  
o ramoso veado, as corças ágeis,  
tímida caça de segura preza;  
mas cauta evita os javalis sanhudos,  
o lobo roubador, os torvos ursos,  
e os leões fartos de imoladas reses.  
Evitá-los é pouco; exige, Adónis,  
que os evites também; razões, instâncias,  
por livrar-te do risco, emprega tudo.

{fl.38}

‘Sê valente com os tímidos, – exclama; –  
contra audazes a audácia é perigosa;  
não sejas temerário à minha custa;  
não ouses provocar bravias feras  
que a natureza armou; cuidado, ó moço,  
não me saia mui cara a tua glória.



Olha que a tua idade, o aspecto, os dotes  
que o coração de Venus encantaram  
não tocam javalís, leões não vencem;  
olhos não teem, que de beleza entendam;  
coração como a nós não coube ás feras;  
trazem raios nos dentes navalhados;  
os ígneos javalis... irresistíveis  
são no ímpeto; os leões, na raiva imensos;  
e nenhum animal votei mais ódio.]” –

\*

Perguntada a razão pelo mancebo,  
do mancebo á pergunta assim responde:  
– “[Ouve-me: vais pasmar do antigo crime  
dos leões. Mas... este áspero exercicio  
fatigou-me; a ventura nos depára  
d’este alto choupo a sombra carinhosa,

}fl.17{ {fl.39}

e um leito doce a amor n’este relvado.  
Contigo reclinar-me ali me agrada. –

\*

E reclinou-se ali. Com os níveos membros  
a relva opprime, e aperta ao seio o amante.  
Pondo no peito d’elle o rosto alegre,  
e nos olhos que adora os seus fitando,  
diz, e com beijos interrompe as phrases:  
– “[Talvez falar ouviste em certa virgem,  
que vencia á carreira os mais velozes;  
pois fábula não foi: vencia a todos.  
Se a visses, indeciso ficarias  
se o dote da inaudita ligeireza  
era n’ella maior que a formosura.  
Para saber que esposo obter devia,  
foi consultar o oráculo de Apollo.  
| – | “Atalanta, de esposo não careces –  
o oraculo lhe volve; – “esposos foge;

Olha que a tua idade, o aspecto, os dotes  
que o coração de Vênus encantaram  
não tocam javalis, leões não vencem;  
olhos não têm, que de beleza entendam;  
coração como a nós não coube às feras;  
trazem raios nos dentes navalhados;  
os ígneos javalis... irresistíveis  
são no ímpeto; os leões, na raiva imensos;  
e nenhum animal votei mais ódio.’

\*

Perguntada a razão pelo mancebo,  
do mancebo à pergunta assim responde:  
‘Ouve-me: vais pasmar do antigo crime  
dos leões. Mas... este áspero exercício  
fatigou-me; a ventura nos depara  
deste alto choupo a sombra carinhosa,

{fl.39}

e um leito doce a amor neste relvado.  
Contigo reclinar-me ali me agrada.’

\*

E reclinou-se ali. Com os níveos membros  
a relva oprime, e aperta ao seio o amante.  
Pondo no peito dele o rosto alegre,  
e nos olhos que adora os seus fitando,  
diz, e com beijos interrompe as frases:  
‘Talvez falar ouviste em certa virgem,  
que vencia à carreira os mais velozes;  
pois fábula não foi: vencia a todos.  
Se a visses, indeciso ficarias  
se o dote da inaudita ligeireza  
era nela maior que a formosura.  
Para saber que esposo obter devia,  
foi consultar o oráculo de Apolo.  
‘Atalanta, de esposo não careces –  
o oráculo lhe volve; – esposos foge;

785

790

795

800

805

810

815

“porém não fugirás; quer teu destino  
“que te vejas sem ti durando a vida.”

\*

Do tremendo prognóstico assustada,  
solteira vive entre os opácos bosques.

}fl.18{ {fl.40}

Com a dura condição, com as esquivanças,  
balda instancias de illustres pretendentes;  
com pronto desengano em fuga os volve.

|–| “Quem fôr o mais veloz, ter-me-ha – dizia. –

“Apostemos; tentae; correi comigo;

“o vencedor meu thálamo consiga;

“tenha o vencido a morte; o ajuste é este.”

É duro; mas a dama é tão formosa,

que ao tentâme fatal sem conto acodem.

\*

Assentado entre a turba espectadora,  
por ver a iníqua aposta, brada Hippómenes:

|–| “¡E ha quem se exponha, para obter esposa,

“a tamanhos perigos?!” A cubiça

de tanto moço incauto assim condemna.

\*

Surge Atalanta. Mal que a viu, depostas  
as roupas, nua e linda, como eu propria,  
ou como tu (sendo mulher), pasmado,  
erguendo as mãos, só disse: |–| “¡Oh! perdoae-me,  
“vós todos que eu culpava; é que não tinha  
“visto o premio da aposta.” Exalta, louva,  
e quanto louva mais, mais se incendeia.

Tremendo, palpitando, implora os numes  
que nenhum contendor lhe leve a palma;  
arde em inveja, e diz: |–| “O que esses tentam,  
“por que o não tentarei? Aos atrevidos,  
“favorece-os um nume.”

porém não fugirás; quer teu destino  
que te vejas sem ti durando a vida.’

\*

Do tremendo prognóstico assustada,  
solteira vive entre os opacos bosques.

{fl.40}

Com a dura condição, com as esquivanças,  
balda instâncias de ilustres pretendentes;  
com pronto desengano em fuga os volve.

‘Quem for o mais veloz, ter-me-á – dizia. –

Apostemos; tentai; correi comigo;

o vencedor meu tálamo consiga;

tenha o vencido a morte; o ajuste é este.’

É duro; mas a dama é tão formosa,

que ao tentame fatal sem conto acodem.

\*

Assentado entre a turba espectadora,  
por ver a iníqua aposta, brada Hipómenes:

‘E há quem se exponha, para obter esposa,

a tamanhos perigos?!’ A cobiça

de tanto moço incauto assim condena.

\*

Surge Atalanta. Mal que a viu, depostas  
as roupas, nua e linda, como eu própria,  
ou como tu sendo mulher, pasmado,  
erguendo as mãos, só disse: ‘Oh! Perdoai-me,  
vós todos que eu culpava; é que não tinha  
visto o prêmio da aposta.’ Exalta, louva,  
e quanto louva mais, mais se incendeia.

Tremendo, palpitando, implora os numes  
que nenhum contendor lhe leve a palma;  
arde em inveja, e diz: ‘O que esses tentam,  
por que o não tentarei? Aos atrevidos,  
favorece-os um nume.’

820

825

830

835

840

845

E isto pensava,  
quando a virgem partiu como voando.  
Bem que ao mancebo Aónio se afigure

}fl.19{ {fl.41}

mais que Scythica setta acelerada,  
só a elegancia d'ella é o pasmo d'elle;  
cresce a elegancia no crescer da fuga;  
n'um turbilhão precípíte lhe vôam  
os levíísimos pés; pelo alvo torso  
cai-lhe o longo cabelo ao som do vento;  
do corpo a candidez se lhe afogueia,  
e toma a rubra côr de que enche a alvura  
de atrio festivo a purpura que o tólda.  
Em quanto o espectador tudo isto observa,  
ultrapassou-se a meta, e é coroada  
a gentil vencedora; em<quanto>[↑tanto], os míseros  
pagam com a morte.

\*

Sem pavor Hippómenes

sai a meio do campo, e encara a virgem.  
– “¿Que gloria tens – lhe diz – vencendo a inertes?  
“vem; disputa comigo; inda que eu vença,  
“corar não poderás de igual victoria.  
“Nasci de Megareu; elle, de Onchéstio;  
“Onchéstio, de Neptuno; eu sou bisneto

}fl.20{ {fl.42}

“d’esse cujo tridente rege o Oceano;  
“nem desminto em valor tão nobre origem.  
“Se venceres a Hippómenes, alcanças  
“justo titulo á gloria, e nome eterno.”

\*

A filha de Scheneu com ar benigno  
lhe escuta o desafio, e não acérta  
se vencedor o quer, se o quer vencido;

E isto pensava,  
quando a virgem partiu como voando.  
Bem que ao mancebo aônio se afigure

{fl.41}

mais que cítica seta acelerada,  
só a elegância dela é o pasmo dele; 850  
cresce a elegância no crescer da fuga;  
num turbilhão precípíte lhe voam  
os levíísimos pés; pelo alvo torso  
cai-lhe o longo cabelo ao som do vento;  
do corpo a candidez se lhe afogueia, 855  
e toma a rubra cor de que enche a alvura  
de átrio festivo a púrpura que o tolda.  
Enquanto o espectador tudo isto observa,  
ultrapassou-se a meta, e é coroada  
a gentil vencedora; entanto, os míseros 860  
pagam com a morte.

\*

Sem pavor Hipómenes

sai a meio do campo, e encara a virgem.  
‘Que glória tens – lhe diz – vencendo a inertes?’  
Vem; disputa comigo; inda que eu vença,  
corar não poderás de igual vitória. 865  
Nasci de Megareu; ele, de Onquéstio;  
Onquéstio, de Netuno; eu sou bisneto

{fl.42}

desse cujo tridente rege o oceano;  
nem desminto em valor tão nobre origem.  
Se venceres a Hipómenes, alcanças 870  
justo título à glória, e nome eterno.’

\*

A filha de Esqueneu com ar benigno  
lhe escuta o desafio, e não acerta  
se vencedor o quer, se o quer vencido;

e diz: |—| “¿Que deus infesto á formosura  
 “quer perder este moço? ¡a cara vida  
 “vel-a exposta por mim?! não valho eu tanto.  
 “Não é por ser formoso que me toca,  
 “podendo-me tocar por ser formoso;  
 “fazem-me compaixão seus annos tenros;  
 “dos annos seus, não d’elle, me condôo.  
 “¿Que direi de um valor que afronta a morte?  
 “¿de uma nobreza que se enlaça a nubes?  
 “de um amor, de um apreço em ter-me esposa,  
 “que, se o não conseguir, despréa a vida?  
 “Foge, evita, estrangeiro, enquanto é tempo,  
 “laços crueis, e thálamos de sangue;

}fl.21{ {fl.43}

“não temas que uma só teu rogo enjeite;  
 “ver-te-has das mais austéras desejado.  
 “¿Mas por que hei-de em ti só carpir desgraça  
 “que em tantos não carpi? Se a lei foi minha,  
 “é d’elle a escôlha; e pois que não aprende  
 “com tanto exemplo atroz como os que ha visto,  
 “se o desgosta o viver... pereça embora.  
 “¿Pereça?! ¡por querer viver comigo!?!  
 “¿deve-se a tanto amor tão dura morte?!  
 “Sei que odio universal vou ter se venço;  
 “mas sem culpa. ¡Oxalá que desistisses,  
 “ou fosses mais veloz, pois que és tão louco.  
 “¡No jovem rôsto que divino aspecto!  
 “¡Oh! ¡nunca, triste Hippómenes, me visses!  
 “merecias viver. Fosse eu ditosa,  
 “não me vedasse esposo um Fado iníquo,  
 “só tu meu coração, meu leito, houveras.”

\*

Assim de amor a candida noviça,  
 sem cuidar que o sentia, amor pintava.

\*

e diz: ‘Que deus infesto à formosura 875  
 quer perder este moço? A cara vida  
 vê-la exposta por mim?! Não valho eu tanto.  
 Não é por ser formoso que me toca,  
 podendo-me tocar por ser formoso;  
 fazem-me compaixão seus anos tenros; 880  
 dos anos seus, não dele, me condoo.  
 Que direi de um valor que afronta a morte?  
 De uma nobreza que se enlaça a nubes?  
 De um amor, de um apreço em ter-me esposa,  
 que, se o não conseguir, despreza a vida? 885  
 Foge, evita, estrangeiro, enquanto é tempo,  
 laços cruéis, e tálamos de sangue;

{fl.43}

não temas que uma só teu rogo enjeite;  
 ver-te-ás das mais austeras desejado.  
 Mas por que hei de em ti só carpir desgraça 890  
 que em tantos não carpi? Se a lei foi minha,  
 é dele a escolha; e pois que não aprende  
 com tanto exemplo atroz como os que há visto,  
 se o desgosta o viver... pereça embora.  
 Pereça?! Por querer viver comigo!?! 895  
 Deve-se a tanto amor tão dura morte?!  
 Sei que ódio universal vou ter se venço;  
 mas sem culpa. Oxalá que desistisses,  
 ou fosses mais veloz, pois que és tão louco.  
 No jovem rosto que divino aspecto! 900  
 Oh! Nunca, triste Hipómenes, me visses!  
 Merecias viver. Fosse eu ditosa,  
 não me vedasse esposo um fado iníquo,  
 só tu meu coração, meu leito, houveras.’

\*

Assim de amor a cândida noviça, 905  
 sem cuidar que o sentia, amor pintava.

\*



não sei a quem mór jubilo causavam:  
se ao Megareio heroe, se á régia moça.  
Ella ora afrouxa por deixal-o avante,  
ora, depois de olhal-o longamente,  
muito a despeito seu lhe vai fugindo.

\*

Já da bôcca patente em fogo vinha  
o alvorotado anhérito, e distante  
via o mancebo a meta; arroja um pomo.  
A virgem pasma, inclina-se, arrebatava  
o metal rodador. Passa o mancebo.  
Retumbam no espectáculo os applausos.  
Ella com maior ímpeto restaura  
o que perdeu parando; áquem na fuga

}fl.24{ {fl.46}

deixa o moço. Outro pomo, outra paragem;  
segunda vez atraz, e logo ávante.

\*

Resta o fim da carreira.

– “Ó deusa, – exclama –

“não frustres o teu don; ¡soccôrro, ó deusa!” –

E por mais estorvar, ao largo o fruto  
com fôrça juvenil despede oblíquo.

Parece a virgem duvidar se o côlha;  
resolvo-a; infundo ao oiro maior pêzo;  
á primeira demora ajunto a nova.

Mais do que ella tardou não tarde a historia:  
perdeu; e o vencedor obteve o premio.

\*

¿E então, o culto, o incenso, os votos d’elle,  
não mereci, Adonis? pois nem graças  
nem incenso. Doeu-me a injuria; <e> estudo  
exemplo, que a sacrílegos aterre,  
e contra os dois incito-me a mim propria.

\*

não sei a quem mor júbilo causavam:  
se ao megareio herói, se à régia moça.  
Ela ora afrouxa por deixá-lo avante,  
ora, depois de olhá-lo longamente,  
muito a despeito seu lhe vai fugindo.

\*

Já da boca patente em fogo vinha  
o alvorotado anélito, e distante  
via o mancebo a meta; arroja um pomo.  
A virgem pasma, inclina-se, arrebatava  
o metal rodador. Passa o mancebo.  
Retumbam no espetáculo os aplausos.  
Ela com maior ímpeto restaura  
o que perdeu parando; aquém na fuga

{fl.46}

deixa o moço. Outro pomo, outra paragem;  
segunda vez atrás, e logo avante.

\*

Resta o fim da carreira.

‘Ó deusa, – exclama –

“não frustres o teu dom; socorro, ó deusa!”

E por mais estorvar, ao largo o fruto  
com força juvenil despede oblíquo.

Parece a virgem duvidar se o colha;  
resolvo-a; infundo ao oiro maior peso;  
à primeira demora ajunto a nova.

Mais do que ela tardou não tarde a história:  
perdeu; e o vencedor obteve o prêmio.

\*

E então, o culto, o incenso, os votos dele,  
não mereci, Adónis? Pois nem graças  
nem incenso. Doeu-me a injúria; estudo  
exemplo, que a sacrílegos aterre,  
e contra os dois incito-me a mim própria.

\*

935

940

945

950

955

960

Passavam junto ao templo occulto em selvas  
por voto de Echion fundado outr'ora

}fl.25{ {fl.47}

á Mãe dos deuses. Do caminho o enfado  
pediu-lhes descansar. Eis n'elle influo  
intempestivos lúbricos desejos.

\*

Ha não longe d'ali retiro annoso  
de alta veneração, sitio onde a mêdo  
mal penetra a diurna claridade,  
cavernoso retiro, abobadado  
de vivos seixos de nativa pomes.

Ministros do visinho santuario  
ali tinham juntado lígneos vultos  
de priscas divindades. Lá se acolhem  
os dois, e a vil profanação consumam.  
Turvos olhos os numes arredaram;  
Cybéle, a grande Mãe, ficou suspensa  
se abysmaria o par na estygia noite;  
achou leve o castigo.

Eis loiras jubas

brotam, pendem, das candidas cervizes;  
dedos curvam-se em garras; hombros lizos  
em pelludas espádoas se convertem;  
acode-lhes ao peito o pezo, a fôrça;  
varrem com a cauda a areia; horror diffundem

}fl.26{ {fl.48}

da carranca minaz; succede á fala  
bruto rugido que amedronta as selvas;  
por thálamo teem brenhas espinhosas.  
São leões, são pavor de homens e feras;  
mas Cybéle os enfreia, os prende ao coche.

\*

Passavam junto ao templo occulto em selvas  
por voto de Equion fundado outrora

965

{fl.47}

à mãe dos deuses. Do caminho o enfado  
pediu-lhes descansar. Eis nele influo  
intempestivos lúbricos desejos.

\*

Há não longe dali retiro anoso  
de alta veneração, sítio onde a medo  
mal penetra a diurna claridade,  
cavernoso retiro, abobadado  
de vivos seixos de nativa pomes.

970

Ministros do vizinho santuário  
ali tinham juntado lígneos vultos  
de priscas divindades. Lá se acolhem  
os dois, e a vil profanação consumam.  
Turvos olhos os numes arredaram;  
Cibebe, a grande mãe, ficou suspensa  
se abismaria o par na estígia noite;  
achou leve o castigo.

975

Eis loiras jubas

brotam, pendem, das cândidas cervizes;  
dedos curvam-se em garras; ombros lisos  
em peludas espáduas se convertem;  
acode-lhes ao peito o peso, a força;  
varrem com a cauda a areia; horror difundem

985

{fl.48}

da carranca minaz; sucede à fala  
bruto rugido que amedronta as selvas;  
por tálamo têm brenhas espinhosas.  
São leões, são pavor de homens e feras;  
mas Cibebe os enfreia, os prende ao coche.

990

\*

Querido caçador, evita-os, fuge-lhes;  
fuge a todas as feras que não fujam;  
não lhes mostres valor que aos dois nos perca.]” –

\*

Assim rogou Dióne; e já voava  
no aéreo coche de atrelados cisnes.  
Bem certo é que o valor despreza avisos.  
Na brenha os cães de Adonis aventaram  
caça; é javardo; impellem-n-o; o mancebo  
quando elle ia a escapar da selva, atira-lhe  
um dardo de revéz; raivoso o bruto  
sacode o dardo da fulmínea tromba;  
e a Adonis, que se alápa na espessura,  
arremette com os dentes navalhados,  
atassalha-o na <cocha>[↑côxa] e longe o atira  
exangue, moribundo, á fulva areia.

}fl.27{ {fl.49}

\*

Mal vai no leve carro a Cypria deusa  
chegado a Chypre, eis que ouve muito ao longe  
os gemidos, os ais do moribundo.  
Volta os cisnes, e lá da ethérea altura  
vê na terra o misérrimo arquejando,  
n’um charco do seu sangue a revolver-se.  
Desce a correr, e fere o seio, e arranca  
os cabellos, nos ímpetos da furia,  
e accusa os Fados exclamando:  
– |“Fados,  
se m’o podeis roubar, não podeis tudo.  
Ó doce Adonis meu, terás eternos  
monumentos de dor, que a dor me avivem.  
A imagem do teu fim reproduzida  
de anno em anno será; será meu culto  
n’esse dia expressão dos meus lamentos.

Querido caçador, evita-os, fuge-lhes;  
fuge a todas as feras que não fujam;  
não lhes mostres valor que aos dois nos perca.’

\*

Assim rogou Dione; e já voava 995  
no aéreo coche de atrelados cisnes.  
Bem certo é que o valor despreza avisos.  
Na brenha os cães de Adónis aventaram  
caça; é javardo; impelem-no; o mancebo 1000  
quando ele ia a escapar da selva, atira-lhe  
um dardo de revés; raivoso o bruto  
sacode o dardo da flumínea tromba;  
e a Adónis, que se alapa na espessura,  
arremete com os dentes navalhados,  
atassalha-o na coxa e longe o atira 1005  
exangue, moribundo, à fulva areia.

{fl.49}

\*

Mal vai no leve carro a Cípria deusa  
chegado a Chipre, eis que ouve muito ao longe  
os gemidos, os ais do moribundo.  
Volta os cisnes, e lá da etérea altura 1010  
vê na terra o misérrimo arquejando,  
num charco do seu sangue a revolver-se.  
Desce a correr, e fere o seio, e arranca  
os cabellos, nos ímpetos da fúria,  
e acusa os fados exclamando:  
‘Fados, 1015  
se mo podeis roubar, não podeis tudo.  
Ó doce Adónis meu, terás eternos  
monumentos de dor, que a dor me avivem.  
A imagem do teu fim reproduzida  
de ano em ano será; será meu culto 1020  
nesse dia expressão dos meus lamentos.



Inda é pouco: este sangue em flor se mude.  
 ¿Quem vedou que Prosérpina trocasse  
 em cheirosa hortelã femíneos membros?  
 ¿Quem vedará que em flor eu perpetue  
 do Cinyreio moço o régio sangue?|”| –

}fl.28{ {fl.50}

\*

Diz; de nectar cheiroso o sangue asperge,  
 que ao toque d’esse orvalho em bôlhas surge,  
 como as que luzem n’água em pluveos dias.  
 Nem tardou mais que um’hora o grão prodígio:  
 do flúido purpúreo desabrocham  
 flores da mesma côr, eguaes, no vivo,  
 da roman bem madura aos grãos lustrosos;  
 mas teem, como elle, ephémera existencia.  
 Mal sustidas na terra, e nímio leves,  
 o vento, d’onde tomam nome, anémonas,  
 com qualquer sôpro as fere e as arreбата.”|

---

Fim do Livro X

---

Inda é pouco: este sangue em flor se mude.  
 Quem vedou que Prosérpina trocasse  
 em cheirosa hortelã femíneos membros?  
 Quem vedará que em flor eu perpetue  
 do Cinireio moço o régio sangue?’

1025

{fl.50}

\*

Diz; de néctar cheiroso o sangue asperge,  
 que ao toque desse orvalho em bolhas surge,  
 como as que luzem n’água em plúvios dias.  
 Nem tardou mais que um’hora o grão prodígio:  
 do fluido purpúreo desabrocham  
 flores da mesma cor, iguais, no vivo,  
 da romã bem madura aos grãos lustrosos;  
 mas têm, como ele, efêmera existência.  
 Mal sustidas na terra, e nímio leves,  
 o vento, donde tomam nome, anémonas,  
 com qualquer sopro as fere e as arreбата.’

1030

1035

---

Fim do Livro X

---

## XI

Completo, faltando apenas  
ir á Bibliotheca p<sup>a</sup>. Copiar uns  
trechos de Bocage.

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

*Revisto*

## Livro XI

## Livro XI

Em quanto assim cantando o Thrácio vate  
brutos, arvores, rochas atrahia,  
de bacchantes um bando furioso,  
envôlto o peito de ferinas pelles,  
dos cumes de um oiteiro Orpheu descobrem,  
que unia aos sons da lyra os sons dos versos.  
Uma, arrojada a coma pelos ares,  
– |“|;Eil-o ali! |eil-o ali! – voseia – ó sócias;  
nosso desprezador emfim colhemos.”| –  
N’isto á facunda bôcca do Apollíneo  
grão cantor vibra o thyrso; porém, graças  
á folhagem que o cinge, o tiro é baldo;  
em lugar de ferir, contunde apenas.  
Outra lhe atira um seixo; o seixo, á fôrça  
dos harmonicos sons nos ares pára,  
e cai aos pés de Orpheu, como rendido,  
como a pedir perdão.

\*

As iras crescem;  
desenfream-se os ímpetos fogosos;

}fl.2{ {fl.2}

reina no alto tumulo a seva Erynnis.  
Chovem tiros e tiros; nenhum d’elles  
houvera resistido aos sons dulcissimos,  
se o clamoroso estrépito, as businas,  
a Berecynthia flauta, os atabales,  
as palmadas, o BÁCchico alarido,  
não cobrissem do vate a lyra e o canto.

Enquanto assim cantando o trácio vate  
brutos, árvores, rochas atraía,  
de bacantes um bando furioso,  
envolto o peito de ferinas pelles,  
dos cumes de um oiteiro Orfeu descobrem, 5  
que unia aos sons da lira os sons dos versos.  
Uma, arrojada a coma pelos ares,  
— Ei-lo ali! Ei-lo ali! – vozeia – ó sócias;  
nosso desprezador emfim colhemos. —  
Nisto à facunda boca do apolíneo 10  
grão cantor vibra o tirso; porém, graças  
à folhagem que o cinge, o tiro é baldo;  
em lugar de ferir, contunde apenas.  
Outra lhe atira um seixo; o seixo, à força  
dos harmônicos sons nos ares para, 15  
e cai aos pés de Orfeu, como rendido,  
como a pedir perdão.

\*

As iras crescem;  
desenfream-se os ímpetos fogosos;

{fl.2}

reina no alto túmulo a seva Erínis.  
Chovem tiros e tiros; nenhum deles 20  
houvera resistido aos sons dulcíssimos,  
se o clamoroso estrépito, as buzinas,  
a berecintia flauta, os atabales,  
as palmadas, o báquico alarido,  
não cobrissem do vate a lira e o canto. 25

Do cantor não ouvido então no sangue  
as pedras disparadas se tingiram.

\*

Furiosas as Ménades dispersam  
aves, serpentes, feras, que inda em grupo  
lhe estavam de redor no encanto absôrtas,  
da Orphéia scena esplendido auditorio.  
Com as já cruentas mãos depois em chusma  
caem sobre o mancebo, como ás vezes  
sobre uma ave nocturna espavorida,  
se no ceo luminoso errante a colhem,  
as outras aves de tropél se atiram,  
ou quaes no matutino amphitheatro  
levam rapidos cães a morte ao cervo.  
Todas sobre o infeliz seus thyrsos mandam,  
para destinos taes nunca enfolhados.

}fl.3{ {fl.3}

Estas atiram com torrões; aquellas  
com ramos que das arvores esgalham;  
outras com seixos. Para não faltarem  
a seu furor estranho estranhas armas,  
vão-se aonde lavram bois, d'ali não longe,  
e onde membrudos rusticos suando  
cavam solo aprestado a novos frutos;  
elles fogem, deixando pelos campos  
pesadas grades, alviões, e enxadas;  
de tudo as mãos ferinas se apodéram,  
quebram dos bois as pontas aguçadas,  
e tornam contra Orpheu. Vanmente humilde,  
alça o misero as mãos, sem fruto sólta  
as vozes, que jamais soltou sem fruto;  
quem tudo commoveu, ninguem commove;  
victima de sacrílegas baqueia;  
e por aquella bôcca (¡oh Jove! ¡oh numes!)  
inda ha pouco thesoiro de harmonia,

Do cantor não ouvido então no sangue  
as pedras disparadas se tingiram.

\*

Furiosas as Mênades dispersam  
aves, serpentes, feras, que inda em grupo  
lhe estavam de redor no encanto absortas, 30  
da orfeia cena esplêndido auditório.  
Com as já cruentas mãos depois em chusma  
caem sobre o mancebo, como às vezes  
sobre uma ave noturna espavorida,  
se no céu luminoso errante a colhem, 35  
as outras aves de tropel se atiram,  
ou quais no matutino anfiteatro  
levam rápidos cães a morte ao cervo.  
Todas sobre o infeliz seus tirsos mandam,  
para destinos tais nunca enfolhados. 40

{fl.3}

Estas atiram com torrões; aquelas  
com ramos que das árvores esgalham;  
outras com seixos. Para não faltarem  
a seu furor estranho estranhas armas,  
vão-se aonde lavram bois, dali não longe, 45  
e onde membrudos rústicos suando  
cavam solo aprestado a novos frutos;  
eles fogem, deixando pelos campos  
pesadas grades, alviões, e enxadas;  
de tudo as mãos ferinas se apoderam, 50  
quebram dos bois as pontas aguçadas,  
e tornam contra Orfeu. Vãmente humilde,  
alça o mísero as mãos, sem fruto solta  
as vozes, que jamais soltou sem fruto;  
quem tudo comoveu, ninguém comove; 55  
vítima de sacrílegas baqueia;  
e por aquela boca (Ó Jove! Ó numes!)  
inda há pouco tesoiro de harmonia,

e oráculo de brutos e rochedos,  
exhala ao vento errante a alma divina.

\*

Por ti, perdido Orpheu, por ti choraram  
consternados os musicos plumosos,  
as feras, os penedos, as florestas,  
que tanta vez a tua voz seguiam;

}fl.4{ {fl.4}

cada arvore depôz como viuva  
sua coma frondente; os proprios rios  
é fama que de pranto se altearam;  
cabello desgrenhado e roupas negras<,>  
as Naiades e as Dryades trouxeram.

\*

Jazem dispersos os troncados membros;  
cabeça e lyra lançam-n-as ao Hebro;  
e em quanto (¡oh maravilha!) o rio as volve,  
um não-sei-quê choroso a lyra exhala,  
murmura a lingua um não-sei-quê choroso,  
respondem-lhe chorando as margens ambas.  
Deixando o patrio rio, entram nos mares,  
e de Lesbos Methymnia á praia aportam.  
Ali fero dragão, que viu sem dono  
n'uma areia estrangeira uma cabeça  
toda em roda a escorrer, subito a investe,  
os cabellos lhe lambe, e escancarava  
as fauces contra o rôsto e a muda bôcca  
há pouco tão canora; quando á pressa  
eis desce Apollo; impávido repelle  
o temerario monstro, em pedra o muda,  
deixando-lhe a postura, a bôcca horrivel,

}fl.5{ {fl.5}

inda aberta e minaz quaes lhe encontrára.

\*

e oráculo de brutos e rochedos,  
exala ao vento errante a alma divina.

\*

Por ti, perdido Orfeu, por ti choraram  
consternados os músicos plumosos,  
as feras, os penedos, as florestas,  
que tanta vez a tua voz seguiam;

{fl.4}

cada árvore depôs como viúva  
sua coma frondente; os próprios rios  
é fama que de pranto se altearam;  
cabelo desgrenhado e roupas negras  
as náíades e as dríades trouxeram.

\*

Jazem dispersos os troncados membros;  
cabeça e lira lançam-nas ao Hebro;  
e enquanto (ó maravilha!) o rio as volve,  
um não-sei-que choroso a lira exala,  
murmura a língua um não-sei-que choroso,  
respondem-lhe chorando as margens ambas. 75  
Deixando o pátrio rio, entram nos mares,  
e de Lesbos Metímnia à praia aportam.  
Ali fero dragão, que viu sem dono  
numa areia estrangeira uma cabeça  
toda em roda a escorrer, súbito a investe, 80  
os cabelos lhe lambe, e escancarava  
as fauces contra o rosto e a muda boca  
há pouco tão canora; quando à pressa  
eis desce Apolo; impávido repele  
o temerário monstro, em pedra o muda, 85  
deixando-lhe a postura, a boca horrível,

{fl.5}

inda aberta e minaz quais lhe encontrara.

\*

De Orpheu a sombra ao mundo subterrâneo  
desce, e no Averno lustra e reconhece  
quantos logares visitára em vida.

Ao campo dos espíritos piedosos  
vai procurar Eurydice; descobre-a;  
corre, e em seus braços ávidos a apérta;  
por lá divagam juntos; umas vezes,  
indo elle atrás da esposa, outras ao lado,  
outras diante d'ella, e já sem mêdo  
de olhal-a, e de sorrir-lhe a todo o instante.

\*

Não deixou Baccho impune o crime horrendo;  
jãz sem vida o cantor de seus mysterios!  
á mágua, á indignação, dá franca entrada;  
e logo as Thrácias mães, ímpias autoras  
da vil façanha, ao proprio solo as liga  
com tortuosas raizes; e no bosque  
onde a scena passára, cada uma  
no ponto em que se achava sente os dedos  
dos pés ir-se allongando, e terra a dentro  
verrumar e sorver-se, ou mais ou menos,  
segundo os seus rancores a animaram.

\*

}fl.6{ {fl.6}

\*

Qual passarinho impróvido, que mette  
o pé no laço occulto, e se debate,  
e mais se enleia quanto mais se agita,  
tal cada uma que se ao chão vê prêza,  
atónita, convulsa, em vão tentava  
fugir, e, nas raizes ancorada,  
nem correr, nem sahir d'ali consegue.  
Quando os pés, quando os dedos, quando as unhas,  
com espantados olhos investigam,

De Orfeu a sombra ao mundo subterrâneo  
desce, e no Averno lustra e reconhece  
quantos lugares visitara em vida.

90

Ao campo dos espíritos piedosos  
vai procurar Eurídice; descobre-a;  
corre, e em seus braços ávidos a aperta;  
por lá divagam juntos; umas vezes,  
indo ele atrás da esposa, outras ao lado,  
outras diante dela, e já sem medo  
de olhá-la, e de sorrir-lhe a todo o instante.

\*

Não deixou Baco impune o crime horrendo;  
jaz sem vida o cantor de seus mistérios!  
À mágoa, à indignação, dá franca entrada;  
e logo as trácias mães, ímpias autoras  
da vil façanha, ao próprio solo as liga  
com tortuosas raizes; e no bosque  
onde a cena passara, cada uma  
no ponto em que se achava sente os dedos  
dos pés ir-se alongando, e terra adentro  
verrumar e sorver-se, ou mais ou menos,  
segundo os seus rancores a animaram.

\*

{fl.6}

\*

Qual passarinho impróvido, que mete  
o pé no laço occulto, e se debate, 110  
e mais se enleia quanto mais se agita,  
tal cada uma que se ao chão vê presa,  
atônita, convulsa, em vão tentava  
fugir, e, nas raizes ancorada,  
nem correr, nem sair dali consegue. 115  
Quando os pés, quando os dedos, quando as unhas,  
com espantados olhos investigam,

vêm já lenho os joelhos devorar-lhes;  
 querem bater nas côxas, são já tronco;  
 peitos, ombros, são tronco; e os estendidos  
 braços, dir-se-hiam ramos verdejando;  
 e se os julgassem taes, não se illudiam.

\*

Não contente Lyeu de ter vingado  
 a morte acerba do Apollíneo vate,  
 até dos campos bárbaros se ausenta.  
 Com séquito melhor dirige os passos  
 a ver do seu Timólo as fartas vides,  
 e do Pactólo as margens, bem que ainda  
 não tivesse o crystal mudado em oiro,  
 nem com as areias suscitasse invejas.  
 Usada turba, Satyros, Bacchantes,  
 folgavam junto ao deus, mas não Sileno.  
 Por Phrygios montanhezes foi colhido,  
 dos annos e licor titubeante,  
 e, prêzo em laço de travadas flores,  
 a Midas, a seu Rei, o apresentaram.  
 Este do Thrácio Orpheu, do Grego Eumolpo  
 outr'ora as órgias recebido havia.  
 Dos sacrificios conhecendo o sócio,  
 vendo o mestre de Brómio, logo ordena  
 do hóspede a vinda geniaes festejos.  
 Dez dias, noites dez, a solemnisa.  
 Fósforo já dos astros a cohorte  
 pela undecima vez afugentára;  
 risonho parte o Rei aos Lydios campos,

}fl.7{ {fl.7}

Sileno restitue ao moço alumno.

\*

Do achado preceptor Leneu gostoso,  
 de qualquer don a escôlha off'rece a Midas;  
 grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,

veem já lenho os joelhos devorar-lhes;  
 querem bater nas coxas, são já tronco;  
 peitos, ombros, são tronco; e os estendidos  
 braços, dir-se-iam ramos verdejando;  
 e se os julgassem tais, não se iludiam.

\*

*Não contente Lieu de ter vingado  
 a morte acerba do apolíneo vate,  
 até dos campos bárbaros se ausenta. 125*  
*Com séquito melhor dirige os passos  
 a ver do seu Tmolo as fartas vides,  
 e do Pactolo as margens, bem que ainda  
 não tivesse o cristal mudado em oiro,  
 nem com as areias suscitasse invejas. 130*  
*Usada turba, sátiros, bacantes,  
 folgavam junto ao deus, mas não Sileno.  
 Por frígios montanhesez foi colhido,  
 dos anos e licor titubeante,  
 e, preso em laço de travadas flores, 135*  
*a Midas, a seu rei, o apresentaram.  
 Este do trácio Orfeu, do grego Eumolpo  
 outrora as órgias recebido havia.  
 Dos sacrificios conhecendo o sócio,  
 vendo o mestre de Brómio, logo ordena 140*  
*do hóspede a vinda geniais festejos.  
 Dez dias, noites dez, a soleniza.  
 Fósforo já dos astros a coorte  
 pela undécima vez afugentara;  
 risonho parte o rei aos Lídios campos, 145*

{fl.7}

*Sileno restitui ao moço aluno.*

\*

*Do achado preceptor Leneu gostoso,  
 de qualquer dom a escolha of'rece a Midas;  
 grato o prêmio lhe foi, mas foi-lhe inútil,*

porque elle, usando mal do grande arbitrio,  
 – |“[Numen – lhe respondeu – manda que tudo  
 o que eu tocar se torne em oiro.]”|  
 Ao rogo annue o deus, porém sentindo  
 que para don melhor não fosse o rogo.

\*

Contente o Phrygio vai do mal que leva;  
 quer da promessa exp’rimentar o effeito,  
 quer palpar quanto vê. Quasi sem querer-se  
 o braço estende a uma arvore não alta;  
 verde ramo lhe extrai, e é oiro o ramo;  
 do chão ergue uma pedra, a pedra é oiro;  
 roça um terrão, e ao tacto portentoso  
 fica o negro terrão lustrosa massa;  
 loiras espigas n’um punhado arranca;  
 eil-o já convertido em áurea messe;  
 um pomo tem na mão colhido apenas;  
 parece das Hespérides um mimo;  
 se a caso os dedos põe nas altas portas,

}fl.8{ {fl.8}

as portas de improviso estão brilhantes;  
 agua em que lava as mãos, das mãos cahindo  
 é tal, que a Dânae seduzir poderá.  
 Tudo mudado em oiro imaginando,  
 no peito a custo as esperanças cabem.

\*

Os servos lhe aprestaram alta meza;  
 mas de Ceres aos dons se a dextra move,  
 enrijam-lhe na dextra os dons de Ceres.  
 Se ávido applica ao dente as iguarias,  
 lustram-lhe as iguarias entre os dentes.  
 Une o licor do nume, autor do assombro,  
 com agua crystallina, á bôcca os ergue....  
 da bôcca se deslizam pingos d’oiro.

\*

*porque ele, usando mal do grande arbitrio,* 150  
 — *Nume – lhe respondeu – manda que tudo*  
*o que eu tocar se torne em oiro. —*  
*Ao rogo anui o deus, porém sentindo*  
*que para dom melhor não fosse o rogo.*

\*

*Contente o frígio vai do mal que leva;* 155  
*quer da promessa exp’rimentar o effeito,*  
*quer palpar quanto vê. Quase sem querer-se*  
*o braço estende a uma árvore não alta;*  
*verde ramo lhe extrai, e é oiro o ramo;*  
*do chão ergue uma pedra, a pedra é oiro;* 160  
*roça um terrão, e ao tacto portentoso*  
*fica o negro terrão lustrosa massa;*  
*loiras espigas num punhado arranca;*  
*ei-lo já convertido em áurea messe;*  
*um pomo tem na mão colhido apenas;* 165  
*parece das Hespérides um mimo;*  
*se acaso os dedos põe nas altas portas,*

{fl.8}

*as portas de improviso estão brilhantes;*  
*água em que lava as mãos, das mãos caíndo*  
*é tal, que a Dânae seduzir pudiera.* 170  
*Tudo mudado em oiro imaginando,*  
*no peito a custo as esperanças cabem.*

\*

*Os servos lhe aprestaram alta mesa;*  
*mas de Ceres aos dons se a destra move,*  
*enrijam-lhe na destra os dons de Ceres.* 175  
*Se ávido applica ao dente as iguarias,*  
*lustram-lhe as iguarias entre os dentes.*  
*Une o licor do nume, autor do assombro,*  
*com água cristalina, à boca os ergue...*  
*da boca se deslizam pingos d’oiro.* 180

\*



Atônito do mal terrível, novo,  
o opulento, o infeliz, fugir deseja  
das riquezas fataes; detesta o mesmo  
que ha pouco apeteceu; nenhuns manjares  
podem matar-lhe a precisão que o mata;  
ávida sêde torra-lhe a garganta;  
o oiro mal cubiçado é seu tormento,  
é seu justo castigo.

\*

}fl.9{ {fl.9}

\*

Aos Ceos alçando

as mãos luzentes e os luzentes braços,  
– “[Perdôa, gran Leneu; pequei; perdôa;  
commove-te de mim – lhe diz; – e afasta  
de um mísero este damno especioso.]” –

\*

Os deuses são benignos. Baccho ao triste  
que pésa a culpa, que a maldiz, que a chora,  
a promessa retrai e don funesto.  
– “[Mas, para que não fique a ti ligado  
mal que julgaste um bem, – lhe adverte o nume –  
vae ao rio visinho á grande Sardes;  
pelo cume da serra, ao lado oppôsto  
áquelle d’onde as aguas escorregam,  
caminha até chegar onde ellas nascem;  
na parte em que ferver mais ampla a fonte,  
mergulha, lava o corpo, e lava o crime.]” –

\*

Na apontada corrente o Rei se banha;  
aurífera virtude as aguas tinge,  
passa do corpo de repente ao rio.  
No espraiado licor, participando  
do germe que doirou a antiga veia,

*Atônito do mal terrível, novo,  
o opulento, o infeliz, fugir deseja  
das riquezas fatais; detesta o mesmo  
que há pouco apeteceu; nenhuns manjares  
podem matar-lhe a precisão que o mata;  
ávida sede torra-lhe a garganta;  
o oiro mal cobiçado é seu tormento,  
é seu justo castigo.*

\*

{fl.9}

\*

*Aos céus alçando*

*as mãos luzentes e os luzentes braços,  
— Perdoa, grão Leneu; pequei; perdoa;  
comove-te de mim – lhe diz; – e afasta  
de um mísero este dano especioso. —*

\*

*Os deuses são benignos. Baco ao triste  
que pesa a culpa, que a maldiz, que a chora,  
a promessa retrai e dom funesto.  
— Mas, para que não fique a ti ligado  
mal que julgaste um bem, – lhe adverte o nume –  
vai ao rio vizinho à grande Sardes;  
pelo cume da serra, ao lado oposto  
àquele donde as águas escorregam,  
caminha até chegar onde elas nascem;  
na parte em que ferver mais ampla a fonte,  
mergulha, lava o corpo, e lava o crime. —*

\*

*Na apontada corrente o rei se banha;  
aurífera virtude as águas tinge,  
passa do corpo de repente ao rio.  
No espraiado licor, participando  
do germe que doirou a antiga veia,*

185

190

195

200

205

}fl.10{ {fl.10}	{fl.10}	
<p>é fama que inda agora amarellejam com mádidos terrões aquelles campos.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Midas pois, da riqueza escarmentado, aborrece a riqueza, e só frequenta campos, bosques, e Pan, cujas delicias são viver pelas grutas montanheiras. O engenho natural, ronceiro, obtuso, conserva todavia; é seu destino que a sua estupidez de novo o perca.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>O Tmólo, cujo cume alcantilado domina em frente o mar, e cujas faldas de íngremes precipícios se desdobram por um lado até Sardes, e pelo outro até se irem perder na humilde Hypépis, foi do seu nescio arrôjo testemunha.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Às Nymphas graciosas da montanha Pan, o Arcádico deus, seus leves versos costumava entoar ao som da flauta de encerados caniços; e o vaidoso</p>	<p><i>é fama que inda agora amarelejam com mádidos terrões aqueles campos.</i></p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Midas pois, da riqueza escarmentado, aborrece a riqueza, e só frequenta campos, bosques, e Pã, cujas delícias são viver pelas grutas montanheiras. O engenho natural, ronceiro, obtuso, conserva todavia; é seu destino que a sua estupidez de novo o perca.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>O Tmolo, cujo cume alcantilado domina em frente o mar, e cujas faldas de íngremes precipícios se desdobram por um lado até Sardes, e pelo outro até se irem perder na humilde Hipépis, foi do seu nescio arrojo testemunha.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Às ninfas graciosas da montanha Pã, o arcádico deus, seus leves versos costumava entoar ao som da flauta de encerados caniços; e o vaidoso</p>	210
}fl.11{ {fl.11}	{fl.11}	
<p>tanto se encheu de si, que ás melodias de Apollo ousava preferir as proprias; e até quiz em porfia entrar com elle, tomado por juiz o deus do Tmólo.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>O ancião juiz, sentado no seu monte, dos ouvidos as arvores afasta, e só de roble as cérulas melenas enfeita, d'onde as glandes lhe tremulam junto ás cavadas fontes; e encarando o deus pastor,</p>	<p>tanto se encheu de si, que às melodias de Apolo ousava preferir as próprias; e até quis em porfia entrar com ele, tomado por juiz o deus do Tmolo.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>O ancião juiz, sentado no seu monte, dos ouvidos as árvores afasta, e só de roble as cérulas melenas enfeita, donde as glandes lhe tremulam junto às cavadas fontes; e encarando o deus pastor,</p>	230
		235

— “¿Que mais se espera? — exclama —  
o juiz está pronto.” —

\*

Pan começa

preludiando o rústico instrumento;  
e verso inda mais rústico, de Midas,  
que se achava presente, exalta o nome.  
Depois de o ter ouvido, o sacro velho  
para a banda de Phebo o rosto volve;  
segue esse movimento a selva inteira.

\*

Phebo então se levanta, entretecido  
o Parnásio laurel na flava coma,  
purpúreo manto a rastos, lyra ebúrnea

}fl.12{ {fl.12}

de pedraria fúlgida embutida  
pendente á esquerda, e na direita o plectro.  
No aspecto se lhe lê que é mestre, e insigne.  
Corre a mão pelas cordas.... Tmólo absôrto  
na sobrehumana melodia, exclama:  
— “¿Cedei, canas de Pan, de Phebo á lyra.” —

\*

Do venerando monte apraz por justa  
a sentença; só Midas a reprova;  
chama-lhe injusta. Délio não permite  
que estólidas orelhas como aquellas  
tenham, como até ali, figura humana;  
torna-as compridas, dá-lhes pello pardo,  
deixa que as môva a seu talante. O resto  
é de homem; mas as partes criminosas,  
as orelhas, são de asno pachorrento.

\*

Corrido da ridícula desgraça,  
¿que ha-de fazer o misero? procura  
(quanto é possível) recatal-a ao menos,

— Que mais se espera? — exclama —  
o juiz está pronto. —

\*

Pã começa

preludiando o rústico instrumento;  
e verso inda mais rústico, de Midas,  
que se achava presente, exalta o nome.  
Depois de o ter ouvido, o sacro velho  
para a banda de Febo o rosto volve;  
segue esse movimento a selva inteira.

\*

Febo então se levanta, entretecido  
o Parnásio laurel na flava coma,  
purpúreo manto a rastos, lira ebúrnea

{fl.12}

de pedraria fúlgida embutida  
pendente à esquerda, e na direita o plectro.  
No aspecto se lhe lê que é mestre, e insigne.  
Corre a mão pelas cordas.... Tmolo absorto  
na sobre-humana melodia, exclama:  
— Cedei, canas de Pã, de Febo à lira. —

\*

Do venerando monte apraz por justa  
a sentença; só Midas a reprova;  
chama-lhe injusta. Délio não permite  
que estólidas orelhas como aquelas  
tenham, como até ali, figura humana;  
torna-as compridas, dá-lhes pelo pardo,  
deixa que as mova a seu talante. O resto  
é de homem; mas as partes criminosas,  
as orelhas, são de asno pachorrento.

\*

Corrido da ridícula desgraça,  
que há de fazer o mísero? Procura  
(quanto é possível) recatá-la ao menos,

e em purpúreo barrete de abas longas,  
derrubadas, sollícito a sepulta.

Porém de seus domésticos aquelle

}fl.13{ {fl.13}

a quem de tosquiar pertence o officio,  
viu com seus olhos a mudança rara;  
arde por publical-a, e não se atreve;  
e não sabe guardar um tal segredo.  
Retira-se portanto, abre uma cova,  
e quaes de seu senhor viu as orelhas,  
em voz sumida para dentro conta.  
Com a terra que extraiu de novo a alaga,  
e assim desafogado em paz se ausenta.  
Bosque denso de trémulos caniços  
nasceu, que ao fim de um anno era maduro,  
e atraçoava o segredo. Quando os austros  
movem as canas, ouvem-se-lhes phrases,  
as enterradas phrases, que põem claro  
o caso das orelhas asininas.

\*

Vingado a pleno o filho de Latona,  
deixando o Tmólo pelos ares corta,  
transpõe o estreito mar chamado de Helles,  
de Laomedonte ao reino abate o vôo.

\*

Á dextra do Sigeu, e á esquerda parte  
do Reteu cabo, annoso templo existe,  
de Jove Panompheu votado ao nome.

}fl.14{ {fl.14}

Ali pára; d'ali contempla as obras  
da nova Troia, fundação nascente  
em que o grão Laomedonte anda embebido.  
Nota que o majestoso alto comêço  
vai progredindo a custo, e exige fôrças

e em purpúreo barrete de abas longas,  
derrubadas, solícito a sepulta.

Porém de seus domésticos aquele

{fl.13}

a quem de tosquiar pertence o ofício,  
viu com seus olhos a mudança rara; 270  
arde por publicá-la, e não se atreve;  
e não sabe guardar um tal segredo.  
Retira-se portanto, abre uma cova,  
e quais de seu senhor viu as orelhas,  
em voz sumida para dentro conta. 275  
Com a terra que extraiu de novo a alaga,  
e assim desafogado em paz se ausenta.  
Bosque denso de trémulos caniços  
nasceu, que ao fim de um ano era maduro,  
e atraçoava o segredo. Quando os austros 280  
movem as canas, ouvem-se-lhes frases,  
as enterradas frases, que põem claro  
o caso das orelhas asininas.

\*

Vingado a pleno o filho de Latona,  
deixando o Tmolos pelos ares corta, 285  
transpõe o estreito mar chamado de Heles,  
de Laomedonte ao reino abate o voo.

\*

À destra do Sigeu, e à esquerda parte  
do Reteu cabo, anoso templo existe,  
de Jove Panonfeu votado ao nome. 290

{fl.14}

Ali para; dali contempla as obras  
da nova Troia, fundação nascente  
em que o grão Laomedonte anda embebido.  
Nota que o majestoso alto começo  
vai progredindo a custo, e exige fôrças 295

que ao fundador talvez fallecem. Junta-se  
com o do tridente, e pae do mar profundo;  
disfarçam sua essencia, e se apresentam  
sob aspecto mortal da Phrygia ao chefe;  
incumbem-se da empreza a pêzo d’oiro.

\*

Já rematada a esplendida cidade  
torrejava soberba, quando o iníquo  
a paga em que conveio ousa negar-lhes;  
junta á perfidia o calculo mais negro,  
junta á mentira vil audaz perjurio.  
— “[Não levarás avante impune a fraude]” —  
grita o senhor do pégo; e para as praias  
da avara Troia de repente inclina  
todo o pêzo do mar; e em mar converte  
as terras; tira o fruto aos lavradores,  
e em líquido tropél obstrue os campos.

\*

Não basta. Para pasto a um monstro equóreo  
exige, e obtém por fôrça, a régia filha.

}fl.15{ {fl.15}

Já prêza ás duras rochas aguardava  
a misera seu fado, quando Alcides  
chega, ajusta salvá-la, e pronto a salva.  
Os cavallos do ajuste exige; negam-lhe  
de tão árdua a façanha a recompensa.  
Às muralhas, perjuras duas vezes,  
dirige a furia, e rapido as conquista.

\*

Telamon, sócio seu n’esta proêsa,  
sem opímo quinhão não se retira;  
recebe a bella Hesíone, a ditosa  
Princeza dos rochedos resgatada.  
Já Peleu, irmão d’elle, era casado  
com deusa; e sendo neto do alto Jove,

que ao fundador talvez falecem. Junta-se  
com o do tridente, e pai do mar profundo;  
disfarçam sua essência, e se apresentam  
sob aspecto mortal da Frígia ao chefe;  
incumbem-se da empresa a peso d’oiro.

\*

Já rematada a esplêndida cidade  
torrejava soberba, quando o iníquo  
a paga em que conveio ousa negar-lhes;  
junta à perfídia o cálculo mais negro,  
junta à mentira vil audaz perjúrio. 305

— Não levarás avante impune a fraude —  
grita o senhor do pego; e para as praias  
da avara Tróia de repente inclina  
todo o peso do mar; e em mar converte  
as terras; tira o fruto aos lavradores, 310  
e em líquido tropel obstrui os campos.

\*

Não basta. Para pasto a um monstro equóreo  
exige, e obtém por força, a régia filha.

{fl.15}

Já preza às duras rochas aguardava  
a mísera seu fado, quando Alcides  
chega, ajusta salvá-la, e pronto a salva. 315  
Os cavalos do ajuste exige; negam-lhe  
de tão árdua a façanha a recompensa.  
Às muralhas, perjuras duas vezes,  
dirige a fúria, e rápido as conquista. 320

\*

Telamon, sócio seu nesta proeza,  
sem opimo quinhão não se retira;  
recebe a bela Hesíone, a ditosa  
princesa dos rochedos resgatada.  
Já Peleu, irmão dele, era casado 325  
com deusa; e sendo neto do alto Jove,

tambem do sôgro illustre se ufanava,  
pois se provir de Jove a alguns coubera,  
ter consorte immortal só coube a elle.

\*

Dissera o ancião Protheu á equórea Thétis:  
— [“|Concebe, e serás mãe de heroe que em armas  
ha-de exceder o pae, terá mais nome.”]  
Jove, temendo o oráculo, temendo  
que outrem maior no mundo o desluzisse,

}fl.16{ {fl.16}

bem que os encantos da cerúlea Thétis  
não tibios fôgos lhe acenderam n'alma,  
do perigoso amor prisões evita;  
dispõe que o neto seu, de Éaco prole,  
possua a virgem que preside ás ondas.

\*

Ha nas costas da Emónia uma enseada,  
mettida <pela> terra dentro em meia-lua;  
ao longe pelo mar encurva os braços,  
e fôra (a ter mais fundo) um porto insigne,  
mas o mar cobre apenas as areias.  
São de firme terreno em tôrno as praias;  
nem vestigio de pé se imprime n'ellas,  
nem fadigoso andar tolhe o passeio,  
nem o arenoso leito encobrem algas.  
De bagas bicolores engastado,  
surge perto um myrtal, em cujo meio  
mui formosa de ver se abre uma gruta;  
se de arte, ou natural, inda é problema;  
parece mais ser de arte.

\*

Ali, bem vezes,  
no embridado delphim sentada nua,

também do sogro illustre se ufanava,  
pois se provir de Jove a alguns coubera,  
ter consorte imortal só coube a ele.

\*

Dissera o ancião Proteu à equórea Tétis:  
— Concebe, e serás mãe de herói que em armas  
há de exceder o pai, terá mais nome. —  
Jove, temendo o oráculo, temendo  
que outrem maior no mundo o desluzisse,

{fl.16}

bem que os encantos da cerúlea Tétis  
não tibios fogos lhe acenderam n'alma,  
do perigoso amor prisões evita;  
dispõe que o neto seu, de Éaco prole,  
possua a virgem que preside às ondas.

\*

Há nas costas da Emónia uma enseada,  
metida terra dentro em meia-lua;  
ao longe pelo mar encurva os braços,  
e fora (a ter mais fundo) um porto insigne,  
mas o mar cobre apenas as areias.  
São de firme terreno em torno as praias;  
nem vestígio de pé se imprime nelas,  
nem fadigoso andar tolhe o passeio,  
nem o arenoso leito encobrem algas.  
De bagas bicolores engastado,  
surge perto um mirtal, em cujo meio  
mui formosa de ver se abre uma gruta;  
se de arte, ou natural, inda é problema;  
parece mais ser de arte.

\*

Ali, bem vezes,  
no embridado delfim sentada nua,

}fl.17{ {fl.17}	{fl.17}	
costumavas de vir folgar, ó Thétis.	costumavas de vir folgar, ó Tétis.	355
Lá te apanhou Peleu quando dormias;	Lá te apanhou Peleu quando dormias;	
e, como ás ternas súplicas fugisses,	e, como às ternas súplicas fugisses,	
recorre ás violencias, enlaçando-te	recorre às violências, enlaçando-te	
no collo ambos os braços. Se no apêrto	no colo ambos os braços. Se no aperto	
ás costumadas artes não recorres,	às costumadas artes não recorres,	360
se de fórmãs em fórmãs te não mudas,	se de formas em formas te não mudas,	
verias triunfar o atrevimento.	verias triunfar o atrevimento.	
Tornas-te em ave, apanha-te; frondejas	Tornas-te em ave, apanha-te; frondejas	
em árvore, com a árvore se abraça;	em árvore, com a árvore se abraça;	
de mosqueada tigre aspecto assumes;	de mosqueada tigre aspecto assumes;	365
do temeroso aspecto horrorizado	do temeroso aspecto horrorizado	
sólta os braços o Eácide, e te perde.	solta os braços o Eácide, e te perde.	
*	*	
Ao côro das marinhas divindades	Ao coro das marinhas divindades	
recorre logo supplice, entornando	recorre logo súplice, entornando	
vinho e entranhas de victimas nas aguas,	vinho e entranhas de vítimas nas águas,	370
entre nuvens de incenso.	entre nuvens de incenso.	
*	*	
Em meio ao pélagó	Em meio ao pélagó	
se ergue o Carpáthio vate, e diz:	se ergue o Carpátio vate, e diz:	
–  “ Eácide,	— Eácide,	
tens de gosar do thálamo que buscas;	tens de gozar do tálamo que buscas;	
¡valor! has-de a topar desprecitada	valor! Hás de a topar desprecitada	
na gruta; e quando durma a somno sólto,	na gruta; e quando durma a sono solto,	375
}fl.18{ {fl.18}	{fl.18}	
prende-a a teu salvo, prende-a em fortes laços;	prende-a a teu salvo, prende-a em fortes laços;	
cem fórmãs tomará; não te acobardes;	cem formas tomará; não te acobardes;	
não a largues das mãos em forma alguma,	não a largues das mãos em forma alguma,	
até que ao natural cançada torne.”  –	até que ao natural cansada torne. —	
Assim disse Protheu; mergulha, e encobre	Assim disse Proteu; mergulha, e encobre	380
seus derradeiros sons com o truz das vagas.	seus derradeiros sons com o truz das vagas.	
*	*	

Ia o Sol a descer; ao mar da Hespéria  
 inclinava-se o carro, e já nas ondas  
 inundava o timão, quando formosa  
 e sosinha deixava o mar, e entrava  
 Thétis ao seu sabido esconderijo.  
 Vem Peleu, corre, e envolve-a n'um abraço;  
 ella desperta; sente-se empolgada;  
 transforma-se, renova-se em mil formas;  
 passa de uma figura a mil figuras;  
 ;tudo de balde! Então, tendendo os braços,  
 geme e diz:

– [“|Sem um deus me não venceste.”] –

E sem mais resistencia, e palpitante,  
 se abandona á mercê do heroe que exulta;  
 este cumpre os seus votos com tornal-a  
 mãe de Achilles, o grande.

\*

;Quanta inveja

não desperta Peleu, pae de tal filho,  
 esposo de tal deusa! Se não fosse  
 o assassino de Phóco, outrem no mundo  
 tão mimoso dos Ceos nunca se vira.

}fl.19{ {fl.19}

Reo do fraterno sangue, afugentado  
 dos lares de seu pae, Peleu se acolhe  
 ao Trachinio paiz, florente imperio,  
 que em paz, com rectidão, com leis suaves,  
 Céyx, prole de Lucífero governa;  
 mortal, em cujo aspecto se divisam  
 do Pae divino o brilho, a majestade.  
 Consternado e diverso de si mesmo,  
 Céyx de um irmão a perda então chorava.

\*

Ralado, e do remorso e do caminho,  
 ali chegando o Eácide, com os poucos

Ia o sol a descer; ao mar da Hespéria  
 inclinava-se o carro, e já nas ondas  
 inundava o timão, quando formosa  
 e sozinha deixava o mar, e entrava 385  
 Tétis ao seu sabido esconderijo.  
 Vem Peleu, corre, e envolve-a num abraço;  
 ela desperta; sente-se empolgada;  
 transforma-se, renova-se em mil formas;  
 passa de uma figura a mil figuras; 390  
 tudo de balde! Então, tendendo os braços,  
 geme e diz:

— Sem um deus me não venceste. —

E sem mais resistência, e palpitante,  
 se abandona à mercê do herói que exulta;  
 este cumpre os seus votos com torná-la 395  
 mãe de Aquiles, o grande.

\*

Quanta inveja

não desperta Peleu, pai de tal filho,  
 esposo de tal deusa! Se não fosse  
 o assassino de Fóco, outrem no mundo  
 tão mimoso dos Céus nunca se vira. 400

{fl.19}

Réu do fraterno sangue, afugentado  
 dos lares de seu pai, Peleu se acolhe  
 ao traquínio país, florente império,  
 que em paz, com retidão, com leis suaves,  
 Céix, prole de Lucífero governa; 405  
 mortal, em cujo aspecto se divisam  
 do pai divino o brilho, a majestade.  
 Consternado e diverso de si mesmo,  
 Céix de um irmão a perda então chorava.

\*

Ralado, e do remorso e do caminho, 410  
 ali chegando o eácide, com os poucos



da comitiva sua entra a cidade,  
deixados não mui longe, em valle umbroso,  
os bandos de rebanho e altas manadas,  
riqueza antiga que ao destêrro o segue.

\*

Admittido á presença do Monarcha,  
o ramo de oliveira em lan cingido,  
lhe apresenta na dextra supplicante;  
declara o nome, e o pae; recata o crime;  
some em falsas rasões da fuga a causa;  
na cidade ou no campo abrigo implora;

}fl.20{ {fl.20}

ao que o Trachinio placido responde:  
– |“[Mesmo a plebeus meus commodos são francos;  
não regemos inhóspitos paizes;  
Principe, em ti porém sobram direitos  
a bens que recusar jamais costume:  
és Peleu; do gran Jupiter és neto.  
Mais tempo em supplicar não desperdices;  
quanto pedes, terás; suppõe-te em parte  
senhor do Reino qual o vês; ;prouvéra,  
prouvéra aos Ceos que mais alegre o visses!|” –

\*

Disse, e rompeu em lagrimas. Tocados  
Peleu e os sócios, a rasão lhe inquirem;  
ao que, responde assim:  
– |“[Talvez suppondes  
que essa ave que se nutre de rapinas,  
e tanto assusta as mais, fosse ave sempre;  
foi homem. Quanto audaz campeia os ares,  
tão intrépido foi, tão feito á guerra.  
Teve por pae o que ultimo abandona  
os estrellados ceos e expérta a aurora;  
chamou-se Dedalião. Communs na origem

da comitiva sua entra a cidade,  
deixados não mui longe, em vale umbroso,  
os bandos de rebanho e altas manadas,  
riqueza antiga que ao desterro o segue.

\*

Admitido à presença do monarca,  
o ramo de oliveira em lã cingido,  
lhe apresenta na destra supplicante;  
declara o nome, e o pai; recata o crime;  
some em falsas razões da fuga a causa;  
na cidade ou no campo abrigo implora;

{fl.20}

ao que o traquínio plácido responde:  
— Mesmo a plebeus meus cômodos são francos;  
não regemos inóspitos países;  
príncipe, em ti porém sobram direitos  
a bens que recusar jamais costume:  
és Peleu; do grão Júpiter és neto.  
Mais tempo em suplicar não desperdices;  
quanto pedes, terás; supõe-te em parte  
senhor do reino qual o vês; prouvera,  
prouvera aos Céus que mais alegre o visses! —

\*

Disse, e rompeu em lágrimas. Tocados  
Peleu e os sócios, a razão lhe inquirem;  
ao que, responde assim:  
— Talvez supondes  
que essa ave que se nutre de rapinas,  
e tanto assusta as mais, fosse ave sempre;  
foi homem. Quanto audaz campeia os ares,  
tão intrépido foi, tão feito à guerra.  
Teve por pai o que último abandona  
os estrelados céus e experta a aurora;  
chamou-se Dedalião. Comuns na origem

}fl.21{ {fl.21}	{fl.21}
<p>fomos pois, mas no genio oppostos ambos:  eu só queria paz; e em quanto ardente  o meu irmão com os arraiaes folgava,  eu cifrava o meu gôsto no remanço,  e nos praseres conjugaes; mantinha  o meu Reino em socego; elle, com a furia  com que hoje as pombas tímidas conquista,  submettia nações, e Reis domava.  Teve por filha Chífone, Princeza  formosa em todo o extremo, e a cuja posse  aspiravam mil Principes, apenas  decimo-quarto Abril n'ella florindo  às funções do consorcio a tornou propria.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>fomos pois, mas no gênio opostos ambos:  eu só queria paz; e enquanto ardente  o meu irmão com os arraiais folgava,  eu cifrava o meu gosto no remanso,  e nos prazeres conjugais; mantinha  o meu reino em sossego; ele, com a fúria  com que hoje as pombas tímidas conquista,  submetia nações, e reis domava.  Teve por filha Quífone, princesa  formosa em todo o extremo, e a cuja posse  aspiravam mil príncipes, apenas  décimo quarto abril nela florindo  às funções do consórcio a tornou própria.</p> <p style="text-align: center;">*</p>
}fl.22{ {fl.22}	{fl.22}
<p>Vindo o filho de Maia e mais Apollo,  aquelle de Cylléne, este de Delphos,  viram-n-a ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo  de amor por ella endoideceram ambos.  Para as horas fieis da escuridade  seus desejos cumprir differe Apollo;  Mercurio, que tardanças não releva,  á vara soporífera recorre,</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>Vindo o filho de Maia e mais Apolo,  aquele de Cilene, este de Delfos,  viram-na ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo  de amor por ela endoideceram ambos.  Para as horas fiéis da escuridade  seus desejos cumprir difere Apolo;  Mercúrio, que tardanças não releva,  à vara soporífera recorre,</p> <p style="text-align: center;">*</p>
<p>da virgem toca o rôsto, dorme a virgem,  e as violencias do deus soffre innocente.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>da virgem toca o rosto, dorme a virgem,  e as violências do deus sofre inocente.</p> <p style="text-align: center;">*</p>
<p>O ceo nocturno se illumina de astros;  Phebo se muda em velha; entra furtivo;  e onde outrem colheu flor, praseres colhe.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>O céu noturno se ilumina de astros;  Febo se muda em velha; entra furtivo;  e onde outrem colheu flor, prazeres colhe.</p> <p style="text-align: center;">*</p>
<p>Preenchidas do ventre as nove luas,  veem a lume dois gémeos. O gerado  do alípede immortal, velhaco e astuto  Autólico se diz; em furtos habil;</p>	<p>Preenchidas do ventre as nove luas,  veem a lume dois gêmeos. O gerado  do alípede imortal, velhaco e astuto  Autólico se diz; em furtos hábil;</p>

sai ao pae, sabio artífice de enganos;  
do preto, branco faz, do branco preto.  
Philamon o de Apollo se nomeia,  
em versos, voz, e cítara afamado.

\*

¿Mas que valeu, misérrima Princeza,  
de dois gêmeos ser mãe, cara a dois numes,  
e de heroe filha, e neta do Tonante?  
¡Ah! ¿titulos de gloria a caso empecem?  
n'esta (é bem certo) os titulos de gloria  
abriram porta ao mal; subiu no orgulho,  
ao ponto de antepôr-se á virgem Phebe,

}fl.23{ {fl.23}

e de menoscabar-lhe a formosura.  
Arde em raivas a deusa.

– |“|Obras ao menos

farei, – diz – que [↑de] applauso sejam dignas.”| –  
Dizendo, curva o arco, vibra a setta,  
e a sacrílega lingua lhe traspassa.

\*

A lingua emudeceu; o pensamento  
tropél de vagos sons á bôcca envia;  
e entre exfôrços que faz para explicar-se,  
a triste envôlta em sangue efunde o alento.  
¡Ah! ¡quanto é don funesto alma sensivel!  
De uma parte, ¡que dor não me ha custado  
na filha de um irmão tal desventura!  
de outra parte... ao irmão tentar a mêdo  
consolações que eu proprio não achava.  
O coração paterno as acolhia  
qual acolhe um penhasco os sons das vagas.  
Rios caudaes de pranto eram seus olhos;  
tanto porém que a viu na alteada pyra  
pasto de labaredas, quatro vezes  
correu para atirar-se ao fogo avaro,

sai ao pai, sábio artífice de enganos;  
do preto, branco faz, do branco preto.  
Filamon o de Apolo se nomeia,  
em versos, voz, e cítara afamado.

\*

Mas que valeu, misérrima princesa,  
de dois gêmeos ser mãe, cara a dois numes,  
e de herói filha, e neta do Tonante?  
Ah! Títulos de glória acaso empecem?  
Nesta (é bem certo) os títulos de glória  
abriram porta ao mal; subiu no orgulho,  
ao ponto de antepor-se à virgem Febe,

{fl.23}

e de menoscabar-lhe a formosura.  
Arde em raivas a deusa.

— Obras ao menos

farei, – diz – que de aplauso sejam dignas. —  
Dizendo, curva o arco, vibra a seta,  
e a sacrílega língua lhe traspassa.

\*

A língua emudeceu; o pensamento  
tropel de vagos sons à boca envia;  
e entre esforços que faz para explicar-se,  
a triste envolta em sangue efunde o alento.  
Ah! Quanto é dom funesto alma sensível!  
De uma parte, que dor não me há custado  
na filha de um irmão tal desventura!  
De outra parte... ao irmão tentar a medo  
consolações que eu próprio não achava.  
O coração paterno as acolhia  
qual acolhe um penhasco os sons das vagas.  
Rios caudais de pranto eram seus olhos;  
tanto porém que a viu na alteada pira  
pasto de labaredas, quatro vezes  
correu para atirar-se ao fogo avaro,

475

480

485

490

495

500

e outras tantas repulso lhe deu costas,  
e partiu a fugir; lembrava toiro,

}fl.24{ {fl.24}

quando enxame de vespas se asseteia,  
que cego á desfilada se arremeça,  
caminho e não caminho atravessando.  
Logo ali lhe extranhei a ligeireza;  
mais que de homem já era; parecia  
levar azas nos pés; de balde o seguem;  
escapa-se; e da morte cubiçoso,  
vinga incançavel o Parnáseo cume,  
e despenha-se. Apollo condoído  
nos ares o segura, o veste de azas,  
curvas garras lhe dá, revôlto bico;  
o impávido valor lhe deixa intacto;  
fôrças lhe deixa que ao seu corpo excedem;  
fica açor; não quer paz com ave alguma;  
com todas é cruel; no luto acerbo,  
só conhece praser causando lutos.]" —

\*

Como Céyx relatava estes prodígios,  
chegou correndo o guarda das manadas,  
o Phocense Anetor com grandes brados:  
— ["|Peleu, Peleu, crueis noticias trago;  
grande infortunio vai.]" —

Qualquer que seja,

}fl.25{ {fl.25}

que o narre sem tardar Peleu lhe íntíma.  
O heroe Trachinio trepidando em sustos  
dos labios do emissario está pendente.  
Elle então:

\*

— ["|Era a pino o meio-dia,  
quando levei os toiros encalmados

e outras tantas repulso lhe deu costas,  
e partiu a fugir; lembrava toiro,

{fl.24}

quando enxame de vespas se asseteia, 505  
que cego à desfilada se arremessa,  
caminho e não caminho atravessando.  
Logo ali lhe estranhei a ligeireza;  
mais que de homem já era; parecia  
levar asas nos pés; de balde o seguem; 510  
escapa-se; e da morte cobiçoso,  
vinga incansável o Parnáseo cume,  
e despenha-se. Apolo condoído  
nos ares o segura, o veste de asas,  
curvas garras lhe dá, revoltto bico; 515  
o impávido valor lhe deixa intacto;  
forças lhe deixa que ao seu corpo excedem;  
fica açor; não quer paz com ave alguma;  
com todas é cruel; no luto acerbo,  
só conhece prazer causando lutos. — 520

\*

Como Céix relatava estes prodígios,  
chegou correndo o guarda das manadas,  
o Focense Anetor com grandes brados:  
— Peleu, Peleu, cruéis notícias trago;  
grande infortúnio vai. —

Qualquer que seja, 525

{fl.25}

que o narre sem tardar Peleu lhe íntima.  
O herói traquínio trepidando em sustos  
dos lábios do emissário está pendente.  
Ele então:

\*

— Era a pino o meio-dia,  
quando levei os toiros encalmados 530

para a fresca da praia; estavam-se elles  
a regalar, uns postos sobre os peitos  
pelo humido areal á beira d'agua,  
e olhando o mar immenso em calmaria,  
outros a divagar com passo inerte  
para uma parte e outra; alguns nadavam  
com o soberbo pescoço á flor do pego.

\*

Vê-se n'aquella praia, ao réz das ondas,  
um templo nu de marmores e de oiros,  
mas em traves grossissimas sustido,  
e fechado n'um bosque antigo e escuro.  
A Nereu e ás Nereidas é votado,  
que, segundo me disse um marinheiro,  
que lá na praia as rêdes enxugava,

}fl.26{ {fl.26}

são deuses do mar largo. Unido ao bosque  
fica um lago cingido de salgueiros,  
que é obra das marés quando trasbordam.  
Eis d'entre os matagaes d'esta alagôa  
sai um fragor, que aturde os arredores,  
e surde um lobo, um monstro, que põe mêdo  
ver-lhe a bôcca infernal fôfa de espuma,  
tinta de sangue espêsso, e os olhos brazas.  
Inda que fome e raiva o tornam fero,  
mais fero o torna a raiva, do que a fome.  
Não só para os tragar atassalhava  
os nossos pobres toiros; investia-os  
como coisa inimiga, até já farto;  
era ferir, matar, sem lei, sem ordem:  
Alguns de nós, as vezes defendendo,  
na bôcca assoladora a morte acharam.  
Praias, porção de mar, lagôas, tudo  
com mugidos retumba e nada em sangue.  
Toda a demora é damno; não ha tempo

para a fresca da praia; estavam-se eles  
a regalar, uns postos sobre os peitos  
pelo úmido areal à beira d'água,  
e olhando o mar imenso em calmaria,  
outros a divagar com passo inerte  
para uma parte e outra; alguns nadavam  
com o soberbo pescoço à flor do pego.

\*

Vê-se naquela praia, ao rés das ondas,  
um templo nu de mármore e de oiros,  
mas em traves grossíssimas sustido,  
e fechado num bosque antigo e escuro.  
A Nereu e às Nereidas é votado,  
que, segundo me disse um marinheiro,  
que lá na praia as redes enxugava,

{fl.26}

são deuses do mar largo. Unido ao bosque  
fica um lago cingido de salgueiros,  
que é obra das marés quando trasbordam.  
Eis dentre os matagais desta alagoa  
sai um fragor, que aturde os arredores,  
e surde um lobo, um monstro, que põe medo  
ver-lhe a boca infernal fofa de espuma,  
tinta de sangue espesso, e os olhos brasas.  
Inda que fome e raiva o tornam fero,  
mais fero o torna a raiva, do que a fome.  
Não só para os tragar atassalhava  
os nossos pobres toiros; investia-os  
como coisa inimiga, até já farto;  
era ferir, matar, sem lei, sem ordem:  
alguns de nós, às vezes defendendo,  
na boca assoladora a morte acharam.  
Praias, porção de mar, lagoas, tudo  
com mugidos retumba e nada em sangue.  
Toda a demora é dano; não há tempo

que se perca em pensar; ¡ás armas todos!  
em quanto resta que salvar do estrago,  
contra o monstro feroz briguemos juntos.]” –

\*

}fl.27{ {fl.27}

\*

Aqui pôz ponto o rustico, e não sente  
com taes perdas Peleu nem leve abalo.  
A memoria porém do crime o turba:  
entende que a Nereida mãe de Phóco,  
de Phóco, d’esse irmão que assassinára,  
cega de justa dor manda taes damnos,  
os manes filiaes em sacrificio.

\*

De armar-se a brava gente o Rei dá ordem  
resoluto elle mesmo a acompanhá-la.  
N’isto, ouvido o alvorôço em que anda o paço,  
toda extremosa, toda sustos, vôa  
Halcyone, de Céyx consorte amavel,  
e com as tranças ainda sem adôrno,  
do marido se atira ao collo; e em lagrimas  
lhe pede que não vá, que mande os outros,  
que poupe n’uma vida a duas vidas.

\*

}fl.28{ {fl.28}

\*

– [“Rainha, – diz Peleu – desterra mêdos  
bem justos, aliás; bem basta o muito  
que por vossas promessas já vos devo;  
armas não tentarei; cumpre, em vez de armas,  
render adorações ao deus dos mares.]”

\*

Surge na cidadella esguia torre,  
que os cançados baixeis de longe alegre;

que se perca em pensar; às armas todos!  
enquanto resta que salvar do estrago,  
contra o monstro feroz briguemos juntos. —

\*

{fl.27}

\*

Aqui pôs ponto o rústico, e não sente  
com tais perdas Peleu nem leve abalo.  
A memória porém do crime o turba:  
entende que a nereida mãe de Foco,  
de Foco, desse irmão que assassinara,  
cega de justa dor manda tais danos,  
os manes filiais em sacrificio.

\*

De armar-se a brava gente o rei dá ordem  
resoluto ele mesmo a acompanhá-la.  
Nisto, ouvido o alvorôço em que anda o paço,  
toda extremosa, toda sustos, voa  
Alcíone, de Céix consorte amável,  
e com as tranças ainda sem adorno,  
do marido se atira ao colo; e em lágrimas  
lhe pede que não vá, que mande os outros,  
que poupe numa vida a duas vidas.

\*

{fl.28}

\*

— Rainha, – diz Peleu – desterra medos  
bem justos, aliás; bem basta o muito  
que por vossas promessas já vos devo;  
armas não tentarei; cumpre, em vez de armas,  
render adorações ao deus dos mares. —

\*

Surge na cidadela esguia torre,  
que os cansados baixéis de longe alegre;

565

570

575

580

585

lá sobem, de lá vêem com dôr as praias  
 alastradas de toiros, e o terrível  
 brutal assolador com a bôcca em sangue,  
 e de sangue empastado o hirsuto pêlo.  
 Peleu, volvendo as mãos d'aquella altura  
 para a praia do mar, pede a Psamáthe,  
 cerúlea mãe de Phóco, ponha termo  
 ao seu furor, e auxilio até supplica.  
 A materna vingança a nada attende.  
 Thétis a bem do esposo esquece orgulhos;  
 torna suas as súplicas do esposo,  
 e lhe alcança o perdão da irada Nympha.

\*

}fl.29{ {fl.29}

O lobo todavia, irrevocado,  
 no desbarate acérrimo persiste,  
 e ébrio de sangue por mais sangue abraza;  
 té que, de uma novilha espedaçada  
 agarrado á cerviz, foi feito em pedra,  
 mercê do undoso nume; a forma, e tudo  
 (tudo á exepção da côr), parece o antigo;  
 só a côr é que diz que não é lobo,  
 e ensina aos olhos a admirar sem sustos.

\*

Mais longa estada no Tr<i>a|chinio Reino  
 ao prófugo Peleu não deixa o Fado.  
 Aos Magnetas vai dar peregrinando;  
 ahi o Emónio Acasto emfim lhe alcança  
 do fratricidio atroz purificar-se.

\*

Céyx entretanto, Céyx, a quem perturbam  
 quer do irmão quer do hóspede os prodigios,  
 consultar os oráculos resolve,  
 nas grandes afflicções recurso antigo;  
 e, porque acesso a Delphos lhe embaraça

lá sobem, de lá veem com dor as praias 590  
 alastradas de toiros, e o terrível  
 brutal assolador com a boca em sangue,  
 e de sangue empastado o hirsuto pelo.  
 Peleu, volvendo as mãos daquela altura  
 para a praia do mar, pede a Psamate, 595  
 cerúlea mãe de Foco, ponha termo  
 ao seu furor, e auxílio até supplica.  
 A materna vingança a nada atende.  
 Tétis a bem do esposo esquece orgulhos;  
 torna suas as súplicas do esposo, 600  
 e lhe alcança o perdão da irada ninfa.

\*

{fl.29}

O lobo todavia, irrevocado,  
 no desbarate acérrimo persiste,  
 e ébrio de sangue por mais sangue abraza;  
 'té que, de uma novilha espedaçada 605  
 agarrado à cerviz, foi feito em pedra,  
 mercê do undoso nume; a forma, e tudo  
 (tudo à exceção da cor), parece o antigo;  
 só a cor é que diz que não é lobo,  
 e ensina aos olhos a admirar sem sustos. 610

\*

Mais longa estada no traquínio reino  
 ao prófugo Peleu não deixa o fado.  
 Aos Magnetas vai dar peregrinando;  
 aí o emônio Acasto emfim lhe alcança  
 do fratricídio atroz purificar-se. 615

\*

Céix entretanto, Céix, a quem perturbam  
 quer do irmão quer do hóspede os prodígios,  
 consultar os oráculos resolve,  
 nas grandes aflições recurso antigo;  
 e, porque acesso a Delfos lhe embaraça 620

de ímpios Phlegios á frente o ímpio Phorbas,  
decide irá mais longe, ao Clário templo.

Da sua cara Halcyone contudo

}fl.30{ {fl.30}

quer primeiro fiar este projecto.<,>

Á inesperada nova amarellece,

géla, a infeliz, e em lagrimas desata.

Tres vezes quer falar, tres vezes chora;

com soluços enfim truncando as queixas,

— “Caro, fiel consorte, — exclama a triste —

¿que offensas te fiz eu, que assim me punes?

¿que é do extremo de amor que por mim tinhas?

¿já podes socegar longe da esposa?

¿já te apraz discorrer distantes climas?

¿sou-te a caso mais cara estando ausente?

Por terra cuidado irás; d’est’arte ao menos,

livre de sustos só terei saudades.

A extensão melancólica dos mares

me horrorisa; eu vi táboas não ha muito

vir quebradas á praia; e ¡quantas vezes

li nomes sobre tumulos vazíos!

Não te anime enganosa confiança

por seres genro de Eólo, que os ventos

ferrólha, e, se lhe apraz, serena os mares.

Apenas do seu cárcere veem fora,

nada os contrasta, nada poupam; terras,

mares, ar, nuvens, ceo, perturbam, varrem,

}fl.31{ {fl.31}

e de seus encontrões rebenta o raio.

Quanto os conheço mais (pois muitas vezes

inda menina os vi no patrio alcáçar),

mais tenho para mim que são terríveis.

Mas, se a tua partida é sem remedio,

e nem razões nem súplicas te movem,

de ímpios flégios à frente o ímpio Forbas,  
decide irá mais longe, ao clário templo.

Da sua cara Alcíone contudo

{fl.30}

quer primeiro fiar este projeto.

À inesperada nova amarelece,

gela, a infeliz, e em lágrimas desata.

Três vezes quer falar, três vezes chora;

com soluços enfim truncando as queixas,

— Caro, fiel consorte, — exclama a triste —

Que offensas te fiz eu, que assim me punes?

Que é do extremo de amor que por mim tinhas?

Já podes sossegar longe da esposa?

Já te apraz discorrer distantes climas?

Sou-te acaso mais cara estando ausente?

Por terra cuidado irás; destarte ao menos,

livre de sustos só terei saudades.

A extensão melancólica dos mares

me horroriza; eu vi tábuas não há muito

vir quebradas à praia; e quantas vezes

li nomes sobre túmulos vazios!

Não te anime enganosa confiança

por seres genro de Éolo, que os ventos

ferrolha, e, se lhe apraz, serena os mares.

Apenas do seu cárcere veem fora,

nada os contrasta, nada poupam; terras,

mares, ar, nuvens, céu, perturbam, varrem,

625

630

635

640

645

{fl.31}

e de seus encontrões rebenta o raio.

Quanto os conheço mais (pois muitas vezes

inda menina os vi no pátrio alcáçar),

mais tenho para mim que são terríveis.

Mas, se a tua partida é sem remedio,

e nem razões nem súplicas te movem,

650



permite-me ir contigo, amado esposo.  
 Se a viagem fôr próspera, gosemos  
 juntos ambos da próspera viagem;  
 se houveres de soffrer, soffrâmos juntos.]” —

\*

Estas rasões e lagrimas da esposa  
 deram na alma de Céyx profundo abalo,  
 pois era igual e extremo o affecto de ambos;  
 mas nem muda o propósito, nem soffre  
 que Halcyone haja parte em seus perigos.  
 Para ver se lhe apaga os ternos sustos,  
 inventa persuasões que a não convencem,  
 e só com esta esp’rança a move um pouco:  
 — “[Eterna é para mim qualquer demora;  
 mas pelos patrios fogos te prometto:  
 se os destinos me dão que salvo eu torne,  
 antes que a lua duas vezes se encha  
 contigo cá serei.]” —

}fl.32{ {fl.32}

\*

Tendo-lhe dado

esta esp’rança de proximo regresso,  
 do estaleiro Real lançar ordena  
 possante lenho ao pégo, e aparelhal-o.  
 Vendo os fataes aprestes, esmorece  
 a triste, que antevê crueis futuros;  
 rompe outra vez em lagrimas; e tendo-o  
 apertado nos braços melindrosos,  
 dá-lhe o funesto adeus, e cai sem tino.

\*

Em quanto Céyx se queixa das demoras,  
 os remeiros, de cá, de lá sentados,  
 ao gemedor vai-vem dos longos remos  
 empenham toda a fôrça, e as ondas cortam  
 em compassado açoite. A triste Halcyone

permite-me ir contigo, amado esposo.  
 Se a viagem for próspera, gozemos  
 juntos ambos da próspera viagem;  
 se houveres de soffrer, soframos juntos. —

\*

Estas razões e lágrimas da esposa  
 deram na alma de Céix profundo abalo,  
 pois era igual e extremo o afeto de ambos;  
 mas nem muda o propósito, nem soffre  
 que Alcíone haja parte em seus perigos.  
 Para ver se lhe apaga os ternos sustos,  
 inventa persuasões que a não convencem,  
 e só com esta esp’rança a move um pouco:  
 — Eterna é para mim qualquer demora;  
 mas pelos pátrios fogos te prometo:  
 se os destinos me dão que salvo eu torne,  
 antes que a lua duas vezes se encha  
 contigo cá serei. —

655

660

665

{fl.32}

\*

Tendo-lhe dado

esta esp’rança de próximo regresso,  
 do estaleiro real lançar ordena  
 possante lenho ao pego, e aparelhá-lo.  
 Vendo os fatais aprestes, esmorece  
 a triste, que antevê cruéis futuros;  
 rompe outra vez em lágrimas; e tendo-o  
 apertado nos braços melindrosos,  
 dá-lhe o funesto adeus, e cai sem tino.

\*

Enquanto Céix se queixa das demoras,  
 os remeiros, de cá, de lá sentados,  
 ao gemedor vaivém dos longos remos  
 empenham toda a força, e as ondas cortam  
 em compassado açoite. A triste Alcíone

670

675

680

ergue os olhos em pranto, avista o esposo,  
que em pé na curva pôppa, entre ais perdidos,  
lhe envia longo adeus; aos seus acenos  
responde ella tambem....

\*

Já no entretanto

foge a terra ao navio, e mal se avista  
de bordo branquejar a praia. Halcyone  
com os olhos quanto pode segue o barco;  
e quando o não vê já, figura ainda

}fl.33{ {fl.33}

no alto do mastro o palpitar das vellas.  
Mal já nada apparece, <e> ao vácuo leito  
a anciosa solitaria se dirige;  
caí sobre elle; ;que lagrimas não verte  
á vista de uma camara, de um toro,  
onde tudo lhe exprime o horror da ausencia!...

.....

\*

Logo ao sahir do porto, começára  
na enxárcia a tremular propício vento;  
pendem-se os remos da amurada ao longo,  
e içá-se a vêrga ao pincar do mastro;  
o pano todo desfraldado em cheio,  
a aragem de feição no bôjo apanha.

\*

Ia em meio a jornada, ou pouco menos,  
a egual distancia entre uma terra e outra;  
rascava a prôa as revoltosas ondas;  
quando, ao cerrar da noite, em brancas vagas  
se vê cavado o mar varrido do Euro.  
— |“Amaina, — grita o mestre — amaina, amaina;  
caçar a vella toda.”| — Estes clamores  
vão perdidos, dispersos com as rajadas;  
nem, ao motim das ondas marulhosas,

ergue os olhos em pranto, avista o esposo,  
que em pé na curva popa, entre ais perdidos,  
lhe envia longo adeus; aos seus acenos  
responde ela também...

\*

Já no entretanto

foge a terra ao navio, e mal se avista  
de bordo branquejar a praia. Alcíone  
com os olhos quanto pode segue o barco;  
e quando o não vê já, figura ainda

{fl.33}

no alto do mastro o palpitar das velas.  
Mal já nada aparece, ao vácuo leito  
a ansiosa solitária se dirige;  
caí sobre ele; que lágrimas não verte  
à vista de uma câmara, de um toro,  
onde tudo lhe exprime o horror da ausência!...

\*

Logo ao sair do porto, começara  
na enxárcia a tremular propício vento;  
pendem-se os remos da amurada ao longo,  
e içá-se a verga ao pincar do mastro;  
o pano todo desfraldado em cheio,  
a aragem de feição no bojo apanha.

\*

Ia em meio a jornada, ou pouco menos,  
a igual distância entre uma terra e outra;  
rascava a proa as revoltosas ondas;  
quando, ao cerrar da noite, em brancas vagas  
se vê cavado o mar varrido do Euro.  
— Amaina, — grita o mestre — amaina, amaina;  
caçar a vela toda. — Estes clamores  
vão perdidos, dispersos com as rajadas;  
nem, ao motim das ondas marulhosas,

685

690

695

700

705

710

	}fl.34{ {fl.34}		{fl.34}
mais nada se ouve.		mais nada se ouve.	
*		*	
Apressam-se comtudo;		Apressam-se contudo;	
resguardam remos, calafetam rombos;		resguardam remos, calafetam rombos;	
estes colhem os panos; outros lidam		estes colhem os panos; outros lidam	
no desaguar a tolda, e ao mar arrojam		no desaguar a tolda, e ao mar arrojam	715
aguas do mar; outros teem mão nas vellas,		águas do mar; outros têm mão nas velas,	
que o vendaval arrebatava.		que o vendaval arrebatava.	
*		*	
Cresce		Cresce	
a tormenta invernal; raivam bramindo		a tormenta invernal; raivam bramindo	
de toda a parte os ventos, e revolvem		de toda a parte os ventos, e revolvem	
os mares sanhudíssimos. Pasmado,		os mares sanhudíssimos. Pasmado,	720
té o proprio piloto já confessa		‘té o próprio piloto já confessa	
não se entender com o mando do navio;		não se entender com o mando do navio;	
;tanto a borrasca da sciencia zomba!		tanto a borrasca da ciência zomba!	
Sôam de envôlta a nautica celeuma,		Soam de envolta a náutica celeuma,	
ranger de cabos, tímido estampido		ranger de cabos, tímido estampido	725
de encontros de ondas, trovejar soturno.		de encontros de ondas, trovejar soturno.	
O mar em serranias levantado		O mar em serranias levantado	
parece borrifar de espuma as nuvens;		parece borrifar de espuma as nuvens;	
e ora é loiro, do abysmo alçando areias,		e ora é loiro, do abismo alçando areias,	
ora da estygia côr se as larga ao fundo,		ora da estígia cor se as larga ao fundo,	730
	}fl.35{ {fl.35}		{fl.35}
ora a espaços se arraza e se branqueia		ora a espaços se arraza e se branqueia	
todo coberto de estridente espuma.		todo coberto de estridente espuma.	
Não menos variações aguenta o lenho:		Não menos variações aguenta o lenho:	
ora de cumes íngremes pendente		ora de cumes íngremes pendente	
como que vê lá em baixo esconsos valles,		como que vê lá embaixo esconsos vales,	735
e o leito do Acheronte, ora sumido		e o leito do Aqueronte, ora sumido	
de um boqueirão na subita voragem,		de um boqueirão na súbita voragem,	
dir-se-hia estar do inferno os ceos olhando;		dir-se-ia estar do inferno os céus olhando;	
retrôam n’elle os encontrões das ondas,		retroam nele os encontrões das ondas,	

como em dismantelada fortaleza  
se balistas e aríetes a batem.

\*

Como leões, que em túrbida carreira,  
e recrescendo em brios, se arremeçam  
contra fileiras de enristadas lanças,  
as vagas remoinhadas pelo vento  
remetem contra o barco, e impetuosas  
galgam-lhe a cima; com o jogar teimoso  
as cunhas das cavernas se desatam,  
despojadas do breu fendem-se as juntas,  
e ás mortíferas aguas são patentes.  
Eis que o ar todo em chuvas se desata;  
parecem vir a baixo os ceos em pêzo;

}fl.36{ {fl.36}

parece ao campo ethéreo o mar subir-se.  
Todo oppresso o velame escorre em chuvas,  
em quanto ondas do ceo e aguas marinhas  
se entremisturam com feroz desordem.  
Não se avista um só astro, e á noite escura  
escuridões a tempestade agréga;  
só d'onde em onde rebentando os raios  
clarões lhe emprestam de azulado incendio,  
em que arde o largo Egeu.

\*

Já pula uma onda  
no casco do baixel; e, qual guerreiro  
mais valente que os mais, que em duro assedio  
dos muros de cidade apercebida,  
todo esp'rança e valor, investe, luta,  
e rompendo, e trepando, assoma no alto  
do adarve entre os mil olhos assombrados  
da soldadesca; assim, depois que as vagas  
ambos os bórdos cometteram, chega  
a decima, a fatal, e já não larga

como em dismantelada fortaleza  
se balistas e aríetes a batem.

\*

Como leões, que em túrbida carreira,  
e recrescendo em brios, se arremessam  
contra fileiras de enristadas lanças,  
as vagas remoinhadas pelo vento  
remetem contra o barco, e impetuosas  
galgam-lhe acima; com o jogar teimoso  
as cunhas das cavernas se desatam,  
despojadas do breu fendem-se as juntas,  
e às mortíferas águas são patentes.  
Eis que o ar todo em chuvas se desata;  
parecem vir abaixo os céus em peso;

{fl.36}

parece ao campo etéreo o mar subir-se.  
Todo oppresso o velame escorre em chuvas,  
enquanto ondas do céu e águas marinhas  
se entremisturam com feroz desordem.  
Não se avista um só astro, e à noite escura  
escuridões a tempestade agrega;  
só donde em onde rebentando os raios  
clarões lhe emprestam de azulado incêndio,  
em que arde o largo Egeu.

\*

Já pula uma onda  
no casco do baixel; e, qual guerreiro  
mais valente que os mais, que em duro assédio  
dos muros de cidade apercebida,  
todo esp'rança e valor, investe, luta,  
e rompendo, e trepando, assoma no alto  
do adarve entre os mil olhos assombrados  
da soldadesca; assim, depois que as vagas  
ambos os bordos cometeram, chega  
a décima, a fatal, e já não larga

740

745

750

755

760

765

770

o fatigado barco, sem que os muros  
ganhados por assalto a não recebam.

\*

}fl.37{ {fl.37}

\*

Já do pélagos parte andava dentro;  
o resto por entrar se amotinava.  
Freme e trepída a marinhagem; como  
[↑em] cidade que <perseguem>[↑investem]  
sitiadores,

e um trôço d'elles invadiu. São nullas  
experiencia e arte, e aos mais afoitos  
fallece o accôrdo, o coração desmaia;  
vêm que vagas sem numero os<perseguem>  
[↑afrontam],

e julgam ver a morte em cada vaga.  
Um pasma; o outro chora; est'outro inveja  
aos que esperam sepulcro; outro levanta  
para os Ceos, que não vê, mãos consternadas,  
roga aos deuses mercê, vota promessas;  
recorda aquelle o seu irmão querido,  
e o pae, que lá deixou; lembram áquelle  
o seu ninho caseiro e os seus filhinhos;  
a cada qual quanto lhe fica em terra...

\*

Céyx, que só por Halcyone estremece,  
de Halcyone só fala a todo o instante;  
outro objecto não quer, não vê, não sonha;  
mas dá-se parabens de a ter bem longe.  
Praias, praias da patria, ¡ah! ¡quem lhe dera

}fl.38{ {fl.38}

poder, voltado o rosto aos sitios vossos,  
dar para lá seus ultimos suspiros!....  
mas nem sabe onde está, que tanto e tanto

o fatigado barco, sem que os muros  
ganhados por assalto a não recebam.

\*

{fl.37}

\*

Já do pélagos parte andava dentro;  
o resto por entrar se amotinava.  
Freme e trepida a marinhagem; como  
em cidade que investem sitiadores,

775

e um troço deles invadiu. São nullas  
experiência e arte, e aos mais afoitos  
falece o acordo, o coração desmaia;  
veem que vagas sem número os afrontam,

780

e julgam ver a morte em cada vaga.  
Um pasma; o outro chora; est'outro inveja  
aos que esperam sepulcro; outro levanta  
para os céus, que não vê, mãos consternadas,  
roga aos deuses mercê, vota promessas;  
recorda aquele o seu irmão querido,  
e o pai, que lá deixou; lembram àquele  
o seu ninho caseiro e os seus filhinhos;  
a cada qual quanto lhe fica em terra...

785

\*

Céix, que só por Alcíone estremece,  
de Alcíone só fala a todo o instante;  
outro objeto não quer, não vê, não sonha;  
mas dá-se parabéns de a ter bem longe.  
Praias, praias da pátria, ah! Quem lhe dera

790

{fl.38}

poder, voltado o rosto aos sítios vossos,  
dar para lá seus últimos suspiros!....  
mas nem sabe onde está, que tanto e tanto

795

roda em vertigem doida o mar fervente;  
em nuvens côr de pêz o ceo se encobre,  
e duplicada noite envolve tudo.

\*

De um tufão sob o impulso tomba o mastro,  
parte-se o leme; encapellada vaga  
se ergue sobre os misérrimos destróços  
com ar de vencedora, despresando  
as mais; e é tal seu pêzo, qual se o Athos  
e o Pindo destroncados pela base  
cahissem sobre o mar. Ao pêzo e ao golpe  
afunda-se o baixel. A mais da chusma  
desapparece e morre; alguns se rolam  
abraçados com as náufragas reliquias;  
Céyx, com a mão que pouco ha sustinha um sceptro,  
de um madeiro se apossa, e implora auxilio  
ora ao sôgro, ora ao pae; ¡clamar baldado!  
e o que mais vezes se lhe escuta é o nome  
da triste esposa Halcyone; por ella  
chama em pranto; e ergue súplicas aos numes  
por que as vagas o arrojem perto d'ella,

}fl.39{ {fl.39}

e as suas mãos amigas o sepultem.  
No undívago bulício, a cima, a baixo,  
vozeia amargamente por Halcyone.  
Eis do meio das ondas torreando  
arco de negras aguas repentino  
se despenha sobre elle, o atira ao fundo.

\*

N'esta noite, Lucífero ostentou-se  
tão demudado, tão sombrio e escuro,  
que não coube em mortaes reconhecê-lo;  
forçado a não sahir dos ceos nocturnos,  
fez quanto poude: submergiu-se em névoas.

\*

roda em vertigem doida o mar fervente;  
em nuvens cor de pez o céu se encobre,  
e duplicada noite envolve tudo.

\*

De um tufão sob o impulso tomba o mastro,  
parte-se o leme; encapelada vaga  
se ergue sobre os misérrimos destroços  
com ar de vencedora, desprezando  
as mais; e é tal seu peso, qual se o Atos  
e o Pindo destroncados pela base  
caíssem sobre o mar. Ao peso e ao golpe  
afunda-se o baixel. A mais da chusma  
desapparece e morre; alguns se rolam  
abraçados com as náufragas reliquias;  
Céix, com a mão que pouco há sustinha um cetro,  
de um madeiro se apossa, e implora auxílio  
ora ao sogro, ora ao pai; clamar baldado!  
E o que mais vezes se lhe escuta é o nome  
da triste esposa Alcíone; por ela  
chama em pranto; e ergue súplicas aos numes  
por que as vagas o arrojem perto dela,

{fl.39}

e as suas mãos amigas o sepultem.  
No undívago bulício, acima, abaixo,  
vozeia amargamente por Alcíone.  
Eis do meio das ondas torreando  
arco de negras águas repentino  
se despenha sobre ele, o atira ao fundo.

\*

Nesta noite, Lucífero ostentou-se  
tão demudado, tão sombrio e escuro,  
que não coube em mortais reconhecê-lo;  
forçado a não sair dos céus noturnos,  
fez quanto pôde: submergiu-se em névoas.

\*

No entanto a filha d'Éolo, que ignora  
tão funesta catástrophe, sosinha  
vai numerando as noites espaçosas;  
leva os serões nas rápidas tarefas  
que a si mesma se impõe: já, tece um manto  
que elle tem de trajar quando regresso,  
já, galas para si no fausto dia;  
doces, mas ¡ah! fallazes esperanças....  
A sua devoção não falha um dia,

}fl.40{ {fl.40}

que não vá renovar incenso e preces  
aos deuses todos, e mormente a Juno;  
e na ardente oração por um ausente,  
que (¡ai d'ella!) já não vive, aos numes roga  
lh'o tornem breve, e façam que nenhuma  
outra mulher prefira á sua Halcyone;  
de tantas meigas súplicas, só esta,  
sendo a menos precisa, obteve effeito.

\*

Juno, a quem doe que a misera se esgote  
mais longamente em preces mallogradas,  
e não quer que viuvas mãos funestem  
as aras sacro-santas, diz:

— |“Vâe, nuncia

fiel das ordens minhas, Iris, parte,  
demanda os paços onde vive o Somno,  
intíma-lhe que ordene aos sonhos leves  
fingir do morto Céyx a voz e imagem,  
e inteirar da verdade a inquieta esposa.”| —

\*

Iris, tomado o manto de mil cores,  
pela arqueada senda ás terras baixa,  
e do indicado Rei procura os tectos,

No entanto a filha d'Éolo, que ignora  
tão funesta catástrofe, sozinha 830  
vai numerando as noites espaçosas;  
leva os serões nas rápidas tarefas  
que a si mesma se impõe: já, tece um manto  
que ele tem de trajar quando regresso,  
já, galas para si no fausto dia; 835  
doces, mas ah! Falazes esperanças...  
A sua devoção não falha um dia,

{fl.40}

que não vá renovar incenso e preces  
aos deuses todos, e mormente a Juno;  
e na ardente oração por um ausente, 840  
que (ai dela!) já não vive, aos numes roga  
lho tornem breve, e façam que nenhuma  
outra mulher prefira à sua Alcíone;  
de tantas meigas súplicas, só esta,  
sendo a menos precisa, obteve effeito. 845

\*

Juno, a quem dói que a mísera se esgote  
mais longamente em preces mallogradas,  
e não quer que viúvas mãos funestem  
as aras sacrossantas, diz:

— Vai, nuncia

fiel das ordens minhas, Íris, parte, 850  
demanda os paços onde vive o Sono,  
intima-lhe que ordene aos sonhos leves  
fingir do morto Céix a voz e imagem,  
e inteirar da verdade a inquieta esposa. —

\*

Íris, tomado o manto de mil cores, 855  
pela arqueada senda às terras baixa,  
e do indicado rei procura os tetos,





De ébano hum alto leito está no meio,  
E em negras plumas, que véo negro envolve,  
Repousa o Deos co'a languida Indolencia.

Emtorno, varias fórmias imitando,  
Jazem os Sonhos vãos: são tantos quantas  
Na loura messe as trémulas espigas,  
Quantas na selva umbrosa as móveis folhas,  
E os grãos de arêa nas equóreas praias.

}fl.42{ {fl.44}

Mal que entra na caverna a sacra virgem,  
a abrir com as mãos caminho pela chusma  
dos apinhados buliçosos sonhos,  
de seu traje e fulgor se aclara a estancia.  
O deus levanta a custo, e logo abaixa,  
os carregados olhos mal abertos,  
pende e torna a pender, té que, tocando  
no peito a barba, em sobre-salto acorda,  
e espanca de si mesmo os seus influxos;  
n'um cotovêllo se ergue, e conhecendo-a  
lhe pergunta a que vem.

\*

—|“|Sabe – responde

a mensageira da Rainha ethérea; –  
ó tu, dos Immortaes o mais benigno,  
repoiso do Universo, allívio certo  
de penas e sollícitos cuidados,  
refrigério de espiritos oppressos,  
restaurador de trabalhados corpos;  
envía de teus sonhos os mais habeis  
na arte de arremedar a essencia humana;  
e na herculea cidade de Trachinia

*De ébano um alto leito está no meio,  
e em negras plumas, que véu negro envolve,  
repousa o deus co'a lânguida indolência.*

*Entorno, várias formas imitando,* 890  
*jazem os sonhos vãos: são tantos quantas  
na loura messe as trêmulas espigas,  
quantas na selva umbrosa as móveis folhas,  
e os grãos de areia nas equóreas praias.*

{fl.44}

Mal que entra na caverna a sacra virgem, 895  
a abrir com as mãos caminho pela chusma  
dos apinhados buliçosos sonhos,  
de seu traje e fulgor se aclara a estância.  
O deus levanta a custo, e logo abaixa,  
os carregados olhos mal abertos, 900  
pende e torna a pender, ‘té que, tocando  
no peito a barba, em sobressalto acorda,  
e espanca de si mesmo os seus influxos;  
num cotovelo se ergue, e conhecendo-a  
lhe pergunta a que vem.

\*

— Sabe – responde 905

a mensageira da rainha etérea; –  
ó tu, dos imortais o mais benigno,  
repoiso do universo, alívio certo  
de penas e solícitos cuidados,  
refrigério de espíritos oppressos, 910  
restaurador de trabalhados corpos;  
envia de teus sonhos os mais hábeis  
na arte de arremedar a essência humana;  
e na hercúlea cidade de Traquínia

	}fl.43{ {fl.45}	{fl.45}	
vão procurar Halcyone, e apresentem-lhe o Rei defunto, o náufrago marido. Juno o quer.]”  –		vão procurar Alcíone, e apresentem-lhe o rei defunto, o náufrago marido. Juno o quer. —	915
*		*	
Mais não diz; cumprido o encargo, dá-se pressa em fugir, porque receia ceder também á morna somnolencia, que já, mau grado seu, lhe vai lavrando. Sai; e da terra ao ceo pelo arco immenso por onde ha pouco veio agil remonta.		Mais não diz; cumprido o encargo, dá-se pressa em fugir, porque receia ceder também à morna sonolência, que já, mau grado seu, lhe vai lavrando. Sai; e da terra ao céu pelo arco imenso por onde há pouco veio ágil remonta.	920
*		*	
D’entre os filhos innúmeros que o cercam, eis o deus chama a si Morpheu, o astuto.		Dentre os filhos inúmeros que o cercam, eis o deus chama a si Morfeu, o astuto.	
	}fl.237{ {fl.46}	{fl.46}	
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo, A propria locução, porém sómente Este afigura os Homens, outro em fera, Em ave se converte, ou em serpente: Icélon pelos Deoses he chamado, Os Humanos Fobétor o nomeão. Ha terceiro também de arte diversa: He Fântasos, que em pedra, em terra, em onda Em arvore, e no mais que não tem alma, Súbito, e propriamente se transforma.		<i>O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo, a própria locução, porém somente este afigura os homens, outro em fera, em ave se converte, ou em serpente: Icélon pelos deuses é chamado, os humanos Fobétor o nomeiam. Há terceiro também de arte diversa: é Fântasos, que em pedra, em terra, em onda em árvore, e no mais que não tem alma, súbito, e propriamente se transforma.</i>	925          930
	}fl.238{ {fl.46}	{fl.47}	
Huns aterrão de noite os Reis, e os Grandes, Outros por entre o Povo errantes vôão.		<i>Uns aterraram de noite os reis, e os grandes, outros por entre o povo errantes voam.</i>	935
	}fl.44{ {fl.48}	{fl.48}	
Nenhum d’estes faz conta ao velho nume para cumprir as ordens da Thaumancia; só, de tantos irmãos, Morpheu lhe agrada; dá-lhe as ordens, repõe-se no alto leito,		Nenhum destes faz conta ao velho nume para cumprir as ordens da taumância; só, de tantos irmãos, Morfeu lhe agrada; dá-lhe as ordens, repõe-se no alto leito,	940

some a cabeça, e a ressonar prossegue.

\*

Parte o nuncio voando pelas trevas  
sem arruído algum, e antes de muito  
eil-o já dentro na cidade Emónia.

Ali, azas depondo, assume aspecto,  
ar, e corpo, de Céyx, finado, exangue,  
nu, macerado, e á esposa se apresenta,  
que jazia no thálamu deserto.

Gotteja agua do mar a barba inculta,  
da coma derrubada aguas escorrem.

Para o leito se inclina; e derramando  
sobre ella muitas lagrimas,

— “¿Ainda

me conheces — lhe diz — misera esposa?  
¿conheces o teu Ceyx, ou totalmente  
minhas feições com a morte se mudaram?

}fl.45{ {fl.49}

Repara bem; verás, não já o esposo,  
mas seu proprio phantasma. Os votos pios  
que formavas por mim, não me valeram;  
eu morri, minha Halcyone; já basta  
de te illudires com teimosa esp’rança.

Colheu-nos rijo sul tempestuoso  
no meio do alto Egeu, e com tal fúria,  
que descosida a náu sorveu-se ao fundo.  
Esta bôcca, invocando em vão teu nome,  
tragou n’uma onda a morte. Quem t’o affirma,  
não é visão confusa, ou fama incerta;  
sou eu mesmo, em pessoa, o que te venho  
náufrago declarar meu termo infando.

Eia, surge, pranteia, e veste o luto;  
entrar no vácuo Reino o extinto esposo  
sem tributo de lágrimas, não deixes.”] —

\*

some a cabeça, e a ressonar prossegue.

\*

Parte o núncio voando pelas trevas  
sem arruído algum, e antes de muito  
ei-lo já dentro na cidade Emónia.

Ali, asas depondo, assume aspecto,  
ar, e corpo, de Céix, finado, exangue,  
nu, macerado, e à esposa se apresenta,  
que jazia no tálamo deserto.

Goteja água do mar a barba inculta,  
da coma derrubada águas escorrem.

Para o leito se inclina; e derramando  
sobre ela muitas lágrimas,

— Ainda

me conheces — lhe diz — mísera esposa?  
Conheces o teu Ceix, ou totalmente  
minhas feições com a morte se mudaram?

{fl.49}

Repara bem; verás, não já o esposo,  
mas seu próprio fantasma. Os votos pios  
que formavas por mim, não me valeram;  
eu morri, minha Alcíone; já basta  
de te iludires com teimosa esp’rança.

Colheu-nos rijo sul tempestuoso  
no meio do alto Egeu, e com tal fúria,  
que descosida a nau sorveu-se ao fundo.  
Esta boca, invocando em vão teu nome,  
tragou numa onda a morte. Quem to afirma,  
não é visão confusa, ou fama incerta;  
sou eu mesmo, em pessoa, o que te venho  
náufrago declarar meu termo infando.

Eia, surge, pranteia, e veste o luto;  
entrar no vácuo reino o extinto esposo  
sem tributo de lágrimas, não deixes. —

\*

945

950

955

960

965

970

Tão bem fingiu a voz com que isto disse,  
que ella o tomou por certo; o chôro mesmo  
parecia real, não lhe escapando  
nem o accionar de Ceyx quando falava.

\*

}fl.46{ {fl.50}

Geme Halcyone, em ais soluça, arqueja,  
ergue desatinada os braços, busca  
abraçar a visão, e abraça o vento.  
– |“|Pára, detem-te, – exclama – ¿onde te levas?  
Céyx, espera um momento; iremos juntos. |”| –  
Com a voz d’elle, e com a visão terrível  
sobre-salta-se, e expérta; o seu primeiro  
movimento é lançar em tórno os olhos  
em busca do que ha pouco ante elles via,  
porque acordados ao clamor os servos  
tinham trazido luzes. Não o achando,  
açoita as faces, dilacéra as roupas,  
contunde o peito a golpes, despedaça  
(que não desgrenha) as tranças. A sua ama,  
que a amamentou na infancia, acode aos gritos;  
dos extremos que vê lhe inquire a causa.

\*

– |“|É morta, é morta Halcyone – responde; –  
já não tendes Halcyone; está morta;  
morreu, morreu com Ceyx. Não me consolem;  
deixem-me; naufragou; morreu; jaz morto;  
vi-o eu mesma, aqui mesmo.... conheci-o;

}fl.47{ {fl.51}

para o não deixar ir lancei-lhe os braços;  
escapou-me; era sombra; sim, a propria  
triste sombra de Ceyx. Não tinha, é certo,  
o seu ar do costume, o brilho antigo;  
nu, lívido, escorriam-lhe ainda as aguas

Tão bem fingiu a voz com que isto disse,  
que ela o tomou por certo; o choro mesmo  
parecia real, não lhe escapando  
nem o acionar de Céix quando falava.

\*

{fl.50}

Geme Alcíone, em ais soluça, arqueja,  
ergue desatinada os braços, busca  
abraçar a visão, e abraça o vento.  
— Para, detém-te, – exclama – onde te levas?  
Céix, espera um momento; iremos juntos. —  
Com a voz dele, e com a visão terrível  
sobressalta-se, e esperta; o seu primeiro  
movimento é lançar em torno os olhos  
em busca do que há pouco ante eles via,  
porque acordados ao clamor os servos  
tinham trazido luzes. Não o achando,  
açoita as faces, dilacera as roupas,  
contunde o peito a golpes, despedaça  
(que não desgrenha) as tranças. A sua ama,  
que a amamentou na infância, acode aos gritos;  
dos extremos que vê lhe inquire a causa.

\*

— É morta, é morta Alcione – responde; –  
já não tendes Alcíone; está morta;  
morreu, morreu com Céix. Não me consolem;  
deixem-me; naufragou; morreu; jaz morto;  
vi-o eu mesma, aqui mesmo.... conheci-o;

{fl.51}

para o não deixar ir lancei-lhe os braços;  
escapou-me; era sombra; sim, a própria  
triste sombra de Céix. Não tinha, é certo,  
o seu ar do costume, o brilho antigo;  
nu, lívido, escorriam-lhe ainda as águas

975

980

985

990

995

1000

do cabelo.... Ali foi que o desgraçado  
me apareceu em pé.... –

(N'isto, começa  
a ver se inda achará vestígios d'elle.) –  
;Eis os pressagios meus realizados!....  
;eis por que eu te pedia não quizesse,  
deixando a esposa, confiar-te aos ventos.  
;Ah! pois que ias á morte, eu bem queria  
me levasses por tua companheira;  
não perderia de vivermos juntos  
um só momento; e unidos na existencia,  
seríamos tambem na morte unidos.  
Assim, morri ausente, ausente rólo  
entre vagas indómitas nos mares  
onde ausente de mim tambem flutúas.  
Mais que essas vagas barbara eu sería,  
se forcejasse por levar mais longe  
esta vida, ou buscar consôlo a dôres

}fl.48{ {fl.50}

como as que me espedaçam; mas não quero,  
ó miserando esposo, abandonar-te;  
ir-te-hei por companheira agora ao menos.  
Se uma urna (¡ai de mim!) não tem de unir-nos,  
epitaphio commum sequer nos una;  
nos ossos teus não tocarão meus ossos,  
mas tocará sequer no teu meu nome.]” –

\*

Aqui o auge da dor lhe embarga as vozes;  
entre explosões de pranto a custo fala,  
exhalando ais do coração pasmado.

\*

Era manhan; deserta do palacio;  
desce á praia; procura o mesmo sitio,  
d'onde o vira partir.

do cabelo.... Ali foi que o desgraçado  
me apareceu em pé... –

(Nisto, começa  
a ver se inda achará vestígios dele.) –  
Eis os presságios meus realizados!...  
Eis por que eu te pedia não quisesses,  
deixando a esposa, confiar-te aos ventos.  
Ah! Pois que ias à morte, eu bem queria  
me levasses por tua companheira;  
não perderia de vivermos juntos  
um só momento; e unidos na existência,  
seríamos também na morte unidos.  
Assim, morri ausente, ausente rolo  
entre vagas indômitas nos mares  
onde ausente de mim também flutuas.  
Mais que essas vagas bárbara eu seria,  
se forcejasse por levar mais longe  
esta vida, ou buscar consolo a dores

{fl.52}

como as que me espedaçam; mas não quero,  
ó miserando esposo, abandonar-te;  
ir-te-ei por companheira agora ao menos.  
Se uma urna (ai de mim!) não tem de unir-nos,  
epitáfio comum sequer nos una;  
nos ossos teus não tocarão meus ossos,  
mas tocará sequer no teu meu nome. —

\*

Aqui o auge da dor lhe embarga as vozes;  
entre explosões de pranto a custo fala,  
exalando ais do coração pasmado.

\*

Era manhã; deserta do palácio;  
desce à praia; procura o mesmo sítio,  
donde o vira partir.

1005

1010

1015

1020

1025

1030

— |“|Foi n’esta praia,  
que inventando pretextos a demoras,  
em quanto a chusma as ancoras erguia,  
o ultimo beijo, os ultimos, nos demos|”| —  
diz ella; e recordando áquellas vistas  
d’essa hora doce e amarga as circunstancias,  
colhe de cada objecto uma saudade.  
De olhos errantes pelo mar sem termo,

}fl.49{ {fl.53}

viu não sei quê boiando á flor das aguas;  
figura-se-lhe um corpo; inda comtudo  
não acérta ao princípio em decidir-se.  
Depois que o rôlo o revolveu mais perto,  
bem que inda assaz ao largo, distinguuiu-se  
que, sem duvida alguma, era um cadaver;  
bem que ignora de quem, dá por mui certo  
que é náufrago; este agoiro horror lhe infunde.  
Como sobre um mortal desconhecido,  
chora exclamando:

— |“|Ó tu, quem quer que sejas,  
;desgraçado.... se tinhas uma esposa!...|”| —  
No desarregaçar do mar em rôlo,  
eis mais próximo o corpo investe a praia;  
quanto mais n’elle extática se affirma,  
mais se perturba e perde; avança, avança  
inda mais, depois mais....

— |“|;É elle! ;é elle!|”| —  
grita. Faces, cabello, e vestes rompe;  
estende para o morto as mãos convulsas,  
e em voz rouca de horror,

|—“| ;Assim me voltas,  
esposo infelicissimo?!...|”| — murmura.

-----

— Foi nesta praia,  
que inventando pretextos a demoras,  
enquanto a chusma as âncoras erguia,  
o último beijo, os últimos, nos demos —  
diz ela; e recordando àquelas vistas  
dessa hora doce e amarga as circunstâncias,  
colhe de cada objeto uma saudade.  
De olhos errantes pelo mar sem termo,

{fl.53}

viu não sei que boiando à flor das águas;  
figura-se-lhe um corpo; inda contudo  
não acerta ao princípio em decidir-se.  
Depois que o rolo o revolveu mais perto,  
bem que inda assaz ao largo, distinguuiu-se  
que, sem dúvida alguma, era um cadáver;  
bem que ignora de quem, dá por mui certo  
que é náufrago; este agoiro horror lhe infunde.  
Como sobre um mortal desconhecido,  
chora exclamando:

— Ó tu, quem quer que sejas,  
desgraçado.... se tinhas uma esposa!... —  
No desarregaçar do mar em rolo,  
eis mais próximo o corpo investe a praia;  
quanto mais nele estática se afirma,  
mais se perturba e perde; avança, avança  
inda mais, depois mais....

— É ele! É ele! —  
grita. Faces, cabelo, e vestes rompe;  
estende para o morto as mãos convulsas,  
e em voz rouca de horror,

— Assim me voltas,  
esposo infelicíssimo?!... — murmura.

}fl.50{ {fl.54}	{fl.54}
*	*
Surge ali vasta mole, exfôrço d'arte, que na orla do mar forma barreira contra invasores ímpetos das vagas. Salta sobre ella; espanta como o poude. Voava; e retalhando os leves ares com plumas que imprevistas a guarnecem, roça voando [↑equóreas] superficies <equóreas>, mudada em ave triste e lastimosa. n'este esvoaçar, do ténue bico entorna a crepitante quérula toada. Tanto que chega ao mudo exangue corpo, com as azas novas cinge os membros caros, e frios beijos vão lhe dá com o bico. Se o Rei áquelle affecto era sensível, ou se era só da agitação das aguas que lhe provinha o levantar o rôsto, o povo espectador não o acertava; mas era realmente amor, e vida.	Surge ali vasta mole, esforço d'arte, que na orla do mar forma barreira contra invasores ímpetos das vagas. Salta sobre ela; espanta como o pôde. Voava; e retalhando os leves ares com plumas que imprevistas a guarnecem, roça voando equóreas superficies, mudada em ave triste e lastimosa. Neste esvoaçar, do ténue bico entorna a crepitante quérula toada. Tanto que chega ao mudo exangue corpo, com as asas novas cinge os membros caros, e frios beijos vão lhe dá com o bico. Se o rei àquele afeto era sensível, ou se era só da agitação das águas que lhe provinha o levantar o rosto, o povo espectador não o acertava; mas era realmente amor, e vida.
*	*
Ambos emfim, por compaixão dos numes, são aves; seu amor, commum nos fados se conserva inda agora: o laço antigo	Ambos enfim, por compaixão dos numes, são aves; seu amor, comum nos fados se conserva inda agora: o laço antigo
}fl.51{ {fl.55}	{fl.55}
que Hymeneu lhes tecêra em quanto humanos, depois de aves tambem persiste o mesmo; recíproco desejo inda os reune; criam filhos; e Halcyone, durante sete do inverno bem serenos dias, choca seu ninho a flutuar no pégo. N'essa porção da tormentosa quadra, ninguem receia o mar; Éolo arreda e prende os ventos, por deixar aos netos commodo e repoisado o mar.	que Himeneu lhes tecera enquanto humanos, depois de aves também persiste o mesmo; recíproco desejo inda os reúne; criam filhos; e Alcóne, durante sete do inverno bem serenos dias, choca seu ninho a flutuar no pego. Nessa porção da tormentosa quadra, ninguém receia o mar; Éolo arreda e prende os ventos, por deixar aos netos cômmodo e repoisado o mar.

*	*	
Um velho,	Um velho,	
que estas aves errantes contemplava	que estas aves errantes contemplava	1090
em roda aos largos mares volteando,	em roda aos largos mares volteando,	
louvou n'ellas o amor que afronta a morte.	louvou nelas o amor que afronta a morte.	
– [“ Quasi como elles, e (se o Fado avêso	— Quase como eles, e (se o fado avesso	
lh'o houvesse permittido) egual lhes fôra	lho houvesse permitido) igual lhes fora	
aquelle que além vai nadando airoso,	aquele que além vai nadando airoso,	1095
de ténues pernas e espaçoso collo –	de ténues pernas e espaçoso colo –	
diz, amostrando um mergulhão. –  Progénie	diz, amostrando um mergulhão. – Progênie	
foi de Reis – continúa. – E remontando	foi de reis – continua. – E remontando	
pela sua prosápia, acharéis n'ella	pela sua prosápia, achareis nela	
}fl.52{ {fl.56}	{fl.56}	
Ilo, Assáraco, o loiro Ganimédes	Ilo, Assáraco, o loiro Ganimédes	1100
de Jove raptó, o velho Laomedonte,	de Jove raptó, o velho Laomedonte,	
e Príamo, de Troia ultimo sceptro.	e Príamo, de Troia último cetro.	
D'este nasceu; foi Ésaco o seu nome.	Deste nasceu; foi Ésaco o seu nome.	
}fl.233{ {fl.57}	{fl.57}	
Ésaco, Irmão de Heitor, se não sentira	<i>Ésaco, irmão de Heitor, se não sentira</i>	
Na flor da bella idade estranhos Fados,	<i>na flor da bela idade estranhos fados,</i>	1105
Grão nome entre os Heróes talvez tivesse,	<i>grão nome entre os heróis talvez tivesse,</i>	
E á fraterna igualasse a gloria sua,	<i>e à fraterna igualasse a glória sua,</i>	
Posto que fosse Heitor de Hécuba filho,	<i>posto que fosse Heitor de Hécuba filho,</i>	
E Ésaco de Alexírhoe, a qual he fama	<i>e Ésaco de Alexírhoe, a qual é fama</i>	
Que a furto o produzió lá no Ida umbroso.	<i>que a furto o produziu lá no Ida umbroso.</i>	1110
Aborrecendo a pompa das Cidades,	<i>Aborrecendo a pompa das cidades,</i>	
Remoto do paterno, insigne Paço,	<i>remoto do paterno, insigne paço,</i>	
Nos montes se escondia, amava os campos,	<i>nos montes se escondia, amava os campos,</i>	
Illesos de ambição, mui raramente	<i>ilesos de ambição, mui raramente</i>	
No Cortezão tumulo hia envolver-se.	<i>no cortesão túmulo ia envolver-se.</i>	1115
O carácter, porém, bravio agreste,	<i>O caráter, porém, bravio agreste,</i>	
Inimigo de Amor, não tinha o Moço.	<i>inimigo de amor, não tinha o moço.</i>	



Hum dia ás patrias margens a formosa Cebrena Hespéria vio do Sol aos raios A livre trança de ouro estar secando, Hespéria, a quem mil vezes entre os bosques	<i>Um dia às pátrias margens a formosa Cebrena Hespéria viu do sol aos raios a livre trança de ouro estar secando, Hespéria, a quem mil vezes entre os bosques</i>	1120
	}fl.234{ {fl.58}	{fl.58}
Já seguira inflamado. Ao vêllo a Nynfa Com tanta rapidez fuge do Amante Qual do Lobo voraz medrosa corça; Ou como a fluvial ádem ligeira Fuge ás unhas cruéis, se he assaltada Longe do lago pelo açor violento.	<i>já seguira inflamado. Ao vê-lo a ninfa com tanta rapidez fuge do amante qual do lobo voraz medrosa corça; ou como a fluvial adem ligeira fuge às unhas cruéis, se é assaltada longe do lago pelo açor violento.</i>	1125
Corre o Troyano ardente após a Ingrata, Persegue Amor veloz o veloz Medo: Eis serpe occulta no caminho ervoso Volve á planta fugaz o curvo dente, Nas vêas lhe introduz mortal peçonha, Supprime a fuga, supprimindo a vida.	<i>Corre o troiano ardente após a ingrata, persegue amor veloz o veloz medo: eis serpe occulta no caminho ervoso volve à planta fugaz o curvo dente, nas veias lhe introduz mortal peçonha, supprime a fuga, suprimindo a vida.</i>	1130
O mísero Amador, de mágoa insano, Abraça o lindo Corpo agonizante.  –  “Eu me arrependo, (grita) eu me arrependo<;>  “Nynfa, de te seguir mas não previa “Este caso fatal, nem desejava “Victoria tão custosa, e tão funesta. “Dois forão, infeliz, os teus verdugos: “Deo a serpente o golpe, eu dei a causa, “E eu fôra inda peor que o seu veneno, “Se a morte minha não vingasse a tua.”]	<i>O mísero amador, de mágoa insano, abraça o lindo corpo agonizante. ‘Eu me arrependo, (grita) eu me arrependo, ninfã, de te seguir mas não previa este caso fatal, nem desejava vitória tão custosa, e tão funesta. Dois foram, infeliz, os teus verdugos: deu a serpente o golpe, eu dei a causa, e eu fora inda pior que o seu veneno, se a morte minha não vingasse a tua.’</i>	1135          1140
Disse, e do cume de cavada rocha Ao pélagos se dá, porém doída Tethis o acolhe brandamente, e logo Verte de plumas o nadante corpo,	<i>Disse, e do cume de cavada rocha ao pélagos se dá, porém doída Tétis o acolhe brandamente, e logo verte de plumas o nadante corpo,</i>	1145

Seu cobiçado fim negando ao Triste.

*seu cobiçado fim negando ao triste.*

Elle, raivoso de existir por força,  
De ter com duros laços opprimida  
Alma, que da prizão sahir deseja,  
Menêa, assim que as sente, as azas novas,  
Vôa, mas outra vez baixando ás ondas,  
Se intenta submergir: vedão-lho as pennas.

*Ele, raivoso de existir por força,  
de ter com duros laços opprimida  
alma, que da prisão sair deseja,  
meneia, assim que as sente, as asas novas,  
voa, mas outra vez baixando às ondas,  
se intenta submergir: vedam-lho as penas.*

1150

Mais o Amante se enraiva, e teima, e torna  
A sumir-se no mar: da morte a estrada  
Tenta, retenta alli, sem fim, sem fructo.

*Mais o amante se enraiva, e teima, e torna  
a sumir-se no mar: da morte a estrada  
tenta, retenta ali, sem fim, sem fruto.*

1155

Amor lhe gasta, lhe macéra as carnes;  
O collo se lhe allonga, o mar lhe agrada,  
E dos mergulhos seus provém seu nome.

*Amor lhe gasta, lhe macera as carnes;  
o colo se lhe alonga, o mar lhe agrada,  
e dos mergulhos seus provém seu nome. —*

1160

---

Fim do Livro XI

---



---

Fim do Livro XI

---

# XII

Incompleto

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

*revisto*

## Livro XII

## Livro XII

Príamo, não sabendo que entre as aves  
vive Ésaco seu filho, o chora morto.  
Em sepulcro fallaz, que tem seu nome,  
Heitor e os mais irmãos<, > consagram juntos  
os sacrificios e oblações funéreas;  
ao lutuoso dever faltou só Páris,  
que depois, revertendo aos pátrios lares,  
trouxe, com a nova esposa, guerra longa.

\*

Mil conjuradas náus da Grecia inteira  
apinhadas de heroes não tardariam  
em o seguir; mas fecha-lhes os mares  
contrario vento, e da Aulide Beócia  
o porto inda retém a forte armada.  
Sacrificios a Jupiter se aprestam  
segundo a patria usança, e já rutila  
na ara antiga do nume a sacra flamma.

\*

Eis que ao longo de um plátano visinho  
vêm os Gregos trepar cerúleo drago.

}fl.2{ {fl.2}

Nos píncaros do plátano se via  
balanceando um ninho; o monstro o investe;  
de oito aves, e de mãe, que as cerca e esvoaça,  
faz successiva prêza, e as manda ao ventre.

\*

Tudo fica assombrado. <Calchante> o áugur  
Calchante,  
o filho de Thestor, brada:

Príamo, não sabendo que entre as aves  
vive Ésaco seu filho, o chora morto.  
Em sepulcro falaz, que tem seu nome,  
Heitor e os mais irmãos consagram juntos  
os sacrificios e oblações funéreas;  
ao lutuoso dever faltou só Páris,  
que depois, revertendo aos pátrios lares,  
trouxe, com a nova esposa, guerra longa.

\*

Mil conjuradas naus da Grécia inteira  
apinhadas de heróis não tardariam  
em o seguir; mas fecha-lhes os mares  
contrário vento, e da Áulide Beócia  
o porto inda retém a forte armada.  
Sacrificios a Júpiter se aprestam  
segundo a pátria usança, e já rutila  
na ara antiga do nume a sacra flama.

\*

Eis que ao longo de um plátano vizinho  
veem os gregos trepar cerúleo drago.

{fl.2}

Nos píncaros do plátano se via  
balanceando um ninho; o monstro o investe;  
de oito aves, e de mãe, que as cerca e esvoaça,  
faz successiva presa, e as manda ao ventre.

\*

Tudo fica assombrado. O áugur Calcante,  
o filho de Testor, brada:

5

10

15

20

— [“|Alegrae-vos,  
ó Gregos; venceréis; cairá Troia,  
sim; mas com grande custo; os nove passaros  
annunciam nove annos de pelejas.”] —  
Diz; e o dragão, inda enlaçado n’arvore,  
se muda em pedra, sem perder a forma.

\*

As furias de Nereu, porém, não cedem;  
cada vez mais feroz aturde as praias,  
e sahir da Beocia ás naus proíbe.  
Ha quem pense que o deus do mar protege  
a Troia, porque os muros lhe fundára;  
mas Calchante, que entende o alto prodigio,  
declara que é mistér, para applacal-o,  
virgem sangue offertar á deusa virgem.

\*

Agamémnon pospôz á causa publica

}fl.3{ {fl.3}

seus paternaes affectos; venceu n’elle  
o Rei ao pae. De ordem do Rei, ás aras  
surge Iphigénia; o casto seio offerta  
ao ferro, entre os ministros lacrimosos.  
Bastou: condoe-se a deusa; um nevoeiro  
mandou, que envolve tudo; e n’esse escuro,  
na confusão da turba circumstante,  
entre as preces rituaes e as pompas do acto,  
salva a Princeza, e deixa em logar d’ella  
uma côrça.

\*

Aplacada assim Diana,  
Phebo tambem, tambem o mar se acalma;  
abalam-se os baixeis de vento em pôppa.  
Depois de azares mil surgem na Phrygia.

\*

— Alegrai-vos,  
ó gregos; vencereis; cairá Tróia,  
sim; mas com grande custo; os nove pássaros  
annunciam nove anos de pelejas. —  
Diz; e o dragão, inda enlaçado n’árvore,  
se muda em pedra, sem perder a forma.

\*

As fúrias de Nereu, porém, não cedem;  
cada vez mais feroz aturde as praias,  
e sair da Beócia às naus proíbe.

Há quem pense que o deus do mar protege  
a Tróia, porque os muros lhe fundara;  
mas Calcante, que entende o alto prodígio,  
declara que é mister, para aplacá-lo,  
virgem sangue ofertar à deusa virgem.

\*

Agamémnon pospôs à causa pública

}fl.3{ {fl.3}

seus paternais afetos; venceu nele  
o rei ao pai. De ordem do rei, às aras  
surge Ifigênia; o casto seio oferta  
ao ferro, entre os ministros lacrimosos.  
Bastou: condói-se a deusa; um nevoeiro  
mandou, que envolve tudo; e nesse escuro,  
na confusão da turba circumstante,  
entre as preces rituais e as pompas do ato,  
salva a princesa, e deixa em lugar dela  
uma corça.

\*

Aplacada assim Diana,  
Febo também, também o mar se acalma;  
abalam-se os baixéis de vento em popa.  
Depois de azares mil surgem na Frígia.

\*

Entre ceos, terra, e mar, existe um sitio,  
bem nos confins do tríplice Universo.  
Quanto vai pelo mundo, ou perto ou longe,  
tudo de lá se vê, de lá se escuta.  
Ali domina a Fama, a qual reside  
na c'roa de seus paços torreados;  
ali vão dar innúmeros caminhos;

}fl.4{ {fl.4}

ali entram sem conto abertas portas,  
e rompe a luz pelos crivados tectos.  
Noite e dia se vê patente e franco  
o alcáçar vasto e de metal sonoro;  
um nada o faz vibrar de extremo a extremo;  
quantas vezes lhe dão, tantas ressurtam  
multiplicadas por contrarios eccos.  
Não ha descanso algum n'este recinto;  
parte alguma não ha que muda esteja;  
porém não é clamor, são ténues vozes,  
baixos sussurros, quaes do mar ao longe,  
ou dos trovões as ultimas roladas.  
Apinha vulgo leve os átrios grandes;  
vão, veem, trazem n'um tráfico perpétuo  
a verdade e a mentira, o certo e o falso.  
Phrases confusas, que pelo ar se volvem,  
um diz, outro repete, est'outro augmenta;  
cresce de bôcca em bôcca a falsidade:  
Cercam seu nume os êrros temerarios,  
credulidade, pânicos terrores,  
vãs alegrias, sedição recente,  
e o boáto veloz de autor incerto.

\*

A rainha immortal no centro do orbe  
o descortina todo, o influe, o agita.

Entre céus, terra, e mar, existe um sítio,  
bem nos confins do tríplice universo.  
Quanto vai pelo mundo, ou perto ou longe,  
tudo de lá se vê, de lá se escuta.  
Ali domina a Fama, a qual reside  
na c'roa de seus paços torreados;  
ali vão dar inúmeros caminhos;

{fl.4}

ali entram sem conto abertas portas,  
e rompe a luz pelos crivados tetos. 60  
Noite e dia se vê patente e franco  
o alcáçar vasto e de metal sonoro;  
um nada o faz vibrar de extremo a extremo;  
quantas vezes lhe dão, tantas ressurtam  
multiplicadas por contrários ecos. 65  
Não há descanso algum neste recinto;  
parte alguma não há que muda esteja;  
porém não é clamor, são ténues vozes,  
baixos sussurros, quais do mar ao longe,  
ou dos trovões as últimas roladas. 70  
Apinha vulgo leve os átrios grandes;  
vão, veem, trazem num tráfico perpétuo  
a verdade e a mentira, o certo e o falso.  
Frases confusas, que pelo ar se volvem,  
um diz, outro repete, est'outro aumenta; 75  
cresce de boca em boca a falsidade:  
Cercam seu nume os erros temerários,  
credulidade, pânicos terrores,  
vãs alegrias, sedição recente,  
e o boato veloz de autor incerto. 80

\*

A rainha imortal no centro do orbe  
o descortina todo, o influi, o agita.

}fl.5{ {fl.5}

{fl.5}

\*

\*

Assim, pois, já por ella era constante  
vir sobre Troia a bellicosa armada,  
e Troia apercebida armou seus portos;  
de heróes ao desembarque heróes resistem.  
Lá cais, Protesiláu, de Heitor aos golpes;  
tua morte fatal, que enceta a guerra,  
já faz cara a victoria á gente Argiva;  
;Ah! quanto pode Heitor, mal o presumem.

Assim, pois, já por ela era constante  
vir sobre Tróia a bellicosa armada,  
e Tróia apercebida armou seus portos;  
de heróis ao desembarque heróis resistem.  
Lá cais, Protesilau, de Heitor aos golpes;  
tua morte fatal, que enceta a guerra,  
já faz cara a vitória à gente argiva;  
Ah! Quanto pode Heitor, mal o presumem.

85

90

\*

\*

Já praias do Sigeu repinta o sangue;  
já mil vidas findaram sob os golpes  
de Cycno, filho de Neptuno. Achilles  
do coche voador arroja a lança,  
e inteiros esquadrões prostrava em terra;  
buscava a Heitor ou Cycno entre as phalanges,  
quando a Cycno encontrou, por quanto os Fados  
para mais longa vida Heitor preservam:  
Heitor deve de assombro encher dois lustros.  
Contra o seu contendor com a voz incita  
os seus alvos frisões que o freio opprime;  
brande o dardo, e treveja:

Já praias do Sigeu repinta o sangue;  
já mil vidas findaram sob os golpes  
de Cicno, filho de Netuno. Aquiles  
do coche voador arroja a lança,  
e inteiros esquadrões prostrava em terra;  
buscava a Heitor ou Cicno entre as falanges,  
quando a Cicno encontrou, por quanto os fados  
para mais longa vida Heitor preservam:  
Heitor deve de assombro encher dois lustros.  
Contra o seu contendor com a voz incita  
os seus alvos frisões que o freio opprime;  
brande o dardo, e treveja:

95

100

– |“|;Eia, mancebo!

— Eia, mancebo!

}fl.6{ {fl.6}

{fl.6}

quem quer que és, ;parabens! folga, e consola-te:  
vais morrer pela mão do Emónio Achilles.”| –  
N’isto, sem mais dizer lhe atira a lança.  
Bem que a mira foi certa, e certo o arrôjo,  
baldou comtudo o tiro; o peito adverso  
mal foi tocado pela férrea ponta.

quem quer que és, parabéns! Folga, e consola-te:  
vais morrer pela mão do emônio Aquiles. —  
Nisto, sem mais dizer lhe atira a lança.  
Bem que a mira foi certa, e certo o arrojo,  
baldou contudo o tiro; o peito adverso  
mal foi tocado pela férrea ponta.

105

\*

\*

– |“|Filho de Thetis, – [|lhe] responde o bravo –  
(pois já por fama te conheço ha muito)  
;de me não ter ferido te admiraste?

— Filho de Tétis, – lhe responde o bravo –  
(pois já por fama te conheço há muito)  
de me não ter ferido te admiraste?

110

Pois bem: nem <esse> [↑o meu] elmo assombreado,  
tal como o vês, de equina juba loira,  
nem este que na esquerda me refulge  
cavo broquél, minha ousadia afoitam;  
só por adôrno e gentileza os trago;  
só por adôrno os usa Marte; eu dispo-os;  
não me servem. Ver-me-has a descoberto  
brigar, vencer-te, e retirar-me intacto.

Alguma coisa montará ser filho  
não de Nereida, mas do deus que em jugo  
tem as Nereidas, e Nereu, e os mares”] –

\*

Com isto expede a lança contra o escudo

}fl.7{ {fl.7}

que lhe Achilles de um salto oppõe; rasgou-lhe  
a lâmina de bronze, e os nove espessos  
taurinos fôrros, mas no fôrro extremo  
pendeu cançado o tiro. O heroe furioso  
o sacode, e retorque-lhe segunda  
hasta impellida com dobrado exfôrço;  
o corpo fica illéso; outra lá parte,  
logo terceira, ao peito nu, que impavido  
as provóca; baldadas todas ellas.

Embravece-se Achilles como toiro,  
que em circo descoberto investe ás upas  
leve espantalho de purpúreo manto,  
e vê que a furia em golpes vãos mallogra.  
Lembra a Achilles que o ferro cahiria  
da lança; mas lá está.

– “|;Já pois me falta  
pulso a mim?! - brada. - Será pois possível  
que n’um só se gastasse a antiga fôrça?  
E se era fôrça ou não, digam-n-o os muros  
da alta Lyrnesso, meu primeiro ensaio;  
diga-o Ténédos; dize-o tu, soberba

Pois bem: nem o meu elmo assombreado,  
tal como o vês, de equina juba loira,  
nem este que na esquerda me refulge  
cavo broquel, minha ousadia afoitam;  
só por adorno e gentileza os trago;  
só por adorno os usa Marte; eu dispo-os;  
não me servem. Ver-me-ás a descoberto  
brigar, vencer-te, e retirar-me intacto.

Alguma coisa montará ser filho  
não de nereida, mas do deus que em jugo  
tem as nereidas, e Nereu, e os mares. —

\*

Com isto expede a lança contra o escudo

{fl.7}

que lhe Aquiles de um salto opõe; rasgou-lhe  
a lâmina de bronze, e os nove espessos  
taurinos forros, mas no forro extremo  
pendeu cansado o tiro. O herói furioso  
o sacode, e retorque-lhe segunda  
hasta impelida com dobrado esforço;  
o corpo fica ileso; outra lá parte,  
logo terceira, ao peito nu, que impávido  
as provoca; baldadas todas elas.

Embravece-se Aquiles como toiro,  
que em circo descoberto investe às upas  
leve espantalho de purpúreo manto,  
e vê que a fúria em golpes vãos mallogra.  
Lembra a Aquiles que o ferro cairia  
da lança; mas lá está.

— Já pois me falta  
pulso a mim?! – brada. – Será pois possível  
que num só se gastasse a antiga força?  
E se era força ou não, digam-no os muros  
da alta Lirnesso, meu primeiro ensaio;  
diga-o Ténédos; dize-o tu, soberba



Thebas, quando por mim nadaste em sangue;  
ou tu, Cayco, á custa de teus povos  
tornado enchente de vermelhas ondas,

}fl.8{ {fl.8}

quando por duas vezes esta lança  
a Télépho provou quanto valia.  
¿E que outro braço amontoou de corpos  
toda esta praia, qual a vejo raza?  
Meu braço era pois forte, e é forte ainda.}] –

\*

Disse; e como que apenas se fiava  
nas passadas façanhas, acomette  
ao que primeiro topa; era Menétes  
da Lycia tropa. Vara-lhe de um jacto  
loríga e peito; e como o viu de bruços  
a estrabuchar no apartamento d'alma,  
o proprio ferro da ferida tépida  
arranca, e diz:

– |“A mesma dextra, e a mesma  
arma inda são, que triumphar sabiam;  
com o outro agora retental-as quero;  
;prasa ao Ceo não desmintam.}] –

De repente

arremette com Cycno; o bravo freixo  
vôa certo, e com fragor lá bate  
no hombro esquerdo do heroe; d'ali ressurte,  
como repulso por muralha ou rocha.

}fl.9{ {fl.9}

Achilles, que já vê nódoa cruenta  
no sitio onde ferira, em si não cabe;  
mas pouco lhe durou tão ledô engano;  
olha melhor; não é ferida, o sangue  
não é de Cycno; é sangue de Menétes.

\*

Tebas, quando por mim nadaste em sangue;  
ou tu, Caico, à custa de teus povos  
tornado enchente de vermelhas ondas,

145

{fl.8}

quando por duas vezes esta lança  
a Téléfo provou quanto valia.  
E que outro braço amontoou de corpos  
toda esta praia, qual a vejo rasa? —  
Meu braço era pois forte, e é forte ainda. —

\*

Disse; e como que apenas se fiava  
nas passadas façanhas, acomete  
ao que primeiro topa; era Menetes  
da Lícia tropa. Vara-lhe de um jacto  
loriga e peito; e como o viu de bruços  
a estrebuchar no apartamento d'alma,  
o próprio ferro da ferida tépida  
arranca, e diz:

— A mesma destra, e a mesma  
arma inda são, que triunfar sabiam;  
com o outro agora retentá-las quero;  
praza ao Céu não desmintam. —

De repente

arremete com Cicno; o bravo freixo  
voa certo, e com fragor lá bate  
no ombro esquerdo do herói; dali ressurte,  
como repulso por muralha ou rocha.

160

165

{fl.9}

Aquiles, que já vê nódoa cruenta  
no sítio onde ferira, em si não cabe;  
mas pouco lhe durou tão ledô engano;  
olha melhor; não é ferida, o sangue  
não é de Cicno; é sangue de Menetes.

\*

170

Afogado da cólera, e bramindo,  
 salta do coche; e comettendo á espada  
 o imigo, vê que o escudo e o elmo se abrem  
 com as cutiladas, mas na carne dura  
 se embota o ferro. Chega ao auge a furia;  
 com a poma dos copos lhe desaba  
 por bôcca e faces, pela testa e fontes,  
 uma trovoada horrísona de golpes;  
 constrange-o a recuar, segue-o, persegue-o;  
 endoidece-o; nem fuga nem resfôlgo  
 já lhe consente. De terror cortado  
 Cycno esmorece; pelos olhos sombras  
 densas lhe nadam; para traz amiuda  
 os vacillantes pés; quando um penedo,  
 que no meio do campo a caso estava,  
 se lhe oppõe e o suspende. Achilles dobra

}fl.10{ {fl.10}

o impulso giganteu, e arroja Cycno  
 costas ao chão; e com os joelhos duros  
 e o elmo, o opprime pelo peito; arranca  
 do capacete os vinculos que abraçam  
 por de baixo da barba o collo, e esmaga-lh'o,  
 e afoga-o.

Sim, venceu; mas no momento  
 em que ia despojar o seu vencido,  
 de Cycno as armas viu, mas não viu Cycno,  
 que o deus do mar o havia transformado  
 n'uma ave branca do seu nome: o Cysne.

\*

Esta afanosa briga aos campos trouxe  
 dias bastantes de repouso e trégua,  
 depostas cá e lá no emtanto as armas.  
 Velam no muro as Phrygias atalaias,  
 velam no fosso as sentinellas Gregas.

\*

Afogado da cólera, e bramindo,  
 salta do coche; e cometendo à espada  
 o imigo, vê que o escudo e o elmo se abrem  
 com as cutiladas, mas na carne dura  
 se embota o ferro. Chega ao auge a fúria;  
 com a poma dos copos lhe desaba  
 por boca e faces, pela testa e fontes,  
 uma trovoada horrísona de golpes;  
 constrange-o a recuar, segue-o, persegue-o;  
 endoidece-o; nem fuga nem resfolgo  
 já lhe consente. De terror cortado  
 Cicno esmorece; pelos olhos sombras  
 densas lhe nadam; para traz amiúda  
 os vacilantes pés; quando um penedo,  
 que no meio do campo acaso estava,  
 se lhe oppõe e o suspende. Aquiles dobra

{fl.10}

o impulso giganteu, e arroja Cicno  
 costas ao chão; e com os joelhos duros  
 e o elmo, o oprime pelo peito; arranca  
 do capacete os vínculos que abraçam  
 por de baixo da barba o colo, e esmaga-lho,  
 e afoga-o.

Sim, venceu; mas no momento  
 em que ia despojar o seu vencido,  
 de Cicno as armas viu, mas não viu Cicno,  
 que o deus do mar o havia transformado  
 numa ave branca do seu nome: o cisne.

\*

Esta afanosa briga aos campos trouxe  
 dias bastantes de repouso e trégua,  
 depostas cá e lá no emtanto as armas.  
 Velam no muro as frígias atalaias,  
 velam no fosso as sentinelas gregas.

\*

<p>Chega o dia solemne, em que de Cycno Achilles vencedor contenta a Pallas de uma novilha com o devido sangue. Já sobre as aras tórridas lançára as entranhas da rês; o grato a numes</p>	<p>Chega o dia solene, em que de Cicno Aquiles vencedor contenta a Palas de uma novilha com o devido sangue. 205 Já sobre as aras tórridas lançara as entranhas da rês; o grato a numes</p>
}fl.11{ {fl.11}	{fl.11}
<p>cheiro de sacrificio ia subindo. Gasto nas chammas o quinhão do estylo, dos heroes ao festim conduz-se o resto. *</p>	<p>cheiro de sacrificio ia subindo. Gasto nas chamas o quinhão do estilo, dos heróis ao festim conduz-se o resto. 210 *</p>
<p>Os mais nobres guerreiros se reclinam nos toros convivae; ali dão largas ao apetite nas tostadas carnes, sêde e cuidados fogem-lhes com o vinho. Nem citharas, nem cantos, nem as longas frautas de buxo a noite lhes encurtam; em saborosa prática enlevados, o assumpto são valentes galhardias, feitos proprios, façanhas de inimigos, e os não poucos apêrtos em que Marte acrisolou seus brios com victoria. Tal é seu passatempo. ¿E em que outro objecto podia conversar o grande Achilles, ou ante Achilles os heroes da Grecia? A derradeira gentileza de armas que lhe hão visto fazer, mais que nenhuma dá largo campo às falas; não entendem como n'um corpo humano o jovem Cycno pudesse ter a incógnita virtude</p>	<p>Os mais nobres guerreiros se reclinam nos toros convivais; ali dão largas ao apetite nas tostadas carnes, sede e cuidados fogem-lhes com o vinho. Nem cítaras, nem cantos, nem as longas 215 flautas de buxo a noite lhes encurtam; em saborosa prática enlevados, o assunto são valentes galhardias, feitos próprios, façanhas de inimigos, e os não poucos apertos em que Marte 220 acrisolou seus brios com vitória. Tal é seu passatempo. E em que outro objeto podia conversar o grande Aquiles, ou ante Aquiles os heróis da Grécia? A derradeira gentileza de armas 225 que lhe hão visto fazer, mais que nenhuma dá largo campo às falas; não entendem como num corpo humano o jovem Cicno pudesse ter a incógnita virtude</p>
}fl.12{ {fl.12}	{fl.12}
<p>de repellir feridas, amolgando o fio das espadas inimigas. Admiravam-se os Gregos, e pasmava o Eácide tambem.</p>	<p>de repelir feridas, amolgando 230 o fio das espadas inimigas. Admiravam-se os gregos, e pasmava o eácide também.</p>

— |“|Nos vossos dias —  
interrompeu Nestor — dou por mui certo  
que exemplo d’isto nunca visseis outro;  
pois vi eu. Conheci (e ha longos annos)  
Ceneu, Thessálio de nação, que illeso  
aparava mil golpes. Habitava  
no Othrys, por signal. Homem valente,  
e de prol, mas não homem de nascença,  
porem mulher, o que espantava em dôbro.]”|

\*

Todos os circumstantes assombrados  
pedem a historia. E diz Achilles:

— |“|Vamos:  
todos querem ouvir-te, ó mui facundo  
velho, brasão do nosso tempo. Conta-nos  
quem foi Ceneu; por que mudou de sexo;  
em que milicia, em que certame o viste;  
quem foi o que o venceu, se por ventura  
houve heroe que o vencesse.]”|

}fl.13{ {fl.13}

\*

Aqui o velho

respondeu:

— |“|Bem que os annos me hajam gasto,  
e muita coisa a que assisti, mancebos,  
pela memoria incerta me passasse,  
de muitas mais, comtudo, inda me lembro.  
Ora pois: em tamanha variedade  
de casos como hei visto em paz e em guerra,  
de nenhum sei que tanto me cahisse;  
e se ha pessoa, a quem velhice extrema  
fizesse de successos testemunha,  
sou eu, que já vazei duzentos annos,  
e em meu terceiro seculo divago.

\*

— Nos vossos dias —  
interrompeu Nestor — dou por mui certo  
que exemplo disto nunca vísseis outro; 235  
pois vi eu. Conheci (e há longos annos)  
Ceneu, Tessálio de nação, que ileso  
aparava mil golpes. Habitava  
no Ótris, por sinal. Homem valente,  
e de prol, mas não homem de nascença, 240  
porém mulher, o que espantava em dobro. —

\*

Todos os circumstantes assombrados  
pedem a história. E diz Aquiles:

— Vamos:  
todos querem ouvir-te, ó mui facundo  
velho, brasão do nosso tempo. Conta-nos 245  
quem foi Ceneu; por que mudou de sexo;  
em que milícia, em que certame o viste;  
quem foi o que o venceu, se porventura  
houve herói que o vencesse. —

{fl.13}

\*

Aqui o velho

respondeu:

— Bem que os anos me hajam gasto, 250  
e muita coisa a que assisti, mancebos,  
pela memória incerta me passasse,  
de muitas mais, contudo, inda me lembro.  
Ora pois: em tamanha variedade  
de casos como hei visto em paz e em guerra, 255  
de nenhum sei que tanto me caísse;  
e se há pessoa, a quem velhice extrema  
fizesse de successos testemunha,  
sou eu, que já vazei duzentos annos,  
e em meu terceiro século divago. 260

\*

Cénis, de Eláteo filha, era uma virgem,  
 não linda mas lindíssima, e por todos  
 como o primor das Théssalas havida;  
 tanto assim, que não só na vizinhança,  
 mas por todo o teu Reino (porque Cénis  
 era patricia tua, invicto Achilles)  
 não lhe faltaram pretendores; todos  
 desprezou. Mas a um thálamo d'aquelles,  
 ¿quem não aspiraria? houvera-o feito

}fl.14{ {fl.14}

Peleu talvez, se então não fosse Thétis  
 já d'elle, ou, quando menos, sua noiva.

\*

Certo dia, vagando em erma praia,  
 (contava-se isto assim) o Rei das ondas  
 obteve d'ella á fôrça o que os mais ternos  
 tinham rogado em vão. Tanto que o nume  
 percebeu que era elle o venturoso  
 que a iniciava em tão gentil commercio,  
 – |“Declara-me – lhe disse – o que desejas,  
 que tudo lograrás.

Aqui termina o manuscrito de Castilho, na pagina  
 553 do vol. III de manuscritos; e diz uma nota do  
 secretario: Vai p.<sup>a</sup> o Tomo 4 dos Autografos, pag.  
 104. Infelizmente esse tomo desapareceu, ficando  
 assim truncado n'este passo o Livro XII.

}s/n{ {fl.15}

30 jan.o 1910

(Tudo isto a fama

pregoava do caso). Tornou Cénis:  
 – |“Foi grande a afronta; é grande o que desejo.  
 Livra-me de outra igual; se conseguires

Cénis, de Eláteo filha, era uma virgem,  
 não linda mas lindíssima, e por todos  
 como o primor das téssalas havida;  
 tanto assim, que não só na vizinhança,  
 mas por todo o teu reino (porque Cénis  
 era patrícia tua, invicto Aquiles)  
 não lhe faltaram pretendores; todos  
 desprezou. Mas a um tálamo daqueles,  
 quem não aspiraria? Houvera-o feito

265

{fl.14}

Peleu talvez, se então não fosse Tétis  
 já dele, ou, quando menos, sua noiva.

270

\*

Certo dia, vagando em erma praia,  
 (contava-se isto assim) o rei das ondas  
 obteve dela à força o que os mais ternos  
 tinham rogado em vão. Tanto que o nume  
 percebeu que era ele o venturoso  
 que a iniciava em tão gentil comércio,  
 — Declara-me – lhe disse – o que desejas,  
 que tudo lograrás. —

275

Aqui termina o manuscrito de Castilho, na página  
 553 do vol. III de manuscritos; e diz uma nota do  
 secretário: Vai p.<sup>a</sup> o Tomo 4 dos Autógrafos, pag.  
 104. Infelizmente esse tomo desapareceu, ficando  
 assim truncado neste passo o Livro XII.

}s/n{ {fl.15}

30 jan. 1910

(Tudo isto a fama

pregoava do caso). Tornou Cénis:  
 — Foi grande a afronta; é grande o que desejo.  
 Livra-me de outra igual; se conseguires

280

tirar-me a essencia feminina, tudo  
te ficarei devendo.]”| –

Assim falando

engrossava-lhe a voz, e arremedava  
garganta <de varão> [↑ varonil]... ¿Arremedava?  
não; já o deus do mar <ahi lhe annuira> [↑annuindo  
aos votos]

em varão transformava a illusa Cénis;  
é Ceneu; <mais lhe dera>[↑novo don] lhe concedêra:  
<que sua> [↑não ser] nunca ferido, e <ser> [↑ver-se]  
immune

do ferro aos golpes. E eis o nosso Théssalo  
satisfeito de si, vivendo ás margens  
do Peneu, todo entregue ás fainas duras  
que enchem a vida aos rudes camponezes.

\*

[...]

tirar-me a essência feminina, tudo  
te ficarei devendo. —

Assim falando

engrossava-lhe a voz, e arremedava  
garganta varonil... Arremedava?  
Não; já o deus do mar anuindo aos votos

em varão transformava a ilusa Cénis;  
é Ceneu; novo dom lhe concedera:  
não ser nunca ferido, e ver-se immune

do ferro aos golpes. E eis o nosso téssalo  
satisfeito de si, vivendo às margens  
do Peneu, todo entregue às fainas duras  
que enchem a vida aos rudes camponeses.

\*

[...]

285

290

# XIII

Incompleto

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

*Revisto*

## Livro XIII

Falta quasi tudo desde o principio d'este livro. O que apparece é a lamentação de Polyphemo a Galatêa. Pois existiu todo o trecho anterior, visto que a pag. 512 do vol. III se lê: Vem do Tomo 4 pag 117. Esse Tomo desapareceu.

-----

[...]

“Ó mais nívea que flor de branca alfêna,  
mais alta do que o álamo fastoso,  
mais florída que prado em quadra amena;

mais lustrosa que o vidro bem lustroso,  
mais ágil, mais travêssa e brincalhona  
que o saltão cabritinho inda mimoso;

mais nobre que os presentes de Pomona,  
as coradas maçans, e mais gostosa  
que o doce cacho que Lyeu sasona;

mais que soberbos plátanos vistosa,  
mais polída que o buzio luzidío,  
brumido pelo mar na praia algoza;

}fl.2{ {fl.2}

mais grata que áureo sol no inverno frio,  
mais suave que a sombra sussurrante  
de espêso bosque no abafado estío;

## Livro XIII

Falta quase tudo desde o princípio deste livro. O que apparece é a lamentação de Polifemo a Galatea. Pois existiu todo o trecho anterior, visto que a pag. 512 do vol. III se lê: “Vem do tomo 4 pag. 117”. Esse tomo desapareceu.

-----

[...]

‘Ó mais nívea que flor de branca alfena,  
mais alta do que o álamo fastoso,  
mais florida que prado em quadra amena;

mais lustrosa que o vidro bem lustroso,  
mais ágil, mais travessa e brincalhona  
que o saltão cabritinho inda mimoso;

mais nobre que os presentes de Pomona,  
as coradas maçãs, e mais gostosa  
que o doce cacho que Lieu sazona;

mais que soberbos plátanos vistosa,  
mais polida que o búzio luzidio,  
brumido pelo mar na praia algoza;

{fl.2}

mais grata que áureo sol no inverno frio,  
mais suave que a sombra sussurrante  
de espesso bosque no abafado estio;



mais brilhante que o gelo alvo e brilhante,  
mais branda que a do cysne prateado  
mórbida pluma, ou nata tremulante.

E se aos ais que por ti sólto abrazado  
qual foges, Galatêa, não fugisses,  
mais aprasível que um jardim regado.

Mas ¿que importa que os olhos me enfeitices,  
que tudo que faz bella a Natureza  
tu só no teu composto o reunisses?

¿que importa? ¿se és mais cheia de fereza  
que as novilhas indómitas, mais dura  
que o roble annoso da maior dureza!

¿mais pérfida que a onda, e mais segura  
que esta onde choro, immovel penedia  
em que o rôlo do mar quebra e murmura!

}fl.3{ {fl.3}

¿mais violenta e fugaz, túrbida e fria,  
que torrente caudal, mais presumida  
que o pavão que dos gabos se glória!

¿mais funesta que chamma enfurecida,  
mais frouxa do que as hásteas do salgueiro,  
mais rábida e feroz que ursa parida!

¿mais áspera que aspérrimo espinheiro,  
mais surda que este pégo, mais terrível  
que serpente, se a trilha o passageiro!

E o que, mais que tudo isto, alma insensível,  
te desluz e me afronta, o que eu mais dera  
por tirar-te, ó cruel, sendo possível,

mais brilhante que o gelo alvo e brilhante,  
mais branda que a do cisne prateado  
mórbida pluma, ou nata tremulante.

E se aos ais que por ti solto abrasado  
qual foges, Galateia, não fugisses,  
mais aprazível que um jardim regado.

Mas que importa que os olhos me enfeitices,  
que tudo que faz bela a natureza  
tu só no teu composto o reunisses?

Que importa? Se és mais cheia de fereza  
que as novilhas indômitas, mais dura  
que o roble anoso da maior dureza!

Mais pérfida que a onda, e mais segura  
que esta onde choro, imóvel penedia  
em que o rolo do mar quebra e murmura!

{fl.3}

Mais violenta e fugaz, túrbida e fria,  
que torrente caudal, mais presumida  
que o pavão que dos gabos se gloria!

Mais funesta que chama enfurecida,  
mais frouxa do que as hásteas do salgueiro,  
mais rábida e feroz que ursa parida!

Mais áspera que aspérrimo espinheiro,  
mais surda que este pego, mais terrível  
que serpente, se a trilha o passageiro!

E o que, mais que tudo isto, alma insensível,  
te desluz e me afronta, o que eu mais dera  
por tirar-te, ó cruel, sendo possível,

mais fugidía que a medrosa fera,  
o cervo voador, se ouve os latidos  
da matilha, que o cinge e desespera.

Mas... ¿que falo em veado? aos meus gemidos  
tu foges mais veloz que o proprio vento,  
que os tufões pelos ares despedidos.

}fl.4{ {fl.4}

Se bem que soubesses meu amor violento,  
se visses quem eu sou, pesar terias  
de haveres prolongado o meu tormento.

De teus desdens, de tuas tirannias,  
estou certo, enganada Galatêa,  
que de te envergonhar não deixarias.

De transportes de amor, de afagos cheia,  
tudo usarias com minh'alma terna  
pela reter na plácida cadeia.

De alta montanha a parte mais interna  
de pendentes rochedos fabricada,  
é minha digna amplíssima caverna.

Ali rigores da estação gelada,  
ou rigores ali do estio acezo,  
não souberam jamais achar entrada.

Avérge o meu pomar da fruta o pêzo;  
cachos tenho, uns de purpura outros d'oiro;  
uns e outros para ti só guardo e préso.

mais fugidia que a medrosa fera,  
o cervo voador, se ouve os latidos  
da matilha, que o cinge e desespera.

Mas... que falo em veado? Aos meus gemidos  
tu foges mais veloz que o próprio vento,  
que os tufões pelos ares despedidos.

{fl.4}

Se bem que soubesses meu amor violento,  
se visses quem eu sou, pesar terias  
de haveres prolongado o meu tormento.

De teus desdéns, de tuas tiranias,  
estou certo, enganada Galateia,  
que de te envergonhar não deixarias.

De transportes de amor, de afagos cheia,  
tudo usarias com minh'alma terna  
pela reter na plácida cadeia.

De alta montanha a parte mais interna  
de pendentes rochedos fabricada,  
é minha digna amplíssima caverna.

Ali rigores da estação gelada,  
ou rigores ali do estio aceso,  
não souberam jamais achar entrada.

Averga o meu pomar da fruta o peso;  
cachos tenho, uns de purpura outros d'oiro;  
uns e outros para ti só guardo e prezo.

}fl.5{ {fl.5}

{fl.5}

Terás abrunhos negros, que um thesoiro  
vale bem cada um, e outros melhores,  
que teem de um cheio favo o doce e o loiro.

Terás abrunhos negros, que um thesoiro  
vale bem cada um, e outros melhores,  
que têm de um cheio favo o doce e o loiro.

De meus bravos morângãos tentadores  
serás por tuas mãos a apanhadeira,  
e dos pilritos meus, se minha fôres.

De meus bravos morangões tentadores  
serás por tuas mãos a apanhadeira,  
e dos pilritos meus, se minha fores.

Se fôres minha esposa e companheira,  
terás sempre a castanha, o bom medronho,  
e toda a fruta da espessura inteira.

Se fores minha esposa e companheira,  
terás sempre a castanha, o bom medronho,  
e toda a fruta da espessura inteira.

De todo este rebanho eu só disponho,  
e de outros mais, em parte cortelhados  
nos antros d'onde á luz inda os não ponho,

De todo este rebanho eu só disponho,  
e de outros mais, em parte cortelhados  
nos antros donde à luz inda os não ponho,

em parte n'esses valles derramados,  
ou por essas florestas escondidos;  
do conto não lhes sei, nem são contados.

em parte nesses vales derramados,  
ou por essas florestas escondidos;  
do conto não lhes sei, nem são contados.

Quem tem pouco, põe n'isso os seus sentidos;  
não é rico pastor quem diz: “Número  
tantas cabras de meu, tantos nascidos.”

Quem tem pouco, põe nisso os seus sentidos;  
não é rico pastor quem diz: “Numero  
tantas cabras de meu, tantos nascidos.”

}fl.6{ {fl.6}

{fl.6}

E quanto ao valor d'ellas, já não quero  
que te fieis em mim, pois são gabadas;  
podes vir vel-as, e assombrar-te espero;

E quanto ao valor delas, já não quero  
que te fieis em mim, pois são gabadas;  
podes vir vê-las, e assombrar-te espero;

nem bem podem com as têtas retezadas.  
¿E que direi das criações recentes,  
inda prêzas nas tépidas malhadas?

nem bem podem com as tetas retesadas.  
E que direi das criações recentes,  
inda presas nas tépidas malhadas?

N'umas, alvos cordeiros innocentes  
ondeiam; n'outras brincam retoçando  
mil cabritinhos folgazões, contentes.

Nunca me falta o leite: um, que empinando  
vou logo, outro que apérto em farto queijo,  
níveo, gostoso, rescondente, e brando.

Fáceis regalos dar-te não desejo;  
nem prometto, por premio a teus carinhos,  
dons triviaes, que ser-te improprios vejo.

Não te darei casaes de alvos pombinhos,  
corças, lebres, ou cabras, nem tomados  
sobre altos cumes despreiveis ninhos.

}fl.7{ {fl.7}

Nos cumes d'esses montes escarpados  
achei dois ursos gémeos, guedelhudos,  
inda de leite, em seu covil deitados.

Tão eguaes no tamanho e em carrancudos  
são elles, e hão-de ser (quando medrarem)  
tão eguaes em valentes e em membrudos,

que bons olhos terás se os extremarem.  
;Que delicia ha-de ser estar-vos vendo,  
tu com elles, contigo elles, brincarem!

Fiquei dôido do achado; e as mãos batendo,  
bradei logo: “Estes sim, que hão-de ser d'ella;  
por tributo de amor dar-lh'os pretendo.”

Minha offerta vem ver, bem que singela;  
ergue já d'entre as ondas esse rôsto,  
ó Galatêa perguiçosa e bella.

Numas, alvos cordeiros inocentes  
ondeiam; noutras brincam retoçando  
mil cabritinhos folgazões, contentes.

Nunca me falta o leite: um, que empinando  
vou logo, outro que aperto em farto queijo,  
níveo, gostoso, rescondente e brando.

Fáceis regalos dar-te não desejo;  
nem prometo, por prêmio a teus carinhos,  
dons triviais, que ser-te impróprios vejo.

Não te darei casais de alvos pombinhos,  
corças, lebres, ou cabras, nem tomados  
sobre altos cumes desprezíveis ninhos.

{fl.7}

Nos cumes desses montes escarpados  
achei dois ursos gêmeos, guedelhudos,  
inda de leite, em seu covil deitados.

Tão iguais no tamanho e em carrancudos  
são eles, e hão de ser (quando medrarem)  
tão iguais em valentes e em membrudos,

que bons olhos terás se os extremarem.  
Que delícia há de ser estar-vos vendo,  
tu com eles, contigo eles, brincarem!

Fiquei doido do achado; e as mãos batendo,  
bradei logo: “Estes sim, que hão de ser dela;  
por tributo de amor dar-lhos pretendo.”

Minha oferta vem ver, bem que singela;  
ergue já dentre as ondas esse rosto,  
ó Galateia preguiçosa e bela.

Já no espelho do mar liso e compôsto  
me vi; nada encontrei que desaprove;  
não sei por que te inspiro esse desgôsto.

}fl.8{ {fl.8}

Encareceis um tal que os fados move  
(Jove cuidado é seu nome); eu na grandeza  
de certo que não cedo ao vosso Jove.

De meu semblante á varonil fereza  
;que bem quadra esta grenha, que assombreira  
meus hombros, como selva intacta, illesa!

E se de cerdas rígidias se arreia  
densamente o meu corpo negrejante,  
não tenhas para ti ser coisa feia.

Sem plumas não ha passaro galante;  
nem sem crinas frisão; nem desvestida  
podes árvore achar, que a vista encante;

a belleza da ovelha é lan crescida;  
a nossa é densa barba e grossa pelle,  
de rijo e farto pêllo abastecida.

Não tenho mais que um olho com que véle;  
mas é no meio da espaçosa testa,  
e vasto escudo na grandeza é elle.

}fl.9{ {fl.9}

Tem o sol um só ôlho, e um só lhe presta  
para abarcar de um lance a todo o mundo;  
;de ser como elle, que desar me resta?

Já no espelho do mar liso e composto  
me vi; nada encontrei que desaprove;  
não sei por que te inspiro esse desgosto.

{fl.8}

Encareceis um tal que os fados move  
(Jove cuidado é seu nome); eu na grandeza  
de certo que não cedo ao vosso Jove.

De meu semblante à varonil fereza  
que bem quadra esta grenha, que assombreira  
meus ombros, como selva intacta, ilesa!

E se de cerdas rígidias se arreia  
densamente o meu corpo negrejante,  
não tenhas para ti ser coisa feia.

Sem plumas não há pássaro galante;  
nem sem crinas frisão; nem desvestida  
podes árvore achar, que a vista encante;

a beleza da ovelha é lâ crescida;  
a nossa é densa barba e grossa pele,  
de rijo e farto pelo abastecida.

Não tenho mais que um olho com que vele;  
mas é no meio da espaçosa testa,  
e vasto escudo na grandeza é ele.

{fl.9}

Tem o sol um só olho, e um só lhe presta  
para abarcar de um lance a todo o mundo;  
de ser como ele, que desar me resta?

Se a obter-te aspiro, em titulos me fundo:  
és do profundo cérulo habitante;  
meu pae é Rei do cérulo profundo.

¿Quem sôgro te offerece mais brilhante?  
¡Ah! gentil Galatêa, ¡ah! tem piedade  
dos tristes ais, das supplicas do amante.

Só a teus pés sujeito a liberdade.  
Eu, que despréso o raio, os ceos, os numes,  
teu furor temo; adoro-te a deidade.

Inda se esses sem par brilhantes lumes  
fossem com todos o que são comigo,  
talvez que eu não rompesse em taes queixumes;

¡porém fugir-me quando assim te sigo!  
¡por Acis delirar!! ¡ter elle abraços,  
que eu Cyclope te imploro e não consigo!!....

}fl.10{ {fl.10}

¡Detestado rival! ¡odiosos laços!  
¡Prasa á ventura que o feliz um dia  
a sitio onde eu me achar dirija os passos!

Embora se compraça, embora, impía,  
te compraça tambem, farei que sinta  
que tenho igual ao corpo a valentia.

Com esta, sim, com esta mão faminta  
hei-de arrancar-lhe vivas as entranhas,  
regalar de vil sangue a terra tinta;

seus membros espalhar pelas montanhas,  
ou, por melhor juntar-vos, atiral-os  
às ondas onde, ó barbara, te banhas.

Se a obter-te aspiro, em títulos me fundo:  
és do profundo cérulo habitante;  
meu pai é rei do cérulo profundo.

Quem sogro te oferece mais brilhante?  
Ah! Gentil Galateia, ah! Tem piedade  
dos tristes ais, das súplicas do amante.

Só a teus pés sujeito a liberdade.  
Eu, que desprezo o raio, os céus, os numes,  
teu furor temo; adoro-te a deidade.

Inda se esses sem par brilhantes lumes  
fossem com todos o que são comigo,  
talvez que eu não rompesse em tais queixumes;

porém fugir-me quando assim te sigo!  
Por Acis delirar!! Ter ele abraços,  
que eu Ciclope te imploro e não consigo!!....

{fl.10}

Detestado rival! Odiosos laços!  
Praza à ventura que o feliz um dia  
a sítio onde eu me achar dirija os passos!

Embora se compraça, embora, ímpia,  
te compraça também, farei que sinta  
que tenho igual ao corpo a valentia.

Com esta, sim, com esta mão faminta  
hei de arrancar-lhe vivas as entranhas,  
regalar de vil sangue a terra tinta;

seus membros espalhar pelas montanhas,  
ou, por melhor juntar-vos, atirá-los  
às ondas onde, ó barbara, te banhas.

Sinto, sinto, frenéticos abalos;  
tuas graças encheram-me de amores;  
teu desdém veio em furia transformal-os.

De tudo são capazes meus furores;  
trago um como vulcão n'est'alma cheia;  
por Galatêa morro; e Galatêa  
ri de meus ais, e teima em seus rigores....”]

}fl.11{ {fl.11}

\*

Assim, perdidos ais, baldados versos,  
derramava o feroz. Depois do canto  
(porque eu bem via tudo) levantou-se;  
parecia-me um toiro enfurecido  
privado da novilha amada sua;  
não parava; corria a passos largos  
bosques e mattas vagueando á tôa.  
Eu e Acis, que bem fóra áquelle tempo  
estavamos de tal, quiz a desdita  
que fomos vistos d'elle.

– |“|Emfim vos côlho –

exclama o impio; houvestes n'esse ponto  
de vosso amor as ultimas delicias.”] –  
E isto disse com voz tão por extremo  
desabrida e medonha, qual se pode  
imaginar de um Cyclope raivando;  
todo o Etna estremeceu, reboou com os eccos.  
Eu salto espavorida ao mar visinho;  
espavorido o meu amante foge.  
– |“|Vale-me, ó Galatêa! ¡ó paes, valei-me!  
¡salvem-me – vai bradando – os reinos vossos!”] –  
E assim bradando, corre; o monstro o segue;  
arrancou sem parar parte de um monte,

Sinto, sinto, frenéticos abalos;  
tuas graças encheram-me de amores;  
teu desdém veio em fúria transformá-los.

De tudo são capazes meus furores;  
trago um como vulcão nest'alma cheia;  
por Galateia morro; e Galateia  
ri de meus ais, e teima em seus rigores...’

{fl.11}

\*

Assim, perdidos ais, baldados versos,  
derramava o feroz. Depois do canto  
(porque eu bem via tudo) levantou-se;  
parecia-me um toiro enfurecido  
privado da novilha amada sua;  
não parava; corria a passos largos  
bosques e matas vagueando à toa.  
Eu e Acis, que bem fora àquele tempo  
estávamos de tal, quis a desdita  
que fomos vistos dele.

‘Emfim vos colho –

exclama o ímpio; houvestes nesse ponto  
de vosso amor as últimas delícias.’  
E isto disse com voz tão por extremo  
desabrida e medonha, qual se pode  
imaginar de um Ciclope raivando;  
todo o Etna estremeceu, reboou com os ecos.  
Eu salto espavorida ao mar vizinho;  
espavorido o meu amante foge.  
‘Vale-me, ó Galateia! Ó pais, valei-me!  
Salvem-me –vai bradando – os reinos vossos!’  
E assim bradando, corre; o monstro o segue;  
arrancou sem parar parte de um monte,

}fl.12{ {fl.12}

{fl.12}

e sem parar atira-lh'o; o rochedo  
 com a só ponta de um angulo lhe toca,  
 e só com essa todo o alaga; eu triste  
 fiz tudo que em mim coube; jah! pude ao menos  
 dar-lhe (como) a do avô caudal torrente.  
 De baixo do penhasco vinha em jórros  
 o sangue borbulhando; eis que do sangue  
 a côr aceza a desmaiar coméça,  
 trocada na que um rio offerece aos olhos  
 quando o turbaram as primeiras chuvas;  
 pouco depois, diáfano se torna.  
 Então se fende a penha, e sai das fendas  
 viçoso cannavial, crescido e espêso;  
 e de uma aberta cônica das rochas  
 saem gorgulhando aquosas espadanas,  
 a formar saltitando alta cascata;  
 e do sáxeo rigor (¡coisa estupenda!)  
 surge até meio corpo um moço esbelto,  
 de curvas pontas que entretecem cannas.  
 Vê-lo é ver Acis, á excepção que em grande  
 muito lhe ganha, e tem cerúleo o rôsto;  
 mas assim mesmo é Acis, Acis bello  
 mudado em rio, que retem seu nome. —

\*

}fl.13{ {fl.13}

{fl.13}

Calou-se Galatêa; e vós, Nereidas,  
 que attentas, que apinhadas escutaveis,  
 pelo plácido mar fostes nadando.  
 Mas Scylla volve ás praias; não se atreve  
 a aventurar-se ao pélago. Primeiro,  
 pelo fôfo areal passeia nua;  
 logo depois, cançada do passeio,  
 entra em segura littoral caverna,

\*

e sem parar atira-lho; o rochedo  
 com a só ponta de um ângulo lhe toca,  
 e só com essa todo o alaga; eu triste  
 fiz tudo que em mim coube; ah! Pude ao menos  
 dar-lhe como a do avô caudal torrente.  
 De baixo do penhasco vinha em jorros  
 o sangue borbulhando; eis que do sangue  
 a cor acesa a desmaiar começa,  
 trocada na que um rio oferece aos olhos  
 quando o turbaram as primeiras chuvas;  
 pouco depois, diáfano se torna.  
 Então se fende a penha, e sai das fendas  
 viçoso canavial, crescido e espesso;  
 e de uma aberta cônica das rochas  
 saem gorgulhando aquosas espadanas,  
 a formar saltitando alta cascata;  
 e do sáxeo rigor (coisa estupenda!)  
 surge até meio corpo um moço esbelto,  
 de curvas pontas que entretecem canas.  
 Vê-lo é ver Acis, à excepção que em grande  
 muito lhe ganha, e tem cerúleo o rosto;  
 mas assim mesmo é Acis, Acis belo  
 mudado em rio, que retém seu nome. —

\*

\*

Calou-se Galateia; e vós, nereidas,  
 que atentas, que apinhadas escutáveis,  
 pelo plácido mar fostes nadando.  
 Mas Cila volve às praias; não se atreve  
 a aventurar-se ao pélago. Primeiro,  
 pelo fofo areal passeia nua;  
 logo depois, cansada do passeio,  
 entra em segura litoral caverna,



onde se enfurna o mar; e á fresca sombra  
banha-se toda....

\*

N'isto os olhos ergue,  
e vê vir para ali nadando Glauco,  
Glauco da Eubóica Anthédone oriundo,  
recem-feito de humano em deus marinho.  
Tanto que este percebe a solitaria  
formosa virgem, namorado e louco  
por lograr o que viu ficou morrendo.  
Ella o foge, elle a segue, repetindo  
quanto julga melhor para retel-a;  
¡ah! de balde se cança; a Nympha vòa,  
e nas azas do mêdo alcança o cume  
de um monte junto ás praias situado.

\*

}fl.14{ {fl.14}

\*

Quasi pyramidal seu pico aéreo  
se allonga pelas nuvens, d'onde ás vagas  
com íngreme pendor baixa um recôsto  
acobertado de arvoredado antigo.  
Só ali se deteve a fugitiva;  
e d'ali, já sem mêdo, e todavia  
sem saber se o que ha visto é deus ou monstro,  
entra de longe a contemplal-o; admira  
aquela côr, aquella grenha intonsa  
que hombros e espáduas cobre, e mais admira  
ver que o corpo lhe acaba em curvo peixe.  
Elle, que lhe penetra o pensamento,  
n'um dos penhascos onde quebra o rôlo  
se encosta, e lá de baixo assim lhe fala:  
— [“]Maravilha não sou, nem brava fera,  
linda virgem; sou nume do Oceano.  
Mais imperio do que eu, não tem nas ondas

onde se enfurna o mar; e á fresca sombra  
banha-se toda...

\*

Nisto os olhos ergue,  
e vê vir para ali nadando Glauco,  
Glauco da Eubóica Antédone oriundo,  
recém-feito de humano em deus marinho.  
Tanto que este percebe a solitária  
formosa virgem, namorado e louco  
por lograr o que viu ficou morrendo.  
Ela o foge, ele a segue, repetindo  
quanto julga melhor para retê-la;  
ah! Debalde se cansa; a ninfa vòa,  
e nas asas do medo alcança o cume  
de um monte junto às praias situado.

\*

{fl.14}

\*

Quase piramidal seu pico aéreo  
se alonga pelas nuvens, donde às vagas  
com íngreme pendor baixa um recosto  
acobertado de arvoredado antigo.  
Só ali se deteve a fugitiva;  
e dali, já sem medo, e todavia  
sem saber se o que há visto é deus ou monstro,  
entra de longe a contemplá-lo; admira  
aquela cor, aquela grenha intonsa  
que ombros e espáduas cobre, e mais admira  
ver que o corpo lhe acaba em curvo peixe.  
Ele, que lhe penetra o pensamento,  
num dos penhascos onde quebra o rolo  
se encosta, e lá de baixo assim lhe fala:  
— Maravilha não sou, nem brava fera,  
linda virgem; sou nume do oceano.  
Mais império do que eu, não tem nas ondas

Protheu, Tritão, ou o filho de Athamante,  
 Palémon. Tive em tempo essencia humana;  
 gerado por mortaes, mortal como elles,  
 com os mares me criei, vivi dos mares:  
 ora arrastando á praia as fartas redes,  
 ora, sentado n'um penedo algoso,  
 em longa canna pendurando o fio.

}fl.15{ {fl.15}

D'aquella costa ao longo, e unido á praia,  
 corria um verde prado, em cuja extrema  
 brincava o mar; as hervas d'esse prado,  
 nunca encetou dente de ovelha, ou vácça,  
 ou petulante cabra; áureos enxames  
 nunca seu flóreo nectar delibaram;  
 lá não põem mãos callosas curva foice,  
 nem festivas grinaldas lá se colhem;  
 fui eu pois o feliz, que tal retiro  
 estreei. Certa vez, em que lá estava  
 muito a meu salvo a assoalhar as rêdes,  
 e a pôr por conta os peixes que apanhára,  
 com esse intento derramei nas hervas  
 os que o lanço me dera, e os que na farpa  
 do anzol doloso crédulos morreram.  
 Vais cuidar que te engano, e tens desculpa;  
 mas çde eu n'isto mentir, que bens lucrava?  
 Mal que os ponho na relva, os meus captivos  
 começam de bolir, viram-se, fazem  
 requebros taes, como se andassem n'água.  
 Em quanto pasmo, em quanto me demoro,  
 salta o cardume, e volve ás suas ondas,  
 deixando o novo dono e a praia em branco.  
 Fiquei cheio de espanto largo espaço.

Proteu, Tritão, ou o filho de Atamante,  
 Palémon. Tive em tempo essência humana;  
 gerado por mortais, mortal como eles,  
 com os mares me criei, vivi dos mares:  
 ora arrastando à praia as fartas redes,  
 ora, sentado num penedo algozo,  
 em longa cana pendurando o fio.

{fl.15}

Daquela costa ao longo, e unido à praia,  
 corria um verde prado, em cuja extrema  
 brincava o mar; as ervas desse prado,  
 nunca encetou dente de ovelha, ou vaca,  
 ou petulante cabra; áureos enxames  
 nunca seu flóreo néctar delibaram;  
 lá não põem mãos calosas curva foice,  
 nem festivas grinaldas lá se colhem;  
 fui eu pois o feliz, que tal retiro  
 estreei. Certa vez, em que lá estava  
 muito a meu salvo a assoalhar as redes,  
 e a pôr por conta os peixes que apanhara,  
 com esse intento derramei nas ervas  
 os que o lanço me dera, e os que na farpa  
 do anzol doloso crédulos morreram.  
 Vais cuidar que te engano, e tens desculpa;  
 mas de eu nisto mentir, que bens lucrava?  
 Mal que os ponho na relva, os meus cativos  
 começam de bolir, viram-se, fazem  
 requebros tais, como se andassem n'água.  
 Enquanto pasmo, enquanto me demoro,  
 salta o cardume, e volve às suas ondas,  
 deixando o novo dono e a praia em branco.  
 Fiquei cheio de espanto largo espaço.

}fl.16{ {fl.16}

{fl.16}

Scismo e tórno a scismar, sem que me occôrra  
 explicação que aplane um tal prodígio;  
 ora o tinha por obra de algum nume,  
 ora das hervas o suppunha effeito;  
 ¿mas houve nunca tal virtude em hervas?  
 tentemos sempre. Arranco algumas folhas,  
 levo-as aos dentes. Não mui bem chegára  
 aquelle extranho succo ás fauces minhas,  
 quando senti cá dentro umas tremuras  
 insólitas, um súbito desejo  
 de variar de essencia; em vão no prado  
 me quizera eu deter, que o não podia.  
 Bradei á terra: “Adeus, e para sempre”,  
 e no mais fundo me abysmei de um salto.  
 Os deuses Neptuninos que me acolhem,  
 dignam-se de egualar-me ás suas honras;  
 obteem do Oceano e Thetis que me tirem  
 quanto em mim fôr mortal; estes me lustram,  
 e de toda a impureza emfim purgado,  
 por sacro verso vezes nove dito  
 mandam-me que me banhe em rios cento;  
 e eil-os, que, vindo por diversas fozes,  
 de toda a parte sôbre mim se atiram.  
 Até aqui posso eu bem, mimosa virgem,  
 dar noticia das coisas memorandas;

Cismo e torno a cismar, sem que me ocorra  
 explicação que aplane um tal prodígio;  
 ora o tinha por obra de algum nume,  
 ora das ervas o supunha effeito;  
 mas houve nunca tal virtude em ervas?  
 Tentemos sempre. Arranco algumas folhas,  
 levo-as aos dentes. Não mui bem chegara  
 aquele estranho suco às fauces minhas,  
 quando senti cá dentro umas tremuras  
 insólitas, um súbito desejo  
 de variar de essência; em vão no prado  
 me quizera eu deter, que o não podia.  
 Bradei à terra: ‘Adeus, e para sempre’,  
 e no mais fundo me abisimei de um salto.  
 Os deuses netuninos que me acolhem,  
 dignam-se de igualar-me às suas honras;  
 obtêm do oceano e Tétis que me tirem  
 quanto em mim for mortal; estes me lustram,  
 e de toda a impureza enfim purgado,  
 por sacro verso vezes nove dito  
 mandam-me que me banhe em rios cento;  
 e ei-los, que, vindo por diversas fozes,  
 de toda a parte sobre mim se atiram.  
 Até aqui posso eu bem, mimosa virgem,  
 dar notícia das coisas memorandas;

}fl.17{ {fl.17}

{fl.17}

mas do que mais por mim passou n’ess’hora,  
 nada me lembra, nem dei fé (que eu saiba).  
 Logo que a mim tornei, senti-me em tudo  
 outro do que era, e de ânimo e de corpo:  
 vi-me esta barba verde-negra espêssa,  
 estas melenas com que varro as ondas,  
 cérulos braços, hombros espaçosos,  
 e em vez de pernas recurvado peixe.

mas do que mais por mim passou ness’hora,  
 nada me lembra, nem dei fé (que eu saiba).  
 Logo que a mim tornei, senti-me em tudo  
 outro do que era, e de ânimo e de corpo:  
 vi-me esta barba verde-negra espessa,  
 estas melenas com que varro as ondas,  
 cérulos braços, ombros espaçosos,  
 e em vez de pernas recurvado peixe.

¿Mas que me importa o meu vistoso garbo,  
e a numes agradar, e ser eu nume,  
se nada d'isto o coração te move?" —

\*

Assim falava o deus; e mais diria,  
se Scylla, que os seus ais não leva em conta,  
o quizesse escutar; mas deu-lhe costas.  
O burlado amador brame de raiva;  
e para obter por fôrça a esquiva bella,  
aos paços corre da Titania Circe.

---

Fim do Livro XIII

---

Mas que me importa o meu vistoso garbo,  
e a numes agradar, e ser eu nume,  
se nada disto o coração te move? —

\*

Assim falava o deus; e mais diria,  
se Cila, que os seus ais não leva em conta,  
o quisesse escutar; mas deu-lhe costas.  
O burlado amador brame de raiva;  
e para obter por fôrça a esquiva bela,  
aos paços corre da titânia Circe.

---

Fim do Livro XIII

---

# XIV

Incompleto

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

*Revisto*

## Livro XIV

## Livro XIV

A nado transpõe Glauco as faldas do Etna,  
 que assente sobre peitos de gigantes  
 exhala o fogo interno; passa os campos  
 dos Cyclopes, charnecas que não rompe  
 arado, ou grades volvem, e que nada  
 devem á lida agraria; deixa Zancla,  
 e as muralhas de Rhégio em frente; vinga  
 o naufragoso estreito que separa  
 a Ausónia da Sicilia; e deslizando  
 ás braçadas as aguas do Tyrrheno,  
 alcança os montes de encantadas plantas,  
 e entra nos de mil feras povoados  
 magicos atrios da Phebeia Circe.

\*

Depois de mútua saudação,

– |“;Piedade!

;ó deusa, tem de um deus piedade! – exclama. –

A nado transpõe Glauco as faldas do Etna,  
 que assente sobre peitos de gigantes  
 exala o fogo interno; passa os campos  
 dos Ciclopes, charnecas que não rompe  
 arado, ou grades volvem, e que nada  
 devem à lida agrária; deixa Zancla,  
 e as muralhas de Régio em frente; vinga  
 o naufragoso estreito que separa  
 a Ausónia da Sicília; e deslizando  
 às braçadas as águas do Tirreno,  
 alcança os montes de encantadas plantas,  
 e entra nos de mil feras povoados  
 mágicos átrios da Febeia Circe.

\*

Depois de mútua saudação,

— Piedade!

Ó deusa, tem de um deus piedade! – exclama. –

}fl.2{ {fl.2}

{fl.2}

Ninguem, não sendo tu, salvar-me pode.  
 Sei, melhor que ninguem, que altas virtudes  
 cabem nas plantas, pois meu ser mudaram.  
 E, por que de meu mal a causa entendas,  
 ouve: na praia em frente de Messénia  
 vi Scylla. Pejo fôra recontar-te  
 as promessas, os rogos, as blandicias,  
 que usei com ella; despresava tudo.  
 Mas tu, se algum condão conteem os versos,  
 ;eia! Com a sacra voz versos murmura;  
 se plantas podem mais, recorre a plantas;

Ninguém, não sendo tu, salvar-me pode.  
 Sei, melhor que ninguém, que altas virtudes  
 cabem nas plantas, pois meu ser mudaram.  
 E, por que de meu mal a causa entendas,  
 ouve: na praia em frente de Messénia  
 vi Cila. Pejo fora recontar-te  
 as promessas, os rogos, as blandícias,  
 que usei com ela; desprezava tudo.  
 Mas tu, se algum condão contêm os versos,  
 eia! Com a sacra voz versos murmura;  
 se plantas podem mais, recorre a plantas;

o fogo que me abraza ;oh! não destruas,  
acende, sim, na ingrata o mesmo fogo.]”| —

\*

Femíneo coração como o de Circe,  
nunca o houve tão rápido, tão pronto  
em conceber paixões, formar desejos;  
ou seu temperamento a causa fosse,  
ou fosse a causa a cólera de Venus,  
que a delação do pae na filha pune.  
Circe pois volve assim:

— |“|Melhor farias

}fl.3{ {fl.3}

se a quem t’o agradecesse amor votasses;  
procura quem deseje o que desejas,  
e seu fervor ao teu fervor misture;  
és digno de agradar, digno até mesmo  
que amadora gentil te sollicíte;  
dêem teus olhos um longe de esperança;  
verás que te não minto; ânimo, ó Glauco!  
Deves ser mais audaz, pois que és tão bello.  
Eu nume, eu do áureo Sol preclara filha,  
eu, que por vegetaes, eu, que por versos  
tenho tanto poder, só faço votos  
para chamar-te meu, chamar-me tua.  
Despréa uma cruel que te despréa,  
dá-te a quem se te dá; podes, ó Glauco,  
assim de uma só vez vingar as duas.]”| —

\*

Ao convite da maga o deus responde:  
— |“|Algas nos montes, folhas no Oceano  
primeiro nascerão, que eu mude amores.]”| —  
Despeitoso furor com tal resposta  
se ateou na Immortal; mas não podendo,  
nem desejando, castigar a Glauco,  
na infeliz preferida ajunta os odios.

o fogo que me abrasa, ó! Não destruas,  
acende, sim, na ingrata o mesmo fogo. —

\*

Femíneo coração como o de Circe,  
nunca o houve tão rápido, tão pronto  
em conceber paixões, formar desejos;  
ou seu temperamento a causa fosse,  
ou fosse a causa a cólera de Vênus,  
que a delação do pai na filha pune.  
Circe pois volve assim:

— Melhor farias

{fl.3}

se a quem to agradecesse amor votasses;  
procura quem deseje o que desejas,  
e seu fervor ao teu fervor misture;  
és digno de agradar, digno até mesmo  
que amadora gentil te solicite;  
deem teus olhos um longe de esperança;  
verás que te não minto; ânimo, ó Glauco!  
Deves ser mais audaz, pois que és tão belo.  
Eu nume, eu do áureo sol preclara filha,  
eu, que por vegetais, eu, que por versos  
tenho tanto poder, só faço votos  
para chamar-te meu, chamar-me tua.  
Despreza uma cruel que te despreza,  
dá-te a quem se te dá; podes, ó Glauco,  
assim de uma só vez vingar as duas. —

\*

Ao convite da maga o deus responde:  
— Algas nos montes, folhas no oceano  
primeiro nascerão, que eu mude amores. —  
Despeitoso furor com tal resposta  
se ateou na imortal; mas não podendo,  
nem desejando, castigar a Glauco,  
na infeliz preferida ajunta os ódios.

}fl.4{ {fl.4}

{fl.4}

\*

\*

Agravada com a ríspida repulsa  
de almos praseres que libou na ideia,  
hervas damnadas com terríveis succos  
piza ligeira, e agrega-lhes, pizando-as,  
de cantos Hecateus palavras negras.  
Cérulo manto envérge, e sai por entre  
catervas de animaes que a acariciam;  
deixa o palacio; e dirigida a Rhégio,  
em face dos Zancleus fataes cachópos,  
entra n'essa porção de pégo estuante,  
calca a pé sêcco as ondas revoltosas,  
e, qual se anda por terra, o mar vagueia.  
Ali era a caverna arqueada e fresca,  
onde em marinho lago claro e manso  
usava de folgar a casta Scylla;  
era este o seu asylo, ou contra as furias  
do revoltoso mar, ou contra as iras  
do meio-dia, quando o sol a pino  
enche tudo de luz, e encurta as sombras.

\*

Ali penetra a deusa; impregna o tanque  
de impuros portentíficos venenos;  
de nociva raiz lhe expreme os succos;  
e, com rodeios de expressões sinistras,

}fl.5{ {fl.5}

{fl.5}

confuso carne, por tres vezes nove  
mágicas vezes, mágica murmura.

\*

Vem Scylla; engólfa n'agua o meio corpo;  
eis que em tórno das côxas (¡oh prodigio!)  
vê tórpes cães ladrando-lhe; suppondo  
não serem parte sua, ella ao princípio

\*

Agravada com a ríspida repulsa  
de almos prazeres que libou na ideia,  
ervas danadas com terríveis sucos  
pisa ligeira, e agrega-lhes, pisando-as,  
de cantos hecateus palavras negras.  
Cérulo manto enverga, e sai por entre  
catervas de animais que a acariciam;  
deixa o palácio; e dirigida a Régio,  
em face dos zancleus fatais cachopos,  
entra nessa porção de pego estuante,  
calca a pé seco as ondas revoltosas,  
e, qual se anda por terra, o mar vagueia.  
Ali era a caverna arqueada e fresca,  
onde em marinho lago claro e manso  
usava de folgar a casta Cila;  
era este o seu asilo, ou contra as fúrias  
do revoltoso mar, ou contra as iras  
do meio-dia, quando o sol a pino  
enche tudo de luz, e encurta as sombras.

Ali penetra a deusa; impregna o tanque  
de impuros portentíficos venenos;  
de nociva raiz lhe espreme os sucos;  
e, com rodeios de expressões sinistras,

confuso carne, por três vezes nove  
mágicas vezes, mágica murmura.

Vem Cila; engolfa n'água o meio corpo;  
eis que em torno das coxas (ó prodígio!)  
vê torpes cães ladrando-lhe; supondo  
não serem parte sua, ela ao princípio



foge, enxóta-os, assusta-se das bôccas  
ameaçadoras e medonhas vozes.  
¿Mas que monta fugir? Seus cães a seguem;  
para onde quer que vai, comsigo os pucha;  
côxas, joelhos, pés, em vão procura;  
encontra em vez de pés, joelhos, côxas,  
cerbéreas bôccas, espumosos dentes.  
(Inda agora do encanto o effeito dura:  
sobre caninos dorsos inda assentam  
da Scylla destroncada o ventre e as costas).

\*

Glauco chora; e com Circe, com a perversa,  
que fez das hervas magicas tal uso,  
foge, evita, detesta, amantes laços.  
Scylla no mesmo sitio permanece,  
d'onde, tanto que poude, alta vingança

}fl.6{ {fl.6}

da inimiga tirou, com despojar-lhe  
dos companheiros seu dilecto Ulysses;  
e qual usou com elle, usára, ó Teucros,  
depois com vossas naus, se transformada  
não fosse em rocha antes do vosso transitio;  
e inda hoje o nauta esse penhasco evita.

\*

Mal que d'elles e da ávida Charybdis  
de remo á fôrça os Phrygios escaparam,  
iam vogando para a Ausónia; subito  
os ventos para a Libia os arremeçam.  
Ali Dido infeliz acolhe a Enêas  
no paço, e na sua alma. Mas prostrou-a  
a dor de ver fugir-lhe o heroe troiano.  
Manda erguer uma pyra, com o pretexto  
de um sacrificio aos numes; Dido arroja-se-lhe;  
apunhala-se, e morre em labaredas;  
enganada do esposo, aos seus engana.

foge, enxota-os, assusta-se das bocas  
ameaçadoras e medonhas vozes.  
Mas que monta fugir? Seus cães a seguem;  
para onde quer que vai, consigo os puxa;  
coxas, joelhos, pés, em vão procura;  
encontra em vez de pés, joelhos, coxas,  
cerbéreas bocas, espumosos dentes.  
(Inda agora do encanto o effeito dura:  
sobre caninos dorsos inda assentam  
da Cila destroncada o ventre e as costas).

\*

Glauco chora; e com Circe, com a perversa,  
que fez das ervas magicas tal uso,  
foge, evita, detesta, amantes laços.  
Cila no mesmo sítio permanece,  
donde, tanto que pôde, alta vingança

{fl.6}

da inimiga tirou, com despojar-lhe  
dos companheiros seu dileto Ulisses;  
e qual usou com ele, usara, ó teucros,  
depois com vossas naus, se transformada  
não fosse em rocha antes do vosso trânsito;  
e inda hoje o nauta esse penhasco evita.

\*

Mal que deles e da ávida Caríbdis  
de remo à força os frígios escaparam,  
iam vogando para a Ausónia; súbito  
os ventos para a Líbia os arremessam.  
Ali Dido infeliz acolhe a Eneias  
no paço, e na sua alma. Mas prostrou-a  
a dor de ver fugir-lhe o herói troiano.  
Manda erguer uma pira, com o pretexto  
de um sacrificio aos numes; Dido arroja-se-lhe;  
apunhala-se, e morre em labaredas;  
enganada do esposo, aos seus engana.

\*

Outra vez arrancado aos novos muros  
d'esta arenosa terra, attinge Enêas  
as faldas do monte Eryx; e acolhido  
do seu fiel Acestes, sacrifica

}fl.7{ {fl.7}

aos manes ante o tumulo paterno.  
Nos baixeis, não sem custo á chamma escapos,  
que Iris por ordem lhes lançou de Juno,  
de lá se torna ao mar. Vão-lhe fugindo  
d'Éolo as ilhas, as ardentes terras  
sempre fumosas de sulfúrea chamma,  
e as rochas das sereias Achelóidas.  
Já sem o seu piloto Palinuro,  
segue Enêas as praias da ilha Inárimo,  
da Próchyte, e da estéril Pithecusa,  
que de seus moradores toma nome;  
porque no tempo antigo o pae dos deuses,  
cançado de aturar perjúrios, fraudes  
dos Cércopes, n'esta ilha moradores,  
os converteu n'esse animal disforme,  
que, semelhante a nós, de nós diverso,  
nos arremeda em contorsões risíveis.  
Seus membros encurtou; deu-lhes aos rostos  
achatado nariz, rugosas faces;  
e com vestil-os de aloirado pêllo,  
e emudecer-lhes as perjuras linguas,  
ali os pôz, lá são, lá vivem juntos,  
a queixar-se dos Ceos com guinchos roucos.

\*

}fl.8{ {fl.8}

\*

Deixada esta região, e á dextra os tectos  
da vistosa Parthénope, demanda

\*

Outra vez arrancado aos novos muros  
desta arenosa terra, atinge Eneias  
as faldas do monte Erix; e acolhido  
do seu fiel Acestes, sacrifica

{fl.7}

aos manes ante o túmulo paterno.  
Nos baixéis, não sem custo à chama escapos,  
que Iris por ordem lhes lançou de Juno,  
de lá se torna ao mar. Vão-lhe fugindo  
d'Éolo as ilhas, as ardentes terras  
sempre fumosas de sulfúrea chama,  
e as rochas das sereias aquelóidas.  
Já sem o seu piloto Palinuro,  
segue Eneias as praias da ilha Inárimo,  
da Prócite, e da estéril Pitecusa,  
que de seus moradores toma nome;  
porque no tempo antigo o pai dos deuses,  
cansado de aturar perjúrios, fraudes  
dos Cércopes, nesta ilha moradores,  
os converteu nesse animal disforme,  
que, semelhante a nós, de nós diverso,  
nos arremeda em contorções risíveis.  
Seus membros encurtou; deu-lhes aos rostos  
achatado nariz, rugosas faces;  
e com vesti-los de aloirado pelo,  
e emudecer-lhes as perjuras línguas,  
ali os pôs, lá são, lá vivem juntos,  
a queixar-se dos Céus com guinchos roucos.

\*

{fl.8}

\*

Deixada esta região, e à destra os tetos  
da vistosa Parténope, demanda

o tumulo do Eólido Miseno  
 á esquerda; e indo surgir na alagadiça  
 praia de Cumas, finalmente alcança  
 entrar na gruta da vivaz Sibylla.  
 Pede-lhe o atravessar Avernos lagos,  
 e ver a sombra de seu pae; quedou-se  
 prostrado, e rôsto em terra, espaço longo.

\*

A prophetisa erguendo-se com as furias  
 do nume que no espirito lhe ferve,

Diz: Vai p.<sup>a</sup> o vol. 4 destes Autogr. pag. 197.

Não apparece.

[...]

}fl.9{ {fl.9}

\*

Pico, de Ausónia Rei, Saturnia prole,  
 grão promotor da audaz cavallaria <,>  
 util sempre na guerra, era extremado  
 nas graças corporaes, como estás vendo,  
 do espirito nos dons não menos bello.

\*

Quinta vez o espectaculo guerreiro  
 que em Élide se usou de lustro em lustro  
 não podendo o mancebo inda ter visto,  
 já olhos, já suspiros atrahia  
 das Dryades gentís nos lacios cumes;  
 vós o amaveis tambem, vós o seguieis,  
 filhas das fontes, Náíades do Tibre,  
 do Numicio, do Aniene, as do brevissimo  
 Almão, do Nar precípite, do Farfaro,  
 <que> entre sombras opacas murmurando,  
 e as outras, que da Scythica Diana  
 moram nos bosques e visinhos lagos.

o túmulo do eólido Miseno  
 à esquerda; e indo surgir na alagadiça  
 praia de Cumas, finalmente alcança  
 entrar na gruta da vivaz Sibila.  
 Pede-lhe o atravessar Avernos lagos,  
 e ver a sombra de seu pai; quedou-se  
 prostrado, e rosto em terra, espaço longo.

\*

A profetisa erguendo-se com as fúrias  
 do nume que no espirito lhe ferve,

Diz: Vai p.<sup>a</sup> o vol. 4 destes Autogr. pag. 197.

Não apparece.

[...]

{fl.9}

\*

*Pico, de Ausónia Rei, satúrnica prole,  
 grão promotor da audaz cavalaria  
 útil sempre na guerra, era extremado  
 nas graças corporais, como estás vendo,  
 do espírito nos dons não menos belo.*

\*

*Quinta vez o espetáculo guerreiro  
 que em Élide se usou de lustro em lustro  
 não podendo o mancebo inda ter visto,  
 já olhos, já suspiros atraía  
 das driades gentis nos lácios cumes;  
 vós o amáveis também, vós o seguíeis,  
 filhas das fontes, náíades do Tibre,  
 do Numicio, do Aniene, as do brevíssimo  
 Almão, do Nar precípite, do Farfaro,  
 entre sombras opacas murmurando,  
 e as outras, que da sítica Diana  
 moram nos bosques e vizinhos lagos.*

Mas todas enjeitava, e quiz só uma;  
 só uma o captivou, penhor mimoso,  
 que lá no monte Palatino a Jano  
 (segundo é tradição) Venilia dera.  
 Nos annos de Hymeneu floresce a Nympha;  
 preferido entre mil competidores,

}fl.10{ {fl.10}

eis a Pico em Laurente amor a entrega.

\*

Rara na gentileza era Canente;  
 rarissima porém na arte do canto;  
 com elle pedras, arvores, movia,  
 detinha os rios, amansava as feras,  
 e fascinava as fugidias aves;  
 do seu cantar Canente lhe poseram.

\*

Ella seu doce amor cantava um dia,  
 quando aos Laurentes campos sahiu Pico  
 aos javalís. Ia em corcel fogoso,  
 empunhava na esquerda dois venábulos,  
 e a chlâmyde purpúrea ondeava preza  
 n'um fecho d'oiro. Ao mesmo bosque antigo  
 Circe, filha do Sol, viera a caso,  
 muito longe dos campos que o seu nome  
 fez Circeus; intentaram colher plantas  
 nos fecundos oiteiros Laurentinos.

\*

De traz de uma espessura avistou Pico,  
 e pasmou. Caem-lhes as hervas que apanhára,  
 e a chamma da paixão devora-lhe o íntimo.  
 Apenas volve em si, quer declarar-se;

}fl.11{ {fl.11}

¿mas como? O galopar do cavalleiro,  
 e o séquito ruidoso lh'o estorvaram.

*Mas todas enjeitava, e quis só uma;  
 só uma o cativou, penhor mimoso,  
 que lá no monte Palatino a Jano  
 (segundo é tradição) Venilia dera.  
 Nos anos de himeneu floresce a ninfa;  
 preferido entre mil competidores,*

{fl.10}

*eis a Pico em Laurente amor a entrega.*

\*

*Rara na gentileza era Canente;  
 raríssima porém na arte do canto;  
 com ele pedras, árvores, movia,  
 detinha os rios, amansava as feras,  
 e fascinava as fugidias aves;  
 do seu cantar Canente lhe puseram.*

\*

*Ela seu doce amor cantava um dia,  
 quando aos Laurentes campos saiu Pico  
 aos javalis. Ia em corcel fogoso,  
 empunhava na esquerda dois venábulos,  
 e a clâmide purpúrea ondeava presa  
 num fecho d'oiro. Ao mesmo bosque antigo  
 Circe, filha do sol, viera acaso,  
 muito longe dos campos que o seu nome  
 fez circeus; intentaram colher plantas  
 nos fecundos oiteiros laurentinos.*

\*

*De traz de uma espessura avistou Pico,  
 e pasmou. Caem-lhes as ervas que apanhara,  
 e a chama da paixão devora-lhe o íntimo.  
 Apenas volve em si, quer declarar-se;*

{fl.11}

*mas como? O galopar do cavaleiro,  
 e o séquito ruidoso lho estorvaram.*

– |“|Se inda sou a que fui, se inda há virtude nas plantas, e meus versos não me illudem, nem que te roube o vento has-de escapar-me.”| –

\*

Disse; e fingiu que um javalí phantástico, incorpóreo arremêdo, entrava ao bosque, passava n’um galão aos assombrados olhos d’el-Rei, e ia entranhar-se em moitas impérvias, entre bosque inextricavel, onde cavallo não põe pé. N’um salto Pico deixa o corcél, e inconsciente corre no encalço ao bruto; mas persegue uma sombra, não mais, e affeito embrenha-se na selva....

Entanto, Circe principia as suas orações, em verso ignoto, a ignotos deuses, expressões venéficas, com que lhe é dado rebuçar a lua, e encapotar o sol em nuvens<sup>2</sup> densas<sup>1</sup>.

\*

Assim que os sons do encanto os ceos condensam, que um vapor tenebroso a terra exhala,

}fl.12{ {fl.12}

cegos vagueiam todos; os monteiros dispersam-se ao acaso. Vendo Circe aptos lugar e ensejo,

– |“|Ó tu, formoso mortal entre os formosos, – diz – por esses olhos, que estes meus olhos encantaram, e fazem com que eu deusa te suplique, premeia o activo amor em que me inflammas; o Sol, que tudo vê, por sôgro aceita; duro não fujas da Titânia Circe.”| –

\*

— *Se inda sou a que fui, se inda há virtude nas plantas, e meus versos não me iludem, nem que te roube o vento há de escapar-me.* —

\*

Disse; e fingiu que um javali fantástico, incorpóreo arremedo, entrava ao bosque, passava num galão aos assombrados olhos del-rei, e ia entranhar-se em moitas impérvias, entre bosque inextricável, onde cavalo não põe pé. Num salto Pico deixa o corcel, e inconsciente corre no encalço ao bruto; mas persegue uma sombra, não mais, e afoito embrenha-se na selva....

Entanto, Circe principia as suas orações, em verso ignoto, a ignotos deuses, expressões venéficas, com que lhe é dado rebuçar a lua, e encapotar o sol em densas nuvens.

\*

*Assim que os sons do encanto os céus condensam, que um vapor tenebroso a terra exala,*

{fl.12}

cegos vagueiam todos; os monteiros dispersam-se ao acaso. Vendo Circe aptos lugar e ensejo,

— Ó tu, formoso mortal entre os formosos, – diz – por esses olhos, que estes meus olhos encantaram, e fazem com que eu deusa te suplique, premeia o ativo amor em que me inflammas; o sol, que tudo vê, por sogro aceita; duro não fujas da titânia Circe. —

\*

Disse; porém feroz elle a repelle,  
elle rogos e affagos lhe repulsa,  
e volve:

– |“|Não sou teu, quem quer que sejas;  
outra me tem captivo; e ¡praza aos numes  
que dure longamente o captiveiro!  
Manchar não hei-de em galanteio externo  
os laços conjugaes, em quanto o Fado  
me conservar de Jano a amavel filha.”| –

\*

Circe, enfadada de lhe instar sem fruto,  
diz: – |“|Não, não has-de impunemente amal-a,

}fl.13{ {fl.13}

nem jamais tornarás a ver Canente.  
Vais saber aonde chega, quando a offendem,  
uma mulher amante; e por teu damno  
sou mulher, offendida, amante, e... Circe.”| –

\*

Duas vezes encara occaso, e oriente;  
tres toques dá com a vara no mancebo;  
tres versos diz. Pico lhe foge, e pasma  
da ligeireza: é que o revestem azas;  
nem elle o sabe. Raiva, de assim ver-se  
ave nova a adejar nos Lácios bosques;  
despede o fero bico nos duros troncos,  
com furia aqui e ali golpeia os ramos;  
côr do purpúreo manto as pennas ficam;  
em pennas o áureo fecho se lhe torna;  
listra doirada lhe<sup>3</sup> circunda<sup>4</sup> o<sup>1</sup> collo<sup>2</sup>,  
e a Pico do que foi só resta o nome.

\*

N’isto, por elle chamam os fragueiros,  
sem podel-o encontrar na longa selva.  
Circe lhes apparece (as auras tinha  
adelgado já, já permittido

*Disse; porém feroz ele a repele,  
ele rogos e afagos lhe repulsa,  
e volve:*

*— Não sou teu, quem quer que sejas;  
outra me tem cativo; e praza aos numes  
que dure longamente o captiveiro!  
Manchar não hei de em galanteio externo  
os laços conjugais, enquanto o fado  
me conservar de Jano a amável filha. —*

\*

*Circe, enfadada de lhe instar sem fruto,  
diz: — Não, não hás de impunemente amá-la,*

{fl.13}

*nem jamais tornarás a ver Canente.  
Vais saber aonde chega, quando a ofendem,  
uma mulher amante; e por teu dano  
sou mulher, ofendida, amante, e... Circe. —*

\*

*Duas vezes encara o caso, e oriente;  
três toques dá com a vara no mancebo;  
três versos diz. Pico lhe foge, e pasma  
da ligeireza: é que o revestem asas;  
nem ele o sabe. Raiva, de assim ver-se  
ave nova a adejar nos lácios bosques;  
despede o fero bico nos duros troncos,  
com fúria aqui e ali golpeia os ramos;  
cor do purpúreo manto as penas ficam;  
em penas o áureo fecho se lhe torna;  
listra doirada o colo lhe circunda,  
e a Pico do que foi só resta o nome.*

\*

*Nisto, por ele chamam os fragueiros,  
sem podê-lo encontrar na longa selva.  
Circe lhes apparece (as auras tinha  
adelgado já, já permitido*

que o sol e o vento as névoas dissipassem).  
Mil crimes exprobrando á vingativa,  
reclamam-lhe o seu Rei; bravejam, prontos  
a cravar n'ella as lanças. Circe entorna

}fl.14{ {fl.14}

succos de atro veneno; e a Noite, e os deuses  
nocturnos, Cáhos, Erébo, ali convoca,  
e negras orações a Hécate ullula.  
Eis saltam do logar (¡que espanto!) os bosques,  
amarellece a folha, o sólo geme,  
tingem-se as hervas de sanguíneas manchas,  
roucos bramidos saem das rôtas penhas,  
ouvem-se cães latir, silvar serpentes,  
vê-se o chão [↑d'ellas] negro, <d'ellas,> [↑e] ténues  
sombras  
nos ares em silencio andar girando.  
Atónitos de horror, descóram todos;  
com a vara tremenda e venenosa  
toca-lhes Circe as bôccas assombradas.  
Pelo tacto fatal se tornam monstros  
de improviso os mancebos lastimosos,  
e em nenhum permanece a antiga forma.

\*

Já no occidente o sol fechára o dia;  
e com os olhos e a alma em vão Canente  
pelo perdido esposo inda esperava.  
Fachos em punho os servos, toda a turba,  
vagam nos bosques explorando as trevas.  
A Nympha de chorar não se contenta;  
aos ais, aos gritos, arrancando as tranças,

}fl.15{ {fl.15}

quantos extremos há, todos prática,  
sem tino a divagar nos Lácios campos.

\*

*que o sol e o vento as névoas dissipassem).*  
*Mil crimes exprobrando à vingativa,*  
*reclamam-lhe o seu rei; bravejam, prontos*  
*a cravar nela as lanças. Circe entorna*

{fl.14}

*sucos de atro veneno; e a Noite, e os deuses*  
*noturnos, Caos, Erébo, ali convoca,*  
*e negras orações a Hécate ulula.*  
*Eis saltam do lugar (que espanto!) os bosques,*  
*amarelece a folha, o solo geme,*  
*tingem-se as ervas de sanguíneas manchas,*  
*roucos bramidos saem das rotas penhas,*  
*ouvem-se cães latir, silvar serpentes,*  
*vê-se o chão delas negro, e ténues sombras*  
*nos ares em silêncio andar girando.*  
*Atônitos de horror, descoram todos;*  
*com a vara tremenda e venenosa*  
*toca-lhes Circe as bocas assombradas.*  
*Pelo tacto fatal se tornam monstros*  
*de improviso os mancebos lastimosos,*  
*e em nenhum permanece a antiga forma.*

\*

*Já no ocidente o sol fechara o dia;*  
*e com os olhos e a alma em vão Canente*  
*pelo perdido esposo inda esperava.*  
*Fachos em punho os servos, toda a turba,*  
*vagam nos bosques explorando as trevas.*  
*A ninfa de chorar não se contenta;*  
*aos ais, aos gritos, arrancando as tranças,*

{fl.15}

*quantos extremos há, todos pratica,*  
*sem tino a divagar nos lácios campos.*

\*

Seis noites e seis soes errante a viram  
em contínuo jejum, contínua véla,  
por valles, por florestas, por montanhas,  
por onde os desatinos a arrastavam.  
Do pranto e do caminho enfim prostrada,  
o Tibre a viu cair na margem sua.  
Ali ao desamparo, ali sosinha,  
a triste, modulando acerbas máguas,  
soltava ténues sons, qual canta o cisne  
o débil verso precursor da morte.  
Manso e manso, atenuada de fadiga,  
consome-se-lhe a vida até á última,  
e nas auras subtis se desvanece.  
Pelo caso o lugar ficou famoso;  
e o nome d'ella antigos habitantes  
applicaram ao sitio, hoje Canente.

\*

Aqui ha uma grande falta; o  
que apparece é n'este mesmo  
Livro o episodio de Vertumno.

[...]

}fl.16{ {fl.16}

Jamque Palatino summam Proca gentis habebat.

\*

De Proca no reinado houve uma Nympha,  
inveja ás Hamadryadas do Lacio  
no trato dos vergeis, no amor dos frutos.  
Dos <frutos> [↑pomos] lhe vem nome: era Pomona.  
Não quer bosques, nem rios; quer os hortos,  
e a cultura dos ramos que dão fruta.  
Não usa lança, usa uma foice curva,  
com que poda e aligeira as ramarias;  
depois, no tronco aberto enxérta o garfo,

Seis noites e seis sóis errante a viram  
*em contínuo jejum, contínua vela,*  
*por vales, por florestas, por montanhas,*  
*por onde os desatinos a arrastavam.*  
*Do pranto e do caminho enfim prostrada,*  
*o Tibre a viu cair na margem sua.*  
*Ali ao desamparo, ali sozinha,*  
*a triste, modulando acerbas mágoas,*  
*soltava ténues sons, qual canta o cisne*  
*o débil verso precursor da morte.*  
Manso e manso, atenuada de fadiga,  
consome-se-lhe a vida até à última,  
e nas auras sutis se desvanece.  
Pelo caso o lugar ficou famoso;  
e o nome dela antigos habitantes  
applicaram ao sítio, hoje Canente.

\*

Aqui há uma grande falta; o  
que apparece é neste mesmo  
livro o episódio de Vertuno.

[...]

}fl.16{ {fl.16}

\*

De Proca no reinado houve uma ninfa,  
inveja às hamadríadas do Lácio  
no trato dos vergéis, no amor dos frutos.  
Dos pomos lhe vem nome: era Pomona.  
Não quer bosques, nem rios; quer os hortos,  
e a cultura dos ramos que dão fruta.  
Não usa lança, usa uma foice curva,  
com que poda e aligeira as ramarias;  
depois, no tronco aberto enxerta o garfo,



e nutre de bom succo esse adventicio.  
 Ao seu caro pomar não soffre sêde;  
 desvéla-se em guiar por longos rêgos  
 a cada uma raiz frescura undosa;  
 eis sua occupação, seu gôsto. Amores....  
 Não lhe lembram sequer; teme ousadias  
 de rusticos; clausura os seus pomares,  
 e ahi de olhos virís se esquiva e furta.

\*

Para lograr seus dons, ;que não fizeram,  
 dextros quaes são no salto, os moços Satyros,  
 os Faunos, que de pinho as pontas ornam,

}fl.17{ {fl.17}

Silvano, sempre moço para amores,  
 e o deus que aos ratoneiros afugenta  
 com a foice, e com o mais! A todos elles  
 Vertumno desbancava nos amores,  
 mas, infeliz, nada logrou da Nympha.  
 ;Que vezes, transformando-se em ceifeiro,  
 levou no hombro o cesto das espigas,  
 e engano aos olhos deu na forma alheia!  
 ;Que vezes se coroou de palha nova,  
 fingindo camponez que sai das eiras!  
 Quando a aguilhada traz na mão callosa,  
 julgarias que os bois soltára há pouco.  
 ;Traz ferro? É tronchador dos arvoredos,  
 ou podador de vinhas; ;leva escada?  
 Vai á apanha da fruta; ;espada, ou cana?  
 Soldado, ou pescador. Multiplicado  
 em muitas formas, o sagaz Vertumno  
 lobriga a furto, aqui e ali, Pamona.

\*

Certa vez, disfarçado n'uma velha,  
 lá foi. Cinge-lhe as cans bordada touca,

e nutre de bom suco esse adventício.  
 Ao seu caro pomar não sofre sede;  
 desvela-se em guiar por longos regos  
 a cada uma raiz frescura undosa;  
 eis sua occupação, seu gosto. Amores...  
 Não lhe lembram sequer; teme ousadias  
 de rústicos; clausura os seus pomares,  
 e aí de olhos viris se esquiva e furta.

\*

Para lograr seus dons, que não fizeram,  
 destros quais são no salto, os moços sátiros,  
 os faunos, que de pinho as pontas ornam,

{fl.17}

Silvano, sempre moço para amores,  
 e o deus que aos ratoneiros afugenta  
 com a foice, e com o mais! A todos eles  
 Vertuno desbancava nos amores,  
 mas, infeliz, nada logrou da ninfa.  
 Que vezes, transformando-se em ceifeiro,  
 levou no ombro o cesto das espigas,  
 e engano aos olhos deu na forma alheia!  
 Que vezes se coroou de palha nova,  
 fingindo camponês que sai das eiras!  
 Quando a aguilhada traz na mão calosa,  
 julgarias que os bois soltara há pouco.  
 Traz ferro? É tronchador dos arvoredos,  
 ou podador de vinhas; leva escada?  
 Vai à apanha da fruta; espada, ou cana?  
 Soldado, ou pescador. Multiplicado  
 em muitas formas, o sagaz Vertuno  
 lobriga a furto, aqui e ali, Pamona.

\*

Certa vez, disfarçado numa velha,  
 lá foi. Cinge-lhe as cãs bordada touca,

}fl.18{ {fl.18}

{fl.18}

e arrima-se ao bordão. Entra nas hortas  
;tão cultivadas! Gaba a linda fruta,  
e diz:

– |“[Inda val mais a pomareira.]”| –  
Misturou com os louvores alguns beijos,  
poucos, sim, mas... Quaes velha os não daria.  
Sobre hervoso terrão depois sentou-se,  
pondo-se a namorar os curvos ramos  
a abarrotar de fruta.

\*

Em frente erguia-se  
um ulmeiro, a vergar de grandes cachos;  
gabou o ulmeiro, e a vide que o vestia;  
e disse:

– |“[A ser só tronco aquelle tronco,  
e a não se ter casado, houvera folhas,  
mas não fruta; e por ella é que o procuram;  
e a videira, que unindo-se-lhe encorpa,  
rastejára esquecida, a estar sosinha.  
Mas tu... ;do teu ulmeiro o exemplo esqueces!  
;recusas uniões! ;foges de amores!

}fl.19{ {fl.19}

{fl.19}

;Oh! ;não fugisses tu! Que eu sei que Helena,  
que Hippodamia, inveja dos Centauros,  
nem Penélope mesma, ajuntariam  
turba maior de Principes amantes.  
Mesmo esquiva como és, mesmo tiranna,  
mil heroes, semi-deuses, numes, quantas  
deidades vivem pelo|s| montes de Alba,  
todos por te alcançar dariam tudo.

\*

Mas tu, se pensas bem, se atar desejas  
laços dignos de ti, se te confias  
n’uma velha, que mais que todos esses,

e arrima-se ao bordão. Entra nas hortas –  
tão cultivadas! – gaba a linda fruta,  
e diz:

— Inda val mais a pomareira. —  
Misturou com os louvores alguns beijos,  
poucos, sim, mas... Quais velha os não daria.  
Sobre ervoso terrão depois sentou-se,  
pondo-se a namorar os curvos ramos  
a abarrotar de fruta.

\*

Em frente erguia-se  
um ulmeiro, a vergar de grandes cachos;  
gabou o ulmeiro, e a vide que o vestia;  
e disse:

— A ser só tronco aquele tronco,  
e a não se ter casado, houvera folhas,  
mas não fruta; e por ela é que o procuram;  
e a videira, que unindo-se-lhe encorpa,  
rastejara esquecida, a estar sozinha.  
Mas tu... Do teu ulmeiro o exemplo esqueces!  
Recusas uniões! Foges de amores!

\*

Mas tu, se pensas bem, se atar desejas  
laços dignos de ti, se te confias  
numa velha, que mais que todos esses,

quanto o não pensas, te ama, uniões vulgares  
 enjeita-as; a Vertumno a mão concede.  
 Por Vertumno fico eu; conheço-o tanto,  
 como elle se conhece; que este nume  
 não vive a divagar como outros vivem;  
 só ama, só habita, os nossos campos;  
 nem é (como outros) pérfido e volúvel,  
 que adoram quantas vêem; tu, só, terias  
 os seus primeiros e ultimos amores.  
 Tem, de mais, como tu, frescor de idade,  
 sobre o don natural da formosura.  
 Figura que lhe apraz, toma-a sem custo;  
 manda-o todas tomar, tomará todas.  
 ;E os gôstos tão eguaes que tendes ambos!  
 Tu trataes o pomar, amas os frutos,  
 frutos elle ama, aceita-os em primicias,  
 e se são teus, ;com que delicia os colhe!  
 Mas hoje, já dos frutos não se importa,  
 já das hortas não ama as plantas, ama  
 e quer Pamona só. Tem dó do amante  
 que se queima por ti; crê vel-o e ouvil-o

}fl.20{ {fl.20}

rogar por minha voz. Teme as deidades,  
 que os barbaros castigam; teme a Idália,  
 que odeia peitos duros; teme Némesis,  
 que injúrias não deslembra; e, por que o saibas,  
 e possas precaver-te, ahi vai um caso  
 dos muitos que annos longos me ensinaram;  
 certo foi, e é sabido em toda Chypre;  
 n'elle verás quanto convém ser branda.

\*

Iphis, de humildes paes, viu por acaso  
 Anaxárete, illustre descendencia  
 de Teucro, antigo heroe; viu-a, e com vel-a,  
 ficou doido de amor; a razão fraca

quanto o não pensas, te ama, uniões vulgares  
 enjeita-as; a Vertuno a mão concede.  
 Por Vertuno fico eu; conheço-o tanto,  
 como ele se conhece; que este nume  
 não vive a divagar como outros vivem;  
 só ama, só habita, os nossos campos;  
 nem é (como outros) pérfido e volúvel,  
 que adoram quantas veem; tu, só, terias  
 os seus primeiros e últimos amores.  
 Tem, de mais, como tu, frescor de idade,  
 sobre o dom natural da formosura.  
 Figura que lhe apraz, toma-a sem custo;  
 manda-o todas tomar, tomará todas.  
 E os gostos tão iguais que tendes ambos!  
 Tu trataes o pomar, amas os frutos,  
 frutos ele ama, aceita-os em primicias,  
 e se são teus, com que delícia os colhe!  
 Mas hoje, já dos frutos não se importa,  
 já das hortas não ama as plantas, ama  
 e quer Pamona só. Tem dó do amante  
 que se queima por ti; crê vê-lo e ouvi-lo

{fl.20}

rogar por minha voz. Teme as deidades,  
 que os bárbaros castigam; teme a Idália,  
 que odeia peitos duros; teme Némesis,  
 que injúrias não deslembra; e, por que o saibas,  
 e possas precaver-te, aí vai um caso  
 dos muitos que anos longos me ensinaram;  
 certo foi, e é sabido em toda Chipre;  
 nele verás quanto convém ser branda.

\*

Ifis, de humildes pais, viu por acaso  
 Anaxárete, illustre descendência  
 de Teucro, antigo herói; viu-a, e com vê-la,  
 ficou doido de amor; a razão fraca

lutou-lhe com a paixão, mas foi vencida.  
 Foi forçoso falar; submisso, humilde,  
 entra as portas da amada; e ora á matrona  
 que na infancia a nutriu favor implora,  
 conjurando em seu bem o bem da alumna,  
 ora em tom supplicante ameiga os servos,  
 pedindo a cada qual piedoso amparo.  
 ;Quantas cartas de amor lhe enviava o triste!

}fl.21{ {fl.21}

;Quantas grinaldas, humidas de pranto,  
 suspendeu no portal! ;Que longas noites  
 velou a arder no limiar gelado,  
 calada testemunha de agonias!..  
 A cruel, mais cruel que o mar em furia  
 quando o signo da Cabra ás aguas desce,  
 mais dura que do Nórico ferreiro  
 os ferros, mais tenaz que a rocha viva  
 que no solo se arraiga, [↑ella], Anaxárete  
 dá-lhe em trôco do amor desprezo, escárneo,  
 <e>ao trato acerbo ajunta acerbos vozes;  
 e nem lhe dá da esp'rança o extremo allívio.

\*

A tão longo penar succumbe o misero  
 e estas brada ante a porta ultimas phrases:  
 – “Triumphas Anaxárete; desde hoje  
 “não terás que soffrer constancias minhas;  
 “triumpha, cinge o loiro, entôa cantos;  
 “venceste... e eu corro á morte....

Aqui ficou truncado o trecho, porque o  
 seguimento da traducção desapareceu  
 infelizmente.

[...]

lutou-lhe com a paixão, mas foi vencida.  
 Foi forçoso falar; submisso, humilde,  
 entra as portas da amada; e ora à matrona  
 que na infância a nutriu favor implora,  
 conjurando em seu bem o bem da aluna,  
 ora em tom suplicante ameiga os servos,  
 pedindo a cada qual piedoso amparo.  
 Quantas cartas de amor lhe enviava o triste!

{fl.21}

Quantas grinaldas, úmidas de pranto,  
 suspendeu no portal! Que longas noites  
 velou a arder no limiar gelado,  
 calada testemunha de agonias!..  
 A cruel, mais cruel que o mar em fúria  
 quando o signo da cabra às águas desce,  
 mais dura que do Nórico ferreiro  
 os ferros, mais tenaz que a rocha viva  
 que no solo se arraiga, ela, Anaxárete  
 dá-lhe em troco do amor desprezo, escárnio,  
 ao trato acerbo ajunta acerbos vozes;  
 e nem lhe dá da esp'rança o extremo alívio.

\*

A tão longo penar succumbe o misero  
 e estas brada ante a porta últimas frases:  
 ‘Triunfas Anaxárete; desde hoje  
 não terás que soffrer constâncias minhas;  
 triunfa, cinge o loiro, entoa cantos;  
 venceste... e eu corro à morte...

Aqui ficou truncado o trecho, porque o  
 seguimento da traducção desapareceu  
 infelizmente.

[...]

}fl.22{ {fl.22}

{fl.22}

Occiderat Tatius, populisque aequata duobus

\*

\*

Tácio morrêra; e Romulo aos dois povos  
 equilibrava as leis, quando Mavorte,  
 deposto o morrião, falou d'est'arte  
 ao Rei supremo de Immortaes e humanos:  
 – |“O tempo é vindo, ó pae (por quanto Roma  
 em robusto alicerce está segura,  
 e um só braço a modéra), é vindo o tempo,  
 em que alto galardão, promessa antiga  
 a mim, teu filho, a Romulo teu neto,  
 se realise, e Romulo arrancado  
 ao mundo suba ao ceo. Tu, no conselho  
 dos deuses, muito há já, formaes palavras  
 (lembro-me bem; gravei-as dentro n'alma)  
 disseste: “Marte, inda has-de erguer um filho  
 às cérulas regiões do Ceo.” ¡Avante!  
 Ratifica, senhor, teu sacro annuncio.]” –

\*

Annue o Omnipotente; um nevoeiro  
 envolve o espaço, e um raio aterra o mundo.  
 O impávido Gradivo, á luz, ao estrondo,  
 vê que é dado o signal do rapto; firma-se  
 na lança, ao carro salta, os corredores

}fl.23{ {fl.23}

{fl.23}

flagella, incita; desce os ares; pára  
 no alto do Palatino umbroso monte,  
 e ao filho, que julgava os seus Quirites,  
 arrebatava. A porção mortal do corpo  
 esvai-se-lhe nas auras, como a plúmbea  
 bala que a funda despediu. Radiosa  
 fulge a face do heroe, já digna em tudo  
 do Olympo, e tal como inda usamos vel-a  
 na purpurada estátua de Quirino.

*Tácio morrera; e Rômulo aos dois povos  
 equilibrava as leis, quando Mavorte,  
 deposto o morrião, falou destarte  
 ao rei supremo de imortais e humanos:  
 — O tempo é vindo, ó pai (por quanto Roma  
 em robusto alicerce está segura,  
 e um só braço a modera), é vindo o tempo,  
 em que alto galardão, promessa antiga  
 a mim, teu filho, a Rômulo teu neto,  
 se realize, e Rômulo arrancado  
 ao mundo suba ao céu. Tu, no conselho  
 dos deuses, muito há já, formais palavras  
 (lembro-me bem; gravei-as dentro n'alma)  
 disseste: ‘Marte, inda hás de erguer um filho  
 às cérulas regiões do Céu.’ Avante!  
 Ratifica, senhor, teu sacro anúncio. —*

\*

*Anui o onipotente; um nevoeiro  
 envolve o espaço, e um raio aterra o mundo.  
 O impávido gradivo, à luz, ao estrondo,  
 vê que é dado o sinal do rapto; firma-se  
 na lança, ao carro salta, os corredores*

*flagela, incita; desce os ares; para  
 no alto do Palatino umbroso monte,  
 e ao filho, que julgava os seus Quirites,  
 arrebatava. A porção mortal do corpo  
 esvai-se-lhe nas auras, como a plúmbea  
 bala que a funda despediu. Radiosa  
 fulge a face do herói, já digna em tudo  
 do Olimpo, e tal como inda usamos vê-la  
 na purpurada estátua de Quirino.*

\*

Por morto o chora Hersilia. A Real Juno  
faz que Iris desça lá da curva estancia,  
e á viuva estas phrases pronuncie:  
– “[Mulher, honra do Lácio e da Sabinia,  
de tão grande varão digna consorte,  
e até digna de um deus, suspende as lagrimas,  
¿queres vel-o? acompanha-me ao folhudo  
lucu do oiteiro Quirinal, que ensombra  
os paços do Monarcha dos Romanos.]” –

\*

Pelo arco de vistosos cambiantes  
Iris desce, e entre falas carinhosas

}fl.24{ {fl.24}

impelle Hersilia avante. Hersilia, tímida,  
mal sustendo o esplendor da luz celeste,  
diz:  
– “[Quem sejas, não sei, mas que és deusa;  
eis-me pronta; arrebatame contigo;  
mostra-me o esposo meu. Se inda avistalo  
me fôr dado, direi que os Ceos hei visto.]” –  
E com a Thaumântea virgem sobe afoita  
ao oiteiro de Romulo. Despenha-se  
do ether um astro, que inflammando as comas,  
de Hersilia aos Ceos a leva arrebatada...

\*

Com as proprias mãos, tão d’ella, a acolhe, a amima  
o fundador de Roma; a antiga essencia  
em divinal lhe troca; o nome Hersilia  
transmuda-lhe no de Ora; e eil-a já deusa  
gosando cultos junto ao deus Quirino.

---

Fim do Livro XIV

---

\*

*Por morto* o chora Hersilia. A real Juno  
faz que Iris desça lá da curva estância,  
e à viúva estas frases pronuncie:  
— Mulher, honra do Lácio e da Sabinia,  
de tão grande varão digna consorte,  
e até digna de um deus, suspende as lágrimas,  
queres vê-lo? Acompanha-me ao folhudo  
lucu do oiteiro quirinal, que ensombra  
os paços do monarca dos romanos. —

\*

Pelo arco de vistosos cambiantes  
Iris desce, e entre falas carinhosas

{fl.24}

impele Hersilia avante. Hersilia, tímida,  
mal sustendo o esplendor da luz celeste,  
diz:  
— Quem sejas, não sei, mas que és deusa;  
eis-me pronta; arrebatame contigo;  
mostra-me o esposo meu. Se inda avistá-lo  
me for dado, direi que os Céus hei visto. —  
E com a taumântea virgem sobe afoita  
ao oiteiro de Rômulo. Despenha-se  
do éter um astro, que inflamando as comas,  
de Hersilia aos Céus a leva arrebatada...

\*

Com as próprias mãos, tão dela, a acolhe, a amima  
o fundador de Roma; a antiga essência  
em divinal lhe troca; o nome Hersilia  
transmuda-lhe no de Ora; e ei-la já deusa  
gozando cultos junto ao deus Quirino.

---

Fim do Livro XIV

---

XV

Incompleto

}fl.1{ {fl.1}

{fl.1}

*Revisto*

## Livro XV

## Livro XV

Versa entretanto a pública incerteza  
em buscar successor a Rei tão grande,  
e ao pêzo de tal mole indóneos hombros.  
A voz geral, prophética mil vezes,  
designa ao sólio vago o sabio Numa,  
Numa, que aos ritos da Sabina gente  
não limitou o estudo; ergueu mais alto  
da alma sublime os atrevidos vôos,  
e<sup>1</sup> investigou<sup>4</sup> as<sup>2</sup> leis<sup>3</sup> da Natureza.  
Paixão de se instruir o fez, deixando  
Cures e a patria, dirigir-se aos muros  
pela hospedagem de Hercules famosos.  
Começou perguntando o autor d'aquella  
cidade Grega em regiões de Italia.  
Um velho, dos indígenas, sabido  
nas coisas de outro tempo, a tal pergunta  
d'est'arte o satisfez:

\*

}fl.2{ {fl.2}

— “[Diz-se que Alcides  
com os seus Ibéros toiros opulento,  
depois de alegre e próspera viagem  
aportára nas praias de Lacinio.  
Soltou o armento ao pasto, e achou guarida  
no lar do grande, do hospedeiro Cróton,  
onde enfim se refez das muitas lidas.  
Quando se foi, disse: “Algum dia os netos  
“de quem agora vive uma cidade  
“terão aqui.” Foi verdadeiro o annuncio;  
darei como.

Livro XV

Versa entretanto a pública incerteza  
em buscar sucessor a rei tão grande,  
e ao peso de tal mole idôneos ombros.  
A voz geral, profética mil vezes,  
designa ao sólio vago o sábio Numa,  
Numa, que aos ritos da sabina gente  
não limitou o estudo; ergueu mais alto  
da alma sublime os atrevidos voos,  
e as leis investigou da natureza.  
Paixão de se instruir o fez, deixando  
Cures e a pátria, dirigir-se aos muros  
pela hospedagem de Hércules famosos.  
Começou perguntando o autor daquela  
cidade grega em regiões de Itália.  
Um velho, dos indígenas, sabido  
nas coisas de outro tempo, a tal pergunta  
destarte o satisfez:

\*

{fl.2}

— Diz-se que Alcides  
com os seus iberos toiros opulento,  
depois de alegre e próspera viagem  
aportara nas praias de Lacinio.  
Soltou o armento ao pasto, e achou guarida  
no lar do grande, do hospedeiro Cróton,  
onde enfim se refez das muitas lidas.  
Quando se foi, disse: ‘Algum dia os netos  
de quem agora vive uma cidade  
terão aqui’. Foi verdadeiro o anúncio;  
darei como.



\*

Um Myscelo, no seu tempo  
o mais aceito aos deuses, era filho  
do Argivo Alémon. Certa noite, em quanto  
dormia a somno sôlto, o heroe da clava  
lhe appareceu bradando: “Deixa a patria;  
“vae-te do Ebro ás margens pedregosas;  
“¡sus! ¡partir!”

E ajuntou graves ameaças,

}fl.3{ {fl.3}

se descumprisse as ordens soberanas.  
Aqui desfez-se a apparição, e o somno.

\*

Surge o filho de Alémon, e começa  
a revolver na mente o indecifavel  
d’aquella apparição, d’aquellas vozes,  
e sôbre o que fará vaga indeciso:  
o deus manda-o sahir; as leis lh’o vedam;  
e á deserção da Patria as leis põem morte.

\*

Já se afundira o claro sol no Oceano,  
e toda estrellas se alastrava a noite,  
quando lá torna o deus com as mesmas ordens,  
e mór castigo se as não cumpre á risca.  
Constrangido do mêdo, o bom Myscélo  
já se dispunha a trasladar seus lares  
para o novo paiz; mas entra o povo  
a amotinar-se, e accusam-n-o aos juizes.  
Não foi mistér ouvirem testemunhas;  
é manifesto o crime. Aos Ceos erguendo

}fl.4{ {fl.4}

rôsto e mãos, brada o reo: “Tu, que venceste  
“com dôze lidas elevar-te a nume,  
“vale-me aqui, grande Hercules, te peço.”

\*

Um Miscélo, no seu tempo  
o mais aceito aos deuses, era filho  
do argivo Alémon. Certa noite, enquanto  
dormia a sono solto, o herói da clava  
lhe apareceu bradando: ‘Deixa a pátria;  
vai-te do Ebro às margens pedregosas;  
sus! Partir!’

E ajuntou graves ameaças,

{fl.3}

se descumprisse as ordens soberanas.  
Aqui desfez-se a aparição, e o sono.

\*

Surge o filho de Alémon, e começa  
a revolver na mente o indecifrável  
daquella aparição, daquelas vozes,  
e sobre o que fará vaga indeciso:  
o deus manda-o sair; as leis lho vedam;  
e à deserção da pátria as leis põem morte.

\*

Já se afundira o claro sol no oceano,  
e toda estrelas se alastrava a noite,  
quando lá torna o deus com as mesmas ordens,  
e mor castigo se as não cumpre à risca.  
Constrangido do medo, o bom Miscélo  
já se dispunha a trasladar seus lares  
para o novo país; mas entra o povo  
a amotinar-se, e accusam-no aos juízes.  
Não foi mister ouvirem testemunhas;  
é manifesto o crime. Aos Céus erguendo

{fl.4}

rosto e mãos, brada o réu: ‘Tu, que venceste  
com doze lidas elevar-te a nume,  
vale-me aqui, grande Hércules, te peço.’

\*

N'aquelle tempo, era costume antigo  
 dar os votos com seixos, brancos, negros.  
 Aquelles absolviam; condemnavam  
 estes. O julgamento de Myscélo  
 foi cruel: seixos negros teve a urna,  
 e nada mais. Mas... ¡vel-a ao despejar-se!  
 De quantos votos veem sahindo á conta,  
 nem um sai que de candido não brilhe.  
 Assim pois, mercê d'Hercules, foi salvo  
 o innocente Alemónide, que logo  
 deu ali mesmo bem devidas graças  
 de Hercules ao grão pae, nume dos numes.  
 Feito o que, larga a terra; e, secundado  
 por ventos de feição, rasga seguro  
 do mar Jônio as campinas bonançosas.  
 Atraz lhe foge a Espártica Tarento,

}fl.5{ {fl.5}

as muralhas de Sybaris, as margens  
 do Neetho, que rega os Salentinos,  
 Thurino gôlfo, Témesis e os campos  
 ao promontorio Jápygo visinhos.  
 Mal tinha navegado ante as areias  
 que orlam aquelle mar, eis chega á barra  
 do Ésaros aonde Alcides o impellia.  
 Acha não longe o tumulo em que jazem  
 do grão Cróton os ossos venerandos;  
 era a terra prescrita. Ergue muralhas,  
 funda a nova cidade, e por memoria  
 do sepulto, lhe põe nome Crotona.  
 Tal era a tradição, não mentirosa,  
 quanto aos primórdios da cidade Grega,  
 tão longe posta em regiões Latinas.

\*

Naquele tempo, era costume antigo  
 dar os votos com seixos, brancos, negros.  
 Aqueles absolviam; condenavam  
 estes. O julgamento de Miscélo  
 foi cruel: seixos negros teve a urna,  
 e nada mais. Mas... vê-la ao despejar-se!  
 De quantos votos veem saindo à conta,  
 nem um sai que de cândido não brilhe.  
 Assim pois, mercê d'Hércules, foi salvo  
 o innocente Alemónide, que logo  
 deu ali mesmo bem devidas graças  
 de Hércules ao grão pai, nume dos numes.  
 Feito o que, larga a terra; e, secundado  
 por ventos de feição, rasga seguro  
 do mar Jônio as campinas bonançosas.  
 Atrás lhe foge a espártica Tarento,

{fl.5}

as muralhas de Sibaris, as margens  
 do Neeto, que rega os Salentinos,  
 Turino golfo, Témesis e os campos  
 ao promontório Jápigo vizinhos.  
 Mal tinha navegado ante as areias  
 que orlam aquele mar, eis chega à barra  
 do Ésaros aonde Alcides o impelia.  
 Acha não longe o túmulo em que jazem  
 do grão Cróton os ossos venerandos;  
 era a terra prescrita. Ergue muralhas,  
 funda a nova cidade, e por memória  
 do sepulto, lhe põe nome Crotona.  
 Tal era a tradição, não mentirosa,  
 quanto aos primórdios da cidade grega,  
 tão longe posta em regiões latinas.

Falta o seguimento da traducção.

[...]

}fl.6{ {fl.6}

Nam sive animal tellus, et vivit habetque

-----  
 porque se o nosso globo é também vivo,  
 se é também animal, e em sitios varios  
 respiradoiros tem, que exalam chammas,  
 bem pode acontecer que em se movendo  
 mude os canaes por onde respirava,  
 estas cavernas abra, est'outras feche.

Se porém tem nos intimos recessos  
 encarcerados ventos, que lutando  
 revolvem n'um tropél pedras com pedras,  
 e materias que o germen teem do fogo,  
 o qual no atrito horrísono se ateia,  
 uma vez que esses ventos amainarem,  
 frios e escuros ficarão seus antros.

Se enfim de enxofre e de bitumes nascem  
 as torrentes vulcanicas, é certo  
 que em se acabando o pasto, acaba o fogo.  
 Quando a terra não der materia ás chammas,  
 e exaurida se vir por longos seculos,  
 faltar-lhe-ha nutrimento ás suas fomes,  
 e a labareda interna ha-de extinguir-se.

\*

Na Hyperbórea Pallene ha homens (diz-se),  
 que em tendo vezes nove mergulhado

}fl.7{ {fl.7}

nos paúes Tritoníacos, se emplumam.  
 Não creio; e mais das Scythas se refere,  
 que ungingo os membros de potentes succos,  
 costumam praticar igual prodígio;  
 só porém fé merece o que é provado.

Falta o seguimento da tradução.

[...]

{fl.6}

porque se o nosso globo é também vivo,  
 se é também animal, e em sítios vários  
 respiradoiros tem, que exalam chammas,  
 bem pode acontecer que em se movendo  
 mude os canais por onde respirava,  
 estas cavernas abra, est'outras feche.

Se porém tem nos íntimos recessos  
 encarcerados ventos, que lutando  
 revolvem num tropel pedras com pedras,  
 e matérias que o gérmen têm do fogo,  
 o qual no atrito horrísono se ateia,  
 uma vez que esses ventos amainarem,  
 frios e escuros ficarão seus antros.

Se enfim de enxofre e de betumes nascem  
 as torrentes vulcânicas, é certo  
 que em se acabando o pasto, acaba o fogo.  
 Quando a terra não der matéria às chammas,  
 e exaurida se vir por longos séculos,  
 faltar-lhe-á nutrimento às suas fomes,  
 e a labareda interna há de extinguir-se.

\*

Na hiperbórea Palene há homens (diz-se),  
 que em tendo vezes nove mergulhado

{fl.7}

nos paúes tritoníacos, se emplumam.  
 Não creio; e mais das Sitas se refere,  
 que ungingo os membros de potentes sucos,  
 costumam praticar igual prodígio;  
 só porém fé merece o que é provado.

\*

Vemos que em qualquer corpo apodrecendo,  
com a demora e o calor já por si mesmo  
em milhões de animálculos se muda.

Matem um toiro, e cubram-n-o de terra;  
ver-se-hão (a experiencia o tem mostrado),  
das dissolutas vísceras producto,  
esvoaçar florílegas abelhas,  
que á maneira das mães vão pelos campos,  
e em sua esperançosa indústria lidam.

Do bélico frisão, quando sepulto,  
nasce um cardume de picantes vespas.  
Se, decepando ao caranguejo as pernas,  
o sumirem na terra, o caranguejo  
mudado em escorpião ressei terrível,  
brandindo a aguda ameaçadora cauda.

\*

}fl.8{ {fl.8}

\*

O verme agreste, que nas folhas arma  
de fios brancos engenhosa teia,  
(toda a gente do campo o testemunha)  
muda-se na agoireira borboleta.  
O limo tem sementes, que produzem  
verdes rans, que ao princípio não teem pernas,  
depois as criam com que lestras nadam,  
e que, para galgar o pulo ao longe,  
teem mais altura do que teem seus braços.  
Pare a ursa; em seu parto inda recente  
não se vê fôrma de cachorro de ursa;  
antólha-se uma carne apenas viva;  
a mãe, lambendo, os membros lhe afeiçoa.

\*

Em seus berços sexângulos de cera,|  
¿não reparais quão decepados nascem

\*

Vemos que em qualquer corpo apodrecendo,  
com a demora e o calor já por si mesmo  
em milhões de animálculos se muda.

Matem um toiro, e cubram-no de terra;  
ver-se-ão (a experiência o tem mostrado),  
das dissolutas vísceras produto,  
esvoaçar florílegas abelhas,  
que à maneira das mães vão pelos campos,  
e em sua esperançosa indústria lidam.

Do bélico frisão, quando sepulto,  
nasce um cardume de picantes vespas.  
Se, decepando ao caranguejo as pernas,  
o sumirem na terra, o caranguejo  
mudado em escorpião ressei terrível,  
brandindo a aguda ameaçadora cauda.

\*

{fl.8}

\*

O verme agreste, que nas folhas arma  
de fios brancos engenhosa teia,  
(toda a gente do campo o testemunha)  
muda-se na agoireira borboleta.  
O limo tem sementes, que produzem  
verdes rãs, que ao princípio não têm pernas,  
depois as criam com que lestras nadam,  
e que, para galgar o pulo ao longe,  
têm mais altura do que têm seus braços.  
Pare a ursa; em seu parto inda recente  
não se vê forma de cachorro de ursa;  
antolha-se uma carne apenas viva;  
a mãe, lambendo, os membros lhe afeiçoa.

\*

Em seus berços sexângulos de cera,  
não reparais quão decepados nascem

as crias mellíferas abelhas?  
 ;quão tarde assumem pés e expandem azas!

\*

A ave de Juno, a que nas plumas finge  
 um ceo todo estrellado; a aguia, que empunha  
 as armas ao grão Jupiter; as pombas

}fl.9{ {fl.9}

da Cytheréia; em summa, as aves todas,  
 ;homem que o não soubesse algum no mundo  
 adivinhára que proveem de um ovo?  
 Muitos crêem que no tumulto, com o tempo,  
 chegada a apodrecer a espinha humana,  
 a medulla em serpente se converte.

\*

Inda mais: Até aqui são tudo exemplos  
 de formações organicas e vivas,  
 mas que tiram seu ser de um ser alheio.  
 Ave existe porém, dão-lhe os Assyrios  
 por nome Phenix, portentosa em tudo,  
 que por si mesma a si se regenera.  
 Nem vive de hervas, nem de grãos se nutre;  
 a festins mais suaves se convida:  
 succos de amômo, e lagrimas de incenso.  
 Completo quinto seculo de vida,  
 nos ramos da azinheira, ou lá no cume  
 da tremulante palma, entra com as unhas  
 e o duro bico a fabricar seu ninho;  
 forra-o logo de cásia, das espigas  
 do brando nardo, cínnamo fragrante,  
 e loira myrrha; deita-se-lhe em cima,

}fl.10{ {fl.10}

e exhala entre fragrancias a existencia.  
 Conta-se que ali mesmo outra pequena  
 Phénix renasce do materno corpo,

as crias melíferas abelhas?  
 Quão tarde assumem pés e expandem asas!

\*

A ave de Juno, a que nas plumas finge  
 um céu todo estrelado; a águia, que empunha  
 as armas ao grão Júpiter; as pombas

{fl.9}

da Citeréia; em suma, as aves todas,  
 homem que o não soubesse algum no mundo  
 adivinhara que proveem de um ovo?  
 Muitos creem que no túmulo, com o tempo,  
 chegada a apodrecer a espinha humana,  
 a medula em serpente se converte.

\*

Inda mais: até aqui são tudo exemplos  
 de formações orgânicas e vivas,  
 mas que tiram seu ser de um ser alheio.  
 Ave existe porém, dão-lhe os assírios  
 por nome Fênix, portentosa em tudo,  
 que por si mesma a si se regenera.  
 Nem vive de ervas, nem de grãos se nutre;  
 a festins mais suaves se convida:  
 sucos de amomo, e lágrimas de incenso.  
 Completo quinto século de vida,  
 nos ramos da azinheira, ou lá no cume  
 da tremulante palma, entra com as unhas  
 e o duro bico a fabricar seu ninho;  
 forra-o logo de cássia, das espigas  
 do brando nardo, cinamo fragrante,  
 e loira mirra; deita-se-lhe em cima,

{fl.10}

e exala entre fragrâncias a existência.  
 Conta-se que ali mesmo outra pequena  
 Fênix renasce do materno corpo,

tambem com a sina de quinhentos annos.  
 Quando com o tempo amadurece em fôrças,  
 vindo a poder com o pêzo, allivio aos ramos  
 da arvore dá que lhe susteve o ninho,  
 empólga-o, fende o ar, chega á cidade  
 do Sol, e no seu templo, piedosa  
 depõe ante o vestibulo sagrado  
 o tumulto materno, o proprio berço.

\*

Se pela novidade nos confundem  
 todos estes phenómenos, pasmemos  
 igualmente da hiena, que se volve  
 do sexo feminino ao sexo oppôsto.  
 Do outro animal que de auras se alimenta,  
 do camaleão, reptil, não ha saber-se  
 qual seja a sua côr: são todas suas;  
 mostra as que toca; ostenta as que lhe off'recem.

\*

Dos lincees, que Leneu trouxe em despôjo  
 das conquistadas Indias, ao que narram,  
 tem a bexiga bem pasmoso influxo:

}fl.11{ {fl.11}

o licor que segrega e que derrama,  
 do ar tocado se condensa em pedras.  
 Assim tambem, coraes no mar são plantas;  
 entrados na atmosphéra, endureceram.

\*

Primeiro, ponto ao dia o Sol poséra,  
 descido ao verde Oceano, do que eu termo  
 ao rol que enceto de mudanças raras.  
 ¿As paginas da historia do Universo  
 que são? revoluções. Por todo esse orbe,  
 em nosso tempo, em seculos antigos,  
 apparecem nações, desaparecem.  
 Os ferros, o triumpho, o luto, a pompa,

também com a sina de quinhentos annos.  
 Quando com o tempo amadurece em fôrças,  
 vindo a poder com o peso, alívio aos ramos  
 da árvore dá que lhe susteve o ninho,  
 empolga-o, fende o ar, chega à cidade  
 do sol, e no seu templo, piedosa  
 depõe ante o vestibulo sagrado  
 o tumulto materno, o próprio berço.

\*

Se pela novidade nos confundem  
 todos estes fenômenos, pasmemos  
 igualmente da hiena, que se volve  
 do sexo feminino ao sexo oposto.  
 Do outro animal que de auras se alimenta,  
 do camaleão, réptil, não há saber-se  
 qual seja a sua cor: são todas suas;  
 mostra as que toca; ostenta as que lhe of'recem.

\*

Dos lincees, que Leneu trouxe em despojo  
 das conquistadas Índias, ao que narram,  
 tem a bexiga bem pasmoso influxo:

{fl.11}

o licor que segrega e que derrama,  
 do ar tocado se condensa em pedras.  
 Assim também, corais no mar são plantas;  
 entrados na atmosfera, endureceram.

\*

Primeiro, ponto ao dia o sol pusera,  
 descido ao verde oceano, do que eu termo  
 ao rol que enceto de mudanças raras.  
 As páginas da história do universo  
 que são? Revoluções. Por todo esse orbe,  
 em nosso tempo, em séculos antigos,  
 aparecem nações, desaparecem.  
 Os ferros, o triunfo, o luto, a pompa,

a opulencia, a miseria, o luxo, o nada,  
 revézam-se viajando o globo instavel.  
 A torreada Troia ás mãos com a Grecia  
 gólfa sangue annos dez, e vive, e reina;  
 ¿grandeza tanta em que parou? no incendio.  
 Hoje a humilhada Troia em vez de torres  
 tem ruinas, e tumulos. Mycenás  
 foi florescente e <grande> [↑nobre]; Esparta,  
 illustre;  
 a gran Thebas, falada; Athenas, grande.  
 Esparta jaz no pó; cahiu Mycenás;  
 Thebas de um nome vão não passa agora;

}fl.12{ {fl.12}

não passa de um vão nome agora Athenas.

\*

Pósthuma <filha>[↑neta] da soberba Troia,  
 lá está surgindo Roma, a que nas margens  
 do filho do Apennino, o Tibre, assenta  
 do imperio universal os fundamentos.  
 Roma, pois, no medrar seu ser varía;  
 Roma é cidade agora; e virão seculos,  
 em que do orbe rainha a aclame o orbe.  
 Assim vates e oráculos o dizem.

\*

Assim tambem, se a ideia me não mente,  
 Héleno o declarára ao pio Enêas  
 desfeito em pranto no aluir-se a Patria.

Termina aqui o que se encontrou d'este trecho.

[...]

a opulência, a miséria, o luxo, o nada,  
 revezam-se viajando o globo instável.  
 A torreada Troia às mãos com a Grécia  
 golfa sangue anos dez, e vive, e reina;  
 grandeza tanta em que parou? No incêndio.  
 Hoje a humilhada Troia em vez de torres  
 tem ruínas, e túmulos. Micenas  
 foi florescente e nobre; Esparta, illustre;  
 a grã Tebas, falada; Atenas, grande.  
 Esparta jaz no pó; caiu Micenas;  
 Tebas de um nome vão não passa agora;

{fl.12}

não passa de um vão nome agora Atenas.

\*

Póstuma neta da soberba Troia,  
 lá está surgindo Roma, a que nas margens  
 do filho do Apenino, o Tibre, assenta  
 do império universal os fundamentos.  
 Roma, pois, no medrar seu ser varia;  
 Roma é cidade agora; e virão séculos,  
 em que do orbe rainha a aclame o orbe.  
 Assim vates e oráculos o dizem.

\*

Assim também, se a ideia me não mente,  
 Heleno o declarara ao pio Eneias  
 desfeito em pranto no aluir-se a pátria.

Termina aqui o que se encontrou deste trecho

[...]

}fl.13{ {fl.13}

{fl.13}

Talibus atque aliis instructo pectore dictis

-----

N'estas doutrinas instruído e em muitas,  
 Numa é fama voltára ao patrio solo,  
 d'onde chamado por geral consenso,  
 do imperio Lacial empunha as rédeas.  
 Favorito dos Ceos, de Nympha esposo,  
 tendo as Musas por guia, eleva altares,  
 sacrificios instaura, ordena os ritos,  
 e entre um povo feroz afeito á guerra,  
 á tua sombra, ó Paz, convoca as artes.  
 Quando, após longo e próspero reinado,  
 se extinguiu, as matronas, todo o povo,  
 todo o senado, prantearam Numa.

\*

Falta á scena funérea a mesta esposa:  
 é que sahiu de Roma, e aos densos bosques  
 se recolheu do valle de Aricina,  
 turbando com gemidos e clamores  
 o templo de Diana, obra de Orestes.  
 ;Quantas vezes do lago e da espessura  
 as condoídas Nymphas lhe rogaram  
 moderasse os seus ímpetos! ;a quantas  
 consolações foi surda! ;Quantas vezes

}fl.14{ {fl.14}

lhe disse o filho de Theseu:

— |“Já basta  
 de carpir; essa dor não é só tua;  
 fados eguaes aos teus padecem muitos;  
 consola-te. ;Oxalá que eu não pudesse  
 com minhas máguas proprias consolar-te!  
 ;oh! mas posso, ;ai de mim!... <- >

\*

Nestas doutrinas instruído e em muitas,  
 Numa é fama voltara ao pátrio solo,  
 donde chamado por geral consenso,  
 do império Lacial empunha as rédeas.  
 Favorito dos Céus, de ninfa esposo,  
 tendo as musas por guia, eleva altares,  
 sacrificios instaura, ordena os ritos,  
 e entre um povo feroz afeito à guerra,  
 à tua sombra, ó paz, convoca as artes.  
 Quando, após longo e próspero reinado,  
 se extinguiu, as matronas, todo o povo,  
 todo o senado, prantearam Numa.

\*

Falta à cena funérea a mesta esposa:  
 é que saiu de Roma, e aos densos bosques  
 se recolheu do vale de Aricina,  
 turbando com gemidos e clamores  
 o templo de Diana, obra de Orestes.  
 Quantas vezes do lago e da espessura  
 as condoídas ninfas lhe rogaram  
 moderasse os seus ímpetos! A quantas  
 consolações foi surda! Quantas vezes

{fl.14}

lhe disse o filho de Teseu:

— Já basta  
 de carpir; essa dor não é só tua;  
 fados iguais aos teus padecem muitos;  
 consola-te. Oxalá que eu não pudesse  
 com minhas mágoas próprias consolar-te!  
 Ó! Mas posso, ai de mim!...

\*



Se a caso ouvistes

contar um certo Hippólyto morrêra  
vítima de uma pérfida madrasta,  
e de um crédulo pae, custou-vos crel-o,  
por certo; e a mim custára-me proval-o;  
mas... eu sou esse Hippólyto.

\*

Raivosa

a digna filha da brutal Pasíphae,  
de que eu, cheio de horror, lhe rebatesse  
vís sollicitações incestuosas,  
e respeitasse o thálamo paterno,  
atribuiu-me intenções que eram só d'ella.

}fl.15{ {fl.15}

Desterra-me meu pae; e a voz paterna  
com mil execrações me agrava o exílio.  
Amaldiçoado, só, proscrito, errante,  
lembrei-me de Trezena, onde tão doces  
dias junto a Pittheu levei na infancia;  
para lá vôlvo ao leve coche as rédeas.

\*

Passava já nas praias de Corinto,  
vejo agitar-se o mar, crescer em serras,  
bramir horrendo, em boqueirão rasgar-se.  
Das ondas sai-se um toiro, descoberto  
até aos peitos, e agitando a tôrva  
cornígera carranca, atira aos ares  
por bôcca e ventas turbilhões undosos.

\*

A minha comitiva áquella vista  
assombrou-se; eu fiquei firme e sereno;  
¿que havia eu de temer, perdida a <p>/P\atria?  
Os brutos corredores aterrados  
voltam-se fronte ao mar, de orelhas fitas,

Se a caso ouvistes

contar um certo Hipólito morrera  
vítima de uma pérfida madrasta,  
e de um crédulo pai, custou-vos crê-lo,  
por certo; e a mim custara-me prová-lo;  
mas... eu sou esse Hipólito.

\*

Raivosa

a digna filha da brutal Pasífae,  
de que eu, cheio de horror, lhe rebatesse  
vís sollicitações incestuosas,  
e respeitasse o tálamo paterno,  
atribuiu-me intenções que eram só dela.

{fl.15}

Desterra-me meu pai; e a voz paterna  
com mil execrações me agrava o exílio.  
Amaldiçoado, só, proscrito, errante,  
lembrei-me de Trezena, onde tão doces  
dias junto a Piteu levei na infância;  
para lá volvo ao leve coche as rédeas.

\*

Passava já nas praias de Corinto,  
vejo agitar-se o mar, crescer em serras,  
bramir horrendo, em boqueirão rasgar-se.  
Das ondas sai-se um toiro, descoberto  
até aos peitos, e agitando a torva  
cornígera carranca, atira aos ares  
por boca e ventas turbilhões undosos.

\*

A minha comitiva àquela vista  
assombrou-se; eu fiquei firme e sereno;  
que havia eu de temer, perdida a pátria?  
Os brutos corredores aterrados  
voltam-se fronte ao mar, de orelhas fitas,

e arripiados dão consigo e o coche  
 por uns rochedos íngremes a baixo.  
 Forcejo por suster (¡baldado exfôrço!)

}fl.16{ {fl.16}

seus freios, de alva espuma enovellados;  
 todo me tôrço atraz com as rédeas tezas;  
 certo de que o meu pulso contrastára  
 a furia dos quadrupedes, e a ponto  
 por desventura um tronco, abalroando  
 com a roda junto ao eixo, a não fizesse  
 em pedaços voar; o carro oblíquo  
 me despede, entre os lóros me embaraça,  
 leva-me a rastos. Lastimosa coisa  
 te fôra ver trotar pelos penhascos  
 entranhas vivas, lacerados membros  
 ficar pendentes de espinheiros duros,  
 parte dos membros abalar voando,  
 parte ficar dispersa, estalar ossos,  
 fugir do corpo o espirito esfalfado;  
 tudo desconhecível e cruento.

Egéria, ¿inda ousas crer que és desgraçada?  
 ¿pões inda em parallelo os nossos males?  
 Cahí no reino<sup>2</sup> umbroso<sup>1</sup>, e foi meu corpo  
 banhar-se na corrente Phlegetôntea.  
 Se não fossem os médicos socórros  
 do grão filho de Apollo, o extinto lume  
 não me tornava mais. Depois que á vida

}fl.17{ {fl.17}

arte Peónia e poderosas plantas<,>  
 (de Plutão a despeito), me chamaram,  
 Cynthia, para arredar muitas invejas,  
 que ás de tão raro indulto acresceriam,  
 se eu fosse visto, Cynthia houve cuidado  
 de me envolver de impenetravel névoa;

e arrepiados dão consigo e o coche  
 por uns rochedos íngremes abaixo.  
 Forcejo por suster (baldado esforço!)

{fl.16}

seus freios, de alva espuma enovelados;  
 todo me torço atrás com as rédeas tesas;  
 certo de que o meu pulso contrastara  
 a fúria dos quadrúpedes, e a ponto  
 por desventura um tronco, abalroando  
 com a roda junto ao eixo, a não fizesse  
 em pedaços voar; o carro oblíquo  
 me despede, entre os loros me embaraça,  
 leva-me a rastos. Lastimosa coisa  
 te fora ver trotar pelos penhascos  
 entranhas vivas, lacerados membros  
 ficar pendentes de espinheiros duros,  
 parte dos membros abalar voando,  
 parte ficar dispersa, estalar ossos,  
 fugir do corpo o espírito esfalfado;  
 tudo desconhecível e cruento.

Egéria, inda ousas crer que és desgraçada?  
 Pões inda em paralelo os nossos males?  
 Caí no umbroso reino, e foi meu corpo  
 banhar-se na corrente flegetôntea.  
 Se não fossem os médicos socorros  
 do grão filho de Apolo, o extinto lume  
 não me tornava mais. Depois que à vida

{fl.17}

arte peônia e poderosas plantas  
 (de Plutão a despeito), me chamaram,  
 Cintia, para arredar muitas invejas,  
 que às de tão raro indulto acresceriam,  
 se eu fosse visto, Cintia houve cuidado  
 de me envolver de impenetrável névoa;

e ali, para eu poder d'ess'hora avante  
 apresentar-me sem susto, alteou-me a idade;  
 e taes mudanças me influiu no aspecto,  
 que me extranhei, desconheci-me eu proprio.

\*

Hesitou muito, em que logar, se em Creta,  
 se em Delos, me poria; a Creta e Delos  
 preferiu finalmente este recinto.

Pondo-me aqui, mandou-me que deixasse  
 meu nome antigo, que trazia á ideia  
 os meus cavallos, e o fatal despenho.

– [“|Eras - me disse – Hippolyto; sê Virbio.|”] –

Desde então vivo n'estes arvoredos,  
 alçado á lista dos menores deuses.

Da minha protectora á sombra augusta  
 me abrigo, e minha gloria é pertencer-lhe.”] –

\*

}fl.18{ {fl.18}

\*

Mas Egéria em alheios infortunios  
 não sente allívio aos seus. Do monte ás faldas  
 ficar se deixa, e se desfaz em pranto.  
 De puro dó movida, a irman de Phebo  
 a torna em fresca fonte, convertendo  
 membros mimosos em perennes aguas.

\*

Novidade tão grande enleia as Nymphas.  
 O filho da Amazona, que inda ha pouco  
 tristes memorias renovou com ella,  
 fica todo suspenso, como outr'ora  
 o lavrador Tyrrheno, quando arando  
 viu que um torrão no sulco se movia,  
 que de torrão se transformava em homem,  
 e que da bôcca d'este, aberta apenas,  
 sahia voz pressaga de futuros.

e ali, para eu poder dess'hora avante  
 apresentar-me sem susto, alteou-me a idade;  
 e tais mudanças me influiu no aspecto,  
 que me estranhei, desconheci-me eu próprio.

\*

Hesitou muito, em que lugar, se em Creta,  
 se em Delos, me poria; a Creta e Delos  
 preferiu finalmente este recinto.

Pondo-me aqui, mandou-me que deixasse  
 meu nome antigo, que trazia à ideia  
 os meus cavalos, e o fatal despenho.

‘Eras – me disse – Hipólito; sê Virbio.’

Desde então vivo nestes arvoredos,  
 alçado à lista dos menores deuses.

Da minha protetora à sombra augusta  
 me abrigo, e minha glória é pertencer-lhe. —

\*

{fl.18}

\*

Mas Egéria em alheios infortúnios  
 não sente alívio aos seus. Do monte às faldas  
 ficar se deixa, e se desfaz em pranto.  
 De puro dó movida, a irmã de Febo  
 a torna em fresca fonte, convertendo  
 membros mimosos em perenes águas.

\*

Novidade tão grande enleia as ninfas.  
 O filho da amazona, que inda há pouco  
 tristes memórias renovou com ela,  
 fica todo suspenso, como outrora  
 o lavrador Tirreno, quando arando  
 viu que um torrão no sulco se movia,  
 que de torrão se transformava em homem,  
 e que da boca deste, aberta apenas,  
 saía voz pressaga de futuros.

Os indígenas Tage o nomearam,  
e os vaticínios aprenderam d'elle.

\*

Eil-o suspenso, o filho da Amazona,  
como o tu foste, ó Romulo, na hora  
em que da lança, que estacado havias<,>  
no Palatino, subita folhagem

}fl.19{ {fl.19}

viste desabrochar, e não com o ferro,  
senão já com raiz, firmar-se á terra,  
e não ser fatal arma, se não tronco  
de dobradiças ramas murmurantes,  
refúgio estivo, e admiração de todos;  
ou como Cippo, emfim, quando, ao mirar-se  
na agua do rio, percebeu que tinha  
taurinas pontas na extranhada testa.  
O malaventurado ¿áquelle encontro  
qual ficaria? Sem querer fiar-se  
no que os seus proprios olhos estão vendo,  
palpa com os dedos o que os olhos viram.  
Não tem que duvidar; já deslebrado  
da alcançada victoria, e do triumpho  
que lá o aguarda em Roma, fica immovel  
junto á veia do Tibre espaço grande.  
Olhos e a córnea fronte aos ceos erguendo,  
— |“|Autores do prodigio, eternos deuses, —  
Exclama — se este agoiro é de venturas,  
dae-as á <p>/P\atria, ao povo de Quirino;  
mas se funesto, sôbre mim recáia.”| —

\*

Diz; e, com sacros perfumados fogos,  
sobre aras que de relva ali fábrica,

}fl.20{ {fl.20}

vai propiciar os árbitros da sorte;

Os indígenas Tage o nomearam,  
e os vaticínios aprenderam dele.

\*

Ei-lo suspenso, o filho da amazona,  
como o tu foste, ó Rômulo, na hora  
em que da lança, que estacado havias  
no Palatino, súbita folhagem

{fl.19}

viste desabrochar, e não com o ferro,  
senão já com raiz, firmar-se à terra,  
e não ser fatal arma, se não tronco  
de dobradiças ramas murmurantes,  
refúgio estivo, e admiração de todos;  
ou como Cipo, enfim, quando, ao mirar-se  
na água do rio, percebeu que tinha  
taurinas pontas na estranhada testa.  
O mal-aventurado àquele encontro  
qual ficaria? Sem querer fiar-se  
no que os seus próprios olhos estão vendo,  
palpa com os dedos o que os olhos viram.  
Não tem que duvidar; já deslebrado  
da alcançada vitória, e do triunfo  
que lá o aguarda em Roma, fica imóvel  
junto à veia do Tibre espaço grande.  
Olhos e a córnea fronte aos céus erguendo,  
— Autores do prodígio, eternos deuses, —  
exclama — se este agoiro é de venturas,  
dai-as à pátria, ao povo de Quirino;  
mas se funesto, sobre mim recaia. —

\*

Diz; e, com sacros perfumados fogos,  
sobre aras que de relva ali fabrica,

{fl.20}

vai propiciar os árbitros da sorte;

as copas rituaes de vinho inunda;  
de ovelhas duas nas entranhas trépidas  
busca ler o porvir; e examinando-as  
a áugur Etrusco, descobriu por ellas  
altos principios de futuras coisas.

No borrão original diz-se: Vai p.<sup>a</sup> o Liv. 4  
dos Aut. pag. 255.

É o tal Livro IV infelizmente desaparecido.

[...]

}fl.21{ {fl.21}

Signa tamen luctus dant haud incerta futuri.

-----  
Do funeral successo teve o mundo  
não duvidosos tétricos presagios.  
É fama, que em fulmíneas átras nuvens  
clarins sinistros, tubas estrondosas  
prenunciaram <o> crime. O sol tristonho  
só pallido clarão mandava ás terras.  
Entre as estrellas reluziam fachos.  
Em ferrugíneo véo surgia a aurora,  
e tinta em sangue despontava a lua.  
Com dolorosos sons o môcho funebre  
logares mil entristeceu de agoiros.  
Notava-se o marfim gottejar lagrimas.  
Lôbrego canto, ameaçadoras vozes  
ressoaram nos bosques consagrados.  
Aceita aos numes victima não houve;  
vinham na rôta fibra apparecendo  
prenuncios de tumultos iminentes;  
viu-se até nas fatídicas entranhas  
decepada cabeça a verter sangue.  
No fôro, em tórno aos templos, ante os lares,  
ouviram-se ulular os cães nocturnos.

as copas rituais de vinho inunda;  
de ovelhas duas nas entranhas trépidas  
busca ler o porvir; e examinando-as  
a áugur Etrusco, descobriu por elas  
altos princíprios de futuras coisas.

No borrão original diz-se: “Vai p.<sup>a</sup> o Liv.  
4 dos Aut. pag. 255”.

É o tal Livro IV infelizmente desaparecido.

[...]

{fl.21}

Do funeral successo teve o mundo  
*não duvidosos tétricos presságios.*  
*É fama, que em fulmíneas atras nuvens*  
clarins sinistros, tubas estrondosas  
prenunciaram crime. O sol tristonho  
*só pálido clarão mandava às terras.*  
Entre as estrelas reluziam fachos.  
Em ferrugíneo véu surgia a aurora,  
e tinta em sangue despontava a lua.  
*Com dolorosos sons o mocho fúnebre*  
*lugares mil entristeceu de agoiros.*  
Notava-se o marfim gottejar lágrimas.  
Lôbrego canto, ameaçadoras vozes  
ressoaram nos bosques consagrados.  
*Aceita aos numes vítima não houve;*  
*vinham na rota fibra aparecendo*  
prenúncios de tumultos iminentes;  
*viu-se até nas fatídicas entranhas*  
*decepada cabeça a verter sangue.*  
*No foro, em torno aos templos, ante os lares,*  
ouviram-se ulular os cães noturnos.

Roma tremeu; nas ruas avistavam-se  
phantasmas silenciosos vagueando.

\*

}fl.22{ {fl.22}

Tolher o effeito ao mando dos destinos  
não cabe em deuses, não. Punhaes sacrílegos  
penetraram no templo. ¡Que theatro  
á vil tragedia, o teu Senado, ó Roma!  
Venus com as duas mãos percute o peito,  
e forceja occultar Cesar na nuvem,  
em que outr'ora raptou Páris e Enêas,  
aquelle a Menelau, este a Diomédes.  
– ¡“|Filha, – prorrompe Jupiter – ¿que intentas?!  
¿queres vencer insuperaveis Fados?!...

-----

D'aqui em diante nada mais apparece da  
traducção de Castilho

[...]

---

Fim

---

Acabado de copiar no Limiar hoje 30 de Abril de  
1907 ás sete horas e meia da manhan.

J. de C.

*Roma tremeu; nas ruas avistavam-se  
fantasmas silenciosos vagueando.*

\*

{fl.22}

*Tolher o effeito* ao mando dos destinos  
não cabe em deuses, não. Punhais sacrílegos  
penetraram no templo. Que teatro  
à vil tragédia, o teu senado, ó Roma!  
Vênus com as duas mãos percute o peito,  
e forceja occultar Cesar na nuvem,  
em que outrora raptou Páris e Eneias,  
aquele a Menelau, este a Diomédes.  
— Filha, – prorrompe Júpiter – que intentas?!  
Queres vencer insuperáveis fados?!...

-----

Daqui em diante nada mais apparece da  
tradução de Castilho

[...]

---

Fim

---

Acabado de copiar no Limiar hoje 30 de abril de  
1907 às sete horas e meia da manhã.

J. de C.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ALVES, Ilda. António Feliciano de Castilho: Visitação a Uma Obra Esquecida. In: ALVES, Ilda; CRUZ, Eduardo da. *Para não Esquecer Castilho: Cultura Literário Oitocentista*. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 9-31.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução de: Jaime Bruna. 1ª ed. 17ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2014.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.
- BENITES, Marcus Vinícius. *Aracne e Palas: uma trama de sentido – estudo semiótico de Metamorfoses, de Ovídio (Liber VI, 01-145)*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91587>>.
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN (org.). *Clássicos da teoria da tradução: Alemão-Português*. 2.a ed., revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2010. Volume I. p. 201-31.
- BERMAN, Antonie; Tradução de: MARINI, Clarissa Prado; TORRES, Marie-Hélène Catherine. A retradução como espaço da tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 261-268, 10 maio 2017. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n2p261>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261>>.
- BLECUA, Alberto. *Manual de Crítica Textual*. Madrid: Editorial Castalia, 1983.
- BOCAGE, Manuel Maria du. *Obras Poéticas*. 3 Tomos. Lisboa: Typografia de A. J. da Rocha, 1849.
- BROOKS, Otis. *Ovid as an epic poet*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966. Disponível em <<https://archive.org/details/ovidasepicpoet0000otis>>
- CALVINO, Ítalo. Ovídio e a Contiguidade Universal. IN: \_\_\_\_\_. *Porque ler os clássicos*. Tradução de: Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

CÂMARA JR., Mattoso. *História da Linguística*. 4ª ed. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMBRAIA, César. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. *Uma metamorfose*. São Paulo: Folha, 21 de agosto de 1994. Disponível em « <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/21/mais!/9.html> ».

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CARVALHO E SILVA, Maximiano de. *Crítica Textual: Conceito – Objeto – Finalidades. Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 7, 1994.

\_\_\_\_\_. *CRÍTICA TEXTUAL / ECDÓTICA: O PROBLEMA DAS EDIÇÕES INFIÉIS: breves notas para a história dos cursos de Letras no Brasil*. *Revista Idioma*, Rio de Janeiro, n. 29, p.209-229, 2º semestre de 2015. (Semestral). Disponível em: <[http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/29/Idioma29\\_a07.pdf](http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/29/Idioma29_a07.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2020.

CASTILHO, António Feliciano de. *A Primavera*. 3 ed. V.1. IN:\_\_\_\_\_. *Obras Completas de A.F. de Castilho: revistas, anotadas e prefaciadas por um de seus filhos*. Lisboa: Empresa da Historia de Portugal, 1903. Disponível em: <<https://archive.org/details/APrimavera>>

\_\_\_\_\_. *Felicidade pela Instrução*. Lisboa: Typographia da Academia R. das Sciencias, 1854. Disponível em: < <https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

\_\_\_\_\_. *Amor e Melancolia, ou, a Novissima Heloisa*. Lisboa: Typographia da Sociedade Typographica Franco-portuguesa, 1861. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

\_\_\_\_\_. *Carta do Ill.mo e Exmo Sr. Antonio Feliciano de Castilho ao Editor*. In: CHAGAS, Manuel Pinheiro. *Poema da Mocidade Seguido do Anjo do Lar*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1865, p. 181-243.

\_\_\_\_\_. *Tratado de metrificação portuguesa para em pouco tempo e até sem mestre se aprenderem a fazer versos de todas as medidas e composições*. Lisboa: Livraria Central, 1858.

\_\_\_\_\_. *A Noite do Castello e Os Ciumes do Bardo, poemas seguidos da Confissao de Amelia*. Lisboa: Typ. Lisbonense A.C. Dias, 1836. Disponível em: <<https://archive.org/details/anoitedocastell00castgoog>>

\_\_\_\_\_. *A noite do Castello Seguido dos Ciumes do Bardo e de varias outras composições em verso e prosa*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. Disponível em:



<[https://books.google.com.br/books?id=iURgAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=iURgAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>

\_\_\_\_\_. Advertencia Indispensavel. IN: GOETHE, J.W. *Theatro de Goethe: tentativa única – Fausto poema dramatico trasladado a portuguez*. 2ª ed. Trad. de: António Feliciano de Castilho. Lisboa: Livraria de A.M. Pereira, 1919. Disponível em: <[http://www2.dlc.ua.pt/castilho/Fausto/Fausto\\_capa\\_advertencia.htm](http://www2.dlc.ua.pt/castilho/Fausto/Fausto_capa_advertencia.htm)>

\_\_\_\_\_. Advertencia Indispensavel. IN: MOLIÈRE. *Tartufo*. Trad. de: António Feliciano de Castilho. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1870. p.VII-XX. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Pj1eAAAACAAJ&dq=tartufo%20castilho&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>

\_\_\_\_\_. *Ajuste de contas com os adversários no methodo portuguez*. Nocões rudimentais para uso das escolas. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1909.

\_\_\_\_\_. *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*. (Vol.2). Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

\_\_\_\_\_. *Camões: Estudo Historico-Poético; Liberrimamente fundado sobre um drama francez dos senhores Victor Perrot, e Armand Du Mesnil*. Ponta Delgada: Typographia da Rua das Artes 68, 1849. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

\_\_\_\_\_. Carta a Sua Majestade El-Rei D. Pedro V. IN: *Novas Telas Literarias*. Vol. II. Lisboa: Empreza de Historia de Portugal, 1908. p.41-52. Disponível em: <<https://archive.org/details/novastelaslitera02cast>>

\_\_\_\_\_. Conversação Preambular. IN: RIBEIRO, Tomás. *D. Jayme*. 3ª edição. Porto: Editora Viúva Moré, 1868. p. LXI-CXXVII. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/D\\_Jayme.html?id=PZwDAAAAYAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/D_Jayme.html?id=PZwDAAAAYAAJ&redir_esc=y)>

\_\_\_\_\_. Critica Litteraria – Carta ao Editor. IN: CHAGAS, Pinheiro. *Poema da Mocidade seguido do Anjo do Lar*. Lisboa: Livraria de A.M. Pereira, 1865. p.181-243. Disponível em: <<https://archive.org/details/poemadamocidades00pinh>>

\_\_\_\_\_. Homero e Virgilio. IN: *Vivos e Mortos*, vol.V. Lisboa: Empreza de Historia de Portugal, 1904. Disponível em <<https://archive.org/details/vivosemortos00castgoog>>

\_\_\_\_\_. Kenilworth. IN: *Revista Universal Lisbonense*, nº29, abril de 1842, p.346. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1841-1842/1841-1842.htm>>

\_\_\_\_\_. Língua Portuguesa. IN: *Revista Universal Lisbonense*, nº38, junho de 1842, p.449-451. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1841-1842/1841-1842.htm>>

\_\_\_\_\_. Língua Portuguesa. IN: *Revista Universal Lisbonense*, nº39, junho de 1842, p.461-464. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1841-1842/1841-1842.htm>>

\_\_\_\_\_. *Methodo Castilho, para o ensino rápido e aprasivel do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1853. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168781>>

\_\_\_\_\_. *O outono*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

\_\_\_\_\_. O Seu a Seu Dono. IN: *Excavações Poéticas*. Tomo I. Lisboa: Typographia Lusitana, 1844. p.116-119. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

\_\_\_\_\_. Prólogo a *O Novo Amigo dos Meninos* (1854). IN: PAIS, Carlos Castilho. *António Feliciano de Castilho: O Tradutor e a Teoria da Tradução*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. Prologo á tradução do romance “O Judeu errante”. IN: *Vivos e Mortos*, vol.VI. Lisboa: Empreza de Historia de Portugal, 1904. p. 63-93. Disponível em: <<https://archive.org/details/vivosemortos03castgoog>>

\_\_\_\_\_. *Tratado de metrificação portuguesa para em pouco tempo e até sem mestre, se aprenderem a fazer versos de todas as medidas e composições*. Lisboa: I. Nacional, 1851. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

\_\_\_\_\_. *Cartas de Echo e Narciso*. 4ª. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1843. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

\_\_\_\_\_. *Excavações poéticas*. Lisboa: Typographia Lusitana, 1844. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

CASTILHO, Júlio de. *O Senhor Antonio Feliciano de Castilho e o Senhor Anthero do Quental*. 2ª ed. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1866. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/estante/antonio-feliciano-de-castilho>>

CHAVES, Castelo Branco. *Castilho (Alguns aspectos vivos da sua obra)*. Lisboa: Seara Nova, 1935. (Col. Cadernos da Seara Nova; Estudos Literários).

CHCHEGLÓV, I. K. Algumas características da estrutura de As Metamorfoses de Ovídio. Tradução de: Boris Schnaiderman. IN: SCHNAIDERMAN, B. (Org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 139-157.

CÍCERO, Marco Túlio; VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves; ZOPPI, Pedro Colombaroli. De optimo genere oratorum / O melhor gênero de oradores. *Scientia Traductionis*, Florianópolis,

n. 10, p. 4-15, nov. 2011. ISSN 1980-4237. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p4>>. Acesso em: 18 mar. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/1980-4237.2011n10p4>.

CRUZ, Eduardo da. O poeta Castilho, ou o “que há-de fazer um coração sensível” “neste terreno prosaico da vida real”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [s.l.], v. 36, n. 55, p.105-122, 12 jan. 2017. Faculdade de Letras da UFMG. <http://dx.doi.org/10.17851/2359-0076.36.55.105-122>.

\_\_\_\_\_. A bordo da Revista Universal Lisboense. In: ALVES, Ilda; CRUZ, Eduardo da. *Para não Esquecer Castilho: Cultura Literário Oitocentista*. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 98-109.

\_\_\_\_\_. Um “brilhante congresso”: escritoras portuguesas no projeto de António Feliciano de Castilho para sua versão d’Os Fastos ovidianos. *Revista Solettras*, [s.l.], n. 34, p.141-165, 15 nov. 2017. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2017.30436>.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. 2ª ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DAVIDSON, Peter. Pound and the Metamorphoses In: *Ezra Pound and Roman Poetry: A Preliminary Survey*. Atlanta: Rodopi, 1995.

DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Tradução de: Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DOW, Sterling. *Conventions in editing: A Suggested Reformulation of the Leiden System*. Durham: Duke University Press, 1969. Disponível em: <<https://archive.org/details/conventionsinedi0000dows>>

DUARTE, Giovani Silveira. *Da elegia erótica romana à lírica romântica: a tradução parafrástica dos Amores, de Ovídio, por António Feliciano de Castilho (1858)*. 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019a.

DUARTE, Luiz. *Os Palácios da Memória: Ensaio de Crítica Textual*. 1ª ed. Coimbra: University Press, 2019b.

ELÍSIO, F. *Obras de Filinto Elysio*. Nova Edição. Tomo I. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1836.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis; MIRANDA, Maiara; SILVA, Suellen Carneiro da; SOUZA, Mariana Barbosa de; MALDONADO, Luccas Eduardo Castilho. *Archivos em debate: por uma historiografia da crítica textual de autores brasileiros*. *Revista da Abralin*, [s.l.], v. 16, n. 1, p.171-203, 21 abr. 2017. Associação Brasileira de Linguística.

<http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v16i1.51935>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51935>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

FALEIROS, Álvaro. A crítica da retradução poética. *Itinerários*, Araraquara, n. 28, p. 145-158, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2146>>.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6.ed. Rio de Janeiro, FAE, 1992.

FERREIRA, Alberto. *Perspectiva do Romantismo Português*. Lisboa: Edições 70, 1971.

\_\_\_\_\_. Perspectiva do Romantismo. IN: FERREIRA, Alberto; MARINHO, Maria José. *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*. (Vol.1). Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

FERREIRA, Alberto; MARINHO, Maria José. *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*. (Vol.1). Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

FERREIRA, Ingrid Moreno. *Dafne e Apolo nas Metamorfoses de Ovídio: uma leitura figurativa*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/193631>>.

FONTELA, Orides. *Poesia Completa*. Org. Luis Dolhnikoff. São Paulo: Hedra, 2015.

FORTES, Fábio; FREITAS, Fernando Adão de Sá. O contato linguístico e cultural entre o grego e o latim: reflexos na constituição da disciplina gramatical em Roma: reflexos na constituição da disciplina gramatical em Roma. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 3-13, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24933>>.

FRANÇA, José Augusto. *O Romantismo em Portugal. Estudo de Factos Socioculturais*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

FURLAN, Mauri. As metamorfoses d'As *Metamorfoses*. IN: OVIDIO. *As Metamorfoses*. Organização: Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes. Tradução: Claudio Aquati et al. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

FURLAN, Mauri. Tradução romana: suplantação do modelo. *Nuntius Antiquus*, [S.l.], v. 6, p. 79-88, dez. 2010. ISSN 1983-3636. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/2087/2034](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/2087/2034)>. Acesso em: 18 mar. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1983-3636.6.0.79-88>.

GARÇÃO, P.A.C. *Obras Completas*. Texto fixado, prefácio e notas por Antônio José Saraiva. (Vol.I e II). Lisboa: Sá da Costa, 1982.

GARRETT, Almeida. *Lyrical de João Mínimo*. Londres: Sustenance E Stretch, 1829.

GILDENHARD, Ingo & ZISSOS, Andrew. Inspirational Fictions: Autobiography and Generic Reflexivity in Ovid's Proems. *Greece & Rome*, vol. 47, no. 1, 2000, pp. 67–79. Disponível em: < [www.jstor.org/stable/826948](http://www.jstor.org/stable/826948) >.

\_\_\_\_\_. Ovid's Narcissus (Met. 3.339-510): Echoes of Oedipus. *The American Journal of Philology*, vol. 121, no. 1, 2000, pp. 129–147. JSTOR, [www.jstor.org/stable/1561650](http://www.jstor.org/stable/1561650).

GILLINGHAM, Allan G.; BAADE, Eric C. *An Ovid reader*. Ohio: Charles E. Merrill Publishing Co., 1969. Disponível em: <<https://archive.org/details/ovidreader00ovid>>

HANSEN, J. Categorias epidíticas da ekphrasis. *Revista USP*, n. 71, p. 85-105, 1 nov. 2006.

HARDIE, P. *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HARRIES, Byron. The spinner and the poet: Arachne in Ovid's Metamorphoses. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, no. 36, 1990, pp. 64–82. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/44696682](http://www.jstor.org/stable/44696682)>.

HERCULANO, Alexandre. A Primavera – poema do sr. Castilho. In: *Opúsculos V*. Edição crítica. Organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia. Porto: Editorial Presença, 1986.

\_\_\_\_\_. Gallicismos. IN: *O Panorama*. Vol. I. nº7, junho de 1837, p.52-53. Disponível em <<http://purl.pt/23739>>

HORÁCIO. Arte Poética, v.1-100. Tradução de: Brunno V. G. Vieira. Universidade de São Paulo (USP): *Revista de Letras Clássicas*. Anual. n.15, v.1, p. 88-90, 2011. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/issue/view/7913>> .

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *Elementos de Bibliologia (vol.1)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. *Elementos de Bibliologia (vol.2)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.

KENNEY, E. J. & CLAUSEN, W. V. *The Cambridge History of Classical Literature Vol. 2*. Cambridge University Press, 2008.

KENNEY, E. J. The style of the *Metamorphoses*. IN: BINNS, J. W. (org.) *Ovid*. London and Boston: Routledge & Kegan Paul, 1973. p. 116-153. Disponível em: <<https://archive.org/details/ovid0000binn/mode/2up>>.

KNOX, Peter. *Ovid's Metamorphoses and the Traditions of Augustan Poetry*. Cambridge: Philological Society, 1986.

MACK, Sara. *Ovid*. New Haven: Yale University Press, 1988. Disponível em: <<https://archive.org/details/ovid0000unse/mode/2up>>

MAFFEI, Luís. Castilho, Poeta. In: ALVES, Ida; CRUZ, Eduardo da. (Org.). *Para não Esquecer Castilho: Cultura Literária Oitocentista*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MARTINS, Paulo. Uma visão periegemática sobre a Écfrase. *Revista Classica*, v. 29, n. 2, p. 163-204, 2016.

MATTOS, Thiago; FALEIROS, Álvaro. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 3, n. 2, p. 35-57, 23 fev. 2015. Editora da Universidade Federal de Campina Grande. <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v3i2.307>. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307>>.

MATTUS, Jessica Romanin. *José Feliciano de Castilho e a tradição clássica do séc. XIX: memória sobre a segunda égloga de Virgílio*. 2013. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122947>>.

NOBRE, Ricardo. Castilho e os clássicos: tradução e bom gosto. *EClassica*. n.1, p.88-96. Lisboa: 2015.

NOUVET, Claire. An Impossible Response: The Disaster of Narcissus. *Yale French Studies*, no. 79, 1991, pp. 103–134. JSTOR, [www.jstor.org/stable/2930248](http://www.jstor.org/stable/2930248).

OLIVA NETO, João Angelo. Mínima gramática das *Metamorfoses* de Ovídio. IN: OVIDIO. *Metamorfoses*. Edição bilingue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. *O Livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

OVIDIO. *As metamorphoses de Publio Ovidio Nasão: poema em quinze livros (Tomo I)*. Tradução de: Antonio Feliciano de Castilho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses*. Compilação da tradução integral de António Feliciano de Castilho por Júlio de Castilho, 1907. (Manuscrito da Coleção Júlio de Castilho - Torre do Tombo: Cx 35 M.1 N.1).

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses*. Tradução de: Bocage; Introdução de: João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2007.

\_\_\_\_\_. *Metamorfosis Libros I -V*. Traducción, Introducción y Notas de José Carlos Fernández Corte y Josefa Cantó Llorca. Editorial Gredos, S.A., 2008.

\_\_\_\_\_. *Os quatro primeiros livros da Metamorphose de P. Ovídio Nasão*: trad. em verso solto portuguez por Almeno. Lisboa: Typ. Lacerdina, 1805.

\_\_\_\_\_. *Os Amores de P. Ovídio Nasão*. Paráfrase por António Feliciano de Castilho; seguida pela Grinalda Ovidiana, por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro, Publicada em casa do editor – Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858.

\_\_\_\_\_. *Os fastos de Publio Ovídio Nasão* com tradução em verso português por António Feliciano de Castilho seguidos de copiosas anotações por quase todos os escritores portugueses contemporâneos. 3 tomos. Lisboa: Imprensa da Academia Real das Ciências, 1862.

PAES, José Paulo. *Tradução a ponte necessária: Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo, SP: Editora Ática S.A., 1990.

PAIS, Carlos Castilho. *António Feliciano de Castilho: O Tradutor e a Teoria da Tradução*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.

PAVLOCK, B. *The Image of the Poet in Ovid's Metamorphoses*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2009.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship: from the beginning to the end of the Hellenistic age*. New York: Oxford University Press, 1998.

PREDEBON, Aristóteles Angheben. *Edição do manuscrito e estudo das 'Metamorfoses' de Ovídio traduzidas por Francisco José Freire*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-05102007-143359.

PROPÉRCIO, Sexto. *Elegias de Sexto Propércio*. Organização, tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

QUENTAL, Antero de. *Bom-Senso e Bom-Gosto: Carta Ao Excelentissimo Senhor António Feliciano de Castilho*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865.

\_\_\_\_\_. *Odes Modernas*. 2ª ed. Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1875.

QUINTILIANO. *Instituição Oratória (Tomo II)*. Tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

\_\_\_\_\_. *Instituição Oratória (Tomo III)*. Tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

\_\_\_\_\_. *Instituição Oratória (Tomo IV)*. Tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

RENGER, Barbara Almut. Narrating Narcissus, reflecting cognition: Illusion, disillusion, “self-cognition” and “love as passion” in Ovid and beyond. *Frontiers of Narrative Studies*, vol. 3, no. 1, 2017, pp. 9-32. <https://doi.org/10.1515/fns-2017-0002>.

RICIERI, Francine Fernandes Weiss. De Portugal ao Brasil: Castilho e o Tratado de Metrificação Portuguesa. In: ALVES, Ilda; CRUZ, Eduardo da. *Para não Esquecer Castilho: Cultura Literário Oitocentista*. Niterói: Editora da UFF, 2014, p.63-81.

ROCHA, Tâmara Kovacs. *Ensaio e experiências de tradução da Ilíada no oitocentismo português*. 2013, 576 f. (Iniciação Científica - Fapesp) Universidade de São Paulo, 2013.

RODOLPHO, M. Écfrase e evidência. *Letras Clássicas*, v. 18, n. 1, p. 94-113, 2 ago. 2014.

RODRIGUES, Antônio Medina. *Introdução a Odorico Mendes: poética da Eneida Brasileira*. (dissertação de mestrado). São Paulo, FFLCH da USP, 1977.

SALGADO JUNIOR, António. António Feliciano de Castilho. In: SIMÕES, Gaspar. *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*. Direção, Prefácio e Notas de João Gaspar Simões. Lisboa: Ática, 1947.

SAMOYAUULT, Thiphaine. *A Intertextualidade*. Tradução de: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo&Rothschild, 2008.

\_\_\_\_\_. Retraduire Joyce. In: KAHN, Robert; SETH, Catriona. *La retraduction*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 231-243.

SANTOS, Elaine C. Prado dos. O papel da metamorfose na obra *As Metamorfoses* de Ovídio: uma estratégia narrativa. In: *Estudos literários: ficção, história, mito*. Organizado por: Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos, Ronaldo de Oliveira Batista e Helena Bonito Pereira. 1ª ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

SANTOS, J. E. Bibliografia de Júlio de Castilho: relação das obras essenciais. *Olisipo - Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, n.o 142-3. Lisboa: Ramos, Afonso e Moita Ltda., 1979-80. p. 248-51.



SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10a ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução de: BRAIDA, C. R. In: HEIDERMANN, W. (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2010. v. 1. p. 37-101.

SERVIUS HONORATUS. In Vergilii Aeneidos Libros. IN: *Thesaurus Linguae Latinae*. Edição eletrônica: 1992.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez (Tomo I)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1972.

SILVA, Jorge Bastos da. *Tradução e Cultura Literária: Ensaio sobre a Presença de autores estrangeiros em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2015.

SILVA, José Pereira da. A visão de Mattoso Câmara sobre a filologia. *Soletras*, São Gonçalo, v. 7, p. 34-45, 2004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4475>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SPAGGIARI, Barbara.; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TEÓN, HERMÓGENES, AFTONIO. *Ejercicios de retórica*. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1991.

TOIPA, Helena Costa. Castilho, o campo e os clássicos. *Mathesis* n. 14, p. 149-167. Lisboa: 2005.

TONIAZZO, Carmem Lúcia; ANDRADE, Elias Alves de; KRAUSE, Maria Margareth Costa de Albuquerque. Edição de Manuscritos: características paleográficas. *Revista Polifonia*, Cuiabá, v. 16, n. 19, p. 43-58, 2009. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/980>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

VAN SCHOOR, David. *Nec mea fallit imago: Ovid's Poetics of Irony and Reflections of Lucretius and Pythagoras in the Metamorphoses*. *Acta Classica*, vol. 54, 2011, pp. 125–147. JSTOR, [www.jstor.org/stable/24592530](http://www.jstor.org/stable/24592530).

VEIGA, Giselle Leite Tavares. O Esquecido Castilho e a Nova Escola. In: ALVES, Ilda; CRUZ, Eduardo da. *Para não Esquecer Castilho: Cultura Literário Oitocentista*. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 119-140.

VERNEY, Luis Antonio. *Verdadeiro método de estudar*. 2 vols. Valência: Oficina de Antonio Balle, 1746.

VIALE, Antonio José. *Miscellanea Hellenico-Litteraria*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1868

VIEIRA, Brunno V. G.. Bocage e Filinto: duas maneiras de traduzir os clássicos. *Boletim de Estudos Clássicos*, Coimbra, n. 60, p.167-179, 2015. Coimbra University Press. [http://dx.doi.org/10.14195/0872-2110\\_60\\_12](http://dx.doi.org/10.14195/0872-2110_60_12).

\_\_\_\_\_. *Entre dois impérios: traduções latino-portuguesas do séc. XIX*. 2017. Tese de Livre Docência – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

\_\_\_\_\_. Cícero e seu projeto tradutório. *Calíope: Presença Clássica*, Rio de Janeiro, n.15, p.23-35, 2006.

VIRGÍLIO. *Bucólicas* (Edição bilíngue). Tradução de Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

WEBB, Ruth. Ekphrasis ancient and modern: the invention of genre. *Word & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, v.15, p. 7-18, 1999.

WILKINSON, L. P. *Ovid recalled*. Cambridge: Cambridge University Press, 1955. Disponível em: <<https://archive.org/details/ovidrecalled0000wilk/mode/2up>>

WEST, Martin L. *Crítica Textual e técnica editorial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.